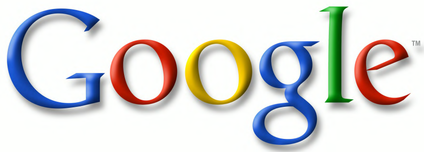
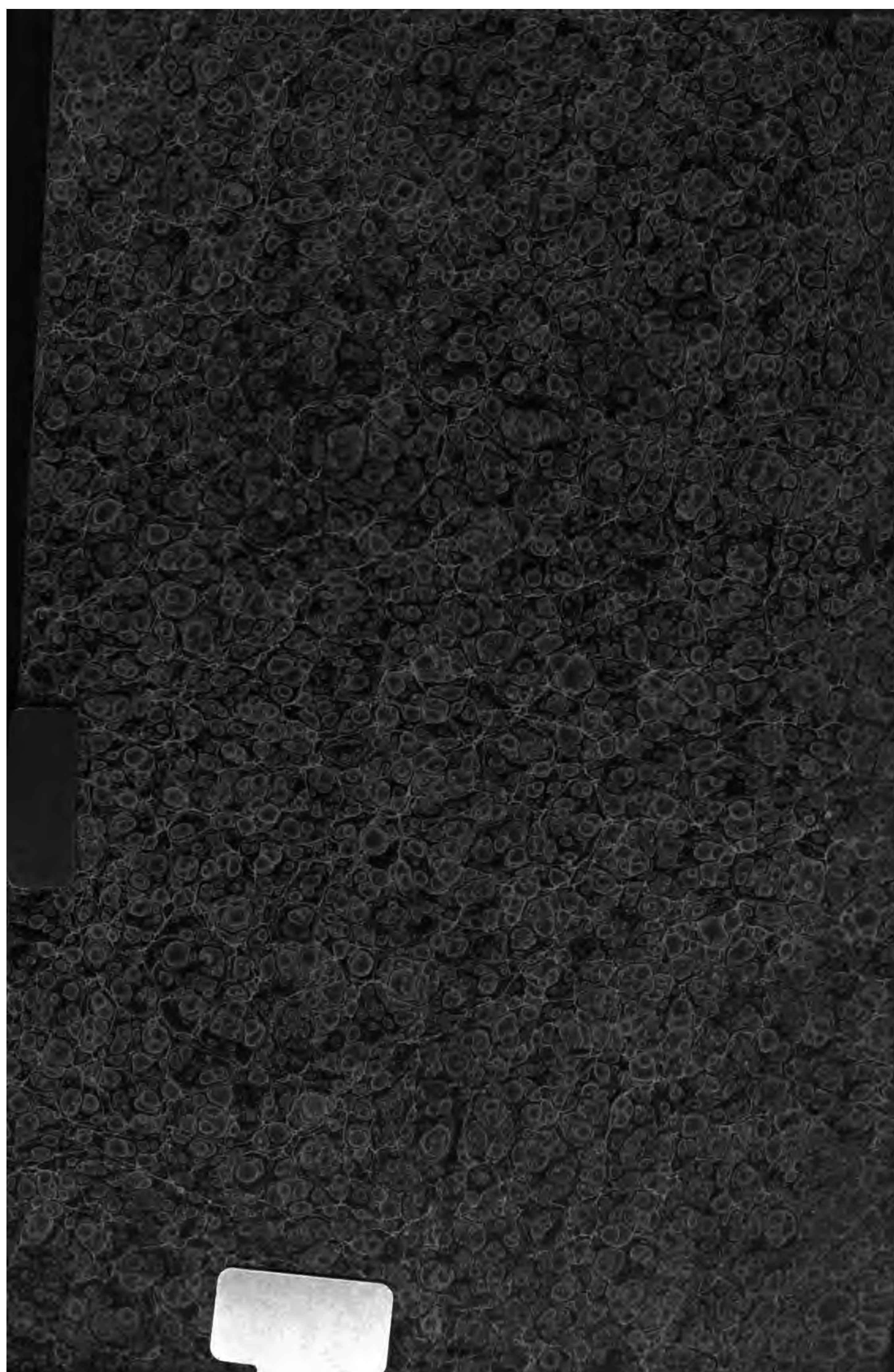
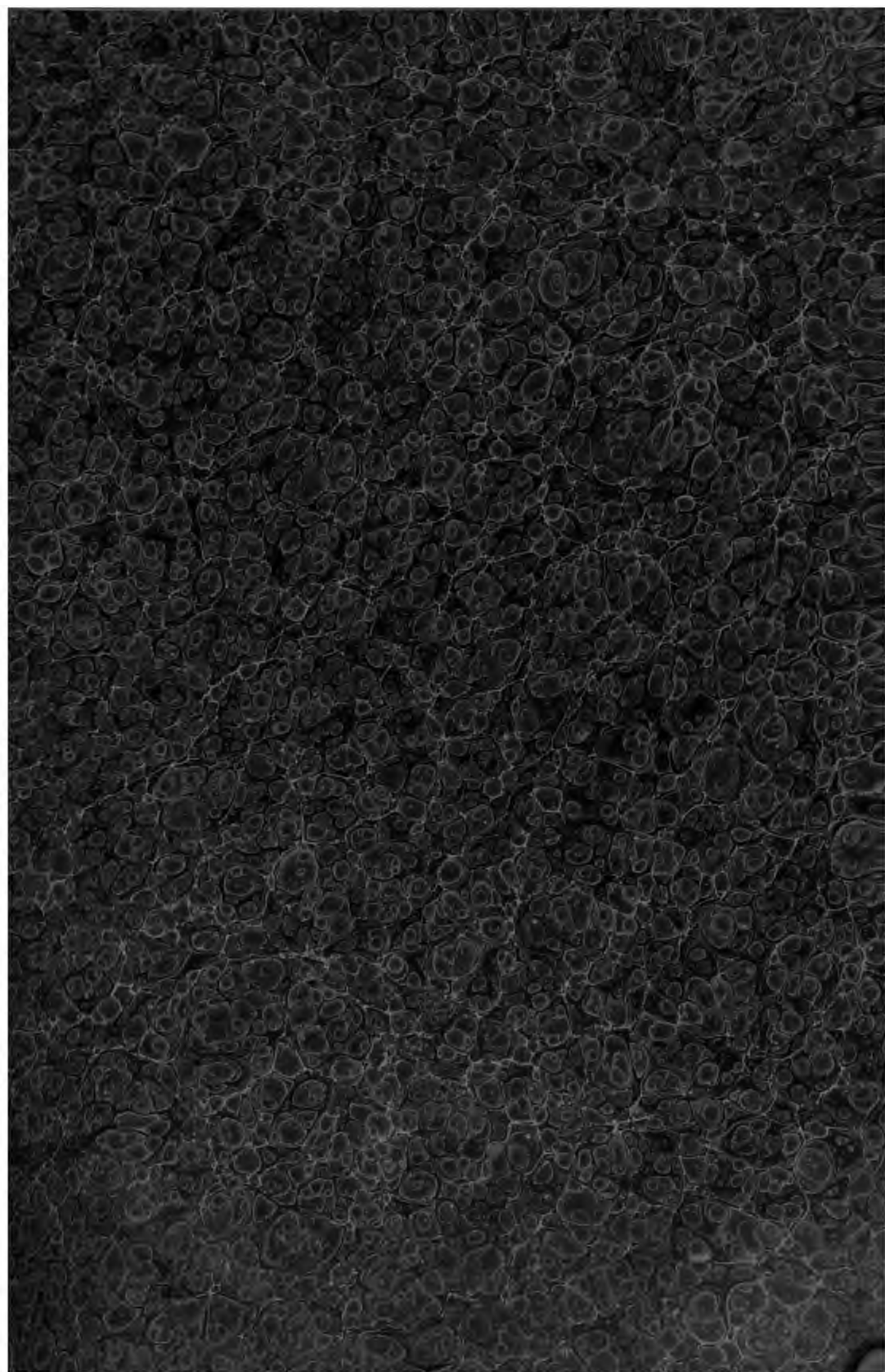
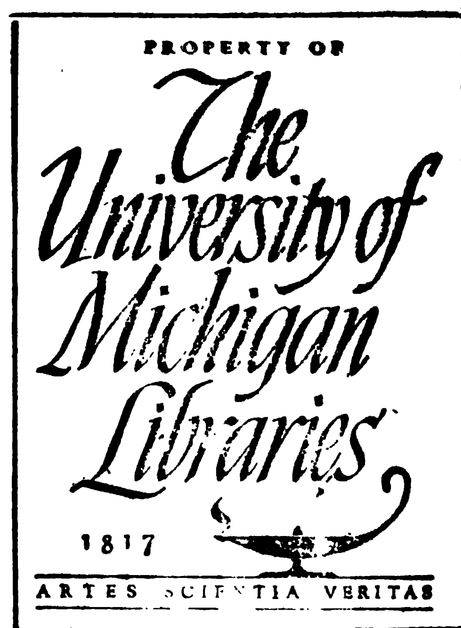








ARCHIVO
PITTORESCO

ARCHIVO

PITTORESCO

SEMANARIO ILLUSTRADO

EDITORES PROPRIETARIOS, CASTRO IRMÃO & C.ª

VOLUME XI — 1868

PREÇO DE CADA VOLUME

Em Lisboa 2$000 réis; nas Provincias, franco de porte, 2$200 réis



LISBOA

TYPOGRAPHIA DE CASTRO IRMÃO, RUA DA CRUZ DE PAU, 31

MDCCCLXVIII

ARCHIVO PITTORESCO

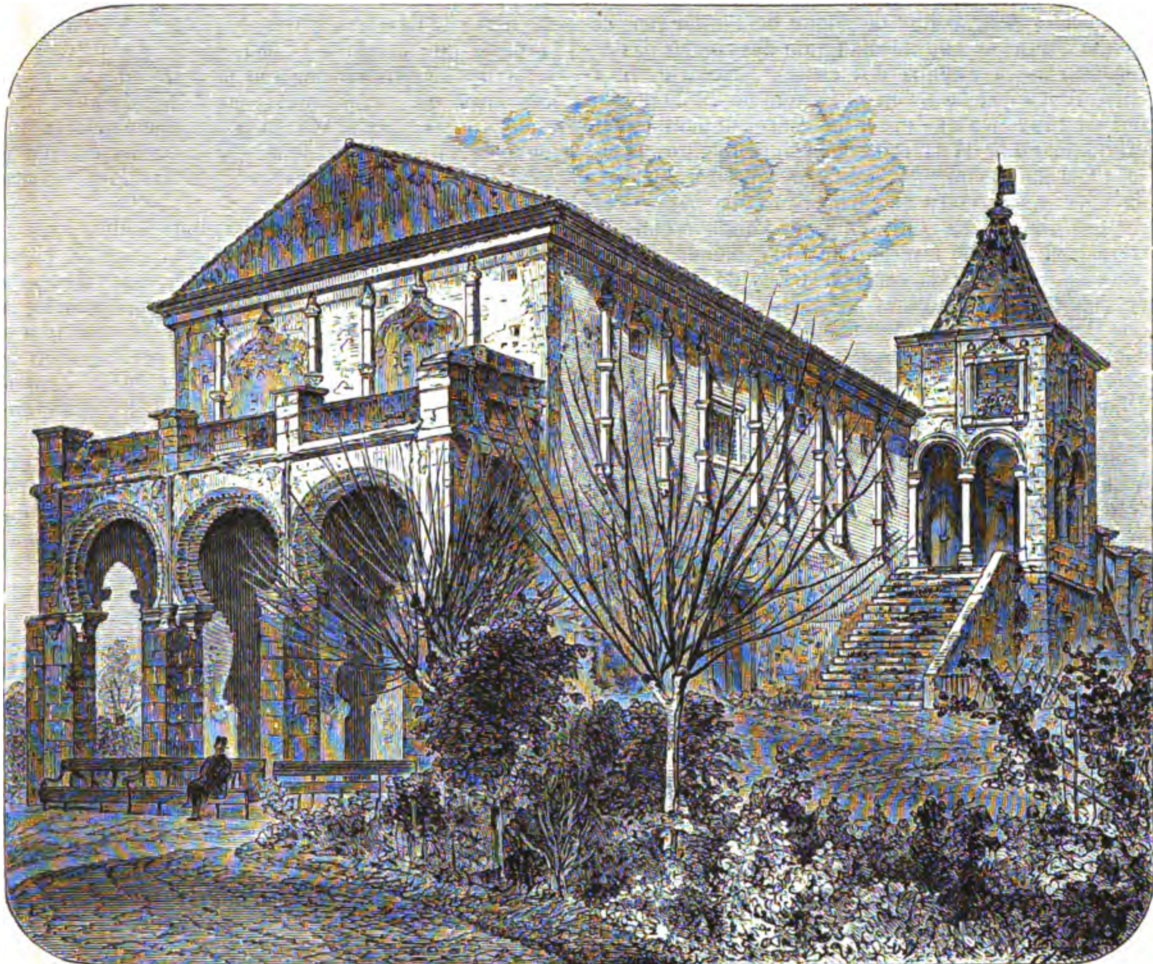
SEMANARIO ILLUSTRADO

EDITORES PROPRIETARIOS, CASTRO IRMÃO & C.ª

Assignatura—Lisboa e Porto 2$000 réis—Provincias, pelo correio, 2$200 réis—Numero avulso 50 réis

Escriptorio, rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio

11.° ANNO — 1868



Galeria dos paços reaes de Evora, vista do lado de sueste

PAÇOS REAES DE EVORA

I

Evora não foi sempre uma cidade silenciosa e triste. As pompas e ostentações da corte, o fasto da nobreza, o estrondo das armas de guerra, os sons das musicas e folias, o ruido das ferramentas das artes e officios, por mais de uma vez a engrandeceram e animaram. Floresceu entre as povoações opulentas da peninsula, de seculos a seculos, n'alguns periodos de sua longa existencia, cuja origem se perde nas trevas das edades ante-historicas. Dentro e fóra dos muros, que de velhos e inuteis se lhe arruinam, no solo em que jazem sepultadas tantas gerações e raças differentes, permanecem ainda dos passados esplendores os vestigios que o tempo não consumiu ou o homem se esqueceu de destruir.

Ha quasi dois mil annos que Sertorio, libertando a cidade do jugo de Roma, lhe conservava e augmentava as grandezas da civilisação romana. E quando, muito depois, vieram a renovar-se em Portugal, nas letras, nas artes, nas emprezas militares, as excellencias do Latium, os reis da segunda dynastia illustraram tambem a velha colonia dos imperadores, restaurando ou imitando as obras da antiguidade, e pondo n'outras, todas suas, claros testimunhos de predilecção e apreço para com a terra em que vinham repoisar á sombra dos loiros da victoria.

Das poucas reliquias que d'aquellas ultimas obras se conservam é a galeria dos paços reaes, que a nossa gravura representa.

II

Até ao tempo de D. Affonso v aposentavam-se os reis com a sua corte nas casas que tinham na Praça, e se chamavam *estáos* [1], como as que em Lisboa e n'outras cidades e villas serviam ao mesmo fim. O palacio do sr. José Maria de Sousa Matos occupa hoje o terreno onde estiveram, do lado do sul ou da rua da Cadeia, os estáos, e, do lado do norte ou da rua do Raymundo, uma casa que pertenceu aos condes das Alcaçovas. Separava os dois predios, ora reunidos e totalmente transformados, a rua dos Toiros, assim denominada porque por ella saíam os que na Praça se costumavam correr.

Além de duas cartas del-rei D. Manuel, relativas á pretenção que teve Ruy de Sande de alargar suas casas da Praça (as que depois foram dos condes das Alcaçovas) até á esquina dos estáos, guarda-se no archivo municipal de Evora um alvará de 29 de dezembro de 1502, em que el-rei lhe concedeu para aquelle effeito todo o ar da cancella onde se mettiam os toiros. «E (lê-se no documento) a dita cancella ficará tão alta do chão e assi craro quejando convenha pera o correr dos ditos touros.» Ha no mesmo archivo mais outro alvará de 6 de fevereiro de 1503, mandando metter de posse do ar da cancella a Ruy de Sande, para elle alargar as suas casas até aos «estáos, com tanto que seja despejada a entrada dos touros e tão alta como uma lança.» Por aqui se prova: 1.° que os estáos foram na Praça, contra a opinião de alguns escriptores, que suppozeram terem sido nas casas denominadas de Sertorio, ou nas que depois serviram de inquisição; 2.° que n'aquella epocha a rua dos Toiros ficou só communicando com a Praça por meio de um arco, que veiu mais tarde a ser tapado com toda a parte oriental da rua.

É tradição constante que nos estáos se hospedaram el-rei D. Diniz e a santa rainha D. Isabel, assim como outros antigos monarchas. Na chronica de D. Affonso VI escreveu Ruy de Pina que os desposorios do infante D. Pedro com D. Constança Manuel se celebraram por procuração, em 1336, nos paços de S. Francisco. E na chronica de D. Affonso v affirmou tambem o auctor que nos mesmos paços de S. Francisco fallecêra em 1455 a rainha D. Isabel. Razão ha para duvidar se chamariam assim antigamente os estáos, por ficarem proximos do convento de S. Francisco, ou se lhes applicaria Ruy de Pina a denominação que em seu tempo tinham os novos paços, edificados a pequena distancia dos estáos, na horta e convento dos franciscanos. Duarte Nunes de Leão, natural de Evora, em cuja historia deveria andar versado, repetiu nas suas chronicas a expressão de Ruy de Pina.

III

As ruinas e as poucas memorias que restam dos paços de Evora não permittem determinar com exactidão a sua antiga fabrica, e as obras com que em cada reinado se foram augmentando até ao tempo de D. Sebastião, o ultimo dos nossos monarchas que n'elles residiu.

D. Affonso v poisou ainda nos estáos ou antigos paços reaes. Como, porém, fossem casas pequenas e acanhadas, pediu aos frades de S. Francisco para se aposentar na parte do convento mais proxima do Rocio, com o pretexto de mais facilmente sair ao campo. Apossou-se el-rei não só da casa que primeiro lhe cederam, e era a que servia aos estudos, senão tambem de outras do convento, as quaes accommodou, com varias obras, ao seu uso; e assim deu principio aos novos paços. Não se sabe ao certo o tempo em que isto succedeu. Depois de tomar Alcacer Ceguer, em 1458, esteve D. Affonso v algum tempo em Evora. Todavia, como por carta de 4 de março de 1462 mandou á camara que aposentasse seu sobrinho D. João em suas casas da Praça, parece que só mais tarde, quando victorioso de Arzilla e de Tanger regressou a Evora, começaria a transformar em palacio real o convento de S. Francisco.

Continuou nos reinados seguintes a alargar-se o palacio pela casa e horta dos Franciscanos. De D. João II, diz Garcia de Rezende, que tendo deliberado, por causa da peste que assolava Lisboa, celebrar em Evora as festas dos desposorios de seu filho D. Affonso, mandára fazer nos paços muitos aposentos de novo com grandes salas para si e para o principe e princeza. E que pela brevidade do tempo tantos officiaes metteu na obra, que em seis mezes concluiram o que levaria muitos annos.

Como o palacio não tivesse, ainda assim, capacidade para aquellas festas memoraveis, mandou el-rei construir entre elle e a portaria do convento uma sala de madeira com 300 palmos de comprido, 72 de largo e 75 de alto. Não tentaremos descrever aqui esta e todas as outras maravilhas que n'aquella occasião se admiraram em Evora, e o chronista de D. João II tratou longamente em alguns capitulos da sua chronica.

O edificio representado na gravura é de D. Manuel; a denominada galeria das damas, cujas ruinas ficam proximas, e a torrinha do aqueducto, são provavelmente de D. João III, o que melhor adiante explanaremos.

IV

Facilmente se avaliará a extensão dos paços e jardins reaes no seculo XVI, imaginando uma curva convexa para a parte do convento, desde a muralha, sobranceira á horta dos Soldados, até á rua do Paço, tocando quasi a portaria junto do largo de S. Francisco, e cortando as ruinas do velho claustro. Prova-se que os paços se alargavam tanto para o lado do norte, porque fazendo-se algumas demolições ha quatro annos n'esta parte do convento, appareceram ao pé da torrinha do aqueducto vestigios de tanques muito ornamentados; e da banda do sul, a pequena distancia da porta, uma sala soterrada com azulejos e pinturas de varios instrumentos, que denotavam ter servido para bailes e festejos. O pavimento d'esta sala estava nivelado com o da galeria das damas, cujas paredes se vêem pouco afastadas para o lado do poente.

Por concessão de Filippe III de Hespanha ficaram os frades senhores da parte oriental do palacio, que transformaram em dormitorios. Era aqui o quarto da rainha, cujas janellas ainda hoje se conservam, tanto do lado da rua do Paço como da parte opposta. É de crer que n'essa epocha se insulassem os frades o mais que podessem para se forrarem a futuras extorsões, e destruissem ou, pelo menos, promovessem a ruina das casas do palacio proximas do convento, deixando apenas de pé a galeria mais occidental, e portanto a mais remota de todas.

Pelo desapêgo de um rei estrangeiro e ignorancia de uns franciscanos, se perdeu uma das maiores e mais ricas residencias que, fóra da capital do reino, tiveram os monarchas portuguezes.

(Continúa) A. Filippe Simões.

[1] Sobre a etymologia da palavra *estáos* ha diversas e extravagantes opiniões, que se podem ver no *Vocabulario* de Bluteau, nas *Memorias de D. João* I, de José Soares da Silva, e no *Elucidario* de Viterbo. Das mais singulares é, por certo, a do padre Fonseca na *Evora gloriosa*, onde affirma que *estáos* vem de *estacas*. E, comtudo, Duarte Nunes de Leão, nas *Origens da lingua portugueza*, citadas por Moraes, traz, entre os vocabulos que se encontram em escripturas antigas, a palavra *hostaos* com a significação de hospedaria, deixando assim bem manifesta a etymologia que tanto deu que fazer a alguns escriptores.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

(A Julio de Castilho)

I

HISTORIA DE UM ROUXINOL

I

Era no mez de abril. A casa onde viviamos ficava toda occulta pelo arvoredo, e tinha uma varanda que deitava para o rio. Não tinhamos por visinhos senão os passarinhos; não ouviamos outros ruidos além do murmurar das aguas, do cantar das aves e do susurrar das folhas batidas pelo vento. Á noite iamos ambos sentar-nos na varanda, que se tinha forrado com rosas e madresilvas, e ahi ficavamos longas horas, mudos, immoveis, ouvindo o canto de um rouxinol que soltava seus hymnos melodiosos n'um ramo inclinado sobre as nossas cabeças.

Nas noites de luar era dobrado o encanto que nos dominava. Os raios da lua, coando-se por entre os ramos, espelhavam-se na corrente como estrellas de prata. As flores espalhavam seus inebriantes aromas no ar que respiravamos; e o rouxinol, que sabia que nos tinha sempre alli, tão presos, tão attentos, tão enternecidos a ouvir-lhe a historia de seus castos amores, foi pouco a pouco, apesar da sua natural timidez, familiarisando-se com o auditorio. De noite para noite descia um ramo e vinha poisar-se mais perto de nós.

Havia quasi um anno que tinhamos ido esconder a nossa felicidade n'aquelle paraiso ignorado. Só nos viamos um ao outro na terra; Thereza não tinha ciumes dos rouxinoes que eu escutava; eu não era cioso das toutinegras que vinham ao parapeito da janella comer-lhe as migalhas quasi na mão. O mundo acabava para nós á porta da quinta, e o ceo começava á borda do rio. Ninguem nos invejava, porque ninguem nos conhecia. Não nos aborreciamos, porque gastavamos o tempo em amar-nos. Nada cobiçavamos, porque um bastava para a ventura do outro, e tinhamos ainda em cima o rouxinol na varanda.

II

Que tempo, santo Deus! que divina felicidade n'aquellas noites de estio, e que sublime embriaguez! E como tudo passou, como tudo morreu, como tudo mudou com a prisão e a morte de um rouxinol!... Oh! ninguem roube a liberdade ás avesinhas, ninguem prenda os rouxinoes, porque Deus castiga a quem põe em captiveiro aquelles que Elle creou livres.

Ao alvorecer recolhia o cantor ao seu ninho, e nós ao nosso. Elle ia, como artista triumphante, repoisar a gloriosa cabecinha no seio da companheira, que até então o entreouvíra em seus amorosos sonhos, e que agora velará em quanto elle dormir. Nós, cheias as almas da harmonia que nos communicava a natureza, esqueciamos quanto havia em nossos seres de material, de profano e mortal, e, deixando voar o espirito para as regiões celestes, entreviamos a aurora da existencia divina.

Uma noite em que já não havia luar, e estavamos, como de costume, sentados no banco da varanda, o rouxinol poisou tão perto, que eu podia, erguendo o braço, tocal-o quasi com a mão.

A avesinha, cheia de boa fé e confiada na lealdade que parecia garantir-lhe a nossa admiração, manifestada por tão religioso silencio e tamanha assiduidade, testimunhava, aproximando-se cada vez mais, que aceitava e agradecia a nossa protecção, e que as nossas relações lhe eram agradaveis. Mas a sua voz era tão vibrante, que, ouvida assim de perto, custava a supportar.

Eu não ousava, comtudo, mover-me, receioso de assustar o artista e de perder no seu conceito a opinião que elle parecia formar da nossa fidelidade.

Ella, porém, que era nervosa e delicada, estendeu a mão com o intuito de sacudir os ramos, mas tão pequena era a distancia, que encontrou o rouxinol e apanhou-o, exclamando: «D'aqui em diante has de cantar só para nós.»

III

Corremos para casa e mettemol-o n'uma gaiola; porém o infeliz dava taes saltos, atirava comsigo tão desesperadamente de um para o outro lado, que lhe adivinhei a intenção de suicidar-se. Quiz soltal-o, mas Thereza não consentiu. As mulheres são crueis... ás vezes. E, comtudo, aquella tinha um coração de pomba; — mas não soltou o rouxinol!

O pobre passarinho, a principio, manifestava a sua dor esvoaçando furioso e batendo contra as grades da gaiola, com a visivel intenção de despedaçar-se; depois caíu em prostração, occultou-se no recanto mais escuro e deixou-se ficar immovel, com as pennas eriçadas, o olhar fito, e estremecendo de vez em quando com uma convulsão nervosa, como se fosse epileptico. Quando a minha companheira se aproximava, fallando-lhe, acariciando-o e querendo apanhal-o para lhe metter o comer no bico — porque elle tinha feito proposito de morrer de fome — o desgraçado entrava em accessos de furor louco, impossiveis de descrever. A mim, pelo contrario, não só me tolerava, mas resignava-se a que eu o apanhasse e alimentasse contra sua vontade. Parecia com este procedimento dar-me a entender que me não odiava, porque não fôra eu que lhe roubára a liberdade.

IV

Passaram assim tres dias — tres noites em que não fomos á varanda. — Ao terceiro dia pendurei alli a gaiola no mais escuro da ramada. Então uma scena pathetica e commovedora se verificou. A femea, que durante os tres dias voára sem cessar em torno da casa soltando pios lugubres e dolorosos, apenas viu o amado companheiro precipitou-se sobre a prisão, querendo desfazel-a com o bico; porém, reconhecendo que eram inuteis os seus esforços, poisou-se n'um raminho ao lado d'elle e começou a gemer sem pausa.

O rouxinol deixou-se ficar onde estava, sem movimento, insensivel ás tentativas que fazia a sua amada para libertal-o, indifferente á dedicação com que ella parecia disposta a sacrificar-se por elle, não fugindo quando eu me aproximava. Conhecia-se que o captivo fizera voto de não sobreviver á sua desgraça e que se deixaria morrer de paixão. De repente o preso estremeceu; uma corrente electrica agitou-lhe todas as pennas; ergueu a cabeça e escutou. A femea agitára-se tambem e tambem escutava. Um canto suave, distante ainda, mas que se aproximava rapidamente, começou a ouvir-se. Era a voz de um rival, de um rival detestado e audaz que ousava requestar, nos seus cantos amorosos, a mulher do prisioneiro. Este ouvia attento, e rapidos estremecimentos lhe sacudiam a miude a escura plumagem; a voz estava cada vez mais perto, e a amante do meu rouxinol, depois de olhar para a gaiola e talvez convencida de que o escravo não mais se libertaria, teve o animo cruel de o desamparar, voando para um salgueiro mais alto. O desgraçado, vendo-a ausentar-se, presentiu que ella ia ser-lhe infiel, trocando-o por outro, e soltou um pio doloroso.

O rival preferido veiu cantando até poisar no ramo em que estava a gaiola, e onde o seguiu immediatamente a perfida que por elle deixava o infeliz captivo. O recem-vindo, depois de atormentar o preso com o espectaculo das suas caricias á desleal que se lhe entregava, soltou a voz n'um canto agudo e prolongado, hymno de triumpho selvagem e covarde, que eu traduzi assim:

V

«A vingança é mais doce do que a semente do linho e as dormideiras amassadas com sangue, que os homens costumam dar aos rouxinoes captivos! Eu nasci n'uma giesteira florida á borda de um arroyo, cujas aguas cantavam noite e dia. Quando as minhas azas tiveram pennas, saí do ninho onde o amor materno me tinha embalado, e vim procurar nos sinceiraes do Mondego uma companheira que accendesse no meu peito o enthusiasmo do canto, e perpetuasse commigo a raça dos filhos da luz e da harmonia. Mas o meu corpo era debil, e a minha vida, começada apenas, não me permittia entrar em lucta com os que, velhos pela experiencia, mestres pela arte e orgulhosos pelos seus triumphos, se tinham tornado no meio dos salgueiros o terror das novas gerações. No momento em que o meu coração sentiu pela primeira vez a inspiração divina, á vista d'esta amiga que ora poisa a meu lado, tu, que contavas as amantes pelo numero dos teus dias, abusando da tua força, da agilidade das tuas azas, e da fereza do teu coração endurecido pela gloria e a vaidade, caíste sobre mim como o abutre sobre a pomba, como se fôras inimigo da minha raça; e depois de me roubares a doce companheira que eu tinha escolhido, dilaceraste-me o peito e obrigaste-me a expatriar para não ser victima da tua brutalidade nem testimunha do teu triumpho. *Tu m'hai patria ed amante rapita*, ó Atila dos rouxinoes! Mas as amarguras do desterro tornaram-me forte, e os teus immortaes gorgeios, que eu vinha, durante as longas noites da primavera, escutar de longe, fizeram-me tambem mestre. Hoje, que eu podia medir-me comtigo em qualquer genero de luctas, vinha desafiar-te, e acho-te preso! Envilecido pela escravidão, até perdeste já a nobre isenção da nossa especie, que é não sobreviver á perda da liberdáde! Consentes que te alimentem occultando o teu covarde apêgo á vida com a desculpa banal de que te mettem o comer no bico! Que fizeste das unhas com que ferias teus irmãos? Por que te não serves d'ellas para arrancar tuas proprias entranhas, libertando-te assim dos teus algozes? Oh! que se eu podesse quebrar-te-hia as prisões para te disputar depois a posse d'aquella que o teu captiveiro me entregou sem combate! Mas que importa que morras na gaiola ou fóra d'ella, se eu me vingo roubando-te a esposa que tanto amavas, saboreando á tua vista as delicias do meu triumpho, e dizendo-te que a vingança é mais doce do que a semente do linho e as dormideiras amassadas com sangue!»

VI

O cantor vingativo foi aqui interrompido por uma especie de rugido doloroso que soltára o ultrajado amante. A gaiola e o ramo que a sustinha tremeram com a violenta sacudidela com que a avezinha investiu as grades. A desleal esposa fugiu aterrada, receiando-lhe as iras se porventura elle conseguisse libertar-se. O captivo, porém, estacou de subito, como tendo mudado de resolução; e, depois de meditar um pouco, subiu a uma das varinhas que lhe serviam de poleiro e dispoz-se para cantar. A nossa alegria foi grande, mas durou-me pouco a mim. O habito da solidão tinha-me como que ensinado a linguagem das aves, e eu traduzia com facilidade os seus cantares.

O rouxinol tomou uma posição grave e digna, como quem se preparava para tratar nobremente a sua causa. Alizou as pennas que tinha em desordem por causa das ultimas commoções; limpou o bico de ambos os lados contra o poleiro, como que para o afiar; olhou para a janella onde nós estavamos, a fim de assegurar-se de que tinha testimunhas conscienciosas; mediu com olhar desdenhoso o rival, que pasmado o contemplava; e, depois de por varias vezes alongar a vista para o mais espesso das ramadas, procurando talvez a fugitiva infiel, preludiou os seus primeiros cantos. Ao principio eram notas soltas e sem nexo, fragmentos de poemas differentes, musica variada mas sem unidade, que o artista exhibiu como para experimentar a voz. Pouco a pouco veiu vindo a ordem e a harmonia; percebia-se que elle estava estudando, compondo e corrigindo a sua composição, como o poeta antes de publicar os seus ultimos versos. A final, jorrou como uma torrente de melodias o prologo da sua historia, em que respondia assim ao seu odiento rival:

VII

«Ó cedros saudosos da fonte das Lagrimas, ó echos do penedo da Saudade, ó loireiros gloriosos, ó choupos e salgueiros do Mondego, ó vós todos que tantas vezes me embalastes em vossos ramos odorantes, e que fostes sempre os fieis confidentes de minhas alegrias e tristezas, guardae perpetuamente a memoria do feito mais covarde que jámais se deu desde que ha rouxinoes! Dizei ás gerações futuras que aquelle cuja voz foi tantos annos alma de vossas ramadas acabou n'uma prisão, vil e affrontosamente offendido pelo mais indigno e mais fraco de todos os entes que vestem pennas! — E ousas tu, ó miseravel insultador de captivos, ó roubador de esposas indefesas, ó vilão que desafias os que não podem defender-se, ousas tu dizer que és meu discipulo e que aprendeste commigo teus desentoados cantos?! Pois bem! Até em meu triste captiveiro acceito o teu repto. Não posso, porque m'o impede a gaiola, medir comtigo a dureza das minhas unhas e do meu bico; mas tenho a voz livre como tu. Cantemos, pois! E que aquella que me desamparou na desgraça para seguir a tua prosperidade possa ouvir os meus ultimos hymnos, porque te juro que morrerá arrependida de me haver deixado. Desgraçado! Cegou-te a paixão e o odio ao ponto de me calumniares tão atrozmente! Julgas que um filho da liberdade, da luz e do amor, o maior poeta que Deus creou, o unico artista que aprende só comsigo e sem auxilio de mestre, o ente que está mais perto do ceo, cuidas tu que póde viver escravo dos homens? Jámais! Eu não acceito o destino que elles me impozeram, porque só o Creador podia impor-m'o. Esperava morrer de desespero, mas essa morte é indigna da creatura. Morrerei cantando, e morrerei digno de mim e da nobre familia de quem venho. Tu não pertences á minha raça; gerou-te uma vil toutinegra e um obscuro pintasilgo — imitadores servis de meus immortaes hymnos. — É verdade que te puni outr'ora pela audacia com que pretendeste usurpar-me aquella que eu tinha honrado com a minha escolha; e se hoje me fosse dada a liberdade não te deixaria vivo por novamente m'a teres disputado. Mas ha uma Providencia que castiga os maus. Quem insulta os desgraçados é um miseravel fóra da lei commum. Se tiveres filhos da amante que me usurpas, vel-os-has devorados pelas cobras; e se algum sobreviver será para me vingar, roubando-te incestuosamente sua propria mãe, e fazendo-te expiar, na tua vergonhosa e inutil velhice, os nefandos crimes da tua covarde virilidade!»

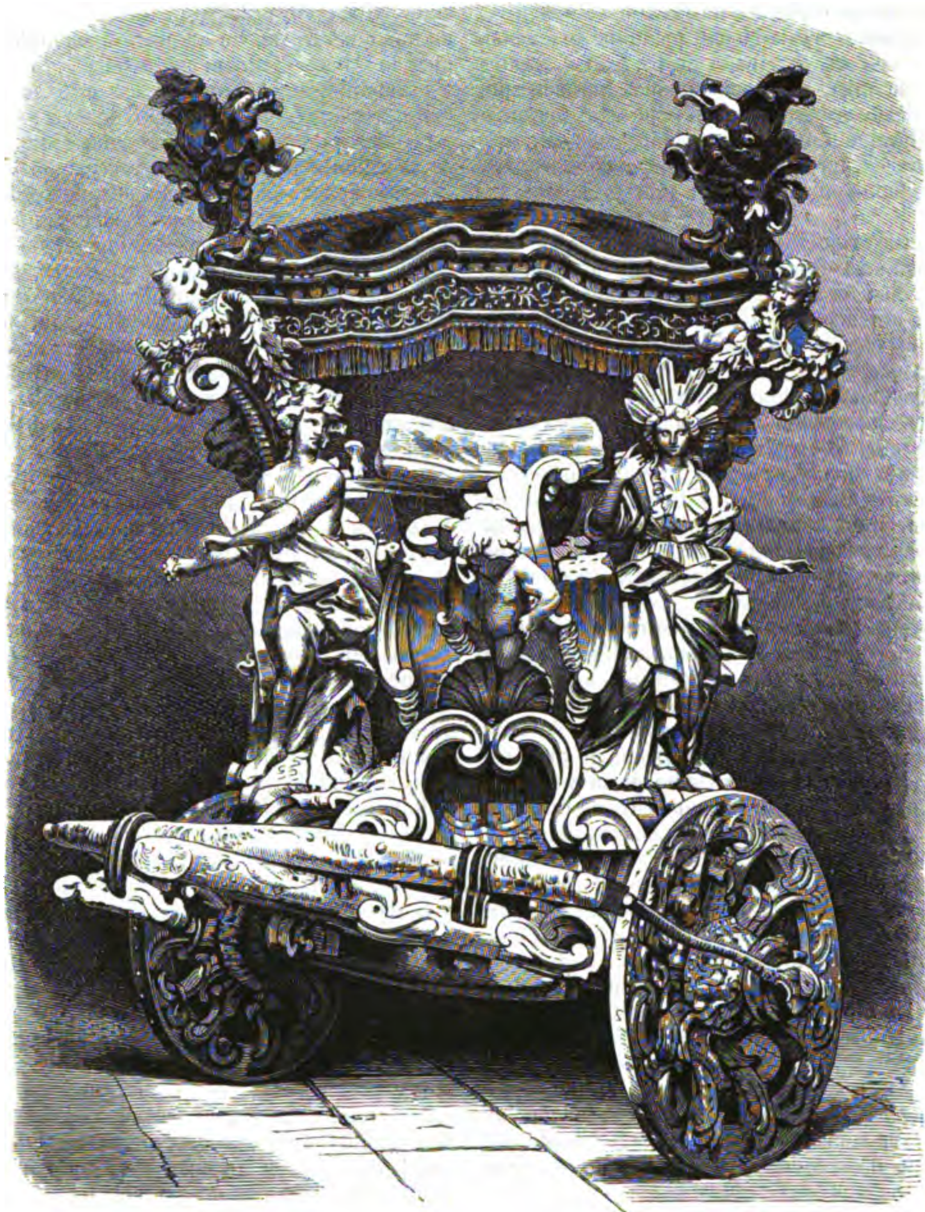
(Continúa) F. Gomes de Amorim.

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

I

Não fôram as riquezas do Brasil, como crê muita gente, o movel que inclinou o animo del-rei D. João V ao amor do luxo. Esse amor desenvolveu-se n'elle tão precocemente como em el-rei D. Affonso V. Houve en-

tre estes dois monarchas notaveis pontos de similhança. Ambos amaram o fausto quasi desde o berço. A ambos lançou esta inclinação fatal nos excessos da prodigalidade. Um e outro, finalmente, sentiram-se impellidos para as aventuras por seu caracter cavalleiroso. Estes sentimentos e inclinações, sendo identicos na essencia, obraram de modo diverso, pela differença das epochas, pelas alterações que o tempo vae operando nas idéas e nos costumes. D. Affonso v dissipava os bens da coroa para enriquecer os fidalgos, e corria a quebrar lanças em Africa para satisfazer o seu animo aventuroso. El-rei D. João v exhauria os cofres do estado para ornar os templos e locupletar o thesouro do papa; e quando lhe assomavam ao espirito veleidades cavalleirosas, divagava de noite pelas ruas de Lisboa em mysterioso disfarce, buscando aven-



Coche de gala del-rei D. João v, denominado carroça triumphal

turas em que se experimentassem o valor do seu braço e a fina tempera da sua espada.

Ainda sangravam abundantemente as feridas abertas no coração do reino pelas guerras da restauração da nossa independencia e da successão da coroa de Hespanha; ainda escasseavam os recursos necessarios para acudir ás mais urgentes despezas do estado, e já el-rei D. João v, no verdor dos annos e novel no throno, dispendia tão largamente em todas as ostentações da realeza, como se tivera os seus cofres repletos de oiro e satisfeitas as necessidades publicas.

D'est'arte presenciou o paiz um triste espectaculo durante alguns annos, logo que o joven soberano empunhou o sceptro. Ao passo que cresciam extraordinariamente as despezas da casa real, não só pelo augmento da pompa e apparato nas solemnidades da corte e nos prestitos reaes, mas tambem pelo muito que el-rei gastava em obras nos seus paços, e em festividades religiosas, a que sempre se mostrou afeiçoado, padecia o serviço publico em assumptos de gravidade, e até com quebra no decoro nacional, por falta absoluta de dinheiro.

As minas de oiro e de diamantes do Brasil, cujo descobrimento teve principio no fim do reinado de D. Pedro II, não poderam acudir com prompto remedio a tão grande desequilibrio na fazenda publica, não obstante as avultadas riquezas que de si lançaram sobre Portugal quasi desde o começo da sua exploração.

E como não succederia assim, se D. João v requintava em luxo e magnificencia, e, por conseguinte, triplicava as suas despezas, á maneira que essas fontes auriferas e diamantinas derramavam as suas preciosidades no real thesouro? Mas tal era a possança d'aquellas minas; tanto parecia quererem competir em prodigalidades com o monarcha portuguez, que, durante alguns annos, deram meios para tudo, abundantes meios para as despezas correntes, para muitos e importantissimos melhoramentos publicos, e, em fim, para satisfação de todos os caprichos da vaidade do soberano.

Pois que tocámos n'esta chaga, pela qual se fez mais conhecido, e celebre o reinado de D. João v, pede a justiça que se diga, em homenagem á verdade, que o governo d'este soberano se occupou com fervoroso empenho, durante um longo periodo, em promover todo o genero de melhoramentos que n'aquelles tempos mais podiam concorrer para a prosperidade de um paiz.

As immensas riquezas que n'essa epocha nos vieram do Brasil não foram todas consumidas improductivamente. Não foram transformadas sómente, como em geral se apregoa, nas obras de Mafra, nas bullas da erecção da patriarchal, em donativos a infinito numero de egrejas, e em cercar o throno real de esplendores cada vez mais deslumbrantes. Serviram tambem para grandes emprezas de abertura de canaes, em que figuram, entre outros, a chamada *valla da Azambuja*, que ia até Rio Maior, e o *Tejo Novo*, a mais grandiosa obra hydraulica que tem sido emprehendida em Portugal. Serviram para a construcção de innumeraveis pontes e das principaes estradas do reino, reconstruidas ou reparadas nos dois reinados seguintes, e que a final, por nosso desleixo, vieram a cair em completa ruina. Serviram para a creação de importantes estabelecimentos fabris e para a introducção de industrias novas; para a restauração da marinha de guerra; para a fundação e manutenção de academias e de varias escholas. Serviram, em fim, para estas e para muitas mais coisas uteis, umas que ao diante se annullaram ou perderam, por effeito da decadencia e desordem que se introduziram em todos os ramos da administração do estado nos ultimos nove annos do reinado de D. João v, em que este soberano esteve paralytico, outras que, em razão das reformas com que se estreou o governo del-rei D. José I, vieram, no decurso do tempo, a ser attribuidas á patriotica iniciativa do marquez de Pombal.

Agora, que pagámos este tributo de imparcialidade á memoria de um rei que tem sido julgado por uns com excessiva lisonja, e por outros com demasiada severidade, volvendo ao assumpto de que nos afastámos, vamos, não expor um quadro bem delineado, mas sim indicar simplesmente alguns casos em que se patentearam com mais vivas côres a vaidade delrei D. João v, e o seu amor desenfreado do luxo e da ostentação.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

O WALI DE SANTAREM

I

O ULTIMO ARABE

Quão longe estava já o imperio sarraceno da Hespanha da sua primitiva grandeza e do seu antigo esplendor! O sol do dominio islamita pendia para o occidente, e o seu occaso afogueava-se no rubor do sangue derramado em discordias civis. Quem diria que essa faxa do Andaluz, mera dependencia do Maghreb africano, era o que restava d'esse formidavel imperio occidental, que, irradiando de Kordova para os Pyreneos e para as Asturias, além atravessava os montes que o separavam das terras do Afranc, e estabelecia a sua guarda avançada dentro dos muros de Medina Narbonna, como os chronistas arabes chamam á antiga capital da Gallia Narboneza, do outro lado comprimia nas agruras selvaticas dos montes de Al-Djuf, como elles dizem tambem, as debeis reliquias do imperio visigothico, agrupadas em torno do intrepido Pelayo! Quem diria que esse povo, ebrio de sangue e agitado pelas paixões mais brutaes, era o mesmo povo culto cuja civilisação resplendia com tão intensa luz no meio das trevas em que estava sepultada a Europa, quando Abd-er-Rahman III, o feliz e victorioso emir, o poeta mimoso, o protector das artes, o adorador do bello, recebia no seu palacio de Azzahrat, entre os esplendores do luxo, os embaixadores que lhe enviava de Constantinopla o imperador grego, o herdeiro dos Cesares, quando nas universidades de Kordova entrava humildemente, para ouvir com mudo respeito as lições dos doutores musulmanos, o estudante Gerberto, que depois, com o nome de papa Sylvestre, devia governar a egreja christã e catholica! Então o imperio mahometano das Hespanhas era potente e forte, ainda que do lado septentrional já uma larga zona lhe fôra arrancada pelo gladio infatigavel dos foragidos das Asturias, ainda que o brado de alerta das sentinellas avançadas do conde de Castella Fernão Gonçalves já podiá ser ouvido nos muros de Toledo, ou Tolaitola, como os arabes diziam, a cidade sempre inquieta e buliçosa, e sempre querida dos kalifas. Mas o grito de guerra dos cavalleiros zenetas da guarda do emir fazia descórar os mais intrepidos entre os guerreiros da cruz, e para o lado do sul as suas bandeiras victoriosas tremulavam na Africa revolta, e as tribus do deserto curvavam-se respeitosas ao ouvirem pronunciar o seu nome. Senhor do Andaluz e do Maghreb, olhando com desdem para os christãos que lhe tumultuavam ao norte dos seus dominios sem ousarem ultrapassar a fronteira traçada pela cimitarra do emir, olhando sem inveja para o throno dos kalifas do Oriente, a cuja altura erguêra o seu solio occidental, Abd-er-Rahman III, orgulhoso da sua não interrompida prosperidade, podia exclamar com ufania: «A este imperio consolidado pela minha mão poderosa assegura a Providencia resplandecente immortalidade!»

E, comtudo, o seu reinado foi o ponto culminante do poderio e da civilisação musulmana, ponto culminante onde não se demorou um momento só, começando logo, logo a desabar com a rapidez de uma avalancha pelo pendor da decadencia. Debalde o hadjeb El-Mansur, levando o terror e a assolação ao seio das monarchias christãs, fazendo recuar todos esses godos impetuosos diante dos relampagos da sua espada, illuminava com o esplendor da victoria os ultimos dias da dynastia dos Ommyadas; a sentença estava lavrada, e não havia coisa alguma que lhe podesse adiar a execução. O imperio musulmano da Hespanha ia succumbir; tinha dentro de si mesmo o germen da dissolução — o despotismo. Quando aos despotas intelligentes succederam os despotas idiotas; quando, como na familia dos Merovingios em França, se sentaram no throno kordovez reis *fainéants*, em nome dos quaes governavam tambem esses *maires du palais* arabes, que se chamavam *hadjebs*, então póde-se ver como o despotismo em putrefacção produz a anarchia, e como da anarchia brota a morte de uma nacionalidade. Os walis arabes sublevaram-se por todos os lados, cada provincia se transformou em reino, cada régulo quiz governar só; como succede sempre em casos similhantes, houve um rei imprudente ou mais exaltado que chamou os estrangeiros em seu auxilio; foram estes os almoravides de Africa, que de auxiliares em breve se tornaram dominadores. Assim tinham estabelecido a sua supremacia em Hespanha os arabes

de Tarik e de Musa, *simples alliados* do conde Julião de Sebta e do partido dos filhos de Witiza. Mas o governo almoravide não se estabeleceu sem grandes luctas. O Andaluz tornou-se theatro de uma guerra feroz entre irmãos; muitas vezes os velhos adversarios da raça musulmana foram chamados pelos chefes dos differentes bandos para favorecerem a sua parcialidade, e assim o inimigo natural, o christão, era introduzido, pelos proprios que tinham interesse em desvial-o, no amago do imperio de Abd-er-Rahman.

A ponto de complicar estas discordias, surge na Africa a seita e a dynastia dos almohades inimigos dos almoravides. Então divide-se o Andaluz em centenares de facções; é difficil distinguir o amigo do inimigo. Esta fortaleza toma voz pelos almohades, n'aquella tremúla ainda o pendão dos almoravides; este wali quer a sua independencia, aquell'outro suspira pela apparição de algum ramo ignorado da dynastia ommyada. E entretanto os quatro reinos christãos, Portugal, Leão, Aragão e Navarra, sem deixarem de ser dilacerados pelas discordias internas, vão ampliando sempre o seu territorio, ampliação que está sendo para alguns d'elles uma condição essencial da sua existencia. A invasão christã, ameaçadora e triumphante, a alargar cada dia as suas fronteiras; a discordia civil a banhar de sangue musulmano os ferteis plainos da Andaluzia e do Al-Gharb, são os dois abutres que pairam sobre o cadaver ainda palpitante do antigo imperio kordovez.

Entre os differentes reis nazarenos que abriam com o seu montante, cada vez mais ao sul, novas extremas ao seu territorio, um havia, cujo nome inspirava profundo terror aos musulmanos. Era o rei de uma nova monarchia desabrochada no occidente da peninsula, era o rei de Portugal. O tyranno Ibn-Errik, nome pelo qual as chronicas arabes designam sempre o nosso heroico Affonso Henriques, não lhes deixava um momento de socego, e quasi que não havia mez em que o seu pendão não tremulasse nas ameias de mais alguma fortaleza rendida. Os arabes do Al-Gharb escutavam com terror ao longe o tropear do cavallo de Ibn-Errik, viam relampaguear nas sombras o seu rude montante, e a realidade quasi sempre seguia o sonho. Um grito de victoria, soltado no adarve de uma fortaleza surprehendida, assignalava a cada instante a apparição de Affonso Henriques, subita e fulminante como um raio. Era um leão na batalha campal, era um tigre nas surprezas nocturnas; era verdadeiramente o anjo das vinganças do Omnipotente, o anjo Azrael das crenças mahometanas sulcando com as suas azas silenciosas a profundeza da noite, ou apparecendo em pleno dia, terrivel e resplandecente, a ceifar com a sua espada a lugubre seara dos campos de batalha.

E, comtudo, Affonso Henriques tinha adversarios dignos d'elle. As hostes musulmanas das fronteiras conservavam todo o seu vigor antigo; sabiam militar os seus chefes, e entre outros o nome de Abu-Zakaria, o wali de Santarem, era bem conhecido entre os christãos pelas terriveis algaras com que pagava as correrias do joven monarcha de Portugal.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

LEALDADE E VALOR

Um dos mais brilhantes feitos que illustraram o nome e o valor portuguez, na expulsão do exercito francez d'este reino, em 1811, foi, sem dúvida, a heroica defensa da praça de Campo Maior. Sendo atacada por forças numerosas, sob o commando do marechal Mortier, pôde aquella praça defender-se com espantosa heroicidade, padecendo por espaço de alguns dias (desde 12 até 21 de março do referido anno) os rigores de um apertado sitio. Campo Maior a final rendeu-se, mas honrosamente; e tanto assim, que o inimigo não negou a coragem dos defensores, segundo consta das publicações da epocha.

Como testimunho da lealdade e heroismo de seus benemeritos defensores e habitantes, os cinco governadores do reino, em nome do principe regente (depois el-rei D. João VI) determinaram, em portaria de abril, não só gratificar toda a guarnição da praça e promover o governador (major de engenheiros José Joaquim Talaia) e juiz de fóra (dr. José Joaquim Carneiro de Carvalho) á patente e ao cargo immediatos, por seu brioso procedimento em tal e tão critica circunstancia, mas tambem que a villa d'alli em diante se denominasse *a leal e valorosa villa de Campo Maior*, e que por baixo do escudo das suas armas se inscrevessem as palavras *lealdade e valor* [1].

B. A.

A LAPONIA

Na extremidade septentrional da Europa estende-se um paiz tristemente celebre pelos rigores excessivos do seu clima. Essa região, em que a natureza é tão avara, que mais parece madrasta que mãe, chama-se *Laponia*.

Banha-a pela parte do sul o golpho de Bothnia; limita-a pela parte de léste o mar Branco, e por todo o lado do norte cercam-n'a os gelos eternos do oceano Glacial Arctico. Os reinos da Suecia e Noruega, e a Finlandia, provincia russa, são os estados com que confina pelo lado do sul. Conta de comprimento, na sua maior extensão, que é de sudoeste a nordeste, 300 legoas, e obra de 100 no ponto em que tem mais largura. A sua superficie é estimada em 10:000 legoas geographicas quadradas.

A Laponia é pouco accidentada. O seu territorio é quasi todo plano; os montes são baixos e, em geral, separados uns dos outros. Apenas uma cordilheira pertencente aos Alpes Scandinavos, e cujos pinaculos se elevam 800 metros acima da superficie do mar, lhe borda as fronteiras occidentaes. O granito, o gneis [2] e alguns metaes são as principaes materias, ao que parece, que entram na formação d'estas montanhas. Todavia, em torno d'ellas encontram-se calcareos e schistos. O ferro é o mineral que mais n'ellas abunda: mas dizem que tambem mostram evidentes indicios de occultarem em suas entranhas ricas minas de cobre e de prata.

Cortam e regam a Laponia diversos rios. Varios lagos e extensos pantanos lhe occupam muitas legoas de terreno.

D'entre os rios mencionaremos só os que são notaveis por alguma particularidade. O Alten ou Alata atravessa as montanhas occidentaes, precipitando-se do alto de elevadas rochas e correndo de cascata em cascata. O Tana, afamado por seus corpulentos e saborosos salmões, serve em parte de raia á Russia e á Noruega. O Touloma fórma uma grande e formosa cataracta antes de banhar a cidade russa de Kola. O Tornéo vae lançar-se no golpho de Bothnia depois de ter formado em seu curso impetuoso muitas e vistosas cascatas. O Kemi rivalisa com o antecedente na belleza e numero das cachoeiras.

Os maiores lagos são: ao norte o Enara, semeado de pequenas ilhas, tendo de comprimento 23 legoas e de largura 12; e a léste o Imandra, com 21 legoas de comprido e 5 de largo, o qual desagua no mar Branco.

Todos esses rios e lagos, dispersos em uma região

[1] Vid. *Gazeta de Lisboa*, n.º 98, de 25 de abril 1811.

[2] Rocha primitiva composta dos mesmos elementos que o granito. É uma modificação d'este.

extremamente fria e quasi deserta, são faltos de animação, e raras vezes apparecem viajantes estrangeiros nas suas margens. Todavia, offerecem preciosos recursos aos pobres que n'elles vão lançar as suas redes; ao intrepido finlandez, que procura submetter á sua vontade essas massas de agua, obrigando-as a conduzir as madeiras que foi cortar aos bosques do sertão; ao industrioso sueco, modelo de actividade e paciencia, que edifica as suas azenhas e forjas junto dos rios e lagos para lhes aproveitar a corrente como motor, ou simplesmente as aguas para gasto das officinas. O clima da Laponia, apesar de frigidissimo, não é tão inhospito pelos rigores do frio como o dos outros paizes em egual latitude. Em quanto que n'estes não se desfaz completamente a sua cobertura de gelo antes do fim de junho, os portos da Laponia descongelam e tornam-se accessiveis no fim de maio. Esta vantagem, porém, é neutralisada até certo ponto pelos espessos nevoeiros, que vem sem interrupção após o derretimento dos gelos, envolvendo em sombrio manto de humidade todas as terras visinhas das costas do mar. Portanto, apenas no interior do paiz, ao abrigo dos ventos maritimos, e em uma elevação que não seja superior a 170 metros, se dá a cultura de algumas especies de cereaes; pois que só ahi se experimenta toda a força do calor accumulado durante um longo dia de seis semanas.

Negou a natureza a esta região os encantos e doçuras da primavera. Ao cabo de mais de oito mezes de carrancudo inverno, em que o sol nunca deixa ver os seus esplendores, vem rapidamente o verão dar á terra luz e calor, vida e alegria, durante sessenta e seis dias. N'este curto espaço de tempo vestem-se os montes e cobrem-se os valles de mimosa vegetação.



Uma paizagem na Laponia

Rebentam, florescem e dão fructo as raras arvores fructiferas que os rigores do inverno deixam medrar. O lavrador prepara a terra, semeia e colhe a cevada, a aveia e o centeio, unicos cereaes a que a brevidade da boa estação dá o tempo necessario para que se desenvolvam e amadureçam.

Não são sómente os gelos, um frio intensissimo e a escuridão dos dias, o que alli faz o inverno tão triste e feio, quão penoso de supportar. Outro flagello não menor, constante apanagio do termo da estação invernosa, é a violencia dos ventos, desordem atmospherica produzida pelo derretimento dos gelos.

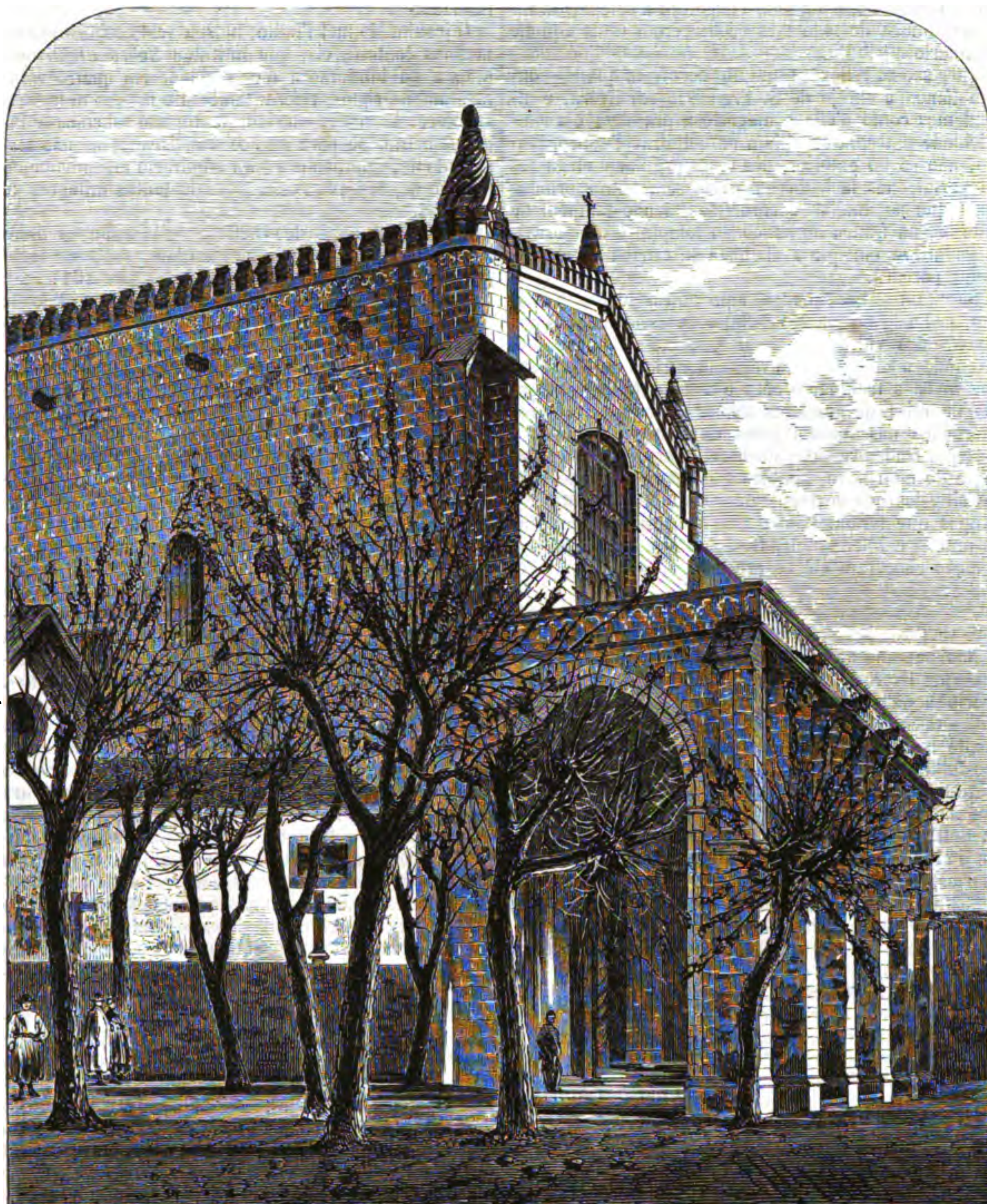
Para compensar as tristezas que aos lapões deve causar tão longa ausencia do sol, concedeu a Providencia a taes regiões as auroras boreaes, essa luz que seria tão poetica e tão bella como a lua se os gelos polares não obstassem a que se reflectisse na superficie tranquilla e cristallina dos lagos, nas espumas e vapores das cascatas dos rios, e nas relvas e florinhas dos prados [1].

[1] Vid. a pag. 149 do vol. VI, e a pag. 7 e 8 do vol. VII, os artigos e gravuras sobre as auroras boreaes e austraes.

A Laponia só é cultivada em certas partes. Além dos cereaes referidos, os habitantes cultivam a batata, cenoura e couve. Dão-se alli algumas especies de arvores fructiferas de outros paizes da Europa; mas os seus fructos não chegam a amadurecer. O *rubus arcticus* e o *rubus chamœrosus*, duas especies de groselhas, são os unicos arbustos indigenas que produzem fructos de agradavel sabor. Quanto a arvores sylvestres, são poucas as variedades. Os pinheiros e os abetos são as que mais abundam, ora dispersas ou formando de longe em longe pequenos grupos, ora reunidas em bosques pouco densos.

Não é mais rica a Laponia em plantas rasteiras. É mui restricto o numero de variedades que possue, de sorte que a principal pastagem de que se alimentam os seus rebanhos de rangiferos, ou rennos, consiste em uma especie de musgo, cujas expansões foliaceas cobrem, em algumas paragens, grande vastidão de terrenos. O *musgo islandico*, que a medicina emprega com proveito no tratamento das molestias de peito, cresce n'aquelle paiz por toda a parte.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.



Frontaria da egreja de S. Francisco, em Evora

EVORA

EGREJA E CONVENTO DE S. FRANCISCO

I

Dos grandes monumentos disse um grande escriptor que representam não tanto o sentir individual dos architectos, como as idéas sociaes das epochas em que foram construidos.

Reflectem, com effeito, as artes o espirito da civilisação que as sustenta e promove; e a cada uma de suas partes integrantes, a cada povo ou sociedade traduzem-lhe o principal caracter, a feição proeminente por que mais se distingue. Assim é que nos edificios monasticos se desenham os genios das religiões que os fundaram; as indoles das communidades que por longos seculos encheram de seus canticos os templos, ora silenciosos e desertos; os pensamentos que os monges herdavam aos que lhes sobreviviam, como as cellas que se vão desmoronando em lamentaveis ruinas.

Deixaram os jesuitas em muitas fabricas a vastidão de suas ambições e a pouca luz de seus systemas. Os dominicos esculpiram no marmore signaes manifestos do esmero e do gosto com que se applicavam ao

estudo das letras e á cultura das artes. Os franciscanos, em fim, pozeram em suas construcções a austeridade da primitiva regra de Assiz; e se, por mercê de reis e poderosos, n'algumas chegaram a ostentar grandezas, nunca de todo lhes escureceram estas aquelle originario attributo.

Taes são as reflexões que nos occorrem quando contemplâmos a egreja de S. Francisco em Evora, e attendemos como n'ella a magestosa grandeza e a simplicidade extrema se alliam em admiravel concordancia, não só no exterior, nos arcos esguios e elegantes do portal, nas fachadas erguidas sem outros ornatos mais que as ameias e coruchéos, senão tambem no interior, na franca amplidão do templo, e na maravilhosa altura em que a abobada se estriba sobre delgadas paredes.

Suscitam-se-nos, porém, aqui outras idéas. O espirito, cedendo ao magico influxo da escassa luz coada através dos vidros das frestas, deixa-se enlevar em profunda meditação, e, evocando memorias do passado, povôa a tribuna, o côro e a nave de nobres figuras de reis; de graciosas damas e gentis cavalleiros adornados das luzidas galas da corte; de graves e austeros frades vestidos de borel e cingidos de esparto; e do bom povo, simples e devoto, n'aquelles trajos singelos que se perderam com o crer e sentir dos tempos que foram. Dão assumpto a longo phantasiar as muitas e interessantes tradições que de geração em geração chegaram até ao presente.

II

Não se sabe ao certo o anno da fundação do convento de Evora. Indicam vagamente os escriptores da ordem a data de 1224, que, por falta de memorias authenticas, nem se prova, nem se contesta. O documento mais antigo de que temos noticia é uma doação feita aos religiosos em 1245 [1].

Anda em tradição que, sendo ainda vivo o patriarcha S. Francisco, sairam tres religiosos dos conventos da Galliza, da mesma sorte que, pouco tempo antes, em 1217, tinham vindo de Italia fr. Gualter e fr. Zacharias, e que, assim como estes fundaram os conventos de Lisboa e Guimarães, e talvez outros das provincias do norte, instituiram aquelles a casa de Evora, a primeira, segundo a mesma tradição, d'entre Tejo e Guadiana.

Fóra do templo, entre a capella dos ossos e a casa do capitulo, está uma urna grande de marmore, e n'ella a seguinte inscripção com as datas da fundação do convento e da trasladação dos ossos dos fundadores.

Christiferi quondam veniunt tria pignora Patris
Galleci patria, surgit et ista domus,
Igneus hinc fervor Francisci impleverat illos,
Tanti ignis cineres claudit uterque lapis.
1629, *et venére* 1224.

Esta inscripção resolveria todas as dúvidas se não fosse tão recente, e se um dos chronistas de S. Francisco, pretendendo auctorisal-a, não deixasse boas provas da nenhuma fé que merece. Eis aqui em poucas palavras a lenda referida por fr. Jeronymo de Belem. Fallecidos os fundadores, foram enterrados no cemiterio commum do convento, e como seus restos estivessem ahi expostos a continuos piedosos furtos, pela grande devoção em que os tinham os fieis, assentaram os religiosos trasladal-os para o claustro, onde occultamente os depositaram n'uma parede. Com o decurso dos annos se perdeu a memoria do sitio; e querendo descobril-o em 1629 o guardião do convento, fr. Diogo de Monroy, mandou cantar uma missa a Santo Antonio, com sermão analogo ao que pretendia; e em meio d'ella, e sendo grande o concurso do povo na egreja, caiu por si, na capella d'aquelle santo, a parede que entesta com o claustro, e deixou patentes os ossos dos fundadores.

O jesuita Manuel Fialho, no seu vasto repositorio de noticias contestaveis, que intitulou *Evora illustrada*, e exta na bibliotheca d'esta cidade em quatro volumes manuscriptos, referiu tambem o mesmo milagroso successo. Accrescentou, entretanto, não sabemos se ingenuamente, se para que os franciscanos se não rissem d'elle, que não era para admirar o arrombamento da parede, fazendo Santo Antonio tantos milagres de arromba.

No mesmo anno de 1629 se collocaram os ossos dentro da urna que hoje os guardam, em certo logar do claustro, e d'ahi foram mudados em 1647, por devoção particular do bispo de Fez, D. Bernardino de Santo Antonio, para uma capella da egreja. Ignorâmos a epocha em que acertadamente os removeram do templo para o sitio onde se conservam.

(Continúa) A. Filippe Simões.

[1] Allegada por fr. Jeronymo de Belem na *Chronica Seraphica*, parte I, pag. 28.

A LAPONIA

(Conclusão. Vid. pag. 7)

A fauna da Laponia não é tão pobre como a sua flora. As ordens mais importantes do reino animal, e particularmente da classe dos mammiferos, acham-se alli representadas por especies não menos dignas de attenção que as que povoam as regiões selvagens da zona torrida e da zona temperada. Mencionaremos, entre outras, as seguintes: boi almiscarado *(ovibos moschatus)*, animal intermediario entre o boi e o carneiro, mais pequeno que o primeiro e maior que o segundo, devendo o seu nome ao cheiro de almiscar que exhala e de que está impregnada a sua carne; o alce ou grã-besta [1]; o veado; o rangifer ou renno, representado na gravura a pag. 8; o urso branco; o lobo; o lemmingo; a raposa azul; a marta; o furão; a herminia; a harda; o lagoumy; a lebre; a lontra; o castor; o glutão; a phoca; a morsa, etc. É pequeno o numero de reptis, pois que poucas especies podem resistir ás grossas camadas de gelo que cobrem a terra na maior parte do anno. A mesma causa afugenta as aves d'aquella região. As principaes especies que alli abundam pertencem á classe dos palmipedes.

Raros animaes domesticos da Europa meridional podem supportar o clima da Laponia. Os bois, vaccas e carneiros foram alli introduzidos ha seculos, e, graças aos cuidados com que os lavradores os tratam, resistem á intemperie das estações. Porém o rigor do frio despoja os bois das suas armas passado pouco tempo depois que ellas chegam ao seu estado de completo desenvolvimento. As vaccas, qualquer que seja a côr que lhes tinja o pello ao nascer, tornam-se alvas como esse manto de neve com que a natureza envolve a Laponia n'aquelles invernos interminaveis. Sómente o carneiro conserva os caracteres da sua raça, sem dúvida porque lhe serve de egide a espessa lã de que se veste.

Por effeito d'aquella sábia lei das compensações com que a Providencia acode á humanidade nos paizes onde menos parece favorecel-a, o rangifer ou renno é para os lapões o que o camelo é para os arabes do deserto. Empregam-n'o na lavoira; applicam-n'o ao transporte de passageiros e de generos, mettendo-o a uma especie de carro sem rodas chamado trenó; bebem-lhe o leite; comem-lhe a carne; vestem-se com a sua pelle, e aproveitam-lhe as armas para o fabrico de diversidade de utensilios domesticos [2].

[1] Vid. pag. 208 do vol. x.
[2] Vid. pag. 397 e 398 do vol. III.

Depois do rangifer é o cão, talvez, o animal mais util aos lapões, pois que tambem o empregam na conducção de passageiros e de generos. Para este fim é conduzido o trenó por dois, quatro ou mais cães, conforme o peso que devem transportar e segundo a distancia que tem a percorrer.

Os lapões, aos quaes todos os povos scandinavos dão o nome de *finn*, eram denominados *lappes* no seculo XII. Nos annaes da Russia são chamados *lapones*.

Representae um homem com metro e meio de altura, membrudo mais que o pede a boa proporção, rosto largo, faces encovadas, olhos pardos, mais pequenos que grandes, nariz e boca regulares, barba pouco espessa e desegual, cabello preto e grosso, pelle amarellada e ennegrecida pelo fumo, e assim completareis o retrato de um filho da Laponia.

Os viajantes que tem visitado este paiz descrevem o caracter dos lapões com as seguintes phrases, nada lisonjeiras: São desconfiados, egoistas, avarentos, astuciosos, servis, deshumanos, sem affeições de familia, deixando-se, em fim, arrebatar das paixões que facilmente os dominam. Dá-se como causa de tão abominavel caracter, primeiramente o culto supersticioso e sem moral que este povo seguia até ao principio do seculo actual, em que a luz do christianismo começou a dissipar as trevas da ignorancia em que tem vivido; em segundo logar, a falta quasi absoluta de trato com gente civilisada, entretendo apenas relações com maritimos rusticos e grosseiros, e com commerciantes ávidos e pouco lisos em seus negocios; e, finalmente, o uso immoderado da aguardente. Todas estas causas tem, pois, concorrido, a seu turno, para a depravação da indole e para a corrupção dos costumes d'aquelle povo.

Agil, vigoroso e robusto, o lapão tem habitos de actividade: não recúa facilmente diante dos obstaculos; e soffre com singular resignação e paciencia as privações, os rigores do tempo e os azares da fortuna. Não costuma sair do seu paiz, mas dentro d'elle faz longas e penosas viagens, quer a pé ou nos trenós, quer embarcado, navegando em frageis lenhos nos seus lagos e rios. Não viaja, todavia, por simples divertimento ou curiosidade, mas sim para adquirir meios de subsistencia, ora indo á caça ou á pesca, ora ao córte de madeiras nas florestas das montanhas. Aquelle que se considera rico, e tanto mais o será quanto maior for o rebanho de rangiferos que possuir, raras vezes deixa os seus lares ou as visinhanças d'elles. Trabalha o lapão mais no estio que no inverno, porque, além de se accumularem n'esse breve periodo do anno todas as lides da lavoira, precisa tambem aproveital-o para fazer o seu fornecimento de peixe e de caça para se alimentar e á sua familia durante a longa estação invernosa, em que os gelos escondem os peixes e afugentam a maior parte das aves para as regiões menos frias. Conserva taes provisões seccando-as ao fumeiro. Esta pratica, o muito uso que faz do fogo para se aquecer e resistir melhor á intensidade do frio, e tambem a fórma e disposição da sua habitação, que é conica, sem janellas e com uma unica porta, tendo na parte superior do tecto uma abertura para dar saída ao fumo, de que está quasi sempre cheia, tudo isto concorre para lhe ennegrecer a pelle, como acima observámos.

O idioma dos lapões é um dialecto da antiga linguagem do paiz, corrompida, e mesclada de allemão e de hungaro.

O ramo mais importante do commercio de exportação da Laponia consiste em pelles de diversos animaes, taes como a marta, a lontra, o castor, o rangifer, etc. Das duas primeiras faz-se um commercio importante, tanto pela quantidade das pelles que se exportam, como pelo subido apreço e alto valor que lhes dão na Europa e na Asia.

A Laponia pertence parte á Suecia e parte á Russia. Pelos ultimos tratados celebrados entre estas duas potencias ficou possuindo a segunda dois terços d'aquelle paiz. Na Laponia russa está a cidade de Arkangel, situada junto da foz do rio Dvina. É a capital d'esta possessão da Russia, e, apesar de se achar descaída da sua primitiva florescencia, ainda hoje é a principal cidade de toda a Laponia, e o centro do commercio externo das regiões septentrionaes.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

I

HISTORIA DE UM ROUXINOL

(Vid. pag. 3)

VIII

Aqui parou um instante. Estava como transfigurado pela inspiração e pela colera. A sua estatura parecia ter crescido o dobro. O outro não respondia; tinha-se encolhido de envergonhado sobre o ramo, e fitava os olhos pretos cheios de ira no terrivel adversario. Vendo-o parar, quiz replicar-lhe, mas o captivo interrompeu-o logo com uma aria, estridente de indignação, brilhante de movimento e de rythmo, e admiravel pela correcção e pelo sentimento.

IX

«Este infame (dizia o preso), que me rouba e insulta através das grades da minha prisão, atreve-se tambem a interromper os meus sublimes cantos?! Emmudece, ó louco, e sabe que a minha voz tem alegrado cinco primaveras e quatro outonos, em quanto que tu entras apenas no segundo anno de uma existencia ingloriosa! Eu tenho visto muitas vezes o homem suspender o seu rude labor para escutar-me, e a mulher, attrahida pelos meus gorgeios, ir procurar, debaixo dos arvoredos onde me ouvia, os mysteriosos sonhos do amor e da felicidade. Calavam-se todas as aves, commovidas com a melancolia das minhas saudosas endechas; as aguas applaudiam-me rolando entre as quebradas; e a lua enternecia-se a tal ponto com a historia das minhas tristezas, que muitas vezes o seu pranto me orvalhava as pennas, e eu via ao romper da aurora as arvores e as flores cobertas das suas lagrimas! Tenho inspirado em milhares de corações a alegria, a magua, a paixão, a saudade, o desejo, o arrependimento, e o gozo infinito de prazeres desconhecidos. Tenho cantado, de envolta com os meus amores, os amores das plantas e dos rios, das aves e dos homens, dos astros e dos anjos. Os meus poemas comprehendem o Genesis e o diluvio, a vida e a morte, o passado e as aspirações do futuro, a terra e o ceo. Desde o Colibri até Deus tudo tenho exaltado e commovido com a poesia de meus sonoros hymnos, enchendo de saudades tudo que foi, de tristezas tudo que é, de dúvidas tudo que ha de ser. Quando os echos da minha voz percorrem os ares diz-me tudo quanto me rodeia que eu me chamo gloria, maravilha, prodigio. — E tu quem és?»

X

Esta ultima estrophe foi cantada em trillos precipitados, brilhantes e rapidos, articulados com força e paixão.

O inspirado vate tinha na voz um riso diabolico quando concluiu com a terrivel pergunta ao seu adversario: «E tu quem és?» Depois de lhe ouvir tão gloriosos feitos, que poderia responder o outro desgraçado?

Bateu as azas, piou lugubremente, e afastou-se, corrido e humilhado, para o mais escuro da ramada. A amante chilreou tambem de envergonhada, e veiu, saltando de ramo em ramo, poisar novamente ao pé da gaiola. O captivo soltou um grito, grito de indignação e ao mesmo tempo de triumpho. Dir-se-hia que se representava entre os salgueiros o *Barbeiro de Sevilha*, o *Atila* ou qualquer outra opera dos rouxinoes. Tem-se cantado muitas vezes no theatro de S. Carlos palavras arranjadas em musica absolutamente similhantes ás que alli soltou o affrontado esposo; se havia differença era toda a favor do rouxinol, que exprimia os seus sentimentos com maior verdade e cantava com mais afinação do que os tenores.

XI

«Esta perfida (cantou elle) torna ainda a provocar as minhas iras! Segue, segue o teu novo amador, esse bastardo deshonrado, que sobreviveu á vergonha de ter escarnecido um triste prisioneiro. Segue-o! E em quanto chocares os ovos da prole adulterina, dize-lhe que te cante as mascavadas trovas estrangeiras com que pretende mesclar o canto nacional de philomela, ou que te refira o modo vergonhoso por que fugiu quando eu lancei na corrente d'este mesmo rio as pennas que o meu bico lhe arrancou do peito desleal.»

XII

A femea carpiu-se aqui tão sentidamente, que tivemos piedade d'ella. O rouxinol proseguiu:

«Por que ficas? Não vês que o traidor já partiu? que se ausentou sem te esperar... que... quem sabe? quem sabe se começa já o teu castigo? — que te deixou por não querer sua altivez abatida na tua presença? *Ah! por que não posso odiar-te? infiel, eu ainda te amo!*»

Este admiravel trecho, estropiado outr'ora pelo inglez Swift, extasiou-nos. Que vocalisação, que fogo, que extensão de voz! Como a alma se revelava no canto, ardente e apaixonada! A misera esposa respondia com dolorosos gritos: «Perdão! perdão!»

XIII

O rouxinol, tal qual como Carlos V no *Hernani*, cantou: «*Perdono a tutti!* Sim, perdôo-te, porque a minha vida chega ao seu termo. O triste captiveiro em que me acho, os desgostos que hoje me affligiram e os esforços que fiz para dominar a minha raiva esgotaram-me as forças. Assiste, pois, á minha morte, e vangloria-te porque morro cantando.

«Tudo é silencio ao longe e ao perto; só a minha voz retine gloriosa no espaço. Os musculos da minha larynge foram já mais rijos que os de qualquer outra creatura; mas agora vão afrouxando, encolhidos pelo cançaço da vida. A cotovia e o cochicho, o tentilhão e o canario, a pintarroxa e a toutinegra, o pintasilgo e o melro, todos aprendiam commigo, emmudeciam todos quando os meus gorgeios, variados e languidos, enchiam a natureza de voluptuosidade. Que elles cantem na minha morte, se nos seus corações ha sensibilidade para as grandes desventuras!

«Adeus, frescas e formosas auroras de abril! adeus, noites serenas e perfumadas do florido maio! Não mais ouvireis minhas languidas endechas, que faziam palpitar os mais duros corações! Estrellas das celestiaes campinas, prateados campos por onde discorre a lua enamorada, tapetes florentes do saudoso Mondego, florestas sombrias onde não entra a tempestade, roseiras da fonte pura onde se aninhou a minha longa felicidade, salgueiros que me tornastes credulo e confiado, creaturas humanas que tão deslealmente me enganastes e perdestes! adeus todos! para sempre adeus! Eu a todos amava e por todos cantava! A ninguem causava damno a minha innocente liberdade; fiei-me dos homens, escravisaram-me e mataram-me! Quando elles são assim para os passarinhos, como serão para os outros entes?»

XIV

Enterneci-me de ouvil-o; olhei para Thereza e vi que lhe corriam as lagrimas em fio.

— Soltemol-o, exclamei eu.

— Um instante; espera ainda um instante!

A avezinha proseguiu n'uma torrente de harmonias, de suaves tristezas e de mysteriosos delirios, que eu já não entendia. Pouco a pouco os ramos do arvoredo cobriram-se de passarinhos de varias especies, attrahidos pelos sons maviosos e extraordinarios. O proprio rival se aproximou humilde, arrependido e pasmado das maravilhas que escutava. Os hymnos proseguiam cada vez mais precipitados, mais variados, mais repassados de profundas e dolorosas maguas. Todas as avezinhas olhavam assombradas para o cantor, como perguntando-lhe que vagas desgraças annunciava, que terriveis e incognitos presagios lia no futuro. Repentinamente, depois de uma nota mais alta e prolongada, baixou a uma melodia doce, interrompida com pequenas pausas, como seria talvez o delirio de Mozart ou de Beethoven moribundos, e caíu para o lado.

Precipitámo-nos para a gaiola; Thereza abriu-a, pegou no rouxinol, que afagou e acariciou contra o seio. Vãos esforços! o poeta cantára o seu ultimo canto!

XV

Os ramos despovoaram-se; todos os ouvintes fugiram aterrados, menos a leviana companheira do morto, que testimunhava no seu dorido carpir a resolução de expiar breve a falta commettida. Tres dias alli andou a gemer de ramo em ramo; ao quarto caíu sem vida na corrente que a levou.

Thereza não se consolou jámais. Chorou durante oito mezes; e quando as arvores despiram as folhas, expirou, sentada no mesmo sitio onde tinha apanhado o rouxinol, depois de me ter feito jurar que, por muito que me durasse a vida, nunca mais roubaria a liberdade aos passarinhos.

F. GOMES DE AMORIM.

ORIGEM, ENGRANDECIMENTO E DECADENCIA DA CIDADE DE VENEZA

No seculo V da era christã viam-se no ponto extremo do mar Adriatico, a uns 8 kilometros de distancia do continente, uma infinidade de ilhas, ou cabeças sêccas, aridas e pouco elevadas acima da superficie das aguas. Não se ornavam com as galas da vegetação. A monotonia do seu solo arenoso era quebrada apenas por algumas cabanas, mesquinha habitação de pobres pescadores, e, de vez em quando, pelas suas redes estendidas ao longo das praias.

Um grande e terrivel acontecimento, verdadeiro cataclismo na vida das nações, que assolou a Italia, destruindo pelos fundamentos a civilisação que se irradiava de Roma, como brilhante foco de luz, para todo o orbe antigo, povoou e deu animação áquellas ilhas miseraveis. A invasão dos povos septentrionaes, que derrubaram o throno dos Cesares, varrendo a Italia e mais provincias do imperio com o açoite da sua barbara vingança, espalhou por toda a parte tal horror e consternação, que centenares de familias, habitantes das margens do Adriatico, abandonaram seus lares, e, levando o mais preciso do seu movel, foram pro-

curar refugio no asylo d'aquelles miseraveis pescadores.

Serviram-lhes de baluartes as aguas do mar. As hordas de Atila e de Theodorico, embora sedentas de sangue e de pilhagem, não ousaram transpor esses fossos naturaes, unica defensa e derradeira esperança de salvação dos tristes foragidos. Estes cuidaram logo de construir barracas para sua accommodação, e depois, levados da necessidade da manutenção da ordem, escolheram d'entre si quem os governasse, sob a denominação de *tribunos*. Uma d'aquellas ilhas, chamada *Rialto*, tornou-se em breve séde de um governo regular.

As toscas barracas de madeira e as palhoças dos pescadores pouco a pouco se foram transformando em casas de construcção mais solida. A povoação foi crescendo e opulentando-se pelo amor do trabalho e pelo poder da industria. E os tribunos, ao cabo de duzentos annos, trocaram o seu nome humilde pelo titulo pomposo de duque ou doge.



Um dos canaes de Veneza e o palacio Ferro

Correram os tempos, e prospera correu a fortuna para o novel estado. Em hora boa empunharam armas seus filhos, ao principio buscando aventuras entre os azares da guerra, depois procurando dilatar as fronteiras que tanto os apertavam. Foi-lhes propicia a sorte. Victorias successivas lhes enramaram as frontes de loiros, que novos triumphos conservaram sempre virentes.

O doge, investido dos attributos e prerogativas da soberania, imperou alfim como senhor em toda a extensão do Adriatico, tendo já firmado o seu dominio em terras do continente. E sobre as ilhotas areentas, que outr'ora deram guarida aos que fugiam ao furor dos barbaros do Norte, ergueu-se uma cidade populosa, rica, magnifica, soberba com o esplendor dos seus templos e palacios de marmore, e com as riquezas vasadas em seu regaço pelo commercio da Asia e da Africa, de que se tornou o principal emporio.

Passados dez seculos depois que os proscriptos de Rialto fundaram o seu governo patriarchal, esse pe-

queno estado, que nascêra humilde no meio das aguas do Adriatico, agora engrandecido com as provincias de Istria, Treviso, Vicencia, Feltrino, Belluno, Frioul, Dalmacia, Padua, Polesina, Bergamo, Brescia, ilhas de Cypre e Candia no archipelago da Moréa, Negroponte, Zante, Cephalonia, S. Mauro, Corfú e parte da costa da Albania, avultava entre as primeiras potencias da Europa. Filho do mar, sujeitava ao seu tridente as ondas do Mediterraneo. E, impellido por seu espirito cavalleiroso, estendia o seu nome, respeitado e temido, por toda a parte onde levava o estandarte com o leão de S. Marcos, que havia tomado como emblema da sua existencia e como guia nas suas emprezas.

Não se emprehendia guerra, por assim dizer, n'esta velha parte do mundo, sem que fosse solicitado o auxilio, ou, pelo menos, a neutralidade do doge. As mais poderosas nações requestavam a sua amizade e alliança com o mesmo empenho e fervor com que o apaixonado mancebo supplica á dama dos seus pensamentos um olhar de ternura e de esperança. Em fim, varios monarchas se honraram indo receber a hospitalidade dos doges, e alguns dos que mais brilharam na scena do mundo pela vastidão dos seus dominios, pela grandeza do seu poder e pelo prestigio da gloria militar, vencidos pelos valorosos descendentes dos proscriptos de Rialto, viram-se forçados a dobrar a cerviz orgulhosa ante o altivo chefe da republica do Adriatico.

Tal foi a origem da cidade de Veneza e da republica do mesmo nome. Poucos imperios viram dilatarem-se a sua grandeza e poder por tão longa serie de annos. Raros potentados da terra desfructaram por tantos seculos os favores da fortuna, os esplendores da riqueza e as alegrias da prosperidade.

A cidade, assentada em sessenta ilhas pequenas, cortada por innumeraveis canaes, cujas margens se communicam por mais de quinhentas pontes de pedra, parece obra de poder sobrenatural, que a um aceno a fez surgir do fundo do mar, radiante de formosura, rica de monumentos, esplendida de galas e primores artisticos, illuminada pelo brilhante reflexo de tradições gloriosas, e cercada, em fim, pela mais luzente aureola de poesia. Nascida entre as ondas, por ellas embalada em seu berço de cristal, a ellas devendo o seu engrandecimento, a sua opulencia, a sua coroa de rainha, julgar-se-hia fadada para empunhar o sceptro dos mares até á consummação dos seculos!

A republica, fundada em uma constituição sabiamente elaborada para lhe dar força e duração; firmada em uma organisação social vigorosa; fortalecida pela rigidez e simplicidade dos costumes publicos, pelos habitos do trabalho, pelo amor da patria e mais virtudes civicas, presumir-se-hia, no correr do seculo xv, egualmente fadada para resistir em todos os tempos a quaesquer inimigos, para zombar da sorte que tem prostrado os maiores imperios do universo!

Porém toda essa grandeza e gloria caducaram e feneceram, como obra que era dos homens. Vasco da Gama, rasgando o véo que encobria o caminho da India, e el-rei D. Manuel, estabelecendo as relações commerciaes de Portugal com o Oriente, deram o primeiro golpe no coração da poderosa republica. Lisboa em breve arrancou das mãos de Veneza o commercio da Asia; e desde esse momento principiou a fortuna a voltar as costas á cidade dos doges.

Ferido profundamente o mais importante ramo da industria que alimentava a nação e locupletava os cofres do estado, não tardaram a manifestarem-se os symptomas do definhamento que pouco a pouco se foi apossando do corpo social, até que Napoleão Bonaparte, victorioso em toda a Italia, riscou do mappa da Europa a grande republica de Veneza, ao cabo de mais de treze seculos de uma existencia gloriosissima!

O vencedor entregou á Austria, em troca de outros favores, o territorio da extincta republica, a esse tempo mui limitado; e o imperador Francisco I, unindo-o á Lombardia, creou o reino lombardo-veneziano.

No fim de mais de sessenta annos de captiveiro, raiou para Veneza a aurora da liberdade. A aguia austriaca, vencida em Sadowa pela aguia prussiana, deixou cair das garras entre as mãos de Napoleão III os estados de Veneza, que este soberano se apressou em entregar ao rei de Italia, Victor Manuel.

A cidade de Veneza vê hoje despedaçados os grilhões que a opprimiram, mas os effeitos de tão dura oppressão ainda pesam sobre ella; ainda mostra na fronte os signaes indeleveis de seus longos padecimentos. O magnifico palacio dos doges; a sumptuosa cathedral de S. Marcos, e muitos outros templos de cúpulas magestosas; o famoso arsenal; os palacios que bordam os canaes, ostentando em suas fachadas de marmore toda a pompa e poesia dos estilos arabe, gothico e do renascimento, são padrões que commemoram o immenso poderio da republica, e o lustre e fasto de outr'ora da cidade. Porém, no palacio dos doges, só os passos de algum viajante curioso lhe vem de vez em quando acordar os echos. Não resoam nas abobadas dos templos os canticos sagrados pelas victorias das armas venezianas. Está ermo o arsenal d'onde saíam continuamente temerosas armadas. Alguns palacios ameaçam proxima ruina. Outros, que antigamente a miude pernoitavam em festas grandiosas, agora desertos, offerecem, no silencio em que jazem, a imagem do sepulchro. Nas ruas, nas praças, nos caes, não se accumula a multidão, como no tempo em que a cidade contava mais de duzentas mil almas, em vez de oitenta mil que hoje encerra. Nos canaes não giram, como d'antes, milhares de gondolas. Em fim, com a perda das riquezas fugiram-lhe, e ainda não voltaram, a animação, o bulicio, a alegria, companheiros inseparaveis da prosperidade.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O WALI DE SANTAREM

(Vid. pag. 6)

....

....

Como o Tejo lá corre em baixo limpido e susurrante, reflectindo nas suas aguas a casaria branca da arabe Chantarin, e espelhando a muralha rugosa da alcaçova erguida no pincaro da sua montanha! Debruçando-se das ameias do velho castello moirisco, quem não sentiria uma suave sensação, de todo estranha aos agros jubilos da guerra, vendo espraiarem-se ao longe pela margem do Tejo tantos vergeis opulentos, tantas campinas verdes, tantas searas loirejantes, que ondeiam e se acamam, como um vasto mar de espigas de oiro, ao sôpro da fresca brisa do sul. E que doces pensamentos de voluptuosidade suave e encantadora não inspira tambem essa longa fita azul do rio que vae deslisando caminho de Lisboa, embalando no seio a barca indolente do pescador mosarabe, que parece ir dormindo á sombra da vela triangular, como um passarinho á sombra da aza branca! E o sol ri no ceo tambem azul e sem mancha, e as gaivotas pairam sobre o rio descrevendo no ar os seus graciosos circulos, e ao longe ouve-se uma vaga toada de cantiga de barqueiro, e do lado da terra vem como que n'uma bafagem a cantilena monotona do lavrador guiando os bois melancolicos e vagarosos! Quem pensaria em guerra e em combates no seio d'essa natureza pacifica e fecunda, debaixo d'esse ceo tão luminoso, á beira d'esse rio palreiro!

Pois eram os pensamentos de guerra e de comba-

tes os que pairavam sobre essa paizagem tranquilla, porque nos muros de Santarem tremulava ainda a meia-lua musulmana, e além, ao norte, no seio dos sombrios retiros de Coimbra, o terrivel Ibn-Errik, por algum tempo adormecido nos braços de sua joven esposa, Mafalda de Maurianna e Saboya, começava a espreitar com olhos cobiçosos a formosa filha dos arabes.

Estamos em 1147, e o Al-Gharb da Hespanha vê-se, mais do que nunca, dilacerado pelas discordias civis dos seus possuidores. Entre almoravides e almohades está-se travando a lucta mortifera, e os walis da Hespanha, desconfiados uns dos outros, rasgam por todos os lados a tunica sumptuosa do Andaluz. Aqui no occidente tres walis principaes formam entre si uma alliança que lhes assegure a independencia, o wali de Mertola, o de Badajoz e o de Silves; o ultimo heroico defensor da dynastia almoravide, Ibn-Ganyah, semeia, para os dominar, entre elles a discordia. O wali de Mertola, Ibn-Kasi, alvo da desconfiança dos seus dois alliados, chama para o salvar o mais terrivel inimigo dos musulmanos, Affonso Henriques. Depois invoca o auxilio do emir almohade de Africa, e este, que ainda não veiu estabelecer o seu dominio em Hespanha, acceita o representante que se lhe offerece. Assim como Ibn-Ganyah, o wali de Valencia, é o ultimo chefe almoravide, é Ibn-Kasi o primeiro chefe almohade. De um lado e de outro se enfileiram os walis do Andaluz; só Abu-Zakaria, o wali de Santarem, olhando com desprezo profundo para todas estas discordias, immovel no seu posto de combate, espreita ancioso a tempestade que se accumula ao norte, e do seu ninho de fraguedos sae, como a aguia que não teme o raio, a pairar sobre as campinas dos christãos.

É uma tarde de primavera, pura e suave. A brisa enruga levemente as aguas do rio; as atalayas moiriscas velam indolentes nas guaritas da forte alcaçova. Dentro da fortaleza ergue-se o palacio do wali, rodeado de jardins pequenos, mas deleitosos, que penduram os seus canteiros de flores, como taboleiros aéreos na rocha alcantilada, sobre o rio murmurante. Pequenos são, dissemos, mas alli como que em miniatura se reflectem todos os esplendores dos maravilhosos jardins de Kordova; alli, entre os bosquesinhos frondosos, brilham na sombra as limpidas aguas de pequenos lagos; alli se encontram as thermas de abobada estrellada, por onde se insinuam frouxos raios do sol, que derramam luz suavissima n'esses asylos da voluptuosidade. No meio dos jardins um pavilhão, a cuja porta uma estatua de pórfido, lavrada por mãos de artista primoroso, representa a imagem do silencio. No centro d'esse pavilhão, onde ainda talvez cheguemos a penetrar, ouve-se cá de fóra o murmurio delicioso da agua batendo n'uma bacia de marmore, som argentino que espalha em torno de si uma doce sensação de frescura.

Era esse o retiro predilecto de Zuleyma, a filha querida do velho wali de Santarem, Abu-Zakaria.

A esta hora em que a tarde vae declinando, em que as vastas sombras do arvoredo se prolongam até ondearem lá em baixo na corrente palreira do rio, Zuleyma não está no pavilhão predilecto. Sentada á beira do terraço que domina o Tejo, contempla com tristeza uma arvore estranha que vegeta debilmente junto d'ella. É uma palmeira. A filha do wali teve o capricho de transplantar para a sua nova patria a arvore das regiões do sol, onde teve a sua raça o berço. Mas a verdejante filha d'essas terras abrazadas não póde vingar n'este solo mais frio do occidente: pediu debalde á brisa o calido bafejo, ao ceo a chamma abrazadora dos seus raios, e, privada d'essas caricias ferventes, feneceu em breve, estendendo apenas, como braços enfezados, os seus ramos murchos sobre o frescor do rio.

Zuleyma tem entre os dedos a harpa melodiosa. Contempla tristemente, ora a palmeira rachitica, ora as vastas campinas verdes que se desenrolam aos pés do alcaçar, e onde a luz alterna com as sombras, que augmentam a cada instante. Envolta no véo estrellado, com as tranças negras apanhadas na coifa moirisca, a fronte cingida por uma faxa de perolas, a formosa filha do wali parece verdadeiramente uma das fadas que os contos arabes devaneiam fluctuando na transparente nebrina da tarde. No rosto levemente moreno scintillam com melancolico fulgor os seus rasgados olhos negros. Volta-os de novo para o rio, e com tristeza o contempla; para a vela branca do barco de pescador que voga em direcção a Lisboa, e a sua alma parece querer seguir-lhe a espumea esteira; crava-os na arvore enfezada, e, sentindo lagrimas involuntarias escorrerem-lhe nas faces, empunha a harpa de oiro, e canta com voz melancolica estas sentidas endechas, compostas por Abd-er-Rahman I, o fundador da dynastia ommyada na Hespanha arabe, tambem por elle desmembrada da monarchia dos kalifas orientaes:

Tambem tu, insigne palma,
'stás sendo aqui forasteira;
beija-te os ramos do Algarve
a brisa doce e ligeira.

Lançando fundas raizes
n'este fecundo terreno,
ergues a copa frondosa
ao firmamento sereno.

Tristes lagrimas choráras
se como eu sentir podesses...

—E d'esta vez adivinhou o real poeta, acudiu uma voz junto d'ella. Que motivo ignoto desfiou esse collar de perolas nas tuas faces, rosa? Foi o calor da tua phantasia que dissolveu a faxa que te cinge a fronte, ou a minha querida Zuleyma esconde a seu pae alguma tristeza profunda?

—Meu pae! dissera a gentil Zuleyma apenas sentíra a voz do wali.

Era um formoso velho de longas barbas brancas, a cujo porte magestoso davam realce ainda as amplas vestes musulmanas.

—Meu pae, continuou Zuleyma, nada tenho que me afflija; mas, vendo essa triste palmeira sem poder viçar ao sópro d'estas brisas tão suaves, impressionou-me tristemente o contraste que fazia com os versos do sublime e potente emir. Nada mais.

—Enganou-se em tudo, respondeu com grave e melancolico aspecto o venerando velho, enganou-se em tudo o heroico filho dos Merûan. Era forasteira a palma, e nós forasteiros somos. A terra da Hespanha, que estremecemos tanto, repelle as arvores e os filhos do deserto. Ó Andaluz viçoso, ó terra de esmeraldas, captiva graciosa e meiga, não te adornou de bastantes pompas a mão dos teus emires, não recamou de palacios de oiro e marmore, de mesquitas maravilhosas, de soberbas aljamas, o teu solo que a natureza opulentou? E, desdenhando até os preceitos do propheta, não desprezámos a nossa missão religiosa, não respeitámos as crenças de teus filhos, não os fizemos sentar ao nosso lado no banquete da hospitalidade? Por que assim nos foges então, sultana favorita; para te ires entregar nos braços d'esses homens de ferro, selvagens e rudes, que só brutalisar-te sabem? Ah! triste palmeira foragida, murchou como as tuas folhas a nossa prosperidade, e o nosso dominio está prestes a baquear como o teu carcomido tronco.

E o wali deixou descair na mão a sua larga fronte, e pelas barbas alvas de neve viu-se deslisar uma lagrima. Zuleyma aproximou-se d'elle tristemente, e poisou-lhe ao de leve a mão no hombro:

— Já as tristezas fugiram, como foge a noite quando raia a aurora, disse elle sentindo-a. E tu és a aurora que derrama sempre um raio de luz nas sombras do meu crepusculo; és a primavera que me acalenta o outono, a rosa fragrante que povôa de aromas, o rouxinol que povôa de melodias a minha sombria e deserta alcaçova. És a perola cuja rosea transparencia encontro sempre a consolar-me quando desço ao fundo dos abysmos de tristeza em que estes pensamentos me mergulham. Ai, rosa pura! nunca te arranque o temporal do teu canteiro abrigado. Ai, perola nacarada! nunca a tempestade revolva as aguas do teu leito.

Ella sorriu-se para elle com um sorriso angelico.

— Não ha perigo, disse, que o vendaval derrube o ninho alpestre das aguias, pelo menos quando é desencadeado pelas mãos dos homens. A vaga irritada dos cavalleiros nazarenos vem bater já sem forças nas muralhas da alcaçova de Santarem; e a nuvem de pó que levantam na investida os pés dos seus ginetes dissipa-se com um sôpro quando resôa no adarve das torres o grito de guerra de Abu-Zakaria, a aguia do Al-Gharb do Andaluz.

A fronte do wali ergueu-se resplandecente de orgulho.

— Ah! não temo os christãos. Posso tambem dizer, como o emir Al-Hakem, que vi fazerem-se os montes em valles quando lhes trepava ao cume, humilharem-se os mais audaciosos entre os chefes nazarenos ao verem resplandecer entre as sombras da noite, como luminosas estrellas, as cotas dos soldados das minhas tropas. Mas, estrella da minha vida, o que me dilacera o coração é ver assim humilhado o imperio dos Beni-Merûan; é ver este imperio poderoso e tranquillo, em vez de dar, como d'antes, á Europa o exemplo da civilisação, dar-lhe o exemplo da selvageria. Os cultos walis do Andaluz são os primeiros a escolherem por dominadores os rudes bereberes, quer sejam os de Lamtuna, quer sejam os sectarios de Abdallah! Outr'ora o Maghreb era escravo dos poderosos kalifas de Kordova, e Abd-er-Rahman Annasir, o filho abençoado do escravo nazareno, afagando as ondas da sua barba sedosa, via com desdem ajoelharem-lhe aos pés, nas salas magnificas do alcaçar de Azzahrat, os negros chefes das tribus do deserto. E hoje são elles que dominam; hoje é á pobre Fez que se vae pedir a senha. Já em Kordova se não reune a corte sumptuosa onde os doutos khatibes, os hafites depositarios das tradições, derramavam em torno de si os esplendores da sciencia; hoje são esses escravos do deserto os mestres de theologia dos doutores musulmanos; já se não edificam mesquitas como a de Kordova, com as suas mil columnas de marmore e as suas cinco mil lampadas de prata, mas arrasam-se talvez. Embora! Aqui na risonha Santarem nunca se ha de transigir com os barbaros de Al-Maghreb, nem com os barbaros da Galliza. Aqui ha de sobreviver o que resta da civilisação kordoveza, e dentro d'estas muralhas se ha de conservar resplandecente o sanctuario das nossas tradições, sanctuario de que tu és, Zuleyma, a lampada doirada. Morrerei sepultado debaixo das ruinas da alcaçova, mas ao expirar poderei dizer aos traidores: «Morreu o ultimo arabe.»

E a estatura do velho erguia-se desempenada e altiva, e a sua nobre cabeça, illuminada pelos raios do sol poente, tinha uma bella expressão de magestosa poesia.

— Não morrereis, meu pae, exclamou a gentil Zuleyma lançando-lhe os braços á roda do pescoço, porque ha de querer o propheta que fiqueis servindo de nobre exemplo aos degenerados filhos de Musa e de Tarik. Deus é grande, e ouvirá as minhas preces.

Abu-Zakaria não lhe prestava já attenção. Inflammava-o um estranho enthusiasmo. Voltando-se na direcção do norte e estendendo o braço para o lado da serra de Albardos, exclamou:

— Ibn-Errik, tyranno suscitado pelo propheta para castigar os crimes e as discordias do seu povo corrompido, vem; por que tardas? Pendem á minha cintura, de envolta com as chaves de Santarem, as chaves de Alisbona, da rainha do Tejo, cuja posse ha tanto cobiças; vem ou extinguir no meu sangue a ultima esperança de resurgimento do Andaluz, ou deixa que eu apague no teu sangue maldito a minha sêde de vingança.»

Um grito que resoou no espaço, cheio de terror e angustia, foi a unica resposta que obteve a apostrophe do wali. Voltou-se com susto, e viu ao seu lado Zuleyma, pallida como flor batida pelo vendaval. Abu-Zakaria apertou-a ao peito, exclamando:

— Oh! nada temas! São altas as muralhas da alcaçova de Santarem; para aqui chegar é preciso ser aguia, e Ibn-Errik é só abutre.

Mas no momento em que o wali pronunciára a vehemente apostrophe sumira-se de todo o sol no occaso. As sombras melancolicas do crepusculo iam-se espraiando nos campos; o rio lá em baixo murmurava queixoso e plangente; accendiam-se uma a uma no ceo as lampadas da noite; e a brisa suspirava com tristeza nos ramos nus da palmeira.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

UM HOMEM UTIL

Já ia mui adiantada a segunda metade do seculo XVII, e ainda os habitantes de Locle (Suissa) viam as horas marcadas nos quadrantes solares. Um dia viera um estranho fixar a sua residencia n'aquella cidade e trouxera de Londres um relogio de algibeira, que fôra a admiração d'aquelles que depois se haviam de entregar exclusivamente a esta industria. O relogio desmanchou-se, e o dono entregou-o a um habitante da Sagne, cujo merito provavelmente conhecia. Daniel Richard conservou o relogio por espaço de seis mezes, mas não o conservou inutilmente para o dono nem para si. Em tão curto lapso estudára o seu mecanismo complicado e inventára a collecção de ferramentas necessarias para concertar o famoso relogio inglez. Passados outros seis mezes, Richard achava-se habilitado para fabricar os relogios mais complicados. Dirigiu-se, pois, a Genebra, onde estudou. Dizem que estudar é trabalhar para os outros; e os *outros*, com effeito, aproveitaram-se. Richard tinha cinco filhos, que herdaram com o honrado nome do pae a sua pericia e os seus conhecimentos. Assim aquelle cantão suisso se povoou de habilissimos relojoeiros. Daniel Richard falleceu em 1741.

OS HOMENS E OS VESTIDOS

Ácerca de qual seja a estatura melhor que hão de ter os homens, diz com muita graça o padre D. Raphael Bluteau: — «Se das arvores brotassem bisalhos de diamantes, não ha dúvida que fôra bom ser muito grande para os colher; e se debaixo dos pés nos saíssem fios de perolas, bom fôra ser pequeno, e abaixando-se lançar logo mão d'ellas; mas como nem uma coisa nem outra se acha n'este mundo, acho que o ser muito grande é coisa escusada, e por outra parte não é coisa grande ser muito pequeno: meia estatura é a melhor.»

Fallando a respeito dos vestidos, diz o mesmo padre Bluteau: — «Não ha no mundo apparencias mais enganosas que as dos vestidos. Vestiduras ecclesiasticas causam veneração, vestiduras militares imprimem terror, pomposas admiram, modestas edificam: debaixo de todas ellas o homem é quasi sempre o contrario do que parece. Muitas mazellas encobre a cambraia, muita tabala rasa cobre a purpura, muitas vezes são mascara de iniquidade trajos de penitencia.»



Ascensão de Jesus Christo — Cópia de um esboço de Domingos Antonio de Sequeira

Imaginem uma aguia preada a um rochedo. Ha genios a quem a fatalidade põe aos pés uma braga, chumbando-a pelo outro lado a essa rocha bronca da ignorancia e da indifferença commum. O talento, sentindo dentro em si o grande mobil creador, a grande força que o arrebata, levanta o olhar e o espirito, e forceja por cortar em rapidos vôos essas regiões esplendidas por onde lhe divaga o coração e a phantasia. Que lhe succede por vezes? O ambiente afoga-o, o vento contrario impelle-o, tenteia o espaço com as azas, e as azas desplumam-se-lhe roçando pelas penedias; quer librar-se entre o fôfo das nuvens, e sente-se alagado pela espuma das vagas, quando não é pela baba da inveja. Estas luctas são provações. Os que saem d'ellas triumphantes são os verdadeiros heroes, os semideuses prodigiosos. Um homem póde crear um seculo; exemplo: Voltaire. Um seculo póde atrophiar um genio; exemplo: Bocage.

Ponde Mirabeau na tribuna de hoje, inflammae-lhe o verbo, se poderdes, com a discussão de um interesse mesquinho, com a futilidade de uma questiuncula sem alcance. Mirabeau desapparece. Supponde José Estevão no meio d'essas contendas em que se agita a Grecia, replicando ás ambições de Filippe; ahi tendes Demosthenes.

Quando a Europa, no fervor da renascença, nos dias da sua primavera intellectual, mostrava o risonho quadro dos reis transformados em cortezãos do talento, então os artistas pullulavam, alentados por aquella seiva de gloria; esse

«favor com que mais se accende o engenho»,

como disse um dos menos favorecidos dos homens, incitava aos commettimentos arrojados e ás emprezas audaciosas. A arte, como a suprema divindade romana, via as tiaras e as coroas cairem-lhe, por assim dizer, no regaço. Ticiano tem por seu famulo um imperador, e Raphael tem por seu aulico um papa. Miguel Angelo, o maior de todos, evoca o inferno dantesco, e, á similhança do florentino, arvora-se em juiz terrivel dos dislates que o cercam.

O pintor a quem se deve o esboço, cuja gravura apresentâmos hoje, só teve contra si o paiz e o seculo. O que Deus confere aos seus escolhidos possuiu-o elle em tal grau, que não sabemos de outro que lhe sobreleve. Caracterisa-o a imaginação robusta. Nos seus traços ha o que quer que seja do relampago. Tem o inesperado e o luminoso. Substitui estes dois nomes — Pedro Alexandrino e Cyrillo Volkmar Machado, entre os quaes se aperta a figura colossal de Sequeira, por estes dois outros — Vinci e Buonarotti; convertei 1823 em 1500; onde lêdes Ajuda, escrevei concelho de Florença; até onde imaginaes que sóbe o auctor do *Calvario*, da *Adoração dos Magos*, da *Ascensão* e do *Juizo Universal*? Ninguem o affirmará ao certo.

O conde de Rackzynski, com o seu admiravel sentimento do bello, não póde deixar de suspender a severidade do seu juizo para se extasiar em frente d'esses quatro quadros que denunciam um genio. *Ab unguibus leo.*

Domingos Antonio de Sequeira nasceu em Belem a 10 de março de 1768. A sua biographia veiu em summario no n.° 12, tomo II, setembro 1858, d'este mesmo *Archivo*. Inutil será rememorar o que ha de terreno n'aquella existencia; a historia das contrarieda-

des e dos martyrios fecha-se diante d'esse livro de oiro aberto pela posteridade, e em cujas folhas se gravam os nomes radiantes. O de Sequeira lá existe. No dia 7 de março de 1837, quando a morte poisou a mão sobre a cabeça inerte do grande homem, sentiu que a gloria já a cingíra com uma corôa.

Roma foi para o nosso pintor eschola, ao mesmo tempo que lhe era exilio. Quatorze quadros saíram do seu pincel infatigavel; os desenhos succediam-se aos retratos; parece não ter havido um momento de ocio para aquelle talento prompto e vigoroso. Estimulava-o a contemplação das grandes obras; o amor da gloria induzia-o; media a sua estatura pela craveira gigantea dos mestres, e a consciencia não o fazia envergonhar. Quando expirou, viu bem que tinha firmado o seu nome em bronzes perpetuos. Haverá alguem que o conteste?

O assumpto que deu causa ao presente esboço foi tirado dos *Actos dos apostolos*. Ahi se lê:

«E havendo Jesus dito estas cousas, vendo-o elles (os apostolos), foi alevantado em alto; e uma nuvem o tirou de seus olhos.

«E estando elles com os olhos postos no ceo, entre tanto que elle ia sobindo, etc., etc.»

Sequeira, impressionado por esta descripção breve, mas grandiosa, bosquejou a scena em dois traços. N'essas figuras, ainda indecisas quanto ao desenho, ha já a sublimidade da composição e do agrupamento. A idéa jorrou, e desde logo lhe appareceram os moldes proprios. O mais seria trabalho de cinzel, apuro de lavrados, recamos da opulencia, exigencias do bom gosto. O que é pensamento, concepção, raio de luz, está alli n'aquelle assombro ineffavel, n'aquelle sagrado terror que revelam os apostolos, e que se contrapõe á serenidade com que vemos elevar-se no ar a figura candida e graciosa do Christo.

O pintor do *Juizo universal* deu mais latitude ao dizer do evangelista, congregando um maior numero de figuras e imprimindo no quadro toda a magestade congenere. Em Sequeira presente-se o turbilhão. Parece que o genio do Dante poisava por momentos ao lado do que tambem foi seu interprete, e que lhe ensinava a comprehender a vertigem das sombras e o indescriptivel redomoinho dos espiritos. Fitar um d'estes esboços é ver como que agitar-se uma multidão confusa de homens; julga-se ouvir o rumor d'aquella gente que se atropella; por debaixo d'aquellas linhas incertas corre um oceano de idéas, palpitam os germens que não poderam desabrolhar em toda a sua efflorescencia. É então que vem á memoria o terceto do florentino:

Facevano un tumulto, il qual s'aggira
Sempre in quell'aria senza tempo tinta
Come la rena, quando il turbo spira.

Estas obras incompletas dos grandes mestres tem um secreto attractivo para os que prezam os lavores do talento humano. Como os viajantes se assentam sobre as ruinas, e tentam reconstruir o edificio desabado, pela estructura de uma columna ou de um mainel, assim o pensador se inclina sobre estas iniciações de uma sublimidade, e pergunta a si mesmo o que sairia d'aquelle montão de porphydo destinado a modelar-se em estatua. Sequeira é dos artistas que porventura legaram uma cópia mais abundante d'estes improvisos. O braço não lhe podia acompanhar o celere movimento do espirito; precisava d'estas valvulas para dar largas ás erupções do seu genio. O trabalho remansoso era para quando abonançava a tempestade interior, para quando se acalmava a febre do entendimento.

Quem não conhece dois ou tres d'estes bosquejos maravilhosos? quem não tem pasmado na contemplação d'estas sementes, que deveriam ser florestas? Podêmos pronunciar bem alto o nome de Domingos Antonio de Sequeira, sem temer que os mais exigentes nos censurem de desasisado patriotismo ou de cega nacionalidade. Os quatro quadros já citados, pertencentes hoje á galeria dos srs. duques de Palmella, sobejam para dar testimunho do muito que valia e podia o nosso compatriota. Por algum tempo o nome do mestre andou, para os profanos, envolvido n'um sombrio véo de esquecimento; o véo principia a desfazer-se, e Sequeira a popularisar-se. A photographia poderia completar esta reacção benefica. Por que não ha de o paiz e o mundo todo conhecer e familiarisar-se com tamanho homem?

Alguem que vê longe e vê fundo escreveu ha pouco o seguinte: — *Ce commencement de connaissance des grands hommes est necessaire au peuple.*

Sequeira valia bem o ser conhecido. É preciso que o povo saiba uma vez por todas, que acima d'esses heroes da espada, com cujos nomes elle tanto se ufana, ha tambem na sua historia outros heroes, que em vez de sangue derramam luz, e que em vez de destruir edificam.

E. A. Vidal.

EVORA

EGREJA E CONVENTO DE S. FRANCISCO

(Vid. pag. 9)

III

Não durou muito a pobreza primitiva da ordem. Da citada doação de julho de 1245, escripta por mestre Payo, tabellião, consta que João Esteves e sua mulher, Maria Martins, deram uma terra aos religiosos para se alargarem mais, com a obrigação de os encommendarem a Deus. Por outra escriptura, feita em setembro de 1250, João Pelagio Cordura e sua mulher, Mayor de Guimarães, doaram aos frades um lagar e outra terra junto á porta de Alconchel para estenderem mais o convento [1]. Finalmente, por outra escriptura, que fez Domingos Martins em 22 de junho de 1280, Pedro Affonso, mercador, e sua mulher, Maria Soares, deram aos frades um campo contiguo ao convento para o mesmo fim, pelo amor de Deus e em beneficio de suas almas.

Foi tambem o convento, nos primeiros tempos depois da sua fundação, favorecido pelos monarchas portuguezes. D. Affonso III deixou-lhe em testamento cincoenta libras, D. Fernando e D. Duarte lhe deram terras e casas para se alargar. Alguns o protegeram com importantes privilegios e isenções.

Com estas e outras esmolas augmentou a casa dos franciscanos a ponto de lhe chamarem commummente *convento do oiro*. Que chegára a estender-se por boa parte da cidade é o que se deprehende das alludidas doações, e tambem de uma velha memoria manuscripta que andava n'um livro de pergaminho do côro por onde se cantavam as horas menores. Começa este curioso documento da maneira seguinte:

«Esta casa de S. Francisco de Evora quero aqui pôr o que tem para que os que vierem saibam o que é da casa. Esta casa tem por cêrca da porta do Rocio até

1 Custa hojo a acreditar, se não commetteu algum erro quem copiou ou extractou a escriptura, que se podesse o convento de S. Francisco estender para a porta de Alconchel, muito distante da porta do Rocio, que é a que ao mesmo convento fica mais proxima. Como veremos adiante, no seculo XV chegava até á porta do Raymundo; porém d'ahi á porta de Alconchel vae ainda grande espaço. Convem advertir que, alargando-se pouco e pouco a cidade, e galgando os muros que em tempo dos romanos e dos arabes a cingiam nas alturas da collina, vieram as portas que el-rei D. Fernando abriu nos que de novo edificou a afastar-se muito das que antecedentemente existiam, sendo, portanto, possivel que no seculo XIII houvesse uma porta de Alconchel mais proxima do sitio do convento.

Todas as alludidas doações cita-as o auctor da *Chronica Seraphica*, e declara acharem-se authenticadas na Torre do Tombo. Deprehende-se da cota marginal que foram colligidas por fr. Rodrigo de S. Thiago.

á porta do Reymondo, tomando pela rua dos Toiros abaixo até á porta. E tem este alpendre e todo o adro sagrado assim como são as claustras ambas e a egreja, e da banda do muro da cidade não é sagrada, posto que o seja o adro. A egreja era de sete naves, e no couce estava um côro muito honrado; e prégam no alpendre para cabér a gente. A egreja de sete naves cahiu, e com esmolas a tornaram a fazér os padres de tres naves, e tornou a cahir com parte do alpendre, de que esta casa recebeu grande perda e damno, e reinou D. Affonso v, e houve grandes guerras com Castella......»

Não merece credito a historia do templo aqui referida, que os chronistas repetiram e a cidade conserva em tradição. Admittir que em pouco mais de dois seculos os frades, tendo principiado em grande pobreza, alevantassem uma egreja de sete naves, não tendo mais de cinco as maiores da christandade; que no mesmo espaço de tempo caísse por terra, fosse reedificada e tornasse a cair; que os religiosos a conservassem depois em ruinas muitos annos, á espera que a real munificencia lh'a reconstruisse, tudo isto é o mesmo que inverter a ordem natural dos factos, e começar por onde se deveria acabar. Baldadas diligencias nos parecem, pois, as que pozeram alguns escriptores em conservar este glorioso brazão á ordem de S. Francisco e á cidade de Evora.

IV

Tinha o convento, como diz a memoria, duas claustras. Uma existe ainda, posto que muito arruinada; da outra apenas restam alguns vestigios. Era esta ultima n'um espaço alastrado de ruinas, que hoje vemos entre o edificio e o muro que entesta com a rua que ha pouco tempo se abriu desde a porta lateral do passeio publico até á rua do Paço. Conserva-se de pé uma parte do lanço septentrional da velha claustra com dois ou tres grandes arcos de volta abatida, muito obstruidos e alterados com posteriores reconstrucções; e no meio do largo subsiste a velha cisterna, tão entulhada que já custa a conhecer. Uma parede que recentemente deu em terra do lado do poente deixou descoberto um abundante ossario.

A primeira claustra em breve seguirá esta na ruina que os homens, ainda mais que o tempo, lhe vão apressando. Em partes os arcos ogivaes deram já de si a ponto de desaprumarem a dobrada ordem de columnas de marmore em que se estribam. Foi construida no anno de Christo de 1376, como se lê n'uma lapida que d'alli trasladaram ha alguns annos para a bibliotheca publica: — «Dom Fernando Affonso de Moraes, commendador de Montemor, mandou fazer esta crasta a fr. João d'Alcobaça, custodio, e a fr. A.º de Montemor, guardião, na grande fome em 1414.»

Os caracteres gothicos minusculos, muito perfeitos e elegantes, d'esta inscripção formam um quadro, em cujo meio se vêem esculpidas as armas dos Moraes com a cruz da ordem de S. Thiago, á qual pertencia a commenda de Montemór. Talvez por difficuldade que se lhes deparasse nas abbreviaturas, os chronistas da ordem e o padre Fialho deram só metade da inscripção, com quanto seja importante o facto da grande fome alli mencionada. Se foi particular do Alemtejo ou geral do reino não o sabemos nós, nem temos noticia de nenhuma que se refira áquelle anno de 1376.

Outra pedra mais notavel e de maior valor artistico foi egualmente transferida do claustro de S. Francisco para a bibliotheca publica. É um marmore de $1^m,23$ de largura, de $0^m,94$ de altura, e de $0^m,23$ de espessura, que representa em mais de meio relevo a Annunciação de Nossa Senhora. Na parte inferior lê-se em caracteres gothicos maiusculos o seguinte, que tambem temos por inédito: — «Aqui jaz Ruy Pires Alfageme, frade da terceira ordem. Era 420.»

As figuras são toscas, bem como todas as que nos ficaram da mesma epocha, ainda nos primeiros trabalhos d'este genero; mas o gracioso e bem acabado baldaquino que as cobre revela já o escopro que alguns annos depois abriu os delicadissimos ornatos da Batalha. O relevo do velho claustro é, pois, um dos mais interessantes monumentos da esculptura portugueza do seculo XIV.

V

Diz-nos o auctor da memoria qual era em seu tempo a importancia do convento:

«Tem esta casa dois refeitorios, um de peixe, outro de carne. Tem mais esta casa estudo, que é a melhor coisa que tem este reino; e estão aqui sempre os principaes mestres em theologia. Tem aposentamentos dos padres mestres e estudantes [1]. Tem livraria, onde se acham todas as obras compridamente; Testamento velho e novo, e todos com suas cadêas. Esta casa chama-se Convento de Ouro. Aqui vem toda a clerezia com suas cruzes, e todo o povo vespera de Ramos, e nós todos em procissão, e seis padres com varas vermelhas e capas; e eramos por todos ás vezes oitenta: e trazendo os ramos a esta egreja aqui se benzem com grande solemnidade e prazer, e isso temos por privilegio como outras coisas.»

Durando ainda o seculo XIII, se tornaram os conventos de S. Francisco de observantes em claustraes, por meio de dispensas e privilegios que lhes permittiram accumular riquezas, contra o primitivo espirito da ordem. Perdeu com esta mudança a austeridade monastica, mas ganhou muito a cultura das letras, que em todos os conventos do reino se promoveu com diligencia e ardor. E como das aulas que mantinham não recebessem estipendio, pouparam a despeza da cadeira de theologia na universidade a el-rei D. Diniz, que em estatuto determinou que os estudantes a aprendessem com os frades de S. Domingos e de S. Francisco. Vigorava ainda esta disposição quando pela segunda vez se trasladou a universidade para Coimbra.

Não era sómente nos conventos d'esta ultima cidade e de Lisboa que havia estudos regulares. No de Evora ensinavam-se, além da theologia especulativa e da moral, as humanidades, e davam-se, tanto aos de casa como aos de fóra que frequentavam as aulas, os graus de doutor, licenciado e bacharel. Costumava tambem a ordem mandar alguns filhos seus ás universidades estrangeiras para se aperfeiçoarem nas disciplinas que no reino haviam de professar.

Quando D. João III trasladou e reformou a universidade de D. Diniz, e o cardeal D. Henrique fundou a de Evora, pelos privilegios e augmentos que estas instituições obtiveram, começaram a decair os estudos seraphicos da altura a que antecedentemente haviam chegado. Em Evora só a universidade podia ter aulas publicas. D'esta e outras prerogativas muito se queixavam

[1] Acham-se aqui menos algumas linhas, cuja falta nos obriga a dar explicações, e nos proporciona ao mesmo tempo occasião de fazer certos reparos de hermeneutica ácerca do manuscripto. D'elle deram extractos os padres Esperança e Fialho, e transcreveu-o o padre Belem, mas com algumas mutilações. É uma d'estas a das linhas a que alludimos, as quaes se referem aos fundadores, e contém a prophecia de que se achariam os seus ossos.

Vimos a cópia que o guardião fr. Accursio de S. Pedro mandou lançar em 1643 no livro do tombo do convento, que se conserva no archivo do governo civil d'esta cidade. Cita fr. Jeronymo de Belem a mesma cópia, d'onde lhe extrahiram em Evora a noticia que publicou em 1750. De proposito supprimiram, pois, os frades a prophecia do achado dos ossos, manifesta interpolação (que até no estilo se conhece) com que pretenderam auctorisar o milagre os seus predecessores do seculo XVII.

Os ultimos factos mencionados na memoria são do reinado de D. João III. Por isso, pelo estilo, e porque no reinado de D. Manuel, que tanto beneficiou o convento, não havia já razão para que os frades se queixassem amargamente das régias extorsões, nos parece não se dever reputar este papel posterior aos principios do seculo XVI. Para o julgar dos fins do seculo precedente é mister suppor que as outras prophecias, que adiante veremos, não foram forjadas, mas escriptas á maneira de imprecações, e que por acaso se realisaram. É a velha memoria do livro do côro o unico documento que nos resta para a historia antiga do convento, e portanto nos soccorreremos d'ella, como fizeram os chronistas. Applicar-lhe-hemos, porém, sempre que for mister, o escalpello da critica, de que elles não quizeram ou não souberam usar.

os franciscanos, de toda a maneira desattendidos e avexados pelos jesuitas, que chegaram até a lhes tirar o logar, que de direito lhes pertencia, logo depois da ordem de S. Domingos, nos argumentos publicos da universidade.

Havia tambem n'outros conventos, como no de S. Francisco, o uso de prender os livros com cadeias ás estantes. Os estatutos da universidade de Evora ordenaram a este respeito o seguinte: — «Averá nas escolas hũa casa pera livraria da Universidade, na qual estarão livros de todas as faculdades em abastança, postos em estantes, e presos por cadeas, e enquadernados em tavoão, com seus titulos de boa letra [1].»

VI

Lê-se mais adiante na memoria do livro do côro: «Pousava D. Affonso v nos estáos, e porque sahia muitas vezes ao campo, pediu-nos os estudos para n'elles pousar, e nós lhos démos com todas as casas dos mestres, por ser nosso rei e senhor; e elle como se viu de posse, e as casas tão boas, commetteu-nos que lhe dessemos aquelles aposentos, em que estava e nos faria a egreja; e nós todos com campa tangida lhos outorgamos, não nos parecendo que elle mais tomasse; e elle começou logo de fazer suas camaras e portas para a nossa casa, e cada dia pedia casas; assim que tomou bem ametade da casa, e depois ametade da horta; e depois os padres choravam pelas barbas, e reclamavam sem lhe aproveitar, que para isso el-rei houve provisão de grande sacerdote, e por isso se foram d'aqui muitos padres......»

Os estáos ou paços reaes eram na Praça de Evora, entre a rua da Cadeia e a rua dos Toiros, que ainda em 1500 se prolongava até á mesma praça, o que tudo mostrámos já n'outro artigo d'este jornal. Ficavam, portanto, proximos de S. Francisco e na mesma área que, segundo o velho manuscripto, o convento occupava. Não se reputará por esta razão impossivel que chamassem antigamente paços de S. Francisco aos estáos, como parece deprehender-se das chronicas de Ruy de Pina e Duarte Nunes de Leão, a que alludimos no mencionado artigo.

D. Affonso v, fazendo em Evora mais longas residencias que os reis seus antecessores, e achando pequenas as casas da Praça, resolveu edificar novos paços no convento e horta dos franciscanos, o melhor sitio que para tal fim se lhe deparava em toda a cidade. Com o pretexto de sair facilmente ao campo, se hospedou na casa dos estudos e se foi apossando do que mais lhe convinha, embora deixasse os pobres frades a *chorar pelas barbas*.

Já vimos tambem que não é facil determinar o tempo em que principiaram estas régias invasões pelos dominios dos frades, e que só com alguma probabilidade suppozemos que seria pelos annos de 1471, depois das victorias de Arzilla e de Tanger [2].

(Continúa) A. FILIPPE SIMÕES.

[1] Não sabemos de outros estatutos da universidade de Evora senão dos que se conservam, manuscriptos em boa letra do seculo XVI, na bibliotheca d'esta cidade. Intitulam-se: *Estatutos ordenados pelo Mui alto e excellente principe, o Serenissimo Senhor D. Anrique por merce de Deus, e da Santa Egreja de Roma Cardeal do numero dos Santos 4 coroados, Iffante de Portugal, Legado e Arcebispo de Lisboa etc. pera a Universidade que ordenou e fundou na cidade de Evora, da invocação do Espirito Santo com autoridade do Santo padre Paulo 4.*

[2] Vid. a historia dos paços reaes a pag. 1 d'este volume.

ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE

ROCHEDOS BASALTICOS NAS MARGENS DO RIO WALAH-WALAH

Não ha paiz algum mais rico em curiosidades naturaes que os Estados Unidos da America do Norte. O viajante apreciador d'esses phenomenos encontra alli, por toda a parte, e em variadissimos generos, as mais bellas e estupendas curiosidades que a natureza tem produzido. Ufanam-se a Suissa, a Escocia e outros paizes europeus da vistosa perspectiva das cascatas formadas por alguns dos seus rios, que se despenham do cimo de altas rochas. Mas que valem essas cascatas em belleza e magestade comparadas com a famosa cataracta do Niagara?

A Italia, a Irlanda e a Belgica mostram com desvanecimento aos forasteiros mui formosas e singulares grutas. Porém as grutas de Mammuth, em Kentucky [1], na America do Norte, nas quaes o viajante percorre, ora a pé, ora embarcado, o espaço de muitos kilometros, sempre cercado de rochas, que brilham incrustadas de cristaes, e coberto por uma continuada abobada de lindas stalactites, estas grutas, dizemos, excedem em grandeza e originalidade a quantas possa oppor-lhes o velho mundo.

Nos Pyreneos, nos Alpes, e em varias outras cordilheiras da Europa, admiram-se penedos giganteos e singularissimos pela sua fórma ou posição. Mas em nenhuma parte do globo avultam serranias imitando perfeitamente ao natural, na disposição das suas penhas phantasticas, castellos da edade média e grandes cidades em ruinas, como se vê na celebrada *serra Negra* da America do Norte.

A curiosidade natural, que apresentâmos em gravura aos nossos assignantes, não se póde contar entre essas maravilhas que deixâmos referidas. Entretanto, merece a attenção dos viajantes. É um grupo de rochedos basalticos descommunaes, tão notaveis por se acharem solitarios na coroa de pouco elevada collina, como pela sua fórma estranha, que deixa presumir, a quem de longe os avista, que tem diante dos olhos um castello de antigas eras derrocado pelas luctas dos homens ou pela mão destruidora do tempo.

Erguem-se estes rochedos nas margens do rio Walah-Walah, que nasce e rega o territorio de Oregon, indo desaguar no Colombia, que a poucos kilometros se lança no Grande Oceano. Aquelles penhascos denegridos, contrastando com a verdura que os cerca e com as aguas cristallinas em que se espelham, dão realce á paizagem, que é de si propria amena e formosa.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. pag. 197 do vol. VI.

O WALI DE SANTAREM

(Vid. pag. 14)

II

O FILHO DO DESERTO

Ainda largo tempo ficou Zuleyma debruçada sobre o rio, cujas aguas arrastavam na corrente, como outras tantas perolas, o reflexo das scintillantes estrellas. Salteava-a um vago presentimento, e a audaciosa evocação de Abu-Zakaria parecia-lhe quasi uma blasphemia que o destino não tardaria a punir. Com os olhos cravados na escuridão da noite, receiava ver surgir ao longe o vulto gigante de Ibn-Errik, e ver scintillarem nas trevas os relampagos do seu elmo. Porém nada viu senão a noite, nada ouviu senão o ramalhar da brisa, o murmurio do Tejo e o grito das aves nocturnas.

Sobraçando a harpa, dirigiu-se então com passo ligeiro para os seus aposentos na alcaçova. Quem a visse atravessar quasi aéreamente os jardins silenciosos, quem visse branquejar entre as arvores, á luz trémula das estrellas, a alvura do seu véo recamado de estrellas de oiro, quem visse de subito accender-se-lhe na fronte como que um pallido fogo, aureola que provinha do vago scintillar da sua faxa de perolas, julgal-a-hia então devéras uma d'essas fadas do

Oriente que vagueiam nos jardins, procurando, como Titania, o abrigo das rosas.

Subito Zuleyma parou soltando um grito. Erguêra-se diante d'ella um vulto, cuja physionomia negrejava, em contraste com a alvura do capuz do seu albornoz fluctuante. Uma barba negra e espessa povoava-lhe o tostado rosto, e nos olhos negros brilhava um fulgor selvagem.

— Mogbar! exclamou ella assustada e deitando a correr na direcção do palacio.

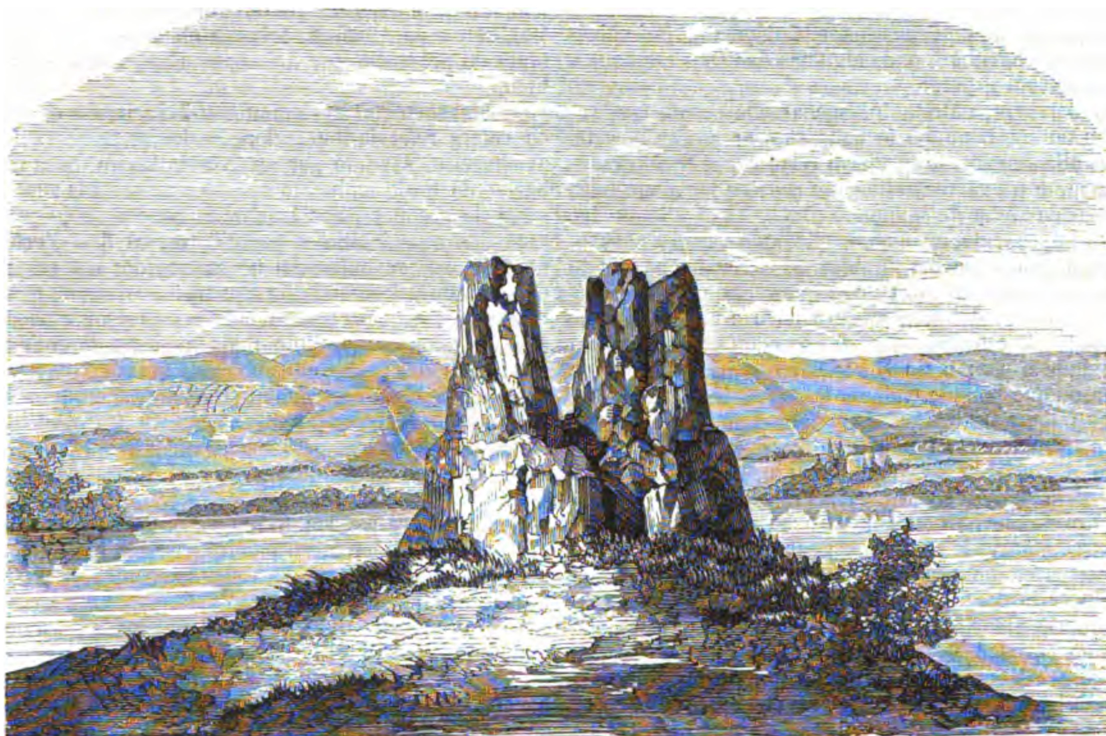
Mas, antes que désse dois passos, estava Mogbar junto d'ella, e impedia-a poisando-lhe ao de leve a mão no hombro.

— Por que foge a gazella quando apparece o leão do Atlas? exclamou o berebere, e a sua voz tinha inflexões de extraordinaria doçura; por que se esquiva a palmeira flexivel e airosa ás caricias ardentes do turbilhão do deserto? Sou eu por acaso um d'esses nazarenos descridos, abutres que só ousam empolgar as pombas que arrulham nos terrados da alcaçova?

— Os nazarenos descridos, respondeu ella com certa energia, combatem os inimigos; e tu, Mogbar-Ibn-Ibrahim, enterras o punhal traiçoeiro no seio dos teus irmãos de crença.

— Não são meus irmãos de crença, respondeu sombrio o berebere, aquelles que, mergulhados na devassidão e no luxo, rasgam com desdem as paginas do Alkoran, motejam nas suas orgias blasphemas do santo nome de Allah, e desprezam os mandamentos do propheta. É impio quem não segue os preceitos de Abdallah-el-Mehedi [1], e eu desprezo mais o impio que renega da sua crença, do que o cego que nunca abriu os olhos á luz que de Mekka irradia.

— Abdallah-el-Mehedi, tornou Zuleyma com des-



Rochedos basalticos junto ao rio Walah-Walah, no districto do Oregon

dem, é pois esse o nome do audacioso impostor que traz revolto o desgraçado Al-Maghreb, e que pretende tambem inundar de sangue musulmano as ferteis campinas do Andaluz?

— Abdallah-el-Mehedi, respondeu o berebere com exaltação, é o santo, o propheta que ousou face a face com o tyranno almoravide, no recinto da mesquita de Fez, estygmatisar a sua impiedade e a dissolução dos seus costumes. É o santo que, expulso da cidade dos vivos, foi soltar a voz inspirada no cemiterio, na cidade dos mortos, e alli concorreram de toda a parte os fieis a ouvir-lhe os salutares preceitos.

— Sim, redarguiu Zuleyma com suprema amargura, correram ao cemiterio como correm as hyenas, porque tu, que te dizes leão, és só a hyena que vens buscar a tua parte no repasto em que vos cevaes no cadaver do imperio dos Ommyadas.

— A pomba ameaça quando a aguia arrulha, é de regra, retorquiu o berebere com sardonico sorriso; pois eu vinha trazer-vos palavras de paz.

— Nem palavras de paz, nem palavras de guerra me devias fazer ouvir, acudiu Zuleyma com gravidade; sou musulmana, és musulmano, não és nem meu pae, nem meu esposo, e, comtudo, estás-me fallando a sós no jardim, como fallaria um nazareno descrido a alguma das suas virgens impudicas.

— Apagam-se as leis, apaga-se o respeito das velhas tradições no coração que a paixão impetuosa invade. Assim se apagam as palavras escriptas no areial, quando a onda transpõe os limites marcados e vem beijar a praia com os seus labios de espuma frememte. Rosa do Al-Gharb, o teu delicado aroma inebriou os sentidos do filho do deserto, que passava sombrio para cumprir a sua missão fatal. Parou a respirar a fragrancia desconhecida, e não pensou n'outra coisa que não fosse em colher a rosa perfumada e dizer-lhe: «Vem florescer, sósinha e sem rivaes, no meu harem deserto.» Tudo sacrifico a este desejo infrene. Quer teu pae, na sua selvagem independencia, governar o seu forte castello sem render preito a ninguem? por Mahomet te juro que ninguem o perturbará na posse do seu waliado. Quer, pelo contrario, reconhecer a soberania de Abd-el-Mumen, o poderoso emir-al-muminim, discipulo de Abdallah? terá sujeitos ao seu

[1] O fundador da seita dos almohades.

poder todos os walis do Al-Gharb. Juro-o pelos sete dragões do lago infernal...

— Não jures; que eu só por Mahomet te juro que te odeio e desprezo como um vil escravo revoltado, e intimo-te para que não ultrages mais o nome sem mancha de meu pae com as tuas propostas infames.

Mogbar soltou como que um rugido e avançou para ella com gesto ameaçador.

— Queres-me embargar o passo? disse Zuleyma altiva.

— Quero saudar-vos respeitoso, nobre filha do wali de Santarem, disse o berebere com uma subita mudança na voz e nas maneiras.

E cruzando as mãos no peito, á moda arabe, curvou-se até ao chão, abrindo caminho á donzella.

Esta passou ligeira como corça perseguida, mas pallida e tremente. Conhecendo as fogosas paixões dos filhos do Maghreb, tremia d'aquelle subito asserenar. Adivinhava a tempestade por baixo d'aquelle gesto impassivel.

O palacio ainda ficava longe. Zuleyma preferiu abrigar-se no pavilhão, onde algumas das suas escravas a costumavam esperar.

O berebere, entretanto, apenas ella se afastou, ergueu ao ceo o punho fechado com ar ameaçador. Os seus olhos negros despediram relampagos de furor selvagem, e a sua voz soltou um rouco e horrendo grito que nada tinha de humano.

— Imprudente, exclamou elle, que assim brincaste com a colera de Ibn-Ibrahim. Leão ou hyena, eu te juro que ainda lhe has de palpitar nas garras.

A noite desdobrava sobre a terra o seu manto recamado de estrellas, que só pareciam aconselhar serenidade e paz; o rio lá em baixo murmurava tão de manso, que parecia embalar o somno de uma criança. E entretanto os mais sinistros pensamentos tumultuavam na mente do berebere. É porque elle não era da raça d'esses arabes voluptuosos e scismadores, aos quaes as noites suaves da Peninsula inspiravam um continuo enlevo; não, elle nascêra nos areiaes africanos requeimados por um ceo de fogo, e as paixões que sempre no seu espirito bramiam não deixavam florescer lá dentro um só d'estes suaves sentimentos. O proprio amor, que nos arabes era a suave brisa que dava mais viço e frescor ás rosas do coração e do espirito, n'elle era vento abrazador que deixava crestada e murcha a flor que envolvia com o seu habito de fogo.

Sombrio, soltando ao vento nocturno as pregas do seu branco albornoz, dirigiu-se Mogbar para a alcaçova. Abu-Zakaria, na sala do *meschuar* (conselho de estado), ouvia alternativamente o seu *wali alahdi*, ou inspector das revistas, os *cadis* (juizes) da sua cidade, e os seus *mechtiseb* (recebedores). As participações d'estes funccionarios tinham-n'o deixado satisfeito. As *taifas* dos defensores da cidade andavam pagas em dia, os tributos cobravam-se regularmente, e no bairro de Seserigo nenhuma discordia grave chamára a attenção dos cadis. Afastando-se d'estes subalternos, Abu-Zakaria aproximára-se do seu *wasir*, ou logar-tenente, e perguntára-lhe:

— Que novas trouxeram os *forénicos* (correios) de Cintra?

— As mesmas que até aqui. Não ha nem rumor de guerra. Os almogavares percorrem o terreno dez legoas em redor sem encontrarem um vestigio só de esculcas nazarenos; na torre dos vigias dorme apagado o fogo das almenaras.

— Pois que velem elles! Nunca vem mais proxima a tempestade do que quando a natureza está assim immersa n'um lethargo profundo.

— Ibn-Errik adormeceu no leito da mulher d'além-mar; descança com elle a sua espada, e os seus cavalleiros bocejam de enfastiados nas salas das alcaçovas de Coimbra.

— É o repoiso do leão. Será terrivel o despertar. Vigilancia, wasir!

N'isto entrou um escravo, e, depois dos innumeros salamaleks de rigor, annunciou que Mogbar-Ibn-Ibrahim-Ibn-Sofian pedia uma audiencia.

— Que entre, exclamou o wali de Santarem visivelmente irado.

Mogbar entrou.

Curvou-se respeitosamente diante de Abu-Zakaria, como se curvára diante de Zuleyma.

— Poderoso wali, disse elle, vae findar a minha missão e eu vou partir. Concede-me a graça de uma resposta benevola que eu possa transmittir com jubilo. Com impaciencia a espera o sublime emir-al-muminin.

— Emir-al-muminin, chefe dos crentes! exclamou Abu-Zakaria como se uma vibora o houvesse picado; quem ousa tomar esse titulo sacrosanto?

— Quem ousa tomal-o? redarguiu Mogbar, e o seu olhar frio luzia como a folha de uma espada; quem tem direito a fazel-o! Abd-el-Mumen, o senhor do Al-Maghreb e do Andaluz, o kalifa eleito pelo representante do propheta, por Abdallah, o santo iman-el-mahedi.

— Blasphemias! exclamou Abu-Zakaria, e a espuma da colera refervia-lhe á flor dos labios pallidos. Um aventureiro, sagrado por outro aventureiro, ousa ufanar-se do titulo eminente que só pertence aos successores do propheta, aos kalifas de Bagdad, hoje que a raça dos seus legitimos possuidores, os Beni-Merûan de Kordova, se extinguiu no sangue dos ultimos representantes d'essa familia illustre! Ao menos, os almoravides, a quem a fatalidade nos obrigou a obedecer, só tomavam o titulo mais modesto de emir-al-moslemim, chefe dos musulmanos; mas o aventureiro saído da lama não se contenta com menos do que com o titulo de chefe dos crentes. Vae, vae levar as tuas palavras a Ibn-Kasi, o renegado que chama os nazarenos em seu auxilio, mas não as tornes a proferir diante do wali de Santarem.

— E vou, respondeu friamente Mogbar; prefiro os que se alliam com o estrangeiro para fazer triumphar a causa santa, aos que se revoltam contra os enviados de Allah.

— Pelo monstro do monte Safa juro que a paciencia tem limites. Sahib-el-berid, capitão das veredas, continuou Abu-Zakaria voltando-se para um novo personagem que havia pouco entrára, é teu officio limpar de salteadores as estradas. Olha-me para este berebere, e se elle de hoje em diante se aproximar a tiro de setta dos muros de Santarem, frecha-m'o sem piedade. E agora, Mogbar-Ibn-Ibrahim-Ibn-Sofian, vae-te em paz, e Allah te acompanhe, se te julga digno d'isso.

Mogbar curvou-se de novo com respeito e saiu.

Levava a cabeça em fogo. Ainda mais lh'a tinham abrazado os esforços que fizera para se conter.

— Raça imprudente e cega! exclamou elle assim que se viu só nos jardins. Quão mal conhecem o leão do deserto! Em breve saberão que não se injuria impunemente um filho da tribu dos Beni-Aglab.

Parou á beira de um lagosinho, e deteve-se instantes a contemplar o reflexo trémulo das estrellas. Parecia absorto em cogitar profundo.

— Abd-el-Mumen está longe, disse elle erguendo a final a cabeça, e Ibn-Errik está perto. Que me importa qual seja o instrumento da minha vingança, comtanto que me vingue!

Caminhou direito á porta ogival dos jardins. Ao passar diante do pavilhão de Zuleyma viu luz lá dentro.

N'um dos quartos do pavilhão, cujas paredes estavam magnificamente vestidas de azulejos, cujo ambiente se perfumava com as emanações das mais puras essencias da Arabia, reclinada suavemente nos macios coxins, com o olhar como que absorto em vaga contemplação, Zuleyma pensava na sua entre-

vista com Mogbar, e nos loucos presentimentos que durante esse dia todo a tinham salteado; a seus pés uma formosa escrava syria, cujos artelhos nus eram apertados por braceletes de oiro, esperava, muda e immovel, que a sua senhora saísse d'aquella especie de somnolencia.

De subito ouviu-se uma voz rude e selvagem, que entoava lá fóra com uma inflexão viril uma canção estranha. Levantára-se um vento aspero que zunia lugubremente, e cujas queixas se confundiam com as ameaças d'esse canto rouco e ameaçador. A voz dizia assim:

Sou como fogo escondido
na dura pedra do val;
se alguem a fere e a excita,
lá brota a chamma infernal.

Sou como o leão que os filhos
guarda ao longe na floresta;
se cão ladrando o irrita,
não tarda a morte funesta.

Sou mar em calma; suas ondas
póde-as o vento alterar.
Temerario navegante,
receia a furia do mar.

Com o olhar espantado, os labios convulsos, as mãos trementes, Zuleyma escutou essa voz sinistra que vibrava cheia de ameaças no silencio da noite; depois, soltando um grito angustioso, sepultou a cabeça nos coxins dos divans, como para fugir á perseguição d'aquelle demonio invisivel.

Mas a noite tornára-se de novo silenciosa, e nos jardins do alcaçar de Santarem não se ouvia mais do que o ramalhar da brisa nas folhas, e o murmurio do Tejo que lá em baixo corria limpido e palreiro.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 4)

II

Succedeu el-rei D. João v na coroa d'este reino, pelo fallecimento del-rei D. Pedro II, seu pae, aos 9 de dezembro de 1706, contando 17 annos de edade. Acclamou-se no 1.° dia de janeiro do anno seguinte. Celebrou-se esta ceremonia com muita pompa; todavia, não foi n'ella que se estreou a inclinação do moço rei para as festas esplendidas. Porém pouco tardou em a revelar de um modo que deu cabal medida do que havia de ser essa propensão em todo o curso do seu reinado.

Um dos primeiros negocios de que se occuparam os seus ministros foi o do casamento do soberano.

Desejoso el-rei D. Pedro II de ver accrescentado o lustre da dynastia de Bragança com o enlace do herdeiro do seu throno com uma princeza da familia de Habsburgo, entabolára as negociações para o ajuste do consorcio do principe D. João com a archiduqueza D. Maria Anna de Austria, filha de Leopoldo I, imperador da Allemanha, a esse tempo já fallecido, e irmã do imperador José I, então reinante. Tiveram exito feliz as primeiras negociações, tratadas particularmente; porém a morte colheu el-rei D. Pedro II quando se dispunha para mandar pedir a mão da princeza em acto publico e solemne. Por esta razão, apenas el-rei D. João v empunhou o sceptro, cuidou logo de concluir os ajustes encetados por seu pae.

N'estas nupcias, pois, que tanto lisongearam o seu orgulho, é que o joven soberano patenteou pela primeira vez o seu amor da ostentação e do luxo.

A 14 de setembro de 1707 largou do Tejo a nau que conduzia o conde de Villar Maior, Fernão Telles da Silva, embaixador encarregado de ir pedir á corte de Vienna d'Austria a mão da archiduqueza. Nunca, em casos taes, se apresentára em corte alguma estrangeira uma embaixada portugueza tão apparatosa pelo acompanhamento que levava, e tão pomposa pelas galas e luzimento com que fez a sua entrada publica na capital do imperio allemão.

Compunha-se a comitiva do embaixador de noventa e duas pessoas: secretario, gentis-homens, thesoureiro, porteiro da camara, guarda-roupa, medico, confessor, pagens, reposteiros, lacaios, palafreneiros, sota-cavallariços, cocheiros, etc. O prestito do conde de Villar Maior, na sua entrada solemne na cidade de Vienna, constava de sete coches da embaixada, dois do imperador, e quarenta e dois dos ministros, conselheiros de estado, e mais funccionarios e fidalgos da corte imperial, e de grande numero de pagens, lacaios e outros criados, ricamente fardados, e que iam a pé ou a cavallo. O coche em que ia o embaixador caminhava entre trinta lacaios da sua casa, a pé, trajando riquissimas fardas. Atraz d'elle seguiam doze pagens montados em cavallos, sendo egualmente cobertos de oiro e prata os vestidos d'aquelles e os jaezes d'estes. Após vinham o estribeiro, seis palafreneiros conduzindo á mão seis soberbos cavallos do embaixador, ricamente ajaezados, e depois os sotas-cavallariços.

Os sete coches do embaixador foram mandados fazer na Hollanda expressamente para esta solemnidade. Eram todos mui ricos, principalmente um, que era recamado de oiro tanto no exterior como no interior.

Esta entrada do embaixador de Portugal foi tão vistosa e magnifica, que o imperador José I e toda a familia imperial, contra a pratica não só da corte de Vienna, mas tambem de todas as cortes da Europa, em casos similhantes, presenciaram das janellas do paço a passagem do cortejo.

Sirva esta amostra para se ajuizar da grandeza e profusão das galas, do apparato das ceremonias, e do esplendor das festas com que el-rei D. João v solemnisou a chegada da rainha a Lisboa e a celebração do seu consorcio.

Durante anno e meio trabalhou-se activamente nos preparativos para estas funcções. Ornaram-se as salas dos paços da Ribeira com preciosas sedas e brocados, e tapeçarias finissimas. Guarneceram-se com moveis de summa riqueza. Fabricaram-se coches de muita sumptuosidade. Fizeram-se novos e riquissimos fardamentos para toda a criadagem da casa real, e para as guardas dos archeiros. Construiram-se dezenove arcos triumphaes; um amphitheatro no Terreiro do Paço para as corridas de toiros; varias obras de architectura e uma montanha, figurando o Etna, para grandiosos fogos de artificios; coretos no paço para grandes concertos de musica, etc.

A rainha chegou ao Tejo, conduzida em uma armada ingleza de dezoito naus, no dia 26 de outubro de 1708. O resto de outubro e alguns dias de novembro foram consagrados aos festejos. A ceremonia da entrada publica da rainha realisou-se com grande solemnidade no dia 22 de dezembro. Foi n'essa occasião que serviram os coches reaes que se mandaram fazer, pois que a rainha desembarcára do bergantim real, em uma ponte junto aos paços da Ribeira, encaminhando-se logo a pé para a capella real do mesmo paço, onde se recebeu com el-rei.

Dispenderam-se n'estas funcções alguns centos de contos de réis.

Posto que fosse mui precario o estado da fazenda publica ao tempo em que assim se gastava com tanta largueza, outras occasiões se apresentaram, e d'ahi a poucos annos, em que essa fatal propensão do monarcha tomou proporções de verdadeira prodigalidade.

III

Tendo el-rei solicitado e obtido do papa Clemente XI, no correr do anno de 1710, a instituição de uma collegiada na sua capella real, composta de seis dignidades, dezoito conegos e doze beneficiados, testimunhou a sua gratidão ao summo pontifice enviando-lhe por embaixador extraordinario ao marquez de Fontes, a quem depois mudou o titulo no de Abrantes.

O fim ostensivo da embaixada era dar obediencia ao papa. Mas achando-se Clemente XI sentado na cadeira de S. Pedro desde o anno de 1700, e tendo el-rei D. João V por seu enviado e ministro plenipotenciario na corte de Roma, havia já alguns annos, a André de Mello e Castro, por via do qual tinha alcançado as referidas graças pontificias, ha razão para se presumir que el-rei apenas teve em vista retribuir o favor do pontifice com o espectaculo de uma embaixada apparatosa. E, com effeito, o marquez de Fontes, muito tempo depois da sua chegada a Roma, parte do qual gastou em preparativos festivaes, fez a sua entrada publica com esplendor e luxo poucas vezes visto na cidade eterna em ceremonias taes.

Todavia, não obstante a magnificencia que o marquez de Fontes alardeou n'esta solemnidade, não foi mais que o preludio de outra de muito maior riqueza e fulgor com que D. João V assombrou a capital do mundo catholico.

Decorridos poucos annos depois de ter a sua capella real organisada como uma sé, parecendo-lhe que ainda não era sufficiente preeminencia para o lustre da sua coroa, encarregou o seu ministro junto da santa sé, André de Mello e Castro, de requerer ao papa a erecção da mesma capella em egreja patriarchal. O que o monarcha portuguez solicitava era nada menos que o estabelecimento de um simulacro da corte pontificia dentro da sua real capella, que assim ficaria quasi competindo em magestade com a egreja do Vaticano. Clemente XI, que ainda cingia a tiara, ou por affeição particular a el-rei D. João V, ou por muito acostumado ás suas liberalidades, concedeu quanto a tal respeito lhe foi pedido.

A *bulla Aurea* da instituição da patriarchal foi expedida em novembro de 1716. No anno seguinte presenciou Lisboa pompas religiosas até então só vistas em Roma nas festividades em que officiava o soberano pontifice. Como todos sabem, os doze principaes da santa egreja patriarchal de Lisboa, divididos, como o sacro collegio de Roma, em principaes primarios, presbyteros e diaconos, vestiam habitos cardinalicios nas funcções da sua egreja, e celebravam pontifical. Os trinta e seis monsenhores eram repartidos por quatro turnos: o primeiro de doze monsenhores prelados (mitrados); os tres restantes de monsenhores protonotarios, sub-diaconos e acolytos. Os conegos eram vinte e quatro, e os beneficiados e capellães-cantores passavam de cento e vinte. Os mestres de ceremonia e mais empregados eram cento e quarenta e dois, e os musicos italianos e portuguezes setenta e dois.

Custaram sommas immensas ao thesouro portuguez as bullas da creação da patriarchal. Cada concessão que el-rei D. João V ia obtendo de novo para a augmentar em preeminencias e prerogativas, era paga a peso de oiro. Não obstante, o soberano, que conquistou o epitheto de *magnanimo* á força de liberalidades, quiz ainda mostrar-se reconhecido á munificencia de Clemente XI por meio de uma embaixada que eclipsasse em apparato e sumptuosidade as mais esplendidas embaixadas de que havia noticia.

André de Mello e Castro, elevado ao cargo de embaixador extraordinario, a fim de ter pretexto para fazer entrada publica e solemne na corte onde residia, desde os principios do reinado de D. João V, com o caracter de seu ministro plenipotenciario, correspondeu tão cabalmente aos desejos do soberano, que este lhe recompensou um tal serviço nomeando-o conde das Galvêas.

Nada esqueceu nem poupou André de Mello de tudo quanto podesse dar realce á solemnidade da sua entrada publica, que se verificou no anno de 1718, em consequencia dos muitos, importantes e variados preparativos que foi mister fazer para esta funcção. O que é certo é que eram tão notaveis a riqueza e perfeição dos coches e das librés que o embaixador mandou fazer para esse dia, e tão numerosa e luzida a sua comitiva, que ficou memorada esta ceremonia como a mais grandiosa que um monarcha estrangeiro fez celebrar em Roma. Depois deixaram de se fazer, por largos annos, na corte pontificia, entradas solemnes de embaixadores, porque nenhuma nação se accommodava á idéa de dispender tanto dinheiro na ceremonia de um só dia, como Portugal dispendeu; ou de fazer menos brilhante figura que este pequeno reino dos confins occidentaes da Europa.

Passado pouco tempo publicou-se em Roma uma descripção minuciosa d'esta embaixada em um volume in-folio adornado de gravuras, representando os coches do embaixador que serviram n'essa occasião. A bibliotheca publica de Lisboa conta entre os seus livros raros um exemplar d'esta obra, bastante curiosa para a historia da corte ostentosa del-rei D. João V.

IV

Ainda não estariam pagas, sem dúvida, todas as despezas d'aquelle capricho da vaidade real, e já o mesmo soberano se entregava desassombradamente a novos e grandes dispendios para ordenar uma funcção religiosa na sua corte.

Lembrando-se el-rei de restaurar a solemnidade do Corpo de Deus, que, em consequencia das passadas guerras da nossa independencia, chegára a perder quasi inteiramente o brilho com que outr'ora era celebrada n'esta capital, determinou, no anno de 1719, não sómente que fosse restituida ao seu antigo lustre, mas, além d'isso, que se accrescentasse em galas e magnificencias. Foram executadas com pontualidade as ordens do soberano e satisfeitos todos os devaneios da sua imaginação. A festa da procissão de *Corpus Christi* que se fez no dia 8 de junho de 1719, e que serviu de norma para a dos annos seguintes, foi a mais sumptuosa e brilhante festividade de que dão noticia os fastos da egreja olysiponense.

Existem extensas descripções d'esta funcção, escriptas por testimunhas oculares com miudeza e até prolixidade. Não é nosso proposito dar agora uma amostra d'ellas aos nossos leitores. Bastará dizer-lhes, para que façam uma idéa aproximada da grandiosidade e riqueza da festa, que se dispendeu n'ella, dos cofres do estado, cêrca de 200:000$000 réis. E ao tempo em que assim se gastava tão prodigamente em uma solemnidade religiosa, luctava ainda o governo com graves embaraços pecuniarios para acudir a todas as necessidades do serviço publico!

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

Por uma palavra inconsiderada se descobre um segredo; por um segredo descoberto se póde perder um reino. Quantas familias inteiras não poderam nunca lavar uma nodoa que lhe poz uma só palavra de um «ouvi dizer»? Em fim, não fôra ella sentença do Espirito Santo, se não fôra verdadeira sentença a que diz: Que a morte e a vida estão na mão da lingua. Resta logo para remedio e cautela de tantos perigos, que nunca nossas palavras se afastem da régoa da prudencia, porque só então sairão rectas.

P. MANOEL BERNARDES.



D. Catharina de Bragança, rainha de Inglaterra

De todas as negociações diplomaticas que fizemos para sustentar a restauração de 1640, a mais notavel e contestada foi a do casamento da infanta D. Catharina, filha del-rei D. João IV, com o rei da Gran-Bretanha, Carlos II.

Bem viram os ministros e conselheiros da nova dynastia que o reino não tinha forças proprias para resistir ao poder de Castella e a toda a casa de Austria; por isso o seu principal empenho foi conseguir o reconhecimento e auxilio das principaes potencias da Europa.

Logo em 1641 fez Portugal tratados de alliança com a França, Suecia e Dinamarca; de tregoas com a Hollanda; e em 1642 de paz e commercio com a Inglaterra. Mas isto só conseguia não termos estas nações por inimigas. Era urgente havel-as tambem por auxiliares, dando-nos soccorros de gente e munições de guerra.

A este intento se enviaram os fidalgos e letrados de maior sufficiencia (que os havia então de mão cheia) para diversas cortes.

Como assessor de todos elles, o famoso padre Antonio Vieira passou sete vezes o canal de Inglaterra, duas o golpho de Lyão, quatro atravessou a França, e a maior parte da Inglaterra e Hollanda [1].

[1] Memorial dos serviços do padre Antonio Vieira. Tomo IV das *Obras inéditas*.

De tantas e tão activas diligencias, só conseguimos da França promessa de soccorros, á custa de grandes subsidios; o comprarmos alguns navios e armamento na Hollanda; assoldadarmos alguma tropa aventureira; e fazer um emprestimo na praça de Amestardão. Póde-se dizer que antes da vinda do marechal conde de Schomberg em 1660, com seiscentos voluntarios, por intervenção do marechal Turenne, Portugal sustentou a guerra de Hespanha sómente com as tropas nacionaes, durante vinte annos, em que alcançou outras tantas victorias, até á decisiva, em Montes-Claros, unica em que entrou Schomberg com o posto de mestre de campo general, commandando o exercito e dirigindo a batalha o marquez de Marialva.

Se tal façanha nos parece hoje fabulosa, maior será o assombro, se considerarmos que Portugal, quando soltou o grito da independencia, «achava-se inteiramente desprovido de dinheiro, de artilheria, armas e polvora; que os armazens e arsenaes careciam de tudo quanto é mister para a guerra, tanto por mar como por terra; que o povo não tinha nenhuma disciplina militar; que não havia cavallos; que n'uma fronteira de cento e cincoenta legoas não existia uma só praça em estado de defender-se; que o dominio (bens proprios) dos antigos reis estava empenhado ou vendido; e pela mesma maneira o rendimento das alfandegas de Lisboa, que constituia a maior parte dos do reino,

os quaes, como se achassem empenhados em mão de pessoas que tinham grandemente contribuido para a acclamação del-rei, não havia meio de desempenhal-os senão pagando o que legitimamente se lhes devia; por ser costume da coroa de Castella, sempre conforme com o dos usurpadores, começar por vender e destruir o patrimonio dos reis desthronados, para tirar-lhes toda a esperança de o poderem recobrar.»

Este quadro, tão fiel como lastimoso, transmittido pelo enviado de França em Lisboa ao cardeal Mazarino [1], não só nos servirá para aferirmos a heroicidade da resistencia com que, em tal abatimento e desajudados, nos defendemos da invasão hespanhola no seculo XVII; mas tambem para que os pusillanimes, que nos julgam hoje em estado de não podermos manter a nossa autonomia, vejam quanto póde a união, o patriotismo e o amor da liberdade.

Portugal não está presentemente tão empobrecido como em 1640; e se depois de uma guerra de quasi trinta annos, se restabeleceu até chegar á opulencia do reinado de D. João V, o aproveitamento dos recursos que ainda temos nos póde abrir um futuro de prosperidade e grandeza.

Já vimos como os nossos alliados, a França e a Inglaterra, nos deixaram, por espaço de vinte annos, luctando a sós com a Hespanha, repellidos pela curia romana, e trahidos pelos hollandezes; vejamos agora as diligencias que os diplomatas portuguezes fizeram, durante esse periodo, para conseguirem os soccorros com que podessemos pôr termo a tão arriscada lucta.

Como n'aquelle tempo as allianças matrimoniaes entre as casas reinantes eram os pactos que decidiam quasi sempre a sorte dos povos, logo em 1643 enviou D. João IV um embaixador a Paris para ajustar o casamento do principe D. Theodosio, herdeiro da coroa, com a duqueza de Montpensier, sobrinha de Luiz XIII.

Não tendo vingado esta tentativa, foram incumbidos o marquez de Nisa e o padre Vieira de tratar do matrimonio do mesmo principe com a filha mais velha do duque de Orleans, interessando n'esta negociação o ministro absoluto de Luiz XIV, o cardeal Mazarino, ao qual offereceram o arcebispado de Evora, e um presente de trezentos mil cruzados em pimenta, alcatifas e outras coisas preciosas da India, para elle distribuir como entendesse; porque n'aquelle tempo toda a diplomacia calçava d'estas *luvas*, e Mazarino tinha fama de peiteiro. O astuto cardeal prometteu favorecer este projecto, mas não cumpriu a sua palavra, ao que era useiro, como bem o provou depois, excluindo Portugal da paz dos Pyrenéos, em 1660, contra a boa fé do tratado que haviamos celebrado com a França, que elle então governava despoticamente.

Nova tentativa fez o afamado padre Vieira, para casar o principe D. Theodosio com D. Maria Thereza de Austria, filha e herdeira de Filippe IV, que depois casou com Luiz XIV. Contava o eloquente jesuita que, celebrando-se este consorcio do successor do throno portuguez com a herdeira da monarchia hespanhola, o rei de Castella desistiria das suas pretenções á coroa de Portugal, em beneficio de sua filha, e assim terminaria a guerra.

Baldou-se-lhe tambem este projecto, porque a Hespanha tinha já destinado esta princeza para Luiz XIV, e com ella comprar a paz da França, cuja guerra lhe era mais nociva que a nossa.

Não descoroçoou Antonio Vieira com ver mallogradas todas as suas fadigas para alcançar a paz do reino com o casamento do seu augusto discipulo, porque, embora o principe D. Theodosio não recebesse lições do padre Vieira, tinha elle alvará de mestre de sua alteza.

[1] *Quadro Elem.*, tomo IV, pag. 884, publicado pelo visconde de Santarem.

A ultima tentativa foi mais audaciosa. Com instrucções secretas, escriptas pelo secretario de estado Pedro Vieira da Silva, depois bispo de Leiria, se transferiu a Paris, e ahi as apresentou ao marquez de Nisa, nosso embaixador, para que buscasse logo o cardeal Mazarino, e lhe dissesse que el-rei de Portugal levava em gosto casar o principe D. Theodosio com *madamoysela* de Longueville, podendo logo vir com ella o duque seu pae, a quem sua magestade largaria o governo do reino, para o governar em quanto o principe não tivesse edade; passando o sr. D. João IV ao Brasil com o titulo de rei d'aquelle estado.

O embaixador, espantado da novidade de tal proposta, e repugnando-lhe o seu conteudo, exclamou «que não era elle o vassallo que havia de entregar o reino de Portugal aos francezes e tiral-o a el-rei D. João; e que antes *cortaria as mãos* do que assignar tal tratado.»

Consta este facto (que demanda longo commentario, a que n'outro logar nos entregaremos) de um documento original que possuimos [1].

Apenas com dezoito annos, falleceu o principe D. Theodosio, solteiro, apesar de haver tido tantas noivas e tão solerte casamenteiro! Mas o padre Vieira, se lhe não fez o casamento, escreveu-lhe o necrologio, no eloquente e affectuoso sermão das exequias que a Companhia de Jesus lhe celebrou no seu collegio do Maranhão, onde Vieira por esse tempo residia.

N'esta memoranda oração funebre, onde ha lances dignos de Bossuet, seu contemporaneo, não deixou elle de commemorar o assumpto que tanto o havia preoccupado, mas de modo que elegantemente sublima a resignação com que D. Theodosio acceitava todas as propostas matrimoniaes, com tanto que a paz e segurança do reino se conseguissem.

Eis as palavras do padre Vieira:

«Tratou-se por vezes do casamento do principe. E como se havia elle n'este ponto? O mais desinteressado voto de quantos entravam n'este conselho era o seu. Porque os outros procuravam de lhe saber a inclinação, e elle nunca já mais a mostrou; e assim discorria como se lhe não tocára. Os outros principes consultam os casamentos com os retratos; o nosso consultava-o com as conveniencias do reino; e entre as princezas que se propunham, aquella que estava melhor ao reino, essa lhe parecia melhor.»

E não se haja isto por adulação de panegyrista. D. Theodosio nunca mostrou inclinação ao matrimonio. Os seus amores (diz o mesmo orador) eram Deus e os livros. Todas as historias do tempo exaltam o raro talento d'este principe, que aos treze annos já assistia ao conselho de estado. Tinha muita instrucção e perspicacia; sabia as linguas latina, franceza, italiana e hespanhola. Aborrecia os cortezãos e aduladores, mas gostava dos poetas, porque (diz engraçadamente o padre Vieira) quem mente por profissão falla verdade, não engana.

Tem-se dito que os jesuitas o educavam para entrar na Companhia; mas o proprio Vieira, n'uma carta que lhe escreveu de Roma, exhorta-o a que vá para a frente do exercito, dizendo-lhe: «Eia, meu principe: despida-se dos livros, que é chegado o tempo de ensinar aos portuguezes e ao mundo o que vossa alteza n'elles tem estudado. Armas, guerras, victorias; pôr bandeiras inimigas e coroas aos pés; são de hoje em diante as obrigações de vossa alteza; e estas as minhas esperanças.» E o principe partiu logo para a fronteira do Alemtejo.

Não cessaram, com a morte do successor de D.

[1] O commendador J. F. Lisboa, escriptor brasileiro, a quem démos cópia d'este documento, juntamente com outras noticias para a *Vida do padre Antonio Vieira*, que andava compondo, e que foi publicada no tomo IV das suas *Obras*, impressas na cidade do Maranhão em 1866, transcreveu-o e analysou-o, mas nem sequer rastreou a significação que tem aquelle papel para a historia das missões diplomaticas de que foi encarregado e das que suggeriu o padre Vieira.

João IV, as diligencias para se conseguir a paz com uma vantajosa alliança matrimonial.

A infanta D. Catharina, irmã de D. Theodosio, não tinha corôa para offerecer ao marido; foi então forçoso desencravar da de Portugal as joias lapidadas com as laminas dos nossos aguerridos conquistadores da Asia e da Africa, para servirem de dote e arrhas á filha do empobrecido senhor d'áquem e d'além-mar, herdeiro del-rei D. Manuel!

Tal foi a desastrosa conjunctura em que, com a mão da infanta D. Catharina, démos ao rei de Inglaterra Bombaim, Tanger e Ceylão em 1661, para salvar a herança accumulada de tantos seculos.

E ainda assim, houve muitos pregões, mas um só lançador, n'esta hasta publica?

Quatro foram os principes a quem se offereceu a mão de D. Catharina: 1.° a D. João de Austria, filho natural de Filippe IV, rei de Hespanha; 2.° ao duque de Beaufort, neto de Henrique IV; 3.° a Luiz XIV, rei de França; 4.° a Carlos II, rei de Inglaterra.

Summariemos as negociações que houve com cada um d'estes principes.

(Continúa) A. DA SILVA TULLIO.

NOTICIA ARCHEOLOGICA

Em fevereiro ou março d'este anno, cavando uns trabalhadores para abacellarem uma terra do sr. Dordio, lavrador de Arrayollos, encontraram um sarcophago romano. Era um caixão feito de pedras de marmore de 0^{m},02 a 0^{m},03 de espessura, completamente lisas, sem letras nem ornatos. Vêem-se n'estas pedras signaes de terem sido serradas; quatro tem 1^{m},60 de comprido e 0^{m},60 de largo. As outras duas, com dimensões proporcionadas, formavam os topos do caixão. Estavam todas em seus logares, mas sem nenhum cimento, e apenas ligadas por tres peças de ferro, que engatavam as pedras lateraes por baixo da pedra superior, que servia de tampa. Uma camada de tijolos cobria toda a sepultura. Dentro appareceram ossos humanos, e na pedra do fundo algumas manchas denegridas, em correspondencia ás partes mais salientes do corpo, que as haviam produzido com os humores acidos da decomposição cadaverica. Affirmaram-nos que se encontrára juntamente uma moeda de cobre de Augusto.

Nos sitios de Arrayollos houve uma povoação romana chamada Calantica. Na distancia de menos de seis kilometros e a nornoroeste da villa acham-se muitas reliquias d'aquella povoação, sendo a principal o proprio templo de Sant'Anna, que conserva ainda, segundo diz o sr. Rivara, quasi tres quartas partes da fabrica primitiva.

O sarcophago appareceu do lado opposto, no sitio que chamam Villa Ladra, a um kilometro de Arrayollos, da parte de sudoeste. Aqui mesmo se tem achado alguns raros vestigios romanos, e tambem ha pouco tempo, conforme nos disseram, uma moeda de oiro gothica. Os ferros, um fragmento do marmore e um tijolo romano, obsequiosamente nol-os cedeu o sr. Dordio para a bibliotheca publica de Evora, onde hoje se conservam. A. FILIPPE SIMÕES.

BEIJA-FLOR E PASSARINHO MOSCARDO

Ha no Brasil e em outras regiões da America meridional uns passarinhos, a que bem quadra o titulo de portento da creação, porque em nenhum outro ser tão pequenino reuniu o Creador tantos e taes dotes de elegancia e formosura, de brilho e graça.

No sertão do Brasil chamam-lhes os gentios, em umas partes *garracicam*, e n'outras *guainumbi*. No Rio de Janeiro e nas outras cidades do imperio dão-lhes o nome de *beija-flor*. Os francezes denominam-n'os *colibris* e *passarinhos moscardos*. A sciencia designa-os sob o vocabulo *trochilus*, que constitue um genero da familia dos passarinhos *tenuirostros*, ou de bico delgado. Os ornithologistas modernos formam d'estas avesinhas uma pequena familia natural, composta de um unico genero, dividido em dois grupos ou sub-generos, um dos beija-flores propriamente ditos (*trochilus*), outro dos passarinhos moscardos (*orthorhyneus* ou *ornismya*, e tambem por alguns naturalistas denominados *trochilus*).

Os beija-flores, em geral, são maiores que os passarinhos moscardos. Estes tem o bico direito, aquelles curvo, mas em ambas as especies é delgadissimo. São muitas as variedades que ha d'estas avesinhas, differençando-se tanto pelo tamanho e pela fórma, como pela diversidade de côres da sua plumagem. Todas são de corpo tão pequenino, que, pela maior parte, pouco excedem as proporções em que as representa a nossa gravura.

Quanto ás côres, são estas tão vivas e tanto brilham com seus reflexos metallicos, que não póde a penna, nem poderá o pincel mais subtil e amestrado, descrever ou retratar com exacção tão peregrina belleza. Dão alguma idéa d'ella os nomes por que são conhecidas certas variedades; pois que ha beija-flores e passarinhos moscardos a que chamam *esmeraldas*, a outros *amethistas*, a alguns *granadas*, a outros *rubim-topasios*, etc. E estes nomes ajustam-se perfeitamente a tão gentis aves, porque a sua plumagem não sómente imita nas côres as pedras preciosas, mas até as excede no brilho.

Vamos copiar de um dos nossos mais elegantes escriptores do seculo XVII a descripção de uma d'estas aves. Com a penna molhada em negra tinta não é possivel, certamente, fazer retrato mais parecido de um passarinho que tem por principal dote da sua gentileza o esplendor das côres de que se veste. O padre Balthazar Telles, chronista da companhia de Jesus, tratando do Brasil no tomo I da sua *Chronica*, descreve do seguinte modo uma variedade dos passarinhos moscardos:

«Tambem é maravilhosa a formosura e diversidade de aves e passaros que Deus creou no Brasil, alguns de côres finissimas, de tão suaves musicas, de tão galharda vista, de instinctos tão particulares e curiosos, que é muito para louvar e engrandecer ao Supremo Auctor da natureza, que assim soube enriquecer aquella terra com plantas, povoal-a de animaes, e encher seus ares com tantas aves e com passaros tão curiosos. E pois entrei n'esta materia das aves, ainda que vou tão apressado, não posso deixar de me deter em descrever a curiosidade da vista, ao menos, em um, e o instincto da natureza em outro.

«Ha um passaro que, além de constar de côres finissimas, tem um como barrete na cabeça de pennas tão formosas, que representam toda a variedade das que escassamente alcançam os que melhor d'ellas entendem. Se o pôem de uma parte, não ha veludo carmesim nem escarlate de mais viva côr; e logo se o viraes para a outra, não ha preto mais escuro nem mais lindo azul celeste; e se lhe daes outra volta, não ha peça mais doirada nem diamante mais resplandecente. O papo é de côr peregrina, a que não sabemos bem dar o proprio nome, porque se lhe quereis chamar amarello, logo se vos representa verde; e quando cuidaveis que era azul, de repente se vos mostra encarnado, e em um momento parece laranjado; e logo jurareis que é leonado; com uma tão notavel mistura de todas as côres juntas, que, pol-as furtar todas á natureza, lhe quadrava melhor o nome de furta-côres;

se lhe não quizermos chamar Protheo das côres. O mais corpo é revestido de um pardo mui gracioso, que faz realçar mais e sair mais brilhantes as outras côres, mas até este mesmo pardo sae como sobre doirado, enrequecido com mil esmaltes e retoques de encarnado, que avultam mais sobre a côr parda do vestido. O bico é muito comprido, e todo preto, com o qual apanha o orvalho e mel de que se mantem a si, e sustentam seus filhos; de modo que a sustentação não é da terra, como dos outros animaes, mas toda dependendo do ceo, como se não tivesse a terra pasto digno de tão formosa ave. Chamam-lhe os naturaes *garracicum.*»

O observador estudioso que seguir estas aves no livre exercicio dos seus habitos, achal-as-ha, sem dúvida, tão interessantes em seus costumes, como são bellas e encantadoras para a vista.

A vida em sociedade é a que mais apraz ao beija-flor. Todavia, não é raro vel-o solitario, errando entre os raminhos de uma arvore florida. Mas ordinariamente onde se eleva uma arvore ou um arbusto coberto de flores, ahi se representa a mais vistosa e alegre scena que os olhos do homem podem ver. Figurae um bando numerosissimo de beija-flores e passarinhos moscardos, esvoaçando em continuos volteios em torno da arvore ou arbusto, qual enxame de abelhas, que perfeitamente imitam na rapidez dos movimentos e no zumbido. Cruzando-se em todos os sentidos, ora se dirigem a uma flor como enamorados da sua belleza, ora a deixam bruscamente apenas tocam



Beija-flores ermitas e seus ninhos

nas suas pétalas, voando ligeiros em busca de outra mais bella. Aqui, suspensos, immoveis sobre a corolla gentil que os seduz, sugam em um relancear d'olhos o nectar melifluo que o calice encerra. Alli disputam á porfia, em ruidosa contenda, a posse de um thesouro de mel e de orvalho que os raios do sol matinal acabam de abrir. Além saltam, brincando, de tronco em tronco, ou penduram-se das folhas, como fingindo cair. Acolá, poisados nas extremidades dos mais frageis raminhos, deixam-se embalar pelas auras, parecendo embriagados dos suaves perfumes que ellas vão espalhando. E n'esse festim aéreo em que andam embevecidos, antolha-se a quem os vê, umas vezes que descrevem nos ares, na rapidez do vôo, um arco iris tão formoso como o que os raios do sol projectam sobre as nuvens; outras vezes que vão derramando por cima da folhagem e das flores esmeraldas e topazios, amethistas e rubins.

Não se presuma que, para se desfructar tão donoso espectaculo, é necessario entranhar-se o curioso nas solidões do Brasil. Não obstante serem estas avezinhas tão timidas que o menor bulicio as assusta, afugentando-as até o simples murmurio das folhas que o vento agita, aproximam-se afoitas das habitações, attrahidas das numerosas flores que nos jardins contiguos lhes offerecem abundante e saboroso pasto.

Ninguem dirá, observando estas aves pequeninas e mimosas, que não sejam dotadas de indole e habitos tão constantemente doces como o mel de que se alimentam. Pois, pelo contrario, os seus instinctos assumem ás vezes o aspecto das paixões que fazem pulsar com força o coração do homem. Se alguma ave estranha vem poisar na arvore florida, que o lindo bando plumoso alegra, adorna e explora, logo de subito algum beija-flor, e após este muitos outros, vão perseguir o intruso, como em defensa do direito de propriedade, e, tirando forças do numero e da coragem, com seus continuados e impertinentes ataques, que mal se podem chamar violencias, conseguem afugental-o.

Não são menos ardentes nas manifestações do amor, que n'aquelles impulsos da ambição ciosa. Quando a femea foge, esquiva, aos afagos do amante, é coisa engraçada ver este a perseguil-a com evidentes signaes de colera, que se manifestam no vôo por gritos agudos e repetidos, e ao alcançar a ingrata pelas picadas enraivecidas com que precede as caricias.

A femea faz duas posturas no anno, cada uma apenas de dois ovos, brancos e tão pequeninos como uma ervilha. E para a criação da tenra prole constroem os beija-flores e passarinhos moscardos o mais delicado ninho que a natureza ensinou ás aves a fabricar. Externamente é entretecido de uma variedade de musgo muito mimoso, de côr cinzenta, atirando para azul, que se cria nas arvores annosas. O interior é forrado com a felpa do algodão, ou da sumahuma, ou de outras flores cujas sementes são acompanhadas de substancias volateis. Com a sua saliva, que é uma especie de gluten, unem e pegam uns aos outros os pedacinhos de musgo; e por meio das fibras de certas plantas ligam o ninho, raras vezes aos troncos, quasi sempre ás folhas de um arbusto que sejam mais compridas que largas. Menos de tres centimetros de diametro, e pouco mais de tres de altura, são as dimensões d'estes ninhos em miniatura. Em fim, esse berço aéreo, que as mais ligeiras brisas embalam, é uma obra prima de delicadeza, de elegancia e de solidez.

Que painel mais interessante e encantador póde apresentar a creação; que espectaculo mais maravilhoso que este de uma familia, composta de pae, mãe e filhinhos, todos radiantes de formosura, habitando alegres, em doce e amorosa união, na simples folha de uma arvore ou arbusto? Que esforço de arte e intelligencia; que expressão tão viva de sentimento; que scena tão bella e graciosa passada em um dedal de musgo e algodão!



1 Passarinho moscardo rubim-topasio e o seu ninho — 2 Passarinho moscardo esmeralda tambem conhecido pelo epitheto de pôpa e collo gentil

O macho e a femea repartem entre si os cuidados e fadigas da incubação, bem como os desvelos e carinhos da criação. E não só os repartem, mas até mutuamente se auxiliam, para que menos lhes custem taes enfados. Assim, pois, em quanto um está no chôco, ostentando os reflexos metallicos do seu peito furtacôres, o outro ora lhe faz companhia, poisado na borda do raminho; ora esvoaça em torno d'elle em alegre folguedo; e se por momentos o abandona, é para ir roubar o nectar ás flores, volvendo promptamente a deposital-o no bico do seu amavel companheiro.

Bastam quinze dias para se gerarem e nascerem os filhinhos, que nos primeiros dias não fazem mais vulto que uma abelha. E apenas nascem, é muito curioso ver como nos paes redobram os cuidados e desvelos, e como em tão pequenos corpinhos se manifesta e desenvolve tão grande coragem na defensa da prole, arremettendo ousadamente qualquer ave ou reptil que a ameace, sem que os amedronte a grandeza do inimigo.

Os beija-flores e passarinhos moscardos habitam as regiões mais calidas do novo mundo. O Brasil é uma d'aquellas onde se encontram em maior numero.

Ainda não vae longe o tempo em que se dizia que estas graciosas creaturinhas só podiam viver nos paizes que trajam eternamente as galas da primavera. Todavia, hoje não é permittido duvidar de que, mediante assiduos cuidados e conchegos, com os quaes se lhes proporcione uma temperatura como a da sua terra natal, se obtem transportar para a Europa, e ahi conservar por longos tempos vivos, ageis e bem dispostos estes interessantes passarinhos. Na França e na Inglaterra admiram-se soberbas collecções d'elles em grandes viveiros envidraçados, aquecidos artificialmente. Na ultima exposição universal de Paris, erguia-se nos jardins que cercavam o palacio de cris-

tal um esbelto pavilhão, que tinha sempre junto ás suas vidraças numeroso concurso de visitantes, enlevados na gentileza das aves que o povoavam. Via-se alli uma das mais completas e lindas collecções de beija-flores e passarinhos moscardos que presentemente ha na Europa.

Não são difficeis de domesticar. Citam-se muitos exemplos de pessoas, principalmente senhoras, que, tendo-os em uma camara, em liberdade, conseguiram ensinal-os, sem grande custo, a acudirem á sua voz, para lhe tomarem dos labios ou da mão algum doce manjar.

Os meios geralmente empregados para caçar as aves não podiam servir, como bem se imaginará, para apanhar vivos e perfeitos, ou mortos de maneira que se podessem embalsamar, estes pequenos passarinhos. Roubar-lhes-hia o visco a formosura e brilho das côres, que movem inveja ás pedras preciosas. O chumbo, por mais miudo que fosse, faria pedaços, reduziria ao nada aquelles corpinhos tão exiguos. Colhem-n'os, porém, de differente modo, segundo o fim para que os querem. Matam-n'os, para os embalsamarem, atirando-lhes com ervilhas despedidas por uma sarabatana, ou com tiros de pistola carregada com grãos de areia. Apanham-n'os vivos com uma rede mui fina e subtil, a que chamam *teia de aranha*, ou por meio de um processo infallivel, é verdade, mas indigno de ser applicado a creaturas tão celestes e poeticas. Accommettendo repentinamente com o esguicho de uma seringa o bando descuidado, consegue o caçador lançar por terra muitas d'aquellas avezinhas, que, atordoadas com a violencia da agua, facilmente se deixam apanhar.

I. DE VILHENA BARBOSA.

SANTA CATHARINA

(TRADIÇÃO RELIGIOSA)

I

Santa Catharina nasceu na Alexandria. Era filha de uma familia muito nobre.

Segundo um piedoso historiador, Catharina resolveu baptisar-se por effeito de um sonho, ou antes de uma visão. Sonhando que a Virgem a apresentava ao Menino Jesus, que não queria attendel-a porque não estava baptisada, apressou-se em receber este sacramento. Então o Menino Jesus apresentou-se-lhe novamente, e a tomou para esposa na presença de sua Mãe e dos anjos, e, em signal d'este consorcio, Jesus lhe deu um annel, que a joven encontrou depois de acordar.

Catharina era muito viva e intelligente. Applicou-se ao estudo da theologia, e em pouco tempo achou-se habilitada para argumentar com os varões mais doutos da Alexandria.

II

Maximino reinava no Egypto.

Pagão, como fôra Constantino, no começo do seu reinado perseguiu os christãos, mas depois mandou publicar um edito em seu favor, quando julgou conveniente aos seus interesses reconciliar-se com elles. O odio incitára as perseguições; a politica extinguira-as.

Antes, porém, de succeder isto, e com o intuito de obrigar os christãos á apostasia, Maximino um dia ordenou extraordinarios sacrificios, os quaes todos os subditos deviam presenciar sob pena de morte. O proprio Maximino presidia a esta solemnidade no templo de Serapis.

Foi n'esta occasião que Santa Catharina, que tres vezes argumentou com o imperador, teve com este o seu primeiro colloquio. Queria a joven provar-lhe a superioridade do christianismo sobre o paganismo.

Maximino era ignorante, porém conhecia que não ficava em bom terreno se quizesse entrar em lucta com tal adversaria. Filho de um pegureiro, e sendo tambem pegureiro e depois soldado, nunca tivera tempo nem opportunidade nos campos para aprender a raciocinar *in modo et figura*. Como, porém, estava com os seus doutores ou doutrinarios, Catharina foi-lhes entregue.

Estes doutores, que andavam na corte do imperador Maximino, não eram menos de cincoenta. A joven não recusou nem se intimidou ante o numero. Argumentou com todos.

Descêra das alturas um anjo para a animar e prometter-lhe a victoria; e a victoria foi completa.

Apoiando-se na auctoridade de Socrates, Platão, Aristoteles e outros, Catharina demonstrou tão cabalmente a excellencia do christianismo, que o decano da faculdade declarou-se vencido, e não só vencido, mas tambem convertido.

Declarando os outros quarenta e nove doutores que participavam das opiniões do seu decano e as sustentavam, Maximino mandou-os queimar.

Assegura a tradição que a fogueira onde morreram lhes respeitára os corpos.

III

Pedíra Catharina ao imperador que se fizesse christão se ella conseguisse converter os doutores; mas, apesar de suppor a proposta muito ousada, o imperador não mandou, todavia, que a joven fosse comprehendida no auto de fé.

O facto explica-se. Maximino era barbaro e odiento no governo, mas no intimo amoravel para com o bello sexo.

Posto não quizesse ou não podesse acceitar as doutrinas de Catharina, o seu fervor causára-lhe enthusiasmo; e a belleza da mulher, realçada pelo calor de porfiada contenda, rendêra-lhe a final o coração.

Tendo-se exaltado o seu amor pela indifferença de Catharina, um dia resolveu-se o imperador a dizer-lhe que a tomaria para mulher se ella quizesse corresponder-lhe, mas a joven recusou afoitamente uma proposta que julgava offensiva.

Desde esse dia, pois, Maximino jurou vingar-se. Catharina foi entregue aos carrascos, os quaes, por meio de cruelissimas torturas, deviam tornal-a mais benevola para com o desencadeado affecto do imperador.

A virgem, estendida sobre um cavallete que lhe desconjunctava os membros, foi açoitada, até lhe fazerem sangue, por espaço de duas horas, e depois lançada no fundo de um calaboiço para ahi morrer de fome.

Maximino, para dissipar a paixão e esquecer-se da vingança em que tão cruelmente se exercitava, dizem que por essa occasião se foi distrahir pelas suas provincias, esperando que a pobre virgem se finasse na prisão.

No entretanto, sua mulher, a imperatriz Faustina, teve uma visão. Catharina fizera assental-a junto de si, e, pondo-lhe uma coroa na cabeça, dissera-lhe:

— Princeza, é meu santo esposo que vos dá esta coroa.

A imperatriz quiz ver o esposo da que lhe fazia similhante brinde, e pediu a um capitão da guarda imperial que lhe indagasse onde estava. O capitão logo conseguiu que se avistasse com Catharina, a qual, no fundo do calaboiço, predisse que os dois morreriam dentro de alguns dias, o que, com effeito, succedeu.

Nem a tortura, nem a fome, nem a sêde tinham mudado Catharina. Quando se avistou com a imperatriz estava mais bella que nunca. Não só esta extraor-

dinaria circunstancia, mas tambem a notavel eloquencia da joven, determinaram a conversão de Faustina e do capitão. E Maximino soube isto, e castigou o attentado.

No praso fixado por Catharina, a imperatriz e o capitão da guarda imperial pagaram a sua curiosidade e o seu atrevimento com o supplicio.

Vendo-se viuvo, Maximino contava que a joven Catharina seria mais affavel para com elle, e que a final se renderia. Os esforços empregaram-se baldadamente. Reconhecendo que era impossivel conseguir a sua vontade, o imperador determinou que decepassem a cabeça da joven.

Foi depois do terceiro colloquio com o imperador que este barbaro deu a Catharina similhante prova de affecto. O segundo colloquio, que se verificou logo que Maximino regressára da sua excursão pelas provincias, e no qual instára com Catharina para acceitar o logar que vagára pela morte da imperatriz Faustina, teve as mais tristes consequencias. Antes de mandar-lhe cortar a cabeça, o imperador decidiu-se a submettel-a a novas torturas; mas o singular é que os algozes que executavam as crueis ordens de Maximino foram as unicas victimas d'este martyrio, porque os instrumentos da tortura, despedaçando-se quando os applicavam a Catharina, tiraram-lhes a vida. Assim reza a tradição.

Santa Catharina contava dezenove annos apenas, quando tantos factos maravilhosos chamavam para ella a attenção de todos. A 25 de novembro de 307 foi juntar-se a seu celeste esposo.

Accrescenta a tradição que os anjos transportaram o corpo da virgem e martyr para o monte Sinai, onde o encontraram intacto passados seiscentos annos.

Os anjos desciam de vez em quando sobre o monte para entoarem hymnos em louvor da santa, como testimunham os cavalleiros ou monges que se dedicaram á guarda das venerandas reliquias alli encontradas.

O nome de Catharina quer dizer *pura e sem mancha*.

A virgem do monte Sinai é representada com uma corôa de princeza, como signal de sua illustre prosapia, e tendo ao lado uma roda de navalhas, como para indicar os martyrios que padeceu.

IV

Algumas mulheres celebres tem havido com o nome de Catharina. Fallaremos em primeiro logar das que foram canonisadas.

Santa Catharina da Suecia, filha de Santa Brigida, tem uma vida tão povoada de factos maravilhosos como a sua padroeira. Viveu virgem como ella, e aos sete annos, segundo affirmam os biographos, foi perseguida pelos demonios, que a açoitaram, saindo incolume de tão singular provação.

Santa Catharina de Sena tem ainda mais analogia com a virgem do monte Sinai. Dedicou-se como esta, desde muito nova, aos estudos theologicos, e por seus extasis, revelações e natural eloquencia, fez tambem innumeras conversões. Esta santa, que descendia de uma familia de industriaes e entrára em negociações com os pontifices do seu tempo, deixou algumas obras que, pela pureza e elegancia do estilo, se podem considerar classicas.

Vem depois ainda Santa Catharina de Bolonha, cuja festa é a 9 de março, e Santa Catharina de Genova, que a egreja celebra a 14 de setembro, as quaes se tornaram egualmente famosas por suas virtudes e por seus escriptos.

Catharina de Medicis, natural de Florença, mulher de Henrique II e mãe de Francisco II de França, já não entra, nem póde entrar, na classe das santas. Um de seus mais notaveis e dedicados biographos, tambem filho de Florença, tentou a rehabilitação de Catharina de Medicis, porém baldadamente. A vida d'esta Catharina marca a epocha mais odiosa e odienta da historia de França, e não ha aguas no Oceano que dissipem a negrura de que o espantoso morticinio de S. Bartholomeu envolveu para todo o sempre a sua memoria.

De Catharina de França, filha de Carlos VI e viuva de Henrique V, rei de Inglaterra, descende a casa de Tudor. Seu segundo marido usou d'este nome. Ou proceda da antiga nobreza de Galles, ou de uma familia de humildes operarios, como dizem alguns, é certo que foi o avô dos Richmond que, sob o nome de Henrique VII, subiu ao throno de Inglaterra logo que se verificou a morte do ultimo dos Plantagenets. Desde então o sangue real francez andou misturado com o sangue real inglez, até que se deu o primeiro desastre da casa Stuart.

Catharina de Aragão, filha de Fernando e Isabel, foi a primeira mulher de Henrique VIII. Embora não se mostrasse amavel, era, comtudo, boa. Apesar d'isso, Henrique repudiou-a sem conseguir a auctorisação que pedira ao summo pontifice; e o que o chefe da egreja catholica nomeára «defensor da fé» separou-se, assim como o povo inglez, da egreja catholica, para não só assumir o titulo de «protector e chefe supremo da egreja de Inglaterra», mas para casar-se com Anna Bolena, a quem, pouco tempo depois, mandou cortar a cabeça.

Catharina Howard, quinta mulher de Henrique VIII, teve egual sorte.

A sexta mulher d'este originalissimo soberano chamava-se tambem Catharina [1]. Tinha a mania de argumentar ácerca de assumptos religiosos, e com isso amofinava Henrique VIII. A morte de seu augusto marido, occorrida quando elle pensava em mandar-lhe egualmente decepar a cabeça, deu por certo a Catharina Parr maior auctoridade, porque o facto era em favor das suas crenças.

Catharina de Portugal casou com o rei Carlos II de Inglaterra [2]. Dizem d'ella «que não tinha o corpo tão formoso como a alma», e, todavia, não lhe faltavam encantos. Esta filha do duque de Bragança (D. João IV), que subiu ao throno de seus antepassados, era mulher do filho do primeiro dos Stuarts, que foi desthronado. Singular coincidencia!

A Russia conta duas Catharinas, ambas esposas de grandes homens. A primeira casou-se com Pedro o Grande. Passou dos braços de um soldado para os do imperador, e foi digna d'esta elevação. Durante a vida do reformador Pedro, cujos costumes ella tambem se encarregou de reformar, Catharina salvou-o e ao seu exercito nas margens do Pruth, e depois da morte do czar assentou em bases mais solidas e melhorou muitas das instituições com que elle dotára o imperio.

Decorridos trinta e cinco annos, subiu ao throno, a que a sua antecessora dera tamanho realce, outra Catharina, não menos digna d'aquelle solio. Posto que não fosse esposa tão affectuosa, Catharina II tinha as altas qualidades da heroina de Livonia, mas, sem duvida, quadrava-lhe muito bem o cognome de Semiramis do Norte, que lhe deu Voltaire e lhe ficou.

EVORA

EGREJA E CONVENTO DE S. FRANCISCO

(Vid. pag. 18)

VII

Conclue, finalmente, o nosso Jeremias franciscano: «Morto este rei, ficou seu filho D. João II, e este acabou de nos tomar o mais e nos tirou a vista do Rocio, e nos pôs no que agora vêdes; e porem quem

[1] Catharina Parr.
[2] Vid. pag. 25.

vivêr verá que os mortos, que isto deram a S. Francisco, hão de clamar e pedir justiça a Deus. N'este tempo tinha el-rei grandes fadigas de guerra e outras coisas que a seu tempo parecerão, que tambem n'estas casas, onde se liam as escripturas de Deus, se deu sentença de morte com que degolaram o duque de Bragança; e agora querem fazer festas, que se hão de tornar em pranto; e quem viver verá. Dizem os padres velhos que cada rei que vier ha de tomar seu pouco, até que tomem toda a casa, não olhando que foi edificada com licença de S. Francisco e por seus companheiros santos, onde jazem tambem muitos letrados e homens santos, não entendendo os castigos e açoutes que lhes Deus dá.»

Tanto se alargou D. João II pelo convento, que, segundo affirma o padre Esperança, no aperto em que poz os frades, até officinas lhes faltavam. Restituiu-lhes, porém, a fim de a transformarem em enfermaria, uma casa que servia de relação.

Diz o auctor da memoria, que nos estudos, por onde D. Affonso V começára a apropriar-se do convento, se deu a sentença de morte do duque de Bragança. Diverge n'este ponto das chronicas contemporaneas, que são concordes em declarar que nos paços do conde de Olivença (onde é hoje a casa do duque de Cadaval) se hospedou el-rei, por serem melhores para o verão, e ahi foi sentenciado o infeliz duque.

As festas de que falla são as que se celebraram em Evora pelos desposorios do principe D. Affonso com a infanta de Castella em 1490; e os prantos que se seguiram tiveram por causa a morte desastrosa do mesmo principe em Santarem, oito mezes depois, no anno de 1491.

Obteve D. João II uma bulla de Alexandre VI, passada a 14 de abril de 1495, confirmando as annexações feitas, sob condição de compensar o convento com as obras mais uteis e necessarias, o que não chegou a cumprir, porque falleceu n'este mesmo anno de 1495.

VIII

Começando a reinar D. Manuel, achava-se reduzido á ultima extremidade, no material e na extensão, o convento de S. Francisco de Evora. Da grande casa que os frades antecedentemente haviam occupado não lhes restava mais que o templo em ruinas, a claustra e as edificações proximas, tambem em grande parte arruinadas. Da extensa horta, onde outr'ora podiam espairecer em dilatados passeios, apenas conservavam um pequeno quintal junto da portaria, até onde se tinham alargado os jardins dos paços reaes. A mão poderosa dos monarchas de quasi tudo os privára para augmentar e engrandecer a sua residencia predilecta.

Cuidou, porém, o novo rei de melhorar o convento, reedificando o alluido templo, restituindo a cozinha antiga, que estava tambem annexada ao palacio, e fazendo o dormitorio com outras obras de necessidade. Conta-se que em certa occasião se queixaram os religiosos ao seu real edificador de lhes deixar mui pequenas as portas das cellas, e que elle, entrando n'uma, lhes respondêra que por onde cabia um rei bem podia caber um frade.

Reedificou-se a egreja nos principios do seculo XVI. D'estas obras ficou uma curiosa memoria no foral que D. Manuel deu á cidade em 1501, e se guarda no archivo da camara. Tem no principio um desenho de côres, tosco e imperfeito, que representa a cidade n'aquella epocha, e por cima a seguinte epigraphe gothica: *Ebura colonia romana*. Ahi se vê a egreja de S. Francisco, tendo as paredes incompletas com um guindaste a indicar as obras que n'ella se faziam. O foral é tambem escripto de letra gothica em pergaminho com tarjas e illuminuras.

N'este mesmo reinado, tendo sido cento e oitenta e tres annos cabeça de custodia, se reformou o convento de Evora na regular observancia por bulla pontificia de 7 de julho de 1513. A carta em que D. Manuel o mandou entregar aos observantes foi passada em Lisboa a 22 de julho do dito anno, e apresentada no dia 29 do mesmo mez aos frades pelo licenciado João do Soiro, juiz da cidade, com a intimação de saírem do convento.

IX

Pelas obras e concessões del-rei D. Manuel, não se chegaram a separar os dominios reaes dos franciscanos, antes permaneceram, como antecedentemente, em reciproca dependencia. Servia-se a corte da tribuna da egreja por meio de communicações interiores, e consta que no tempo de D. João III não havia menos de sete portas communs aos paços e ao convento. Assim continuou tudo até ao tempo de Filippe III de Hespanha, que em 1619 deu aos religiosos todo o ferro do palacio para o applicarem a obras suas. Em 1626 deu-lhes tres salas, sendo uma d'ellas o quarto da rainha, que era do lado do Rocio, para o transformarem em dormitorio, e, além d'isso, o jardim, o laranjal e a agua da Prata.

Aproveitaram-se os frades das concessões, destruindo as grandezas do palacio, e enxertando no convento os marmores, as madeiras e todos os ricos despojos que alli encontraram; de modo que de tão vastos edificios não restam mais que as ruinas de duas galerias [1].

Do convento já tambem se não conserva muito. A parte menos arruinada é aquella onde se construiram no seculo XVII os dormitorios, cujas janellas dão sobre a rua do Paço e para o passeio publico. O que d'ahi se segue até á egreja são tudo ruinas. O refeitorio, construido por D. Manuel, como se via pelas espheras da abobada, e que estava contiguo á claustra, foi demolido ha quatro annos, depois de ter servido de tribunal judicial. Destinára-se o espaço que occupava e o terreno proximo á construcção de um mercado, que não teve ainda principio.

Os restos do convento e dos paços, com a cêrca, pertencem hoje á camara. O que passou dos fieis devotos aos frades, dos frades aos reis, e d'estes outra vez áquelles, veiu a final, pela successão dos tempos, a ser do municipio. Assim se restituiu ao dominio popular aquillo que primeiro pertenceu ao povo. O que as revoluções anniquilaram, o que a ignorancia e o desleixo destruiram, isso que a ninguem utilisou, sirva ao menos de persuadir a necessidade de preparar um futuro mais civilisado que os ultimos seculos, comprehendendo, apesar de todas as luzes, este em que vivemos.

(Continúa) A. FILIPPE SIMÕES.

DE UMA BRIGA

Vistes o que cada dia acontece nos povos, e cidades, principalmente grandes? Levantar-se entre homens sediciosos uma briga ou arruido subito, que na campanha se podéra chamar batalha. Todos puxam pelas armas, e são armas tudo o que de mais perto se offerece ás mãos. Chovem os golpes, vôam as pedras, uns ferem, outros caem, todos correm e acodem sem saber a quem ou contra quem, nem a causa: uns incitados do odio e da ira, outros sem ira nem odio; tudo é grita, tudo desordem, tudo confusão.

P. ANTONIO VIEIRA.

1 O padre Manuel Fialho viu, segundo diz, entre os papeis do convento as provisões de Filippe III. Jorge Cardoso escreveu a este respeito o seguinte no *Agiologio Lusitano:* «Hoje está reedificado (o convento) e em grande perfeição e restituido á sua primeira grandeza por mercê de Filippe III, quando veiu a este reino, o qual pousando n'elle fez doação de tudo aos religiosos, que de seus famosos portaes se aproveitaram para a obra, logrando ainda agora o celebre tanque e laranjal.»

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio



A Lili de Gœthe

Este gracioso vulto que apparece na estampa é uma das mimosas creações de Gœthe, reproduzida pelo feiticeiro lapis de Kaulbach [1]. Lili pertence á choréa deslumbrante de doces figuras, de walkyries fascinadoras, que a forte imaginação do grande poeta germanico evocou do mundo mysterioso em que fluctuavam para formar os elos floridos d'essa cadeia sublime, que principia na Margarida de *Fausto* e acaba na Mignon de *Wilhelm Meister*.

Poeta nenhum talvez soube, como Gœthe, apresentar um tal enxame de vultos femininos, todos suaves e todos diversos; na vasta collecção das suas obras apparecem, engastadas no seu estilo de oiro, estas miniaturas deliciosas. A Clara de *Egmont,* tão descuidosa

1 Os quadros d'este artista bavaro, apresentados na exposição universal, mereceram-lhe o titulo, conferido pelos proprios criticos francezes, de primeiro pintor de historia entre os contemporaneos.

e tão meiga; Margarida, a pomba palpitante; Mignon, o typo da mais sublime abnegação que se póde encerrar no espirito inculto, mas profundamente dedicado, de uma pobre rapariga desamparada; a *noiva de Corintho,* voluptuosa e sombria; e desenhos sem numero, que elle afaga um instante com o lapis namorado, que deixa ficar como simples esboços, mas que se gravam para sempre na memoria das gerações.

Entre esses esboços, tocados ao de leve nas suas poesias soltas, avulta o typo gracioso de Lili, que parece uma verdadeira incarnação da primavera. Irei eu descrevel-o? Não; por muito arrojada que seja a tentativa, prefiro dar aos leitores um reflexo, ainda que pallido, dos versos de Gœthe, a substituir á graciosa descripção do poeta a minha prosa humilde.

Não ha museu mais variado
(porém museu animado)
do que o da minha Lili.
Com as azas matizadas,
tendo as guias decepadas,
as pombinhas enrufadas,
os passarinhos esquivos,
pobres principes captivos,
tudo pula e folga alli.
Não sei que estranha magia,
não sei que estranho condão
põe aos pés d'esta criança
toda a plumosa nação.

Que barulho! que inferneira!
quando ella surge radiosa,
abrindo co'a mão mimosa
as portas da capoeira.
Erguendo a crista escarlate,
sae o gallo magestoso,
a gallinha segue o esposo,
vem atraz turba palreira
de pintainhos implumes
a namorar-lhe o açafate
que encerra o milho doirado!
Que de arrulhos! que de amores!
arvores, moitas e flores,
tudo parece animado.
'Té os peixes em cardumes,
saltando fóra do lago,
procuram o meigo afago
d'esse olhar encantador
que fascina os immortaes...
sem fallar nos animaes.

Começa a discordia então.
Este debica, outro engole;
este audaz conquistador
furta a comida; outro bole
na alva codea que ella traz
meio escondida na mão;
o gallo, o ganso arganaz,
o pato, o esbelto faisão,
a meiga rola saudosa,
acham-n'a mais saborosa
do que o nectar e a ambrosia
da celeste confraria.

E a sua voz! Quando brada:
«Pequenino, pequenino!»
'Té mesmo a aguia altanada,
que junto ao solio campeia
de Jove Capitolino,
correria ao seu chamado!
As pombas que a Cytheréa
tiram o carro doirado,
de Juno o altivo pavão,
viriam, juro, se ouvissem
d'essa voz de semi-déa
a doce modulação.

Quem traduziu a poesia de Gœthe, mil vezes melhor do que eu o poderia fazer, foi o lapis do desenhador. Como alli se sente bem o meigo idyllio que João Wolfgang devaneou! Que doce vulto de criança! Ri-lhe a primavera nos labios, no olhar, nas faces, e, como a primavera tambem, flores, borboletas, passaros, saúdam-n'a, enlaçam-n'a, beijam-n'a, esvoaçam-lhe em torno, como se a reconhecessem por irmã, como se soubessem que o bafo mundano ainda não apagou um só dos esplendores d'essa filha luminosa da natureza.

Quem ensinou a Gœthe o segredo, a nenhum outro poeta revelado, de pintar, debaixo de tão suaves e tão variados aspectos, o encanto nativo da mulher? Foi talvez o seu proprio egoismo. A paixão nunca turvou aquella alma de cristal, como o cristal transparente e fria, que todas as imagens espelhava e onde nenhuma conseguia gravar-se. Immovel na sua indifferença olympica, o Jupiter germanico assistiu, durante a vida, á sua propria apotheose. Teve o dom unico de inspirar aos homens uma idolatria incrivel, ás mulheres um louco enthusiasmo. De edade de sessenta annos, viu uma menina de dezoito, Carlota Brentano, depois casada com o poeta Achim de Arnim, consagrar-lhe a paixão mais delirante e mais viva! E elle, sempre risonho e sempre sereno, acolhia como homenagens que lhe eram devidas esses transportes que deveria repellir com paternal carinho. Tinha razão talvez debaixo do seu ponto de vista; quem se inflammava com o reflexo d'essas paixões abrazadoras que deixavam o poeta insensivel, era a arte, esse deus intimo que sempre conservou dentro d'elle, mau grado aos gelos do inverno, a sua juventude resplandecente e immortal.

Assim sobranceiro ás paixões da terra, mas aproveitando-as como a arvore aproveita os succos nutritivos do solo para enfolhar a copa, esse genio, sereno e sublime, conquistou a admiração estupefacta do mundo, porque, segundo a bella phrase de Henrique Heine, a sua ramaria se elevava tão magnificamente para o ceo, e a tal altura, que as estrellas não pareciam senão os doirados fructos d'essa arvore maravilhosa.

M. PINHEIRO CHAGAS.

AS REPUTAÇÕES

(ESBOÇO CRITICO)

Entrámos um dia em certo café, com o intuito de nos demorarmos pouco tempo, quando uma discussão acalorada, que se ouvia a um lado, chamou a nossa attenção. Julgámos ao principio que fosse uma discussão vulgar, que terminasse com a intervenção da policia, e iamos acauteladamente retirar-nos quando nos obrigaram a ficar estas palavras que se proferiram em voz alta:

— É impossivel ter reputação melhor!

— Não é possivel ter peior reputação!

Tratava-se de um homem que possue um bem que falta ao auctor d'este artigo, de um homem de quem todos fallam, de um homem, em fim, que tem reputação.

— É um dos homens mais notaveis da epocha, dizia um homemsinho que, aproveitando um instante de serenidade, levantára a voz sobre os demais interlocutores para ser ouvido. Sim, senhores, é homem dotado de um bello talento, de nobre coração e espirito elevado; e é só para lastimar que lhe falte caracter. Olhem que esta opinião não é propriamente minha; se me dão licença, lerei um artigo em que se ella encontra: é parte de uma biographia que eu consulto sempre que desejo saber o que devo pensar de um homem conhecido que não conheço.

E o nosso homemsinho leu o artigo onde a opinião

que emittira se achava reproduzida, mas com tanta exactidão que se podia inferir, *ad libitum*, ou que tinha escripto o artigo, ou que o tinha decorado.

— Penso o contrario do homem de quem falla o sr. F..., disse um segundo: falta-lhe talento, tem pouco espirito, mas possue um caracter elevado; e não sou eu só d'este parecer.

E leu um artigo inteiramente opposto ao que se acabára de ouvir, artigo extrahido de outra biographia, em que este leitor baseava o seu juizo critico.

— Pois é possivel encontrar-se caracter em tal homem? replicou vivamente um terceiro interlocutor. Haverá outro mais leviano, mais versatil? Hontem applaudia o vermelho, hoje segue o branco, ámanhã estará do lado do azul; e ás vezes tem ao almoço uma côr e ao jantar outra. É um iris. Aqui está um artigo que nol-o assegura.

— Isso não tem auctoridade, acudiu o quarto interlocutor. Não se póde affirmar que falte caracter a um homem porque conservou em o novo governo o emprego que lhe dera o governo transacto. As funcções publicas não mudaram de natureza. Serve ambos com egual fidelidade. E se elle incensar o que insultou e perseguir o que serviu, não lh'o levemos em mal. A necessidade obriga-o; as circunstancias instam-n'o. Nem por isso deixou de ser magistrado integro e incorruptivel.

A discussão não terminára, porém; muitos estranhos a ella haviam já tomado parte, ora dirigindo-se a um, ora a outro, e proferindo alguma palavra a respeito do paciente, cuja reputação fôra tratada como os cadaveres entregues ao escalpello dos estudantes da eschola de medicina.

Não sabiamos ainda o que se devia acreditar, nem como se conciliariam pareceres tão diversos, quando um homem de physionomia grave e animada, que se conservára silencioso, pediu licença para entrar na discussão, e dirigiu á assembléa o seguinte discurso, que serenou todos os animos:

— Todos tem muita razão, senhores, e a todos falta a justiça. O homem de quem fallam tem essa reputação, e por isso não se differença das muitas pessoas das quaes se não falla. E não se admirem. A reputação de que cercâmos um homem é tão sómente a expressão do nosso parecer; e não serão os pareceres tão diversos como os interesses? D'ahi vem as contradicções em que os senhores incorrem. No meio do desenfreamento das paixões, quem póde gabar-se de não ter detractores, e quem deve affligir-se por encontrar apologistas? Os homens publicos estão mais sujeitos que os demais homens a estas eternas fluctuações, a verem-se alternativamente exaltar e humilhar por contradictorios rumores. Quando se alcança reputação, alcança-se quasi sempre duplamente: é o effeito do ponto de vista d'onde cada um a considera, ou da côr do vidro através do qual a observa.

Tal general, cuja memoria se rehabilitou, não é um heroe para toda a nação; muitos ainda não o viram rehabilitado. O sr. de... é julgado de um modo na côrte, a que pertence, e de outro modo na cidade, onde raras vezes apparece; as damas do paço formam ácerca d'elle um juizo, e as mães de familias outro muito diverso. Um delegado do procurador regio é o defensor da sociedade, mas os advogados, para salvarem os clientes, chamam-lhe accusador publico. Um auctor de grande merito não agrada a todos. Acaso dizem todos bem de Victor Hugo ou de Garrett? E o que estes julgam ou julgaram de si é muito differente da opinião alheia.

Cada um, pois, como disse, tem duas reputações: boa e má. A reputação que se nos fórma em volta não é sempre a que permanece quando saímos da scena ou quando deixâmos este mundo. As faltas leves que obscurecem as grandes acções, os pequenos serviços que encobrem as grandes faltas, desapparecem n'aquelle momento, que anniquila todas as illusões, e em que o homem, avaliado pelas suas obras, vê todas as reputações fundirem-se em uma só, boa ou má, definitivamente, conforme a somma do bem ou a somma do mal que lançou na balança onde tem que ser pesados os seus actos.

Esta reputação unica é importante: consome-se n'ella a vida inteira; e não é sem custo e difficuldade que se conquista para se não gozar.

Dizendo isto, o desconhecido saíu.

Esta conclusão, que achâmos sensata, fez-nos reflectir. Visto que é tão difficil adquirir uma reputação, é muito melhor não a conquistar. Ha pessoas que se amofinam porque ninguem as conhece, nem tem meritos para se tornarem notaveis: consolemo-nos de ser ignorados. Que os poetas, os legisladores, os prégadores e os ministros corram atraz da fama, por causa das trombetas que hão de levantal-os mais, entende-se: o amor do ruido não está sempre n'elles de accordo com o amor proprio. Para não sairmos, portanto, da mediania, nem servirmos de assumpto para tantas contradicções, conservemo-nos ignorados e modestos.

O CARDEAL D. JAYME

Do consorcio do infante D. Pedro, duque de Coimbra, filho del-rei D. João I, com D. Isabel, filha do conde de Urgel, e neta de D. Pedro IV, rei de Aragão, foi quarto fructo D. Jayme, nascido no anno de 1434.

Tinha pouco mais de 14 annos quando rebentou em Portugal aquella fatal discordia, soprada por inveja e ambição do primeiro duque de Bragança, entre el-rei D. Affonso V e o infante D. Pedro, tio e sogro do monarcha, e que fôra regente do reino durante a sua menoridade.

O principe, amado do povo pela sabedoria e justiça com que governára o reino por espaço de dez annos, viu-se collocado pelos seus inimigos na cruel alternativa de procurar a morte dos valentes no campo de batalha, em guerra fratricida, ou sujeitar-se ao opprobrio dos condemnados perante juizes parciaes e vingativos.

O infante D. Pedro, querendo justificar-se só na presença del-rei das vis calumnias que levantaram contra a sua lealdade e probidade, e receiando-se, com justo motivo, de alguma traição dos seus adversarios, resolveu-se a sair de Coimbra, onde então residia, acompanhado dos seus amigos mais dedicados, e seguido de gente armada. D. Jayme, apesar de ser ainda uma criança, quiz por força ir participar dos perigos que ameaçavam seu pobre pae. E seguiu-o como filho extremoso, não como soldado.

D. Affonso V, a quem fizeram considerar aquelle procedimento do tio como um acto de rebellião declarada, poz-se á frente das suas tropas, e foi de Lisboa ao encontro do infante. Avistaram-se uns e outros em um sitio chamado Alfarrobeira, a pouca distancia da villa de Alverca.

Antes que o infante tivesse tempo de fazer chegar aos ouvidos de seu sobrinho propostas de conciliação, envoltas em protestos de innocencia, de respeito e submissão, algumas frechas e dardos, partidos do arraial de D. Affonso V, accenderam de improviso a lucta, sem que fosse possivel ao infante suspender o braço irado dos seus parciaes.

Foi cúrta a peleja, se bem que muito encarniçada, porque, apenas principiada, poz-lhe termo a morte do desditoso infante D. Pedro, ao qual uma frecha tirou instantaneamente a vida (20 de maio de 1449). No mesmo instante se viu D. Jayme orphão e prisioneiro.

Conduzido a Lisboa, obtiveram-lhe a liberdade as lagrimas e súpplicas de sua irmã, a rainha D. Isabel.

E logo depois esta soberana, não julgando bastante o seu valimento para o proteger contra a sanha dos inimigos de seu pae, enviou o joven principe a Flandres, para a companhia de sua tia, a infanta D. Isabel, mulher de Filippe III, o Bom, duque de Borgonha e conde de Flandres.

A duqueza D. Isabel, que sempre conservou terna affeição aos seus parentes, como tambem uma viva saudade d'este paiz, onde teve o berço, recebeu a D. Jayme com amor e carinho de mãe.

Depois de o ter junto de si por algum tempo, annuindo aos desejos do moço principe, que o impelliam para o estado ecclesiastico, deixou-o ir para Roma, mas fez que o precedessem e seguissem instantes recommendações suas e do duque seu esposo ao papa Nicolau V.

O pontifice foi prompto em mostrar a sua benevolencia para com D. Jayme. Achando-se vaga a sé de Lisboa pelo fallecimento do arcebispo D. Luiz Coutinho, o papa nomeou-o administrador perpetuo da diocese lisbonense, visto não permittir a sua pouca edade que cingisse a fronte com a mitra archiepiscopal. A bulla pontificia que concedeu aquella administração tinha a data de 1453.

Nomeou D. Jayme um vigario geral para governar em seu nome o arcebispado, e conservou-se em Roma, onde desfructava os rendimentos da sua diocese.

Elevado ao throno pontificio Calisto III, logo na primeira nomeação de cardeaes, que fez aos 18 de setembro de 1456, deu o barrete cardinalicio a D. Jayme, com o titulo de Santa Maria *in Porticu*, ao diante mudado no de Santo Eustachio.

Decorridos poucos mezes depois de elevado a esta dignidade, quiz dar testimunho o cardeal D. Jayme de que, apesar da queixa que magoava o seu coração filial, e que o obrigára a expatriar-se, não estava esquecido, nem perdêra o amor á terra natal. Solicitou, pois, e obteve de Calisto III, correndo o anno de 1457, a bulla da cruzada para este reino, enviando-a a el-rei D. Affonso V, seu primo, por D. Fr. Alvaro Paes, bispo de Silves, que a esse tempo se achava em Roma, e ao qual o papa fez seu legado, e D. Jayme seu commissario geral, ou governador do arcebispado de Lisboa. Aos proventos que recebia d'este beneficio accrescentou-lhe o summo pontifice as rendas da mitra de Arrás, em França, nomeando-o arcebispo d'esta diocese.

Afflictas e aterradas a curia romana e toda a christandade pela destruição do imperio do Oriente e tomada de Constantinopla por Mahomet II, no anno de 1454, resolvêra Calisto III persuadir a todos os principes christãos a necessidade de se unirem para moverem guerra aos turcos, oppondo assim uma forte barreira á ousadia e continuados triumphos de tão terrivel inimigo. Porém a morte do pontifice, succedida no anno seguinte de 1458, deixou em projectos a empreza meditada por Calisto III.

Portanto, apenas Pio II se sentou na cadeira de S. Pedro, tratou com o maior zelo e actividade de realisar o plano do seu antecessor. Para este effeito convocou um concilio na cidade de Mantua, nos estados da republica de Veneza, para onde partiu com o collegio dos cardeaes no principio do anno de 1459.

O cardeal D. Jayme, tendo saído de Roma um pouco mal de saude, enfermou gravemente ao chegar a Florença. Ficando por este motivo retido n'essa cidade, ao cabo de algum tempo de padecimentos, para os quaes a medicina não achou remedio, falleceu no dia 21 de abril de 1459, na edade florente de vinte e cinco annos e alguns mezes.

Foi D. Jayme o decimo portuguez que vestiu a purpura cardinalicia, mas o primeiro que se adornou com ella no verdor dos annos. O seu brazão d'armas era um escudo esquartelado, tendo no primeiro e quarto quarteis as quinas de Portugal, e no segundo e terceiro as barras de Aragão. E por empreza usava de um arminho com a letra — *Mali mori, quam fædari*, que diz em vulgar — *Antes morrer que manchal-o*. Mote e emblema que bem quadravam á candidez da sua alma, á benevolencia da sua indole, á doçura do seu genio e á pureza dos seus costumes; virtudes que, juntas a outras, o fizeram amado e respeitado em toda a parte.

O seu corpo foi conduzido á egreja de S. Miniato, pertencente a um mosteiro de monges benedictinos, edificado no seculo XI sobre um monte, cujas faldas servem de recosto á cidade de Florença. Em uma capella d'esse templo, fundada pelo proprio D. Jayme, foram sepultados os seus restos mortaes [1]. Passado tempo fez-se a trasladação d'elles para um sumptuoso mausoléo construido na dita capella. As mesmas piedosas mãos que, movidas da saudade fraternal, enviaram de Flandres para a sé de Braga o magnifico tumulo de bronze em que repoisa o infante D. Affonso, filho primogenito del-rei D. João I, agora impellidas pela affeição ao sobrinho, erigiram junto á cidade dos Médicis o primoroso asylo de marmore, onde o illustre proscripto dorme o somno eterno.

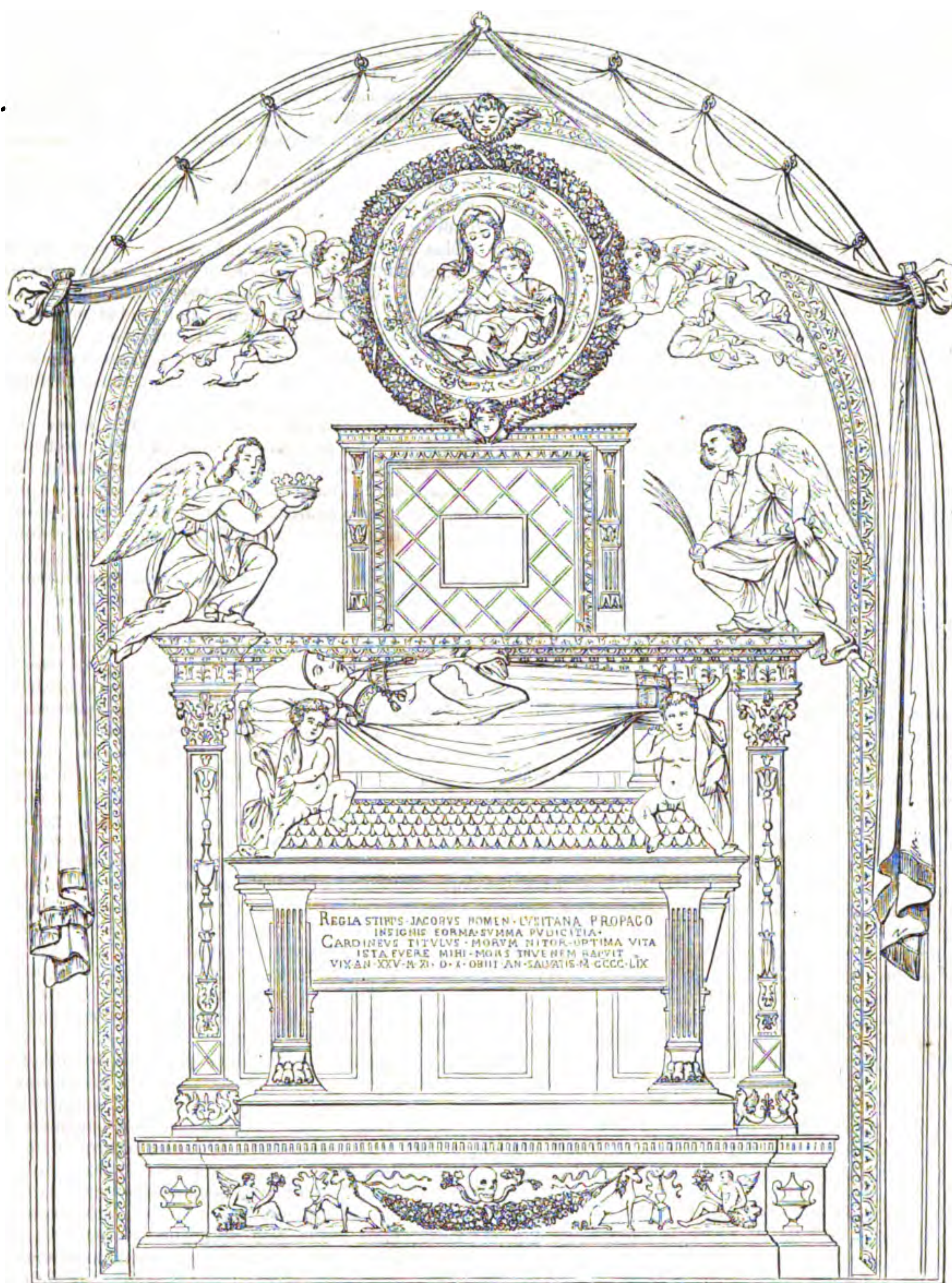
D. Isabel, duqueza de Borgonha, querendo que o mausoléo fosse digno da piedade e munificencia de quem o fundava, e das reaes cinzas que devia receber e guardar, encarregou da obra Antonio Rosselino, um dos mais eximios esculptores de que se honra a Italia. E o eminente artista, esforçando-se por corresponder aos desejos e altos espiritos da augusta princeza, produziu um dos mais primorosos monumentos de esculptura da arte toscana, d'essa arte que tanto floresceu e que a tão subido grau chegou de perfeição.

Antonio Rosselino não se limitou a construir um tumulo; tambem decorou com muita riqueza e singular gosto a capella que o devia conter. Substituiu as lageas do pavimento por lindos marmores de variadas côres, dispostos em graciosos desenhos. Na parede do fundo da capella levantou um altar, que adornou com admiraveis esculpturas em preciosos jaspes e alabastro. Vestiu a parede do lado esquerdo com marmores de côres variegadas, ora luzindo como espelhos, ora relevados em caprichosos lavores. E junto d'ella collocou uma cadeira da mesma materia, de gosto antigo, e de fórma e proporções esbeltas, significando a séde que o illustre prelado deixára vaga. Na parede do lado direito abriu um arco de volta redonda com delicada cercadura de miudos relevos, e debaixo d'elle collocou o soberbo mausoléo, de que a nossa gravura apenas mostra traçadas as linhas que lhe descrevem a fórma e os lavores.

Sobre um envasamento ornado de grinaldas e de genios, excellente imitação das formosas esculpturas da antiguidade, assentou o insigne artista o cofre sepulchral, á similhança da magnifica urna de porfido que, depois de ter attrahido por longos annos a admiração publica sob o portico do templo de Aggripa, foi transferida no seculo passado para a sumptuosa capella dos *Corsinis*, na egreja de S. João de Latrão, em Roma, a fim de encerrar os despojos mortaes do papa Clemente XII.

Em cima do referido cofre, que é sustentado por quatro pilastras, ergue-se o leito mortuario, com a estatua do principe cardeal estendida sobre um largo panno, suspendido nas extremidades por dois genios, que estão sentados na tampa convexa do cofre. Sobre o mesmo envasamento, aos lados do sepulchro, levantam-se duas pilastras, rematando em uma cornija, que sóbe um pouco acima e por detraz da es-

1 Esta fundação não a achâmos mencionada pelos nossos escriptores que trataram de alguns actos da vida d'este principe. Tambem não dizem que antes da viagem em que adoeceu tivesse estado em Florença. Entretanto, aquella obra faz presumir que D. Jayme teria visitado anteriormente a capital da Toscana.



Mausoléo do cardeal D. Jayme de Portugal, na egreja de S. Miniato, junto a Florença

tatua de D. Jayme. Pilastras e cornija são cobertas de brincados relevos. Nos pontos extremos da cornija estão ajoelhados dois anjos, um tendo nas mãos a coroa de principe, que a D. Jayme cabia por nascimento; outro empunhando a palma, symbolo da castidade do virtuoso prelado. Entre os anjos vê-se um quadro como janella, e por cima d'elle um lindo medalhão, cercado por uma grinalda de flores e sustentado por dois anjos, do meio do qual resalta, com soberana magestade, a imagem da Virgem Maria com o Menino Jesus nos braços.

O epitaphio que está esculpido na caixa, e que a gravura deixa ler, diz que D. Jayme morreu aos vinte e cinco annos, onze mezes e dez dias da sua edade. Alguns dos nossos auctores dão-lhe pouco mais de vinte e cinco annos.

É riquissima toda aquella obra pela profusão das decorações. Mas o que a faz verdadeiramente admiravel é, sobre tudo, a correcção de desenho; a nobreza, graça e expressão das figuras; e, em fim, a delicadeza e perfeição das esculpturas.

O monumento é todo construido de finissimos mar-

mores, no estilo do renascimento. Não foi o primeiro monumento que se erigiu na Italia segundo aquelle estilo de architectura. Muitos outros o precederam com a anticipação de bastantes annos, que estão provando, de um modo irrecusavel, que não foi a tomada de Constantinopla por Mahomet II, como muitos auctores affirmam, que deu causa, em razão da fuga dos architectos e esculptores d'esta cidade, á introducção da architectura do renascimento na Italia e nos outros paizes da Europa.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O WALI DE SANTAREM

(Vid. pag. 20)

III

NA ALCAÇOVA DE COIMBRA

É noite, e Coimbra, a rainha do Portugal nascente, dorme recostada nas suas collinas verdejantes, banhando os pés no Mondego, e deixando-se beijar amorosamente pelo luar candido e sereno que lhe branqueia as ameias da sua cathedral torreada, verdadeiro symbolo da egreja militante d'essas eras.

Dorme a formosa cidade escolhida por D. Affonso Henriques para capital do reino, cujos limites a sua valente espada não cessa de ampliar; dorme, e não lhe perturba o somno o galopar dos almogavares partindo para as suas correrias nocturnas, nem tem de acordar sobresaltada vendo accender-se nos pincaros distantes dos serros meridionaes a pallida chamma das almenaras moiriscas.

Porque D. Affonso Henriques, o lidador infatigavel, pendurou das paredes da alcova nupcial o seu temido montante, e parece esquecer nos braços de D. Mafalda, a sua gentil noiva italiana, a missão que elle a si mesmo impoz de assentar em bases solidas na Peninsula a nacionalidade que lhe confiou os seus destinos.

Mas não será permittido um momento de descanço a quem, desde que vestiu armas, quasi que não conheceu outros folguedos que não fossem as sangrentas pelejas? a quem raras vezes levantou a viseira para limpar o suor que lhe escorria na fronte, a quem, á testa dos seus cavalleiros, só atravessava a galope as ruas das cidades, quando partia, ora contra os moiros de Belatha, ora contra os leonezes d'além-Minho?

E depois, quem sabia os projectos que se revolviam na mente do intrepido guerreiro? O tigre não encolhe os membros, não recurva as garras, não arma o pulo em silencio antes de se arrojar ao inimigo? Quando no primeiro impeto Affonso Henriques tinha de encontrar diante de si a linha fortificada do Tejo, Santarem, a bem situada, Lisboa, a rainha do Oceano, guardada, como rainha, pelos muros torreados e pelos adarves das fortalezas, não devia meditar um pouco antes de ir bater com o ferro da lança nos portaes d'essas tão cobiçadas cidades?

Quantas vezes não se teria elle visto em sonhos escalando os muros de Santarem, ou pondo em fim á cinta com as chaves de Lisboa as chaves do seu reino, aberto até ahi ás incursões dos sarracenos? Então talvez a sua joven esposa, acordando sobresaltada e debruçando sobre elle a fronte loira, ouviria com pasmo saírem dos labios do guerreiro adormecido, no sonho bellicoso, os gritos ferozes do combate; então Mafalda empallideceria, como se sentisse de subito ao seu lado o rugido do leão, mas na seguinte manhã, quando aos clarões da alvorada fugiam os sonhos tumultuosos, filhos da noite, Affonso Henriques acordava com um sorriso, e a rainha de Portugal via outra vez a seus pés o seu namorado cavalleiro.

Por isso os honrados burguezes de Coimbra meneavam as orelhas melancolicamente, e diziam em quanto iam limpando ao jantar a sua escudella cheia de dobrada: «Adeus! adeus! Affonso Henriques já se esqueceu de que ainda ha moiros na Hespanha! Enfeitiçou-o o demonio da romana, saboyana ou que vem ella a ser! Mulheres, mulheres, sois a nossa perdição desde que o mundo é mundo!»

Ora como os dignos burguezes e homens-bons de Coimbra podiam ser *almotacés* e *alvasis* no municipio, mas habitualmente em casa não exerciam as funcções da governança, succedia muitas vezes que as orelhas, que elles assim meneavam ao proferirem o seu discurso, cresciam meio palmo puxadas violentamente pelas suas Evas, que acudiam em defesa do sexo offendido.

Mas os cavalleiros e homens d'armas, esses sorriam e encolhiam os hombros dizendo: «Ai do primeiro sobre quem desabar a espada, hoje ociosa, de Affonso Henriques! Não tardará muito que o adail nos venha despertar antes do romper d'alva dizendo: — Alerta, cavalleiros, que el-rei de Portugal já corre á desfilada caminho de Lisboa! Vamos arvorar a cruz nas muralhas onde o crescente campeia.»

É porque esses conheciam-n'o por terem lidado com elle desde que o joven principe, á testa dos barões portuguezes, reclamára com as armas na mão, nos campos de S. Mamede, a governança do reino que um estrangeiro usurpára; sabiam que aquelle espirito era aço fino com que a ferrugem não entra, lamina de Toledo que póde descançar por instantes na bainha, mas que ao primeiro ensejo favoravel brilha de novo, sempre limpido e fuzilante, ao sol ardente das batalhas.

E os sarracenos partilhavam a mesma opinião, porque temiam despertar o leão adormecido; os seus almogavares não vinham talar os campos dos christãos; e o castello de Santa Olaia, a sentinella avançada de Coimbra, silencioso e sombrio no seio da noite, não soltava o grito de alarma, nem guarnecia de besteiros as suas barbacãs, annunciando a apparição de hoste moirisca; não que as atalayas ismaelitas, immoveis tambem nas guaritas dos seus alcaçares, diziam baixinho entre si: «Quando veremos nós inflammar-se o horisonte com a apparição d'esse meteoro devastador, esse flagello de Deus que se chama Ibn-Errik?»

Mas entretanto na corte não se pensava senão em festas e saraus; os cavalleiros de Ourique e Valdevez, encostado o montante ás paredes das salas d'armas, desferiam brandamente as cordas da viola dos trovadores e rendiam finezas ás damas, em quanto não chegava a occasião de quebrarem por ellas uma lança no peito dos villãos descridos.

É noite, pois, noite de luar ameno; a brisa da primavera enruga ao de leve as aguas do Mondego, e a lua projecta no chão a vasta sombra das muralhas da alcaçova real. Dorme a cidade já, mas em torno do palacio tudo é borborinho e agitação; é porque lá dentro ha n'essa noite sarau, como o demonstram os jorros de luz intensa que, insinuando-se através das flores e arabescos das janellas moiriscas, desenham na parede, branqueada pelo clarão mais brando da lua, umas ogivas de fogo. Nas salas tumultuam as danças e ouve-se o som estridulo das musicas; cá fóra os cavallariços, que tem á mão os cavallos dos ricos-homens e as mulas dos prelados, trocam entre si ditos e risadas, com que se vão tambem entretendo, em quanto os seus senhores se desfazem em galanterias cortezãs, ou riem a bandeiras despregadas com os arremedilhos dos truões.

Apesar de não pertencermos a nenhuma das duas classes privilegiadas, nobreza e clero, entremos nós, usando do privilegio dos romancistas, na sala d'onde seriamos, se nos vissem, infallivelmente excluidos na nossa qualidade de *villãos;* entremos, e, escondendo-nos por traz de uma d'estas columnas esguias que sustentam o tecto artezoado, espreitemos o aspecto geral do sarau.

A quem conhecesse os esplendores dos palacios arabes devia parecer bem mesquinha a ornamentação da sala onde a corte de Affonso Henriques se entregava ao prazer da dança e da musica; não era possivel deixar de se confessar que a rude civilisação neo-gothica ficava ainda muito áquem da civilisação requintada e luxuosa dos netos de Agar. Os soldados da cruz podia-se dizer que estavam para os arabes como os seus barbaros antepassados das tribus germanicas para os romanos que venceram; mas talvez tambem por isso mesmo a sua energia indomavel superasse n'esta lucta de seculos a raça policiada que possuia o imperio do Andaluz. A civilisação, quando se manifesta apenas pelas pompas e maravilhas do desenvolvimento material, tem por companheira inseparavel a corrupção, e as raças rudes, mas virgens, hão de sempre triumphar das nações que escondem debaixo do lustre exterior da opulencia o germen fatal de uma velhice prematura.

Debalde procurariamos, pois, nas salas da alcaçova de Coimbra os pavimentos, as paredes e as columnas de preciosos marmores, os tectos pintados de oiro e azul com perolas suspensas, as fontes de jaspe com cysnes de oiro no centro, que opulentavam o palacio de Azzahrat, fundado pelo poderoso kalifa Abd-er-Rahman; debalde relancear iamos os olhos para os cantos do aposento em busca das cassoletas de prata onde rescendessem perfumes arabicos; nem tapetes persianos alli veriamos, nem cortinas de damasco, nem os nossos ouvidos seriam deliciados pelo som melodioso dos alaudes de oiro e pelas vozes suavissimas de cantores gregos; mas, em compensação, tinham essas reuniões o encanto supremo que faltava aos festejos dos mahometanos, a doce convivencia com as donzellas gentis, cujos meigos olhares derramavam luz mais suave para os cavalleiros que as requestavam, do que a que podia emanar dos milhares de lampadas de oiro da mesquita de Kordova.

Em almaxadrequas enfileiradas ao longo das paredes se sentavam as donzellas encantadoras da corte de D. Affonso Henriques, ouvindo as trovas que, á moda provençal, os seus enamorados lhes descantavam a meia voz. No topo da sala, n'uma cadeira de espaldar situada em cima de um estrado, sentava-se a joven rainha D. Mafalda, cujos olhos seguiam, com uma expressão amorosa e inquieta, o vulto agigantado de seu esposo, que, junto de uma janella, conversava com alguns dos seus cavalleiros. A luz intensa produzida por numerosos lampadarios pendentes do tecto illuminava alegremente o grupo folgazão das damas risonhas e dos cavalleiros descuidosos; de quando em quando uma torrente de melodias vinha fazel-os estremecer e convidal-os a revolutearem no turbilhão das danças. Eram as harpas, as citulas, as doçainas, combinadas com instrumentos mais bellicosos, como as charamellas, trombetas e tympanos, que aconselhavam aos guerreiros cortezãos de D. Affonso Henriques o esquecerem por instantes a sua vida austera de combates no louco e inebriante prazer das rodopiantes folias e dos amorosos enlevos.

Affonso Henriques, como dissemos, apartado da turba doidejante, conversava com alguns dos seus cavalleiros. Distinguia-se entre elles pela sua alta estatura; estava no vigor da edade, na flor da vida, em plenos trinta e quatro annos, e a sua organisação, que a extrema velhice e os desgostos que a acompanharam não poderam abater, ostentava-se então em toda a sua maravilhosa robustez.

N'essa noite, porém, estava elle, segundo parecia, inquieto e preoccupado. A miude voltava os olhos para a porta, como se esperasse alguem. Esta preoccupação, comtudo, passára despercebida no meio dos folguedos geraes; só não escapára aos olhos perspicazes de D. Mafalda. Com o seu doce instincto de esposa estremecida, adivinhára que a inquietação de seu marido se prendia com os seus projectos guerreiros, e que os sonhos que tanto a assustavam não tardariam a transformar-se n'uma realidade mais afflictiva ainda.

Os cavalleiros com quem então conversava eram dos mais notaveis entre essa épica phalange que tomou parte com elle nas sangrentas luctas que fundaram a nossa nacionalidade; os seus nomes, os seus gloriosos appellidos, vibram, quando os pronunciâmos, sons de guerra e de victoria, como os escudos onde bate o ferro das lanças; Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador, Lourenço Viegas, o Espadeiro! Junto d'estes dois vultos todos os outros desmaiam, e chegam a parecer pequenos mesmo os gigantes d'então.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 23)

V

Expozemos aos nossos leitores, em abbreviada noticia, as funcções mais esplendentes e custosas ordenadas por el-rei D. João v nos primeiros treze annos do seu reinado. Por esse quadro, apesar de ser um simples esboço, mal contornado, de côres pallidas e com frouxa luz, póde ajuizar-se, todavia, do luxo e magnificencia da corte de D. João v, bem como do seu animo ostentoso e gastador. Porém a solemnidade de que vamos tratar sobresaíu muito em apparato e grandeza, e nas immensas sommas que custou ao estado, a todas as funcções reaes que este paiz tem presenciado antes e depois d'ella.

Eram passados dez annos depois que esta capital assistíra maravilhada á memoravel festa de *Corpus Christi*, de que fallámos no capitulo antecedente. No decurso d'este periodo tal desenvolvimento teve a lavra das minas auriferas e diamantinas do Brasil, que as frotas que largavam de lá todos os annos para o reino, não obstante constarem de muitas dezenas de navios, vinham sempre pejadas de oiro e pedras preciosas [1].

Pelo excesso das despezas de mero luxo a que el-rei se entregou, em tempos em que o estado da fazenda publica era mais precario que prospero, imagine-se o que este monarcha faria, vendo os seus cofres a trasbordarem riquezas, que hoje, contadas, hão de parecer não realidade, mas sim obra da phantasia do auctor das *Mil e uma noites*.

Entretido e distrahido na adolescencia por algumas damas francezas, que vieram de Paris no sequito da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, el-rei D. João v foi embalado ao som de cantigas, em que a poesia parisiense debuchára com vivo colorido os festins e amores da corte voluptuosa de Luiz XIV. E quando o uso da razão lhe foi dando conhecimento do sentido das palavras, não havia historias que mais captivassem a attenção do joven principe, e em que mais se enlevasse o seu espirito, que nos contos em que a velha Catharina de Vergé, e sua formosa filha, D. Anna Armanda de Vergé [2], lhe descreviam e exaltavam as grandezas e esplendores da corte franceza, e a munificencia e galbardia do soberano que, nos assomos da sua vaidade, se comparára ao sol.

[1] Em 1719 foram descobertas as minas de oiro de Quiabá e de Goyazes. Pouco depois descobrira-se a mina de diamantes e de oiro de Serro Frio.

[2] D. Anna Armanda de Vergé veiu para Lisboa de tenros annos, casou n'esta cidade, e depois de enviuvar teve del-rei D. Pedro II um filho, que se chamou D. Miguel, ao qual el-rei D. João v, seu irmão, reconheceu, e casou com D. Luiza Casimira de Sousa, condessa de Miranda, marqueza de Arronches, e por occasião d'este enlace creada duqueza de Lafões.

D'est'arte fizeram brotar no coração do principe o desejo de imitar, quando empunhasse o sceptro, aquelle grande rei, cuja coroa fulgurante o deslumbrava, e cuja vangloria o ensinaram a invejar.

Portanto, quando D. João v se viu tão opulento com os immensos tributos das minas do Brasil, pensou em conseguir uma victoria para o seu amor proprio, humilhando com a ostentação da sua opulencia e grandeza o neto de Luiz xiv, que então se sentava no throno de Hespanha. O consorcio de duas infantas, filhas dos dois monarchas da Peninsula, com os principes herdeiros das respectivas coroas, serviram de pretexto para, na occasião da troca das princezas, se avistarem e conferenciarem as familias reaes de Portugal e de Hespanha.

Tantas vezes temos alludido a essa fastosa solemnidade nas paginas d'este semanario, promettendo sempre referir com miudeza, na primeira opportunidade que se nos apresentasse, as pompas que então alardeou a nossa corte, que nos julgâmos agora obrigados ao cumprimento d'essa promessa, embora por sua causa ultrapassemos os limites que haviamos traçado ao principiar este trabalho.

VI

Ajustado o duplo consorcio do principe do Brasil, D. José, com a infanta de Hespanha, D. Marianna Victoria de Bourbon, e do principe das Asturias, D. Fernando, com a infanta de Portugal, D. Maria Barbara, celebraram-se os esponsaes em Lisboa e Madrid nos primeiros dias de janeiro de 1728. Desde logo ordenou el-rei D. João v que se désse começo aos preparativos para os festejos das nupcias de seus filhos, e para a conducção da corte á cidade de Elvas, e d'alli ao rio Caia, na fronteira do reino, onde devia effeituar-se o encontro e visita das familias reaes de Portugal e Hespanha, e a troca das princezas.

Mandaram-se fazer em Paris quatro coches ricos, dos denominados estufas, forrados de veludo carmesim bordado de oiro; duas caleças e vinte e tres berlindas; trinta sellas de veludo, de varias côres, bordadas de oiro e prata, com todos os seus arreios, tendo uns ferragens doiradas e outros de prata; trinta telizes ricos de veludo carmesim, bordados de oiro e prata, dezoito com as armas del-rei e doze com as armas do principe; seis telizes de panno encarnado, bordados de oiro e prata; duzentos e trinta reposteiros de panno encarnado, bordados de lã, com as armas reaes; e vinte e quatro coberturas para galeras, umas de panno e outras de oleado, com os brazões d'armas del-rei, da rainha, do principe e princeza.

Em Lisboa mandaram-se fabricar os seguintes objectos: um coche rico para a pessoa del-rei, forrado de tissú de oiro; nove coches estufas, doirados por fóra, e forrados interiormente de veludo carmesim, bordado, ou agaloado e franjado de oiro, para servirem de coches de respeito aos soberanos, principes e infantes; vinte e dois coches estufas, forrados no interior de veludo carmesim, uns com guarnições de oiro e outros de retroz, destinados ao serviço das camareiras-móres, damas, açafatas e officiaes-móres; seis seges ricas, forradas de veludo carmesim, com guarnições de oiro e de retroz; cento e vinte e seis seges forradas de seda encarnada; doze carros matos cobertos; sete galeras; novecentas e oitenta e sete sellas, mais ou menos ricas, para os cavallos em que haviam de ir os porteiros da canna, reis d'armas, arautos e passavantes, officiaes-menores, muita diversidade de criados, etc. Além d'isto, uma infinidade de muitos outros objectos, que seria fastidioso mencionar; uma grande quantidade de fardamentos e librés ricas para os alabardeiros e archeiros das guardas reaes, e para a criadagem, etc. E deve-se notar que possuia a casa real, a esse tempo, grande cópia de todos os objectos de que fazia agora nova encommenda.

Para o serviço dos coches mandaram-se comprar á Hungria, á Hollanda e Inglaterra avultado numero de urcos, e outros bellos cavallos de differentes raças. Para as seges, galeras e carros de transporte encommendaram-se em Hespanha muitas parelhas de muares. E por todo o nosso paiz, não obstante o excellente gado fornecido pelas caudelarias reaes, fizeram-se muitas compras de soberbos cavallos para sella.

Ao mesmo tempo que se punham em execução todas estas ordens, era encarregado o architecto Custodio Vieira de delinear a traça de um palacio, que se devia erigir no sitio das Vendas Novas, entre as villas de Aldeia Gallega e de Montemór-o-Novo, a 40 kilometros da primeira, com a capacidade necessaria para n'elle pernoitarem, commoda e condignamente, a familia real e toda a sua numerosa comitiva, na ida e na volta da fronteira.

Principiaram os trabalhos em março d'esse anno, de 1728, pela demolição de uma casa que alli havia chamada a *estalagem del-rei*. N'esse logar, até então quasi deserto, via-se no mez seguinte, trabalhando com a maior actividade, mais de 400 pedreiros, canteiros e carpinteiros; 500 serventes; 400 soldados de infanteria empregados como trabalhadores; 30 soldados de cavallaria encarregados da policia e da expedição das ordens; 200 bestas de carga; 500 carros e carretas, e muitos outros vehiculos de fórma diversa e com differentes nomes para o transporte dos materiaes. Pouco depois foi accrescentado o numero dos operarios com algumas centenas de ferreiros, serralheiros, vidraceiros, pintores, marceneiros, entalhadores, etc. E posta a trabalhar toda esta gente dia e noite, consumindo-se nos serões mais de dez mil archotes, conseguiu-se acabar a obra no curto espaço de nove mezes.

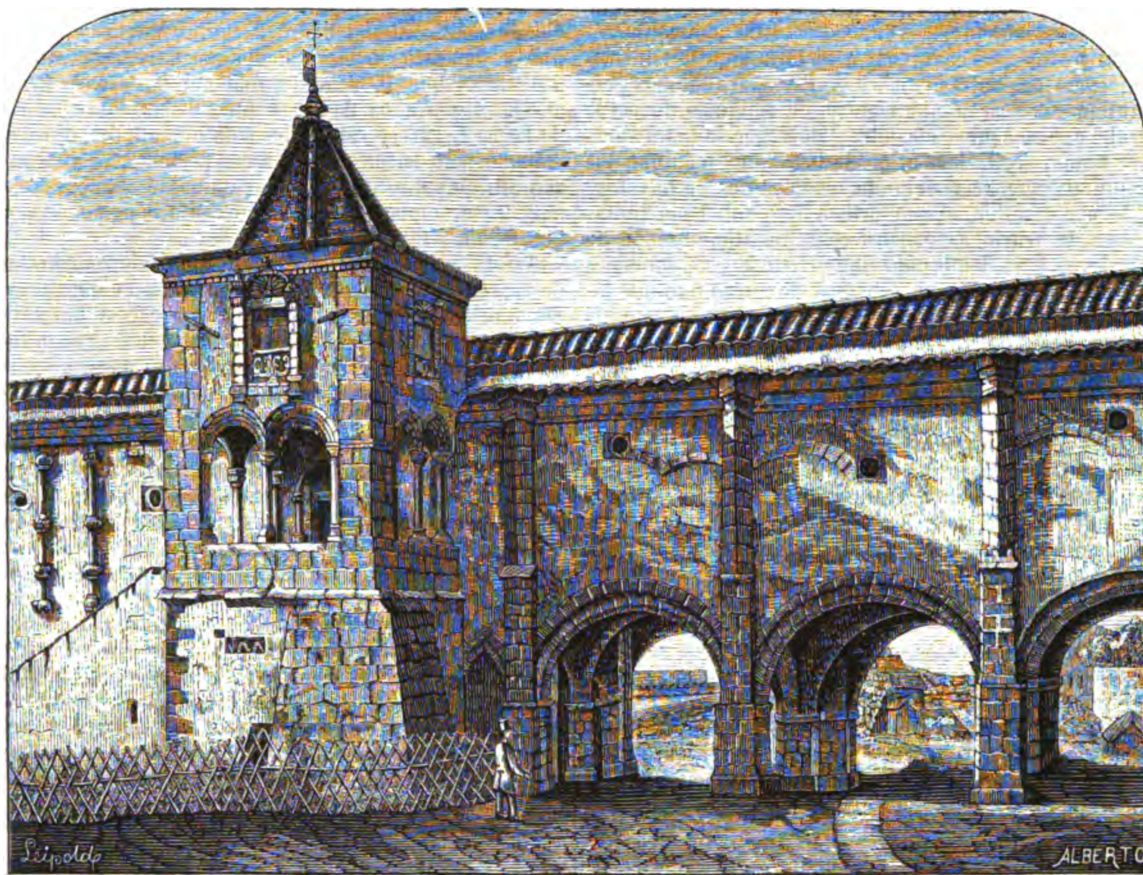
É o palacio das Vendas Novas um edificio mui grande. Tanto no exterior como no interior, a sua architectura é singela e despida de ornamentações. Todavia, por occasião da viagem da familia real ostentava internamente muita riqueza e magnificencia, porque a todas as salas e camaras se vestiram as paredes e cobriram os pavimentos com ricos brocados, damascos, sedas, pannos de Arrás e alcatifas, guarnecendo-se todos os aposentos com moveis e adereços que não desdiziam da sumptuosidade das tapeçarias.

Dispendeu-se n'este palacio e suas officinas, bem como em uma casa pequena, que se construiu no sitio dos Pegões, a 25 kilometros de Aldeia Gallega, para as pessoas reaes ahi tomarem alguma refeição, dispendeu-se, dizemos, cêrca de 400:000$000 réis.

Esta avultada quantia, gasta na construcção de um palacio pobrissimo das galas da architectura, da esculptura e da pintura, revela, até certo ponto, aos que não conhecem o edificio, as proporções d'elle. Porém o que dá mais ajustada medida da sua grandeza é o numero de pessoas e cavalgaduras que compunham a real comitiva, e que n'elle se alojaram com a commodidade e largueza proprias não da residencia de duas noites, mas de uma habitação permanente. Portanto, cremos poder affirmar que nenhum outro monarcha da Europa erigiu um edificio tão grande e custoso para um serviço tão passageiro.

Concluidos, pois, todos os preparativos em dezembro de 1728, e feito o accordo entre as duas cortes de Portugal e de Hespanha sobre o programma da viagem, a fim de que chegassem no mesmo dia, a portugueza á cidade de Elvas, e a hespanhola á cidade de Badajoz, foi destinado o dia 8 de janeiro do anno seguinte para a partida del-rei D. João v dos seus paços de Lisboa.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.



Galeria dos paços reaes de Evora, vista da parte do nascente

PAÇOS REAES DE EVORA

(Conclusão. Vid. pag. 1)

V

A galeria dos paços de Evora, apesar de muito desfigurada com alterações e mudanças de toda a ordem, é ainda um bom exemplar da architectura denominada manuelina.

Em cima do portal estão as espheras. Não nos diz, porém, menos que a divisa o estilo do proprio edificio. Recorda-nos, da mesma sorte que o mosteiro de Belem, o convento de Thomar, a egreja de Santa Cruz de Coimbra e tantos monumentos que ergueu ou reedificou el-rei D. Manuel, os descobrimentos e conquistas do seu reinado. Os feitos gloriosos que marcaram na historia uma epocha notavel, produziram tambem na architectura um estilo caracteristico. Nem são menos brilhantes e portuguezas que as outras estas paginas de pedra.

Já advertiu Garrett que o estilo d'aquella epocha mais depressa influiria do que receberia influencia de outros generos contemporaneos. Não houve patriotica exaggeração no asserto, que depois confirmou Rackzynski, e ha pouco vimos sanccionado na exposição universal de Paris.

A architectura manuelina dominou em Evora como em todo o reino. Abundam as reliquias em muitas casas da cidade. As janellas e portaes, em logar das ogivas dos tempos anteriores ou das vergas posteriormente usadas, tem os arcos de muitos centros ou as linhas sinuosas e recurvadas, conforme os typos graciosissimos que produziu a alliança dos estilos gothico e arabe, a modificação das fórmas graves e severas do primeiro pelas galas e phantasias do segundo. Em partes a combinação de dois arcos fórma bem claramente a figura de um M gothico, inicial do grande nome d'aquelle que, por cingir a coroa de Portugal, influia nos destinos do mundo.

É o mesmo e invariavel o plano de todas estas construcções. As voltas ou archivoltas de granito estribam-se em columnas de marmore, cuja alvura contrasta com o denegrido da pedra nos casos raros em que os primores do architecto hão escapado ao pincel ignobil do caiador.

Eram assim as elegantes e rasgadas janellas da galeria do paço, que mãos de vandalos taparam de pedra e cal, depois de lhes roubarem os marmores que as exornavam.

VI

Ao topo meridional da galeria [1] correspondem tres arcos elevados, com voltas em fórma de ferradura, de puro estilo arabe. Por seu gracioso aspecto, pela disposição e recortes dos tijolos, trazem á lembrança os das mais bellas construcções de Sevilha ou de Granada. Este genero de architectura foi tambem muito usado em Evora nos principios do seculo XVI, e talvez nos fins do anterior, umas vezes puro, outras vezes dando a feição mais proeminente ao estilo manuelino. Conservam-se ainda n'algumas casas da cidade mirantes, que as pessoas illustradas, mas desprevenidas, facilmente tomam como reliquias da dominação arabe.

[1] Vid. a gravura a pag. 1.

Nos mirantes a que alludimos, e em muitas janellas e portaes, os arcos de tijolo ou de granito, com recortes mais ou menos vivos, sustentam-se sobre columnas de marmore, á maneira d'aquelles em que mais propriamente se conhece o estilo manuelino.

As trevas que envolvem a historia da arte em Evora, como nas outras cidades de Portugal, não nos permittem explicar a abundancia de reliquias do estilo arabe que só aqui se encontra. Conservar-se-hiam ainda em tempo de D. João II ou de D. Manuel monumentos genuinos que servissem de modelos aos architectos? Comprazer-se-hia algum artista hespanhol em imitar longe da patria as construcções da Alhambra ou de Cordova, cuja lembrança lhe avivavam as saudades do berço natal? Não o sabemos. Nem é muito que jámais se nos revele a causa do facto que ninguem até agora, segundo julgâmos, registou na historia da architectura portugueza.

VII

Comparando a gravura anterior com a que hoje illustra este artigo, razoavelmente se tomarão por construcções differentes a parte austral e a septentrional da galeria. Só a primeira, com o portico, é de estilo manuelino, e em tudo muito similhante áquella parte dos paços reaes de Cintra que no mesmo tempo foi construida. Os arcos da parte septentrional são inteiramente lisos, como o eram tambem outros, muito mais pequenos e numerosos, que por cima dos que se vêem na gravura formavam uma varanda extensa que se prolongava ainda por um lanço que faz angulo recto com o que a estampa representa. D'estes arcos, completos no primeiro lanço, apenas se conservam no segundo as voltas embebidas na alvenaria com que lhes taparam os vãos depois de lhes roubarem as columnas.

O telhado, que se avista na gravura, foi tambem enxertado no edificio primitivo. No seculo XVII ou XVIII, arruinando-se o tecto, que era, provavelmente, de madeira, porque as delgadas paredes não comportavam pesada cobertura, construiram dentro da galeria, e sobre a abobada em que assenta o pavimento, grossas paredes de metro e meio de espessura, e em cima d'ellas firmaram a pesada abobada com o telhado que hoje se vê. Assim, estupida e brutalmente, se reparou a ruina do tecto, promovendo a das paredes, que já tem algumas brechas.

Ignora-se o nome do auctor de tamanho vandalismo, e tambem o do architecto que edificou a galeria. Martim Lourenço, o mesmo que reconstruiu o templo de S. Francisco, era em 1513 o mestre das obras dos paços reaes. Na galeria, como n'aquella egreja, as paredes são muito delgadas, e toda a sua segurança está na abobada inferior. Em ambas as construcções se occultaram, pois, cuidadosa e elegantemente os artificios empregados a fim de lhes dar a devida solidez. Esta analogia, porém, não basta para provar com evidencia a identidade do architecto.

VIII

A pequena distancia do edificio que as gravuras representam era a galeria das damas, da qual restam apenas no meio da cêrca de S. Francisco as paredes, em grande parte desmoronadas. Tinha esta casa de fórma quadrangular a frontaria muito ornamentada, como se vê pelas columnas jonicas e pelos ornatos das janellas, tudo no estilo do renascimento; o que nos leva a attribuir com probabilidade esta construcção ao reinado de D. João III. As paredes são de alvenaria, mas as columnas, architraves e todos os demais ornamentos foram feitos de tijolo e cobertos de estuque para imitarem marmore branco. Parece obra do mesmo architecto, posto que mais elegante e delicada, a torrinha do aqueducto que fica proxima da galeria das damas [1].

Este genero de architectura não se encontra communmente em Portugal. No anno de 1556 havia na cidade de Evora um padre Pasquino Vilanes, que tinha a seu cargo o laranjal dos paços reaes e a obra dos canos que D. João III mandou fazer para levar aos jardins a agua da Prata que sobejasse do chafariz da Praça [2]. Parece este padre pelo nome italiano, e architecto pelo encargo. Não será, portanto, fóra de razão attribuir-lhe a galeria das damas e a torrinha do aqueducto, ambas italianas no estilo e no modo por que foram edificadas.

A esta architectura leve e elegante faltaram imitadores, se bem que muito merecia tel-os n'uma terra em que tanto abundam o tijolo e a cal. A barateza dos materiaes e a facilidade com que se fingiriam todos os generos de ornamentação, todas as grandezas architectonicas, compensariam o não ficarem tão duradoiras como se foram de marmore ou de granito.

As reliquias dos paços reaes com os terrenos adjacentes foram concedidos á camara municipal, com o convento e cêrca de S. Francisco, por carta de lei de 25 de julho de 1864. Como parte d'estes terrenos viesse a juntar-se ao passeio publico, está hoje n'elle encravada a galeria de D. Manuel, que a actual vereação louvavelmente deseja restaurar. Os restos da galeria das damas desapparecerão dentro em pouco do logar em que jazem, o qual se destina para um novo mercado. Sería mais para lamentar este sacrificio que tem de fazer-se á commodidade do povo eborense, se o estado das ruinas não fosse tal que a propria acção do tempo bastasse para brevemente acabar de destruir o que ainda não deu de todo em terra.

A. Filippe Simões.

MAIS UM NOME PARA INSCREVER NO CATALOGO DOS RESTAURADORES DE 1640

I

Viu a luz ha annos nas columnas d'este semanario [3] um artigo em que se recopilou, com ampliação de algumas particulares e ainda não vulgarisadas noticias, a memoria dos successos que em 1640 preludiaram a nossa independencia, arrancando Portugal ás garras de Castella. Seu benemerito auctor ahi observou, e mui discretamente fez notar, a incerteza em que os contemporaneos nos deixaram ácerca do numero e nomes dos conjurados que, como promotores e principaes agentes de tão gloriosa quanto arriscada empreza, conviria estremar dos que só chegaram a tomar n'ella uma parte mais secundaria, quando a revolução rebentou no 1.º de dezembro. Distincção impossivel já agora de fazer com acerto e segurança, pois que a tradição que nos ficára do numero de *quarenta* mal se ajusta com as relações e listas nominaes publicadas nos annos immediatos ao successo, ou que foram para diante incluidas nas historias mais recentes: deparando-se-nos em algumas, além dos que a todas são communs, nomes que n'outras se omittem, de sorte que em tal dis-

1 Pelo que dizemos hoje, e por todas as demais razões que constam de uma carta publicada em 1867 n'este jornal, temos por demonstrado que a torrinha do aqueducto é posterior ao reinado de D. Manuel, e não do tempo dos romanos, como alguns escriptores suppozeram. Depois que escrevemos a mencionada carta, descobrimos uma singularidade que registaremos n'este logar. No convento de Santa Catharina, em Evora, ha uma custodia de prata doirada, em cujo pé se vê uma parte com a mesma fórma que tem a torrinha do aqueducto. A custodia é obra estrangeira, talvez italiana. E d'aqui deduzimos que ha n'algum monumento notavel um typo que o architecto imitou com tijolo e cal, e o esculptor reproduziu no molde em que vasou a custodia. Vid. pag. 33 e 46 do vol. X.

2 Tudo isto consta de uma carta de D. João III dirigida á camara de Evora, e datada de Lisboa de 5 de maio de 1556. Conserva-se este documento no archivo municipal.

3 Vol. IV, de pag. 289 a 294.

crepancia o complexo de todos excede consideravelmente o numero tradicional consagrado pela fama [1].

N'esta diversidade não é para admirar que a emulação ou má vontade de uns, a ignorancia ou esquecimento de outros, circunstancias que nem sempre consentem que narrativas de coevos sejam a expressão fiel da verdade, dessem causa á preterição de individuos que por seus feitos deveram ser enumerados entre os primeiros fautores d'aquelle arduo commettimento. E ainda mais se se attende a que o pouco tempo que alguns sobreviveram á execução da empreza, e porventura outros incidentes que nos são occultos, tiraram talvez aos lesados a opportunidade de intentar quaesquer reclamações ao verem-se injustamente deslembrados.

D'entre os que por taes causas poderão ter jazido até agora sepultados nas sombras de um esquecimento immerecido, emprehendemos hoje, movido do unico interesse de que a verdade se apure, a reivindicação, bem que tardia, da memoria de um varão egregio, que, embora deslembrado dos historiadores da restauração, nem por isso deixou de tomar n'ella uma parte mui conspicua. Sobram testimunhos para assim o crer em documentos insuspeitos que temos presentes, e que mais auctorisados ficariam se nos fosse dado acompanhal-os com outros que existem extraviados, ou a que talvez não perdoou a voracidade do tempo.

É o sujeito a quem nos referimos o dr. João Sanches de Baena, que, tendo sido lente de canones na universidade de Coimbra, trocára em 1614 a carreira do magisterio pela da magistratura, e, entrando no exercicio de desembargador da relação do Porto, depois de exercer successiva ou cumulativamente os cargos de juiz das justificações, conselheiro e procurador da fazenda, havia em fim chegado no anno de 1637 á elevada posição de desembargador do paço. Ligado por seus antepassados á casa de Bragança, a cujo amparo viera acolher-se de Castella, em principios do seculo XVI, seu bisavô, Gil Alvares Sanches, cavalleiro de S. Thiago, e entretendo elle proprio com o duque D. João desde 1631 uma correspondencia seguida sobre negocios de familia e estado, ninguem mais que elle estava, por conselho, edade e experiencia, nos termos de inspirar ao futuro monarcha uma plenissima confiança. E foi por virtude d'esta, que vindo D. João a Almada em 1639, lhe mandára communicar por João Pinto Ribeiro as primeiras noticias das disposições que já então se tomavam para a restauração, sendo encommendado ao mesmo Pinto que houvesse de conferir com elle e seguir o seu parecer [2].

Isto, e o mais que os historiadores calaram por falta de noticia ou por outros ignorados motivos, acha-se clara e substancialmente revelado no documento que passâmos a transcrever. É uma representação ou memorial de serviços, que em 1683 dirigiu ao então regente, e logo depois rei D. Pedro II, o filho do sobredito, Luiz Sanches de Baena, requerendo remuneração

1 A lista que vem no fim da *Relação* impressa em 1641, e que se attribue aos padres Nicolau da Maia ou Manuel de Galhegos, mandada supprimir e recolher por decreto de 20 de outubro do mesmo anno, apresenta não menos que os nomes de *68 fidalgos* e *85 nobres*. Ainda não encontrámos a explicação sufficiente dos motivos que determinaram aquella suppressão, posto que alguns se nos offereçam mais ou menos provaveis.

2 «João Pinto Ribeiro é um nome venerando para todos os portuguezes. O agente do duque de Bragança, depois rei D. João IV, prestou relevantissimos serviços para se realisar o feito da restauração, mas não foi elle o seu iniciador... Muitos escriptores referem que no anno de 1638 os fidalgos, que já então pensavam na restauração de Portugal, haviam convidado o infante D. Duarte para acceitar essa coroa; isto em occasião que o infante viera de Allemanha a Lisboa, pois andava ao serviço do imperador, o qual depois traiçoeiramente o entregou ao rei de Castella, etc... Acatando a memoria de João Pinto Ribeiro, não só como um dos cooperadores da revolução de 1640, senão tambem como um sabio escriptor e zelosissimo defensor da independencia nacional, não podêmos todavia dar o nosso apoio a qualquer monumento destinado a commemorar a restauração de 1640, em que se lhe dê preeminencia sobre os principaes conjurados... Pagando esta homenagem áquelles que mais contribuiram para emancipar Portugal do jugo estrangeiro, devemos ser justos, e não attribuir indevidamente maior gloria a uns, quando a outros ella mais compete.» (*Jornal do Commercio* de 22 de outubro de 1867.)

dos serviços de seu pae; e cujo traslado ou rascunho se conservava ainda ha pouco tempo no cartorio da casa representante do ramo primogenito d'aquella illustre familia. D'ahi o extrahiu o nosso mui habil e laborioso genealogista o sr. João Carlos Feo Cardoso, para dar-lhe logar na sua *Resenha das casas titulares de Portugal*, que ora se imprime, mandada publicar por ordem e a expensas da academia real das sciencias de Lisboa [1].

As clausulas da representação parecem-nos assaz explicitas e terminantes para que possam deixar sombra de dúvida sobre a veracidade do allegado. Eil-a aqui, conservando a sua textual orthographia:

«Senhor: — Luiz Sanches de Baena representa a V. A., que João Sanches de Baena, seu pay, servio nos Lugares de Letras de maior reputação por espaço de trinta annos: comessando na Relação do Porto, prosseguindo na Caza da Supplicação, continuando no Conselho da Fazenda, e acabando no Desembargo do Paço, procedendo com summa inteireza na administração da justiça, e com particular estudo na limpeza dos procedimentos, de que deixou bõa memoria.

«Hera João Sanches de Baena por seus Pays e Avoz criado da Serenissima Caza de Bragança, e como tal teve com elle estreita correspondencia o Snr. D. Duarte, Marquez de Frechila, e Conde de Oropeza, filho da Snr.ª D. Cathariua, irmão do Snr. Duque D. Theodozio, avô de V. A., na forma que testemunhão as suas cartas que se offerecem.

«E sabendo o Snr. Rey D. João, pay de V. A. deste tracto, mostrou que o dezejava prosseguir, e fazer successivo com João Sanches de Baena, escrevendo-lhe hũa carta de Villa Viçoza em 3 de Fevereiro de 1631, que vai junta, e diz assim:

«*A noticia que tenho da obrigação que nesta caza temos a V. m., e da correspondencia que havia entre V. m. e o Snr. D. Duarte, meu thio, que Deus tem, me faz dezejar ter a mesma, vallendo-me do bom animo em que V. m. se achou sempre para as nossas cousas, que eu em todos os tempos reconhecerei.*

«E sendo cousa tão importante a confirmação dos seus estados [2], logo na mesma Carta se quiz valler o mesmo Snr. do seu conselho, diligencia, e industria: entendendo que era tal a capacidade de João Sanches de Baena, que para os acertos do seu serviço teria prudencia e cuidado, e simulação, que isto importa a concluzã da mesma Carta, que diz o seguinte:

«*Estimarei que me dê seu parecer, dizendo-me a forma em que isto se deve fazer: e se julgar que deve ser por carta, folgarei de que V. m. me mande hũa copia della; porque como pode ter algumas clauzulas, será bem que vamos advertidos dellas: e havendo necessidade de informar-se V. m. de outras pessoas fio da bõa manha de V. m. que o fará com todo o recato, que convém.*

«E assentada esta correspondencia, continuou João Sanches de Baena no serviço do dito Snr., com tal prestimo, cuidado e zelo, que mereceo da sua Grandeza repetidas confissões de obrigado, e reiteradas promessas de agradecido; e sobre tudo mereceo que o mesmo Snr. se humanasse tanto com a sua pessoa, que nem houve occasião de pezar, em que não se alternassem os avisos, nem successo de gosto, que não mutuassem as gratulações: como tudo mais altamente se mostra das mesmas cartas que se aprezentão.

«E chegou a tal extremo o bom serviço de João Sanches de Baena com o dito Snr., e foi tão experimentada a sua fidelidade e o seu animo, que LANÇANDO-SE A PRIMEIRA PEDRA NO EDIFICIO DA SUA ACCLAMA-

1 Trata-se de concluir a impressão d'esta obra, que ficou interrompida pelo recente fallecimento do auctor. Vimos o citado documento já impresso a pag. 313 do vol. I.

2 O duque D. João havia entrado de pouco tempo na posse da casa, por obito de seu pae, D. Theodosio, fallecido em Villa Viçosa a 29 de novembro de 1630.

ção, quiz o mesmo Snr., que João Sanches de Baena, FOSSE O PRIMEIRO ARTIFICE, MANDANDO: e em SEGUNDO, que João Pinto Ribeiro lhe DESSE A PRIMEIRA NOTICIA, E SEGUISSE O SEU PARECER, mandando-o chamar á banda d'allem.

«De maneira que servio ao dito Snr. em todos os acontecimentos, e por todas as partes, porque lhe servio a Caza, a pessoa e fortuna: e fazia tanto cazo o Snr. Rey D. João da fidelidade delle João Sanches, que em quanto vivéo, que forão quatro annos depois da sua feliz Acclamação, se lhe encarregou todo o negocio da inconfidencia; que naquelle tempo não se passavão nenhũas cartas para Castella para os negocios dos Vassallos de hũa e outra Corôa, que não fosse por registo seu; e por essa razão foi o PRIMEIRO CONDEMNADO EM CASTELLA POR TRAIDOR, como he notorio.

«De todos estes serviços não pedio João Sanches algũa satisfação em quanto vivéo, tendo tão bons valedores, nestas Cartas, para aspirar a hũ augmento tão consideravel que servisse de Padrão honroso, em que seus filhos tivessem eterna memoria de sua pessoa, e illustre exemplar de suas acções.

«Acha-se Luiz Sanches de Baena successor da Caza de seu pay, sem nenhũa mercê: e como athe agora não sahirão a publico aquellas cartas, Alvarás de lembrança de summa estimação, os appresenta a V. A., esperando da sua Grandeza o seu desempenho, e neste o seu requerimento com as pertenções seguintes [1]:

«Teve Pedro Alvares Sanches, seu irmão, a mercê d'hũa commenda de 100$ reis de lote, e de 40$ reis de tensa effectiva, em quanto não fosse provido nella, e nada chegou a ter effeito.

«Servio o mesmo Pedro Alvares Sanches nos Lugares de Letras vinte e hũ annos, comessando pela Relação do Porto, em que entrou para Dezembargador em 14 de Agosto de 641, e continuando na Caza da Supplicação, em que entrou em 27 de Outubro de 642, em que falleceo: e em todos estes postos e Tribunaes servio como pedia a sua obrigação e a sua qualidade: e pela Sentença da justificação que vai junta consta pertencer a Luiz Sanches de Baena o direito da mercê e satisfação dos serviços.

«Manoel Quaresma Carneiro Freire, thio de Luiz Sanches, e irmão de sua may, servio vinte e dous annos a Coroa deste Reyno nas armadas de Portugal, do Brazil, em Flandres, e na India, sendo Capitão de hũ Galeão de alto bordo nas occasiões das batalhas navaes que houve naquelle Estado com as Náos Olandezas e Inglezas, e sendo Cabo do soccorro que se introduzio no arraial de Pernambuco.

«E depois foi Capitão General da praça de S. Thomé, servindo em todos os postos militares e politicos, com particular vallor, e summo zelo, no qual governo servio cinco annos, e nelle morrêo no serviço de V. A., e pela Sentença de Justificação lhe pertence ao dito Luiz Sanches este Serviço.

«E sobretudo, por sua propria pessoa servio Luiz Sanches de Secretario do Dezembargo do Paço perto de cinco annos, accudindo aos maiores negocios, commettidos ó cuidado, no tempo em que V. A. entrou no Governo d'este Reyno, com estudiozo cuidado, e expedição, e segredo: e assim se acha capaz por seus serviços, e pelos de seus irmãos, e de seu pay, e thio, que V. A. lhe faça mercê em remuneração delles: — P. a V. A. que em consideração e premio dos taes serviços lhe faça mercê de hũa commenda de 200$ reis para seu filho mais velho, e de 150$ reis de pensão nos Bispados para seu filho segundo: E. R. M.^ce^.»

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

[1] Poder-se-hia omittir aqui o resto da representação por ser de menos interesse para o ponto de que se trata; porém entendemos que não convinha mutilar o documento, e sim conservar-lhe todo o caracter de authenticidade, reproduzindo-o tal qual na sua integra.

A FABRICA DE VIDROS DA MARINHA GRANDE

I

Entre as diversas industrias que as estatisticas de Leiria mencionam, o primeiro logar pertence, sem dúvida alguma, ainda hoje pelo seu valor real e pela importancia da sua producção, á fabrica de vidros da Marinha Grande.

A fundação d'esta fabrica data do seculo passado, e consta dos documentos officiaes que, antes do inglez Guilherme Stephens lançar os fundamentos da que seu herdeiro doou ao estado, já n'aquella povoação se produzia vidraça e coparia ordinaria, trabalho em que se empregavam muitos de seus habitantes; e, embora não possa provar-se, talvez d'esta circunstancia e da proximidade do pinhal real nascesse a idéa de fazer alli desenvolver a industria, aproveitando tambem o bom animo com que o marquez de Pombal alimentava a força creadora da nação, valendo-se de muitos elementos que achára accumulados, porém mal aproveitados, dos ultimos tempos do reinado del-rei D. João v.

Effectivamente, o marquez de Pombal ordenou, em beneficio do emprehendedor Guilherme Stephens, que lhe fossem emprestados dos cofres publicos 32:000$000 réis sem juro [1] para as principaes despezas da fundação da real fabrica de vidros, e ao mesmo tempo concedeu varias isenções, sobresaíndo entre ellas a de tirar gratuitamente do pinhal de Leiria o combustivel necessario para a fabrica, sem prejuizo das madeiras de construcção do mesmo pinhal.

Estes privilegios, já de si importantes, que deviam durar pelo espaço de quinze annos, conforme consta do alvará de 7 de julho de 1769, foram accrescentados logo no fim dos primeiros sete annos com diversas providencias relativas ao fornecimento das lenhas, entre as quaes se notava a declaração official de que a fabrica ficava sob a immediata protecção del-rei como util ao bem publico e ao dos pinhaes de Leiria, no presupposto de que o dito fornecimento para a fabrica, bem e conscienciosamente dirigido, em vez de prejudicar, beneficiava os mesmos pinhaes.

Passados mais quatro annos depois d'esta nova concessão, isto é, em dezembro 1780, os edificios da fabrica e seus terrenos annexos, bem como os que viessem a annexar-se, foram declarados por alvará como de natureza de *praso fateosim perpetuo*, para que tudo podesse conservar-se indiviso e illeso, e para que em tempo algum viesse a parar a laboração da fabrica, com grave prejuizo do publico e das familias n'ella empregadas.

Expirando o praso de quinze annos determinado no alvará de 1769, o governo prorogou por mais dez annos as concessões respectivas á isenção de direitos de entrada sobre os generos necessarios para a composição do vidro, e de todos os direitos de saída nas alfandegas do reino e de entrada nas do ultramar a favor dos productos da fabrica, e ao mesmo tempo regulou, em beneficio da producção nacional, a admissão das chapas de vidraça estrangeira.

Em 1794 foram prorogados por mais dez annos todos os privilegios e isenções até então concedidos ao proprietario da real fabrica da Marinha Grande, sendo egualmente approvada e louvada a construcção da estrada que Guilherme Stephens fizera á sua custa para

[1] Nas *Recordações* de Jacome Ratton lê-se a este respeito o seguinte: «Entre muitos outros estabelecimentos, feitos á custa da Real Fazenda, em que bem se deixa ver a munificencia do sr. rei D. José, a beneficio da industria nacional, referirei o estabelecimento da fabrica de vidros da Marinha Grande, junto a Leiria, por Guilherme Stephens, o qual recebeu um emprestimo, ignoro por que cofre, de 80:000 cruzados, a pagar sem limite de tempo, e em cal, producto dos fornos que tinha erigido nas pedreiras de Alcantara, nos quaes ardia carvão de pedra vindo de Inglaterra, livre de direitos. Além d'este emprestimo, tinha o dito Stephens a permissão de se servir de toda a lenha tirada do pinhal d'Elrei, *gratis*.»

tornar mais facil o serviço externo, e attrahir alli directa e commodamente os almocreves e agentes que promoviam a extracção dos productos da fabrica, e aos quaes se dava certa percentagem. Em 1796 ordenou o governo que se fizessem por conta do estado os córtes de madeira necessarios para se acabarem as obras da dita estrada.

Em 1799 fez-se nova prorogação de todos os privilegios por dez annos, além dos dez concedidos em 1794, a favor dos primitivos proprietarios, regulando-se definitivamente o fornecimento de lenhas dos pinhaes reaes de Leiria para a laboração da fabrica.

Desde 1799 até 1802 novos privilegios foram concedidos á fabrica, por effeito de repetidas instancias do proprietario, e pelo favor e influencia de que elle de certo gozava na corte, chegando até o ponto de isentarem do serviço do exercito e da armada todos os empregados e operarios da fabrica!

A invasão franceza, que foi uma verdadeira calamidade para a peninsula iberica, e que não poupou coisa alguma, templos, palacios, livrarias, reliquias, edificios publicos e particulares, officinas, laboratorios, industrias, pois que o exercito de Napoleão I em o nosso paiz mostrou ser n'aquelles tempos composto de gente barbara e indisciplinada; a invasão franceza, dizemos, tambem não isentou a fabrica de vidros da Marinha Grande. Não só lhe foram retirados os privilegios, mas egualmente sequestrados os edificios, utensilios e terras annexas, e Stephens, por não querer cumprir as determinações de Junot, teve ordem de prisão, que padeceu por espaço de quatro mezes e onze dias, recebendo a final a liberdade com a vexatoria clausula de se apresentar á respectiva auctoridade todas as quinzenas.

Expulsos os francezes do reino, e livres, felizmente, os seus habitantes dos vexames e tropelias que elles exercitaram aqui em larga escala, a fabrica recuperou os antigos privilegios, com a prorogação de mais vinte annos. Foi isto em 1811.

Faltam-nos os esclarecimentos sobre quando occorreu o fallecimento de Guilherme Stephens, primeiro proprietario da fabrica, e a respeito da epocha em que seu irmão João Diogo veiu a possuil-a e administral-a. Em um relatorio [1] que temos presente, e o qual seguimos n'este artigo, por ser trabalho de grande valor, vemos que foi João Diogo Stephens [2] quem em 1826 fez doação da fabrica e de todos os seus pertences á nação portugueza, segundo consta da verba do testamento que em seguida transcrevemos [3]:

«...Os edificios e casa de habitação e mais casas, herdades, terras, pomares, vinhas, jardins, engenhos de agua, etc., na Marinha Grande, e ao que se possa dar o nome de fixo capital do meu trafego de vidros, tendo sido tratado e convencionado entre mim e meu muito lamentado socio e irmão Guilherme Stephens que o mesmo passaria indivisivel para os representantes ou successores do sobrevivente socio a beneficio d'este reino e da gente ou familias empregadas n'este estabelecimento, assim como foi approvado e ratificado por sua magestade fidelissima no § 1.º do alvará de 11 de dezembro de 1780, agora para inteiramente se cumprir aquelle tratado ou convenção, e servir como um monumento de meu alto apreço e gratidão



Real fabrica de vidros da Marinha Grande

1 Vid. o *Relatorio sobre a fabrica nacional de vidros da Marinha Grande*, apresentado a s. ex.ª o ministro da fazenda pela commissão de inquerito nomeada por portaria de 4 de junho de 1859. Lisboa, 1860.

A commissão de inquerito á fabrica era composta dos srs. João de Andrade Corvo, Manuel José Ribeiro e Sebastião Bettamio de Almeida, relator.

Tambem consultámos as *Informações para a estatistica industrial*, publicadas pela repartição de pesos e medidas. Lisboa, 1863. Districto de Leiria, pag. 60 a 78.

2 Suppomos que para lembrança do serviço feito ao paiz por esta familia, cuja habitação em Lisboa era na parte mais larga da rua das Flores, proximo da rua de S. Paulo, é que o senado resolveu que se désse áquelle largo o nome de Stephens, que ainda hoje conserva.

3 Vid. o *Relatorio* citado, pag. 7.

pelos favores e protecção que n'este paiz me tem sido concedidos, dou e deixo á nação portugueza todos os mencionados bens e estabelecimentos, supplicando ao governo que haja de eleger e nomear uma auctoridade para esta os reger e administrar, rogando tambem mais que não deixe de haver contemplação para com o actual administrador José de Sousa e Oliveira, e conceder-se-lhe aquella dignidade e remuneração, que tão devida é ao seu merecimento, e d'esta sorte espero fixamente, como assim o desejo, que prosperidade, estabilidade e permanencia acompanhem esta util e bella fabrica, a beneficio da Marinha Grande em particular, e utilidade d'este reino em geral, e assim para sempre.»

Esta é, em resumo, a historia da real fabrica de vidros até a sua doação á coroa d'estes reinos. D'ahi por diante, por ser essa a opinião das estações competentes, cujas consultas subiram ao governo, a fabrica, levada á praça, continuou a ser administrada por emprezas particulares mediante contratos mais ou menos vantajosos, conservando-se em parte os antigos privilegios, e tendo sempre em vista os interesses e a prosperidade dos habitantes da Marinha Grande, no que se cumpria a vontade do doador.

(Continúa) BRITO ARANHA.

OS PREMIOS DE VIRTUDE CONFERIDOS PELA ACADEMIA FRANCEZA

Sabia eu vagamente que o benemerito barão de Montyon fundára em França os premios de virtude, e que a academia franceza os distribue annualmente; mas não tinha idéas claras sobre o processo que a tal respeito se segue, nem sobre a natureza dos factos e qualidades das pessoas que são objecto dos premios.

Quiz a minha boa sorte que ha pouco se me proporcionasse a occasião de ler uma obra de mr. Sainte-Beuve, e que ahi encontrasse um discurso de tão conspicuo litterato e academico, proferido perante a indicada academia na sessão publica annual de 3 de agosto de 1865, precisamente destinada á distribuição dos mencionados premios.

N'esse discurso bebi as informações que desejava; e, por quanto as não quero só para mim, venho agora transmittir, em resumido quadro, a noticia que adquiri, e que julgo interessará a curiosidade de um ou outro leitor que necessite esclarecimentos n'este particular.

Como é natural, não são as proprias pessoas virtuosas quem se inculca á academia: é, por assim dizer, a fama publica quem apresenta os candidatos. De ordinario, pessoas notaveis e auctorisadas, scientes de que foram estabelecidos premios de virtude, e conhecedoras de individuos que estão no caso de os merecerem, incumbem-se de dirigir á academia as convenientes propostas, acompanhadas de memorias, de certidões, de attestados, como se se tratasse de formar um processo regular.

Aqui começa o improbo e melindroso trabalho da academia, que consiste em examinar com o maior escrupulo e com o mais apurado criterio as propostas, as memorias, os documentos. Muitos mezes leva este exame, até que a final se apura a verdade, se caracterisam os factos, se designam as pessoas, se applicam na devida graduação os premios.

Succede por vezes que á academia cabe coroar acções de grande lustre e extraordinariamente notaveis; mas n'outras occasiões, como succedeu em 1865, tem ella que premiar feitos mais modestos: existencias, vidas inteiras silenciosa e obscuramente dedicadas ao bem, e santamente empregadas no exercicio da virtude.

O que mais desafiava a minha curiosidade era a noticia de alguns exemplos da escolha feita pela academia, não sómente para me deliciar na contemplação de primorosos rasgos na ordem moral, mas tambem para me instruir sobre as preferencias praticas que a sábia corporação estabelece.

N'este particular ficaram completamente satisfeitos os meus desejos.

Entre oitenta e nove concorrentes deu a academia, em 1865, a primeira recompensa, o primeiro premio, a Rosalia Marion, solteira, mestra communal em Beaumont-Hague, no departamento da Mancha. Tendo nascido no anno de 1791, contava em 1865 setenta e quatro annos.

Quaes circunstancias, quaes feitos a recommendaram á escolha honrosa da academia?

Rosalia Marion entrou em Beaumont, como mestra, nos primeiros dias do mez de janeiro de 1816, e desde então, e por espaço de quasi meio seculo, foi n'aquella povoação, ao mesmo tempo, mestra de ensino primario, enfermeira e irmã da caridade, reunindo sem as confundir e desempenhando com admiravel actividade todas as funcções d'estes empregos. Para encarecer esta singularidade de Rosalia Marion só me parece apropriada aquella valente expressão do nosso Vieira: «De tal sorte acudiu a uma obrigação sem faltar a outras, que a todas satisfez adequadamente.»

As horas da aula foram sempre para ella sagradas, e jámais as sacrificou ás das outras occupações; sendo muito notavel que ainda depois de passar umas poucas de noites á cabeceira de enfermos, tem bastantes forças e assaz de energia para não faltar ao cumprimento dos deveres de mestra.

Na povoação de Beaumont tem ella exercitado com tal assiduidade, desvelo e perseverança os misteres de irmã da caridade e de solicita enfermeira, que, apenas a morada dos pobres é visitada por qualquer infortunio, immediatamente se ouve alli o grito: «Vão depressa buscar a mestra!» A mestra corre pressurosa, e na companhia d'ella chegam o soccorro, o conforto e a consolação!

Nem o asqueroso das chagas, nem o desaceio das casas dos enfermos, nem os ruins cheiros, nem o temor do contagio, nem o aterrador aspecto da morte... nada a detem, nada lhe embarga os passos no caminho da dedicação!

Entre as muitas privações que presenceia nos albergues da pobreza enferma, é, sobre tudo, muito sensivel a falta de roupas. Lá vae a mestra solicitar donativos, promover subscripções, e consegue por fim estabelecer uma bem provida despensa de roupas de linho, de algodão e de lã, que administra com habilidade e todos os annos vae refazendo. É o armario permanente dos pobres!

Muito e muito mais teriamos que apontar a respeito de Rosalia Marion; mas é necessario reservar espaço para revelar outros actos meritorios que merecem a contemplação da academia.

O segundo premio foi concedido a mad. Navier.

Felicidade Barilliet (que assim se chamava mad. Navier antes de casada) nasceu em Paris no anno de 1806. Teve a desgraça de perder seu pae muito cedo, e de lhe ficar enferma a mãe, rodeada de quatro infelizes criancinhas. Felicidade Barilliet, a mais velha de seus irmãosinhos, teve o admiravel instincto de se considerar desde logo o cabeça da sua desvalida familia; e de tal modo se houve n'este proposito, que na visinhança começou a ser conhecida pela honrosa designação de mãesinha *(petite mère)*, dando occasião «a que todos se maravilhassem de ver uma criança cuidar da educação de outras crianças, e improvisar-se mãe na edade em que apenas era menina.»

A baroneza Pasquier, visinha de Felicidade, teve noticia da dedicação admiravel d'esta criança pheno-

menal, e a encarregou de tomar conta dos pobres que ella baroneza soccorria. Outras pessoas caritativas imitaram o exemplo da baroneza; de sorte que Felicidade, logo desde os doze annos naturalmente inclinada para a beneficencia, mais e mais se fortificou no gosto, no habito e na necessidade irresistivel de bemfazer.

Velar á cabeceira de doentes, educar e recolher orphãos, prestar todo o genero de serviços aos infelizes... tem sido sempre a occupação mimosa da sua actividade. Nem sequer o casamento, que mais tarde contrahiu, a pôde desviar d'aquella senda abençoada; antes redobrou de zelo, porque tambem teve maior somma de recursos pessoaes, adquiridos por um pequeno ramo de negocio.

Seria um nunca acabar, se houvessemos de particularisar o merecimento d'esta mulher. Um dia recebeu ella a visita do arcebispo mr. Morlot, o qual lhe disse: «Venho aqui para vos prohibir que veleis as noites. Deveis poupar-vos para os vossos e para os pobres.» E dizendo isto, entregou-lhe como premio uma medalha de prata.

Mencionaremos a correr os nomes de duas pessoas ás quaes a academia concedeu uma medalha das oito da 1.ª classe.

Paul Alabert, sargento irreprehensivel do regimento 61.º de linha, modelo dos bons filhos.

O padre Felix de Brandelet, cura de Laviron, dotado de uma vocação extraordinaria para crear estabelecimentos de caridade e de instrucção, e para promover construcções de egrejas. Durante quarenta annos tem consagrado a tão prestante empenho tudo quanto possue, e conseguido attrahir avultados donativos, com que tem satisfeito a sua louvavel paixão em beneficio da infancia, da religião e da patria.

Agora poderia eu commentar extensamente o que deixo apenas esboçado; mas tenho para mim que vale muito mais que todos os commentarios a singeleza eloquente dos factos.

Lá o disse S. Gregorio papa: «Não a rhetorica de palavras, senão a eloquencia de obras é a verdadeira prova da caridade.»

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 39)

VII

No dia 8 de janeiro de 1729, pouco antes das oito horas da manhã, desceu el-rei D. João v dos seus paços da Ribeira ao *caes do Forte*, contiguo ao torreão dos mesmos paços, edificado por Filippe II de Castella no logar em que vemos agora o torreão da secretaria de estado dos negocios da guerra. O soberano, acompanhado do principe do Brasil, D. José, seu filho, do infante D. Antonio, seu irmão, e dos gentis-homens e camaristas, embarcou no bergantim real, e, seguido de quinze galeotas e escaleres, em que iam os officiaes-móres e outras pessoas do serviço de sua magestade e altezas, dirigiu-se a Xabregas, onde desembarcou para visitar a egreja do convento das religiosas da Madre de Deus. Feitas as orações tornou a real comitiva para bordo do bergantim e galeotas, que, pondo as proas ao sul, atravessaram o Tejo em direcção a Aldeia Gallega.

N'esta villa estava esperando el-rei, juntamente com um numeroso concurso de auctoridades de differentes terras, o marquez de Capecelatro, embaixador de Hespanha. Depois das sabidas ceremonias usadas na entrada dos nossos reis nas cidades ou villas, D. João v, o principe e infante foram hospedar-se na casa do escrivão da camara, Rodrigo Tavares Pacheco, a qual tinha sido convenientemente preparada para esse fim, e ahi jantaram e passaram a noite.

No dia seguinte, pelas sete e meia horas da manhã, partiu el-rei de Aldeia Gallega.

Descreveremos com individuação este e outros prestitos que abrilhantaram esta solemnidade, não só porque essa narração minuciosa esclarece e patenteia com maior evidencia o assumpto que nos propozemos a tratar n'esta serie de artigos, mas tambem porque offerece uma pagina curiosa para a historia dos costumes nacionaes no seculo passado, e principalmente da corte del-rei D. João v.

Na frente do prestito ia um piquete de oito soldados de cavallaria, com trombetas e atabaleiros, commandados por um tenente. Seguiam-se: o aposentador da corte e seus subalternos, e seis correios de gabinete, com suas trombetas de posta, todos a cavallo; a berlinda dos confessores del-rei, do principe e infante; uma berlinda dos moços da guarda-roupa del-rei; duas berlindas de clerigos e padres da companhia de Jesus; a berlinda do estribeiro-menor; tres berlindas com o corregedor da corte e fidalgos da casa del-rei; a estufa do duque de Cadaval, estribeiro-mór; quatro coches dos camaristas dos infantes D. Antonio e D. Francisco, irmãos del-rei; uma estufa de respeito da infanta D. Francisca, egualmente irmã del-rei; duas estufas de respeito dos infantes D. Pedro e D. Carlos, filhos del-rei; duas estufas de respeito, uma do principe do Brasil, e outra del-rei; Lourenço Galvão, a cavallo; o coche em que iam sua magestade e altezas; seis moços da estribeira, a cavallo; quatro estufas, conduzindo a camara del-rei; a sege do cirurgião Manuel Vieira; duas seges de reserva para o soberano; mais tres seges ricas de reserva para el-rei e para o principe; quatro cavallos de mão para o monarcha, e dois para o principe; uma sege de reserva para o duque estribeiro-mór; um cavallo de mão para o mesmo duque; a guarda de honra, composta de quinhentos soldados de cavallaria, commandados por um capitão; uma sege em que ia o padre jesuita Luiz Gonzaga, mestre de D. João v, e mais o seu companheiro; uma sege com o padre Thomaz Feio e Pedro Antonio Vergolino; outra sege com Antonio Rodrigues da Paz, barbeiro del-rei, e um criado; cinco seges de copeiros-menores, e officiaes que preferem aos moços da real camara; dezenove seges que transportavam os moços da camara; uma do cirurgião Isac Eliote e o seu ajudante; outra sege com o architecto João Frederico Ludovice, e seu filho, João Pedro; tres seges de capellães e acolytos; duas dos porteiros da camara; uma com o architecto Antonio Canevari e seu ajudante; outra em que iam Manuel da Maia, mestre do principe, e José da Cruz, sargento-mór; outra com dois leigos, companheiros do confessor do principe e do mestre del-rei; outra com os medicos José Rodrigues Froes e José Rodrigues de Avreu; outra de Estevão Galhardo, algebrista, e Felix Pereira; outra com o escrivão da cozinha; outra com João Baptista de Moura, moço da casa dos arreios; cinco seges em que iam os officiaes da secretaria de estado; uma dos boticarios; outra com o pagador das cavallariças; quatro em que iam os reposteiros particulares; uma com o thesoureiro da jornada; outra com as lavadeiras; duas galeras com a guarda-roupa del-rei e do principe; uma sege com o cozinheiro-mór; outra de reserva para algum caso em que fosse necessaria; vinte e seis cavallos de mão para el-rei, principe e infantes; e tres seges, em uma das quaes ia o alfaiate del-rei.

Pelas sete horas chegaram os reaes viajantes á capella de Nossa Senhora da Atalaya, onde ouviram missa; e perto da uma hora da tarde apearam-se nos Pégões, para tomarem algum alimento, que lhes estava preparado na casa para esse fim construida. Acabada a comida, e feita a muda dos cavallos dos

coches e seges, continuaram a jornada, chegando ao palacio das Vendas Novas ás quatro horas da mesma tarde.

Sua magestade e altezas, depois de receberem os comprimentos do bispo de Pátara, deão e mais dignidades da sé de Evora, que vieram render-lhes homenagem em nome do cabido da dita cathedral, passaram a ver o palacio e todas as suas officinas.

N'esta visita colheu o monarcha um grande triumpho para a sua vaidade. Todas as pessoas do seu sequito pasmavam, vendo um edificio de taes proporções levantado no meio de umas charnecas. Porém no que se mostravam verdadeiramente admiradas era na brevidade com que se executou similhante obra; o que deu pretexto para os lisonjeiros exclamarem que «tudo e todos se curvavam e obedeciam á vontade del-rei, que sabía fazer milagres, como aquelle que tinham diante dos olhos.»

Jantaram e pernoitaram n'este palacio o soberano e toda a sua comitiva, e no outro dia, 10 do mez, antes do romper d'alva, pozeram-se a caminho para Montemór-o-Novo.

Na vespera tinham partido de Lisboa a rainha D. Maria Anna d'Austria, a infanta D. Maria Barbara, sua filha, agora princeza das Asturias, e o infante D. Pedro, tambem seu filho. Effeituou-se o trajecto do Tejo do mesmo modo que o fizera el-rei. Posto que chegasse a rainha a Aldeia Gallega pelas onze horas da manhã, consumiu-se o resto do dia na visita á egreja matriz, no ceremonial das recepções e beija-mão, e no jantar, de sorte que só na seguinte madrugada se deu principio á jornada por terra.

Compunha-se o prestito da seguinte maneira: dois trombetas e oito soldados de cavallaria, commandados por um tenente; seis correios de gabinete, tambem a cavallo, com suas trombetas; tres seges com moços da real camara; o coche do estribeiro-menor, em que iam o porteiro da camara, os companheiros dos padres confessores, e o medico João Valentim Caupers; o coche dos veadores da princeza das Asturias; a estufa do estribeiro-mór e mordomo-mór da mesma princeza; o coche dos veadores e confessor da rainha; outro coche com mais veadores; a estufa do mordomo-mór e estribeiro-mór da mesma soberana; uma estufa de respeito da princeza; outra da rainha; João Xavier, estribeiro-menor, a cavallo; o coche em que iam sua magestade e altezas; seis moços da estribeira, a cavallo; uma estufa com a camareira-mór e damas de honor; cinco estufas com damas; sete estufas com açafatas; tres estufas com a camara da rainha; quinhentos soldados de cavallaria, fazendo a guarda de honra; os moços do monte, a cavallo; tres seges de reserva para as camareiras-móres; uma sege rica de reserva para a rainha; vinte e nove seges com damas e criadas da rainha e princeza; a sege do guarda-damas; tres seges de capellães; onze de clerigos; oito de musicos; duas de porteiros da canna; uma com o cirurgião João Henriques Wite e o seu ajudante; cinco grandes galeras, que conduziam as alfaias mais preciosas; doze carros matos com bagagens; vinte andas com o enxoval da princeza; um cabo e oito soldados de cavallaria.

Voltando agora a face d'esta luzente medalha dos esplendores da corte de D. João v, vamos mostrar no reverso d'ella verdadeiras miserias, que fazem singular contraste com tantas galas e magnificencias.

Durante a noite que a rainha passou em Aldeia Gallega começou a chover copiosamente, e assim progrediu no dia seguinte com tanto excesso, que os caminhos ficaram logo intransitaveis. Como a estrada, exceptuando varias pontes e alguns pedaços de calçada á entrada e saída das povoações, era mais obra da natureza que dos homens, pois que a estes apenas devia o não consentirem os pés dos viandantes que n'ella crescesse o mato, nos sitios em que atravessava terrenos baixos achava-se transformada em lagos e lameiros, perigosos ao tempo em que a rainha e sua comitiva partiram de Aldeia Gallega.

Foi muito penosa a jornada até aos Pégões. Mas d'esse ponto até ás Vendas Novas era uma lastima ver a passagem do prestito, porque apresentava um aspecto muito similhante ao de um exercito que se recolhe destroçado a uma praça visinha do campo da batalha.

A chuva, cada vez mais grossa, tinha feito trasbordar as ribeiras, as quaes, alagando grande extensão de terreno, cobriam em muitas partes a estrada publica. Aquellas pesadissimas machinas dos coches reaes, ao transporem os atoleiros, enterravam-se de modo que não havia forças que d'alli as tirassem. Quanto mais possantes e fogosos eram os urcos que puxavam pelos coches, tanto mais se atolavam pela violencia do esforço. Foi mister que se mandasse buscar grande numero de juntas de bois para, com o seu auxilio, serem tirados os coches de tão critica situação.

Depois de muita demora, de inauditas fadigas e de não pequenos sustos das damas, a rainha e seus filhos, com parte da comitiva, chegaram ao palacio das Vendas Novas, indo a noite já muito adiantada; e a outra parte viu-se obrigada a voltar para os Pégões, onde pernoitou. N'essa noite morreram nas cavallariças do paço das Vendas Novas muitas cavalgaduras dos coches e dos outros vehiculos, em consequencia do cançaço e resfriamento.

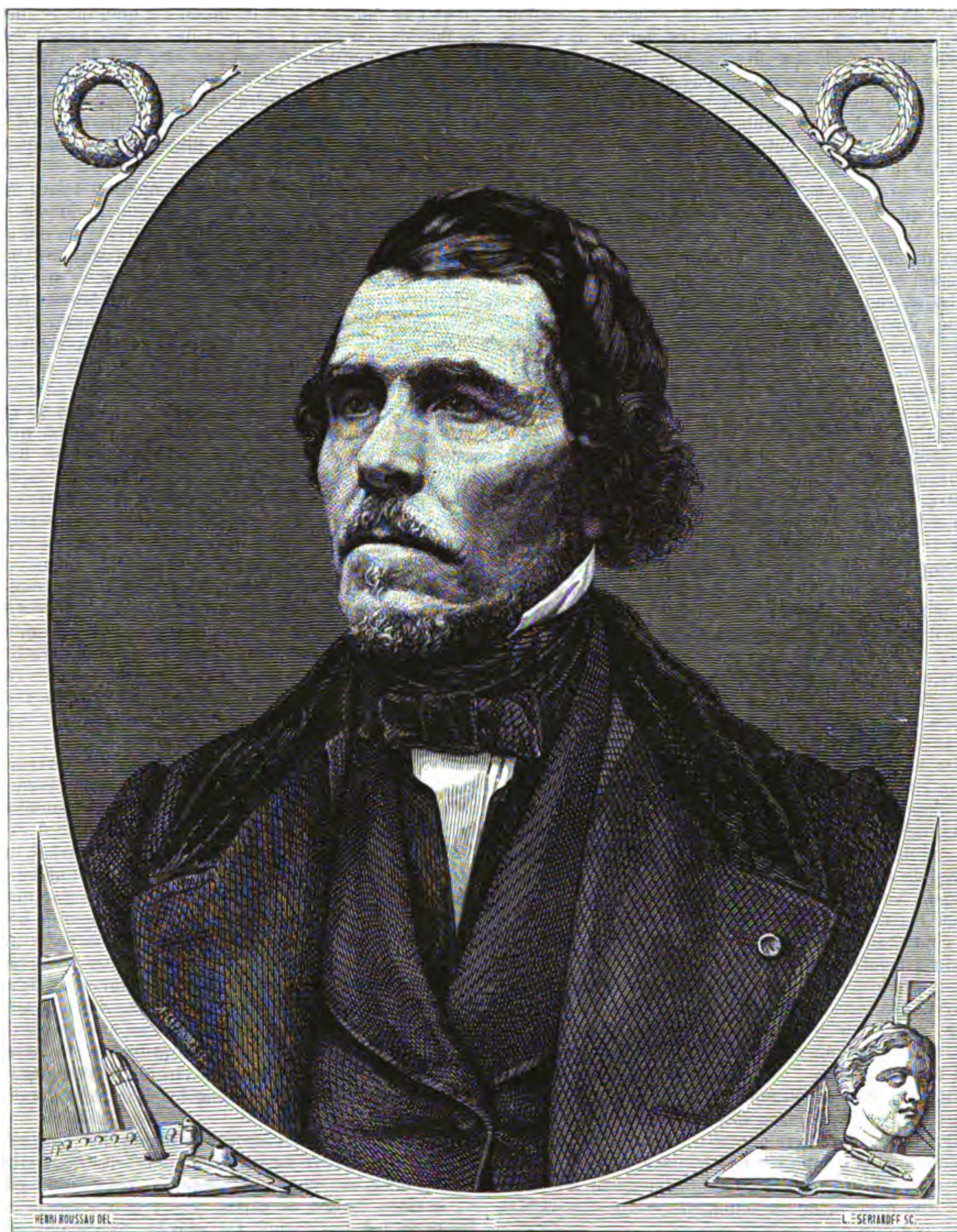
Não obstante os incommodos, fadigas e até perigos por que passára em todo aquelle dia e noite, e apesar dos rigores do tempo continuarem cada vez mais inclementes, a esposa de D. João v era tão animosa, que, ainda mal repoisada, já queria proseguir na viagem, a fim de que a sua demora não transtornasse a ordem estabelecida no programma combinado entre as duas cortes.

N'essa mesma noite, portanto, chamou a rainha ao tenente coronel Luiz Garcia de Bivar para lhe dizer que desejava partir d'alli antes que despontasse o dia. Bivar observou-lhe a impossibilidade de satisfazer esse desejo; e como a soberana instasse, declarando que estava resolvida a affrontar a invernia e quaesquer incommodos, respondeu-lhe com firmeza: «A inclemencia do tempo continúa com todo o excesso, como vossa magestade está vendo; e o caminho que temos d'aqui a Montemór é o peior que nos espera, pelos muitos atoleiros, ribeiras e maus passos que n'elle ha, e do que eu, pelo bom conhecimento que tenho do paiz, estou bem certo. Por todas estas, e ainda por muitas outras razões, sou de parecer que vossa magestade não deve querer entrar em um perigo tão grande, que talvez não póde ser vencido por forças humanas.»

Ouvindo tão fortes razões, resignou-se D. Maria Anna d'Austria a esperar que se tomassem providencias para facilitar a continuação da jornada. Expediram-se logo ordens ao juiz de fóra de Montemór para que mandasse com toda a brevidade e diligencia entulhar os lamaçaes, desfazer e terraplenar as quebradas, em fim, pôr o caminho transitavel. E em quanto se empregavam n'estes trabalhos milhares de braços, era encarregado o coronel José da Silva Paes e Vasconcellos de ir arranjar e dispor nos logares convenientes numerosas juntas de bois para tirar os coches, seges e outros vehiculos nos pontos mais difficeis e arriscados.

No dia seguinte, 11 do mez, veiu dos Pégões a parte do prestito que fôra obrigada a retroceder. E no dia 12, achando-se concluidas as reparações da estrada, do modo que cabia na estreiteza do tempo, e assim tambem dispostas as mais coisas necessarias, saíu a rainha e sua comitiva do paço das Vendas Novas pelas 4 horas da manhã.

(Continúa) I. de Vilhena Barbosa.



Eugenio Delacroix

I

Desenganemo-nos: a historia do genio ha de ser sempre a historia das grandes luctas; a gloria sairá do abysmo, não, como a deusa antiga, aljofrada pelas candidas aguas, mas coberta de suor, de poeira e de sangue; o nome que tem de ser eterno sentir-se-ha primeiro ridiculo. Erguei altares, queimae incensos, enfeixae palmas, engrinaldae os templos, celebrae a apotheose, prostrae-vos em frente da divindade de hoje; para que tudo isso se cumpra é necessario que a tenhaes verberado, insultado, negado, cegos ao prodigio, indifferentes á grandeza, adversos ao que mais tarde endeusaes, fanaticos até á intolerancia.

Eugenio Delacroix é mais uma prova radiante. As brigas incruentas, mas não por isso menos dolorosas, precederam-lhe o verdadeiro triumpho; como todos os talentos originaes e supremos, feriu o olhar dos que só criam no velho culto, e teve de arcar com a multidão dos rabbis, contrarios figadalmente ao novo credo dos apostolos. O começo d'este seculo trouxe comsigo estes recontros e estas campanhas formidaveis. Tanto

nas bellas artes como na litteratura, a França, sobre tudo, apresenta-nos o maravilhoso quadro d'essa invasão de novas idéas, d'essa contenda em que os barbaros do romantismo escalam os reductos greco-latinos, e rechaçam com a framea em punho as ultimas legiões do imperio que desaba. Que fogo e que vida! que sublimes exaggerações, mas que trasbordamento de seiva, que confiança arrojada, que germens ás mãos cheias, que florestas exuberantes, que vigorosos alamos bracejando por entre as arvores alinhadas e tosquiadas do classicismo convencional!

É então que apparece a nova raça dos poetas, dos titans que accommettem o Olympo pagão, e que em logar de Boileau enthronisam o Bello, esse filho legitimo da Inspiração e da Verdade; e que em vez de jurarem sobre a *Arte-poetica*, juram sobre esse evangelho sagrado, que é a natureza. É então que Victor Hugo, de um lado, atira com as suas folhas de sibylla para o meio do povo, e que os seus discipulos affirmam a palavra do mestre, contra o testimunho dos oppostos; é então que, em pintura, Delacroix levanta o sceptro que caíra das mãos inanimadas de Géricault, e, á frente de Ary Scheffer, de Leon Cogniet, de Champmartin e de outros, cae sobre as hostes davidianas com a fogosidade de um Samsão membrudo.

O que houve de resistencia contraria, de oppugnação contumaz, de reluctancia medonha, sabem-n'o todos os que se dão ao estudo de similhantes factos, e presuppõem-n'o de certo os que attentarem um momento no que ha de difficil e de rude quando se trata de implantar uma idéa, um principio, uma doutrina que destôa dos habitos e das fórmulas consuetudinarias.

Os classicos (segundo a futil denominação estabecida) haviam construido, como os senhores da edade média, uma especie de forno banal onde os seus homens deviam ir cozer o pão do espirito. Esse forno eram os modelos antigos, era a estatuaria gentilica, eram os preceitos dos mestres, era o immutavel aprumo dos reitores de boa nota. Quem infringisse a determinação assente soffria a pena merecida. Um dia os enfeudados insurreccionaram-se, e com tres pancadas de alvião derrubaram o forno, ennegrecido pelo tempo. N'esta victoria succedeu o que costuma succeder em todas. Houve a anarchia do jubilo, a febre do contentamento. Desvairaram-se os que tinham hasteado o pendão glorioso sobre as ruinas dos vencidos, e o morticinio e o saco foram por algum tempo implacaveis. Asserenados os animos, percebeu-se que entre esse montão de pedras havia muito para admirar, e que mais de uma columna era exemplo, e mais de um fuste conselho.

Os barbaros acceitaram, pois, dos romanos o que era fructo de experiencia secular, e robusteceram com sangue novo o que era anemico e impotente. De feito, o entendimento humano não podia estar de continuo sob a tutoria do passado, nem podia suspirar debalde pela sua maioridade tardonha. Respeitemos os velhos, acatemos-lhes as maximas — é justo; os que chegam á virilidade podem, todavia, dispensar-lhes a mão conductora.

N'isto se resume a guerra mal ferida d'aquelles moços francezes contra os granadeiros encanecidos da arte, como se poderia resumir a de todos os que forcejam por quebrar os moldes onde não cabem, e desviar-se do rumo para onde não tendem. A revolução toma a principio o caracter de tempestade. Os homens transformam-se em elementos. Alguns derrubam, e ficam soterrados debaixo das ruinas; outros, e esses são os verdadeiros edificadores, arrasam e nivelam o terreno para levantar sobre elle a mole grandiosa que ha de mais tarde merecer a sagração da posteridade.

Fernando Victor Eugenio Delacroix nasceu em Charenton Saint-Maurice a 26 de abril de 1798. Com o primeiro leite bebido entraram-lhe nas veias os estimulos revolucionarios. Sobre o berço da criança ondulavam ainda as fumaradas d'aquelle incendio prodigioso que mudou a face do mundo, e que, devastando as florestas seculares, fez rebentar do solo uma vegetação mais perfumada. Seu pae, que fôra deputado na convenção, ministro no directorio, e que depois, no primeiro imperio, exercêra successivamente os cargos de prefeito de Marselha e de Bordeus, havia morrido em 1805, sem deixar a seu filho o minimo amparo de riqueza.

Não queiramos perfilhar agora a opinião, talvez um tanto chimerica, dos que procuram na meninice as revelações dos grandes factos da madureza; ha um ou outro exemplo d'estas sublimidades precoces, e Delacroix certifica-o; o que julgâmos, porém, é que dos primeiros vagidos ninguem poderá tirar horóscopos, e descobrir n'elles a iniciação dos cantos futuros.

No avoejar de começo tanto primam as cotovias como as aguias; depois de robustecidas e emplumadas é que vemos serem aquellas destinadas para viver nos parreiraes e nos soutos, e estas para se erguer até onde esplendem os astros. A primeira mão protectora que se estendeu a Delacroix foi a de Riesener, pae d'esse outro pintor notavel que ao diante fez o quadro de *Leda*, de *Venus* e da *Bacchante*.

Até 1817 vemol-o seguir o curso das bellas artes com a assiduidade e a distincção, prenuncias dos seus dotes brilhantes. N'esta data entra elle na officina de Guerin, n'essa casa de trabalho classico, n'esse ninho d'onde sairiam os que mais tinham de se empenhar na briga imminente. N'esta communidade, o homem a quem Delacroix se ligava mais pela estima era Géricault, já conhecido pelo retrato de Dieudonné, exposto em 1812, e mestre consummado depois do *Naufragio da Medusa*. Géricault pintava não só em casa de Guerin, como tambem n'um quarto do bairro dos Martyres. O seu visinho do lado era Horacio Vernet. Quando alguem, por engano, perguntava por Vernet, batendo á porta de Géricault, este respondia sempre: «*C'est la boutique à côté.*» O pintor da *Barreira de Clichy* era a sua *bête noire;* apesar d'isso, viviam em boa pratica de amigos, e conta-se que Vernet não deixava de tirar das visitas do seu confrade as maximas consequencias em proveito proprio. Os esboços do hospedeiro serviam para as composições do hospede [1].

Tornemos, porém, a Delacroix. Foi em 1822 que elle se manifestou completamente. A *Barca do Dante* encarregou-se de dizer bem alto o que valia aquelle moço de vinte e quatro annos, que se atrevêra a arrancar das paginas de um dos primeiros livros do mundo esse grupo do Dante, Virgilio e Phlegias, e collal-o na téla com a sublime inspiração de um Miguel Angelo nascente.

Em torno d'elle levantou-se o ruido da admiração e do assombro. Os mais estrenuos defensores da velha eschola, os que ainda pegavam respeitosamente no manto caudato de David, esses detiveram-se em frente de um testimunho tão grande, e entreolharam-se com a desconfiança da sua derrota. Delacroix vencêra. Dissera-lh'o o applauso do paiz inteiro. Gros, o celebre pintor da *Peste de Jaffa* e do *Combate de Aboukir*, dera de mão ás suas predilecções classicas, e dissera ao mancebo que o havia procurado, como que para receber a sancção do mestre: «*Vous avez fait là un chef-d'œuvre; c'est du Rubens réformé.*»

O que faltava em Delacroix era a correcção do desenho, a finura do contorno, o apuro, a modelação perfeita. Seriam isto mesmo qualidades que, sob o ponto de vista meticuloso, se lhe podessem estremar ao diante? Não o cremos. No desenho de Delacroix o que se observa sempre, desde a *Barca do Dante*,

[1] Theophile Silvestre — Eugène Delacroix — *Documents nouveaux*, pag. 25.

é a expressão e o movimento. Alguem escrevia em 1854, a proposito do grande pintor, estas considerações profundas: «O contorno deve ser feito delicadamente e conforme as leis naturaes. Um sêcco traço linear não póde dar a fórma dos objectos que se esmorçam nas degradações de luz até se perderem no ar ambiente. Em vez de traçar duramente o contorno, Delacroix fal-o sentir n'um toque indefinito; dá-lhe a rara mobilidade, e deixa-o no seio da natureza, cuja elasticidade é immensa. Poderá alguem dizer em frente de um quadro de Delacroix: — Não sabia desenho? — Deveria antes dizer-se que elle desenha como poucos [1].»

Dois annos depois, em 1824, apparecia a *Carnificina de Scio (Massacre de Scio)*. Delacroix, com este quadro, lançava-se abertamente no meio da conflagração romantica. Os inimigos, que haviam concedido as primeiras ovações, recolheram as palmas dispersas e vozearam contra o temerario. O proprio Gros exclamára: «É a carnificina da pintura!» Que partido seguir? Recuar? Não. As idéas avançavam no seu curso immutavel. Géricault morrêra; Delacroix achava-se na vanguarda dos combatentes; dos moços impetuosos, dos pintores que hoje depunham a palheta, e que ámanhã, pegando da penna, se transfiguravam em criticos despiedosos, e aggrediam os ultimos pelejadores contrarios. Ary Scheffer era dos que batalhavam com duas espadas.

Os baluartes academicos desmoronavam-se de hora a hora; a raça nova galgava fossos e tranqueiras; a pintura esculptural cedia terreno aos quadros patheticos. Novos themas e novas lendas suggeriam os invasores modernos; podiam deixar-se dormir um pouco os gregos e os romanos, e pedir ao drama e ao poema alguma coisa mais commovedora do que a estafada mythologia.

Era esse o mote de Delacroix. Em 1826 expunha a *Morte de Marino Faliero*, em 1828 o *Combate do giaour e do pacha*, e nos annos subsequentes o *Assassinio do bispo de Liège*, a *Morte de Carlos o Temerario*, o *Prisioneiro de Chillon*, o *Rei João na batalha de Poitiers* e *Hamlet*.

Soberbo interprete dos grandes escriptores! O que pela inspiração do poeta havia passado em sombras confusas, o que elle entrevíra n'um vago arroubamento, o que era sobrenatural e ethereo, passou a realidade palpavel, surgiu sob o pincel do mestre, appareceu revestido de luz e de côres. O verbo fez-se homem. Aquelle *Hamlet no cemiterio*, que tem na mão o craneo de Yorick, é o mesmo que Shakespeare phantasiou sobre a plataforma de Elsinour. Se o poeta o contemplasse, diria talvez como o scismador da Dinamarca dizia n'aquella occasião ao seu amigo Horacio: «*Alas, poor Hamlet! — I Knew him!*»

O colorido é a primeira qualidade de Eugenio Delacroix. N'este ponto estabelecêra para comsigo um systema absoluto. Multiplicava os tons infinitamente, contrapunha-os, dando-lhes d'este modo uma dupla intensidade. As excellencias de Ticiano não o subjugaram de prompto: começaram por lhe parecer monotonas. Os effeitos pittorescos em Delacroix resultam sempre dos contrastes. Em Rubens póde a côr brilhar como a superficie de um lago tranquillo; n'elle tem o estremecimento radiante da agua fustigada pelas borrascas [2]. A paixão, o vivo sentimento do assumpto, resalta de todas as composições do mestre. As figuras tem sangue; n'aquellas télas ha corações que batem. Os pintores da eschola veneziana, Veronez inclusivè, são coloristas que não chegam á allucinação, ao arrebatamento, áquella rapidez torrentosa com que os tons se succedem como as notas de uma escala. N'esta successão de notas ha, comtudo, a harmonia. Isto constitue em Eugenio Delacroix a sua enorme elevação poetica. A pintura para elle era a arte de produzir a illusão no espirito do observador. Para isso deixava a Ingres as combinações regradas, e pintava com o calor da sua organisação nervosa. Aquella febre não tresandava em delirio. Era apenas a manifestação de um sublime enthusiasmo.

(Continúa) E. A. Vidal.

[1] *Histoire des artistes vivants*, première série, in-8.°
[2] Théophile Silvestre — *Loc. cit.*, pag. 16.

ESCULPTURA EM METAL

BACULO DA SÉ DE EVORA

A nação portugueza, na sua infancia, vivia, por assim dizer, da guerra e para a guerra. Fundára a monarchia no meio de um campo de batalha, ao som dos hymnos da victoria. Com a espada ou a lança em punho, firmou a sua independencia e liberdade, e alargou, em longa serie de triumphos, as fronteiras do novo reino, expulsando do seu solo as meias luas de Mafoma. Vencer ou morrer pela fé e pela patria, guerreando os inimigos implacaveis da cruz de Jesus Christo, era a mais subida e invejada gloria, a unica então a que aspiravam nobres e plebeus.

Os filhos de Portugal, assim criados entre o estridor dos combates, não ambicionavam, geralmente fallando, outra occupação que não fosse a das armas. Nem havia industria que promettesse compensação digna ao trabalho do homem como o officio de soldado. Os mais esforçados encontravam seguro premio do seu valor nos arraiaes do inimigo, ou no rico despojo que lhes offereciam as praças conquistadas. Os menos valentes achavam de que saciar a sua cubiça nas correrias por terras de infieis, no saque de povoações indefesas ou mal defendidas.

Os campos, talados continuamente pelas hostes christãs ou sarracenas, não deixavam medrar a agricultura. Essa lucta sem tregoas era obstaculo insuperavel para o commercio. A rudeza das idéas, a simplicidade dos costumes, a frugalidade da vida, a falta de industria, e, por conseguinte, a pobreza da nação, oppunham-se absolutamente ao desenvolvimento das artes.

Por esta razão, quando os nossos primeiros reis quizeram erigir alguns edificios mais grandiosos, já se sabe, templos e conventos, recorriam aos architectos e canteiros musulmanos, pois que então floresciam com grande esplendor a architectura e a esculptura nas cidades moiriscas da Andaluzia, foco de civilisação, d'onde se irradiava a luz das artes, com mais ou menos brilho, para todas as terras da peninsula ainda sujeitas ao dominio sarraceno.

Os artistas arabes foram, portanto, os mestres, póde-se afoitamente dizer, dos nossos primeiros architectos e esculptores em pedra. D'isto resultou innocular-se o estilo arabe na architectura nacional, de maneira que adulterou, em maior ou menor escala, os differentes estilos architectonicos que se introduziram e predominaram em o nosso paiz até aos fins do primeiro quartel do seculo XVI. Além d'isso, tambem foi resultado d'aquella eschola a ignorancia dos nossos esculptores antigos em obras de estatuaria; pois que n'este ramo da arte nada tiveram a aprender dos moiros, aos quaes o Alcorão prohibe terminantemente representarem, de qualquer modo que seja, tanto a figura humana, como a dos outros animaes da creação.

Porém, ao tempo em que a architectura e a esculptura em pedra se achavam entre nós tão descuradas, e em tão grande atrazo que era mister a cada passo mendigar os serviços de artistas estranhos, desenvolvia-se pouco a pouco, mas fazendo assignalados progressos, a esculptura em metal.

Este desenvolvimento e progresso tinham uma causa não só muito legitima e conhecida, mas até poderosa.

Os vasos sagrados e outras alfaias para o exercicio do culto, adorno das imagens e serviço dos templos, offereciam um campo vastissimo ao talento e actividade dos ourives. Incitavam-n'os ao trabalho e ao aperfeiçoamento a devoção dos fieis, franqueando-lhes generosamente as suas bolsas, á frente dos quaes se collocavam sempre os nossos reis e rainhas. Da concurrencia, que é um dos mais fortes incentivos das artes, tiravam os ourives novo alento e novos brios para mais arrojados commettimentos. E para que lhes não faltasse estimulo algum dos que mais podem influir na alma de um artista, era a religião de seus paes que lhes ministrava assumptos para as lides artisticas, e que lhes suggeria inspirações elevadas na sublimidade dos seus augustos mysterios. Em fim, o sentimento religioso era o facho que lhes illuminava o espirito, a aurora que derramava em sua imaginação os brilhantes orvalhos da poesia, o condão que imprimia vigor no seu braço, dirigindo-lhes o cinzel pela senda ardua, mas gloriosa, que levava as suas obras á perfeição, e que levaria os nomes de todos esses artistas á immortalidade, se muitos d'elles não fossem lançados no esquecimento pela ignorancia dos tempos e pelo desleixo dos contemporaneos.

Foi assim que, reinando D. Sancho I, n'esta terra, então ainda sáfara para a cultura das artes, começaram a apparecer bons esculptores em metal. Dão testimunho d'esta verdade alguns vasos sagrados e cruzes, em que se notam delicados lavores, em prata branca e doirada, offerecidos por aquelle monarcha e por sua esposa, a rainha D. Dulce, aos mosteiros de Alcobaça e de Santa Cruz de Coimbra.

Apesar dos terremotos e das invasões estrangeiras, que em differentes eras destruiram ou nos levaram muitas preciosidades artisticas d'aquelle genero; e não obstante o descaminho que outras, não poucas, tiveram por occasião da extincção das ordens religiosas, em 1834, Portugal ainda hoje é rico d'esses primores de arte, que attestam a proficiencia e bom gosto dos ourives portuguezes desde os fins do seculo XIII.

Grande numero de egrejas encerram em seus thesouros vasos sagrados, relicarios e outras alfaias de oiro, prata e bronze, bellos na fórma, e excellentemente cinzelados segundo os estilos gothico e do renascimento. Entre aquellas egrejas avultam as sés do reino, principalmente as de Lisboa, Evora, Braga e Coimbra; a capella real dos nossos soberanos; a collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães; a misericordia do Porto, etc. Guarda-se uma boa cópia de taes objectos, que pertenceram aos extinctos conventos, na academia real das bellas artes de Lisboa, para onde conseguiram leval-os a diligencia, zelo e amor da arte do sr. marquez de Sousa Holstein, com o patriotico intento de formar um museu nacional archeologico e artistico. Finalmente, a nossa casa real possue uma riquissima baixella de prata doirada em que se admiram numerosas peças de exquisito gosto, e de rara belleza e perfeição, feitas nos seculos XV e XVI.

É certo que a muitas das preciosidades a que alludimos ignora-se ou é duvidosa a origem. Entretanto, aquellas cujo auctor é conhecido, seja por documento ou testimunho competente, seja porque ellas proprias revelem o seu nome, são provas de sobejo em abono do que temos aqui expendido.

Os nossos assignantes conhecem, pelas gravuras publicadas n'este semanario, a linda custodia e calice fabricados em Guimarães nos principios do seculo XVI, e pertencentes á collegiada de Nossa Senhora da Oliveira [1]. Pois ha na mesma egreja, de epocha e procedencia eguaes, uma grande cruz processional, de prata, que é obra de primor incomparavelmente maior. A estas peças, porém, e a outras muitas de industria nacional, que seria prolixidade mencionar n'este logar, a todas essas, dizemos, sobreleva a custodia de oiro que el-rei D. Manuel doou ao mosteiro de Belem [1]. Para demonstrar o alto grau de perfeição a que chegou entre nós a esculptura em metal no seculo XVI, é bastante essa gentil e celebrada custodia. Ostentando muita poesia e bom gosto na invenção, extremada elegancia e belleza no porte, e singular delicadeza e excellencia no trabalho do ourives, quadra-lhe o titulo de *sublime poema da religião e da arte*, impresso em oiro pelo inspirado lapis de Garcia de Rezende, e pelo insigne cinzel de Gil Vicente!

Não se diga que este ramo de arte, que tanto floresceu em o nosso paiz, correndo a sorte da monarchia, se elevára com ella, e com ella caíra tambem do seu esplendor, sem tornar até hoje a florir. A famosa baixella de prata feita n'esta cidade pelos desenhos do eximio pintor Domingos Antonio de Sequeira, e offerecida pelo principe regente D. João ao duque de Wellington, em galardão dos serviços prestados por este distincto general á independencia da nossa patria, é uma prova irrecusavel do estado florescente em que se achava a esculptura em metal n'esta cidade nos principios do presente seculo [2].

Com o proposito de ir reunindo materiaes para o estudo da introducção e progressos da ourivasaria em Portugal, tem o *Archivo Pittoresco* publicado varios artigos e gravuras [3]. Continuando no mesmo empenho, vae offerecer n'este volume aos seus assignantes cópia em gravura de algumas das mais preciosas e interessantes peças do thesouro da sé archiepiscopal de Evora. Será o baculo a primeira de que trataremos.

É de prata doirada, de estilo gothico, e do tamanho commum a todos os baculos. A haste é cavada em meias cannas. Guarnecem-n'a, logo abaixo do nó e entre dois frisos, dois anneis ou circulos de pedras preciosas, os quaes resaltam da haste para fóra. O nó é um como edificio gothico, composto de duas ordens de baldaquinos. Apoiam-se estes em uma base a modo de capitel, ornada de figuras de mera phantasia em meio relevo, umas com azas nas espaduas, outras na cabeça, e todas em posturas mais ou menos extravagantes, fingindo sustentar o edificio gothico. Sobre esta base ergue-se o primeiro baldaquino, que é vasado e representa uma arcada gothica, tendo a parte superior floreada. Dentro d'elle, correspondendo aos arcos, estão seis estatuas, de relevo inteiro e separadas da haste: são os quatro evangelistas e dois prophetas. O baldaquino superior, tambem vasado, é mais pequeno e recolhido, servindo como de cúpula ao inferior, e egual a este na architectura e na ornamentação. Dentro vêem-se encostadas á haste, em alto relevo, as figuras de dois apostolos e dois prophetas, sendo um d'aquelles S. Pedro, e um d'estes Moysés. A parte superior da haste e a voluta por ella formada são decoradas com 41 pedras preciosas e relevos á maneira de folhagem. N'esta voluta, que termina por uma grande amethista, ergue-se na parte interior d'ella, sobre uma peanha de folhagens, a imagem de Nossa Senhora da Conceição em estatua de maiores proporções que as dos baldaquinos. As pedras preciosas com que se guarnece esta peça são amethistas, esmeraldas, chrisolitas brancas e da sua côr vulgar, tambem aguasmarinhas, se nos não engana a memoria, e talvez alguma outra especie de que nos não lembrâmos.

Para saber-se a epocha em que foi feito este baculo não é necessario recorrer a penosas investigações. Basta vêl-o, ou attentar na cópia que d'elle damos em gravu-

[1] Vid. pag. 5 e 41 do vol. IV.

[1] Vid. a gravura e artigo a pag. 241 do vol. II, e o artigo a pag. 183 do vol. X.

[2] Esta copiosa baixella foi fabricada em 1814. Era admiravel pela graça do desenho e pela perfeição da mão d'obra. Esteve exposta ao publico antes de ser enviada para Inglaterra. Pouco depois da sua chegada a Londres tambem foi posta em exposição, obtendo dos entendedores geraes applausos.

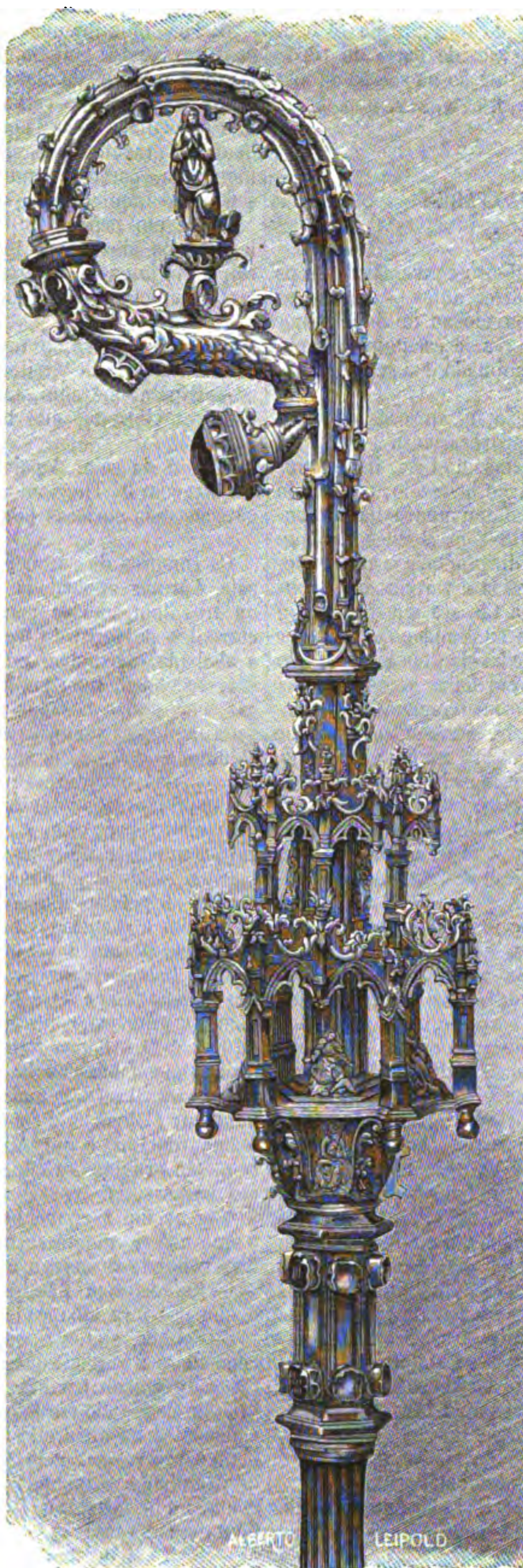
[3] Vid., além das gravuras indicadas em as notas antecedentes, as que vem publicadas a pag. 97 e 169 do vol. VII.

ra, a seu turno copiada de uma photographia, para se reconhecer que é obra do seculo XVI. O observador menos experiente, illudido pelo estilo gothico-florido, que n'elle domina, julgal-o-ha producção do principio d'esse seculo. Porém quem contemplar com reflexão e estudo os grossos e pesados pilares que sustentam os arcos dos dois baldaquinos, convencer-se-ha de que não foram cinzelados ao mesmo tempo que eram esculpidas as delgadas e esbeltas columnas do claustro do mosteiro de Belem [1].

Considerado na sua fórma geral, não é falto de elegancia este baculo. Póde-se dizer que o seu desenho é gracioso; mas a esculptura não apresenta aquella variedade e delicadeza de lavores que são o distinctivo da ourivasaria portugueza nos reinados de D. João II e D. Manuel. Se o compararmos com a custodia de Belem, cremos poder tirar por conclusão que a obra mimosa de Gil Vicente representa o apogêo do esplendor a que chegou em o nosso paiz a esculptura em metal; e que o rico baculo da sé de Evora, não obstante fazer honra aos artistas que o delinearam e cinzelaram, revela o principio da decadencia d'este ramo da arte.

Portanto, se estas considerações tem o peso que lhes ligâmos, devem ser sufficientes para se determinar o reinado de D. João III como a epocha em que foi fabricado o baculo. E, com effeito, esta insignia do poder episcopal é attribuida ao cardeal infante D. Henrique, irmão d'aquelle soberano, e que foi arcebispo de Evora, de Braga e de Lisboa, e no extremo da vida, por infelicidade nossa, rei de Portugal.

É na verdade muito para estranhar que, tendo este principe governado o arcebispado de Evora em uma epocha em que a civilisação tinha feito bastantes progressos, e em que muitos escriptores distinctos, alguns dos quaes residentes na cidade de Evora, se applicavam a archivar e coordenar as antigualhas e os acontecimentos historicos do paiz, não ficasse memoria escripta sobre a doação á sé de uma peça tão preciosa e custosa, como é o referido baculo. Felizmente, a tradição está em perfeita harmonia com a analyse e estudo que se queira fazer sobre aquelle objecto. Afigura-se-nos que nos não afastaremos muito da verdade suppondo que o cardeal infante D. Henrique mandaria fazer este baculo pelos annos de 1550.



Baculo dos arcebispos de Evora

A decadencia da monarchia, que principiára com o reinado de D. João III, ao tempo a que acima nos referimos tinha já estendido a sua influencia sinistra, mais ou menos, sobre todos os ramos das bellas artes. A architectura foi o primeiro d'esses ramos, e o que mais se resentiu d'aquella malefica acção, pelo motivo de coincidir com a decadencia do paiz a grande revolução que se operou na mesma architectura. Por essa razão, em quanto que o estilo do renascimento tinha erigido e continuava a erigir, sobre tudo na Europa central, tão esbeltos e formosos monumentos, introduzido em Portugal appareceu desfigurado, produzindo entre nós, com raras excepções, edificios acanhados, sem elegancia nas fórmas, sem graça nem belleza na ornamentação.

A architectura do renascimento proscreveu, desde a sua introducção n'este paiz, o estilo gothico, que, tendo acompanhado em seu desenvolvimento o progresso das grandezas e glorias de Portugal, assistíra ao aperfeiçoamento e esplendor dos outros ramos da arte. Porém a ourivasaria, apesar de ferida do mal commum a suas irmãs, subtrahiu-se, felizmente, áquella proscripção durante todo o seculo XVI. Assim conservou por mais tempo a graça do desenho e a gentileza das fórmas. Assim se explica como o baculo da sé de Evora foi fabricado segundo o estilo gothico, em tempo em que a architectura do renascimento dominava em todo o reino com imperio absoluto.

Quanto aos nomes dos artistas que executaram esta apreciavel obra d'arte, deixaram-n'os em completo esquecimento a mesma incuria e desleixo que nos occultaram a data d'aquelle trabalho e da doação do cardeal infante. Todavia, não póde pôr-se em dúvida a sua origem portugueza por duas razões muito plausiveis. Consiste a primeira em possuirmos nos principios d'esse seculo uma eschola

[1] Vid. as gravuras a pag. 249 do vol. VI e pag. 229 do vol. IX.

nacional de ourivasaria muito aperfeiçoada. A segunda está nos costumes publicos, que ainda prevaleciam n'essa epocha, os quaes não permittiam que se fosse buscar ao estrangeiro o que tinhamos em a nossa terra.

Este baculo e outras peças do thesouro da sé eborense foram levados á exposição de Paris de 1867, onde figuraram com muita distincção na secção da historia do trabalho. I. DE VILHENA BARBOSA.

O WALI DE SANTAREM

(Vid. pag. 38)

Quando dissemos que D. Affonso conversava com os seus cavalleiros, deviamos dizer antes — deixava-os conversar; elle prestava o ouvido ao minimo rumor que vinha dos longos corredores, e escutava com um sorriso distrahido o dialogo animado dos seus companheiros de armas.

Estes conheciam a distracção, e, curiosos de saberem a causa d'ella, tudo era provocarem-n'o a responder ás suas perguntas indirectas, e el-rei, impenetravel, conservava o mesmo aspecto benevolo, proferindo apenas de quando em quando algum monosyllabo vago.

— Voto a Christo, dizia Gonçalo Mendes da Maia n'um tom bastante elevado, dirigindo-se a um ecclesiastico de physionomia energica e varonil, que o ouvia complacentemente, voto a Christo que já me vou enfadando de mirar as aguas do Mondego e de gozar as frescas sombras dos arvoredos de Coimbra! Eu não nasci para isto; não me servem folias nem dansares; tudo quanto for descavalgarem-me do meu ginete murzello, despirem-me a cervilheira e pôrem-me a gastar o lagedo das alcaçovas, é darem commigo de cavalleiro desempenado em dona velha cheia de achaques e esbrugadora de rosarios. Isso é bom pará os vossos conegos de Santa Cruz, sr. D. Theotonio, que se regalam com o descanço, e nunca rezam melhor os seus latins do que depois de dormirem um somno bem dormido.

— Fazei como eu, sr. Gonçalo Mendes, redarguiu o bellicoso prior de Santa Cruz, que me resigno a ver as lanças dos cavalleiros encostadas ainda por mais algum tempo aos lanceiros das salas d'armas; pois bem sabeis, continuou elle sorrindo, que eu nunca rezo melhor os meus latins do que depois de uma refrega bem travada com os inimigos do nome christão.

— Verdade é, retrucou o sr. da Maia, que não ha melhor lança do que a vossa, dom prior, nas hostes do senhor rei; mas em fim, sempre sois homem de egreja, e não sabeis o que é ter sido nado e criado nos campos de batalha, ter vestido armas desde criança, e ter os ouvidos costumados ao silvo dos virotes e ao tropear dos ginetes de combate, que não ha ahi tangeres de doçainas e alaúdes que me sejam mais deliciosa musica. Com os meus setenta annos, que os tenho bem contados, sinto saudades do galopar das arrancadas, do investir tumultuoso, dos assaltos das cidades. Ahi é que eu remoço, e me sinto ainda verde e rijo; mas nos saraus, junto das donzellas rosadas, esfriam-me devéras os gelos do meu inverno.

D. Affonso Henriques sorriu-se.

— Deixae estar, meu velho cavalleiro, disse elle, que ainda não acabaram as lides em Portugal.

— Deus vos oiça, senhor rei, redarguiu Gonçalo Mendes, que, se este marasmo continúa, a-la-fé que me sinto com vontade de me alistar na primeira frota de cruzados que ahi se vier refrescar no Douro, e de ir procurar á Palestina as lançadas que por cá me faltam. E frotas por ahi não tardam, que, segundo ouvi dizer, o nosso santo padre o papa prégou nova cruzada.

Affonso Henriques tornou a sorrir.

— Querendo Deus, continuou elle, para outra coisa nos hão de servir os cruzados de Flandres que não seja para nos roubarem um dos mais valentes cavalleiros das Hespanhas. Não é assim, D. Theotonio?

D. Theotonio inclinou-se em signal de assentimento, com um sorriso enigmatico nos labios. Evidentemente el-rei e o prior de Santa Cruz entendiam-se ás mil maravilhas, mas o velho Gonçalo Mendes é que os não entendia a elles; Lourenço Viegas pasmava tambem, e, cravando em silencio os olhos no rosto do monarcha, parecia perguntar-lhe o que significava o seu modo inquieto e mysterioso.

N'isto um pagem entrou na sala, e, depois de relancear os olhos para todos os lados á procura del-rei, aproximou-se do grupo e veiu dizer algumas palavras ao ouvido do soberano, que se inclinou para o escutar.

Ao endireitar-se, o rosto de D. Affonso Henriques estava radiante de jubilo.

— Esperae-me aqui, senhores cavalleiros, disse elle com voz vibrante, que boas novas hei de trazer em breve.

E saíu da sala, depois de trocar uma rapida vista d'olhos com D. Theotonio, deixando ficar assombrados os seus dois curiosos fidalgos.

Os rumores do sarau expiram em frouxos echos na sala d'armas abobadada dos paços de Coimbra. Dois ou tres lampadarios apenas, suspensos por grossas correntes de ferro do fecho dos arcos que sustentam a abobada, derramam uma luz mortiça na vasta quadra, accendem uma pallida chamma no ferro das lanças, encostadas aos lanceiros, e matizam de reflexos scintillantes os sombrios corpos d'armas suspensos das columnas, que dão ar de sentinellas silenciosos e immoveis, velando durante as longas noites de inverno na amplidão do aposento sinistro.

Primeiro parece que está deserta a sala d'armas, porém quem se affirmar verá projectarem-se no chão lageado sombras gigantes, cujo movimento não é produzido só pela oscillação dos lampadarios; quem estiver bem á escuta ouvirá um ciciar de vozes sumidas que parte de um dos cantos do aposento.

Tres homens conversam, effectivamente, junto de um d'esses feixes de columnas esguias que alli abundam. O primeiro conhecemol-o já pela sua alta estatura, é D. Affonso Henriques; dos outros dois, um traja como nobre cavalleiro christão, o outro veste as roupas odiadas dos moiriscos. Conhecemol-o a este tambem; é Mogbar, o sombrio africano, cujo amor Zuleyma repelliu, e que Abu-Zakaria, o wali de Santarem, tão cruelmente offendeu. A sua vingança está-se alli preparando.

Vae no fim a conversação, e, como que resumindo o que anteriormente se fallára, D. Affonso Henriques diz, voltando-se para o cavalleiro christão:

— Então, Mem Ramires, é absolutamente verdade o que nos fôra affiançado?

— Senhor, sim, respondeu Mem Ramires, o sarraceno disse a verdade pura; disfarçado em trajos moiriscos, e guiado por elle, que nunca me desamparou, vi e observei tudo em Santarem; a vigilancia nocturna é pouca, e na quadrella indicada não vigiam esculcas nem sobre-roldas. Pelo valle que fica entre a fonte de Atamhar e o monte Iraz discorre o atalho que nos conduzirá á fortaleza. Podeis dizer, senhor rei, que Santarem é vossa.

— Bem, Mem Ramires, tornou Affonso Henriques com gesto soberano, apraz-me a vossa confiança, e, effectivamente, nada me será impossivel, tendo ao meu lado cavalleiros tão audaciosos e tão habeis como vós mostrastes ser. Ide descançar, que bem precisão haveis de ter de repoiso depois de tantos dias de fadiga e sobresalto.

Mem Ramires retirou-se, e o seu passo pesado, que acordava os echos d'aquellas vastas abobadas, não tardou a perder-se ao longe. D. Affonso Henriques e o moiro ficaram sós.

Houve um silencio entre elles; a final, D. Affonso, depois de ter encarado longamente o rosto sombrio do africano, disse-lhe com voz pausada:

— Sarraceno, se fosses da nossa fé, tamanho serviço me prestaste, que não hesitaria em calçar-te as esporas de oiro de cavalleiro; mas professas uma lei inimiga, e, sem querer penetrar o motivo que te levou a auxiliar-nos, reconheço que tão fielmente o fizeste, que não ha premio que não mereças; falla pois, e fica certo que nas arcas da torre albarran dos paços de Coimbra ainda ha oiro bastante para saciar a tua cobiça.

O moiro meneou a cabeça com desdem.

— Nos campos de Al-Maghreb, quando despeço uma setta do meu arco, duzentos cavalleiros correm á redea solta a agrupar-se em torno da minha tenda fluctuante. Meu pae, com os seus proprios dinheiros, levantou a aljama de Cairwan, cujo mihrab, todo de marmore, tem na frente duas columnas de pórfido purpureo, que as não ha similhantes no Oriente, e que o emir christão de Byzancio offereceu por ellas o seu peso de oiro. Guarda, pois, as tuas riquezas, Ibn-Errik; o leão do deserto não veiu pedir o auxilio da aguia das montanhas de Al-Djuf senão porque ella tem azas para ir buscar a preza aos pincaros aonde não chegaria o leão. Abu-Zakaria, o renegado infame, o que rejeita a santa fé dos sectarios de El-Mahadi, affronta os verdadeiros crentes, e orgulhoso domina em Santarem a formosa; tu, Ibn-Errik, foste o escolhido de Allah para punir o criminoso; cumpre a tua missão, que eu só quero o que te pedi. Segundo as tuas promessas, Abu-Zakaria e sua filha pertencem-me; nenhum dos teus lhes poderá tocar, e tu deixar-me-has completamente dispor da sua sorte.

— Que a tua vontade seja feita, respondeu Affonso Henriques.

O moiro cruzou as mãos no peito, murmurou um salá respeitoso, e saiu vagarosamente.

Affonso Henriques algum tempo se conservou pensativo, como se procurasse sondar estes mysterios do coração humano, depois, erguendo altivo a cabeça, encaminhou-se com passos rapidos para a sala onde tumultuava o sarau.

Iam afrouxando as dansas e as conversações; os bobos, fatigados já, despertavam apenas um sorriso nos labios dos que os ouviam; as violas dos menestreis expiravam em languidos accordes, e as damas a custo escondiam mal reprimidos bocejos, quando de subito Affonso Henriques entrou na sala com passo vivo e desembaraçado.

Só ao verem-n'o, todos perceberam que elle acabava de tomar alguma grande determinação; nos seus olhos brilhantes resplendia o jubilo, a sua fronte erguia-se com altivez.

— Senhores cavalleiros, disse elle, e a sua voz vibrou clara e sonora no meio do silencio que de subito se estabelecêra, ámanhã antes do romper d'alva devemos sair de Coimbra; é necessario despregarmos de novo á brisa da victoria o estandarte da cruz; é necessario que os infieis saibam que el-rei de Portugal e os seus valentes cavalleiros ainda não esqueceram o caminho das cidades moiriscas.

— Real, real, bradaram com jubilo todos esses heroes de epopéa alli agrupados, e este som de guerra como que foi vibrar ao longe na sala d'armas silenciosa, e acordar echos sonoros nos escudos pendentes.

Com esse brado de enthusiasmo confundiram-se alguns flebeis suspiros de donas e donzellas; uma lagrima deslisou pelas faces da gentil italiana, mas enxugou-a logo, que a esposa de Affonso Henriques, a rainha de Portugal, n'essa epocha de heroismo, tinha obrigação de competir com as espartanas em varonil inflexibilidade.

D'ahi a pouco, pelas ruas de Coimbra adormecida ouvia-se o tropear dos ginetes, e o riso e as conversações dos cavalleiros que voltavam radiantes de jubilo aos seus solares ou ás suas habitações urbanas.

E na sala, minutos antes cheia de luz e de harmonia, aninhava-se a treva e o silencio; nos maineis e laçarias das janellas, nos artezões do tecto, nos capiteis das columnas, não restava nem um lampejo, nem um echo; apenas se ouvia esse vago zumbido que parece a conversação mysteriosa dos espiritos da noite.

E a lua banhava com o seu branco esplendor as pallidas muralhas da alcaçova silenciosa.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

MAIS UM NOME PARA INSCREVER NO CATALOGO DOS RESTAURADORES DE 1640

(Conclusão. Vid. pag. 42)

II

Não foi possivel á nossa diligencia descobrir onde hoje parem, ou que destino levassem as cartas enunciadas e appensas ao requerimento supra, nas quaes deveria achar-se demonstração plenissima de que o *edificio da acclamação de D. João* IV tivera, como ahi se diz, no dr. João Sanches de Baena o *seu primeiro artifice*. A existencia d'ellas e a veracidade do seu contexto são, porém, reconhecidas e comprovadas por outro documento authentico, e proprio para desvanecer até sombra de dúvida, ainda em consciencias meticulosas. É a mercê feita ao impetrante Luiz Sanches de Baena, por alvará de 23 de julho de 1683 (em virtude do requerimento que deixámos transcripto), lançada a fl. 136 do *Livro* III *do registro das mercês de D. Pedro* II, que no archivo nacional da Torre do Tombo se conserva ao alcance dos que pretenderem vêl-o [1].

Á prova resultante das alludidas cartas accrescem ainda algumas considerações, em nosso entender de grande peso, e que, como taes, nos parece não deixarão de ser avaliadas pelos que attenta e imparcialmente entrarem no exame e averiguação do assumpto.

Não constando que João Sanches de Baena, nos quatro annos que sobreviveu á restauração de 1640, requeresse a el-rei graça ou mercê por serviços prestados por si, nem ainda pelos de seus avós, que todos serviram a casa de Bragança, e eram da *obrigação* d'ella [2], é comtudo certo que logo em janeiro de 1641 lhe foi por D. João IV conferido o fôro de fidalgo cavalleiro, bem como o de moços fidalgos, com exercicio no paço, aos quatro filhos que então tinha. E note-se que o decreto que depois generalisou a concessão de similhante fôro aos desembargadores do paço, tornando-o inherente ao cargo, é de 14 de julho de 1758, e, por conseguinte, cento e dezesete annos posterior á data d'aquella graça especial [3]. Uma só d'estas mercês era tida, em tempos de menor prodigalidade, como avantajada recompensa de serviços relevantissimos.

[1] Temos presente a certidão authentica d'essa mercê, extrahida do referido livro, a qual não reproduzimos para não alongar mais este artigo.

[2] Entendiam-se por esta phrase criados ou empregados de confiança, taes como secretarios, medicos, advogados, etc.

[3] Seus filhos houveram ainda todos, durante o proprio reinado de D. João IV, tenças e favores de grande monta, a saber: O primeiro, Pedro Alvares Sanches, a promessa de uma commenda da ordem de Christo da lotação de cem mil réis, e em quanto não entrasse n'ella a pensão annual de quarenta mil réis effectivos com o habito. O segundo, Luiz Sanches, quarenta mil réis com o habito, a titulo de commenda. O terceiro, Francisco Sanches, uma capella effectiva do rendimento de trinta mil réis. E o quarto, Gaspar Sanches, cincoenta mil reis de pensão em um dos bispados do reino. Estas mercês tem a data de 25 de junho de 1653. Vid. no archivo nacional o *Livro* II *das portarias* a fl. 400.

Se para alguem for materia de reparo a circunstancia de que nos diplomas por que taes graças se conferiram não ha sequer a minima allusão á parte que João de Baena tomára no feito da independencia, dir-lhe-hemos que não só n'estes, mas em todos os que por aquelle tempo se passaram, se observa a mesma omissão. Julgou el-rei D. João IV que convinha guardar n'esta parte um silencio absoluto; e nos livros da sua chancellaria, que se guardam na Torre do Tombo, não existe um só alvará ou carta de mercê em que, tratando-se dos individuos que de notoriedade influiram ou concorreram para a sua elevação ao throno, se alluda, remotamente que seja, a similhante facto.

A razão d'este silencio, e da parcimonia que então houve na distribuição das graças, achámol-a em parte explicada em obra coeva e manuscripta, de que possuimos cópia, e á qual, por effeito do nosso habitual e incurioso desleixo, se negou até agora a publicidade da impressão, concedida a tantos escriptos de somenos valor e interesse. É o *Tacito portuguez, vida delrei D. João* IV, por D. Francisco Manuel de Mello. No livro IV d'essa obra, infelizmente incompleta, diz assim o distincto historiador:

«ElRei aconselhado do secretario Lucena, elegeu pela primeira e mais conveniente maxima não tirar officio nem fazer mercê, como primeiro lhe parecesse; assegurava os animos dos occupados, e conseguindo que seria mais facil a segurança que a conformidade dos subditos, confiava que os portuguezes antes soffreriam lhes tardassem as mercês, que as julgariam por bem repartidas: por ser gente por aquella emulação que os leva a sentir mais o proveito alheio, que o seu damno proprio. Era practica constante do rei e dos ministros: *Defendamos todos a capa, e depois partamol-a.*»

Cabe em confirmação do nosso presupposto apontar aqui o que se vê com respeito a João Pinto Ribeiro. Teve elle carta de conselho em 11 de janeiro de 1641; carta de contador-mór do reino em 14, e de desembargador do paço em 20, tudo do dito mez e anno; e foi ainda nomeado guarda-mór da Torre do Tombo em 2 de abril de 1644. Pois em nenhum d'estes documentos, registados a fl. 6, 6 v., 20 v. e 318 v. do livro XIII da supracitada chancellaria, se encontra a mais leve referencia aos successos de 1640, limitando-se todos ás clausulas geraes: «*Tendo em consideração as letras e merecimentos, etc.*»

O proprio D. Antão de Almada, que obteve uma pensão annual de oitocentos mil réis, por alvará de 10 de junho de 1643, registado no livro XII a fl. 329: recaiu essa graça exclusivamente sobre os serviços por elle prestados na sua embaixada a Londres, sem que menção alguma se fizesse do muito que interviera, e com tamanho perigo, na empreza da restauração. O titulo de conde de Almada, que muitos se persuadem datar d'aquella epocha, só chegou a verificar-se em seus descendentes passado seculo e meio, por mercê da rainha D. Maria I, em 13 de maio de 1793.

O unico documento, pois, official que apparece por aquelles tempos, em que se falla de serviços á casa de Bragança *feitos com amor e zelo*, é o que se passou a favor de Luiz Sanches de Baena, referindo-se aos de seu pae, João Sanches, e dando por verdadeiras e provadas as allegações constantes do requerimento que acima trasladámos.

Occorre por ultimo uma reflexão que, embora subsidiaria, não deve ser esquecida.

João Sanches de Baena foi casado com D. Guiomar Carneiro de Sousa Freire, terceira neta de D. Alvaro Vaz de Almada, primeiro conde de Abranches, aquelle que na batalha de Alfarrobeira pagou com a vida a sua generosa e leal dedicação ao infante D. Pedro. As familias Sanches de Baena e Farinha contrahiram allianças successivas na casa dos Almadas desde o reinado de D. Affonso V até o de D. José, como se vê de nossas historias e memorias genealogicas. Achando-se, pois, seus membros em proximo grau de parentesco ao tempo da restauração, que coisa mais natural entre familias assim aparentadas, e nas quaes militava a communidade de sentimentos e interesses, que o mutuo e prévio accordo em negocio de tal magnitude, como era o da conspiração destinada a tornar a patria livre e independente?... É uma conjectura que pouco valor teria por si só, mas que, á vista das provas positivas que possuimos, adquire para nós um caracter de probabilidade que toca as raias da certeza.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

A DANSA

I

A dansa é a arte que, com o auxilio da musica, regula os movimentos, os gestos e attitudes de uma pessoa.

O compasso caracterisa a dansa, como caracterisa o canto. Sem compasso, os movimentos mais vivos e animados do dansarino são apenas saltos, como as vozes do cantor são tão sómente gritos.

Assim como o canto, a invenção da dansa data dos primeiros tempos da civilisação e teve origem em as nossas paixões. Nas commoções mais violentas, o homem não podia ficar tranquillo nem socegado. Foi-lhe mister recorrer aos meios extraordinarios para demonstrar extraordinarios sentimentos. As palavras saíram mais accentuadas e os movimentos foram mais vivos.

Inventaram-se o canto e a dansa quando um interesse commum inspirou o mesmo sentimento e a mesma expressão a muitos individuos. Para evitar a confusão que resultaria de tantos gritos e movimentos que, embora simultaneos, eram discordantes, sujeitaram-n'os a um rythmo e compasso communs.

Tal regularidade parece achar-se em harmonia com a primeira organisação do culto dos deuses, com a qual se prende tambem a primitiva legislação. O inventor das leis inventou, sem dúvida, o canto e a dansa, que procedeu evidentemente do espirito de ordem.

II

A dansa, como o canto, encontra-se em todos os ritos religiosos.

Entrava nas ceremonias que se celebravam no templo dos judeus. Segundo a opinião dos interpretes das sagradas letras, os sacerdotes do Senhor estavam divididos em dois córos, um dos quaes dansava ao som da musica que servia para o outro entoar os psalmos. Quando o mar que se abriu ante os judeus tornou a cerrar-se para os egypcios, os filhos de Israel celebraram este grande beneficio do Supremo Creador dansando ao som de cantos improvisados pela irmã de Moysés.

Foi dansando ao som de timbales que a filha de Jephté veiu com as companheiras ao encontro de seu pae. Estavam dansando as raparigas de Silo para celebrarem o anniversario de uma festa do Senhor, quando foram arrebatadas pelos benjamitas. Foi, em fim, com dansas que os judeus fizeram a inauguração da estatua do bezerro que adoraram em quanto Moysés esteve no monte Sinai.

David dansou ante a arca santa quando a levou da casa de Obededom para o seu proprio palacio. O rei-propheta dansava, segundo o texto sagrado, *de totis viribus*, com todas as forças, ao som das lyras, das violas, das harpas, das trombetas, dos sistros, dos timbales e das citharas.

Os hebreus imitaram n'isto os egypcios, que já tinham sido imitados pelos gregos; e os gregos introduziram este uso entre os romanos.



As esphinges de Séboua, paizagem da Nubia durante o crepusculo da tarde — Cópia de um quadro de Berchère

A NUBIA

Entre o Egypto, a Abyssinia e o mar Vermelho estende-se uma vasta região chamada Nubia, por onde corre o Nilo antes de entrar no Egypto. Tem de comprimento, de norte a sul, 1:750 kilometros, e uns 1:000 na sua maior largura, de léste para oéste.

Comprehende a Nubia os seguintes paizes: O reino de Sennaar é a mais importante das suas divisões. Com este nome fundaram os cheluks, no principio do seculo XVI, uma poderosa monarchia, que se achava em muita decadencia nos começos do seculo actual, quando os egypcios lhe invadiram o territorio, deixando-o só depois de o terem dividido e feito seu tributario. Presentemente, as fronteiras d'este reino apenas encerram a terça parte do seu antigo territorio. A sua capital é a cidade de Sennaar, que está mostrando em um montão de ruinas de edificios grandiosos, entre os quaes avulta o paço de seus antigos reis, a par de um labyrintho de ruas estreitas, tortuosas e immundas, guarnecidas de miseraveis cabanas cobertas de colmo e barro, como as cidades e nações descem do fastigio das grandezas e dos esplendores até se confundirem no pó da miseria, quando a sorte não as lança no sepulchro dos imperios. Sennaar apenas conta uns nove mil habitantes.

Halfay é um paiz cortado pelo Nilo, tambem tributario do Egypto, tendo por capital uma cidade do seu mesmo nome, em muita decadencia, e contendo tres a quatro mil almas.

O reino de Chendy, estendido ao longo do Nilo, ha tres seculos florescente e poderoso, é muito notavel na historia porque corresponde á parte mais importante do celebre estado theocratico de Meroe, o qual foi por muitos seculos um grande centro de civilisação, d'onde se irradiava a luz da sciencia e das artes, projectando o seu clarão no meio dos povos barbaros que o circundavam. Pretendem alguns escriptores que fôra aquelle estado o berço das instituições religiosas e politicas dos egypcios. Chendy, capital d'este estado, era, até ao tempo da invasão de Ismail-bachá (1822), o emporio commercial da Nubia, e o seu principal mercado de escravos. Agora, muito reduzida e empobrecida, não encerra mais de sete mil moradores.

Nas suas cercanias estão duas humildes aldeias: Naga, que por sua pequenez e pobreza singularmente contrasta com as ruinas de sete templos que ainda ahi alardeiam restos soberbos da sua grandiosidade e opulencia; e Assur, ou Hachur, que, meio escondida entre as fragas de uma collina, parece envergonhar-se da sua humildade ante as proximas ruinas da antiquissima cidade de Meroe, tão celebrada pelos seus monumentos, pela prosperidade do seu commercio e pelo oraculo de Jupiter-Ammon, conservando ainda algumas pyramides como padrões d'esse passado glorioso.

O paiz Damer, banhado pelos rios Nilo e Atharah, é um estado pouco extenso, outr'ora governado por sacerdotes mahometanos, sob a presidencia de um pontifice da mesma seita, com o titulo de *el-Fakyh-el-*

Kebir. Tem por capital a cidade de Damer, que não possue pergaminhos de nobreza, mas que, em compensação dos brazões que lhe faltam, apresenta quinhentas casas, guarnecendo ruas direitas, alinhadas e arborisadas; uma bella mesquita; commercio muito animado; agricultura bastantemente desenvolvida; algumas industrias manufactoras em progressiva actividade; e, por timbre d'este escudo de mais apreciavel fidalguia, uma eschola, a mais celebre da Africa oriental, onde recebem variada instrucção muitos mancebos musulmanos.

O paiz de Barbar, ou Berber, é tão circunscripto em territorio, que apenas contém quatro grandes aldeias, ao presente habitadas por arabes da tribu Meyrefah.

O Chaykeïah, ou paiz dos chaykeïahs, povo rude e bellicoso, porém mais dado ao roubo que ao trabalho licito e honesto, estava constituido em republica antes da invasão acima referida, sendo governado por tres *meliks*. Korti é a principal povoação d'este territorio. Perto da aldeia de Meraouy existem as ruinas do monte Barbal, reliquias da cidade de Napata, que desfructou durante seculos, depois de Meroe, o titulo de capital da Nubia, e que foi destruida por Petronio, general romano. Da sumptuosidade dos seus monumentos ainda estão dando testimunho varias pyramides; os restos de um templo, que é reputado por um dos mais bellos padrões da antiguidade que a Ethiopia inferior offerece á admiração dos viajantes; e o *tryphonium*, que é a mais esplendida reliquia que se observa entre as magnificas ruinas de Napata.

O Dongolah era o estado mais poderoso da Nubia na edade média. O seu territorio tem de comprimento, de léste a oéste, 1:000 kilometros, e de largura, de norte a sul, mais de 800. As diversas invasões dos chaykeïahs, dos mamelukos e dos egypcios, que disputaram uns aos outros a posse d'elle, despovoaram-n'o, e fizeram-n'o decadente e pobre, apesar da fertilidade do seu solo. Marakah, ou Novo Dongolah, é a sua principal cidade, de fundação moderna, mas que não encerra mais de quatro mil habitantes. Dongolah a Velha, hoje quasi deserta, era a capital nos tempos da sua prosperidade. Os fustes e capiteis de granito, que jazem por terra em grande numero, espalhados por entre a mesquinha casaria, dizem ao viandante que alli floresceu em eras mui remotas uma cidade opulenta e civilisada.

O paiz de Mahas é mui limitado. Corre ao longo do Nilo, e a sua maior povoação é a aldeia de Tynareh. Comprehende a ilha de Says, aonde se formou uma pequena republica aristocratica, a qual, por se recusar a pagar tributo ao invasor triumphante, foi anniquilada pelo exercito do vice-rei do Egypto no anno de 1823.

O paiz dos Barabras, mais conhecido pela denominação de Baixa-Nubia, divide-se em duas partes entre a primeira e segunda cataractas do Nilo. Derr, capital da Baixa-Nubia, possue tres mil almas. Nas suas visinhanças vêem-se ruinas de grandiosos edificios, e um templo egypcio aberto na rocha, e cuja construcção é attribuida por Champollion a Sesostris. Pelo numero de habitantes da capital conhecer-se-ha que as outras povoações d'esta região carecem de importancia. Todavia, algumas merecem menção por causa dos edificios magnificos que jazem derrocados nas suas cercanias.

Uady-Halfa é uma pobre aldeia, situada proximo de uma cachoeira ou cataracta que ahi fórma o Nilo, precipitando-se por cima de altas rochas. Junto d'esta aldeia estão tres famosos templos arruinados, em um dos quaes o distincto viajante e archeologo Champollion encontrou columnas que elle reputa como origem das ordens gregas. Essambol é outra aldeia miseravel, perto da qual se admiram as mais assombrosas excavações e magnificos templos de toda a Nubia, visitados e descriptos por muitos viajantes modernos. São dois os templos: um, mais pequeno, chamado Athor, e construido pela mulher de Sesostris o Grande; o outro, fundação d'este soberano, é uma verdadeira maravilha pela vastidão da sua fabrica e pela ousadia do commettimento, pois que é todo cavado em rocha viva. Adornam-lhe a fachada quatro estatuas colossaes, sentadas, tendo cada uma de altura 14 metros, e representando *Rhamses o Grande*, que é o mesmo que Sesostris o Grande, e sua esposa. Transpondo o portal entra-se n'uma sala, cuja abobada é sustentada por oito pilares, aos quaes se encostam outras tantas estatuas colossaes de 6 metros e meio de altura. As paredes são decoradas com hyeroglificos, em baixo relevo, e pintados, relativos ás conquistas de Pharaó na Africa. As côres parecem conservar a viveza e brilho primitivos, não obstante a immensidade dos seculos que nos separam da epocha em que o pincel egypcio alli depositou essas côres. Este templo é o mais bem conservado monumento da antiga arte egypcia, e o que melhor a representa, porque n'elle se acham reunidos mui importantes specimens de architectura, de esculptura e de pintura.

Junto da aldeia de Amada está, meio soterrado pela areia, um templo, fundado por Thouthmoses III ou Mœris.

Proximo da aldeia de Ghirsché existe um templo *hemi-speos*, isto é, edificio meio construido de cantaria, meio aberto na rocha. É obra do tempo de Sesostris o Grande.

Tambem são notaveis as aldeias de Dandur e de Kalabschi por dois monumentos da arte romana, que se erguem a par das suas mesquinhas habitações. O que fica visinho da primeira é um templo não acabado, construido no tempo do imperador Augusto. O que está junto da segunda é outro templo, de fábrica maior e mais sumptuosa, o qual teve principio no reinado do mesmo imperador, continuando-se nos dois seguintes reinados, sem que chegasse á conclusão, até que a final veiu a ser aproveitado e transformado em egreja christã.

Comprehende mais a Nubia, na sua parte oriental, os paizes situados entre os rios Atharah e Nilo, e o mar Vermelho. Este vasto territorio compõe-se, principalmente, de extensos desertos para o lado do Nilo, e de montanhas penhascosas e escarpadas para o lado do mar Vermelho. Esta parte oriental é habitada por muitas tribus nomadas, pertencentes á grande familia troglodítica (habitantes de cavernas) e á numerosissima nação arabe. Em razão da vida errante d'essas tribus não ha no interior do paiz povoações fixas. Algumas, porém, se encontram nas margens do rio Atharah, e no litoral do mar Vermelho, dadas á agricultura e ao commercio. Olba e Suakim são as principaes da beira-mar. Esta ultima tem bom porto, muito frequentado, e encerra umas oito mil almas.

A parte occidental da Nubia, mais pequena que a oriental, fica a oéste do Nilo. Comprehende o deserto de Bahiuda, extensa solidão de absoluta esterilidade, e o deserto que se estende junto á margem esquerda do Nilo, no meio do qual se acha o oásis de Selimeh, celebrado pelas formosas palmeiras que ahi baloiçam nos ares suas graciosas copas carregadas de tamaras; e tambem afamado pelas camadas de sal gemma, que alli se encontram, e que são exploradas annualmente pelas tribus nomadas do paiz visinho d'este deserto.

A Nubia, em geral, é uma região formada de desertos de areia, de planicies de terrenos de alluvião, de cordilheiras de serras mais ou menos elevadas, com seus valles de per meio, todos ferteis, e alguns de muita frescura e amenidade pelos ribeiros que os cortam e regam, e pelos palmares e outros arvoredos que os assombram.

As planicies que tem escapado á invasão assoladora das areias do deserto vestem-se espontaneamente de tamargueiras, gracioso arbusto de delicada folhagem, e de uma especie de palmeira, a que os arabes chamam *doum*, de porte elegante, cuja frondosa copa parece vergar com o peso de grossos cachos de vagens vermelhas. E nos bons terrenos das margens do Nilo crescem vigorosamente o linho canhamo, a canna de assucar, o sorgho, variedade de gramineas e outras plantas uteis. O nateiro, depositado nos campos marginaes pelas inundações periodicas do Nilo, faz com que a cultura dos cereaes seja n'elles tão facil quão productiva. O lavrador, para ver cheios os seus celleiros, não precisa cançar o gado em revolver a terra, nem regal-a com o suor do seu rosto. Basta, passada a cheia, ir fazendo no solo, de espaço a espaço, uns buracos pouco profundos, e lançar n'elles alguns grãos, para os ver dentro em pouco transformados em uma viçosissima seara, não sómente rica d'aquellas esperanças que em o nosso clima a falta de chuvas em um momento dissipa e anniquila, mas tambem sempre opulenta e generosa em realisar o que promettêra.

Com taes auxilios da natureza não se póde esperar que os habitantes da Nubia sejam movidos pelo amor do trabalho. Assim é que, em regra geral, são mais indolentes que laboriosos. Mas não se julgue que lhes falta actividade. Quando o interesse ou as paixões os impellem para a guerra ou para o roubo, nenhum outro povo os excede na energia da alma, no vigor do braço, na rapidez dos movimentos e na velocidade da carreira, quer caminhem a pé, quer a cavallo.

São robustos, bem proporcionados, de tez denegrida, cabellos pretos e corredios. Os que se empregam na lavoira, não obstante a rudeza dos seus costumes, a sua crassa ignorancia e a ferocidade do seu aspecto, são dotados de boa indole, e, póde-se dizer, inoffensivos, excepto se de qualquer modo os maltratam, porque n'este caso não ha consideração que lhes suspenda o braço e estorve a vingança. Os que vagueiam errantes, reunidos em grandes tribus nomadas, accumulam a occupação de pastores com a infame profissão de salteadores. Escusado seria dizer que estes são tão ferozes no aspecto quão perversos de indole.

A temperatura do clima, bastantemente quente, tornando desnecessario para a commodidade o vestuario, faz com que o dispensem os povos mais selvagens da Nubia. Assim, tem por unico vestido uma simples tanga, e por adorno os instrumentos agrarios ou as suas armas. Estas, porém, que consistem em um punhal, preso ao braço por uma correia, em um arco de pau ferro, algumas frechas e um escudo de pelle de crocodilo, são n'elles distinctivo de independencia e liberdade. Os lavradores, sejam escravos ou livres, não trazem armas. As mulheres usam sómente de tanga, se são inteiramente desprovidas dos bens da fortuna. As outras trajam umas roupas compridas, de extrema simplicidade nas de mediana riqueza, e de feitio exquisito com extravagantes adornos nas que se consideram opulentas. Alli mede-se a riqueza, principalmente, pela extensão dos campos cultivados, ou pelo numeroso dos rebanhos. As mulheres que mais procuram agradar pintam os beiços, e fazem do cabello muitas e delgadas tranças, que dispõem de diverso modo. Tambem occultam o rosto, encobrindo parte d'elle com uma toalha ou véo, mas não tanto como as turcas e egypcias.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

D. CATHARINA DE BRAGANÇA

(Vid. pag. 25)

Andava toda a Europa accesa em guerras dynasticas e religiosas, quando Portugal recobrou a sua independencia em 1640.

Essa horrenda lucta de trinta annos, que o Schiller compendiou como historiador e poz em scena como poeta, foi atalhada pelos tratados de Westphalia, assignados em Munster, pelos quaes a casa de Austria perdeu a sua funesta preponderancia, que passou então para a estirpe dos Bourbons, a cujo serviço estavam as espadas de Turenne e de Condé, que foram as pontas do dilemma a que se reduziu toda a argumentação do memoravel protocolo de 1648.

Foram convocados para esta dieta universal os representantes de todos os soberanos da Europa; e assombra-nos a porfia de alvitres e instancias que empregaram os conselheiros del-rei D. João IV para que Portugal fosse representado no congresso de Munster, e ahi reconhecida a nossa independencia. Os archivos de Lisboa, Paris e Madrid, encerram grande parte da correspondencia diplomatica, das memorias e propostas que houve nos cinco annos (1643-48) que duraram as conferencias. E esses documentos são outros tantos titulos da capacidade dos nossos plenipotenciarios [1]. Entre elles estava o Cicero dos jesuitas portuguezes, o padre Antonio Vieira, cuja *labia* devia refertar a *raposia* do cardeal Mazarino, que foi o arbitro d'esse famoso congreso.

Mas d'esta vez a purpura venceu a roupeta. Portugal não conseguiu ser representado n'aquelle congresso, ficando por isso excluido da paz geral, e forçado a continuar a guerra com a Hespanha na Europa, e com a Hollanda na America.

Desenganados de que não podiamos alcançar allianças, nem ainda soccorros, sem custosas permutações, e essas seriam mais decorosas para o reino a titulo de apanagio dos filhos do monarcha, proseguiu-se nas negociações matrimoniaes, apesar da má ventura com que se haviam começado.

O primeiro marido que se destinou para a infanta D. Catharina (tendo ella apenas oito annos) foi D. João d'Austria, filho natural de Filippe IV de Hespanha.

Por um documento achado pelo visconde de Santarem nos archivos do ministerio dos negocios estrangeiros de França, sabe-se que este casamento fôra proposto pela corte de Madrid, para obter uma tregoa de vinte annos, ou, quando não, passar el-rei D. João IV ao Brasil como soberano d'aquelle estado, ficando os dois consortes, D. Catharina e D. João d'Austria, reinando em Portugal.

O documento a que nos referimos é um officio do ministro de França em Lisboa para o cardeal Mazarino, relatando-lhe uma conferencia que tivera com o secretario de estado Pedro Vieira da Silva, em que este lhe revelára a proposta de Castella; accrescentando que havia outras proposições de que era motor o padre Vieira.

Como este officio vem na obra do visconde de Santarem por extracto, e muito imperfeito, houve quem inferisse que o casamento com D. João d'Austria fôra tambem suggerido pelo padre Vieira.

Não nos parece bem fundada esta illação, porque o atilado jesuita só visava ás allianças com successores de soberania, e D. João d'Austria era bastardo, não podia succeder a Filippe, que tinha filhos legitimos.

Egual pecha de bastardia foi posta pelos nossos ministros quando depois se intentou o casamento d'esta mesma infanta com o duque de Beaufort.

[1] «É coisa muito digna de reparo e sentimento que se não veja em Lisboa um embaixador de um só principe estrangeiro da Europa, quando tem saido d'esta corte *onze* depois da acclamação, e actualmente estão *sete* em diversas partes.» —Vieira.

E os historiadores estrangeiros a dizerem que fomos muito auxiliados contra a Hespanha, e nomeadamente o actual ministro da instrucção publica, o sr. Duruy, na sua *Histoire des temps modernes*, affirmando que vieram a Portugal 4:000 homens com o marechal de Schomberg; quando apenas foram 600, assoldados pelo visconde de Turenne, e não por conta do governo francez, que chegou a expedir ordem para ser preso o marechal. Vid. a *Vida do conde de Schomberg*, escripta em allemão por F. A. Hagner. 1789. E as *Campagnes du maréchal de Schomberg*, pelo general Dumouriez. 1808.

E ainda mais. Já desterrado da corte e accusado pela inquisição, o padre Antonio Vieira, alegrando-se de estar desfeito o casamento del-rei D. Affonso VI, ajustado com a filha do duque de Elbeuf, por comprazer ao marechal visconde de Turenne, que nos protegia em França, escrevia a D. Rodrigo de Menezes [1]: «A nova do descasamento tem sido mais acceita de muitos do que foi o casamento; e eu entro n'este numero, porque havendo o nosso rei de casar com filha de *vassallo*, não faltaria uma *lavradora* em Portugal, quando o juiz do Povo não tivesse filha.»

Hoje, esta linguagem seria attribuida, não já a um democrata, mas a um demagogo.

Como quer que seja, pois não temos mais noticias da negociação d'este segundo casamento da infanta, o certo é que foi interrompida pela França. O conde da Ericeira, que militou contra D. João d'Austria, elogia-o no *Portugal restaurado*, concluindo por dizer que bem merecia o titulo de grande capitão. Vemos, porém, que os historiadores modernos não são do mesmo conceito, e até um da propria Hespanha o mede por differente rasoira, dizendo: *D. Juan de Austria fue por cierto un militar de buenas prendas, si bien desgraciado en todas sus combinaciones.*

O segundo noivo que se destinou para a nossa princeza foi o duque de Beaufort. Quando se negociou o casamento, que já referimos, do principe D. Theodosio com a duqueza de Montpensier, sobrinha de Luiz XIII, a *mademoiselle* por antonomasia (auctora das *Memorias* bem conhecidas), offereceu-se juntamente, para compensação d'este enlace, que nos era então mui vantajoso, a mão de D. Catharina ao duque de Beaufort, neto de Henrique IV por bastardia.

Este valente general era grande inimigo do cardeal Mazarino, e inquietou o governo d'este ministro por muitos annos. Foi o caudilho da facção dos *Importants*, e, com o grande Condé, capitaneou o partido da *Fronde*, contra o valimento do cardeal; mas, terminada a guerra, foi-lhe conferido o posto de almirante, e n'essa qualidade veiu commandando a esquadra franceza que acompanhou a Lisboa a noiva del-rei D. Affonso VI, a princeza de Aumale, que era sobrinha do almirante, filha do duque de Nemours, que Beaufort matára em duello. Dolorosa coincidencia, ser a nova rainha escoltada pelo assassino de seu pae! se é que não foi prenuncio das angustias que padeceu, e com ella a tranquillidade e decoro da nação portugueza, no escandaloso reinado do successor de D. João IV.

O duque de Beaufort veiu a morrer de ferimentos no assedio da ilha de Candia contra os turcos, sendo generalissimo das tropas francezas. Outros dizem que desappareceu depois da batalha, e por isso é este um dos personagens que anda na lista dos nomes dados ao *homem da mascara de ferro*, preso na Bastilha, e cujo incognito está ainda impenetravel.

Tambem estes desposorios se não effectuaram, porque o pae de *mademoiselle* não acceitou o casamento do principe D. Theodosio, objectando que Portugal estava assoberbado de guerra, e que demais sua filha já não era de edade (tinha vinte e quatro annos) para ficar sendo princeza. Accrescentando o nosso negociador, o consummado diplomata Francisco de Sousa Coutinho, que o duque destinava a filha para Carlos II (então emigrado em Paris), «porque em França se entende que vale mais um rei de Inglaterra sem terra, que um principe de Portugal em posse de tantos reinos [2].» Allegou-se tambem contra o casamento da infanta com o duque de Beaufort, o ser bastardo, pelo que nunca daria o titulo de magestade a sua mulher.

(Contiuúa) A. DA SILVA TULLIO.

[1] *Cartas*, tomo I, pag. 23.

[2] Correspondencia diplomatica. Manuscripto da academia real das sciencias de Lisboa.

PISCICULTURA

I

Nem todos os animaes tem o mesmo regimen. Nutrem-se uns de grãos, e d'ahi lhes vem o epitheto de *granivoros;* nutrem-se outros de hervas, e por isso os denominâmos *herbivoros*. A alguns apraz sómente a carne: são os *carnivoros;* a outros é alimento exclusivo o peixe: a estes denominam os naturalistas *ichtyophagos*, que vale tanto como dizer comedores de peixe.

O homem, ao qual o Creador concedeu, além da intelligencia e do dom da palavra, muitos privilegios, para o differençar de todos os outros entes organisados, sobreexcede-os tambem na faculdade que tem de alimentar-se com substancias tiradas de todos os tres reinos da natureza.

Nem cause surpreza dizermos que extrahe alimentos do reino mineral, não obstante affirmarem muitos sabios ser condição indispensavel das substancias alimenticias o terem pertencido a entes organisados.

A analyse do sangue, que é d'onde todos os orgãos tiram os seus elementos constituintes, e de todas as outras partes solidas e liquidas da economia revela a existencia no organismo de muitas substancias anorganicas, ou mineraes, figurando em primeiro logar o carbonato de cal, de que são formados, em grande parte, os ossos; o sal commum, ou da cozinha, que em quasi todos os liquidos do corpo, se não em todos, se acha; a silica; o ferro, cuja falta ou consideravel diminuição origina doenças gravissimas; o cobre e o phosphoro, que primeiro se extrahiu da urina, em que abunda, e que existe na materia de que são formados o cerebro e os nervos.

Levam á economia estas e muitas outras substancias inorganicas, simples e compostas, as materias animaes e vegetaes, que são os alimentos por excellencia.

Do facto do homem poder empregar como meios de alimentação muitas e mui variadas substancias proveiu chamarem-lhe os sabios *omnivoro*, querendo com este termo scientifico indicar que é susceptivel de comer de tudo.

E não se enganaram, nem nos quizeram enganar. Se não, vejamos. Dos vegetaes, que constituiram provavelmente todas as suas iguarias na infancia da humanidade, ainda hoje aproveita raizes, tuberculos, talos, folhas, flores, fructos, sementes, e um numero infinito de materias extrahidas de todos estes orgãos. Digam-n'o as cenouras e nabos; as batatas; as hortaliças; os formosos e odoriferos dons de Pomona, com que no estio e outono vergam as arvores e se alegram as mesas; as pevides; as amendoas; o assucar; os oleos; os succos, etc.

Dos animaes quasi todos os orgãos prestam agradavel e substancial sustento. Sirva de exemplo o boi, companheiro e amigo do homem, que o serve e enriquece vivo, e lhe abastece a mesa depois de morto.

Tem a sciencia demonstrado que a força ou poder nutritivo dos alimentos depende da existencia n'elles de um principio chimico, a que chamam azote.

Quanto maior for a quantidade d'este elemento em uma substancia alimentar, quanto mais propria ella será para reconstruir os orgãos, que a cada momento se estão como que desfazendo.

O azote predomina nas carnes e productos animaes. É por isso que o povo, sabio na sua desculpavel ignorancia, tantas vezes repete aquelle prudente aphorismo: «Carne, carne cria.» Por abundarem em compostos azotados é que tanto serviço prestam como alimento o leite, os ovos não coagulados pela fritura ou cozedura, e a carne crua ou quasi crua.

Nas partes dos vegetaes que se empregam como

alimento, sobreexcede aos outros componentes o carbone, com quanto muitos tenham tambem azote.

Serve o carbone, não para reconstruir os orgãos, mas para sustentar a respiração, que a sciencia moderna compara á combustão do azeite nos candieiros ou das materias de que são feitas as velas.

É por isso que as gorduras animaes (n'estas tambem predomina o carbone), as feculas, as gommas e o assucar são considerados alimentos combustiveis ou respiratorios.

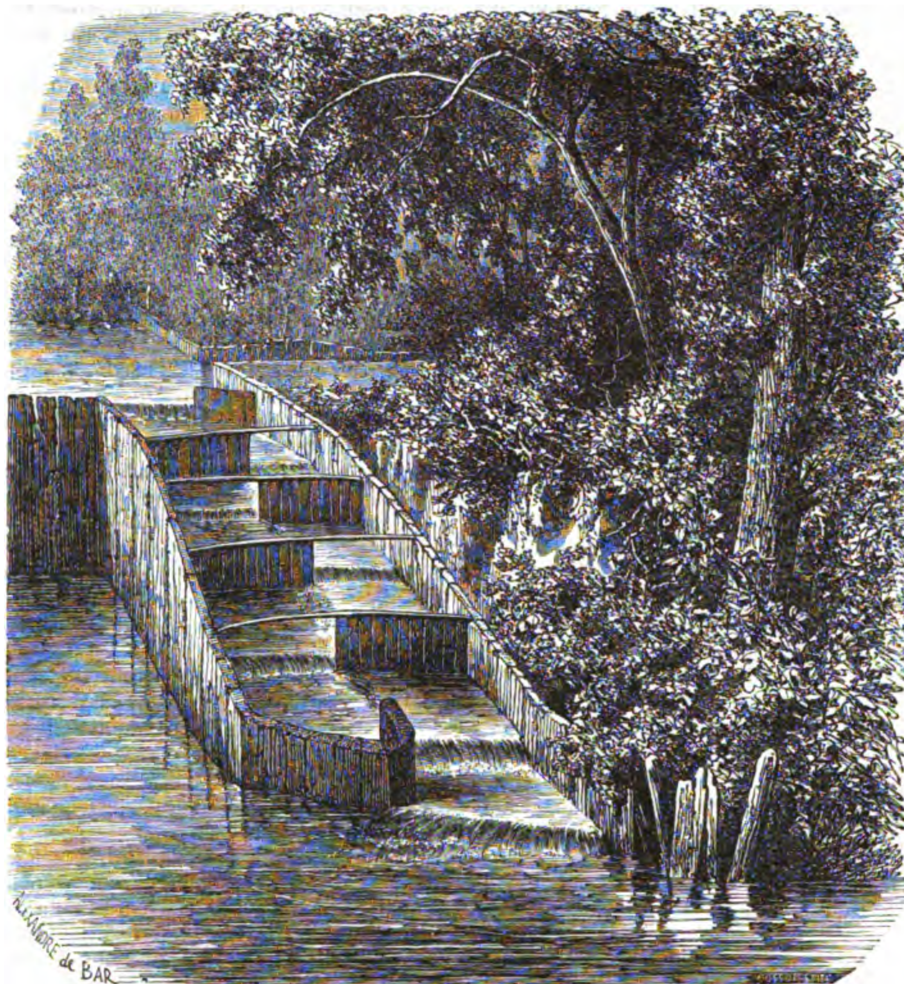
Para que a vida se mantenha em boas condições é indispensavel que os alimentos sejam simultaneamente azotados e carbonatados.

Antes da sciencia descobrir esta verdade, parece que a adivinhára o homem.

Da imperiosa necessidade de matar a fome nasceram muitas industrias e artes, sendo uma d'estas a arte culinaria.

Em quanto a familia humana viveu na simplicidade primitiva, simples e frugal foi tambem a mesa.

Se os fructos, rindo nas flores, como elegantemente disse o sr. Castilho, perfumando os ares e alastrando



Viveiro de salmões

amadurecidos o solo, enamoravam os olhos, seduziam o olfacto e desafiavam o paladar, dizendo: comei-me; razoavel é crer que as tetasinhas das cabras e ovelhas e os uberes das vaccas, fartos de delicioso leite, ávidamente bebido pelos tenros filhinhos, suscitassem ao homem a idéa de saborear tambem aquelle nectar, de que, no porvir, a arte, esclarecida pela sciencia, tiraria a nata suave e divinal, a preciosa manteiga, o saborosissimo queijo, e o salutar soro, em que abunda o assucar.

Os ovos das aves, candidos uns, outros de côres variegadas, sempre bellos e agradaveis á vista, encontrados no fofo e gracioso ninho, escondido entre a rama das arvores, ou na gruta mais accessivel á curiosidade dos mocinhos travêssos, provocariam o appetite e subministrariam o segundo alimento animal, não liquido como o leite, mas de consistencia mais chegada á das carnes.

Estas saboreal-as-hiam, no principio, os primitivos caçadores cruas, sangrentas e palpitantes; depois assadas na fogueira.

Sería livro curiosissimo o em que se achassem registadas todas as modificações por que a alimentação humana tem passado desde a mais remota antiguidade até á epocha actual, em que uma grande parte da gente vive para comer, e não se contenta com comer para viver.

Do pouco que a tal respeito ha escripto, quer em livros especialmente consagrados ao assumpto, quer em obras em que elle é incidentemente tratado, facil é inferir quanto, em todos os tempos e em todos os paizes, o estomago tem influido nos destinos da humanidade, umas vezes para bem, outras para mal.

Deixaremos este ponto a pennas mais bem aparadas, e limitar-nos-hemos a dizer duas palavras ácerca de uma arte utilissima, que na gulodice de alguns, diga-se a verdade, teve origem, mas que hoje serve a muitos, ainda dos menos mimosos da boa fortuna;

que representa um grande capital de sciencia, de perseverança e de dinheiro; que presta actualmente valiosos serviços á communidade, e que tende a nada menos, considerada nas suas mais uteis applicações, que a attenuar muito e muito as horrorosas crises que as nações por várias vezes tem atravessado, e por que não estão isentas de passar, quando a terra se negue a produzir fructos, ou quando uma ou mais epizootias dizimem as especies animaes que constituem a base da alimentação dos povos.

Referimo-nos á piscicultura, ou arte de criar peixes, a qual desde muito tempo tem attrahido a attenção de varios homens notaveis, e que n'estes ultimos annos por tal modo se ha aperfeiçoado, que constitue um ramo importantissimo da economia rural.

E antes de proseguirmos, será bom que previnamos uma observação estulta, que mais de uma vez temos ouvido a pessoas levianas. Não se creia que os esforços empregados em aclimar especies animaes e vegetaes, comestiveis, e principalmente peixes, ou estes se recommendem pela delicadeza do sabor ou por qualquer outra qualidade, sejam para se contrariarem ou para se verem com indifferença e desdem. Por mais fertil que seja o solo de um paiz, por mais povoados que sejam de caça os seus bosques e matagaes, por mais que em seus mares e rios abundem peixes e mariscos, nunca terá de sobra para satisfazer as necessidades da população, que, á medida que se vae multiplicando e civilisando, vae tendo necessidades mais variadas e imperiosas a satisfazer.

Não ha muito, nos disse um homem, que suppunhamos melhor pensador, que não havia necessidade de cuidar da piscicultura no nosso paiz, porque, além de termos uma extensa costa maritima e muitos rios, possuiamos mais peixe do que necessitavamos.

Isto não se discute, porque é um delirio.

A diminuição do peixe em Portugal é sensivel ha tempos a esta parte, e parece continuar.

Especies havia outr'ora abundantissimas, que quasi não apparecem nos mercados, e que, quando a elles vem, se vendem por excessivo preço. Além de outras, citaremos a popular e saborosissima sardinha, a sadia e prestimosa pescada, o suavissimo savel e o linguado, digno de mesas reaes.

Quaes as causas que tem concorrido para este grande mal, que não só prejudica os consumidores, privando-os de um alimento barato, sadio e saboroso, mas que reduz á extrema penuria povoações inteiras do litoral, cuja unica industria é a pesca, não é facil dizel-o.

Uma e importantissima é o uso, ou antes o abuso, das chamadas redes de arrastar, e outras artes, que colhem a milhares os peixinhos inaproveitaveis, e despovoam as aguas.

Em França tambem se experimentou egual pobreza de peixe. Mr. Milne Edwards, naturalista distincto e conhecido em toda a Europa pelos seus escriptos, attribuiu-a em grande parte aos progressos da industria.

Segundo o respeitavel zoologista, as numerosas tapagens construidas ao longo dos pequenos affluentes oppõem-se ás migrações dos peixes, cujas ovas devem ser depositadas junto das nascentes. Não podendo os rios mais pequenos fornecer aos maiores uma quantidade tão consideravel de peixinhos, e continuando as devastações da pesca, as especies diminuem e desapparecem.

O movimento communicado ás aguas pelas rodas e pás das embarcações movidas por vapor concorre tambem muito para a diminuição do peixe.

De razão é, pois, que se vulgarise o conhecimento da piscicultura, que tem por fim remediar estes males, que não são pequenos.

(Continúa) SOUSA TELLES.

A FABRICA DE VIDROS DA MARINHA GRANDE

(Vid. pag. 44)

II

Dissemos que Guilherme Stephens encontrára já uma fabrica de vidros na Marinha Grande quando alli foi lançar os fundamentos de outra fabrica, em maior escala, com o auxilio pecuniario que lhe dera o marquez de Pombal, além dos immensos e importantes privilegios de que o cercára. Ora, pelas informações que temos podido alcançar a este respeito, não foi a pequena fabrica estabelecida desde todo o principio na Marinha Grande, mas para alli se transferiu da margem esquerda do Tejo.

Não podendo continuar a laboração de uma fabrica de vidros, que nos fins do seculo XVII se fundára na antiga villa de Coina (*Equa-bona* dos romanos), por falta de lenhas, pois que os carretos d'este combustivel, seu elevado preço e outras circunstancias tornavam difficil e muito dispendioso o abastecimento da mesma fabrica, lembraram-se os seus proprietarios de a transferir para a Marinha Grande, por ficarem proximos os pinhaes reaes, e, por consequencia, breve e facil o córte das lenhas para acudir ás necessidades do fabrico.

Não será esta a verdade; mas é, sem dúvida, a tradição, confirmada pelos restos de alguns fornos e pelos vestigios da fabricação do vidro, que todos podem ver em Coina, na propriedade dos herdeiros da sr.ª J. Pouchet, onde depois se estabeleceu uma fabrica de zuartes, que se exportam em grande quantidade para a Africa.

Para conhecer a excentricidade dos Stephens, poremos aqui duas anecdotas que ha pouco tempo nos referiram. São muito curiosas. O caracter singular do inglez em todas as partes e em todos os lances se revela.

Guilherme Stephens saíra um dia de Lisboa com direcção á Marinha Grande, como era seu costume, para ver com os proprios olhos o andamento das coisas na fabrica, embora tivesse inteira confiança na pessoa que então a administrava. Chegando a Rio Maior, descançou em uma estalagem que alli existia ainda não ha muitos annos.

Estava dentro a estalajadeira, a qual, ou porque conhecesse o hospede, ou porque este lh'o pedisse, trouxe-lhe para ao pé um copo grande com vinho. O copo não tinha de notavel senão a fórma colossal e a grossura do vidro. Stephens, depois de observal-o, chamou a estalajadeira.

— Onde comprou este copo, boa mulher?

— Veiu da Marinha Grande e não me custou muito dinheiro, meu senhor. É de tão boa qualidade que já tem caído no chão algumas vezes, e ainda se não quebrou.

— Devéras!

— É tão certo que, se não tivesse agora medo de que não me saísse o dito verdadeiro, pediria ao senhor que o deitasse ao chão.

— Se o quebrar, hei de pagar-lh'o.

Guilherme Stephens atirou o copo ao solo, e a mulher teve o prazer de ver que ficou inteiro.

— É de boa qualidade, não ha dúvida, resmungou Stephens, e accrescentou alto:

— Compro este copo...

— O senhor...

— Sim... Quanto quer por elle?

— Já tem uso e faz-me falta.

— Não importa... Guarde isso.

E Guilherme Stephens deu uma moeda de oiro á estalajadeira, que a guardou com a alegria de quem ha muito não vê nas mãos tão avultada quantia.

— Visto que já o copo é meu, dê-me agora um martello, boa mulher.

A estalajadeira correu a buscar o instrumento pedido, e Stephens com duas martelladas fez o copo em mil pedacinhos. A mulher estava attonita.

— Então o senhor pagou-me o copo tão generosamente para o quebrar em seguida?

— Não se admire. Vossê ha de vir um dia a saber para que isto se fez.

Guilherme Stephens dirigiu-se á Marinha Grande, e logo que chegou alli mandou chamar o administrador.

— Disseram-me, e eu vi, que se fazem aqui, para as tabernas e estalagens, uns copos de fórmas grandes e vidro muito grosso.

— É verdade, e por tal signal que tem extraordinario consumo, pois os almocreves estão sempre ahi a gabal-os pela duração... Affirmam elles que se não quebram.

— Fique sabendo, sr. administrador, que isso é contrario aos interesses da fabrica.

— Pois eu julgo que similhante fama deve acreditar a fabrica.

— Assim deve ser. Mas de hoje por diante não se hão de fazer mais copos, nem vidros, que se não quebrem.

Effectivamente, d'alli por diante nunca mais se fabricaram na Marinha Grande copos como o que Stephens sacrificára em Rio Maior [1].

A segunda anecdota é mais simples, mas tambem não deixa de ser interessante. O fundador da real fabrica de vidros falleceu em Lisboa, ao que parece, no principio do segundo decennio do presente seculo. Seu irmão e herdeiro, João Diogo, como respeitosa homenagem á memoria do finado, ordenou que ninguem mais entrasse no escriptorio d'elle na rua das Flores, que ficasse fechado como se encontrára na occasião em que o dito seu irmão o deixára para sempre, e que assim se conservasse até que os futuros herdeiros resolvessem o contrario. Quando se tratou de cumprir o testamento de João Diogo, para o que, segundo consta, viera um parente de Inglaterra tomar conta dos haveres e dar a fabrica ao estado, e se abriu o escriptorio, viu-se que se observára com tal escrupulo os preceitos de João Diogo, que alguns papeis de valor estavam em cima da secretária no mesmo logar em que se deve suppor os deixára Guilherme Stephens para os conferir ou para lhes dar o necessario andamento.

Entre esses papeis havia letras que se venceram, e parece que jámais foram cobradas!

Entremos agora na fabrica.

(Continúa) BRITO ARANHA.

1 Esta anecdota, bem como a seguinte, foi-nos contada pelo sr. José Maria da Fonseca, que, como sabem todos os que tem o prazer de conhecel-o e tratal-o, procura o descanço da sua vida activissima junto dos bons e sãos livros, como estudioso e entendedor. O sr. Fonseca ouviu a anecdota, que reproduzimos como nol-a referiu, não se lembra a quem em Lisboa; mas indo visitar a Marinha Grande teve a satisfação de que um dos mais antigos operarios da fabrica lh'a repetisse tal qual elle a soubera.

EVORA

EGREJA E CONVENTO DE S. FRANCISCO

(Vid. pag. 31)

X

É grande a altura da egreja, e todavia, excepto a arcada que guarnece a frente e algumas construcções, baixas e irregulares, que se lhe encostam ao lado, não tem escoras, botaréos ou quaesquer outras obras de reforço que exteriormente mantenham firmes as paredes. Parece que de proposito a deixaram assim, erma e desacompanhada, para melhor representar em sua grandeza e simplicidade a maior e a mais simples de todas as idéas.

Corresponde á exterior a vista interior do templo. Nada obstrue a amplidão da nave, unica e indivisa. Além dos rebordos dos arcos, que transversalmente cortam a abobada e se prolongam bifurcados por lhe formarem os avançamentos, não ha outras saliencias nas altas paredes que se aprumam lisas e desornadas, como o habito singelo de S. Francisco [1].

Desde a porta principal até aos degraus do altar-mór tem a egreja 44^{m} de comprimento; e de largura, em qualquer parte do corpo, abaixo do cruzeiro, 13^{m}. A altura, desde o pavimento até ao fecho da abobada, não será talvez inferior a 24^{m}.

Conta-se que entrando de uma vez D. João de Castro na egreja de S. Francisco, exclamára: «Bravo templo!» Foi natural a exclamação. Quem mede com os olhos a espessura das paredes nas frestas, que é, pouco mais ou menos, de $0^{m},70$, e a compara com a elevação e largura da abobada, receia de a ver desabar, similhantemente ao que, por diversa razão, succede na casa do capitulo da Batalha. N'uma e n'outra quizeram os architectos deixar-nos d'aquelles milagres da arte que assustam e admiram.

XI

A traça que o de S. Francisco imaginou para resolver o problema com que nem todos se atreveriam, foi muito simples e engenhosa. Em vez de uma só parede de proporcionada grossura, construiu duas de cada lado da egreja, separadas por um vão de pouco mais de 3^{m}, cuja parte inferior aproveitou para accommodar as capellas lateraes. De espaço a espaço travou as duas paredes com outras transversaes, que em baixo separam as capellas entre si. Sobre estas paredes transversaes, que são seis de cada lado, estribou egual numero de arcos, que dividem o tecto n'outras tantas secções, e ao mesmo tempo servem de base a novas paredes, que por cima da abobada continuam as transversaes de um lado da egreja com as do lado opposto. E em correspondencia a estas paredes superiores, e nos mesmos planos, construiu outras debaixo do chão, que egualmente continuam as transversaes. D'est'arte formou no templo seis quadros ou caixilhos enormes, que dentro d'elle se não vêem, por ficarem dos lados, entre as paredes geraes, em cima superiores á abobada, e em baixo enterrados no chão. Descobrem-se, porém, sobre os telhados as paredes que transversalmente prendem as fachadas lateraes da egreja, isto é, as partes superiores dos quadros.

Para fazer mais segura a sua obra, o architecto ergueu outra parede longitudinal por cima de todo o acume da abobada, cortando assim perpendicularmente e na linha média do tecto as paredes transversaes, e do mesmo modo travou as inferiores com uma parede similhante, que liga debaixo do chão os dois extremos da nave. Os coruchéos que se avistam na aresta mais alta do tecto assentam sobre as intersecções da parede longitudinal superior com as transversaes, e augmentam com o seu peso a solidez de toda a fabrica. Como dissemos, só em cima dos telhados se vê o que chamaremos esqueleto da egreja, no qual reside a fortaleza com que ella tem resistido aos seculos que decorreram depois da reedificação, apesar de serem de alvenaria as suas delgadas paredes.

(Continúa) A. FILIPPE SIMÕES.

1 O padre Fialho censurou esta singeleza, que é um dos mais apreciaveis attributos do templo, dizendo que, se estivesse ornado como podéra estar, seria «um gostoso enlevo dos olhos e admiração dos juizos; e que muita graça achava a quem dizia que os religiosos de proposito o conservavam assim, por dizer bem o pardo da pedra e do roçado com a côr do habito.» Vê-se, pois, que nos principios do seculo passado estavam já de incubação na cabeça do bom do jesuita os germens da eschola dos emplastradores, que mais tarde se formou e desenvolveu, e por cuja incançavel diligencia vemos hoje cobertos de cal e reboco os principaes monumentos da cidade.

MADRÉPORA CARYOPHILLIA RAMEA

São infinitas as obras da creação, que por toda a parte, e a cada passo que damos, nos estão assombrando com a sua grandeza ou com a sua maravilhosa organisação. Muitas, sobresaindo por seu proprio vulto, ostentam-se grandes e admiraveis perante os olhos do sabio como ante a vista da mais rude das creaturas humanas. Outras ha, porém, que o vulgo vê com indifferença ou com desprezo, mas que o espirito reflectido do homem esclarecido observa com enlevo e verdadeiro assombro. Algumas vezes revela-se n'estas a sabedoria e a omnipotencia de Deus com muito maior esplendor que nas outras que mais nos impressionam, que mais alto fallam aos nossos sentidos.

A esta ultima classe pertencem esses infatigaveis architectos que constroem os singulares edificios chamados *madréporas*, de fórmas tão exquisitas e variadas, e com feitios tão lindos e tão delicados desenhos. E não se limita ao artificio de taes fabricas tudo quanto ha de admiravel e estupendo n'esses operarios do Oceano. Dando principio aos seus trabalhos no fundo do mar, por tal modo se estendem, se ramificam, se multiplicam e desenvolvem, que chegam a formar perigosissimos escolhos. Não poucas vezes estes parceis, subindo, no seu progressivo crescimento, até á superficie das aguas, cobrindo-se de areias, que as ondas para alli arrojam da visinha costa, e que a seu turno se cobrem de vegetação, formam ilhas de alguns kilometros de circunferencia.



Caryophillia ramea

Eis como esses seres pequeninos, fracos e ephemeros, que aos nossos olhos se apresentam creaturas insignificantes, e até despreziveis, por sua apparente inercia e presumida nullidade, são dotadas de taes condições de fecundidade, de força e de actividade, que, edificando construcções giganteas, chegam, no longo curso dos tempos, a fazer notaveis alterações no aspecto do globo. Dá-se este phenomeno unicamente em os mares situados sob a zona torrida, porque n'elles existe muito maior quantidade de zoophitos que nas outras paragens; sendo alli mais variadas as especies, e propagando-se com mais força e rapidez.

Em o vol. x d'este semanario, a pag. 108 e 109, offerecemos aos nossos assignantes uma noticia sobre as madréporas, ainda que resumida, sufficiente para se ter algum conhecimento d'estes interessantes zoophitos. Por essa occasião mostrámos em gravura duas especies de dois generos differentes de madréporas, *meandrina* e *astrea*. Agora adornâmos este numero com uma gravura que representa a especie que serve de typo a outro genero, denominado *caryophillia*, egualmente rico em variedades curiosas e bellas.

Caryophillia ramea é o nome dado pelos naturalistas á especie representada na gravura junta. Encontra-se em maior abundancia nas regiões tropicaes, mas tambem existe em algumas paragens dos mares da Europa, onde a temperatura lhe não é absolutamente desfavoravel. Tem a fórma de um tronco de arvore, todo guarnecido de ramificações; tronco e ramificações cylindricas, terminando estas em uma como estrella, feita por diversas laminas mui delgadas, por entre as quaes respiram e saem do seu involucro calcareo os animaes que a fabricaram para sua morada. A côr é similhante á da canella.

Esta madrépora exhala agradavel cheiro. O tamanho d'ella varia muito. Possuimos dois exemplares d'esta especie; um que apenas tem de altura 30 centimetros, pesando quasi 1 kilogramma; e o outro, com 65 centimetros de altura, pesa mais de 8 kilogrammas, em razão das suas muitas ramificações.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio



Villa da Povoa de Varzim — Praça do Almada, edificio dos paços do concelho, egreja matriz

I

Apesar das differentes opiniões que tem apparecido relativamente ao nome de *Varzim* dado a esta povoação, o que parece fóra de dúvida é que tal denominação lhe veiu da varzea em que está assente, pois supponde-se que, no tempo do conde D. Henrique, pae do fundador da monarchia, D. Affonso Henriques, existíra alli a freguezia de Argivaes, no logar da Varzinha, é bem de crer que já fosse este nome uma derivação do de *Varazim de Jusão*, que tambem teve, e d'ahi, com o andar dos tempos, o povo encurtasse e adoçasse o titulo até ficar com o unico nome que tem conservado até os nossos dias.

Não se encontra, comtudo, em documento algum, posto se hajam feito muitas e sérias investigações a este respeito, a data em que principiou a dar-se á Varzinha o nome de Povoa de Varzim; sabe-se apenas que em umas cartas datadas de 3 de janeiro 1305, e endereçadas por D. Diniz ás religiosas de Villa do Conde, em cujo convento devem ainda existir [1], o rei lavrador chamava-lhe *Varazim de Jusão;* e na carta de doação passada a favor de seu filho bastardo Affonso Sanches, na mesma data, confirma aquelle titulo.

Em o *Nobiliario* vimos que o conde D. Pedro lhe chama *porto de Varazim*, o que parece indicar que n'aquella epocha tambem assim era conhecida a povoação, e que já tinha importancia, embora pertencesse ao senhorio e jurisdicção de Villa do Conde, de que só no seculo XVII veiu inteiramente a separar-se.

II

Quando o conde D. Henrique, atravessando as Hespanhas, veiu servir Affonso de Castella, trouxe em sua companhia cavalleiros, amigos e aventureiros que quizeram participar com elle dos perigos, azares e venturas da guerra; e entre esses cavalleiros, dizem as chronicas, se contava um tal D. Guterro, natural da Gascunha, antigo paiz da França, hoje dividido n'este imperio entre as provincias dos Altos e Baixos Pyreneos.

1 Vid. *Memorias historicas da villa da Povoa de Varzim*, pag. 8.

Conquistada uma parte da Lusitania pelos esforços de D. Henrique, e sendo este possuidor já dos terrenos que então governava como conde, ou consul, pelo dote que lhe trouxera D. Theresa [1], quiz recompensar a fidelidade e o valor dos seus companheiros d'armas, e a D. Guterro, como especial testimunho de reconhecimento pelos assignalados serviços que lhe prestára, deu-lhe herdades e terrenos entre Guimarães e Braga, comprehendendo-se em tal e tão valiosa mercê a Povoa de Varzim.

D'este D. Guterro provém a nobre familia dos Cunhas [2], cujo senhorio foi, como se sabe, n'aquellas terras até o reinado de D. Diniz [3]; e sendo no começo do seculo XIV encorporado este senhorio, ou parte d'elle, na corôa, foi então que Affonso Sanches recebeu a doação do senhorio da Villa do Conde, em que se incluia *Varazim de Jusão* [4].

Era filho bastardo, como se disse, del-rei D. Diniz e de D. Aldonça Rodrigues Telha, ou de Souza, aquelle D. Affonso Sanches, o qual casou com D. Theresa (Tareja) Martins de Menezes, filha do primeiro conde de Barcellos, D. João Affonso Tello de Menezes e Albuquerque [5].

(Continúa) BRITO ARANHA.

1 Veja-se o que a este respeito diz o sr. Alexandre Herculano na instructiva nota que poz no fim do tomo I da *Historia de Portugal*, pag. 454.

2 E tanto assim é, que ainda hoje o primogenito dos srs. condes da Cunha tem o nome de D. Guterro, como em lembrança do primeiro varão que em Portugal fundou o solar da sua familia.

Na *Nobiliarchia portugueza*, pag. 271, lê-se: — «Procedem (os Cunhas) de D. Guterre, companheiro do conde D. Henrique, a quem elle fez mercê da Povoa de Varzim e outras terras, no districto de Guimarães, Braga e Barcellos. Entende-se ser seu solar a terra de Cunha-a-Velha, do termo de Guimarães, por ser antiga nos fidalgos d'este appellido.»

Em o *Nobiliario* do conde D. Pedro, pag. 310, lê-se: — «O primeiro (Cunha) foi D. Guterre, que foi natural da Gascunha; veiu a Portugal com o conde D. Henrique, sendo cavalleiro bom e velho, e de grande entendimento, e fiava o conde d'elle, e chamava-o a seus conselhos, e deu-lhe o conde muitas herdades e possessões em terra de Guimarães e de Braga, e deu-lhe o *porto de Varazim.*»

3 Vid. *Memorias historicas da villa da Povoa de Varzim*, pag. 9.

4 Vid. pag. 365 do vol. IV do *Archivo Pittoresco*.

5 Vid. *Chorographia portugueza* do padre Antonio de Carvalho da Costa, tomo I, pag. 348.

EUGENIO DELACROIX

(Conclusão. Vid. pag. 49)

II

Acompanhar o mestre na sua tarefa improba, e enumerar os quadros que no decurso dos vinte annos seguintes saíram do seu gabinete, seria não só fastidioso, mas tambem inutil. Delacroix trabalhou. Alvo constante das metralhadas inimigas, deixou-as zunir e silvar, e proseguiu na sua obra. Talento original e flexivel, todos os generos lhe quadravam e todas as scenas o embebiam. Passava do sentimental ao horrivel, como depois de esboçar a *Caçada do leão* desenharia as abroteas e as madresilvas do seu jardim de Champrosay.

A individualidade do seu genio firmava-lhe todos os quadros. Em 1855 esse mundo disperso de obras primas reuniu-se e condensou-se, e então os detractores do mestre poderam medir toda a fecundidade d'aquelle espirito e todo o vigor d'aquelle engenho. No livro de T. Gautier *Les beaux arts en Europe* encontra-se em resenha o numero e a valia dos quadros então expostos por Eugenio Delacroix. A França comprehendeu a injustiça dos sarcasmos, e a Europa fixou o olhar assombrado n'essas télas cheias de vida e de espontaneidade. A academia tinha de sujeitar-se ao decreto assellado pelo voto unanime de milhões de admiradores. Ingres lá estava, com a sua *Apotheose de Homero*, glacial e tranquillo; mas Delacroix contrapunha-se-lhe, tendo em uma das mãos a *Medéa furiosa*, e na outra a *Justiça de Trajano*.

Ahi estava o romantismo e o classico, a paixão desgrenhada e a ornamentação correcta, o poema e a historia, a tragedia e a chronica, a vida e a morte. Comtudo, Delacroix, quando procura na antiguidade romana o sujeito dos seus quadros, procura-o de um modo livre e energico, como Shakespeare o procurava, segundo a justa comparação de Theophilo Gautier. A sciencia do archeologo não o subordina nem o captiva; injecta sangue nas veias dos heroes, e dá-lhes a duração perpetua. Esta vida caracterisa a sua obra. Nos demais trabalhos dos mestres, comprehende-se que as figuras estão commodamente n'aquelles quadrados de linhagem; vê-se que a moldura não é travanco, e não ha receio que os cavallos empinados se precipitem sobre os espectadores: nos do auctor da *Carnificina de Scio*, o caso é diverso. Os corceis relincham e correm, os homens agitam-se, as nuvens baloiçam-se, ha tremitos na folhagem, e as palavras resoam. Desconfia-se a momentos de que vão saír da téla aquelles grupos maravilhosos.

Foi por isso que os sectarios da eschola de David feriram o ceo com a celeuma ao apparecimento de uma ousadia tão insolita. Gritaram contra a profanação, contra o desacato ás boas regras, e exorcismaram o espirito mau, o *diable au corps*, que induzia o novo filho da arte a lacerar as entranhas maternas, convertendo tão celestial deusa em malaventurada Agrippina. Bem dizia o proprio Delacroix n'uma das suas *Agenda*: «Os homens da eschola de David passaram a sua vida a repetir as mesmas fórmas, não imitadas, mas moldadas sobre o antigo. A Venus, o Gladiador, etc., são typos que elles tem reproduzido com os olhos fechados. Como se convenceram de que, além d'isto, tudo o mais é um attentado contra o gosto, tem para si que o bello não é mais do que a applicação de uma receita. Um passo áquem ou além de Raphael é para elles uma infracção detestavel; imitam parvoa e servilmente o mestre, até nos mesmos desvios e desapuros [1].»

A exposição de 1855, congregando os trabalhos esparsos do pintor, deu a este os foros de nobreza artistica e os titulos de fidalguia intellectual que lhe haviam regateado os aristocratas de peruca e os academicos sapientes. Um genio vale bem um sabio. Um pintor como Delacroix póde alguma vez incorrer em peccado venial contra a regua e o tira-linhas, como um poeta, á similhança do creador de *Othello*, póde facilmente supportar os desagrados de La Harpe. A gloria não costuma chamar a depoimento os episcopaes do synodo para saber se ha ou não idoneidade em tal ou tal creatura sublime. O talento conhece-se pela estrella que tem na fronte, como o leão se conhece pelo rugido. Poderiamos ainda accrescentar: e os mediocres distinguem-se, como os asthmaticos, pela respiração curta e pelo vagaroso do passo.

Continuemos. Delacroix não póde ser, comtudo, absolutamente apreciado pelo simples exame dos quadros a que alludimos. A critica assevera que é nas pinturas muraes onde as suas brilhantes faculdades se desenvolveram de um modo mais amplo. A sala do throno na camara dos deputados; o *Elyseo dos poetas*, na bibliotheca da camara dos pares; o salão da Paz, no *Hotel de Ville*; e o tecto da galeria de Apollo, no *Louvre*, são trabalhos monumentaes d'este pintor, que, arrancando a eschola franceza do archaismo greco-romano em que ella se havia atufado, a elevou a outras alturas e lhe indicou outras veredas ignotas.

Em quanto os bufarinheiros da pintura olhavam de soslaio para os eternos quadros de Delacroix, a consideração official, pelo contrario, revelava-se-lhe por estas incumbencias successivas. Isto é digno de mencionar-se, porque é raridade. Quasi sempre os Pilatos da governação é que mandam açoitar os civilisadores egregios, deixando em quietação beatifica a mais de um Barrabaz delecterio.

A medalha da exposição universal e o suffragio da academia, que lhe abriu as portas em 1857, espertaram os amadores e os traficantes, e os quadros de Delacroix entraram na sua tardia primavera de glorificações unanimes. O que até então havia jazido no esquecimento foi procurado e applaudido. A munificencia official batêra na pedra bruta de todos esses ignaros, e fizera faiscar uma centelha de admiração em prol do homem, que lhes havia de retribuir illuminando-os com o sol da sua immortalidade gloriosa.

A 26 de maio de 1863 a doença veiu bater lhe á porta. Partira elle para o seu retiro de Champrosay. O corpo, extenuado pelo trabalho continuo, e devastado pelas tempestades interiores, vergava com o peso d'essa mão fria e plumbea. A 22 de junho mal podia elle descer ao jardim a contemplar aquellas flores que o adornavam, ou a deitar a vista ao longe para as montanhas agrestes. A lividez augmentava, mas o sorriso abria-se socegadamente nos labios. «*Allons! ça reviendra!*» dizia elle com a serenidade dos que não deitam sombra na terra. Depois continuava: «Oh! se eu melhorar, como creio, hei de fazer coisas pasmosas. Sinto a cabeça em labaredas.» A 9 ou 10 de agosto um membro da academia das bellas artes veiu, em nome dos seus collegas do instituto, saber novas do moribundo. Não o receberam. Delacroix, sabendo quem era, disse com uma tristeza profunda: «Bem me affligiram, bem me insultaram, bem me combateram esses homens, meu Deus!»

E os olhos cerravam-se-lhe a pouco e pouco, talvez como que para não se fitarem n'esse quadro de luctas passadas e de protervas invejas.

No dia 13 o sino de Saint-Germain-des-Prés acabava de tanger a Ave-Maria, e Delacroix, com as mãos entre as da sua boa serva Jenny, soltava manso e manso o espirito, como áquella hora, nos alegretes do seu jardim sombrio, as ultimas flores do verão exhalavam mysteriosos perfumes. Caía a noite; ás sete horas menos um quarto ainda elle respirava; ás sete horas ro-

1 Th. Silvestre — *Loc. cit.*, pag. 67.

dou-lhe a boca um como que sorriso ineffavel, e a luz d'aquella alampada extinguiu-se á mingua de oleo. No outro dia um punhado de terra, calcada e batida, cobria o corpo onde se tinham agitado as mais grandiosas paixões e concebido as mais audaciosas emprezas.

Tal foi esse homem que a França ha de contar sempre no numero dos seus primeiros filhos. As conquistas que elle fez não são das que podem retomar-se. Para estes Buonapartes da intelligencia não ha Wellingtons afortunados. Wilkie, Lawrence, Fielding, Copley, Turner, e os mais que essa rival da patria de Delacroix póde agrupar no seu templo de artistas, estendem as mãos ao auctor do *Marino Faliero*, e com as proprias folhas da sua coroa tecem o laurel do mestre. Eis ahi a confraria dos talentos. A inveja não transpõe os umbraes do atrio, e fica sobre o seu muladar, roendo-se na desesperação da impotencia. Os filhos dilectos da arte páiram na mesma atmosphera luminosa. Se ha sombra que lhes cáia das azas, essa não se estampa senão nos vultos mediocres, que vivem constantemente agachados, deitando o olhar cubiçoso para o bando eminente das aves.

Nas breves linhas que escrevemos a respeito do pintor francez, não podémos entrar no largo estudo que tal assumpto merecia. Seria isso materia para um livro, se o que traça estas palavras tivesse hombros para tamanho peso. Os Atlantes escasseiam, não direi só por cá, mas por todo esse mundo fóra. As gerações parece que vão definhando; e não sei se o lavor material, ou antes a degeneração dos costumes, tem apertado e estrangulado os que Deus não fadára para garras de abutres.

Quem é hoje o successor de Eugenio Delacroix? onde estão os primogenitos d'esses poetas da revolução liberal? quem póde florear a clava com que os athletas do chamado romantismo alluiram as muralhas da gentilidade vetusta? O segundo imperio tem tido a esterilidade vergonhosa. Se percorrermos a linha das outras nações, lá veremos como nas fileiras rareadas apenas sobrelevam algumas cabeças cobertas de cans.

Aqui não vae confissão de desanimo, nem falta de confiança no futuro. Recordo o que fere os olhos dos que se aprazem em contemplar o movimento dos espiritos. Este movimento, em relação ao ideal, é hoje tardo e incerto. Accelerar-se-ha ámanhã? É possivel. Do norte começam a elevar-se uns fumosinhos tenues, e as borrascas podem desatrellar-se n'um credo. O vagalhão germanico tem de lavar outra vez estas musgosas penedias latinas. Depois, como succede em todas as coisas, a messe ha de rebentar mais vigorosa. Devanearemos porventura? Outros mais sabedores que o digam.

Voltemos ainda a Eugenio Delacroix. Em 1863 todos os esboços, desenhos e quadros do grande homem foram expostos ao publico; e então se póde ver n'aquelles traços vagos e indefinidos o embryão das suas mais bellas obras. N'aquelles bosquejos apenas delineados, os que tachavam o pintor de cegamente precipitado poderam convencer-se de que elle, apesar de todo o arrojo da sua phantasia, não deixava de procurar em rapidos lineamentos o que ao diante traduziria em rasgos sublimes.

Todos estes trabalhos posthumos subiram a um preço fabuloso. O escriptor que mais de uma vez temos citado (Théophile Silvestre) diz textualmente: «*On est allé jusq'à mettre en vente, à cinq francs! des tatonages encadrés.*»

Este fanatismo significava a beatificação do genio. Todos queriam possuir uma d'essas reliquias, como se ellas estivessem sanctificadas pelo contacto d'aquella mão peregrina.

Agora que, nas suas linhas geraes, conhecemos o artista, vejamos um pouco o homem. Eugenio Delacroix pintava assiduamente. Levantava-se por costume ás sete horas da manhã, e trabalhava em jejum até ás tres da tarde; tomava então uma refeição das mais simples, recebia por comprimento algumas visitas, e tornava a embraçar a palheta até desapparecer a claridade do dia. Era sêcco e nervôso, melancolico e violento. Prezava o louvor dos entendidos, mas detestava a bajulação dos nescios. A critica, sem que o demovesse dos seus propositos assentes, todavia incommodava-o. Na conversação era caprichoso, volubil e pittoresco. Fréchava os contendores com o sarcasmo, e gostava de derrubar um sillogismo com duas palavras picantes. Tinha convicções profundas, mas fugia a manifestal-as. Quando, apertado pelas instancias de amigos, dava a lume na *Revista dos dois mundos* alguns dos seus escriptos, fazia-o desviando polidamente o alvo a que se destinavam os tiros. Não lhe era desconhecida a finura diplomatica. No trato intimo era expansivo e caloroso; mas em publico parecia forrar-se com uma certa coura que o desfigurava. Mais de um amigo, e dos que entranhadamente o prezavam, teve o resentimento da sua frieza excentrica e imprevista. Apontemos Charles Baudelaire. Julgava com rectidão e escrevia com elegancia. Alguns dias antes de morrer deitou ao fogo dezeseis ou dezoito *Agenda*, onde, dia por dia, escrevêra os seus pensamentos sobre a arte, a vida, os grandes mestres e os contemporaneos.

Hoje, na constellação de nomes que irradiam na França, o de Eugenio Delácroix não tem o brilho menos intenso. As luctas e as negações pertinazes desappareceram diante de um sepulchro que tinha de ser transmudado em altar. Sobre esse altar veiu a posteridade depor as grinaldas votivas, e em frente d'elle curvaram-se os que crêem na religião da arte e na santidade do talento. Assim tem de ser. Para taes homens a morte precede a resurreição esplendida. Ao terceiro dia levantam elles a campa e surgem entre a acclamação universal. Os vulgares dormem, no entanto, no seio da terra, cobertos de musgo e de esquecimento.

E. A. VIDAL.

LIÇÃO PARA FATUOS

(CONTO)

I

ESPERTEZA DE UM ANALPHABETO

Dizem que um herdeiro da coroa da França...

— Qual? perguntarão.

Não sabemos ao certo, mas é possivel que fosse Carlos VIII. A chronica falla de um moço rei tão pobre de espirito, que, quando subiu ao throno, não tinha aprendido coisa alguma. Ora, não offenderemos a memoria do successor de Luiz XI suppondo-o modelo d'este retrato, porque, com verdade, quando aos 30 de agosto de 1483 seu pae passou d'esta para melhor vida, e o delphim Carlos foi proclamado rei, este moço, que ia cingir a coroa da França, contava treze annos e dois mezes, e não sabia ler. Posto isto, continuemos, ou antes recomecemos o conto.

Dizem que um herdeiro da coroa da França, que se considerava como preso nos ultimos annos do reinado antecedente, expressára o desejo de passar sósinho uma ou duas horas cada dia, assim que foi ou se julgou o senhor no seu reino. Como os cortezãos, que por cautela o acompanhavam, se conservavam em grande distancia e sem serem vistos, o moço rei suppunha que lhe tinham feito a vontade e andava satisfeito. Apesar d'isso, os passeios diarios não iam além das circunvisinhanças do palacio, onde todos o conheciam.

Um dia, quando regressava a casa, viu no caminho,

sentado em uma pedra, um ancião que se conservava curvado e mui attento na comparação de dois livros que abríra sobre os joelhos. O moço rei parou ao pé do ancião e olhou-o com espanto, não porque fosse coisa nova para elle ver alguem entregar-se à leitura, pois na corte, exceptuando o rei, todos sabiam ler; o que o surprehendia era a immobilidade do leitor na sua presença, porque já estava acostumado a ver todos curvados e humilhados ao seu olhar, e não podia comprehender que um misero camponez não se interrompesse, nem tremesse, nem ajoelhasse diante d'elle, segundo o uso d'aquelles tempos.

— Não vês quem sou? disse o rei ao camponez, dando-lhe levemente com a extremidade de um latego, que não deixava nos seus passeios quotidianos.

O camponez ergueu a cabeça, e, notando que o mancebo que o interrogava trazia plumas no boné, levou a mão ao barrete de lã; e, depois d'este meio comprimento, continuou a observar os dois livros como se não houvesse pessoa alguma junto d'elle.

Offendido com a desattenção e ousadia do camponez, o moço rei tornou encolerisado:

— Não sabes, ó amigo, que me comprimentam de outro modo as pessoas que me conhecem? E sou aqui conhecido de todos.

— Assim será, replicou o camponez sem se levan-



O ensino primario

tar, e apoiando as mãos nos dois livros, como se receiasse que lh'os roubassem em quanto respondia ao moço que de novo o interpellára tão desabridamente. Não duvido de que seja conhecido dos moradores d'esta terra, continuou, e nem é isso para estranhar; mas eu só posso saber quem o senhor é quando fizer o favor de dizer-m'o. Como é possivel conhecel-o, se venho de um senhorio distante d'aqui mais de trinta legoas?

O moço rei, que, apesar do seu orgulho e da sua ignorancia, tinha intelligencia para avaliar bem uma desculpa, satisfez-se com a que lhe deu o camponez, serenou logo, e accrescentou como simples observação:

— Morando tão distante, vens então ler para aqui?

— Acabei a minha viagem, senhor; mas quando me dirigia ao palacio do rei, onde vou cumprir a ultima vontade de um finado, pareceu-me que ia commetter uma grande falta, e descancei n'este sitio para me certificar de que a minha commissão seria bem desempenhada.

— E por que não o verificas?

— Só lendo é que o conseguiria, e tal é a minha infelicidade n'este momento que nem sequer sei ler, respondeu o homem, mostrando-se humilhado da sua confissão. Tenho, pois, medo de enganar-me quando me apresentarem ao senhor rei para lhe dar propriamente o que para elle confiaram ao finado, cuja ultima vontade cumpro.

Estas ultimas palavras excitaram a curiosidade do moço rei, e, como desejava continuar a conversação, disse ao camponez:

— Ha muito tempo que estás ahi sentado, e eu tenho precisão de me sentar; levanta-te para me cederes esse banco de pedra, e depois conta-me em breves palavras os teus pezares, porque é possivel que possa mitigal-os.

O camponez levantou-se, com effeito, e de pé, em frente do rei, conservando sempre os livros apertados contra o peito, referiu que indo, como criado, acompanhando um frade da abbadia senhorial que fôra en-

carregado de levar ao rei um brinde do abbade, succedeu que o dito frade foi accommettido de uma grave doença, da qual succumbiu no caminho. Antes, porém, de fallecer teve tempo de confiar ao seu companheiro o fim da viagem.

Tratava-se de apresentar ao rei um dos dois livros; havia de entregar só um e guardar o outro sem que o rei o visse. Nascia d'abi a difficuldade. Os volumes, quando menos na apparencia, eram similhantes; tinham ambos capas de pergaminho branco, e altura e largura tão eguaes, que entre um e o outro não haveria differença de um cabello. Só pelo texto poderiam conhecer-se. O volume que se não destinava ao rei fôra dado ao portador do brinde do sr. abbade como remuneração do seu trabalho, e por certo havia de produzir quantia avultada se o fosse offerecer, para a sua livraria particular, ao sr. João de Vaquerie, presidente do supremo tribunal de Paris. Ora o ponto importante era não se enganar quanto ao destino que devia ter cada um dos volumes; se désse ao rei o que era para Paris, commetteria uma falta grave para com o rei, mereceria severo castigo, e perderia boa occasião de enriquecer-se.

— Então o finado, perguntou o moço rei, quando te deu, na hora da morte, similhante incumbencia, não se lembrou de indicar-te o meio de conhecer o



Quanto mais alto a Fortuna ergue o asno, tanto mais breve o deixa cair

livro que não devia mostrar-se ao rei? E accrescentou para comsigo: Se eu soubesse ler, era esse que desejava ter.

— O que ainda chegou a dizer-me, respondeu o pobre camponez, é que o que devia levar ao rei, da parte do sr. abbade, começava assim: «Sob a santa guarda de Deus»; ora quando o senhor parou diante de mim, queria eu tentar o impossivel; isto é, comparando a primeira pagina de um livro com a primeira pagina do outro, queria adivinhar em qual dos dois estavam as palavras que não sabia ler.

O camponez fez aqui uma pausa, e depois, como subitamente inspirado, accrescentou:

— É verdade: o senhor prometteu auxiliar-me para sair da difficuldade, o que é facilimo, pois não posso acreditar, sem offendel-o, que o senhor seja tão ignorante como eu.

Em seguida, tomando os livros abertos nas mãos, mostrou-os ao moço rei. Leve rubor subiu á fronte do mancebo, o qual se inclinou algum tempo para os volumes como se quizesse indicar que os estava comparando, mas o certo era que pretendia occultar a sua vergonha e salvar a sua dignidade. Quando achou meio de sair de tal apuro, o moço rei fechou os livros, cujas linhas negras o incommodavam devéras, porque em geral uma inesperada circunstancia que encerre em si lição e advertencia, excita o orgulho dos fatuos e poderosos.

O moço rei era muito soberbo, e mais por causa do orgulho que da pobreza de espirito é que elle não recebêra instrucção alguma. Receber lições, acceitar preceitos, entrar no conhecimento dos deveres, era, segundo elle, descer abaixo da classe do inferior que se encarregasse de instruil-o. Sem obrigação de estudar, desejava, comtudo, saber; mas a solução dada a este problema, sem quebra da dignidade nem do orgulho, devia ser a seguinte: ou conservar-se ao pé do mestre durante o tempo que durasse a lição do camponez, e, de palmatoria em punho, apparentar que auxiliava o ensino, quando na verdade era elle que

tambem aprendia; ou chamar o discipulo para lhe fazer repetir a lição, e ir assim aprendendo, mostrando que ensinava. O problema de um analphabeto ensinar um homem que já soubesse o abecedario sería porventura insoluvel, mas resolveu-se.

Entretanto, o camponez começava a manifestar impaciencia para conhecer o resultado do exame dos dois livros, e o moço rei respondeu:

— Nada tenho a dizer-te ácerca do que vi n'estas paginas, porque não é conveniente que apresentes ao rei uma coisa sem saberes propriamente se te encarregaram de alguma commissão que lhe agrada ou que o offende, pois no primeiro caso serás recompensado, e no segundo punido. Antes de dirigir-te ao palacio do rei, como enviado do sr. abbade, aprende a ler.

— Desejaria aprender, não ha dúvida, tornou o camponez, desgostoso porque já não podia contar com o auxilio promettido; mas, observou, estou velho, e, como se diz na aldeia, homem velho não aprende lingua; por isso gastaria muito tempo antes que soubesse ler correntemente em um livro. Além de que, accrescentou como ultima objecção, o alforge que o finado me deixou para continuar a viagem não está bem recheado, e posto que seja muito sobrio, se viver ainda alguns dias por este mundo, depois de ter comprado o necessario para o alimento quotidiano, não me restará o sufficiente para pagar a um mestre.

— Nem a hospedagem, nem o sustento, nem as lições do mestre hão de diminuir sequer um obolo do que resta no teu alforge, retorquiu o moço rei, que interiormente amadurecêra o seu projecto. Ha n'estes sitios, junto da egreja cuja torre se vê d'aqui, um homem instruido, o mestre João Gautier, que recebe todos os annos do palacio do rei uma boa esmola; dize-lhe que vaes da parte do pequeno Carlos para que te dê poisada e ensino; e d'aqui a pouco receberá elle uma recommendação para que não te haja como embusteiro. Logo que saibas ler eu te apresento ao rei; mas como desejo certificar-me do adiantamento que vaes tendo, pois me será agradavel conhecer que a minha protecção é bem empregada, has de ir todos os dias repetir-me a lição da vespera. Logo te mandarei dizer a qual porta deves bater e por quem deverás perguntar para me veres.

Foram estas palavras proferidas com tal accentuação de auctoridade, que não deixaram de infundir plena confiança no camponez; e, portanto, na occasião de dirigir-se para a casa do indicado mestre fez só a seguinte pergunta:

— Devo mostrar os livros ao mestre João Gautier?

— Não faças tal coisa, respondeu o moço rei; só deves mostral-os a mim quando possamos lêl-os juntamente.

II

O ENSINO PRIMARIO

Como fôra ajustado, passados dois dias o camponez, discipulo do mestre João Gautier, foi apresentado ao moço rei por um criado confidente d'esta criança coroada.

O camponez ajoelhou humildemente em frente da especie de throno onde se empoleirára o seu protector. Este conservava erguido na mão direita o habitual latego. O velho discipulo apresentou-lhe então a taboa onde o mestre João Gautier traçára com tinta as vinte e quatro letras do alphabeto latino, e os nove signaes numericos a que chamâmos arabicos. O pobre velho tinha aprendido apenas a conhecer as quatro primeiras letras do alphabeto; mas o seu improvisado examinador, a cada letra que o camponez nomeava, levantava o latego sobre o pobre homem e dizia-lhe severamente, como se estivesse preparado para corrigil-o:

— Estás bem certo de que não te enganas?

— Estou, sim, senhor.

— Não tem dúvida... lê outra vez.

E fazia-lhe repetir a mesma lição até que elle proprio a soubesse.

Tal foi a primeira lição, que serve de assumpto á gravura junta, e assim as subsequentes.

Ao cabo de seis semanas, o moço rei, despedindo o discipulo do mestre João Gautier, dignou-se dizer-lhe:

— Estou satisfeito com os nossos progressos.

Era justiça fallar no plural; pois que, graças ao camponez, o pseudo-examinador conseguira, em fim, aprender o alphabeto.

No mez seguinte, continuando o methodo referido, ambos soletraram sem hesitação, e no fim do terceiro mez d'este ensino primario, em que um ia aprendendo á custa do outro, figurando que o examinava, ambos liam correntemente.

No dia em que o pseudo-examinador julgou que o discipulo do mestre João Gautier sabia bastante, disse-lhe:

— Traze ámanhã os livros ao palacio real: ha de ser um para o rei, a quem o entregarás; e o outro é para mim, pois estou decidido a compral-o. Parece-me que devo ter preferencia sobre o presidente do supremo tribunal de Paris.

— Parece-me que sim, respondeu o velho estudante; sem o auxilio do senhor não saberia ler.

III

OS DOIS LIVROS

A unica pessoa que no palacio real sabia das lições era o criado encarregado de trazer á presença do moço rei o discipulo de João Gautier.

Quando, no dia seguinte, em execução da ordem do moço rei, n'aquelle momento rodeado dos cortezãos, foi introduzido na camara real o simples camponio que vinha, em nome do sr. abbade, entregar um livro ao rei da França, houve para os circunstantes diversas razões de surpreza e admiração, sendo a principal a escolha da pessoa encarregada de tal incumbencia. Os cortezãos queriam demonstrar a sua indignação, mas o rei, que lhes podéra ler nos rostos aquelle baixo sentimento, que de certo não o lisonjeava, impoz-lhes silencio com o olhar, e os signaes de desagrado cessaram.

O pobre velho nem sequer percebeu esta mimica palaciana.

Chegado á presença do rei, o camponez reconheceu n'elle o seu severo examinador. O susto e o reconhecimento, mais que o respeito, obrigaram-n'o a dobrar os joelhos; a palavra gelou-se-lhe nos labios, e o livro cair-lhe-hia tambem das mãos attonitas; se o rei não se apressasse em animal-o.

Em quanto o velho se conservava n'este enlevo, o moço rei abríra o livro, e, passando successivamente as folhas, lia em voz alta, ora aqui, ora alli, alguns trechos.

Espantados realmente ao vêl-o tão sabio, os cortezãos tiveram desejo de expressar a sua admiração, gritando:

— Milagre! o rei da França sabe ler!

Mas as conveniencias, que n'aquella epocha se guardavam como hoje, suffocaram-lhes a exclamação, que apenas transluziu em olhares arregalados.

Não se pozeram na chronica os titulos dos dois volumes, um dos quaes era destinado ao rei, e o outro a um illustre magistrado, amador de livros, que era imprudente e inconveniente apresentar na corte.

Sabe-se unicamente que uma estampa do volume, que o rei não podia ver sem se julgar offendido, re-

presentava um asno coberto com rica manta, tendo no dorso um vaso cheio de moedas de oiro; e a Fortuna, que, erguendo os braços, levantava o asno á maior altura, como se vê na segunda gravura junta.

A estampa tinha por baixo a seguinte inscripção: «Quanto mais alto a Fortuna ergue o asno, tanto mais breve o deixa cair [1].»

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 47)

Não obstante os grandes esforços das auctoridades para facilitarem a jornada da familia real desde as Vendas Novas até Montemór-o-Novo, o mais que alcançaram foi evitar os maiores perigos, cegando os pégos e atoleiros feitos na estrada pela chuva e inundações. A jornada foi trabalhosa e muito incommoda.

A rainha, a princeza e o infante D. Pedro demoraram-se em Montemór algumas horas, menos para descançarem que para darem audiencia, receberem comprimentos e visitarem a casa onde nascêra S. João de Deus, transformada então em egreja e convento da ordem dos hospitaleiros, instituida pelo mesmo santo. Depois do jantar, que foi servido na casa da livraria do referido convento, poz-se a real comitiva a caminho de Evora.

Era já muito noite quando chegaram ás portas da cidade. El-rei, que se achava em Evora desde o dia 10, ordenára uma recepção solemne e festiva para sua esposa e filhos. Saíram, pois, a recebel-os as auctoridades, muita nobreza e clero, dois batalhões de infanteria e dois regimentos de cavallaria. D. João v, com o principe do Brasil, e infantes D. Antonio e D. Francisco, o ultimo dos quaes havia chegado a Evora na vespera, acompanhados de todas as pessoas da corte, esperavam a rainha no largo do chafariz das Bravas, que fica junto da porta da Alagôa, da parte de fóra dos muros.

A capital do Alemtejo adornou-se com as suas melhores galas. Alcatifaram-se de verdura e flores as ruas por onde o prestito real havia de passar, desde a porta da Alagôa até á sé, e as janellas estavam armadas de sedas e damascos. A familia real atravessou a cidade debaixo de um chuveiro de flores, que as damas lhe deitavam das janellas, ao som das musicas marciaes, e ao estrondo das salvas de artilheria e das girandolas de foguetes, a que vinham misturar-se as acclamações populares.

Feitas as costumadas ceremonias da entrega das chaves da cidade, recitados os longos discursos de felicitação, e cantado o *Te Deum* em acção de graças, os soberanos e principes passaram da egreja da sé para os paços do arcebispo, contiguos á cathedral, os quaes se achavam esplendidamente preparados para receberem os augustos hospedes. Seguiu-se o beija-mão, que foi tão apparatoso e concorrido como os que el-rei dava nos seus paços de Lisboa. Depois serviu-se uma lauta ceia. A familia real comeu primeiro em uma sala reservada. As pessoas da corte que a tinham acompanhado e os principaes personagens de Evora tomaram logar em a mesa de estado, que estava na maior sala do palacio. Referiremos, por nos parecer curiosa, uma succinta narração d'esta ceia, tal qual a encontrâmos escripta: «Pozeram-se oitenta talheres; e as duas cobertas constavam de prato de meio cada uma, dezesete pratos de cozinha, oito pratos flamengos de salada, vinte e dois de meia cozinha, quatro flamenguinhas de azeitonas; e a terceira coberta era de cinco corbelhas de doce e oito de frutas...»

[1] Este conto foi trasladado do *Magasin Pittoresque*, onde no t. XXXV se lê sob o titulo: *Les leçons du petit roi.*

Demorou-se a familia real em Evora até ao dia 14 para ver os seus principaes monumentos; e, em quanto anda a visitar as numerosas egrejas e conventos da cidade, convidaremos os nossos leitores para assistirem á passagem do prestito do patriarcha de Lisboa, prestito verdadeiramente regio, cuja descripção não será superflua no quadro que vamos esboçando.

D. Thomaz de Almeida, primeiro patriarcha de Lisboa, saiu da capital no dia 10 do mesmo mez de janeiro em direcção a Aldeia Gallega, onde se demorou dois dias, á espera que se reunisse toda a sua comitiva. No dia 12 partiu d'alli para Elvas, por Evora e Villa Viçosa. Caminhava o prestito na ordem seguinte: Dois palafreneiros a cavallo; vinte e quatro moços da cavallariça, levando á mão outros tantos cavallos, cobertos com telizes; dois palafreneiros com as umbrellas, e no meio d'elles o cruciferario conduzindo a cruz patriarchal, montado em uma mula ruça, e acompanhado de dois moços; uma berlinda franceza muito rica, em que ia o patriarcha; oito palafreneiros a cavallo; um decano e seis officiaes, tambem a cavallo; uma estufa rica de respeito; quatro estufas e uma berlinda, as quaes transportavam os capellães, caudatarios e mais familia do prelado; uma sege com dois moços da guarda-roupa; doze officiaes da casa a cavallo; quarenta e seis bestas de carga cobertas com seus reposteiros; tres tiros de mulas, que iam de sobrecelente; varios criados da cavallariça e outras pessoas, todos a cavallo.

No dia 14 partiram de Evora para Villa Viçosa el-rei, o principe e os infantes D. Antonio e D. Francisco. A rainha, a princeza e o infante D. Pedro, tendo ficado em Evora, assistiram na tarde d'esse dia a uma representação theatral, dada pelos padres jesuitas no seu collegio do Espirito Santo, em applauso da canonisação de dois membros da ordem, S. Luiz Gonzaga e Santo Estanislau Kostka, que o papa Benedicto XIII acabava de decretar. Armou-se o theatro na propria egreja do collegio, com tablado, bastidores e mais scenario, e n'elle se representou uma tragi-comedia latina.

No dia seguinte effectuou-se a partida da rainha para Villa Viçosa. Tanto n'esta villa como nas outras do transito, foram recebidos os soberanos com as mesmas ceremonias e solemnidade com que os recebêra a cidade de Evora.

Saíram de Villa Viçosa todas as pessoas reaes em direcção a Elvas no dia 16, pelas seis horas da manhã. As comitivas del-rei e da rainha, caminhando agora reunidas, formavam um acompanhamento numerosissimo e esplendido. E pois que estamos chegados á grandiosa funcção do encontro e visita dos dois soberanos da peninsula, e da troca e consorcio das princezas, devem tambem ficar consignados n'este logar, como documentos importantes do luxo e magnificencia da corte del-rei D. João v, a relação, embora summaria, das pratas que compunham a baixella para o serviço das pessoas reaes, e a lista dos empregados da real ucharia. Tanto as pratas, com a numerosa criadagem que lhes andava annexa, como tudo quanto pertencia á ucharia, precediam os soberanos nas jornadas com a necessaria anticipação, para que ao chegar a qualquer terra achassem promptas as coisas de que haviam mister.

Para o serviço da mesa das pessoas reaes foram trinta e oito caixões com baixella de prata doirada. Para o serviço dos quartos e toucadores foram vinte e quatro caixões com prata branca (pratos, jarros, bacias, fogareiros, pás, etc.) Caixas de roupa fina eram seis. Para o serviço das mesas de estado foram sessenta caixas com baixella de prata branca; vinte e uma caixas com prata branca de bastiões; tres caixas de salvas de prata de bastiões; quatro fontes de prata; duas caixas com dois jarrões doirados e lavra-

dos com sua folhagem; duas idrias de prata branca e doirada; tres caixas com tres brazeiros de prata branca e suas carrancas doiradas; e trinta e seis caixas de roupas de flores.

O pessoal da ucharia compunha-se do escrivão da cozinha, do seu ajudante, do cozinheiro-mór, de um francez que exercitava a mesma occupação, do comprador da ucharia, de dezesete moços das compras, de sete moços da ucharia, dez mestres de cozinha, setenta e oito cozinheiros, quarenta e cinco ajudantes, sessenta e seis moços da cozinha, vinte e quatro varredores e um apontador; total, duzentos cincoenta e tres criados.

Ao cair da noite do mesmo dia 16 chegou a real familia ante os muros da praça de Elvas. Além da guarnição da praça, foram para alli mandados varios regimentos de differentes armas, em força superior a seis mil homens, para abrilhantarem aquella funcção. Toda esta tropa se achava, pois, disposta em alas ao longo da estrada, a começar junto á porta da cidade denominada de Olivença, d'onde seguia por espaço de uns 3 kilometros.

Ao tempo em que rompiam as salvas das baterias da praça, saudando a chegada dos soberanos de Portugal á cidade de Elvas, acabavam de salvar os canhões da fronteira praça castelhana, annunciando a entrada dos reis de Hespanha na cidade de Badajoz. Não se julgue, porém, que esta coincidencia fôra obra do acaso. Foi, pelo contrario, o resultado de reciprocos esforços e sábias combinações. Desde que as duas cortes, portugueza e hespanhola, saíram das suas respectivas capitaes, entretiveram continuas relações por meio de expressos, que uma á outra enviava, a fim de que, medindo mui bem as suas jornadas, ambas chegassem exactamente ao mesmo tempo ás duas referidas cidades. Se uma tivesse de esperar pela outra, reputava-se isso como uma offensa ao decoro do monarcha e á dignidade nacional.

Á porta da cidade achavam-se as communidades religiosas, o cabido e clerezia, e o senado da camara de Elvas. El-rei e mais pessoas reaes apearam-se alli, e, depois das ceremonias do estilo, quiz o soberano proseguir a pé até á cathedral. Porém, tendo dado alguns passos, começou a cair neve, e D. João V, voltando-se para a rainha, disse-lhe que não se atrevia a passar adiante por causa do frio, que era excessivo. Tornou, portanto, a familia real a entrar para os coches, e n'elles foi até á cathedral, onde se cantou o costumado *Te Deum*, acabado o qual foi poisar nos paços do bispo, convenientemente preparados para a receber. Festejaram os elvenses a chegada dos seus soberanos com vistosas luminarias, fogos de artificio, serenatas e outras demonstrações de regozijo.

No dia seguinte (17) de manhã, trocaram as duas cortes comprimentos entre si, enviando el-rei D. João V o marquez de Alegrete, seu gentil-homem, a saber como suas magestades catholicas e altezas haviam chegado a Badajoz; e vindo a Elvas, com identica missão da parte del-rei D. Filippe V, o duque de Solferino, seu gentil-homem. De tarde veiu a Elvas o conde de Montijo, camarista del-rei catholico, trazer a joia que o principe das Asturias offerecia á princeza sua noiva, a infanta D. Maria Barbara. Ao mesmo tempo chegava a Badajoz o marquez de Cascaes, camarista del-rei fidelissimo, levando a joia que o principe do Brasil offertava á princeza sua desposada, a infanta D. Marianna Victoria.

No dia 18 reuniram-se em conferencia no rio Caia os secretarios de estado de ambos os monarchas, Diogo de Mendoça Corte-Real e o marquez de la Paz, com o fim de concluirem os ajustes, já muito anteriormente começados, do ceremonial com que se haviam de ver os dois soberanos. Foi um acto que pinta bem ao natural, e com vivas côres, as feições da epocha, não só em relação aos dois povos da peninsula, mas a respeito de todas as nações da Europa. As dúvidas e os alvitres que se apresentaram nas conferencias diplomaticas que precederam esta, sobre a intrincadissima questão de qual dos monarchas havia de apparecer primeiro á porta da sala; depois de se avistarem, qual daria o primeiro passo para transpor o limiar da porta; vencida esta difficuldade, quantos passos dariam um para o outro; quantas e quaes palavras profeririam nas primeiras saudações; como, quando e a que distancia um do outro se haviam de sentar; se se descobririam ou não; todas as dúvidas e alvitres que a tal proposito se offereceram, e o modo por que os dois referidos secretarios conseguiram chegar a um accordo, conciliando tão oppostas conveniencias e tão contrarias opiniões, resumem em si a historia das nações da Europa nas suas relações exteriores durante uma boa parte dos seculos XVII e XVIII.

Eram aquellas futilidades, que hoje se nos antolham pueris e incriveis, que dictavam a politica dos estados nas suas relações internacionaes, e de que pendiam, na maior parte dos casos, a paz e a guerra.

Decidiu-se, finalmente, na conferencia do Caia, que as acções dos dois monarchas, ao avistarem-se, fossem tão simultaneas, como se os movesse o mesmo impulso, e as suas primeiras phrases tão uniformes, como se as dictasse o mesmo pensamento.

Resolveram mais, entre outras coisas egualmente sérias e graves, que suas magestades não se cobririam; que a funcção das bençãos nupciaes se celebraria no mesmo dia das entregas das princezas, em Elvas e em Badajoz; que os principes poriam as princezas á sua mão esquerda, e que fallariam de pé; e que no dia seguinte (19), pelas nove horas e meia da manhã, sairiam as duas cortes das cidades de Badajoz e de Elvas para o rio Caia.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

É uma convicção minha que na poesia da linguagem o genero parallelo á estatuaria é a tragedia; assim como a epopéa á grande architectura; e os outros generos, especies e variedades litterarias aos seus correspondentes na pintura: ode á allegoria, idyllio á paizagem, epigramma á caricatura, romance e drama ao quadro historico, e assim os mais. A musica segue as divisões da poesia fallada, cuja irmã gemea nasceu. Ao cabo, a *arte* é uma só; expressada por variados modos, segundo são variados os sentidos do homem.

O estudo do homem é o estudo d'este seculo, a sua anatomia e physiologia moral as sciencias mais buscadas pelas nossas necessidades actuaes. Colligir os factos do homem, emprego para o sabio; comparal-os, achar a lei de suas series, occupação para o philosopho, o politico; revestil-as das fórmas mais populares, e derramar assim pelas nações um ensino facil, uma instrucção intellectual e moral que, sem apparato de sermão ou prelecção, surprehenda os animos e os corações da multidão no meio de seus proprios passatempos — a missão do litterato, do poeta.

Os despotismos da Asia, como então eram e ainda hoje são, nascem da exaggeração do governo patriarchal do chefe da familia, da tribu, da nação. O absolutismo europeu é a usurpação dos direitos do povo: lá a coisa publica formou-se pelo principe e com elle; aqui é o principe que se impoz á republica. Desde Julio Cesar até agora, a origem de todas as monarchias absolutas na Europa, a fundação de todas as suas dynastias, tem sido a usurpação mais ou menos violenta, mais ou menos flagrante, mais ou menos astuciosa, dos direitos da nação por um homem.

ALMEIDA GARRETT.



Santo Antonio — Quadro de Murillo na cathedral de Sevilha

O profundo sentimento poetico dos povos manifesta-se na lenda. O que a historia desenha com a severidade das suas linhas, a inspiração popular inflora e alegra com a sinceridade das suas tendencias. D'esta elaboração secular resultam os typos. É então que apparecem os grandes vultos cavalleirosos e os suaves heroes da piedade evangelica. Os campeadores da edade média, purificados n'este crisol sublime, transfiguram-

se em mantenedores da justiça e da innocencia. São elles os que desfazem desaguisados, e os que se votam ao sacrificio para salvar a virgindade imbelle e castigar a concupiscencia tyrannica. Na religião dão-se, de um modo mais brilhante ainda, estes factos de reconstrucção portentosa.

O povo vae muitas vezes até o dogma, e altera-o segundo o sentimento que o domina. Nos hymnos da egreja encontram-se innumeraveis exemplos.

Quando este sentimento popular se concentra em um determinado individuo, as feições historicas de tal individuo alteram-se, mas illuminam-se. Actuou sobre ellas uma corrente electrica. De que procedem, em regra, estes pendores do povo? Como se explica o amor com que elle afaga e alinda a imagem de um dos seus santos? D'onde lhe veiu esta predilecção singular e profunda? Não serei eu que me atreva a sondar mysterios de tal ordem. Paro diante d'elles commovido, e inclino-me.

O nosso Garrett, em uma nota ao seu romance *Noite de San'João*, escreve o seguinte: «San'João fez-se um santo de exemplar tolerancia desde que lhe tiraram a cabeça por elle não poder ver, sem ralhar, as desenvoltas pernas da baiadera Herodias. Não quero folgar com o que é serio: mas é notavel que a devoção quasi universal dos christãos tomasse por patrono e orago de seus mais livres folgares e festanças, e lhe consagrasse a mais risonha e lasciva estação do anno, ao austero precursor do Christo, o jejuador penitente do deserto, o severo censor da soltura cortezã, o protomartyr da moralidade evangelica. Seria que a timida singeleza de nossos passados fosse de proposito buscar aquelle austero e invisivel inspector de seus ainda então innocentes brinquedos?»

O que o poeta escreve e pergunta a respeito do enviado de Deus, poderia ser dito em relação ao nosso santo popular.

Santo Antonio perdeu, aos olhos do povo, a rigidez intratavel e cenobitica, e veiu presidir com sorriso affavel aos dansares e folguedos da adolescencia. O seu cortejo é feito de mocidade e de amor. É elle que inclina o ouvido para as orações da donzella, orações onde já resoam os primeiros suspiros da alma, e onde já brilham as primeiras lagrimas; é elle que acceita a oblata das crianças, e que, jovial como ellas, parece instigar ás travessuras pueris.

Depois, o que é o santo na lenda, na creação do povo, no sentimento conterraneo? Quem o vê de cogula apostolando o gentio? Quem o observa nos extasis da sua cella, recolhido e melancolico? Quem o imagina, erguido no pulpito, verberando os dez mandamentos mundanos? Ninguem, de certo. Santo Antonio é o amigo dos rapazes travêssos e das moçoilas enamoradas. Elle mesmo cortava as tranças, o galhofeiro celestial, para depois as prender de novo áquellas cabeças de quinze annos, que lhe vinham perturbar candidamente a sua tranquillidade monastica. Era elle que partia os cantaros cheios de agua, para se rir das queixas da meninice, e para em seguida a consolar carinhoso. Assim o creou o povo, assim o concebeu, assim o quer, assim o adora. Levanta-lhe thronos nas ruas, nas casas, e nos corações primeiro; accende-lhe fogueiras e queima as alcachofras bentas, que hão de presagiar venturas, ou, ainda mal, desditas amorosas; saúda-o como a um amigo querido, como a um consocio de alegrias, e, sem terror, mas sem irreverencia, beija-lhe aquelles pés, que o povo não sabe ver retalhados pelas silvas, mas que lhe rescendem como fragrancias de nardo.

É este o nosso santo por excellencia; abrimos os olhos no berço, e vimol-o logo, enramado e vestido de seda, na sua peanhasinha, onde ardiam os lumes e onde se esfolhavam as rosas. Qual de nós se não recorda d'esse tempo com saudade, d'esses dias em que pediamos ao amor da mãe o culto para o nosso bom amigo? Mal do que se esqueceu da pureza dos poucos annos, para só cuidar nas mundanidades do seu presente, e que se não lembra dos cabellos loiros, para se ufanar com os seus brancos, quantas vezes manchados!

Quando estes contentamentos juvenis vão cedendo campo aos cuidados, ainda o santo se nos entremette na vida com a solicitude de quem nos conheceu pequenos, e de quem nos não ha de abandonar ainda velhos. N'esse tempo vem arraiando o amor. Como ha de o povo dispensar o patrocinio infallivel? Como não ha de beijar a fimbria d'essa roupeta e entregar o requerimento dos seus anhelos, a confissão dos seus segredos? Oiçamol-o n'uma das suas cantigas:

Oh, moças, andem ligeiras,
Vão pedir a Santo Antonio
Que as ponha todas em linha
No livro do matrimonio.

Oh, moças, se querem noivos,
Vão esta noite á ribeira,
Que os moços em honra ao santo
Vão armar uma fogueira.

Santo Antonio, Santo Antonio,
Ás moças estende a mão;
Corram, moças, vão depressa,
Façam-lhe uma petição.

Santo Antonio aviva os mortos
E dá saude aos doentes;
Não é muito que despache
Mil sadios pretendentes.

Esta cantiga popular (conforme a versão do Algarve) dá medida perfeita do que acima escrevemos. No periodo do amor o santo é invocado pelos que não afrouxaram na crença originaria, e investido nas tarefas de advogado obsequente. As mulheres, sobre tudo, que melhor guardam os sentimentos inoculados com o primeiro leite, essas conservam perpetua a crença dos annos infantis. São ellas que, solteiras, voltam o olhar para este consolador dos afflictos de coração; são ellas que, mães, se entregam jubilosas ao doce encargo de coadjuvar os filhos na sua devoção inconsciente; são ellas que, no extremo quartel da desesperança ou da vida, se agarram, como naufragos, a este patrono, que no intimo sentir do povo foi sempre o mimoso e valido celestial.

Estas crenças, porém, nascidas e alimentadas pela poesia legendar, começam insensivelmente a perder o seu mavioso colorido e o cheiro que as embalsamava. A expansiva alegria de outros tempos diminue e afraca; escurece a claridade das fogueiras, como as auroras vão esmorecendo nos corações. Ha tristeza no povo. *A shade immense.* Ha pouco, n'uma das publicações mais auctorisadas do paiz, protestava-se contra o innocente folguedo das criancinhas; e a gravidade prosaica, o materialismo sapiente travava do machado para derrubar aquella ultima reliquia da nossa poesia popular. Assim vão os tempos, e assim pensam os homens. Minem-se, escalavrem-se, esboroem-se esses reductos da crendice alvar ou do fanatismo cavilloso, onde se acoitam os inimigos da liberdade evangelica; repulsem-se até os confins da terra os que querem coalhar com as pedras broncas de ignorancia os campos esterroados pelos obreiros do futuro; não se dêem tréguas aos paladinos da sombra, que fazem do despotismo a dama dos seus pensamentos; mas sustentem-se de pé, mas acatem-se, mas conservem-se essas paginas radiantes de uma poesia que não conspira, de uma fé que não ameaça.

Deixei-me levar por uma commoção de desgosto, natural em quem só vê o bello da humanidade n'estes effluvios de poesia e de amor. Ha muito que arrasar e que reconstruir, de feito; não ha de ser, comtudo, o throno humilde, o culto infantil, a piedade d'aquelles devotos que ainda se achegam aos beijos maternos que póde empecer a rapida andadura do coche esplendido da civilisação.

Santo Antonio tornou-se para os portuguezes um bemaventurado supremo. Jesus, sentado em seu braço, ouve-lhe os rogos e acceita-lh'os. O povo pede-lhe como a um confidente. Não ha perigos do mar, thesouros perdidos, males insanaveis, estorvos desesperadores, tempestades de natureza alguma que não possam ser debellados pela vontade d'este beatifico padroeiro. A lenda fel-o jovial, communicativo, doce no trato, risonho com os homens; d'aqui nasceu essa franqueza intima com que o povo lhe estende a mão para receber d'elle a esmola da caridade.

Hoje mesmo, que os espiritos se voltam para outro rumo, o dia consagrado pela egreja ao nosso santo é, se assim o podêmos dizer, um dia de regozijo nacional. Os velhos ainda se comprazem com o espectaculo galhofeiro, os pobres esquecem por momentos os espinhos da sua vida para só cuidarem nas flores, e as crianças tripudiam na noite da vespera, movidas por essa causa secreta, que não é mais do que o sentimento da poesia, innato em todas as organisações.

Agora que já fallámos do nosso milagroso santo, como elle vive na tradição do povo, mais poetisado do que nos veridicos agiologios [1], consagremos algumas palavras ao pintor, cujo quadro se apresenta em gravura, e que se inspirou de um dos mais enternecedores assumptos.

Murillo resume no seu nome toda a grandeza da pintura hespanhola. É elle que realça no meio d'essa eschola, a que não faltam vultos eminentes.

Pintor del cielo, chamaram-lhe os seus, e a critica não lhe contestou o epitheto. Sevilha, patria sua, como de Velasquez, é o prodigioso repositorio das suas obras primas. Um apreciavel escriptor contemporaneo escreveu ao visitar a capital da Andaluzia: «*Murillo, comme s'il avait voulu laisser à sa patrie le secret de son génie, n'existe réelement, et ne se révèlle qu'ici* [2].»

Não vem agora para esta resumida noticia entrar na parte biographica nem mesmo artistica do mestre. A primeira é de sobejo notoria, e a segunda consta de não poucos livros auctorisados.

Apesar do quadro *Santo Thomaz de Villanueva* ser considerado o primor d'arte de Murillo, comtudo alguem ha que resolutamente lhe prefere o *Santo Antonio* que adorna a cathedral de Sevilha, e do qual esta gravura é cópia. N'elle reuniu o pintor, em apurado grau, todas as suas qualidades sublimes; condensou as bellezas que disseminára por immensas télas, e deixou-as alli, patentes e eternas.

Ha um sorriso n'aquella exaltação religiosa; ha um raio de sol na obscuridade d'aquella gruta. O santo, inclinado, rendido, alheado em extasi, deixa transparecer um jubilo extremo, um gozo ineffavel. O mestre parece ter-lhe posto nos labios aquelles apaixonados versos de Santa Theresa:

Esta divina union,
Y el amor con que yo vivo,
Haze a mi Dios cautivo
Y libre mi coraçon;
Y causa en mi tal pasion,
Ver a Dios mi prisoniero,
Que muero porque no muero!

O que fica escripto sobre o *Santo Antonio* de Murillo é apenas resultado da impressão que nos causou o transumpto, que não póde ser mais do que um reflexo. Um homem, cujo voto competente ninguem se atreverá a rejeitar, disse o que se segue: «Nunca a magia da pintura foi levada mais alto. Quem não viu o *Santo Antonio de Padua* não conhece a ultima palavra do pintor [1].»

Donzellas, crianças, corações por onde não deslisou a sombra de uma agonia ou de um remorso, almas candidas que pairaes sobre as ternas alegrias da familia, que não deixastes queimar no ardor das paixões a flor immaculada da pureza, saudae o vosso santo, aquelle amigo da infancia, aquelle affavel companheiro cujo nome decorámos entre as faxas, embalados pela mãe que lhe rezava por nós. Não deixeis perder essa poesia singela, esse unico refugio dos que não podem encontrar na terra as consolações verdadeiras.

Que tem que riam os philosophos? que vos importa a chocarrice dos nescios? que mal vos faz o olhar de soslaio que deitam comicamente os materialões da humanidade?

A imbecilidade moral trouxe sempre comsigo este prosaismo charro e truanesco. Cuidam elles que preparam terreno, e travancam-n'o; crêem-se os Baptistas da idéa nova, e são fatuamente os Herodes da piedade e da innocencia. Riem-se de tudo e de todos, porque nunca souberam enxugar uma lagrima.

O que ha de sair d'este esfervilhar de padres conscriptos que nos decepam as azas? O que querem esses reformadores que começam por seccar as fôntes vivas de todo o sentimento generoso? Deixae-os rir e passar.

O dia de ámanhã tem de ser feito de luz; mas essa luz virá da liberdade, como a liberdade virá da religião, como a religião virá do amor! E. A. VIDAL.

1 Vid. o vol. VI do *Archivo*, pag. 102.
2 F. Mallefille — *Mem. de D. Juan*, tomo I.

A NUBIA

(Conclusão. Vid. pag. 57)

Imaginae, pois, um vastissimo valle entre duas extensas cordilheiras de montanhas: uma, arabica, tendo a vertente oriental banhada pelo mar Vermelho; a outra, lybica, tendo as faldas occidentaes enterradas nas ardentes areias da Lybia. Estendei no meio do valle, como ampla fita ondulante, o Nilo, ora placido, ora susurrante, semeado de ilhas, orladas de *papyrus* e *nenuphar*, onde pastam entre os juncaes numerosos patos e cegonhas. Situae junto aos campos cultivados algumas cabanas de bambús, cobertas de colmo. Alternae com prados viçosos areiaes sem fim. Collocae de muita em muita distancia uma povoação, maior ou menor, mas quasi sempre miseravel, composta de casas de adobos, com folhas de palmeira por cobertura. Sentae nas encostas das serras, aqui os altos muros de um grande convento, meio escondido entre brenhas, e como querendo trepar aos pinaculos da montanha para fugir do contacto dos homens; alli uma velha mesquita, á qual a pesada mão dos seculos fendeu já as paredes e inclinou as torrinhas ou *minareths;* por toda a parte, em fim, ruinas de edificios magnificos, meio soterrados, mas, ainda assim, dando testimunho da civilisação e grandeza dos povos que os levantaram. Delineae tudo isto na vossa imaginação, e tereis representado n'ella um quadro geral da Nubia, mui aproximado do natural.

Pois este paiz, que nos apresenta agora um aspecto selvagem e triste, territorios pela maior parte estereis e desertos, outros incultos ou mal cultivados, habitantes rudes e em geral barbaros; este paiz, dizemos, foi outr'ora o centro de um grande imperio, que brilhou pela sua civilisação muito antes que os gregos e os romanos lograssem o titulo de povos civilisados.

1 Th. Gautier — *Voyage en Espagne.*

Depois de ser muitas vezes invadida e assolada pelos Pharaós, no correr de longos annos, a Nubia armou para a vingança o braço de seus filhos, que, arremessando-se, em fim, sobre o Egypto, expulsaram para além da cidade de Thebas as dynastias nacionaes. Assumindo então o imperio egypcio uma nova face, com que rejuvenesceu, a Nubia policiou-se, adornou-se de monumentos, e tornou-se theatro de grandezas e de gloria, porque logo floresceram n'ella as sciencias e as artes, cujo berço fôra o Egypto.

Volveram seculos, levantaram-se outros imperios na Asia e na Europa, e o colosso do Nilo, já debilitado por mil annos de existencia e enfraquecido por continuadas revoluções, derrocou-se ao rijo embate de invasores atrevidos e felizes; e sobre os seus monumentos, feitos ruinas, vieram sentar-se, por seu turno, os persas, os romanos, os arabes e os turcos. Assim, passando por tão grandes alternativas, que ora a elevaram ao fastigio da prosperidade e da riqueza, ora a despenharam no abysmo da miseria e da servidão, voltou a Nubia ao seu primitivo estado — terra pobre e mal povoada de gente embrutecida e selvagem.

Todavia, numerosissimas testimunhas, mudas, é verdade, mas muito expressivas na sua mudez, attestam aos viajantes, por toda aquella região, que alli floresceu um imperio grande, poderoso e civilisado, em tempos em que a Europa jazia nas trevas da ignorancia e do barbarismo.

É um espectaculo que deve impressionar vivamente o viajante que navega pelo Nilo, rio acima, ver além do tropico, a par de negras massas de rochas graniticas, contrastando com a natureza bruta, alterosos e esbeltos obeliscos, porticos magnificos, soberbas galerias de columnas, altas e robustas paredes cobertas de hieroglificos, estatuas e esphinges colossaes, reliquias de templos grandiosos, em que hoje se acoitam as hyenas e outras feras; em fim, encontrar em cada volta que o rio faz, e a cada relancear d'olhos, specimens estupendos de uma architectura, e padrões gigantescos de um povo que existiu tres mil annos antes de nós!

Na gravura que precede a primeira parte d'este artigo, a pag. 57, vêem-se os restos de uma das mais sumptuosas obras da antiga arte egypcia. São duas esphinges colossaes, as unicas que se conservam inteiras d'entre muitas outras que outr'ora guarneciam, dispostas em duas longas fileiras, uma rua que conduzia ao *hémis-peos* de Séboua. Este templo, meio cavado na rocha, meio construido de cantaria, teve por fundador Sesostris o Grande, mais de mil e setecentos annos antes da era christã. Nas faldas da montanha, que se divisa ao longe por detraz das esphinges, ainda avulta o *pronaos*, ou portico do templo que era consagrado aos deuses solares *Phré* e *Phtá*. Porém as areias, alli accumuladas pelas tempestades no correr de tantos seculos, afogou-lhe a fachada de cantaria até mais de meia altura, impedindo completamente a entrada no interior do templo.

As areias do deserto tem sepultado, pouco a pouco, no Egypto e na Nubia muitas preciosidades historicas e artisticas da mais veneranda antiguidade, assim como as lavas do Vesuvio sepultaram na Italia, posto que improvisamente, as cidades de Herculanum e Pompeia, tão ricas de recordações historicas como de obras de arte. Porém a essas terriveis invasoras quadra com mais justiça o titulo de *guardas*, embora importunas, que o epitheto de destruidoras d'essas respeitaveis memorias do passado.

As lavas do Vesuvio tem sido para aquellas cidades como um estojo, que não só as preservou da ruina completa a que foram reduzidas as suas irmãs pela barbaridade dos homens e pela acção corrosiva dos tempos, mas que lhes conservou, o que ainda é mais apreciavel, a par das suas feições, tudo quanto póde revelar materialmente os usos e costumes, as crenças e as aspirações do povo que as habitou.

Se não fosse a invasão das areias, talvez que bem poucos monumentos tivessem podido resistir, no Egypto e na Nubia, ao açoite assolador de centenares de seculos. Conserva-se incolume o soberbo templo de Séboua, porque um mar de areias, escondendo-o em grande parte em seu seio de ondas, quasi tão movediças como as do Oceano, tem-n'o defendido do mais cruel inimigo dos monumentos, que é, sem dúvida, a brutalidade dos homens. Pouparam as areias a magestosa rua que conduzia ao portico do templo; e por essa razão apenas restam duas das numerosas esphinges colossaes que por ambos os lados a guarneciam. As outras ou desappareceram, sem deixarem sequer vestigios, ou jazem por terra feitas pedaços. Se algum dia se tentarem fazer excavações archeologicas no Egypto e na Nubia, como modernamente tem sido feitas na Italia, é de presumir que se vejam surgir do sepulchro algumas das cidades que mais floresceram sob o sceptro dos Pharaós.

A nossa gravura é cópia de um bello quadro de Berchère. O artista escolheu a hora do crepusculo da tarde para tirar a vista do natural. As cercanias de Séboua são de si monotonas e tristes, porque lhes faltam os arvoredos, as fontes e os ribeiros, que são ao mesmo tempo o adorno e a alegria dos campos. Mas a claridade duvidosa do crepusculo; a luz frouxa e melancolica da lua; de longe em longe o clarão das fogueiras, em torno das quaes os pastores descançam das lides do dia, em quanto preparam a ceia; o remanso das brisas, deixando elevar-se o fumo das fogueiras, como delgadas columnas a que cinzel caprichoso recortou os fustes, e que bem se assimilham, na suavidade e constancia da sua ascensão, ás preces do justo, subindo, subindo direitas até ao throno do Altissimo; os rebanhos de ovelhas e carneiros, lassos da sua peregrinação diaria em busca das gramineas que verdejam por aquelles arredores, dormindo agora ao abrigo das gigantescas esphinges; estas sentinellas perdidas de um passado tão remoto, mostrando em sua magestosa serenidade, e no colossal das fórmas, como se fôra escripto com caracteres, os pensamentos e crenças do povo que alli as collocou; tudo isto, em fim, derramando na paizagem infinita poesia, dá ao quadro não sómente formosura, mas tambem um singular aspecto de solemnidade. I. DE VILHENA BARBOSA.

O MUSEU DO BISPO DE BEJA

I

Ha homens que valem academias. Dotados de faculdades superiores e de universal aptidão, applicam-se com successo a todos os estudos, cultivam com diligencia e ardor os campos illimitados das sciencias, das letras e das artes, e em todos deixam claros testimunhos de sua fecunda actividade. D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas, bispo de Beja e arcebispo de Evora, foi um d'estes homens extraordinarios. Os beneficios que a patria lhe deve, mal conhecidos ainda, hão de illustrar as paginas da historia litteraria de Portugal do seculo XVIII, quando a politica nos consentir escriptores e leitores para coisas d'este genero.

O estudo da theologia, da philosophia e da philologia, a que o sabio prelado de preferencia se dedicava, não o impediu de se applicar tambem ás sciencias naturaes e á archeologia. A boa e verdadeira opinião que tinha da importancia das primeiras exuberantemente a provou na pastoral de 25 de janeiro

de 1786, recommendando com grandes instancias os estudos physicos ao clero do seu bispado. O muito em que estimava a segunda bem se avalia na historia que n'um livro inédito nos deixou da cidade de Beja. E se taes provas não fossem de sobra, allegariamos as memorias do museu, em que, sendo bispo d'aquella diocese, colligiu grande variedade de producções naturaes e de preciosas reliquias da industria do passado.

As vastas relações que manteve com sabios e escriptores de Hespanha, França, Italia e outras nações da Europa, e com os portuguezes mais distinctos que serviam nas possessões ultramarinas, proporcionaram-lhe a acquisição de muitos objectos de fóra do reino. Constava, porém, a maior e melhor parte da collecção de antiguidades desentranhadas da terra nas excavações que, a expensas suas, mandava fazer não só em Beja, mas n'outras partes, onde presumia a existencia de ricos e abundantes veios do oiro que explorava.

Na historia da arte, cuja importancia principia agora



Fragmento de uma lampada romana encontrada na Troia, junto de Setubal

a ser conhecida, deparava-se-lhe já ao sabio prelado o interesse que ella não tinha ainda para os seus contemporaneos. Dominado por aquelle vivo e ardente desejo de saber que leva os espiritos emprehendedores a valiosas descobertas, não se poupava sacrificios para colher e encelleirar os perdidos fructos da industria humana das edades que foram. Desde as armas de pedra, curioso achado que muitos reputam uma novidade dos nossos dias, até ás obras dos artistas portuguezes, tudo colligia com empenho e cuidadosamente guardava para illustrar os pontos mais obscuros da archeologia.

Escolhêra a egreja de S. Sisenando, proxima do paço episcopal, para deposito das lapidas, cippos, columnas e fragmentos que, por volumosos e pesados, se não accommodavam n'um gabinete. Em homenagem áquelle santo, natural de Beja; ao antigo nome d'esta cidade, cujas eram grande parte das reliquias; e em attenção ao collector, denominava-se a collecção *Museu Sisenando Cenaculo Pacense*. Eram mais de cento e vinte as lapidas que continha. Algumas, e não de certo as mais notaveis, desenhou e descreveu Murphy na sua *Viagem em Portugal*.

Contava D. Fr. Manuel do Cenaculo setenta e oito annos quando foi nomeado arcebispo de Evora. Não arrefecêra em tão avançada edade o ardor com que antecedentemente se entregára aos trabalhos litterarios. Logo depois de tomar posse do seu novo cargo, fundou a bibliotheca publica, e tomou as convenientes disposições para instituir vastos estudos ecclesias-

ticos e litterarios para instrucção da mocidade transtagana.

De Beja havia trazido, com a melhor parte dos livros que possuia, os objectos mais preciosos das suas collecções, deixando, porém, n'aquella cidade, por causa das difficuldades do transporte, quasi todas as pedras que estavam na egreja de S. Sisenando. Annexado o museu á bibliotheca, e tencionando ampliar o edificio, com pequena capacidade para as numerosas collecções, reservava talvez para então mandar vir as antiguidades que deixára em Beja. Os successos calamitosos dos annos que se seguiram não só obstaram a que pozesse em execução estes grandes planos, mas tambem fizeram logar ao roubo dos objectos de oiro e prata que se conservavam na bibliotheca. Do antigo museu de Beja, comprehendendo n'esta denominação tanto a collecção da egreja de S. Sisenando como as que enriqueciam a residencia episcopal, perdeu-se, pois, uma parte em 1808, ficou outra parte n'aquella cidade, e conservou-se o restante na bibliotheca. O que a invasão franceza não deixou fazer ao diligente e benemerito collector (referimo-nos á ampliação do edificio e ao transporte das lapidas) tel-o-hia feito de certo algum dos nossos governos, se de alguma vez se attendesse a necessidade dos melhoramentos moraes e a influencia das artes na civilisação.

O resultado de tamanha incuria foi perderem-se tambem quasi todas as pedras que haviam ficado em Beja, e que não seriam menos de cem, pois apenas vieram para Evora umas doze, pouco mais ou menos. De tantas reliquias que o illustrado Cenaculo ajuntou com grande diligencia, trabalho e despeza; de tantos monumentos que serviriam para elucidar muitos pontos da historia anterior e posterior á fundação da monarchia, conservam-se em Beja sómente *dez* pedras, que talvez dentro em pouco desapparecerão, como as outras, embebidas nas paredes de algum curral ou transformadas em degraus de algum palheiro!

Ha vinte e seis annos, pouco mais ou menos, tendo de se destinar a egreja de S. Sisenando para eschola normal, foram as lapidas, ainda em grande quantidade, trasladadas para a egreja incompleta dos jesuitas. D'ahi, por falta de resguardo, as tem tirado pouco e pouco, deixando apenas as mais pesadas [1].

Felizmente, porém, D. Fr. Manuel do Cenaculo, que em muitas coisas se avantajou á presente geração, previu, segundo parece, o desleixo e a ignorancia que haviam de anniquilar a sua obra, e perpetuou no papel o que na pedra não póde resistir áquelles elementos destruidores. Mandou desenhar com fidelidade cento e vinte e duas lapidas do museu, e juntar a estes desenhos as medidas exactas das dimensões de cada objecto, e a indicação dos logares em que muitos foram encontrados. Conserva-se na bibliotheca de Evora esta curiosa collecção, que, juntamente com as peças restantes do museu, nos habilita para começar hoje no *Archivo* a publicação das gravuras e noticias das antiguidades mais curiosas.

Damos o primeiro logar a um fragmento de uma lampada romana que se guarda n'aquelle estabelecimento, e foi achado no seculo XVIII na Troia, junto de Setubal. Este fragmento de barro vermelho, muito similhante ao de Estremoz, prova-nos o grau de perfeição a que na ceramica, bem como n'outras artes, haviam chegado os romanos na peninsula. A uva agigantada que duas figuras humanas sustentam nos hombros era o emblema do culto de Baccho.

A. Filippe Simões.

[1] S. Sisenando viveu no seculo IX da era christã. A historia d'este martyr, escripta por Eulogio, seu contemporaneo, foi reproduzida por Morales e divulgada por mestre Manuel Feo, prior da egreja do Salvador de Beja. Por diligencia d'este sacerdote se instituiu em 1598 n'aquella cidade a confraria do S. Sisenando.

Em 1652 se lançou a primeira pedra da egreja que para este santo se edificou em a rua Cega, na propria casa em que era tradição ter residido. No mesmo seculo XVII foram estabelecer-se em Beja os jesuitas, a quem a irmandade fez doação da sua egreja e fazenda. E no anno de 1693 a rainha Maria Sophia lhes consignou a pensão annual de dois mil cruzados para os applicarem nas obras do novo collegio. Expulsa, porém, do reino a ordem de Jesus em 1759, não se acabaram as obras nem do collegio nem da egreja, onde hoje se conservam, ou, antes, se perdem as ultimas lapidas do museu Sisenando.

O WALI DE SANTAREM

(Vid. pag. 54)

IV

O FESTIM

Tinham passado alguns dias depois do sarau dos paços de Coimbra, e ainda nenhuma cidade tomada, nenhum castello incendiado assignalára o cumprimento das promessas de Affonso Henriques. Santarem, a formosa, continuava a reclinar-se indolentemente na sua collina á beira do Tejo, e os atalayas immoveis nos adarves dos castellos, não vendo scintillar no horisonte para o lado da serra de Albardos o ferro das lanças christãs, encostavam-se descuidosos á muralha, e ficavam-se a contemplar as aguas palreiras do rio que lá em baixo deslisava.

O wali Abu-Zakaria, confiado na fortaleza dos seus muros e na fama do seu nome, conservava a cimitarra na curva bainha, e entregava-se ás voluptuosas diversões, reminiscencias da sumptuosa corte dos emires de Kordova, que elle tanto folgava de recordar. Vendo o civilisado imperio do Andaluz dilacerado de uma banda pelos rudes christãos, da outra pelos barbaros africanos, o wali de Santarem conservava-se no seu isolamento e considerava-se como o ultimo arabe. Um só dos walis das tres provincias de Belatha, Al-Kasar e Al-Faghar, que constituiam o Al-Gharb, já tão cerceado pela espada de Affonso Henriques, um só d'esses walis partilhava as suas idéas e lhe merecia confiança: era o wali de Lisboa, ou Medina Alisbona, como os arabes diziam. Ambos collocados nas fronteiras septentrionaes do imperio musulmano, ambos protegidos contra os christãos pelas fortes muralhas dos seus castellos, contra os seus correligionarios pela ampla barreira do Tejo, tinham formado entre si como que uma tacita alliança, e tinham jurado fazer sempre tremular nas suas fortalezas a bandeira immaculada do crescente.

Laços mais fortes estavam n'essa occasião para ligar os dois chefes. O filho do wali de Lisboa, Ahmed-Ibn-Abdallah, seduzido pela fama da belleza de Zuleyma, a filha de Abu-Zakaria, quizera desposal-a, e Abu-Zakaria acceitára com jubilo a proposta; assim, Zuleyma estava n'essa occasião em vesperas de ir ser a rainha do harem de Ahmed.

O joven filho do wali de Lisboa está n'essa occasião em Santarem, e o wali d'esta cidade, em honra d'elle, reune em torno da mesa do banquete o seu wasir, os seus khatibes, e os seus cadis e al-kaides. É ao cair da noite que o banquete começa, contra o costume arabe, que marcava para o jantar a hora do meio-dia; mas o wali e o seu hospede haviam partido n'essa manhã para a caça, e, arrastados pelo enthusiasmo da diversão fragueira, só tinham voltado ao declinar da tarde.

Na sala do festim estão já agrupados os khatibes e os cadis, cuja physionomia revela a fome que os anceia. Pouco dados, pelos seus pacificos misteres de secretarios e juizes, ao divertimento montesino da caça, tinham ficado na cidade, e tinham visto correr as horas sem que o jantar apparecesse; por isso todos os labios se desfranziram n'um sorriso de jubilo quando o velho Abu-Zakaria e o seu joven e elegante hospede appareceram á porta do aposento.

Logo todos, como bons musulmanos, trataram de se ir purificar nas fontes de ablução dispostas ao longo

das paredes da sala, e, depois de se perfumarem com agua de essencia de rosas, dirigiram-se para a mesa. Esta, de precioso ebano ricamente marchetado, elevava-se apenas alguns palmos acima do chão alcatifado e juncado de flores; mas em torno coxins de seda, collocados a alguma distancia uns dos outros, esperavam os convivas, que se sentaram cruzando as pernas á moda oriental.

Como o crepusculo ia cada vez declinando mais, e a noite já projectava as suas vastas sombras na sala do banquete, vieram escravos suspender do tecto innumeras lampadas de oiro, cuja luz intensa alegrou de subito a ampla quadra, e, repellindo para os cantos do aposento as trevas não, mas a penumbra vaga, deu um vivido realce ao panorama brilhante que apresentava a mesa rodeada dos convidados, todos vestidos com os esplendidos trajos moiriscos, e cingindo cimitarras e punhaes ornados de pedras preciosas, que scintillavam como outras tantas estrellas em volta da mesa oblonga.

Começou o jantar, servido com toda a sumptuosidade e toda a elegancia da velha gastronomia arabe. Além das succulentas viandas, e dos saborosos peixes do rio e do Oceano, que vinham para satisfazer a fome dos convivas, dos variegados pasteis que lhes acariciavam o paladar voluptuario, outros pratos appareceram que deviam servir mais para prazer dos olhos do que para regalo do estomago. Entravam n'esta conta os passaros de plumagem brilhante, servidos, taes como se estivessem vivos, em pratos de oiro e prata. Os vasos de arroz cozido em leite, que os arabes misturavam com todos os manjares, circulavam, por mãos de escravos, em torno da mesa, e, apesar do Koran, os vinhos não faltavam. É verdade que os arabes, com uma subtileza digna de theologos christãos, para se conformarem com o preceito de Mahomet, que prohibe o vinho tinto, a que chamam *ghamar*, só bebiam *sahbá*, quer dizer, vinho branco.

N'uns a fadiga da caça, n'outros a fadiga da espera, tinham despertado bastante o appetite para que não se pensasse em conversação antes da sobremesa. Chegou ella em fim: frutas do novo anno em cestas de prata lavrada, doces magnificos em vasos sumptuosos; juntamente com a sobremesa vieram graciosas amphoras cheias de mais preciosos vinhos, e taças tambem mais ricas. Era a occasião dos brindes; Abu-Zakaria fez uma saude ao invencivel wali de Lisboa, Abdallah-Ibn-Mondhir-Ibn-Said-Ibn-Alhasan-Ibn-Muhamad, e a seu filho, o heroico Ahmed-Ibn-Abdallah, cuja espada era já o terror dos christãos.

Os convivas acompanharam o brinde erguendo-se, e logo depois fizeram razão ao seu nobre hospede, que propoz uma saude ao wali de Santarem e a sua filha Zuleyma, a perola do Tejo, a rosa orvalhada das campinas de Belatha, a radiante estrella do Al-Gharb.

Depois das saudes, a conversação, até ali languida, animou-se, ao passo que de um aposento proximo vozes suavissimas de escravas christãs, combinando-se com as melodias dos instrumentos moiriscos, vieram deleitar os ouvidos dos convidados.

O assumpto da palestra foi primeiro um collar precioso de oiro, perolas e diamantes que Ahmed-Ibn-Abdallah tencionava offerecer a Zuleyma. O collar circulou á roda da mesa; todos elogiaram ou a riqueza do presente, ou a galanteria do presenteador. Quando chegou, porém, ás mãos do wasir de Santarem, velho guerreiro encanecido nas luctas desastrosas com os christãos, que tinham assignalado o recente periodo do dominio arabe na peninsula, o wasir meneou a cabeça com desdem, e não póde deixar de dizer que uma joia tão rica melhor estaria no thesouro de Alisbona, onde seria recurso precioso nas circunstancias apuradas em que talvez não tardariam a ver-se.

Ahmed-Ibn-Abdallah escutou-o com um sorriso, e redarguiu depois:

— Nobre wasir, essas pedras que te deslumbram tem mais valia pela raridade do que pelo proprio esplendor; como podem ellas comparar-se com a perola humana que o mesmo Deus creou, e a quem deu vida e animação? Estas joias só nos encantam os olhos; Zuleyma encanta os olhos e os ouvidos, delicia o espirito e o coração; é dever meu, se possuo diamantes e perolas, enrolal-os como grinalda de gentis escravos em torno do pescoço alabastrino d'aquella maravilha do occidente.

Todos applaudiram os engenhosos conceitos do joven Ahmed, e Abu-Zakaria disse, evidentemente lisonjeado:

— Ahmed, os teus olhos na peleja tem o scintillar do relampago, e os teus labios no banquete exhalam o perfume das rosas da poesia. Ibn-Xamri, continuou voltando-se para o seu poeta predilecto, não merecem estes pensamentos ser engastados como perolas no collar de oiro dos teus versos?

Ibn-Xamri inclinou-se sorrindo, e chamou um escravo, que lhe trouxe o alaúde. Abrindo o melodioso instrumento com uma chavinha de oiro, descantou os seguintes versos:

Junta ao collar maior brilho
quem excede em resplendor
a lua e o sol confundindo
seu brando e ardente fulgor.
Creou-te um sôpro do Eterno;
vences, formosa sem par,
os diamantes e as per'las
da terra e do vasto mar!

Os applausos soaram em torno da mesa, e Ahmed, inclinando-se com cortezia, accrescentou:

— O incenso tem só fragrancia quando, caíndo no fogo que arde em cassoletas de prata, se transforma em aromatico fumo; assim o fogo do teu espirito deu perfume aos meus pensamentos. Não para que haja entre nós certame poetico, porque já te cedo a palma, porém para que seja mais digna de ti a minha resposta, proferindo-a na tua lingua harmoniosa, concede-me, doce emir dos reinos da phantasia, que eu profane por um momento o teu divino alaúde.

Abdallah-Ibn-Xamri apressou-se a passar ao filho do wali de Lisboa o seu instrumento de oiro, e Ahmed, reclinando um pouco para traz a fronte coroada de negros cabellos apertados por uma pequena faxa de seda verde ornada com a meia lua, e scintillando-lhe nos olhos negros e realmente formosos o fogo da inspiração, descantou com voz melodiosa, ao som do alaúde, a seguinte poesia:

Illumina os pensamentos
o teu verso deslumbrante,
bem como as sombras da noite
dissipa a aurora radiante.
Insinua-se em noss'alma
sua harmonia tão pura;
bem como a graça e beldade
da formosa creatura,
que os olhos nos arrebata
e enfeitiça o coração.
Meu coração e meus olhos,
se meus todavia são
desde que vi a Zuleyma,
quizera-os ir engastar
entre as perolas e o oiro
do seu formoso collar.

De novo brotaram os applausos unanimes e sinceros. A noite ia já alta, e os convivas, deliciados

com aquelles recreios do espirito, que sempre tanto deleitaram a raça arabe, nem pensavam em retirar-se. Os perfumes que enchiam o aposento faziam suavissima a atmosphera; nos copos scintillavam os topazios dos vinhos generosos; nas corbelhas de prata, ainda em cima da mesa, as laranjas de Tanger e os limões doces de Fez encantavam tambem o olfacto com a fragrancia que exhalavam da casca aromatica. Abu-Zakaria, todo entregue a essas doces voluptuosidades do espirito e dos sentidos, julgava-se transportado a Medina Azzahrat, a residencia predilecta de Abd-er-Rahman III, o grande homem da dynastia dos Ommyadas, e pensava assistir a esses sumptuosos banquetes, em que o proprio kalifa, seu filho El-Hakem e os grandes poetas da corte kordoveza encantavam os convivas com as melodias dos seus versos conceituosos. Só o wasir, guerreiro costumado apenas ás algaras das fronteiras, parecia estar inquieto e preoccupado. Ouvira fallar vagamente em movimentos christãos, e na noite antecedente houvera um eclipse da lua, o que lhe fizera presentir grandes desgraças, como a bom e supersticioso musulmano que elle era.

— No tempo do emir Abdallah, exclamava entretanto o wali de Santarem Abu-Zakaria, houve um cavalleiro, por nome Sadi-Ibn-Suleyman-Ibn-Gudi, de quem se disse que reuniu em si as dez prendas requeridas para homens de linhagem esclarecida — bondade, valentia, cavallaria, gentileza, poesia, bem fallar, força, destreza na lança, na espada e no atirar do arco. De ti, Ahmed-Ibn-Abdallah, podêmos dizer o mesmo, porque és realmente a perola da cavallaria do Al-Gharb. Ah! se me fosse dado ver ainda erguido o solio dos kalifas de Kordova, desejaria tambem ver-te sentado n'elle, porque és em tudo um verdadeiro filho dos Meruan; como elles, és heroico nas pugnas, prudente nos conselhos, e na tua phantasia accesa desabrocham, como no solo ardente da Syria, as flores mais perfumadas.

— Senhor, dizia-lhe ao ouvido o prudente wasir, os forenicos trouxeram novas de que se dizia para as bandas da fronteira que havia movimento de cavalleiros em torno de Coimbra. Bom serla que ao romper d'alva podessem os nossos almogavares ir bater o campo.

— Deixa-os, Muhamad-Ibn-Musa, deixa-os, redarguiu Abu-Zakaria em voz alta, deixa-os virem saltearnos as terras, que terão de largar, segundo o nosso velho proverbio, a preza pela volta. Se aquelles falcões mansos se atrevem a vir procurar a aguia no seu ninho, sentirão as garras da ave-rainha.

As reminiscencias da corte kordoveza, e talvez tambem os fumos do *sahbá* e de outros vinhos mais generosos, tinham exaltado até á loucura o orgulho de Abu-Zakaria. Affonso Henriques já era para elle apenas um falcão domesticado!

O wasir meneou a cabeça como quem se não dava por convencido. Abu-Zakaria continuou, voltando-se para o seu poeta:

— A noite vae alta, a lua já afogou no horisonte o seu disco rutilante, e não tardará que apenas brilhe no ceo a estrella d'alva precursora da luz. Ibn-Xamri, antes que nos separemos, transporta-nos aos tempos felizes da dynastia ommyada, cantando-nos alguns dos versos do grande kalifa Abd-er-Rahman Annasir.

Sem motivo algum, começava a reinar uma certa tristeza na assembléa. As conversações tinham esmorecido, e uma tal ou qual somnolencia pesava sobre os convivas. Ibn-Xamri, comtudo, afinou o alaúde, e procurou na memoria alguns dos versos do celebre kalifa. Por fatalidade, logo lhe lembraram os mais tristes que elle compoz, e que são os que principiam:

Como suspirar não ha de?

O cantor cedeu á tristeza de que estava impregnada a poesia, e foi com lagrimas na voz que entoou os ultimos versos:

O matiz das minhas rosas
dissipou-se com martyrios;
receio que o vento iroso
venha murchar os meus lyrios.

Meus claros dias passaram;
chega a noite tenebrosa,
que nunca será rendida
pela aurora radiosa [1].»

Quando terminou, uma corda do alaúde partiu-se, soltando uma vibração dolorosa que fez estremecer os convivas.

As luzes mesmo parecia esmorecerem e derramarem sobre a mesa um clarão mais frouxo, que projectava no chão sombras vagas e phantasticas.

Subito um grito longinquo, agudo, vibrante, resoou nos ares e veiu expirar nos ouvidos dos nobres moiros, ha pouco tão festivos, agora silenciosos e tristes.

Instinctivamente levantaram-se todos, e pozeram o ouvido á escuta. Os mais denodados estavam pallidos, e mãos heroicas houve que tremeram poisando-se no punho das cimitarras.

Um outro grito, mas agora abafado e doloroso, veiu de novo expirar como um tenue murmurio nos ouvidos dos hospedes do wali.

— O que é isto? perguntou Abu-Zakaria dando um passo para a porta.

Mas no mesmo instante a porta abriu-se, e um escravo appareceu, pallido e convulso, soltando logo do limiar o terrivel grito:

— Os nazarenos!

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

Oh! quanta verdade é que a figura d'este mundo sempre está passando, e nós com ella... Olha em especial para os povoados, porque o mundo são os homens. Tudo está fervendo em movimentos que acabam e começam: uns a sair dos ventres das mães, outros a entrar no ventre das sepulturas; aquelles cantam, d'alli a pouco choram; est'outros choram, d'alli a pouco cantam; aqui se está enfeitando um vivo, parede meia estão amortalhando um defuncto; aqui contratam, acolá distratam; aqui conversam, acolá brigam; aqui estão á mesa rindo e fartando-se, acolá estão no leito gemendo o que riram e sangrando-se do que comeram. D'aquella porta para dentro ouvem a palavra de Deus, d'ella para fóra apupam os que passam e dão-lhe vaia. Lá vae um no seu coche com os pés sobre téla e veludo, atraz das rodas vae um pobre nú e descalço. E que turba-multa é aquella que vae cobrindo os campos de armas e carruagens? É um exercito que vae a uma de duas coisas: ou morrer ou matar. E sobre quê? Sobre que dois palmos de terra são de cá e não são de lá. E que arvores são aquellas que vão voando pelas ondas com azas de panno? São navios que vão buscar muito longe coisas que piquem a lingua para comer mais, coisas que afaguem a pelle, coisas que alegrem os olhos, isto é, especies, sedas, oiro, etc.

Olhae o tráfego! tudo ferve, tudo se muda por instantes. Se divertires os olhos, d'alli a nada tudo achareis virado. O rico já é pobre, o mecanico já é fidalgo, o moço já é velho, o são já é enfermo, e o homem já é cinzas. Já são outras cidades, outras ruas, outra linguagem, outros trajos, outras leis, outros homens... Tudo passa!

[1] Esta ultima quadra vem no magnifico (mas infelizmente incompleto) romance do sr. A. de Oliveira Marreca, o *Conde soberano de Castella*. Aproveitei-a, porque não podia traduzil-a mais fielmente do que está. A outra quadra e todas as outras poesias arabes que figuram n'este romancinho são vertidas da traducção hespanhola de D. José Antonio Condo na sua *Historia de la dominacion de los arabes*.



Porta principal da egreja parochial de S. Julião, em Setubal

A antiga villa, hoje cidade, de Setubal foi fortificada por el-rei D. Affonso IV, que lhe mandou fazer uma boa cêrca de muros com cinco portas e nove postigos. No decurso do tempo, não cabendo dentro do cinto de pedra que a apertava, estendeu-se por fóra d'elle, formando dois arrabaldes, com o nome de *Palhaes* ou *Fontainhas*, e *Troino*. Continuando o tempo a correr, em parte as convulsões do solo, em parte o progressivo desenvolvimento da população, foram lançando por terra, pouco a pouco, a velha cêrca de D. Affonso IV. Então os dois arrabaldes, unindo-se á villa, tomaram a denominação de bairros. Assim ficou Setubal com quatro parochias, duas nos seus novos bairros, e as outras duas no bairro da villa, comprehendido dentro do antigo recinto murado.

Estas são dedicadas a S. Julião e a Santa Maria da Graça. É de tão remota data a instituição de ambas, que, por falta absoluta de documentos que a declarem e comprovem, disputam ancianidade uma á outra. E, não obstante ser dado á de Santa Maria da Graça o titulo de matriz, a parochia de S. Julião disputou-lhe por largos annos essa honra, e se a final desistiu, foi mediante um accordo, pelo qual consentiu aquella em repartir com esta uma das prerogativas de matriz que geralmente mais se apreciam. Consistia, pois, o accordo em que saísse a procissão do Corpo de Deus alternativamente, um anno da egreja de Santa Maria da Graça, e outro anno da egreja de S. Julião.

Parece que a parochia de S. Julião teve principio em uma capella edificada pelos pescadores, e por elles dedicada ao mesmo santo.

Não sabemos que reedificações teve a referida ca-

pella, depois de ser erigida em parochia, até aos fins do seculo XV. N'esta epocha, porém, ou por se achar muito deteriorado, ou por ser o edificio de fabrica mesquinha, procedeu-se a uma reconstrucção completa do templo, nos ultimos annos do reinado de D. João II, ou reinando já el-rei D. Manuel.

Conservou-se a nova egreja em bom estado por dois seculos e meio. Sobrevindo, porém, o terremoto do 1.° de novembro de 1755, posto que a não lançou por terra, causou-lhe bastante estrago, sendo o maior deixar-lhe as paredes por tal modo fendidas e desaprumadas, que, ao cabo de alguns annos, ameaçando ruina, foi necessario demolil-a quasi inteiramente para se reedificar de novo.

Setubal padecêra tão grande destruição com aquelle cataclysmo, que por muito tempo escassearam os braços para a levantar das ruinas, sendo forçoso acudir primeiro ao que mais urgia de promptas providencias, como era reconstruir ou reparar a casaria da villa, para que regressasse a seus lares a população, que, fugindo espavorida na occasião do sinistro, ficára vivendo, pela maior parte, com grande incommodo e mal resguardada do tempo, em barracas de lona ou de madeira, armadas por ordem do governo nos arredores de Setubal. Por este motivo é que houve tanta demora nas obras da egreja de S. Julião, que só se emprehenderam no reinado da rainha D. Maria I.

Está situada esta egreja na praça do Sapal e é contigua ao edificio que foi palacio dos duques de Aveiro, o qual tinha tribuna para o dito templo, onde os illustres descendentes de D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra, costumavam assistir ao officio divino e mais festividades da parochia, quando habitavam temporariamente aquelles seus paços. Esta circunstancia de terem estes fidalgos tribuna para dentro da egreja mostra que foram, certamente, bemfeitores d'ella. Cremos que, além de largas esmolas com que concorreram para as solemnidades religiosas, e da doação de algumas alfaias preciosas, que se perderam ou desencaminharam por occasião do mencionado terremoto, fôra feita, ou pelo menos renovada, a expensas dos duques de Aveiro a obra de talha doirada da capella-mór da egreja.

Da reedificação de D. João II ou del-rei D. Manuel apenas resta uma memoria artistica, que é o rico portal do templo, representado em a gravura que juntámos a este artigo, copiada de uma photographia.

Dispensa-nos da descripção a gravura por estar muito exacta e perfeita, assim como nos dispensaria o portico de declararmos a epocha em que foi fabricado. Aquella architectura caprichosa, em que estão misturados os estilos gothico e arabe com alguma ornamentação colhida no estilo da renascença, denuncia claramente o ultimo periodo da architectura gothica, o periodo da transição da arte gothica para a do renascimento, que em o nosso paiz corresponde aos fins do seculo XV e primeiro quartel do seculo XVI, abrangendo os reinados de D. João II e de D. Manuel.

Se o escudo que se vê sobre o portal tem esculpido um pelicano, como se nos afigura, e o que não podémos agora verificar, foi el-rei D. João II o reedificador, pois que o pelicano, alimentando os filhos com o seu proprio sangue, era a divisa ou emblema que D. João II escolhêra para com ella designar o amor e dedicação que tinha para com os seus subditos.

Nos edificios erigidos por el-rei D. Manuel, ou construidos com algum auxilio seu, sempre se lhes punha a cruz da ordem de Christo e as espheras armillares, conhecidas divisas d'este monarcha. Na porta de S. Julião não se vêem similhantes emblemas do seu mestrado d'aquella ordem de cavallaria, e das descobertas e conquistas feitas por sua ordem nas diversas partes do globo. Entretanto, é possivel que as tivesse collocado o architecto em outra parte da frontaria que se demoliu para se levar a effeito esta ultima reconstrucção. Em todo o caso, diremos que este portal póde ser attribuido, sem anachronismo da arte, a el-rei D. João II ou a el-rei D. Manuel.

O resto da fachada é simples e sem belleza, desdizendo completamente da architectura do portico, como tambem da sua elegancia e riqueza.

O templo interiormente é dividido em tres naves, com oito capellas, além da principal. Afóra a obra de talha relevada e doirada, que adorna as suas capellas, reina por todo elle a maior singeleza.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

(Vid. pag. 11)

II

AVENTURAS DE UM CARANGUEJO

I

O individuo de quem vou escrever a amargurada vida pertence a uma raça de infelizes, antipathicos ao genero humano.

A sua figura desengraçada, o seu andar atravessado, o seu ar de desconfiança, a sua timidez e os seus gestos bruscos e arrebatados, mereceram-lhe injustamente o desprezo dos outros entes. Não bastava que a natureza o desherdasse das perfeições physicas e o privasse de um animo valoroso, tão necessario á sua existencia aventurosa; ainda, por cumulo de sua infeliz sorte, sobrecarrega-o o homem com os seus desdens e epigrammas!

É movido por um sentimento de piedade e pela sympathia que me inspiram os grandes infortunios, que vou tentar, não direi a rehabilitação da especie, mas adquirir para ella uma pouca de compaixão das almas generosas.

II

Nasceu o triste de quem traço a biographia nas profundas fendas de um dos rochedos que povoam as praias da Povoa de Varzim. Sua mãe tinha-o apenas deposto no berço com um sem numero de irmãos, quando uma vaga, subindo furiosa pelos intersticios do penedo, espedaçou o pae contra o duro granito da propria habitação, e arrebatou a turba recem-nascida para os abysmos do Oceano! Pensava com razão um patriarcha dos caranguejos, cuja vida se tinha alongado por espaço de cinco gerações, que não havia memoria nas passadas eras de uma devastação similhante!

O meu heroe, arrancado assim subitamente, no começo da sua primeira aurora, ás doces e serenas alegrias da familia, foi levado nos turbilhões das vagas até ficar em sêcco n'uma praia barbara e inhospita, onde os seus irmãos tinham perecido aos milhares, por effeito do cataclysmo. Achando-se sem forças para procurar a subsistencia, e sem abrigo contra os perigos da noite, que se aproximava; vendo as suas tenras antennas meio quebradas pelo furor das ondas, sentindo os olhos pisados, e mal podendo supportar o brilho do sol no occaso, o misero desejou e esperou a morte com a consciencia da sua fraqueza e com a doce ignorancia dos que não tem alma para aspirar a um mundo melhor.

III

N'esta triste situação, e todo entregue a desanimadoras reflexões, occorreu-lhe que na hora em que nascêra, e pouco antes da terrivel catastrophe que o privára dos maternaes afagos, recebêra sua mãe a visita de um elegante caranguejo, e quando seu pae se aproximára o visitante se escondêra enterrando-se na areia.

Sem edade nem juizo para tirar corollarios de um successo tão natural, tentou tirar partido d'essa vaga recordação, e, depois de dolorosos esforços, conseguiu abrir uma toca supportavel para passar a noite.

Deitou-se, pois, e adormeceu com o profundo somno da innocencia.

IV

Apenas cerrou os olhos teve um sonho — uma visão que lhe pareceu um poema immenso e indecifravel. Viu pela primeira vez esses colossos enormes que nas memorias da sua nação se chamam homens, e sentiu-se gelado de terror calculando que cada um d'aquelles monstros seria capaz, pela sua grandeza e voracidade, de comer de uma só vez toda uma geração de caranguejos com cascas e tripas! Notou com admiração crescente que esses individuos, apesar da sua estatura agigantada, se chamavam uns aos outros caranguejos; e que o caranguejo tinha chegado entre as raças humanas a ser tomado como symbolo de partidos politicos ou de nações inteiras; que, sob o titulo de *retrocesso* ou *retrogrado*, attingíra tal força como entidade, que se atrevia a arcar com o progresso e com os progressistas todos!

Pasmado com estes conhecimentos, que eram ignorados por todos os da sua especie, quiz investigar a causa d'elles, e, sempre sonhando, mergulhou o seu espirito nos abysmos do passado.

Depois de longo exame reconheceu que toda a sciencia, todo o movimento intelligente residíra, desde todo o sempre, no trazeiro dos individuos ou das coisas. Os instrumentos agrarios, que lavram e tornam productiva a terra que sustenta o homem, guiam-se todos pelo posterior; os navios, que pelos gloriosos descobrimentos pozeram o mundo todo em communicação, governam-se pelo leme, collocado na pôpa; os papagaios de papel, pelo rabo, para se poderem suster no ar; e como elles, todas as aves e todos os peixes; a artilheria e todas as armas de fogo, embora vomitem pela boca os estragos funestos que todos conhecem, é para traz que dão o coice; a espada não fere por si, é pela mão que a impunha; para as bestas andarem bate-se-lhes por traz, e até ás vezes se lhes torce o rabo, ou se lhes puxa por elle para as endireitar; e a não ser a ignorancia e desperdicio dos primeiros homens, o cavallo não se governaria pela boca, mas sim por essa pega natural que a natureza sollcita lhe poz entre as ancas; e, finalmente, é ainda pelo posterior que se operam as revoluções mais salutares na economia animal.

Em vista, pois, do que fica dito e demonstrado, explicou o infantil caranguejo a si proprio a razão por que os da sua especie andam para traz, procurando, com uma prudencia digna do maior respeito, as origens de toda a sciencia, e ensoberbeceu-se provisoriamente por esse facto.

(Continúa) F. Gomes de Amorim.

EVORA

EGREJA E CONVENTO DE S. FRANCISCO

(Conclusão. Vid. pag. 63)

XII

Por cima da porta principal, da parte de fóra, e tambem dentro, no alto do cruzeiro, estão as armas reaes entre o pelicano e a esphera, pelo que pretendem alguns que a reedificação do templo foi começada por el-rei D. João II e concluida por D. Manuel [1].

[1] No portal do hospital de Todos os Santos, em Lisboa, havia tambem os dois emblemas, por ter sido este edificio começado por D. João II e concluido por D. Manuel. Vid. vol. IV, pag. 213.

Em logar nenhum do edificio apparece a data da construcção ou o nome do architecto. Entretanto, o conde de Raczynski menciona em o seu *Diccionario historico-artistico de Portugal* uma communicação que lhe foi feita pelo visconde de Juromenha, d'onde consta haver sido Martim Lourenço o mestre das obras de S. Francisco. Assim o designam alguns alvarás del-rei D. Manuel, que em 1507 e 1512 ordenava que lhe pagassem os salarios, em 1513 nomeava-o mestre das obras reaes e outras da cidade de Evora, e n'este mesmo anno lhe mandava dar os utensilios necessarios para edificar o dormitorio do convento.

Segundo uma tradição que se conserva na cidade e alguns escriptores repetiram, o architecto, depois de levantar as paredes, fugiu, e só passados dez annos voltou para concluir as obras. É provavel que o tempo que levaria a consolidar o esqueleto da egreja désse origem a esta fabula.

XIII

Á direita de quem entra no templo, na primeira capella, está, em grande parte occultado pelo retabulo de madeira, um tumulo muito antigo e de estranho lavor. Tem no tôpo as armas dos Cogominhos, na frente as imagens dos apostolos, e em cima, deitada, a figura gigantesca d'aquelle cujos restos encerra. Por cima dos apostolos e das armas lê-se a seguinte inscripção:

«Aqui jaz o muito honrado Fernão Gonçalves Cogominho, senhor que foi das villas de Aguiar e Oriolla, instituidor do morgado da Torre dos Coelheiros, fidalgo del-rei D. Affonso o quarto. Falleceu na era de 1364 annos.»

O tumulo é de marmore branco e assenta sobre leões do mesmo, assaz emplastrados de rebôco e talvez em partes mutilados. Os amadores dos preciosos restos da antiga esculptura portugueza lamentam que este se não ache mais bem conservado, e mais limpo e desobstruido do pó, da madeira e da cal que o encobrem.

XIV

Jazem pelo chão das capellas e da nave muitas campas com seus letreiros. Algumas, segundo ouvimos, foram ha poucos annos para aqui transportadas da egreja da Graça, o que poderá induzir a graves erros quem o ignorar.

Occupava antigamente a tribuna real não pequeno espaço por cima da capella mais proxima ao cruzeiro do lado da Epistola. Porque estava arruinada e parecia de todo inutil, a taparam sem deixarem vestigios, quando se fizeram os ultimos reparos no templo.

O retabulo da capella-mór é de marmore. Mandou-o fazer no seculo passado o conego Antonio de Landim e Saude, que á sua custa reedificou tambem a enfermaria do convento em 1772. É aquella obra de pessimo gosto, destaca desagradavelmente do estilo da egreja, e mostra haver sido desenhada por quem não sabia as regras mais simples da architectura.

XV

Houve no convento de S. Francisco alguns bons quadros, attribuidos, segundo o costume, a Grão Vasco. Transportou-os em 1834 para Lisboa, por ordem do governo, o dr. Antonio Nunes de Carvalho, com os mais que colligiu nos outros conventos da cidade. Passavam de quatrocentos todos elles.

Dos melhores dos franciscanos apenas ficaram os que estão embebidos nos retabulos dos altares lateraes contiguos á capella-mór. Taes são no lado do Evangelho: S. Francisco, Santo Antonio, Santa Clara e outro santo da ordem; e no correspondente do lado da Epistola: S. Jeronymo e outro santo eremita, o

Anjo Custodio e S. Miguel, todos pintados em madeira. Este ultimo quadro representa o archanjo brandindo a espada com a mão direita, e como que acertando os golpes a uma nuvem que tem presa por uma cadeia na mão esquerda. A nuvem parece um borrão com que quizeram encobrir a figura do demonio, que em similhante sitio se costuma pintar.

Conta-se a este respeito uma anecdota que repetiremos aqui, apesar do anachronismo e das demais razões que a tornam inadmissivel. Morria de amores o Grão Vasco por certa dama da corte del-rei D. Manuel. Não lhe correspondia ella, antes por sua fealdade o escarnecia e desprezava. Cançado o pintor do seu inutil galanteio, transformou-se-lhe o amor em odio, e estando de uma vez na egreja a pintar o quadro de S. Miguel, como visse a dama na tribuna, zombando conforme costumava, retratou-a aos pés do santo, por que ficasse alli, feita demo, pagando suas culpas. Esteve assim o painel muitos annos, até que certo guardião do convento, lembrando-se que algumas vezes se distrahíra a contemplar as perfeições do diabo, para que isto não tornasse a succeder, mandou garabulhar a figura na fórma que se vê.

XVI

Na capella do cruzeiro, da parte da Epistola, ha uma porta, que de ordinario permanece aberta, patenteando ao publico tres casas, que largamente communicam entre si, todas subjacentes ao dormitorio. A primeira é a casa do capitulo, onde se enterravam religiosos.

A segunda serviu antigamente de capella de Santo Antonio; aqui se conserva a urna de marmore com os ossos dos fundadores, a que alludimos no principio d'este artigo.

A terceira é a casa dos ossos, notavel por seu estranho revestimento, e pela devoção e assiduidade com que o povo eborense a venera e frequenta. N'um espaço de 11ᵐ de largo e 18ᵐ,70 de comprido, á debil claridade que entra por umas pequenas frestas, não se vêem senão craneos e outros ossos humanos, que, ligados por cimento pardo, cobrem completamente as paredes e os oito pilares que sustentam a abobada.

Por cima da porta lê-se:

«Nós ossos que cá estamos
Pelos vossos esperamos [1].»

Parece que o auctor do distico pretendeu augmentar o effeito de terror e tristeza que n'este logar se experimenta, animando os ossos e dando-lhes voz para annunciarem aos vivos a idéa lugubre da morte.

Usavam alguns antigos povos collocar os ossos humanos em sitios frequentados, a fim de que os homens, pela continuação de os verem, repugnassem menos a idéa da morte, se recordassem de seu inevitavel termo, e se expozessem tambem com mais coragem aos perigos da guerra.

É possivel que estas idéas de moral e de politica movessem egualmente os frades, em epocha remota, que se não póde hoje determinar, a construir a capella dos ossos. Foram de certo mui outras as que mais tarde os levaram a pendurar n'uma parede um esqueleto com suas cartilagens, tendões e pelle resequida, o qual, segundo crêmos, ainda lá não estava no fim do seculo passado, pois descrevendo Murphy minuciosamente a capella, não fez menção de tal objecto.

Ignorâmos a razão por que hoje se conserva aquelle asqueroso ornato n'um logar tão concorrido, onde mal parece tudo o que não é conforme ás regras da decencia e do aceio.

No altar da casa dos ossos está uma imagem do Senhor dos Passos. Serve-lhe de retabulo o modelo da capella-mór da sé. Este modelo, de madeira pintada e doirada, é obra de algum merecimento, e muito digna de estar em sitio onde melhor se podesse examinar. Defende o altar uma balaustrada de madeira e de marmore que pertenceu á egreja da Graça, e bem se vê não ter sido feita para estar entre ossadas humanas.

XVII

No anno de 1834, extinctas as ordens religiosas, ficou a egreja abandonada, e assim se conservou até ao anno de 1837, em que a irmandade da ordem terceira, que tinha ha muito tempo a sua capella e casa de reuniões contiguas ao templo, pediu que lhe fossem dadas as chaves, a fim de cuidar do seu aceio e conservação, e patentear aos fieis a casa dos ossos. Em 1840 foi a egreja destinada á parochia de S. Pedro, cuja transferencia se effeituou em 28 de novembro do mesmo anno.

Todavia, como já em tempo dos frades o edificio ameaçasse ruina, progrediu o estrago a ponto de se determinar que de novo o fechassem e transferissem a parochia para a egreja do Carmo. N'esta conjuntura conseguiu o digno prior da freguezia, de accordo com a junta de parochia, espaçar a execução da ordem, e, auxiliado pelas auctoridades locaes e por alguns respeitaveis cavalheiros da cidade, promoveu uma subscripção para os reparos da egreja. Não se pouparam a esforços e diligencias os membros da commissão que para tal fim se organisou, e coube-lhes a gloria de levarem a cabo a empreza, cuja iniciativa e proseguimento mais em particular se devem áquelle digno ecclesiastico.

Produziu a subscripção a avultada quantia de réis 3:411$481; e, além d'isso, concorreu o governo de sua magestade com a subvenção de 3:000$000 réis. Começaram as obras em janeiro de 1860, e em junho de 1862 foi solemnemente restituida ao culto divino a egreja de S. Francisco. Assim, pela devoção e patriotismo dos cidadãos eborenses, se salvou da ruina o mais bello templo da cidade de Evora, e um monumento notavel da architectura nacional.

A. FILIPPE SIMÕES.

[1] O traductor da *Viagem* de Murphy verteu estes dois versos nos seguintes, que chamou francez litteral:

Tout ce qu'ici nous sommes d'os,
Lecteurs, nous attendons vos peaux.

ABDUL-AZIZ, SULTÃO DA TURQUIA

I

Um dos acontecimentos mais notaveis do anno de 1867 foi a viagem do sultão pela Europa. O mysterioso soberano, que ainda ha pouco mal se podia divisar no centro da sua propria capital, n'alguma das solemnidades do rito mahometano, e que se conservava, a maior parte do tempo, escondido na sombra venerada do serralho, saía em fim do tabernaculo, e passeiava, como simples mortal, nos Campos Elysios de Paris, no Hyde-Park de Londres, no Prater de Vienna. N'este amplo agape da civilisação moderna vinha commungar tambem o descendente do homem que a afugentára de Constantinopla, e a obrigára a ir sentar-se pallida, mas com a fronte aureolada por um reflexo da civilisação hellenica, nos lares grandiosos do Occidente. Na festa civilisadora da Europa vinha, para assim dizermos, sentar-se o ultimo barbaro, e o anjo luminoso do progresso humano cobria com as suas azas todo o continente europeu, logo que a ultima porta, que ainda se conservava cerrada, se abria de par em par, e saía por ella, para vir a seu encontro, o vulto grave e melancolico do chefe dos Osmanlis.

Este acontecimento inflammou ao ultimo ponto as imaginações occidentaes. Em primeiro logar a curiosidade fôra vivamente excitada. N'este mundo já saciado das maravilhas modernas, que o genio do homem não cessa de produzir, o sultão apparecia como o representante fiel das maravilhas do passado. O sultão na exposição universal era o sonho das *Mil e uma noites* ao lado dos prodigios da industria; era o espectro de Saladino vindo visitar os descendentes dos seus rudes adversarios; era a imagem d'essa magnificente civilisação arabe, tão deslumbrante para nossos barbaros avós, saíndo do tumulo e comparecendo no congresso da mil vezes mais esplendida civilisação moderna. Vendo-o, parecia que se divisavam em longa perspectiva todos os thesouros dos kalifas, todas as magnificencias dos bazares orientaes, tapetes de Smyrna, espadas de Damasco, caftans bordados pelas mãos das fadas, alfanges curvos com o punho engastado de



Abdul-Aziz, sultão da Turquia

perolas e diamantes, e que todos esses esplendores de uma civilisação que se immobilisou, esplendores que desmaiam perante o luxuoso panorama dos prodigios d'este seculo, vinham na pessoa d'esse principe semi-asiatico prestar homenagem ao triumphal Occidente.

O sultão, pelos frequentadores do palacio do campo de Marte, foi considerado menos como um homem do que como um documento. Se os deixassem, fal-o-hiam figurar dentro de uma *vitrine*, na secção da historia do trabalho, ao lado de um osculatorio do seculo XIII, da espada do Cid, e das pinturas iconographicas da Russia.

Para os homens politicos teve, comtudo, esta viagem do sultão uma significação diversa. Agora que a Russia, recobrada por doze annos de abstenção politica, das graves feridas de Sebastopol, apparece mais poderosa do que nunca na scena européa; agora que aos seus numerosos exercitos, ás suas potentes esquadras, aos recursos, em fim, de sessenta milhões de habitantes, junta a força moral de um principio, o panslavismo, principio falso, mas que o governo de S. Petersburgo tem sabido agitar na occasião propria; agora que, tão audaciosamente como no tempo de Catharina II, e como se os tratados de 1856 já fossem letra morta, inscreve o nome de Constantinopla na primeira pagina do seu programma de absorpção, a Europa tremente julgou ver n'esta viagem de Abdul-Aziz uma esperança de regeneração para a Turquia, um penhor dado á civilisação do Occidente, o signal, em fim, de que na communhão dos povos europeus tomava assento o povo ottomano, e de que se quebrava a linha de demarcação que por tanto tempo separára

o christianismo do islamismo, linha de demarcação que subsistia mesmo quando as exigencias da politica levavam a catholica França e a protestante Inglaterra a combaterem ao lado da musulmana Turquia contra a scismatica Russia.

Tendo nascido no dia 9 de fevereiro de 1830, e tendo subido ao throno no dia 25 de junho de 1861, o sultão Abdul-Aziz conta trinta e oito annos de edade e sete de reinado. A Europa saudou n'elle, pouco depois da sua ascensão ao solio de Othman, um reformador mais energico do que Abdul-Medjid, menos feroz do que Mahamud. Vendo-o romper audaciosamente com muitas das velhas tradições da sua patria e da sua religião; vendo-o ainda ha pouco, em 1865, ceder facilmente ás representações das potencias occidentaes, e, tendo reprimido a revolta dos maronitas na Syria, revolta capitaneada por José Karam, usar da victoria com moderação pouco habitual na sua dynastia, a Europa concebeu a esperança de ter finalmente na Turquia uma alliada que a não envergonhasse. Vendo-o em 1867 calcar resolutamente aos pés os preconceitos da sua raça, e vir elle, o chefe dos crentes, visitar a terra dos infieis nazarenos, a esperança subiu de ponto, e as acclamações do povo parisiense, os *toasts* das associações de Londres, as cortezias dos aulicos de Vienna, mostraram a Abdul-Aziz com quanto jubilo a Europa saudava na sua vinda o tremular da bandeira da civilisação sobre as restabelecidas muralhas dos baluartes, que ella considera como o unico padrasto ainda erguido contra as ambições moscowitas.

E tanto se enlevaram n'esses applausos, tanto se ensurdeceram com as suas proprias acclamações, que nem ouviram os gemidos do Epiro, da Thessalia e da Macedonia, comprimidas pelas bayonetas turcas, mas anciosas de independencia; o grito de agonia da ilha de Creta, esmagada pelo galopar dos corceis de Omer-Pachá, mas estorcendo-se no extremo arranco, e jurando aos seus irmãos hellenos luctar até á morte; nem mesmo, o que mais os devia assustar, o grito de desesperada aspiração que os slavos do imperio turco arrojaram ao imperador da Russia n'esse famigerado congresso de Moscow.

Porque eu, civilisada ou barbara, commungando na eucharistia occidental ou obstinando-se no seu isolamento, não creio na Turquia como nação européa.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 71)

VIII

Amanheceu o dia 19 propicio á solemnidade que se ia celebrar. Era um lindo dia de inverno, como os não ha mais formosos fóra d'este nosso paiz. Achando-se, pois, tudo prompto em uma e outra corte, e ambas certificadas d'isso por meio de signaes convencionados, pelas dez horas da manhã rompeu ao mesmo tempo, das baterias de Elvas e de Badajoz, a salva que annunciava a partida das familias reaes de Hespanha e de Portugal para as margens do Caia. A comitiva dos reis catholicos era numerosissima e esplendida; mas a dos nossos soberanos eclipsava inteiramente as pompas e esplendores do neto de Luiz XIV.

Vamos descrever o prestito real de D. João V. Teremos de repetir, até certo ponto, coisas já por nós descriptas n'este assumpto. Entretanto, esta descripção é essencial ao fim a que nos propozemos, e além d'isso não deixa de encerrar alguma novidade.

Na frente do cortejo ia n'um coche rico da sua casa D. Pedro Henrique de Bragança e Sousa, duque de Lafões, marquez de Arronches e conde de Miranda. Não tendo sido accordes os pareceres dos mestres de ceremonias ácerca do logar que competia no prestito real ao sobrinho del-rei D. João V, filho e herdeiro de seu irmão, D. Miguel, a quem o mesmo monarcha havia reconhecido e dado as honras que no reino se costumava conceder aos filhos bastardos dos nossos reis, deliberou-se o duque de Lafões a cortar por todas as dúvidas e difficuldades da etiqueta, tomando de seu moto proprio a dianteira da comitiva.

Após do coche do duque caminhavam quarenta coches e berlindas dos titulares, tirados a seis cavallos. Cada um d'estes trens, bem como o do duque, eram acompanhados e seguidos de numerosa criadagem com ricas librés, e de muitos cavallos á mão soberbamente ajaezados.

Seguiam-se: quinze soldados de cavallaria, commandados por um alferes; vinte e quatro trombeteiros e atabaleiros, a cavallo, vestidos de veludo encarnado, agaloado de oiro, sendo as trombetas de prata; seis cavallos de mão do duque de Cadaval, estribeiro-mór; dezeseis cavallos de mão dos infantes D. Antonio e D. Francisco, cobertos com telizes de veludo, bordados de oiro e prata; trinta e seis cavallos de mão del-rei e do principe do Brazil, ajaezados do mesmo modo; uma partida de quinze soldados de cavallaria, commandados por um tenente; doze postilhões de gabinete, fardados de panno escarlate, guarnecido de alamares de prata; tres sotas-cavallariços; dois coches com os moços da guarda-roupa dos infantes D. Antonio e D. Francisco; a berlinda do confessor e medico da rainha; a berlinda do mordomo-mór e porteiro da mesma senhora; uma berlinda com varios padres que acompanhavam a el-rei; a berlinda dos moços da guarda-roupa del-rei; a berlinda do corregedor do crime da corte e casa, e do confessor del-rei; dois coches com os camaristas dos infantes D. Antonio e D. Francisco; duas berlindas com os veadores, estribeiro-mór e mordomo-mór da princeza das Asturias; tres berlindas com os veadores, moços fidalgos e estribeiro-mór da rainha; quatro berlindas com os veadores, moços fidalgos, officiaes da casa, e estribeiro-mór e gentis-homens del-rei; dois coches de respeito dos infantes D. Antonio e D. Francisco; dois coches de respeito do principe do Brasil e da princeza das Asturias; dois coches de respeito da rainha e del-rei, precedidos dos seus estribeiros-menores a cavallo; um coche com o infante D. Antonio; outro com o infante D. Francisco; outro com a rainha e a princeza das Asturias; outro com el-rei, o principe do Brasil e o infante D. Pedro. Os coches das pessoas reaes eram puxados por quatro parelhas de urcos, e todos os outros por tres parelhas. O côche del-rei era seguido de vinte e cinco moços da estribeira, a cavallo, ricamente fardados, e de quarenta e tres moços da camara em seges. Após iam tres seges da pessoa del-rei; tres da rainha; duas do principe do Brasil e da princeza das Asturias; duas dos infantes D. Antonio e D. Francisco; uma berlinda das camareiras-móres; tres das damas de honor; tres de açafatas e moças da camara; e cento e trinta seges com mais criadagem da casa real. Cobriam este apparatoso cortejo um corpo de quinhentos soldados de cavallaria e mais quatro esquadrões.

Proximo do Caia apearam-se os quarenta e tres moços da camara e os vinte e cinco moços da estribeira, postando-se logo em alas aos lados dos coches dos soberanos. Duzentos archeiros da guarda real, que tinham sido mandados para o Caia de madrugada, vieram formar terceiras alas aos referidos coches, ás portinholas dos quaes se collocaram, a cavallo, os capitães da mesma guarda real, conde de Pombeiro e D. Francisco de Sousa, senhor da casa do Calhariz e representante da illustre familia que hoje desfructa o titulo de duque de Palmella.

Assim proseguiu o prestito até ao rio Caia, onde

estavam formadas em linha de batalha as tropas portuguezas, sob o commando dos condes d'Alva e de Aveiras, e constavam de dez regimentos de infanteria e seis de cavallaria.

IX

Entre os casos de melindrosa e difficil resolução que se deram a respeito d'estas vistas reaes, um dos que mais deu que fazer á diplomacia foi o modo por que se haviam de ver, abraçar, congratular e conversar os dois soberanos da peninsula sem que um nem o outro saísse dos seus reinos. Felizmente, depois de largas discussões, em que mui distinctos homens de estado pozeram a prova a sua sciencia e perspicacia, acertou-se com a resolução do problema. O rio Caia tem a sua origem n'uma serra, na Castella; entra depois em a nossa provincia do Alemtejo, e, correndo a lançar-se no Guadiana, ao passar entre as cidades de Elvas e de Badajoz, serve de fronteira ás duas monarchias. Decidiu-se, pois, que se construisse ahi uma ponte, e sobre ella um palacio, metade do qual ficaria dentro da demarcação hespanhola e a outra metade em dominios de Portugal.

Fez-se a obra com muita rapidez e bastante dispendio das duas coroas, encarregando-se cada uma da parte que lhe pertencia.

O palacio-ponte era uma fabrica grandiosa e magnifica, apesar de ser feita de madeira. Davam-lhe jus a esses titulos a vastidão do edificio, a sua architectura monumental, e as preciosas alfaias e tapeçarias que o adornavam interior e exteriormente. A fachada que olhava para o nosso paiz era coroada com o brazão das armas portuguezas entre duas estatuas allegoricas. A frontaria opposta terminava com o escudo das armas castelhanas entre trophéos militares. Constava este palacio de tres grandes salas: as duas das extremidades pertencentes uma a Portugal e a outra a Hespanha, e a do centro metade a cada um d'estes paizes, dando a todas muita claridade varias janellas abertas nas fachadas lateraes, que caíam sobre o rio. Subia-se para as salas de entrada por largas escadarias tapetadas e guarnecidas de balaustradas com seus vasos e figuras. As duas referidas salas estavam ricamente armadas. Á de Portugal vestiam-lhes as paredes pannos de Arrás, de subido preço, representando mui formosos quadros historicos [1]. As portas e janellas decoravam-se com cortinados e reposteiros de damasco carmesim, agaloado e franjado de oiro, e com sanefas de brocado de oiro. Estofos egualmente ricos cobriam os bofetes e as cadeiras. Sobre o pavimento estava estendida uma alcatifa da Turquia. A metade do salão central que nos pertencia achava-se guarnecida, paredes, portas e janellas, com veludo carmesim, recamado de oiro, e com brocado branco com bordadura tambem de oiro. Uma soberba alcatifa da Persia de lã, seda e oiro cobria o chão. Havia n'esta parte da sala unicamente sete cadeiras, para as sete pessoas reaes portuguezas que deviam assistir a esta solemnidade. Eram as cadeiras de obra de talha de lindo desenho e de primorosa esculptura. As del-rei e da rainha eram inteiramente doiradas, e as dos principes e infantes prateadas, sendo em todas o estofo tissú de oiro.

A metade do salão pertencente á Hespanha estava armada com tiras de brocado branco e verde, guarnecidas com galões de oiro, as quaes, fingindo pender de um grosso ramo de oiro, pregado no tecto, imitavam o interior de uma tenda real. Eram de eguaes estofos as cortinas das janellas e reposteiro da porta. N'esta parte da sala viam-se seis cadeiras de talha relevada e prateada, com assentos e costas de tissú de oiro.

Junto ás margens do Caia, proximo do palacio-ponte, construiram-se quatro elegantes tendas ou pavilhões, duas do lado de Hespanha, e duas do lado de Portugal, uma para os aparadores e serviço de copa, e a outra para os bofetes e refrescos.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] El-rei D. João V gastou sommas immensas na compra d'este genero de tapeçarias, então muito em voga pelo aperfeiçoamento a que tinham chegado. Aquelle soberano reuniu uma das mais copiosas e ricas collecções que em seu tempo se conheciam em toda a Europa. Infelizmente, a maior parte, em que se incluiam as melhores e mais custosas, foram levadas para o Brasil em novembro de 1807, por occasião da partida da familia real, e por ordem expressa do principe regente, D. João. Arrecadadas no pavimento terreo do palacio dos antigos governadores, na cidade do Rio de Janeiro, que passou a ser residencia real, alli foram destruidas, ao cabo de poucos annos, pela humidade e pelas baratas.

A FABRICA DE VIDROS DA MARINHA GRANDE [1]

(Vid. pag. 62)

III

A fabrica está bem situada. Póde-se até dizer que a sua collocação tem o que quer que seja de poetica. Por toda a parte, arvores, flores [2] e casas alvissimas. A povoação e a fabrica formam um todo harmonico, e ao vêl-as por primeira vez logo se presuppõe que uma é necessaria á existencia da outra, e que não será possivel para ambas viverem separadas. Com effeito, a vida da povoação encontra-se na fabrica, e a vida da fabrica existe na povoação.

A agradavel impressão que nos produziu a Marinha Grande quando a visitámos ha bons treze annos, augmentaria por certo hoje, pois a real fabrica, em geral, tem melhorado muito desde então, como póde verifical-o quem, observando a gravura que publicámos a pag. 45 d'este volume, cópia fiel de uma boa aguarella feita em 1866, se lembrar do que era n'aquella epocha [3]. Confessâmos com franqueza e satisfação que isso nos encantou, e tornou mais vivas as saudosas recordações do bello tempo que passámos em Leiria, de cuja cidade a Marinha Grande está distante, pouco mais ou menos, dez kilometros, atravessando um caminho mui pittoresco e deleitoso, assombrado de altos freixos, e onde se vê, não sem suave e intimo alvoroço, a junção dos rios Lena e Lis, tão cantados e engrandecidos na *Primavera* de Rodrigues Lobo [4].

Formoso rio Lis, que entre arvoredos
Ides detendo as aguas vagarosas,
Até que umas sobre outras de invejosas
Ficam cobrindo o vão d'estes penedos [5].

É o insigne cantor do Lis que nos faz assim a descripção d'estes aprazíveis sitios:

«Entre as fragosas montanhas da Lusitania, na costa occidental do mar Oceano, onde se vêem agora, com mais nobreza levantadas, as ruinas da cidade antiga de Colippo [6], ha um espaçoso sitio, partido em verdes oiteiros e graciosos valles, que a natureza com par-

[1] Para evitar errada interpretação, e completar o que se disse no capitulo antecedente, ácerca da fabrica de zuartes fundada em Coina, notaremos que essa fabrica já não existe ha muito n'aquelle sitio, e se transferiu para Sacavem, onde parece que ainda funcciona por conta dos herdeiros da sr.ª Ponchet; e por isso em vez d'estas palavras: = que se exportam = deve ler-se = que d'alli se exportaram =.

[2] Na Marinha Grande as casas são, pela maior parte, de um só andar. Em 1855 vimos, e cremos que ainda se vê, em muitas d'essas casas uns canteiros de flores aos lados da porta da entrada, o que dava á povoação singular encanto. Isto é vulgar na Inglaterra, e é de suppor que o uso fosse transplantado por Stephens, que para o melhoramento da fabrica e da povoação nada, para assim dizer, lhe esqueceu.

[3] A povoação tambem melhorou muito, não só pelo desenvolvimento que tem tido a industria do vidro, mas pelo estabelecimento da administração das mattas, da estação telegraphica, pelo augmento das lojas de venda, etc. Além d'isso, está ligada a Leiria por uma boa estrada, o que torna hoje facillima a communicação da Marinha Grande com a capital do districto.

[4] Francisco Rodrigues Lobo nasceu n'aquellas ribeiras, como elle proprio o diz:

Nas ribeiras do Lena fui nascido,
e nas do Lis guardava o manso gado.

E tambem é d'alli natural o não menos suavissimo poeta Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.

[5] *Primavera*, edição de 1774, pag. 103.

[6] Leiria.

ticulares graças povoou de arvores e de fontes, que fazem n'elle perpetua primavera, em meio do qual se levanta um monte agudo de penedia, cercado como ilha de dois rios, que pela falda vão murmurando, até que, ajuntando-se no extremo da sua altura, levam ao mar em companhia a vagarosa corrente; e assim da parte do rio Lis, que na cópia das aguas é principal, como pela do claro Lena, que, escondido entre arvoredos, faz o caminho, é cultivada a terra de muitos pastores, que n'aquelles valles e montes apascentam, passando a vida contentes com seus rebanhos, e com os fructos que a terra em abundancia lhes offerece, assim de Ceres como de Pomona; porque com a benigna inspiração do ceo e disposição da terra, não sómente são as plantas mais formosas á vista, os fructos mais saborosos ao gosto, as flores mais suaves ao cheiro e alegres aos olhos, mas ainda os penedos mais engraçados e parece que menos duros [1].»

Voltando, porém, ao assumpto principal, de que nos iamos afastando, diremos que a fabrica se acha a pouco mais de meio kilometro dos pinhaes de Leiria, e que, além de um moinho e de um armazem mais separados, os terrenos e as construcções pertencentes á mesma fabrica, como se representam na gravura citada, comprehendem-se em uma só peça, cercada de muro, e medindo a léste 553^{m},75, ao sul 453^{m}, ao oéste 652^{m},50 e ao norte 301^{m},55, o que lhe dá a fórma de um trapezio em uma área de 18 hectares [2]; mas o que alli ha mais notavel, como edificação, é o palacio que o fundador Stephens mandou construir para sua habitação quando se demorasse na Marinha Grande, e para a administração, com jardim e lago; o qual palacio, se não se recommenda pelas bellezas architectonicas, não deixa, todavia, de ser muito regular, e de boa e nobre apparencia. Depois é a casa do theatro [3], com diversas salas para concertos e bailes, que se tem alli verificado por vezes com grande esplendor.

No espaço que se destina propriamente aos labores fabris, comprehende-se o seguinte:

Um pateo, que é a entrada geral do estabelecimento, com portaria para o nascente, e onde se acham os alojamentos menores, tendo ao sul o palacio, a oéste a officina da vidraça, e ao norte a officina de cristal e as casas de habitação do contra-mestre e outros empregados.

Passada a officina de cristal, para o norte, ha um terreiro onde existe o deposito das lenhas, e que tem pelo sul a dita officina e habitações annexas; a léste uma fileira de casas abarracadas, nas quaes trabalham os carpinteiros, serralheiros, oleiros, etc.; pelo norte a officina dos cadinhos; e a oéste differentes construcções destinadas a accessorios do fabrico.

Tem regularidade e bom aspecto as officinas da vidraça, seguindo o risco do palacio, e n'isto se vê que o architecto quiz conservar em harmonia os grandes corpos d'esta vasta edificação. Estão n'este edificio os fornos para a fabricação da vidraça, e um forno para temperar os cadinhos. E no complemento d'esta officina comprehende-se o saguão a oéste; um corpo de construcções que se communicam por dois puxados ao norte e ao sul, contendo a officina de estender a vidraça, com cinco fornos independentes e isolados entre si; uma casa para seccar os cadinhos; a officina da sécca e da calcinação das materias primeiras, com caldeiras de cobre e de ferro para a refinação do salitre e da potassa do commercio; e ainda para o norte uma pequena casa com um forno para cozer tijolo refractario.

A officina do cristal é uma grande construcção composta de dois corpos unidos longitudinalmente, e com arcadas de communicação praticadas na parede commum. É de alvenaria e cantaria. Ha n'esta officina dois fornos para a fabricação do cristal, duas pequenas arcas, á parte, para cozer os cadinhos, e mais tres isoladas para temperar o vidro aprompIado nas obragens; n'uma divisão de madeira e tabique, uma casa em que se fazem as pesagens e determinam as dosagens; e no pavimento levantado sobre a mesma officina um armazem em que se aparta e acondiciona o cristal que sae para a venda ou para os depositos de Lisboa, Porto, Evora, etc.

Ha ainda annexos a esta officina dois pavimentos, um dos quaes serve para armazem geral da venda do cristal, e o outro para guardar diversos materiaes.

A officina dos cadinhos consta apenas de uma casa com algumas bancas fixas, nas quaes os operarios, andando em volta, fabricam os cadinhos á mão e a maço.

O edificio chamado *das flores* é a officina d'onde sae o trabalho da lapidação. Consta de uma sala envidraçada, tendo montados quatorze engenhos de lapidar, os quaes se movem por meio de um eixo horisontal com quinze communicações do movimento. O motor é da força de seis cavallos-vapor. A machina, que é de alta pressão, foi assente em uma casa contigua a este edificio, e a caldeira estabeleceu-se em um telheiro annexo.

Além d'estas construcções que se mencionaram, ha os estabelecimentos que o relator da commissão de inquerito chamou subsidiarios, e os quaes são: 1.° A casa da composição da vidraça, ao poente do palacio, em que dois operarios pesam e misturam as principaes materias primas da vidraça. 2.° Os telheiros que se seguem, em que se faz a lavagem das areias, a apartação e preparo do vidro quebrado, etc. 3.° A forja, convenientemente mobilada, para o serviço da fabrica. 4.° A olaria, estabelecida na fileira de casas abarracadas, de que acima se fez menção, e onde se preparam os barros para os tijolos, cadinhos, mesas de estender, etc. 5.° A carpinteria, contigua pelo sul á officina do cristal, com pavimento superior, onde não ha outra mobilia senão a que trazem os operarios que n'ella trabalham. 6.° A casa dos pisões, onde se acha estabelecido um bocardo de mineiro composto de seis pilões de madeira com sóccos de ferro fundido, pesando cada um 75 kilogrammas, e servindo de motor a agua do aqueducto por meio de uma roda. 7.° A casa do forno, sob a fórma cylindrica e com abobada de tijolo, de 14 metros de diametro interior, a que se podia dar o nome de forno colossal. 8.° A amassaria, que ainda serve para os ultimos preparos para os cadinhos. 9.° O armazem dos vidraceiros, onde se corta a vidraça. 10.° A cavallariça. 11.° O curral. 12.° Os palheiros.

Ao nascente e ao poente do palacio ainda se vêem uns telheiros sobrecellentes, que tem servido para arrecadações; e uma casa de dois pavimentos, a que chamam celleiro.

Fóra do terreno murado, a real fabrica possue tambem um bom armazem, que a administração geral das mattas destinou para as experiencias de resinagem; e um aqueducto de quasi tres kilometros, que tem abastecido copiosamente a quinta, as officinas, e um moinho de agua que vae aviar o quartzo e vidro em pó de que ha necessidade [1].

(Continúa) BRITO ARANHA.

[1] *Primavera*, pag. 2.

[2] *Relatorio*, pag. 85. — *Informações*, pag. 71.

[3] O estabelecimento do caminho americano, em frente do edificio da fabrica, para o serviço da administração das mattas, tem damnificado alguns corpos d'estas construcções; notando-se sobre todos, como mais prejudicado, o theatro, porque se acha á beira do dito caminho, como se vê na gravura.

[1] *Loc. cit.*, pag. 87 e 73.

O sr. Mousinho de Albuquerque, chefe da repartição de pesos e medidas do districto de Leiria, diz-nos nas *Informações* citadas que em 1862 o aqueducto estava bastante arruinado, e que carecia de reparos, orçados em mais de 2:400$000 réis. Não sabemos quaes os concertos que se lhe fizeram desde aquella epocha, mas podêmos assegurar que a actual empreza da real fabrica de vidros já tem feito despezas avultadas com o dito aqueducto, desentupindo os canaes e limpando as nascentes, corrigindo assim a direcção da agua, que ia escasseando por causa de frequentes desvios, sobre tudo nas propriedades visinhas.



Primeira vista da cidade da Horta

ILHA DO FAYAL — HORTA

ILHA DO PICO

Por muitas e variadas razões se recommenda á estima e estudo dos que se interessam pelas coisas de Portugal o famoso archipelago dos Açores, prodigio do poder divino, quanto á sua formação; theatro glorioso de gloriosissimas façanhas, que muito contribuiram para o engrandecimento do nome portuguez, e para a conquista da liberdade, que ora gozâmos; berço illustre de muitos varões inclitos nas letras, nas armas e nas virtudes; prova irrecusavel, pela frequencia de imponentes phenomenos geologicos, de que continúa ainda alli a natureza a sua evolução tellurica; manancial uberrimo de riqueza; theatro magestoso e nunca assaz admirado de formosura e encantos naturaes, onde os quadros da mais mimosa e louçã paizagem se alternam com os mais severos e aterradores espectaculos que ao homem é dado contemplar; monumento eterno do genio emprehendedor e da grande intelligencia do nosso infante D. Henrique, do scismador de Sagres, cujo nome durará tanto como o mundo.

Do muito que ácerca do archipelago dos Açores havia a dizer, veda-nos que tratemos a estreiteza do tempo e do espaço de que dispomos n'este semanario.

Em numerosos livros e jornaes, nossos e estranhos, encontrará o leitor curioso noticias, que lhe não damos agora, porque mesmo resumidas avultariam muito.

De presente, diremos duas palavras a respeito da cidade da Horta, fielmente representada na gravura.

Se quem ler estas linhas não tiver tido a ventura de sulcar o Oceano em demanda do Fayal; se nunca aportou áquelle abençoado torrão, nem pisou o solo da sua capital, detenha-se um pouquinho e contemple aquella vista, tão singela e tão encantadora, diremos até tão casta e convidativa.

Todos os que a sua boa estrella tem levado áquellas paragens são concordes em dizerem que não ha no archipelago açoriano cidade mais seductora e que mais esplendida perspectiva apresente ao forasteiro, cujos olhos se não fartam de lhe admirar de longe as bellezas, e cujo coração, antegozando as delicias d'aquelle paraiso jacente no meio das immensas aguas, anhela repoisar á sombra de seus copados arvoredos, e sentir palpitar junto de si os generosos corações dos que habitam aquelle éden.

Tudo alli conspira para tornar a vida feliz, e para lisonjear os sentidos e dilatar a alma que sabe comprehender o que é a poesia.

Imagine-se uma vasta bahia semeada de navios de todas as partes do mundo, que alli vão, ora para repararem as avarias que soffreram em suas rótas; ora para se abastecerem de agua e viveres, a fim de poderem demandar os portos a que se destinam; ora para se fornecerem do saboroso vinho, que abundante e opimo produz aquelle torrão, e das saborosas e refrigerantes laranjas, que, antes de serem fructos gratissimos ao paladar, foram parte de candidas e fragrantissimas flores, que embalsamaram a atmosphera entre as luzidias e sempre verdes folhas, e choveram sobre a terra, alastrando-a e formando mimoso tapete, para sobre elle passarem as elegantes habitadoras da ilha, das quaes affirma juiz competente, Paris insuspeito, que aos mais bellos dotes do espirito e do coração reunem peregrina belleza.

Ao fundo da bahia, parecendo surgir das limpidas aguas, por vezes orvalhadas por ellas, erguem-se em extensa linha habitações elegantes, limpissimas, quasi todas cercadas de alegres jardins esmeradamente cultivados.

Da circunstancia de ter cada habitação seu proprio jardim ou horta, com abundante agua para regas, borbulhando em um ou mais poços, deriva, se dermos credito ao bom do jesuita Antonio Cordeiro, o nome gracioso e bello que a cidade tem.

(Continúa) SOUSA TELLES.

O WALI DE SANTAREM

(Vid. pag. 78)

V

NO EIRADO DA TORRE

Em quanto na sala do banquete eram tudo risos e folgares, quando já havia muito se apagára a luz crepuscular, e a lua, alta no ceo, banhava com o seu clarão melancolico as muralhas do alcaçar de Santarem, Zuleyma, recostada em flacido divan n'um aposento do harem que ficava proximo da sala do festim, prestava curiosa o ouvido ás palavras que se trocavam entre os convivas.

Envolta no véo candido semeado de estrellas de oiro, agitando o pésinho calçado com a alparca de seda, e inclinando para o lado d'onde vem o rumor das vozes a fronte limpida cingida por uma faxa de perolas, a cabecinha airosa coroada de perfumadas tranças que a coifa moirisca prende, Zuleyma, com o seio palpitante, os labios de coral entreabertos por um sorriso extatico, o rosto afogueado pelas vivas côres do jubilo e do pejo, escuta as phrases apaixonadas do seu adorador. Os mais raros perfumes rescendem em cassoletas de prata no aposento silencioso, e uma escrava asiatica, tendo as suas longas tranças ennastradas de flores, espera, com a harpa de oiro na mão, as ordens da sua senhora.

Zuleyma repara em fim que não está só, e, envergonhada de se ter deixado surprehender no extasi em que a lançaram as lisonjas do homem a cujo amor ella secretamente corresponde, despede com a mão a escrava attenta aos seus minimos gestos. Ficando sósinha em fim, a filha do wali de Santarem inebria-se á vontade com esse perfume longinquo de poesia e de amor. Escuta arrebatada os versos em que Ahmed-Ibn-Abdallah canta os seus feitiços, e lagrimas silenciosas, lagrimas de alegria lhe deslisam, como perolas, pelas faces côr de rosa.

É porque ella ama devéras o homem a quem seu pae a destina. Quantas vezes, escondida pelas rechas da avara gelosia do harem, o não viu ella passar meneando com garbo o seu formoso ginete andaluz, rodeado pelos cavalleiros da sua guarda e pelos al-kaides de seu pae, e sobresaindo a todos elles pela altivez do porte, pela louçania dos trajos e pela formosura do rosto! Quantas vezes não dissera ella a si mesma que seria aquelle o esposo dos seus sonhos, o homem a quem desejaria votar o coração e a vida, o senhor de quem desejaria ser a escrava apaixonada e humilde! Mas esses devaneios terminavam sempre por um suspiro, porque para a donzella musulmana, ainda a mais querida de seu pae, não ha liberdade na escolha do homem a quem deve confiar o seu destino; de nada lhe vale mesmo a resplendente formosura, porque não póde captivar com os seus encantos aquelle que a fascinou. Sepultada na obscuridade do harem, vê-se obrigada a esperar do acaso a realisação dos seus votos.

Mas o acaso d'esta vez fôra favoravel a Zuleyma. Quando seu pae lhe disse que a destinava ao filho do wali de Lisboa, arquejou-lhe o seio com violencia, e saltaram-lhe dos olhos lagrimas como punhos. O velho wali julgou primeiro que a affligira a noticia, e afastou-se um pouco penalisado, ainda que pela mente nem lhe passára a idéa de faltar á palavra já empenhada com o filho do seu collega. É que elle não sabia que os grandes jubilos d'esta pobre humanidade não encontram outra expressão que não seja egualmente a das supremas dores.

Agora, escutando os ardentes versos de Ahmed-Ibn-Abdallah, Zuleyma sentia um contentamento indizivel, e ao mesmo tempo um inexprimivel espanto. Bastava só a fama da sua formosura para que o filho do wali de Lisboa a decantasse com tanto enthusiasmo? Não era possivel uma tal supposição; Zuleyma, como todas as filhas das raças do Oriente, acreditava na influencia magica dos sonhos. Talvez o amor que ella sentíra de subito ao vêl-o passar nas ruas tortuosas de Santarem, amor férvido e impetuoso, fosse, pelo mysterio do proprio magnetismo, sobresaltar vagamente o espirito do moiro gentil. Talvez n'essa mesma noite, á hora fatidica em que as sombras começam a desfazer-se e deixam fluctuar n'esse crepusculo vago, ainda mal arraiado pelo reflexo da madrugada distante, os pallidos phantasmas, as figuras nebulosas, filhas da phantasia que, já desperta, vagueia solta dos laços corporeos, em quanto o involucro material está ainda entregue ao somno, talvez n'essa hora bafejada pelo halito perfumado das sylphides rosadas, filhas do amor e da aurora, talvez então a sua imagem, formosa e radiante, lhe apparecesse debuxada no espelho translucido do sonho; e quando elle a final despertasse, talvez tivesse já gravada na alma essa formosissima imagem, diante da qual queimava no thuribulo de oiro dos seus versos o fragrante incenso do amor.

Mas não fôra assim. Uma tarde em que Zuleyma, absorta no seu languido scismar, recostada no parapeito de um dos terraços da alcaçova, deixava discorrer os olhos distrahidos pelas veigas risonhas, onde começavam a desdobrar-se, como escuro tapete, as vastas sombras do crepusculo, Ahmed-Ibn-Abdallah, que voltava da caça e que se adiantára aos seus monteiros, deixando, tambem embevecido na belleza da tarde, ir o cavallo a passo com a redea desleixada, viu aquelle vulto gracioso, immovel no cimo do terraço, onde os raios do sol poente, que se apegavam antes de se esconderem ás grimpas dos minaretes e a todas as eminencias da casaria, banhavam com a sua luz moribunda, mas ainda alegre, as fórmas delicadas da filha do wali. Ahmed-Ibn-Abdallah ficou instantes extatico e assombrado; julgou ter diante de si uma das fadas formosissimas, de que tanto fallam os contos orientaes. A belleza peregrina e etherea d'aquelle rosto melancolico; a attitude pensativa do seu vulto, que parecia fluctuar, porque em torno d'ella começavam a subir lentamente os vapores que se exhalavam do rio ao descair da tarde; o aéreo véo descaído sobre os hombros, e cujas estrellas de oiro e rubins, accesas pelos raios do sol, pareciam rodeal-a de uma verdadeira e fulgurante constellação; tudo isso redobrou o enlevo do mancebo, enlevo que foi rapido. O seu sequito venatorio appareceu d'ahi a instantes, e o tropear dos cavallos, acordando do extasi a formosa do eirado, obrigou-a a sumir-se, envolvendo-se á pressa no véo transparente, e conchegando nos hombros a capa moirisca, que lhe caíra no chão. Mas, sumindo-se, a gentil Zuleyma deixára nos ares, como as deusas da *Eneida*, um perfume vago que inebriára o filho do wali de Lisboa, e que lhe inspirára os versos em que elle tanto louvava a formosura da sua noiva.

Zuleyma ouvia-os, e o coração já não podia conter o jubilo que trasbordava. Era amada! amada, como desejava sel-o, por aquelle a quem tambem consagrára o mais profundo affecto! Oh! como ella agradecia a Deus o ter assim ligado corações, entre os quaes as leis do mundo musulmano punham tantos obstaculos, pelos laços invisiveis de uma ignota sympathia! Levantou-se e passeiou na sala, arrastando as suas longas vestes. Pela gelosia estreita insinuava-se um raio da lua. Zuleyma sentiu um desejo immenso de confiar as suas esperanças ao luar, á brisa, á noite silenciosa, noite de primavera em cujo silencio augusto e fremente como que se ouvem os murmurios dos anjos e a harmonia das espheras..

Saiu do aposento, e, subindo rapidamente as escadas, respirou desafogada no eirado solitario da torre. Alli não havia sentinellas; o inaccessivel do sitio fizera julgar essa precaução escusada. Zuleyma olhou

em torno de si. A lua, quasi a desapparecer do firmamento, envolvêra-a toda n'um longo beijo luminoso. A noite estava silenciosa e amena. O Tejo, sereno e limpido, resplandecia ao longe como um escudo de prata. A aragem suspirava muito de manso ao ouvido de Zuleyma, e, agitando-lhe ao de leve as tranças rescendentes, confundia com o perfume de primavera, que furtára nos vergeis ás amendoeiras em flor, esse outro perfume tambem de primavera, porque a moira gentil era como que a incarnação pagã da meiga estação em que os botões de rosa desabrocham.

Por muito tempo Zuleyma, enlevada nos proprios pensamentos, se deixou embalar pelas harmonias, pelas fragrantes exhalações d'essa noite luminosa e divina. Depois, quando o seu ouvido cessou de escutar por um instante as melodias deliciosas do coração, pareceu-lhe sentir ao longe um rumor estranho. Dir-se-hia um tropear abafado de cavallos, um tinir de armas tão sumido e tão vago, que parecia apenas o echo expirante de uma peleja travada muito ao longe entre combatentes invisiveis. Inquieta, Zuleyma chegou-se ao parapeito e apurou o ouvido para o lado d'onde vinha o som aterrador. O silencio reinava de novo na placida extensão das campinas; nem um murmurio se ouvia que não fosse o tenue ramalhar da brisa nas arvores enfolhadas pelos primeiros bafejos da primavera. O luar, quasi a desapparecer do ceo, alastrava ainda pela veiga o seu clarão já debil. Os olhos de Zuleyma, que o susto fizera mais penetrantes, distinguiram de subito ao longe um relampago fugitivo, como a chamma pallida que a lua accende no ferro das lanças ou nos elmos polidos. Quiz-se affirmar de novo, mas o disco luminoso desappareceu em fim no horisonte distante, e as sombras da noite, cortadas apenas pelo mortiço clarão das estrellas, envolveram no seu tenebroso manto o rio, os campos e o castello.

Zuleyma ficára suspensa e pavida. O que havia de fazer? Chamar os seus; mas por quê? Porque ouvíra um rumor que logo expirára, porque víra scintillar um clarão vago que se apagára rapidamente. Mas se esse rumor é o dos cavalleiros de Ibn-Errik, vindo pela calada da noite saltear o castello? Não é, de certo; é apenas a brisa a suspirar mais lugubre n'algum corredor abobadado do antigo alcaçar. E se essa chamma longinqua denuncia as ferreas armaduras dos nazarenos? Não é possivel; foi o luar expirante que accendeu uma chamma ephemera n'algum charco das campinas. Assim, procurando socegar os pavores da sua imaginação exaltada, Zuleyma fica immovel no eirado da torre, contemplando irresoluta as estrellas que palpitam no firmamento.

De subito acodem-lhe á lembrança as vagas ameaças do africano. Deus! se esse espirito mau vem, como um enviado de Iblis, o Satanaz das lendas musulmanas, lançar a perturbação e o terror na sua felicidade nascente! Então, pallida e inquieta, aproxima-se com passos rapidos do parapeito da torre; mas de subito um vulto sinistro e negro ergue-se diante d'ella, como se brotasse das profundezas mysteriosas da noite, e logo outro o segue, alteando-se pouco a pouco ao longo dos muros do castello. Zuleyma, convulsa e attonita, solta um grito agudo que vibra funebremente no silencio da noite. «Os nazarenos!» ia ella a bradar logo depois, percebendo em fim que genero de inimigos tem diante de si; porém mão de ferro afoga-lhe na garganta o grito, que esmorece n'um gemido plangente e lugubre. Ao mesmo tempo luz um punhal nas trevas, embebe-se no peito da moira gentil, e a filha do wali de Santarem, ferida mortalmente, cae banhada em sangue no eirado da torre.

Foram esses dois gritos os que se ouviram na sala do banquete, e que os convivas escutaram com a pallidez no rosto e a turvação no espirito, até que um escravo lhes dissipou as dúvidas, soltando do limiar da porta esse brado fatal:

— Os nazarenos!

Eram effectivamente os cavalleiros de Affonso Henriques.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

O TEMPLO DA INVOCAÇÃO DE SANTA MARIA

CATHEDRAL DE LISBOA

São várias e mui diversas as opiniões quanto á origem da sé de Lisboa. Uns adduzem argumentos para negar a sua antiguidade; outros a fazem mesquita de moiros; outros, finalmente, a querem nada menos que templo da gentilidade, consagrado ao Sol. Fundam-se os primeiros na memoria escripta pelo mestre Estevão, chantre da sé de Lisboa em tempo de D. Affonso Henriques, que trata da trasladação do corpo de S. Vicente Martyr [1], e em outras razões, as mais d'ellas desmentidas pelos factos que alli se encontram. Os que a fazem mesquita de moiros tambem allegam suas provas e raciocinios. E os que pretendem que fosse templo de pagãos estribam-se em fortissimas conjecturas, taes por exemplo:

1.° O achado de inscripções romanas, copiadas pelo abbade José Francisco Corrêa da Serra (nome bem conhecido na republica das letras e da botanica), e que o conego Antonio José da Cruz, encarregado da reedificação depois do terremoto de 1755, fez metter no cimento das paredes, a ponto de não poder cotejal-as de novo com a cópia o referido abbade. O subterraneo sobre que se levanta o edificio, que foi descoberto pelo terremoto de 1755, quando desabou a torre meridional, e se affirmou não se lhe descobrir fim. Elle estava então intacto, e mostrava ter merecido certa consideração, fosse qual fosse o uso a que o tivessem destinado. Cortando por tudo os reedificadores em 1776, só cuidaram de entulhal-o. Consta que o reitor que então era da sé, Placido Rodrigues Velho, fizera d'isto assento no livro de suas memorias.

2.° O dizer de antigos auctores de que havia um templo, proximo ao Tejo, consagrado ao Sol.

3.° A serpente que lhe cercava o zimborio, como se lê na *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrade (impressa em Lisboa em 1629), e que talvez symbolisasse a serpente Phiton (á qual matou Apollo).

4.° O facto, que vem corroborar este, das columnas lateraes da porta principal, ainda hoje alli existentes, e de que os capiteis, sem caracter algum do culto do Islam ou do christianismo, póde ser que denotem os signos do anno. Da parte direita da entrada: primeira, uma mulher entre duas pequenas figuras, que denota *Leda* com os dois filhos, *Castor* e *Pollux*, os gemeos do mez de maio; segunda, um genio com quatro azas, entre dois delphins, que significariam os delphins de *Amphitrite*, *Piscis* do mez de fevereiro. Da parte esquerda: primeira, uma mulher coroada entre dois ornatos, que parecem no feitio geral duas pavêas de trigo, talvez a deusa *Ceres*, symbolo de agosto; segunda, um *Hercules* sobre o leão, tendo na mão a maça, symbolo de julho. Na face contigua do mesmo capitel, um toiro cavalgado por uma mulher, que denota ser a *Europa*, symbolo de abril. Estas columnas tinham porventura relação com o zimborio em que se via a serpente que rematava todo o edificio.

5.° Finalmente, o subterraneo sobre que se levanta o mesmo edificio.

Os que impugnarem estes fundamentos, sem comtudo darem por apochryphas as auctoridades citadas, ou as suas asserções (a estes ultimos não ha responder), poderão objectar: Que as inscripções romanas bem poderiam dar-se em lapidas transferidas para alli

[1] Em 15 de setembro de 1173.

de outros edificios; que o templo do Sol, proximo ao Tejo, em que fallam escriptores coevos, seria mais depressa o que havia no cabo da Roca, em baixo, junto á rocha, do qual, ainda em tempo de André de Rezende, existiam as ruinas dos cippos com letreiros; que a serpente do zimborio tanto poderia significar a serpente *Phiton* como qualquer outra, ou servir meramente de ornato, como capricho de architectura gothica. O mesmo argumento serve, quanto ao facto perduravel das columnas, para o capitel da mulher e o toiro, além de que o numero das mesmas é inferior ao dos doze signos. Mas quando effectivamente os denotassem, quem assegura que não foram deslocadas e trazidas do templo do cabo da Roca pelos arabes ou pelos seus vencedores? A final, não ha mais razão para crer que o subterraneo fosse antes pertença do templo de gentios do que mesquita ou egreja, visto que d'elle se não refere algum indicio peculiar e caracteristico.

Sem nos mettermos a decidir em ponto tão controvertido, julgâmos, porém, que se poderia perguntar: Serão tambem as inscripções romanas licenças e devaneios de gothica architectura? Seria moralmente possivel que os sectarios de Mahomet ou os portuguezes de D. Affonso Henriques lançassem mão, para as suas edificações religiosas, de pedras contendo inscripções e symbolos evidentemente gentilicos? Se disserem que pela mesma razão os não deviam ter conservado, responde-se que vae grande differença de construir desde alicerces a aproveitar o que já estava feito, como se observa em Santa Sophia de Constantinopla, hoje mesquita de turcos, e em tantas mesquitas purificadas e sagradas em cathedraes e matrizes depois de ganhadas em cinco mil batalhas, que tanto custou a libertar do jugo sarraceno á peninsula hispanica! Acaso implica com a existencia do templo do cabo da Roca, mais proximo ao mar que ao Tejo, a existencia de outro templo situado quasi á beira d'este rio? Ácerca da significação e destino da serpente do zimborio, do capitel da columna e do subterraneo de toda a fabrica, duvidar não é destruir. Alguem dirá que não denotava? pois nós insistimos em que denotava.

Quando as razões são eguaes, tanto vale a auctoridade que nega como a que affirma: assim, em um caso similhante, em quanto a dialectica, argumenta mr. de Montesquieu no *Espirito das leis*. E se o numero das columnas não condiz com o dos signos, não poderia cada uma d'ellas conter mais symbolos do que o pertencente a um mez? ou fôra impossivel que alguns se inutilisassem e destruissem pela diuturnidade dos tempos depois de tantas vicissitudes, não esquecendo o fatal terremoto de 1755?

Se da porção que se descobriu do subterraneo se não refere nem um signal privativo, quem sabe o que lá para diante se acharia a não ser a incuria dos descobridores? E dado mesmo que fossem moiros ou christãos os architectos do que hoje vemos na sé de Lisboa, repugna porventura á razão o ser aquella concavidade o templo primitivo, depois soterrado pelo crescimento do terreno, ou qualquer outro accidente, como está acontecendo na egreja de S. Pedro em Roma, S. Thiago em Compostella, e na Lapa de Belem? Todavia, limitâmo-nos a dizer, como Voltaire: *Je ne donne pas mon avis comme bon, mais seulement comme mien.*

Este edificio, nos annos de 1344, 1356, 1373 e 1755, soffreu, por causa de terremotos, mudanças na sua semi-arabe e gothica architectura, similhante á de Santa Sophia de Constantinopla. Quanto ao frontispicio principal do vetusto templo, vê-se por uma estampa que vem na obra: *La galerie agréable du monde* (impressa em Leyden no anno de 1729), tomo I, que as torres eram compostas de corpos que terminavam em altos coruchéos.

Na torre do lado esquerdo estão dois brazões d'armas, em pedra, n'um d'elles uma arvore, e no outro uma roda de navalhas esculpidos. D'esta torre foi precipitado, em 6 de dezembro de 1383, D. Martinho Annes, castelhano, natural de Çamora, bispo de Lisboa (desde 1381 até 1383), e cardeal creado pelo papa Clemente VII; Gonçalo Vasques, dom prior de Guimarães, e um tabellião do Algarve, que se tinham acolhido a ella para impedirem que os sinos se tangessem em favor do mestre de Aviz, D. João I.

O antigo sino da sé de Lisboa tinha de altura, até ás presilhas, sete palmos e uma e meia pollegadas; de diametro, pela parte interior, oito palmos e uma e meia pollegadas; e de diametro, pela parte exterior, vinte e quatro e meio palmos. Era cercado com tres circulos de letras gothicas, e nos vãos que ficavam entre os letreiros tinha diversos escudos d'armas e alguns sellos.

O primeiro letreiro, junto ás presilhas, era da fórma seguinte:—*Sxe: mtanipana: dicuntur: comoda: sana: laudo: Deum: verum: voco: populum: congrego: clerum: defunctos: ploro: satham fugo: festa: de coro:*

Segundo letreiro: — *Angele: qui: meus: es: custos: pietate: superna: me: tibi: comissum: salva: defende: guberna: mentem: sanctam: spontaneam: honorem: Deo: et: patria: liberationem:*

Terceiro letreiro: — *En na Era de: Mil:* III: CCC: *e:* XV: *annos: foi: feito: este: sino: do relogio: muy: nob: cidade: de Lisboa: por: mandado: do: muy: nobre: Rey: Dom: Fernando: de: Portugal: et: do: muito: honrado: Cabido da dicta: cidade: de Lisboa:* X *dos homes boos: daeta cidade: Martre: Joham: Frances: me fez* [1]*:*

A sobredita era (1315) está errada, pois devia ser 1415, que é o anno de Christo 1377, porque D. Fernando começou a reinar no anno de 1367, e morreu em 1383.

Antes do terremoto de 1755, o interior da egreja cathedral de Lisboa era de architectura ogival, sustentada em duas ordens de columnas, que formavam tres naves em arcos correspondentes, de boa pedra. As primeiras confrarias foram estabelecidas com um fim piedoso e caritativo; reuniam-se sob a invocação de algum santo; e uma das mais notaveis por sua influencia foi a dos *franc-maçons*, ou pedreiros livres. Foi esta sociedade a que propagou o estilo ogivico, tão distincto da architectura do systema byzantino. A esta confraria é devida a torre prodigiosa da cathedral de Strasbourg.

Tinha o templo da sé de Lisboa 96 palmos de largo, e de comprido, da porta principal até ao altar-mór, 264 palmos, que formavam um cruzeiro regular, coberto de uma boa cupula, cuja altura até ao pavimento era de 120 palmos.

No anno de 1748, por ordem del-rei D. João V, fez collocar o architecto Antonio Canevari, na torre do lado direito da sé de Lisboa, um grande relogio, que era o chamado da cidade.

ABBADE DE CASTRO.

DESERTO DE SAHARÁ

N'essa vasta peninsula banhada pelo Oceano, pelo Mediterraneo e pelo mar Vermelho, e unida á Asia pelo isthmo de Suez; n'essa antiga parte do mundo que denominâmos Africa, e que, apesar de tantas explorações, ainda hoje é tão imperfeitamente conhecida, ha um deserto immenso, a que alguns geographos dão uma extensão egual a metade da Europa. Separam-n'o da Berberia, pelo lado do norte, altas cordilheiras de montanhas. Outras serranias penhascosas o limitam pelo lado sul, deixando para além d'ellas os paizes habitados pelos negros. Da parte do nascente

[1] Este sino foi destruido pelo terremoto de 1755.

confina com o Egypto e com a Nubia. Da parte do occidente acha o termo no Oceano.

Deram os arabes a essa região o nome de *Sahará*, que significa *deserto*, e pelo qual é geralmente conhecido, sendo reputado pelo maior deserto do globo.

A sua superficie apresenta algumas variações de aspecto. Em umas paragens são extensos territorios, semeados de rochas e penedia, meio afogadas em areias. Em outras tambem mostra multiplicados accidentes, mas aqui, em vez de rochas, erguem-se, com muita variedade de alturas, montes de areia movediça, aos quaes a furia caprichosa das tempestades imprimiu fórmas diversas. Em outras partes, em fim, é um areial a que não descobrem limites os olhos do homem para qualquer lado que se volvam; é a imagem do mar, quando qualquer calmaria lhe aplaca as ondas e alisa a superficie.

O viajante que avista pela primeira vez este deserto do alto dos rochedos, que lhe servem como de porta, sente, segundo dizem, impressão egual á que lhe causa o aspecto do Occeano, quando da coroa de um monte lhe descobre o vulto magestoso ao cabo de longa viagem pelo interior de um paiz. Fica absorto, ora enlevado, ora como que anniquilado, contemplando aquella immensa amplidão, que lhe suggere necessariamente a idéa da eternidade, e perante a qual não se póde considerar mais que um simples e miseravel atomo.

O mar verdadeiro freme constantemente, por mais que a bonança lhe acalme as iras. Um ligeiro movimento, imperceptivel á vista, impelle para as praias a onda franjada de espumas, e que em leito de espumas vae expirar. Com esta feição nada ha parecido no deserto de areias, porque a sua existencia habitual é a da immobilidade, assimilhando-se a um mar que



Uma caravana atravessando o deserto de Sahará

se solidificasse quando as aguas, depois de agitadas violentamente pelo tufão, caíssem no remanso que vem após a tormenta. A similhança está n'aquelle espaço infinito de superficie plana, onde não se vê mais que areia e ceo, unindo-se e confundindo-se no horisonte, como se observa no Oceano, a côr violacea do areial escandecido com o azul da abobada celeste.

Estas areias são silicosas, muito finas e subtis, em uns sitios brancas como as mais alvas areias dos nossos rios, em outros avermelhadas pela presença do oxido de ferro. Em poucas paragens consentem que n'ellas nasçam e se enraizem plantas; e quando o permittem, limita-se a vegetação a uma planta odorifera, que os arabes denominam *shé*, alguma coisa parecida com o tomilho bravo; uma planta espinhosa muito do gosto dos camelos; e a poucas mais variedades.

Outra feição tem este deserto que o faz comparavel ao mar, e que consiste em possuir, como este, algumas ilhas, pois que se podem bem considerar assim os oasis, essas porções de terra abençoada que a Providencia, em sua maternal solicitude, dispoz no meio d'aquelles ardentes areiaes, e onde as caravanas acham uma estação para descançarem das fadigas de sua penosa viagem, estação tão commoda e deliciosa que bem lhe póde quadrar o nome de paraiso terrestre.

São os oasis tractos de terra mui ferteis, frescos e cobertos de pomposa vegetação. Variam muito na sua extensão, sendo o maior de todos o denominado oasis Fezzan, cujo comprimento regula por 500 kilometros, com perto de 300 de largura. Raras vezes chove nos desertos. O que dá aos oasis fertilidade e fresquidão, com que se alimenta n'elles perenne verdura, são as aguas que vertem das serras mais ou menos distantes, e que, infiltrando-se na areia, vão convergindo para aquelles terrenos mais baixos. D'est'arte ahi se encontram poços inesgotaveis de agua limpida e potavel. É tal a frescura da terra que em qualquer logar em que se cave um pouco acha-se logo agua em abundancia.

Diversas especies de palmeiras, sendo mais commum a das tamaras, dão sombra salutar aos numerosos rebanhos de gado, principalmente lanigero, que por alli pastam herva mimosa e succulenta, pastoreados por tribus arabes nomadas. Occupam-se estas tambem com a cultura dos cereaes. Respira-se n'este oasis ar fresco e embalsamado de suaves perfumes.

Encontram-se em certas localidades do deserto de Sabará abundantes jazidos de sal mineral, que é extrahido pelas tribus habitadoras dos oasis, as quaes fazem d'elle um ramo importante do seu commercio com os pretos das regiões limitrophes.

A falta de agua é causa de que seja mui limitada a fauna d'este deserto. Leões, leopardos, tigres, hyenas, chacaes, algumas variedades de veados, antilopes e gazellas, e abstruzes, são as principaes especies que percorrem aquelles areiaes.

As viagens atravez do deserto são mui difficeis, porque o vento a miude apaga as pégadas dos forasteiros, unico signal que em muitas paragens indica o rumo que o viajante deve seguir para que não se perca no meio d'aquellas tristes solidões. O excessivo calor d'esse clima tropical, augmentado pelas exhalações ardentes das areias, faz essas viagens penosissimas; assim como tambem as tornam perigosas os accommettimentos das feras e os assaltos das tribus arabes, sobre tudo durante a noite, quando os viajantes são obrigados a acamparem para tomarem algum repoiso.

Todavia, não foram bastantes tantos e tão grandes perigos e incommodos, a que ás vezes accrescem afflictivas privações, para desalentarem o homem. Juntando-se em numerosos bandos de gente a cavallo e a pé, e levando camelos carregados com todo o genero de provisões, com armas, barracas de campanha, etc., atrevem-se a arrostar com todos aquelles perigos e incommodos. Escusado seria dizer que só os interesses commerciaes poderiam incitar os homens a tão grande arrojo. A esses acompanhamentos de negociantes deu-se, pois, o nome de caravanas. Os mercadores que pretendem atravessar o deserto, ou algum raro viajante que se resolve a acompanhal-os, movido de outro estimulo, reunem-se em determinadas povoações, que são o ponto de partida das caravanas. Estas, como dissemos, são sempre numerosas; mas ás vezes compõem-se de tantos centos de homens bem armados, que mais parecem exercitos que ajuntamentos commerciaes.

Podem-se, em tal caso, reputar seguras as caravanas contra os ataques das feras e dos arabes. Mas, ainda assim, resta-lhes um perigo, contra o qual de nada valem o numero dos braços, e o valor e coragem dos peitos humanos. Consiste o perigo n'essas horrorosas tempestades, em que o ceo se cobre de um manto negro, e em que o tufão abrazador, chamado *simun* ou *cansim*, levantando nos ares immensas massas de areia, revolvendo-as em medonhos redemoinhos, derruba, arrasta, e algumas vezes sepulta tudo quanto encontra diante de si.

N'estas circunstancias tambem o deserto se assimilha ao mar; porém o temporal que agita as ondas, por maior que seja, é menos pavoroso que a tempestade que revolve as areias do deserto.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

II

AVENTURAS DE UM CARANGUEJO

(Vid. pag. 82)

V

Mas qual não foi o seu pasmo, acordando ao romper da manhã, ao ver-se no fundo do mar! Ignorava ainda o phenomeno da maré, e esta, enchendo, apanhára-o no seu ninho. Mal tirava dos olhos a areia que lh'os entupia, quando um enorme peixe o avistou e investiu com o terrivel intuito de o engulir. O desgraçado teve apenas tempo de cavar mais funda a sua cova e cobrir-se, ficando com um só olho de fóra até que a maré desceu, deixando-o em sêcco. O repoiso da noite dera-lhe forças, mas tinha fome.

Ao longe avistavam-se umas penedias, que entravam pelo mar a uma distancia incrivel. O pobre orphão cobrou animo e avançou para essa região desconhecida. Pelo caminho encontrou alguns elementos de mesquinha e repulsiva nutrição; eram os restos de seus parentes, fallecidos na vespera, e que outros vivos andavam no piedoso empenho de sepultar... nos estomagos. O meu heroe, arrancado do berço no dia em que nascêra, não conhecia ninguem. Podiam todas as creaturas que encontrava da sua especie ser seus irmãos, seus primos, seus tios, a sua familia toda; mas não os conhecia, não o conheciam a elle. Eram entes estranhos, antipathicos, pouco communicativos, que, occupados na horrenda fadiga de comer seus proprios paes, nem sequer attentavam no triste que passava horrorisado. Depois de uma peregrinação que se lhe afigurou muito longa, acolheu-se a um rochedo todo gretado, a cuja coroa não chegavam as maiores marés.

VI

Alli passou os primeiros tempos de sua desventurada infancia, só, embalado pelas ondas e as tormentas no fundo da sua cella, sem familia, sem amigos, sem um só affecto que o aquecesse e lhe alegrasse a tristeza de suas compridas noites, ou a monotonia de seus aborrecidos dias! Aquella solidão, aquelle desamparo no meio de tão continuo bramir de vagas e de ventos, aquellas penedias ennegrecidas, aquella fria casa de granito onde se abrigára, depois de o tornarem pensador e philosophico, foram-lhe pouco a pouco esfriando o peito e endurecendo-lh'o mais do que a couraça que o cobria — quasi tanto como as rochas onde habitava. Chegára á virilidade, á edade dos longos passeios sem fito, dos enthusiasmos pelas noites em que as aguas do mar, alluminadas pela lua, resplandecem como prata polida, e ficára insensivel, não saindo uma unica vez da estreiteza da sua cella para ouvir a brisa nocturna cantar os seus amores com a espuma das ondas!

VII

Durante o dia, tirados os rapidos instantes de suas modestissimas refeições, ficava-se longas horas sobre o penedo mais elevado, com os olhos enormemente dilatados, fitos na extrema linha do Oceano, como se de lá esperasse a aurora de uma regeneração que a Providencia lhe promettêra em sonhos! O sol ardente e esplendido que passava sobre elle não o encantava nem distrahia; via-o com indifferença erguer-se magestoso por traz dos pinhaes de Rates, e, depois de inundar o universo de luz, e de alegria o peito de todos os viventes, sumir-se no Oceano, tingindo as aguas de purpura e oiro. Passavam as estações — a primavera com suas flores, cujos aromas a brisa da manhã trazia ao mar; o estio com seus cantos e seus amores; o outono com a sua doce melancolia; e o inverno com as suas tormentas e tristezas; sem que nenhum espectaculo do ceo ou da terra attrahisse a attenção do misanthropo. Alguns, poucos, da sua especie que habitavam as mesmas regiões, viviam do mesmo modo, proximos e estranhos uns aos outros, insociaveis todos, fazendo vida á parte, e espreitando-se mutuamente com ar suspeitoso. Triste existencia aquella! Dir-se-hia uma colonia de espiões que Deus emmudecêra para os punir do vil officio de delatores!

VIII

Em suas longas meditações tinha por vezes o meu pobre caranguejo pensado no amor como n'um senti-

mento indigno dos que vivem entregues á vida contemplativa. O seu coração, empedernido como as frias rochas sobre que batia, tornára-se inaccessivel e insensivel. O infeliz chegou a ignorar o seu sexo!

Um dia em que por acaso alongára mais o seu passeio pelos rochedos que se internam no mar, viu sair de uma fenda uma esbelta carangueja que o encarou muito tempo de um modo singular. O nosso heroe teve como um rebate do genero a que pertencia no invencivel pejo que o fez baixar os olhos, e a sua couraça escura tornou-se côr de rosa á força de pudica vergonha. A carangueja mirava-o sem cessar, parecendo querer devoral-o com os olhos, que avançavam rapidamente, dilatando-se. No fim de demorado exame, e tendo-se sem dúvida convencido que não se enganava, avançou a femea, com suas grandes antennas estendidas e as tenazes abertas, para o joven caranguejo.

O misero, julgando que ia ser victima de um ataque ao pudor, quiz fugir, mas não póde; o terror virginal collou-o ao rochedo. Esperou, pois, convulso e trémulo, que a que elle considerava uma creatura viciosa e comida de criminosos desejos o immolasse no altar da impudencia. Ella cingiu-o nos braços com o louco e ardente enthusiasmo da mãe que encontra e reconhece o filho que do berço lhe roubaram; cobriu-o dos beijos mais ternos e mais apaixonados que se podem dar entre caranguejos, e, apertando-o contra o seio, parecia querer dizer-lhe, na ancia de seus carinhosos extremos:

IX

«Achei-te, em fim, filho querido do meu amor, pedaço da minha alma, luz da minha vida, minha esperança unica, e derradeiro fructo da minha união legitima! Oh! se tu soubesses como te tenho procurado desde aquelle fatal dia em que a onda, invejosa da minha felicidade, te roubou aos meus carinhos! Corri todos os mares, voguei sósinha, á mingua e sem conforto, por todos os parceis! Que estranhos pelagos, que rochedos inhospitos e feros, que povos extraordinarios e ferozes encontrei em minhas longas peregrinações! Aqui me arrojavam os ventos irados contra broncas penedias; além me perseguiam enfurecidos peixes; e sempre fugindo, e sempre procurando, errei de praia em praia, de rocha em rocha, examinando a um e um todos os milhões de individuos da nossa especie, expondo-me ás suas vistas impudentes, ás suas apreciações injustas e mofadoras, aos perigos, á vergonha e á morte para te encontrar, meu filho! Porque eu sabia que existias; todas as noites sonhava comtigo, e não sei que boa Providencia (porque tambem ha uma Providencia para os pobres caranguejos) não sei que santa Providencia me dizia: — Caminha, pobre mãe, não desanimes; o ultimo da tua raça vive e has de encontral-o. — Tive fé, e a minha recompensa é ver-te nos meus braços!»

(Continúa) F. Gomes de Amorim.

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 86)

IX

Por effeito das combinações, a que já nos temos referido por mais de uma vez, chegaram ao mesmo tempo ás margens do Caia, com admiravel exactidão, as cortes portugueza e castelhana.

Dizem as testimunhas presenciaes, que era um espectaculo maravilhoso e verdadeiramente deslumbrante o que n'esse momento se offerecia aos olhos em uma e outra margem do rio. E bem se póde julgar, á vista do que expendemos nos capitulos antecedentes, que não ha exaggeração nos encarecimentos com que taes testimunhas fallam d'aquella esplendida solemnidade.

A immensa multidão de povo que se apinhoava ao longo das estradas e junto ao palacio-ponte; as tropas castelhanas e portuguezas, com seus uniformes de côres vivas, e com os estandartes, luzentes de oiro, desfraldados ao vento, estendidas em bem dispostas alas; por toda a parte, em symetrica disposição, tremulando flammulas e galhardetes multicores; e os dois prestitos reaes, ostentando tanta riqueza e magnificencia, a desfilar magestosamente por entre tantos milhares de soldados e de populares, e ao som das musicas, das acclamações, do estalar dos foguetes e do troar da artilheria; tudo isto compunha um quadro, que difficilmente poderia ser pintado bem ao natural por mão de mestre com pincel e tintas, mas que é impossivel descrevel-o com palavras, por mais expressivas que sejam. Em fim, como epilogo que revele os traços grandiosos e as brilhantissimas côres de um tal pincel, diremos que alli concorreram, para competirem em todas as galas e pompas de que a realeza se póde cercar para ostentação da magestade, os dois monarchas mais opulentos da Europa, aquelles que tinham por tributarias dos seus thesouros as minas de prata do Perú, e as de oiro e diamantes do Brasil.

Tendo-se apeado dos coches as duas familias reaes junto ás escadarias do palacio-ponte, subiram, e deteve-se cada uma na sala que lhe pertencia. Com o pretexto de descançarem, ahi se demoraram em quanto os secretarios de estado de ambas as coroas se reuniam no salão central para mais uma vez, e em ultima conferencia, decidirem algum d'aquelles graves pontos da etiqueta que ainda não estivesse cabalmente resolvido; ou para esclarecerem qualquer dúvida que de novo se tivesse suscitado.

Concluido este derradeiro accordo, recolheram-se os secretarios de estado ás salas dos seus respectivos soberanos. Abriram-se immediatamente de par em par as portas do salão central, e transpozeram os limiares d'ellas ao mesmo tempo el-rei fidelissimo D. João v e el-rei catholico D. Filippe v, o primeiro seguido da rainha, D. Maria Anna d'Austria; da princeza das Asturias, D. Maria Barbara; do principe do Brasil, D. José; e dos infantes D. Pedro, D. Francisco e D. Antonio: e o segundo acompanhado da rainha, D. Isabel Farnesio; da princeza do Brasil, D. Marianna Victoria; do principe das Asturias, D. Fernando, que ao diante foi 6.º do nome entre os reis de Hespanha; do infante D. Carlos, que mais tarde succedeu no throno de Napoles, e depois no de Hespanha, com o nome de Carlos II; e do infante D. Filippe, que veiu a ser duque de Parma.

Caminharam as duas familias reaes uma para a outra, com passos medidos, até ao centro do salão, e bem no meio d'elle, onde estava traçada a linha divisoria das duas monarchias, pararam, e, saudando-se reciprocamente por modo identico, abraçaram-se logo depois, sem que algum dos soberanos nem dos principes da sua familia ultrapassassem os limites dos respectivos reinos.

Depois de empregadas as fórmulas officiaes, com que a sabedoria dos diplomaticos procurára salvar a dignidade e decoro das duas coroas, tiveram liberdade para conversarem familiarmente os dois monarchas e mais pessoas reaes. E assim se entretiveram por algum tempo, sempre de pé, e com todo o cuidado para não invadirem os dominios uns dos outros.

A estas primeiras vistas assistiram unicamente, por parte da corte portugueza o duque de Cadaval, D. Jayme, estribeiro-mór, e por parte da de Hespanha o duque de Ossuna, estribeiro-mór.

Quando os reis e os principes se acharam fatigados d'este entretenimento fraternal, mas pouco commodo,

dirigiram-se para as cadeiras, collocadas a certa distancia, e de maneira que cada membro da familia real portugueza ficava defronte do membro da familia real castelhana que lhe correspondia em jerarchia.

A um signal dos duques de Cadaval e de Ossuna, dado assim que os reis e principes mostraram desejos de se sentarem, entraram no salão todas as pessoas que compunham as duas cortes; adiantando-se a todas os reposteiros-móres, a fim de descobrirem as cadeiras dos soberanos de Portugal e de Hespanha.

Chegando junto das suas cadeiras, D. João v e D. Filippe v permaneceram alguns segundos de pé, voltados um para o outro, e, mirando-se attentamente, para que os seus movimentos fossem simultaneos, sentaram-se pausada e gravemente. Os estadistas a quem coube a honra de elaborarem o programma do ceremonial deveriam estar muito desvanecidos, vendo a pontualidade e exactidão com que os dois monarchas desempenhavam o triste papel de manequins, a que os obrigára a politica pueril e absurda d'aquelles tempos.

Tendo os officiaes-móres, damas, titulares e mais personagens das comitivas dos dois soberanos tomado os logares que a cada um competia, em pé, fazendo parede de um e outro lado das cadeiras das pessoas reaes, quatro moços da camara trouxeram e collocaram diante de suas magestades fidelissima e catholica duas mesas cobertas com pannos de tissú de oiro. Aproximaram-se então das mesas os secretarios de estado, Diogo de Mendonça Corte-Real e marquez de la Paz, e, depois de lerem em alta voz os contratos nupciaes, cada um dos secretarios apresentou ao seu soberano as referidas escripturas para serem assignadas. Feito isto, trocaram-se os contratos e novamente se submetteram á assignatura real, assignando em seguida as rainhas, principes, princezas e infantes.

Preenchidas todas estas formalidades, destrocaram os secretarios de estado os contratos, ficando cada um com o que devia de ser guardado no archivo real do seu respectivo soberano. Tiraram-se immediatamente as mesas, e deu-se principio ao beija-mão e apresentações.

Cruzaram-se no salão D. Maria de Lencastre, marqueza de Unhão, que acabava de ser camareira-mór da princeza das Asturias; D. Anna de Lorena, nomeada camareira-mór da princeza do Brasil; a marqueza de Navas, que vinha por camareira-mór da princeza do Brasil; e a duqueza de Montelhano, que fôra nomeada camareira-mór da princeza das Asturias. Feitas as cortezias a todas as pessoas reaes com o rigor da etiqueta, as camareiras-móres sómente beijaram as mãos das augustas noivas. Seguiram-se, praticando a mesma ceremonia, as damas de honor, os officiaes-móres e mais criados de ambas as casas, e os titulares. O marquez de Abrantes, embaixador de Portugal junto del-rei catholico, ia nomeando e apresentando a Filippe v as damas e fidalgos portuguezes; e o mesmo fazia a respeito dos de Castella a D. João v o marquez de Capecelatro, embaixador de Hespanha junto del-rei fidelissimo.

Acabado o cortejo, tornou toda a nobreza a occupar os seus logares anteriores, seguindo-se um concerto em que tocaram e cantaram os musicos e cantores dos dois soberanos.

Succedeu-se ao concerto uma breve pausa, e logo depois levantaram-se ao mesmo tempo el-rei D. João v e el-rei D. Filippe v, e, tomando suas filhas pela mão, foram ao encontro um do outro até ao meio do salão, onde trocaram as princezas.

Este acto foi annunciado e solemnisado no mesmo instante por tres descargas de fusilaria, dadas pelas tropas portuguezas e hespanholas, e logo correspondidas pelas salvas de artilheria das praças de Elvas e de Badajoz.

Em quanto estes sons festivos, acompanhados de musicas e de vivas, espalhavam alegrias, por aquelles arredores, entre os dois povos da peninsula, passava-se triste scena de mágoas e saudades no proprio recinto que as duas nações ornamentaram para festas e regozijos. N'aquelle salão, pois, onde a realeza accumulára esplendores, fazendo vaidosa ostentação das pompas, dos attributos regios e do poder, que distinguem os reis dos mais homens, a natureza vencia e humilhava a magestade, nivelando-a nos affectos e na dor com a mais obscura das creaturas humanas.

Assim que se realisou a troca das princezas, seguiram-se as despedidas. De parte a parte foram affectuosas nos paes das noivas; mas na esposa del-rei D. João v e na princeza sua filha produziram effeitos que sensibilisaram a todos os circunstantes. Já todas as mais pessoas reaes tinham acabado as suas despedidas, e ainda a rainha D. Maria Anna d'Austria e a princeza D. Maria Barbara, beijando-se com a maior effusão de ternura, soluçando e banhando-se reciprocamente de lagrimas, apertavam-se em tão estreito e saudoso abraço, como se n'elle dessem o derradeiro adeus da vida. Surdas a todos os rogos e esquecidas de todas as prescripções da etiqueta, foi mister, para que tivesse fim esta scena dolorosissima, que el-rei D. João v, mettendo-se de permeio, as separasse, levando pelo braço, quasi á força, a esposa, em quanto a sua filha era conduzida, póde dizer-se, furtivamente pela rainha de Hespanha, sua sogra, e com tanto arrebatamento, que a não deixou despedir-se del-rei, seu pae, nem das outras pessoas de sua familia.

Assim se abbreviou a solemnidade d'este dia, entrando logo nos coches as duas familias reaes, e dirigindo-se para Elvas e Badajoz com o mesmo acompanhamento com que tinham vindo.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

Os nomes, ou elogios, que os chimicos dão á pedra chrisopeya, ou philosophal (que é o mais abstruso mysterio de sua arte, em cujo alcance suam todos elles ha muitos seculos), verdadeiramente são magnificos e excitadores de grandes esperanças. Chamam-lhe ceo, mysterio, chrisosperma, ou semente de oiro, terra bemdita, agua de vida, agua sêcca, arvore da vida, sello de Salomão, fogo da natureza, leite de virgem, mercurio dos philosophos, dragão aguia, medicamento de todas as enfermidades, copo de pandora, terra da promissão, sagrada obra da terra, e outros similhantes.

Muitos não temem entrar em logares altos, sem os talentos precisos para o seu manejo. É que fazem conta, não de egualar com as suas diligencias as obrigações do officio, senão de fazer á boamente o que souberem e o que quizerem; e onde não alcançarem com o prestimo, não tomar por isso molestia. D'este modo bem póde um muchacho, ou qualquer moço de servir, tanger o orgão, levantando-lhe sómente os folles, e sôe como soar.

Da mandragora se diz ser dotada de tão poderosa virtude para causar somno, que ainda só dependurada no aposento faz dormir aos que tem cuidados. Que será que algumas pessoas, que deviam desvelar-se nas obrigações de seus officios, assim dêscançam e dormem, como se lhes não tocassem? É, sem dúvida, que a sua negligencia e pouco temor de Deus lhes serve de mandragora.

Quando vemos alguns ministros de logares, que tem grandes occupações, desoccupados e entretenidos, e buscando em que passar as horas, muita fé é necessaria para crer que cumprem sua obrigação. É verdade que até Deus, não cançando com o trabalho, descançou um dia; mas tambem é verdade que, não necessitando de obrar com successão, se occupou seis dias: se a nossa semana tem um só dia de fazer e seis sabbados para descançar, isso é andar ao avesso de Deus.

P. MANUEL BERNARDES.



Capella-mór da sé de Evora

SÉ DE EVORA

A CAPELLA-MÓR

I

Assim como á natureza repugna confundir generos differentes e ajuntar no mesmo individuo typos organicos essencialmente distinctos, assim tambem parece que não deveria a arte misturar elementos heterogeneos e introduzir na mesma obra diversidade de estilos. N'este ponto, porém, foram tão pouco escrupulosos os melhores artistas, que nos monumentos que restauraram ou completaram, em vez de seguirem os desenhos primitivos, só attenderam os gostos ou as modas dominantes, não menos exclusivas e caprichosas nas bellas artes que em tudo o mais.

Decoraram edificios de puro gothico os architectos de D. Manuel com a elegante e florida ornamentação caracteristica das construcções portuguezas d'aquella epocha. Os de D. João III ou de D. João V, ajuntando ao estilo gothico ou ao manuelino o do renascimento, deixaram-nos ainda maiores discordancias e contrastes. Avultam, entre os numerosos exemplos de taes irregularidades architectonicas, as egrejas de Thomar, de Belem e da sé de Evora. A capella-mór da primeira é o proprio templo do seculo XII, ao qual, sem lhe

alterar a antiga fórma, el-rei D. Manuel addicionou a nova egreja que ergueu dos alicerces e exornou com todas as galas da sua graciosa architectura. Na segunda, ao corpo da egreja, obra prima d'aquelle mesmo rei, accrescentou D. João III a capella-mór, onde vemos symbolisada a insipiente decadencia de Portugal, como no restante do edificio a sua maior opulencia e grandeza. Na terceira, em fim, ha entre a capella-mór, que a nossa gravura representa, obra do architecto del-rei D. João V, e o corpo do templo, construido no reinado de D. Sancho I, um contraste não menos notavel que o que nos resulta de compararmos o devoto instituidor da patriarchal com o glorioso fundador da monarchia, ou com o esforçado repressor dos excessos do clero.

Não nos move a exaggerações o desejo de achar contrastes e correspondencias entre as pessoas e as coisas. D'aquellas refere a historia quanto basta para attestar o que dizemos. Estas são um livro aberto onde todos podem ler.

Na variedade, riqueza, polimento e brilho dos marmores da capella-mór da sé de Evora, na belleza das côres, na elegante e bem proporcionada articulação de todas as peças, na exuberancia de luz e ornatos, admirâmos o luxo e magnificencia de um rei que parecia convencido de que nas ostentações dispendiosas tinha os unicos e verdadeiros alicerces do altar e do throno. Pelo contrario, no corpo do edificio, a austera simplicidade das naves, a magestosa altura das abobadas, a côr singela do granito, a tenue claridade, que não chega a dissipar as sombras mysteriosas das ogivas, tudo nos recorda as crenças immarcessiveis dos homens da edade média, a sincera devoção d'aquelles que, juntamente com os seus grandes defeitos, tinham a maior virtude de amarem a Deus e a patria.

Falta authenticidade á unica memoria que nos resta da fundação da sé de Evora [1]. Todavia, a architectura exterior e interior do templo não deixa a menor dúvida da sua remota origem. Nas grandes similhanças que tem com a antiga sé de Coimbra se desenha claramente a mesma epocha e talvez o pensamento do mesmo architecto. Mestre Roberto, que, com o estado de quatro moços e quatro jumentos, ia muitas vezes de Lisboa a Coimbra, desde 1162 até 1176, riscar as obras que haviam de se fazer e corrigir as que se tinham feito, podia egualmente vir a Evora, dez ou quinze annos depois, encarregado de missão identica pelo successor de D. Affonso Henriques.

Edificadas pelo mesmo ou por differentes architectos, que não ha penetrar as trevas de tão remota antiguidade, as sés de Coimbra e de Evora são duas reliquias preciosas d'aquella veneranda architectura que nasceu forte, religiosa e guerreira com a monarchia, e que tambem, como ella, se constituiu dos elementos que diversas raças haviam deixado na peninsula, e dos que das outras nações vieram agglomerar-se em volta do nucleo primitivo da sociedade portugueza.

Depois que o filho do conde de Borgonha, sem outros recursos mais que a força da sua espada e o resoluto valor de seus companheiros de armas, fundou a nossa independencia, a necessidade de guardar e estender os dominios adquiridos ligou os membros da nova nação como n'uma familia, como n'um homem só que se erguia intrepido e robusto contra todos os communs inimigos. A religião christã, menos distante de sua pura origem, animando e fortalecendo o sentimento da propria conservação, guiava os braços dos architectos, que sabiam guarnecer de torres e ameias os templos para servirem de castellos em ultimo extremo, sem todavia lhes tirarem o caracter de monumentos destinados ao culto da divindade.

Subia de ponto em Evora a conveniencia de construir d'est'arte um asylo sagrado e forte, onde o povo se reunisse para orar nos dias de paz, para orar e defender-se quando os muros da cidade não bastassem a conter da parte de fóra os inimigos do reino e da egreja. Em muitas das terras transtaganas conservaram-se os moiros até ao reinado de D. Sancho II, disputando com furor aos christãos a posse das povoações em que tremulavam ora as quinas, ora o crescente, segundo a vária sorte dos combates. Eram os convulsivos arrancos de uma nação moribunda que se debatia em vão para conservar os ultimos retalhos da terra cujos dons magnificos por alguns seculos desfructára. As chaves de Evora, sómente, assegurando o dominio da melhor parte do Alemtejo, poderiam retardar a rapidez d'aquella agonia terrivel e desesperada. Razão havia, pois, para recear dos sarracenos que tentassem vingar a grande affronta de Giraldo, reconquistando os muros em que elle grangeára o glorioso cognome de *cavalleiro sem pavor*.

Quando em 1376 o bispo D. Pedro IV edificou a crasta contigua á sé, posto que já não houvesse o risco das invasões arabes, seguiu o estilo do templo, erguendo novas muralhas de granito coroadas de ameias. Não serviam ellas ainda então de mero ornato, pois que, poucos annos depois, dos ameiados terraços da cathedral e do templo de Diana pelejaram os populares com os do partido da rainha D. Leonor, que se haviam encerrado no castello proximo.

N'estas negras couraças de granito está engastada da parte do oriente a branca e graciosa capella-mór de marmore, como fina e esplendida joia em annel de ferro não polido [1].

(Continúa) A. Filippe Simões.

PISCICULTURA

(Vid. pag. 60)

II

Parece que as primeiras tentativas para artificialmente se obter a multiplicação de certas especies de peixes não são de data mui recente.

Diante dos olhos temos um livro, no qual se memora um monge da abbadia de Réome, D. Pinchon,

---

1 É muito para notar que tendo havido em diversas epochas alguns doutos antiquarios no cabido da sé de Evora, nenhum d'elles escrevesse da sua fundação. A unica memoria a que alludimos é a noticia extrahida do livro dos anniversarios, citada por André de Resende, e depois por varios escriptores. D'esta nota se vê que D. Payo, primeiro bispo de Evora, depois que foi tomada aos moiros, poz a primeira pedra da egreja no *sico* do altar de S. Manços a 21 de maio da era de 1224, que corresponde ao anno de Christo de 1186.

Sabemos, pois, que no seculo XVI havia um livro com esta memoria. Mas em que epocha teria sido escripta? E por que razão faltariam já em tempo de Severim de Faria outras memorias que, se existissem, elle não teria deixado de colligir?

Por cima de um dos arcos que separam da central a nave da parte da Epistola, encostada ao parapeito do triforio, está uma figura tosca de pedra. É, segundo cremos, e com quanto ninguem até hoje o tenha escripto, o busto do architecto. Não tem barba. Cobre-lhe a cabeça um barrete á maneira de solideo, e o corpo uma roupa larga e franzida. Sobre o peito sustenta nas mãos um troço ou parallelipipedo de pedra, com duas unicas letras de bello gothico redondo em relevo bem saliente — C E. Serão iniciaes, ou a palavra *sé* erradamente escripta? Recommendâmos o enigma aos archeologos, que bem merece uma solução. A esculptura é imperfeita, e só a poderemos comparar á das figuras que se encontram n'alguns tumulos dos primeiros tempos da monarchia.

1 Estava já na typographia este artigo e a nota precedente quando nos communicaram o seguinte: No livro dos anniversarios do côro da sé estão ordenados cinco, para o dia 29 de novembro, por bemfeitores da egreja. Com relação ao 5.º diz assim: «Item: no dito dia fazem anniversario por Martim Domingues que foi mestre da obra; e são para este anniversario vinte soldos antigos.»

Tendo-se feito na sé, entre outras obras importantes, a do claustro em 1376, não ha certeza de que as palavras citadas se refiram á construcção do templo. É, porém, mais provavel que assim seja, porque, de outra sorte, não deixariam de especificar a obra. É notavel que aos nomes de Affonso Domingues, architecto da Batalha, e Domingos Domingues, architecto do claustro de Alcobaça, tenhamos de accrescentar o de Martim Domingues, architecto da sé de Evora, todos com o mesmo appellido. E, se em nossa supposição não errâmos, cada um nos apparece um seculo, pouco mais ou menos, distante do outro. Perpetuar-se-hia a arte na mesma familia durante tres seculos, aperfeiçoando-se successivamente até produzir a sua mais sublime expressão — o mosteiro da Batalha?

Conserva-se em tradição na sé de Evora que o busto a que alludimos representa o architecto do templo, e bem assim que as duas letras gothicas querem dizer *sé*.

que viveu no decimo quarto seculo da nossa era, e que, no dizer de alguem, se dedicou a reproduzir, por meios artificiaes, os pacificos habitantes das aguas.

Baldadas foram todas as pesquizas que fizemos para sabermos algumas particularidades relativas áquelle iniciador da piscicultura, se o foi; ás especies ichtyologicas, sobre que versaram seus estudos; e á extensão e importancia d'elles.

Se não houve grande injustiça para com o pobre do monge, ou censuravel desleixo, o profundo silencio que a respeito d'elle tem guardado quasi todos os que hão escripto a historia da piscicultura, indica a pouca importancia dos seus ensaios.

Quatro seculos depois das experiencias do cenobita de Réome, dois homens notaveis, um italiano, outro allemão, Lazaro Spallanzani e Jacobi, crearam a arte importantissima de que nos occupâmos.

Spallanzani, cirurgião, naturalista e litterato distinctissimo, a quem as sciencias da natureza devem em grande parte o seu desenvolvimento, e cujo nome é ainda hoje e ha de ser durante muitas gerações citado pelos sabios com profunda veneração, estudou a fecundação artificial dos peixes, no intuito de roubar á natureza os importantissimos segredos da geração [1], os quaes, graças á sua intelligente perseverança e á de muitos outros physiologistas, se patentearam á curiosidade dos investigadores, e constituem actualmente, com o nome de *embryogenia*, um dos mais bellos e interessantes capitulos das sciencias medicas.

Jacobi não se propoz servir a sciencia especulativa, mas prestar um tambem relevante serviço á communidade, centuplicando por um processo, copiado do natural, as especies que vivem nas aguas, e que o homem emprega na sua alimentação, e repovoando os rios e mares, que mais de uma vez, e em diversos paizes, tem estado a ponto de ficarem ermos.

Foi em 1763 que Jacobi publicou as suas experiencias e os resultados que d'ellas alcançára.

Cinco annos antes, tinha o conde de Golstein, sabedor dos trabalhos de Jacobi, mandado ao pae do notavel chimico francez Fourcroy [2] uma noticia resumida d'aquelles trabalhos, a qual foi publicada no *Tratado geral das pescas*, de Henrique Luiz Duhamel du Monceau, agronomo intelligentissimo, que prestou muitos serviços ás sciencias, e do qual se affirma que, antes de Franklin, presentíra ser o raio produzido pela electricidade.

Desde 1765 foram as experiencias de Jacobi repetidas, em grande, perto de Nortelam, no Hanover; e taes foram os resultados que produziram, que o governo inglez conferiu um premio a Jacobi.

Vulgarisado o processo da fecundação artificial dos peixes, seguiram-se as experiencias em differentes partes. Em França se fizeram ellas em 1820; em 1837, Shaw repovoou de salmões o Nith, rio que corre a oéste da Escocia; em 1841, o inglez Boccius, do qual mr. Coste faz honrosa menção, enriqueceu de trutas, pelo processo da fecundação artificial, muitas aguas pertencentes a ricos proprietarios da opulenta Albion.

Provavelmente, em quanto Boccius, na Inglaterra, inspirado pela leitura do que ácerca d'este assumpto se havia escripto em mais de um livro e jornal, na Allemanha e nos dois reinos que separa o canal da Mancha, conquistava o favor publico, Gehin e Remy, pobrissimos pescadores de uma aldeola dos Vosgos, talvez analphabetos, certissimamente estranhos ás sciencias, descobriram e praticaram a fecundação artificial dos peixes, guiados apenas pela propria observação dos phenomenos naturaes, e mereceram que a sociedade de emulação dos Vosgos lhes conferisse em 1841 uma medalha de animação [1].

Passados sete annos, em 1848, mr. Quatrefages leu na academia das sciencias de Paris uma memoria sobre a piscicultura, na qual expoz as experiencias de Jacobi, e lembrou aos agricultores a possibilidade de abastecerem de peixes as aguas, como se fizera na Allemanha e na Inglaterra. Foi por esta occasião, se nos não enganâmos, que o sabio professor se serviu de uma comparação tão verdadeira como pittoresca, dizendo que por meio da fecundação artificial se poderia semear peixes nas aguas, como se semeia trigo nos campos.

Como Quatrefages deixasse no escuro os nomes de Gehin e Remy, ou por não ter conhecimento das experiencias por elles feitas, ou por qualquer outro motivo, que não importa averiguar, acudiu em desaggravo dos seus laureados a sociedade de emulação.

D'aqui largas e curiosas contestações.

Suscitaram-se dúvidas ácerca da originalidade e prioridade do descobrimento dos dois obscuros pescadores. A discussão não as dissipou completamente de todos os espiritos. O auctor do artigo *Piscicultura* da *Encyclopedia universal* é um dos poucos que se mostram um tanto desfavoraveis aos dois mesquinhos. Historiando o acontecimento, diz elle, com certo ar de enfado, «que Gehin e Remy, não obstante *a bulha* que se fez com as suas investigações, apenas tinham descoberto factos já conhecidos, e reinventado os processos imaginados por Jacobi.»

A injustiça é flagrante.

Devem, porém, estar consolados os dois pobresinhos, se ainda existem, e se as vozes da imprensa scientifica tem chegado a seus ouvidos, com os elogios rasgados que lhes hão tecido juizes competentissimos.

Entre estes figura Laboulaye, que, além de outras coisas mui lisongeiras, diz «que Gehin e Remy deram provas de tamanha intelligencia e sagacidade nas suas experiencias, que justificam plenamente as recompensas honorificas que lhes conferiu a sociedade de emulação dos Vosgos.»

Ambrosio Tardieu, no seu excellente *Diccionario de hygiene publica*, fallando da piscicultura, declara «que não póde deixar em silencio o *admiravel descobrimento* de dois homens obscuros, que imaginaram e praticaram a fecundação artificial dos ovos dos peixes, e os esforços dos sabios que engrandeceram e completaram a sua obra, e cujo nome ficará associado á piscicultura.»

Heurtier, director geral do ministerio do interior, em França, começa um relatorio, que dirigiu ao ministro da sua repartição, sobre o assumpto, com estas phrases: «Dois pescadores dos Vosgos, Gehin e Remy, tiveram o merito de descobrir, por um notavel espirito de observação, o processo de fecundar artificialmente os ovos dos peixes, o qual, durante quasi um seculo, tinha sido exclusivamente do dominio da sciencia. Foram elles os primeiros, em França, que souberam dar-lhe uma applicação feliz e da maior utilidade.»

Finalmente, por não citarmos muitos outros, mr. Coste, cujo voto n'esta materia é de summo peso, no relatorio que fez subir á presença do ministro do interior, da agricultura e commercio, ácerca do estabelecimento

[1] Além de outras obras, deve-se a Spallanzani a seguinte, publicada em Paris em 1782: *Memoria sobre as reproducções animaes*.

[2] Pertence Fourcroy áquelle notabilissimo grupo de sabios que floresceram na Europa pelos fins do seculo passado e principios do actual, aos quaes a Providencia destinára a missão nobilissima de transformarem o mundo pela intelligencia e de crearem as sciencias, que até então estavam apenas esboçadas, ou jaziam escondidas e ignoradas nas trevas, que os grandes genios d'aquella epocha dissiparam. Fourcroy foi contemporaneo do immortal Lavoisier, de Berthollet, Guyton, Pryestley, Bergmann, Ampere, Davy, Dalembert, Monge, Linneo e de outros, aos quaes a civilisação moderna deve todo o seu esplendor.

Ainda que por muitos outros serviços não fosse Fourcroy credor da nossa devoção e sympathia, bastavam para o tornar respeitavel e bemquisto duas circunstancias: a de ter sido um dos creadores da nomenclatura chimica, cuja primeira idéa foi de Guyton de Morveau; o de ter concorrido valiosamente para a organisação das escholas polytechnica e normal, para a creação das escholas de medicina de Paris, Montpellier e Strasbourg, e de muitos lyceus, bem como para o engrandecimento do jardim das plantas de Paris.

[1] Alguem diz que Gehin era estalajadeiro. O nome de Remy vem citado com louvor no *Diccionario geral de biographia e historia*, de Dezobry e Bachelet.

de piscicultura de Huningue, do qual já vamos fallar, expressa-se do seguinte modo: «Depois que o descobrimento da fecundação artificial, por muito tempo encerrada nos laboratorios da sciencia, onde era exclusivamente consagrada ás experiencias de physiologia, foi transportada para o dominio da applicação, onde os felizes ensaios do conde de Golstein, de Boccius, e *sobre todos* dos dois pescadores de Bresce, a acreditaram, tem-se emprehendido serios estudos para dar aos processos que se prendem com esta nova industria todo o rigor que se deve esperar dos methodos mais bem provados.»

Em 1850, informou o professor Milne Edwards o seu governo sobre o alcance do processo empregado por Gehin e Remy, o qual estudára no local em que as experiencias tinham sido feitas e continuavam a fazer-se. Em consequencia do informe do sabio zoologista, foi nomeada uma commissão para dirigir os ensaios de fecundação artificial, repovoação e acclimação, que se fizeram nas aguas de Versailles, nos departamentos de Isere, de l'Eure, e em muitos outros do sul e do centro da França.

Por este tempo, o engenheiro chefe do canal do Rhone ao Rhin, mr. Berthot, e mr. Detzem, engenheiro ás ordens de mr. Berthot, lembraram-se de ensaiar a fecundação artificial nas aguas que tinham á sua disposição.

Luctando com muitas difficuldades, e sem auxilio algum do governo, conseguiram semear no canal um milhão de trutas, de salmões e de mestiços das duas especies. Para melhor resultado colherem das suas experiencias, escolheram, para fazel-as, um sitio que lhes pareceu mui azado para a nascença e desenvolvimento dos peixinhos, proximo do canal de Huningue.

No curto espaço de tres mezes, conseguiram fecundar tres milhões e trezentos mil ovos de diversas especies, os quaes produziram um milhão, seiscentos e oitenta e tres mil e duzentos peixes vivos.

Informado o ministro do interior dos lisonjeiros resultados obtidos por mr. Berthot e Detzem, encarregou mr. Coste de ir em pessoa examinar aquelles trabalhos, para depois emittir ácerca d'elles a sua opinião.

Mr. Coste foi; e de tal importancia julgou o que viu em Huningue, que, em vez de continuar a viagem scientifica, que tencionára fazer pelo nascente e sul da França, voltou a Paris, a dar conta ao ministro da commissão de que fôra encarregado.

No seu relatorio, que temos presente, propoz mr. Coste que o governo concedesse aos dois engenheiros, para construcções e despezas de exploração no estabelecimento de piscicultura de Huningue, a verba de trinta mil francos, que, em dinheiro portuguez, anda por quatro contos e oitocentos mil réis.

Por decisão ministerial, datada de 5 de agosto de 1852, foi sanccionada a creação do estabelecimento de Huningue, conforme propozera mr. Coste.

Foi, pois, creado o estabelecimento de piscicultura, que por muitas razões se póde reputar o mais importante da Europa.

Não sendo razoavel alargar muito esta noticia historica, e contando-se no que fica exposto o que nos parece mais importante relativamente ao desenvolvimento progressivo de tão util e sympathica idéa, passaremos a mencionar o que nos consta das tentativas feitas em Portugal para a criação artificial dos peixes [1].

Diremos depois, muito em resumo, as bases scientificas do processo, e explicaremos a estampa que orna o começo d'este artigo.

(Continúa) SOUSA TELLES.

[1] A'cerca do estabelecimento de Huningue, e dos de Inglaterra, Escocia e Irlanda, vejam-se os dois seguintes opusculos: *Noticia historica do estabelecimento de piscicultura de Huningue (departamento do Alto-Rheno), pertencente ao governo francez e a cargo da administração das pontes e calçadas*. Strasbourg, 1862.—*Relatorio sobre a piscicultura e a pesca fluviaveis em Inglaterra, na Escocia e na Irlanda, consideradas sob o duplo aspecto dos processos de producção, tanto naturaes como artificiaes, e da legislação que protege o povoamento das aguas correntes.*

O CORAL E A SUA PESCA

O coral é um gracioso polypo, similhante na fórma a uma arvore pequenina, despojada das folhas e dos mais tenues raminhos.

É conhecido e apreciado desde a mais remota antiguidade como um bello material para a fabricação de variados adornos, com que as damas exalçam a sua formosura. Porém, a respeito da sua natureza, discordavam os philosophos e naturalistas antigos, servindo apenas as suas opiniões encontradas para provar que a desconheciam inteiramente. Uns affirmavam que era um mineral; outros esforçavam-se por demonstrar que era um vegetal; e o caso é que nenhum acertava com a sua verdadeira origem.

Theophrasto comparava o coral á hematite. Dioscorides dizia que era um arbusto marinho, que, pouco depois de se tirar da agua, endurecia por effeito do contacto com o ar. Esta opinião foi a que mais se generalisou e prevaleceu. Os creditos que Dioscorides gozava de sabio investigador dos segredos da natureza deram tal voga a essa opinião, que foi acceita e respeitada por todos os povos civilisados no longo curso de dezesete seculos, desde o primeiro seculo d'esta era, em que viveu aquelle philosopho naturalista, até aos principios do XVIII, em que Marsigli veiu de certa maneira confirmal-a, descrevendo em 1706 o que elle chamava flores do pretendido vegetal, e que eram, nem mais nem menos, os animaes fabricantes e habitadores do esbelto e delicado polypo. Foram as investigações de Peyssonel em 1750, secundadas depois por Milne-Edwards, que esclareceram a questão, demonstrando que o coral era na realidade o resultado do endurecimento interior de um polypo, que os naturalistas collocam no fim da ordem dos gorgonidas e na secção dos polypos corticiferos, isto é, que apresentam uma especie de casca ou cortiça. Esta, porém, é apenas a parte mais recentemente fabricada pelo animal, e, por conseguinte, menos consistente que o interior. É toda crivada de buraquinhos, que servem de vivenda aos animaes. Assim, pois, o coral propriamente dito tem por fim offerecer solida base a essas numerosas habitações. Os animaes, formados de uma materia gelatinosa, analoga á dos habitadores das madréporas [1], tem o aspecto de uma flor de côr esbranquiçada.

Dissemos que este polypo é similhante a um pequeno arbusto, sem folhas, mas com muitas ramificações. O diametro do tronco não excede a 20 ou 25 millimetros. A substancia calcarea que o compõe está disposta por camadas concentricas. É finissima, de muita dureza, e facil de receber qualquer lavor e polimento. A parte exterior, ou casca, tem a côr acinzentada, e é semeada de tuberculos, que terminam em uma abertura, dividida em oito compartimentos para dar saída aos oito tentaculos do animal.

A côr interior do coral apresenta differentes variedades. Encontram-se polypos de um lindo vermelho, de côr menos viva, côr de rosa, e até quasi brancos. Chamam os naturalistas a este polypo *corallium rubrum*, porém no commercio dão-lhe diversos nomes, segundo as suas côres, como por exemplo: *escuma de sangue*, *flor de sangue*, *primeiro*, *segundo*, *terceiro sangue*, etc. O mais bello coral é o das costas da França e da Italia. Sobreleva aos das outras paragens na viveza da côr e no tamanho do polypo.

O coral está pegado aos rochedos pela base, em uma profundidade que varía conforme as localidades. Algumas vezes acha-se quasi á superficie da agua, mas commummente está a 200 e 250 metros de profundidade. O mar Vermelho e o Mediterraneo são as paragens onde até ao presente se tem achado o coral. N'este ultimo mar, encontra-se em mais abundancia

[1] Vid. pag. 108 do vol. X e 64 do XI.

nas ilhas Baleares, na Corsega, na Sardenha, nas visinhanças de Marselha, na Sicilia, nas costas de Tunis, de Argel e de Marrocos.

Para a pesca do coral empregam-se umas embarcações muito parecidas no tamanho, no feitio e na armação com as nossas rascas. Tanto os francezes como os italianos dão-lhes o nome de *coralinas*. São tripuladas, em geral, por dez ou doze homens, todos bons mergulhadores. Consiste o apparelho para a pesca em uma grande cruz de madeira, com quatro braços de egual comprimento e mui fortes, da extremidade dos quaes pendem quatro redes, como sacos. Ata-se uma grossa corda no centro da cruz, e, prendendo á parte inferior um peso sufficiente para levar ao fundo do mar o apparelho, lança-se este á agua horisontalmente. Ao mesmo tempo desce um mergulhador ao fundo do mar, e, travando do apparelho, vae raspando com cada um dos braços da cruz os rochedos a que estão agarrados os polypos do coral, até que ficam cheias as quatro redes. Faz-se esta operação com muita rapidez; e assim que termina, a um signal dado pelo mergulhador, os seus companheiros tratam immediatamente de o reconduzir á embarcação, bem como ao apparelho carregado de coral.

A maior parte da producção d'esta pescaria é levada a Leorne, que é o principal mercado do coral. Uma



Pesca do coral

certa quantidade é ahi vendida em bruto, e logo depois exportada para differentes paizes. O resto fica para os ourives e lapidarios de Leorne, que são eminentes nos trabalhos de esculptura em coral. Esta industria dá occupação n'essa cidade a numerosos artistas. Os variados adereços por elles fabricados para uso das damas representam annualmente um avultado capital, e constituem um ramo importante de commercio interior e de exportação.

A pesca regular do coral data do meiado do seculo XV, e dizem que foram os francezes quem lhe deu começo. O que é certo é que foi a França a primeira nação que deu certa regularidade a esta industria, instituindo uma companhia para a pesca do coral, com varios privilegios, e com um estabelecimento permanente na costa de Argel. Foram abolidos os privilegios da companhia em 1791, ficando livre a pesca do coral para todos os francezes que commerciassem com a Barbaria e Levante. Sobre as ruinas d'aquella companhia levantou-se outra, organisada por italianos, a qual obteve a posse do estabelecimento a que acima nos referimos, mediante uma contribuição paga em genero, isto é, no proprio producto da sua industria. Passados cinco annos, pretendeu o governo francez repor as coisas no antigo estado, creando uma nova companhia, á qual concedeu diversos privilegios. Porém estes nunca foram bem executados, e a sociedade colhia poucas vantagens, quando os inglezes se apossaram do mencionado estabelecimento, correndo o anno de 1802. Então teve a pesca do coral um grande desenvolvimento, empregando n'ella os inglezes umas quatrocentas embarcações. Depois da paz geral, em 1816, restituiu a Inglaterra á França o estabelecimento da costa de Argel. Desde 1830, em que os francezes se apoderaram do territorio argelino, a pesca do coral n'essa paragem tem sido administrada por conta do estado, sendo permittida ás embarcações estrangeiras, sob condição de pagarem certo tributo.

Os pescadores do Algarve occuparam-se por largos annos na pesca do coral, indo exploral-o na costa da

Barbaria. Esta industria correu entre nós vária fortuna, prosperando, decaindo, tornando a desenvolver-se por diligencias do governo, que algumas providencias deu para esse fim, até que, novamente decadente, se extinguiu no seculo passado. A villa de Castro Marim foi talvez a que mais se entregou a esta industria.

A pesca e commercio do coral, sujeitos ao imperio da moda, tiveram outr'ora grande florescencia. Depois atravessaram um longo periodo em que estiveram quasi a extinguir-se, por falta de consumo dos seus productos. Modernamente tornaram a florescer, graças aos aperfeiçoamentos introduzidos pelos artistas na esculptura em coral.

Em tempos remotos, a medicina serviu-se do coral para a composição de alguns medicamentos. Hoje apenas se emprega, reduzido a pós, para a limpeza de dentes.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

II

AVENTURAS DE UM CARANGUEJO

(Vid. pag. 94)

X

Assim diria, se podesse, aquella infeliz e ao mesmo tempo ditosa mãe: mas negára-lhe Deus a falla; e seu filho, endurecido pelas circunstancias da sua vida, estranho aos affectos, e já incapaz de sentil-os, interpretava de bem diverso modo os afagos e caricias da que ignorava ser sua mãe. Eis o que elle quereria responder, se fallasse:

«Basta, creatura immoral e descomedida! Olhe que me está fazendo mal com os seus abraços! Ai, o meu peito! Não me beije d'esse modo... Oh! impudente, pare ahi, que está offendendo os bons costumes e a moral publica dos caranguejos! Veja que já está por ahi toda a gente da visinhança ás portas a olhar para nós!... Então!... Ora para onde lhe havia de dar! Largue-me, já disse! Eu não sou d'esses que vossê parece estar costumada a agarrar assim publicamente!... Isso é uma indecencia, uma pouca vergonha! Vá lá para os seus eguaes, que eu cá não gosto d'isso!... Que despejo! A que estado chegámos!... Já os innocentes são assaltados pelos logares mais frequentados, á luz do meio-dia, para satisfazer os appetites e as paixões brutaes d'estas creaturas perdidas! Onde está a justiça? Onde está a Providencia? Onde está o castigo? Por que não cae o ceo aos pedaços, por que não rolam estes rochedos sobre tamanhos criminosos, para que allumia o sol taes iniquidades?! Oh! abominação! Oh! sensualidade! Oh! sacrilegio! Não ha remedio, pois, senão succumbir?!»

XI

Isto diria elle, ou peior ainda, se Deus lhe houvera concedido a divina faculdade de poder fallar. Mas como não fallava, luctou; e, no furor da pudicicia, conseguiu soltar-se dos braços maternaes e fugir. Correu com toda a agilidade de suas varonis antennas, e, para escapar ao perigo que mais detestava, expoz-se a outros maiores, saltando de rocha em rocha, de abysmo em abysmo, até que alcançou o penedo onde habitava. Dispunha-se a respirar á vontade, quando notou com profundo terror que fôra seguido, implacavelmente seguido por aquella de quem fugia! Entrou precipitadamente na sua cella, cuja boca era tão estreita que, felizmente, não cabia por ella a sua perseguidora! Esta parou á porta, encarando-o com os olhinhos espantados por não saber a causa por que um filho adorado mostrava tamanho horror a sua mãe. O caranguejo faiscava de colera ao ver-se com sentinella á vista; mas depois de seguro de que a entrada da casa o defendia, poz-se tranquillamente a meditar na devassidão a que tinham chegado os costumes do seculo, que já as femeas tentavam apanhar maridos ou amantes pondo-lhes cêrco ás habitações! A pobre mãe, aquella que elle julgava sua inimiga, ficou velando á porta para que nenhum perigo perturbasse o somno de seu filho!

XII

Oh! santo amor maternal, que, mesmo desprezado e repellido, proteges e amparas os ingratos que te não sabem comprehender! Abençoado sejas tu para sempre! Ó vós que sois mães, não desampareis jámais os vossos filhos; não os exponhaes a que se criem longe de vós, porque mais tarde vos desconhecerão e rejeitarão as vossas caricias; e póde succeder-vos ainda peior do que aos pobres caranguejos!... Vós, principalmente, mães desnaturadas que engeitaes vossos filhos, não vos occorre que o engeitado póde crescer a tempo que sejaes ainda novas e escravas das paixões, que se póde enamorar de vós e vós d'elle (como ha de fallar a natureza no coração da mãe que engeita os filhos?), e que podeis assim commetter o mais horrendo e repugnante dos crimes? Não tremeis, não recuaes com a tremenda idéa de que a filha lançada á roda póde, tornando-se mulher, ir servir a casa de seu proprio pae, e renovar com elle a atroz e infanda historia de Myrrha e de Cinyras?! Oh! que este receio terrivel, á falta de outros motivos mais nobres, vos chame ao dever! E já que tivestes a fragilidade de cair no primeiro erro, não o aggraveis, presumindo occultal-o, com outro maior ainda. Lembrae-vos de que Deus vê tudo; e se não soubestes ser honestas e virtuosas, sabei ao menos ser mães, porque só assim podereis rehabilitar-vos.

XIII

A historia do meu pobre caranguejo toca o seu termo. A mãe, faminta, insaciavel de o ver, tendo concentrado toda a sua esperança n'aquelle encontro, e vendo-se tão duramente recebida, sem saber por quê, nunca mais se afastou da fenda do rochedo que lhe guardava o filho. Este preferiu morrer de fome a expor-se aos carinhos cuja origem tinha por suspeita ou depravada, sendo aliás a mais santa de todas!

Imagine-se bem a situação de duas creaturinhas olhando-se noite e dia, sendo ambas causa innocente da morte uma da outra, sem meio de communicarem seus pensamentos, suas repugnancias, suas aspirações; — uma sem poder perguntar:

XIV

«Que queres de mim? Que te fiz eu para que me venhas matar, sitiando-me na minha cella, d'onde não posso sair em busca do meu sustento por ignorar as tuas intenções?!...» E outra sem poder responder: «Sou tua mãe, desgraçado! Que culpa tenho eu das tuas desventuras, para que me odeies? Vem aos meus braços, filho da minha alma! Nunca mais d'aqui me afastarei nem tornarei a tomar alimento, e expirarei á tua vista, se me não fizeres a esmola do teu amor!»

XV

Este drama doloroso teve fim. A pobre mãe começou a chorar; e, por um estranho mysterio, á medida que as suas lagrimas se escoavam para o mar, o seu corpo diminuia de volume, até que de todo se desfez e desappareceu a ultima gota salitrosa que lhe pertencêra. O filho, porém, ficou onde estava, e completou sem violencia a sua metamorphose, de muito come-

çada; converteu-se em pedra, assimilando-se á parede da sua cella, mas sem perder a fórma primitiva.

Haverá doze annos que visitei aquellas praias, testimunhas de tão doloroso successo, e, subindo ao penedo que se ficou denominando a *Lapa dos caranguejos*, lá vi a petrificação, e á vista d'ella escrevi esta historia, tal como a tradição a tinha conservado.

F. Gomes de Amorim.

ABDUL-AZIZ, SULTÃO DA TURQUIA

(Vid. pag. 84)

II

Não creio na Turquia, repito, não creio na possibilidade da existencia de uma nação onde quatro seculos não conseguiram fundir os diversos elementos que refervem n'esse cadinho despotico. Não creio n'uma nação onde a raça a quem a espada deu a supremacia não consegue, nem tenta mesmo, durante quatro seculos, transformar a sua occupação militar n'um dominio serio e solido; n'uma nação a cujas instituições não bastam quatrocentos annos, nem bastariam mil, para tomarem raizes no solo em que imperam; n'uma nação, em fim, onde o poder pertence a uma minoria brutal e inintelligente, em quanto as raças onde ha vida intellectual, as raças que formam verdadeiramente a nação ou as nações constituintes d'esse hybrido conjunto, estão condemnadas a vegetar politicamente á sombra da arvore caduca e esteril da Sublime Porta.

Pois quê! as raças duras e energicas do Norte, inundando como uma torrente o imperio romano, ainda vigoroso, tem força bastante para arrasarem e confundirem instituições, e ao mesmo tempo malleabilidade bastante para se adaptarem aos moldes da antiga civilisação, que hão de sobreviver á quéda do mundo antigo, e em que se ha de vasar a civilisação moderna; assim que esses povos barbaros se acham em contacto com os povos civilisados, resulta do seu choque uma confusão fecunda, porque n'esse baralhar de instituições, de religiões, de linguas, se estão procurando e casando os elementos d'onde hão de sair as nações vigorosas da moderna Europa, nações que não são nem gaulezas, nem frankas, nem celtibericas, nem gothicas, mas francezas, mas hespanholas, mas portuguezas, quer dizer, nações que datam exclusivamente d'essa epocha de elaboração, e que á conquista fecunda operada sobre os paizes romanisados pela espada dos barbaros do Norte, e á outra conquista, não menos fecunda, operada sobre os barbaros do Norte pela civilisação e pela religião das provincias de Roma, devem a sua energia, o seu vigor e a sua indole toda progressista; e a raça brutal dos filhos de Othman alaga o decrepito imperio byzantino, devastando apenas, não como inundação providencial que confunde o seu nateiro fertilisador com o solo onde pullulam elementos de fecundidade, mas como flagello de Deus, como terivel inundação que desce de inverno, em torrente espumante, das montanhas, e devasta, arrasa, destroe e passa, deixando a tristeza e a ruina onde encontrou a florescencia e a vida; essa raça exclusivamente guerreira, que, desde que deixou de ser o terror da Europa, passou a ser o ludibrio d'ella, porque não tinha motivo de existir que não fosse a guerra, assim como o raio não tem motivo de existir que não seja a tempestade; essa raça encontra um povo sem energia, e nem sabe transvasar-lhe para as veias o seu sangue juvenil e ardente, nem sabe receber das suas mãos sem força o legado civilisador; não impõe a sua religião, nem acceita a dos vencidos; não cruza as raças, nem ao menos tem vigor bastante para se substituir inteiramente aos autochtonas; acha-se em contacto com a lingua grega, como os barbaros do Norte com a lingua latina, e nem percebe que o idioma de Homero possa vencer a sua rude linguagem, nem que a sua linguagem possa modificar o idioma de Homero; conserva-se completamente distincta da raça opprimida, estupidamente tolerante com as idéas, estupidamente intolerante com os homens, soldadesca infrene acampada em territorio inimigo; e a Europa ha de acceitar este arraial como nação, ha de consentir que em pleno seculo XIX se dê o nome de nacionalidade turca a um amalgama de slavos, de gregos, de armenios; sobre os quaes tripudia, sem caracter, sem força, sem litteratura, sem tradições que a prendam ao solo, sem coisa alguma do que constitue as nacionalidades, uma horda semi-barbara de nomadas asiaticos!

A Turquia é uma ficção diplomatica, e, por mais que tente agora e tente lealmente acolher as idéas da civilisação européa, ficção ha de permanecer sempre, porque é uma impossibilidade completa a fusão das diversas raças que povoam o imperio; e, desde o momento em que essa fusão é impossivel, a lucta interior ha de subsistir até que as raças autochtonas repulsem os invasores, e tomem posse de si mesmas. Ha muito que isso se teria effectuado se a questão do Oriente não se tornasse de subito, graças aos projectos ambiciosos da Russia, o phantasma que persegue em sonhos a diplomacia occidental. Recuam as potencias diante de uma solução inevitavel, e temem as procellas que d'ahi hão de resultar; em vez de encararem face a face o perigo, preparando-se para elle, procuram prolongar o *statu quo*, e afferram-se com enthusiasmo a tudo quanto lhes possa dar uma vaga esperança de que esse *statu quo* seja definitivo. Por isso applaudem e apregoam todas as reformas da Turquia, por isso acolhem como uma promessa a vinda do sultão, e basta-lhes essa supposta garantia de um renovamento no imperio turco para que deixem succumbir com indifferença os intrepidos cretenses, que invocam debalde as suas tradições sublimes, a generosidade da Europa, a fraternidade que nos devia arrastar a soccorrer esses nossos irmãos, filhos primogenitos da civilisação hellenica, e que tem em resposta no *Monitor* francez esse periodo, em que se commemora a victoria proxima dos musulmanos:

«Tudo leva a acreditar que este ultimo esforço da rebellião, *em que a parte sã da revolução candiota não tomou parte alguma*, não conseguirá fazer voltar para a ilha de Creta uma nova era de desgraças e de ruinas.»

Esse mesmo artigo, lamentando que a revolução não estivesse de todo acalmada, começava assim:

«As esperanças que nos inspirára o geito *favoravel* dos acontecimentos de Creta não se realisaram inteiramente [1].»

Nem se realisarão nunca. Subjugada aqui a revolta, brota de novo além. O artigo do *Monitor* era de 5 de dezembro de 1866, e no dia em que estou escrevendo (2 de outubro de 1867) vejo nos jornaes a noticia de ter rebentado com mais força a mal comprimida insurreição [2].

Pois não lhes demonstram a cada passo estas explosões o quanto é ficticia a existencia da Turquia? Apesar do cuidado com que o Occidente faz da integridade do imperio ottomano a garantia do equilibrio europeu, não se está esse imperio desconjuntando a cada passo? Não quebraram de todo os principados danubianos os tenues laços que os ligavam á Turquia? Julga-se possivel, sem se derramarem ondas de sangue, que volte a ilha de Creta para o dominio do sultão? A agitação não é constante de sul a norte, de oriente a occidente, e na propria capital, onde os armenios e os gregos estão perfeitamente organisados, não existem fermentos perennes de revolta?

1 Veja-se a este respeito um artigo de mr. Boulé, *La Crète et la question d'Orient*, na *Revue des deux mondes* de 15 de janeiro de 1867.

2 Quando este artigo se publica (julho de 1868) ainda não está terminada a revolta de Creta.

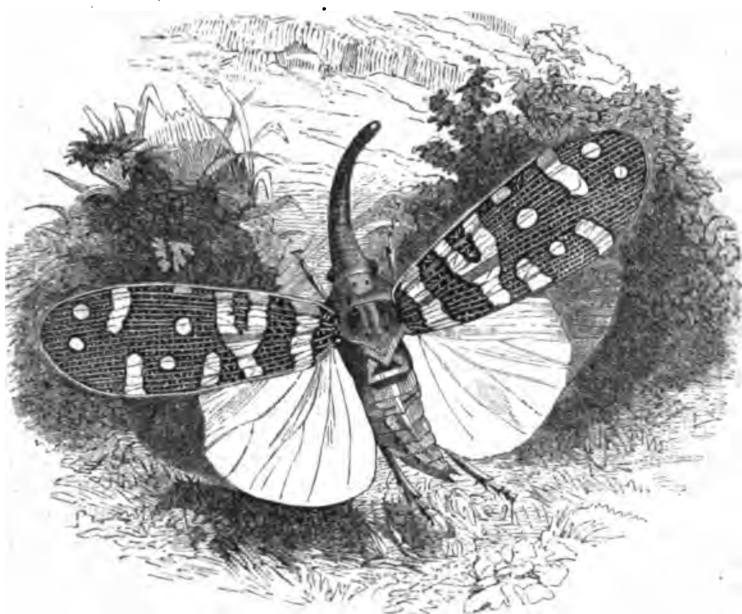
Gregos, armenios e slavos são as tres raças principaes que existem no imperio turco. Vejamos qual é a força vital d'essas nacionalidades, a sua imcompatibilidade com o dominio turco, e depois veremos se o receio de despertar a grave questão do Oriente não está obrigando a diplomacia occidental a combater contra a natureza das coisas, e a preparar, por conseguinte, uma catastrophe mil vezes mais funesta do que o perigo contra o qual a Europa se procura garantir com esse escudo apodrecido do imperio dos ottomanos.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

PYRILAMPO PORTA-CANDEIA

São bem conhecidos em todo o nosso paiz uns insectos pequeninos que se escondem em quanto o sol illumina a terra, e que durante a noite vagueiam por entre as balsas e sobre a relva dos prados, brilhando na escuridão com uma luz phosphorica, que de espaço a espaço se eclipsa. *Vaga-lume*, *pyrilampo* ou *lumieira* são os nomes vulgares com que o povo os designa; e, além d'estes, ainda lhes dá outras denominações, segundo as localidades. A estes insectos, de que ha diversas especies, chamam os naturalistas *lampyris*, collocando-os no genero dos cleopteros.

Porém o singular insecto, que se vê representado em a gravura junta, com quanto seja dotado da mesma propriedade de resplandecer nas trevas da noite com uma luz phosphorecente, pertence ao genero dos hemiopteros e á familia das cigarras. Chama-se em linguagem scientifica *fulgora candelaria*. Representa-o a nossa gravura no seu tamanho natural. A cabeça, de côr avermelhada, tem um grande prolongamento curvo e ponteagudo, da fórma do qual tira o insecto, sem dúvida, o seu nome popular de *pyrilampo porta-candeia*. Os elytros, ou azas superiores, são verdes, com pintas côr de laranja. A mesma côr de laranja



Pyrilampo porta-candeia

lhe tinge o corpo e as azas inferiores, terminando estas em uma faxa preta.

A este insecto, de tão exquisita fórma e de tão vivas côres, concedeu a natureza o dom de resplandecer com os reflexos, embora pallidos, de uma luz phosphorica. Não desfructa, porém, este dom por toda a vida, apesar de ser bem curta, mas sómente durante uma parte d'ella.

Este pyrilampo é natural da China. É o maior que alli se encontra d'entre as diversas especies designadas com o nome de *fulgora*. Porém outra especie ha na America incomparavelmente maior. Chamam-lhe os americanos *porta-lanterna*, e os naturalistas *fulgora lanternaria*. I. DE VILHENA BARBOSA.

ORGULHO DOS INGLEZES

Hei de revelar o mal e não occultar o bem. Tenho ainda a palavra. Fui testimunha de uma d'essas manifestações exaggeradissimas do espirito publico inglez em uma circunstancia mui delicada.

Um negociante fôra encarregado pelo governo de comprar madeiras de construcção para o porto de Archangel. A Inglaterra, n'aquella epocha, estava em situação critica: nem podia reparar nem edificar. Mas as circunstancias mudaram dentro em pouco, e o governo, achando o mercado em condições mais favoraveis, accusou o negociante de falta de zelo, e arruinou-o.

O infeliz apresentou diversas memorias para se justificar, pediu audiencias aos ministros, porém baldadamente. A final, em um momento de desesperação, resolveu-se a esperar o primeiro ministro Perceval á porta da camara popular, e, depois de lançar-lhe em rosto a sua deslealdade, matou-o.

Prenderam o homicida, e o processo instaurou-se sem demora. Ficando provado o crime, o infeliz foi julgado e condemnado a pena ultima. Na occasião da execução o povo apinhoava-se na praça onde se levantára o cadafalso, e de todas as partes se ouviam estas palavras:

— Adeus, infeliz! devias reparação ás leis do teu paiz porque as tinhas offendido; mas, Deus te perdoe! prestaste um grande serviço á patria. Ensinaste aos ministros que devem ser justos e conceder as audiencias que lhes são pedidas.

Abriu-se em seguida, a favor da viuva e dos filhos do infeliz negociante, uma subscripção, que subiu a uma somma tão importante, que de certo, em outra qualquer circunstancia, não teriam pensado que poderia accumular-se tamanha riqueza [1].

[1] *L'Angleterre rue à Londres*, pag. 35.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31



O mendigo cego

Ha um grupo immortal na velha tradição hellenica; é o grupo de Edipo e de Antigona. Os modernos, em geral, não comprehendem a sublimidade dos assumptos da tragedia grega; o pathetico de Eschylo e de Sophocles, que tinha suspensos e fascinados os espectadores dos theatros athenienses, deixa-nos frios e sem lagrimas; admirâmos a grandeza da mole e o vigor do architecto, mas não nos commovem desventuras que não percebemos; o pathetico de Euripedes, do tragico tão accusado por Aristophanes de estragar o gosto e de enervar o publico, chega-nos mais ao coração, porque as paixões que esse *romantico* da velha Athenas agita no palco são d'aquellas que o sentimento moderno, que o sentimento de todas as edades facilmente abrange e comprehende.

A fatalidade, que desdobra sobre os vastos proscenios as suas negras azas, e cujo sôpro impelle os heroes inconscientes pela estrada maldita onde os esperam as desgraças e os crimes, basta para gelar todo o interesse no coração dos espectadores modernos. O desespero de Edipo não o podêmos comprehender; não vemos n'elle senão um homem justo e bom, victima de olympicos tratantes, que se divertiam em transformar em crimes as mais simples acções da sua vida honesta. Atravessa a deshoras um monte, encontra um homem que o não deixa passar, mata-o para não ser morto; pois querem saber? este homem era seu pae, e aqui temos Edipo já parricida! Segue o seu caminho, chega a uma cidade afflicta, presta aos habitantes um grande serviço, a instancias d'elles faz o sacrificio de casar com a rainha, viuva inconsolavel que morria por ser consolada; pois esta rainha madura, que ainda namorava rapazes, era nem mais nem menos que sua mãe!

Representem uma peça d'este gosto diante de uma platéa moderna, e verão que redonda pateada a acolhe. É necessaria uma certa erudição, um certo conhecimento do genio, das tradições, da indole do povo e da poesia grega, para que, repondo a scena no meio dos seus accessorios indispensaveis, se comprehenda

e se aprecie o que ha de grande n'esta sombria tragedia.

Apenas, comtudo, começa a expiação dos imaginarios crimes, o drama torna-se humano, e a commoção dos athenienses, abrangendo o mundo inteiro, adquire os foros de immortal. Não é a victima da fatalidade que o mundo contempla com dó profundo e profunda veneração; é simplesmente o velho que a desgraça fulminou, o proscripto que a terra inteira repelle, o mendigo em cuja nobre face a desgraça apagou a luz dos olhos, e que percorre o mundo encostado ao hombro de Antigona, da innocente filha, que lhe é unico amparo e guia. Esse grupo sublime é o que fica devéras gravado na memoria de todas as gerações, é o que a todos arranca lagrimas, é o que ha de inspirar por toda a extensão dos seculos o talento dos artistas, o estro dos poetas.

O contraste do homem forte prostrado pelo infortunio e amparado pela innocencia, do velho muro aluido que a hera fragil esteia, do baobab fulminado pelo raio em torno do qual se enlaçam amorosamente as escarlates bromelias, do carvalho lascado que a roseira cinge e perfuma, sempre, sempre fascinou a imaginação dos homens. A esse outro Edipo moderno, fulminado pela desgraça, meio louco, soltando os cabellos desgrenhados ao sôpro do vendaval, confundindo com os gritos da procella os seus gritos de desespero, ao rei Lear, em fim, deu tambem Shakespeare uma Antigona no doce vulto de Cordelia. André Chénier, esse grego de Byzancio que poz aos labios a taça de leite e mel da poesia homerica, ao apresentar-nos em scena o grande velho de Smyrna, ainda que seja o quadro risonho, não se esqueceu de pôr ao lado do sublime cego os pastorinhos meigos e alegres. Homero canta, e as crianças, de labios em flor, escutam. É ainda o grupo de Edipo e de Antigona, mas illumina-o um raio de sol.

Esse grupo esculptural fulgura sempre na imaginação dos artistas, como fulgurou na phantasia dos poetas. Seja qual for o assumpto que representem, desde o momento que um pobre e velho cego se ampara a uma criança em plena primavera, podêmos estar certos que o artista se lembrou d'esse modelo immortal de Edipo e Antigona. Esse quadro de Dyckmans [1], de que o *Archivo* dá hoje uma bellissima gravura, representa um mendigo cego, de que uma pobre criança é guia. Lê-se na physionomia do velho a dor augusta e grande, no olhar da rapariga a resignada tristeza. Eil-o ainda, o grupo que nos foi legado pela poesia hellenica.

A cegueira é uma das enfermidades que a arte facilmente poetisa. Esses rostos sem luz parece que uma irradiação interna os illumina. Com as orbitas vasias, como nas estatuas, o rosto de um cego parece adquirir por esse facto um não sei quê de esculptural. Vivendo no mundo, é ao mundo estranho. Solitario no centro do turbilhão, quem sabe o que se aninha nos seus recessos sombrios! Aquelle para quem se apagam as luzes do corpo deve ter mais vivida a luz do espirito. A attenção deve concentrar-se-lhe n'esse mundo intimo, tão rumorejante, tão cheio de vida e esplendor como o universo. «Na noite que me rodeia, dizia Milton, a luz da divina presença brilha para mim com mais viva intensidade. Deus contempla-me com mais ternura e mais compaixão, porque só a elle o posso ver.» Thomaz Ribeiro, n'uma das suas bellas poesias, *Os cegos*, exprimiu admiravelmente, na magnifica linguagem de que dispõe, o que em humilde prosa quizemos dizer.

«Nos carceres que em torno a mim contemplo,
julgaes que as pobres almas escondidas,
chorosas com seu lucto, esmorecidas,
não terão para orar intimo templo?

«Se a abobada é sombria, ha luz no centro,
onde calida prece o peito exhala;
nas janellas, se a luz bate e resvala,
accendem-se os sacrarios lá por dentro!

«Servem d'altares cinerarias tumbas;
o amor pede mysterio onde se acoite;
festas a Deus tambem por alta noite
celebravam christãos nas catacumbas.»

E depois, se o cego nem sempre o foi, se póde contemplar um dia só as maravilhas da natureza, quando se lhe cerra o carcere, de que esplendidas visões lhe não fica illuminado! Quando nós fechâmos os olhos e nos bate nas palpebras a luz ardente de um sol de verão, como vemos scintillarem na sombra fitas de oiro, e azul, e purpura! Para elles, que tem sempre as palpebras fechadas á luz do mundo externo, quando o sol cá fóra irradia ha de lá dentro accender-se-lhe um kaleidoscopo maravilhoso. Ha de a phantasia pintar-lhe o quadro idealisado da natureza exterior, hão de ver aquillo de que um grande cego nosso compatriota nos fez a confidencia sublime na introducção das *Cartas d'Echo e Narciso:*

«Se a natureza me negou seus quadros,
se os fracos olhos meus não descortinam
o sublime espectaculo dos campos
. . . .
co'as musas meditando eu sinto e gozo
novas scenas phantasticas, risonhas
. . . .
dou rebanhos ao campo, aves á selva,
e graça a todo o mundo, e luz ás sombras.»

Era ainda isso o que Victor Hugo dizia nas *Contemplações* a um poeta cego:

Chante, Milton chantait, chante, Homère a chanté!
Le poëte des sens perce la triste brume;
L'aveugle voit dans l'ombre un monde de clarté,
Quand l'œil du corps s'éteint, l'œil de l'esprit s'allume.

É o reflexo d'esse mundo luminoso interior que dá ao rosto dos cegos tão augusta expressão; n'essas feições veladas corre como que a vaga transparencia da lampada intima, e por isso, contemplando a bella physionomia do mendigo no formoso quadro de Dyckmans, olvidâmos que não é elle mais, talvez, do que um homem vulgar, e, curvando-nos diante d'esse vulto que a desgraça fez augusto, como que vemos n'elle a synthese dos sublimes cegos, Homero, Milton, Ossian, que do seio das suas trevas foram para a humanidade pharoes resplandecentes. M. PINHEIRO CHAGAS.

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 95)

X

Não obstante ser noite quando acabou a funcção no Caia, o regresso das duas familias reaes a Elvas e a Badajoz foi saudado com tres salvas de artilheria em cada uma das praças.

A cidade de Elvas achava-se ataviada com esplendidas galas para receber os seus monarchas e festejar condignamente os augustos noivos. As ruas por onde havia de passar o prestito real offereciam um espectaculo grandioso. As portas e janellas das casas estavam armadas de damasco carmesim, com sanefas bordadas ou agaloadas e franjadas de oiro, tudo novo. Tinham-se erigido muitos arcos triumphaes, uns guar-

[1] Este quadro figura na rica *National Gallery* de Londres.

necidos com pinturas, outros ornamentados com tapeçarias e sedas. As luminarias das casas e as luzes das tochas que acompanhavam o prestito faziam realçar todas aquellas pompas.

El-rei D. João v e mais pessoas reaes dirigiram-se á sé, á porta da qual os esperava o senado da camara, o patriarcha de Lisboa revestido de pontifical, uma parte do collegio patriarchal e o cabido da sé de Elvas. Conduzidas suas magestades e altezas debaixo do pallio até á capella-mór com as formalidades do costume, seguiu-se a ceremonia das bençãos nupciaes, que foram lançadas pelo patriarcha. O *Te Deum*, por musica vocal e instrumental, executado pelos musicos e cantores da real camara e da patriarchal, poz termo ás ceremonias da egreja.

Na mesma hora em que se effeituava esta solemnidade celebrava-se outra egual na sé de Badajoz, lançando o cardeal Borja as bençãos nupciaes ao principe e princeza das Asturias. Contavam então de edade, o principe pouco mais de quinze annos, e a princeza dezesete.

Da sé foram conduzidos el-rei D. João v e sua familia, com o mesmo acompanhamento triumphal, até ao paço do bispo.

Depois de alguns momentos de descanço, abriram-se as portas de uma sala magnificamente adereçada, e na qual se ia servir uma opipara ceia. Tanto os bofetes e credencias, que estavam guarnecendo as paredes, como a mesa real, achavam-se não sómente adornados, mas, póde-se dizer, carregados de baixella de oiro e prata, pois que em tão grande cópia alli brilhavam as salvas, jarros, taças, copas, gomis, fontes e outras variadas peças da baixella dos nossos reis, que, avultando muito pela sua riqueza e valor intrinseco, ainda sobreleva mais pela belleza e excellencia dos primores d'arte.

El-rei e as mais pessoas reaes comeram em publico; o que quer dizer que entraram na sala processionalmente, precedidos dos reis d'armas, arautos, passavantes, porteiros da canna, officiaes-móres, etc.; e que, tomando todas as pessoas que compunham este prestito os seus respectivos logares, foram servidas suas magestades e altezas com todo o apparato e ceremonial da antiga corte portugueza.

Acabada a ceia, foi a familia real assistir a um brilhante fogo de artificio, que estava disposto fóra da praça para evitar algum sinistro. Foi dos mais soberbos espectaculos d'este genero que se tem feito no paiz; um d'esses espectaculos que ha longos annos se não presenceiam; por quanto os que se fizeram por occasião da acclamação do sr. D. Pedro v, de saudosa memoria, e pelas nupcias d'este soberano e do sr. D. Luiz I, não habilitaram as pessoas que os viram a ajuizar da grandiosidade e belleza das perspectivas que apresentavam os fogos de artificio com que se festejaram os consorcios dos filhos del-rei D. João v, a inauguração da estatua equestre del-rei D. José I, os casamentos dos filhos da rainha D. Maria I, e o nascimento da princeza da Beira, D. Maria Theresa, primeiro fructo do matrimonio do principe D. João, depois rei, 6.° do nome, e da princeza D. Carlota Joaquina de Bourbon, mais tarde rainha.

Apesar de ir muito adiantada a noite quando terminou o fogo, não findaram n'elle os festejos d'aquelle dia. A familia real ainda teve de ouvir mais uma longa serenata, depois da qual se recolheu aos seus aposentos. Estava preenchido o programma das festas publicas para aquelle dia; porém ainda faltavam dois actos importantes do ceremonial usado em taes occasiões.

El-rei D. João v e a rainha sua esposa acompanharam os noivos á camara nupcial, e logo a rainha tratou de despir e metter na cama a princeza, fazendo el-rei o mesmo serviço ao principe. Cumprida esta pratica, os soberanos lançaram a benção a seus filhos e, despedindo-se d'elles com muitas demonstrações de affecto, saíram da camara. Porém, como aquelle acto de se deitarem juntos os noivos não era mais que uma simples ceremonia que devia ter curta duração, attenta a pouca edade dos conjuges, pois que o principe D. José pouco excedia a quatorze annos e a princeza D. Marianna Victoria ainda não tinha completado onze, ficou na camara como testimunha e guarda o marquez de Alegrete, Fernando Telles da Silva, gentil-homem da camara del-rei e da do principe do Brasil. Ao cabo de uma hora, durante a qual suas altezas se entretiveram conversando mui honestamente, segundo referem as memorias do tempo, separaram-se os augustos noivos, sendo o principe conduzido para outra camara pelo marquez de Alegrete.

No dia seguinte houve beija-mão nos paços de Elvas e de Badajoz. D. João v e D. Filippe v enviaram comprimentos um ao outro por via dos seus gentis-homens, aos quaes encarregaram egualmente de levar e offerecer em seu nome a cada uma das princezas as joias que é de uso offerecerem-se como prenda nupcial.

De tarde passou a camareira-mór portugueza a Badajoz, a fim de visitar a princeza das Asturias; e do mesmo modo veiu a Elvas a camareira-mór castelhana para comprimentar a princeza do Brasil. Assim tambem se trocaram os presentes enviados pelos dois soberanos, catholico e fidelissimo, aos criados que tinham servido as augustas princezas, sendo portadores d'elles os guarda-joias dos ditos monarchas. De parte a parte se mandaram presentes de subido custo, taes como espadins com os copos de oiro cravejados de diamantes, caixas de rapé de oiro guarnecidas de brilhantes, collares e flores das mesmas e de outras pedras preciosas, etc. Os portadores das prendas tambem foram presenteados. Para que se faça idéa do valor das joias que foram offerecidas aos principaes fidalgos e damas das duas cortes, diremos que el-rei D. Filippe v mimoseou com um annel de oiro cravejado de diamantes, do valor de um conto e seiscentos mil réis, a Francisco de Andrade Corvo, que levou a Badajoz os presentes mandados por D. João v para os officiaes-móres, damas e mais criados do serviço da princeza do Brasil.

Na mesma tarde mandou el-rei D. João v distribuir seiscentos mil réis, a titulo de gratificação, por cada um dos regimentos que assistiram á solemnidade, e avultada quantia em esmolas pelos conventos das freiras, pelos presos e pela pobreza.

Á noite repetiram-se todos os festejos da vespera.

Escusado será dizer que tudo quanto se fazia em Elvas para solemnisar aquelles reaes enlaces era executado em Badajoz com a maior pontualidade. Assim tambem se passou a manhã do dia 21, em ambas as cortes, em recepções officiaes e trocas de presentes entre os principes e infantes.

De tarde houve parada de toda a tropa e grandes exercicios militares, a que assistiram a familia real e immenso concurso de gente de todas as classes da sociedade. El-rei D. João v, o principe e infantes, a cavallo, e seguidos de um numeroso e luzido estado-maior, passaram revista aos regimentos de infanteria e cavallaria, formados em linha de batalha. Logo depois executou-se um simulacro de combate, com exercicio de fogo, em que tomou parte toda a tropa.

Acabou a funcção juntamente com o dia, seguindo-se-lhe as mesmas festividades das duas noites antecedentes.

A manhã do dia 22 foi consagrada a audiencias. De Badajoz vieram comprimentar os nossos soberanos e os principes do Brasil muitas pessoas de distincção da corte de Castella, seculares e ecclesiasticas, entrando em o numero das ultimas bastantes frades. Re-

ferem os chronistas d'estas funcções, e entendemos dever consignar aqui, como exhibição dos costumes d'aquella epocha, tão notavel em frivolidades, que n'este mesmo dia vieram de Badajoz «tres senhoras castelhanas rebuçadas, ou segundo se explica o seu idioma, *tapadas*, as quaes, entrando no paço, fizeram muitas galanterias; todas mui applaudidas e celebradas.»

Da cidade de Elvas foram a Badajoz muitos fidalgos e damas, prelados e frades, a renderem homenagens aos monarchas de Hespanha e aos principes das Asturias. Não sabemos, porém, se tambem lá foram divertir a corte com momices tres senhoras portuguezas *rebuçadas*. N'este ponto, ou a Hespanha triumphou, levando a palma a Portugal, ou os nossos escriptores se esqueceram de commemorar este successo.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

O MUSEU DO BISPO DE BEJA

(Vid. pag. 76)

II

Em tempo de D. Fr. Manuel do Cenaculo, mandando o sargento-mór Francisco Manuel de Mello abrir n'um sitio em que trazia obras o alicerce da muralha romana, appareceu o fragmento que a nossa gravura representa.

Bem como o de muitas antigas povoações de Portugal, é o solo de Beja riquissimo de vestigios de povos differentes que a habitaram. Dos romanos em particular, jazem sepultadas na terra, que por tantos seculos possuiram, abundantes e preciosas reliquias, testimunhos irrefragaveis do adiantamento das artes em Roma e nas colonias que ella polia e dominava. Sabía-o o illustre prelado, e ensinava os seus diocesanos a distinguir e apreciar estas antigualhas venerandas. Por isso, quando, no ultimo quartel do seculo passado, se fazia em Beja alguma edificação que obrigava a revolver o terreno e a expor á luz do sol as sombrias catacumbas das velhas civilisações, não apparecia coisa que por sua importancia merecesse conservar-se que não fosse logo recolhida no museu episcopal.

Posto que ninguem o saiba com certeza, só em construcções se poderiam empregar as lapidas roubadas da egreja dos jesuitas. Pela mesma via foi, pois, enriquecida no seculo passado, e desbaratada no presente, a valiosa collecção do bispo de Beja. Manifesta-se em muita coisa o progresso do nosso paiz; n'este ponto, porém, só a ignorancia progrediu. Infelizmente, aos vandalismos de Beja respondem os das outras povoações, e até da propria capital do reino.

Com a metade superior do baixo relevo perderam-se todos os signaes caracteristicos da divindade que representava. São em regra geral partidas ou muito mutiladas, apesar da dureza do marmore, as estatuas romanas que em Portugal tem apparecido. Pouco resta já da primeira fórma no fragmento, que estava mettido n'uma parede da praça do Sapal, em Setubal [1], e que, segundo cremos, é o mesmo que ha pouco foi transportado para Lisboa por diligencia do sr. marquez de Sousa. No museu Sisenando havia, além do grande torso de uma estatua que parece ter sido de Cybele, muitos outros fragmentos de figuras differentes, e nem uma só completa. No templo de Diana, em Evora, appareceu ha tempo um dedo agigantado de marmore, tamanho como o braço de um recem-nascido, e que foi por certo de alguma grande estatua, cujos outros restos se perderam.

As vicissitudes da guerra entre raças diversas e com religiões differentes, a sanha dos vencedores contra os vencidos, explicam-nos o facto de que se citam tantos exemplos conformes. Era natural que os godos destruissem os idolos dos romanos, os arabes os simulacros dos godos, e estes quaesquer objectos que lhes lembrassem o culto de Mafoma.

[1] Vid. pag. 152 do vol. IV.

O baixo relevo de que tratâmos parece que de proposito o partiram, pois é grande a espessura do marmore em comparação da largura, que não passa de $0^m,12$, e da altura, que não excede no pedaço restante $0^m,22$. Na parte inferior conserva-se ainda o vestigio de um espigão de ferro, que serviria para aprumar a figura sobre alguma peanha.

No mesmo sitio em que appareceu esta reliquia achou-se tambem outro fragmento de barro, que representa a cabeça de um cervo entre duas grandes tetas. Parece um emblema do culto de Diana Mammêa, sendo portanto possivel que no baixo relevo estivesse a imagem d'esta deusa, outr'ora tão venerada na peninsula, como o attestam as memorias sertorianas.

Faltam-nos conhecimentos particulares de esculptura para julgar competentemente o merecimento artistico d'esta reliquia notavel. Todavia, parece-nos corresponder áquella alta idéa que todos formâmos do estado da arte em Roma quando as conquistas e a opulencia ajuntavam dentro de seus muros as obras primas e os esculptores da clara Grecia.

Diziam os gregos que Dedalo fôra o primeiro que soubera fazer estatuas tão perfeitas, que olhavam, fallavam e caminhavam, querendo significar assim que ninguem antecedentemente lográra communicar-lhes a expressão da vida e do movimento. Não olha nem falla a figura do nosso fragmento, porque lhe faltam olhos e boca, mas caminha ligeira e naturalmente, mal poisando no chão as plantas delicadas. O movimento e o ar franzem-lhe graciosamente a tunica delgada e leve, que, vestindo o corpo até aos pés,

«...nem tudo esconde, nem descobre.»

Apparecem por entre as fartas pregas os delineamentos dos membros, e até os contornos anatomicos do joelho, patenteando-se d'esta sorte a pericia do esculptor em imitar no marmore a transparencia das vestes, indicio certo de subido grau de perfeição artistica.

O fragmento de marmore representado na gravura, e o de barro a que alludimos, sendo dos objectos que, por seu pequeno volume e peso, se transportaram de Beja, conservam-se na bibliotheca publica de Evora.

A. FILIPPE SIMÕES.

O WALI DE SANTARÈM

(Conclusão. Vid. pag. 90)

VI

A TOMADA DE SANTAREM

Pela calada da noite caminha a pequena hoste portugueza na direcção do sudoeste; havia já quatro dias que tinha deixado Coimbra, e, sempre em marchas nocturnas, pouco tinha adiantado; curiosos e aborrecidos, os cavalleiros portuguezes estranham o passo vagaroso a que o seu chefe os condemna. Não são estes, comtudo, os habitos do rei de Portugal; quando determina surprehender uma praça musulmana, mais veloz do que o raio, mal fórma o designio e já está diante dos muros condemnados. Os inimigos pavidos vêem no mesmo instante luzir ao longe no horisonte o elmo e a couraça, e sobre as suas cabeças a formidavel acha d'armas do terrivel Ibn-Errik. Por que motivo segue elle n'esta expedição um tão differente systema? Ninguem o sabe, a não ser, talvez, o prior de Santa Cruz D. Theotonio, Mem-Ramires e um cavalleiro mysterioso, que ninguem conhece, mas que,

apesar de vestir armas christãs, parece, pelo tostado do rosto, haver nascido nas faldas ardentes do Atlas, onde a lei de Mafoma impera.

São estes tres os que de mais perto rodeiam Affonso Henriques. El-rei mostra-se, como de costume, sereno e risonho; mas o seu rosto, onde bate de chapa o candido luar, é tão impenetravel como a viseira do elmo, que levantára para gozar mais á vontade a frescura da noite.

Como serpente de escamas de ferro, desenrola-se pelas estradas a pequena phalange portugueza; a lua, alta no ceo, accende a cada instante reflexos fugitivos nos escudos, nas lanças, nos capacetes e nas couraças. Quem assim visse passar a hoste silenciosa diria uma longa procissão de espectros, allumiada pela sinistra phosphorescencia dos cemiterios.

Tinham chegado á serra de Albardos, e nem sequer suspeitavam ainda qual era o fim da expedição, quando de repente os vem surprehender nova ordem, a de voltarem para o oriente, colleando ao longo das serras que julgavam ter de transpor.

Que novidade será esta? Ninguem o sabe; continúa a presidir o mysterio a todas as operações d'essa estranha expedição. O caminho que seguem parece conduzil-os a Santarem, mas será possivel que para tomar praça tão forte appellidasse el-rei apenas tão pequena porção de homens d'armas?

E mudos caminham ao longo das serras, e os cavallos, como se conhecessem a necessidade do silencio, nem ousam soltar o seu nitrido impaciente.

Ainda a tenue luz da aurora mal arraiava o horisonte, quando a hoste portugueza entrava em Pernes. Algum cabaneiro madrugador, que se encaminhava para o trabalho com a enxada ao hombro, desviava-se assustado, interrompia a sua canção matinal, e dizia, persignando-se:

— Senhor Deus, onde irá rebentar esta trovoada guerreira?

Foi em Pernes que o mysterio se desvelou; Affonso Henriques reuniu em torno de si os seus cavalleiros, e disse-lhes qual era a expedição intentada. Não se esqueceu de lhes communicar a circunstancia da quadrella deserta, e, para ainda mais disfarçar a temeridade da empreza, inventou que tinha algumas vedetas compradas. Ainda assim, os mais bravos dos seus companheiros enfiaram; era mais do que temerario, era louco verdadeiramente o commettimento; mas as hesitações, se as houve, só se revelaram durante o dia de descanço que tiveram em Pernes; queria D. Affonso que, se o wali de Santarem tivesse pelos espias noticia dos seus movimentos, não vendo rebentar a procella annunciada, caísse de novo no habitual descuido.

Quando á noite se reuniu a pequena hoste, parecia que todos caminhavam alegremente para uma victoria certa; as reflexões tinham cessado, e, no momento do perigo, os cavalleiros portuguezes não pensavam senão em arvorar a bandeira da cruz nas muralhas de Santarem, ou em morrer briosamente pugnando ao lado do seu rei pela gloria do seu Deus e pela dilatação da sua patria.

A lua, resvalando no firmamento azul, não tardou a allumiar os ferros das lanças da pequena hoste, caminhando cada vez mais silenciosa e unida. A alguma distancia de Santarem pararam; el-rei ia dar-lhes as suas ultimas instrucções. Doze escadas altas acompanhavam os expedicionarios; por cada escada d'estas deviam subir dez homens á torre desguarnecida que o africano indicára. Apenas chegassem ao eirado, deviam arvorar o pendão real e correr a abrir as portas ao resto da força. N'esse instante decisivo, de que dependia a sorte da surpreza, era necessario que não os movesse compaixão intempestiva, e que o seu ferro cortasse desapiedadamente mulheres ou crianças, se algumas encontrassem no seu caminho. N'outro ensejo se dariam ouvidos á voz da humanidade; n'aquella occasião era sobre tudo indispensavel que não se espalhasse o alarma antes que a hoste portugueza tivesse irrompido em torrente tumultuosa pelas portas estoiradas do castello.



Fragmento de um baixo relevo romano encontrado em Beja

Quando D. Affonso acabou de dar em voz mansa estas instrucções aos seus companheiros d'armas, o cavalleiro mysterioso, de quem fallámos, approximou-se d'elle e disse-lhe algumas palavras em voz baixa. D. Affonso fez um gesto de assentimento, e continuou voltando-se para os seus:

— Sobre tudo não vos esqueça esta recommendação: o wali de Santarem e as mulheres da sua familia devem ser para vós pessoas sagradas; tomae-o prisioneiro, mas por Deus não o mateis.

Os cavalleiros ouviram em silencio esta recommendação estranha para essa epocha, e, apeando-se todos, proseguiram na marcha interrompida; mas a lua velava no ceo, como para proteger aquelles em cuja bandeira fluctuava o seu crescente. Era necessario esperar que o seu clarão denunciador se extinguisse no horisonte, e mesmo que a pesada modorra do quarto d'alva adormecesse os atalayas dispersos pelas muralhas da fortaleza. Uma seara que ondulava frouxamente ao sôpro da brisa nocturna deu seguro abrigo á hoste christã.

A lua, resvalando no firmamento, foi-se approximando do horisonte. Impacientes, os cavalleiros portuguezes prestavam o ouvido ao placido susurrar do Tejo, e alguns, levantando a cabeça por entre as espigas ondeantes, espreitavam a sombria massa do castello, aqui e além branqueada pelo luar moribundo. Em fim, de todo expirou o doce clarão nocturno. Silenciosa, mas apressada, a hoste portugueza foi encostar as escadas ao muro da torre. Por entre as sombras da noite mal se distinguiam ao perto esses vultos negros, em cujos elmos polidos apenas de quando em quando o frouxo raio de uma estrella accendia um fugitivo e descórado relampago. Zuleyma, entretanto, debruçava-se do parapeito, anciosa, sem poder distinguir o que eram esses vagos rumores e esses vagos espectros. Cosendo-se com as muralhas, Mem Ramires, que servia de guia, foi subindo silenciosamente

até que deu de cara com um vulto alvejante que não sabia o que era. Denunciou-a o grito de terror que Zuleyma soltou dos labios convulsos. Mem Ramires não hesitou um segundo; as ordens do seu rei eram terminantes, e o instincto da propria salvação não o aconselharia menos a praticar aquelle acto feroz. Erguendo o punhal, embebeu-o todo no peito da victima infeliz. Ao mesmo tempo as outras escadas amarravam-se ás ameias, e um a um os vultos negros accumulavam-se no eirado, momentos antes quasi deserto. O alferes-mór arvorava na muralha o balsão de Affonso Henriques. Mas entretanto o grito do escravo fazia correr pelo caracol da torre o tropel dos convivas do banquete do wali. Ao assomarem tumultuosos, recuaram com pavor e espanto; é que tinham visto a bandeira odiada, o pendão de Ibn-Errik fazendo fluctuar ao sôpro da brisa nocturna as suas pregas vencedoras.

Mas logo depois travou-se o combate confuso e medonho. Vinte e cinco eram os portuguezes que estavam já no alto da torre; poucos mais seriam os moiros que as delicias do banquetear-se e as obrigações do serviço tinham conservado acordados até áquellas horas. «Santiago e rei Affonso!» bradou Mem Ramires com energia, e esse punhado de heroes, investindo com os moiros, levou-os de rondão pela escada abaixo. Era indescriptivel o tumulto. Alguns dos portuguezes correram a abrir a porta ao rei, que de fóra bradava com a sua voz potente, que se ouvia sempre entre o revolutear da peleja: «Santiago, cerra, cerra!» Mas as portas resistiam aos esforços dos poucos que tentavam arrombal-as, em quanto os outros luctavam com os moiros, excitados ao combate pelo wali de Santarem e pelo filho do wali de Lisboa, que pelejavam como desesperados. A gritaria era immensa, e os soldados do castello, despertando estremunhados, corriam de um para o outro lado, sem saberem o que haviam de fazer, sem tomarem as armas, sem nada perceberem d'aquelle estranho successo. Ao mesmo tempo as portas cediam ao impulso dos portuguezes, e Affonso Henriques, á testa da força principal, irrompia com tremendo impeto, e tornava completamente inutil mais larga resistencia. O ferro portuguez não cortava já senão gente inerme, ou soldados pavidos e convulsos que empunhavam armas com as mãos que o terror da surpreza paralysava.

No meio d'esta carnificina um cavalleiro só passava com a espada embainhada, mas parecendo procurar alguma coisa com anciedade entre os grupos. Era o cavalleiro mysterioso, que tanto dera que scismar aos homens d'armas de D. Affonso; era o africano Mogbar. D. Affonso, por um resto de desconfiança, conservára-o junto a si, e com D. Affonso é que elle entrára no castello tomado. Devorára-o surda impaciencia em quanto as portas resistiam aos golpes dos portuguezes; mas, apenas tinham estoirado, entrára elle impetuosamente, e corrêra ás salas da alcaçova á procura d'aquelles que eram, um objecto do seu odio, outro do seu amor, quasi como o seu odio terrivel.

Mas, ao atravessar a corredoura da fortaleza, onde fôra mais renhido o combate, parou, soltando um grito. Acabava de ver o cadaver de Abu-Zakaria estendido no chão e vertendo o sangue por dez largas feridas.

— Ah! traidores! ah! vis nazarenos! bradou elle arrancando um punhado de cabellos.

E, desviando com o pé o cadaver, correu como um louco pelos aposentos. Receiava que tambem lhe escapasse Zuleyma, a perola de formosura tão ardentemente cubiçada.

Não tinha razão, comtudo, em accusar de perjuros os portuguezes; a surpreza do castello não fôra completa, e elles não tinham podido escolher os peitos a que dirigissem os golpes. No combate que se travára entre as sombras, Abu-Zakaria, que se arrojava ao sitio onde era maior o perigo, succumbíra varado por dez espadas sequiosas de sangue ismaelita.

E o africano percorria furioso as salas desertas, os aposentos abandonados do harem, bradando: «Zuleyma! Zuleyma!»; porém nenhuma voz respondia aos seus brados; apenas se ouvia ao longe um rumor confuso de gemidos e maldições: era a carnificina que continuava.

Um instincto indefinivel impelliu-o a subir pela escada que ia ter ao eirado da torre. Mais de uma vez tropeçou em cadaveres que juncavam os degraus; curvava-se então, e tenteava-os com mão trémula; reconhecendo vestes guerreiras, soltava um suspiro de allivio e continuava a subir a escada tortuosa.

Eil-o no eirado em fim. O primeiro albor da manhã illumina os campos com o seu dubio clarão melancolico; relanceando os olhos em torno de si, o africano vê tudo solitario; mas, affirmando-se mais, descobre junto ao parapeito um vulto envolto em roupas alvejantes; corre para elle e solta um grito de desespero. É o cadaver de Zuleyma.

Quantas blasphemias podem saír da boca de um homem devorado pelas más paixões, todas espumaram nos labios convulsos do africano feroz. Cem vezes amaldiçoou Ibn-Errik, cem vezes chamou sobre elle e os seus cavalleiros a vingança do ceo. Mas de subito soltou um brado angustioso, e após um instante de lucta brotaram-lhe dos olhos torrentes de lagrimas, que lhe inundaram as faces requeimadas.

Nascêra o sol; a sua luz doirada banhava em ondas de alegria os campos verdejantes, e o Tejo azul e sereno; nas ruas de Santarem, apinhada lá em baixo junto ao rio, ouviam-se ainda o clamor jubiloso dos vencedores e os gritos lastimosos dos vencidos; mas a natureza, indifferente a essas luctas dos homens, ostentava á luz radiante de uma linda manhã de primavera toda a opulencia das suas vestes virginaes; exhalavam o seu aroma a laranjeira e a amendoeira em flor; a olaia, agitada pela brisa matinal, alcatifava o chão com o tapete odorifero das suas flores purpureas; a moldura d'esse quadro de horrores que Santarem apresentava era tão graciosa e risonha, como o podia ser a moldura de uma pastoral deliciosa.

Mas, entretanto, o africano, erguendo instinctivamente os olhos, víra fluctuarem sobre a sua cabeça as pregas, em que os raios do sol brincavam, da bandeira da cruz. Prestando o ouvido, pôde perceber ao longe o confuso Allah com que as moiras de Santarem imploravam a compaixão dos vencedores. Recuou horrorisado. Tudo aquillo lhe era devido a elle, a elle, que devia ter jurado odio eterno a esse pendão maldito, e que fôra entregar indefesos aos seus inimigos mortaes os seus irmãos de raça e de crença. Foi então que as lagrimas lhe borbulharam nos olhos. Pensou que a Providencia não podia ter consentido em que traição tão nefanda conseguisse o premio nefando que cubiçára tambem.

Então, ajoelhando diante do cadaver de Zuleyma, pegou-lhe na mão livida e beijou-a, murmurando: «Perdão!» Ergueu-se depois, e marchou com passo firme na direcção do parapeito que dominava o Tejo; mas uma reflexão o suspendeu; temeu que os ferozes nazarenos, como elle os chamava, deixassem para pasto dos abutres o formoso corpo d'aquella a quem amára até ao crime. Voltou atraz, e, tomando nos braços o cadaver de Zuleyma, dirigiu-se para o adarve sobranceiro ao rio. Por algum tempo mirou com uma especie de jubilo inexprimivel o Tejo que deslisava lá em baixo, placido, risonho, palreiro, e arrastando nas suas aguas palhetas de oiro cambiante. Depois, desempenando a sua alta estatura:

— Já que na vida não pude unir-me a ti, exclamou elle baloiçando o corpo de Zuleyma nos seus braços, una-nos ao menos a morte na mesma sepultura.

Depois precipitou-o e precipitou-se. O Tejo abriu-se por duas vezes para receber aquellas duas prezas, e logo, unindo sobre ellas a sua liquida mortalha, continuou a deslisar placido, risonho, palreiro, e arrastando nas suas aguas palhetas de oiro cambiante.

Ao longe, dentro dos muros da povoação conquistada, ia-se extinguindo o rumor da carnificina; a brisa susurrava docemente entre os ramos da laranjeira florida.

Santarem estava definitivamente e para sempre no poder dos christãos; tomando-a, D. Affonso Henriques como que pozera á cintura as chaves da orgulhosa Lisboa.

Do cavalleiro mysterioso que acompanhára D. Affonso Henriques durante a expedição nocturna é que ninguem mais ouvira fallar. Correram, por conseguinte, differentes versões sobre a entidade e a desapparição d'esse vulto enigmatico.

Uns diziam que era um anjo disfarçado, ou antes o proprio Santiago, que viera mais uma vez ajudar Affonso Henriques a ganhar as suas inclitas victorias. Com louvavel modestia, os mesmos que, á força de brios e coragem, tinham conseguido abrir as portas aos seus companheiros, diziam tel-o visto estender um dedo, e as portas alluirem-se por si. Outros allegavam que elle era muito tostado para anjo, e que para Santiago lhe faltava o cavallo branco; diziam então esses que não era o cavalleiro mysterioso senão o proprio Satanaz, que, com fingidas promessas, conduzira Affonso Henriques á beira do caminho da perdição; mas, quando lhe ia a deitar o gadanho, o santo prior de Santa Cruz D. Theotonio acudira com a agua benta e as suas orações, e pozera-o em fuga desastrada. Affirmavam alguns que tinham sentido perfeitamente o estoiro que elle dera ao desapparecer, e que ainda tinham nas fossas nasaes os restos do cheiro de enxofre que elle deixára nos ares.

Mas D. Theotonio, quando lhe fallavam n'isso, ria-se e encolhia os hombros, e D. Affonso Henriques, se alguns dos seus privados lhe tocavam em similhante coisa, ria-se tambem e dizia:

— Meus senhores, anjo ou demonio, não lhe sejâmos desagradecidos, porque a elle é que devemos Santarem [1].

M. PINHEIRO CHAGAS.

[1] As exigencias da acção do romance fizeram-me em algumas coisas modificar os factos historicos; mas nas circunstancias essenciaes a tomada de Santarem foi como eu a relatei; já se vê que a intervenção do africano é completamente phantasiada. A quem quizer, comtudo, conhecel-a com todos os seus pormenores verdadeiros, aconselharei que leia a magnifica descripção que d'essa entrepreza faz o sr. A. Herculano na sua *Historia de Portugal*, tomo I, liv. II, pag. 363 a 389.

A FABRICA DE VIDROS DA MARINHA GRANDE

(Conclusão. Vid. pag. 87)

IV

Tem sido emprezarios da real fabrica, desde que foi doada por Stephens ao estado: os srs. barão de Quintella (depois conde do Farrobo), Antonio Esteves Costa e outros, de 1827 a 1847; Manuel Joaquim Affonso, de 1848 a 1859; Casimiro José de Almeida, de 1860 a 1862; Francisco Thomaz dos Santos, em 1863; e Jorge Croft e o commendador Antonio Augusto Dias de Freitas, em 1864. No intervallo de umas a outras administrações ou não houve quasi trabalho na fabrica, ou esta funccionou por conta do estado.

Em 1866, os mesmos srs. Croft e Dias de Freitas, e mais os srs. Nuno Paulino de Brito Freire, José Luiz de Oliveira, Miguel Antonio Leitão de Lima Falcão e Antonio Corrêa da Silva Marques, formaram por tempo de trinta annos, com o capital social fixado em réis 90:000$000, dividido em novecentas acções de réis 100$000 cada uma, a parceria ou sociedade em commandita, que ainda existe, sob a denominação de «Empreza da real fabrica de vidros da Marinha Grande».

Pondo de parte a apreciação das razões que levaram o governo a mandar proceder em 1859 a um inquerito rigorosissimo, que se effeituou exemplarmente para honra dos professores que foram incumbidos de tão delicado encargo, diremos que d'ahi resultou acabarem os privilegios de que tinham gozado até então os emprezarios, sem que por isso a industria tivesse medrado e acompanhado os progressos da sciencia.

Com effeito, os contratos ultimados depois do inquerito foram tão pouco generosos nas clausulas, que o proprio estado, que favorecêra até alli as emprezas, como é sabido, com avultados subsidios e importantes privilegios, já obrigando-se a ficar com uma certa quantidade dos productos da fabrica, já dispensando as materias primeiras dos direitos de entrada, exigiu que se lhe désse renda annual superior a 1:000$000 réis, segundo consta das condições de arrendamento publicadas na folha official em 1860, 1863 e 1864, sendo apenas concedidas gratuitamente, ou antes, como compensação da renda, e sempre em beneficio dos pinhaes reaes, doze mil carradas de lenha por anno [1], em todo o caso debaixo da vigilancia da administração das mattas. E obrigou a empreza a dar contas todos os annos ao ministerio da fazenda do estado da fabrica e numero de seus empregados.

Antes de entregar a fabrica a novas administrações tem-se feito inventario e avaliação dos predios fabris e ruraes, utensilios fabris e material movel das abegoarias, para que no fim das emprezas podessem regular-se as indemnisações por faltas ou deteriorações.

Consta, portanto, dos inventarios publicados, que em 1827 o fundo fabril e industrial fôra calculado em 104:424$440 réis [2]; em 1848, avaliou-se quasi por metade, ou 55:000$120 réis; e em 1863, a avaliação deu o total de 58:078$440 réis.

V

Entre os melhoramentos realisados na fabrica pela actual empreza, conta-se, em primeiro logar, a aperfeiçoada construcção dos fornos, conforme as indicações da sciencia moderna, o que, conservando em elevado grau o calor, permitte as fusões em vinte e vinte e quatro horas, e dá em resultado poder cada forno fazer tres ou quatro afinações por semana em cristal, e seis em vidraça. Comparando isto com o que succedia antigamente, e o que consta do excellente relatorio da commissão de inquerito de 1859, vê-se que a producção póde sem difficuldade duplicar-se.

Deve tambem notar-se o forno *(carquèse)* de seccar lenha. Este forno é de giganteas dimensões. Entram n'elle doze wagons carregados de lenha, que sécca rapidamente por meio de numerosas bocas de calor; depois os wagons correm em carris, com pequeno impulso, para as respectivas officinas, e voltam por seu turno para conduzir novamente a lenha por meio de uma plataforma girante.

A estufa, onde se seccam as pedras para a construcção dos fornos, e os potes ou cadinhos, é egualmente hoje obra digna da especial attenção do visitante. A estufa é aquecida methodicamente, a fim de conservar sempre o mesmo grau de calor, o que é necessario para tornar as pedras e os potes aptos para entrarem nos fornos de tempero.

[1] Em 1855, segundo a *Estatistica de Leiria* do sr. D. Antonio da Costa, o transporte de cada carrada de lenha custava, pouco mais ou menos, 300 réis. Hoje o córte, a factura e o transporte custam 500 réis, e os fornos consomem mais de 15:000 carradas annuaes.

[2] Vem a pag. 29 e 30 do *Relatorio* os inventarios feitos em 1827 e 1848; e a differença que se nota entre a totalidade que pomos aqui e a que lá se encontra provém de um erro nas sommas, que não póde emendar-se na impressão, mas se acha corrigido nas *Informações*.

Além d'isso, não devemos deixar de mencionar a arca corrente de tempero, pois é a primeira que se constroe em Portugal segundo o systema francez. Em doze pequenos wagons, que estão assentes em carris de ferro, vem a mercadoria fabricada desde o forno até á galeria que conduz ao grande armazem de escolha e approvação da obra, atravessando assim as seis graduações de calor que constituem a arca de tempero. D'esta fórma, a mercadoria entra fabricada na boca da arca ainda incandescente, e sae depois na sexta graduação já temperada e resfriada.

Outros melhoramentos se tem introduzido nos dois ultimos annos, que deixâmos de enumerar porque daria ainda a este artigo maiores proporções; mas, entre esses, citaremos ainda, e por ultimo, o novo systema da lavagem da areia, galga a vapor, moinho movido por agua com pisão, mistura de composições sem perigo para os manipuladores [1], etc.

VI

O processo da fabricação do vidro é conhecido, e não se nos figura ser aqui o logar proprio para tratar d'este assumpto, nem para entrar na comparação com o que seguem nas mais importantes fabricas da Allemanha, de Inglaterra, da Belgica e da França, sobre tudo porque não nos achâmos habilitados para isso; mas, ácerca da qualidade, é nossa opinião, com franqueza, que, posto não possam ainda os productos da real fabrica de vidros da Marinha Grande pôr-se ao lado dos da Bohemia, tão estimados e apreciados em todos os mercados europeus, figurarão hoje, comtudo, sem receio entre os productos das demais nações; e não temos dúvida que apparecerão até muito bem, logo que á boa qualidade do vidro se juntar o primor da fórma, em que se nos avantajá a industria estrangeira.

Em outros tempos, o trabalho não era convenientemente dirigido na Marinha Grande. A commissão de inquerito de 1859 tanto o reconheceu, que, na proposta submettida á consideração do governo, estabeleceu que se devia exigir das futuras emprezas que o trabalho fosse dirigido por homem habilitado com sufficientes conhecimentos theoricos e praticos em fabricas de vidros de primeira ordem [2]. Attendeu a isto a actual empreza, contratando para a Marinha Grande mestres francezes, que alli se conservaram por algum tempo, não sem grandissimo sacrificio, mas com proveito da fabricação.

Para entrar, pois, em concurrencia com as outras fabricas, principalmente estrangeiras, que traziam ao mercado productos, se não mais bem fabricados, ainda que de vidro inferior, como dissemos, de certo muito mais baratos, e de mais variados feitios e lavores, no que primam as industrias franceza e allemã, os actuaes directores pensaram, com razão, que deviam dar aos productos da real fabrica as mesmas vantagens, e por isso na antiga tabella de preços fizeram consideraveis diminuições.

Vende-se actualmente o vidro liso com o desconto de 30%, e o vidro lapidado com o de 25%; a vidraça delgada, cujo preço nas anteriores administrações era de 200 réis por kilogramma, tem hoje o preço de 140 réis por kilogramma, e este abatimento fez-se proporcionalmente assim para a vidraça grossa, como para a de cordão e de côres, etc.

Aos compradores por grosso, e em geral aos lojistas revendedores, foi concedido o desconto de 35% sobre a vidraria lisa, e 30% sobre a lapidada ou gravada; e outro tanto com respeito á vidraça. Se o pagamento for prompto, o que, segundo as praxes commerciaes, se póde effeituar dentro de um mez, o comprador goza, além d'isso, do beneficio de 2% [1].

[1] A mistura fazia-se n'outro tempo com tamanho perigo para os operarios, que admirava como elles podiam resistir ao veneno que aspiravam constantemente.

[2] *Relatorio*, pag. 135.

O desenvolvimento, ou antes as alternativas da producção da fabrica, podem julgar-se pelos seguintes dados, que se nos deparam em dois livros publicados em epochas diversas, e á vista de informações officiaes que devemos suppor fidedignas.

Temos, pois, que a producção annual foi:

Em 1855 — 555:480 peças de cristal; 43:344 ditas de lapidação; e 90:000 kilogrammas de vidraça [2].

Em 1863 — 668:812 peças de cristal; 36:300 ditas de lapidação; e 96:874 kilogrammas de vidraça [3].

Em 1867 — Só a producção das peças de cristal excedeu o numero de 800:000.

Isto em quanto á importancia da producção. Agora, em quanto ao numero dos operarios, vemos, em primeiro logar, que o pessoal da fabrica se divide nas seguintes classes:

Pessoal da administração economica e technica, officiaes e ajudantes de cristal, ditos de vidraça, lapidarios, floristas, rolhistas, machinistas, officiaes da construcção de fornos (olaria), carpinteiros, estendedores, trabalhadores da composição, cinzeiros, atiçadores, calcineiros, escolhedores de casco, empalhadeiras de vidro, lavadeiras de areia, carreiros para transporte dos productos da fabrica, ditos para transporte da lenha, etc.;

E em segundo logar:

Em 1813 (primeiro anno de que rezam as contas officiaes) havia 273 empregados na fabrica; de 1818 até 1826, 500; em 1846, 286, incluindo 100 carreiros; em 1847, 264; em 1855, 304; em 1862, 213, não contando os carreiros; e em 1868, occupam-se no fabrico do vidro não menos de 649 pessoas de ambos os sexos.

Estes ultimos algarismos evidenceiam ao mesmo tempo as vicissitudes por que tem passado a fabricação do vidro na Marinha Grande, e os esforços empregados, apesar de não haver já nenhum dos antigos privilegios, a fim de estabelecer a industria nas melhores e mais solidas condições, para o que não lhe faltam elementos. O proprio relatorio da commissão de inquerito o affirma: «Não é possivel deixar de concluir positivamente que (a fabrica da Marinha Grande) está em excellentes condições industriaes [4].»

Com verdade, a fabrica de vidros de que temos tratado é o primeiro estabelecimento do seu genero em Portugal. Isento de regalias officiaes, que ás vezes são um grande estorvo para o desenvolvimento das industrias, fazemos sinceros votos para que possa attingir o maximo aperfeiçoamento, compensando os enormes sacrificios de seus emprezarios e administradores, e honrando a nação.

BRITO ARANHA.

[1] A actual empreza, para alargar o seu commercio, não só, como se viu, barateou os productos da fabrica, mas tambem estabeleceu depositos importantes em diversos pontos do paiz. Os principaes depositos são: em Lisboa, na rua direita de S. Paulo, n.os 70 e 72, onde, depois da exposição internacional do Porto, fez uma exposição dos productos que alli levára, e onde se encontra sempre abundante variedade de coparia, frascaria, etc.; no Porto, rua de Sá da Bandeira, n.os 26 e 28; e em Evora, praça da mesma cidade.

Nos depositos de Lisboa e Porto recebe encommendas assim para o continente do reino, como para as ilhas adjacentes, possessões ultramarinas, e para o Brasil. Segundo as informações que temos, a empreza obriga-se a executar quaesquer encommendas em cristal liso, florestado e lapidado; ou em vidro branco, verde e azul para frascaria de todas as dimensões adequadas aos usos da pharmacia e drogaria, ou em vidraça, quer em chapas, quer em vidros cortados por medidas regulares.

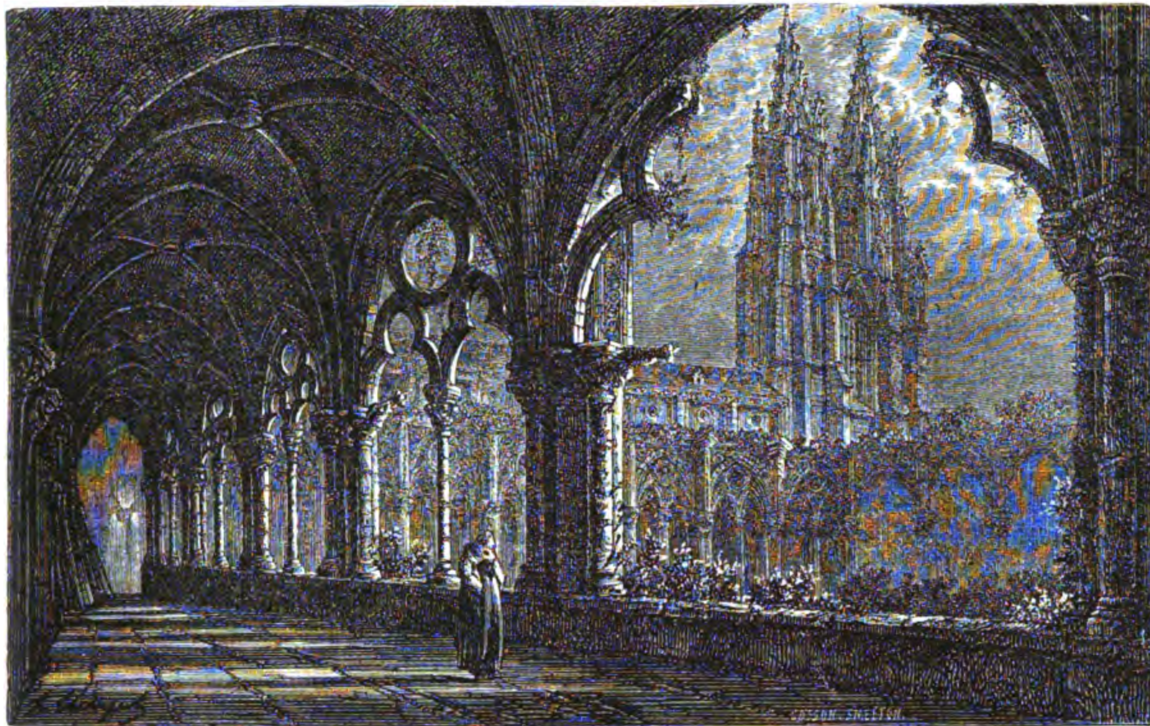
[2] Vid. *Estatistica do districto administrativo de Leiria*, por D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo, pag. 336 e 337.

Não ha muitos annos que se publicou esta obra (1855), e, todavia, raros são já os exemplares que se encontram no mercado; por isso não julgâmos fóra de todo o proposito dizer aqui, para que possam sabel-o as pessoas curiosas, que o auctor da *Estatistica de Leiria* não se limitou só a tratar de um ou outro dos mais importantes pontos da administração publica, mas no seu interessantissimo livro compendiou todos; não se restringiu só á estatistica, aos factos e seu agrupamento, porém, entrando na apreciação das principaes questões economico-sociaes, e na sua comparação com as nações mais cultas, desenvolveu-as e discutiu-as com clareza, e apresentou o estado d'ellas no momento em que o trabalho se realisou.

A obra, quando menos, foi tambem um importante e relevantissimo serviço prestado ao districto de Leiria, de que o esclarecido auctor era então secretario geral.

[3] Vid. *Informações*, pag. 64.

[4] Vid. *Relatorio* citado, pag. 127.



Claustro do mosteiro de S. João das Vinhas, em Soissons

MOSTEIRO DE S. JOÃO DAS VINHAS

No seculo XI existia na cidade de Soissons, em França, uma egreja parochial, mui pequena e de fabrica humilde, com a invocação de S. João do Monte. No seu districto vivia por esse tempo um poderoso fidalgo, chamado Hugo de Chateau-Thierry. Era este fidalgo um dos mais ricos cavalleiros da corte del-rei Filippe I. Herdára avultados bens de seus paes, mas a parte principal da sua riqueza era o fructo de espoliações, de que se queixavam em vão populares e ecclesiasticos. Em quanto o vigor da edade lhe permittiu usar e abusar impunemente da sua força, da sua opulencia e dos privilegios da nobreza, viveu a vida licenciosa a que se entregavam os fidalgos, quasi geralmente, n'aquellas eras de ignorancia e de barbaridade. Logo, porém, que as forças lhe começaram a declinar, vindo os padecimentos recordar-lhe que se aproximava o termo da existencia, pensou então em pôr-se bem com Deus, e julgou que expiaria todos os seus peccados com uma fundação religiosa. N'este proposito, depois de solicitar as licenças necessarias, correndo o anno de 1076, transformou, com grande dispendio seu, a pobre egrejinha de S. João do Monte em um mosteiro de benedictinos, para o qual alcançou del-rei Filippe I o titulo de abbadia real.

Passados doze annos, accrescentou Hugo ás doações com que dotára o mosteiro umas grandes vinhas, que ficavam contiguas á cêrca d'elle, mas já no arrabalde da cidade. O povo principiou desde então a chamar ao mosteiro S. João das Vinhas, e este nome, prevalecendo ao antigo, atravessou os seculos.

Floresceram tanto em virtudes os monges do novo mosteiro, que, ao mesmo passo que iam excitando a devoção e conquistando sympathias, adquiriam, ora por meio de doações, ora por legados, importantes bens, com que se multiplicou o seu patrimonio.

Achando-se, pois, a ordem muito opulenta, e a communidade elevada ao numero de setenta e quatro religiosos, pareceu-lhes pequena e mesquinha a fundação de Hugo. Assim, resolveu em capitulo dar começo a uma reedificação geral. Governava o mosteiro Raul, decimo primeiro abbade, e estava em principios o seculo XIII, quando se lançou a pedra fundamental do novo templo, que foi traçado com tal grandeza, que bem podia servir de cathedral ao maior bispado da França.

Tão colossal era a obra a que o abbade Raul metteu hombros, que, não obstante applicar-lhe a ordem todas as quantias que podia dispensar dos grossos rendimentos do mosteiro, e apesar das continuadas esmolas com que os povos das circunvisinhanças vieram em seu auxilio, só nos fins do seculo XV chegaram as obras a ponto de poder celebrar o bispo de Soissons a dedicação da egreja. Faltavam, porém, a esta para o seu acabamento nada menos que as duas elevadissimas torres da frontaria. Começadas por Pedro de la Fontaine, vigesimo oitavo abbade do mosteiro, que falleceu em 1516, foram concluidas pelo seu successor no anno de 1520.

Do mesmo modo se fabricaram em differentes epochas a sacristia, claustros, dormitorios e as outras officinas do mosteiro.

Ufanavam-se os monges de S. João das Vinhas de terem conservado a austeridade monachal e a regra da ordem em tamanha observancia, que nunca precisaram de reforma; honra que bem poucos conventos desfructaram.

Correram felizes os tempos para o mosteiro até quasi meiado o seculo XVI. A visita de Carlos V, imperador da Allemanha e rei de Hespanha, foi o preludio das infelicidades que, umas após outras, caíram sobre a communidade e sobre o edificio do mosteiro. Carlos V entrou alli não só como adversario dos francezes, mas tambem como inimigo triumphante, que trazia ainda verdes os loiros da victoria, que entregára ao seu alvedrio os destinos da França e a liberdade do seu rei. O vencedor demorou-se alguns dias no mosteiro de

S. João das Vinhas, e ahi assignou, aos 18 de setembro de 1544, os preliminares da paz, por elle imposta a el-rei Francisco I, que ficára seu prisioneiro na batalha de Pavia.

Tres annos depois, foi condemnado o mosteiro de S. João das Vinhas a ser arrasado. Razões estrategicas aconselhavam esse sacrificio, a fim de ficar em melhores condições de defensa a praça de Soissons.

Considerações de veneração e respeito salvaram d'esta vez o sanctuario e monumento artistico.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

A LENDA DO ETHER SULPHURICO

I

Antes da lenda a sciencia. Todos conhecem o ether sulphurico, ainda que não seja senão de nome. Todos sabem que é um anesthesico poderoso, e, com quanto mais fraco que o chloroformio, tem sobre este a summa vantagem de não produzir casos funestos, molestias incuraveis, terriveis vestigios.

A lethargia pelo ether póde durar uma hora e mais sem perigo algum, porque não causa, como o chloroformio, dores de cabeça, angustiamentos de garganta, alteração profunda do systema nervoso e outros morbos.

Tempo virá em que o chloroformio ha de ser empregado outra vez, quando for possivel libertal-o das propriedades perigosas.

Obtem-se o ether misturando em uma retorta acido sulphurico e alcool, e aquecendo em banho de areia até á ebullição.

O alcool obtido assim é impuro, e convem estremal-o das substancias estranhas que o inquinam.

Emprega-se para isso uma dissolução concentrada de potassa caustica e uma distillação em banho-maria sobre uma camada de chlorureto de calcium fundido.

O ether, como o nome está indicando, é mais mobil e leve do que o alcool, com o qual não tem analogia alguma.

O seu gosto é amargo, e exhala um cheiro acre extremamente volatil. Entra em ebullição a 35 graus, e uma corrente de ar vaporisa-o completamente em alguns segundos.

É por isso que, lançado no rosto dos doentes, produz grandissima impressão de frio, a qual é causa ás vezes de uma reacção favoravel.

O ether é muito mais combustivel do que o alcool; inflamma-se subitamente nas proximidades de uma vela, e a sua chamma é esbranquiçada e fuliginosa.

Deve-se, pois, evitar a vaporisação do ether em quarto fechado.

Ainda não ha muitos annos, morreu queimado um novel chimico de grandes esperanças, por ter deixado aberto um frasco de ether.

O ether, quando bebido em bastante quantidade, produz uma embriaguez, que dizem deliciosa, acompanhada de geral quebranto em todo o corpo. A embriaguez, porém, pouco dura, e dissipa-se facilmente.

Dizem Brodie e Orfila que conseguiram matar alguns animaes com o engorgitamento de grandes dóses de ether. Não ha, porém, um unico facto que demonstre a intoxicação etherea, e até hoje não se conhece um só accidente funesto devido ao abuso do ether sulphurico. Fourcroy, notavel chimico francez, bebia um litro de cada vez, para alliviar umas terriveis dores provenientes de um esquirrho nas entranhas. Em virtude d'esta inocuidade é o ether muito empregado nas anesthesias, de preferencia ao chloroformio, o qual, como acima dissemos, deixa ás vezes terriveis e profundos vestigios.

O vapor do ether torna, com effeito, o cerebro inerte e como que entorpecido. Durante este entorpecimento ou lethargia, o paciente é insensivel á dor.

II

Conhecidas as propriedades do ether e a maneira por que se obtem, contemos em poucas palavras a sua lenda.

No anno de 1420 florescia em França um alchimio chamado Basilio Valentim, que era muito respeitado e acatado pela confraria dos que procuravam a grande obra, a panacéa universal, a poeira projectiva, o elixir da vida eterna, a pedra philosophal e outros specimens com que hoje assoma o riso aos labios, e que então, n'essas epochas de fé inquebrantavel e denodo a toda a prova, cavavam profundas rugas no rosto severo e esculptural dos obscuros sabios, cuja vida foi uma investigação porfiosa, um trabalho perpetuo, um tressuar sem descanço.

Hoje é moda mofar dos alchimios e das suas loucas pesquizas, das suas esperanças e illusões. Somos como os filhos prodigos. Mal herdámos as riquezas accumuladas durante seculos de labor, começámos a espalhal-as com mãos profusas, gastámos á folga, como quem encontrou inexhaurivel mina; e em vez de abençoar os antepassados, que levaram a vida a enceleirar e a opulentar-nos, lançâmos-lhes ás faces descarnadas o escarneo e o vituperio, e gravâmos sobre o tumulo d'elles, em guisa de epitaphio, a mofa e o descredito, e mil epithetos descaridosos.

E, todavia, foram os alchimios os precursores da chimica moderna, d'essa caudal sciencia, a qual, á similhança de um rio magestoso que fertilisa com o nateiro as varzeas e insuas, assim tambem enriquece a humanidade com successivos descobrimentos, e cada dia inventa novas substancias, aproveita novas combinações.

Se os alchimios, esses sublimes ignorantes, não se lançassem, peito a peito, arca por arca, ao terrivel monstro do desconhecido, talvez a civilisação não houvesse attingido ainda a pujança e grandeza, que fazem d'este seculo um monumento de trabalho e audacia.

Basilio Valentim era, pois, muito afamado e nomeado entre os confrades da grande obra, e a sua fama augmentou e cresceu ainda, quando inventou uma panacéa admiravel. Esta panacéa, fabricada com alcool e vitriolo, podia curar todas as molestias e malignas. Por isso foi denominada *oleo de perennidade*. Com ser mirificó remedio contra toda e qualquer doença, dissipava especialmente a melancolia e negros humores, e até a demencia. Carlos IV, rei de França, o mentecapto, tomou o *oleo de perennidade*, o qual não surtiu, pelos modos, grande effeito, porque o pobre rei baixou logo ao sepulchro.

A morte de tão alto senhor lançou no esquecimento a panacéa de Valentim.

O alchimio morreu tambem pouco tempo depois.

Tinha passado um seculo após a morte de Basilio Valentim. Valerio Cordus iniciára-se, moço ainda, nos mysterios da doutrina alchimica.

Pobre, desherdado, pertencendo pelo sangue á *arraya miuda*, que na meia edade era a *anima vilis*, o rebanho da gleba, um pouco inferior aos mastins, rafeiros, lebreus e podengos da matilha senhorial, o joven alchimio ergueu olhos apaixonados para a filha gentil do castellão, do velho fidalgo, o conde de Henneberg.

Se o nobre barão tal soubesse, certo mandaria dependurar o atrevido nas ameias do castello. Os corvos haviam de folgar com o repasto, e a raça vil dos peões ficaria aterrada com tão salutar exemplo.

O fidalgo, porém, era sujeito a terriveis insultos de humor negro, que o immergiam na mais torva e sombria tristeza.

(Continúa) A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 106).

Na manhã do mesmo dia 22 mandaram-se de uma para outra corte os enxovaes das princezas. O da nossa infanta, D. Maria Barbara, princeza das Asturias, foi feito em Paris. Imagine-se qual seria a sua riqueza, sendo o pensamento constante de D. João v deslumbrar a corte de Castella com a opulencia e esplendores da coroa portugueza. Foi conduzido este enxoval em uma galera, seis carros mattos, cinco andas e quinze cargas.

Até para esta conducção se fez programma com ostentoso apparato. Rompia a marcha um piquete de soldados de cavallaria com os clarins na frente. Seguia-se um reposteiro, e logo depois quinze azemolas, ricamente ajaezadas, levando as cargas cobertas com pannos com as armas de Portugal e Castella. Ao lado das azemolas ia outro reposteiro, encarregado de vigiar pela boa ordem da marcha. Atraz das azemolas iam cinco andas, cada uma com seu moço da estribeira, dois liteireiros, e um moço de cada lado. Seguiam-se depois seis carros mattos, e a galera no fim, cada um acompanhado por um moço da estribeira. As andas, carros e galera eram cobertos com ricos pannos com as armas reaes bordadas. Fechavam a marcha um tenente, um alferes e oito soldados de cavallaria.

Com todo este estado entrou em Badajoz Francisco de Andrade Corvo, encarregado de fazer a entrega do enxoval. Apinhoaram-se de povo as ruas do transito, encheram-se de damas as janellas, e a familia real e mais pessoas da corte chegaram ás janellas do paço; em fim, alvoroçou-se e moveu-se toda a cidade, como se se tratasse da sua procissão mais festiva.

Na manhã do dia 23 foi el-rei D. João v com a sua familia á sé, onde o patriarcha de Lisboa officiou de pontifical, e de tarde passou ao Caia, pois que os dois monarchas da peninsula tinham ajustado de se verem ahi novamente n'esse dia. Fôra tambem accordado que para esta conferencia se proscreveria todo o apparato e etiqueta, e que não haveria ceremonia publica. Entretanto, a nossa familia real partiu de Elvas pelas duas horas da tarde em duas estufas, e com tanta criadagem, que foram precisos para a tansportarem dezoito coches.

El-rei D. Filippe v foi mais pontual. Já se achava com a rainha, principes e infantes no palacio-ponte, quando chegou a familia real portugueza. Libertados das prescripções dos programmas officiaes, poderam, em fim, conversar familiarmente, mas sempre de pé. Como da primeira vez que se viram, não trocaram palavra alguma sobre negocios politicos. A caça, divertimento predilecto del-rei D. Filippe v, foi o principal assumpto da conversação entre os dois soberanos, os principes e infantes; em quanto as duas rainhas se entretinham em mais intimos colloquios com as princezas das Asturias e do Brasil, suas filhas.

Os ministros de ambas as cortes, crendo que os seus soberanos pouco teriam que dizer um ao outro, ordenaram, como homens de estado verdadeiramente previdentes, que os musicos e cantores das duas reaes camaras comparecessem no Caia para diversão d'aquelles augustos personagens. Porém suas magestades e altezas acharam tanto enlevo na conversa desprendida da fria etiqueta, que se entretiveram assim até ser quasi noite, com muita magua dos instrumentistas e cantores, que tinham estudado e ensaiado debalde longas peças de musica. Todavia, foi-lhes permittido darem uma breve amostra da sua proficiencia, retirando-se depois as duas cortes.

O dia 24 foi destinado para descanço da familia real, limitando-se as ceremonias e festas a jantar em publico, e ás illuminações, fogos de artificio e serenata, que se repetiram em todas as noites.

A rainha e princeza do Brasil visitaram o convento das religiosas de Santa Clara. El-rei com o principe do Brasil e infantes foram passeiar pelos arrabaldes da cidade. N'este dia deu o secretario de estado Diogo de Mendonça Corte-Real um lauto banquete a muitos fidalgos e altos funccionarios da corte de Castella, entre outros aos duques de Ossuna.

Determinou el-rei, em obsequio da princeza do Brasil, que se fizesse uma caçada de coelhos na pequena tapada de Villaboim, pertencente á casa de Bragança, e não muito distante da cidade de Elvas. Na manhã do dia 25 saiu do paço da cidade a familia real e sua comitiva com o apparato e ordem que se observava nas grandes caçadas em que ia o soberano de Portugal. Descreveremos este prestito como um quadro curioso dos costumes da nossa antiga corte, e que vem adrede ao fim a que nos propozemos. Caminhava, pois, a real comitiva do modo seguinte:

Quatro couteiros, a cavallo, com as suas espingardas; oito trombetas de caça, vestidos de panno verde, tão agaloados de prata que mal se via a côr da libré; doze couteiros, a cavallo, divididos em duas partidas, cada uma de seis, commandada por um monteiro da comarca; sessenta e quatro couteiros, a cavallo, em partidas de oito homens, da mesma fórma commandadas; cincoenta e quatro batedores de matto, a pé, cada um com o seu cão atrelado, e com suas armas e choupas; tres emprazadores; quarenta e sete moços do monte, a cavallo; um chiua, ricamente vestido e bem montado, com seis cavallos de mão para o monteiro-mór, conduzidos por seis palafreneiros, tambem a cavallo; seis monteiros das montarias reaes; quatorze officiaes ou couteiros das coutadas; trinta e sete monteiros pequenos; o ministro geral das coutadas para expedir as ordens; dois carros para a caça, pintados de verde e prateados, de feitio elegante, e tirado cada um por seis mulas; e duas azemolas para o mesmo fim.

A familia real e mais pessoas da corte partiram da cidade pela uma hora da tarde em uma serie de coches, berlindas e seges. Quando chegaram á tapada de Villaboim acharam formada, como exercito para entrar em batalha, toda a comitiva venatoria, que os tinha precedido. Apearam-se e entraram na matta as pessoas reaes e mais individuos do seu sequito. A um signal do monteiro-mór correram aos seus postos todos os seus subordinados. Em breve formaram um circulo em volta da matta os monteiros, couteiros, batedores e moços do monte, e, assim dispostos, batendo a caça e caminhando para o lado onde estavam as pessoas reaes, fizeram correr e saltar na sua presença infinito numero de coelhos.

Foi grande a mortandade, nem deixaria de ser grande ainda que suas magestades e altezas atirassem com os olhos fechados. A princeza do Brasil, apesar da sua curta edade, tambem disparou alguns tiros com uma espingarda pequena e mui leve, primorosamente incrustada de oiro e prata em delicadissimos lavores. Sua alteza matou dois coelhos, o que serviu de pretexto para todas as damas e fidalgos da corte exaltarem e celebrarem a destreza e pericia da joven caçadora. Para memoria d'este feito ordenou o duque de Cadaval, estribeiro-mór, que fosse embalsamado um dos dois coelhos.

Recolheu-se a Elvas a familia real ao cair da noite.

Fôra ajustado entre as duas cortes que se tornariam a ver, para as despedidas, no dia seguinte, 26, o que se levou a effeito, partindo ambas de Elvas e de Badajoz para o Caia pela uma hora da tarde. Foram com o mesmo estado e acompanhamento que levaram na segunda vez que se visitaram; e tambem dispensaram o ceremonial e etiqueta da primeira visita. Agora foram ainda um pouco além, nas liberdades que tomaram, do que tinham praticado na ultima reunião; pois

que, assim que entraram no palacio-ponte, os reis, principes e infantes de Portugal e Castella abraçaram-se, fallaram e passaram de uma sala para a outra, isto é, de um para o outro reino, sem se embaraçarem com a linha divisoria das duas monarchias. Depois vieram para a sala do meio; sentaram-se, tomando os seus respectivos logares; e em seguida os musicos e cantores das reaes camaras portugueza e castelhana tocaram e cantaram, por seu turno, quatro cantatas italianas.

As despedidas foram muito demoradas e penosas, como era natural entre paes e filhas que se iam separar para nunca mais se verem. Eram sete horas da noite quando os soberanos de Portugal e Hespanha e suas familias partiram do Caia para Elvas e Badajoz.

Assim terminou a mais esplendida e apparatosa funcção que se tem celebrado na peninsula. Das immensas sommas n'ella dispendidas apenas colheu satisfação a vaidade dos soberanos. Os dois povos nada lucraram, continuando nas suas relações a mesma frieza, a mesma desconfiança e rivalidade que sempre, até hoje, os tem conservado em perpetua inimizade. A propria politica dos dois estados não tirou as vantagens que os estadistas aprègoavam como fructo d'aquella dupla alliança. Quando, ao diante, se levantaram entre as duas nações interesses contrarios, ou quando se suscitaram meros caprichos entre os governos dos dois paizes, esfriaram-se e interromperam-se as suas relações politicas, e por muitas vezes se quebraram, sem que servissem de penhores de paz e de amizade os laços conjugaes, que em differentes epochas uniram em intimo parentesco a familia de Bragança aos Bourbons de Hespanha.

No dia 27 de janeiro, ás onze horas prefixas da manhã, partiram de Badajoz e de Elvas os soberanos de Castella e Portugal. Aquelles, antes de se dirigirem a Madrid, percorreram as principaes cidades da Andaluzia, que os receberam no meio de regozijos e brilhantes festas. Estes, no seu regresso a Lisboa, foram passar alguns dias no sumptuoso palacio de Villa Viçosa, e ahi offereceram á joven princeza do Brazil o espectaculo de uma caçada de altaneria na grande tapada d'aquelle paço, feita com desusada pompa e apparato.

Com tantos e tão variados festejos foram recebidos os reaes viajantes na cidade de Evora e nas villas de Estremoz, Montemór-o-Novo e Aldeia Gallega, que só chegaram a Lisboa no dia 12 do seguinte mez de fevereiro.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

ILHA DO FAYAL — HORTA

ILHA DO PICO

(Vid. pag. 89)

Concorre muito para a bella perspectiva da cidade da Horta a magestosa elevação do cone volcanico da ilha do Pico, de que ao diante fallaremos.

As ruas da cidade são alegres e ladeadas de edificios, não sumptuosos, mas elegantes. A egreja do antigo collegio dos padres jesuitas, que se vê representada no lado direito da primeira gravura, e que é a matriz, passa pela mais vasta e graciosa do archipelago dos Açores.

No primeiro andar da parte do edificio contiguo á matriz, para o lado do norte, é a casa das audiencias; no segundo andar celebra a camara municipal as suas sessões. Na outra parte do edificio, que fica para o sul, e que na dita gravura se observa unida á egreja, e dividida em tres corpos, tendo o central uma só janella sacada em cada pavimento, e cada um dos lateraes sete janellas de peito no andar superior, estão reunidas todas as repartições, exceptuada a administração do concelho.

As lojas d'este edificio estão destinadas para armazens da alfandega.

Tambem é digna de ver-se a egreja do Carmo, que sobresae na segunda gravura que acompanha este artigo.

Ha no recinto da Horta um abundante mercado, onde se encontram todos os generos alimenticios que é uso venderem-se em taes logares; e um encantador passeio publico, rico de flores e arvoredo, e não menos rico de famosos panoramas, que enlevam a alma e muito a deliciam.

Desde 4 de julho de 1833 goza a antiga villa da Horta fóros de cidade. Concedeu-lh'os o imperador D. Pedro IV, regente do reino em nome da rainha a sr.ª D. Maria II, sendo provedor da comarca da Horta o sr. Antonio José d'Avila, hoje conde d'Avila, presidente do conselho de ministros e ministro dos negocios estrangeiros, natural d'aquella cidade.

A elevação da Horta a cidade previra-a e como que a prognosticou o auctor da historia insulana, quando ao tratar das excellencias do Fayal e da grande cópia de embarcações que demandavam aquelles portos, e que de futuro a elles aproariam, a denominou «linda corte, cheia de muitas e ricas joias e peças, até no luzimento com que se trata e serve.»

Actualmente é a Horta capital da ilha e do districto do mesmo nome.

Tem 3 freguezias, 1:685 fogos e 8:000 habitantes.

Frequentam o seu porto numerosos navios de vela e de vapor nacionaes e estrangeiros. Para se fazer idéa do movimento maritimo alli, transcreveremos do *Almanach do archipelago dos Açores*, repositorio utilissimo de tudo quanto diz respeito áquellas ilhas, escripto pelo nosso excellente amigo e collega Francisco Maria Supico, a nota relativa ao movimento maritimo em 1865, a qual é a ultima publicada.

«Navios existentes em 1 de janeiro, 9; entrados durante o anno, 340. Total 349. Saíram em todo o anno 340; foram condemnados 2; naufragou 1; existiam no porto em 31 de dezembro, 6.

«As 340 embarcações saídas pertenciam ás seguintes nacionalidades: portugueza, 142; ingleza, 65; brasileira, 2; americana, 106; hespanhola, 4; franceza, 10; italiana, 5; hollandeza, 1; sueca, 1; prussiana, 1.

«D'estes navios empregaram-se exclusivamente no commercio 185. Os restantes entraram por escala ou arribada.

«Das embarcações empregadas no commercio foram: portuguezas, 178, incluindo 72 barcos sem coberta; inglezas, 40; brasileiras, 2; americanas, 5. Mediam 21:891 toneladas, e conduziram 1:567 passageiros.

«Nas que tocaram por arribada incluiram-se 88 baleeiras a depositar azeite ou a tomar mantimentos; 18 navios de vela a reparar avarias; 20 a tomar mantimentos; e 29 vapores a tomar carvão e mantimentos, sendo 19 de guerra e 10 mercantes.»

Nos nove annos decorridos, de 1857 a 1865, entraram com avaria no porto da Horta 115 vapores e 156 navios, cujas toneladas sommam 255:880.

Os generos que em maior quantidade exporta o Fayal pela Horta são a laranja, principalmente, para a Inglaterra e para a America; azeite de spermaceti; manteiga; coiros verdes; obras de palha, chapeos e bordados; algumas vezes trigo.

Ha na Horta, desde 1852, uma machina de vapor da força de 8 cavallos, alta pressão, trabalhando horisontalmente, a qual veiu de Londres e serve de motor a tres apparelhos de fazer pregos e a tres pedras de moagem. Tem appenso um forno de cozer pão e bolacha.

Em 12 horas de trabalho faz 1:400 libras de pregos; moe um moio de trigo e um de milho, e póde, em 24 horas, cozer um moio de pão ou bolacha.

É notavel pela perfeição e pelos consideraveis va-

lores que representa, e ainda mais, talvez, por ser em grande parte exercida por mulheres, a industria dos bordados brancos, e de palha e pita, a da trança de palha para chapeos, a dos chapeos de homens e senhoras, e a das esteiras de junco; e bem assim a das cestas e outros objectos de vime, ao fabrico dos quaes se dedicam especialmente homens. Não são estas industrias, e mais algumas que não mencionâmos, peculiares da cidade; mas ha alli muitos que as exercem e por alli se exportam em grande quantidade.

É curiosa a noticia que o nosso bom amigo Supico, a quem já nos referimos, e que nos seus excellentes almanachs nos subministrou as bases d'este artigo, apresenta do rendimento da alfandega da Horta n'um periodo de treze annos. No decennio de 1853-1854, e 1862-1863, rendeu, termo médio, 46:109$870 réis por anno; em 1863-1864, rendeu 41:494$246 réis; em 1864-1865, rendeu 51:200$776 réis; e em 1865-1866, rendeu 72:047$829 réis.

O augmento da receita d'aquella casa fiscal no ultimo anno citado foi devido, segundo a opinião do sr. Supico, aos direitos sobre tabaco, ao excesso de importação de mercadorias estrangeiras, e á somma produzida pelo despacho de fazendas salvadas de um vapor inglez que naufragou na ilha do Pico.

Ha na Horta, desde 1863, um tribunal do commercio de primeira instancia, que se compõe de seis jurados e tres substitutos.

No intuito de tornar mais seguro o famoso porto da Horta, onde, como fica dito, concorrem embarcações de quasi todas as partes do mundo, decretaram as cortes em 1864 a construcção de uma doca, e para occorrer a esta despeza se estabeleceu um imposto cobravel na alfandega da mesma cidade, o qual em 1865 produziu 1:464$663 réis; e em 1866 a importante quantia de 9:274$270 réis.

Não desconhecem os habitantes da Horta as vantagens que lhes hão de advir do derramamento da instrucção, e por isso alguns d'elles, cujos nomes muito sentimos não poder aqui citar, organisaram uma associação que tem por fim manter uma aula nocturna de instrucção primaria para individuos do sexo masculino. Escholas primarias para homens, sustentadas pela nação, ha-as em todas as freguezias da cidade, e talvez já hoje em todas as do districto; escaceavam ainda ha pouco para meninas, o que muito é para lastimar.

O lyceu de segunda classe que alli existe é regularmente concorrido.

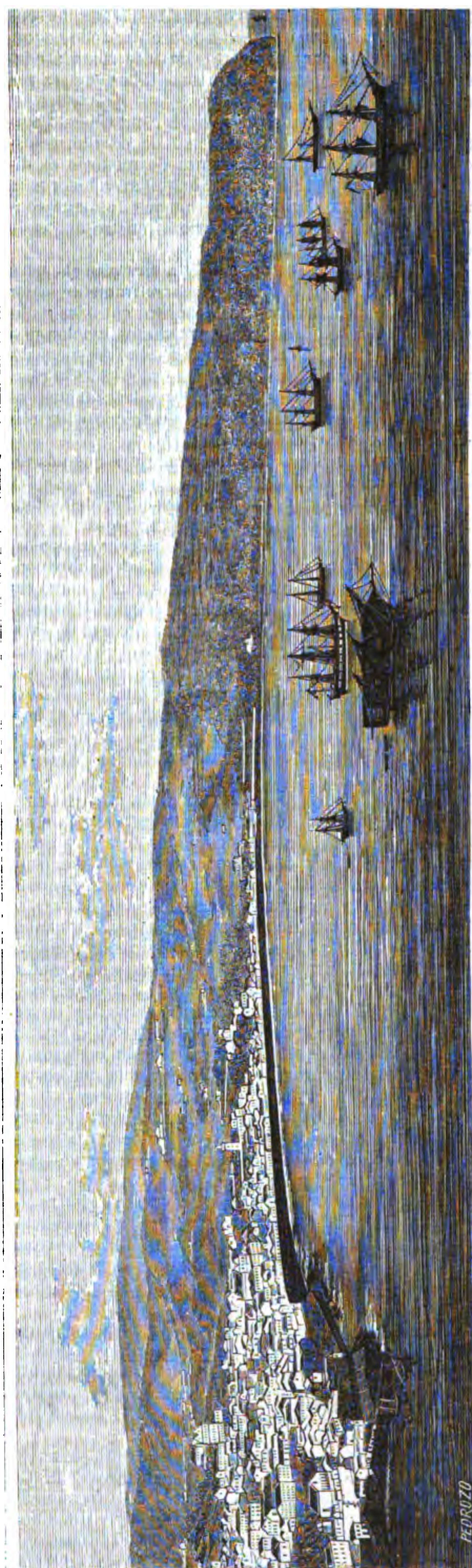
Em tempo decretou-se a creação de uma bibliotheca publica na Horta, para a qual foram de Lisboa bastantes livros. Obstou á realisação de tão civilisador pensamento a falta de casa apropriada; e suppomos que ainda hoje os hortenses estão privados do beneficio d'aquella instituição.

Foram mais felizes relativamente á imprensa, que entre elles se estabeleceu em 1855, pela iniciativa do sr. João José da Graça Junior, e que tem servido para a publicação de alguns periodicos, entre os quaes sobresaem o *Fayalense* e o *Atlantico*.

Sete annos depois de ter penetrado a imprensa na cidade da Horta, em 1862, realisou-se alli um grande melhoramento social. Creou-se uma caixa economica.

Deve-se este relevante serviço aos seguintes cavalheiros: Antonio Garcia da Rosa Junior, Francisco Peixoto Lacerda Costa Rebello, João José Paim da Terra Brum, José Affonso Botelho de Andrade de Camara e Castro, Laureano Pereira da Silva, Manuel Garcia da Rosa, Manuel José Sequeira, Manuel Maria da Terra Brum e Roberto Augusto de Mesquita Henriques.

Fiquem estes nomes expostos á veneração dos que d'aquelle instituto colherem directa ou indirectamente algum dos muitos beneficios que póde prestar a todas as pessoas, qualquer que seja a sua posição social, e



Segunda vista da cidade da Horta

muito especialmente ás que, pela tenuidade de seus ganhos, necessitam ir pouco a pouco juntando pequeninas parcellas para os apertos da vida, para a educação dos filhos, para dote de suas filhas, e para mil outras applicações uteis.

Não nos sendo possivel indicar o movimento progressivo d'aquelle estabelecimento de credito, transcreveremos para aqui a passagem do relatorio da direcção no anno de 1866, a qual habilitará o leitor para ajuizar do engrandecimento de um instituto que contava na epocha a que nos referimos quatro annos de existencia:

«O movimento n'este anno (falla a direcção) chegou á somma de 39:050$905 réis, comparativamente maior que nos annos anteriores; os depositos entrados realisaram 11:401$230 réis; os emprestimos montaram a 30:629$265 réis; no dia 31 de dezembro ficou constituido o debito da caixa no total de 11:612$880 réis, pelos capitaes e premios divididos aos depositantes; os lucros foram de 1:284$610 réis, incluindo o de réis 482$005 do presente anno.»

O seu credito até á data do relatorio a que nos referimos foi de 12:897$490 réis.

Os depositos foram effectuados por 275 depositantes, e os mutuos feitos a 435 concorrentes.

Não faltam na cidade da Horta estabelecimentos pios, onde os enfermos, os velhos e os infantes pobres encontram consolações e amparo. Floresce alli, como em quasi todas as terras portuguezas de alguma importancia, uma irmandade da misericordia, que tem de existencia trezentos e setenta annos. O fim principal d'aquelle pio instituto é sustentar um hospital para pobres. Occupa a misericordia o convento que foi dos franciscanos, representado á esquerda da nossa primeira gravura.

No hospital tratam-se annualmente 650 a 700 doentes.

Em 1843, sendo governador civil do districto, fundou na Horta o sr. Antonio José Vieira Santa Rita um asylo de mendicidade para desvalidos de ambos os sexos, para cuja sustentação concorrem, além dos bemfeitores, as confrarias da ilha do Fayal e a misericordia.

Tambem á iniciativa do sr. Santa Rita devem os hortenses a instituição do asylo de infancia desvalida do infante D. Luiz, que recebe e patrocina meninas desamparadas. Vive este sympathico asylo de esmolas.

Existem na Horta dois theatros. Um, denominado *União Fayalense*, foi construido a expensas do sr. João de Bettencourt de Vasconcellos Corrêa d'Avila e de alguns amigos seus. Tem sala vasta e elegante, uma ordem de camarotes, e galeria, em que se accommodam á larga quatrocentos espectadores.

O outro, chamado *Theatro dos Artistas*, pertence aos operarios, que nas suas horas de descanço se entregam ao cultivo da arte dramatica. Tem logares para cento e cincoenta pessoas.

Os brios militares e o acrisolado amor á liberdade são prendas communs nos habitantes d'aquella cidade, e que não devemos deixar no escuro. Todas as vezes que a patria tem necessitado o auxilio d'aquelles leaes e esforçados servidores, tem-os encontrado briosos e decididos a sacrificar-lhe tudo.

Em duas epochas notaveis, antiga uma, outra recente, se assignalaram elles e se mostraram dignos de todo o elogio. Em 1641, coadjuvando energicamente os seus irmãos de Angra na expulsão do hespanhol oppressor; em 1821, secundando o grito liberal soltado na heroica cidade do Porto.

Na sua viagem do Brasil para Portugal, o sr. D. Pedro IV visitou o porto da Horta, em maio de 1831, a bordo da fragata ingleza *La Volage*, e foi aquella cidade a primeira terra do archipelago açoriano a que aportou, dirigindo-lhe algumas palavras escriptas. Mezes depois foi alli novamente e demorou-se alguns dias.

Tambem el-rei o sr. D. Luiz esteve na Horta, em 1858, sendo ainda infante.

Commemoram muito especialmente alguns auctores, que se tem occupado das coisas da cidade da Horta, a nobreza de muitos de seus primeiros povoadores. D'aquelles varões procedem não poucas familias distinctas, que ainda hoje existem no districto, no archipelago, e, certamente, em varias outras terras do reino.

Quem a este respeito desejar copiosas noticias leia a *Historia insulana* do padre Antonio Cordeiro.

(Continúa) SOUSA TELLES.

D. CATHARINA DE BRAGANÇA

(Vid. pag. 59)

Vamos entrar na mais ardilosa de todas as negociações que se entabolaram para o casamento da filha del-rei D. João IV.

O noivo agora é Luiz XIV, o que deu nome ao seu seculo, como Pericles, Augusto e Leão X. Tinha então dezesete annos.

Está por escrever a inacreditavel historia d'este projectado casamento, de que as nossas chronicas apenas fazem menção, e que só é conhecida depois das investigações que o visconde de Santarem fez nos archivos de França, para esboçar o *Quadro das relações politicas de Portugal com as diversas potencias do mundo*. Pelo que elle publicou se podia já romancear esta negociação, á similhança de Guizot no seu livro intitulado: *Un project de mariage royal*. Nós, porém, limitâmo-nos ao estudo que fizemos para summariar as negociações que houve, durante quatro annos, sobre este assumpto.

Começaram ellas em 1655, quando o casamenteiro da nova dynastia, o padre Antonio Vieira, voltava para o Maranhão. Mas, como dizia o celebre diplomata Francisco de Sousa Coutinho, n'uma carta escripta de Paris por aquella epocha [1], «não ha casamento se não entra n'elle um frade», a corte de Lisboa substituiu o padre Vieira por fr. Domingos do Rosario, confessor da rainha D. Luiza, homem de saber e mui destro politico.

A vida d'este frade vem escripta por menor na *Historia de S. Domingos*, na parte que já não é da suave penna de fr. Luiz de Sousa. Ahi se diz que era irlandez, que passára a Hespanha, e lá tomára o habito de S. Domingos, doutorando-se em theologia, cuja cadeira regeu em Lugo. Veiu a Portugal, quando Filippe IV nos dominava, para aqui fundar um convento de freiras da sua nação (o do Bom Successo, a Pedrouços).

Fr. Pedro Monteiro, no *Claustro dominicano* [2], accrescenta que el-rei D. Filippe IV enviára fr. Domingos do Rosario por seu embaixador ao rei de Inglaterra Carlos I, e por enviado ao papa Innocencio X.

Depois da acclamação del-rei D. João IV, serviu este soberano com a mesma fidelidade (diz aquelle auctor) com que havia servido Filippe IV.

Por duas vezes foi a França tratar do casamento da infanta D. Catharina com Luiz XIV; a primeira ainda no tempo de D. João IV, e a segunda no da regencia da rainha D. Luiza. E tal reputação tinha na corte, que esta princeza o nomeou do seu conselho e ministro assistente ao despacho, não resolvendo ella nenhum negocio sem o consultar, e, pela grande confiança que d'elle fazia, todos os negocios do reino lhe passavam pelas mãos.

Este religioso teve muita acceitação na corte de França, mórmente do cardeal Mazarino; e o embaixador conde de Cominges, escrevendo-lhe de Lisboa, dizia que fr. Domingos era o homem de maior capacidade que tinha Portugal. Outros o tacham de grande ambicioso; e tanto que se não contentava com a privança

1 Mss. da academia real das sciencias de Lisboa.
2 Lanço III, pag. 193.

do paço e com a influencia que tinha nos negocios, aspirando a governar exclusivamente; e que se lhe não fôra obstaculo a sua qualidade de estrangeiro (que sempre conservou), conquistaria em Portugal o mesmo poder que o cardeal Mazarino exercia em França.

É certo, porém, que recusou a cadeira de prima na universidade de Coimbra, o bispado de Tanger, o arcebispado de Goa, e o ser confessor da rainha da Gran-Bretanha (D. Catharina de Portugal), e do seu conselho, sendo para isso convidado por el-rei Carlos II. Acceitou por ultimo a mitra de Coimbra, que a esse tempo rendia setenta mil cruzados, para com este rendimento acabar o convento do Bom Successo, e fazer a obra do collegio do Corpo Santo, cuja fundação obteve da rainha regente, que pagou o chão, e lhe concedeu terem os missionarios até cinco mil cruzados de renda.

Tal era o homem que succedeu ao padre Vieira, no periodo da sua ausencia no Brasil.

E para que bem o fiquemos conhecendo, devemos accrescentar, que nas biographias estrangeiras anda este frade com o nome de Daniel O'Daly, que deveu ter antes de professar; porque nos negocios seculares assignava-se unicamente fr. Domingos do Rosario, e só n'uma das obras que imprimiu em latim põe fr. Dominicus de Rosarium O'Daly. O auctor da *Coimbra gloriosa* [1] diz que elle era descendente dos *reis pequenos* da Irlanda e chefe da familia O'Daly. Falleceu em 30 de junho de 1662, e foi sepultado no collegio dos missionarios irlandezes, ao Corpo Santo, que elle fundára em 1659.

Agora que já conhecemos o negociador, vamos dar vista das negociações.

Não conseguimos apurar se a proposta d'este casamento veiu da França ou foi de Portugal. Os nossos historiadores inculcam esta ultima hypothese; mas, pelo desenlace, julgâmos que foi artimanha do cardeal Mazarino, para obrigar Hespanha a fazer a paz com a França, para elle se vingar do principe de Condé, que militava no exercito hespanhol, dando por premio da nova alliança a mão de Luiz XIV á infanta de Hespanha, Maria Theresa, herdeira de Filippe IV, o que a final conseguiu o astuto cardeal.

Como quer que fosse, o que sabemos é que em abril de 1655 chegou a Lisboa o cavalheiro de Jant, embaixador de França; e nas instrucções que trazia liam-se estas clausulas:

Que significasse a el-rei de Portugal, que quando a infanta sua filha estivesse em estado de casar [2], o cardeal (Mazarino) faria o possivel para que el-rei, seu amo, considerasse o proveito que offerecia aquella alliança.

Que faria (o embaixador) por fallar quantas vezes podesse com a infanta; e observaria com particularidade o seu espirito, juizo, talhe, gestos e palavras; e se informaria por alguns criados e officiaes, se não havia alguma coisa que dizer de sua pessoa ou em seu corpo, por defeito de nascimento; e faria por haver dois retratos d'ella, um em grande e outro em pequeno.

O mesmo embaixador de Jant trazia poderes do cardeal Mazarino para fazer um tratado de liga entre Portugal e a França contra Castella, sobre o que houve muitas consultas de estado, a que assistia fr. Domingos do Rosario; e n'um dos dias de conselho, estando doente, á sua cella, no collegio do Corpo Santo, foram os ministros e o proprio embaixador da França. Esta potencia pedia a Portugal doze navios mantidos á custa d'este reino, e um subsidio annual de dois milhões de escudos; mas como se lhe objectou que Portugal não podia dispensar nenhum dos navios da sua armada, que trazia na defesa das possessões ultramarinas, estipulou-se que Portugal elevaria o subsidio a dois milhões e quatrocentos mil cruzados; e que, além do que gastava na guerra das fronteiras, applicaria mais todos os annos trezentos e cincoenta mil cruzados para um pé de exercito consideravel, que opportunamente entrasse em Castella com as tropas del-rei de França.

Tal era o preço da liga que nos propunha Mazarino, dando-nos apenas a faculdade de *tirar* de França, *á nossa custa*, officiaes, engenheiros, cabos e machinas de guerra.

N'este tratado não se fallava no casamento da infanta. Mas foi então que el-rei D. João IV nomeou fr. Domingos do Rosario seu enviado a França, para ir juntamente com mr. de Jant solicitar a ratificação do tratado, o que se não conseguiu, porque o cardeal declarou que de Jant havia excedido as suas instrucções.

Durante as conferencias em Lisboa com este ministro de França, para a redacção do tratado de liga, e depois da partida de fr. Domingos do Rosario para Paris, houve uma serie de cartas del-rei D. João IV e da rainha D. Luiza para Luiz XIV e para o cardeal Mazarino, que o visconde de Santarem achou nos archivos de França, e em nenhuma d'ellas se allude sequer ao casamento. Porém, n'um despacho de mr. de Jant para o cardeal Mazarino, em setembro de 1655, lhe envia juntamente uma cópia das razões allegadas pela rainha D. Luiza nas conferencias que sua magestade tivera com elle embaixador.

N'esse papel, escripto e arrazoado com superior habilidade politica, e ainda notavel pela altivez da phrase, se lê este periodo:

«Que a França lhe fazia esperar que quando se tratasse do casamento del-rei (Luiz XIV) se teria particular consideração com a infanta sua filha; que elle de Jant podia fazer conceito da sua belleza, pois a tinha visto; mas que sendo esta a menor de suas qualidades, e sendo a intenção do cardeal dar a el-rei de França uma mulher de condição branda, submissa e obediente, era Catharina, sua filha, o abbreviado de todas as perfeições; de sangue tão illustre como qualquer da Europa, e digna só de um rei de França. Que, todavia, soubera com bastante displicencia que a frustravam d'aquella esperança, tomando por pretexto o procedimento de Portugal [1]; mas que a tudo nos deviamos resignar n'este mundo: que se não houvesse para a infanta sua filha reis na Europa, não lhe faltariam conventos em Lisboa, onde ella por menos de dois milhões [2] poderia entrar para servir a Deus o restante de seus dias.»

Achavam-se n'este ponto as negociações com a França, quando falleceu D. João IV, a 6 de novembro de 1656, ficando a rainha D. Luiza regente do reino durante a menoridade de D. Affonso VI, que a este tempo contava apenas treze annos.

Luiz XIV enviou a Portugal por seu embaixador o conde de Cominges, a dar os pezames á corte de Lisboa pela morte del-rei D. João. E ao mesmo tempo a rainha D. Luiza nomeia fr. Domingos do Rosario por seu plenipotenciario, para ir expressamente tratar do casamento da infanta D. Catharina com Luiz XIV, rei de França, e pedir uma armada para segurar a barra de Lisboa, e mil cavallos para reforçar o exercito do Alemtejo.

O dote da infanta eram dois milhões de cruzados e a praça de Tanger.

Não contentaram ao cardeal Mazarino estas clausulas, porque elle queria uma praça maritima em Portugal para ancoradoiro das esquadras de França.

A mesma pretenção havia já manifestado o cardeal antes da paz de Munster, porque o padre Vieira, n'uma

[1] Mss. da bibliotheca nacional de Lisboa.
[2] D. Catharina tinha já 17 annos.

[1] Não activar a guerra contra a Hespanha pelo modo indicado pela França.
[2] Era o dote que se lhe havia estipulado.

consulta que lhe fizera o marquez de Nisa, nosso embaixador em Paris, diz-lhe que antes se dê Mazagão que Tanger, porque os cavalheiros de Africa eram todos nascidos e casados n'esta ultima praça, «e obriga-los (accrescenta) a que fiquem subjeitos a rei estranho, é coisa em que intendo não virão nunca. Nada nos aproveitará darmos-lhes agora Tanger senão para depois nos pedirem Lisboa, se quizermos nos soccorra poderosamente.»

Tanto elle conhecia a perfidia do cardeal!

(Continúa) A. da Silva Tullio.

OS DUELLOS

Ha uma contenda entre dois homens. Estes homens encontram-se e batem-se. É natural. Os irracionaes fazem outro tanto. Odiar quem nos odeia, verberar quem nos verbera, castigar quem nos insulta, é o effeito do instincto. Os combates singulares tem a sua origem em a natureza; é um uso tão antigo como a sociedade. Os primeiros socos julgâmos que se seguiram aos primeiros afagos. O primeiro dos combates é o principal capitulo da historia dos primeiros irmãos.

O combate em que morreu Abel não foi um duello, mas antes um recontro, porque não houve de um lado a resistencia necessaria para dar ao acto o caracter de um combate singular.

O combate entre dois homens não póde rigorosamente chamar-se duello senão quando é o resultado de uma provocação e o effeito de um ajuste commum, em que intervem outros homens, como padrinhos, para a escolha de dia, de campo, de armas, etc. Nada impedia que os homens se matassem sem accordo prévio; mas a cortezia exigiu que houvesse accordo com determinadas formalidades. Ganhou porventura a humanidade com tal cortezia?

Principia aqui a historia do duello. Deve-se a dois irmãos este lugubre invento. O primeiro duello de que ha memoria foi o de Eteocles e Polynices, que se mataram proximo das muralhas de Thebas, 1228 annos antes da era christã. No fim do mesmo seculo, em 1209, houve outro duello notavel, entre Páris e Menelau, junto das muralhas de Troia. Um, depois de doze annos de posse, batia-se para conservar a amante; e o outro para reconquistar a mulher ao cabo de doze annos de privação. São factos dos tempos heroicos.

Os duellos são pouco frequentes entre os hebreus. Não asseguràmos que se encontre na historia outro além do de David e Golias. Sabe-se o que succedeu. Uma criança com uma pedra anniquilou um gigante armado de ponto em branco, o que veiu provar que os grandes não podem desprezar os pequenos, nem os fortes desdenhar dos fracos.

Encontram-se na historia romana muitos exemplos de duellos. Ora é Manlio que briga com um gaulez e lhe tira o collar; ora é Corvino que tambem alcança triumpho contra um gaulez em combate onde o auxilia um corvo.

O mais celebre dos duellos romanos é, por sem dúvida, o que se deu entre os Horacios e os Curiacios. A causa e o resultado são conhecidos. Era para a emancipação da cidade natal; era para a escravidão da cidade rival que os seis heroes combatiam. Contenda geral, e não pendencia particular, tinha-os obrigado a lançar mão das armas. Cada um dos contendores representava um povo: Roma vencia com Horacio; Alba foi vencida nos Curiacios.

Esta é a razão constante dos duellos entre os antigos. Dependia a sorte de Troia do duello entre Páris e Menelau; e a liberdade de Israel estava no duello de David e Golias.

Assim os antigos poupavam o sangue humano, abbreviavam as guerras, que de outra fórma acabariam, como hoje, com a exterminação ou absorpção de uma das nações belligerantes. Tinham n'isto mais bom senso que nós.

Nos tempos modernos, os duellos não só não pozeram termo ás guerras, mas tem ensanguentado a paz.

Foram os barbaros do Norte que, escravisando as provincias romanas, introduziram n'ellas o tristissimo uso, a que a ferocidade d'aquelle povo recorria em qualquer circumstancia, quasi sempre para desenlace de interesses particulares e muitas vezes miseraveis.

A Europa, pelo espaço de doze seculos, foi dizimada pelos duellistas, e os legisladores occupavam-se antes em formar um codigo do duello, do que em condemnal-o e punil-o. A lei, que estabeleceu muitos outros absurdos, indicava os casos em que podia recorrer-se ao duello, e legalisava o que era apenas tolerado. Desde então o duello decidiu todos os pontos duvidosos a respeito de jurisprudencia, de theologia, de amor e de vaidade.

É, com effeito, no amor proprio que existe a causa da mania do duello. Portanto, deve combater-se esta mania com o amor proprio. Conseguir-se-hia preparando a opinião publica contra um uso que foi acceito por toda a parte. Conseguir-se-hia incitando o escarneo publico contra uma loucura que se propagou com applausos geraes. Já que o rigor nada tem podido obter, combatamol-o pelo ridiculo.

Figura-se-nos bastante ridiculo ver um homem offendido pedir ao acaso reparação de offensa que nos tribunaes podia exigir e receber. Tal homem illudiu ou desencaminhou tua mulher ou tua filha, e levou a desordem e a desolação ao seio da tua familia; e para teres direito de castigar esse homem, é mister que te arrisques a ser assassinado por quem te offendeu, e que vás pedir-lhe *satisfação!*

Ha uma caricatura ingleza que representa bem as consequencias de um duello provocado por uma causa similhante. Dois homens, no campo, apontando as pistolas, atiram ao mesmo tempo. A sorte, que quasi sempre se mostra tão justa como os homens, não favoreceu o que foi offendido. Assassinado pelo homem que o injuriou, o mallogrado marido ou pae expira, dizendo: — Estou satisfeito!

Resume-se n'este exemplo o que o duello tem de barbaro e absurdo.

O que é um espadachim? Um miseravel que entre as diversões do jogo e das orgias se exercita nas armas, e que se encontra prompto para desafiar todos contando com o triumpho e com a impunidade. Nada tem que perder, porque a honra e a vergonha não lhe pesam nem o incommodam. Mas será o espadachim tão animoso no campo das batalhas? Não: porque alli não conhece as balas que o podem ferir, nem aparará os golpes que podem matal-o.

É, comtudo, tamanho o imperio dos preconceitos, que, apesar de combatermos o duello, devemos confessar que ha casos em que é mui difficil evital-o. Não estamos ainda no tempo em que Themistocles podia dizer, curvado ao bastão de Eurybiades: «Bate, mas ouve!», e conservar no exercito a consideração que gozava. O militar que, tendo recebido uma bofetada, désse a outra face, como o Evangelho aconselha, ganharia, por sem dúvida, o ceo, mas seria desprezado pelos seus camaradas.

Ha tempos foi morto em duello um homem que era geralmente estimado. Batêra-se com um duellista conhecido. Depois do facto, perguntava-se: «É possivel evitar os duellos?» É. «Como?» Fazendo uma lei em que se estabeleça que será castigado como assassino o duellista de profissão que matar alguem em duello; e que será absolvido todo aquelle que, sendo provocado por um duellista, o matar em duello, porque usou do direito de defesa e livrou a sociedade de um mau individuo.



Trazeira de um dos coches de gala ou carroças triumphaes del-rei D. João v

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 115)

XI

O programma das solemnidades e festas com que el-rei D. João v determinára celebrar as nupcias de seus filhos ainda não estava preenchido. Faltava-lhe uma parte muito importante, qual era a entrada publica dos principes do Brasil na capital do reino e os festejos com que havia de ser solemnisada. Este remate de tão sumptuosas funcções correspondeu cabalmente ás pompas e esplendores ostentados no Caia pela corte portugueza.

Para transportar a familia real, o seu numerosissimo sequito, e os coches, cavalgaduras e bagagens, foram enviados para a boca do Montijo um bergantim real, trinta galeotas e escaleres; e mais de mil faluas, fragatas, bateis, varinos e outras embarcações que navegam no Tejo.

O bergantim foi feito expressamente para servir n'este dia. Excedia muito no tamanho, bem como em elegancia e riqueza, a todas as embarcações reaes até então vistas no Tejo. Tambem se estrearam n'esta occasião os mais ricos escaleres e galeotas que figuraram no cortejo.

Pelas dez horas da manhã do dia 12 de fevereiro largou de Aldeia Gallega o bergantim real. Logo atraz vinham as trinta galeotas e escaleres, dispostos em duas alas, e em seguida velejava aquella immensa frota de barcos de tão variados feitios e tamanhos, todos empavezados de bandeiras e flammulas multicores.

Atravessou o rio este brilhantissimo cortejo em direitura ao convento da Madre de Deus, em frente do qual o saudaram as salvas de artilheria do castello de S. Jorge, das fortalezas do Tejo e dos navios da

armada. Desde aquelle convento até Belem ia costeando terra, e em todo este trajecto a sua passagem foi verdadeiramente triumphal. As acclamações do povo accumulado nos caes, nas janellas dos edificios e no alto dos montes sobranceiros ao rio; os vivas das tripulações dos navios de guerra e mercantes; as girandolas de foguetes estoirando no ar por toda a parte, em terra e no rio; as salvas, que se repetiram por mais duas vezes, defronte do Terreiro do Paço e na chegada a Belem; muitas bandas de musica marciaes, dispostas em differentes pontos da marinha, tocando alegres hymnos; e, finalmente, aquelle innumeravel concurso de embarcações, muitas d'ellas refulgindo cobertas de oiro e sulcando magestosamente as aguas, formavam um espectaculo tão soberbo e maravilhoso como esses que phantasiára o engenho imaginoso do auctor das *Mil e uma noites*.

Para o desembarque da familia real tinha-se construido um caes e comprida ponte em frente dos jardins do palacio de Belem, no logar em que vemos agora o caes de pedra da bella praça de D. Fernando. Apesar de ser feita de madeira toda aquella obra, era magnifica e custou muitos contos de réis.

Desembarcava-se dos escaleres em uma ampla escada de vinte degraus, no cimo da qual se levantava a grande altura um arco triumphal, de architectura esbelta e coroado com as estatuas da Liberdade, da Fama e da Fortuna. Era esta a entrada da ponte, que tinha de comprimento uns dezoito metros, sendo guarnecida de ambos os lados com balaustradas e vasos de flores, e o pavimento coberto de alcatifas. Onde acabava a ponte erguia-se um templo, cuja cupula, pintada interior e exteriormente com figuras allegoricas, era sustentada por columnas jonicas.

Saíram do bergantim os soberanos e principes, e dirigiram-se ao paço de Belem, onde se achava preparado para toda a corte um lauto refresco. Demoraram-se aqui suas magestades e altezas em quanto desembarcavam todas as pessoas da sua comitiva, e se aprompatava e punha em ordem o prestito real.

Era uma hora da tarde quando o cortejo se poz em marcha para a cidade, que n'esse tempo se achava muito afastada de Belem.

Havia no prestito alguma differença do que conduzíra a familia real da cidade de Elvas ao Caia, differença determinada pelo ceremonial usado na entrada publica dos soberanos na cidade de Lisboa.

Iam na frente, a cavallo, os dois procuradores da cidade, seguindo-se: todos os empregados do senado da camara; os corregedores, tribunaes e mais empregados de justiça; os porteiros da canna, seis dos quaes levavam aos hombros maças de prata; os reis d'armas [1], arautos [2] e passavantes [3], com as suas cotas e collares de oiro; o coche do corregedor da corte e casa; quarenta e oito coches dos titulares; doze coches com os camaristas dos infantes e del-rei, com os estribeiros-móres, veadores e confessores da princeza do Brasil e da rainha; o coche do estribeiro-mór delrei; o coche das camareiras-móres; onze coches das damas, açafatas e moços da camara; nove coches de estado, ou de respeito, da infanta D. Francisca, dos infantes D. Antonio, D. Francisco, D. Pedro e D. Carlos, da princeza e do principe do Brasil, da rainha e del-rei; um coche com o infante D. Antonio, outro com o infante D. Francisco, outro com os infantes D. Pedro e D. Carlos, outro com el-rei, a rainha e principes do Brasil; sessenta moços de estribeira, a cavallo, etc., etc.

Entre os trinta e nove coches da casa real que figuraram n'este acompanhamento havia alguns que foram estreados n'este dia. O mais rico d'estes, e tão rico que sobresaía a todos os que até então se tinham visto em Lisboa, assim como aos que depois se viram, era o da pessoa del-rei. Esmeraram-se tanto os artistas parisienses em o aformosear e enriquecer, que, sendo exposto ao publico antes de vir para Portugal, causou admiração na propria capital da França, não obstante estar costumada a ver as pomposas equipagens del-rei Luiz XIV. Contâmos offerecer aos nossos assignantes, n'este volume, uma gravura d'este soberbo coche, que ainda se conserva em bom estado nas cocheiras reaes da calçada da Ajuda.

Poz-se em marcha o prestito para a cidade, e, chegando defronte do palacio do conde de Villa Nova de Portimão, hoje da casa de Abrantes, parou a fim de se pôr na ordem em que havia de fazer a entrada solemne em Lisboa. Saíram dos coches os tres capitães das guardas reaes e mais de quarenta moços da camara. Os primeiros montaram a cavallo e collocaram-se aos lados do coche de suas magestades; e os segundos formaram alas, a pé, de um e outro lado do mesmo coche. Os soldados d'aquellas guardas vieram fazer uma segunda ala em volta do dito coche, e os sessenta moços da estribeira, tomando logar pela parte de fóra dos ultimos, tambem a pé, fizeram terceira ala.

Assim ordenado, proseguiu o prestito real até ao largo da Esperança. Tinham já decorrido longos annos depois que a cidade, rompendo o cinto de muros torreados com que a cingíra el-rei D. Fernando, se estendêra pelos arrabaldes. Na epocha, pois, em que se passam estas scenas, era aquelle largo o limite de Lisboa para a parte do occidente. Achava-se, portanto, alli o senado da camara para receber e felicitar os soberanos e principes, que se apearam para ouvirem o discurso do mais antigo dos vereadores, ao que se seguiu a costumada entrega das chaves da cidade.

Em todas as ruas do transito até á patriarchal, situada junto dos paços da Ribeira, e que ficava a um dos lados da praça chamada primitivamente *pateo da Capella*, depois *praça da Patriarchal*, e ao presente denominada do *Pelourinho*, viam-se, de espaço a espaço, com curtos intervallos, arcos triumphaes de grande e custosa fabrica, levantados pelos inglezes, francezes, italianos e allemães residentes em Lisboa, e empregados no commercio e outras industrias, e pelos negociantes, artistas e officiaes dos diversos officios mecanicos da cidade.

Tendo entrado as differentes classes em competencias de qual apresentaria mais brilhante demonstração do seu affecto e respeito á familia real, todos os arcos eram grandiosos e ostentavam muita riqueza, principalmente em pintura e tapeçarias. O primeiro arco, erigido no largo da Esperança, era o dos inglezes. Os outros levantavam-se na calçada do Combro, na rua direita do Loreto, rua larga das Portas de Santa Catharina, Chiado, rua Nova do Almada, rua Nova dos Ferros, praça do Pelourinho [1], Terreiro do Paço e largo da Patriarchal. Todas estas ruas e praças estavam areiadas e juncadas de verdura e flores. As casas, até aos primeiros andares, tinham as paredes vestidas de pannos de Arrás, e as portas e janellas com armações de damasco. Em grande numero d'ellas viam-se espelhos entre as janellas.

Toda a tropa da guarnição de Lisboa, infanteria, cavallaria e artilheria, estava formada no Terreiro do Paço, e ahi deu as descargas do estilo, seguidas das salvas do castello, fortalezas e embarcações de guerra, á entrada da corte na patriarchal.

O interior do templo reluzia por toda a parte com as pedras preciosas, oiro e prata dos vasos sagrados,

[1] Os tres reis d'armas intitulam-se Portugal; Algarve e India.

[2] Os tres arautos são denominados Lisboa, Silves e Goa, antigas capitaes d'aquelles tres reinos.

[3] Os tres passavantes chamam-se Santarem, Tavira e Cochim, que eram antigamente, depois d'aquellas cidades, as principaes terras dos ditos reinos.

[1] Ficava esta pequena praça proxima do Terreiro do Paço, no sitio correspondente aos quarteirões da rua da Prata, entre as ruas dos Capellistas, ou Nova d'El-rei, e dos Retrozeiros, ou Nova da Conceição.

das alfaias e das armações. O celebrado thesouro da capella real, que encerrava tantas e tão variadas riquezas, achava-se alli disposto em apparatosa exposição.

Depois de se cantar um *Te Deum* por musica vocal e instrumental, subiram do templo para o paço suas magestades e altezas, e logo se deu principio ao beija-mão.

Fizeram-se n'essa noite esplendidas illuminações, e houve um fogo de artificio de invenção grandiosa e magnifico effeito. Os arcos triumphaes acima referidos, alguns palacios dos mais opulentos fidalgos da corte, o Terreiro do Paço e os navios de guerra, apresentaram mui vistosas illuminações. Estes ultimos, principalmente, offereciam um espectaculo, no dizer de testimunhas oculares, magestoso e deslumbrante.

O fogo teve por theatro a praça d'armas do castello de S. Jorge. Fizeram-se alli para esse fim grandes construcções, com o auxilio das quaes se conseguiu imitar, com fogos artificiaes, dizem que com a maior naturalidade possivel, uma erupção do Vesuvio, cascatas e fontes com muita variedade de repuxos, como as que se admiram, alimentadas por agua, no parque e jardins de Versalhes, em França.

Repetiram-se estes festejos, e varios outros, nos tres dias seguintes. O fogo de vistas do castello de S. Jorge importou, nas quatro noites, na avultada quantia de quarenta contos de réis, ou de cem mil cruzados, que era o modo de contar n'aquelle tempo, e assim achâmos escripto em memorias contemporaneas. Esta somma, em uma epocha em que o oiro e a prata tinham um valor muito inferior ao que hoje tem, poderá dar uma idéa da grandeza do espectaculo. E um tal dispendio em quatro fogos de artificio póde tambem servir de base para se calcular o dinheiro que custaram ao thesouro de Portugal a jornada ao Caia, o encontro e visita das duas familias reaes da peninsula, e as festas do casamento do principe D. José e de sua irmã, a infanta D. Maria Barbara.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

A LENDA DO ETHER SULPHURICO

(Conclusão. Vid. pag. 114)

Aggravára-se a molestia do margrave, contra a qual nada valiam tizanas e simples dos mais afamados empiricos.

Achacado de manias sanguinarias e violentas, o terrivel castellão saía armado de ponto em branco pela poterna abobadada, e corria á ponta da lança, montado no seu cavallo de batalha, os timidos habitantes do burgo, que se escoavam pela campina.

Durante essas correrias medonhas, em que o fidalgo largava o cavallo a toda a brida, e, com a lança enristada, despedia chispas pelos olhos e varria tudo adiante de si, a ninguem obedecia o velho castellão. Queria sangue, sangue, morte e ruinas. Debalde os camponezes erguiam os supplices braços aos ceos e clamavam perdão. O louco sanguinario despedia o gladio, vibrava a lança, e, espumando de raiva e delirio, proseguia trefego e fragueiro, semeando o terror e o espanto em derredor.

Valerio Cordus, emtanto, passava dias soterrado no seu laboratorio em continuo labutar. Quando sobrevinha a noite, saía a furto, descia a escarpa do fosso, subia á paliçada, galgava as barbacãs, e, entrando por uma poterna escusa, apertava nos braços a linda castellã, que o amava delirante, como sabem amar as poeticas e singelas virgens da pudica Allemanha.

— Valerio, clamava ella, este amor ha de ser-nos fatal. Cruel maleficio deitaram a meu pae, que só pensa em matanças e chacinas. Quem sabe se eu sou a causa dos seus tormentos?

— Oh! cala-te, mystica rosa, que com a tua fragrancia divina embalsamas a vida do pobre Valerio. Por ti, só por merecer-te, trabalho noite e dia n'um subterraneo lobrego e escuro. Tu és a luz que me dissipas as trevas d'alma, o raio que me conduz na vereda da sciencia. Por ti, arrostaria a morte e uma eternidade de tormentos do inferno. Por ti e para ti busco a fama, o renome e as riquezas. Oh! Tu has de ser minha. Hei de abraçar-te, assim, bem contra o peito, á face dos homens, bem como o faço agora á face de Deus, que nos vê e abençoa, porque o nosso amor é casto e virtuoso.

— Não! Valerio, não! Negro e atroz presentimento me diz que hemos de ser infelizes. E, comtudo, sem ti, que me importa a vida!

— Socega, alma da minha alma, luz do meu corpo. Não ha trabalho, por grande que seja, que eu não leve a termo só para te alcançar. Hei de curar a sanguinaria loucura do conde de Henneberg, e como premio receberei a tua mão adorada, que me ha guiado no labyrintho da vida.

— Se tal fizeres, Valerio, se conseguires afugentar as trevas que enluctam a razão de meu pae, se rasgares o véo sangrento que lhe empana os olhos, dou-te tudo, tudo, o corpo e a alma, o sangue e a vida. Seguir-te-hei de rastos pelo mundo; serei mais do que tua esposa, serei tua escrava submissa.

— Serás o meu anjo, a minha consolação. Vae, volta para o tecto paterno, aonde habita a loucura. Vae consolar o misero pae, que se contorce nas vascas de atro delirio. No primeiro intervallo lucido, quando a tenue luz da razão lhe bruxulear no fundo do cerebro, dize-lhe que Valerio, o pobre Valerio, póde salval-o.

E o mancebo apertou ainda nos braços a pudica donzella, cujos loiros cabellos, agitados de leve pela brisa humida da noite, roçaram-lhe as faces encandecidas.

Valerio julgou que aquellas tranças eram azas de anjo, tão suave foi a impressão que sentiu.

A donzella desappareceu como uma sylphide vaporosa.

Deslisando ao longo das muralhas, que se erguiam a pino por sobre a encosta aprumada, quem a visse, illuminada pela lua, sósinha, pensativa, julgára ter evocado alguma visão angelica, uma das poeticas filhas das brumas septentrionaes, que se embalam nas nuvens, gemem com a brisa, sorriem com a pallida aurora, deixam os longos cabellos soltos ao sabor da viração, por onde trepam os gnomos, os espiritos do ar.

Valerio ficou embevecido, extatico, mudo, vendo-a fugir quasi sem tocar com os pés na terra. Por um pouco se arreceiou que os anjos arrebatassem a sua amada para os ceos.

Desfeito o encantamento, limpou uma lagrima de alegria e esperança, e voltou para o subterraneo, onde se entregou á grande obra. O manuscripto de Basilio Valentim tinha-lhe desvendado um segredo, para elle de altissimo momento. Deitando a ferver uma mistura de acido sulphurico ou de oleo de vitriolo e alcool, viu que, em resultado d'esta operação, obtinha um liquido extremamente volatil e muito inflammavel. Denominou-o *oleo de vitriolo dulcificado*, e, jurando nas palavras do mestre, não duvidou curar o furioso castellão.

Em quanto Valerio Cordus, com as pupillas dilatadas, pescoço estendido, fauces abertas, mãos trémulas, corpo arqueado, seguia pallido, receioso, palpitante, a operação alchimica, á qual estava preso o seu futuro, outra scena, não menos curiosa, se representava no castello.

Toda a clerezia dos arredores se havia congregado no velho solar, que estava aspergindo de agua benta, ao passo que com vozes roufenhas entoava exorcis-

mos e emprazava o demonio, sob pena de castigo exemplar, para que abandonasse o corpo do fidalgo, o qual, soltando gritos de desespero, engeitava a santa eucharistia, encerrada nas ambulas e ciborios.

No outro dia aprestava-se Valerio para o solemne combate; e, entrando ousado no castello, jurou pela sua cabeça que era capaz de curar o conde de Henneberg.

Com ser novo, grande reputação de sabio havia alcançado Valerio; por isso foi acceita a sua offerta, sujeitando-se á condição de se encerrar com o doente em uma torre solitaria.

Dois foram os mezes que durou a lucta; mezes de angustia e receio para a donzella, que mal ousava esperar a salvação do pae e a mão do amante. Passado, porém, esse tempo, saíu o conde inteiramente curado, e exclamou em voz alta e sonora no meio dos seus sequazes espantados:

— Como premio e recompensa, dou a mão de minha filha ao meu salvador.

Grande foi a admiração dos circunstantes; maior, porém, foi a alegria dos dois amantes, cujos votos o ceo ouvíra propicio e compadecido.

Correram tres mezes. Ia grande festa no solar. As torres illuminadas lançavam ao longe uns clarões fulvos, que iam morrer na orla da floresta. Ouvia-se um alarido de prazer por todo o ambito. Danças e folgares, repiques de sinos, lautos banquetes, nada faltava ao luzimento e apparato do festejo. Valerio Cordus, o misero e pobre alchimio, desposára a rica herdeira da nobre familia dos Hennebergs. O cortejo que seguia os noivos, jámais se víra outro mais cheio de pompa e garbo. Oiro, diamantes, pedrarias, que n'aquella magica noite brilharam á luz dos brandões, jámais olhos de homem tinham admirado em tal excesso.

Noite de alegria e prazer para todos, de delicias indiziveis, de afagos e carinhos para os noivos.

Por isso, quando os ultimos soidos da festa se esvaeciam, donzellas e donzeis suspiravam de amor.

No outro dia, já o sol ia nado e esparzia a flux os seus raios doirados, e ainda no quarto nupcial não se ouvia o mais tenue rumor. Nenhuma gelosia se abríra. Parecia reinar alli a paz e a escuridão dos tumulos.

Cançados de esperar, abriram os famulos a porta e recuaram espavoridos.

A desposada jazia morta e sangrenta nos braços de Valerio, cuja cabeça estava separada do tronco.

O velho conde de Henneberg, com as mãos retintas de sangue, as barbas brancas salpicadas, os olhos injectados, rubros, saídos das orbitas inflammadas, encostára-se ao montante, e, lançando um olhar sinistro e ameaçador para os cadaveres, soltava umas gargalhadas roucas que faziam arripiar.

Estava doido outra vez.

Tal é a lenda do ether sulphurico, lenda terrivel, como o terrivel barão germanico, cujo typo de familia traçou o grande Gœthe no celebre *Mão de ferro.*

A sciencia conta muitas d'estas lendas, porque os combates com o desconhecido nem sempre são incruentos. Quantas vezes a que devêra ser candida e immaculada tunica da verdade é regada pelo sangue do martyrio? Que o digam os viajantes que denodados se entranham nas invias solidões, e morrem sacrificados affrontosamente pelos selvagens.

Passaram dois seculos depois da tragica morte dos desposados. No primeiro quartel do seculo passado, um chimico inglez, chamado Griffiths, achou a fórmula do *oleo de vitriolo dulcificado*, ou *oleo doce de vinho*. Griffiths estudou e aperfeiçoou a fórmula, e preparou, em fim, o ether como hoje se prepara, e deu-lhe este nome em virtude da sua extrema fluidez. O novo agente therapeutico alcançou grande voga, e todos porfiaram em lhe determinar a fórmula. O proprio Newton entregou-se a este trabalho com o costumado ardimento. Quatorze annos depois, foram mais felizes Grosse e Duhamel, porque descobriram, descreveram e vulgarisaram os processos de fabricação, os quaes, desde esta epocha, poucas ou nenhumas modificações hão soffrido.

Por muito tempo se exaggerou a importancia curativa do ether sulphurico. Newton chegou a julgal-o verdadeira panacêa. Hanckwitz, Hellot e Geoffroy de tal arte lhe apregoaram as virtudes, que todos á uma desejavam tomar tão poderoso remedio.

No principio d'este artigo já vimos quaes as propriedades therapeuticas do ether sulphurico, propriedades bem restrictas e limitadas.

Muitos são os usos do ether, mas o principal consiste na preparação do *collodium* photographico.

A. Osorio de Vasconcellos.

GELLERT

FABULISTA E MORALISTA ALLEMÃO

I

Christiano Gellert nasceu em Haynichen, aldeia da Saxonia, proximo de Freyberg, aos 4 de julho de 1715. Era cura de almas seu pae, cujos haveres deviam de ser tão escassos, que mal chegavam para o sustento da familia, composta de treze filhos.

Em um ensaio poetico, que compoz ainda em mui verdes annos, Christiano Gellert representava a familia sob a fórma de treze pilares que se viam em frente da casa paterna, indicando que os treze filhos deviam amparar os seus velhos e dignos paes, assim como um numero egual de pilares sustentava o edificio. Dois d'esta numerosa familia mostraram desde muito novos as melhores disposições: Christiano Gellert, de quem vamos tratar, e seu irmão Christlieb, que foi depois inspector de minas em Freyberg, e é auctor estimado dos *Elementos de chimica metallurgica e de docimasia*, que o barão de Holbach traduziu em francez.

A mãe de Gellert era mulher bondosa e de exemplar doçura. O pae era o typo da probidade; amava a poesia, e sabía-a inspirar a seus filhos, principalmente a Christiano, que mandou para uma das boas escholas de Meissen. O modo como então se derramava o ensino superior na Allemanha sería mais prejudicial que util ao moço Christiano, se para combater o enfado dos methodos não fosse prendado com as mais altas qualidades.

Foi em Meissen que Gellert apertou os laços de amizade que o ligavam a alguns dos homens que depois formaram a pleiade de litteratos celebres do seu tempo, entre os quaes figurava o satyrico Rabener.

Em 1734 seguiu o curso da universidade de Leipzig, aonde tambem o acompanhou Rabener. Seu pae, tendo feito muitas despezas com a educação de outros filhos, viu-se obrigado a mandar saír Christiano da universidade, quando apenas contava quatro annos do curso.

Gellert quiz seguir a profissão ecclesiastica, porque fizera estudos especiaes de theologia; mas certo dia, não podendo continuar um sermão sem recorrer aos apontamentos que conservára no fundo do chapeo, e vendo que mesmo á vista dos apontamentos se distrahia, convenceu-se para logo que não era aquella a sua vocação, e entregou-se ao ensino particular.

N'aquella epocha (1740) gozava boa saude. Não fôra ainda accommettido pela enfermidade que lhe havia de ir pouco a pouco destruindo a vida. Encarregado da educação de um de seus sobrinhos, voltou em 1741 a Leipzig, cidade que estimava particularmente, e onde estabeleceu, passado tempo, definitiva residencia.

Continuou alli os estudos da universidade, para se formar em uma das faculdades e poder dedicar-se ao

ensino publico. O assumpto da sua these foi o *Apologo*. Esta dissertação, que é por sem dúvida um trabalho notavel, e na qual esboçou e analysou os antigos fabulistas allemães, foi como a introducção das suas fabulas, cujo germen já se lhe desenvolvia na mente, e figura á frente das *Fabulas e contos*, em todas as edições das suas obras.

Principiam d'aqui os lavores litterarios. Gellert compunha pequeninas obras em prosa e verso, e dava-as á publicidade em diversos semanarios de litteratura. Não se apurára, todavia, o gosto na patria de Gœthe e Schiller. A lingua nacional não era honrada como devia de sel-o. Na sociedade passava em moda e com desvanecimento o uso das linguas estranhas, sobre tudo franceza, e isto dava á conversação um caracter extravagante e semi-barbaro. Rastejava a poesia, em vez de erguer-se altiva; e os poetas, que adulavam os grandes e poderosos, antes cantavam o nascimento, as nupcias e os anniversarios festivos das pessoas de elevada condição e abastadas, ou choravam em sentidas nenias os seus desgostos, do que cantavam as glorias da patria ou lastimavam as suas desgraças.

Animos mais despreoccupados e corações mais nobres procuravam, comtudo, vencer tal degradação e envilecimento. O critico J. C. Gottsched mostrára-se contrario ao mau gosto da epocha, porém com tanto



Christiano Gellert

pedantismo, que pouco sympathica se tornou a sua opposição. No entretanto, um grande serviço se lhe deveu: foi desembaraçar o terreno, guiar a litteratura allemã para o bom caminho, e preparar discipulos que deviam ser mais distinctos que o mestre. Entre estes conta-se o poeta Hagedorn, narrador e fabulista, que, assim como o seu coetaneo Haller, mostrava o que podia e valia a poesia allemã.

O moço Gellert filiára-se no partido do grande litterato Gottsched, mas separou-se d'elle, como outros discipulos, quando o mestre, singularmente encolerisado e despeitado, aggredia sem prudencia os antigos partidarios e discipulos, que via já seus rivaes nas letras.

A' polemica exaggerada não se harmonisava com a indole pacifica, nem com a probidade de Gellert. Deixou, pois, com os seus amigos, entre os quaes se contavam nomes já illustres, como Klopstock, Kleist, Rabener, Schlegel, Schmidt, etc., a publicação onde Gottsched reinava como despota, e resolveu-se a fundar com elles duas outras publicações com os titulos de *Novas contribuições para distracção do espirito* e *Collecção de obras varias*, que logo conquistaram sympathias e applauso.

Encontrava-se n'estas duas publicações o que a litteratura allemã, nos seus diversos ramos, podia apresentar mais perfeito. Excluira-se qualquer satyra pessoal; os mais intimos laços de amizade ligavam os collaboradores; estes reuniam-se uma vez por semana; cada qual apresentava a sua obra, lia-a em voz alta, apresentava-a para se discutir, ouvia as observações e acceitava as emendas. Em tão auspicioso cenaculo não assomavam invejas nem rivalidades; entreapparecia a ambição, é verdade, mas a ambição de serem uteis e de se exercitarem no bem.

Aquelles mancebos comprehendiam superiormente a amizade, e a todos e em tudo se avantajava Gellert. Prova-se isto com a sua correspondencia, e especialmente na que trocava com Rabener. Gellert era o amigo fiel, dedicado e sensivel.

«Cada amigo novo, diz elle na sua correspondencia, é nova felicidade que profundamente agradeço ao ceo. Não conheço mais nobre distracção que reunir na mente os amigos e consideral-os como formando

uma só familia no mundo. Sinto-me feliz quando observo ora um ora outro, e em cada qual descubro prendas e merecimentos diversos, porém em todos o mesmo sentimento para o que é bom e bello, e corações sensiveis, nobres e generosos! E mais feliz sou quando considero tambem que pertenço a essa familia, e como a alma se me exalta com o desejo de tornar-me digno d'elles!»

De outra vez exclamava:

«A amizade é um grandissimo sentimento! e quão pequeno é o numero dos que sabem apreciar este dom do ceo e utilisar-se d'elle!... Que diria o mundo, que não póde comprehender taes delicadezas, se nos ouvisse fallar d'este modo? Julgaria que disparatavamos. Mas que temos com a opinião d'essas almas frias e pusillanimes, que parece ignoram a sua propria natureza?»

As obras de Gellert ganharam-lhe muitos amigos, e até amigos desconhecidos, que, sob o véo do anonymo, lhe testimunhavam a elevada consideração em que tinham o seu engenho e o seu caracter. E o maior triumpho que póde desejar um poeta, um escriptor em geral, é merecer, tanto por seu procedimento como por seu talento, a admiração e a estima dos homens bons e probos. Tambem é uma prova de que o escriptor póde inspirar confiança e dar ao leitor a convicção que o animava e dirigia.

Gellert alcançou na vida mais que um d'estes triumphos lisonjeiros.

Nenhum podia ser-lhe, porém, mais sensivel que a homenagem de um nobre estrangeiro que não vira nunca, e que nem sequer conhecia.

Admirador sincero das obras de Gellert, o barão de Chaussen mandou offerecer-lhe uma pensão. O poeta não possuia riqueza; sabiam-n'o todos. Era, comtudo, orgulhoso. Procedeu como homem brioso e honrado: não acceitou o offerecimento do barão de Chaussen.

Annos depois, em 25 de janeiro de 1759, escrevia-lhe Christiano Gellert, em uma triste circunstancia, a seguinte carta:

«Não conhecendo ninguem que tenha prestado mais serviços que vós a minha mãe, deveis de ser, meu generoso amigo, a primeira pessoa a quem eu participe a sua morte. Acabei de receber esta má nova, e assim que julguei mais serenada a minha afflicção, e cumpri o dever da piedade filial derramando abundantes lagrimas, assentei-me para vos escrever: o meu coração, profundamente consternado, não póde nem quer hoje expandir-se em outro objecto... A ultima benção de minha mãe foi para vós e para mim. Em nome d'esta alma bemaventurada, meu bom amigo, vos agradeço os beneficios com que a favorecestes durante tantos annos... Minha prezada mãe não comprehendia que um estranho podesse por tanto tempo prestar-lhe um beneficio que nem ella nem seu filho mereciam, como a posteridade, se tiver conhecimento de tal rasgo de philanthropia, não comprehenderá que um homem esclarecido, admirador das boas letras, longe da minha patria, sem que eu lhe soubesse o nome, me offerecesse uma pensão do modo mais generoso e delicado, e depois da minha recusa mandasse essa pensão a minha mãe, que elle só conhecia pelas minhas cartas. Amei sempre minha mãe, e por isso, até o ultimo suspiro, amarei e venerarei o seu bemfeitor...»

Bastava só este facto para se provar, no caso de ser necessario, que era bem fundado o triumpho que alcançaram para logo as obras de Gellert, principalmente as *Fabulas e contos*, que vieram a lume em 1746, e se viam em todas as mãos.

Encantava realmente possuir, em fim, um livro ao alcance de todos, escripto na lingua nacional; um livro onde tudo era simples, natural, facil; um livro onde a cada passo se nos depatavam lições de moral e exemplos de honradez. O estilo era fluente, sem pedanteria; o verso perfeito; a phrase propria, escolhida, sempre adequada ao assumpto. Graça, alegria, enlevos em todos os quadros. A arte, em vez de se abater para a protecção dos grandes e poderosos, erguia-se para o ensino dos pequenos e humildes. E d'ahi nasceu a popularidade de Gellert, que hoje parecerá acaso exaggerada, mas que foi um grande facto.

Vamos apreciar alguns d'esses quadros.

(Continúa)

AS MINAS DE ALFARELLA DE IALES

EM TRAZ-OS-MONTES

É geralmente sabido que a grande riqueza mineral do solo de Hespanha foi um dos incentivos que a esta região attrahiram successivamente os phenycios, os gregos, os carthaginezes e os romanos. «Em nenhum paiz do mundo (diz o geographo Strabão) se achou ainda, como em Hespanha, oiro, prata, cobre e ferro em tão grande quantidade, nem de melhor qualidade [1].» Se acreditarmos alguns historiadores antigos, o descobrimento das primeiras minas de Hespanha foi devido a um infeliz acaso. Infeliz, dizemos, porque a riqueza do seu paiz, incitando a cubiça dos estrangeiros, custou aos hespanhoes rios de sangue e a perda da sua liberdade.

Dizem, pois, aquelles auctores, que havendo uns pastores lançado o fogo a alguns mattos, na raiz dos montes Pyreneos, o incendio em breve se estendeu ás espessissimas selvas que cobriam aquella cadeia de montanhas, do lado da Iberia; e tal foi a violencia do fogo, que, havendo queimado a superficie do terreno, fez correr regatos de prata derretida [2]. Como quer que fosse, o certo é que os phenycios se deram com o maior cuidado á exploração das minas de Hespanha; depois d'elles os carthaginezes; e por ultimo os romanos, que primeiramente lançaram sobre ellas um tributo, ou as arrendaram aos particulares que as queriam explorar; e por ultimo se apossaram de um certo numero de minas, cujas excavações faziam por conta do estado, conservando, quanto ás restantes, o mesmo systema de arrendamento a particulares ou a companhias, por uma certa quantia fixada de antemão [3].

N'esta tão notavel riqueza mineral não foi a Gallecia menos favorecida da natureza do que as outras provincias da Iberia. Segundo uma antiga tradição, referida por Justino, havia junto á fronteira d'esta região um monte sagrado, em que era prohibido tocar com o ferro; sómente quando o raio fendia a terra (o que acontecia frequentes vezes) era permittido recolher o oiro que ahi ficava a descoberto, como um presente da divindade [4]. Esta tradição, quanto a nós, mostra a facilidade com que se encontrava o oiro puro quasi á superficie do terreno. Mas a Gallecia offerecia tambem cobre, chumbo, ferro e vermelhão *(minium)*, que até deu o nome a um dos rios do paiz [5].

Nós suppomos que as minas da Gallecia só foram exploradas no tempo dos romanos. Nem os phenycios, nem os carthaginezes, passaram nunca, a nosso ver, para o norte do Douro; aquelles, quando muito, tocariam de passagem em algum ponto da costa. O interior do paiz estava, porém, inexplorado na epocha da primeira invasão romana na peninsula. Quanto aos naturaes do paiz, eram elles tão pouco cubiçosos de oiro como geralmente o foram todos os povos na sua primitiva. «Estes metaes (diz um escriptor nosso) não ti-

1 Strab. — *Geograph.*, liv. III, e Herodoto, liv. IV, 152.
2 *Aristot.* de Mirab. Anscult. Diodoro Sicul., liv. v, 35.
3 Romey — *Hist. de Hespanha*, parte I, cap. XII.
4 Justin. — *Hist.*, liv. XLIV, cap. III.
5 Id. ibid.

nham os hespanhoes tirado das minas por sua industria, nem d'ellas tinham conhecimento, nem uso; mas os tinham soltos e havidos *pro derelicto*, como coisa a elles inutil.... E como aquella gente vivia na simpleza natural, ou, para melhor dizer, n'aquella felicidade, e não sabia o uso d'aquelles metaes, não padecia falta d'elles a troco do que havia mister [1].»

Os romanos, esses abriram na Gallecia amplas minas, de algumas das quaes ainda hoje restam mui notaveis vestigios. Taes são os que formam o assumpto d'este artigo, e que existem na freguezia de S. Miguel de Tres-Minas, no extincto concelho de Alfarella de Jales, comarca de Villa Pouca de Aguiar.

O erudito padre Argote, no seu curioso livro *De antiquitatibus conventus bracaraugustani*, deu-nos já uma minuciosa descripção d'estas excavações. Devemos, porém, á obsequiosa amizade do sr. Antonio Joaquim Gomes Pereira, da villa de Murça, a seguinte noticia, que elle obteve de um cavalheiro da localidade, e que passâmos a transcrever fielmente:

«A distancia, aproximadamente, de 1:250 metros do logar da Ribeirinha, entre norte e poente, existe uma excavação subterranea, que tem a sua entrada a fazer face ao nascente, partindo em direcção ao poente, começando no meio da encosta do monte; a qual excavação figura uma mina, tendo de largo, aproximadamente, 3 metros, e de comprido, até ao sitio aonde se póde chegar pelo subterraneo, pouco mais ou menos, 800 metros.

«N'esta excavação notam-se aos lados, e desencontradas umas das outras, certas concavidades, abertas na rocha a pico, ou com outro instrumento identico d'aquelles tempos, figurando guarda-roupas, e com 4 ou 5 decimetros de fundo; as quaes se suppõe servirem para quando uns operarios entravam e outros saíam, com materiaes ou carros, fazerem alli arrumo e não se estorvarem mutuamente. Ha em certo sitio, e depois do meio da mina, aos lados, uma especie de banquetas, que terão 3 a 4 decimetros de largura; entre estas duas banquetas existe agua estagnada, ignorando-se a sua profundidade; e chegando-se quasi ao topo da excavação, vê-se um oculo, que vem de cima em grande altura; e d'este sitio em diante ninguem tem passado, porque ha agua.

«Saíndo d'esta mina, e subindo ao cimo do monte, encontra-se uma grande concavidade, que indica ter sido alagamento do terreno que desabou sobre a excavação subterranea, de que temos fallado, e que assim prohibe o seguimento d'ella por baixo do chão. N'esta concavidade, e na superficie do solo, acha-se matto de differentes especies e castanheiros com grandes troncos, que mostram ter seculos de existencia.

«N'esta concavidade, para a parte do nascente e no angulo do sul, desde a superficie do monte até á superficie da terra abatida, na altura de 40 metros, pouco mais ou menos, vê-se aberto na rocha, ao picão, um canal, que indica ter sido poço ou oculo quadrado, e que continúa através da depressão do terreno, sendo o oculo que se divisa quasi ao fim do subterraneo.

«Esta obra mostra ser de muitos seculos, e foi feita, sem dúvida, para exploração de mineraes, pois não indica que podesse ter outro fim. Tem-se encontrado em torno d'aquelles sitios ferro em differentes formatos, especialmente chato e quadrado, de differentes dimensões, mas nunca superiores a 1 metro, e sem configuração que indique ter servido de instrumento para qualquer uso [2]. Na povoação do Ribeirinho, que é a mais visinha d'este local, existem nos cunhaes de varias casas umas pedras de granito, de 10 a 12 decimetros de comprido e 4 a 5 de largo, tendo no meio umas aberturas ovadas, que parece terem servido para n'ellas se moerem quaesquer substancias, como em almofariz. Nota-se que o terreno de que fallâmos, em distancia de 5 kilometros para todos os lados, não produz pedra de granito.

«É quanto se póde dizer ácerca d'estas minas, que se denominam os *Lagos da Ribeirinha*.»

Na descripção que nos deixou o padre Argote, falla-se em outra excavação, que não é a que acima fica descripta, e na qual se notavam, a certas distancias, suas columnas e arcos bem lavrados, feitos, sem dúvida, para evitar a ruina da rocha onde era mais branda. Taes obras indicam o aperfeiçoamento a que os romanos haviam levado a arte da exploração das minas.

D. MIGUEL SOTTO-MAYOR.

1 Nunes de Leão — *Descripç. de Portugal*, cap. XXII.
2 Será o ferro o mineral que os romanos extrahiam d'esta excavação?

ABDUL-ÁZIZ, SULTÃO DA TURQUIA

(Vid. pag. 103)

III

A nacionalidade mais viva, mais forte, aquella que deve por todos os motivos substituir no oriente da Europa essa monarchia monstruosa que se chama imperio turco, é a nacionalidade hellenica. A invasão não conseguiu alteral-a, a não ser retemperando no fogo da adversidade a sua energia amollecida pela corrupção da corte byzantina. Maravilhosos decretos da Providencia, que preparam nas longas provações de quatro seculos de oppressão a regeneração de um povo! Foi a Grecia dos eunuchos e dos sophistas, a Grecia dos Commenos e dos Paleologos, a Grecia do Baixo-Imperio em fim (esta palavra resume tudo o que se póde imaginar mais infrene em corrupção e em vileza), foi a Grecia do Baixo-Imperio que ajoelhou maniatada aos pés de Mahomet II; foi a resurgida Grecia de Leonidas e de Milciades, a Grecia de Salamina e de Marathona que appareceu, fremente e heroica, apaixonada e sublime, tendo transformado os grilhões em espada, aos olhos da Europa, que applaudia com enthusiasmo, e do sultão, que recuava, como Dario ou Xerxes, diante do supremo esforço dos personagens de Eschylo.

Græcia capta ferum victorem cepit, diziam os romanos; não o podiam repetir agora. A rudeza turca ficou insensivel ao encanto magico d'essa harmoniosa lingua, d'essa arte esplendida, d'esse amor e d'essa concepção delicada do bello. Barbaro e brutal, o ottomano atravessou a formosa peninsula ao galope do seu ginete, arrasando os monumentos, passeiando o facho do incendio pelos bosques sacros, onde viçavam o loireiro de Apollo e a oliveira de Minerva. Em quanto o romano ajoelhava extasiado diante das estatuas de Phidias, o turco mutilava-as com o alfange despiedoso; em quanto os romanos estendiam, sorrindo, as mãos vencedoras aos floreos grilhões com que as gregas gentis lh'as prendiam, os turcos, até em amor despoticos, martyrisavam-lhes os pulsos frageis com grilhões de ferro, e arrastavam-n'as para os seus gyneceus infames. Mas qual foi a consequencia d'estas duas conquistas tão diversas? A Grecia, para conquistar os romanos pela seducção, teve de perder tudo quanto havia de varonil no seu genio, teve de se effeminar, de se corromper, de se transformar toda ella n'uma sensual hetaïre, em cujos braços vieram adormecer os romanos degenerados que já desprezavam a simplicidade austera e forte d'essa grave matrona que se chamava a republica. A fusão entre as duas raças operou-se, os conquistados absorveram os conquistadores, e d'esta união brotou um imperio latino-grego; mas, filho de uma ligação orgiaca, nasceu já com todos os elementos de corrupção e de decadencia; nasceu velho, se me posso assim exprimir; foi uma decrepitude monstruosa; foi o Baixo-Imperio em fim.

A conquista turca não teve os mesmos resultados.

Os vencidos não conquistaram os vencedores, mas tambem os vencedores não absorveram os vencidos; brutalisaram-n'os, opprimiram-n'os, e, como a oppressão origina forçosamente a resistencia, como o insulto provoca a ira, como o desprezo acorda o sentimento da dignidade, a alma viril da Grecia despertou ao sôpro da indignação, refugiou-se nos klephtas, heroicos proscriptos, que iam procurar nas montanhas a independencia. A alma d'esses homens, enervada pela vida das cidades, retemperou-se nas solidões sublimes, entre as neves immaculadas e a livre brisa das alturas. Mas essas montanhas conservavam ainda os nomes sonoros da antiguidade pagã; eram o Olympo e o Parnaso. As memorias da patria primitiva, as recordações vagas d'esse passado a um tempo grandioso pela civilisação, ridente pela poesia, austero pela liberdade, começaram a reviver no espirito dos gregos degenerados. A oppressão foi a cadeia que prendeu a Grecia antiga á moderna Grecia. Uma litteratura popular cheia de seiva, de ardor, de enthusiasmo e de originalidade surgiu como a expressão inevitavel d'essa hora de exaltação dos espiritos. Essa litteratura era ao mesmo tempo a manifestação da nacionalidade hellenica persistente entre os vendavaes; traduzindo as inspirações quotidianas do heroismo klephtico, do odio aos oppressores, voava nas azas da tradição para os tempos remotos, de que tinham ficado no espirito do povo umas vagas reminiscencias, e perfumava-se no aroma, para assim dizermos, fluctuante do paganismo em flor [1]. A nacionalidade que se manifesta por uma litteratura popular tão formosa como a da Grecia moderna não póde perecer. A poesia é a sua voz eterna, o seu gemido de dor, o seu canto de esperança. A lyra vela na sombra do templo da liberdade, em quanto o gladio não póde defender, lampejando ao sol das batalhas, a deusa sublimada.

N'essas canções, riquissimos fastos da vida do povo grego durante a oppressão, transparece constantemente o odio inveterado ao turco. É a canção que solta o klephta ao pôr ao hombro a carabina? Só falla de vingança contra os turcos, de degolar muitos filhos de Othman [2]. É a canção em que a donzellinha gentil, anciosa de noivar, pede á mãe que lhe escolha um marido? Se a mãe pronuncia o nome de um turco, eil-a a donzellinha recuando com horror e exclamando que prefere a morte. É simplesmente a canção supersticiosa em que uma reminiscencia das antigas crenças pagãs vem povoar o espirito do cantor? É a figura de Kharos, o sombrio Charonte do velho lago Estygio, que passa, sinistro, na estrophe que tenta descrever a sua lugubre habitação? Vereis o ingenuo trovador dar a essa casa a côr verde, porque é a côr symbolica dos mahometanos, e, por conseguinte, côr odiada. Em tudo transparece, palpita esse odio implacavel que separa o conquistador do conquistado, o turco indolente e brutal do grego enthusiasta, activo e essencialmente poeta.

Mas, dir-me-ha o leitor, esse odio foi a oppressão que o produziu, com a oppressão deve findar. Desde o momento em que a Turquia entra com passos rasgados no caminho civilisador, e, por conseguinte, cessa de calcar aos pés uma raça inteira, apaga-se a injustiça secular, e apaga-se tambem a desculpa da revolta. Que importa? respondo eu. Ainda que a Turquia possa resgatar agora para com as provincias gregas que lhe ficaram nas mãos, depois da independencia do Peloponeso e da Attica, a brutalidade com que as opprimiu, ainda assim não consegue subjugar as aspirações do povo grego. Porque a questão da independencia não é para esse povo uma questão de vingança, é uma questão de principios. Quer-se emancipar porque sente em si uma nacionalidade vigorosa e activa, porque reconhece na sua litteratura espontanea, na sua educação, no seu aferro ás tradições, todos os elementos proprios para constituirem uma autonomia, porque estão as coisas no mesmo estado em que estavam ha quatro seculos, e os ottomanos, chegados parece que hontem, podem ser repellidos do solo que é grego e que profanaram. Na ilha de Candia, onde tão accesa anda a revolta, o dominio musulmano não só não é oppressor, mas até mesmo é leve o mais possivel. Parece que são os christãos os predilectos das auctoridades turcas desde 1856 para cá. Essa indulgencia, além de lhes ser quasi imposta pelo tratado d'esse anno, era tambem o primeiro passo dado no caminho das concessões. Isso de nada valeu nem ha de valer. Desde 1867 a rebellião tem sido quasi permanente. O que importam aos gregos da ilha de Creta as caricias, os afagos dos turcos? O que elles defendem n'esta lucta encarniçada é a santa causa da autonomia hellenica, é o principio sagrado da sua nacionalidade. E digamol-o nós, que tanto prezâmos os nossos fóros de nação livre, venderiamos a nossa independencia pelo oiro dos grilhões que nos arrojasse a Hespanha [1]?

Assim a nacionalidade grega é inconciliavel com o dominio dos turcos, muito mais agora, que tem um nucleo em torno do qual se agglomere. Esse nucleo é o pequeno e tumultuoso reino da Grecia. Da anarchia que alli tem reinado tiram os graves politicos europeus a inducção de que não são capazes os gregos de se governarem a si mesmos, e de que a creação de um poderoso estado hellenico em nada aproveitaria á civilisação européa. Menos do que a Turquia não podia, de certo, aproveitar. A Turquia marcha tropega e embaraçada na estrada do progresso; a Grecia, entre os seus tumultos, caminha tão desembaraçadamente, que em trinta e seis annos tem reconstruido vinte cidades antigas, fundado dez cidades novas, e levantado perto de mil e seiscentas villas e aldeias, queimadas pelos turcos [2]; a instrucção está n'esse pequeno reino o mais espalhada possivel [3]; em fim, tudo é actividade e exuberancia de vida, em quanto a ampla Turquia, galvanisada de quando em quando por algum choque energico, recae depressa no seu primitivo torpor e no seu resignado fatalismo. Eis as duas nações entre as quaes a Europa hesita, mas hesita pouco. De um lado uma nacionalidade exuberante, do outro lado um acampamento: opta pelo acampamento!

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

Via-se a deusa (Venus) toda ornada e enriquecida de joias, que mais pareciam roubadas á natureza que imitadas da arte: nos dedos anneis de diamantes, nos braços braceletes de rubins, na garganta afogador de grandes perolas, no toucado grinalda de esmeraldas, nas orelhas chuveiros de aljofar, no peito um camafeu em figura de Cupido, cercado de uma rosa de jacintos com os ais da mesma flor como raios; as alpargatas semeadas de todo o genero de pedraria, as roupas recamadas de oiro e tomadas airosamente em um centilho de saphiras. P. ANTONIO VIEIRA.

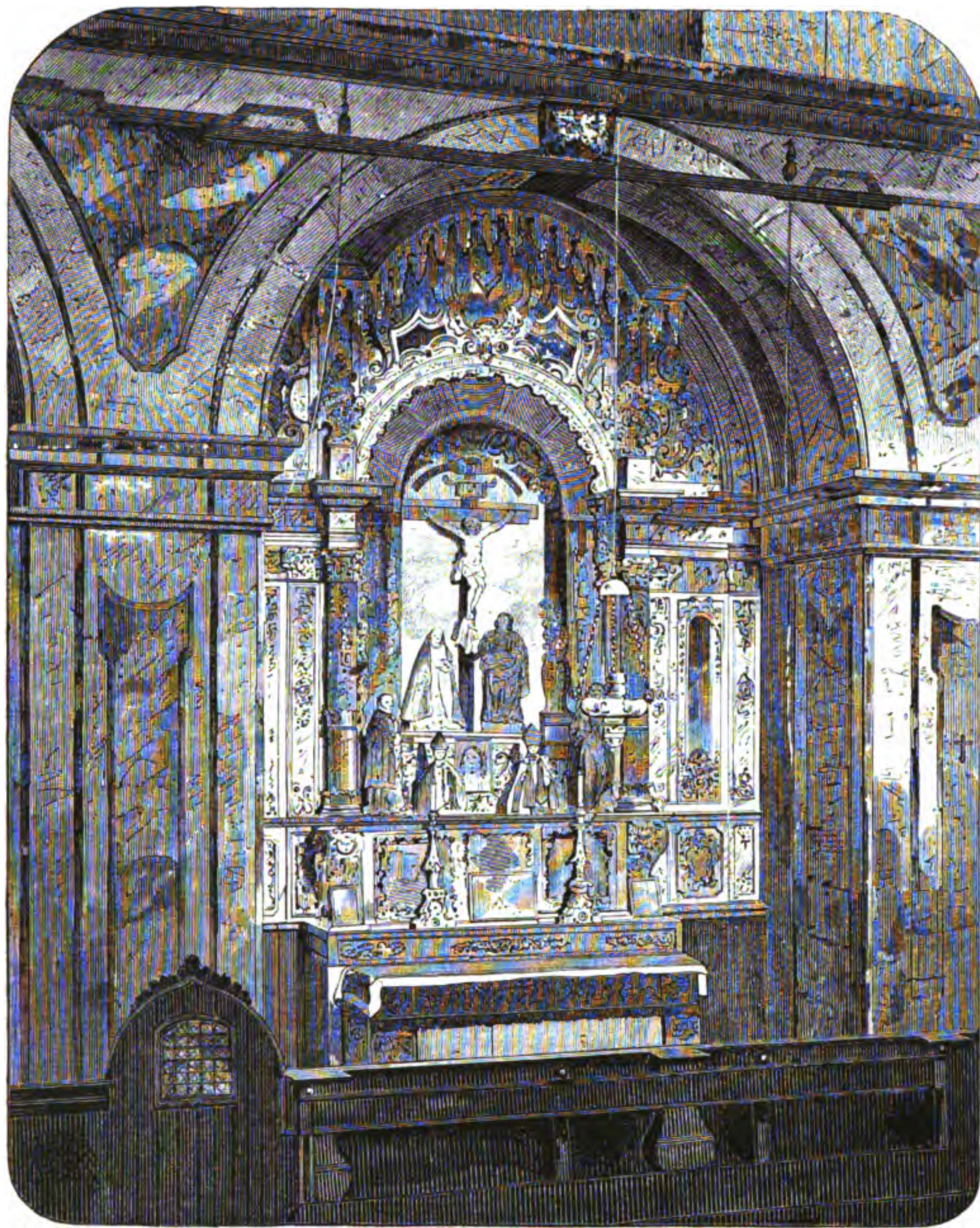
1 Veja-se o artigo de mad. Dora d'Istria sobre os cantos populares da Grecia moderna na *Revista dos dois mundos* de 15 de agosto de 1867, tomo LXX, 2.º periodo.

2 *La nationalité héllénique d'après les chants populaires*, por mad. Dora d'Istria. *Revista dos dois mundos*, tomo LXX, 2.º periodo.

1 N'um folheto politico anonymo, publicado em 1858 em Paris, com o titulo: *La vérité sur les événemens de Candie*, folheto escripto expressamente para defender o governo turco, vem involuntariamente a prova da incompatibilidade a que nos referimos. Enumera as vantagens desfructadas pela população christã n'estes ultimos annos, e chega a dizer (pag. 20, nota 1.ª): *L'autorité musulmane a pour eux beaucoup plus de ménagements que pour les musulmans eux-mêmes*. Apesar d'isso, as revoluções rebentam com o vigor e com a unanimidade que sabemos. Não se reconhece n'isto a força expansiva de uma nacionalidade comprimida que prefere a emancipação a quaesquer vantagens materiaes?

2 Beulé — *Crète et la question d'Orient* — *Revista dos dois mundos*, tomo LXVII, 2.º periodo (15 de janeiro de 1867), pag. 300.

3 Veja-se um curioso artigo sobre a instrucção publica na Grecia, publicado no vol. XI do *Panorama* (3.º da 3.ª serie).



Capella do Calvario, na egreja do Carmo, em Evora

No anno de 1531 veiu a Evora D. Fr. Balthazar Limpo a tratar negocios ecclesiasticos com D. João III. Lamentaram juntamente o devoto monarcha, introductor dos jesuitas e da inquisição, e o solicito frade, que tanto o havia de auxiliar depois n'aquella ultima empreza, que n'uma cidade dedicada por extremo á Virgem Nossa Senhora não tivessem uma só casa os carmelitas.

Cingia por esse tempo a mitra eborense o cardeal infante D. Henrique, filho del-rei D. Manuel. Associou-se o bispo a seu irmão D. João III e a D. Fr. Balthazar Limpo, e, todos de commum accordo, cuidaram de preencher a falta que tamanha se lhes afigurava.

O reformador apostolico da ordem do Carmo em Portugal só pretendia em principio que el-rei lhe permittisse a fundação de um hospicio onde se albergasse e os seus companheiros em quanto houvesse de residir em Evora para desempenhar junto da corte as suas funcções. Pareceu pequeno o desejo á grande piedade del-rei, que em vez de um hospicio determinou que se fundasse um convento. Para este fim concedeu o bispo de Evora a ermida de S. Thomé, proxima da porta da Alagôa, da banda de fóra da muralha; deu o senado o terreno adjacente para a fabrica e cêrca do convento; e um eborense de grande fazenda e não menor devoção, Ruy Dias Cotrim, enriqueceu com todos os seus bens a nova ordem, por doação que lhe fez aos 24 de outubro de 1532.

Habitaram pacificamente os religiosos o convento até ao anno de 1663, em que serviu de reducto ao terço do Algarve, commandado pelo mestre de campo Manuel de Sousa, na defesa que por alguns dias offereceu a cidade de Evora ao exercito castelhano. Tendo, porém, esta de ceder á força dos sitiantes e rivalidades dos sitiados, arruinou D. João d'Austria o convento em que mui valorosamente lhe haviam resistido.

Recolheram-se os frades a umas casas que tinham na praça do Peixe, e lá se conservaram até ao anno de 1666, em que D. Affonso VI lhes cedeu o palacio dos duques de Bragança, pouco distante da porta de

Moura. Aqui deram principio, a 6 de janeiro de 1670, á nova egreja, cuja fabrica durou até ao anno de 1691, data que vimos esculpida ou pintada n'uma porta do côro.

A egreja é clara, espaçosa e de simplicissima architectura. Como outras da mesma epocha, patenteia a influencia dos jesuitas, cujos templo e sala dos actos serviram de modelos aos architectos de Evora no seculo XVII. A decadencia da arte, que progredia então rapidamente, já trazia a sua origem meiado o seculo anterior, como se vê nos enfezados productos da introducção do estilo classico em Evora. Todavia, n'estas ultimas construcções abundam ainda os marmores e granitos que os architectos vieram depois a substituir pelas obras mesquinhas de pura alvenaria.

O portal é a unica parte do templo digna de exame. Consta de duas grandes columnas espiraes, ou salomonicas, feitas de granito, e continuadas elegante e naturalmente em cima, em ordem a formarem a volta do arco, com os troncos e nós emblematicos da casa de Bragança. Vê-se bem que esta construcção não é contemporanea da egreja, mas muito mais antiga. Talvez, como diz o padre Fialho, servisse de entrada aos paços antes de a aproveitarem os frades para o templo que edificaram. Não podêmos determinar com certeza se o portal foi ou não construido no reinado de D. Sebastião, isto é, na epocha em que parece que se começaram a usar em Portugal as columnas d'aquelle genero [1].

A gravura representa uma capella lateral da egreja do Carmo. O retabulo, muito simples e assaz elegante, melhor pareceria se não estivesse pintado de côres várias, que mal se combinam com o doirado dos ornatos.

Os retabulos das capellas do cruzeiro são maiores e de mais delicado lavor, particularmente o do altar do Sacramento, que está do lado da Epistola. Ambos de talha doirada, assimilham-se muito a um ou mais altares da Cartuxa, em que tambem se vêem grandes columnas espiraes com parras enroscadas.

A esculptura em madeira não acompanhou a architectura em sua progressiva decadencia. É magnifica a obra de talha do côro da sé, feita no seculo XVI, e até ao fim do seculo passado não faltaram artistas que deixassem pelas numerosas egrejas dos conventos de Evora trabalhos de grande merito. A. FILIPPE SIMÕES.

[1] Vid. pag. 378 do vol. IX.

DUAS PALAVRAS ÁCERCA DO ECLECTISMO EM PHILOSOPHIA

Victor Cousin, que ha pouco falleceu em França, disse em um dos seus escriptos philosophicos:

«As doutrinas exclusivas são na philosophia o mesmo que os partidos na politica. Por minha parte devo dizer o seguinte: Ha já muito tempo que, depois de haver estudado e percorrido mais de uma eschola, diligenciando apreciar bem o attractivo que cada uma d'ellas tinha por seu turno para commigo, cheguei a descobrir que a auctoridade dos differentes systemas provinha de que todos tem effectivamente alguma coisa de verdadeiro e de bom; de sorte que a final suspeitei que não eram elles tão radicalmente inimigos uns dos outros como o allegam e pretendem ser.»

Estas palavras do insigne historiador critico da philosophia dão uma clara idéa do eclectismo, ao passo que revelam uma preferencia pessoal de Cousin no que respeita a systemas de philosophia.

Vejamos, porém, se conseguimos formar um conceito mais positivo do eclectismo, a fim de que esta expressão apresente ao espirito mais definidos traços.

A palavra *eclectismo* vem do grego *eklego*, composto de duas palavras: *ek*, preposição que marca divisão, separação, exclusão, preferencia, preeminencia; e *lego*, escolher, colher, reunir; vindo assim a dizer tanto como: escolher entre opiniões diversas. D'esta sorte, eclectismo em philosophia, ou philosophia eclectica, é a escolha, nos diversos systemas philosophicos, do que parece verdadeiro, e rejeição do restante.

É obvio que o eclectismo presuppõe o conhecimento historico da philosophia, independentemente da superioridade do espirito, indispensavel para bem apreciar os diversos systemas, e para fazer uma escolha reflectida do que n'elles póde haver de verdadeiro e de bom.

Será, porém, necessaria uma historia especial da philosophia, ou bastará a historia exterior ou dos factos em geral? Terá a historia da philosophia uma importancia real? Será acaso de alguma conveniencia para a humanidade?

A estas perguntas vamos responder com as judiciosas ponderações de um escriptor philosopho de bom nome:

«Se interessa saber o que fez Alexandre, quem ousaria dizer que é de pouco preço o conhecimento do que Aristoteles pensou? É certo que os acontecimentos exteriores tem um fulgor que a todos os olhos agrada; mas para as pessoas que prezam o pensamento, qual maior successo existe do que uma idéa grande, do que uma penetração original da natureza das coisas? E se as causas da grandeza e da decadencia de um povo merecem o estudo attento dos maiores espiritos, que poderá dizer-se de uma philosophia, da sua origem, dos seus progressos, da sua quéda? E note-se que os homens perecem; as philosophias, porém, não acabam.» (M. Paul Janet — *Histoire de la philosophie et l'éclectisme*).

Estas elevadas ponderações de M. Paul Janet, do instituto de França, são a mais convincente demonstração da *legitimidade* (digamol-o assim) e dos *uteis* da historia da philosophia.

Ainda mais. Se bem reflectirmos, a historia exterior, ou dos factos em geral, e a da philosophia, ligam-se estreitamente; a ultima é uma parte integrante, ou, para melhor dizer, complementar da outra. O interesse que uma nos inspira não póde, em boa razão, desviar-nos da outra.

«É permittido á philosophia, diz o mesmo sr. Janet, questionar sobre quaes são os systemas verdadeiros ou falsos; mas, abstrahindo d'isso, é certo que os systemas subsistem como factos, nos quaes se manifestam as leis do desenvolvimento intellectual da humanidade, mais decididamente do que na historia exterior, e até do que na historia das letras e das artes. A historia da philosophia lança grande luz sobre as proprias leis do espirito humano. Pelas suas relações com os phenomenos da civilisação, isto é, com as leis, com os cultos, com as bellas artes, vae prender com os outros ramos da historia. Pelas suas doutrinas moraes e politicas, é a philosophia a expressão, ou por vezes a anticipação e o presentimento das grandes epochas historicas; resume ou prepara as revoluções, o que ainda mais torna interessante a historia da philosophia.»

Posto isto, vem a proposito perguntar, se effectivamente ha sido escripta a historia da philosophia, ou antes, se n'este ramo de conhecimento tem apparecido algumas obras notaveis.

Afóra os trabalhos da antiguidade e os commentarios sobre elles, vejo recommendadas pelos auctores do *Manual de philosophia* as seguintes obras: *Historia critica philosophiæ a mundi incunabulis*, etc., de Brucker; *L'esprit de la philosophie spéculative, depuis Thalès jusqu'à Berkeley*, de Tiedemann; *Histoire de la philosophie*, de Tennemann; *Histoire de la philosophie ancienne*, de Bitter; e, finalmente, as *Lições* de Victor Cousin (curso de 1828 e 1829). Tambem

são citados, mas de passagem, os escriptos de Buhle e de Gérando. A *Historia comparada dos systemas de philosophia*, d'este ultimo, é caracterisada de clara, elegante, methodica; mas inferior, em erudição, aos progressos recentes da sciencia historica, e tendente a sacrificar todas as questões á da origem das idéas. (Veja-se *Manuel de philosophie*, por Amédée Jacques, Jules Simon, Emile Saisset).

É chegada a occasião, depois d'estes preliminares, de tomar nota do grande serviço que a historia da philosophia presta á sciencia philosophica.

O sr. Janet fez uma observação muito engenhosa, que lança grande luz sobre a especialidade que ora tocâmos. Na philosophia não succede como nas demais sciencias. Cada nova eschola, persuadida de que attingiu a verdade, é intolerante para com as suas predecessoras, e até para com as escholas rivaes. Na philosophia não ha tradições, nem herança; ha estabelecimentos successivos de conquistadores, expulsos e substituidos uns pelos outros, á maneira dos antigos imperios da Asia, sem que nenhum d'elles consiga fundar um imperio definitivo. «Assim, Descartes parece deslembrar-se de que algum philosopho o precedesse, pois que não conta com Platão, nem com Aristoteles, nem com a edade média. Locke, Condillac, e toda a philosophia sensualista do seculo XVIII, não se mostram menos exclusivos a respeito do cartesianismo, do que Descartes se mostrára para com a philosophia antiga. A timida e modesta eschola escoceza manifesta egual desdem para com o passado, e crê que antes d'ella foi completamente ignorada a existencia do espirito humano.»

Será acaso racional, justo e vantajoso um tal methodo? Não; porque o novo systema, ao derribar aquelle que o precedeu, suffoca as verdades que porventura descobrira o anterior.

Exemplifiquemos este enunciado. A *dúvida methodica* de Descartes (*Le doute méthodique* — scepticismo voluntario e reflectido) é um excellente elemento para todos os systemas; a analyse dos erros dos sentidos e da imaginação é tão verdadeira para Helvetius como para Malebranche; os sentimentos moraes foram analysados pelos escocezes de um modo que todas as escholas podem admittir. O mesmo póde dizer-se do methodo inductivo, de Bacon; da theoria da linguagem, de Locke e Condillac; da theoria do habito, de Maine de Biran.

Haverá algum remedio contra a intolerancia que suffoca as verdades parciaes de qualquer systema? Sim; a historia da philosophia tem á sua conta operar a necessaria conciliação, e estabelecer uma tradição côntinuada, dando assim occasião a perceber-se que em todas as escholas haverá que aproveitar.

Sería offender a penetração dos leitores notar-lhes que um tal trabalho, essencialmente historico, não é o mesmo que o eclectismo. Este ultimo é o effeito, o resultado benefico da historia da philosophia, e não póde por modo algum confundir-se com ella.

O eclectismo póde ser considerado ou como methodo, ou como systema.

No primeiro aspecto, importa o mesmo que uma disposição para encarar sem repugnancia os diversos systemas de philosophia e os auctores d'elles—disposição liberal e illustrada, que assenta na convicção de que em todos esses systemas póde haver uma particula de verdade, e de que todos os philosophos, todos os pensadores dos tempos antigos e dos tempos modernos, são outros tantos irmãos em espirito. E não se receie que o methodo eclectico degenere jámais no indifferentismo ou no scepticismo! Tambem na politica e na religião, uma tolerancia discreta não poderá jámais considerar-se como devendo inevitavelmente produzir aquellas duas aberrações.

Como systema, é o eclectismo um degrau necessario da philosophia, por quanto aproveita, com reflectida escolha, tudo quanto de bom e verdadeiro julga ter encontrado nos precedentes systemas, e ainda nos systemas rivaes.

Quando M. Taine, ao fallar de Cousin, caracterisa o eclectismo d'este pensador, como sendo a *philosophia de um curioso*, afigura-se-me ser demasiadamente severo, e até menos justo. O eclectismo presuppõe necessariamente o conhecimento da historia da philosophia e a apreciação profunda das doutrinas diversas, dando em resultado uma escolha apurada e reflectida. O eclectismo examina primeiramente o que as diversas escholas foram successivamente legando, e depois emprega uma critica severa para distinguir o verdadeiro do falso e coordenar um systema. Não é eclectico em philosophia quem o quer ser, senão um espirito superior. (Não obstante esta apreciação, veja *Les philosophes français du* XIX.ᵉ *siècle*, por M. H. Taine).

Está assignalada a difficuldade do eclectismo como systema, e de envolta está tambem assignalado o defeito em que necessariamente labora como tal.

O eclectismo pretende conciliar todas as verdades; mas, como avisadamente diz o citado sr. Janet, para conciliar tudo, é necessario saber tudo; para encadear todas as verdades, sería indispensavel estar collocado no centro da propria verdade. — O espirito humano não chega a tamanha altura!

Condemnaremos, pois, o eclectismo? Não. Encerral-o-hemos nos limites da boa razão, «para que sómente aspire a recolher todas as verdades, venham ellas d'onde vierem... para comprehender o maior numero possivel de coisas, e para acertar o maior numero de vezes possivel.» (Afóra o escripto, já citado, de M. Paul Janet, veja-se *Premiers mélanges philosophiques*, de Jouffroy).

Não me propuz a tratar *ex-professo* um assumpto de tamanha elevação; faltam-me para tanto os indispensaveis cabedaes: quiz apenas chamar sobre elle a attenção das pessoas curiosas, e apontar-lhes as fontes onde podem beber larga doutrina. Aos doutos é desnecessario o pouco que disse; ao commum dos leitores, que ainda, como eu, necessitam de aprender, poderão ser de alguma utilidade as breves indicações que ficam exaradas.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

GELLERT

(Vid. pag. 124)

II

Dissemos que iamos agora apreciar alguns dos bellos quadros de Gellert. Vejamol-os. O poeta defende os pequenos e humildes:

O CAVALLO DE RAÇA

«Um cavallo de raça apurada viu certo dia um cavallo do campo que puxava uma charrua e olhou-o com altivez.

« — Quando terás o meu garbo? dizia o primeiro em frente do segundo, relinchando soberbamente. Quando parará diante de ti a multidão para te admirar a figura?

« — Cala-te, respondeu o cavallo do campo, e deixa-me socegado, pois se eu não cultivasse este campo com o meu suor, acaso terias a aveia que te engorda para contorneares com tanto orgulho?

«Vós que desprezaes os pequenos e humildes, illustres preguiçosos, sabei que as vossas pretenções orgulhosas e a vossa chamada superioridade só tem por base o trabalho. Pois os que vos alimentam com o seu labor são porventura dignos de desprezo? Supponde que revelaes diversa e mais esmerada educação; isso não vos dá o direito de serdes soberbos; pois se tivesseis nascido nas suas cabanas serieis como elles,

e se elles fossem educados como vós seriam como sois, e talvez muito superiores.

«O mundo passa bem sem vós, mas não póde passar sem elles.»

No fundo dos seus apologos ha sempre jovialidade:

TILL, O TRAVÊSSO

«O louco, que ás vezes mostrava mais juizo do que os que o ridiculisavam, e talvez escolhesse o emprego de bobo para tornar os outros mais sisudos, Till Eulenspiegel (quem não conhece este nome celebre?) viajava um dia por montes e valles com um bando de companheiros.

«Quando chegava a qualquer montanha, descia-a Till mui devagar, triste e encostando-se ao cajado; pelo contrario, quando se tratava de subir uma encosta, Till mostrava-se alegre e ligeiro.

« — Por que pareces tão alegre na subida e tão triste na descida? lhe perguntavam os companheiros.

« — É natural em mim, respondia Till. Quando desço, penso, como louco que sou, na montanha que ha de vir, e a alegria deixa-me; quando subo, penso no proximo valle, e então fico mais animoso.

«Se não queres entregar-te com excesso á prosperidade, nem desesperar-te com os golpes da adversidade, imita a prudencia de Eulenspiegel. Pensa, pois, na felicidade quando a adversidade te humilhar, e lembra-te da desgraça quando a fortuna te favorecer.»

Nos escriptos de Gellert não faltava graça, como se vê nos trechos seguintes:

O PAE MORIBUNDO

«Um pae deixava dois herdeiros: Christovão, que era moço instruido, e Jorge, que era ignorante. Chegada a sua ultima hora, e antes de se partir d'este mundo, procurou com olhares inquietos o seu prezado Christovão.

« — Meu filho, disse-lhe, afflige-me um triste pensamento. Tens intelligencia, mas depois da minha morte não sei como poderás viver. Tenho n'aquelle armario, accrescentou, uma pequena caixa com joias. São para ti. Toma-as, meu filho, e não dês nada a teu irmão.

«Christovão ficou attonito e calado por algum tempo. Por fim replicou:

« — Meu pae, se me daes tudo, como é que meu irmão poderá viver e prosperar?

« — Teu irmão! interrompeu o moribundo. Não levo pena d'elle. Como é ignorante, não lhe faltarão meios para caminhar pelo mundo, e tambem não lhe faltará quem o proteja.»

O USURARIO

«Conseguíra um usurario accumular consideravel riqueza, não por meio de fraudes e injustiças (porque muitas vezes as combatia), mas com o auxilio da Providencia; e para que Deus reconhecesse a sua gratidão, que de certo esperava lhe fosse retribuida com usura, mandou construir um hospital para os pobres.

«Em quanto o edificio se levantava e o fundador ia vigiar as obras, pensando com os botões no serviço que prestava a Deus e aos pobres, um de seus amigos, que era homem engraçado, foi visital-o ao sitio onde se fazia a edificação. O avaro, que se não cançava de mostrar e exaltar a sua obra, para lh'a admirarem, perguntou ao indicado amigo, com certo modo jovial, se a casa seria bastante grande para os pobres.

« — Creio que sim, respondeu o amigo; deve ter accommodações para muitas pessoas; mas, se deres logar a todos aquelles que tens arruinado, por certo que será infinitamente pequena.»

Outras vezes, Gellert dava uma lição aos pedantes, que n'aquelle tempo abundavam na Allemanha, como ainda hoje apparecem alli e em outras nações, porque hão de existir sempre; ou então apresentava um exemplo de moralidade para combater os usos do tempo:

OS DOIS GUARDAS

«Dois vigias ou guardas nocturnos da cidade perseguiam-se sem piedade nem tregoa em todas as vendas de aguardente ou de cerveja, onde um encontrava o outro. Não faltavam pragas nem improperios. Offendiam-se a cada passo e desabridamente. Se um carecia de accender o cachimbo com um cavaco, o outro buscava não se servir do mesmo cavaco. Passaram em breve a exercitarem-se nas vinganças e nas injurias que um inimigo figadal póde inventar contra outro inimigo. A final, já um pedia a Deus para sobreviver ao outro, porque ainda queria insultal-o depois de morto.

«Procurava-se adivinhar, mas por muito tempo se ignorou, a causa de tal inimizade.

«Tendo apparecido esta rixa nos tribunaes, passados muitos annos, soube-se a origem de tão implacavel odio. Qual era pois? A inveja da classe? Não. Mas um soltava o seu grito nocturno: —*Vigiae* o fogo e as luzes!— O outro não repetia o mesmo, porque o seu canto era: —*Tomae cuidado* com o fogo e as luzes!— E esta differença no grito de vigilancia é que dava causa ás injurias, ao odio, ás rixas continuadas e á vingança.

« — Pois então os guardas nocturnos tinham continuadas pendencias por similhante bagatela? dirão muitas pessoas. Era uma insigne loucura!

« — Não censureis d'esse modo, senhores, porque póde succeder-vos alguma desgraça. Não conheceis alguns sabios, e dos mais distinctos, que nas suas controversias litterarias se tem injuriado com sanha maior por causa de insignificantes syllabas?»

O moralista allemão fulmina a venalidade no funccionario publico:

O MOÇO PRETENDENTE

«Um mancebo que desejava entrar na vida publica pedia a um homem influente que lhe alcançasse certo emprego vago, e para isso lhe deu um memorial. O protector leu-o e mostrou interesse em tratar da pretenção.

« — Lastimo, disse apertando-lhe affectuosamente a mão, lastimo não o ter conhecido ha mais tempo, porque aprecio e honro o merito. É digno do emprego que deseja.

«Conversou algum tempo com o pretendente, e parecia que o encantava a conversação. O mancebo revelava intelligencia e estudo. — É, pensava o protector, um homem que póde adiantar-se muito, desempenhar funcções elevadas, pois saberá dirigir outras pessoas.

« — Como já o conheço bem, disse o protector, conte com o emprego.

«E, dizendo isto, acompanhou o mancebo até á porta da escada. No ultimo adeus, o moço pretendente lembrou-se de offerecer dinheiro ao protector, na supposição de que assim ficava mais seguro o promettimento.

« — Não acceito, disse o honrado protector, porque o emprego não lhe será dado. Tem mau caracter. Quem offerece dinheiro é tambem capaz de acceital-o.

«E fechou-lhe a porta.»

Devemos observar que Gellert não se apresenta misanthropo nem desalentado; deseja corrigir os defeitos do proximo, porém sempre com estilo ameno e jovial:

O ESPIRITO DE CONTRADICÇÃO

«Entre as boas qualidades que se notavam em Isabel havia um grave defeito. Contradizia tudo, o que, segundo parece, é proprio do sexo fragil. Mas ainda

quando o universo inteiro o assegure milhares de vezes, não acreditarei tal coisa, e continuarei dizendo publicamente que é pêta. Conheço muitas mulheres; tenho-as observado com particular attenção; de algumas exaltei a belleza, quando estava averiguado que eram extremamente feias, com o desejo de ver o que d'ahi resultaria; mas, a final, nenhuma me contradisse. Supponho, portanto, menos exacto que em todas haja espirito de contradicção. Vêde, ó bellas, como vos calumniam!

«Tratemos, porém, de Isabel. Esta não podia calumniar-se, porque a contradicção era o seu principal defeito.

«Estava um dia á mesa com seu marido. No meio de outros pratos veiu peixe cozido. Cremos que era um lucio.

«— Meu amor, disse o marido, meu amor, é possivel que me engane, mas, com franqueza, parece-me que o peixe não está bem cozido.

«— Estava adivinhando isso, responde a mulher.



O espirito de contradicção — Gravura copiada das obras illustradas de Gellert

Vejo que sempre tem occasião para se enfadar com sua pobre mulher. Posso, comtudo, assegurar-lhe que o peixe está bem cozido.

«— Não vale a pena, amiguinha, discutirmos por uma coisa tão frivola!

«Mas a mulher exalta-se ouvindo fallar assim seu marido. Ha um animal que se enfurece quando lhe mostram algum estofo encarnado; as azas eriçam-se-lhe, as pennas tornam-se-lhe hirtas, e solta lastimosos gritos: assim estava Isabel n'aquelle momento; o seu rosto, pallido quasi sempre, tornou-se vermelho; as veias incharam-lhe; os olhos parecia saltarem-lhe das orbitas; a barba e o nariz dilataram-se-lhe; os labios arroxearam-se-lhe; e os cabellos, encrespando-se-lhe, perderam o brilho. Passados alguns segundos, exclamou com voz trémula de raiva:

«— É sua mulher que lh'o affirma: o peixe está cozido em boa conta.

«E, tomando o copo, esgotou o vinho. Fossem lá dizer-lhe n'aquelle momento que não bebesse!

«O marido levantou-se sem proferir palavra. Logo que o marido saíu, Isabel sentiu-se doente. Nem podia deixar de ser. Bebêra vinho quando estava mais irada e fizera-lhe mal.

«A casa parecia-lhe que se voltava de cima para baixo. Desapertam-lhe o vestido, apresentam-lhe saes, esfregam-lhe as fontes; nada se obtem; não dá signal de vida.

«Chamam o marido, que se apresenta sem demora e exclama:

«— Minha alma, mulher do meu coração, morres. Sou muito infeliz! Que fiz? para que havia de contradizer-te, pobre mulher?... Maldito peixe!... Tu sabias que não estava bem cozido...

«A estas palavras, Isabel tornou a si.

«— Estava bem cozido, já t'o disse! Pois ainda não te dás por convencido? É demais...

«Vê-se, portanto, que o espirito de contradicção foi mais energico que os mais fortes reactivos que lhe apresentaram para a tornar á vida.»

(Continúa)

MOSTEIRO DE S. JOÃO DAS VINHAS

(Conclusão. Vid. pag. 113)

Eram passados apenas vinte annos depois que os monges de S. João das Vinhas tinham conseguido salvar o seu mosteiro da demolição a que havia sido condemnado, quando a guerra civil, atiçada por odios religiosos, veiu assolar o venerando monumento de arte gothica.

Correndo o anno de 1567, em que mais encarniçada andava a lucta entre os catholicos e os sectarios dos erros de Calvino, em França denominados huguenotes, pozeram estes ultimos apertado cêrco á cidade e praça de Soissons. Defenderam-n'a galhardamente os que n'ella mantinham a auctoridade del-rei Carlos IX; mas a final foram obrigados a renderem-se ao esforço dos sitiadores. Foi uma scena horrorosa a entrada dos huguenotes na cidade. O seu rancor e sêde de vingança não se exerceram unicamente contra os que lhes disputaram a victoria; foram cevar-se, principalmente, nos frades, seus inimigos irreconciliaveis, e até nos proprios edificios dos conventos.

O mosteiro de S. João das Vinhas foi vandalicamente devastado. Os vasos sagrados, paramentos e mais alfaias foram roubados; as santas imagens, a bibliotheca e o archivo foram dispersos ou entregues ás chammas; o incendio ou o camartello fez do mosteiro ruinas, reduzindo a simples paredes uma boa parte do templo, dos claustros, do refeitorio, dos dormitorios e hospedarias. Os sinos foram fundidos, e a egreja, profanada com inauditas torpezas, foi transformada em cavallariça.

Entre as obras de primor artistico que se perderam n'esta fatal destruição, contava-se o altar-mór, de talha relevada e doirada.

Acabou temporariamente aquella guerra religiosa com a horrivel matança dos huguenotes em Paris, e em toda a França, no dia 24 de agosto de 1572. Não tardaram os monges de S. João das Vinhas a metter hombros á reedificação do seu mosteiro. Os estragos, porém, eram taes, que, apesar da riqueza da ordem, e das muitas diligencias e avultados meios que applicou para esta restauração, só por meiados do seculo seguinte se poz o remate a esta grande obra.

Entretanto, os dias de desventura não eram ainda todos passados para o mosteiro de S. João das Vinhas. Estava-lhe destinada nova e maior catastrophe, porque esta foi irremediavel. A revolução que destruiu a monarchia de S. Luiz, mudando ao mesmo tempo os destinos da França, pesou com mão inexoravel e vandalica sobre o mosteiro de S. João das Vinhas.

Extinctas as ordens religiosas, aquelle mosteiro foi despojado immediatamente de todas as suas riquezas. A prata foi levada á casa da moeda para ser cunhada. Toda a obra de talha da egreja, que era magnifica, tanto os altares como as cadeiras do côro, foi arrancada e vendida. Egual sorte tiveram os paramentos e mais alfaias, os paineis, as imagens e os sinos. Mas não pararam aqui as devastações. Quando o delirio revolucionario se lembrou, em 1793, de abolir a religião catholica, substituindo-a pelo culto da razão, aquelle e outros mosteiros padeceram tão barbara destruição como se os assolára um terremoto.

Passada aquella vertigem, foi restabelecido o verdadeiro culto, mas nunca mais se pensou em reconstruir a egreja nem o edificio do mosteiro de S. João das Vinhas. D'aquella apenas se conservava de pé a frontaria com as suas bellas torres. Tudo o mais era um montão de ruinas. Do mosteiro jazia por terra uma parte dos seus claustros e de outras obras de merecimento artistico.

Achava-se, pois, o edificio n'este estado, quando o governo francez contratou a demolição da egreja, com excepção de toda a frontaria, que foi mandada conservar, entregando o preço da venda dos materiaes ao bispo de Soissons para as despezas da fabrica da sua cathedral.

Em 1839, desenvolvendo-se em França, de anno para anno cada vez mais, o desvelo pela conservação dos monumentos, tanto por parte dos poderes publicos, como por parte das associações particulares, foi consignada pelo governo uma quantia avultada para a conservação da fachada da egreja, e das ruinas dos claustros e de outras officinas do mosteiro, notaveis pela sua architectura, sendo encarregada da superintendencia das obras a commissão archeologica de Soissons.

A gravura que publicámos a pag. 113 mostra os restos mais sumptuosos do antigo mosteiro de Soissons. As altas e brincadas torres da frontaria do templo, que se erguem magestosamente por detraz dos lanços desmoronados do claustro principal; e a galeria d'este, que escapou á brutalidade dos homens e á acção do tempo, dão claro testimunho da magnificencia e esplendor de outr'ora do soberbo mosteiro benedictino.

A fachada tem tres porticos, ornamentados com variadas esculpturas e com estatuas de singular perfeição. As torres, além do seu porte esbelto, ostentam ricas decorações, e tambem algumas estatuas excellentes. Foi construida esta frontaria, como o fôra o resto do templo, segundo o estilo gothico puro, não obstante ter a architectura passado por variadas modificações no longo periodo em que se fabricaram as differentes partes da egreja.

O claustro principal, representado em a nossa gravura, é obra do seculo XIV. As suas arcadas são elegantes, mas singelas. Não apresentam aquella prodigalidade de ornamentações que distinguiu a architectura gothica na sua decadencia, que assim se póde chamar ao periodo da transição d'este estilo para o do renascimento. Exceptuando os capiteis das columnas, que são lavrados de folhagens, não se encontram alli mais lavores na cantaria.

Ficava contiguo e communicava este claustro com a egreja, com a casa do capitulo e refeitorio. Dos seus quatro lanços, só dois existem cobertos de abobada; mas nenhum d'elles escapou incolume á furia da tormenta que derrocou os outros. A linda fonte que ornava o centro do terreiro, outr'ora jardim, está feita pedaços.

O refeitorio foi mais bem preservado de ruina. Era uma das mais bellas officinas do mosteiro, pela sua grandeza, pelas bonitas janellas e oculos que lhe transmittem abundante luz, e pelas pinturas a fresco que lhe decoram as paredes. Desde o referido anno de 1839 acha-se convenientemente resguardado de novas injurias do tempo ou dos homens.

Além do claustro principal, tinha o mosteiro outro mais pequeno, porém não menos apreciavel como um gracioso specimen da architectura do renascimento, no primeiro periodo da sua existencia, em que a riqueza da ornamentação se casava perfeitamente com a belleza dos lavores e com o bom gosto na sua dis-

tribuição. Este claustro ainda se conserva, posto que bastantemente estragado.

Vêem os nossos leitores, pelo que deixâmos referido, como em França se cuida da conservação dos monumentos historicos e artisticos. Em quanto alli se leva o respeito e amor das antiguidades a ponto de se amparar e resguardar com incrivel zelo e desvelo quaesquer ruinas em que se leia uma tradição historica, e nas quaes a arte deixasse gravada alguma das suas feições, entre nós abandonam-se, entregam-se ao mais culpavel esquecimento, quasi que se votam ao desprezo monumentos taes como o convento de Christo em Thomar, tão rico de arte e de memorias historicas!

Aquelle zelo e desvelo dão a medida do subido grau de civilisação a que tem chegado o povo francez. Infelizmente, a nossa incuria e desleixo revelam manifestamente a distancia que nos separa d'aquella nação na escala dos progressos e aperfeiçoamentos da humanidade. I. DE VILHENA BARBOSA.

ABDUL-AZIZ, SULTÃO DA TURQUIA

(Vid. pag. 127)

IV

Abaixo dos gregos, a população christã mais consideravel do imperio ottomano é a dos armenios; conta, segundo nos diz um dos seus principes, membro de uma das familias mais consideradas entre elles [1], 3.400:000 almas. População pacifica e sem grandes aspirações de nacionalidade, é, comtudo, incapaz de se confundir com as outras raças, e n'isso, como em muitos pontos do seu caracter, tem uma notavel similhança com os hebreus. Não é d'esta nacionalidade que ha de vir um perigo qualquer para o imperio ottomano. Completamente indifferentes em questões de politica, os armenios contentam-se em possuirem grande parte das riquezas do imperio; em serem os depositarios do commercio e da industria; em occuparem altos cargos na administração; e em terem segura a liberdade da sua egreja, que é uma das egrejas independentes em que se fracciona o christianismo. Julgam, comtudo, que, pelo facto de tomarem parte na administração do imperio, se deva considerar a sua raça unida, pelo interesse ao menos, ao governo musulmano? De modo nenhum; os individuos servem o estado, mas a nacionalidade subsiste: governa-se a si por meio de um conselho de notaveis residente em Constantinopla, com ramificações nas provincias; paga os seus tributos ao sultão; cumpre, em fim, os deveres inseparaveis da vassallagem, mas no mais fórma uma especie de *statum in statu*, que seria completamente inconciliavel com a existencia de uma nacionalidade devéras predominante em toda a extensão do imperio.

A nacionalidade slava, mais pacifica depois que o paiz onde estava especialmente concentrada, a Servia, se desmembrou para sempre do imperio ottomano, não deixa, comtudo, de dar signal de existencia na Bosnia e na Bulgaria, principalmente agora, que a idéa do panslavismo agita todos esses povos irmãos. Apesar d'essa nacionalidade não ser revoltosa e impaciente como a grega, não deixa, comtudo, de residir n'ella o perigo mais serio que ameaça a Turquia. Effectivamente, o panslavismo está sendo actualmente o programma da Russia, e Deus sabe que elasticidade o gabinete de S. Petersburgo tenciona dar a essa palavra já de si tão elastica.

Effectivamente, o principio das nacionalidades, principio santo em si, quando são os povos que o invocam, tem servido de pretexto ás violencias menos disfarçadas dos governos ambiciosos. A communidade de raça não póde ser o unico laço d'essas grandes familias que se chamam nações; ha milhares de conveniencias politicas e geographicas que podem dividir essas agglomerações, que seriam muitas vezes enormes n'um grande numero de paizes, como muitas vezes associam povos de differente raça á sombra da influencia salutar de uma raça legitimamente predominante. Comtudo, esse principio geralmente sympathico vae dando um moto deslumbrante ás bandeiras das phalanges conquistadoras. Quantas violencias não legitimou o principio do pangermanismo? quantas violencias não irá legitimar o panslavismo, tão apregoado agora? N'esse congresso de Moscow, aonde foram chamados os representantes de todas as familias slavas, indicou-se sem disfarce a intenção da Russia. Entre os ornatos das salas do banquete fraternal figuravam as vistas das cidades slavas, Moscow, Kiew, Praga, Leopol, Belgrado, *Constantinopla* [1]! Constantinopla, a velha Byzancio grega, transformada em cidade slava!! É tirar muito depressa a mascara de defensor das nacionalidades para mostrar o já tão conhecido rosto do executor testamentario de Pedro o Grande.

Esta pretenção da Russia de ser o nucleo do panslavismo é absolutamente infundada. A Russia, nação asiatica, não tomou laivos slavos senão pelas suas conquistas successivas sobre a Polonia, como o demonstrou, com grande abundancia de razões geographicas, ethnographicas e historicas, o publicista francez Elias Regnault n'um livro celebre [2]; mas, em todo o caso, com razão ou sem ella, fez-se defensora de um principio, e, por mais que a Turquia procure entrar na communhão européa, que principio ha de oppor a essa propaganda panslavista que ameaça inundal-a? A Austria, que foi chamada outr'ora por alguns publicistas uma Turquia christã, quando o principio das duas unidades, germanica e italiana, lhe deu agora um tão profundo abalo, amparou-se resolutamente na Hungria, e essa nacionalidade vigorosa, essa heroica nobreza maggyar, exaltada com o pensamento de recobrar o seu rei, e tão dedicada como no tempo em que bradava com enthusiasmo: *Moriamur pro rege nostro Maria Thereza*, agrupou-se em torno da dynastia, e renovou com a sua seiva sempre juvenil o tronco lanhado pela secure rigida do conde de Bismark.

Porém a Turquia, atacada pela Russia, não já sob futeis pretextos, mas em nome de uma nacionalidade que effectivamente espera da Russia a emancipação, para onde se ha de voltar, ella que não vê dentro de si mais do que nacionalidades hostis? A energia bellica d'esses ottomanos acampados na Europa ha muito que pereceu, e, ainda que subsistisse, de nada valeria n'uma guerra moderna e contra as forças colossaes do imperio da Russia. Irá de novo o Occidente amparar esse baluarte vacillante? Podêmos duvidar que seja tão feliz como em 1855. As populações christãs da Turquia já sabem que entra na politica occidental não lhes permittir nunca uma existencia independente; a Grecia está fazendo agora d'isso mesmo dolorosa e talvez ultima experiencia. Ora, como as nações que anceiam pela liberdade recebem-n'a de qualquer mão, como o preso n'uma masmorra não quer mesmo saber quem lhe proporciona ensejo para evadir-se, segue-se que, no momento em que um exercito russo apparecer no Danubio proclamando-se defensor do principio das nacionalidades, um immenso grito de sympathia lhe responderá, repercutindo-se dos Balkans ao Œta, e o imperio musulmano desconjuntar-se-ha, em fim, com todas as consequencias que póde ter essa catastrophe sendo produzida por intervenção da Russia.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

[1] O principe Mek-B-Dadian — *Revista dos dois mundos*, tomo LXVII, 2.º periodo (15 de junho de 1867). — *La société arménienne contemporaine.*

[1] Julian Klaczko — *Le congrès de Moscow et la propagande panslaviste.* — *Revista dos dois mundos*, tomo LXXI, 2.º periodo (1 de setembro de 1867), pag. 156.

[2] *La question européenne improprement appelée polonaise.* Paris, 1863.

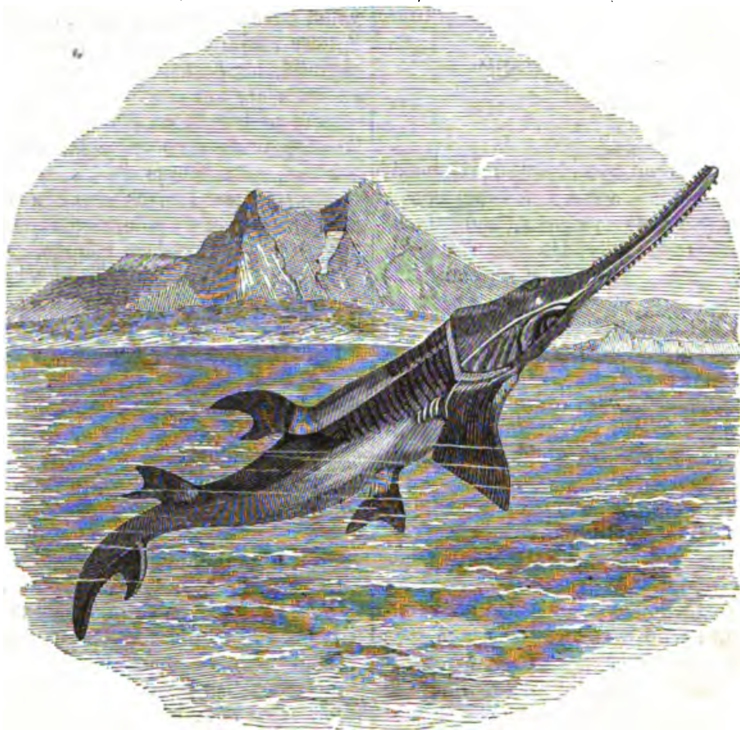
PEIXE ESPADARTE

É este peixe um dos grandes habitantes do Oceano, pois que o seu comprimento chega a ser de quatro a cinco metros. Collocam-n'o os naturalistas na classe dos squalos, na familia das lixas ou cações, e no genero *pristis*, de que é typo.

Linneo denominou-o *squalus pristis*. Depois, o naturalista M. Latham deu-lhe o nome de *pristis antiquorum*, que foi adoptado.

Espadarte ou *peixe serra* é o nome por que é geralmente conhecido na Europa. No Brasil, porém, chamam-lhe *araguagua*.

Tem o corpo mui comprido e proporcionalmente pouco grosso. Na parte superior é de côr cinzenta escura, quasi negra sobre a espinha dorsal, passando nos lados á cinzenta clara, até acabar em branca no ventre. Não tem escamas este peixe, mas a sua pelle é coberta de pequenos tuberculos, que a fazem mui aspera. Tem ás barbatanas peitoraes muito compridas e as dorsaes curtas. A cabeça é achatada; os olhos são pequenos; a boca é quasi circular e guarnecida de dentes concavos, mui bastos e tão juntos uns aos outros, que parece um pedaço de pavimento todo eriçado de grossos espinhos. Porém o que faz mais notavel este peixe, e lhe dá uma feição particular, é o prolongamento do focinho, de materia ossea, e assimilhando-se no feitio a uma espada de folha larga e comprida, e com mais propriedade a uma serra, porque a guarnecem de cada lado vinte dentes grandes, osseos e ponteagudos, dispostos symetricamente em opposição uns aos outros, e com intervallos eguaes entre si. A mesma pelle do peixe cobre todo este prolongamento do focinho, cuja extremidade é arredondada e desprovida de dentes. Regula o seu comprimento pela terça parte do corpo do peixe.



Espadarte ou peixe serra

Possuimos duas espadas de espadarte: uma com pouco mais de um metro de comprido; a outra com vinte centimetros de comprimento. A primeira, muito inferior ás dos espadartes que attingem o seu maior desenvolvimento, tem os dentes da largura de um dedo na base. A segunda, pertencente a um espadarte pequenino, tem os dentes tão finos e agudos como o mais delicado pente, com a differença de serem mui rijos e de modo algum flexiveis.

D'esta arma proveiu ao peixe os dois nomes vulgares de espadarte e peixe serra, por que é conhecido.

Habita o espadarte em quasi todos os mares dos dois hemispherios. São pouco conhecidos os seus costumes; entretanto, não se póde suppor que sejam brandos e inoffensivos, attendendo-se á terrivel arma com que a natureza o dotou.

Referem os naturalistas antigos, e alguns modernos tambem asseveram, que o espadarte, movido por uma implacavel antipathia, faz cruel e porfiosa guerra á baleia. Dizem que apenas se encontram tão figadaes inimigos, o espadarte investe a baleia com incrivel furia. Debalde se põe em guarda este gigante dos mares, dispondo-se, logo que avista o seu adversario, para o supplantar e destruir, descarregando sobre elle com toda a força o peso enorme da sua cauda descommunal. O espadarte, valendo-se da sua muita agilidade, e sabendo tirar todo o partido da difficuldade com que a baleia executa os seus movimentos, arremette contra ella tão de improviso, e com tal presteza lhe rasga o ventre ou o dorso com os aguçados dentes da sua espada, fugindo instantaneamente, para voltar logo depois ao ataque com a mesma violencia e destreza, que a final acaba por alcançar completo triumpho. A baleia, fatigada pelos movimentos desesperados a que a obriga em vão a tenacidade e rapidez dos ataques do seu inimigo; exhausta de forças, e com as carnes por todo o corpo dilaceradas, morre infallivelmente envolta em um mar de sangue.

Contam os maritimos que acontece algumas vezes accommetter o espadarte o casco de um navio com tamanho impeto e vigor, que, não tendo forro de cobre, e acertando na juntura das taboas, chega a fural-o, quebrando, n'esse caso, a sua arma, cuja ponta fica presa no costado do navio, como despojo de tão grande atrevimento.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31



Pulpito da egreja de Santa Cruz de Coimbra

Esta boa terra de Portugal não tem sido sáfara para as artes, como se afigura a muita gente que se não quer dar ao trabalho de investigar os documentos comprovativos d'aquella asserção.

O progresso e esplendor das artes são, em todos os tempos, o effeito natural do desenvolvimento da civilisação dos povos. Nenhuma nação se enrobustece e aperfeiçoa em suas condições sociaes, sem que ao mesmo tempo n'ella se desenvolva o amor das artes, diligenciando attingir a perfeição.

Em duas epochas não muito distantes entre si, mostraram os portuguezes, por mil acções de heroismo e de amor da patria, terem adquirido aquella energia, actividade e força de vontade, que fazem as nações poderosas, florescentes e civilisadas.

Não é necessario pôr aqui datas, certamente, para

que os nossos leitores saibam que alludimos aos reinados de D. João I e de D. Manuel; epochas brilhantissimas da nossa historia, a primeira pelo vigor e espirito liberal que imprimiu nas instituições, e pela iniciativa que tomou nos commettimentos d'além-mar; a segunda pelo modo por que levou a cabo a arrojada empreza do descobrimento da India, já anteriormente projectada, e pelo esforço e felicidade com que sujeitou ao sceptro de nossos reis tantas nações e tão differentes mares, que transformaram Portugal em um dos maiores imperios dos tempos modernos.

Foi, portanto, n'esses dois periodos que os artistas portuguezes, estimulados pelos mesmos brios que incitavam em geral os filhos d'esta terra a adquirirem gloria para a patria e nome illustre para si, trilharam com passo firme o caminho escabroso da arte, conquistando, n'este assumpto, para o seu paiz fóros de nação civilisada. As suas obras ahi estão espalhadas por todo o reino, para attestarem que tivemos mui distinctos architectos, e eximios esculptores em pedra, em metal e em madeira. E apontariamos do mesmo modo para um grande numero de obras excellentes de bons pintores, se o terremoto de 1755, sepultando muitas debaixo de ruinas; os restauradores ignorantes, estragando muitas mais; e, finalmente, as revoluções politicas, dando azo, pela extincção das ordens religiosas, ao extravio de outras, que tem sido exportadas para o estrangeiro, não tivessem anniquilado, ou desfigurado e desbaratado tantos quadros, com que se poderia formar uma galeria nacional de pintura, digna de ser vista e apreciada pelos homens intelligentes de qualquer paiz.

Em tempos mais recentes renovou-se o impulso dado outr'ora a favor das artes. As condições moraes e physicas da nação sob o governo del-rei D. João V e dos soberanos que lhe succederam no throno, eram muito menos favoraveis para o bom resultado de similhante impulso, do que nos reinados do mestre de Aviz e do *rei afortunado*. O oiro do Brasil não podia substituir nem compensar os estimulos da gloria e do patriotismo que, sob tão variadas fórmas repassadas de poesia, inspiravam os nossos artistas nos seculos XV e XVI.

Todavia, apesar da falta d'essas condições essenciaes, as escholas praticas, que então se crearam em edificações sumptuosas, produziram artistas de incontestavel merito nos diversos ramos da arte.

Não carecem, pois, os portuguezes de talento e aptidão para as bellas artes. O que demandam, para se distinguirem na cultura d'ellas, são os incentivos moraes e physicos que impelliram os grandes mestres por uma carreira gloriosa até chegarem ao templo da immortalidade.

Se aos nossos artistas modernos tem faltado esta condição essencialissima para os seus progressos, a muitos dos antigos, que, em razão de a desfructarem, mais se avantajaram e sobresaíram, faltou-lhes quem lhes archivasse os nomes para que a sua memoria fosse perpetuada. Por effeito d'este culpavel desleixo, possue o nosso paiz obras de admiravel primor, ignorando-se, ou sendo objecto de dúvida, o nome do artista que as executou.

É ponto duvidoso quem foi o architecto que delineou o templo da Batalha, o nosso primeiro monumento artistico, e um dos mais gloriosos padrões da nossa historia. Para se dar a Affonso Domingues a subida honra de auctor, é mister recorrer a conjecturas, auxiliando-as apenas com documentos tão pouco explicitos, que não bastam para repellir controversias.

Ha de laborar em identicas, se não maiores, difficuldades quem pretender nomear auctor ao retabulo do altar-mór da sé velha de Coimbra, a mais bella e primorosa obra de talha que ha em Portugal. O nome de *mestre Ptolomeus*, que o livro preto da sé de Coimbra assignala ao auctor da *tabula deaurata* e de um outro quadro que representa a Annunciação da Virgem, não póde pertencer ao esculptor que fez o famoso retabulo a que nos referimos. Mestre Ptolomeus era pintor. É possivel que fosse tambem entalhador, e fizesse as molduras de talha doirada para os quadros que pintou por ordem do bispo D. Miguel, reedificador da sé. Porém, vivendo no seculo XII [1], não podia ser auctor de um retabulo construido de talha doirada segundo o mais puro estilo da architectura gothica. Quanto á epocha em que foi feito, não póde haver dúvida. Ainda quando se ignorasse a data em que o estilo gothico chegou entre nós á sua maior perfeição e pureza, bastava comparar o mencionado retabulo com a egreja da Batalha para se reconhecer que são contemporaneas estas duas obras. Por conseguinte, está ainda por descobrir o nome do artista que traçou e executou tão delicada e formosa fabrica.

Nas mesmas trevas se esconde o nome do eximio esculptor a quem devemos o celebrado pulpito da egreja de Santa Cruz de Coimbra, que é, sem questão, a peça de esculptura em pedra cinzelada em o nosso paiz com mais perfeição e excellencia de arte.

É, portanto, muito para sentir, e até muito para nos envergonharmos, que assim estejamos tão faltos de noticias positivas e authenticas, ou em tão crassa ignorancia a respeito dos auctores das tres obras mais admiraveis que possuimos em architectura, em esculptura em madeira e em esculptura em pedra.

Na falta, pois, de noticias e de documentos, forçoso é recorrer a conjecturas e considerações quando se diligenceia levantar o véo mysterioso que occulta qualquer successo, qualquer data ou nome.

Antes de averiguarmos como se chamava o artista que esculpiu o pulpito de Santa Cruz de Coimbra, é conveniente resolver se devemos attribuir uma tal obra a esculptores nacionaes. Infelizmente, não nos podêmos desvanecer com similhante supposição. Por mais que amemos a nossa patria, acima d'este affecto está o amor da verdade.

Até ao meiado do seculo XIV achava-se entre nós êm grande atrazo a esculptura em pedra. Vê-se a imperfeição dos artistas não só nos poucos edificios que nos restam d'essas eras remotas, com alguma ornamentação, embora singela, mas tambem em varios tumulos. O da infanta D. Constança, primeira mulher del-rei D. Pedro I, fallecida em 1345, sendo ainda infante seu esposo, mostra grosseira esculptura, tanto nos ornatos que lhe decoram a caixa, como na incorrectissima e tosca estatua da infanta que está deitada sobre a tampa [2].

Vinte annos depois, tinha feito a esculptura mui notaveis progressos, como o attestam os ricos mausoléos da rainha D. Ignez de Castro e del-rei D. Pedro I, que se acham na egreja de Alcobaça, e que foram mandados fazer por este mesmo soberano, fallecido em 1367. Mostra bom gosto e certa delicadeza toda a obra de ornamentação, excepto as estatuas dos soberanos e as figuras dos anjos, todas as quaes carecem de correcção de desenho.

Aperfeiçoou-se muito a esculptura no reinado de D. João I, do que é prova irrecusavel o monumento da Batalha. Não se podem fazer em pedra silvas, rendas e arabescos mais delicados e graciosos que os que alli se admiram. Mas a estatuaria pouco ou nada se adiantou.

Continuou florescente a esculptura nos quatro seguintes reinados, mas na parte propriamente orna-

1 O documento em que vem citado o seu nome é do anno de 1168.

2 A infanta D. Constança jaz na egreja de S. Francisco de Santarem. Esteve depositada muitos annos no tumulo acima referido. Depois foi trasladada para o mausoléo del-rei D. Fernando, seu filho, feito com a capacidade necessaria para n'elle se accommodarem os dois caixões. Este rico mausoléo está no côro da dita egreja. O que primeiro encerrou o corpo da infanta D. Constança acha-se hoje no museu archeologico da associação dos architectos, no templo gothico do Carmo, em Lisboa.

mental. A estatuaria não deu passo algum no caminho do progresso em todo este longo periodo. O mosteiro de Santa Maria de Belem, e toda a obra feita por ordem del-rei D. Manuel no convento de Christo, em Thomar, e nas capellas imperfeitas da Batalha, abonam quanto acabâmos de dizer. Causam enlevo e admiração os brincados lavores, os rendilhados subtis, que o mais delicado cinzel, dirigido por imaginação fecunda e poetica, alli esculpiu na pedra. Porém, quanto ás estatuas que decoram esses edificios, todas, sem exceptuar uma unica, são defeituosas no desenho e grosseiras na esculptura. Peccam nos mesmos defeitos as que adornam o bello portal da egreja da Conceição Velha, em Lisboa, que já dissemos em outro volume ter servido de porta travéssa ao magnifico templo da Misericordia, fundado por el-rei D. Manuel [1].

Sendo os edificios referidos as construcções em que mais se empenhou a munificencia del-rei D. Manuel, é fóra de dúvida que n'elles se empregariam os mais insignes artistas que houvesse no paiz. Admittida esta proposição, que temos por verdadeira, deve-se tirar por conclusão que em tempo d'este monarcha os esculptores nacionaes eram mui imperfeitos em todos os trabalhos de figura, e que, durante a construcção dos ditos edificios, não veiu ao reino, ou, pelo menos, não foi empregado nas obras do estado estatuario algum estrangeiro de merecimento.

Portanto, apparecendo nos fins do reinado de D. Manuel uma obra de esculptura em pedra, qual o pulpito da egreja de Santa Cruz de Coimbra, de grande primor artistico, e que sobresae principalmente pela belleza e perfeição das estatuas que a decoram, não é possivel attribuil-a a artistas nacionaes, dando-se ainda, para corroborar estas razões, a circunstancia de continuar a estatuaria, nos reinados que se seguiram ao de D. Manuel, no mesmo atrazo em que se achava anteriormente.

Demonstrado, pois, ao que nos parece incontestavelmente, que o pulpito de Santa Cruz de Coimbra é producção de artistas estrangeiros, resta-nos indagar os seus nomes.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

UM INVENTO PORTUGUEZ

I

Numerosos cidadãos portuguezes tem sido arrojados, em differentes epochas, ao exilio pelas vagas das guerras civis; antes, porém, que se manifestassem tão profundas, como se manifestaram nos ultimos tempos, as nossas dissensões intestinas, já em outros arredados haviam procurado em paizes estrangeiros a segurança, que lhes faltava no proprio, alguns varões benemeritos das letras patrias.

Foram motores da expatriação o odio dos reis, a malevolencia dos validos, e a perseguição de um tribunal truculento, que se appellidava, por antonomasia, do santo officio. Satisfez algumas vezes o sicariato a vindicta dos reis nos proprios logares em que os profugos procuraram asylo. Conformes ás normas de bom regimen se reputavam essas negociações de sangue; e os obstaculos que se julgavam empecel-o removia-os o punhal do assassino pago pela munificencia régia. Condecorou a nossa historia com o titulo de *principe perfeito* o soberano que mais amplo uso fez d'este deploravel recurso.

[1] Os nossos escriptores contemporaneos tem affirmado que este portico é tudo quanto resta da synagoga dos judeus, que el-rei D. Manuel converteu em templo christão, dedicado a Nossa Senhora da Conceição, doando-o aos freires de Christo em troca da ermida de Nossa Senhora do Rastello, onde fundou o mosteiro de Santa Maria de Belem. Esta opinião é inexacta, e procede da falta de conhecimento da historia d'aquelle monumento e da situação da mencionada synagoga. Sobre esta questão já escrevemos largamente no *Archivo Pittoresco*.

Outros são, felizmente, os principios do direito das gentes por que se governam as nações modernas; hoje não ha tolerar ahi as atrocidades que em seus estados consentiam os antigos dynastas, com grande quebra da propria dignidade e grave offensa da moral universal, aos olhos da civilisação hodierna.

Para evitar as sanhas da inquisição, que já outr'ora o havia perseguido, permaneceu em França, não ousando regressar á patria, o dr. Antonio Nunes Ribeiro Sanches; e, a fim de subtrahir-se ao despotismo de um ministro, abandonou a patria e refugiou-se tambem n'aquelle paiz o padre Theodoro de Almeida: dois sujeitos venerandos por letras e sciencias, dois engenhos primorosos, de que se orgulha com justiça Portugal.

II

Sabem ainda os menos lidos em nossa historia litteraria, que o dr. Antonio Nunes Ribeiro Sanches fôra conselheiro de estado na corte da Russia e primeiro medico dos czares. E logrando varias distincções honorificas, mereceu tambem os louvores do Plinio francez, mr. de Buffon, e os do celebre Vic-d'Azyr, havendo sido inscripto o seu nome no catalogo dos socios honorarios da academia real de S. Petersburgo, e no dos socios correspondentes da academia real de Paris e da academia real das sciencias de Lisboa.

Muitos, porém, ignorarão porventura que, depois de discorrer pelas cidades de Pisa, Montpellier, Londres e Leiden, onde ouviu os mais eminentes professores das sciencias naturaes, muitos annos residira na Russia, por fugir á perseguição que em Portugal lhe fizera o santo officio. Quando opprimido de molestias, e obrigado a procurar mais saudavel clima, quiz regressar á patria, reteve-o ainda longe d'ella o medo d'aquelle tremendo tribunal.

Resolveu fixar a sua residencia em Paris; e se, para o consolar das saudades que curtia, bastassem as estimações dos sabios e as distincções das pessoas de mais elevada gerarchia d'esta corte, cremos que n'ella podéra viver consolado; parece-nos, todavia, que as estimações e distincções dos estranhos nem valeriam sequer a dulcificar-lhe os agros do desterro, e muito menos a apagar-lhe as saudades da patria.

O marquez de Pombal, que á sciencia do dr. Ribeiro Sanches prestou respeitosa homenagem, consultando-o em importantes negocios, e nomeadamente sobre a reformação da universidade, por uma contradicção vulgar nos homens de estado, não só desprezou as grandes luzes do padre Theodoro de Almeida, mas obrigou-o a exilar-se, indo repartir com os estranhos os conhecimentos que podéra liberalisar aos naturaes.

Incorrêra no odio d'este ministro a congregação do Oratorio, e não ousando proscrevel-a, como fizera á companhia de Jesus, desembestou as suas iras contra alguns de seus membros, sendo um d'elles, e dos mais conspicuos, o padre Theodoro de Almeida.

Não podiam deixar de estimar-se os dois illustres portuguezes, Ribeiro Sanches e Theodoro de Almeida, refugiados ao mesmo tempo em França. Deviam ligal-os em estreita amizade a communidade de patria, identidade de circunstancias, analogia de estudos, em fim, aquella affinidade scientifica, permitta-se-nos dizel-o assim, que attrahe reciprocamente os sabios.

Possuimos documentos que provam estas relações de amizade. Pertenceram ao sr. D. José Valerio, bispo de Portalegre, que os guardava com grande apreço, havendo-os adquirido quando era membro da congregação do Oratorio [1].

São duas cartas autographas do dr. Ribeiro Sanches: uma datada de Paris em 26 de setembro de

[1] Houvemol-os com outros por mercê do nosso amigo, o rev. sr. conego vigario geral do bispado, Manuel Teixeira de Aguiar, famulo que foi de s. ex.ª e herdeiro de seus papeis.

1774, outra datada da mesma cidade em 18 de janeiro de 1777, e ambas dirigidas para Bayona ao padre Theodoro de Almeida.

É a primeira, na maxima parte, resposta a uma consulta do illustre congregado sobre os seus padecimentos. Omittiremos esta parte, porque tem pequena importancia com relação á sciencia dos nossos dias; transcreveremos, porém, a outra parte, e integralmente a segunda carta.

São escriptas em papel ordinario e do mesmo formato, e ambas conservam o brazão d'armas, n'uma impresso em lacre preto, n'outra em lacre vermelho. É o mesmo brazão que lhe concedêra a grande Catharina II, e póde n'elle decifrar-se o principio da legenda com que a imperatriz o condecorára:

Nec sibi, sed toti genitum se credere mundo
Não creu que para si viera ao mundo,
Mas sim para util ser ao mundo todo.

Nem sempre é correcta a linguagem d'estas cartas; perdoâmos, porém, de boamente esse defeito ao infeliz desterrado, que por tão longos annos se viu obrigado a fallar diversas linguas estranhas, havendo, porventura, decorrido muitos sem que ouvisse uma só palavra da materna.

Os caracteres são bellos, attestando os progressos da calligraphia n'aquella epocha.

III

PRIMEIRA CARTA

«Snr Theodoro de Almeyda — Ante ontem recebi a mui estimada carta de V M do 16 do corrente com a distinta relação das suas queyxas: como afecionado amigo e servo as quizera ver não só diminuadas, mas conforme o meu desejo totalmente curadas: mas como Medico fico de algum modo descansado, e o ficarei mais quando receber resposta a esta com as clarezas que pesso nesta.

....

....

«Sabemos aqui de certo que o Nosso Monarcha nem vai ver Touros, nem que vai a cassa (ou caça): Sabemos que toma os Banhos das Alcaçarias; e no mais *altum silentium*, como he lei das cortes; quem ali adoeceo, sempre vai melhor ate hum certo dia... Deos omnipotente lhe dé a saude necessaria para ter cuidado dos seus povos!

«Tenho retardado resposta ao Estudante Palhares; estive molestado, e não fico são, nem com vigor: o servirei no que pertende como Portuguez do tempo velho, e por me figurar que sera util a áquella terra, e a humanidade.

«Admirome que nessa péstifera doença dos gados não tenha o Parlamento dessa Provincia tomado as medidas necessarias para abrandala, ou extinguila: hoje em Hollanda se descobrirão alguns meyos efficazes.

«Queyra Deos que V M consiga a venda das suas machinas no Ferrol, e que esse Amigo se conserve, e que esteja em estado de as comprar.

«O Nosso Flamengo na lida de sua Bibliotheca a Deos graças vive com saude; o que me dá muita satisfação.

«Alegrome que V M tomou a resolução de occupar o pensamento no trabalho divertido de fazer thermometros e barometros, e essa Carta Geographica em madeyra (idea nova e curiosa para ensinar um cego); V M tãobem le por pausas, e quer começar hũa camara obscura.

«Est modus in rebus... ainda este trabalho não ha de ser que curar o enfado de estar so e de não conversar; mas se o juizo e a applicação, combinando e tirando consequencias materiaes, se engolfa nestes objectos, para perto se mudou V M; assim lhe pesso que vegete agora a mayor parte da vida; fassa o seu possivel para não esfriarse e ter sempre o seu corpo na mesma temperatura: porque vem o inverno, os ventos, os nevoeyros, etc.

«Espero que V M me de noticias que me consolem, que são aquellas que não sente a minima molestia: e fico no entretanto as suas ordens com a mais prompta vontade para obedecerlhe. Deos guarde a V M muitos annos. Paris 26 de Setembro de 1774.—De V M— mui fiel e obrigado servo e venerador—*Antonio Ribeiro Sanches.*»

Sobrescripto—«*A Monsieur—Monsieur l'Abbé d'Almeida—Bayonne.*»

Com a marca do correio *Paris.*

SEGUNDA CARTA

«Snr Theodoro de Almeida—Recebi a mui estimada carta de V M de 31 de Dezembro passado, no tempo que estava bem doente de hũa violenta e rebelde tosse que continua ainda, mas mais supportavel, e começo a sahir fora de casa. Alegrome que V M viva com aquella saude que sempre lhe dezejo, e dezejo na continuação deste anno e muito mais com aquella paz de alma que ninguem conhece senão quem a possue e a entende: He verdade que montar a cavallo he hum remedio; mas fazer jornadas longas a cavallo he triplicado remedio; mayor diversidade de objectos, de alimentos, agoas, ares differentes... teve V M occasião de gozar destes beneficios para fortificar a sua saude do que me alegro e felecito a V M.

«Estimarei que V M tirasse o lucro que esperava da lotteria do Planetario: fico contente que hum seu Discipulo sahisse premiado com elle, e que possa ser util á sociedade Vascongada; porque penso que se devia começar o estudo da Fisica pello da Astronomia: Mas vejo que em Castella ainda estão ligados com as correntes da Fisica dos Conventos, Thomistas, Scotistas, Reaes Nominaes e Integraes: Quando se acabará tanta parvoice fradesca?

«Aqui não chega nenhũa noticia clara do estado da corte de Portugal: Sabesê que ElRey esta hemipletico, mas com algũa melhora; que a Sñra Rainha he Regente; que alguns dos Amigos do Ministerio ou estão *arrufados*, ou *baralhados:* Não me atormento para saber a verdade: Se viver tudo se saberá, e queyra Deos que com alegria.

«Do nosso Flamengo não tenho noticia depois de algumas semanas; espero receber delle bõas noticias como dezejo.

«De Almeida Palhares que estuda em Montpellier tive noticias; esta determinado a ir para Portugal pello mes de Março que vem; e eu sou desse parecer; porque ir a Edimburgo he ja tarde; requer dinheyro bastante aquella Universidade, e ficar ali dois annos para fallar Ingles; porque as liçoens se dão nesta Lingoa. Deos lhe de bom successo!

«Fico as ordens de V M sem cerimonia, e tomara serlhe util para persuadilo que o venero e que o amo. Deos guarde V M muitos annos. Paris 18 de janeiro 1777.—De V M—mui certo e mui obrigado criado— *Antonio Ribeiro Sanches.*—Rue de Blancs Manteaux.

«*P. S.*—Q...: Que casta de gente se prende pella Inquisição de Castella? São Deistas, Atheistas, Judeos, Mouros, Calvinistas, ou Feyticeiros, etc.? aqui essas prizoens fazem estrondo, e pasmo.»

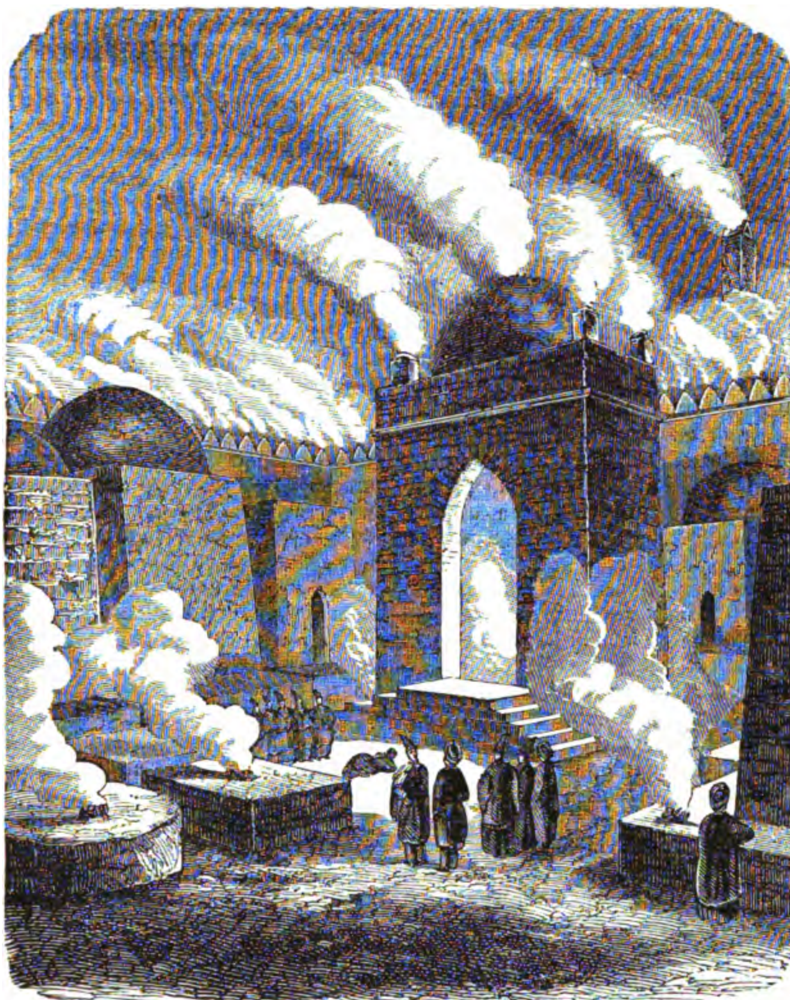
O mesmo sobrescripto e a mesma marca do correio da carta antecedente.

(Continúa) F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.

TEMPLO DO FOGO, EM ATESH-GAH

Na provincia de Chirvan, junto da costa de oéste do mar Caspio, em uma peninsula chamada Apscheron, está situada a pequena cidade russa de Bakou, contendo uma população de 6:000 almas. É uma forte praça de guerra, e tem o melhor porto do mar Caspio, muito frequentado por ser alli o commercio florescente, e muito importante, sobre tudo, com Astrakhan, grande cidade e principal emporio commercial da Russia européa, edificada em uma ilha d'aquelle mar.

A cidade de Bakou foi séde de um soberano independente, que dominava no Chirvan, com o titulo de *khan*. Vencido pelos persas, ficou sendo vassallo do seu rei até ao anno de 1723, em que, vencida, a seu turno, a Persia pelos russos, apossaram-se estes de todo o Chirvan. Correndo o anno de 1735, ateou-se de novo a guerra entre a Persia e a Russia. Decidiu-se a victoria em favor da primeira, que recuperou a provincia perdida. Rompendo outra vez a lucta entre as duas potencias no principio d'este seculo, a sorte das armas por tal modo foi contraria á Persia, que esta nação viu-se obrigada a comprar a paz a troco



Templo do Fogo, em Atesh-Gah

de grandes sacrificios pelo tratado de Goulisthan, em 1813. A provincia de Chirvan foi então cedida definitivamente á Russia.

Nos arrabaldes de Bakou ha uma curiosidade natural que tem dado a esses logares grande celebridade. Existe alli um pantano sobre o qual se vêem constantemente mil chammas de côr azulada, que brilham de noite como um mar de fogo. Este phenomeno, que é o resultado da evaporação de um gaz produzido pela muita quantidade de naphta que alli existe, o qual se inflamma ao contacto do ar, attrahe a este sitio numerosa concurrencia de gente. Não se julgue, porém, que são curiosos que vão observar e admirar tão singular e vistoso phenomeno. Compõe-se de peregrinos toda essa multidão, que alli afflue de distantes partes da Asia para se prostrar em adoração diante d'aquelle fogo eterno.

Não julgando bastante esta homenagem ao que olham e acatam como personificação do Creador, fundaram os adoradores do fogo n'aquellas visinhanças, em um logar denominado Atesh-Gah, um templo, onde, por sua devoção e cuidados, estivesse alimentado o fogo perennemente.

Foram os guebros e os parsis, principaes tribus que seguem o culto do fogo, os edificadores do templo. Junto d'elle construiram um convento, onde vivem os sacerdotes encarregados de velarem pela conservação do fogo sagrado.

(Continúa) I. de Vilhena Barbosa.

O orvalho é o Protheo da natureza, que nas mais raras producções se transforma: nas açucenas se faz candido, encarnado nas rosas, nos amarantos purpureo; em conchas do mar se faz perola, nas uvas nectar, mel nas abelhas, etc. D. Raphael Bluteau.

PISCICULTURA

(Vid. pag. 98)

III

Em principios do anno de 1859 publicou em o *Archivo Rural* o sr. conselheiro Rodrigo de Moraes Soares, redactor d'aquelle periodico, dois excellentes artigos sob o titulo: *As pescarias em Portugal* [1].

No primeiro, depois de mui sensatas considerações ácerca da importancia da industria piscatoria e da protecção que merecem os que a ella se dedicam, menciona o facto de nos assistirem todas as condições para o estabelecimento d'aquella industria [2]; memora o grande florescimento das nossas pescarias em outros tempos; indica a epocha em que começaram a descair; historia as tentativas do marquez de Pombal para restaural-as, e o inquerito a que as cortes de 1821 mandaram proceder para se investigar a profundeza e origem d'aquelle mal.

Aproveitando-se de alguns factos bem averiguados, na falta de estatisticas competentes e dignas de confiança, procura n'aquelle artigo o sr. conselheiro Moraes Soares determinar as causas da antiga decadencia das nossas pescarias e o estacionamento em que estão ha bastante tempo.

No segundo artigo, referindo-se o sr. conselheiro Moraes Soares á memoria sobre o mesmo assumpto publicada pelo academico José Joaquim Soares de Barros [3], diz que «abundando nas idéas de Barros pretendeu dar-lhes corpo e fórma nas bases de uma lei, que depois deverá ser desenvolvida em regulamentos especiaes»; e, sem se demorar em defender cada uma das bases do seu projecto, insiste apenas em justificar o augmento do imposto e o da verba da despeza para organisar um ramo especial da administração das pescarias.

Desenvolvendo estes dois pontos, e depois de ter affirmado que a industria da pesca deve em Portugal produzir annualmente mais de 2.000:000$000 réis, accrescenta o illustrado escriptor:

«Uma industria que dá estes resultados não merecerá a pena de se collocar em condições favoraveis?

«Mas ha mais a dizer. Ás nossas costas maritimas affluem [4] as mais preciosas especies de peixes e mariscos, e se nós seguirmos o exemplo que nos estão dando as nações mais illustradas, a que ponto não poderá subir a nossa riqueza ichtyologica?»

A estas tão prudentes observações accrescentou o sr. Moraes Soares um rapido esboço da historia da piscicultura [5], que termina com as seguintes palavras, tanto mais dignas da attenção dos poderes publicos, e mesmo dos individuos que quizessem emprehender a criação e multiplicação dos peixes, quanto partem dos labios de um homem competentissimo n'este como em outros assumptos:

«Quem sabe o que se está fazendo em outros paizes (falla o sr. conselheiro Moraes Soares), quem conhece as disposições naturaes de Portugal, que são as mais aptas para todos os desenvolvimentos da industria da pesca e da propagação artificial dos peixes, sente-se repassado de amarguras observando a indifferença com que os nossos homens de estado olham para as coisas mais sérias e uteis. As lagôas de Albufeira, Obidos e outras não se prestavam, bem como os nossos maiores rios e ribeiros, á fundação artificial das melhores especies de peixes? A ria de Aveiro não terá todas as condições para alli se fundar um estabelecimento de pescaria como o de Comachio?

«Tomem-se em conta todas estas considerações, e digam-nos se merecerá a pena de gastar trinta e tantos contos de réis para dar um impulso regular e permanente a um complexo de industrias que, bem dirigidas e exploradas, podem constituir copiosas fontes de riqueza publica.»

Segue-se ás considerações de que copiámos o periodo antecedente, um projecto de lei, que, obrigados pela estreiteza do espaço, não transcrevemos, mas cuja leitura recommendâmos, fazendo votos para que seja convertido em lei, ou pela iniciativa do governo ou de qualquer representante do povo.

No projecto a que nos referimos está expressamente determinada a introducção em Portugal da piscicultura. No artigo 1.º lê-se: «As pescarias, as salinas, a *piscicultura* e as industrias que immediatamente d'estas se derivam, constituirão de ora em diante um ramo especial de administração publica, subordinado ao ministerio das obras publicas, commercio e industria.» No artigo 5.º determina-se a creação de uma caixa central do melhoramento das pescarias e industrias annexas, parte de cujo fundo se estabelece que seja destinado para compra de barcos e apparelhos de pesca, para melhoramentos dos portos, para *ensaios de piscicultura* e aperfeiçoamento dos processos da preparação do peixe, conforme o que for mais conveniente. No artigo 12.º, em que concede auctorisação ao governo para decretar os regulamentos necessarios para a execução e desenvolvimento das bases da lei, declara-se que um dos fins a que tenderão será: *introduzir e vulgarisar no paiz os melhores methodos de piscicultura, a fim de povoar as nossas lagôas e rios das mais estimadas especies de peixes.*

Já lá vão nove annos que a voz auctorisada do sr. conselheiro Moraes Soares recommendou, entre outros muitos melhoramentos relativos ás pescarias, a introducção e vulgarisação no paiz dos melhores methodos de piscicultura, e, louvado Deus! só teremos a consignar tentativas de alguns cavalheiros que, por falta de condições favoraveis, não conseguiram os resultados que os piscicultores estrangeiros tem obtido.

Salvo o erro, foi o nosso amigo o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva a primeira pessoa que em Portugal tentou a multiplicação artificial de salmões e trutas.

Em 1856 mandou o sr. Narciso da Silva vir de França o *Tratado de piscicultura* de mr. Coste, recentemente publicado, e diligenciou obter do ministro de agricultura, commercio e obras publicas d'aquelle paiz a permissão para lhe serem fornecidos do estabelecimento de Huningue os ovos fecundados, a fim de verificar se se desenvolveriam sob a influencia do clima de Lisboa. Foi graciosa e promptamente attendido, e expedida a ordem para que se satisfizesse a sua requisição.

De dezembro de 1857 a março de 1864 foram enviados ao nosso amigo 106:500 ovos fecundados de differentes especies, a saber: salmões do Rheno, 54:000; salmões do Danubio [1], 500; trutas do lago de Genebra [2], 7:500; trutas vulgares, 11:500; trutas salmonadas [3], 4:500; *ombrina Chevalier*, 8:500; fera [4], 20:000.

[1] É o *Archivo Rural* um dos mais serios e bem redigidos periodicos scientificos portuguezes que conhecemos. Sentimos que não ande nas mãos de todos, principalmente dos habitantes dos campos, que n'elle encontrariam muita e multissimo util lição.

Os artigos a que nos referimos vem a pag. 509 e 533 do vol. I.

[2] Não ha contradicção entre o que o sr. Moraes Soares diz da abundancia das melhores especies de peixes nas costas e rios de Portugal, e o que dissemos da mingua de pescado que desde certo tempo se está sentindo. Ha nove annos é que o sr. Moraes Soares escreveu, e de então para cá o facto que asseverámos tem-se dado.

[3] *Memorias economicas da academia real das sciencias*, tomo I.

[4] N'este logar refere-se o auctor do artigo que extractâmos a uma *Nota indicativa das principaes especies e variedades de peixes e mariscos, que se pescam na costa maritima e rios do continente do reino de Portugal*, a qual trasladou do *Ensaio sobre a topographia medica de Lisboa*, publicada em 1843 pelo dr. F. I. dos Santos Cruz.

[5] Podem ler-se alli mais alguns promenores sobre a historia da piscicultura, os quaes não mencionâmos no logar competente por não termos a tempo noticia d'elles.

[1] São reputados os melhores.

[2] Idem.

[3] Parece ao sr. Narciso da Silva que é esta especie a que nunca vinga no nosso clima.

[4] Os peixes provenientes da evolução d'estes ovos são destinados a servirem de alimento ás outras especies.

Só a quarta parte, se tanto, dos ovos acima indicados chegou a Lisboa em estado de poderem servir para as experiencias. Os outros estavam corrompidos.

Os apparelhos de que o sr. Silva se servia eram tanques de pó de pedra dispostos em fórma de escada. Os ovos tinha-os sobre laminas de vidro. Para conservar mais baixa a temperatura da agua, durante os mezes calmosos, empregava o sr. Silva o gelo.

Nasceram os peixinhos; mas, baldados todos os cuidados, morreram aos cardumes. Para evitar que perecessem todos, solicitou o sr. Narciso da Silva del-rei a permissão de transportar alguns para os lagos da real quinta de Cintra.

Foi isto em 1861.

Collocados alli, sob a vigilancia de um empregado, esperou o sr. Silva que vingassem, por isso que a temperatura era menor que a do local onde, em Lisboa, tinha começado as experiencias, e a agua abundantissima. Não sendo, porém, aquellas duas circunstancias as unicas indispensaveis para o desenvolvimento dos peixes, e tendo-se o encarregado do viveiro descuidado, como suppõe o sr. Silva, de sustentar convenientemente os peixitos e de mantel-os nas condições de aceio de que se não póde prescindir, foram pouco a pouco morrendo, e em breve se extinguiu a nova geração.

Durante uma viagem que o sr. Narciso da Silva fez pelas provincias do norte, diligenciou vulgarisar os processos da piscicultura, e decidir varios cavalheiros a que se dedicassem a este ramo de estudos. Parece, porém, que não conseguiu o que desejava.

Em dezembro de 1860 começou o nosso amigo o dr. Joaquim Eleuterio Gaspar Gomes, distincto professor do instituto geral de agricultura, a fazer alguns ensaios de multiplicação artificial de peixes na quinta da Bemposta, annexa ao instituto.

Propozera-se o intelligente professor não só estudar praticamente a fecundação e criação artificial dos peixes, mas seguir e estudar o desenvolvimento embryogenico como objecto de demonstração das lições de zootechnia.

Obtidos do estabelecimento de piscicultura de Huningue os ovos fecundados, dizpozera na quinta da Bemposta o apparelho de incubação, feito segundo o modelo do que ha no collegio de França; annexa a este apparelho fizera construir uma piscina, na qual os peixes recem-nascidos deveriam estar por algum tempo, até poderem ser lançados no grande lago, ou em qualquer outra parte, onde achassem as condições proprias para se desenvolverem.

O salmão do Rheno e do Danubio, a truta dos lagos e a truta salmonada foram as especies que o sr. dr. Gaspar Gomes preferiu para os seus ensaios [1].

No primeiro anno perdeu todo o trabalho. A maior parte dos ovos chegaram a Lisboa alterados, por ter sido muito demorada a viagem. Os poucos peixinhos que nasceram, ao desapparecer a visicula umbilical foram-se. Attribue o sr. dr. Gaspar Gomes aquella mortandade ao extraordinario desenvolvimento e propagação de um *bissus*, que se manifestou nos ovos e depois nos peixes.

No segundo anno salvaram-se mais de trinta salmões e algumas trutas, que, obliterada a visicula umbilical, foram passados para a piscina e alli convenientemente alimentados. Além dos ensaios indicados, applicou-se o sr. dr. Gaspar Gomes á fecundação dos ovos de outras especies ichtyologicas. Quaes ellas foram e quaes resultados obteve não podêmos agora dizer [1].

Tencionava o digno professor proseguir em tão uteis estudos e dar-lhes mais desenvolvimento, quando se viu forçado a terminal-os, tirada a quinta ao instituto.

Na sua bella quinta de Cintra tentou o sr. duque de Saldanha fazer a criação artificial de peixes. Para conseguir a realisação do seu empenho, mandou construir uma excellente piscina, e mandou vir de Italia um sujeito habilitado n'aquella especialidade para dirigir os ensaios [2].

Diz-nos pessoa muito competente que não só é muito entendido em piscicultura o individuo que o sr. duque de Saldanha encarregou d'aquelles trabalhos em Cintra, mas tambem que tudo alli está bem disposto.

A primeira remessa de ovos fecundados que de França vieram para o sr. duque foi de 20:000. Vingaram alguns milhares de peixes, e alguns attingiram consideravel desenvolvimento. Alimentaram-n'os com figado de boi. Chegados a certa grandeza, foram passados para um grande tanque, onde ainda por algum tempo se lhes administrou o primitivo alimento.

N'aquelle tanque viu o sr. dr. Gaspar Gomes alguns salmões que pesariam um ou dois kilos. Parece, porém, que posteriormente morreram todos. Já este anno (1868) vieram de França ovos que se desenvolveram. Os peixes, segundo informações que nos deu o nosso bom amigo sr. Silva, estão bem dispostos.

As tentativas feitas pelo sr. duque de Saldanha para obter peixes para fecundação artificial, parece não poderem servir de modelo de uma exploração industrial, por muito dispendiosa.

Tambem nos consta ter o sr. marquez de Niza, em 1867, tentado alguns ensaios de piscicultura com ovos vindos de França. Infelizmente, goraram todos.

É o que sabemos feito em Portugal relativo á piscicultura.

(Continúa) SOUSA TELLES.

GELLERT

(Vid. pag. 131)

III

O livro de Gellert tornou-se o *Livro do povo*. Todos sabiam as suas fabulas de cór. E até havia quem não se entregasse a outra leitura.

Um dia de rigoroso inverno e copiosa chuva, parou á porta do escriptor popular um aldeão com o seu carro. O aldeão subiu, perguntou pelo *senhor que fazia lindas fabulas*, agradeceu a Gellert o prazer que lhe dava o seu livro, e pediu-lhe que acceitasse uma carga de lenha que fôra buscar com essa intenção.

Outra vez, estando o poeta em casa do seu encadernador, viu entrar um rachador, que tirou do cabaz, cheio de objectos estranhos á litteratura e á poesia, um exemplar das *Fabulas e contos*. O encadernador, que conhecia o pobre homem, perguntou-lhe como tinha comprado o livro.

— Ora essa! disse elle, comprei-o com o meu dinheiro, depois de ver que o bailio e o mestre de eschola da minha aldeia tinham um egual, que liam com alegria, porque lhe achavam pilheria. Tenho um

1 O estabelecimento de Huningue manda gratuitamente os ovos fecundados ás pessoas que os requisitam; pela embalagem e pelas instrucções tambem se não exige quantia alguma. Só se paga o transporte pelos caminhos de ferro ou pelos paquetes.

Disse-nos o sr. dr. Gaspar Gomes que é digno de especial menção o modo como em Huningue se fazem todas as operações relativas á remessa dos ovos dos peixes; revelando-se na execução d'ellas o melhor methodo e arranjo, consequencias da intelligencia e acerto com que é dirigido aquelle estabelecimento.

1 Além dos ensaios de piscicultura, fazia o sr. dr. Gaspar Gomes, na quinta annexa ao instituto, ensaios de acclimação da cochonilha e da criação do sanguesugas. Em 1859 conseguíra que os insectos, tendo passado por diversos graus de acclimação, supportassem os rigores do inverno ao ar livre. No terreno onde agora se levanta o hospital Estephania havia disposto uma bella nopaleira, com as tres especies de cactos, *opuntia brasiliensis*, *vulgaris* e *coccinellifer*.

Em 1861 mandou o sr. dr. Gaspar Gomes á exposição industrial do Porto dois vasos com folhas de cactos cheias de insectos, e com alguns ninhos.

2 Consta-nos que o piscicultor do sr. duque de Saldanha foi por s. ex.ª mandado a França estudar a arte de produzir artificialmente os peixes, para depois vir para Cintra.

rapaz que principia a ler, e, como de certo lerá isso aos serões, deixarei de ir á taberna... Parece-me, porém, que o que fez o livro m'o vendeu caro.

— O que vendeu o livro, meu amigo, interrompeu o encadernador, não foi quem o fez, porque só é negociante.

— Pois se o soubesse não o teria pago tão caro! respondeu o rachador.

— E a prova é que está aqui o auctor, accrescentou o encadernador, apresentando Gellert.

Eram dignas de ver-se a admiração do rachador e o modo como elle pretendia animar o auctor, dizendo-lhe que continuasse a escrever coisas alegres e moraes, e batendo-lhe com familiaridade no hombro.

— Desejo, dizia Gellert repetidas vezes, ser util aos homens em geral, e não aos sabios propriamente ditos, porque estes não carecem de mim. O homem mais humilde merece que eu trate de captivar-lhe a attenção e contribua para distrahil-o; merece tambem que estude para lhe dizer verdades uteis, e excitar-lhe na alma bons e honrados sentimentos.

Embora tivesse repetidamente, em innocentes satyras, censurado os defeitos do bello sexo, as mulheres, comtudo, recebiam-n'o bem. E a prova estava em que as leitoras o mandavam comprimentar, já por meio de bilhetes, já por meio de terceiras pessoas, e de vez em quando tambem lhe endereçavam cartinhas pedindo-lhe conselhos. Gellert constituíra-se, pois, pela natureza do seu caracter e do seu talento, um director litterario e moral, e por isso mantinha extraordinaria correspondencia com diversas pessoas.

As raparigas perguntavam-lhe qual era a leitura mais proveitosa para o coração e para o espirito; se em logar de se dedicarem á leitura, deviam entregar-se exclusivamente aos cuidados domesticos; se a solidão e o distrahirem-se com os proprios pensamentos era preferivel á frequencia no mundo; se, apesar do prazer que havia em se corresponderem com as amigas, havia n'isto coisa reprehensivel ou perda de tempo; se, n'este caso, deviam limitar-se ou abster-se inteiramente; e mil outras perguntas d'este genero.

Gellert, bom, humano, amavel, cortez, respondia a tudo; não recusava conselhos nem aos moços, nem aos anciãos, nem ás mulheres, nem aos homens.

Os paes perguntavam-lhe ácerca de quem deviam escolher para ensinar seus filhos; e as mães interrogavam-n'o relativamente á educação de suas filhas. A todos fallava verdade inteira. «A educação particular, escrevia, não é coisa facil, porque n'ella ha mil estorvos... O mundo não é bom sempre. Vemos constantemente os mesmos objectos, e, assim como somos pouco observados, tambem observâmos pouco os outros. Concentrados na familia, deixâmo-nos dominar pela indolencia e tornâmo-nos em tudo sobejamente uniformes. Em nossa casa costumâmos mandar antes de saber obedecer, e d'este modo não aprendemos a mandar nem a obedecer!»

Gellert respondia a uma senhora, sob a fórma de um paradoxo:

«Pede-me que escreva alguma coisa para incitar as mães a que sejam solícitas na educação de suas filhas. O pedido é justo; porém não julgo que seja ouvida a minha voz. Supponha que as mães seguem os meus conselhos, e dão ás filhas esmerada educação, e lhes ensinam ou mandam ensinar a fallar e a pensar, assim como a coser, a bordar, a varrer e a fazer a comida: que resultaria d'ahi? Sobre cem meninas, dez apenas acharão maridos, e d'essas dez só duas, quando muito, serão felizes.

«Em quanto os homens de outro modo para nada serviam, minha senhora, sería grandissima desgraça se todas as raparigas tivessem exaggerada instrucção. Succederia que, ou os homens não as quereriam por causa da superioridade que viam nas mulheres, ou as raparigas, se se adoptassem os meus conselhos, recusariam os homens que lhes fossem muito inferiores. O amor, minha senhora, não póde existir sem uma especie de equilibrio intellectual. Que as mulheres se elevem, pois, sem inconveniente cultura, a fim de que possam agradar a seus futuros maridos! Conseguir-se-ha já muito se em cada nação houver cuidado em educar convenientemente certo numero de meninas, inspirando-lhes o gosto do bom e do bello, tornando-as amaveis e sensiveis, e boas donas de casa, a fim de que os homens intelligentes e probos encontrem mulheres que tragam a alegria e a felicidade ao lar domestico.»

As suas leitoras e admiradoras enviavam-lhe de vez em quando incognitamente notaveis testimunhos da sua gratidão.

Um dia recebeu uma pequena caixa, especie de cartonagem de pharmacia ou confeitaria, cujo rotulo indicava um medicamento ou perfumaria; abriu-a e viu-a cheia de luizes de oiro. Ficou, como deve suppor-se e era proprio do seu caracter, muito enleiado em presença do dinheiro, cuja procedencia ignorava.

Outra vez, uma senhora desconhecida de Brandeburgo brindou-o com duzentos escudos.

Sabiam todos que o professor Gellert não era rico; mas tambem era notorio que a sua modestia estava á altura do seu merecimento. Elle recebia uma pensão modica, e um dos seus protectores quiz accrescental-a. Gellert escreveu-lhe o seguinte:

«A pensão que me destinam é mais consideravel do que pensava, e asseguro-lhe que só hontem é que soube que se elevava a quatrocentos e oitenta e cinco escudos. Não desejo tanto, meu caro conde, e por isso não devo acceital-a. Bem sabe que ha dez annos recebo, por deliberação da corte, uma pensão de cem escudos; ora, se ajuntasse as duas pensões, receberia annualmente quinhentos e oitenta e cinco escudos. É muito, e mais do que desejo. Com tal somma poder-se-hia dar outra pensão a algum homem de letras, e ainda me restaria bastante. Julgo, portanto, que é conveniente limitar a pensão a quatrocentos escudos, porque d'este modo ainda teria mais trezentos escudos que o que recebo até hoje; e, se a Deus não aprouver que me torne absolutamente inhabil para o trabalho, esta quantia é muito sufficiente para mim, e de certo poderei fazer bem a pessoas mais pobres que eu.»

Gellert levava a generosidade até o ponto de indicar os homens illustres ou litteratos aos quaes se deviam distribuir os cento e oitenta e cinco escudos que tinha escrupulo de acceitar.

Gellert tinha poucas necessidades. Que é preciso ao poeta? O espectaculo da natureza e alguns livros escolhidos; deve ser feliz, e mais que muito se consegue gozar a sua felicidade.

(Continúa)

Fazer cada um o seu officio é maxima importantissima, assim ao bem publico como ao particular; porque conserva a ordem, dirime as competencias, e confedera os titulos de justiça com os da caridade. Quando, em uma galé vogando, cada remeiro não desampara o seu remo, então navega mais veloz e mais serena. Quando no instrumento musico cada corda faz o seu officio, então está perfeitamente temperado; e no corpo humano, se cada membro exercita sua funcção propria, então logra perfeita saude; porque os ceos, astros e elementos acodem fielmente aos officios que o Supremo Senhor lhes distribuiu no principio de sua creação, persevera em sua conta a republica da natureza e a machina do universo.

Bem disse Elredo, que metter-se o sacerdote nos negocios seculares, e o rei nos espirituaes, sería o mesmo que o sol e a lua trocarem os officios, presidindo o sol á noite e a lua ao dia. P. Manuel Bernardes.



Terceira vista do Fayal, d'onde se descobre o lado occidental da ilha do Pico

ILHA DO FAYAL — HORTA

ILHA DO PICO

(Vid. pag. 116)

Tem a cidade da Horta brazão d'armas, que lhe foi concedido ha pouco mais de tres annos.

É um escudo esquartelado, tendo no primeiro quartel, em campo de prata, as quinas de Portugal; no segundo, em campo azul, o busto de prata de sua magestade imperial o sr. D. Pedro IV, e no contrachefe a coroa e sceptro de oiro, allusivos ao facto da sua abdicação; no terceiro, em campo azul, um livro de prata, tendo escripta em letras azues a data de 29 de abril de 1826, em allusão á Carta Constitucional da monarchia; e no quarto, em campo de purpura, um castello de prata, e, poisado sobre elle, um açor tambem de prata. Orla azul com a legenda em letras de oiro: «D. Luiz I á muito leal cidade da Horta»; coroa ducal; e por timbre um braço de prata armado de uma espada do mesmo metal.

A gravura publicada em a caderneta passada [1] é mais uma prova do que asseverámos da belleza d'aquella cidade. A vasta bahia, a extensa ponta de Espalamaca, o forte Novo, a torre do relogio, o caes e os numerosos edificios que o continuam pela terra dentro, sombreados por muitas e mui varias arvores, formam um agradabilissimo conjunto.

Se os olhos, porém, se aprazem de contemplar aquelle panorama, onde tudo está indicando vida, movimento, trafego commercial, não menos se deleitarão detendo-se um pouquinho a ver a estampa que acompanha este artigo, a qual representa a notavel ilha do Pico, do lado occidental.

Como não bastem o desenho e o buril para patentearem todas as naturaes maravilhas que encerra aquella notavel porção do archipelago açoriano, indical-as-hemos aqui muito em resumo aos que as não conhecerem, valendo-nos principalmente da obra, mais de uma vez citada, do bom padre Cordeiro.

Surge a ilha do Pico a meia legoa da ilha do Fayal.

A historia do seu descobrimento está envolvida em trevas, que já agora difficilmente se dissiparão. Entre as conjecturas, mais ou menos admissiveis, que se encontram nos auctores que d'este ponto se occuparam, existe uma graciosa e pueril, que attribue a gloria da descoberta á Virgem Maria.

Expol-a-hemos para consolação de almas piedosas e dos que amam o maravilhoso.

Principiada a arrotear a ilha do Fayal pelos primeiros descobridores da Terceira e S. Jorge, foi-se a viver alli vida solitaria um ermitão. No estio, os que iam ao Fayal, a ver as fazendas que por lá tinham, procuravam o eremita, deleitavam-se de praticar com elle, e muito provavelmente recommendavam ás suas orações os campos e armentios, que bem desejariam que o demo lhes não prejudicasse. Um bello dia, dirigindo-se alguns ao retiro do contemplativo, não o encontraram, mas, com grande pasmo, foram topar com elle construindo um barquinho todo forrado de coiro pela parte de fóra.

Cresceu-lhes a curiosidade de saberem para que era tão singela embarcação e perguntaram-lh'o.

Respondeu o servo de Deus que era para se ir á visinha ilha do Pico, d'onde lhe apparecia uma mulher vestida de branco, que o chamava e lhe dizia (certamente por acenos) que se fosse para ella; e que, por lhe parecer que era a Virgem Senhora, determinára passar lá, quando outra vez o chamasse.

Quizeram os que ouviram o penitente dissuadil-o do seu intento; mas elle, sem dar-lhes ouvidos, foi continuando a sua obra, e, concluida, metteu-se ao mar, e nunca mais foi visto nem achado, fazendo o demonio (assim o affirma o chronista), com capa de

[1] Vid. pag. 117 d'este volume.

santidade, morrer aquelle santo ermitão, e sumindo a barcasinha, que com tanta fadiga construira.

Esta é a lenda, que bem dispensa commentarios.

Antonio Cordeiro, que a relata, accrescenta n'outra parte as seguintes palavras, que revelam a simpleza do seu espirito, e são um bom specimen da maneira por que se escrevia muitas vezes a historia, nos tempos felizes em que a crença religiosa fazia esquecer os preceitos da philosophia e subjugava completamente a razão.

«...E assim parece que aquelles mareantes portuguezes, que da Terceira iam ás ilhas de S. Jorge e Graciosa, primeiro descobertas, esses descobrindo primeiro a do Fayal, descobriram a do Pico ao depois: se não quizermos considerar, que pois aquelle ermitão, morador em o Fayal, julgou ver a Virgem Senhora nossa da parte da ilha do Pico, e que o chamava para lá, a Virgem Senhora foi a descobridora d'esta ilha, por meio d'aquelle santo ermitão, que só no seu batel foi para o Pico e não se soube mais d'elle; e se isto assim é, *como parece*, a Santissima Virgem Mãe de Deus foi a primeira descobridora da ilha do Pico, e o descobridor segundo foi, por meio da Senhora, aquelle devoto ermitão; e não podêmos descobrir mais divino invento a esta ilha.»

Ponhamos aqui termo ás citações de conjecturas e de piedosas lendas, para dizermos o que mais importa saber-se da ilha de que nos occupâmos.

É a ilha do Pico a maior do archipelago de que faz parte. Dão-lhe uns de comprimento dezeseis e outros dezoito legoas, e de largura quatro ou cinco.

Dista uma legoa do Fayal, tres de S. Jorge, onze da Graciosa, doze da Terceira, trinta e duas de S. Miguel, trinta e nove das Flores, quarenta do Corvo e quarenta e sete de Santa Maria.

O seu maior comprimento é de léste a oéste, desde a ponta do Calháo Gordo até ao porto da Magdalena; e a sua maxima largura de sul a norte, desde a villa das Lages até á villa de S. Roque.

A quasi totalidade das povoações é na orla da ilha.

Partindo do Calháo Gordo, assim chamado pela grandeza das penedias que alli surgem, para o poente, pelo sul, encontram-se: primeiro o porto denominado Calheta de Nasquim; a distancia de um quarto de legoa surge um rochedo, que se estende em ponta para o mar; pouco mais adiante levanta-se a Doirada, penedia que ou as aguas ou algum phenomeno volcanico abriram pelo meio, e de cuja quebrada se desencadeiam violentos vendavaes, que revoltam as ondas e põem medo ao navegante, que não raro alli padece naufragio; adiante mais demoram o porto de Santa Cruz e o logar de Santa Barbara.

Corrida uma legoa, abre-se o primeiro porto da villa das Lages, tão perigoso e difficil para os que o demandam, que só em mezes de verão a elle concorrem. Além d'este, tem a villa mais dois, um proximo do primeiro, outro distante legoa e meia, pouco mais ou menos, a que chamam Ponta do Moiro, ambos elles seguros e frequentados.

Seguindo, encontram-se: a bahia do Galeão; legoa e meia adiante outro pequeno e bom porto; e d'alli a meia legoa o porto da Magdalena, que é fronteiro ao Fayal e o que mais proximo fica d'aquella ilha. A pouca distancia do porto e villa da Magdalena ha dois pequenos ilhéos.

Chegando ao poente, que é aqui, e voltando do sul para o norte, deparam-se-nos os seguintes logares dignos de menção: a ponta Pequena, ou Furna de Santo Antonio, que fórma para o interior espaçosa enseada; d'alli a meia legoa o caes do Norte, ou de S. Roque, por estar no districto da villa de S. Roque; mais meia legoa para diante, no fundo de uma enseada, a villa de S. Roque; a uma legoa da villa, no sitio chamado a Prainha do Norte, o caes de S. Roque; a encumeada de Santo Amaro, para além da qual, coisa de uma legoa, se levanta a mais alta rocha da ilha, até á Ribeirinha ou Prainha, que está em um porto, tendo defronte e mui proximo um ilhéo, ao qual se póde ir a nado; a um quarto de legoa um poço de agua salobra; e, finalmente, a ponta do Calháo Gordo, d'onde partimos para esta digressão, feita segundo o roteiro do auctor da *Historia insulana*.

As duas villas mais importantes do Pico são a das Lages, que é a capital, situada na costa de sueste; e a de S. Roque, na costa do norte.

Á primeira dava o padre Antonio Cordeiro duzentos habitantes juntos e muitos mais espalhados. Um auctor moderno, que temos presente, dá á villa das Lages tres mil habitantes e ao concelho mais de doze mil.

Encarecem alguns escriptores a salubridade do clima do Pico, chegando um, repetidas vezes citado n'estes artigos, a dizer que d'aquella ilha o melhor medico é o seu clima.

A pressa com que temos de escrever estes artigos obsta a que possamos indagar o que ha de verdadeiro a este respeito na actualidade.

Não é, porém, coisa para espantar que os habitantes do Pico, pelos seus habitos e pelas condições em que vivem, gozem mais saude que os povos de outras localidades.

Escasseiam no Pico mananciaes de agua potavel; mas a esta falta occorreu a Providencia formando em muitas partes cavernas ou tanques de pedra viva, onde as aguas pluviaes se congregam e permanecem defendidas de impurezas, que de fóra lhes podessem ir alterar a pureza, por meio de abobadas da mesma pedra de que são os depositos, e como aquelles feitas pela natureza.

É o solo da ilha volcanico, e como tal pedregoso, escalvado e apparentemente esteril; e, comtudo, é aquelle abençoado torrão fertilissimo, desentranha em optimos fructos, que, segundo a opinião geral, excedem em bondade aos de todas as outras ilhas, e cria abundantes gados.

A todas as producções d'aquella terra levam reconhecida vantagem os seus vinhos e as madeiras, principalmente do cedro e teixo.

Dos vinhos se exportavam annualmente avultadissimas porções. Diz fr. Francisco dos Prazeres Maranhão que o Pico produz por anno de oito a dez mil pipas de vinho. Achâmos, porém, no *Panorama* computada esta producção em vinte a trinta mil pipas [1].

Não podêmos resistir ao desejo de transcrever para aqui a apreciação que do vinho do Pico, a que chamam vinho passado, fez um escriptor grave [2].

Eil-a:

«É tão generoso e tão forte, que em nada cede ao que em a Madeira chamam malvasia; antes parece que a esta vence aquelle; porque da malvasia pouca quantidade basta para alienar um homem de seu juizo, e não se accommoda tanto á saude; porém o vinho passado do Pico emprega-se mais em gastar os maus humores, confortar o estomago, alegrar o coração, e avivar e não fazer perder o juizo e uso da razão; e, além de ser suavissimo no gosto, é muito confortativo, ainda só com o cheiro; e por isso é muito estimado; e vale muito mais que o outro vinho da mesma ilha, com ser todo precioso.»

Esqueceu-se o bom do Fructuoso de mencionar uma qualidade d'aquelle nectar, que é fazer crescer agua na bocca de quem lê taes elogios e ainda não póde com elle alegrar o coração.

(Continúa) SOUSA TELLES.

[1] *Panorama*, vol. IV, pag. 42.
[2] Fructuoso, liv. VI, cap. XLI.

UM INVENTO PORTUGUEZ

(Conclusão. Vid. pag. 139).

IV

Seria mui instructiva, se a conhecessemos, toda a correspondencia d'estes dois sabios. Documentos estimaveis considerâmos, ainda assim, as duas cartas, porque nos ministram inducções curiosas relativas á politica do tempo e á reforma do ensino das sciencias naturaes, e provam a prioridade de um invento util á humanidade, e glorioso para a nação portugueza.

Descrevem os biographos o dr. Ribeiro Sanches como um homem pusillanime, attribuindo a este caracter a sua resolução de abandonar os cargos e honras que lograva na corte da Russia, para fugir ás luctas politicas, de que então era theatro. Foi ainda este caracter, e a dolorosa experiencia, que havia adquirido, das incessantes perseguições do santo officio, que o obrigaram a viver arredado dos seus e longe da patria.

É certo que em Paris, onde não chegavam as garras de seus inimigos, e em relações benevolas com o ministro, que ousára diminuir-lhes a auctoridade e cercear-lhes as attribuições, poderia soltar sequer algumas queixas contra as suas demasias; e, todavia, não só as não soltava, mas, referindo-se á inquisição de um paiz estranho, guardava certo comedimento, como receiando que alguma palavra indiscreta ferisse a susceptibilidade dos inquisidores castelhanos.

Em um *post scripta*, como simples curiosidade que não merecia inserir-se no corpo da carta, é que se aventura a perguntar: *Que casta de gente se prende pela inquisição em Castella? São Deistas, Atheistas, Judeos, Mouros, Calvinistas, ou Feyticeiros?*

E, sem se atrever a expor a singular impressão que lhe causava a noticia d'estes acontecimentos, soccorre-se, para de algum modo os conceituar, á opinião publica de Paris: *Aqui essas prizoens fazem estrondo, e pasmo.*

Parece-nos que muito de proposito enumera as qualificações das victimas ordinarias do tribunal de fé; deixa-nos entrever a repugnancia que deveria causar a uma intelligencia tão esclarecida tamanha diversidade de motivos para perseguições religiosas.

Del-rei D. José falla com respeito, e do ministerio com precato, que o não embarga, todavia, de dizer que alguns dos seus amigos estão *arrufados*, ou *baralhados;* admira, mas não estranha, a escassez das noticias da corte.

Cessa toda a circumspecção do dr. Ribeiro Sanches, ao sair dos dominios da politica para os das sciencias; acha-se n'estes muito á sua vontade, solto de todo o constrangimento. Insurge-se por isso desassombradamente contra o methodo de ensino professado nas congregações religiosas de Hespanha (em Portugal já a esse tempo se achava proscripto); fulmina sem dó nem compaixão os thomistas, scotistas, reaes, nominaes e integraes. Não podia ver com indifferença aquelle alto entendimento estas nescias aberrações do verdadeiro methodo de ensino das sciencias naturaes, e por isso em termos sarcasticos pergunta: *Quando acabará tanta parvoice fradesca?*

Póde, em verdade, expressar-se por esta fórma o eminente philosopho, que em uma de suas obras

«Combate os erros, as prevenções desarma,
E os vãos fantasmas, illusões antigas,
Que nas escólas barbaras reinavão,
Para os Cimerios montes affugenta:
Novas vias ensina, que endireitão
Com mór certeza aos penetraes sagrados
Das fysicas verdades recatadas [1].»

Se os frades, sectarios ferrenhos do antigo systema, podessem punir o invectivador, cremos que o não poupariam a severo castigo, mórmente sendo, como era, de origem hebréa. E não parecerá temerario o asserto a quem tiver conhecimento da vehemencia das paixões, do enthusiasmo e ardimento com que se combateram n'essa epocha as innovações que os reformadores pretenderam introduzir nos methodos de ensino adoptados na peninsula.

[1] *Poesias* de Elpino Duriense, tomo I, pag. 270.

V

Roubaram as sciencias naturaes, se não todo o tempo da vida, a maior parte d'elle, ao padre Theodoro de Almeida; cultivou-as com rara predilecção e desvelo, devendo-se-lhe, incontestavelmente, a creação e desenvolvimento do gosto com que a ellas se applicaram muitos membros da nossa aristocracia e varios individuos das congregações monasticas.

Acompanhou-o para França este amor pelas sciencias, e á conta d'elle se resolveu a abrir em Bayona um curso publico, ao qual concorreram muitos mancebos ingenuos.

Póde attribuir-se a paixão pelos estudos physicos a tarefa, que se impoz, de construir barometros e thermometros. Era, em verdade, para o eximio naturalista entretenimento gostoso a philosophia experimental; folgava de trabalhar com as machinas em presença dos alumnos, demonstrando praticamente as verdades então reconhecidas em sciencias naturaes.

Quer-nos, todavia, parecer que não só o amor pelos estudos physicos, mas necessidade de grangear meios de subsistencia por este genero de trabalho, o obrigaram á construcção d'aquelles instrumentos; porque, para não perecer de fome, já o havia levado a sua desventura a mendigar em Tuy.

Outro celebre portuguez, philosopho como o padre Theodoro, mas de maior tomo, Bento Spinosa, tambem trabalhou por suas mãos para se sustentar, polindo vidros para telescopios e microscopios.

Com tamanha aptidão para a mecanica, seria facil ao nosso congregado representar em madeira os objectos figurados nos mappas. Sentimos intimo e ineffavel prazer ao notar esta feliz coincidencia: deve-se a um distincto engenho portuguez a invenção das cartas geographicas; pertence a outro famoso engenho portuguez a idéa de representar em relevo os objectos n'ellas gravados.

Occorreu naturalmente ao dr. Ribeiro Sanches o proveito que do novo invento poderia tirar a educação dos cegos. É certo que dez annos depois, em 1784, Valentim Haüy, irmão do celebre mineralogista do mesmo appellido, fundava em Paris um asylo de cegos, estabelecendo sobre a idéa do philosopho portuguez o methodo de os instruir.

Attribue mr. Bouillet a Haüy a concepção d'esta idéa, isto é, a substituição dos signaes visiveis por signaes em relevo [1]; cremos, porém, que de hoje em diante ninguem ousará contestar a prioridade do invento portuguez.

Dilata-se-nos ainda suavemente o peito ao recordarmo-nos que dois nossos compatriotas se empenharam em tempos differentes, e por meios diversos, em promover a educação dos surdos-mudos e dos cegos: referimo-nos a Jacob Rodrigues Pereira e ao padre Theodoro de Almeida.

Para o allivio de duas das maiores desgraças que podem affligir a misera humanidade, a privação da vista e a da palavra, concorreram estes dois varões generosos, ambos nascidos, como diz Ribeiro dos Santos,

«Para dar alto nome á clara Lysia [2].»

F. A. Rodrigues de Gusmão.

[1] *Dictionnaire universel des sciences, des lettres et des arts — Art. Aveugle.*
[2] A Almeno em louvor dos nossos grandes philosophos — *Jornal de Coimbra*, n.º XXVI, parte II.

ABDUL-AZIZ, SULTÃO DA TURQUIA

(Conclusão. Vid. pag. 135)

V

Mas qual é o motivo da politica adoptada pela Europa, que cifra na existencia d'esse imperio hybrido a segurança e a tranquillidade do Occidente; que permitte e garante a oppressão de populações nossas irmãs pelo christianismo, pela raça, pelas tendencias civilisadoras; politica incomprehensivel que no seculo XIX impõe a raças intelligentes, ricas das mais velhas tradições litterarias do mundo, o dominio de uma raça analphabeta, que, apesar de todos os seus recentes desejos de acolher a civilisação européa, ainda não conseguiu (insistimos n'este facto porque é elle o caracteristico mais evidente da incapacidade de um povo), ainda não conseguiu ter uma sombra, um vestigio, um vago reflexo de litteratura?

A razão, dizem os politicos, é a necessidade de oppor uma barreira á ambição da Russia, é a necessidade de não consentir que esteja Constantinopla, a chave do Mediterraneo, nas mãos do descendente de Catharina.

Mas esse systema é, pelo contrario, o mais proprio para favorecer a ambição moscowita. Podia ella estacar diante de duas coisas, ou diante de uma força, ou diante de um principio. A Turquia já não é uma força, e não será nunca um principio; é um phantasma diplomatico, é uma cortina transparente por traz da qual se divisam as bayonetas francezas e as esquadras britannicas. Ora esse phantasma seria uma inutilidade se não fosse um perigo. Da mesma fórma que um congresso europeu póde proclamar que a unica razão de ser do imperio turco é a garantia da tranquillidade occidental, tambem podia proclamar que, para que essa garantia existisse, era necessario que Constantinopla estivesse directamente nas mãos das grandes potencias européas. D'esta fórma é a Turquia uma inutilidade; mas nós julgámos demonstrar que é mais, que é um perigo. Essa fortaleza, padrasto do Occidente contra as tentativas invasoras da Moscowia, assenta sobre um paiol de polvora: as nacionalidades christãs comprimidas. A Russia, comprehendendo o seu papel como o vae comprehendendo agora, não precisa mover um soldado para fazer voar pelos ares a fortaleza; basta que de S. Petersburgo inflamme a polvora preparada. O panslavismo é o rastilho.

Mas que desgraçada mania é esta dos diplomatas de quererem forçar a natureza das coisas, quando, se deixarem operar as leis providenciaes, encontrarão n'ellas uma garantia mil vezes mais segura para a tranquillidade européa? Que monstruosa contradicção é esta que, ao passo que defende contra a Russia a integridade do imperio ottomano, lhe entrega, palpitante e dilacerada, a infeliz Polonia? Não parece que a intenção unica dos diplomatas é defenderem a oppressão onde quer que a encontram? Vêem no Oriente calcada aos pés a nacionalidade grega, e comprimem-n'a ainda mais por causa da ambição russiana, e essa ambição deixa de os assustar logo que se manifesta ao norte tripudiando sobre o cadaver da Polonia assassinada? A Polonia, nação essencialmente européa, por tanto tempo nosso baluarte contra as invasões das hordas asiaticas, derramou o seu sangue para preservar o Occidente por um lado da irrupção d'esses tartaros que tomaram o nome de russos [1], por outro lado da irrupção d'esses outros tartaros que se chamam turcos; suspendendo aquelles no seculo XIII pela victoria de Lignitz [2], a estes no seculo XVII pela victoria de Vienna [3], e a Europa, que lhe deve a existencia, que duas vezes lhe deveu a preservação da arca civilisadora, deixa-a succumbir miseravelmente, e colloca-se... de que lado? Exactamente do lado d'esses tartaros que a Polonia tão briosamente repelliu. É complice franca ou tacita das atrocidades da Russia, e é protectora da Turquia contra os povos christãos que ella esmaga.

E, comtudo, que melhores barreiras se podiam oppor á Russia do que essas duas fortes nacionalidades, a nacionalidade slava e a nacionalidade hellenica; a nacionalidade slava agrupada em torno da Polonia, que é o seu nucleo legitimo; a nacionalidade hellenica dominante em Constantinopla, que lhe pertence pelas tradições e pelas aspirações da classe intelligente que a povôa? Receiam que a influencia russiana prepondere então mais do que prepondera agora? Por quê? Não ha pontos de contacto alguns entre gregos e russos. A religião? Em plena edade média não bastava ella aqui na peninsula hispanica para adormecer as rivalidades mutuas dos povos christãos, e no seculo XIX é que havia servir de laço a duas nações naturalmente inimigas? Mas, pelo contrario, era mais um motivo de separação. O czar russiano assumiu a supremacia religiosa no seu imperio, e o patriarcha grego de Constantinopla podia resignar-se a curvar a tiara de S. João Chrisostomo diante da coroa profana do descendente de um barbaro?

Sim, essa preponderancia é para temer, mas com a politica actual; se a Grecia tem definitivamente de considerar como inimigas as nações occidentaes, então é natural, é legitimo que se lance nos braços da Russia, que lhe offerece a liberdade, e que responda á indifferença do Occidente com uma inimizade que será temivel quando Stambul for outra vez Byzancio, e quando por traz do monarcha hellenico estiver exercendo sobre elle uma preponderancia, que a diplomacia occidental perde o direito de lhe disputar, o autocrata de todas as Russias.

E a nacionalidade grega ha de irromper, porque a natureza das coisas destroe os calculos vãos da diplomacia. A força e a oppressão de quatro seculos não conseguiram domal-a; não conseguirá domal-a tambem a politica habil que Abdul-Aziz pretende seguir. De certo que não podêmos deixar de louvar o sultão pela firme vontade que mostra de seguir um caminho tão diverso do dos seus antecessores; não podêmos deixar de applaudir a confiança com que procura na civilisação européa os meios de consolidar pela brandura o seu imperio vacillante; mas, ainda que leve as suas concessões ao extremo, não conseguirá dominar os acontecimentos. É sina fatal em politica expiarem os innocentes os erros dos antepassados. O abysmo cavado pelos alfanges brutaes dos Amuraths, Solimões e Selins não conseguirá cerral-o a administração prudente e benevola do actual soberano. A idéa da liberdade e da independencia lavra com força irresistivel nas provincias gregas, e não se contentará senão com o recobramento da sua autonomia. Tudo o mais é um sophisma similhante ao de Emilio de Girardin: «A Polonia livre na Russia livre», principio que os polacos repelliram com força. A Polonia não quer concessões, não quer transigencias; quer a emancipação a que tem direito, a separação completa, o reconhecimento da sua velha nacionalidade. Assim tambem a brandura que a administração musulmana emprega actualmente com os gregos, as amnistias que promette, não poderão acalmar a sêde inextinguivel de liberdade que os devora; á benevolencia dos turcos preferem a sorte incerta que os espera na Grecia; familias inteiras fogem de Candia, e vão para o exilio, exilio que abençoam porque é a volta para a sua patria ideal, a Hellade, esquivar-se ao perdão dos ottomanos como se esquivariam ao castigo.

Abdul-Aziz, cedendo aos impulsos do seu generoso coração e aos conselhos da sua intelligencia cultivada

[1] *Grattez le russe, vous trouverez le tartare*, dizia Napoleão I.
[2] 1231.
[3] Ganha pelo cavalheiresco rei João Sobieski.

pelo contacto com a Europa, respeita escrupulosamente os direitos do homem, mas a sua existencia mesma no solio de Byzancio é a postergação audaciosa de outros direitos não menos elevados: os direitos dos povos.

M. Pinheiro Chagas.

O PAIZ DOS MENSA, EM A NUBIA

I

Desde os mais remotos tempos tem sido a Africa objecto de numerosas explorações. Modernamente, o desejo de devassar regiões em grande parte ainda não atravessadas pelos viajantes, e o empenho de achar a solução de alguns problemas, que ha seculos desafiam a curiosidade dos geographos e dos historiadores, tem levado a esta parte do mundo exploradores audazes, que, a troco muitas vezes da propria vida, vão pouco a pouco preenchendo as immensas lacunas que no principio d'este seculo os mappas accusavam.

E, não obstante a serie quasi não interrompida de viagens e de explorações, a Africa é ainda uma das regiões relativamente menos conhecidas. É que para devassal-a torna-se necessario caminhar por immensos desertos, atravessar terrenos aridos e escassamente banhados de rios, e poder fugir á ferocidade dos homens e dos animaes.

Se exceptuarmos a região que banha o Mediterraneo, a qual acompanhou quasi sempre no seu desenvolvimento o mundo historico, legando por vezes á posteridade paginas que o volver dos seculos não será capaz de apagar, o resto do continente africano, embora nem todo completamente desconhecido, póde dizer-se que permaneceu envolto em denso nevoeiro até ao começo do seculo XV.



Typos masculinos dos habitantes do paiz dos Mensa

Estava destinada a um pequeno povo a gloria de penetrar, talvez o primeiro, essa immensa cerração, e de emprehender, guiado por um principe, cujo nome é, não a gloria de uma nação, mas a da humanidade, as ousadas navegações que haviam de patentear ao mundo riquezas e regiões até então desconhecidas.

Podem hoje as nações mais dianteiras na estrada do progresso pleitear preferencias sobre qual mais se avantaje no empenho de desbravar, para a sciencia e para a civilisação, os immensos tractos de terreno do interior da região africana; mas não lhes será possivel apagar as paginas da historia em que se relatam as navegações e os descobrimentos dos portuguezes, e difficil mesmo se tornará a muitos dos seus exploradores pôrem pé em região onde não chegasse muito antes algum filho d'esta hoje tão malaventurada terra de Portugal.

Não era pouco já para gloria de um pequeno povo o ter levado a cabo a empreza, então por muitos julgada impossivel, de encontrar um novo caminho para a India, dobrando a Africa; estava reservado ao nome portuguez engrandecer-se por outros emprehendimentos não menos dignos de lhe conquistar o eterno reconhecimento da posteridade.

A colonisação das costas meridionaes, e as explorações de algumas das regiões de Africa, são titulos tanto ou mais dignos de admiração, do que os anteriores descobrimentos.

E hoje importa mais que nunca não olvidar similhantes titulos de gloria, para que de não protestarmos contra o esquecimento a que parece quererem condemnar-nos os que mais agora tem a peito a exploração da Africa, se não infira que de boamente concordâmos na expoliação, ou reconhecemos que estavamos em erro julgando-nos os primeiros europeus que haviam penetrado em muitos pontos d'esta parte do mundo.

Uma das regiões que mais attrahem actualmente os exploradores francezes e inglezes foi para os portuguezes, ha alguns seculos, objecto de notaveis investigações. Referimo-nos ao vasto tracto de terreno comprehendido entre o mar Vermelho e o centro da Africa.

Ao mesmo tempo quasi que dobravam o cabo da Boa Esperança, tratavam os portuguezes de explorar a Abyssinia. O que valeram essas explorações ahi estão a dizel-o as relações das viagens de Francisco Alvares, de Jeronymo Lobo, de João dos Santos e de outros, que são hoje outros tantos testimunhos e protestos contra as usurpações que á nossa gloria fazem

exploradores, ousados por certo, mas menos dignos de admiração do que se crê, porque tem seguido, embora procurem escondel-o, pelo caminho que os portuguezes lhes deixaram assignalado.

É ao lado d'essa região tão conhecida dos portuguezes, a Abyssinia, que demora um paiz, que, embora tenha uma feição muito similhante á dos que lhe ficam visinhos, e que foram visitados pelos portuguezes, só modernamente tem sido estudado pelos viajantes. Referimo-nos ao paiz dos Mensa.

(Continúa) T. DE C.

GELLERT

(Conclusão. Vid. pag. 143)

Estando no campo hospedado em casa de uma fidalga, sua admiradora, Gellert escreveu estas linhas:

«Occupo um quarto que dá de um lado para o pateo, e do outro para o jardim e para o campo. Ordinariamente, ás seis horas da manhã estou á janella, e contemplo com vistas insaciaveis os jardins e o campo que a natureza amarelleceu. A vasta extensão do ceo, de que na cidade não temos perfeita idéa, é sempre espectaculo novo para mim. Ahi fico em pé mais de meia hora a contemplar e a meditar.

«Após tão deliciosos instantes, e inebriado pelos perfumes da manhã, abro a porta para que entre algum criado; mas não tenho a felicidade de que me sirva só um. Não, senhor, entram logo tres ao mesmo tempo, correndo até junto de mim, sem tomar o folego, para que lhes dê as minhas ordens; se prefiro um, os outros mostram-se descontentes; por isso, não tenho remedio senão deixar-me vestir e enfeitar por elles. Em quanto dura esta operação, entram tambem cinco ou seis cães domesticos, uns galgos, com os quaes converso um pouco, porque estou certo de que não me responderão...

«Chega então o café; tomo um livro e apresento um certo ar de importancia, e de repente os criados deixam-me sósinho. Os auctores que me acompanharam foram Terencio, Horacio e Gresset. Quando estou no campo é que eu encontro n'estes poetas mais bellezas que na cidade. Não se admire. A natureza, que lhes inspirou os cantos, torna-se aqui sua interprete; explica-os, não digo mais esplendidamente, quando menos por modo mais agradavel e claro que os commentadores mais auctorisados. A descripção de uma bella paizagem, o quadro da innocencia e da solidão na vida campestre, me encantam duplamente quando os comparo com a natureza. E até as outras bellezas dos poetas me impressionam mais no campo que no meio do ruido da cidade; porque, graças aos encantos da vida campestre, o meu espirito é mais vivo e o meu gosto mais delicado. Esta manhã deparou-se-me uma peça de Terencio; quiz lêl-a, mas não pude ir além da segunda scena, porque me enlevára a simplicidade do auctor.»

Foi perturbada tão suave quietação por mui graves successos. Rebentára a guerra dos sete annos (1756); a Saxonia fôra invadida pelos exercitos de Frederico II. Os poetas deviam despedir-se da poesia, e os sabios de suas tranquillas elucubrações.

As desgraças da Saxonia serviram, comtudo, para tornar mais subidos os quilates de patriotismo e da grandeza de animo de alguns escriptores allemães, e, entre outros, Rabener e Gellert, os dois intimos. Ha muitas cartas suas d'aquella epocha, as quaes se notam não só pelo estilo, mas tambem pelas idéas generosas.

Rabener sabe que o rei da Prussia quer vêl-o; o marquez d'Argens offereceu-se para o apresentar; Rabener recusou-se á apresentação, dizendo:

— Pois então um francez é que deve, no centro da Allemanha, apresentar um escriptor allemão a um rei allemão?

Quando Rabener mostrava desgosto pela posição em que se achava Gellert, este respondia:

— Ó meu amigo, meu bom Rabener, pergunta-me se eu tenho recebido a pensão; não, senhor, não me tem sido paga. Até mui serenamente metti no fundo da gaveta a quitação que me enviaram, com o que não me alvorocei. Se eu podesse dar paz e prosperidade á minha patria com o sacrificio dos cem escudos, eu, que nada mais tinha quando me inhabilitasse para o trabalho, fal-o-hia com grandissimo prazer!...

Taes rigores, porém, com respeito a Gellert, não duraram por muito tempo. A invasão prussiana veiu, pelo contrario, provar a estima e a consideração que o poeta gozava na Allemanha. Apreciavam n'elle não só o fabulista, mas tambem o moralista e o homem esclarecido, o auctor dos *Canticos*, onde se respira tão profundo sentimento religioso, e das *Lições de moral*, onde se patenteia e defende a virtude com tão intima convicção.

Haynichen, cidade natal do insigne poeta, não foi incluida para os aboletamentos militares, e os prussianos diziam-n'o que era em attenção á pessoa e aos escriptos de Gellert. Os officiaes prussianos, generaes e principes, iam ás vezes á universidade para assistir ás lições que o poeta popular dava ácerca de litteratura ou de moral, e alli eram seguidos por mais de quatrocentos ouvintes.

Um d'estes officiaes disse que desejava avistar-se com Gellert, porque lhe era devedor.

— Devedor! por quê? perguntou admirado o poeta.

— Porque as suas obras fizeram-me conhecer e amar a virtude. E em seguida quiz offerecer-lhe um brinde.

— Obrigado! respondeu Gellert, recusando-se. Já é um sentimento delicioso saber que foi possivel tornar melhor um de meus similhantes!

Entrou-lhe em casa, em outro dia, sem a maior ceremonia, um tenente de hussares, armado de ponto em branco, enlameado, de chicote em punho e modos bruscos:

— Fallo com o sr. professor Gellert, o celebre fazedor de livros?... Então como tem podido escrever tanta coisa boa? Gosto do que o senhor escreve... não está mais na minha mão... O sr. Gellert não ha de ser rico... Queira, pois, acceitar esta bolsa. Era de um coronel russo, a quem fiz o favor de abrir de meio a meio, com a minha espada, na batalha de Zorndorf... Não a quer?... Então aqui tem estas pistolas... são de bom auctor... ou o meu chicote.

Gellert levando, porém, o official á bibliotheca, disse-lhe simplesmente, apontando para os livros:

— As armas de um escriptor são estas, não temos outras.

O poeta quiz tambem mostrar a sua generosidade, e offereceu ao brusco hospede um exemplar das *Consolações para uma vida enferma*.

— Acceito e agradeço! disse o official de hussares. Servir-me-ha para quando seja mutilado pelos russos, ou para quando, por effeito das campanhas, não possa mover pé nem mão.

Ás vezes até algum sargento, doente ou ferido, que voltava aos lares com a baixa, torcia muitas legoas para conhecer Gellert, cujas obras lêra no hospital.

Frederico II tambem quiz ver e conhecer Gellert. O rei avistou-se, effectivamente, com o poeta. A conversação foi demorada e variada. Trataram de sciencia e de litteratura. Frederico II affirmava que a lingua allemã estava barbara e dura, e accrescentava:

— Por que é que os escriptores allemães não se recommendam, como os francezes, por boas obras?

— É mister que haja tranquillidade, respondeu Gellert. Se eu fosse rei da Prussia, por certo que a paz não tardaria muito!

— Acaso depende só de mim? São tres contra um.

Em seguida, o grande Frederico perguntou-lhe se sabia de cór alguma das suas fabulas.

— Não, senhor.

— Veja então se se recorda. No entanto darei algumas voltas no quarto.

Gellert lembrou-se da fabula intitulada *O pintor*, que termina o primeiro livro dos seus apologos, e recitou-a. É esta:

O PINTOR

«Um pintor de Athenas, homem esclarecido, que trabalhava antes para ganhar fama e gloria, do que para ganhar dinheiro, mostrou um dia a entendedor um quadro em que representára o deus Marte, e pediu-lhe parecer. O entendedor disse-lhe francamente que não lhe agradava o quadro, porque se notava n'elle esforço da arte. O pintor oppoz-lhe mil objecções. O critico refutou-as, mas baldadamente. No meio d'esta controversia, entrou um pobre nescio, que foi observar a obra do artista com certa importancia:

« — Bravo! exclamou á primeira vista. É uma obra prima! Que belleza! Que pé! Como as unhas estão habilmente representadas! Marte parece vivo n'este quadro! Que arte, que esplendor no capacete, no escudo, em toda a armadura!

«O pintor, enleiado, olhou piedosamente para o critico e disse-lhe:

« — Estou convencido. E vejo agora que não foi demasiadamente severo.

«E, assim que o nescio saiu, o artista passou o pincel sobre o deus Marte.

«Se algum de vossos escriptos não agrada aos entendedores, é mau signal; porém, se obtiver para logo o elogio dos tolos e dos fatuos, lançae depressa ao fogo a vossa obra.»

— Muito bem, muito bem, disse Frederico II; isso é natural, gracioso e conciso. Não o sabia. Quem o ensinou a escrever assim?

— A natureza, senhor.

— Imitou La Fontaine?

— Não, senhor, sou original, o que não quer dizer que seja bom original.

— Merece bem a fama de que goza.

E voltou-se para um dos ajudantes de campo, que o acompanhára, para elogiar Gellert, que, por modestia, recuára alguns passos.

— Adeus, meu poeta; vá ver-me, disse o rei, despedindo-se; leve as suas *Fabulas* para que lhe oiça algumas.

Descrevendo esta visita ao seu amigo, Gellert dizia-lhe: «Como deve suppor, não fui, meu bom Rabener; o rei não me tornou a mandar chamar; e eu não me esqueço d'estas palavras, que se me afiguram mui sensatas: — Não procures insinuar-te no animo dos reis.»

E depois de taes testimunhos, Gellert tambem podia escrever: «É facil grangear a benevolencia dos homens, quando se faz a diligencia para não ser um escriptor inutil, e quando isso se consegue até certo ponto.»

Frederico II, durante a conversação, perguntára pela saude do poeta, e recommendára-lhe um remedio contra a hypochondria, que infelizmente Gellert padecia havia annos. Ignora-se se Gellert usou o remedio do grande Frederico, mas está averiguado que não melhorou então, porque em 1763 e 1764 entrou nos banhos de Carlsbad, para onde foi tratar da saude, bastante arruinada. A vida e animação que reinavam n'aquella epocha entre os banhistas, a familiaridade em que alli se estava, os encantos que resultavam d'essa familiaridade, foi assumpto de muitas e mui interessantes cartas de Gellert.

Em Carlsbad o poeta conheceu o famoso general austriaco Laudon, que, como é sabido, bateu o grande Frederico em diversas batalhas. O general e Gellert encontravam-se muitas vezes nos seus passeios a cavallo; e porque ambos gostavam dos logares solitarios e fugiam do bulicio do mundo, estreitaram os laços da amizade.

— Quem o vir por aqui tão grave e serio, dizia-lhe um dia o general Laudon, não affirmará, por certo, que o professor Gellert é o mesmo que nos dá livros alegres e divertidos.

— Posso dizer outro tanto do general. Os que o virem tão pacifico e retirado não podem assegurar, certamente, que é o mesmo que ganhou a batalha de... as de... e de... e que tomou a cidade de... em uma só noite.

Os banhos não restabeleceram Gellert. A saude foi-se-lhe enfraquecendo por tal modo, que aos 13 de dezembro de 1769 deu a alma ao Creador.

A Allemanha inteira chorou a morte do seu escriptor popular e predilecto.

No cemiterio da egreja matriz de Leipzig erigiu-se, por meio de subscripção, um mausoléo, tão simples e modesto como o que alli fôra eternamente descançar.

Um antigo livreiro da cidade, intimo e sincero amigo de Gellert, mandou tambem levantar, no jardim da sua casa, em homenagem ao poeta, um monumento, que as pessoas que o tem visto acham digno de louvor pela originalidade com que o esculptor o executou. É um cippo ou columna partida, tendo como remate uma elegante urna sepulchral. No alto da urna estão duas Graças infantis, como orphãsinhas desamparadas, chorando a morte de um pae extremoso. A terceira Graça, na base da mesma urna, como prendendo o medalhão de Gellert e debruçada sobre elle, parece dar-lhe o derradeiro adeus. As Graças infantis symbolisam a innocencia e a pureza dos escriptos de Gellert.

Ultimamente, Haynichen, sua terra natal, erigiu-lhe uma estatua, cuja inauguração se verificou em outubro de 1865. Este monumento foi levantado na praça em que o pae de Gellert plantára uma tilia para commemorar o anniversario natalicio do futuro poeta. A arvore não resistira, porém, aos insultos do tempo. Derrubára-a um tufão. Os compatricios de Gellert, fieis á memoria d'este exemplar varão e egregio escriptor, substituiram aquella fragil lembrança por um monumento mais solido e duradoiro [1].

TEMPLO DO FOGO, EM ATESH-GAH

(Conclusão. Vid. pag. 141)

Exteriormente não apresenta o templo feição alguma architectonica. Simples muros, sem janellas, nem cimalhas, frisos ou qualquer outro ornato, é tudo quanto se vê nas quatro faces do edificio. O interior mostra-o a gravura a pag. 141. Reina ahi a maior singeleza e austeridade. As paredes tem por unico adorno uma coroa de ameias; e se não fôra uma especie de arco triumphal, que se ergue quasi no meio do templo, mais pareceria uma fundição que um logar de devoções.

O arco é egualmente desataviado de ornatos. Da cupula que lhe serve de cobertura, e de quatro como pyras que a cercam, correspondentes aos quatro angulos do arco, saem chammas sempre alimentadas com a mesma intensidade.

O que figura de ameias sobre as paredes do templo são outras tantas pyras, vomitando fogo continuamente. Junto das paredes existem umas construcções, cobertas de abobada á maneira de cupula, cujo interior serve de capellas para certas ceremonias e orações. O resto do pavimento do templo é occupado, pela maior

1 Vid. *Magasin Pittoresque*, tomo XXXV, pag. 305 a 312.

parte, com uma grande variedade de fornalhas, umas circulares, outras quadradas, de quasi um metro de altura, dispostas sem ordem nem symetria, e todas lançando fogo por uma abertura redonda, de pequena dimensão, praticada na parte superior.

A simplicidade que se vê em todo o edificio, interna e externamente, não se deve explicar por pobreza de meios dos fundadores, nem por mingua de talento e invenção do architecto. A seita dos adoradores do fogo é numerosissima. Está espalhada por differentes regiões da Asia; conta no seu gremio tribus poderosas e muitas familias enriquecidas pelo commercio. Considerando como cidade santa Bakou, em razão do phenomeno que referimos, e n'essa qualidade obrigados a ir visital-a em peregrinação, pelo menos uma vez na vida; e sendo o templo de Atesh-Gah o seu principal e mais venerado sanctuario, bem se póde julgar que não se poupariam a sacrificios para o adornar e enriquecer, se a sua crença lhes permittisse taes ostentações.

Quanto ao architecto, bastava a sua qualidade de filho do Oriente para nos convencermos de que só as pêas religiosas lhe coarctariam os vôos de sua imaginação ardente e phantasiosa, como é a de todos os artistas orientaes.

Aquella simplicidade, pois, é um preceito religioso, e acha-se em harmonia com a singeleza dos costumes dos adoradores do fogo. Nos seus templos não deve haver coisa alguma que distráia ou captive a attenção, desviando-a do fogo, objecto unico do seu culto.

Tres sacerdotes apenas tem a seu cargo a conservação do fogo sagrado, o serviço e aceio do templo. Fazem as suas orações prostrados junto de um altar que está debaixo do arco e cupula de que fallámos acima. Ahi tambem cantam os seus hyumnos em louvor do fogo, em tom suave e melodioso.

Permittem a entrada no templo aos viajantes, qualquer que seja a sua religião; e se estes assistem ás suas praticas religiosas, logo que as acabam offerecem-lhes algumas frutas e assucar cande.

Ninguem, nem os proprios sacerdotes, podem approximar-se do fogo que arde n'aquelle altar sem ter a boca tapada com algum lenço ou manta, e as mãos envolvidas em uma alva toalha.

Se acontece apagar-se o fogo, é mister accendel-o immediatamente, ferindo uma pederneira com um fusil de aço, ou esfregando com força um contra o outro dois pedaços de pau bem sêcco, ou fazendo projectar os raios do sol através de um vidro convexo, sobre algum pedaço de panno ou madeira velha. Quaesquer outros processos são rigorosamente prohibidos.

Não são capazes os adoradores do fogo de apagar uma luz com o sôpro. Seria isso uma grande falta de respeito para com a divindade. Deve-se apagar agitando um leque, e se este não se achar á mão, poderá substituir-se por uma toalha bem lavada. Tambem não lhes é permittido extinguir um incendio com agua. Por mais cristallina que seja, entendem que offenderiam com ella ao Creador. O unico meio que a sua crença lhes consente para a extincção de um incendio é abafal-o lançando-lhe terra e pedras.

É defeso aos adoradores do fogo derramar sangue de qualquer animal da creação, e assim tambem alimentarem-se de coisa que padeça morte. Resulta d'este preceito religioso serem de habitos frugaes, e de costumes doces e inoffensivos.

O culto do fogo vem de tão remota antiguidade, que mal se lhe conhece a origem. Abraçaram-n'o muitas nações, diversificando, todavia, nas ceremonias e praticas religiosas.

Os antigos persas e todos os povos do norte da Asia adoraram o fogo como a expressão mais pura da divindade na sua acção continua sobre todos os seres. O sol era, portanto, considerado por todos esses povos como o symbolo do fogo, como o fogo por excellencia, como a verdadeira personificação de Deus. Todas as madrugadas iam assistir ao seu nascimento, para o saudar e adorar; e cada familia, por mais pobre que fosse, tinha no interior de sua casa, em logar recatado, um sanctuario onde conservava uma chamma de fogo sempre bem accesa.

A Grecia e Roma pagãs tributaram tambem ao fogo culto especial. Nos templos de Apollo em Athenas e em Delphos, no de Ceres em Mantinea, nos de Minerva e de Jupiter Ammon, ardia sem cessar uma pyra ante a estatua da divindade. Se, apesar dos desvelos com que os sacerdotes cuidavam da sua conservação, chegava a extinguir-se o fogo por algum caso fortuito, só devia tornar a accender-se no dia seguinte, aos raios do sol nascente. O culto de Vulcano era na Grecia mais particularmente a divinisação do fogo.

Os romanos adoptaram este culto, á imitação dos gregos, e Numa Pompilio fundou um templo de Vesta, e junto d'elle uma casa, onde estabeleceu sacerdotisas encarregadas de alimentarem o fogo sagrado no altar da deusa, e de velarem dia e noite pela sua conservação. Ai da virgem que o deixasse apagar, estando-lhe confiada a guarda d'elle. Severissimas penas puniam sem demora a infeliz; e Roma cobria-se de tristeza e orava contrita, implorando a clemencia dos numes, porque suppunha que a extincção do fogo sagrado nas aras de Vesta era signal evidente de que algum crime manchára a pureza do templo, ou que alguma catastrophe ameaçava a republica.

Quando os hespanhoes conquistaram o Perú, acharam os pacificos peruvianos entregues ao culto do sol, fogo celeste e eterno que allumia e vivifica todos os seres da creação.

Os adoradores do fogo estão presentemente limitados á Asia. Os guebros e os parsis, que habitam na actualidade o Kerman e o Goudjerate, são as principaes tribus que seguem similhante culto, como dissemos em outro logar. Perseguidos pelos mahometanos desde o anno de 665, os parsis viram-se por longos annos proscriptos e dispersos, como os judeus. Encontraram a final protecção sob o dominio da Russia, que os deixa viver em paz no livre exercicio do seu culto. Além do templo de Atesh-Gah, possuem outro em Bombaym, posto que menos concorrido de peregrinos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Adrião Junio viu em Malinas um caroço de cereja, lavrado em fórma de bocetinha, que lhe cabiam dentro, por miudeza da arte, e boa vista, e grande fleima do artifice, quinze pares de dados, todos com todos os seus pontinhos muito bem signalados.

Mais é ainda o que refere o padre Gaspar Escoto, da companhia de Jesus, na dedicatoria do seu livro, intitulado *Technica curiosa*, ao principe João Filippe, arcebispo de Moguncia; onde diz que Allemanha e Italia admiraram este prodigio da arte, a saber: vinte e cinco peçasinhas de artilheria, feitas de pau, com suas carretas e trinta balas; que tudo junto cabia em um grão de pimenta cavado, e de mediano tamanho.

Isto (na supposição de que é verdade) coisa era subtilissima; e só serviria de dar trabalho a quem o fez, e a quem o via em espremer os olhos e conter o folego, para que o trem de artilheria não voasse pelos ares. Porém peior se empregaria o tempo no pateo das comedias, ou na casa do jogo, ou em murmurações e detracções do proximo, ou em compor versos e escrever cartas de assumptos amatorios, ou em curtir paixões de melancolia e de escrupulos.

P. MANUEL BERNARDES.



Bento de Spinosa

I

O desprezado ácinte, e ignoto a muitos,
O frugal Spinosa aqui fulgura.
Errou, que é homem; — mas errou com elle
Toda a eschola Eleatica, e tu mesmo,
Oh Seneca immortal, com elle errasto;
E Campanella, e Bruno, e a nós mais perto
Contradictorio Mirabaud, deliras [1]...
Assim mesmo teu genio absorto admiro,
Oh lusitano hebreu! Nem posso a força
D'alma negar-te, que penetra sombras,
Que rasgar não foi dado á mente humana!
Quantos sabios a penna empunham, quantos
Escriptos contra ti tem visto o mundo!...
Quando attento medito as obras suas,
Não vejo impugnações, só vejo insultos.
Muitos na antiga edade, e na presente
Teu erro assuberbou. No Peripato
Eu vejo o pantheismo, e o vejo n'esse
Que a verdade indagou, que em Deus só via
Como em substancia immensa as cousas todas [2].
Talvez eu sorte egual no Tejo alcanço,
Não penetrando da Sciencia o templo,
Porém no ingenuo dom de ingenuos versos,
Que a si por premio tem, por meta a patria.
Beja te deu teus paes, teu berço o Douro;
Alguma cousa tens commum comigo [3].

J. A. de Macedo — *Newton*, canto II.

Eis aqui um tributo de espontanea e reverente admiração, que ha mais de meio seculo consagrava á memoria do homem verdadeiramente extraordinario, aquelle que em Portugal se propoz celebrar na linguagem das musas as conquistas da philosophia e os trabalhos dos seus adeptos. Porventura era esta a segunda vez que entre nós apparecia commemorado em publico o nome do pensador solitario de Hollanda sem o acompanhamento obrigado das calumnias e dos epithetos injuriosos, com que os detractores da sua doutrina costumavam affrontal-o, infamando-lhe a pessoa e desluzindo-lhe a sabedoria [1].

Considerado como auctor de um systema, que é promiscua e simultaneamente um poderoso esforço, uma das mais vastas concepções da intelligencia humana, e, se assim o querem, exemplo memoravel dos desacertos em que póde perder-se o espirito, quando extraviado pelas especulações abstractas, Spinosa merece a todos os respeitos uma attenção particular. O seu nome e o seu systema chegaram a adquirir nos ultimos tempos importancia e reputação taes, que promettem tornar-se immorredouras. Resurgidos da quasi obscuridade, ou antes, do desprezo em que jazeram por mais de um seculo, mal comprehendidos e peior interpretados, esse nome e esse systema começam a resplandecer como que de repente, e vão ganhando de dia para dia novo lustre, cercados de uma aureola radiosa, cujo brilho contrasta singularmente com as trevas da ignominia em que pretenderam submergil-os os seus antagonistas.

O pensador inoffensivo, que, na opinião de Malebranche, não passava de um *miseravel sophista*, veiu a ser por Schleiermacher reverenciado e invocado como se fôra um santo. O *atheu de systema*, a quem Bayle prodigalisára ultrajes e vituperios, e que não escapára aos pungentes sarcasmos de Voltaire, parece aos olhos da Allemanha moderna o mais religioso dos homens. O Deus de Spinosa, que o seculo XVII havia despedaçado como se fôra um idolo, chegou a ser o Deus de Lessing, de Goethe, de Novalis; e n'essa doutrina que Leibnitz qualificára de *extravagante*, apenas propria para embair o vulgacho, e que outros julgaram *espantosa chimera incompativel com o senso commum*,

[1] Por muito tempo correu sob o nome de Mirabaud, secretario da academia franceza, o celebre *Système de la nature*, geralmente havido hoje por obra do barão de Holbach.

[2] O oratoriano P. Malebranche, em cujas obras a analyse descobre, na opinião de alguns, mais resaibos de pantheismo, que nas do proprio Spinosa.

[3] Servimo-nos de preferencia na transcripção d'este trecho da nova edição do *Newton*, tal como este poema foi reproduzido pelo sr. conselheiro J. F. de Castilho no jornal *O Iris*, 1848, vol. I; a qual se declara feita á vista de um autographo do poeta, por elle alterado, retocado e accrescentado com algumas centenas de versos, differindo por isso considerabilissimamente das edições publicadas em Lisboa nos annos de 1813 e 1815.

[1] Já no tomo III das *Memorias de litteratura*, dadas á luz pela academia real das sciencias de Lisboa em 1792, de pag. 265 a 270, o erudito academico Antonio Ribeiro dos Santos incluira uma brevissima noticia biographica de Spinosa, com a exposição do seu systema, colhida, ao que nos parece, mais nas obras dos adversarios, que na leitura e estudo das do proprio Spinosa.

vê Jacobi a ultima palavra do racionalismo, e Schelling o presentimento, ou antes, o typo da philosophia verdadeira. Pouco tardou que esta sorte de enthusiasmo, transpondo os limites da Allemanha, invadisse a França e viesse mais ou menos a generalisar-se por toda a Europa.

Não é para nós, mesquinha creatura, a presciencia dos destinos que nos arcanos do futuro se reservam á nova doutrina. Tão pouco podêmos entrar na sua analyse e apreciação. Registâmos pura e simplesmente os factos, abrindo com estas breves linhas a noticia em que intentâmos pôr ao alcance dos menos instruidos as particularidades da vida do homem, cuja gloria reflue até certo ponto sobre a nossa patria; pois se não temos achado provas incontestaveis de que elle visse a primeira luz em o nosso solo, é pelo menos certissimo que de Portugal saíram os seus progenitores. Sirva essa noticia, quando menos, de incitamento á curiosidade e estudo. A pessoa de Spinosa, tanto como a sua doutrina, são perfeitamente originaes. Acha-se estampado no seu modo de viver o mesmo sêllo de singularidade, que distingue a sua maneira de pensar e de escrever. Seu caracter e costumes irreprehensiveis, seu isolamento, as enfermidades physicas e moraes da sua natureza, revelam frequentemente o segredo das suas especulações, e devem concitar-lhe o respeito e estima ainda d'aquelles que, tendo por erradas as suas concepções, insistem em ver no spinosismo, de envolta com o anniquilamento dos principios religiosos, a destruição da moral e ordem publica, sustentaculos da existencia e da prosperidade dos estados.

II

Aos 24 de novembro de 1632, na cidade de Amsterdam, nasceu Baruch de Spinosa de uma familia de judeus portuguezes. Tal ha sido n'este ponto a opinião correntemente seguida por todos os seus biographos que podêmos consultar, depois que assim o affirmára o ministro lutherano João Colero na vida que d'elle escreveu, e que, se não estamos em erro, se imprimiu pela primeira vez em 1706.

Comtudo, José Agostinho de Macedo, não só no trecho que collocámos á frente d'este artigo, mas em outros logares de seus escriptos, dá como certo e assentado que Spinosa fôra oriundo de Beja, d'onde seus paes tiveram de expatriar-se para fugir ás pesquizas e rigores da inquisição. Que determinados a buscar guarida na Hollanda, a exemplo de tantos seus correligionarios, se dirigiram occultamente para o Porto, indo a mãe no estado de gravidez; e que, sendo ahi demorada pelos trabalhos do parto, seguíra pouco depois com o marido viagem para Amsterdam, levando comsigo o filho recem-nascido, e de companhia outro judeu notavel, rabbi Jacob Murteira (que outros chamam Moysés), o qual viera a ser o primeiro mestre do pequeno Baruch. D'aqui tirava José Agostinho grande gloria para a sua patria, e para si a ufania de haver por compatricio tão abalisado engenho. Debalde procurámos até hoje averiguar d'onde houvera elle taes noticias, e o grau de credibilidade que devamos darlhes; porém a insistencia com que o diz e repete tantas vezes parece indicar que algum documento authentico, ou, pelo menos, a tradição acaso conservada entre os bejenses desde o seculo anterior, lhe serviram de fundamento para desviar-se n'esta parte da opinião geralmente propalada, e que elle mal podia ignorar.

Seja, porém, como for, é certo que o pae de Baruch, Miguel de Spinosa, se estabelecêra em Amsterdam, e que exercia ahi a profissão commercial, vivendo folgadamente com a sua familia em uma bella casa, situada nas proximidades da antiga e afamada synagoga portugueza. Tinha além de Baruch duas filhas, Rebecca e Merian de Spinosa, que casaram honradamente com israelitas portuguezes.

Não faltou a Baruch a educação litteraria propria para desenvolver a imaginação viva e o entendimento perspicaz com que a natureza o favorecêra, e que n'elle desde a infancia começaram a manifestar-se. Após os estudos da Biblia e da lingua hebraica, que constituiam a parte essencial do ensino das synagogas, passou a aprender o latim, que era ainda então na Europa a lingua universal dos sabios. Deram-lhe por mestre o medico Van-den-Ende, homem instruido, mas espirito ousado e inquieto, que, passados annos, veiu a terminar tragicamente no patibulo uma vida aventurosa, morrendo enforcado em França, accusado de conspirador.

O principal e mais veridico biographo de Spinosa, o já citado Colero, que tomâmos por guia em nossa narrativa, affirma que Van-den-Ende se comprazia em espalhar no espirito dos seus alumnos as primeiras sementes do atheismo. Tinha elle uma filha unica, a qual era tão perita nos segredos da musica e da latinidade, que se tornára capaz de supprir o pae nos seus impedimentos e ausencias, dando lições aos escholares. Como n'esta qualidade Spinosa havia frequentes occasiões de vel-a e tratal-a, veiu a conceber por ella uma paixão ardente, com proposito de esposal-a, segundo o que seus amigos lhe ouviram confessar muitas vezes. Não quiz, porém, a fortuna que lograsse o fim de seus desejos. A filha de Van-den-Ende, ainda que não fosse uma formosura perfeita, possuia, comtudo, em grande cópia as graças do espirito, e attractivos bastantes para conquistar adoradores.

Aconteceu, pois, que, ao passo que subjugava o coração de Spinosa, achou-se requestada de um mancebo hamburguez, por nome Kerkering, que cursava tambem o estudo da latinidade. Bem depressa percebeu este que tinha um rival, e para logo redobrou cuidados e assiduidade, a fim de supplantar o seu competidor. Ganhou, finalmente, a preferencia; para o que muito concorreu, ao que parece, o brinde que fez á donzella de um colar de perolas, do valor de duzentas ou trezentas pistolas. Sensivel a demonstrações de tamanho peso, ella lhe prometteu a sua mão, e desempenhou a promessa fielmente, logo que o apaixonado mancebo abjurou a religião protestante que seguia, para abraçar a catholica romana, em que a sua amada havia sido educada.

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

(Vid. pag. 102)

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

I

DUAS FAMILIAS

A distancia de dois kilometros ao norte da Povoa de Varzim existe uma formosa aldeia que tem o poetico nome de Avelomar. Estendem-se as suas casinhas brancas, de léste para oeste desde um sitio chamado Lameiro até quasi á borda do mar; alli, na parte mais elevada do areial, ha uma comprida fileira de moinhos de vento, que são como a guarda avançada das primeiras habitações. A aldeia é grande, e os seus moradores não passam a vida ociosos. A maxima parte emprega-se na cultura dos extensos campos que rodeiam a povoação; outros occupam-se na pesca; e alguns vão procurar a fortuna longe da patria, em viagens aventurosas e longinquas, no Brasil, na India, na Australia, em todas as regiões onde se acha oiro, e... um cemiterio para os que não voltam.

Ao logar em que são edificadas as ultimas casas ao pé do areial chama-se Aldeia Nova, que defronta com a praia de Esteiro; os nomes das outras praias são, vindo do norte: Aradinha, Carreiro, Boccas e Cannas; de Esteiro para o sul, chamam-se: Forcada, Amorosa, Fragosa e Lagôa, que já confina com a freguezia de Beiris. A costa é de espaço a espaço povoada de extensas penedias, que em muitos sitios avançam mais de um kilometro pelo mar dentro. Nos intervallos de uns e outros rochedos formou a natureza portas naturaes, por onde, nos dias de bom tempo, saem os bateis de pesca, muitos dos quaes nem sempre tornam a voltar se os encontram os temporaes nas grandes longitudes a que elles se aventuram.

Ha já muitos annos viviam no logar de Aldeia Nova dois pescadores visinhos e amigos, socios ambos n'um batel que era sempre dos mais felizes na pesca. Eram elles tambem os mais audazes de quantos ousavam distanciar-se até perder a terra de vista; mas o seu barco trazia sempre os maiores congros, as pescadas mais agigantadas, os ruivos mais colossaes e mais saborosos, maior abundancia de arraias, de fanecas, de pargos, de peixes agulhas, e de todas as variadas especies que n'aquelles mares se encontram. Casaram-se os dois pescadores; e a mulher de um teve um filho quasi ao mesmo tempo em que a do outro tinha uma filha. O contentamento das duas familias foi espantoso. As mães, que eram egualmente amigas uma da outra, logo que se ergueram da cama foram abraçar-se, e exclamaram ambas a um tempo:

— Fez-me Deus a vontade!

Exclamações que os maridos tambem tinham soltado um para o outro logo que nasceram as crianças. Os baptisados fizeram-se no mesmo dia, sendo padrinho e madrinha da menina os paes do menino, e d'este os da menina.

Ao jantar, perante os convidados e com os copos e canecas em punho, juraram solemnemente os dois paes e as duas mães que os pequenos haviam de casar um com o outro, se Nosso Senhor não manifestasse a sua santissima vontade em contrario por alguma fórma inesperada. Choraram todos de alegria, contribuindo o vinho com boa parte das lagrimas; deram-se abraços a torto e a direito com as melhores intenções, e todos se ajustaram para irem dançar na bóda de Pedro e de Maria, que devia ser d'ahi a dezeseis annos, pelo menos.

II

OS FILHOS

Cresceram os pequenos rapidamente, como se tivessem pressa de chegar á edade em que deviam começar a amar-se. Maria, para não gastarmos tempo com vãs descripções, parecia uma rosa das mais formosas e aveludadas que dão as melhores roseiras. Pedro fez-se um gentil rapaz; e, sem que ninguem lhe dissesse as combinações feitas pelas duas familias, começou a gostar devéras da pequena; e aos quatorze annos cantava por amor d'ella ao desafio com os mais illustres improvisadores da aldeia, e ensaiava-se a jogar o pau, com o vago presentimento de que dentro em pouco teria de defender o seu thesouro á cacheirada.

Maria aprendeu a ler e escrever com o padre Manuel, um santo homem que passava a vida cheio de impaciencia a esperar pelo dia da bóda dos dois rapazes, para saborear o jantar, que na sua candida imaginação concebia de concerto com os seus gostos, e a sua inclinação pelas saladas de lagosta e de caranguejo maximo.

Pedro, em vez de olhar para a carta dos nomes, olhava para Maria; e, quando a não tinha presente á lição, saía sem ceremonia da eschola e ia atirar pauladas, para se exercitar, ao tronco de um platano que havia no terreiro. Estes exercicios eram feitos com tão conscienciosa regularidade, que aos quinze annos o auctor d'elles confundia uma vogal com um algarismo, e o professor, que lia muito bem o latim sem o entender, julgava o discipulo estupido como um carneiro, e aconselhava o pae a que o casasse quanto antes, porque talvez o casamento lhe aclarasse as idéas.

Os dois compadres achavam, porém, ainda muito cedo; e, para fazerem do moço gente, levaram-n'o comsigo ao mar.

III

A PRIMEIRA VIAGEM DE PEDRO

Está demonstrado ha muito tempo, e por isso se não trata de provar agora aqui, que todo o namorado é poeta, admittindo que poeta é synonymo de pedaço d'asno. O nosso amigo Pedro já improvisava ao desafio cantigas que lhe davam direito a ser membro de qualquer academia, se porventura houvesse alguma na sua terra, ou se as de fóra admittissem socios que andassem de tamancos e calças de baeta branca. Mas na aldeia não havia institutos sabios, e os da cidade, ou não tinham conhecimento sufficiente da vocação do rapaz, ou não quizeram no seu gremio um lapuz que assanharia pela sua simplicidade e faria dar urros aos outros immortaes. O mancebo não foi academico, assim como não conseguira aprender a ler correctamente. Mas, em compensação, nunca nenhum poeta, mesmo dos mais graúdos, sonhou e viu as maravilhas que enchiam a phantasia do joven pescador.

No primeiro dia que foi ao largo e perdeu a terra de vista, sentiu-se outro. A solidão do mar e dos ceos entrou-lhe n'alma, e revelou-lhe a fórma e a grandeza do sentimento que o dominava sem elle dar por isso; teve, ante o magestoso espectaculo da immensidade, como uma intuição do seu destino, e previu que tinha nascido para o amor e para a fatalidade.

Não comprehendendo nada do que estava sentindo, lançou os olhos em torno de si, e viu que de todos os lados, no mar, no ceo, ao longe e ao perto, lhe apparecia sempre um ponto luminoso, uma estrella formosissima — Maria.

Deitou machinalmente as linhas; e, como os outros pescadores, segurou-as nas extremidades, á espera que picasse o peixe; este veiu e levou-lhe os apparelhos, sem que elle fizesse diligencias para os apanhar. O pae zangou-se e quiz bater-lhe, mas o padrinho interveiu sorrindo, e os outros companheiros riram á farta da admiração em que ficára o moço quando caiu em si.

O barco depressa se foi carregando; a fortuna acudia, como de costume, ao chamamento dos velhos pescadores. Pedro instava pela partida, porque, dizia elle, o sol ia baixando muito depressa; mas a verdade era porque o chamava outra luz que elle via na terra.

— Deitemos as linhas só uma vez mais e logo partiremos, disse o pae, depois de ter reflectido um pouco.

— Compadre, observou o padrinho, vejo além uma nuvemsinha que não me cheira. Por hoje temos já a nossa conta; nada de tentar a Deus! A ambição perde os homens.

O compadre Balthazar respondeu, ao mesmo tempo que iscava os anzoes:

— Ó compadre, faz-lhe mal levar mais meia duzia de congros?

— Não; mas será bom deixarmos cá alguns para outro dia. Olhe que não os podêmos apanhar todos, e a nuvem caminha e engrossa sobre nós.

— Ora adeus!... Já cá sinto um a farejar a isca... zás! Elle cá vem!

E começou a alar a linha, que ora abrandava, ora estendia com violencia, segundo os movimentos do peixe.

Em menos de um minuto entrava o congro no batel. Era um peixe enorme, com o lombo cinzento, quasi negro, a cabeça aguda como a de algumas serpentes, e o ventre esbranquiçado.

— Bonito bicho! exclamou o compadre Sebastião. E, atiçado pela cubiça, iscou tambem os seus anzoes e atirou-os ao mar, sem se lembrar já da nuvemsinha e das prudentes reflexões que ella ha pouco lhe suscitava.

IV

A NUVEMSINHA

O mar estava mansissimo; o batel quasi immovel; o ceo sereno; o horisonte claro para todos os lados... menos do sudoéste, onde se via a nuvem que notára ha pouco o compadre Sebastião.

Essa nuvem, que parecia ao principio uma teia de aranha esquecida pela vassoira dos ventos n'um cantinho do ceo, foi crescendo lentamente, tomando de instante para instante fórmas diversas e caprichosas, como as das ondulações do fumo n'uma atmosphera calmosa, ou como as evoluções de um bando de estorninhos perseguidos por um milhafre. Encolhia-se, estendia, alargava ou estreitava, similhando ora um immenso farrapo côr de chumbo, ora um castello cheio de torreões em um monte cortado de valles profundos.

Pedro olhava fitamente para todas aquellas transformações, mas não as via. No meio da nuvem estava, como no mar e no ceo, a imagem que elle tinha na alma, e era essa imagem que o moço cuidava estar vendo.

O pae, o padrinho e os outros homens da companha não reparavam para o horisonte. Os seis congros que Balthazar desejava já estavam pescados; os pescadores, sem se communicarem os seus pensamentos, julgaram todos ao mesmo tempo que era bom apanhar mais outros seis, e continuaram a deitar silenciosamente as linhas.

A pesca afigurava-se a todos prodigiosa n'aquelle dia; nunca ninguem tinha tido tanta felicidade; o peixe parecia supplicar que o apanhassem; os velhos congros, que tinham vivido seculos, disputavam a vez de se atirarem ao anzol mortifero. Dir-se-hia que presentiam uma revolução proxima e terrivel no elemento que habitavam, e empenhavam-se para evitar, por meio de uma morte antecipada, a catastrophe da patria.

De repente a superficie do mar encrespou-se ligeiramente, como se fosse tocada por um corpo que lhe era repugnante. Os pescadores empallideceram e alaram velozmente as linhas; os peixes mortos como que estremeceram no fundo do batel; os vivos mergulharam para as profundidades do Oceano, formando um redomoinho á roda do barco com a violencia com que todos agitaram ao mesmo tempo os rabos e as barbatanas.

A agua é dotada de tão extraordinaria sensibilidade, que não creio que haja na natureza, a não ser a sensitiva, animal ou planta que possa comparar-se-lhe. Se podesse observar-se o fluido que se suppõe circular dentro dos nervos do corpo humano, parece-me que se lhe encontrariam as mesmas propriedades da agua, com pequenissimas differenças. Assim como ha mulheres que empallidecem e tem convulsões nervosas á vista de uma cobra ou ao contacto de um sapo, assim o mar, ao contacto dos ventos, muda tambem de côr, torna-se livido, agita-se, espuma de colera, ruge contra o elemento antipathico, e, depois de manifestar todos os symptomas que exprimem o sentimento animal, cae nas prostrações que succedem a todas as luctas.

Em quanto os pescadores, contentes com a sorte, estavam

«N'aquelle engano d'alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito»,

aproximára-se e crescêra a nuvem, que vinha do sudoeste impellida por ligeiro vento. Atraz d'ella, e como para assignalar o seu caminho, ia-se forrando o ceo de negro. O sol começava a tocar nas aguas, e a noite parecia esperar com impaciencia que elle desapparecesse para lançar nas trevas o terror e o espanto.

Quando Balthazar e Sebastião viram o primeiro annuncio da procella na face do mar que se enrugava, recolheram, como atraz dissemos, os apparelhos de pesca.

(Continúa) F. Gomes de Amorim.

VILLA DA POVOA DE VARZIM

(Vid. pag. 65)

III

São conhecidas as desintelligencias que se deram na corte del-rei D. Diniz, entre o principe Affonso o Bravo, seu filho legitimo e herdeiro do throno, e o bastardo Affonso Sanches, que, felizmente, terminaram pela sensata intervenção da piedosa rainha D. Isabel. Não nos cumpre averiguar agora este ponto da historia patria, nem queremos tratar d'elle por menor [1].

Pouco depois de Affonso Sanches estabelecer com sua mulher residencia no senhorio doado pelo rei lavrador, o conde D. Martim Gil com sua mulher, D. Violante, quizeram disputar-lhes a posse, allegando que a Villa do Conde e dominios eram herança dos seus antepassados, e d'ahi se originou um grave litigio, em que foi mister intervir a auctoridade real, como era de uso, e o rei mandou declarar que se fizesse boa a posse de seu filho [2], exonerando o conde D. Martim Gil do dito senhorio, e confirmando a sentença com a carta de doação. N'essa mesma epocha, ou decorrido pouco tempo, a Povoa foi elevada á cathegoria de villa.

D. Affonso Sanches teve de sua mulher, D. Theresa, dois filhos, que morreram na infancia; e D. João Affonso, que foi o herdeiro de seus bens, senhor de Albuquerque, Medelhim e outras terras, exerceu as funcções de alferes-mór de D. Affonso XI, rei de Castella. D. João Affonso, a quem chamavam o *Ataude*, casou com D. Isabel de Menezes, da qual não teve filhos, mas deixou muitos bastardos reconhecidos.

Tendo feito testamento com piedoso intuito, Affonso Sanches e D. Theresa dispozeram n'elle que o castello de Villa do Conde, em que tinham vivido, fosse entregue ás religiosas franciscanas de Santa Clara [3], conforme consta das *Provas da historia genealogica da casa real portugueza*, accrescentando-se que esta doação é datada do anno 1318, pouco mais ou menos o do fallecimento de Affonso Sanches. Para assegurar a necessaria decencia e o sustento das ditas religiosas, os devotos fundadores deixaram-lhes tambem o rendimento de varias terras, em que se incluia Povoa de Varzim [4].

Instituido o mosteiro, a abbadessa gozou de taes isenções e regalias, que até as jurisdicções civil e criminal lhe pertenciam; como era natural, a justiça não se exercitava com rectidão nem com imparcialidade, e os povos mais queixosos dos abusos do poder foram os da Povoa de Varzim, a ponto que o sr. rei D. Manuel, ao conhecimento do qual chegaram não só essas queixas e contendas, mas tambem os fundamentos

1 Vid. pag. 348 do vol. V d'este semanario.

2 Segundo o auctor das *Memorias historicas*, já citadas, na decisão do rei D. Diniz se lia: «Que Varazim de Jusão e Touguião a par de Villa do Conde, com outras mais terras e igrejeiros ficassem com D. Thareja, sua mulher.»

3 Vid. pag. 365 do vol. IV e 321 do vol. VI do *Archivo Pittoresco*. N'este ultimo numero vem uma gravura representando o convento de Santa Clara.

4 Vid. *Memorias* citadas, pag. 12 e 13.

d'ellas, entendeu que devia abolir o estado que se creára a abbadessa, com detrimento do real poder, e outorgou á villa novo foral, confirmando o do rei lavrador. Com este foral terminou o direito do mosteiro das franciscanas de Villa do Conde [1], e deu-se á Povoa a isenção de eleger juiz, mordomo e chegador, collocando assim aquelle povo nas condições em que então se achavam as principaes villas do reino.

O mosteiro não perdeu, todavia, em rendimento, porque, ao passo que D. Manuel dava consideração de municipio á Povoa de Varzim, estabelecia para as freiras franciscanas, a titulo de compensação, uma tença de duzentas libras, e todo o solho e peixe real que viesse á praia, o que só foi executado depois do fallecimento do venturoso rei.

IV

Infere-se, pois, do que fica posto, que a regeneração, ou antes a emancipação, como diz o auctor das *Memorias historicas*, da villa da Povoa de Varzim, antiga *Varazim de Jusão*, data do reinado do sr. rei D. Manuel. Desde então, os habitantes da villa regenerada, posto que tivessem de luctar por muito tempo contra a má vontade das religiosas de Villa do Conde e das pessoas graúdas que as protegiam, e contra as difficuldades que d'ahi naturalmente resultavam, começaram a prosperar e a ver que eram abençoados os fructos do seu trabalho.

Este desenvolvimento tornou-se tão notavel quasi meiado o seculo XVI, que o governador do arcebispado, o provisor Antonio Velho, designou a capella da Madre de Deus para n'ella se conservar o sacrario; e no primeiro quartel do seculo seguinte, a freguezia de Argivae ficou inteiramente desmembrada da Povoa, passando o parocho, que era de ambas, a ter só residencia na segunda das povoações, satisfazendo-se d'este modo as repetidas instancias dos moradores, que se queixavam de nem sequer terem missa no dia do seu orago [2].

A capella da Madre de Deus estava situada ao poente do adro da actual matriz, e era separada d'elle por uma rua. Fôra a escolhida por ser mais central. No principio do seculo XVIII, o sacrario foi transferido para a egreja da misericordia, que então servia de matriz e se achava restaurada havia annos.

Os fundadores da capella da Madre de Deus foram o cavalleiro João Martins e sua mulher, Maria Affonso, no anno de 1542, conforme consta dos titulos que possuia o sr. Bento Pereira de Faria Gajo, de Villa do Conde [3].

Desenvolvida a villa, e accrescentada a industria da pesca por essa mesma razão, no começo do seculo XIV, salvo erro, o vigario da Povoa quiz augmentar a sua congrua mandando pedir na praia uma esmola de peixe para o seu sustento; ao que os bons pescadores se não oppozeram, e, como exemplares parochianos, não deixaram nunca o seu pastor sem esmola avultada.

Deu isto, porém, origem a que as necessidades, verdadeiras ou apparentes, do cabido de Braga, que ahi via meio de se saciar, se entremostrasse, primeiro timidamente, depois com desassombro, convertendo aquelle onus voluntario em pesado dizimo sobre o pescado, que os pobres pescadores de Varzim, apesar de terem demonstrado que era em demasia injusto,

[1] No § 2.º do foral do sr. rei D. Manuel lê-se o seguinte: «Que não vendessem a dita terra, nem dessem, nem empenhassem, nem direitos della a cavalleiro, nem a dona, nem a clerigo, nem a pessoa religiosa; mas que fosse tal que fizessem ao dito rei, e avós, e a todos nossos successores o dito fòro livremente.»

[2] O orago da villa era S. Miguel. Hoje é padroeira Nossa Senhora da Conceição.

[3] Segundo nos diz o sr. Manuel Luiz Monteiro Junior, a quem devemos muitos e mui interessantes esclarecimentos para esta serie de artigos, os actuaes possuidores da capella e vinculo são a filha mais velha do fallecido sr. Gajo, a sr.ª D. Maria Christina Pereira Gajo de Noronha, e seu marido, o sr. Manuel de Magalhães de Araujo Pimentel.



Vista da villa da Povoa de Varzim pelo lado do poente, tirada de cima do paredão ou caes

pagaram na importancia de centenas de contos de réis, e por certo ainda hoje pagariam, se em 1834 não se conseguisse firmar o throno constitucional da sr.ª D. Maria II e abolir os dizimos com que os povos eram vexados.

(Continúa) BRITO ARANHA.

PULPITO DA EGREJA DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

(Conclusão. Vid. pag. 137)

O templo de Santa Cruz de Coimbra, como os nossos leitores sabem, foi fundado por el-rei D. Affonso Henriques e reedificado por el-rei D. Manuel. O templo actual é, pois, obra d'este ultimo soberano.

Tratando do mosteiro de Santa Cruz em o vol. VIII d'este semanario, a pag. 295 referimo-nos a uma descripção d'este monumento, feita no anno de 1540 por D. Francisco de Mendanha, dom prior do mosteiro de S. Vicente de Fóra, em Lisbaa, a qual foi enviada ao papa Paulo III, que desejou ter conhecimento do edificio, e ao diante se inseriu na chronica da ordem dos conegos regrantes de Santo Agostinho. N'essa descripção vem o seguinte periodo, que então transcrevemos, e agora vamos reproduzir de novo, porque nem todos os que lerem estas linhas terão á mão o citado volume do *Archivo*, e porque o dito periodo é essencial ás considerações que o assumpto nos suggere.

Diz, portanto, D. Francisco de Mendanha, fallando do portal do templo: «Este portal fez mestre Nicolau francez, e trabalharam nelle os tres francezes, tãobem grandes mestres, a saber: João de Ruão, Jaques Longuim e Filippe Uduarte; que pera esta obra, e pera a das sepulturas dos primeiros Reys deste Reyno mandou vir de França o senhor Rey D. Manoel de saudosa memoria.»

Apoiando-nos em tão auctorisada opinião, por quanto o auctor d'ella foi contemporaneo dos reis D. Manuel e D. João III, e viveu no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra durante o progresso das obras de reedificação, julgámos poder attribuir o celebrado pulpito d'aquella egreja aos esculptores francezes a que se refere D. Francisco de Mendanha.

Passado pouco tempo depois de escrevermos esse artigo, visitámos de novo o templo de Santa Cruz, com o fim especial de observar e analysar o pulpito com mais attenção e miudeza, confrontando-o, quanto ao trabalho artistico, com o portal da fachada da egreja e com os mausoléos dos nossos dois primeiros reis.

Não podia deixar de ser imperfeito similhante estudo, por incompetencia nossa, pois que se requerem dotes e habilitações, que não temos, para se poder discriminar a verdade em materia tão delicada e no meio de tão escuro labyrintho. Todavia, como aquella analyse e confrontação nos fizeram vacillar na opinião que tinhamos, se não por incontestavel, pelo menos por acertada e soffrivelmente fundada, exporemos aqui as dúvidas que nos sobrevieram ao espirito em resultado das nossas ultimas observações.

O portal da egreja, e os tumulos del-rei D. Affonso Henriques e de seu filho, el-rei D. Sancho I, pertencem a esse estilo de architectura de que é typo o templo e mosteiro de Nossa Senhora de Belem. Chamem-lhe estilo gothico-arabe, ou gothico-florido, ou manuelino, o que é certo é que representa a architectura gothica no ultimo periodo da sua degeneração; n'aquella phase em que, indo beber inspirações em todos os estilos conhecidos, e perdendo, por conseguinte, o caracter definido, que marca as raias que separam e estremam uns dos outros os diversos estilos architectonicos, só revela a anarchia de idéas, que, tanto nas artes como na vida das nações, sempre é precursora de uma proxima e grande transição.

O pulpito foi delineado e esculpido segundo as regras da architectura chamada do renascimento.

Os baldaquinos vasados, que fazem docel ás estatuas, são as unicas feições do estilo gothico estampadas no pulpito. Mas essa ornamentação foi acceita por muitos antagonistas da fórma ogival, e vemol-a figurar em alguns dos primeiros monumentos que a renascença erigiu, principalmente em Italia. Em tudo mais, nichos, peanhas, pilastras, frisos, e em todo o genero de lavores, é puro estilo do renascimento.

Os sectarios d'esta grande reforma não só proscreveram, mas até tiveram em desprezo as fórmas gothicas, reputando-as barbaras. Foi esta intima convicção que os moveu a darem o nome de renascença ao novo estilo, porque entenderam que, levantando-o sobre a ruina da architectura gothica, faziam resurgir a arte das trevas da barbaridade em que se deslustrára.

Estas razões levaram-nos, portanto, a duvidar de que os mesmos artistas que traçaram e executaram o portal da egreja e os mausoléos reaes, segundo um estilo de architectura a esse tempo já condemnado nos outros paizes da Europa, e que em o nosso se achava tão proximo do seu fim, delineassem e esculpissem o pulpito conforme os preceitos de um estilo novo e tão opposto ao velho.

Accresce ainda outra circumstancia, que corrobora a conclusão que tirámos dos argumentos expendidos. A esculptura do pulpito é mais perfeita que a do portal e dos tumulos reaes. Esta circunstancia, ainda que seja considerada em geral, é digna de reparo, e não póde deixar de ter algum peso na questão. Porém, se se attender a que o genero de esculptura em que o pulpito mostra muito mais subido grau de perfeição é nas estatuas que o decoram, reconhecer-se-ha não ser crivel que as mesmas mãos que fizeram as estatuas do portal e dos referidos mausoléos, tão incorrectas no desenho, e com tão pouca delicadeza e graça de cinzel, esculpissem as do pulpito, que, se não são isentas de algum defeito, apresentam, todavia, dotes artisticos, não sómente superiores aos d'aquellas, mas taes como não se encontram em outro edificio do nosso paiz. Um critico severo não achará em todas as figuras do pulpito, talvez, a nobreza de porte, que em similhantes obras é condição essencial de primor. Cremos, porém, que o hão de satisfazer as boas proporções que se observa n'ellas, assim como certa expressão do semblante, a graça e naturalidade da roupagem, e a delicadeza e esmero de trabalho, geralmente fallando.

Apresentaremos outra razão, que, não sendo de si bastantemente forte, tira, comtudo, alguma força do logar em que a collocâmos, isto é, depois das considerações que temos feito.

D. Francisco de Mendanha não diz quem fez o pulpito, mencionando os artistas que trabalharam no portal da egreja e nos tumulos reaes. Poder-se-ha responder, é certo, que o historiador só teve em vista, nomeando os artistas, especificar as obras para as quaes foram expressamente mandados vir de França. Entretanto, sendo o pulpito uma peça tão formosa e de tanta excellencia de arte, que não ha na fabrica do templo coisa mais bella; e accrescendo a tudo isto a sua significação religiosa pelas figuras que o adornam, além do uso para que é destinado, custa a crer que se esquecesse D. Francisco de Mendanha de o mencionar entre as obras devidas ao cinzel dos ditos esculptores francezes, se estes fossem os seus auctores.

A conclusão logica de todos os nossos raciocinios é que o pulpito não teve por artifices os referidos esculptores; mas que o seu auctor ou auctores eram inquestionavelmente estrangeiros, attendendo-se ao atrazo em que se achava a estatuaria em Portugal até esse tempo, e posteriormente.

Se nos objectarem que não póde admittir-se que o

historiador que archivou os nomes dos quatro artistas francezes, chamados por el-rei D. Manuel para a reedificação da egreja de Santa Cruz, se descuidaria de deixar memorado o nome de um outro esculptor estrangeiro tão distincto, como devia ser o que esculpiu o pulpito, respondemos que a objecção não deixa de ter alguma plausibilidade, mas não cremos que ella enfraqueça os nossos argumentos. Se devessemos crer que o bom do padre era incapaz de incorrer em esquecimentos d'esse genero, em que tanto peccaram os nossos antigos chronistas, soccorrer-nos-hiamos á conjectura de que o pulpito fosse mandado fazer em Italia, onde teve muita voga o estilo de que o mesmo pulpito é typo. E não cause estranheza esta idéa, porque não foram poucas as obras de esculptura que vieram de differentes paizes para o nosso no correr do seculo XVI; e posto que o maior numero fosse em metal e em madeira, algumas eram esculpturas em pedra. Todavia, no presente caso não nos inclinâmos para esta idéa, por diversas razões, que omittimos para evitar maior prolixidade. Em quanto não encontrarmos pessoa que nos esclareça, ou documento ou memoria que resolva as nossas dúvidas, seremos de opinião que o pulpito foi feito em Portugal; que o desenho e esculptura são de artista estrangeiro, provavelmente italiano; e que o nome d'este ainda se conserva occulto e desconhecido.

Está o pulpito collocado no corpo da egreja, junto ao cruzeiro, do lado do evangelho. Ergue-se acima do pavimento apenas $1^{m},50$, de modo que póde ser observado com a maior miudeza. Não tem docel, ou sobreceo.

A gravura a pag. 137, cópia de uma excellente photographia, é tão perfeita, e representa o pulpito com tanta exactidão, mostrando distinctamente os mais miudos lavores, que nos julgâmos dispensados de entrar em descripção minuciosa.

Tem o pulpito a fórma octogonal, mostrando só quatro faces. As principaes estatuas que o decoram, sentadas e mettidas em nichos, representam os quatro doutores da egreja, S. Jeronymo, S. Gregorio Magno, Santo Agostinho e Santo Ambrosio. Nas peanhas vêem-se uns lindos quadros em baixo relevo, esculpidos com summa delicadeza. Por cima dos nichos, entre mui graciosas figuras de anjos, avultam as sabidas divisas del-rei D. Manuel, a esphera armilar e a cruz da ordem de Christo, distinctivo de todos os monumentos erigidos por ordem d'este monarcha.

Fazem divisão áquelles nichos duas ordens de estatuas, muito mais pequenas que as dos doutores da egreja, e resaltando para fóra dos angulos do octogono, não obstante serem estes concavos em fórma de nichos. Cobrem as estatuas formosos baldaquinos rendilhados. As estatuas da ordem superior representam a religião e as quatro sibyllas, e as da ordem inferior os prophetas.

Esta é a principal obra de ornamentação; mas, além d'ella, o restante d'esta parte do pulpito é todo lavrado em delicadissimos e variados relevos, sabresaindo oito pequenas medalhas com bustos.

A parte inferior do pulpito, que serve de base á cadeira da verdade, é circular, e está egualmente ornada com profusão e com tão bom gosto, que não prejudica, antes faz realçar, a parte que o esculptor ataviou mais esplendidamente. Dá principio á misula do pulpito um dragão com a cauda enroscada. D'alli vão subindo, como em anneis, diversas cercaduras com variedade de lavores, e algumas adornadas com figuras de phantasia, rematando em um friso guarnecido com seis seraphins.

Além da perfeição da esculptura, é admiravel este pulpito pela graça e belleza da composição. Tendo sido o inventor tão prodigo na ornamentação, que não se vê espaço algum na pedra que não seja coberto de lavores, com tanta arte e bom gosto soube distribuir os ornatos, que nenhum póde ser julgado alli de mais, antes, pelo contrario, todos se combinam em tão perfeita harmonia, que ninguem poderá contemplar este pulpito, por mais profano que seja nos mysterios da arte, sem sentir, a par de admiração, um verdadeiro enlevo.

O conde de Raczynski, amador de bellas artes muito entendido e consciencioso, possuiu-se de tal admiração e enthusiasmo ao ver este pulpito, que, fallando d'elle no seu interessante livro *Les arts en Portugal*, diz: «...c'est un vrai bijou, que l'on serait tenté d'enchasser dans un médaillon ou dans une bague.» Com effeito, não se póde tecer maior elogio a uma obra de arte que julgal-a merecedora de ser encaixilhada em uma medalha ou engastada em um annel, como verdadeira joia.

Quanto ao seu estado de conservação, é o melhor que se póde desejar. Parece que saiu ha pouco das mãos do esculptor.

Ha pouco mais de um anno, foi este pulpito modelado em gesso, por iniciativa e diligencia do sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, sendo então presidente da associação dos architectos civis portuguezes. Ficou tão perfeito o modelo, que não se differença do original senão na qualidade da materia. Peza-nos não podêrmos pôr aqui o nome do modelador, pois que honra o nosso paiz o artista que fez tão peregrina obra. Este modelo, mandado fazer para ser collocado no museu archeologico da referida associação, estabelecido na egreja gothica de Nossa Senhora do Carmo, em Lisboa, que o terremoto de 1755 deixou em ruinas, foi enviado pela mesma sociedade á exposição universal de Paris de 1867, e ahi figurou na secção retrospectiva das artes, onde foi observado com geral applauso. A associação dos architectos prestou um serviço importante ao nosso paiz, fazendo patente n'aquelle memoravel certamen uma das mais preciosas obras de arte que Portugal possue. Infelizmente, na volta para Lisboa, chegou o referido modelo bastantemente deteriorado.

I. DE VILHENA BARBOSA.

OS EMBUSTES DOS ADIVINHADORES

Não irei hoje desentranhar da historia dos povos antigos, nem dos fastos da edade média, exemplos notaveis dos embustes com que os adivinhadores hão explorado a credulidade dos povos. Uma senhora celebre, que falleceu em nossos dias, nos fornecerá um episodio curioso da sua vida de prophetiza; e só elle bastará para demonstrar que a razão humana deve estar acautelada contra as enganosas predicções do futuro, e repellir afoita as práticas e os ardis que presuppõem a intervenção do sobrenatural no mundo physico e no mundo moral.

M.elle Lenormand, famosa adivinhadora franceza, nasceu em Alençon no anno de 1772, e falleceu em Paris no de 1843. Recebeu uma educação aprimorada em um convento de benedictinas, e veiu depois estabelecer-se em Paris, habitando sempre a mesma casa na rua de Tournon.

Logo desde a infancia revelou uma disposição muito notavel para fazer predicções; de sorte que já no convento onde foi educada causava espanto e assombro ás suas companheiras.

Precedida de uma certa reputação n'este deploravel genero de talento e applicação, deu-se ao mister de deitar cartas para adivinhar o futuro. Em 1794 foi presa, em razão de fazer algumas revelações arriscadas; mas quando readquiriu a liberdade, viu crescer a voga que já tinha, por maneira que d'alli em diante a credulidade publica, ainda, e principalmente, nas al-

tas classes da sociedade parisiense, foi para ella uma rica e abundante mina de exploração. Durante as duas famosas epochas do imperio e da restauração foi consultada pelas personagens da mais elevada jerarchia, entre as quaes figurava designadamente a imperatriz Josephina.

Com verdade está escripto que, por espaço de quarenta annos, a corte e a cidade de Paris concorriam em chusma aos salões de m.elle Lenormand; e ainda hoje, quando se graceja com a pessoa que recorre á predicção pelas cartas, ouve-se a resposta emphatica: «Reparae que o proprio imperador Napoleão consultava m.elle Lenormand!» E, com effeito, a tradição popular faz d'esta sibylla a Egeria do imperio.

A imperatriz Josephina, que nascêra na Martinica, era um tanto supersticiosa, e por vezes recorreu á supposta sciencia de m.elle Lenormand em predizer o futuro.

Na classica *Historia do consulado e do imperio*, de mr. Thiers, ha, entre tantas bellas paginas, uma, na qual o insigne e preclarissimo historiador narra o ataque e a tomada de Ratisbonna, em abril de 1809. D'esse episodio de guerra faz ao meu proposito a parte relativa ao ferimento que o imperador Napoleão recebeu perto d'aquella cidade:

«Napoleão, diz mr. Thiers, impacientado pela resistencia que a cidade offerecia, e querendo pôr-lhe termo, tinha-se aproximado de Ratisbonna, no meio de um vivo tiroteio sustentado pelos austriacos, de cima dos muros, e pelos francezes, da borda do fôsso. Precisamente na occasião em que estava observando os logares com um oculo, recebeu uma bala no calcanhar, e disse com a placidez de soldado velho: —Estou tocado! —E em verdade estava tocado, e de um modo que podia ser bem funesto. Se a bala tivesse dado mais acima, fracturava-lhe o pé, e inevitavel seria a amputação. Os cirurgiões da guarda imperial, que a toda a pressa vieram ter com elle, arrancaram-lhe a bota, e pozeram um ligeiro apparelho sobre a ferida, que não era de gravidade. Os soldados dos corpos mais visinhos, em sabendo que o imperador estava ferido, romperam as fileiras, e n'um atomo se acercaram d'elle para lhe dirigirem os mais estrondosos testimunhos de affeição. Nem um só d'aquelles bravos deixava de considerar a sua existencia como enlaçada com a do seu general! Napoleão, dando a mão aos soldados que estavam mais perto da sua pessoa, affirmou-lhes que nenhum perigo corria; montou de novo a cavallo e foi percorrer a frente do exercito para o tranquillisar [1].»

Os despachos enviados a Paris noticiaram a verdade, isto é, que o imperador Napoleão recebêra uma ferida leve; mas o rumor publico, exaggerando o facto, como de ordinario succede, pintou o illustre ferido n'um estado verdadeiramente inquietador e desesperado.

Os boatos de fóra penetraram no palacio do Elyseu, e chegaram até aos ouvidos da imperatriz Josephina. A esposa e verdadeira amiga de Napoleão, vivamente commovida e desassocegada, lembrou-se logo, supersticiosa como era, de recorrer a m.elle Lenormand, e de feito a mandou chamar.

A sibylla moderna correu pressurosa ao palacio do Elyseu; fez o grande jogo das cartas egypcias, consultou Ariel, seu genio protector, e proferiu o seguinte oraculo [2]:

«O grande capitão, o novo Cesar, já coroado com tantos loiros, não está em perigo de vida; pelo contrario, o seu signo de boa fortuna desenvolve-se. Graças a Isdraïl, anjo da terra, vencerá todos os seus inimigos; os reis e os povos hão de celebrar a gloria do maior homem dos tempos modernos; e os proprios vencidos hão de reconhecer que Napoleão os bateu em nome da mais santa das causas.

«Quando voltar á sua capital, novas leis, filhas do seu genio, da sua poderosa iniciativa, virão consolidar o seu throno e enlaçar todos os francezes com o imperio.

«Se os ruins tentaram por vezes malquistar-vos com elle, esses mesmos hão de confundir-se ao verem que nunca o imperador vos testimunhou tamanha consideração e ternura como em breve ha de liberalisar-vos.

«No demais, creio ver sobre a minha mesa, pela combinação do algarismo 7 e do numero 28, que antes de meio lustro ha de Deus conceder-vos uma alegria, que será a felicidade do imperio, tornando-vos duplicadamente cara a todos os bons francezes.»

Quereis ver como se realisaram os agoiros da impostora?

O imperador Napoleão divorciou-se da imperatriz Josephina, a sua melhor amiga. Casou depois com uma archiduqueza de Austria, a qual foi uma esposa bem pouco terna... D'este ultimo consorcio nasceu o rei de Roma, depois duque de Reichstadt, que mui moço desceu á sepultura na terra estranha. A França soffreu duas invasões, que a humilharam diante do mundo. Napoleão, condemnado ao desterro, acabou seus dias no insupportavel rochedo de Santa Helena.

«Só Deus é grande, meus irmãos!» disse Massillon no exordio da oração funebre de Luiz XIV; e esse admiravel grito, que a critica tem na conta de sublime nas circumstancias em que foi proferido, merece, em tudo quanto respeita á humanidade, ser sempre attentamente ponderado.

José Silvestre Ribeiro.

A santa casa da misericordia de Lisboa é uma das mais notaveis grandezas que illustram e acreditam esta real cidade, com maior razão do que o colosso a Rhodes, as pyramides a Memphis, o labyrintho a Creta e os amphitheatros a Roma, quanto vae do exercicio perpetuo e continuo de solidas virtudes a todas estas ostentosas e inuteis vaidades. O grande rei D. Manuel lhe edificou templo magnifico, e a dotou com um conto de réis de renda, e se assentou por confrade, elle, e a rainha sua mulher, e seus filhos, a quem então imitou, e hoje vae imitando, quasi toda a nobreza: e d'aqui tiveram origem todas as mais casas de misericordia que ha em toda a christandade.

Pedro Davity, auctor francez, diz por façanha, que as rendas d'esta casa chegam a quarenta mil cruzados. Porém, assim como se enganou dizendo que as parochias de Lisboa são 25, sendo 36, assim tambem errou n'est'outra conta; pois chegam a dispensar-se por anno noventa e quatro mil cruzados: e no anno de 1700 entraram na casa para estas despezas noventa e seis mil e novecentos e cincoenta cruzados, e no de 1701 entraram cento e dois mil duzentos e trinta cruzados. O que tudo se emprega em todo o genero de obras pias, com tanta grandeza, prudencia e fidelidade, que me persuado ser esta santa casa uma das principaes columnas que sustentam o peso da ira de Deus, para que nos não opprima irritada de nossos peccados.

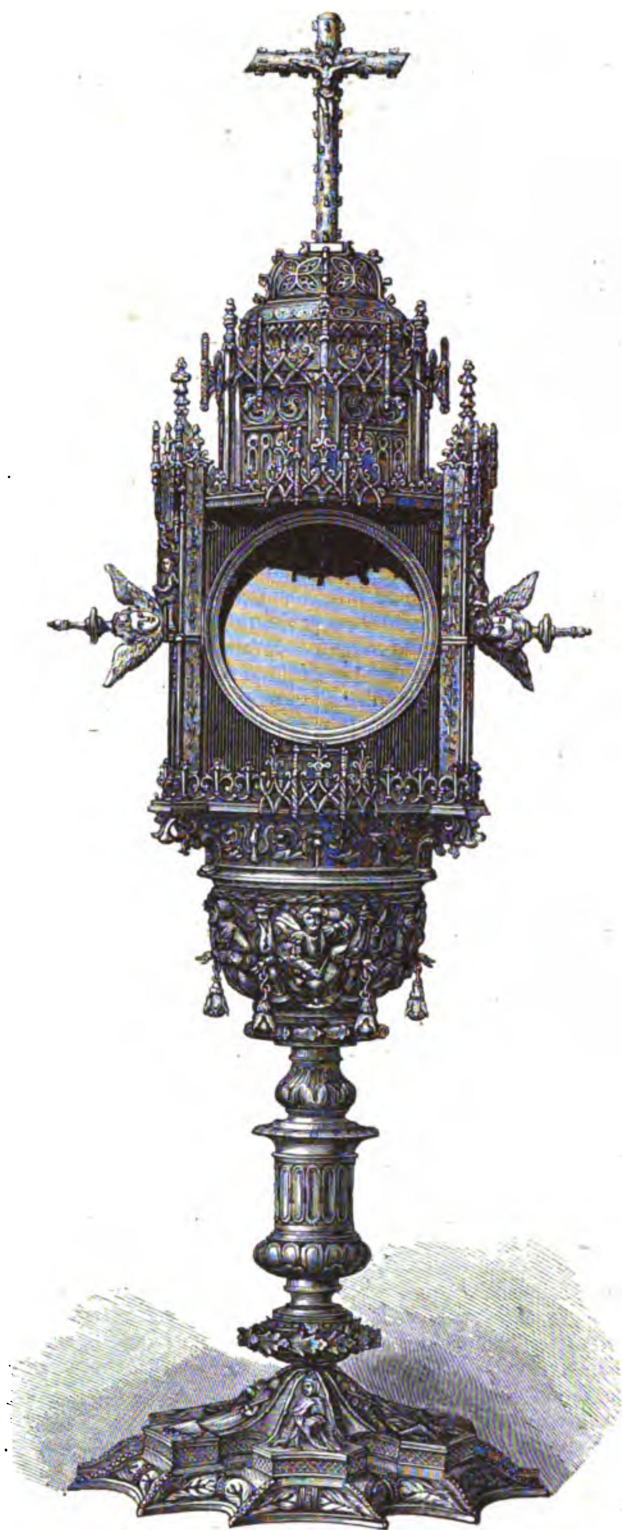
Se houvessemos de recensear as outras fundações e obras pias que fez o mesmo rei, não seria facil achar-lhe o numero. Ainda dentro a Roma, e a Jerusalem, e a Compostella alcançaram! Aqui visitou no anno de 1502 o corpo do sagrado apostolo S. Thiago, levando pouca companhia: onde fez copiosas esmolas e mercês; e depois lhe mandou uma lampada de grande valia e rica obra, em fórma de um castello, assignando certa renda de juro, para que ardesse diante do sepulchro do apostolo.

P. Manuel Bernardes.

[1] *Histoire du consulat et de l'empire*, tomo X, liv. XXXIV.

[2] É a prophetiza quem falla; são as suas proprias palavras, vertidas em linguagem.

Mad. Lenormand publicou em 1812 um escripto com o titulo de *Mes prophéties*; e n'este escripto se encontram as expressões do texto. Declaro que não tive á mão o escripto de mad. Lenormand; mas encontrei a reproducção, n'esta parte, no livro intitulado: *Les marchands de miracles, histoire de la superstition humaine*, por Alfredo de Caston.



Custodia de prata doirada pertencente á sé de Evora

Esta custodia é uma das mais ricas peças do thesouro da sé eborense. Preciosa pela materia, notavel pelo feitio e valor artistico, não é menos apreciavel como objecto archeologico. Infelizmente, pelo que respeita a este ultimo titulo, acontece o mesmo que temos deplorado ácerca de muitas antiguidades patrias: ignora-se a sua origem, e tão desconhecidos são os nomes de quem a mandou fazer, e do ourives que a cinzelou, como a epocha em que foi fabricada.

Nem o padre Manuel Fialho na sua *Evora illustrada*, nem o seu compilador, o padre Francisco da Fonseca, na *Evora gloriosa*, dizem coisa alguma d'esta custodia, não obstante fazerem memoria de outros vasos sagrados nas vidas dos prelados d'aquella sé. Nem sequer uma singela tradição vem lançar alguma luz n'este mysterio, ou, pelo menos, servir de guia aos curiosos nas suas investigações.

É bem singular que se saiba por uma tradição po-

pular, passada de paes a filhos, que os mais antigos calices, que se guardam nos thesouros da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, e da sé de Braga, pertenceram a S. Torquato, que padeceu martyrio no seculo VIII, e a S. Giraldo, que cingia a mitra primacial de Braga quando baptisou o nosso primeiro rei, no principio do seculo XII, e não haja noticia no proprio cabido de Evora de quem foi o doador de uma peça tal como a custodia, e em tempos muito posteriores. Se a consideração de reliquias santas, muito mais que o apreço archeologico, grangeou para os dois calices a honra de serem commemorados em tradições populares, a custodia merecia, certamente, da gratidão do cabido eborense uma commemoração, embora simples, escripta ou tradicional, do nome do bemfeitor que a offereceu áquella egreja.

Esta falta de noticias tem dado azo a variedade de opiniões, algumas d'ellas absurdas, como é a que attribue a custodia ao seculo XII. N'esse tempo achava-se entre nós em grande atrazo a esculptura em metal. Os vasos sagrados e outros objectos preciosos do culto, esculpidos em prata no reinado de D. Sancho I, e que se conservam no thesouro da casa real, no museu archeologico da academia das bellas artes e em algumas egrejas do nosso paiz, dão testimunho não só da imperfeição da ourivasaria, mas tambem da singeleza e da carencia de bom gosto na ornamentação. As obras d'essa epocha tem um cunho tão particular e que tão bem as caracterisa, que não é permittido confundil-as com as dos seculos posteriores.

Apenas o que consta de documento authentico é que a custodia já existia n'aquella sé em 1541, porque vem mencionada em um inventario que se guarda no cartorio, feito n'aquelle anno por ordem do cardeal infante D. Henrique, então arcebispo de Evora.

Na falta, pois, de documentos que resolvam a questão, ou de quaesquer noticias que possam, mais ou menos, esclarecel-a, é forçoso recorrer á analyse das feições artisticas da custodia para se determinar ou fazer um juizo aproximado da epocha em que esta peça foi feita.

Os ornatos da parte superior pertencem ao estilo gothico, e tanto se assimilham aos da egreja da Batalha, que bem poderiam passar, considerados separadamente do resto, por obra contemporanea d'aquelle famoso monumento. Porém a parte inferior revela manifestamente um trabalho de epocha mais moderna. Tanto o feitio como a ornamentação d'esta parte, desde a base da custodia até ao caixilho quadrangular, no centro do qual se colloca a hostia, apresentam um typo do estilo que, succedendo ao gothico puro, foi o ponto de transição para o do renascimento.

Ha n'esta parte um adorno que caracterisa mais particularmente a custodia, denunciando os fins do seculo XV ou os principios do XVI como a epocha precisa em que foi fabricada. Esse adorno consiste nas seis campainhas, que pendem e circundam o vaso que sustenta o referido caixilho com a sua cupula.

Em tempos muito remotos foi uso guarnecer certas vestimentas sacerdotaes com guisos ou campainhas. Este uso veiu da Judéa para a Europa. As vestes talares do summo pontifice dos judeus eram orladas com uma como franja de campainhas, a que chamavam *tintinnabula*.

Passados alguns seculos depois do nascimento de Jesus Christo, foi admittida aquella pratica na egreja catholica, em recordação da lei de Moysés, e como um emblema de alliança entre o novo e o velho testamento. Não se sabe com certeza a data da introducção de similhante uso; mas sim que existia no começo do seculo IX.

No thesouro da sé de Aix-la-Chapelle, na Prussia, guarda-se, em bom estado de conservação, uma capa rica, guarnecida de campainhas, a qual foi dada áquella sé pelo papa Leão III no anno de 801.

Guilherme o Conquistador, duque de Normandia, e mais tarde rei de Inglaterra, fallecido no anno de 1087, deu a Hugo, abbade de Cluny, uma capa egualmente franjada de campainhas.

Conrado, prior de Cantorbery, ou, como nós lhe chamâmos, Cantuaria, em Inglaterra, correndo o anno de 1108, mandou fazer, para uso da sua egreja, uma capa custosamente bordada e guarnecida com cento e quarenta campainhas de prata doirada.

Thomaz Becket, arcebispo de Cantorbery, fallecido em 1170, e ao qual tributâmos culto sob o nome de S. Thomaz, arcebispo de Cantuaria, usava de uma alva com guarnição de guisos. Esta vestimenta ainda hoje se conserva com grande recato, como uma apreciavel reliquia d'aquelle santo varão.

Poder-se-hia citar outros exemplos com que se demonstrasse que o uso das *tintinnabula* se generalisou a todos ou á maior parte dos paizes catholicos.

Presume-se que o fim para que se empregava similhante adorno era attrahir e conservar presa a attenção dos fieis ao sacerdote que celebrava a missa ou qualquer outra ceremonia religiosa. Por conseguinte, as campainhas ou guisos eram de metal, e dispostos de modo que tocassem ao menor movimento do celebrante.

Não sabemos até que tempo durou esta pratica. No seculo XIII ainda se guarneciam as capas de asperges e outras vestimentas de campainhas e guisos; mas, em vez de serem de metal, eram feitas de retroz ou seda frouxa, de obra de passamanaria. Reduzidos a um simples adorno commemorativo, em breve perderam essa propria feição, porque pouco a pouco lhes foram accrescentando enfeites, com que inteiramente desappareceu a fórma de campainhas e guisos, ficando em seu logar borlas e franjas; de passamanaria, de oiro ou seda, com muita variedade de feitios.

Um d'aquelles caprichos da moda, que a cada passo e em todos os tempos estão introduzindo innovações nas artes, fez com que os ourives, na segunda metade do seculo XV, se lembrassem de resuscitar o uso de *tintinnabula* applicado aos vasos sagrados.

Não se generalisou esta moda em todos os paizes catholicos, antes, pelo contrario, vemos que se limitou á peninsula iberica e a uma mui diminuta parte da Allemanha. Não temos certeza de qual foi o paiz onde começou. Pretende um auctor estrangeiro que fôra a peninsula, e que de Portugal passou este uso a Flandres, por occasião do consorcio da infanta D. Isabel, filha del-rei D. João I, com Filippe o Bom, duque de Borgonha.

Parece-nos sem fundamento esta opinião, pois que, se fosse verdadeira, deveriam existir em Portugal alguns vasos sagrados ornados com campainhas, feitos nos principios do reinado del-rei D. João I. Porém nenhuns conhecemos d'essa epocha com similhante ornamento, nem nos consta que existam no reino.

Todas as obras de ourivasaria religiosa, fabricadas n'este paiz durante a primeira metade do seculo XV, apresentam o mesmo estilo gothico puro que se observa no templo da Batalha. Por conseguinte, distinguem-se por uma perfeita harmonia entre todas as suas partes; qualidade que falta na custodia da sé de Evora.

Varias sés e outras egrejas do nosso paiz possuem vasos sagrados, principalmente calices, adornados com campainhas. Porém todos estão cinzelados conforme o estilo de architectura usado nos fins do seculo XV e principios do XVI.

Portanto, não cremos que fossem os flamengos que recebessem aquelle uso dos portuguezes. Achâmos mais provavel o contrario, sendo certo que existem na Belgica, que nós saibâmos, duas custodias de origem ger-

manica, feitas no tempo de Filippe o Bom, duque de Borgonha, uma ornada de campainhas e a outra enfeitada com guisos.

As razões expendidas tambem nos levam a suppor que, se esta moda nos veiu de Flandres, seria em tempos posteriores a Filippe o Bom. Não é preciso recorrer ao consorcio d'este soberano com uma infanta portugueza para explicar a introducção de qualquer uso, industria ou artefacto d'aquelle paiz em Portugal. Aquella alliança cimentou as relações commerciaes entre os dois paizes. Porém, muito ao diante, nos reinados de D. João II e de D. Manuel, é que essas relações tiveram o seu maior desenvolvimento.

A Lisboa affluiam então continuamente navios de todos os portos de Flandres, importando variadas mercadorias. Um dos principaes artigos d'essa importação consistia em tapeçarias e diversidade de alfaias para serviço e adorno de egrejas. Eram as fabricas de Liege que forneciam, quasi exclusivamente, de vestimentas e armações ricas as nossas cathedraes e os mais opulentos mosteiros. Ainda no começo do segundo quartel do seculo XVIII, quando el-rei D. João V quiz dotar a basilica de Mafra com armações e paramentos que condissessem com a sumptuosidade do edificio, recorreu ás fabricas da Belgica, e principalmente ás de Liege.

Póde-se admittir, portanto, e com plausibilidade, a supposição de que nos viesse de Flandres o uso de adornar os vasos sagrados com campainhas.

Consta-nos que os que a Hespanha possue com similhante genero de ornamentação datam da mesma epocha dos nossos.

Entendemos, por conseguinte, que o referido uso se introduziu em o nosso paiz no decurso do reinado de D. João II, e que não passou além da primeira metade do seculo XVI, pois que o mais moderno dos calices ornados de campainhas, que conhecemos, tem a data de 1530. O calice da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, feito poucos annos depois, segundo o estilo architectonico em voga no reinado del-rei D. Manuel, já não tem campainhas [1].

De tudo o que temos expendido concluimos que a custodia da sé de Evora deve ter sido fabricada pelos annos de 1480 a 1490.

D. Affonso de Portugal, filho bastardo de D. Affonso, marquez de Valença, filho primogenito do primeiro duque de Bragança, foi nomeado bispo de Evora por el-rei D. João II, no anno de 1485. Este prelado foi muito liberal com a sua egreja, «a qual ornou (diz o padre Fonseca na *Evora gloriosa*) com magnificas obras e magestosas fabricas...»; pelo que é bem de suppor que fosse este o doador da custodia.

É de prata doirada esta peça. A esculptura mostra que a ourivasaria se aproximava do maior grau de perfeição a que chegou entre nós. A composição do desenho está longe de se poder classificar como obra de gosto aprimorado. Apesar de excluirmos a cruz, que, pelo seu feitio e desproporcionado tamanho, reputâmos um accrescentamento mais moderno, parece-nos esta custodia um pouco de fórmas massiças e pesadas. Em parte poderá desculpar este defeito ser destinada esta peça para um duplo serviço, pois que é ao mesmo tempo custodia e calice.

Ha na dita sé um vaso de prata lavrada, e com uma inscripção em latim, o qual se atarraxa no pé da custodia, ficando um bello calice. A inscripção é em letra gothica, e consiste em um versiculo que os sacerdotes recitam na missa.

Esta custodia foi levada á exposição de Paris do anno passado, juntamente com o baculo, cuja gravura publicámos a pag. 53, e com um calice de que havemos de tratar em occasião opportuna.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. pag. 5 do vol. IV.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 154)

V

TEMPESTADE

Sebastião Palmeiro era um habil piloto e um homem cauteloso. Já vimos como a nuvem lhe parecêra suspeita a tempo em que talvez tivessem podido ainda ganhar a terra; mas a ambição de Balthazar, e a d'elle tambem, fizeram com que se descuidassem de ser prudentes. Tanto os dois velhos como a tripulação eram homens de rija tempera, costumados todos, á excepção de Pedro, a luctar com os perigos constantes da sua profissão; por isso foi rapida a impressão que sentiram aos prenuncios da tormenta, e cada um correu para o logar que lhe era destinado como marinheiro.

Sebastião tomou o leme e gritou:

— Larga depressa, em quanto o vento não puxa mais forte!

As duas velas da lancha foram soltas n'um momento, e o barquinho caiu á banda, começando a agua a cantar-lhe na prôa, que se poz na terra.

Sebastião olhou para o sul e fez uma careta que equivalia a bater com um martello no coração dos companheiros.

— Duvido que lhe escapemos. Pega tudo nos remos, e é remar firme e sem grande movimento, para não fazer balanço que obrigue a bater o panno... Ao mesmo tempo vão pedindo á Senhora das Neves que nos acuda.

Todos obedeceram em silencio; mas, ao sentarem-se nos bancos, com os rostos voltados para a pôpa, viram o mar ferver ao longe, e a vaga, que se levantava já a grandes alturas, correr, bramindo sobre elles.

Pedro, que não tinha remo e ia agarrado ao mastro de prôa, disse ao pae:

— Lá vejo a casa do padrinho Sebastião.

Ainda se não via a terra, mas todos olharam, primeiro na direcção que o rapaz indicava, e depois para este.

— Endoideceu de medo! exclamou o pae. Tomem conta, não se deite elle ao mar!

Pedro continuava a olhar; e como se não tivesse ouvido o que disse Balthazar, accrescentou:

— A Mariquinhas está em pé no areial a olhar para cá...

Uma rajada de vento, batendo nas velas, mergulhou a borda da lancha, pondo esta quasi meia de agua.

— Misericordia! clamou a gente largando os remos.

— Alija! gritou Sebastião.

Peixe, redes, cantaros, cabos e fateixa, tudo se lançou n'um instante por cima da borda. Ao mesmo tempo Balthazar tentava esgotar a agua com um balde.

Pedro, na mesma posição, sorria, com os olhos fitos na direcção da terra. Era já sol posto, e a cerração crescia por todos os lados; principiava a chover, e o mar e o vento augmentavam de braveza.

O batel já não podia com as duas velas; metteu-se uma dentro. O uso dos remos tornou-se impossivel por causa do cavado do mar. A gente, agarrada aos bancos, orava, ora para si, ora com voz clamorosa e em côro, segundo o terror que lhe inspirava o aspecto da morte, mais ou menos proxima.

— Compadre Balthazar, disse Sebastião lentamente; a idéa dos seis congros foi uma tentação de Satanaz. Offendemos a Deus com a nossa ambição, e somos castigados. Jure-me que, se escapar, servirá de pae a minha filha e a casará com o meu afilhado, conforme tinhamos contratado.

— Juro-lh'o eu, meu padrinho; interrompeu o moço, chamado á vida real pela voz do coração.

Os dois velhos tiveram desejos de se abraçar e de abraçar Pedro; mas, não lh'o permittindo a situação em que se achavam, contentaram-se com chorar em silencio.

VI

O REFUGIO

A noite avançava terrivel e assustadora. Por maior infelicidade, o vento rondára mais para a terra, fixando-se no quadrante do sueste, e desviando a lancha do rumo verdadeiro, sem que ninguem désse por isso. Com a prôa que levavam iriam infallivelmente espedaçar-se nos rochedos chamados *Cavallos de Fão*, se alguma onda maior os não submergisse primeiro.

Pedro, que saíra do extasis em que estivera tanto tempo para jurar que desposaria aquella que amava, ia maravilhado por não descobrir a terra, pois lhe parecia que a tinha tido sempre á vista. Não cessava de vigiar o horisonte, e, apesar de ser a primeira vez que fôra ao largo, era talvez o mais tranquillo dos tripulantes, e o que menos pensava em morrer. Quem é que se lembra da morte, mesmo quando a vê perto, sabendo que tem quinze annos e que ama uma mulher formosa?

Repentinamente afigurou-se ao mancebo que via alguma coisa a distancia. Poz-se em pé, abraçado com o mastro, e, depois de se haver affirmado, bradou:

— Navio por sotavento!

— Aonde?

Foi a pergunta de todos; e ao mesmo tempo olhavam para o ponto que lhes mostrava o rapaz com o dedo. Viram e crearam alma nova. Era um raio de esperança. Mas o navio corria com o tempo e estava muito distante da lancha; apesar de levar as gaveas nos segundos rizes, haveria porventura a probabilidade de o alcançar um fragil e pequeno barquinho, ameaçado continuamente de ser engulido pelas ondas que brincavam com elle?

Tal foi a interrogação que fez a si mesmo cada pescador, e todos reconheceram que era impossivel conseguil-o.

Felizmente, foram vistos; o navio, que era um grande brigue, atravessou immediatamente, fazendo-lhes signal para que arribassem; mas, notando logo as difficuldades com que elles luctavam, desfez a capa e orçou para os soccorrer.

Depois de grandes riscos e trabalhos, foram os pescadores içados todos para bordo do brigue, e a lancha rebocada, meia de agua.

O navio era inglez, e vinha fugindo á tempestade desde as alturas da barra do Porto, onde não podéra entrar. Em breve se reanimaram os animos dos pobres tripulantes da lancha; os marinheiros inglezes emprestaram-lhes roupa enxuta, e o capitão lavou-os por dentro e por fóra com excellente aguardente da Jamaica, mandando-lhes depois dar queijo e bolacha, em quanto o temporal não permittia accender-se o fogão.

Mesmo a bordo de tão grande navio a noite não se passou sem receios e incommodos, porque o mar era muito, e o vento fortissimo e de refegas. Ao amanhecer avistou-se a terra perto, e o vento deu um salto para o noroeste.

Em vista d'esta mudança, o commandante inglez, que demandava Vigo para refugiar-se, resolveu-se a virar de bordo e tentar novamente entrar no Porto.

Seriam duas para as tres horas da tarde quando o brigue passava em frente de Avelomar. Sebastião, que fallava um pouco inglez por ter sido já marinheiro em navios da Inglaterra, pediu um oculo para ver se avistava alguem nas praias, e notou que, effectivamente, por alli andava muita gente.

— Ó compadre, disse elle a Balthazar, desconfio que nos julgam mortos e que andam a procurar os nossos corpos pelas praias.

Balthazar desatou a chorar.

Pedro pegou no oculo, e, depois de um instante de observação, jurou que vira Maria ajoelhada sobre a areia.

Todos, cada um por sua vez, quizeram ver tambem, mas não reconheceram pessoa alguma.

O navio passava muito longe da costa, com receio de que o noroeste o impellisse sobre os cachopos de que ella é povoada; e por isso não era possivel reconhecer-se a gente que estivesse em terra. Todavia, Pedro não se tinha enganado; não porque visse realmente, mas porque adivinhára, ou antes vira com *a vista interior*, esse phenomeno que os sabios não explicaram ainda bem, nem explicarão jámais satisfatoriamente.

Quantas vezes pensâmos n'uma pessoa que não vemos ha muito tempo, e ella apparece-nos immediatamente?! Quantas, andando pelas ruas, vemos atravessar diante de nós um individuo que se nos afigura ser um amigo antigo, e, ao voltar a primeira esquina, topâmos com elle, com o verdadeiro, e não com o que de longe nos trouxe esta lembrança?! Estes mysterios da alma e da vida, esta relação do nosso pensamento e do nosso espirito com aquelles com quem sympathisâmos, quem os poderá decifrar? Será por acaso que encontrâmos os ausentes no instante mesmo em que estavamos pensando n'elles?

É a dupla vista, é o magnetismo, é não sei o quê, mas existe.

(Continúa) F. GOMES DE AMORIM.

O PAIZ DOS MENSA, EM A NUBIA

(Vid. pag. 149)

II

Ha muito poucos annos que a região situada a oeste do litoral do mar Vermelho, limitada ao sul pela Abyssinia, ao norte pelo territorio de Habab, e confinando pelo occidente com o paiz dos Bogos, começou a ser explorada pelos modernos viajantes.

Foram as interessantes descripções de Courval e de Munzinger que principalmente attrahiram a attenção para os Bogos, e trouxeram tambem á luz, por assim dizer, a tribu dos Mensa, povo irmão d'aquelle, por alliança e por analogia de costumes. A viagem do duque Ernesto de Saxe-Gotha, em 1862, e a sua estada em Keren, capital do paiz dos Bogos, avivou ainda mais o interesse que estas tribus já haviam despertado.

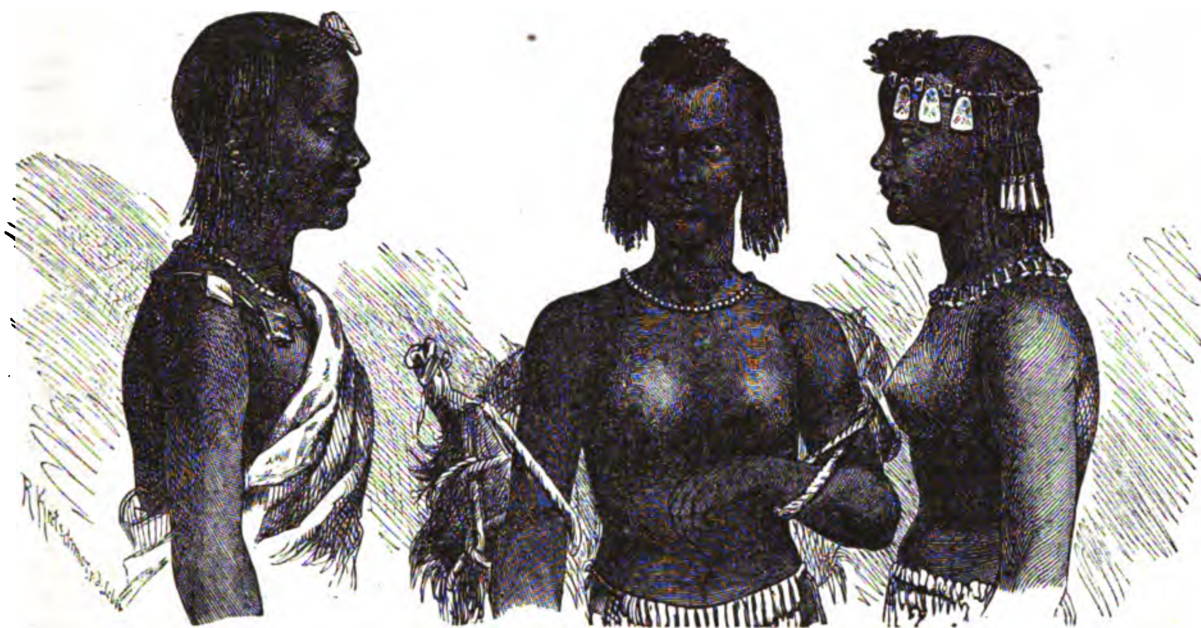
Sem resultado, certamente, buscariamos nas viagens dos portuguezes a descripção de tribus que só se estabeleceram e organisaram, nos territorios que hoje occupam, em epochas posteriores; mas o trabalho não será do mesmo modo baldado se procurarmos n'essas viagens o conhecimento puramente geographico do paiz que desejâmos conhecer, porque com satisfação veremos concordes, as mais das vezes, os antigos exploradores portuguezes e os viajantes que modernamente tem percorrido a Nubia e a Abyssinia. E diga-se em honra de alguns d'estes ultimos, que não é raro vermos por elles citadas as viagens dos portuguezes a esta parte da Africa, fazendo-se especialmente menção da de Francisco Alvares, uma das mais conhecidas de estrangeiros, pelas muitas traducções que do livro d'elle saíram em differentes linguas.

É sabido que Francisco Alvares, escolhido por D. Manuel para ir na embaixada que este rei mandou ao Preste João, e que partiu de Lisboa em abril de 1515,

desembarcou, depois de varios successos, em Massaouá, no mar Vermelho, seguindo depois, por terra, a encontrar-se com o famoso rei da Ethiopia, em cujo reino andou alguns annos, voltando depois a Portugal, onde chegou em 1527. Não admira, pois, que possa dar ajustada informação do paiz quem por muito tempo n'elle permaneceu; e cremos que não se estranhará, por isso, que recorrâmos ás informações que temos de casa, primeiro que consultemos as estranhas. E a viagem de Francisco Alvares vem tanto mais a proposito, quanto é certo que o roteiro da embaixada em que ia o capellão del-rei D. Manuel diverge apenas em algumas legoas d'aquelle que seguiu um notavel viajante moderno, o sr. Lejean, quando em 1864 percorreu a região de que nos occupâmos.

Eis como o illustrado auctor da *Verdadeira informaçam das terras de Preste João* nos descreve o paiz que atravessou ao entrar na Abyssinia:

«D'aqui nos partimos ao outro dia pela manhã, caminhando sempre por ribeiras séccas, e de uma parte e da outra serranias mui altas e de grandes arvoredos de diversas nações e de fructo as demais, porque entre ellas ha algumas mui grandes arvores que dão um fructo que chamam tamarindos, como cachos de uvas, que entre os moiros são mui prezados, porque fazem d'elles vinagre, e vendem-n'os em seiras como passas de uvas. As ribeiras séccas e caminho por onde iamos mostram mui altas ciscadas, que se fazem com trovoadas, e não impedem muito o caminhar, segundo nos disseram e nós depois em outros similhantes vimos, que tudo é desviar e aguardar duas horas a enchente da trovoada, e logo tornam a caminhar; e por mui grandes que estas ribeiras vão com estas aguas de trovoadas, tanto que saem d'entre as serras e chegam ás terras campinas, logo espraiam e se somem, e nem chegam ao mar; nem podêmos saber que rio



Typos femininos dos habitantes do paiz dos Mensa

nenhum de Ethiopia entre no mar Roxo, que todos assim fenecem, como são na terra chã e campina. N'estas montanhas e serranias ha muitas alimarias de diversas nações, leões, elephantes, tigres, onças, lobos, porcos, veados, antas, e de todas outras nações que dizer se possa do mundo, salvo duas que nunca vi nem ouvi dizer que as alli houvesse, e são ursos e coelhos. Aves de todas as nações que no mundo se possam dizer, assim de nós conhecidas, como não conhecidas, grandes e pequenas: e outras duas aves não vi nem ouvi dizer havel-as alli; estas são pégas e cucos. E as demais das hervas d'estas montanhas é mangericão e de bom cheiro.»

Esta descripção é perfeitamente exacta. Nas viagens modernas encontram-se, a respeito da formação e desapparecimento das torrentes, n'esta parte da Africa, descripções bem similhantes á que acabâmos de ler em Francisco Alvares.

Os habitantes, já costumados a estes phenomenos, raras vezes se aterram ao ouvirem o mugido surdo, engrossado pelo echo das montanhas, que annuncia a aproximação de uma d'essas torrentes. Bem sabem elles que, na maior parte dos casos, a camada de areia que cobre o solo vae pouco a pouco bebendo as vagas que se precipitam das montanhas, e que em poucos minutos a torrente não é mais de que um fio de agua que corre ainda por algumas horas, e por fim desapparece tambem.

Por uma d'estas torrentes, contra a qual parece não soubera acautelar-se a tempo, foi ha annos alcançada uma divisão do exercito do famoso Theodoros da Abyssinia. A confusão foi geral, e muitos soldados foram envolvidos pelas ondas, sendo não pequeno o numero dos mortos.

A pobreza hydrographica d'esta parte da Africa é talvez a causa principal da pequena extensão de terras araveis que n'ella se encontram. Injustamente qualificam alguns viajantes de indolentes e estupidos os Mensa e outras tribus que povoam a Nubia, quando, pelo contrario, merece citar-se a actividade e intelligencia, de que dão testimunho, aproveitando, á custa de penosos trabalhos, os pequenos tractos de terreno que a natureza lhes permitte cultivar.

O paiz dos Mensa é constituido por elevadas cadeias de montanhas, que apenas se abrem estreitamente, n'um ou n'outro sitio, para darem passagem a algum rio, só engrossado momentaneamente pela trovoada. O mais pittoresco d'esses valles é aquelle onde corre o Lava, torrente sinuosa, entalada entre risonhas e encantadoras paizagens. D'este rio é affluente o Mensa, d'onde vem o nome aos habitantes.

(Continúa) T. DE C.

D. CATHARINA DE BRAGANÇA

(Vid. pag. 118)

Fr. Domingos do Rosario regressou de Paris sem conseguir a resolução dos negocios para que fôra deputado, o dos soccorros e o do casamento.

Entretanto, o conde de Cominges, embaixador de França em Lisboa, proseguiu nas negociações, para o que tinha repetidas conferencias com os conselheiros que a rainha regente havia nomeado por seus commissarios. Eram o marquez de Nisa, os condes de Odemira e de Cantanhede, o secretario de estado Pedro Vieira da Silva e fr. Domingos do Rosario.

A principio mostrou-se o ministro de França inclinado ás propostas del-rei de Portugal; mas o cardeal Mazarino, que já a este tempo forjava o tratado dos Pyrenéos, para fazer a paz com a Hespanha em nosso detrimento, insistia em não reduzir o subsidio de dois milhões de escudos por anno, pagos em duas prestações, para assignar o pacto de alliança, que solicitavamos havia quatorze annos, sem nunca se poder descortinar se as instrucções de Mazarino eram veras ou burlas!

A rainha D. Luiza escreveu de seu punho ao cardeal, ponderando-lhe que Portugal não podia pagar as sommas que se lhe exigiam; e que os seus ministros, considerando o estado do reino, cercado por mar e por terra, acreditavam que a França não havia de querer impossibilital-o de se defender.

Quanto ao negocio do casamento da infanta com Luiz XIV, que era um dos capitulos das instrucções que trazia o conde de Cominges, eis o que consta da sua correspondencia, consultada pelo visconde de Santarem nos archivos do ministerio dos negocios estrangeiros, em Paris.

N'um despacho para o cardeal Mazarino, datado de 3 de julho de 1657, refere este embaixador que achára a infanta (D. Catharina) tão formosa, que julgava não ser obra de um homem, mas sim de Deus!

N'outro despacho, com data de 25 do referido mez, tambem para o cardeal, diz o conde que a infanta era mais bella que o retrato que se vira em França [1]; que era formosissima e magestosa. E passando a descrever as suas perfeições, conclue que se estivesse bem penteada e bem vestida (quereria dizer á moda de Paris? isto é, de caracoes e espeitorada, como então se usava), poucas bellezas da corte de França poderiam egualal-a [2]. E accrescentava que esta princeza era o amor e as delicias de todo o reino.

Em outro despacho de 28 de setembro do mesmo anno, escrevia Cominges a Mazarino, que a rainha de Portugal lhe havia promettido o retrato da infanta sua filha para madama de Cominges, e que o pintor Nocret [3] já o estava tirando, pelo que não seria difficil alcançar o *original* para França, sendo este o desejo de Portugal. E accrescentava que não haveria muito trabalho em obter a infanta, empregando n'este negocio fr. Domingos do Rosario, a fim d'elle alcançar o dote e fazer o tratado da liga, concluindo que era uma bellissima e amavel princeza, merecendo bem que o ceo lhe abrisse o caminho da França.

Acabado o retrato, ou fosse porque a corte de Portugal não acreditasse na realisação do casamento, por conhecer já a dobrez do cardeal, ou por outro motivo que nos é desconhecido, houve repugnancia em se dar o retrato da infanta ao embaixador; e foi tal, que se reuniu o conselho de estado para decidir se era da dignidade da corôa portugueza concedel-o. A final,

[1] Devia ser o que Mazarino encommendára a mr. de Jant, como já dissemos.

[2] Os leitores julgarão da verdade com que fallava este diplomatico, á vista do retrato que publicámos no começo d'esta biographia, copiado do que vem nas *Memorias* do conde de Grammont, gravado do original que se conserva em Londres.

[3] Pintor francez que então vivia em Lisboa.

com o pretexto de ser para madama de Cominges, concedeu-se; e tanto a rainha D. Luiza como a infanta estimaram muito que o pintor Nocret o tivesse executado com tanto primor [1].

O ministro de França que refere tudo isto, n'um despacho dirigido ao cardeal Mazarino, accrescenta que a infanta fôra retratada com penteado e vestido á franceza, e que madama de Cominges faria ver o retrato a suas magestades christianissimas.

Para nos desenganarmos de que o embaixador Cominges era um farcista que o cardeal Mazarino tinha encarregado de representar esta comedia do retrato, oiçamos o que diz mad. de Moteville nas *Memorias* que escreveu do reinado de Luiz XIV [2]: «Cominges, ministro de França em Portugal, quando se tratava do casamento do rei, enviou á rainha regente de França, D. Anna de Austria, um retrato da infanta D. Catharina, que a representava mui formosa, *com quanto ella o não fosse;* e depois me contou este ministro que a rainha de Portugal lhe offerecêra grandes sommas para elle conseguir que sua filha fosse rainha de França.»

É esta a explicação do empenho com que o diplomata francez endeusava a nossa infanta, devendo ella mui pouco á formosura.

E que fosse uma divindade, que importára, se ao mesmo tempo que o conde de Cominges tratava em Lisboa do casamento da infanta de Portugal com o rei de França, o marquez de Lionne fazia perante a corte de Madrid propostas para obter para o mesmo soberano a mão da infanta D. Maria Theresa, filha dos reis catholicos, assentindo, com esta clausula, em fazer a paz com Hespanha, desamparando de todo o reino de Portugal.

Tanto que D. Luiza de Gusmão soube d'esta perfidia do cardeal, mandou dizer por fr. Domingos do Rosario ao embaixador de França, que ella estava persuadida ser a sua demora em Lisboa, sem ultimar as negociações, um laço para atemorisar os castelhanos, cujo maior receio era o da alliança de Portugal com a França.

Cominges participou isto mesmo ao cardeal, que, longe de se escandalisar, teve ainda a impudencia de recorrer ao artificio de ordenar a este diplomata que regressasse a Paris, diligenciando por que a rainha regente de Portugal nomeasse um plenipotenciario que fosse em sua companhia, munido de poderes para concluir as negociações em França. Era evidentemente um novo effugio para elle ganhar tempo, em quanto adiantava os preliminares do tratado com os nossos inimigos.

Os ministros portuguezes, na perigosa conjuntura em que se viam, dissimularam ainda esta fraudulencia do velho cardeal, e nomearam para a nova embaixada o conde de Soure, dando-lhe por secretario o dr. Duarte Ribeiro de Macedo, eximio jurisconsulto e litterato, cujas obras andam hoje no catalogo dos nossos classicos.

Levava o conde instrucções para insistir no tratado de alliança; e que se não a conseguisse, como era de suppor, passasse a Londres e ajustasse então a liga com a Gran-Bretanha, que por vezes nol-a tinha offerecido.

Quando o conde de Soure chegou ao Havre de Grace, soube positivamente que se tratava do casamento de Luiz XIV com a infanta de Hespanha, e da paz com esta potencia, para o que se haviam assignado as treguas.

Não obstante, seguiu para Paris. Mas em Ruão participou-lhe o nosso agente na corte de França que o cardeal Mazarino o advertíra de que devia entrar em Paris incognito, porque não era decoroso receber uma

[1] *Quadro elem.*, tomo IV.

[2] Tomo XXXIX da *Collec. Petitot.*

embaixada de Portugal na occasião em que ia desamparal-o pelos ajustes que fizera com Hespanha.

Desprezou o nosso embaixador este aviso, e entrou em Paris com grande pompa; foi recebido em audiencia publica por Luiz XIV, e depois pelo cardeal, que se desculpou de ajustar o casamento do rei com a infanta de Hespanha, por ser esse o desejo da rainha mãe, tia da noiva; e eguaes razões allegou para tratar da paz com exclusão de Portugal.

O nosso embaixador, além das allegações e queixas que fez ao cardeal, apresentou-lhe uma memoria, a que o cardeal respondeu verbalmente com evasivas proprias do seu caracter doloso e refolhado.

Por este tempo chegou a Paris o famoso marechal de Turenne, que sempre fôra dedicado à Portugal, e havia combatido victoriosamente os hespanhoes com o exercito francez. Era, além d'isto, admirador do conde de Soure, pela sua bravura como general das armas nas campanhas do Alemtejo.

Turenne conferenciou em segredo com o conde de Soure, procurou depois o cardeal, e intercedeu a nosso favor com a efficacia de que dão testimunho as memorias contemporaneas. Mas tudo foi baldado. Só conseguiu a permissão (que depois lhe foi contestada) de apontar ao embaixador portuguez os officiaes que julgasse aptos para servirem no exercito de Portugal, o que o marechal fez com o acerto e diligencia que tanto nos valeu.

Ainda por ultimo ludibrio, expediu Mazarino a Lisboa o marquez de Chouppes, com instrucções reservadas para a regente de Portugal.

Foi recebido em audiencia publica, e se lhe nomearam por conferentes o conde de Cantanhede, depois marquez de Marialva, o conde de Odemira, e o secretario de estado Pedro Vieira da Silva.

Era o assumpto da embaixada desculpar-se o cardeal de haver feito alliança com a coroa de Hespanha, offerecendo a protecção da França se D. Affonso VI quizesse abdicar, ficando com o titulo de rei do Brasil, e voltando Portugal ao estado em que se achava antes de 1640!

Os ministros portuguezes, ao ouvirem as propostas do cardeal, ficaram assombrados; e o marquez de Marialva, levantando-se indignado, exclamou: que se a nobreza e povo da cidade soubessem das proposições que se haviam lido, nenhum dos presentes, e mórmente o sr. enviado, estaria seguro n'aquelle logar. E saíu da sala do conselho.

A rainha mandou logo despedir o ministro francez, assegurando-lhe que Portugal manteria a sua independencia sem nunca mais importunar a França.

Em quanto isto se passava em Lisboa, o conde de Soure, vendo que Mazarino se dispunha a partir para os Pyrenéos, a assignar a paz com o primeiro ministro de Hespanha, D. Luiz de Haro, mandou redigir pelo seu secretario de embaixada, Duarte Ribeiro de Macedo, um manifesto, que fez imprimir e divulgar na lingua franceza, e que se acha encorporado no volume das suas obras com o titulo de *Discurso politico, em que por 27 razões forçosissimas se mostra como França por justiça e conveniencia não devia fazer a paz sem inclusão de Portugal.*

Foi tal o abalo que este papel fez no publico e na diplomacia, que o cardeal o mandou prohibir, sendo preso o impressor, e ameaçado o nosso ministro por tal ousadia.

O cardeal saíu de Paris para a ilha dos Faisões, nos Pyrenéos, onde assignou a paz e o contrato do casamento de Luiz XIV com a infanta de Hespanha, D. Maria Theresa.

O conde de Soure voltou a tratar com o marechal visconde de Turenne, que lhe obteve uma leva de 600 militares; e contratou o conde de Schomberg, general allemão ao serviço da França, para passar ao de Portugal, com o posto de mestre de campo general, e o soldo de 12:000 cruzados por anno, 800$000 réis para prato, e 4:000 cruzados para seus dois filhos, Frederico e Menhard, officiaes de cavallaria [1].

O conde de Soure regressou a Portugal nos navios em que vinha Schomberg com a tropa, os quaes lhe foram emprestados pelo rei de Inglaterra, onde o marechal foi embarcar, por lhe ser prohibido fazel-o em França.

Tal foi o desenlace das negociações com que o treitento cardeal nos embaiu durante quatro annos, trazendo-nos engodados pela promessa do casamento da infanta D. Catharina com Luiz XIV.

E não só Portugal foi logrado; outras nações caíram na mesma cilada, como é sabido. Parece-nos que Voltaire foi o primeiro que escreveu [2] ter planeado Julio Mazarino, desde as negociações de Munster, em 1648, a alliança das casas de França e Hespanha pelo casamento do rei; mas, como a corte de Madrid repugnasse a este pacto, o cardeal, para a constranger, intentou cavillosamente diversas negociações nupciaes.

Depois de havermos escripto o capitulo publicado a pag. 118, percorrendo a *Historia de França*, de Larrey, auctor assás minucioso, e que presenciou os successos do tempo de Luiz XIV, achámos alli mencionada uma negociação desconhecida dos historiadores da dynastia de Bragança.

Diz Larrey [3] que em 1652 enviára a corte de França á de Portugal mr. Le Cocq, propondo, em segredo, o casamento do rei com a infanta D. Catharina, sendo as condições assistir Portugal a el-rei de França com a somma de tres milhões de oiro, e vinte e quatro navios de guerra, para soccorrer Barcelona, que se tinha declarado pela França, e estava sitiada por D. João de Austria.

Nenhum outro escriptor, que conheçamos, falla de tal enviatura; mas como este é coevo, póde ser que o soubesse de boa origem. Fazemos esta menção apenas para auxiliar as conjecturas que fizemos sobre o ter provindo de França a proposta do casamento do rei com a infanta D. Catharina.

(Continúa) A. DA SILVA TULLIO.

A LUZ

E a luz resplandece nas trevas,
mas as trevas não a comprehenderam.
Evang. de S. João, I, 5.

A luz é a mais bella creação do Omnipotente.

Que seria o mundo sem luz? um montão de thesouros inuteis e de maravilhas perdidas, como as que se acham occultas nas entranhas da terra.

É com a luz que as fórmas apparecem, que as substancias tomam côr, e que a existencia do universo se revela.

Deus creou a luz em duas palavras: *Fiat lux.* «Que a luz seja e a luz foi, disse S. João; mas, accrescentou elle, as trevas não a comprehenderam.»

Isso não admira: as trevas não comprehendem a luz, ou não se apropriam á luz, como o frio não se adapta ao calor, como a morte se não accommoda á vida.

Ambas se repellem: onde uma existe, a outra não póde existir; quando uma nasce, a outra desapparece; e d'ahi vem o implacavel odio dos espiritos das trevas contra os espiritos da luz.

A presença da luz devia alegrar a natureza inteira. Não succede, porém, tal. Ha olhos a quem ella offusca, porque ha entes enfermos ou doentes que, logo que a luz apparece, fogem, dando gritos funebres; as-

1 Hagner — *Vie du maréchal de Schomberg.*
2 *Siècle de Louis XIV*, tomo I, cap. IV.
3 Tomo II, 281. Ed. de 1724.

sim é o mocho quando o dia entreapparece no horisonte, e assim é o morcego quando um raio de sol entra no escondrijo onde foi procurar a continuação da noite.

A verdade é a luz da alma. Quer Deus que esta luz esclareça todo o mundo.

Chama-se luz, por extensão ou figuradamente, a tudo o que contribue para derramar a luz: o facho, o candelabro, a lampada, o simples rolo de cera, são luzes. E, com effeito, nenhum d'esses objectos serve senão para esclarecer ou allumiar.

Chama-se tambem luz, moralmente, aos espiritos que tem consumido a vida em diffundir a verdade, ou aos que tem fallado ou escripto ácerca de assumptos difficeis e obscuros, para os elucidar e commentar. Rousseau é uma luz do seculo XVIII; S. Thomaz de Aquino foi uma luz das escholas; Escobar foi uma luz dos jesuitas; Spinosa foi uma luz do seculo XVII; o padre Antonio Vieira póde-se tambem dizer que foi uma luz do pulpito sagrado.

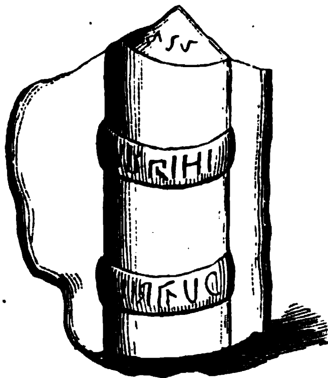
Os instrumentos que servem para propagar a luz podem servir egualmente para propagar o incendio. Taes são as fogueiras com que a inquisição soube esclarecer e incendiar a Hespanha pelo longuissimo espaço de tres seculos; e taes são os fachos que levavam nas caudas as trezentas rapozas que Sansão lançou nas vinhas dos philisteus.

O MUSEU DO BISPO DE BEJA

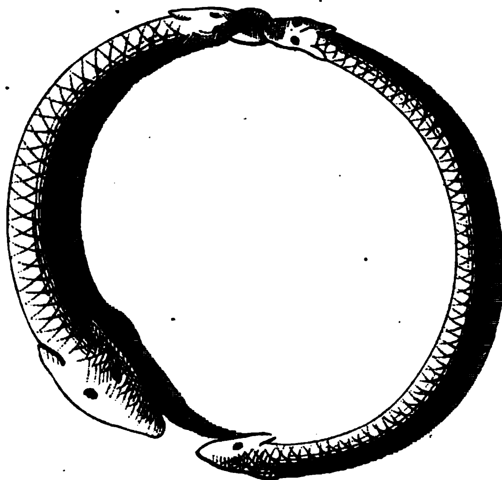
(Vid. pag. 108)

III

Os objectos que representa a gravura perderam-se, e só se conservam os seus desenhos e alguns esclarecimentos entre os manuscriptos do fundador da bibliotheca publica de Evora. Por isso em tudo o que dissermos nos reportaremos ao que encontrámos escripto, sem tomar a responsabilidade de qualquer opinião archeologicamente contestavel.



Fôrma de fundir anneis



Bracelete de bronze

O primeiro desenho é de uma fôrma de fundir anneis, com caracteres phenicios. Diz D. Fr. Manuel do Cenaculo que a descobriu na visinhança de Beja, e accrescenta que é de pedra *Nis*, da mesma contextura que a *Cota* (?). As letras pareceram-lhe phenicias, porém já declinadas e visinhas da edade grega.

Fr. José Lourenço do Valle, que se occupava muito de decifrar inscripções antigas, e ás vezes a mesma por modos inteiramente diversos, deu a seguinte versão da primeira serie de letras: «Ama a Deus e a fortuna te ajudará.»

E a segunda traduziu-a assim: «Muda-te, com decente abraço gerarás.»

A maior parte dos leitores fazemos-lhes a justiça de os não julgar mais conhecedores do phenicio do que nós, e por isso lhes poupâmos o enfado de verem aqui as inscripções completas, restituidas, decompostas e analysadas pelo pacientissimo frade.

Na bibliotheca de Evora guardam-se dois anneis de chumbo, fundidos na fôrma encontrada em Beja.

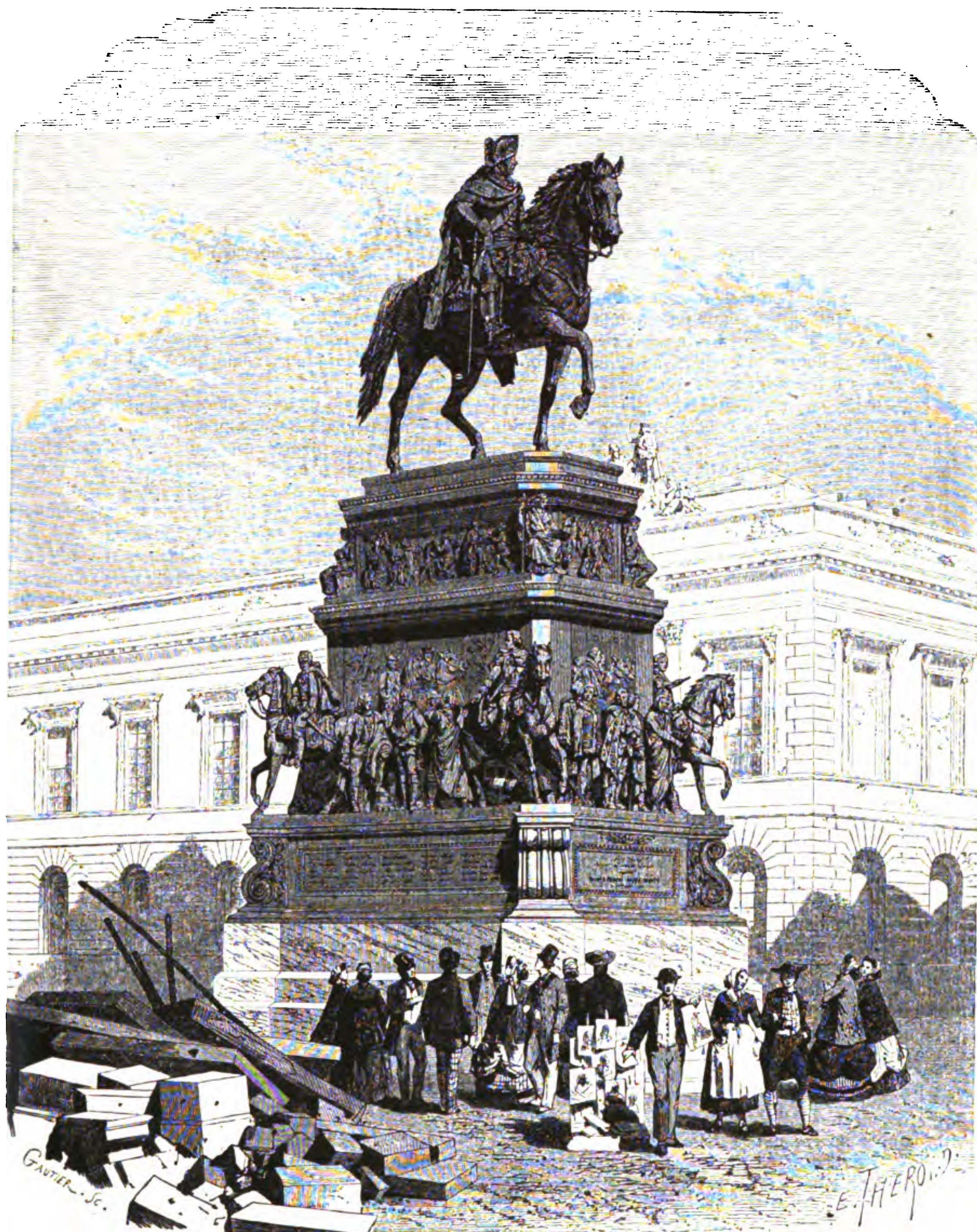
O bracelete de bronze appareceu n'uma sepultura da herdade do Raco, da freguezia do Cercal, duas legoas distante da foz e porto da Villa Nova de Mil Fontes.

A respeito do sitio em que se descobriu dá-nos o illustre prelado a seguinte informação, que publicâmos não só por importar á historia do bracelete, mas tambem como prova do empenho e diligencia com que o auctor dos *Cuidados litterarios* se dedicava aos estudos e indagações archeologicas:

«Pelas observações que fiz no espaço de mais de tres horas no exame do terreno do Raco, pareceu-me da mais remota antiguidade. O bom e honrado lavrador o capitão Simão dos Santos me facilitou quanto era necessario para o exame. Em uma área muito estendida se acha por quasi toda ellà avultado numero de sepulturas, sendo especiaes as mais proximas a um copioso nascedio de agua corrente. Fiz abrir mais de dez sepulturas; todas ellas são de uma simplicidade notavel. Nos tôpos e lados do vivo das sepulturas se acha forrada a terra de lages tôscas, e as coberturas são de similhantes lages, das quaes a maior que medi tem seis palmos de comprido e tres de largo; as outras são pequenas e nenhuma d'ellas affeiçoada nem cortada; mas são pedaços mal juntos, nenhum artificio, nem uma letra. Raro osso apparece, porque os corpos estão absolutamente gastos, creio que tanto pela humidade como pelo tempo dilatado. Achei misturados na terra das sepulturas vasos de vidro quebrados e inteiros, e podem ser fiolas lacrymatorias; e mais se acharam ferramentas de serralharia e ferraria quasi a desfazerem-se. Encontraram-se pucaros, tijelas e bandejas, tudo de barro, e algum mui fino, e delicado o seu lavor. São linhas curtas e maiores, e muitos circulos fechados e pequenos. Serão insignias dos enterrados ou de outro serviço relativo aos defuntos, os quaes vasos logo que se expõem ao sol ou ao vento se desfazem, tendo-os, porém, em sombra calada seccam bastantemente. Um annel de oiro muito delgado me consta haver-se alli descoberto, e o vi depois com um gravado até agora imperceptivel, e uma cadeia gargantilha de oiro tenuissima e alternada de grãos facetados de materia vidrenta parecidos com granadas.»

A. Filippe Simões.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31



Estatua equestre de Frederico o Grande, em Berlin

Se apraz á Providencia, na sua natural solicitude, encarregar a certos homens missões importantes a bem da humanidade, ou para salvação de um povo que o infortunio arrojou á borda do abysmo, ou para rapido engrandecimento de uma nação, até alli pequena, pobre e desprezada, Frederico II da Prussia parece ter sido um d'esses entes privilegiados.

O encargo que o destino lhe commetteu foi transformar uma monarchia nascente, mui limitada em territorio e povoação, empobrecida e devastada pela guerra chamada dos *trinta annos*, em que a envolveu o imperador Leopoldo I, transformal-a, dizemos, em um reino grande, poderoso e florescente.

O eleitorado de Brandeburgo, que seu avô, Frederico I, conseguiu elevar á cathegoria de reino, não por meio de acções gloriosas, mas sim a troco de concessões pesadas e humilhantes, exigidas pela corte imperial de Vienna d'Austria; esse paiz, que fôra, por assim dizer, o joguete de visinhos ambiciosos durante longo curso de annos, vendo-se obrigado constante-

mente a consumir os seus recursos e forças vitaes a prol de alheios interesses, ergueu-se á altura de potencia de primeira ordem, graças ao valor, energia e sciencia militar de Frederico II, e graças tambem ás illustradas reformas com que reorganisou e melhorou os diversos ramos da administração publica, ao mesmo tempo que dava impulso e animação ás industrias.

Na construcção d'este edificio grandioso luctou com difficuldades que a todos se antolhavam insuperaveis, menos ao seu espirito elevado, extremamente perseverante, e cujo valor e coragem cresciam perante os obstaculos e no meio dos perigos.

Foi d'esses dotes nobilissimos da sua alma, e do amor que os seus subditos consagravam á patria e ao rei, que elle e a nação tiraram alento e forças para repellirem e vencerem a quasi toda a Europa, que, invejosa da sua gloria, e atemorisada do vulto ingente que a nova monarchia de anno para anno ia assumindo cada vez maior, se arremessou de improviso sobre a Prussia, cuidando esmagal-a facilmente sob o peso de tantos e tão numerosos exercitos.

Mas de todos os seus inimigos saiu triumphante, alfim. Frederico II, correndo com incrivel rapidez de um a outro ponto da fronteira a embargar o passo aos invasores; correndo á frente dos seus exercitos, sempre inferiores em numero aos contrarios, venceu em batalhas campaes os austriacos, os saxonios, os francezes, os suecos e os russos.

As victorias das aguias prussianas foram devidas, ainda mais que ao ardor dos soldados, a um esforço extraordinario da intelligencia e do valor do soberano, no plano da batalha, e na intrepidez com que pelejava, arremessando-se com todo o seu estado maior de encontro ás phalanges inimigas, todas as vezes que julgava, como condição indispensavel do triumpho, dever incitar o enthusiasmo e ardor das suas tropas, expondo o seu peito ao ferro e ao fogo.

Foi na guerra general tão distincto, e na paz legislador tão sabio e reformador tão prudente, que mereceu a honra singularissima de ser em vida appellidado *grande*, não sómente pelos seus subditos, que desfructaram as vantagens das suas victorias e os dons do seu paternal governo, mas até pelos seus proprios inimigos, aos quaes tanto fez padecer na alma e no corpo.

De muitos outros modos mostrou Frederico II a grandeza do seu animo. E patenteou-a com a maior evidencia e brilho quando, depois de perder a batalha de Kolin, declarou de viva voz e publicou por escripto que a culpa fôra toda sua, não cabendo aos seus soldados parte alguma n'ella. Esta confissão na boca de um homem que tinha adquirido a justa reputação de ser um dos maiores capitães do seu seculo, constitue um genero de gloria, póde dizer-se, raro; porque mui poucos exemplos apresenta a historia de similhante abnegação, de um tal amor da justiça e da verdade.

Em campanha era um perfeito militar, sempre fardado com o uniforme das suas guardas, alimentando-se e dormindo com a mesma singeleza e frugalidade dos seus soldados, e dando de mão a todas as commodidades e apparato da realeza.

Nas ceremonias da corte apresentava-se em publico cercado de todo o esplendor da magestade. Fóra d'essas occasiões, em todos os mais habitos da sua vida, era simples no vestuario, frugal na comida, inimigo do luxo, economico em todas as suas despezas particulares, largo e rasgado em recompensar o merito e premiar serviços, lhano e affavel no trato, e só comsigo austero.

O seu espirito, dotado de pouco vulgar talento, era cultivado como raras vezes se encontra nos homens que o nascimento collocou em tão elevada posição. Versado nas letras e nas bellas artes, aprazia-se com a conversação dos sabios e dos artistas, tanto nacionaes como estrangeiros. Procurava com vivo interesse a companhia de uns e outros, e com alguns sabios, a que mais se affeiçoou, entretinha, estando ausentes, amiudada correspondencia.

As suas relações com Voltaire começaram sendo Frederico principe real, e, não obstante estreital-as a ponto de se tornarem familiares, conservou-as, depois de cingir a coroa, no mesmo grau de intimidade. A correspondencia entre estes dois grandes vultos do seculo XVIII é interessantissima, e occupa um distincto logar nas obras de Voltaire.

Para que não lhe faltasse genero algum de gloria, Frederico II tambem ambicionou as honras de auctor, e alcançou-as com geral applauso, dando á imprensa a sua excellente historia de Brandeburgo.

Nasceu Frederico II no paço real de Berlin aos 24 de janeiro de 1712. Subiu ao throno em 31 de maio de 1740, e falleceu em 17 de agosto de 1786 no seu palacio de *Sans-Souci*, bella residencia de campo fundada por elle, e tanto da sua predilecção, que o denominou *sem cuidados*, como querendo dizer — desenfado de cuidados.

Era filho e neto de dois soberanos do mesmo nome, e esta circunstancia levou alguns historiadores a chamarem-lhe erradamente Frederico III. Seu avô intitulou-se Frederico I, e seu pae Frederico Guilherme I.

Não deixou descendencia o illustre reformador da Prussia. A empreza a que tão arrojada e gloriosamente metteu hombros, e que tão adiantada deixou, foi continuada, embora com menos brilho, por seu sobrinho e successor, el-rei Frederico Guilherme II. O neto d'este ultimo soberano, que ao presente se senta no throno, por tal arte tem levado por diante a empreza de Frederico II, que a Prussia, que em 1740 apenas continha 2.240:000 habitantes, possue actualmente mais de 30.000:000 de almas. E quem sabe se em um futuro mais ou menos proximo, mau grado das resistencias que se manifestam, a Europa terá de ver toda a Allemanha reunida sob o sceptro dos Hohenzollerns.

Não tentámos escrever em tão poucas linhas uma biographia, que constitue um dos mais importantes capitulos da historia, não sómente da Prussia, ou da Allemanha, mas tambem da Europa, em todo o curso do seculo passado. O nosso fim, traçando este abbreviadissimo epilogo da vida de Frederico II, foi habilitar os nossos assignantes menos versados na historia para poderem apreciar o monarcha em honra do qual a nação agradecida erigiu o monumento de que nos vamos occupar.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

ACADEMIAS ITALIANAS

A *academia della Crusca* foi creada em Florença pelos annos 1582, com o louvavel intuito de depurar a lingua e a litteratura italianas. A sua denominação era já um symbolo, porque *crusca* significa em italiano a semea que está na peneira quando a farinha passou já para o fundo. A sociedade assim indicava que queria peneirar a lingua para separar a parte mais subtil da farinha da mais grosseira. As armas da academia *della Crusca* eram uma peneira com a seguinte legenda: *Il più bel fior ne cogli.* O seu vocabulario da lingua italiana, impresso por primeira vez em 1612, que vemos citado frequentes vezes pelos modernos lexicographos, é considerado como um modelo das obras n'este genero.

A *academia dos Arcades*, fundada em Roma por 1690, é devida ao afamado jurisconsulto e estimado poeta Gravina, e serviu de norma á que se creou em Lisboa no seculo XVIII, reinando o sr. rei D. José I. Cada socio inscrevia-se com o nome de um pastor da Arcadia. A celebre academia romana publica um fas-

ciculo mensal, onde se encontram muitas e mui notaveis memorias historicas e archeologicas.

A *academia del Cimento* foi estabelecida em Florença em 1657, sob a protecção do principe Leopoldo, depois cardeal de Médicis; e n'ella tiveram logar homens illustres como Borellio, o auctor *De motu animalium;* Viviani, o discipulo de Galileo e notavel geometra; Magalotti, e outros. A academia *del Cimento* dedicava-se especialmente ao estudo das sciencias physicas. As suas experiencias relativas á luz, á compressibilidade da agua, ao som, etc., foram muito uteis á sciencia.

PORTUGAL

CURIOSIDADES NATURAES

(Vid. pag. 336 do vol. x)

IV

GRUTA DO CABEÇO DE TRUQUEL

Continuando a serie de artigos sobre curiosidades naturaes, que principiámos a publicar no vol. x d'este jornal, trataremos agora de uma gruta muito notavel pela sua grandeza, e por mostrar signaes evidentes de que a mão do homem secundára alli a obra da natureza.

Na provincia da Estremadura, entre as villas de Porto de Moz, no districto de Leiria, e de Rio Maior, no de Santarem, corre a serra de Albardos, celebrada em a nossa historia pela tradição de um voto que alli fizera el-rei D. Affonso Henriques, e por um arco de pedra com a estatua d'este soberano, alli construido em tempos muito posteriores para commemorar e auctorisar aquelle facto, que é contestado pela boa critica [1].

Em um braço que lança a serra de Albardos para o concelho de Truquel, chamado *Cabeço de Truquel*, existe uma espaçosa gruta formada por grandes rochedos. Fizera-a com bastante capacidade a natureza, porém o esforço humano augmentou-a. Vêem-se na rocha vestigios indeleveis d'esse trabalho, que o volver de muitos seculos ainda não conseguiu apagar.

É tradição entre os povos circumvisinhos que esta gruta fôra habitada em eras mui remotas. Quanto aos habitadores, já se sabe que os designam com o nome de moiros, pois que o nosso povo não reconhece antiguidade mais remota que o dominio dos sarracenos.

Em outro qualquer paiz, d'entre os que vão agora adiante de nós no caminho dos progressos, ha muito que se teriam feito explorações n'esta gruta com fim de descobrir o mysterio que alli se occulta, isto é, a razão por que se intrometteu a arte em ampliar a obra da natureza.

Se a gruta foi habitada, seriam os povos primitivos, com alguma probabilidade, os seus moradores, pois não tinham outro genero de habitações. N'este caso era possivel que ahi se descobrissem, por meio de excavações, alguns dos instrumentos usados na edade petrea, com que se augmentasse a pequena collecção que o estado possue d'estas antiguidades, não obstante tudo indicar que o nosso solo deve encerrar muita cópia d'ellas. Com esses trabalhos se animaria o estudo dos tempos pre-historicos, ao qual presentemente estão applicando tanta attenção e desvelo as nações mais cultas.

Se o augmento que outr'ora deram á gruta foi feito para facilitar explorações mineralogicas, de que temos exemplos em outras localidades, do tempo da dominação romana, tambem era de grande conveniencia proceder-se alli a qualquer trabalho que esclarecesse este ponto.

Infelizmente, entre nós a curiosidade é pouca e quasi sempre mal dirigida. Até agora os raros curiosos que tem visitado a *gruta do Cabeço de Truquel* em má hora n'ella tem entrado, pois que se entretiveram em a despojar das estalactites que a adornavam.

Nos outros paizes, quando se descobre alguma d'essas lapas maravilhosamente fabricadas, ou esplendidamente ornamentadas pela mão da Providencia, vela-se pela sua conservação, por parte do proprietario ou da auctoridade, com tamanho cuidado como se se tratasse de preservar de ruina ou dilapidação um importante thesouro. E em taes mãos verdadeiro thesouro é sempre uma d'essas curiosidades naturaes, porque, além do valor inestimavel que ostentam n'aquellas galas e phantasias com que a natureza as decorou, dão causa, pela concurrencia de viajantes que attrahem, a maior movimento commercial, e ás vezes a grandes e salutares transformações economicas.

Em Portugal, que differença tão triste e humilhante para esta nação! Em Portugal, dizemos, quando se descobre alguma gruta, reluzindo toda com as brilhantes estalactictes que pendem da abobada, e com as estalagmites que se accumulam no solo, elevando-se com fórmas caprichosas até se unirem algumas vezes áquelles formosos e luzentes festões; quando se descobrem taes maravilhas, tem a sorte que ha pouco teve a riquissima gruta da serra de Marvão, cujos despojos vieram figurar em Lisboa, correndo o primeiro semestre d'este anno, em uma exposição publica, que aos olhos dos estrangeiros nos fez, sem dúvida, passar por barbaros!

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. a gravura e os artigos a pag. 321 e 335 do vol. VII.

VILLA DA POVOA DE VARZIM

(Vid. pag. 156)

V

Assenta a villa da Povoa de Varzim em uma planicie nas margens do Oceano, e na altura de 41 graus, pouco mais ou menos, ao norte do equador. A povoação tomou a fórma triangular, e está distante da cidade do Porto uns 30 kilometros. Á vista de documentos officiaes, póde-se assegurar que a Povoa de Varzim é, depois da capital da provincia do Minho, a primeira terra em população n'essa provincia, apresentando-se aos olhos do viajante, quer vendo-a do mar, quer da terra, em magnifico panorama, do que se fará idéa clara observando a gravura que acompanhou o artigo anterior, a pag. 157.

A Povoa de Varzim tem boas ruas, algumas bem alinhadas, e excellentes edificações.

A maioria da população, que é muito laboriosa, dedica-se á pesca, e com este commercio especial alimenta a Povoa de Varzim constantes e importantes relações com toda a provincia do Minho, com a de Traz-os-Montes, e até com a Beira Alta. Outra parte da população vae tripular as embarcações que navegam n'aquella extensa costa, ou que demandam paragens mais longinquas, ao que vulgarmente se chama viagem de longo curso; e a parte não maritima, como ao diante se verá, em que entram os proprietarios, funccionarios publicos e pessoas abastadas e instruidas, entrega-se ao grangeio das terras, ás especulações do commercio e da industria, e ao cultivo das artes.

Nos ultimos annos, posto que os pobres pescadores não possam gabar-se de terem os poderes publicos attendido á sua precaria situação em todas as partes do paiz onde elles se acham congregados pela natureza do terreno; nos ultimos annos, dizemos, a população augmentou extraordinariamente, como vamos demonstrar.

O recenseamento da Povoa de Varzim, concluido em 1850, dava a esta povoação 2:224 fogos e 8:758 ha-

bitantes; em 1864 estes algarismos elevam-se a 2:352 fogos e 10:110 habitantes; e no principio do anno 1867 (data de um mappa estatistico que temos presente [1]) contavam-se alli 2:381 fogos e 10:577 almas, havendo, ño transcurso do anno 1866, 77 casamentos, 385 nascimentos e 248 obitos.

Para apreciar a população d'este ultimo recenseamento classifical-a-hemos do seguinte modo:

OFFICIOS OU PROFISSÕES	HOMENS	MULHERES
Alfaiates	35	—
Assedadeiras	—	10
Barbeiros	24	—
Caiadores	50	—
Calafates	6	—
Carpinteiros	64	—
Cereeiros	2	—
Cesteiros	1	—
Cordoeiros	18	—
Costureiras	—	70
Ensambladores	4	—
Estucadores	3	—
Ferradores	5	—
Ferreiros	7	—
Fogueteiros	2	—
Funileiros	3	—
Latoeiros	1	—
Pedreiros	19	—
Pintores	5	—
Sapateiros	11	—
Sebeiros	1	—
Tamanqueiros	11	—
Tanoeiros	4	—
Tecedeiras	—	7

INDUSTRIAS OU PROFISSÕES	HOMENS	MULHERES
Advogados por provisão	1	—
Agentes de causas, legalmente habilitados	3	—
Almocreves	10	—
Bachareis formados em direito	2	—
Bachareis formados em medicina	1	—
Cirurgiões pela antiga eschola	2	—
Cirurgiões pela nova eschola	2	—
Doceiras	—	3
Ecclesiasticos	18	—
Emprezarios de açougues e marchantes	9	—
Mercadores de loiças	7	—
Pharmaceuticos	4	—
Pilotos de navios	6	—
Pessoas empregadas na pesca	3:200	—
Pessoas empregadas na pesca, feitura e concerto de redes, etc	7:930	—

INDUSTRIAS E ESTABELECIMENTOS	NUMERO
Botequins com bilhares	3
Botequins sem bilhares	2
Estalagens e hospedarias	5
Fabricas de chapeos	2
Lojas de fazendas de algodão e lã, mercearias, tavernas, etc	188
Padarias	29
Pharmacias	4

Os esclarecimentos ácerca da industria da pesca, cujo pessoal numerosissimo fica indicado no final da tabella acima transcripta, farão objecto de um capitulo á parte, por serem na verdade muito curiosos e muito importantes.

Na villa encontram-se 13 vehiculos de quatro rodas. Ha 4 diligencias diarias, com horario determinado, entre a Povoa de Varzim e o Porto; e 3 que, fazendo viagens regulares de Barcellos e Vianna do Castello, em transito pela Povoa, para o Porto, recebem passageiros n'aquella villa.

Além d'estas diligencias diarias, ha, durante a estação dos banhos, outras para Barcellos, Braga, Guimarães, Fafe, Lameira, Cerdeira e Porto, as quaes diligencias trazem ás praias da Povoa de Varzim, approximadamente, 20:000 banhistas.

[1] Devemol-o á benevolencia do sr. Manuel Luiz Monteiro Junior, que já citámos.

O movimento commercial póde-se calcular bem, sabendo que o numero de carros e cargas de fazendas e vinhos que vem do Porto annualmente para a Povoa é de 2:600; de diversas terras, em generos de primeira necessidade para abastecimento dos povoenses, ou *póveiros*, como lhes chamam em todo o Minho, entram na villa 30:600 carros e 24:000 cargas.

A villa está dividida em tres bairros, correspondendo a denominação de cada um á da egreja que fica situada no respectivo angulo; isto é, onde está o templo da Conceição, chama-se bairro da Conceição; onde se acha a egreja de S. José, denomina-se bairro de S. José; e onde se vê a capella da Lapa, tem o nome de bairro da Lapa. Esta divisão foi feita ha poucos annos pelo administrador do concelho, com approvação da municipalidade.

Todos sabem, digamol-o mais uma vez com sincero pezar e como novo protesto contra tal incuria, que em o nosso paiz a instrucção publica anda, coitada! tão desamparada de bons esteios, que não é raro verem-se localidades sem o numero nem a especie de escholas necessarias á sua população. Estava, e está, n'este caso a villa da Povoa de Varzim. Em 1851 contava apenas uma eschola de instrucção primaria para o sexo masculino, e, segundo affirma o auctor das *Memorias historicas*, não se conhecia então alli nenhum outro estabelecimento de instrucção, e a mocidade, tanto de um como de outro sexo, vivia em quasi completa escuridão. Hoje tem só duas escholas primarias para o sexo masculino e uma para o sexo feminino. Mas não é bastante. A Povoa de Varzim, pelo numero e qualidade de seus habitantes, e pela posição em que se acha, como villa maritima, podia bem ser lembrada para uma eschola secundaria, ou para uma eschola de pilotagem, e com isto por certo que se lhe daria novo impulso, e se mostraria que não se negavam aos povoenses nem as luzes da civilisação, nem os meios de se engrandecerem e prosperarem.

Reconhecendo tão urgente necessidade, a junta geral do districto do Porto, na consulta que subiu para o governo no anno 1864, instou pela creação da eschola de pilotagem do seguinte modo:

«Pede esta junta o estabelecimento de uma eschola de pilotagem na Povoa de Varzim, terra que vive do mar e quasi no mar. É claro que n'essa eschola, além dos conhecimentos technicos, mais empiricos que philosophicos, se devem dar as indispensaveis noções de geographia commercial, organisando-se os programmas de modo que esta eschola não venha a degenerar em apparatos scientificos, que são a morte de estabelecimentos d'esta ordem.»

Cremos que a junta geral do districto do Porto não foi attendida n'este seu patriotico empenho. Pois devia sel-o.

VI

Vimos no capitulo antecedente que a população da Povoa de Varzim é de quasi 11:000 habitantes, e que a parte que se dedica á industria da pesca e aos mesteres correlativos d'esta industria se eleva a 8:000 almas. Isto não admira tanto como os algarismos que se referem aos meios da producção e á producção piscatoria, cujo mappa, que temos presente, com relação ao anno 1866, desenvolveremos, para conhecimento do leitor, do seguinte modo:

Contava no dito anno a Povoa de Varzim 320 barcos de pesca, os quaes tinham em acção, pouco mais ou menos, 25:600 redes e 3:000 linhas de anzoes, sendo o valor das redes de 204:795$000 réis e o das linhas de 720$000 réis.

O producto das transacções realisadas na villa, tanto pelos pescadores directamente como pelas pessoas que negoceiam com o pescado, elevava-se a 230:000$000 réis; e o producto das pescarias vendidas pelos pes-

cadores povoenses desde Caminha até á Figueira fôra calculado em 180:000$000 réis. O imposto pago na estação fiscal pelo pescado vendido na villa em 1866 fôra de 5:000$000 réis.

Saem annualmente para a cidade do Porto não menos de 1:600 barricas com sardinha, e, sem exaggeração, mais de 3:000 cargas de peixe.

O numero das cargas de peixe que da Povoa de Varzim sae para as provincias do Minho, Traz-os-Montes e Beira Alta é, porém, incalculavel. Asseguram os conhecedores da Povoa que se, em qualquer mappa estatistico, podesse figurar com verdade a importancia da exportação do peixe para aquellas provincias, poucas pessoas o acreditariam, por se lhes figurar maravilhoso. Não ha alli, todavia, multiplicação milagrosa, porque tudo é devido ao esforço, que se poderá chamar sobrehumano, dos ousados pescadores.

As especies de pescado que se vendem na villa constam da seguinte nota: agulha, airoga, alecrim, anjo, azevia, badejo, bebedo, boca-torta, bodião, boga, bonito, bôto, brêta, brota, bruxa, cabra, cação, cachorra, camarão, cão, capatão, carangueja, caranguejo, cascarra, cavalla, cherne, chicharro, chôco, choupa, congro, corvina, dentilha, enxôva, espada, faneca, fanéco, ferreta, gallo (ou alfaquim), gato, goraz, judeu, lagosta, lavagante, linguado, litão, lixa, lula, lulão, marachomba, maragota, melga, mello, moreia, navalheira, olho branco, olho verde, orelhão, páo, pachão, panadeira, papoula, patello, pescada, polvo, prego, raia, ratão, rei, roballo, rodovalho, rouco, ruivo, salmonete, sant'antonio, sapo (ou tamboril), sardinha, sargo, savel, savelha, serra, serrão, solha, tainha, toninha, tintureira, tremedeira (ou tremelga), urze, vesugo, viuva.

D'estas especies as mais saborosas e estimadas são: agulha, azevia, cachorra, congro, corvina, enxova, gallo, lagosta, linguado, mello, moreia, pescada, rei, roballo, rodovalho, ruivo, salmonete, sargo, savel, savelha, solha e tainha.

(Continúa) BRITO ARANHA.



Povoa de Varzim, lado do poente — Egreja da Lapa e pharol

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 163)

VII

BALTHAZAR

Pedro viu Maria ajoelhada na praia, onde a donzella orava, chorando pelo pae, que não tinha voltado na vespera.

Os outros viram a gente que por alli andava; mas cançaram-se debalde, porque não poderam conhecel-a da distancia em que se achavam.

O compadre Balthazar meditou um momento.

Sem ser completamente estupido, este bom homem era completamente infeliz todas as vezes que tomava uma resolução em resultado das suas reflexões. Quando seguia o primeiro impulso, não se distinguiam os seus actos dos das outras pessoas da sua esphera; mas quando obrava depois de ter meditado o que havia de fazer, era asneira certa. Todos sabiam isto, e a familia tremia de o ver pensativo. Em coisas relativas ao barco e aos negocios da pesca, nunca o compadre Sebastião lhe dava tempo de reflectir. Quando elle lhe propunha qualquer innovação no contrato da sociedade ou concerto no batel, dizia-lhe sempre:

— Responda já: sim ou não?

A primeira vez que se afastou d'este uso pagou-o caro. Tinham tido uma pesca feliz. Vendo o barco cheio de peixe, lembrou-se Sebastião de que não o venderiam tão bem em Avelomar como na Povoa, que é d'alli meia legoa, onde se achava então muita gente a banhos. Consultou o compadre Balthazar, e este meditou um instante sem que o outro fizesse reparo. Depois respondeu: «que em vez de irem á Povoa, seria muito melhor irem ao Porto, que era uma grande cidade, onde lhes pagariam bem o peixe; e que as cinco legoas se navegavam depressa, porque tinham vento norte; e que no outro dia estariam de volta com um bom par de moedas.»

Quadravam bem ao Sebastião estas razões, que lhe afagavam a cubiça; e, sem pensar no mau sestro do compadre, endireitou a prôa para o sul.

Alli pelas alturas do Mindelo começou o vento de escassear; entrou o panno a bater, o sol aqueceu, o batel não tinha toldo, e foi necessario deitar as mãos aos remos por um calor de rachar. Era já noite fechada quando abicaram á barra. Todos iam desesperados, quasi mortos de trabalho, aborrecidos, e praguejando contra a lembrança de que a principio diziam maravilhas.

Ao entrar, o barco bateu com força n'uma pedra e

abriu um rombo formidavel. Custou muito a susterem a agua até chegarem á praia do castello da Foz, onde vararam; e, depois de encalhado e escoado o batel, estiveram os dois compadres para se matarem um ao outro!

O peixe, vendido no dia seguinte, e já meio corrompido, não chegou para o concerto da embarcação. A gente voltou a Avelomar, tres ou quatro dias depois, esfomeada e magra, como se saisse de um carcere da inquisição.

A segunda vez que Sebastião se não insurgiu contra a meditação de Balthazar foi á vista da nuvemsinha. Se tivessem partido logo para terra, em vez de deitarem novamente as linhas para apanhar mais meia duzia de congros, não teriam corrido tamanhos perigos e estariam em casa socegados.

Que sairia da terceira meditação de Balthazar, e como a receberia o compadre Sebastião?

— Compadre, vossê, que sabe inglez, peça ao capitão que metta um pouco mais em cheio; o vento não está lá muito rijo, e, aproximando-nos da terra, poderemos talvez ganhar na lancha as praias da Fragosa ou da Lagôa. O navio é fino e vira facilmente; logo que nos largue tornará a fazer-se ao largo, e nós escusâmos de ir ao Porto.

— Isso é bom, compadre Balthazar... isso é bom de dizer; mas o capitão quererá pôr em risco o navio, chegando-o para uma costa tão aparcellada como a nossa? nem me parece que nós poderiamos chegar á praia sem nos levar a fortuna antes d'isso. D'aqui não se vê, porque estamos a boa meia legoa; mas olhe que o rôlo deve ser maior que uma torre; e se nos embrulhasse fazia-nos em fanicos.

— Eu cá parece-me que não haveria novidade... não é por nós, bem sabe; porém a minha pobre Anna, coitada, que me julga morto, a mim e ao rapaz... e a comadre Josepha... E a minha afilhada... que Pedro diz que vê a chorar na praia pelo compadre?! Eu não duvido nada que veja; aquillo sempre tem uma vista!... Coitadinhas! Era só para as consolar, a todas as dos que vamos aqui!... Nanja por nós, torno a dizer; mas por ellas...

Os companheiros juntaram-se e fizeram côro com Balthazar.

Sebastião Palmeiro hesitava por prudencia; porém o coração tambem lhe dizia que era generosidade arriscar-se para ir enxugar os prantos da esposa e da filha.

Occultou uma lagrima e fez o pedido ao capitão. Este observou-lhe que o mar estava muito levantado e o noroeste muito forte; que iriam expor-se a uma morte certa, porque elle não podia, com aquelle tempo, aproximar-se muito mais da costa; que reparassem como o batel jogava e mettia agua, apesar de ir tão seguido com o reboque dado pelo navio, e que peior seria quando fosse só com o seguimento das suas velas.

Sebastião, reconhecendo a sisudeza das observações e confessando-a, insistiu, todavia, pelo favor pedido.

Avelomar ficava já ao norte do brigue; o inglez, antes de se fazer no bordo da terra, virou varias vezes por d'avante, como para experimentar se o navio mentia de alguma d'ellas; e, depois de se assegurar que elle obedecia fielmente ao leme, poz a prôa na terra, orçando sempre quanto podia para retomar a altura da povoação.

Chegando defronte da praia de Esteiro, que toma o nome de um pequeno rio que passa por Aldeia Nova, atravessou; e, apesar de descair muito, fez abrigo para que os pescadores podessem saltar para a lancha. Esperou que mettessem os mastros e largassem as velas, e só depois que os viu ir seguidos é que retomou o seu rumo.

VIII

ULTIMAS MEDITAÇÕES DO COMPADRE BALTHAZAR

A fragil barquinha aguentou-se ao principio quasi sem grande difficuldade; os do navio, que se afastavam receiosos de a ver sossobrar a todo o instante, ficaram contentes quando notaram que ella se portava tão bem com o mar.

O compadre Sebastião preferiu correr á bolina, porque a lancha era dura de borda, e galgava melhor as ondas de soslaio do que atravessando-as. Poz a prôa nos penedos que dividem a praia da Aradinha da de Carreiro, e andou assim menos mal por espaço de um quarto de hora.

A terra ficavá a distancia de dois kilometros, pouco mais ou menos; e como o barquinho rolava muito, com as vagas que vinham por través bater-lhe no costado, iam-se aproximando d'ella rapidamente. Os homens todos, á excepção do piloto, tinham-se agarrado á borda de barlavento, e ninguem dava palavra. De quando em quando ouviam-se as escotas, retezadas e açoitadas pela força do vento, resoar como bordões de viola; os mastrosinhos vergavam e davam estalinhos. Balthazar ia pensativo!...

— Compadre Sebastião, o vento póde crescer mais ainda, e parece-me que estamos perdendo um tempo precioso com a navegação que fazemos.

— Por que diz isso, compadre?

— Porque á bolina adiantâmos pouco caminho, e não chegaremos a terra com dia, se Deus Nosso Senhor permittir que nos salvemos. Pense o que será de nós se nos apanha a noite n'esta altura com o temposinho que está.

— Mas que quer o compadre fazer?

— Parecia-me bom darmos a pôpa ao vento e proejarmos para a Fragoza, onde chegaremos em menos de meia hora, com a ajudà de Deus e da Senhora das Neves.

— Compadre Balthazar, replicou Sebastião gravemente; a lancha não aguenta o balanço com este mar. Se lhe dermos a pôpa, a primeira onda virá alagarnos.

Balthazar abanou a cabeça.

— O compadre sabe que eu ando aqui ha quarenta annos e que nunca me alaguei.

Sebastião córou ligeiramente, tossiu, assoou-se e deixou passar alguns segundos antes de responder. Depois d'essa pausa disse friamente:

— Pois eu já naufraguei sete vezes... em navios de alto bordo. A primeira foi no mar da China; a segunda nas proximidades do Maranhão; a terceira no mar Pacifico...

— Ta, ta, ta, ta! exclamou Balthazar. O compadre vae contar-nos a sua historia, que já todos sabemos. Ninguem duvida da experiencia do compadre, que tem visto muito mundo; mas isto aqui é outro cantar! E vossemecê póde entender as coisas lá dos navios grandes, mas cá das nossas catraias ha de me dar licença que eu saiba tambem um pouco. Esta lancha póde muito bem com o panno, e, se nós tivessemos vindo velejados a um largo, já estariamos provavelmente em terra.

A fatalidade dava sempre razão a Balthazar.

Toda a companha, incluindo Pedro, pediu que se manobrasse para correr em cheio contra a terra.

Sebastião assumiu um ar solemne e respondeu:

— Quando fizemos a sociedade, foi com a condição de que eu tomaria o governo do batel, e que só se faria o que eu mandasse...

— É verdade, é verdade, clamaram varias vozes; mas nós não queremos morrer.

— Pois eu affirmo, tornou o velho piloto, que morreremos todos se tomarmos rumo differente do que levâmos agora. Tambem eu não quero morrer! Sou

talvez o unico aqui que não sabe nadar!... Para que diabo me serviria, pois, teimar, se não conhecesse que só indo d'este modo nos salvaremos?

O Balthazar ficou um pouco atrapalhado e meditou outra vez.

— Compadre Sebastião, nós não podêmos estar todos em erro e vossemecê só na razão. Logo, isso é birra e emperramento para mostrar a sua auctoridade. Vamos aqui seis homens, todos maduros, e este rapaz, que não é por ser meu filho, mas parece-me que ha de ter o miolo no seu logar, apesar do que diz o sr. padre Manuel, que o acha tapado. Ora se nós seis, e com o rapaz sete; se nós sete pensâmos o contrario do que quer lá na sua o compadre, bem vê que não é de razão, como o outro que diz, arrumar assim os pés á parede e dizer: arre p'r'alli.

O discurso de Balthazar produziu, como era de esperar, o effeito que sempre produzem os discursos dos oradores das maiorias, sejam quaes forem as circunstancias em que elles os profiram. Todos gritaram que Sebastião os queria matar de proposito; que se elle tinha vontade de morrer, a coisa era facil; entregasse o leme a Balthazar e saltasse por cima da borda.

O compadre Balthazar saboreava o seu triumpho como o deputado que derrota um ministerio.

A companha exigiu que elle tomasse a direcção do barco, e Sebastião entregou a pasta, isto é, a canna do leme, como um ministro caído entrega ao seu successor a secretaria de estado.

Apenas o compadre Balthazar pegou no leme, mandou logo folgar as escotas e arribou na direcção da praia da Fragoza.

Infelizmente, as previsões de Sebastião realisaram-se com tão fatal rapidez, que nem sequer houve tempo para se acabar de dar volta aos cabos!

Uma vaga immensa avançou para a pôpa da casquinha de noz, como um batalhão cerrado que investe um ponto estrategico insignificante, e passou por cima d'ella com tamanha violencia, que o grito de «Misericordia», que quizeram soltar os pescadores, expirou-lhes nos labios, abafado pela agua. Batel e homens, tudo desappareceu na voragem.

(Continúa) F. Gomes de Amorim.

PISCICULTURA

(Vid. pag. 142)

IV

Exponhamos agora as bases scientificas da piscicultura [1].

Os peixes multiplicam-se por meio de ovos.

São os peixes femeas que os geram e expulsam, em certas epochas do anno, e em certos logares que mais convenientes lhes parecem para a desenvolução dos mesmos.

Mas os ovos saídos das femeas não se transformam em novos peixes se sobre elles não actuar um liquido especial, cuja elaboração se opera em orgãos para esse fim destinados, que só os peixes machos tem, liquido que alguns denominam latancia, e que se póde chamar liquido fecundante.

A maneira por que procedem alguns peixes, machos e femeas, para realisarem aquelle importante e mysterioso acto, que tem por fim a perpetuação da especie, merece ser miudamente exposta.

Referir-nos-hemos ás pacientes observações de Remy, relativas á procreação das trutas.

[1] Não terminaremos estes artigos sem advertir os leitores de que a alguem parece improprio o termo *piscicultura*, que, traduzido, quer dizer *cultura do peixe*, para denominar a arte ou methodo de favorecer a multiplicação dos peixes.

Concordâmos em que não é muito rigoroso; mas cremos que já agora não será substituido por outro mais adequado.

É pelo meiado novembro que estes saborosos peixes costumam desovar.

Para isso deixam os rios, enfiam pelas ribeiras acima, e vem procurar no alto das mesmas, onde a agua é menos agitada, logares onde construam seus ninhos.

Chegados alli, começam de deslocar algumas pedrinhas, e de pol-as de modo que a força da corrente n'ellas se quebre e modifique por maneira que não arraste comsigo os ovinhos que as carinhosas mães (até nos peixinhos este amor existe, e bem engenhoso) em breve de si hão de lançar.

Quando o berço aquatico, para construir o qual se servem das barbatanas, principalmente da caudal, está prompto, começa a desova, que effectuam esfregando muitas vezes, ao de leve, o ventre pelos seixos que jazem no alveo do rio, e depondo os ovos nos espaços existentes entre as pedras que préviamente tinham disposto.

Feito isto, intervêm os machos. Nadando vagarosos por cima dos logares em que estão os ovos, vão derramando sobre elles o liquido fecundante. N'aquelle momento a agua perde a sua natural limpidez; mas não tarda a readquiril-a.

Afastam-se os paes, cumprida a sua missão, e occorrem as mães a protegerem os filhos, ainda em germen. Roçando-se novamente sobre a areia, procuram e conseguem cobrir com ella os ovos fecundados.

Apesar de todos os desvelos, succedem amiudadas vezes accidentes que sacrificam a totalidade da postura ou grande parte d'ella, e que ou destroem completamente a geração nova, ou muito e muito a dizimam.

Basta que as correntes se tornem impetuosas, que o nivel das aguas baixe além de certo limite, que especies vorazes por alli rondem, para que seja inevitavel o anniquilamento dos novos entes [1].

Da observação de todos os factos que deixâmos expostos, e de outros que omittimos, nasceu a piscicultura, que ora se encarrega de coadjuvar, podêmol-o dizer assim, os peixes na construcção de seus ninhos, e de defender os ovos e os recem-nascidos dos numerosos perigos a que estão expostos, para, quando adultos, lhes dar liberdade ou os enviar como colonos para outras aguas; ora, como depois diremos, promove a desova; dirige o acto fecundante; conserva nas condições apropriadas os ovos, para que vinguem os peixinhos; sustenta estes, e, criados que estejam, envia-os a repovoarem as aguas d'onde aquellas especies tinham desapparecido, ou a enriquecerem as em que as não havia.

São quatro os principaes processos de piscicultura: ninhos ou desovarios, fecundação artificial, incubação e colonisação.

Antes de dizermos em que consiste cada um d'estes processos, convem consignar uma observação de mr. Coste a respeito da fixação ou não fixação dos ovos dos peixes.

Segundo aquelle naturalista, os peixes, considera-

[1] Um exemplo bastará para que os nossos leitores façam idéa da reducção que experimentam as especies que vivem nas aguas, pela acção destruidora de phenomenos naturaes e pela influencia do homem.

Todos os naturalistas que tem escripto a respeito da ostra comestivel *(ostrea edulis)* mencionam a prodigiosa fecundidade de tão precioso mollusco.

Ha quem affirme produzir cada ostra dois a tres milhões de ovos. Outros, talvez mais chegados á verdade, dizem que póde cada ostra gerar annualmente cincoenta a sessenta mil ovos. Pois está averiguado que, n'um anno de abundancia, só dez ou doze ficam sobre a concha da mãe. Todas as mais ou morrem nos lodos, ou são levadas e destruidas pelas ondas, ou servem de pasto a uma multidão immensa de animaes marinhos.

O homem não é dos menores inimigos das ostras.

Em 1864 dizia um escriptor bem informado que só em Paris se consumiam annualmente oitenta milhões de ostras. De Lisboa foram para o porto de Arcachon, desde dezembro de 1866 até maio de 1868, mais de treze milhões d'aquelles molluscos, talvez para viveiros.

Estes numeros são insignificantissimos em relação aos que representam o consumo geral das ostras.

dos relativamente á piscicultura, podem dividir-se em dois grupos: um comprehendendo as especies cujos ovos, apenas postos, se prendem ás plantas, ás pedras e a quaesquer outros corpos que encontrem; e o outro formado das especies das quaes os ovos ficam livres, isto é, assentam, sem adherirem, na areia, na vasa ou nos espaços existentes entre as pedras. As carpas pertencem ao primeiro grupo; as trutas e salmões ao segundo. Está averiguado que para a multiplicação dos peixes do primeiro grupo é preferivel o processo dos ninhos; e para a multiplicação dos do segundo convem mais o processo da fecundação artificial.

Dito isto, exponhamos os processos.

Chamâmos ninhos aos logares que os peixes procuram para desovarem [1]. Como as especies cujos ovos se fixam escolhem para os porem os sitios onde haja hervas, raizes ou pedras, o cuidado do piscicultor consiste em dispor as coisas de modo tal que a desova se faça só em sitios por elle escolhidos e preparados. Consegue-se isto deixando n'aquelles logares hervas e pedras, e arrancando-as dos outros onde não conviria que as femeas desovassem. Logo que está concluida a desova e fecundados os ovos, tiram-se para apparelhos preparados para recebel-os.

Distinguem os piscicultores os ninhos em *naturaes* e *artificiaes*. Os primeiros são aquelles em que existem plantas ou pedras, sobre as quaes os ovos assentem; são os segundos os em que não ha corpos em que os peixes possam depositar a postura.

Podem fazer-se os ninhos artificiaes de differentes maneiras. Usam uns de mólbos de relva postos em series e convenientemente seguros; outros de vasos de loiça ou de caixas de madeira, pouco fundas, contendo plantas marinhas; outros, finalmente, de grades de madeira cobertas de raizes, de ramos miudos ou de mólbos de urzes.

Mez e meio ou dois mezes antes da epocha em que se suppõe que a desova se realisará, collocam-se aquelles recipientes nas margens cujo declive é suave, em sitios em que dê o sol e pouco abaixo da superficie da agua. Concluida a desova, tiram-se.

Eis como se faz a fecundação artificial [2]. Encarceram-se as femeas e os machos destinados á reproducção em reservatorios apropriados, até que os ovos e a materia fecundante estejam perfeitos. Chegada a occasião, que a experiencia indica qual seja para cada especie, opera-se do seguinte modo: Toma-se um vaso grande de loiça ou de vidro, de fundo chato; deita-se-lhe um ou dois litros de agua muito clara, e, sendo possivel, de composição analoga á da agua em que vive a especie que se pretende multiplicar; e põe-se sobre uma mesa, para n'elle lançar os ovos da femea. Para isto, pega-se no peixe com a mão esquerda, de maneira que a cabeça do animal fique para cima e o dorso encostado á palma da mão; apoia-se o pollegar da mão direita em um dos lados do peixe e os outros dedos no lado opposto, e faz-se uma suave fricção de cima para baixo. D'este modo são os ovos impellidos para a abertura anal, saem facilmente e precipitam-se na agua. Pega-se em um peixe macho, suspende-se do mesmo modo sobre o vaso em que estão os ovos e fricciona-se como se friccionou a femea. O liquido fecundante começa logo a correr e a cair na agua, que se turva ligeiramente, tomando o aspecto do soro de leite. Para se conseguir este resultado não é necessario empregar todo o liquido fecundante que o macho póde fornecer.

Para que o contacto do liquido fecundante e dos ovos seja intimo, e é indispensavel qué o seja, agita-se suavemente a agua do vaso com um pincel muito comprido.

Tambem se consegue misturar intimamente os ovos e o liquido fecundante empregando, em logar do vaso de loiça ou de vidro, um cesto ou um peneiro de malhas muito estreitas, levantando-o, abaixando-o e movendo-o em todas as direcções, sem nunca o tirar de dentro da agua.

Agitado o liquido por qualquer d'estes dois meios, deixa-se repoisar por um ou dois minutos. Decorridos estes, está a fecundação operada.

É coisa averiguada que os ovos provenientes de femeas mortas dez ou quinze horas antes da operação, podem ser fecundados tão perfeitamente como os extrahidos de femeas vivas.

Fecundados os ovos, ou se deitam, com a agua que os contém, em apparelhos apropriados ao nascimento dos peixinhos, se a incubação tem de se fazer no logar onde a fecundação se operou; ou se passam para caixas construidas especialmente para aquelle fim, se os ovos tem de se enviar para outros logares.

A escolha dos apparelhos em que os ovos devem permanecer até que nasçam os peixitos é ponto de grande importancia.

A primeira condição a que devem satisfazer é serem feitos de tal modo, que a agua esteja sempre a renovar-se, mas correndo não muito rapidamente.

A circunstancia de estarem os ovos em agua corrente obsta a que se formem byssus [1], que os destroem ás vezes completamente.

Importa tambem muito attender á materia de que os apparelhos são feitos. Estão condemnados os de metal, porque os metaes, principalmente em contacto com a agua, oxidam-se e experimentam outras alterações de composição prejudiciaes aos ovos e aos peixes. Os de madeira não são bons, porque as madeiras alteram-se com muita facilidade, e communicam á agua gosto, cheiro e outras propriedades nocivas aos animaesinhos. Nenhum d'estes inconvenientes tem os apparelhos de barro cozido, de porcellana esmaltada ou os de vidro.

No *Zoological-Gardens* de Londres usavam-se, e suppomos que ainda se usam, apparelhos de vidro, que, além de outras vantagens, tem a de deixarem ver todos os actos da vida dos peixes.

Remy servia-se de caixas de folha de Flandres cheia de buraquinhos, e collocadas sobre a areia, em sitio em que a agua corresse bem. Ora, como não basta que os ovos vinguem, mas é indispensavel tratar desveladamente dos recem-nascidos, e isto se não póde conseguir com o simplissimo apparelho de Remy, está aquelle apparelho justamente condemnado.

O de que se serve mr. Coste, além de simples e barato, satisfaz ás exigencias da operação.

(Continúa) SOUSA TELLES.

[1] Parece-nos que se póde empregar a palavra *ninho* para indicar o logar onde certas especies ichtyologicas depõem os ovos. Alguem chama áquelles logares *desovarios*. Os francezes empregam para indicar os ninhos dos peixes o termo *frayére*.

[2] O processo que expomos é o que empregou mr. Coste no curso de piscicultura professado no collegio de França.

[1] Já em outra parte empregámos o termo *byssus*, e póde acontecer que nem todos os leitores saibam o que significa. Denomina-se *byssus* uma especie de bolor que se desenvolve nos ovos dos peixes, e que dá cabo d'elles. Este bolor é formado de plantas cryptogamicas, isto é, de plantas de organisação extremamente simples, e que só podem ser bem estudadas com o auxilio do microscopio.

As cryptogamicas desenvolvem-se muitas vezes sobre as plantas mais perfeitas, sobre os animaes, e até em differentes orgãos do homem. Não ha muito tempo, achou o sr. dr. May Figueira uma planta cryptogamica nos pulmões de um homem que morrêra no hospital de S. José. A molestia das uvas é devida a uma cryptogamica.

Os sapinhos, de que tanto soffrem as crianças, e a tinha, são molestias devidas a plantas cryptogamicas, que se desenvolvem na boca e nos cabellos.

RECTIFICAÇÃO

A pag. 129, col. 1.ª, em vez de =Cingia por esse tempo a mitra eborense o cardeal infante D. Henrique= deve ler-se =Cingia por esse tempo a mitra eborense o cardeal infante D. Affonso=.



Quadro da Coroação da Virgem, na capella do paço archiepiscopal de Evora

Os jesuitas Manuel Fialho e Francisco Fonseca, o primeiro na *Evora illustrada*, que ficou inédita, o segundo na *Evora gloriosa*, attribuindo a D. Payo a edificação da sé e sua consagração á Rainha dos Anjos Maria Santissima, accrescentam com toda a gravidade que o dito bispo mandára pôr, em 1204, no altar-mór a imagem d'aquella Senhora, pintada em madeira por artista primoroso. É o quadro representado na gravura, o qual esteve, com effeito, na antiga capella-mór até ao tempo em que foi demolida e de novo edificada por Ludovici, que, entendendo que mal pareciam velhos paineis gothicos n'uma obra prima da architectura moderna, os substituiu por aquelles que alli se vêem hoje.

Ignoravam, porém, os jesuitas que só no primeiro quartel do seculo xv se inventára ou aperfeiçoára a pintura a oleo, e que era, portanto, impossivel que o bispo D. Payo tivesse, em 1204, um primoroso quadro d'este genero para ornar a sua cathedral.

O conde de Raczynski foi, segundo cremos, o unico entendedor que escreveu algumas linhas ácerca d'este notavel monumento. Eis aqui as suas proprias palavras:

«Le tableau de la Vierge entourée d'anges est admirable dans toutes ses parties. C'est, de tous les tableaux gothiques que j'ai vu en Portugal, celui auquel je trouve le plus de mérite. Il me rapelle celui de l'autel de Gand. Il est infiniment mieux que les douze autres [1], et il pourrait difficilement être l'œuvre du même pinceau.»

[1] São os outros quadros que tambem estavam na antiga capella-mór, dos quaes fallaremos adiante.

Ora o auctor do quadro de Gand foi João Van-Eyck, o qual nasceu em 1390, ou pouco antes; inventou ou generalisou depois a pintura a oleo; começou em 1420, em Gand, o quadro mencionado; e veiu em 15 de dezembro de 1428 a Lisboa, na embaixada que o duque de Borgonha mandou a D. João I a pedir-lhe a mão da infanta D. Isabel. Parece que o proprio duque encarregára de tirar o retrato da infanta ao pintor, que lh'o enviou em 12 de fevereiro de 1429. A 25 de dezembro d'este anno regressou na comitiva da duqueza a Gand, onde foi acabar o celebre quadro do *Cordeiro*, que se conserva muito mutilado na sé d'aquella cidade.

Van-Eyck exercitou em Lisboa a sua arte. Disputavam á porfia damas e fidalgos a acquisição das obras do seu pincel. Seria elle proprio o auctor do quadro da sé de Evora? Em apoio de tal supposição, convem advertir que D. Alvaro, bispo de Evora, celebrou os desposorios do duque de Borgonha, o qual se recebeu por procuração com a infanta D. Isabel no castello de Lisboa, a 4 de julho de 1429. Que este bispo era homem intelligente e illustrado prova-se com evidencia; porque, sendo escolhido para prégar o sermão da coroação del-rei D. Duarte, rebateu do pulpito o celebre vaticinio de mestre Guedelha, que do dia destinado para aquella solemnidade auferira desgraças e calamidades. O vaticinio causára grande e desagradavel impressão, e o bispo de Evora logrou desvanecer com sua eloquencia os sustos da corte e do povo, mostrando a vacuidade da astrologia. Um prelado que assim pensava e fallava publicamente no seculo XV seria por certo mui capaz de apreciar as bellas artes, e de desejar e comprar para a sua egreja um quadro do melhor pintor do mundo n'aquella epocha.

Julgâmos muito facil confirmar ou contestar esta supposição a quem conhecer bem as obras de Van-Eyck de indubitavel authenticidade, ou, pelo menos, outras da eschola flamenga contemporaneas. Não as conhecemos nós. Todavia, parèce-nos o quadro antes da segunda que da primeira metade do seculo XV, e portanto da mesma eschola, mas não do pincel de Van-Eyck. Serve-nos de fundamento á nossa opinião o exame das letras differentes que se encontram no quadro.

Na orla do manto de um anjo que está na parte esquerda do quadro lê-se [1]:

MARIA MATER GRACIE
MATER

E no mesmo manto, na orla, do lado esquerdo do anjo, sobre o peito, encontra-se esta palavra, cuja ultima letra está mutilada, parecendo, todavia, mais um O que um C ou um G:

ZERFO

Na orla do manto de um dos quatro anjos que sustentam a coroa encontram-se os seguintes disticos, cujos caracteres reproduzimos tambem com fidelidade:

ANGELOR
MARIA
AVE MARIS SELLA
TE DEON
BENEDITUS DOMINUS DEUS

N'outro anjo do côro, que fica á esquerda da Virgem, estão n'uma tira, que prende sobre o peito as orlas do manto, estas duas letras:

MA

Considerando em geral todos estes caracteres, notaremos que ha alguns puramente romanos, como os do primeiro distico. Outros disticos são mixtos e contém letras gothicas e romanas. N'alguns caracteres conhece-se claramente o typo das primeiras alterado pelo das segundas.

Em séllos e moedas da metade ultima do seculo XV, por exemplo no séllo de Luiz XII e nas moedas de D. João II, encontram-se letras de fórma similhante, as quaes perderam o arredondado para se tornarem angulosas. Outras letras muito parecidas são as que estão gravadas n'uma peça da custodia da sé de Evora, que, por sua grande similhança com a custodia de Mecken, se deve attribuir áquelle mesmo tempo. Achâmos ainda alguma analogia entre as letras d'esta ultima alfaia e as da assignatura de Grão Vasco, reproduzidas pelo inglez Robinson em sua recente memoria, com quanto elle repute o quadro do nosso pintor de 1520, pouco mais ou menos.

A palavra *Deon*, que se lê no sexto distico, tem um som byzantino tão caracteristico, que de per si bastaria para nos lembrar os primeiros annos do renascimento das letras e das artes, em que os artistas fugidos de Constantinopla se espalhavam pela Italia e por outras nações da Europa, contribuindo em toda a parte para a grande reforma que então se effeituou.

Ignorâmos o que significa o segundo distico. Será uma palavra mal escripta, ou o nome do pintor?

Sendo, como parece, contemporaneos o quadro e a custodia da sé de Evora, não podêmos deixar de attribuir a sua acquisição a um prelado illustre, cultor das bellas artes, e capaz de apreciar aquellas obras primas da pintura e da esculptura. Ora nos fins do seculo XV, desde o anno de 1485, aponta-nos a historia o nome de D. Affonso de Portugal, que deixou em Evora verdadeiras maravilhas de architectura, das quaes, por serem geralmente ignoradas, opportunamente havemos de tratar. Que muito, pois, que o prelado que mandou edificar dentro e fóra da cidade paços magnificos por bons architectos adquirisse tambem para a sua sé obras de tal preço? Deixâmos registada a idéa, sem pretendermos que a tenham em mais que mera conjectura.

No quadro da Coroação da Virgem vemos todos os caracteres das obras dos melhores pintores da segunda metade do seculo XV. As cabeças são admiraveis. Nos rostos ha a expressão simples, animada e natural, que os artistas d'aquelle tempo sabiam dar ás figuras em que retratavam suas proprias crenças verdadeiras e singelas. O doirado dos cabellos, pintados com tanto esmero que se podem contar, e as outras côres são vivas e brilhantes. As roupas tem desenhos varios e complexos, executados com summa perfeição. Falta, porém, toda a perspectiva e a combinação harmonica dos grupos para realçarem tamanhas bellezas.

O quadro, como já dissemos, foi tirado no primeiro quartel do seculo passado da capella-mór da sé, com os outros doze que a exornavam. Salvou-os a todos, já n'este seculo, da ruina e desprezo a que os haviam condemnado, o illustre D. Fr. Manuel do Cenaculo, que mandou collocar um na bibliotheca eborense, que elle proprio acabára de fundar, e os outros nas salas do paço archiepiscopal, onde se conservam. O quadro da Coroação da Virgem está actualmente no altar da capella particular do mesmo paço.

Conforme advertiu o conde de Raczynski, os doze quadros, com quanto pertençam tambem á eschola flamenga e tenham grande merecimento, são muito inferiores ao da Coroação, e, por todas as razões, pare-

1 Cumpre notar que estas letras estão collocadas por sua ordem de cima para baixo, de tal modo, que tem de se ler da direita para a esquerda.

cem menos antigos. Alguns tem disticos allusivos aos assumptos que representam, escriptos n'um gothico geometrico e regular, que receberia talvez já a influencia das regras estabelecidas por Alberto Durer.

Estes doze quadros são todos de madeira, e representam: S. Joaquim e Sant'Anna [1]; o Nascimento da Virgem; a Apresentação da Virgem no templo; o Casamento; a Annunciação; o Nascimento de Jesus; a Apresentação; a Adoração; a Circuncisão; a Fugida para o Egypto; o Menino entre os doutores [2]; a Morte da Virgem.

Examinámos attentamente toda a collecção, e não encontrámos senão este monogramma no quadro da Circuncisão, n'um vidro de certa janella gothica, pintada na parte superior:



No quadro da bibliotheca ha outro monogramma differente, que o conde de Rackzynski reproduziu e julgou, talvez sem grande fundamento, de Christovão de Utrecht.

A. Filippe Simões.

BENTO DE SPINOSA

(Vid. pag. 153)

III

Esta primeira prova foi bastante para que Spinosa, desenganado de uma vez e para sempre das seducções do amor, se votasse exclusivamente ao culto da sciencia, reconcentrando no estudo todos os seus desejos e cuidados. Possuindo já sufficiente conhecimento do latim, voltou a aprofundar os mysterios da theologia rabbinica, dando-se por alguns annos á lição e exame reflexivo dos mais nomeados expositores da Biblia e do Thalmud. Porém, não achando n'estes estudos com que satisfazer cabalmente as aspirações do seu espirito, resolveu procurar nos da physica a explicação das causas naturaes, e dos effeitos por ellas produzidos.

Indeciso por algum tempo na escolha de mestre, cujos escriptos lhe servissem de guia seguro na carreira que encetava, a fortuna lhe trouxe em fim ás mãos as obras de Descartes; d'este pensador meditativo, que em 1650 acabava de terminar seus dias em Stockolmo, para onde a rainha Christina de Suecia conseguíra attrahil-o pouco antes, desejosa de tratal-o pessoalmente e de ouvir as suas lições.

Spinosa leu com avidez os tratados do celebre philosopho; e confessava depois que n'essa leitura haurira todos os seus conhecimentos em pontos de philosophia. Enlevou-o mais que tudo aquella maxima judiciosa, em que Descartes estabelece: que não deve jámais admittir-se por verdadeira coisa que não haja sido préviamente provada á luz da evidencia por boas e solidas razões. D'ahi tirou como consequencia immediata, que a doutrina e praticas extravagantes e supersticiosas dos rabbinos não podiam merecer o assentimento de um homem sisudo; visto que uma e outras, dizendo-se emanadas de Deus, repousavam unicamente sobre a propria auctoridade d'elles rabbinos, sem mais fundamento ou razão que induzisse a acredital-as.

Tornou-se, pois, desde logo mui reservado e circunspecto com os doutores judeus, cujo trato evitava tanto quanto podia; e nas raras occasiões em que apparecia na synagoga mostrava-se embaraçado e contrafeito.

Este procedimento irritou contra Spinosa os animos de seus antigos mestres e correligionarios, tomados do justo receio de que em seguida a taes demonstrações de descrença, não se demoraria elle em abandonal-os de todo, para talvez alborcar pelo christianismo a lei de seus maiores. Determinados a impedir-lh'o a qualquer custo, tentaram primeiro os meios de brandura e persuasão, e como d'estes não surtisse effeito, recorreram por fim á violencia. É facto incontroverso, affirmado pelos biographos, e apoiado nas declarações feitas pelo proprio Spinosa a diversas pessoas, que os rabbinos chegaram a offerecer-lhe uma pensão annual de mil florins, sob condição de que não desampararia a synagoga. Elle, porém, protestava que ainda quando lhe offerecessem dez vezes mais, não teria acceitado taes offertas, nem frequentado as assembléas judaicas, porque não era um hypocrita, e só tinha por fito e norte o descobrimento da verdade. Mais contava, que após esta recusa, uma noite, ao sair da velha synagoga portugueza, vira perto de si o vulto de um desconhecido, armado de punhal. Póde, comtudo, evitar a tempo o golpe que se lhe dirigia, e que apenas se empregára nos vestidos; e mostrava ainda, passados muitos annos, traspassado pelo ferro o casaco ou sobretudo, que guardára cuidadosamente para memoria do successo.

Vendo os rabbinos que não podiam persuadil-o, nem seduzil-o, nem ainda intimidal-o, anticiparam-se a prevenir a sua retirada, expulsando-o elles proprios do seu gremio de um modo solemne e apparatoso. Das suas tres fórmulas de excommunhão escolheram a mais terrivel, a de interdicção perpetua, denominada *Schammatha*, que se intimava ao culpado em plena assembléa á luz de tochas accesas, e ao som estrepitoso e lugubre de uma buzina. Por ella o condemnado ficava banido para sempre, sem esperança de perdão ou misericordia, abandonado de Deus e dos homens, e exposto em toda a parte aos raios vingadores da colera divina, imprecados sobre a sua cabeça em ferventes maldições. Diz-se que fôra Murteira, primeiro mestre de Spinosa, que se encarregára de exercer as funcções sacerdotaes n'esta luctuosa ceremonia, pronunciando contra o antigo discipulo o tremendo anathema. Sentia-se este pouco disposto a auctorisar com a sua presença a execução da sentença condemnatoria; e, retirando-se de Amsterdam, enviou aos seus juizes uma especie de protesto, ou memoria apologetica do seu procedimento, escripta em lingua castelhana, dando-se desde então por completamente separado da synagoga e isento da jurisdicção dos rabbinos.

Abjuradas assim as crenças que bebêra com o leite, nem por isso se verificou o que seus inimigos esperavam, porque jámais tratou de receber o baptismo. Teve, em verdade, antes e depois, repetidas conferencias com os sabios e doutores das diversas egrejas christãs espalhadas na Hollanda; porém nenhuma d'estas lhe offerecia ao espirito um caracter de verdade tal que, captivando-lhe o entendimento, o levasse a fazer profissão publica dos dogmas do christianismo. Mudou, comtudo, o nome de Baruch, recebido na synagoga, trocando-o pelo latino de *Benedictus*, que os francezes traduzem por *Benoit*, e nós por *Bento*, e d'elle usou em quanto foi vivo.

IV

Entrado nos vinte e quatro annos de edade, solto dos laços de familia, de religião, e de quaesquer affeições terrenas, Spinosa viu-se na necessidade de tomar uma resolução definitiva ácerca do genero de vida que lhe cumpria seguir. Determinou consagrar seus

[1] A este primeiro quadro chamou Rackzynski o *Sonho de S. José*, e assim foi designado n'um inventario do paço archiepiscopal pelo fallecido João Raphael de Lemos.

Basta, porém, comparar as figuras com as do que representa a Apresentação da Virgem para conhecer que só podem corresponder a S. Joaquim e Sant'Anna. O assumpto foi tirado do *Evangelium de nativitate Sanctæ Mariæ*. S. Joaquim e Sant'Anna chegam ás portas de Jerusalem, depois de lhes ter sido annunciado por um anjo que gerariam a Virgem. Nas posições das figuras e na expressão das physionomias patenteia-se aquella admiravel ingenuidade dos antigos pintores nas coisas com que os modernos se não atreveriam pelo receio de parecerem menos graves ou menos decorosos.

[2] É o que está na bibliotheca.

dias ao livre exame e meditação dos problemas philosophicos, longe do bulicio do mundo, e em uma independencia absoluta.

Como diversão conveniente para desenfadar-se dos trabalhos do espirito, e prover juntamente ás necessidades da existencia material, quiz aprender uma arte mecanica accommodada ao seu estado, já então valetudinario, e a cujo exercicio não empecesse a solidão em que se propunha viver. Por mais azada ao intento, escolheu de preferencia a de polir vidros para microscopios, telescopios e outros usos; e a ella se applicou de sorte que veiu a tornar-se insigne no desempenho. Os productos da sua industria lograram boa acceitação, e de toda a parte affluiam as encommendas dos compradores.

Tendo saído de Amsterdam, ao que parece, em 1656, e depois de assistir alternativamente nos arredores d'esta cidade, e em Rhynsburgo, proximo de Leyde, demorou-se por mais de quatro annos em Woorburgo, nas proximidades da Haya, passando em fim a estabelecer-se definitivamente n'esta ultima cidade em 1670. Ahi alugou um quarto na casa de um honrado burguez, por nome Van-der-Spyck, e n'essa habitação persistiu o resto da sua curta vida, empregando o tempo no estudo e no polimento dos seus vidros. Tirava d'este com que manter-se ao abrigo das necessidades, e sem depender de ninguem. Applicára-se tambem ao desenho, posto que de mera curiosidade, e sem mestre, conseguindo executar soffriveis retratos a lapis ou aguarella. Por sua morte, foi achado no seu pequeno espolio um livro, em que elle se divertira a retratar-se a si proprio, e a muitas pessoas notaveis que conhecêra, ou que o haviam visitado em diversos tempos; porque, apesar do seu pendor para a vida retirada, nem por isso deixava de mostrar-se accessivel a todos que o buscavam, acolhendo-os com agrado e polidez.

Fôra difficil de crer, se o não attestassem todos os seus biographos, até que ponto Spinosa era sobrio e economico. Por alguns roes de despezas encontrados entre os seus papeis, soube-se que elle passára dias inteiros sem outro alimento que umas sopas de pão adubadas com leite e manteiga, que lhe custavam tres soldos (36 réis?) e para bebida um pucaro de cerveja do custo de soldo e meio. Outras vezes contentava-se com um prato de papas de cevadilha, temperadas com passas e manteiga, cujo custo não excedia a quatro e meio soldos. Dois quartilhos de vinho davam-lhe para todo um mez. E ainda que lhe sobrassem frequentes convites para ir comer fóra, elle preferia conservar-se no seu quarto, vivendo com parcimonia do que era seu, a ir na casa alheia regalar-se esplendidamente á custa de outrem.

Esta extrema frugalidade convinha por outra parte á sua constituição physica. Era elle de estatura mediana, fraquissimo de corpo, achacoso, e padecendo de tisica desde a juventude. As feições do rosto eram, comtudo, bem proporcionadas, pelle trigueira, cabellos crespos e pretos, sobrancelhas espessas e da mesma côr: de sorte que o seu semblante apresentava ao primeiro aspecto o typo caracteristico dos judeus portuguezes. No que respeitava aos vestidos, davam-lhe pouco cuidado; trajava sempre de preto, e de mui grosseiro panno; e se alguem lh'o estranhava, respondia: «Que era contra o bom siso envolver em capa de preço objectos de pouco ou nenhum valor;» ou tambem: «Que o edificio humano escusava de ricas armações.»

Tanto eram seus costumes irreprehensiveis, e sua maneira de viver regularissima, quanto era ameno o seu trato, e agradavel a sua conversação. Sabia admiravelmente dominar todas as suas paixões. Não o viram jámais nem muito triste, nem alegre em demasia. Procurava conter-se e moderar-se na colera, e nos desgostos que lhe sobrevinham, por modo que não deixava transpirar seus dissabores. Conversava frequentemente com a dona da casa em que vivia hospedado, e com os domesticos e familiares da mesma casa, sobre tudo quando padeciam afflicções ou molestias. Tratava então de os consolar, animando-os, e os exhortava a soffrer com paciencia os desastres e enfermidades, que eram (dizia) uma especie de partilha que Deus lhes destinára. Aos rapazes recommendava que assistissem com assiduidade na egreja ao serviço divino, e lhes ensinava o como cumpria serem doceis e obedientes a seus paes.

Nos domingos, quando os domesticos voltavam do sermão, indagava d'elles que proveito haviam tirado da predica, e quaes os pontos que mais os haviam tocado, ou em que acharam materia de maior edificação. «Tinha elle (diz Colero) uma notavel estima pelo ministro meu antecessor, o dr. Cordes, que era homem erudito, de boa indole e de vida exemplar; o que dava occasião a Spinosa para elogiar estas qualidades. Algumas vezes ia ouvil-o prégar na cathedral, e attentava particularmente sobre a pericia com que elle explicava a Escriptura, e as applicações solidas que fazia dos passos que expunha. Spinosa recommendava a seus hospedes, e aos domesticos da casa, que não perdessem jámais alguma prégação de tão habil expositor. Acontecendo que a esposa de Van-der-Spyck o interrogasse um dia, perguntando-lhe se julgava que ella podia salvar-se na religião lutherana, que professava, elle lhe respondeu: —Vossa religião é boa; não deveis procurar outra, nem duvidar que encontrareis n'ella a vossa salvação, uma vez que, ligando-vos á piedade, leveis ao mesmo tempo uma vida pacifica e tranquilla.»

Por todo o tempo que permaneceu alojado em casa de Van-der-Spyck nunca incommodou pessoa alguma. Passava a maior parte dos dias socegadamente, sem sair do quarto onde comia, trabalhava e dormia. Quando, porém, lhe acontecia sentir o espirito fatigado, por se haver entregue de sobejo ás meditações philosophicas, descia para resfolgar á sala commum, e entretinha-se com a familia da casa, conversando em tudo que podia servir de assumpto para distracção, sem que escapassem as menores bagatelas. Divertia-se tambem ás vezes fumando por um cachimbo, e quando pretendia dar tregoas mais de espaço aos trabalhos e contensão do espirito, ia pelos cantos da casa procurar aranhas, as quaes fazia luctar juntas, ou moscas, que lançava nas têas, e observava detidamente estas batalhas com tamanho interesse e prazer, que lhe provocavam o riso. Em outras occasiões observava miudamente com o microscopio as differentes partes dos mais pequenos insectos, e deduzia d'essa observação as consequencias que melhor se ajustavam com as suas descobertas.

Tal era o homem a quem vinham procurar, no centro da solidão em que se acoitára, a riqueza, as honras, a gloria, as altas amizades. Elle sacrificava tudo isto sem esforço, para viver livre e feliz na moderação e na paz.

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

NORUEGA

ROCHEDO DE TORGHATTEN

A peninsula scandinava, formada pelos reinos da Suecia e Noruega, está situada entre o Oceano Atlantico, que lhe fica a oeste, o mar Glacial, ao norte, o mar Baltico e o golpho de Bothnia, a léste, e o Skager-Rak, o Kattegat e o Sunda, ao sul.

Depois da Russia, é a mais vasta região da Europa; porém os excessivos rigores do clima e a pouca fertilidade do solo, que em grande parte é absolutamente

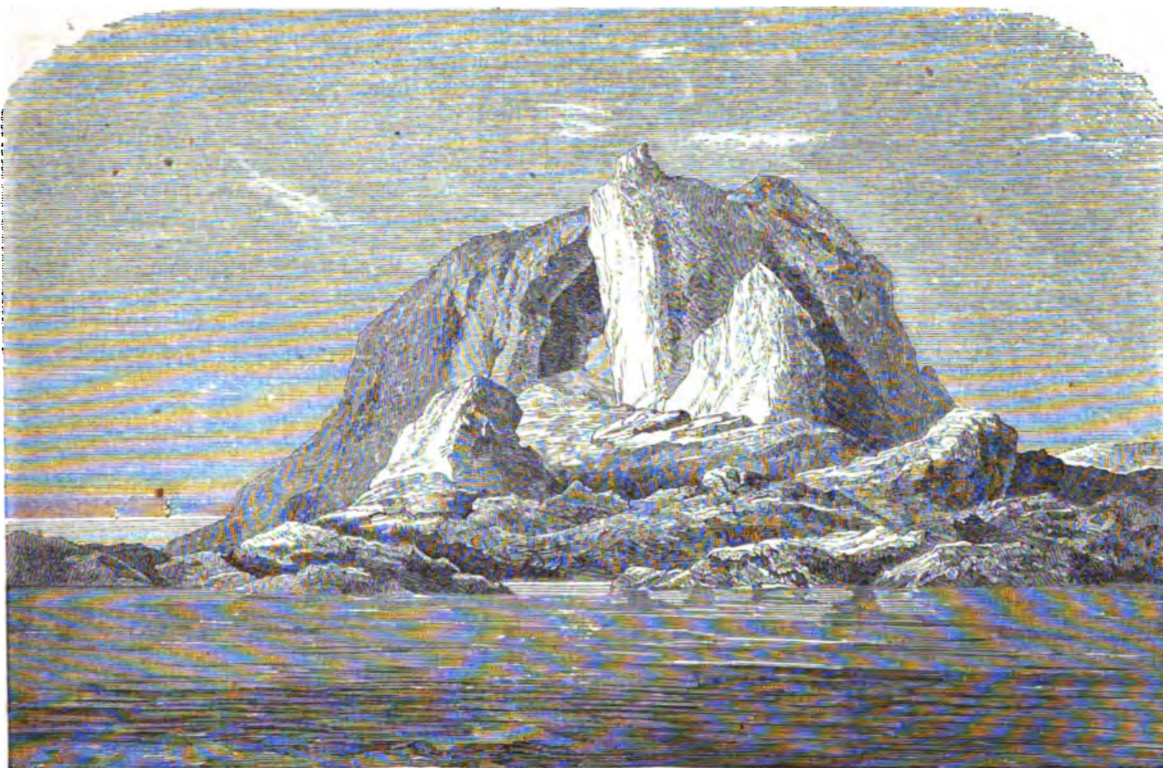
esteril, são causas de que tenha uma população muito diminuta e a maior parte do seu territorio inculta.

Estas circunstancias constituem a peninsula scandinava uma potencia de segunda ordem, não obstante acharem-se reunidos os dois reinos da Suecia e da Noruega sob o mesmo sceptro, ao presente empunhado por el-rei Carlos XV, neto de Carlos XIV, que, nascendo francez, e fazendo-se celebre nas guerras de Napoleão I com o nome de marechal Bernadotte, por tal modo soube ganhar as sympathias do povo scandinavo, que este o acclamou, primeiramente principe real, e depois rei, pelo fallecimento de Carlos XIII.

As asperezas d'aquelle frigidissimo clima pouca amenidade consentem á terra, e essa pouca passa rapidamente, porque o estio é tão curto, que em muitas localidades, principalmente da Noruega, não chega a derreter-se completamente o gelo do inverno. Assim, não encontram os viajantes n'esse paiz as pompas da vegetação, não diremos dos tropicos, mas nem sequer das regiões temperadas da Europa. Em compensação, ambos os reinos da peninsula scandinava, e mais particularmente a Noruega, offerecem á sua contemplação maior numero de curiosidades naturaes que outro qualquer paiz europeu, e algumas d'ellas sobremaneira admiraveis.

As costas da Noruega são penhascosas, ora elevando-se em gigantescas massas de rochas de fórmas phantasticas; ora lançando pelo mar dentro longa enfiada de penedos descommunaes. Aqui erguem-se a prumo sobre o mar, como uma alta e lisa muralha; alli assimilham-se a ruinas de antigo castello feudal; em outros sitios, cavadas em espaçosos reconcavos, offerecem seguro abrigo á navegação costeira.

Accrescentae a este quadro uma immensidade de



Rochedo de Torghatten, em uma ilha junto da costa da Noruega

ilhas, espalhadas junto da costa, com diversidade de grandeza e de feitio, umas montanhosas, outras saíndo pouco acima da superficie das aguas, quasi todas eriçadas de aguda penedia, e podereis ajuizar das perspectivas variadas e pittorescas que o navegante vae desfructando ao longo da costa.

Porém não se limitou a natureza a dar variado e estranho aspecto ao cinto de rochedos que defende a Noruega contra as furias do mar. Dispoz tambem muitos d'elles por tal modo e com tanta regularidade, que ficaram formando não só grutas mui amplas e formosas, mas até admiraveis galerias, que mais parecem obra da arte que simples effeito do acaso.

Uma d'essas curiosidades naturaes, que mais dignas são de serem mencionadas e visitadas, é a que por todos os navegantes que frequentam aquellas paragens é conhecida e celebrada pelo nome de *rochedo de Torghatten*. É uma rocha gigantesca, de feição um tanto pyramidal, que se ergue á altura de 300 metros, no meio de uma ilha situada junto da costa septentrional da Noruega.

Pela gravura que d'ella damos n'este numero conhecer-se-ha que a perspectiva exterior de similhante rocha é muito singular e extremamente curiosa, não só, ou não tanto, pela sua fórma, mas tambem, e principalmente, pela grande fenda, á maneira de um arco ou portico, que se abre na parte superior da mesma rocha e dá entrada para uma espaçosissima gruta. Vista, porém, interiormente, causa assombro aos que a visitam, porque apresenta a perspectiva de uma galeria de grande extensão, alta, larga, rematando em ambas as extremidades em duas mui amplas aberturas, por onde entram livre e abundantemente o ar e a luz do dia.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O PAIZ DOS MENSA, EM A NUBIA

(Conclusão. Vid. pag. 164)

III

As condições do solo, e não de certo a indolencia e estupidez naturaes, tornaram os Mensa um povo quasi exclusivamente pastor.

Contribue bastante para que similhante estado se

não modifique a falta de segurança que tem os que se aventuram a dar amanho aos terrenos cultivaveis, de poderem conservar por muito tempo a propriedade d'elles. As poucas geiras de terra de que a natureza consente o cultivo conquistam-se frequentes vezes á ponta da lança; e um Mensa, quando desce das suas alcantiladas montanhas á vasta planicie do Cheb, não póde ter a certeza de que o terreno por elle aproveitado até então não esteja senhoreado já por alguma tribu nomada.

Apesar, porém, de ser o solo pouco generoso para com os habitantes d'esta parte do mundo, não mostram elles estimar com menos amor essa região, que lhes paga em panoramas esplendidos a exiguidade dos fructos que lhes dispensa. Chamam os naturaes á sua patria o *bello paiz*. Emphase sublime que tão bem traduz o forte amor da patria que lhes faz pulsar os corações!

O rebanho é para um Mensa a principal e quasi unica riqueza. Possuir cem vaccas é, n'esta tribu, como entre os bogos, uma riqueza mediana; tudo o que vae além de duzentas vaccas é já considerado como um bom capital.

A organisação social dos Mensa assimilha-se algum tanto á divisão de patricios e plebeus que primitivamente existia entre os romanos. Os *choumaglié* representam a aristocracia. Cada familia d'esta classe tem sob sua protecção um numero determinado de vassallos, ou clientes, que se chamam *tigré*.

Esta organisação social é commum aos bogos e a outras tribus de origem abexim.

Os *tigré* constituem a parte mais laboriosa e tambem a mais pobre da tribu. É facil distinguil-os do resto da população, porque apresentam uma tez mais escura, ar mais selvatico, e trajam mais miseravelmente do que os outros habitantes.

O *tigré* póde mudar de patrono quando lhe convem. Uma contribuição modica paga ao *choumaglié* é a compensação dos serviços que este é obrigado a prestar-lhe, protegendo-o em occasiões de perigo.

Os Mensa subdividem-se em dois grupos: Beit Echakam, ou Mensa superior, e Beit-Ibrahé, ou Mensa inferior. A aldeia em que habita o primeiro grupo chama-se Ilamham; a do segundo Gheled.

Como quasi todas as tribus originarias da Abyssinia, os Mensa seguem o christianismo, se é que póde assim chamar-se o conjunto de praticas, algumas singularmente ridiculas, que geralmente observam. Diga-se, porém, em abono da verdade, que, apesar da mistura de paganismo que ha nas suas crenças e usos religiosos, não pendem elles muito para o islamismo. A resistencia a sujeitarem-se ao dominio egypcio, que só nominalmente se estende até aos territorios banhados pelo Lava, é em parte motivada pela differença de religião.

Em 1850, Hassan, *naib* (governador) de Aikiko, atacou Beit Ibrahé. O *kantiba* (chefe superior) caiu em poder do invasor, e foi conduzido prisioneiro para Massaoua, onde, durante muitos mezes, se pozeram por obra, mas sem resultado, todos os meios de o converter ao islamismo. Para obter a liberdade foi-lhe preciso pagar forte resgate e deixar em refens seu neto.

O actual *kantiba* de Beit Echakan é um typo verdadeiramente original. Chama-se Daër-Oned. Tem fama de ser um dos mais denodados guerreiros de todo o paiz que banha o Ainsaba. A fama das proezas d'este Ajax ethiopico corre de montanha em montanha, e o seu nome é geralmente respeitado como o de um heroe. A par das acções de heroismo, contam-se d'elle alguns factos que, se não demonstram a sua simpleza, significam notavel predilecção para os lances comicos e ridiculos, aliás desculpavel entre povos tão pouco civilisados como são os Mensa. Para bem se julgar do caracter d'este espirituoso guerreiro, referiremos as seguintes anecdotas, que se lhe attribuem.

Uma d'essas prolongadas séccas, tão frequentes em aquellas paragens, tinha destruido as mesquinhas colheitas dos pobres Mensa, e impossibilitava-os de semearem novamente os poucos terrenos que traziam cultivados. As nuvens appareciam por vezes no horisonte, mas nem uma gota de agua se soltava d'ellas para fertilisar os campos requeimados pelo sol.

Daër-Oned, já impacientado por ver cruzarem-se inutilmente as nuvens por sobre os alcantis do seu paiz, tirou-se um dia dos seus cuidados, e, saindo a terreiro, disparou com a mais certeira pontaria dois tiros de pistola contra aquellas que mais proximas corriam. O certo é que, pouco depois, grosso aguaceiro se despenhou sobre os montes. Os Mensa ficaram olhando com respeito para o homem de quem até as nuvens pareciam arreceiar-se.

Daër-Oned não deixa nunca, quando se lhe depara ensejo, de tirar proveito d'esta coincidencia.

Pouco tempo depois d'este acontecimento, estava Daër no paiz dos Bogos. Como elles se queixassem tambem da grande sécca que os affligia, o nosso heroe olhou com altivez para o ceo e exclamou: «Não me conheces? Lembra-te de que sou o homem dos dois tiros.»

Os poucos recursos de que a natureza lhes permitte disporem, e as continuadas correrias que no seu territorio fazem as outras tribus ou os governadores egypcios, explicam o estado miseravel em que vivem os Mensa.

As habitações d'esta tribu são das peiores que se encontram no interior da Africa. O maior numero d'ellas são cabanas de colmo, pequenas, mal ventiladas e de misero aspecto. No interior reina a mesma pobreza e a mesma falta de commodidades. Alguns vasos de barro, uma especie de pilão para moer os cereaes, um grande pote de barro que lhes serve como de celeiro, um machado, alguns odres, alguns saccos de coiro, são quasi os unicos utensilios que constituem a alfaia domestica da cabana de um Mensa.

Geralmente, as cabanas reunem-se em grupos, circundadas por uma especie de sebe, e formando no centro um pequeno jardim, onde se cultiva o tabaco. Esta planta tem grande consumo entre os Mensa, porque tanto os homens como as mulheres se entregam immoderadamente ao vicio de fumar e de mascar tabaco.

Os Mensa são, em geral, esbeltos, bem conformados e bem configurados. A sua tez varía entre trigueira e escura. Pelas feições aproximam-se mais dos typos caucasianos do que dos typos da raça negra. O cabello é encarapinhado, a barba pouco espessa, os dentes admiravelmente brancos. Em regra, os homens são mais bellos que as mulheres. O vestuario dos Mensa é simplicissimo; quasi sempre se limita ao estrictamente exigido por um sentimento não muito exaggerado do pudor.

Todas as occupações domesticas são da competencia das mulheres. Até lhes pertence construirem as habitações! Applicar-se a qualquer serviço domestico é para um homem, entre os Mensa, uma das maiores ignominias.

Depois de cuidarem dos rebanhos, deixam os Mensa as cabanas, e reunem-se n'uma praça da aldeia destinada para estes congressos diarios. Alli passam uma boa parte do dia, já sentados em pedras, já estendidos ao comprido no chão. É n'estas singulares assembléas que se discutem os mais importantes negocios. Alli param tambem o barbeiro e o cabelleireiro, promptos, á primeira voz, para exercerem os seus misteres.

Pela tarde reunem-se tambem as mulheres nas praças, e o resto do dia passa-se em danças ruidosas e singulares, que se prolongam até que, com o entreapparecer da noite, o receio da aproximação dos animaes ferozes faz recolher ás cabanas toda a população.

Os instrumentos mais usados dos Mensa são flautas, rebecas e tamboris, mas todos tosca e imperfeitamente acabados.

A historia dos Mensa cifra-se quasi unicamente, como a dos Bogos e de outras tribus visinhas, em a narração das reiteradas tentativas que, para sujeital-os ao dominio egypcio, tem empregado os beys que governam os territorios proximos. Por vezes o ataque vem-lhes tambem do lado da Abyssinia; de modo que esta desgraçada tribu, ainda que saiba resistir corajosamente ás tentativas de invasão, vê a miude talados os campos e alastrado o solo com o sangue dos seus.

Ha muito pouco tempo que Beit Echakan foi invadida e saqueada pelas gentes de Hamazene, tribu abexim.

Concluiremos citando um dito memoravel, proferido n'essa occasião por um *choumaglié*, chamado Djad-Oued-Agaba. Vieram annunciar-lhe que seu filho succumbira na refrega. A pergunta que immediatamente lhe acudiu aos labios fôi: «E elle não matou ninguem?» Como lhe respondessem que aos seus golpes dois dos aggressores tinham mordido o pó, o velho, com um sorriso amargurado pela dor paternal, exclamou: «Está bem; não partiu sem um bom almoço.» T. DE C.

BERLIN

ESTATUA EQUESTRE DE FREDERICO O GRANDE

(Conclusão. Vid. pag. 169)

Não foi preciso que a morte roubasse á nação o homem a quem esta devia o seu engrandecimento e prosperidade, para que os prussianos se lembrassem de lhe levantar um monumento, que perpetuasse ao mesmo tempo os heroicos feitos do monarcha e a gratidão do povo por tão distinctos serviços.

Logo depois de findar a gloriosa campanha dos exercitos prussianos contra o imperador de Allemanha José II, resolveram as tropas da guarnição de Berlin, correndo o anno de 1779, erigir na capital da Prussia um monumento a Frederico II, egual ao que esta cidade levantou em obsequio de Frederico Guilherme, cognominado o *grande eleitor de Brandeburgo*. A este pensamento patriotico associaram-se espontaneamente os populares.

Tratou-se de promover a subscripção, e foi encarregado de fazer a traça da obra o architecto Tassaert, que não se demorou em apresentar o modelo.

Não chegou a ter execução este projecto, porque se oppoz Frederico II a que fosse por diante. Este illustrado soberano, recusando a homenagem que seus subditos lhe queriam tributar por aquelle modo, disse com a sua proverbial franqueza e laconismo aos que foram solicitar permissão régia para a fundação do monumento, que «não achava conveniente que se erigissem estatuas em honra de pessoas ainda vivas, pois que se devia esperar, quando não fosse pelo juizo da posteridade, pelo menos que chegasse o dia do seu fallecimento.»

Assim se adiou aquelle pensamento, não sem pezar dos que o tinham concebido e trabalhado para a sua realisação.

Passado pouco tempo depois da morte de Frederico II, reviveu aquella idéa com mais força, excitado pela saudade o enthusiasmo popular. Mas o seu successor, querendo para si toda a gloria d'esse derradeiro tributo de amor e de gratidão prestado ao soberano que fez do sceptro e da espada instrumentos da grandeza e da felicidade da nação, determinou que o monumento fosse construido á custa do real bolsinho.

D'est'arte despojou el-rei Frederico Guilherme II o primitivo projecto de monumento do caracter de nacionalidade e de expansão popular, que tão bem quadrava ao assumpto, para que mais se honrassè a memoria do grande rei, e para que o povo de algum modo se desencarregasse das obrigações que devia ao monarcha.

Foram encarregados diversos architectos de apresentarem modelos para o monumento. E, com effeito, muitos desenhos subiram á approvação régia, pois que, além de concorrerem a este concurso os mais afamados artistas da Prussia, alguns, como Schinkel, apresentaram seis riscos differentes. Porém nenhum foi escolhido, e Frederico Guilherme II desceu ao tumulo sem ter dado principio á obra.

Continuou nas mesmas diligencias seu filho e herdeiro, el-rei Frederico Guilherme III; porém não teve a fortuna ou energia bastante para cortar todas as difficuldades. Este soberano commetteu o plano e execução do monumento ao esculptor Christiano Daniel Rauch. Este eximio artista, natural do principado de Waldeck, nascido em 1777 e fallecido no anno de 1857, já era celebre em toda a Allemanha pelo bom gosto e primor com que delineára e executára o mausoléo da rainha Luiza, na capella do paço de Charlotenburgo; o monumento levantado sobre o Kreuzberg, em memoria da restauração da Allemanha; e, finalmente, a estatua do marechal Blücher, inaugurada em uma praça da cidade de Breslau. Além d'isso, quando el-rei Frederico Guilherme II tratou de erigir um monumento a Frederico o Grande, o esculptor Rauch apresentou quatro modelos, qualquer dos quaes bastaria para estabelecer a reputação de um artista. Foram, portanto, todas estas razões que determinaram a escolha do artista e a approvação dos seus planos, independentemente de concurso.

Como acontece ordinariamente em todos os paizes em casos identicos, não só variaram muito os artistas, que outr'ora concorreram ao concurso, na fórma e na propria natureza dos monumentos que propunham, mas tambem foram muito varias as opiniões, tanto d'elles como de muitas pessoas estranhas á arte, sobre o trajo com que se devia figurar a estatua do monarcha. Uns queriam que o trajo fosse o dos antigos guerreiros romanos. Eram em maior numero os que assim opinavam, por ser esta a pratica mais geralmente seguida até áquelle tempo. Outros, applaudindo a innovação que principiára então a introduzir-se, optavam pelo trajo usado pelo proprio soberano.

A questão foi tão renhida, produzindo-se de uma e outra parte argumentos bastantemente plausiveis, que o animo do rei ficou indeciso, e dizem que esta perplexidade foi uma das causas de se adiar por muitos annos a inauguração do monumento.

Surgiu de novo a questão quando el-rei Frederico Guilherme III quiz metter hombros á empreza. Porém d'esta vez o talento de Rauch logrou pôr termo á controversia. O modelo que fez de uma estatua equestre, com o cavalleiro trajado ao uso da epocha, era tão elegante e magestoso, e toda a obra de ornamentação tinha tanta belleza e era tão significativa, que el-rei deu-lhe immediatamente a sua approvação. Mas não chegou a ver começada a obra, porque veiu colhel-o a morte quasi nas vesperas da ceremonia inaugural dos trabalhos.

Coube a seu filho e successor, el-rei Frederico Guilherme IV, irmão do actual soberano, a honra de pagar aquella divida nacional, embora, acceitando o pensamento de seu avô, recorresse unicamente ao seu bolsinho para levar a effeito similhante fundação.

Á vista do que succedeu na Prussia, onde, apesar de se achar o paiz poderoso e florescente, não bastaram dois reinados, no longo curso de cincoenta e quatro annos, para a nação se desobrigar do muito que deve a Frederico II, por meio de um testimunho duradoiro de gratidão á memoria do seu bemfeitor; á vista d'isto, dizemos, reconhecerão, sem dúvida, os nossos leitores que não se póde, com justiça, alcunhar

os portuguezes de pouco agradecidos e negligentes, estando a construir um monumento na capital, e tendo erigido outro na segunda cidade do reino, em honra do seu libertador, fallecido ha trinta e quatro annos, durante os quaes a nação tem passado por muitas crises violentas, por quasi todas as terriveis provações que são consequencias forçadas das grandes transformações sociaes.

Um dos primeiros actos do governo de Frederico Guilherme IV foi a ceremonia da fundação do monumento de Frederico o Grande. Lançou-se a primeira pedra nos alicerces no dia 1.º de junho de 1840. O local escolhido foi a mais formosa praça de Berlin, chamada anteriormente *da Opera*, em razão do magnifico theatro que ahi se ergue, e depois denominada *praça de Frederico o Grande*. Guarnecem-n'a pelos quatro lados os sumptuosos edificios da universidade, do arsenal de guerra, do referido theatro, da bibliotheca, do palacio do principe da Prussia e da academia de canto.

Compõe-se o monumento de tres partes: envasamento, pedestal e estatua equestre. O envasamento consta de duas partes, ambas com os quatro angulos chanfrados e resaltando para fóra. A primeira é de granito, e apresenta dois degraus em cada uma das quatro faces. A segunda, que tambem se póde considerar como base do pedestal, é de bronze, e n'ella estão gravadas as inscripções commemorativas. A inscripção que se lê na frente do monumento é dedicada a Frederico II. Nas duas lateraes estão gravados os nomes dos sessenta generaes que mais se distinguiram nas campanhas do grande rei. A quarta inscripção, que está opposta á principal, contém os nomes dos prussianos mais celebres nas sciencias e nas artes, que viveram n'aquelle tempo.

Consta o pedestal tambem de duas partes, egualmente de bronze, e ambas riquissimamente decoradas. A inferior, que é mais elevada, tem 3^m,34 de altura. Nos seus angulos, levemente chanfrados, vêem-se quatro estatuas equestres, e entre ellas muitas figuras em pé, todas de vulto inteiro e de tamanho natural. Os quatro cavalleiros representam o principe Henrique, irmão del-rei Frederico II e seu companheiro na guerra; o principe Fernando de Brunswick, que se cobriu de loiros na guerra dos sete annos; o general de cavallaria Ziethen, que se distinguiu em muitas batalhas, e cujo filho, tambem general, era afilhado de Frederico II; e, finalmente, Seydlitz, o heroe de Zorndorf, a quem o mesmo soberano abraçou no campo de batalha, em galardão de suas proezas, levando tão longe a sua admiração pela intrepidez e serviços d'este bravo militar, que lhe erigiu uma estatua.

As estatuas que avultam entre os quatro cavalleiros, formando mui bem dispostos grupos, representam diversos guerreiros dos que mais se assignalaram nas arrojadas emprezas de Frederico o Grande. N'esta parte do pedestal escreveu o cinzel de Bauch uma sublime epopéa, estampando alli os fastos militares da Prussia na epocha mais gloriosa da sua historia.

Nas quatro faces d'esta parte do pedestal, que se levantam por detraz das referidas estatuas, traçou o esculptor, em figuras de meio relevo, outro quadro não menos interessante, mas consagrado a commemorar as glorias do reinado de Frederico II durante a paz. As figuras representam os homens de estado, os sabios e os artistas que mais sobresaíram, illustrando-se a si e á patria, n'aquelle periodo memoravel. Assim, alli se vêem retratados, entre outras notabilidades, o conde de Carmer, auctor de um codigo por que se rege actualmente a Prussia; Schlabrendorf e Finkenstein, grandes estadistas e conselheiros do rei, tão zelosos quão prudentes; e Lessing e Kant, duas das maiores-illustrações da litteratura e da philosophia allemãs.

A parte superior do pedestal é dedicada á recordação dos mais notaveis passos da vida de Frederico II. Os angulos são egualmente chanfrados e recolhidos, de modo que deixam logar para quatro estatuas allegoricas, sentadas, symbolisando a Justiça, a Força, a Prudencia e a Moderação; principaes virtudes que devem ornar o coração de um soberano. Os quadros em relevo que existem entre as quatro estatuas representam o nascimento de Frederico II; a sua educação, dirigida por Minerva, a deusa da sabedoria, como que para mostrar que elle era perito nas armas e instruido nas sciencias; a batalha da Kollin, em que o rei da Prussia se viu nas circunstancias mais criticas e arriscadas de todo o seu reinado; a sua visita aos teares dos tecelões da Silesia; os seus estudos de flauta, entretenimento em que se deleitava de vez em quando sósinho na sua camara; o mesmo soberano inspeccionando os trabalhos de construcção do real paço de Sans Souci, onde veiu a gozar em descanço os fructos de suas victorias e de suas fadigas na governação do estado; e, finalmente, a apotheose do heroe, que sóbe ao ceo levado nas azas de uma aguia, coroado de loiros, refulgindo-lhe sobre a fronte uma brilhante aureola, e levando aos lados, por divisas, o sceptro que empunhára, a espada e a penna que a seu turno manejára, e os ramos de loiro que o seu valor conquistou em gloriosissimas acções.

Toda a obra de esculptura das duas partes do pedestal é perfeita e de muita formosura, tanto pela composição dos quadros, distribuição, belleza e expressão das figuras, como pela excellencia e primor do trabalho.

A estatua equestre coroa dignamente este magnifico monumento, que se póde considerar como a chronica exactissima de Frederico o Grande.

O esculptor representou o monarcha, não na edade em que elle passava a vida, por assim dizer, nos campos de batalha, mas sim quando, já entrado em annos, se entregava tranquillamente aos cuidados da administração publica, promovendo por todos os modos ao seu alcance o aperfeiçoamento das instituições, a prosperidade e civilisação do paiz.

A estatua do rei tem verdadeira magestade, e o seu rosto, enrugado pela edade e pelas lides, exprime a serenidade e satisfação d'alma do homem que, após longos e penosos trabalhos, vê coroados pela fortuna todos os seus sacrificios, e desfructa em doce paz os resultados d'elles.

Frederico II está trajado com o seu uniforme habitual, caíndo-lhe, porém, dos hombros o manto régio. Segura as redeas do cavallo com a mão esquerda, e apoia a direita, não nos copos da espada, que lhe pende ao lado, pois que é symbolo de guerra essa arma, mas sim na propria perna, para significar o remanso do seu espirito e a sua confiança na paz.

Para que a estatua ficasse muito parecida com o original, modelou-a o esculptor á vista de um excellente retrato do monarcha. Do mesmo modo copiou os fatos e as armas das que serviram a el-rei, e se conservam no museu de Berlin.

O cavallo tem bastante nobreza no porte, e não carece de animação, mas parece desproporcionadamente grande, defeito que o esculptor e todos os que conheceram Frederico II desculpam, dizendo que é a expressão da verdade, porque este soberano sempre usou, com singular predilecção, cavallos de grande marca.

Tem de altura a estatua equestre de Frederico II 5^m,66, sendo, por conseguinte, mais pequena que a del-rei D. José I, na praça do Commercio, em Lisboa, pois que esta mede quasi 7^m de elevação. A altura geral do monumento de Berlin é de 14^m, tambem inferior á do monumento de Lisboa. Aquelle foi inaugurado em 31 de maio de 1851, levando, portanto, onze annos a construir.

I. DE VILHENA BARBOSA.



Typos valachos

A ROUMANIA OU MOLDO-VALACHIA

A Roumania, que comprehende hoje os antigos principados da Moldavia è da Valachia, defronta pelo norte e pelo oeste com a Austria, a léste com a Russia e com a Turquia, e ao sul com este ultimo paiz. Corresponde, pouco mais ou menos, ao territorio occupado por essa antiga Dacia, que não poucas vezes fez experimentar ás armas, quasi sempre victoriosas, do imperio romano dolorosos revezes, primeiro que elle conseguisse estender o seu dominio até ás margens do Danubio.

Encravados entre povos da raça slava e da raça mongolica, os habitantes da Roumania tem conservado, com mais pureza do que outros descendentes da raça latina, os costumes, as tradições e a lingua que herdaram das colonias romanas.

Nem a visinhança de nações de raças differentes, nem a oppressão e o dominio a que por muito tempo viveram sujeitos, tem sido capazes de apagar os signaes caracteristicos de parentesco que ha entre os actuaes habitadores das duas vertentes dos montes Karpatos e os antigos dominadores do mundo.

É certo que os habitantes da Roumania apresentam na physionomia e no caracter claros vestigios da sua longa escravidão. D'elles dizia um illustrado viajante que visitou este paiz em 1860: «As crianças não sabem rir; os adolescentes são esquivos; os mancebos dominados por uma tristeza natural, que lhes torna aborrecidos os prazeres mais apreciados em todos os paizes; os homens de edade madura parecem resignados e indifferentes no soffrimento; e os velhos tem a apparencia de entes que a si proprios sobrevivessem.»

Não pesam debalde sobre um povo quasi vinte seculos de oppressão!

Mas se é innegavel que a dominação grega, russa e turca enervou n'este povo os sentimentos e instinctos mais naturaes do homem, não é menos verdade que, a despeito de tudo, elle tem conservado, bem pouco alterados, a lingua, as tradições e os costumes dos romanos.

Desde que as cohortes de Trajano entraram vencedoras na capital dos dacios, e que o dominio de Roma teve por um dos seus limites a corrente do Danubio, a civilisação romana, do mesmo modo que em todas as partes onde chegaram as aguias do imperio, lançou tão profundas raizes no solo em que se implantára, que foram impotentes para anniquilal-a os esforços não interrompidos da oppressão e dominio estrangeiro.

Um estudo, mesmo pouco profundo, da lingua que hoje se falla na Roumania, basta para dar o convencimento de que n'ella predomina notavelmente o elemento romano. Póde-se dizer, e n'este ponto não fazemos mais do que repetir as palavras de um illustre philologo contemporaneo, que os habitantes dos principados danubianos fallam ainda hoje latim. Embora este latim esteja alterado e transformado, e á superficie d'elle se reflictam, em ondulações multiplas, moveis e fugitivas, a claridade asiatica e a graça slava, não destroem ellas nem a virilidade romana, nem sequer os vestigios da velha vida scytica.

A mesma conformidade com a antiga Dacia romana se revela em muitos usos e costumes da Roumania actual.

O mavioso cantor das *Georgicas* não encontraria ainda hoje em alguns logares d'este paiz differença nas fórmas dos arados e em alguns processos agricolas que tão poeticamente nos descreveu.

O echo das montanhas, que repetiu outr'ora os sentidos lamentos do desterrado Ovidio, reproduz hoje as canções que acompanham essas danças guerreiras, tão similhantes ás dos antigos sacerdotes de Marte.

A poesia popular inspira-se menos dos sonhos phantasiosos da musa oriental, ou dos accentos melodiosos e aéreos da musa slava, do que das tradições da musa do Lacio.

N'uma palavra, os vestigios da civilisação romana estão por toda a parte indelevelmente gravados na moderna Dacia.

Livre ha annos apenas da oppressiva sujeição que lhe tolhia o desenvolvimento, a Roumania caminha agora desassombrada na estrada do progresso. As palavras do viajante que ha pouco citámos vão-se tornando cada vez menos applicaveis aos seus habitantes. Com a liberdade volveu a vida; e com ambas a avidez de acompanhar nos seus progressos as nações mais civilisadas.

Todos sabem que foi a occupação dos principados que deu começo á guerra da Criméa. Não é para aqui fazer a historia d'essa campanha memoravel. Bastanos saber que o tratado de paz e amizade, celebrado a 30 de março de 1856 entre a França, a Austria, a Gran-Bretanha, a Prussia, a Russia, a Sardenha e a Turquia, confirmado e ampliado depois pelo tratado de 19 de agosto de 1858, definiram claramente a situação politica dos principados danubianos, e, embora conservando a suzerania da Turquia, asseguraram-lhes uma administração independente e nacional, assim como a plena liberdade de cultos, de legislação, de commercio e de navegação.

A adherencia da Turquia á opinião da conferencia de Paris, em 1859, reconhecendo Cousa como principe da Moldavia e da Valachia, muito concorreu para a reunião d'estes dois principados em uma só nacionalidade.

Depois dos acontecimentos que terminaram pela abdicação d'este principe, em 1866, a livre eleição do actual principe reinante, Carlos I, da familia de Hohenzollern-Sigmaringen, consolidou de todo essa nacionalidade, e tornou, pela adopção de leis baseadas nos principios mais acceitos pela eschola liberal, facil e mais promptamente realisavel a transformação politica e economica por que está passando a Roumania.

Dada esta breve idéa da formação da nacionalidade moldo-valacha, cumpre agora conhecer o estado de civilisação d'este povo, tão digno de conciliar a sympathia d'aquelles que se interessam pelo progresso da humanidade.

D'elle dizia ultimamente o illustre escriptor francez Philarete Chasles: «Estes oito milhões de almas interessam-me; amo os fracos, amo os que sabem resistir e não succumbem, amo os que soffrem e que, embora tidos em pequena conta, mantem a sua dignidade. A reserva das civilisações está n'estes pequenos mas nobres grupos; são elles que regeneram o mundo.»

(Continúa) T. DE C.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 178)

IX

MILAGRES DE AMOR

Da terra tinham visto passar o brigue; e, como acontece muitas vezes serem os navios que por alli andam a providencia dos pobres pescadores que se acham no mar largo, toda a população correu á praia.

Faltavam desde a vespera os chefes de sete familias, e o pranto corria á farta no momento em que a embarcação virou de bordo, poz de capa, e a lanchasinha de Balthazar e Sebastião se separou d'elle, velejando com o panno á bolina para as praias da Aradinha e de Carreiro.

Todos quantos andavam pelo extenso areial cáiram de joelhos, com as mãos erguidas, cada um no logar em que se achava, ao verem o barquinho a tamanha distancia de terra. Tornando-se, porém, demorada a lucta estabelecida entre o mar e os pescadores, foram-se os habitantes erguendo pouco a pouco, e, para verem melhor, subiram aos penedos mais elevados, acenando com os lenços aos tripulantes, como para lhes incutir animo.

O padre Manuel, sabendo, á missa das almas, que a catraia não tinha voltado, tambem viera para a praia logo depois de jantar, e por alli andava tão afflicto como os outros.

O bom velho adorava o seu rebanho; não era d'esses padres ávidos, como infelizmente ha tantos, que, em lhe cheirando a defuncto rico, ficam contentissimos, e enterram com prazer o seu melhor amigo, com tanto que se lhes pague bem o enterro.

Quando morria alguem na aldeia, era elle o primeiro a chorar.

Toda a gente o amava como pae; ninguem o temia, porque, mesmo no tribunal da penitencia, era mais um amigo que dava bons conselhos, do que um juiz impondo penas.

Por isso tambem nunca até alli, em sua vida de setenta annos, tivera um desgosto causado pelos seus freguezes.

Em Avelomar, apesar de ser immensa a população, não havia senão mulheres casadas virtuosissimas, e donzellas virgens de alma e de corpo. O excellente homem sustentava a moralidade e a pureza dos costumes com uma sabedoria admiravel. Apenas via começado um galanteio entre um rapaz e uma rapariga, dirigia-se a cada um d'elles por sua vez, examinava-

lhes às consciencias e a sinceridade das intenções, e, reconhecendo que tinham verdadeira inclinação um pelo outro, tratava logo de cortar as difficuldades que os separassem e casava-os.

Meio simples, como a alma do auctor, mas que, apesar d'isso, fez durante quarenta annos reinar a paz, a harmonia e a virtude na terra onde nasceu quem escreve esta historia, tambem simples e singela.

Amava o padre o seu rebanho, e fazia por elle milagres de amor, que lhe eram retribuidos. Recebia, sem nunca pedir, o que lhe davam os mais ricos, e repartia-o com os mais necessitados. Na sua casa, administrada por uma sua irmã, havia sempre fartura, sem elle saber como, e attribuia ao favor de Deus — no que se não enganava — os favores occultos dos seus amigos.

Tinha dois unicos defeitos: gostava de comer e beber bem, mas nunca ninguem o viu bebedo; e era caçador.

Este segundo vicio parecia-lhe um peccado terrivel; mas, não tendo animo para se vencer inteiramente, não era elle quem matava a caça. A fim de conservar as mãos immaculadas de todo o sangue innocente, tinha feito com a consciencia o contrato de que caçaria sem espingarda ou qualquer outra arma mortifera, levando sómente os seus cães. Se estes apanhassem a caça e a matassem, o crime era d'elles. Esta engenhosa combinação parecia-lhe diminuir a sua responsabilidade; e, fiado n'isso, arranjava sempre uns taes cães a que não escapava coelho nem lebre!

Quando o padre Manuel chegou ao areial, havia já minutos que a lancha se tinha afastado do brigue inglez. Maria beijou-lhe a mão e encaminhou-se com elle para a borda do mar. O velho ia calado e a pequena chorava. A mãe d'esta seguia-os a dois passos, com o olhar fito na misera barquinha.

Foi n'esse funesto instante que Balthazar mudou o rumo e uma vaga fez sossobrar a catraia.

Um grito horrivel retiniu por todas as praias e nos cimos de todos os rochedos onde estava parte da população.

A mulher de Sebastião Palmeiro caiu fulminada como se a tivesse ferido um raio.

Maria foi a unica pessoa que ajoelhou e orou.

Tão instantaneo e geral foi o golpe que todos sentiram á vista da desapparição do barco, que ficaram como extaticos. Nem mesmo o cura se lembrou de rezar!

Passaram-se assim alguns minutos; — ninguem ousava afastar a vista do sitio onde tinha desapparecido o batel. Todos os olhos estavam como pregados n'aquelle ponto, e nada mais viam fóra d'essa linha recta.

O padre sentiu cançar os seus primeiro, porque era velho, e baixou-os para chorar. Ao mesmo tempo deparou com o corpo da pobre Anna e correu para ella.

— Agua! Soccorro! Acudam! Deitem-lhe agua na cabeça.

Maria precipitou-se para uma poça; mas, quando se levantava com as mãos cheias de agua, tornou-a a deixar cair e córou vivamente, deixando-se ficar immovel.

O padre, que a esperava ancioso, vendo-a estacar, seguiu-lhe a direcção do olhar e gritou immediatamente com todas as forças:

— Animo! animo, valente nadador!

Olharam todos.

Um homem aproximava-se da terra, nadando com incrivel valentia sob as mais temerosas ondas.

— É Pedro! é meu filho!... Acudam-lhe pelo amor de Deus!

Era elle, com effeito; mas ainda ninguem o tinha conhecido senão a amante e a mãe — as que tem olhos que não se enganam.

A mãe ajoelhou sem reparar que estava dentro de agua, e que a resaca podia arrebatal-a comsigo. Foi preciso afastal-a á força.

Maria não se movêra d'onde estava, tambem com os pés n'agua. Entretanto o nadador avançava. Não havia meio algum para se lhe acudir, porque a rebentação e o rôlo do mar nas immediações da terra eram enormes, e esmigalhariam infallivelmente qualquer embarcação que se atrevesse a affrontal-os.

Quizeram deitar-lhe um corticeiro, e arrastavam-n'o apressadamente, mas o mancebo acenou-lhes com a mão, como dando a entender que não precisava; e, sem esperar ao menos que passasse um grande vagalhão, que podia matal-o se o envolvesse, deixou-se vir sobre elle, e, quando o viu proximo a formar o rôlo, mergulhou e foi surdir aos pés de Maria.

A donzella lançou-lhe os braços ao pescoço; e o rapaz, tomando-a quasi ao collo com o ardor com que a abraçava, afastou-se da borda do mar como se não acabasse de andar meia hora a nadar contra as ondas embravecidas.

Ao vêl-o subir a ladeira do areial, levando a sua amante como se fosse uma criança de poucos mezes, com o fato a escorrer agua, o passo firme e o olhar brilhante, dir-se-hia que vinha de dar um banho á donzella, e não de percorrer perto de duas milhas de agua. Os seus musculos de ferro não denunciavam o menor cançaço!

Apenas chegou á praia, todos o rodearam chorando, em altos gritos:

— E os outros? os outros? perguntaram de todos os lados e ao mesmo tempo as familias dos que faltavam.

Pedro como que acordou de um sonho. Poisou Maria brandamente na areia e olhou para o mar. Depois percorreu com a vista a multidão, como se procurasse alguem, e murmurou:

— Os outros?!

Tornou a voltar-se para o Oceano, que continuava a bramir enfurecido, e arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas:

— Meu pae, meu pobre pae! E o meu padrinho?!

A mãe, que chorava de alegria e de dor, perguntou-lhe, cortando as phrases com os soluços do pranto:

— E tu como escapaste? Como podeste vencer tamanha distancia?

— Foi Maria quem me salvou.

— Maria?!

— Sim. Quando o batel se arrasou de agua, pareceu-me ter a terra muito perto, e vi a minha noiva á beira do mar chamando por mim. Não sei nada mais; nadei com força, e aqui estou. Se não tivesse visto a cachopa, morria tambem.

— Podias lá vêl-a de tão longe! exclamou o padre cura. Só por milagre!

— Pois foi milagre, respondeu o moço; um milagre de amor.

(Continúa) F. GOMES DE AMORIM.

ÁCERCA DO PULPITO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

São poucos os que entre nós trabalham na descoberta dos mysterios archeologicos. É certo que a rudeza e aridez de similhantes lides não convidam as pessoas estudiosas a pôrem assim á prova a sua paciencia e perseverança. Cremos, todavia, que ainda existe outra causa mais forte que as afasta de taes lides. Essa causa é, certamente, por um lado o pouco apreço que em Portugal se dá a este genero de estudos; e por outro lado a falta de elementos para trabalhos conscienciosos.

Houve tempo, ha pouco mais de tres seculos, em que as antiguidades romanas do nosso paiz attrahiram a attenção e deram assumpto ás lucubrações de alguns dos nossos homens de letras mais notaveis d'aquella epocha. As suas diligencias em colligir e decifrar um grande numero de inscripções romanas, que então se achavam espalhadas por diversas terras do reino, padrões que, pela maior parte, tem desapparecido, lançaram bastante luz e forneceram importantes documentos para o periodo mais interessante da historia do nosso paiz, anteriormente á fundação da monarchia.

Esse impulso dado por André de Rezende, Estaço e outros escriptores, foi levando pelo tempo adiante mais alguns litteratos a proseguirem no mesmo empenho. Mas quando, no primeiro quartel do seculo XVIII, el-rei D. João V creou a academia real de historia portugueza, traçou-se maior base, e intentou-se estabelecer certa regularidade para o estudo e investigação das antiguidades patrias.

Não se desempenhou cabalmente a academia da grandiosa missão que lhe foi commettida. Mas, não obstante essa falta, nos trabalhos que emprehendeu, e nos livros que publicou, fez relevantes serviços ao paiz. Um d'esses serviços, resultado não só das suas publicações, mas tambem das investigações archeologicas a que mandou proceder em muitas e diversas terras do reino, foi avivar, dar vulto e fazer apreciar entre nós o estudo das antiguidades patrias.

É verdade que o estudo archeologico a que se entregavam com maior predilecção n'essa epocha era o das antiguidades romanas; ou fosse por amor da sua propria importancia, ou por vaidade, em razão da nobreza que d'ahi provém á nossa terra, ou, em fim, por moda, pois que esta tambem estende a sua influencia sobre a litteratura, como sobre as artes, os habitos e costumes. Entretanto, embora aquella predilecção prejudicasse as investigações archeologicas dos tempos posteriores á dominação romana, deu resultados mui apreciaveis, e maiores os daria se não cançassem em meio do caminho.

Arrefeceu, pois, aquelle ardor pouco a pouco, e, se não se extinguiu de todo, ficou limitado a um numero de escriptores muito restricto, que foram apparecendo de tempos a tempos, e que, satisfazendo o seu gosto, davam á luz o fructo do seu trabalho, concernente, na maior parte dos casos, á historia e antiguidades de alguma povoação ou de algum edificio.

Porém, tanto n'estes escriptos como nas obras dos que os precederam sobre o mesmo genero de litteratura, encontra-se, geralmente fallando, uma lacuna muito sensivel. Consiste esta na pouca noticia, e na maior parte dos casos na falta absoluta de noticias relativas á historia e critica da arte nos seus diversos ramos. O desleixo dos nossos escriptores antigos em archivar as datas de certas fundações e reedificações, salva uma ou outra excepção; o seu descuido em fazer commemoração das obras de arte mais notaveis feitas no seu tempo, e dos nomes dos artistas que as executaram; isto junto ás transformações operadas em os nossos monumentos pelos terremotos e pela ignorancia dos reedificadores, tem produzido uma tal escuridão nos assumptos de arte, que os que se aventuram a entrar n'esse labyrintho as mais das vezes não vêem luz que os esclareça, nem encontram fio que lhes possa guiar os passos.

Em as nossas velhas chronicas apparecem, lançadas ao acaso, aqui e alli, algumas noticias d'essas cuja escassez deplorâmos. Mas é raro que sejam claras e positivas, ou que não se contradigam umas ás outras.

Em França, e n'outros paizes que hoje nos levam dianteira no caminho da civilisação, acham os amadores da arte e das antiguidades abundantissimos elementos para assumpto dos seus estudos, para guia fiel das suas pesquizas e para base solida das suas apreciações.

Os escriptores antigos d'esses paizes foram mais diligentes que os nossos em colligir aquelles elementos; e os escriptores modernos, dispondo, coordenando e apurando esses materiaes no crisol da boa critica, já se apressaram em dotar os seus respectivos paizes com a historia monumental e artistica dos mesmos. Além das facilidades referidas, sabem que podem contar com o auxilio do governo em tudo que depender dos poderes publicos para o bom exito da empreza, e com a protecção e generoso acolhimento de quantos prezam as letras.

Entre nós... não faremos a comparação; não queremos pôr em relevo esse reverso da medalha, que tão desfavoravel nos é; bastará dizer que tudo nos falta, e que os que intentam ver claro no passado da arte portugueza e dos nossos monumentos historicos tropeçam com mil difficuldades, e acham-se envolvidos a cada passo em enigmas que mal sabem decifrar, em verdadeiros mysterios onde tentam em vão penetrar.

Em taes circumstancias são de incontestavel utilidade os jornaes da indole d'este semanario. N'estes repositorios de variada litteratura acham as pessoas estudiosas, estranhas á redacção dos mesmos, porta franca e logar apropriado para darem conta dos seus estudos, deixando aqui consignado algum descobrimento archeologico, o qual, sem este meio de publicação, ficaria, provavelmente, esquecido e meio occulto no gabinete do seu auctor, e, por conseguinte, ignorado de quasi toda a gente.

Quanto aos redactores e collaboradores, esses, obrigados pelo cargo que tomaram, e pela propria natureza do jornal, a um contínuo estudo, principalmente do que respeita ao seu respectivo paiz, alli vão depositando o fructo de suas investigações, com as quaes pouco a pouco se levanta o véo de sobre os mysterios historicos e archeologicos.

Por meio d'esta tarefa, e com o poderoso auxilio das gravuras, consegue-se, sem dúvida, mediante tambem a acção do tempo, crear e fazer desenvolver o gosto por tal genero de estudos nos paizes onde menos conhecidos são.

Passando agora das generalidades para a especialidade em que nos achâmos, diremos que em os nossos trabalhos para o *Archivo* sempre nos considerámos como um escholar que vae aprendendo á custa das suas vigilias, que procura emendar ámanhã um erro em que na vespera caíu, e que, não estimando as suas opiniões senão pelo que presume que ellas valem, sujeita-as ás modificações e reformas que o curso natural dos seus estudos lhes prescreve.

Nos volumes do *Archivo Pittoresco* encontram-se numerosos exemplos que attestam a constancia d'este nosso proceder. O ultimo, e bem recente, achal-o-hão os nossos leitores a pag. 158, onde refutámos a opinião que emittíramos em um volume anterior ácerca do nome do artista que esculpiu o primoroso pulpito da egreja de Santa Cruz de Coimbra.

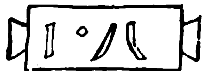
A carta que em seguida transcrevemos chama-nos de novo para este assumpto. Poucas considerações poderemos accrescentar a essa interessante carta, que um mui consciencioso e intelligente collaborador d'este jornal fez favor de nos dirigir, mas n'esse pouco que dissermos é mister abonarmo-nos com o que acima expendemos.

«Coimbra, 16 de agosto de 1868.

«O artigo por v. publicado no penultimo numero do *Archivo Pittoresco* ácerca do pulpito de Santa Cruz veiu proporcionar-me ensejo para recomeçar a nossa correspondencia, ha tanto tempo interrompida.

«As considerações que v. faz a respeito de se ignorar quem fôra o esculptor d'aquella mimosa peça moveram-me a ir examinal-a miudamente, a fim de ver se por acaso lhe poderia descobrir alguma firma que resolvesse o problema. Fui, e effectivamente alguma coisa achei, mas, ainda assim, estou longe de decifrar o enigma, e só poderei fazer algumas conjecturas.

«Por cima de um dos nichos divisei uns caracteres, de que v. poderá formar idéa pelo fac-simile que em seguida apresento:

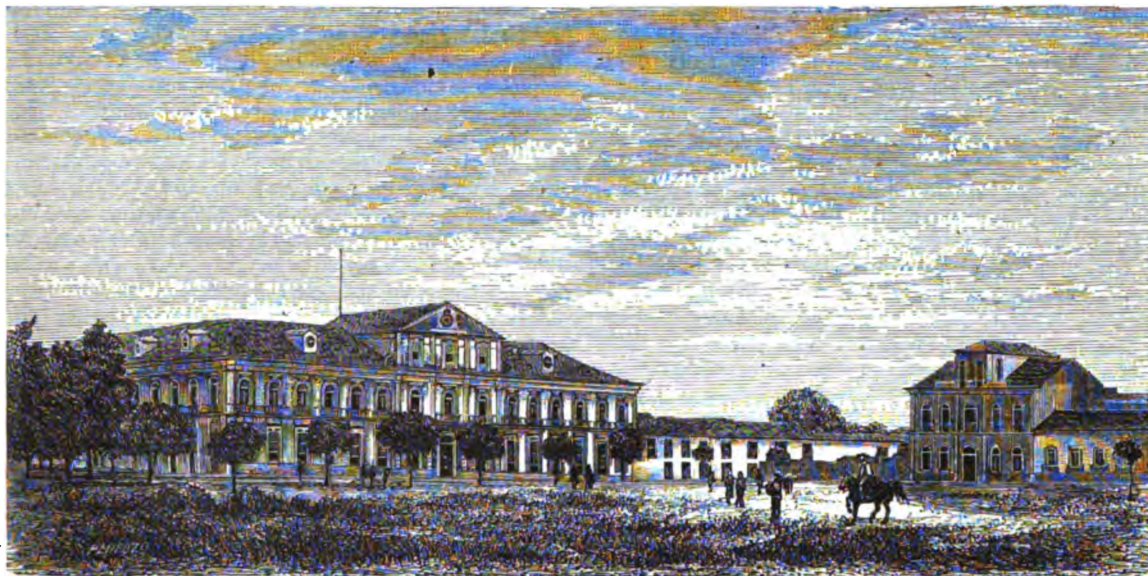


«Será, porventura, isto a assignatura do insigne artista que executou esta primorosa esculptura? A primeira letra é com certeza um I. Será a segunda um R? Se é, podem muito bem ser as iniciaes de João de Ruão, que trabalhou na reedificação do mosteiro em tempo del-rei D. Manuel, segundo se lê na *Chronica dos conegos regrantes.*

«Não sei se v. terá conhecimento de alguma obra que conste com certeza ser d'este artista. Tendo-o, talvez se possam esclarecer todas as dúvidas, vendo se n'ella existem as mesmas letras, e confrontando o estilo de um com o de outro trabalho.—De v. etc.—*Augusto Mendes Simões de Castro.*»

É muito importante o descobrimento de que trata a carta supra, e se, porventura, não resolve o problema de modo explicito, cremos que offerece a chave com que, cedo ou tarde, com mais ou menos trabalho, se alcançará fazer patente aquelle segredo.

Tambem nos parece que as duas letras são I. R. Em tal caso, quadrando estas iniciaes ao nome de João de Ruão, que ha certeza de ter sido um dos esculptores mandados vir de França por el-rei D. Manuel para as obras da reedificação do templo de Santa Cruz de Coimbra, entendemos que se deve admittir, como muito provavel, a opinião de que fosse aquelle artista o auctor d'aquelle celebrado pulpito.



Palacio do governo, na cidade de Nossa Senhora de Belem, do Pará

Todavia, para admittirmos esta opinião, precisâmos de a pôr de accordo com as considerações que expendemos a pag. 158. Mas não se julgue que esse accordo é necessario ao nosso amor proprio. Nenhum temos quando se trata de chegar ao conhecimento da verdade. Os exemplos a que acima nos referimos provam sobejamente a exactidão d'estas nossas asserções. O que nos faz preciso o accordo é a convicção de que a descoberta d'aquellas iniciaes não destroe nem tira força ás considerações alludidas, com que demonstrámos que o pulpito de Santa Cruz de Coimbra não é obra das mesmas mãos que delinearam e esculpiram o portico da frontaria d'esta egreja, e os dois tumulos reaes que se erguem na capella-mór.

Portanto, as duas letras podem muito bem ser as iniciaes de João de Ruão, e acceitâmol-as como taes, em quanto não apparecer documento authentico que lhes dê diversa interpretação; mas havemos de admittir a bem fundada supposição de que esse artista não se empregou em mais obra alguma do mencionado templo e mosteiro, pelas razões que já apresentámos.

Antes do descobrimento das duas iniciaes, parecia-nos mais provavel que o auctor do pulpito fosse artista italiano, por ser a Italia o paiz onde primeiro se introduziu o estilo do renascimento tal qual se vê no dito pulpito, e porque em nenhuma outra parte se construiram tantos monumentos segundo esse estilo. É certo, porém, que alguns se edificaram em França, onde teve bastante voga a architectura da renascença, no periodo em que mais ornamentada se ostentava. A casa de campo que el-rei Francisco I, nascido em 1494, mandou construir nos Campos Elysios, denominada *casa doirada (maison dorée)*, e que foi demolida em tempos que ainda não vão muito longe, mas da qual restam mui exactas gravuras, apresentava o mesmo estilo que se observa no pulpito de Santa Cruz de Coimbra.

Dissemos que esta peça era a mais perfeita obra de esculptura em pedra que conhecemos em o nosso paiz. Não sabemos que exista outra que por sua perfeição se possa attribuir ao mesmo artista, ou que a tradição lh'a attribua.

O sr. Simões de Castro fez, por conseguinte, um bom serviço á historia das artes em o nosso paiz. Agradecemos-lhe sinceramente ter-se prestado, com as suas zelosas investigações, a coadjuvar-nos na ardua tarefa em que temos andado empenhados.

I. DE VILHENA BARBOSA.

BRASIL

PALACIO DO GOVERNO, NA CIDADE DE SANTA MARIA DE BELEM, DO GRÃ-PARÁ

O palacio do governo e a cathedral são os melhores edificios da capital da rica provincia do Grã-Pará. Foi construido o primeiro em 1767, por ordem del-rei D. José I, sendo ministro da marinha e ultramar Francisco Xavier de Mendonça Furtado, e governador do Pará Fernando da Costa de Athaide Teive, que lançou a pedra fundamental com toda a solemnidade.

Duraram as obras alguns annos, não só em razão de ser o edificio grande e bem ornamentado, como tambem por ser diminuta a verba que annualmente era consignada para as despezas da construcção.

Foi feito para servir de residencia aos capitães generaes da provincia, e de séde da secretaria do governo e de outras repartições publicas. Depois da independencia do Brasil tem habitado n'elle os presidentes da provincia, e ahi se acham accommodadas a junta de fazenda, a contadoria e outras repartições.

Está bem situado este palacio, deitando a sua frente principal para uma espaçosa praça. Esta frontaria compõe-se de tres corpos. Os dois lateraes tem dois pavimentos, e cada um d'estes conta seis janellas, que no andar nobre são de saccada. O corpo central resalta um pouco para fóra dos lateraes, e tem mais um andar. No pavimento terreo fica o portal da entrada entre duas janellas estreitas. No pavimento nobre abrem-se tres grandes janellas de saccada entre quatro columnas. O terceiro andar tem o mesmo numero de janellas, mas de peitoril; é tambem decorado com quatro columnas, e remata em um frontão, cujo tympano era adornado primitivamente com as armas reaes portuguezas, e ao presente com o brazão d'armas do imperio brasileiro. Esta fachada apresenta uma architectura não sómente regular e de boas proporções, mas tambem esbelta e magestosa.

As fachadas lateraes constam de dois pavimentos, terreo e nobre, cada um com seis janellas eguaes às dos corpos lateraes da frente principal. A frontaria opposta a esta cae sobre o jardim pertencente ao mesmo palacio.

O portal dá ingresso para um vestibulo muito amplo, com o qual se communicam os dois lados do pavimento terreo, que é todo occupado pelas referidas repartições publicas.

O andar nobre encerra onze salas, oito quartos, e um vasto salão de entrada, onde termina a escada, que é bem lançada e de construcção elegante.

O terceiro pavimento não contém mais que uma sala, mas muito grande, pois que este andar corre por todo o fundo do edificio, tendo tres janellas na frente principal do palacio, e na fachada opposta uma comprida varanda, descoberta nas extremidades e coberta no centro, d'onde descem para o jardim dois lanços de escadaria.

I. DE VILHENA BARBOSA.

D. CATHARINA DE BRAGANÇA

(Vid. pag. 166)

Somos chegados ao ultimo noivo destinado para a nossa princeza. É Carlos II, rei da Gran-Bretanha, com o qual casou.

Tambem se não sabe ao certo d'onde se originou este enlace.

Uns dizem que fr. Domingos do Rosario o predispoz n'uma das viagens a França, quando Carlos alli estava expatriado, depois da morte do rei seu pae, no cadafalso, por sentença tumultuaria do parlamento.

Outros querem que fosse Schomberg, quando esteve em Londres tratando de embarcar com as suas tropas para Portugal.

Alguns pretendem que D. Francisco de Mello, depois conde da Ponte e marquez de Sande, nosso embaixador na Inglaterra, o solicitára logo depois da acclamação do monarcha britannico, o que este mesmo declara em uma das suas cartas.

Luiz XIV refere nas suas *Memorias* que empregára todos os meios para persuadir Carlos II a casar com a infanta de Portugal, dando elle dois milhões para que el-rei de Inglaterra auxiliasse Portugal contra Castella (não obstante ter casado com a filha de Filippe IV!); e que mandára a Londres um agente do ministro do seu erario, o celebre Fouquet, com cartas de credito até á quantia de 500:000 livras [1] para offerecer ao chanceller-mór de Inglaterra, o conde de Clarendon, como pessoa que tinha mais poder com o rei. E isto confirma o mesmo chanceller nas *Memorias* que escreveu, e das quaes extractaremos alguns factos curiosos.

E, finalmente, o nosso collega, o sr. José de Torres, na biographia do secretario de estado Antonio de Sousa de Macedo, que escreveu no vol V, pag. 364, d'este semanario, affirma que fôra aquelle nosso doutissimo diplomata *o primeiro a lembrar e aconselhar* o casamento de D. Catharina com o rei de Inglaterra.

Esta opinião é a mais provavel, porque, sendo Antonio de Sousa nosso residente em Londres quando Cromwell promovia o julgamento e morte de Carlos I, pugnou tanto a favor d'este infeliz monarcha, que seu filho, Carlos II, tanto que subiu ao throno, remunerou os serviços do nosso ministro feitos a seu pae com o titulo de barão de Molingaria para todos os seus successores (os condes de Mesquitella), dizendo-se na carta régia d'esta mercê, que Antonio de Sousa de Macedo defendêra a dignidade real de Carlos I, até com imminente risco da sua vida.

Além d'isto, Macedo gozava de grande credito na corte de Londres, e ainda mais entre os sabios, pelas publicações que deu ao prelo n'aquella capital, onde se conservou alguns annos depois de acabar a sua missão diplomatica. Ha d'elle uma carta em latim, escripta a Carlos II, felicitando-o pela sua restituição ao throno de Inglaterra. Tem a data de 18 de julho de 1660, quando já a nossa infanta tinha perdido o casamento de Luiz XIV, pelo tratado dos Pyrenéos, e se pensava então em lhe dar outro consorte. Por esta carta se vê que Sousa de Macedo se correspondia com aquelle rei, que elle conhecêra ainda principe de Galles, que era amigo das letras, e foi depois instituidor da sociedade real de Londres. Com taes relações, bem podia ser Antonio de Sousa o motor d'este casamento, que se effectuou contra a expectação de toda a Europa, que não ousava crer que o maior soberano protestante recebesse por mulher uma princeza catholica.

Tudo isto, porém, são conjecturas, porque de auctor coevo, o conde da Ericeira, só consta que D. Francisco de Mello, nosso embaixador em Londres, tanto que foi acclamado Carlos II, lhe apresentou um memorial, de que deu cópia aos ministros, allegando os serviços que a coroa de Portugal havia feito a Carlos I e a elle, seu filho, soccorrendo-o com subsidios na emigração; e que, faltando-lhe portos onde se recolhesse a sua armada, commandada pelo principe Roberto, el-rei D. João IV, desprezando todos os discursos politicos, o recebêra no porto de Lisboa, e o não quizera entregar a Cromwell, tendo de combater a esquadra ingleza e ficar em guerra com a Gran-Bretanha, quando as armas de Castella na Europa, e as de Hollanda na Asia e na America, ameaçavam os reinos e senhorios de Portugal, concluindo por allegar que o novo soberano, como agradecido e como politico, estava obrigado a fazer alliança com a nação portugueza. Os

[1] Oitenta contos de réis.

mercadores inglezes (mais de duzentos) que tinham trato com Portugal, a pedido do nosso embaixador, assignaram uma petição ao novo rei, para que defendesse os portuguezes, cujo commercio era o mais util da sua monarchia.

Ao mesmo tempo, D. Francisco de Mello alcançou audiencia particular do rei Carlos, que o recebeu com tanto agrado, que elle se animou a *principiar* o tratado do casamento da infanta D. Catharina, ajudado da intelligencia do padre Ricardo Russell, depois bispo eleito de Portalegre e esmoler da nova rainha de Inglaterra [1].

Assim que o embaixador de Hespanha em Londres, o barão de Butavilla, soube d'esta proposta, avisou o seu soberano, que tratou logo de se queixar a Carlos II por haver admittido a pratica d'este consorcio, offerecendo-lhe para esposa a irmã do duque de Parma; depois a filha do rei de Dinamarca; e tambem a imperatriz viuva; e por ultimo a princeza de Orange; qualquer d'ellas com um consideravel dote á custa da Hespanha. Mas tudo isto contraminou com summa destreza o nosso embaixador, e o padre Russell, que dando-lhe Carlos II noticia d'estas proposições, lhe respondeu: «que não se admirava de que os castelhanos, para prejudicarem o intento de Portugal, offerecessem dotar princezas hereges, porque o mesmo fariam ás turcas»; dito que o rei tanto celebrára, que logo depois dera ao padre uma carta para a rainha de Portugal (diz o conde da Ericeira), em que lhe participava ter já declarado aos do seu conselho a resolução de receber por esposa a infanta D. Catharina de Portugal.

Onde, porém, achâmos referida a historia dos preliminares d'este casamento, é nas *Memorias* do conde de Clarendon, chanceller-mór de Carlos II.

Faremos d'ellas um resumido extracto, porque ainda nenhum dos nossos historiadores se deu a este trabalho.

Dopois de referir que o embaixador portuguez Francisco de Mello obtivera a renovação do tratado de alliança que fizera com a republica, diz lord Clarendon, fallando sempre em terceira pessoa:

«Pouco tempo depois, se entabolou uma negociação da mais alta importancia, cujo resultado foi o casamento do rei. Posto que este enlace fosse então muito do agrado de toda a nação ingleza, veiu a causar o desterro do chanceller, a quem se attribuiu. Exporei alguns factos para que o publico saiba que o chanceller não foi o primeiro que aconselhou este casamento. E que o fôra, não se envergonhára de o haver feito.

«N'um dia á tarde veiu o rei a casa do chanceller, e, estando a sós com elle, lhe disse que desejava consultal-o sobre o seu casamento. E referiu-lhe que o seu camareiro-mór, conde de Manchester, lhe contára, que indo o embaixador de Portugal visital-o, lhe dissera que, quando sua magestade tratasse de se casar, havia em Portugal uma princeza, que por sua belleza, indole e edade muito lhe convinha, e que teria um dote correspondente ao seu nascimento e jerarchia; que, todavia, era catholica, e não mudava de religião; porém que era de todo isenta das escrupulicés que tornam as pessoas d'esta crença incommodas n'um paiz onde se professa outra. Que ella tinha sido educada por sua mãe, regente do reino, senhora de muita discrição, que lhe tinha inspirado a boa doutrina de não se ingerir nos negocios que lhe não competiam; e por isso só trataria de observar a sua religião, sem se lhe importar com a dos outros. O embaixador concluiu por lhe dizer que estava auctorisado a fazer esta proposta ao rei, e a informal-o das condições do casamento, e julgava que nenhum outro principe as offereceria mais vantajosas.

«Ao que o camareiro-mór replicou, que uma rainha protestante seria a todos os respeitos a maior ventura para a Gran-Bretanha; mas que, não a havendo, uma princeza educada em tão boas maximas seria a melhor das catholicas: que Portugal fazia um grande commercio em Inglaterra, e que o de Inglaterra com Portugal *era o mais lucrativo* de quantos fazia com as outras nações.

«O rei disse ao chanceller, que elle apenas respondêra ao camareiro-mór que pensaria; mas que n'esse mesmo dia o embaixador de Portugal o fôra visitar, e, sem mais preambulos, entrára em conversação sobre este assumpto, e lhe repetira tudo o que lhe havia dito o camareiro-mór, ajuntando que estava auctorisado a offerecer a sua magestade quinhentas mil libras esterlinas como dote da infanta; e mais a cessão perpetua á corôa de Inglaterra da cidade de Tanger, praça forte, cuja importancia e situação muito concorreria para a segurança e prosperidade do commercio de Inglaterra. Que tambem offerecia á nação ingleza a liberdade do commercio no Brasil e nas Indias orientaes, que os portuguezes tinham sempre recusado a todas as nações. E para caução d'este privilegio, entregavam perpetuamente á corôa de Inglaterra a *ilha* de Bombaim com todas as suas fortalezas.

«O rei contou isto ao chanceller como coisa que muito lhe agradava, e que podia ser de grande proveito para o reino. E accrescentou que desejava que o embaixador portuguez podesse conferir com elle (chanceller), e lhe perguntou qual era a sua opinião. Este respondeu-lhe que não podia dar parecer já, por ser a primeira vez que em tal ouvia fallar. Que depois de se avistar com o embaixador, então daria o seu dictame a sua magestade, a quem sómente perguntou se estava deliberado a não receber esposa protestante. O rei disse-lhe que não a podia escolher senão entre as suas vassallas, mas que não tinha visto nenhuma que lhe agradasse.

«O embaixador de Portugal veiu fallar ao chanceller, e lhe repetiu o que havia dito ao rei. Este procurou novamente o chanceller, o qual lhe ponderou que o negocio era de tanta gravidade, que elle não ousava dar o seu voto; e que nem sua magestade se devia determinar pela opinião de um só individuo; e pediu-lhe que consultasse quatro ou cinco pessoas das que elle julgasse mais competentes para tão importante deliberação. O monarcha acceitou este conselho, e ordenou ao lord do thesouro, ao marquez de Ormond, ao lord camareiro-mór e ao secretario de estado Nicholas que se reunissem em casa do chanceller-mór, onde elle Carlos II estaria para lhes propor o negocio.

«N'esta conferencia se expoz a importancia da cessão de Tanger, com a posse da qual, disse o almirante conde de Sandwich, a Inglaterra dictaria a lei ao commercio do Mediterraneo. Depois de prolongada discussão, tendo alguns dos lords manifestado o desejo de que a rainha fosse protestante, um d'elles nomeou a princeza de Orange, ao que sua magestade de subito respondeu — que tinha motivos incontestaveis para não acceitar similhante enlace. Então todos os lords foram unanimes em approvar o casamento do rei com a infanta de Portugal; e sua magestade os encarregou de entrarem em negociações com o embaixador de Portugal, conservando o mesmo segredo que até alli se tinha guardado.»

Nas conferencias que se seguiram, o nosso embaixador propunha que a Inglaterra declarasse guerra á Hespanha; mas o rei disse positivamente que não tomava tal empenho, por não estar em circunstancias de a poder sustentar; mas que se a Hespanha, por motivo do seu casamento e dos soccorros que elle prestava a Portugal, a declarasse, elle faria aos hespanhoes todo o mal que podesse. Em conclusão, sua magestade deu as seguranças necessarias para o cumprimento das

[1] *Port. Rest.*, tomo II, liv. 5.

promessas que fazia, e entregou ao embaixador as instrucções e cartas que devia apresentar á rainha regente de Portugal e á infanta D. Catharina, com as quaes Francisco de Mello partiu logo para Lisboa.

Na ausencia d'este embaixador, o ministro de Hespanha tentou outra vez dissuadir Carlos II de esposar a nossa infanta; e, não o conseguindo, subornou um dos rufiões do rei, o conde de Bristol, cujo caracter foi bem descripto por Bussi-Rabutin nas suas *Memorias*, para que afastasse o soberano do seu intento, o que esteve a ponto de conseguir, dizendo-lhe que D. Catharina era feia e disforme; que não podia ter filhos; e, em fim, que Portugal não estava em estado de pagar o dote que promettêra.

Aqui nota o chanceller, que ou fosse porque o rei começasse a ter menos desejos de se casar, para não perder a liberdade (podia dizer a libertinagem) em que vivia, ou lhe fizesse impressão o dito de que a infanta era esteril, sua magestade desde então deixou de fallar no casamento, e até lhe chegou a confessar que estava arrependido de ter deixado partir o embaixador com a promessa, e quando elle voltasse a illudiria — intenção que o chanceller reprovou, com razões dignas de consummado estadista que era.

Entretanto regressou a Londres, para conduzir a infanta, o conde da Ponte, já marquez de Sande, mercê que a rainha D. Luiza lhe fizera em premio de haver negociado o casamento.

O marquez foi tão séccamente recebido pelo rei, que, sendo (diz Clarendon) naturalmente hypochondriaco, ficou estuporido, não se atrevendo a entregar as credenciaes, com receio de expor sua augusta ama ao desar de ser recusada.

Occorreu, porém, um incidente, que provavelmente determinou o rei a cumprir a sua palavra.

Tinha morrido o cardeal Mazarino, e um dos tres ministros que nomeou Luiz XIV foi o celebre Fouquet para presidente do erario. Este enviou Labastide a Londres com uma carta para o chanceller, em que lhe dizia que o rei de França se magoára muito de saber que havia obstaculos para a confirmação dos ajustes feitos com a rainha regente de Portugal; que para os remover, se a Inglaterra não podia desembolsar as sommas necessarias para enviar a Portugal os soccorros promettidos, a França daria logo a sua magestade britannica trezentas mil pistolas [1] para as despezas da expedição do estio, e que para o futuro concorreria proporcionalmente ao que se dispendesse. E por ultimo dizia da parte de Luiz XIV que el-rei Carlos não podia fazer melhor casamento que o da infanta de Portugal.

O chanceller assegurou a Labastide que informaria sua magestade do conteudo das propostas del-rei christianissimo, e que no dia seguinte lhe daria a resposta.

Succedeu ir o rei a casa do chanceller perto da hora em que o agente francez devia lá voltar. E tomando conhecimento do negocio, consentiu em esperar que Labastide chegasse para lhe fallar. Sua magestade recebeu-o com muito agrado, dizendo-lhe que conhecia mr. Fouquet de Paris, quando alli estivera emigrado; que lhe agradecia as offertas da sua carta; e que, animado pelas instancias del-rei de França, firmaria a alliança contratada com a casa de Bragança, mas sem declarar guerra á Hespanha.

Labastide, mui satisfeito com esta resposta do rei, pediu ao chanceller permissão para voltar no dia seguinte com a cifra que mr. Fouquet lhe mandava para o chanceller se corresponder com elle em segredo, e na lingua ingleza.

«Quando Labastide veiu com a cifra (diz Clarendon) começou a fallar-me de um modo muito confuso sobre o grande credito e generosidade de mr. Fouquet, da grande alçada das suas funcções, que lhe permittia saccar do thesouro publico sommas avultadas, sem dar contas nem ao rei, o qual bem sabia que sem esta faculdade lhe não poderia prestar os serviços secretos de summa importancia que d'elle exigia. Que mr. Fouquet sabia que o chanceller se via embaraçado para sustentar casa e baixella correspondentes á dignidade do cargo a que fôra elevado; que, além d'isso, devia ter muitos inimigos, e que, se não grangeasse adhesões pela sua generosidade e munificencia, necessariamente havia de succumbir. Pelo que se lembrára de lhe fazer um presente. E assim dizendo, apresentou ao chanceller uma letra de dez mil libras esterlinas, pagaveis á vista.»

Clarendon, que tinha ouvido Labastide com a maior indignação, respondeu-lhe com impeto «que se aquella correspondencia o expunha a taes affrontas, recusava-a; e dissesse a mr. Fouquet que elle rejeitava as offertas de seu augusto amo»; com o que o despediu.

De tarde, o rei e seu irmão, o duque de York, vieram a casa do chanceller, que acharam de muito mau humor, e que logo lhes disse que Fouquet não podia ser homem de bem; que não queria relações com elle; e referiu-lhes ainda encolerisado o que se tinha passado com Labastide. Ao que ambos se pozeram a rir, dizendo «que era assim que se tratavam os negocios em França». O chanceller declarou então que nunca seguiria tão infame pratica; ao que o rei tornou, sorrindo-se, que não havia muitos politicos tão escrupulosos; e depois de tranquillisar o chanceller, pediu-lhe que respondesse com civilidade á carta de Fouquet, e continuasse a correspondencia, porque lhe podia ser util.

Clarendon respondeu logo a mr. Fouquet; e na semana seguinte Luiz XIV escreveu de sua propria mão ao chanceller, dizendo-lhe que podia communicar com o seu embaixador em Londres o negocio dos soccorros á Gran-Bretanha para assistir a Portugal; o que até alli era segredo só confiado ao seu ministro Fouquet. E tão agradado ficou do procedimento do estadista britannico o grande Luiz XIV, que até ao fim da vida de Clarendon, já desterrado de Inglaterra, se correspondeu com elle.

(Continúa) A. DA SILVA TULLIO.

1 Uns mil e trezentos contos de réis.

É proprio de animos altivos tomar titulos e appellidos arrogantes, que são uns como pennachos, cujos canhões estão arraigados na vaidade do seu cerebro.

El-rei Sapor se assignava participe das estrellas, irmão do sol e da lua.

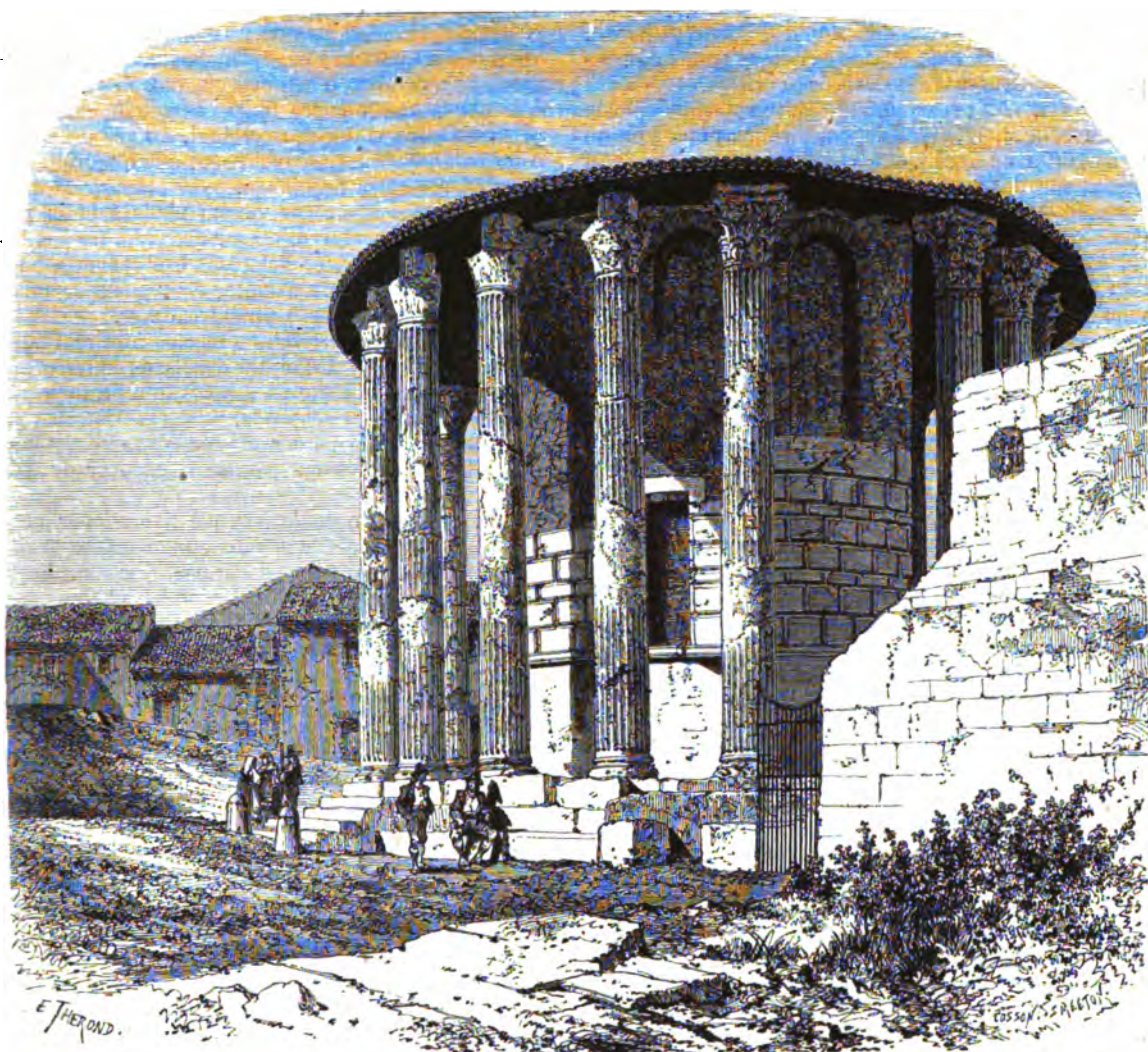
Um rei de Bisnagá tinha por sobrenome o esposo da boa ventura, Deus das provincias grandes, mestre e doutor dos que não sabem fallar, estremecimento das oito partes do mundo.

Outro sultão turco se intitulou por carta sua: Salmandro omnipotente, prefeito do inferno e dominador da figueira sécca. Cleopatra se chamava rainha das rainhas. Cayo Caligula, imperador romano, pae dos exercitos e filho dos arraiaes. Clearco Pontico, tyranno dos heracleotas, poz a seu filho por nome Ceramion, que quer dizer raio. Um rei dos arabes, no tempo de Veremundo, rei de Hespanha, tomou por nome Alhagio, que quer dizer sobrancelha, pelo fasto e soberania que esta palavra significa. A este modo, pois, se prezava tambem Atila do appellido de flagello de Deus.

P. MANUEL BERNARDES.

Os navios são uns animaes inanimados que contém em si todos os cinco generos da vida sensitiva. Andam sem pés como serpentes, vôam com azas como aves, governam-se pela cauda como peixes, trazem o freio nas ancoras e as redeas nas escotas como cavallos, e os seus movimentos certos dependem do ceo como homens.

P. ANTONIO VIEIRA.



Templo vulgarmente chamado de Vesta, em Roma

O curioso monumento, cuja cópia adorna o rosto d'este numero, é uma das antiguidades de Roma que mais trabalho tem dado aos archeologos para lhe descobrirem a origem e o destino.

Os primeiros antiquarios que se occuparam da sua historia pretenderam que este edificio fôra templo de Vesta no decurso do imperio romano. Porém os escriptores modernos, mais bem dirigidos em suas investigações, refutaram triumphantemente aquella opinião, demonstrando que o celebre templo de Vesta de que falla Horacio, por occasião de uma inundação do Tibre, dizendo:

Vidimus flavum Tiberim.....
Ire dejectum monumenta regum
Templaque Vestæ,

estava situado a pouca distancia do *Forum*, em direcção muito differente do logar em que se ergue o edificio de que tratâmos, que está proximo do Tibre, mas sobre a praça *Della Bocca della Veritá*.

Alguns auctores, julgando assim conciliar as duas opiniões contrarias, conjecturaram que o edificio em questão não fôra o templo principal que a cidade de Roma consagrou a Vesta, mas sim um dos templos dedicados á mesma divindade que existiam nas diversas curias da capital do imperio. Hoje parece demonstrado que nunca dentro do referido edificio ardeu o fogo de Vesta; mas que alli teve culto outra divindade, segundo uns Hercules, e na opinião de M. Canina, distincto archeologo, *Mater Matuta*. No que quasi todos concordam é que este templo foi fundado no segundo seculo do imperio romano, o que lhe dá uma existencia de perto de mil e setecentos annos, pois que Jesus Christo nasceu no anno 29.° da fundação do dito imperio.

Porém o povo, que não presta ouvidos ou pouco se lhe importa com as discussões dos antiquarios, persistiu em chamar templo de Vesta ao monumento antigo da praça *Della Bocca della Veritá*, de sorte que é por essa denominação popular que ao presente é conhecido e designado, não obstante a sua actual invocação como egreja christã.

É este um dos templos da antiga Roma mais bem preservados da barbaridade dos homens e da acção destruidora do tempo. Menos afortunado que o Pantheão de Agrippa, padeceu, é certo, cruel assolação nas invasões dos barbaros do Norte, que derrocaram o imperio dos Cesares. A cupula e todo o entablamento foram lançados por terra; mas ficaram de pé,

na maior parte, as paredes, e as magnificas columnas que as circundam e guarnecem exteriormente. N'este estado se conservou por longos annos, até que, banida inteiramente a idolatria do seio de Roma, e convertida esta cidade em capital do orbe catholico, lembraram-se os fieis de aproveitar os restos do templo pagão para casa de devoções christãs.

Todavia, não pensaram em restituir o edificio á sua antiga belleza, nem sequer em dirigir as obras de reconstrucção de modo que condissessem com a sumptuosidade das reliquias que se aproveitavam. Contentaram-se apenas de rebocar de cal e areia o logar das paredes em que faltava alguma pedra de marmore, e de construir um pobrissimo tecto e um mesquinho telhado no logar em que outr'ora se ostentava uma rica abobada e esbelta cupula. E, como por escarneo da arte na cidade artistica por excellencia, assentaram o telhado em cima dos capiteis das columnas, sem lhes accrescentarem uma singela architrave e tosco friso.

A primeira invocação que teve a nova egreja foi *Santo Estevão das Carroças;* mais ao diante consagraram-n'o a Nossa Senhora, sob o titulo de *Santa Maria del Sole.*

É circular a fórma do templo, e compõe-se de uma parede de bastante espessura, construida de grandes pedras de marmore de Carrara, mui bem lavradas, na qual se abre o portal da entrada, e de uma galeria de columnas, que vae guarnecendo em volta, exteriormente, a mesma parede. N'esta faltam muitas pedras de marmore, que na reedificação foram substituidas por alvenaria. Porém n'aquella galeria apenas falta uma columna, contando-se dezenove em vez de vinte, que primitivamente eram. Fabricadas tambem de marmore de Carrara, com os fustes cavados em meias cannas, e com formosos capiteis corinthios, todas essas columnas são de primorosa esculptura, mas, infelizmente, poucas se acham em bom estado de conservação.

O interior do templo, além das paredes nuas, não apresenta vestigio algum da sua primeira fundação; e as obras com que o adaptaram ao culto catholico foram feitas com pouco menos singeleza e mesquinhez que as exteriores. Assim, nada encerra que seja digno de menção.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 186)

X

ORPHANDADE

Maria Custodia, a mãe de Pedro, lançou á afilhada um olhar de ternura e de inveja, e pensou em voz alta:

— Já os namorados valem mais do que as mães!

— Não se queixe, disse d'alli o padre Manuel; a não ser assim, não teria agora o filho vivo.

Parecia impossivel a todos que ninguem maís escapasse. A distancia era grande e o mar immenso; comtudo a maior parte dos tripulantes eram tão bons nadadores como Pedro. Apesar da vaga esperança que ainda nutriam algumas pessoas, as familias dos que faltavam atroavam os ares com os seus gritos e lamentos, e percorriam todas as praias.

Maria, que não tinha cessado de chorar o de olhar para Pedro, lembrou-se de repente da mãe, e, voltando-se para o sitio onde a víra deitada na praia, correu para ella.

— É verdade! disse o padre seguindo-a. Esquecianos inteiramente. Valha-nos Deus!

Tomou-lhe uma das mãos e achou-a gelada.

— Nossa Senhora tenha dó de nós todos!... e parece-me que...

Reparou-lhe no rosto, e viu-lhe aos cantos da boca uns ligeiros raios de sangue e espuma.

— E tenha tambem compaixão da sua alma! accrescentou, completando o seu pensamento, depois de verificar que Anna Palmeiro tinha cessado de existir.

Matára-a uma congestão cerebral. Ao ver o naufragio do batel, pensára, sem dúvida, que o marido não sabía nadar e caíra fulminada.

Os corpos dos naufragos vieram vindo á praia uns após outros. A população, apesar de serem frequentes por aquellas costas estes dolorosos espectaculos, chorou sem cessar durante a noite, e ninguem se recolheu antes de apparecer o ultimo cadaver.

O dia seguinte foi terrivel. Os mortos cobriram muitos habitantes de lucto; e até depois do enterro ouviam-se por toda a parte os soluços que arrancava a dor ainda aos menos sensiveis.

Anna Palmeiro foi para a mesma cova que seu marido; e a par d'elles enterrou-se o cadaver de Balthazar.

Pedro, referindo o modo por que tivera logar a catastrophe, evitou delicadamente que o odioso d'ella recaísse sobre a memoria de seu pae. Que remediaria agora a colera das viuvas e dos orphãos? Chamaria apenas gritos de maldição sobre uma alma que estava já na presença de Deus, e que só peccára por ignorancia.

Taes foram, aproximadamente, os raciocinios do mancebo; e fôra elle quem pedira que os restos mortaes do auctor de seus dias fossem repoisar ao lado dos de Sebastião e Anna.

Parecia-lhe em seu simples e ingenuo pensar que esta reunião, inspirada pelo amor e piedade filial, reconciliaria os mortos com o que lhes causára a morte, e evitaria futuras desgraças aos filhos de ambos.

Maria foi recolhida pela madrinha; a sua casa vendeu-se para pagar as despezas do funeral de seus paes, o lucto e algumas dividas da familia.

O padre Manuel não achou muito bom que se juntassem debaixo das mesmas telhas os dois namorados, que ao tempo tinham já quinze annos; mas como não havia outro recurso, resignou-se, protestando lá de si para si que os casaria assim que findasse o lucto.

Maria Custodia andava adoentada desde muito tempo. As perdas recentes do marido e dos compadres, a miseria em que ia caindo por falta de quem lhe ganhasse o pão quotidiano, e ainda em cima a necessidade de sustentar a afilhada, que ella amava como filha, tudo isto, e mais que tudo a saudade do que fôra tantos annos seu esposo e companheiro amado, aggravaram-lhe os incommodos e a boa mulher caíu de cama.

Pedro vivia todo preoccupado de Maria, e mal prestava attenção ao estado da mãe. Tambem pouco se lembrava do pae; não porque fosse mau filho, mas porque o amor enchia-lhe de tal modo a vida, que o tornava incapaz de se entregar a outros pensamentos que não fossem os que lhe fallavam da sua companheira de infancia.

A moça não era assim. Amava o seu noivo, é certo; e desejava desposal-o para dar satisfação ao sr. padre... e a si; mas via a sua situação e a dos que a rodeavam; sabía que estava sendo pesada a sua madrinha; que esta já poucos meios tinha para manter a familia; e que a doença vinha agora aggravar a posição de todos, e podia levar-lhe talvez, de um instante para outro, o unico arrimo que lhe restava, visto que até casar com Pedro poderiam occorrer ainda muitas circunstancias difficeis.

Era ella quem governava a casa desde que Maria Custodia se recolhêra á cama. Sabía, portanto, quaes

eram os recursos de que podiam dispor e o tempo que durariam.

Havia já um mez que tinha succedido o sinistro que o fizera orphão, e Pedro não tornára ao mar, nem pensava em tal, porque tinha Maria ao pé de si. Convinha tomar medidas sérias a respeito do futuro; e a donzella, apesar da sua pouca edade, reconheceu que era de si que devia partir a iniciativa.

Uma tarde que a febre parecia ter deixado um pouco de repoiso á doente, Maria saiu do quarto pé ante pé e pediu a Pedro que a seguisse.

Foram sentar-se debaixo de uma figueira que havia no quintal, e Maria tomou a palavra com grave simplicidade:

— Pedro, a nossa mãe está muito mal.

— Não acho; deixámol-a agora a dormir tão bem!

— Eu não me fio n'aquelle somno... Deus tenha compaixão de nós... de mim principalmente, que sou uma triste mulher...

— Maria!...

— Não me temes a mal isto que digo, moço. Tu bem sabes que se tua mãe faltar, eu não posso continuar a estar n'esta casa...

— Por quê?... ah! sim!... mas chamâmos o sr. padre e casâmos logo.

— Não digas isso!

— Por que não?

— E o lucto?

— Pois elle impede que?...

— Cala-te com essas tontices, que offendes a Deus; e fallemos em coisas que são mais, muito mais, do agrado de Nosso Senhor.

— Então que é?

— Se tua mãe... se nossa mãe faltar, que has de tu fazer?

— Caso comtigo logo...

— Já te disse que não póde ser, tornou, sorrindo de triste contentamento e fazendo-se vermelha, a donzella.

— E tu que fazias? perguntou Pedro.

— Eu ia servir; bem sabes que não podiamos ficar juntos.

— Servir?! Tu?! Isso nunca!

— Que remedio?! Era o unico recurso que tinha. E onde havia eu de morar?

— Aqui. Sairia eu, deixando-te a casa.

— Obrigada; bem sei que és capaz de o fazer. E é por isso mesmo que te quiz fallar agora sem que tua mãe ouvisse a nossa conversação. Trabalharias para mim depois de faltar minha madrinha? Pois é preciso trabalhar agora, já, para ella e para nós, que estâmos sem nada.

— Orá essa!

— Acabou-se o dinheiro, e eu não tenho mais que vender.

— Por que não o dizias?

— Esperava que désses por isso, e te resolvesses a ir trabalhar sem que fosse necessario pedir-te eu que o fizesses... mas como não vias o estado em que iamos caindo...

— Como havia de eu ver, cachopa, se não vejo senão a ti em toda a parte onde estou?... até mesmo quando te não tenho ao pé de mim!...

Maria baixou os olhos por não ter nada que responder.

— Pois bem, continuou o rapaz, ámanhã irei ao mar.

— Ao mar?!

— Pois aonde? Em que hei de ganhar o pão de que precisâmos?

— Olha, Pedro; nem tua mãe nem eu gostâmos que vás ao mar... Se houvesse outro meio...

— Qual?

— Eu sei cá!... Servir, talvez... a algum lavrador rico... aqui perto.

Pedro levantou-se zangado.

— Sou pobre, sou rude e ignorante, sou estupido, como diz o sr. padre cura, mas servir?!... não; isso não! Não nasci para servir. Antes morrer... Só se...

— O quê?

— Só se tu me obrigasses.

— Então vae ao mar... mas pede licença a tua mãe.

— E se ella a negar?

— Irei eu servir.

A cachopa ergueu-se e caminhou a par do moço até ao quarto de Maria Custodia.

O rumor que fizeram entrando não despertou a velha. Os dois sentaram-se e esperaram por espaço de uma hora que ella acordasse. Passado esse tempo, Pedro chamou:

— Minha mãe!

Após curto silencio, vendo que não obtinha resposta, tornou:

— Dorme?

— Deixa-a dormir! observou Maria em voz baixa. Talvez este somno seja a sua salvação.

— É preciso pedir-lhe licença para ir ámanhã ao mar; tenho de fallar ainda hoje com alguma das companhas, a fim de arranjar logar; e mais tarde póde ser que já não ache ninguem.

— Ó madrinha!... minha madrinha!... Ouve?...

Sempre o mesmo silencio!

Tomados ao mesmo tempo de uma idéa terrivel, os dois moços levantaram-se e apoderaram-se cáda um de uma das mãos de Maria Custodia.

As mãos estavam frias!

Pedro abraçou-se a ella, clamando:

— Minha mãe! minha mãe!

E ella não acordou!

Maria Palmeiro poz-lhe a mão sobre o coração, e, não o sentindo bater, caiu de joelhos, soluçando:

— Ó meu Deus, meu Deus! Agora não tenho ninguem!

Pedro tomou as mãos da donzella e fitou-a com os olhos arrasados de lagrimas.

— Eu nada valho então para ti? perguntou elle.

Maria ergueu-se com impeto apaixonado e disse, prestes a abraçal-o:

— Só tu me restas!

— E Deus! accrescentou o padre Manuel, que vinha entrando.

(Continúa) F. GOMES DE AMORIM.

A «ARTE DE GOVERNAR» DE ANTONIO PEREZ

COM RELAÇÃO A PORTUGAL

Entre os livros que no anno passado saíram a lume em França, li com bastante interesse aquelle que tem por titulo: «Antonio Perez — *L'art de gouverner, discours adressé à Philippe* III (1598), *publié par la première fois en espagnol et en français... Par J. M. Guardia*. Paris, 1867.»

Um bom serviço prestou ás letras o sr. Guardia, dando publicidade a um manuscripto muito notavel de Antonio Perez, famoso ministro de Filippe II, da graça do qual decaíu por fim, deixando a Hespanha para escapar á sanha do tenebroso soberano, de quem fôra instrumento e complice.

Bem merecia ser dado á estampa um tal manuscripto, porque lança grande luz sobre as coisas da Hespanha na segunda metade do seculo XVI. Não só o publicou em hespanhol o sr. Guardia, senão tambem o traduziu em francez com uma certa liberdade, mas fielmente e com elegancia; fazendo preceder a traducção e o texto hespanhol de uma introducção muito bem escripta, e rica de interessantes noticias e con-

siderações ácerca do trabalho de Antonio Perez e da historia de Hespanha.

Reservando para mais tarde uma apreciação desenvolvida do livro do sr. Guardia, apenas me proponho hoje a dar conta do que o *Discurso* de Antonio Perez contém a respeito de Portugal, por ser essa a especialidade que mais de perto póde interessar aos leitores.

O verdadeiro titulo do escripto de Antonio Perez é o seguinte: *Discurso al rey nuestro señor del estado que tienen sus reinos y señorios, y los de amigos y enemigos, con algunas advertencias sobre el modo de proceder y gobernarse con los unos y con los otros.*

Este *Discurso* tem a data de 24 de outubro de 1598, e é endereçado a Filippe III. Por esse tempo estava Portugal sujeito á Hespanha, e n'este presupposto o contemplava Antonio Perez no seu arrazoado, diligenciando descrever a disposição em que estavam os animos dos portuguezes para com o dominio estranho, e apontar depois algumas advertencias.

Na parte do *Discurso* em que falla de Portugal, começa Antonio Perez por dizer que «é este um reino de gente vaidosa e soberba *(es un reino de gente vana y soberbia)*, inimiga de jugo estranho. Viveu sempre, desde o principio da monarchia, com soberano proprio e natural; e por isso lhe repugna estar sujeito a Castella, que lhe inspira inveja, e de quem é rival, pela visinhança, e pela dependencia em que outr'ora estivera. Acostumados os portuguezes a tratarem o seu rei como egual, e a consagrarem-lhe amor e respeito como a pae, dir-se-hia que os deslumbra agora o esplendor de tão elevada magestade *(y que ahora dicen que los deslumbra el esplendor de tanta majestad)*; e d'aqui provém que os nobres, e ainda os plebeus, não podem ter com vossa magestade (nem talvez fosse de razão que tivessem) o trato e convivencia que tão estreitamente os enlaçavam com os seus soberanos naturaes.»

A esta ponderação accrescenta Antonio Perez outras, que em verdade revelam um conhecimento cabal das coisas politicas, e uma penetração fina da disposição dos animos dos portuguezes:

«Demais, se já não existe a causa das guerras civis, não acabou ainda a má vontade que animou os inimigos do senhorio castelhano. Se a plebe se revoltar, não lhe faltará um chefe: é isto o que se tem presenciado em reinos que se avisinham; sendo ainda menos para admirar que succeda em Portugal, onde já alguma vez ha sido transmittida a soberania contra as proprias leis da successão. É opinião geral entre portuguezes, que os traidores foram premiados e accrescentados em honras e mercês, pela necessidade que d'elles houve, em quanto que dos homens leaes não se fez caso, porque os tinham seguros. D'esta sorte, se outra occasião se offerecer, bom será que se comece por desconfiar dos *traidores*, porque foram traidores, e dos *leaes*, porque os não galardoaram.»

Confessemos que não discorria mal o politico hespanhol. Mas não bastava ainda isto para tornar bem sensivel a indisposição que Antonio Perez, muito avisadamente, attribuia aos portuguezes; mais adiante vae a sua perspicaz perscrutação:

«Se, para tornarem odioso o jugo castelhano, não podem allegar o excesso de encargos e tributos (argumento de grande força para os populares), é certo que em logar d'estas razões trazem á lembrança os desastres da guerra, os prejuizos causados pelos corsarios, as perdas occasionadas pelas tempestades... que tudo isso lançam á conta da nossa responsabilidade *(que atribuyen á culpa de nuestro señorio)*. Singular natureza humana! quando chegâmos a aborrecer alguem, imputâmos-lhe como delicto tudo quanto succede, ou seja natural, ou por accidente!»

Faltava só deduzir a consequencia d'estas premissas; e a logica não permittia outra conclusão que não fosse a seguinte:

«Finalmente, por qualquer lado que encaremos o assumpto *(por todos los caminos que se consideraren)*, é incontestavel que os portuguezes são inimigos dos castelhanos, ou, pelo menos, detestam o jugo; e em se lhes deparando opportunidade, em quanto durar a lembrança da independencia, de bom grado mudarão de regimen.»

Evidenciada assim a indisposição dos portuguezes contra a dominação estrangeira, cumpria que Antonio Perez aconselhasse Filippe III sobre o theor de procedimento que devia seguir.

O experimentado politico fez sentir a Filippe III que não havia fortalezas tão duradoiras como são as sympathias que nascem dos corações; e accrescenta: «As fortificações de terra e pedra, os acervos de metal, de polvora e de armas, embora pareçam fortes e invenciveis, só permanecem em quanto os povos se não revoltam; mais espantam do que defendem; e a experiencia nos ensina que na hora da rebellião servem para damnificar o senhor a quem pertenceram.»

Tambem a presença do soberano captivaria o animo dos portuguezes, maiormente ostentando-se affavel e bondoso, sem quebra aliás da magestade que attrahe o respeito. Necessario era que Filippe III visse por seus proprios olhos o estado das coisas em Portugal, pois que muito poderia melhorar o que de remedio carecesse. Assim, por exemplo, estava Portugal consumindo as suas rendas, e ainda de mais quinhentos mil ducados de Castella; e a continuar esta despeza, melhor fôra que Filippe III fosse tributario dos reinos aggregados, do que seu rei. Convinha, em fim, tornar uniforme e homogenea a administração de todos os povos da peninsula, por maneira que formassem um só reino, governado pelo mesmo soberano, sujeito ás mesmas leis, participante dos mesmos beneficios.

Não sei qual juizo formarão os leitores sobre o que discursava Antonio Perez a respeito de Portugal em 1598; por minha parte, porém, não posso deixar de elogiar a penetração de que dá mostras o experimentado politico quando pinta a disposição dos animos dos portuguezes, nem tão pouco de ter na conta de prudentes as advertencias que a tal proposito dava a Filippe III.

Ainda bem que não houve da parte dos Filippes a discrição que lhes foi aconselhada: assim logrou Portugal recobrar a sua independencia — vantagem mil vezes superior ainda ao mais paternal governo de reis estranhos.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

VILLA DA POVOA DE VARZIM

(Vid. pag. 171)

VII

Tem a Povoa de Varzim diversas egrejas e capellas, e taes são a da Misericordia, a de Nossa Senhora da Conceição, a de Nossa Senhora da Lapa, a das Dores, a de S. Roque, a da Madre de Deus, a de Nossa Senhora de Belem e a de S. José.

A egreja da Misericordia, que serviu de matriz até a separação de Argivae, como já dissemos, data do seculo XVI. Parece que indo no termo o seculo seguinte, e tratando-se de ampliar a egreja, alli se descobriram vestigios de uma capella que devia existir em epocha remota, e se julga que estava sob a protecção de S. Thiago, pois a imagem d'este venerando apostolo ainda se conserva em um dos altares.

Não podendo sustentar-se esta egreja, quando se fundou a nova matriz, uma piedosa mulher, por nome Maria Fernandes, do logar da Villa Velha, quiz,

no começo do seculo XVIII, deixar-lhe uma parte de seus bens, para que se applicasse á sustentação da irmandade da Misericordia (instituida pelo sr. rei D. Manuel), declarando, porém, no testamento que então fez, que, se não tivesse a applicação desejada, seria o producto de seus haveres destinado a outras obras pias. E, de accordo com o senado da villa, se organisou regularmente a irmandade da Misericordia, que mais tarde tomou posse da egreja, aggregando-se á irmandade dos Passos, cujos fundos tambem reuniu no mesmo cofre.

A fabrica da egreja da Misericordia não se recommenda, assim exterior como interiormente, por bellezas architectonicas, nem contém monumento algum digno de commemoração especial. Depois que foi reparada, tem-n'a conservada com aceio.

Contiguo ao templo está o cemiterio da irmandade com uma pequena capella. N'este cemiterio ha o espaço sufficiente para o enterramento dos irmãos que vão fallecendo, bem como para o das pessoas que morrem no hospital. Tambem não se vêem alli construcções que devam especialisar-se.

A actual egreja matriz, ou de Nossa Senhora da Conceição, teve principio no anno 1743, em virtude de uma solicitação do senado, e por provisão do sr. rei D. João V, datada de 1736, na qual concedia para esta obra as sobras das sizas e a contribuição de um real na carne e no vinho, concessão que durou, prorogada, por espaço de vinte e tres annos, ou até 1759.

Não obstante a boa vontade com que muitos dos principaes cavalheiros povoenses, coadjuvados pelo reverendo José Carvalho da Cunha, pozeram hombros a



Um pescador da Povoa de Varzim

esta santa empreza, a edificação da matriz foi tão demorada, que só passados quatorze annos (6 de janeiro 1757) é que pôde effeituar-se a benção solemne, ceremonia a que se deu a necessaria e condigna pompa para maior regozijo de toda a povoação. Foi primeiro parocho d'esta freguezia o já mencionado reverendo padre Cunha, que prestou sempre bons serviços; porém não teve a felicidade de ver acabada a sua egreja, porque a morte o roubára ao seu rebanho; e a tão bemquisto pastor succedeu o reverendo reitor Diogo Ferreira, que foi, conforme o auctor das *Memorias*, a quem coube officiar na solemnidade da inauguração do novo templo.

A egreja matriz de Nossa Senhora da Conceição é de mui regular construcção e de uma só nave. Tem a simplicidade que em geral se observa em os nossos templos, onde se seguiram os preceitos da architectura da ordem toscana.

A fundação da capella da Lapa devem-n'a os povoenses a missionarios hespanhoes. Correndo o terceiro quartel do seculo XVIII, estiveram na Povoa de Varzim, bem como em outras terras do reino, uns padres franciscanos em missão, com licença do arcebispo primaz, e ahi conseguiram que alguns maritimos se associassem para erigirem uma capella a Nossa Senhora da Lapa, sob cuja protecção e invocação missionavam os ditos padres. Obtida a necessaria permissão do prelado, no dia 9 de dezembro 1770 lançou-se a primeira pedra, em conformidade com o estabelecido no ritual romano; e dois annos depois (15 de agosto 1772), estando concluidos todos os trabalhos, recebeu a capella a benção solemne [1].

Para este fim, os fundadores da capella se instituiram em confraria ou irmandade, cujo estatuto foi confirmado pela sr.ª rainha D. Maria I, por alvará de 1791, em que esta soberana mostrava ao mesmo tempo a sua piedade e magnanimidade, declarando-se real protectora da confraria [2].

A capella da Lapa está proxima do mar [3]. É de uma só nave, e conserva-se com limpeza, porém não se recommenda ao visitante considerada pelo lado artis-

[1] Vid. *Memorias historicas*, pag. 35.
[2] *Loc. cit.*, pag. 36 e 37.
[3] Vid. a gravura a pag. 173 d'este volume do *Archivo*.

tico. Os povoenses, ou poveiros, tem grande devoção com este pequeno templo, e tanta que, á custa da irmandade, alli fizeram construir um bom pharol de duas luzes de petroleo, com movimentos regulares, já para o norte, já para o sul. Serve este pharol de guia aos navegantes, e muito especialmente aos pescadores, os quaes, ou por findarem a lucta da pesca, alta noite, ou por se ter levantado o mar, tem precisão de procurar os abrigos da costa.

De todos os templos que existem na Povoa de Varzim, o que mais se recommenda ainda hoje, pela situação e pela architectura, é o que se conhece, no ponto mais alto da villa, sob a invocação de Nossa Senhora das Dores.

A fundação d'esta capella é de 1768, e erigiu-se no mesmo sitio em que antigamente se via uma pequena ermida dedicada ao Senhor Jesus do Monte, com o qual os povoenses tinham muita devoção. Entre os seus mais solicitos e desvelados fundadores e mantenedores, contam-se os reverendos José Pedro Baptista, João Rodrigues de Sá Vieira e Thomaz Rodrigues de Sá Vieira.

A capella das Dores é tambem concorrida, e tem irmandade com estatuto approvado desde 1769. A ornamentação e as pinturas d'esta capella estão em harmonia com o plano adoptado para toda a fabrica. Foi dotada com orgão. Tem uma elegante e agigantada torre, que se avista a grande distancia no mar, e que serve, no dizer do auctor das *Memorias*, «de balisa aos mareantes quando querem aportar na praia do seu desembarque.»

A capella de S. Roque está situada proxima da rua da Junqueira, e foi fundada, correndo o anno de 1596, por Diogo Peres de S. Pedro e sua mulher, Maria Fernandes de Faria, a qual, enviuvando em 1627, vinculou os seus bens n'esta capella, passando assim aos seus descendentes [1].

Da capella da Madre de Deus, que se erigiu na rua do mesmo nome (actualmente rua da Egreja) quasi meiado o seculo XVI, já fallámos em um capitulo anterior, e ahi deixámos indicados os nomes de seus fundadores.

A capella de Nossa Senhora de Belem foi edificada em 1826 no logar da Giesteira, e na área em outro tempo occupada por uma ermida, que se demoliu para esse fim. A benção solemne d'esta capella effeituou-se no dia 13 de agosto do mencionado anno, devendo-se tudo aos donativos e esmolas dos devotos do mesmo logar.

A mais moderna das egrejas e capellas da Povoa é a de S. José, porque data quasi do fim da primeira metade do seculo que vae decorrendo. Está situada no largo de S. José, onde outr'ora existia a rua da Ariosa, e proxima do caes ou paredão, conforme se vê na gravura a pag. 157.

Foi esta edificação causa de divergencias com a irmandade da Lapa, mas que se aplanaram pela prudencia com que andou a commissão encarregada das obras, entre cujos membros se contou, ainda na primeira fileira e com o mesmo zelo e solicitude que se notára na decoração da capella das Dores, o reverendo Thomaz Rodrigues de Sá Vieira, então mui entrado em annos. Vendo este exemplar sacerdote que a capella era já pequena para os fieis que alli se afreguezavam, tratou pouco depois de lançar os fundamentos de outro templo mais vasto, contiguo á primeira capella, o que com effeito conseguiu com diversas esmolas e pouca despeza; porém os seus esforços foram em parte infructiferos, pois que, tendo-se finado em começo das novas obras, e morrendo tambem ou desanimando os demais vogaes da commissão, os trabalhos estiveram paralysados por muito tempo, até que a irmandade de S. José tomou a si o encargo, e as obras continuaram, mas com morosidade. Julga-se geralmente na Povoa que, se não apparecer outro varão tão cuidadoso e diligente como fôra o padre Thomaz de Sá Vieira, as obras, por certo, difficilmente chegarão ao seu termo.

Na rua da Praça existe ainda uma capella, porém profanada. Ignora-se quem fosse seu fundador, nem se sabe a epocha da fundação. Os bens que constituiam o patrimonio d'esta capella são actualmente possuidos pela sr.ª D. Joanna Carlota de Barbosa Leite Paulet.

(Continúa) BRITO ARANHA.

[1] Vid. *Memorias citadas*, pag. 89.

BENTO DE SPINOSA

(Vid. pag. 179)

V

Entre as qualidades pessoaes que ennobreciam o caracter de Spinosa, não são para deixar em silencio a sua pontualidade e inexcedivel desinteresse. Havia o maior cuidado em ajustar contas com os donos da casa onde vivia, ou com quaesquer outros credores, pagando com exactidão no fim de cada trimestre todas as despezas feitas no intervallo, e regulando-as pela receita, por modo que ao fechar do anno estivessem uma e outra completamente balançadas. Não queria sobras em cofre, por quanto bastava (dizia) que por sua morte lhe ficasse o preciso para ser decentemente enterrado. E pois que cedêra da legitima de seus paes, tambem não achava justo que por seu fallecimento os parentes viessem disputar a successão. Effectivamente, por obito do pae suas irmãs pretenderam excluil-o de haver parte na herança, fundando-se, ao que podêmos julgar, na excommunhão perpetua que sobre elle pesava pelo facto de ter abjurado o judaismo. Conseguiu, comtudo, convencel-as em juizo, fazendo reconhecer o seu direito, de sorte que foram obrigadas a contemplal-o na partilha. Então elle, com a longanimidade que lhe era propria, contentou-se de tomar unicamente para si um leito, com os utensilios e roupa indispensaveis, abandonando-lhes tudo o mais.

A esta prova de desapego podem juntar-se muitas outras, não menos significativas. Um abastado cidadão de Amsterdam, por nome Simão de Vries, que havia por elle notavel predilecção, e o tratava de *amigo fidelissimo* [1], quiz um dia presenteal-o com uma somma de dois mil florins, no intento de proporcionar-lhe meios para viver mais á vontade; mas Spinosa recusou a offerta civilmente, na presença do seu hospede, escusando-se de acceital-a sob pretexto de que não carecia de coisa alguma, e que tão avultado donativo, se o recebesse, iria necessariamente desvial-o de suas occupações e estudo. O mesmo Simão de Vries, sentindo-se proximo do seu fim, e achando-se viuvo e sem filhos, quiz por testamento instituil-o herdeiro de toda a sua fortuna. O philosopho, porém, longe de consentir em tal, buscou dissuadil-o do proposito, exhortando-o e persuadindo-o a que não devia deixar seus bens a outrem que não fosse um irmão, que vivia em Schiedem, e que era seu mais proximo parente. Cedeu o amigo ás exhortações, com a condição de que o seu herdeiro seria pelo testamento obrigado a estabelecer a Spinosa uma pensão vitalicia de quantia sufficiente para a sua subsistencia. Esta clausula foi fielmente cumprida; mas é para notar que, offerecendo-se-lhe de conformidade a pensão annual de quinhentos florins, elle não quiz acceital-a por excessiva, prestando-se a receber apenas duzentos florins, que lhe foram pagos regularmente em quanto viveu; e ainda por sua morte o Vries de Schiedem teve cui-

[1] Vid. a carta 26.ª na *Correspondencia de Spinosa*, inserta nas suas *Obras posthumas*.

dado de mandar embolsar a Van-der-Spyck de qualquer quantia que o finado lhe ficasse devendo.

O procedimento de Spinosa depois da morte desastrosa do grande-pensionario de Hollanda, João de Witt, que era tambem seu amigo e protector, foi ainda um rasgo da mais acrisolada abnegação. Aquelle illustre homem de estado estabelecêra-lhe, pouco antes de morrer atrozmente assassinado ás mãos dos orangistas em 1672, outra pensão vitalicia de duzentos florins, comprommettendo-se a pagal-a por si e seus herdeiros. Todavia, estes mostraram-se pouco dispostos a continual-a. Não foi preciso mais para que Spinosa corresse logo a entregar-lhes o escripto de doação, que tinha em seu poder. Estimulados por este acto de nobre indifferença, volveram a melhor accordo, e de bom grado lhe outorgaram o que de principio refusavam.

Quando em 1672, por occasião da campanha dos francezes na Hollanda, o principe de Condé se apoderára do governo de Utrecht, cresceu-lhe um vivo desejo de travar conhecimento pessoal com Spinosa, cujo nome começára a tornar-se notavel em França, mórmente depois da publicação, em 1670, do seu *Tratado theologico-politico*. Mandou, pois, convidal-o para uma entrevista, enviando-lhe um salvo-conducto. Diz-se até que tencionava obter-lhe uma pensão de Luiz XIV, costumado a estes rasgos de vaidosa magnificencia, comtanto que elle conviesse em dedicar a este soberano alguma obra sua. Não consta que a entrevista com o principe chegasse a realisar-se, antes parece certo que este se havia já retirado de Utrecht quando o philosopho ahi se apresentou. Deixára, porém, um official, seu intimo privado, que teve com aquelle algumas conferencias, e lhe deu a saber o que a seu respeito se tratava. Spinosa, que nem cubiçava pensões, nem tinha appetite de dedicar coisa alguma ao rei de França, recusou a offerta com toda a civilidade de que era capaz, e deu-se pressa em regressar a sua casa.

Ainda bem não tinha entrado na Haya, e já o povo miudo da cidade se amotinava contra elle, tendo-o na conta de espião, que voltava do campo inimigo. Fallava-se em que era necessario dar cabo de um homem tão perigoso. Van-der-Spyck, justamente atemorisado, esperava a cada momento ver invadida e roubada a sua casa, e esquartejado o seu hospede; mas Spinosa procurou tranquillisal-o do melhor modo possivel. «Não temaes coisa alguma, lhe disse. Ser-me-hia facil justificar-me, invocando o testimunho de muitos cidadãos respeitaveis e sabedores do motivo que me determinou a emprehender esta jornada. Seja, porém, como for, logo que essa gentalha chegue a vias de facto, pretendendo forçar esta habitação, eu proprio sairei, e irei ter com elles, embora houvessem de dar-me sorte egual á do grande-pensionario e de seu infeliz irmão. Sou bom republicano, e prompto a sacrificar-me pela gloria e prosperidade do estado.» Felizmente, as coisas pararam aqui, e a multidão, aquietados os animos, dispersou sem mais novidade.

O eleitor palatino Carlos Luiz, a cuja noticia chegaram a sciencia e qualidades do nosso philosopho, pretendeu attrahil-o ao seu serviço. Mandou, por intermedio do seu conselheiro, dr. Luiz Fabricio, em carta de 16 de fevereiro de 1673, offerecer-lhe a cadeira de professor de philosophia na universidade de Heidelberg [1]. Além do estipendio ordinario, que era, dizem, de seis mil florins annuaes, permittia-se-lhe toda a liberdade para philosophar *(cum amplissima philosophandi libertate)*, só com a condição de que não abusaria d'ella para perturbar a religião estabelecida. Com a sua polidez e modestia costumadas, Spinosa escusou-se de acceitar tão honroso convite, allegando: «que a instrucção da mocidade lhe consumiria o tempo necessario para os seus proprios estudos; que jámais lhe viera ao pensamento a idéa de exercer como profissão o professorado publico; e, finalmente, que não comprehendia quaes os limites em que devia conter-se para conciliar a tranquilidade e socego, que mais ambicionava, com essa liberdade que se lhe offerecia, sem transgredir a condição restrictiva que juntamente se lhe impunha.»

[1] Vid. na *Correspondencia* as cartas 53.ª e 54.ª

No intento de conservar essa quietação e serenidade de espirito, que lhe eram sobre tudo necessarias, e que a publicação do seu *Tratado theologico-politico* viera interromper, concitando contra elle a colera e animosidade dos devotos de todas as crenças, resolvêra prudentemente não imprimir mais obra alguma que excitasse novas tempestades. Contentava-se de philosophar comsigo mesmo, e de communicar os resultados de suas meditações aos que o procuravam para ouvil-o, ou que de longe se lhe dirigiam por escripto, propondo dúvidas e solicitando conselho. Havia entre estes alguns amigos leaes, e sinceros admiradores de suas doutrinas; outros, porém, que fingiam sel-o, mostravam-se-lhe ostensivamente dedicados, para mais a salvo o prejudicarem, denegrindo-o no conceito publico, e infamando-lhe a reputação a ponto de causar-lhe não pequeno detrimento. Elle, porém, tudo soffria com animo impassivel, e jámais deixava escapar queixas ou recriminações. De contrario, conta-se que ao ser um dia avisado de que certo individuo, a quem muito favorecêra, e que tinha em conta de seu affeiçoado, procurava nada menos que malquistal-o com os magistrados, instigando-os para que decretassem a sua expulsão do territorio da republica, elle respondêra sem manifestar a mais leve commoção: «Nem é de hoje que a virtude custa cara, nem será a maledicencia que terá força bastante para levar-me a abandonal-a.»

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM

CARTAS AO MEU AMIGO XAVIER DA CUNHA

(Vid. pag. 321 do vol. x)

III

De Timor a Macau — Chegada a Macau — A Praia Grande — A rua de Santo Agostinho — O china Vochon — Unhas grandes — O bazar — A policia de Macau — As boticas do bazar — As sapécas — O latane — Iguarias chinezas — Vendedores ambulantes de comida — Aspecto do bazar á noite — O auto-china.

Meu prezado X. — Contei-te do que vi em Timor, e expuz-te singelamente a minha opinião sobre as causas que tem conservado em tão lamentavel estado aquella nossa infeliz colonia. Se queres continuar a acompanhar-me no proseguimento da minha peregrinação, vaes breve pascer a vista por mais grato panorama, e dar ao teu pundonor nacional uma compensação pelo muito que o espectaculo do nosso estabelecimento na Oceania de certo o affrontou.

Depois de nos refazermos de aguada e refrescos, largou do porto de Dilly a barca *Martinho de Mello*, levando-nos muito pouco saudosos da terra que deixavamos, e impacientes por chegarmos ao nosso principal destino, á cidade de Macau, onde esperavamos admirar a mais bem montada colonia portugueza e ver o povo chinez, de que estavamos costumados a ler e a ouvir tantas coisas extraordinarias.

Nada de importante apresentou a derrota de quarenta dias que fizemos pelo Oceano Pacifico, entrando no mar da China pelo canal da Formosa. Na vespera da nossa chegada a Macau, a hora adiantada da noite, o aviso de sentir tiros pela prôa, dado pelo vigia, fez-nos suppor que algum navio de commercio se achasse em combate com piratas, dos que ainda infestam aquelles mares. Prestando, com effeito, attenção ao que o

vigia dizia ouvir-se, distinctamente percebemos, ainda que a grande distancia, como que detonações de artilheria. Pouco e pouco nos fomos approximando do que nos parecia ser o logar da lucta, curiosos de observar aquelle episodio maritimo, e dispostos a intervir, caso o nosso auxilio fosse legitimamente prestavel. Á medida que nos iamos chegando, fomos reconhecendo que não eram de tiros os sons que nos tinham despertado a attenção. Um combate de outro genero, mas um duello de exterminio feroz, e que devia acabar pela morte de um dos contendores, era a origem dos estrondos gigantescos que retumbavam pela solidão do mar da China. Era a lucta cruenta entre o espadarte e a baleia, em que elle, o terror dos habitantes do mar, devia feril-a sem tregoas, até poder fazel-a preza, depois de extenuada e exangue. Passámos a pequena distancia do sitio em que se batiam os dois gigantes maritimos, mas a escuridade da noite, sem lua, e escassamente illuminada pelas estrellas, não nos permittia vermos aquelle grandioso espectaculo de sanha sanguinaria. Ouvimos, porém, distinctamente o choque do espadarte contra o corpo da baleia, o mugido enorme d'esta ao sentir-se ferida, e o embate que produzia na agua revolvendo-se com a vehemencia da dor.

No dia 23 de março, de manhã, avistámos a chamada *Pedra Branca*, rochedo colossal isolado no meio do mar, e, navegando á vista d'ella, proseguimos, até n'esse dia, pelo fim da tarde, darmos fundo no ancoradoiro do porto exterior, situado a és-sueste da cidade, e a que, sem attenção ao barbarismo do termo, chamam a *rada* de Macau. Bonito aspecto apresentava o porto, occupado por quatorze navios de alto bordo e de differentes nações, entre os quaes se notavam tres de guerra americanos, uma fragata e um lugre de vapor, e uma corveta de vela.

A primeira belleza de Macau que observei foi a vista da Praia Grande, desfructada do ponto em que estavamos fundeados, a tres milhas de distancia. Uma extensa rua á beira-mar, com as frentes de magnificos predios ornando-lhe um dos lados, e com o outro a tocar na praia por um excellente paredão cortado por differentes caes, commodos e bem construidos, constitue o mais bello passeio da cidade, e orla a bonita curva da bahia. A fortaleza e quartel de S. Francisco, assente em penedos banhados das ondas, e do outro lado a do Bomporto, são os extremos d'aquella via aristocratica e elegante.

No sopé dos penedos sobre que se ergue o quartel de S. Francisco, e na extremidade léste da Praia Grande, um bonito passeio publico abre a sua porta á melhor sociedade de Macau, que de ordinario se reune alli ás tardes, principalmente nos domingos e quintas-feiras, em que a banda de musica do batalhão executa escolhidos trechos n'um elegante kiosko situado no centro d'aquelle logradoiro publico.

Desembarcando n'um dos caes da Praia Grande, por entre os europeus, trajando os nossos fatos usuaes, vê-se logo o china com o rabicho saíndo-lhe de sob o gorro e pendendo-lhe sobre a cabaia, e começa-se a estudar aquelle typo, quasi geralmente reproduzido em todos os filhos do celeste imperio que habitam a cidade de Macau. Costumâmo-nos a ver-nos constantemente rodeados d'aquellas figuras exoticas, e estranhâmos a sua falta quando, saíndo da China, aportâmos a outra terra em que os não encontrâmos. Eu, pela minha parte, já os conhecia, por ter visto a pequena colonia chineza que ha em Timor. Em toda a parte aquella gente conserva inalteraveis o seu typo e os seus habitos. É o povo china o que por excellencia possue uma individualidade de que não abdica, e que guarda incolume através de todas as vicissitudes.

Entre os palacios que occupam um dos extensos lados da Praia Grande avulta o do governo, habitação elegante e condigna da primeira auctoridade da provincia.

Não te faço uma descripção minuciosa de Macau, não só porque para tal me não habilita a demora de quarenta dias que alli tive, mas porque pódes encontrar a disposição d'ella descripta em mais de um livro dos que andam nas mãos de todos. Só te direi que a cidade occupa toda uma pequena peninsula ligada á ilha de Hian-san por um isthmo que estabelece o limite do dominio portuguez na China. Além da cidade, são tambem actualmente sujeitas ao nosso governo as ilhas da Taipa, Ribeira da Prata, Colovan e Laichivan.

Já te levei á Praia Grande, onde travaste conhecimento com o typo chinez, se é que o não conhecias já pelo ter visto a bordo das lorchas que, com as suas velas de esteira, começam a encontrar-se pelo mar da China dias antes de chegarmos a Macau. Por uma das calçadas que sobem da Praia Grande, ou pelo campo de S. Francisco fóra, voltando á esquerda, vou agora levar-te á rua de Santo Agostinho, que é, sem contestação, o *Chiado* de Macau, titulo a que lhe dá direito a posse das mais luzidas e alindadas lojas (*boticas* lhes chamam os chins [1]) da cidade. É alli que, dentro de vidraças, ao uso da Europa, tu vaes observar os mais perfeitos artefactos de seda, marfim, madreperola, porcellana, e filigrana de oiro e prata, que apparecem no mercado de Macau.

Na rua de Santo Agostinho recommenda-se entre todas a botica do china Vochon, nome que te ha de ser conhecido, pelo teres visto nos rotulos collados a muitos dos objectos chinezes que apparecem em Lisboa, grande parte dos quaes são comprados n'aquella casa. *Vochon faz leques* é o distinctivo faceto d'aquelle estabelecimento, redigido por um official da nossa marinha, que o pintou em letras doiradas n'um quadro que figura no logar de honra da loja. Se o Vochon te vir passar na rua, estranho e novo em Macau, vem logo á porta a comprimentar-te e a offerecer-te os seus serviços. Quem trajar uniforme militar é logo por elle, bem como pelos chinas em geral, denominado capitão. Faz-te entrar, enche-te a charuteira de optimos manillas, e começa logo a mostrar-te os mais curiosos objectos do seu commercio. Ficas por tal modo encantado com o delicado trabalho dos artefactos que te apresenta, que não tens animo para te retirares sem teres deixado alli até á ultima pataca. Mas, em compensação, trazes cópia de objectos bonitos e valiosos, que vem depois na Europa apregoar lisongeiramente o teu bom gosto de comprador. Além d'isso, o bom do Vochon não te deixa sair sem que lhe acceites uma chavana de chá. Tomas uma infusão de chá preto extremamente forte, e feito na propria chavana, que tem uma tampa da mesma porcellana, ao uso chinez.

Sem sair da mesma rua, tens uma ourivasaria, onde encontras abundancia de objectos de oiro e prata, e lindos artefactos de filigrana, e onde, com pequeno intervallo, te aprompta qualquer encommenda de que dês o modelo ou o desenho. Admiras alli tambem as grandes unhas do chefe do estabelecimento, que as usa crescidas até quasi ao comprimento de um decimetro. É costume de muitos donos de officinas na China, que querem mostrar assim a sua jerarchia, que os dispensa de se occuparem no trabalho manual dos obreiros.

(Continúa) JOÃO DE LACERDA.

1 Os chins mais relacionados com os portuguezes fallam o nosso idioma, modificado por terminações e pronuncias chinas, e por accepções translatas. Não é difficil entendel-os depois de pequeno uso de ouvir. É n'essa linguagem que elles denominam *botica* qualquer loja; *botica de mézinha* as casas chinas em que se vendem as substancias medicamentosas de que elles usam nas suas enfermidades; e *botica de mézinha christã* as nossas pharmacias. Chamam *christãos* a todos os europeus indistinctamente.



Praça, arco da villa, e antigo edificio do governo civil, sobre os fundamentos do velho castello de Faro

I

Epocha de florescencia para a egreja lusitana póde reputar-se a do reinado da sr.ª D. Maria I; regeram durante elle as dioceses do reino prelados insignissimos por letras e virtudes, dignos successores dos Bartholomeus dos Martyres, Jeronymos Osorios e Rodrigos da Cunha.

Memoraveis em nossos fastos ecclesiasticos são os nomes de D. Fr. Caetano Brandão, de D. Francisco de Lemos, de D. Fr. Manuel do Cenaculo, de D. Manuel de Aguiar e de D. Francisco Gomes de Avelar [1].

Não podem, em verdade, pronunciar-se estes nomes sem que suscitem as mais gratas recordações.

Caetano Brandão faz-nos transportar ás longinquas plagas da America, acompanhando-o em suas visitas pastoraes aos logares mais embrenhados no fundo sertão do Grã-Pará [2]. Edifica-nos o zelo ardente com que, através de gravissimos riscos, promove a civilisação dos indios. Commove-nos o carinhoso agasalho com que acolhe os meninos, fundando no Pará e em Braga seminarios em que se eduquem. Prende-nos de todo o coração ao venerando prelado a amavel candura que resplandece em seus escriptos [3].

Em Francisco de Lemos contemplâmos o sabio reformador-reitor da universidade de Coimbra, o collaborador de seus estatutos novissimos, e o restaurador do seminario episcopal, em que floresceram as sciencias ecclesiasticas pela discreta escolha que fez dos professores, e pelas generosas recompensas com que os gratificou [4].

Cenaculo ainda nos está apontando o rasto luminoso que deixára após sua longa vida, na publicação

[1] *Ensaio sobre a historia do governo de Portugal*, etc., por M. A. Coelho da Rocha, artigo IX.
[2] *Jornal de Coimbra*, n.º 17.
[3] Idem, n.os 17, 18, 19, 20, 21, etc.
[4] *Ensaio sobre a historia litteraria de Portugal*, etc., por F. F. de Carvalho, pag. 210.

de obras importantes, na fundação de museus e bibliothecas, no solicito empenho com que promoveu a illustração e morigeração do clero [1].

Manuel de Aguiar representa-se-nos um perfeito modelo de caridade, comparavel aos pastores da egreja primitiva. Despoja-se de tudo quanto possue, a fim de soccorrer os seus diocesanos, feridos por todas as calamidades da guerra; e procura remediar a insalubridade dos templos, e impedir a continuação dos enterramentos em seus recintos, mandando sepultar-se no cemiterio commum, que erigira á sua custa [2].

Francisco Gomes, reflectindo as virtudes d'estes varões prestantes, estrema-se ainda por outros dotes singulares. Logrou melhorar a condição physica e moral dos algarvios por uma serie de providencias esclarecidas, que tornaram seu nome eternamente saudoso entre elles.

Recordam-nos estas providencias os tempos em que o clero arroteava nossos matagaes, plantava nossas vinhas, enriquecia o nosso torrão de arvores estrangeiras, e era com a palavra e com o exemplo o mais efficaz promovedor de nossos melhoramentos agricolas [3].

II

Antes de assumpto á cadeira episcopal do Algarve, viajára D. Francisco Gomes pelos estados de Italia, residindo algum tempo em Roma [4].

Da capital do mundo catholico trouxera o gosto pelas bellas artes, e d'aquelles estados o amor á agricultura, que n'elles vira florescente.

Não é, por isso, maravilha que na sua diocese lhe

[1] *Ensaio sobre a historia litteraria de Portugal*, etc., por. F. F. de Carvalho, pag. 227.
[2] *Oração funebre que nas solemnes exequias do excellentissimo senhor D. Manuel de Aguiar, bispo de Leiria, recitava fr. Fortunato de S. Boaventura.*
[3] *Os frades, ou reflexões philosophicas sobre as corporações regulares*, por José Agostinho de Macedo. — *Historia chronologica e critica da real abbadia de Alcobaça*, por fr. Fortunato de S. Boaventura, cap. III.
[4] *O Panorama*, vol. I, serie II, pag. 269.

merecesse tanto desvelo o culto divino e o melhoramento de costumes, como as commodidades publicas e o adiantamento da agricultura.

Nunca desperdiçou ensejo de aconselhar á gente do campo os melhores methodos de cultura; e tornava bem acceites estes conselhos a natural affabilidade com que lh'os dava.

Foi á efficacia d'estes conselhos que o Algarve deveu a propagação das oliveiras, indicando a enxertia do azambujeiro.

É porventura o figo o mais consideravel ramo de commercio d'aquella provincia [1], e á conta de tamanha importancia julgou o illustre prelado mui digna de exame a sua preparação. Reconheceu-lhe inconvenientes que, desacreditando o genero, podiam damnar tão proficua industria; resolveu-se a publicar uma pastoral, em que recommendou os processos mais adequados para esta preparação.

Nulla ou quasi nulla era a cultura da batata, planta preciosa, que póde considerar-se o mais util presente que o mundo novo fez ao mundo antigo; para diffundir a sua cultura redigiu uma circular, em que demonstrou suas vantagens.

Nas suas visitas pastoraes não attendia sómente ás egrejas que careciam de reparo; olhava tambem pelas necessidades materiaes dos povos, ás quaes dava o remedio que podia.

Por sua diligencia se construiram as formosas e utilissimas pontes de Ludo, Marim, Cacella, Marxil [2]. Ao seu cuidado se deveu tambem a construcção da calçada sobre o sapal que conduz á barra de Portimão, e a de muitas outras estradas, para as quaes deu o desenho, mandando-o gravar, e distribuir pelos encarregados das obras.

Assevera o auctor da *Chorographia do reino do Algarve* que rara será n'elle a obra publica de algum vulto que, ou pela fabrica, ou pela reparação, não recorde o nome de Francisco Gomes [3].

Sairiamos dos limites que nos prescrevemos se commemorassemos as egrejas, os estabelecimentos de beneficencia e os de instrucção, que reparou, fundou ou concluiu.

De um só monumento faremos particular menção, para satizfazer á epigraphe do artigo.

Premeditava D. Francisco Gomes aformosear com elegantes edificios a praça de Faro, onde construira de novo o excellente hospital da Misericordia. Mallogrou a morte a execução do plano. Antes, porém, que se realisasse, fez alli erigir o esbelto arco de cantaria, que representa a estampa; e foi a ultima obra em que metteu a mão.

É composto este arco de duas columnas de ordem jonica, e cimalha corrida, em que assenta o nicho, dentro do qual se ergue a bella estatua de S. Thomaz de Aquino, de marmore branco, e oito palmos de altura, que mandou vir de Italia.

A estampa que illustra o artigo é cópia de um precioso desenho que obtivemos da amizade do sr. Basilio Cabral Teixeira de Queiroz Junior, que o fez sendo governador civil de Faro. F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.

REIS D'ARMAS, ARAUTOS E PASSAVANTES

I

REIS D'ARMAS

A fundação da monarchia; o alargamento das primitivas fronteiras do reino; a expulsão dos moiros das terras de Portugal e Algarves; a salvação das liberdades patrias nos campos de Aljubarrota; os arrojados commettimentos que levaram as quinas portuguezas a devassar tantos mares ignotos, e a tremular victoriosas na Africa, na Asia, na Oceania e na America; a restauração da nossa independencia ao cabo de sessenta annos de captiveiro; todos estes, e outros feitos, que fizeram poderoso e respeitado este reino, que em tão humilde berço nascêra, foram devidos, em grande parte, ao esforço dos nobres, que, movidos de um impulso verdadeiramente heroico, punham ao serviço da patria e do rei a sua intelligencia, o seu braço e os seus bens.

Os nossos monarchas foram, e não podiam deixar de ser, agradecidos a quem d'est'arte lhes abrilhantava a coroa e exalçava o throno. E não se limitaram a dar publicos testimunhos da sua gratidão, galardoando devidamente tão distinctos servidores. Pozeram todo o seu cuidado e empenho na conservação da nobreza, como fonte de que manavam tantos beneficios para a nação. Por estas razões se mostraram interessados nas allianças das familias nobres, não consentindo que se celebrassem sem approvação régia, e trataram por differentes modos da conservação dos appellidos d'essas familias, e dos seus titulos de nobreza e brazões d'armas.

A mais antiga providencia de que temos noticia, tomada com aquelle fim, foi a construcção da *gallilé*, no mosteiro de Pombeiro, na abobada da qual, que era de laçaria de pedra, fizeram esculpir, por sua ordem, todos os escudos d'armas da nobreza antiga de Portugal [1].

Foi, por conseguinte, de pedra o primeiro livro de armaria portugueza; e durante longo curso de annos alli se iam tirar as dúvidas que sobre o assumpto se suscitavam. O edificio, porém, era tão antigo, pois que a fundação do mosteiro datava do anno de 900, e a sua primeira reedificação do meiado do seculo XI, que a curiosissima fabrica da *gallilé*, apesar de ser construida posteriormente, achava-se em ruinas no seculo XVI, e hoje não restam d'ella vestigios, a não ser em memorias escriptas.

El-rei D. Fernando I, em signal do muito que apreciava os serviços da nobreza, mandou fazer para a sua capella um paramento mui rico de brocado, em que se viam bordadas a oiro e aljofares as armas dos fidalgos portuguezes.

Perdeu-se, infelizmente, esta preciosidade, juntamente com muitas outras que o terremoto de 1755 sepultou debaixo de ruinas.

Tambem por morte d'aquelle soberano se ia perdendo o trabalho que elle e os seus antecessores tiveram para se pôr em certa ordem, com regularidade e alguma luz, os variados assumptos que mais interessavam á nobreza.

Já referimos em outro volume d'este semanario como o fallecimento del-rei D. Fernando I lançou o nosso paiz em grandes discordias por causa da successão da coroa, dividindo-se os fidalgos em duas parcialidades: uma que se declarou em favor de D. Beatriz, filha do finado monarcha, e que se achava casada com D. João I, rei de Castella; a outra que, levantando voz pela independencia de Portugal, empunhou as armas sob a bandeira do mestre de Aviz, filho bastardo del-rei D. Pedro I. A causa nacional triumphou, no fim de encarniçada lucta, de todos os seus inimigos. O mestre de Aviz foi acclamado rei com o nome de D. João I, e, sendo um dos primeiros actos do seu governo premiar os que bem serviram a patria e castigar os que lhe foram traidores, elevou em honras a muitos fidalgos, permittindo o uso de brazão d'armas aos que o não tinham, e a outros condemnou, desnaturalisando-os e confiscando-lhes os bens.

1 *Chorographia, ou memoria economica, estatistica e topographica do reino do Algarve*, por João Baptista da Silva Lopes, pag. 140.
2 Idem, pag. 59.
3 Idem, pag. 53.

1 O mosteiro de Pombeiro, da extincta ordem dos monges de S. Bento, está situado junto ás margens do rio Vizella, a cinco kilometros da cidade de Guimarães.

Resultou d'aqui uma grande confusão heraldica, pois que muitos dos fidalgos accrescentados nos fóros da nobreza, aos quaes el-rei permittia usarem de escudos d'armas, tomaram a seu bel prazer escudos e insignias que pertenciam a outros que se conservaram fieis, e, por conseguinte, no gozo das suas honras e prerogativas. E tambem mais de uma familia se apropriou e usou ao mesmo tempo as armas e divisas de outra familia desterrada em Castella.

Querendo el-rei D. João I pôr cobro a similhante desordem, e continuar no mesmo empenho com que os seus predecessores procuraram a conservação da nobreza e o augmento do seu lustre, resolveu introduzir no seu reino o officio de rei d'armas, que em Inglaterra dera muito bons resultados em caso identicó, segundo lhe affirmavam sua esposa, a rainha D. Filippa de Lencastre, e seu sogro, João de Gand, duque de Lencastre, filho de Duarte III, rei de Inglaterra.

Assim foram creados entre nós os reis d'armas, encarregando-se-lhes a formação de livros em que estivessem inscriptos todos os fidalgos, e pintados os brazões e divisas pertencentes a cada um.

Pouco depois de empunhar o sceptro, decidiu el-rei D. Manuel reformar e melhorar a instituição, e para esse fim encarregou Antonio Rodrigues, seu rei d'armas, de ir ás principaes cortes da Europa estudar as obrigações e usos que observavam os officiaes da nobreza. E em quanto este enviado cumpria a sua missão, mandava el-rei examinar por todo o reino as sepulturas que tinham brazões, para se tirarem cópias d'elles com a maior exactidão. Colligidos estes desenhos, e depois do regresso de Antonio Rodrigues a Portugal, decretou el-rei novo regimento para os officiaes da armaria, e ordenou que se fizesse um livro, contendo todos os brazões da nobreza do reino illuminados.

Não se contentando com isto, construiu no paço de Cintra um vasto salão, no tecto do qual mandou pintar, em torno das armas reaes, e dos escudos do principe e infantes seus filhos, setenta e quatro brazões de familias nobres, que foram os que se poderam accommodar no tecto [1].

Pelo novo regimento foram assim classificados os officiaes da armaria: tres reis d'armas, tres arautos e tres passavantes; os reis d'armas denominados Portugal, Algarve e India; os arautos com os nomes das capitaes d'estes tres reinos, Lisboa, Sylves e Goa; e os passavantes chamados Santarem, Lagos e Cochim, que eram então as principaes villas ou mais importantes povoações dos mesmos reinos. Ficou, pois, pertencendo a cada reino um rei d'armas, um arauto e um passavante.

Incumbia aos reis d'armas, pelo regimento del-rei D. Manuel, ter cada um o seu livro do respectivo reino, para registo de todas as familias nobres, assento de casamentos e nascimentos, com os brazões e arvores genealogicas das mesmas familias; vigiar que os fidalgos não usem de escudos d'armas e de insignias que lhes não pertençam, para o que deviam os ditos officiaes visitar a sua provincia de dois em dois annos. Cumpria-lhes tambem tomar lembrança de todos os feitos d'armas em que os fidalgos se assignalassem, e bem assim dos torneios, reptos e desafios, com todas as circumstancias que n'elles se dessem. Cumpria-lhes mais estudar a sciencia heraldica ou do brazão; determinar os escudos d'armas, timbres e insignias que deviam usar as pessoas a quem el-rei concedia de novo essa honra; assignar e registar as cartas de taes concessões, e assistir aos monarchas nos actos solemnes e publicos, como na acclamação dos soberanos, na reunião das cortes, nas entradas solemnes das cidades, etc.

[1] Vid. a descripção d'esta sala a pag. 334 do vol. VII.

O referido regimento determinava as ceremonias da investidura dos officios de rei d'armas, arauto e passavante, ás quaes chamava *baptismo*, e se celebravam da seguinte maneira: Achando-se el-rei em uma sala de seus paços sentado debaixo do docel, e acompanhado das pessoas de sua corte, era introduzido na sala, e levado á sua presença por outro rei d'armas, o individuo que ia ser investido n'esse cargo, sem levar cota nem brazão. Ajoelhava logo este diante do monarcha, e, pondo a mão direita sobre o livro dos evangelhos, que lhe era apresentado pelo introductor, proferia o seguinte juramento: «Fulano, rei d'armas, juro a estes santos evangelhos, nas mãos de Fulano, rei d'armas, que bem, e verdadeiramente, darei do livro do meu regimento das armas aos nobres as armas que direitamente lhes pertencem, segundo a ordem e regimento que para elle me é dado por el-rei nosso senhor, que em tudo guardarei e cumprirei; e que por temor, nem por amor, nem por dadiva, nem por promettimento, nem por outro nenhum respeito, não farei n'isso coisa que não deva; e, finalmente, guardarei n'isso a justiça e direito da parte a que tocar. Juro assim mesmo, que quando for enviado com algum embaixador, que el-rei nosso senhor enviar, serei com todo o cuidado diligente a seu serviço, e fielmente farei, cumprirei tudo o que me for mandado, e com minha cota d'armas vestida entrarei onde quer que me for mandado por el-rei nosso senhor, ou por seus embaixadores. Juro de em todo cumprir e guardar o juramento que feito tenho, quando fui feito arauto, e todas as coisas, obrigações do dito juramento, e cada uma d'ellas cumprirei, e farei fiel e verdadeiramente, como no dito juramento é conteudo.»

Acabadas de proferir estas ultimas palavras, chegava-se ao pé do throno o copeiro-mór, e entregava a el-rei uma copa de prata doirada, com sua tampa, contendo agua; e junto d'elle vinha o veador com uma toalha. Tomando el-rei a copa, lançava ao novo rei d'armas, que ainda se conservava de joelhos, uma pouca de agua pela cabeça, ao mesmo tempo que lhe punha o nome de Portugal, ou Algarve, ou India, conforme o logar para que o destinava.

Feito isto, o principal senhor que estava na sala pegava da toalha que trazia o veador, e offerecia-a ao soberano para limpar as mãos. Entretanto os arautos publicavam tres vezes, em altas vozes, o nome do novo rei d'armas, ao qual o copeiro-mór ia entregar, como prenda da parte del-rei, a copa de prata doirada que servira na ceremonia. O rei d'armas que lhe tomára o juramento vestia-lhe a cota e lançava-lhe então ao pescoço o collar com o escudo d'armas do respectivo reino. Em seguida beijavam todos a mão ao monarcha, e retiravam-se na mesma ordem em que entraram na sala.

Existem ao presente, e com os mesmos nomes, todos estes officiaes da armaria. Porém as suas funcções acham-se muito restrictas. Nas grandes solemnidades, taes como sessões reaes das cortes, casamento do soberano, etc., acompanham o monarcha, indo na frente do prestito com as suas insignias sobre as cotas, que são de seda vermelha com lavores tecidos a oiro, e do feitio de uma dalmatica. A insignia dos reis d'armas é o collar com o brazão do reino de que tem o nome.

Além da obrigação de comparecerem nos referidos actos publicos, ainda incumbe aos reis d'armas compor e designar os brazões que devem usar as pessoas a quem el-rei faz a graça de conceder essa honra. Segundo a naturalidade do agraciado, assim é o rei d'armas Portugal, ou Algarve, ou India, que se encarrega d'aquella tarefa, pelo que recebe boas propinas.

Quanto ás ceremonias da investidura ou baptisado pela mão do rei, ha muito que deixaram de se fazer.

(Continúa) I. de Vilhena Barbosa.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 194)

XI

SANTO ANDRÉ

Maria Custodia morreu como uma santa; e, no dizer do velho cura, em vez de se rezar por ella, podia-se rezar a ella, para que intercedesse aos pés do Eterno pelos que deixava na terra.

— Como ha de ser isto agora, sr. padre Manuel?

— O quê, meu filho?

— A respeito de... da Maria Palmeiro e de mim.

— A cachopa vae para a companhia de minha irmã, até vermos.

— Porém...

— Porém o quê, rapaz?

— Eu dava-lhe esta casa e mudava-me para a companhia do tio Joaquim Paranhos...

— Isso é bonito da tua parte... mas não póde ser. O melhor é como eu digo.

— E quando poderá casar-nos?

— Homem! tu tens perguntas... Ainda alli está o corpo de tua santa mãe!... Depois veremos. Eu tambem tenho interesse n'isso. Anda d'ahi, Maria.

Os dois orphãos abraçaram-se na presença do velho cura e separaram-se suffocados em chôro.

Um dos lavradores mais ricos da terra solicitou a cachopa para criada, e, apesar da má vontade de Pedro, ella acceitou, e foi para casa d'elle tres dias depois do enterro da madrinha.

Pedro resolveu-se a seguir a profissão de pescador, como seu pae, mas antes de tornar ao mar quiz que o padre Manuel lhe dissesse uma missa por alma de todos os que Deus lhe tinha levado tão cedo. Exigiu, porém, que a missa fosse rezada na capella de Santo André, situada n'um areial ao norte de Avelomar, porque sua mãe fôra mui devota d'aquelle santo. Não era este o unico motivo que determinára a escolha do moço; mas serviu-lhe para encobrir outro que lhe era egualmente caro. A distancia da aldeia á ermida é de dois ou tres kilometros; e, como Maria tambem devia ir, passariam mais um dia quasi na companhia um do outro.

A capella de Santo André fica, como já se disse, n'um areial, e dista do mar coisa de um tiro de espingarda.

O sitio é encantador: do lado de oeste vastissimos campos verdejantes; ao norte copados arvoredos e sebes floridas; a léste o Oceano; e ao sul as casinhas brancas de Avelomar.

Todos os annos se faz uma romaria muito devota a Santo André, com festas que duram tres dias. Alli se trâtam muitos casamentos, e se começam n'um anno amores que no anno seguinte se desatam em fructos.

Pedro e Maria tinham lá ido no ultimo verão, e no meio dos outros conversadores apaixonados haviam feito pela primeira vez o juramento de se casarem. A morte cobria-os, porém, de lucto antes que tivessem tido tempo de satisfazer os seus votos.

Os dois amantes, pensando nas suas tão recentes desgraças, caminhavam com o padre Manuel, embebidos em doce melancolia. Ao aproximarem-se dos sitios onde havia poucos mezes se tinham revelado mutuamente os seus castos sentimentos, sentiam como que expandir-se-lhes as almas. Não fallavam, mas os seus olhos diziam tudo quanto lhes ia por dentro. O padre seguia-os tambem silencioso, contemplando-os, e reflectindo nas vicissitudes humanas, que tão cedo os deixaram ao desamparo.

Chegados todos ao pé da capella, Pedro tomou a mão ao velho e disse-lhe com firmeza:

— É necessario que me diga quando poderemos casar.

— Rapaz, tu és teimoso como a fortuna! Eu já te disse que é preciso esperar que passe o tempo...

— Perdoe, sr. padre Manuel. Para eu ter animo de esperar devo saber até quando. Se m'o não diz, não sei o que será de mim. Decididamente, eu nasci para viver por esta moça ou para morrer por ella. Não quero que Maria vá servir... por muito tempo. Senão, atiro commigo ao mar e acaba-se tudo por uma vez.

— Valha-me Deus! que impaciencia!... E tu, cachopa?

— Eu... como o sr. padre quizer.

— Sim? Assim é que é, filha!... mas tambem se te não dava que o casamento fosse breve? Ora, pois, deixem-me pensar um bocado.

E o bom do padre poz-se a olhar para um vallado de roseiras que estavam na sua frente a uns dez ou doze passos.

— O diacho são os namorados! resmungava elle por entre dentes. Case-me, case-me! Isso é o que eu quero, mas é preciso que passe o anno do lucto. E o rapaz é capaz de... não; lá isso não! Porém não ha que fiar. Aquella roseira está bonita!... Ora espera... Boa lembrança! Vamos a ganhar tempo.

Tirou uma navalhinha do bolso, foi-se ao vallado e cortou duas estaquinhas de roseira; voltou com ellas para o pé da ermida e disse aos namorados, dando-lhes os dois ramos:

— Plantem-me ahi cada um sua roseira ao pé da capella de Santo André! Quando ellas deitarem rosas caso-os logo.

— Mas isso é um logro, gritou o rapaz. Ellas não pegam agora porque já estamos no começo da primavera.

— Pegam perfeitamente.

— Mas, se pegarem, já não dão flor este anno.

— É preciso um anno de lucto, tornou o padre; porém, se ellas florirem antes... veremos.

Maria pegou na sua haste de roseira e começou com a mão a fazer uma cova na areia. Pedro, meio colerico, meio a rir de escarneo, revirava entre os dedos a sua, sem se resolver a plantal-a.

— Faze o que eu disse, Pedro. Olha, a cachopa parece que tem mais vontade de casar do que tu. Que grande cova que ella já fez!

Maria tinha, com effeito, aberto um grande buraco na areia e dispunha-se a enterrar o tronquinho, quando Pedro a impediu, zombando:

— Outro logro ainda! Como ha de pegar isto plantado na areia? Pois deixe estar, que assim Deus me ajude em como lhe hei de fazer florir estas roseiras!

Dizendo isto, o moço correu ao vallado proximo, encheu o chapeo de excellente terra preta e veiu deital-a na cova feita pela sua amada. Tornou tantas vezes quantas foram necessarias para encher a cova; depois enterrou no meio as estacas da roseira e regou-as com agua que foi buscar n'uma infusa a um regato proximo.

O padre, que tinha visto todos estes cuidados e precauções, dizia lá comsigo:

— Não é tão tapado como eu o julgava ao tempo em que lhe ensinava a ler. Oh! mocidade, mocidade! Lá para estes negocios de amores todos são espertissimos!

Depois accrescentou, olhando para as estaquinhas, que estavam muito viçosas no seu canteirinho de terra fresca e ainda a escorrerem da rega:

— E o caso é que ellas estão com cara de quem quer pegar! Tambem o que me faltava agora era ter dado corda para me enforcar! Nada! estamos em março... já não pegam. E se pegassem e dessem rosas

até junho? Impossivel! Mas se acontecesse? Então... então... então era Santo André que se pronunciava, e não havia remedio senão casar os rapazes d'aqui a tres mezes.

Pedro e Maria tinham entrado já na capella, e oravam fervorosamente a Santo André, pedindo-lhe que intercedesse perante Deus pelas almas dos paes de ambos, e que fizesse pegar e florir as roseiras que acabavam de plantar sob a sua protecção.

O padre seguiu-os, e, adivinhando o que elles estavam pedindo, teve vontade de dizer ao santo que não fizesse tal; mas, como detestava as intrigas, calou-se, contentando-se apenas com murmurar, ao entrar na sacristia para se vestir:

— Faça Santo André o que quizer. Se as roseiras pegarem e florirem antes de um anno, é por conta d'elle, e não por minha.

(Continúa) F. Gomes de Amorim.

NORUEGA

ROCHEDO DE TORGHATTEN

A gravura que acompanha este artigo representa a famosa gruta formada pelo rochedo, ou, exprimindonos com mais propriedade, pela rocha de Torghatten, de que fallámos a pag. 181, por occasião de mostrarmos em estampa o aspecto exterior da mesma rocha e da ilha em que se levanta.

Apresenta esta admiravel gruta uma perspectiva muito similhante a um tunnel de caminho de ferro, porém fabricado com tão gigantescas proporções, como não se encontra egual, certamente, em paiz algum. As duas figuras humanas, que a gravura mal deixa distinguir na extremidade da gruta, junto de um dos arcos que lhe dão entrada, servindo de ponto de comparação para se poder avaliar a altura e largura da mesma gruta, abonam, sem dúvida, o que acabâmos de dizer. Porém as seguintes medidas darão uma idéa mais cabal da sua vastidão.



Gruta formada pelo rochedo de Torghatten

Atravessa esta gruta, de um a outro lado, todo o interior da rocha, de modo que lhe dão ingresso duas enormes aberturas praticadas nas extremidades, em tão perfeita correspondencia uma da outra, como o estão em um oculo os vidros dos seus dois extremos. As duas aberturas, a que chamaremos arcos pela perfeita similhança com os que a arte fabrica, tem o seu limiar em uma elevação de 123 metros acima da superficie do mar. Tem de altura estes arcos, até ao ponto mais subido, um 71 metros e outro 40. A sua largura é de 25 a 30 metros. Mede 240 metros o comprimento da galeria. A largura d'esta varia no interior entre 32 e 48 metros. A sua altura apresenta quasi as mesmas differenças que se observam nos arcos da entrada.

A inclinação da abobada, desde o arco mais elevado até ao mais baixo, seria muito suave e regular se no centro da galeria não descesse um pouco abaixo d'aquella linha. Mas, pondo de parte este defeito, tanto a abobada como as paredes estão affeiçoadas de maneira que se podem tomar á primeira vista por obra dos homens.

O pavimento da galeria é todo coberto de uma espessa camada de areia mui fina, em direcção quasi horisontal, e tão limpa de pedras ou escabrosidades da rocha, que poderia transitar por alli uma carruagem com facilidade.

A muita altura e largura dos referidos arcos e de toda esta gruta permittem que entre n'ella abundantemente a luz do dia.

Dizem os viajantes que tem visitado esta curiosidade natural, que é um espectaculo de incomparavel formosura ver através d'aquelle telescopio gigantesco as serras do continente scandinavo, mostrando ao longe as suas cristas recortadas, e a alvejar com o manto de neve que perennemente as cobre; e mais perto, fazendo primeiro plano ao quadro, as negras rochas da visinha costa, os escolhos e as ilhas, em que as vagas se quebram umas após outras, deixando-lhes por coroa ou orla alvissimas escumas. Au-

gmenta em belleza este panorama quando o sol vem doirar com seus raios a paizagem.

Em certa epocha do anno, o sol nascente, e tambem no seu occaso, penetra por esta galeria de uma a outra extremidade, enchendo-a de luz, e fazendo scintillar algumas estalactites que pendem da abobada.

I. DE VILHENA BARBOSA.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM

(Vid. pag. 199)

Por toda a cidade de Macau se acha a população chineza disseminada promiscuamente com a européa; mas onde a achâmos isolada e compacta é no *bazar*, bairro exclusivamente habitado por ella, intrincado labyrintho de viellas e becos, onde o europeu necessariamente se perde e não acha meio de orientar-se, se não tiver tido o cuidado de fazer-se acompanhar por um guia. Sem essa precaução, quando quizer sair do bazar e perguntar as indicações do caminho, ninguem o entende, porque os chinas que alli habitam não sabem o portuguez. Da primeira vez que me aventurei por aquellas ruas compridas e similhantes todas umas ás outras, andei mais de uma hora sem atinar com o meio de sair d'alli, até que providencialmente se me deparou um soldado da policia, que me serviu de pratico.

E já que, por incidente, te fallei na policia de Macau, não quero deixar de dizer-te que este corpo, composto de soldados europeus e de chins, se acha n'um excellente estado de organisação e presta magnifico serviço á segurança publica. É bonito e bastante commodo o uniforme de que usa a policia durante a estação quente: casaco e calças de um tecido branco muito leve, botas de cotim da mesma côr, e na cabeça um capacete tambem branco, de extrema leveza e munido de ventiladores.

É Macau a colonia nossa onde tenho visto as indicações hygienicas melhor attendidas no tocante a uniformes militares. Os officiaes do batalhão usam de uns casacos largos e sem cintura, de gola voltada, de verão de um tecido leve, e durante o inverno de panno azul ferrete, com a banda a tiracollo. Só de grande uniforme são obrigados a trazerem os casacos abotoados e charlateiras, ao uso da Europa. Seria para desejar que este systema de uniformes se estendesse tambem aos soldados, dispensando-os de andarem na estação calmosa com gravatas e com as fardetas abotoadas.

Deixo já esta pequena digressão, em que accidentalmente me metti, e volto a fallar-te do bazar. É alli que nos achâmos em plena China. Aspecto sombrio das ruas estreitas, orladas de predios altos de construcção chineza; boticas em quasi todos os baixos das casas; taboleiros com bolos da conservaria nacional; chinas aos bandos, sendo n'alguns pontos difficil o transito e pouca a segurança das algibeiras; por toda a parte a pouco euphonica lingua dos filhos do celeste imperio; ahi tens o bazar.

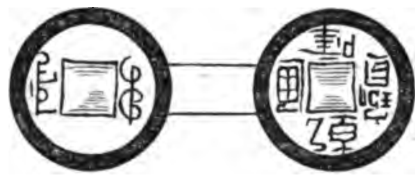
Além de poucas outras, as boticas d'aquelle bairro quasi se resumem em tres generos, que alternam em collocação: a casa de comida *(cullão)*, a do jogo *(latane)* e a de emprestimos sobre penhores *(hão)*. Denuncía isto a indole viciosa d'aquelle povo, que é um mixto incomprehensivel de qualidades contradictorias: laborioso e activo, e ao mesmo tempo com uma tendencia pronunciada para todo o genero de vicio; submisso e docil, sem deixar de ser desconfiado e vingativo.

A casa de *latane* é de ordinario uma casa espaçosa, tendo no centro uma mesa forrada de baeta. Para dentro da grade a que se encosta a cabeceira da mesa, e que separa uma secção da casa, vedando-a ao ingresso do publico, senta-se o banqueiro. Os jogadores agrupam-se em volta da mesa. Os que querem guardar o incognito, e taes são sempre os europeus que alli concorrem, tomam logar n'uma galeria lançada em torno da sala, e proxima do tecto, d'onde vêem o que se passa na mesa sem serem reconhecidos de baixo, porque a illuminação está disposta de modo que o alto da casa fica abrigado n'uma obscuridade protectora. Um empregado da casa lhes serve de interprete, e, n'um cesto suspenso por um cordão, dá para baixo o dinheiro, e diz verbalmente ao banqueiro o sentido da aposta de cada um dos jogadores de cima.

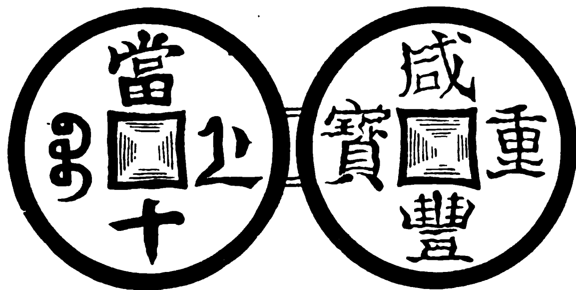
Depois de te fazer conhecer a disposição da casa, vou explicar-te o mecanismo do *latane*. O banqueiro separa de um avultado montão de sapécas um monte mais pequeno, de que, pela simples vista, se não póde calcular, nem aproximadamente, o numero. Abro aqui um parenthesis para te dizer o que são sapécas.

São pequenas moedas chinezas de cobre, do tamanho, pouco mais ou menos, das nossas moedas de 3 réis, com caracteres chinezes em relevo, e no centro um furo quadrado. Usam-se em enfiadas de cincoenta, cem ou mais. Tem, aproximadamente, o valor de um real nosso, valor que varía para mais ou para menos, segundo a abundancia que d'ellas ha no mercado. Ha tambem umas outras moedas de cobre valendo 10 sapécas, mas não são muito vulgares em Macau.

De ambas verás a cópia fiel nos desenhos que acompanham esta carta.



Sapéca



Moeda de dez sapécas

São estas as duas unicas moedas da China; mas tem alli curso as moedas de oiro e prata de todas as nações, pelo valor do peso, bem como o oiro e prata em barra. No commercio chinez, quando ha que dar uma demasia equivalente a uma fracção de pataca (especie a que alli se usa referir todos os valores), e não ha moeda que valha exactamente isso, corta-se de qualquer outra um fragmento do peso necessario, e dá-se embrulhada n'um papel com a indicação do valor escripta exteriormente.

No *latane*, logo que o banqueiro separa o monte menor de sapécas, formulam os jogadores as suas apostas, que podem ser pelos numeros um, dois, tres ou quatro. Depois de feitas as apostas e de recolhido o dinheiro que cada um aventura, começa o banqueiro a separar as sapécas do monte por grupos de quatro, servindo-se para isso de um ponteiro que applica ao furo central d'ellas. Corrido assim todo o monte, se fica de resto uma sapéca, ganha quem apostou pelo numero um; do mesmo modo para o resto de dois ou de tres, ganhando quem apostou pelo numero quatro se as sapécas se dividiram exactamente nos grupos de quatro. Quem ganha recebe o dinheiro que depositou e uma quantia egual de lucro. Isto é o jogo na

sua mais nua simplicidade. Ha ás vezes n'elle modificações e convenções especiaes. Dizem, mas não t'o affianço, que se usam alli, como em todos os jogos de azar, meios subrepticios e dolosos.

N'este jogo se consomem fortunas avultadas, e por elle se tem reduzido á miseria muitos chinas endinheirados. São numerosas em Macau as casas de *latane* publicas e auctorisadas, e todas prosperam, não obstante acharem-se sobrecarregadas com pesados tributos. No anno em que alli estive tinha sido arrematada a cobrança d'estes por 90:000 patacas, o valor de 76:500$000 réis. Avalia por esta cifra a importancia e a extensão do *latane*.

Nas iguarias chinas que se vêem pelas casas de comida, em que abunda o bazar, destinadas a acompanharem o arroz, base da alimentação dos chins, como de todos os povos do Oriente, predominam a carne de porco e os mariscos. Mas os mais delicados e exquisitos manjares da sua cozinha fazem-n'os os chinas de varios bichos. Entre elles é de grande valia e apreço a carne do rato. Todo o lauto jantar chinez termina pela celebre sopa de ninho de passaro, substancia de grande estimação e bastante cara. Os vinhos são extrahidos de fructos e outras substancias vegetaes; até os ha de rosas e de arroz. São geralmente fortes e de um sabor desagradavel. Usam-se quentes, e servem-se em bules, como o chá. Ha um muito apreciado, e conhecido pelo nome de vinho-fogo. Não tive occasião de o observar.

Um genero que tem grande consumo entre o povo chinez, e que não só está exposto á venda nas casas de comida, mas se vê a cada passo nas mãos de vendedores ambulantes, são os bolos. Apresentam fórmas e côres variadas, como que a tentar a gulodice, mas affirmo-te que é necessario ter o paladar muito depravado para se poderem tragar aquelles productos repugnantes de uma conservaria absurda. Quando se vae a metter dente n'um pastel de seductora apparencia, topa-se com um bocado de carne de porco muito gorda, que deixa ficar na boca um impertinente gosto de cebo. No entanto, é com estas gulodices que a classe baixa dos christãos deteriora o estomago, e são ellas tambem a causa das doenças dos orgãos digestivos, que em subido grau lavram entre os soldados.

Um costume notavel e de bem entendida commodidade, que observei em Macau, foi a existencia de vendedores ambulantes de comida, que a toda a hora do dia e da noite percorrem as ruas da cidade, tocando uma matraca, ou entoando um pregão em lingua china. E nem só fornecem a comida, mas mesa, banco, luz e talher. São portadores de uma verdadeira casa de pasto. O china que recolhe do jogo, e ouve na rua o som da matraca ou o pregão respectivo, chama o vendilhão, que promptamente arma a mesa e o banco que serve de assento, e colloca sobre aquella a comida, o talher e a lanterna. O consumidor come, paga o ajustado numero de sapécas e retira-se em paz; o homem da matraca desarma o improvisado *restaurant* e continúa a sua peregrinação. O talher dos chins, como de certo sabes, consiste em dois pausinhos delgados e cylindricos, com que elles apprehendem e levam á boca os alimentos.

Nem só nas ruas de Macau se vêem estes fornecedores ambulantes de comida. No porto interior toda a noite se ouve o pregão dos que, em *tancás* (pequenas embarcações de que adiante hei de fallar-te), fornecem manjares á população fluctuante, que é numerosa, e vive disseminada por muitas lorchas e outras embarcações de menor capacidade que povoam o porto.

Concluindo o que queria dizer-te do bazar, dir-te-hei que elle á noite offerece uma apparencia ainda mais caracteristicamente chineza do que durante o dia. Deve-se á illuminação por balões e lanternas de côres, que abrilhanta as entradas das differentes boticas.

Já que te fallei do *latane*, jogo em que os chinas passam grande parte do seu tempo, dir-te-hei agora que impressões trouxe do theatro chinez, vulgarmente chamado *auto-china*, por terem nome de auto as peças que alli sobem á scena.

Geralmente, as companhias dramaticas e lyricas na China são ambulantes, vagando de cidade em cidade, e trazendo comsigo theatro, que assentam e armam no sitio em que tem de funccionar. São taes theatros formados por grossos bambús, solidamente unidos entre si; e em poucas horas consegue a industria d'aquelles homens armal-os, pondo-os promptos a sustentarem o peso de muitas centenas de individuos. Em Macau ha annos que se não vêem d'estes theatros de bambú, porque um negociante d'alli construiu á sua custa, e com a fórma dos europeus, um theatro, que aluga ás companhias que vão trabalhar na cidade.

Quando alli estive, a companhia que funccionava era lyrica, e, como todas, composta exclusivamente de homens, porque as mulheres não são admittidas a representar, nem mesmo as de certa ordem mais elevada alli vão como espectadoras. Eram todas as vozes sopranos, e de um timbre extremamente desagradavel. Não ha mutações de scena; o mesmo scenario serve para todos os logares e para todas as epochas. Sómente um distico em caracteres chinezes indica o logar e a epocha da scena.

Da unica vez que entrei no auto-china foi em noite para que se annunciava grande funcção de saltos e de jogos malabares. Entrei para lá ás oito horas, e, decorridos que foram vinte minutos, já não sabia dos ouvidos, atormentados pela infernal aspereza das vozes e dos instrumentos. Não pude aturar por mais tempo aquelle martyrio lyrico, e saí, reservando-me para voltar á meia-noite, hora a que me diziam deverem ser enxertados na opera os saltos e jogos. Tornei, effectivamente, a entrar a essa hora, e vi e admirei então provas admiraveis de destreza, que aqui te não enumero porque has de ter visto algumas d'ellas reproduzidas pelos chins que estiveram no circo de Price.

É notavelmente grande a concurrencia dos chinas aos espectaculos do seu theatro; e é bonito ver aquella multidão enorme e compacta, composta toda ella de figuras por extremo similhantes entre si, quasi eguaes, com os gorros escuros na cabeça e os rabichos pendentes pelo dorso das cabaias. A platéa e os camarotes estão sempre a trasbordar de espectadores. Pelas coxias da platéa andam, mesmo durante o espectaculo, os vendedores de doces, com o seu taboleiro e lanterna, explorando a gulodice do publico.

É necessario haver grande cuidado com o relogio e com a bolsa quando se assiste a um espectaculo no auto-china, e em geral sempre que nos achámos no meio de um grande concurso de chins. Conta-se que a um espectador europeu, embebido nas bellezas lyricas e dramaticas do auto, furtaram do nariz os oculos, sem que elle podesse attentar em quem fosse o auctor do roubo.

Desculpa a má ordem e o desalinho com que te vou dando conta das minhas impressões. Logo no principio te preveni do que seriam estas cartas: conversações familiares com um amigo, e mais nada. Proximamente continuarei a fallar-te de Macau. JOÃO DE LACERDA.

Parece-me que estou ouvindo o ruido dos carros, dos penhascos, dos madeiros, e a contínua bateria dos instrumentos dos officiaes e trabalhadores, uns desbastando, outros lavrando, outros fabricando, e levantando as machinas para sustentar os arcos e guindar a pedraria já lavrada; e o auctor e superintendente da obra no mesmo tempo dividido em tantas partes com o cuidado e os olhos nas mãos de todos.

P. ANTONIO VIEIRA.

OS MACACOS ATÉLES DO BRASIL

As florestas do Brasil são povoadas de uma infinidade de macacos de todos os tamanhos, e de fórma e côres variadissimas. Constituem, por conseguinte, muitos e differentes generos, cada um dos quaes se compõe de maior ou menor numero de especies.

Entre aquelles generos, pois, ha um a que os naturalistas pozeram o nome de *atéles*, descrevendo-o como um dos mais notaveis da immensa classe dos quadrumanos. Consta de varias especies, que a sciencia designa com os nomes de *atéles paniscus*, *atéles belzebuth*, *atéles hybridus*, *atéles subpendactylus*, etc., e ás quaes os brasileiros chamam *coïtá*, *belzebuth*, *marimonda*, *chourá*, *mono zambo*, etc.

Variam os atéles no tamanho, sendo algumas especies grandes, e outras tão pequenas, que apenas contam uns 35 centimetros de comprimento desde o focinho até á origem da cauda. Mas no que todos se assimilham, e serve de distinctivo ao genero, é em lhes faltar nas mãos o dedo pollegar, em ter o corpo e membros mui delgados, os braços e a cauda excessivamente compridos, e a cabeça pequena em relação ao corpo. A côr do pello é cinzenta, ou parda, ou negra, mais carregada sobre o lombo, mais clara no ventre, até se apresentar quasi branca em algumas especies. São timidos, pelo que fogem apressadamente ao menor bulicio. A sua indole é boa: alegre no estado de liberdade, mas quasi sempre melancolica no estado de escravidão, sem que por isso deixe de se domesticar facilmente.

Habitam na America meridional, na Guyana, no Pa-



Macacos atéles passando um rio no Brasil

raguay e no Brasil. Vivem em sociedade, divagando nos bosques em bandos de doze a quinze individuos. Alimentam-se de insectos, molluscos e peixes pequenos, razão porque preferem as margens dos rios assombradas de arvoredos.

Os viajantes que os tem visto e examinado de perto n'esses logares da sua predilecção são unanimes em encarecer a viveza d'estes animaes, a sua extraordinaria agilidade, e sobre tudo o seu instincto, que é tal, que parece ás vezes tocar as raias da razão. Dizem que é coisa engraçada observal-os na pesca, ora pendurados de um ramo que está quasi a beijar a corrente, ora estendidos sobre a raiz de arvore annosa, que se debruça de um combro sobre o rio até se mergulhar nas aguas. D'alli espreitam attentamente as incautas victimas, e com extrema destreza apanham as que tem a infelicidade de passar proximo. Não é menos curioso vêl-os na caça dos insectos, trepando ás arvores com incrivel rapidez, e saltando de tronco em tronco e de arvore em arvore com pasmosa ligeireza. Porém o que n'elles é mais admiravel é o modo por que atravessam os rios sem tocarem na agua. Trepados a alguma das arvores da margem do rio, vão-se enlaçando uns nos outros, por meio das mãos e da cauda, de sorte que formam uma perfeita cadeia viva. Feito isto, e pendurados de um tronco sufficientemente grosso para sustentar o seu peso, e em altura conveniente acima da superficie do rio, para que não corram perigo de se mergulharem n'elle os que vão em derradeiro logar, começam a baloiçarem-se, augmentando pouco a pouco o impulso, até que o que fórma o ultimo annel da cadeia consiga lançar a mão a um tronco de alguma das arvores da margem fronteira. Estabelecida assim a ponte, opera-se lentamente a passagem, a qual se conclue despegando-se da arvore que servíra de ponto de suspensão o atéles que fizera de primeiro elo da cadeia.

É esta scena pittoresca e singularissima que dá assumpto á gravura de que acompanhâmos este artigo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31



Sé da cidade de Nossa Senhora de Belem do Grã-Pará

No mesmo seculo (XVII) em que a cidade do Pará foi fundada, pensou o governo portuguez em estabelecer n'ella a séde de um bispado. Tratou, pois, el-rei D. Pedro II de dar execução a este pensamento, solicitando do papa as competentes bullas; e logo que lhe constou que o pontifice se promptificava a annuir ás suas súpplicas, nomeou primeiro bispo da nova diocese a D. Fr. Manuel da Natividade. Porém tudo isto não passou de projectos; porque, chegando ao conhecimento de D. Gregorio dos Anjos, bispo do Maranhão, que se pretendia desmembrar o seu bispado, para se constituir uma nova diocese com a parte que tiravam d'elle, protestou contra o que chamava espoliação, e tanto lidou, e tal opposição fez perante a curia romana, que alcançou não sómente sustar a publicação das bullas, quando já estavam para se expedirem, mas até logrou neutralisar as diligencias del-rei, impedindo a decisão d'aquelle negocio.

Só depois do fallecimento d'aquelle monarcha e dos dois prelados contendores é que o Pará foi erigido em bispado, a instancias del-rei D. João V, e por bulla do papa Clemente XI, passada no dia 4 de março do anno de 1719. Foi primeiro bispo D. Fr. Bartholomeu do Pilar, religioso carmelita.

Foi organisado o cabido com quatro dignidades, arcediago, para presidir ao coro, arcipreste, chantre e mestre-eschola; dez conegos presbyteros, seis diaconos e quatro subdiaconos; dezeseis beneficiados; vinte e um capellães, nove com o titulo de capellães cantores, sendo um d'elles mestre de capella, e o resto intitulados capellães acolytos; e, finalmente, dez moços do côro. Assim foi installado o cabido na egreja matriz, da invocação de Santa Maria da Graça, elevada então ás honras de cathedral.

As modestas proporções do templo mal se prestavam á accommodação de tão numeroso cabido e ás pompas de um pontifical. O prelado reconhecia e lamentava a estreiteza do templo, mas falleciam-lhe os meios para metter hombros á fundação de uma nova sé. A pequenez da cidade; o moroso desenvolvimento do seu trato commercial; e o estado em que se achava a esse tempo a maior parte do territorio da diocese do Pará, mal povoado e quasi inculto, faziam tão minguados os rendimentos da mitra, que apenas chegavam, sem largueza, para a sustentação do prelado e do seu cabido, e para as despezas do culto.

O governador do Pará, vendo a cidade falta de todos os edificios publicos indispensaveis a uma capital, não dava ouvidos ás representações de D. Fr. Bartholomeu do Pilar, que não cessava de pedir o auxilio do governo para a fundação que desejava levar a effeito.

D'est'arte se passaram perto de trinta annos, persistindo a sé no acanhado templo da antiga egreja matriz. Porém el-rei D. João V não era soberano que desattendesse por muito tempo as súpplicas que lhe eram dirigidas para augumento da religião ou maior lustre da egreja lusitana. Portanto, sem lhe importar se a capital da provincia do Pará tinha ou não edificios apropriados para a séde do governo, e para a conveniente accommodação das repartições publicas, e annuindo aos rogos do prelado d'aquella diocese, ordenou

a Francisco Pedro de Mendonça Gorjão, 18.º governador da provincia do Pará, que concorresse para a edificação de uma nova egreja cathedral com determinada quantia annual, tirada dos cofres da provincia.

Apressou-se o governador a dar execução ás ordens do monarcha, pondo-se de accordo com o bispo, e promptificando-se a auxilial-o em tudo.

Feito o risco, e escolhido para logar da fundação o mesmo em que se achava a egreja matriz, celebrou-se com grande solemnidade a inauguração dos trabalhos no dia 3 de maio de 1748. Lançou a primeira pedra nos alicerces da capella-mór do novo templo o bispo, assistido do seu cabido e mais clerezia da cidade, em presença de todas as auctoridades.

Correram as obras com velocidade, não obstante a grandeza do edificio, de sorte que em poucos annos fóram concluidas.

Levanta-se esta sé em uma praça, ficando-lhe fronteiro o edificio do paço episcopal e seminario, outr'ora collegio dos jesuitas.

Tem certo aspecto de nobreza a frontaria da sé, apesar de ser pouco ornamentada, e de não ter talvez a elevação necessaria para se lhe poder dar o epitheto de esbelta; pois que conta uns 18 metros de altura desde o pavimento da praça até á parte superior do oculo, que está logo por baixo do nicho de Nossa Senhora, e á qual corresponde, no interior do templo, o ponto mais elevado da abobada. As torres tem um pouco mais do dobro da altura da nave, pois medem uns 37 metros. As cupulas, com os seus remates a modo de lanternetas, fazem estas torres muito massiças e pesadas. Todavia, como se acham bem separadas do corpo central, não são inteiramente desengraçadas.

Todas as pilastras que decoram o frontispicio são de ordem dorica e da maior singeleza possivel. A ornamentação em que o architecto foi prodigo consiste nas pyramides e vasos que distribuiu em volta das cupulas das torres, e no corpo central, aos lados e por cima do nicho de Nossa Senhora. São nada menos de doze estes ornatos, em nossa opinião pouco graciosos, mas muito usados pelos architectos portuguezes em taes construcções. A imagem que está no referido nicho é de Nossa Senhora de Belem, padroeira da cidade.

Dão entrada para o templo tres portas, a principal no frontispicio, e duas que se abrem no envasamento das torres, nas duas fachadas lateraes.

No interior da egreja reina a mesma singeleza de architectura; mas, em compensação, é muito alegre e vasta, pois tem de comprimento, desde a porta principal até ao altar-mór, obra de 62 metros, e de largura, em a nave principal, pouco mais de 10 metros.

No corpo da egreja ha quatro altares de cada lado, e dois no cruzeiro, o da parte do evangelho em que está o Santissimo Sacramento, e o da parte da epistola consagrado a Nossa Senhora de Belem. No cruzeiro ha alguns bons paineis a oleo de pintores portuguezes.

Os intervallos dos altares são decorados com pilastras com capiteis doirados.

A capella-mór é muito espaçosa. Tem aos lados duas tribunas ou coretos para a musica nas occasiões festivas. O altar-mór é rico em obra de talha doirada.

Conta esta sé tres sacristias: uma do bispo, outra do cabido, situadas á direita e á esquerda da capella-mór; e a terceira, que deita para um corredor contiguo ao cruzeiro, pertence á freguezia, pois que n'esta cathedral está erecta a parochia de Santa Maria da Graça. Não são notaveis estas sacristias por bellezas architectonicas, nem por decorações proprias, mas encerram as duas primeiras vasos sagrados, paramentos e outras alfaias de bastante riqueza e primor artistico. Muitos d'estes objectos preciosos foram doados a esta sé por el-rei D. João v.

A casa do capitulo, o archivo do cabido e a casa do consistorio da confraria do Santissimo Sacramento são grandes e bem dispostas salas; e do mesmo modo as casas de arrecadação e mais officinas necessarias a uma cathedral que serve tambem de parochia.

Esta sé e o palacio do governo, cuja gravura publicámos a pag. 189, são os melhores edificios da cidade do Pará. As gravuras que d'elles damos são cópias de photographias, que a empreza deve ao obsequio do sr. Antonio Joaquim de Sousa Martins.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 204)

XII

OS DOIS JARDINEIROS

Passou a primavera, e começou o estio, sécco e ardente, como poucas vezes succede nos campos do Minho. A terra despiu o seu manto verde e florido; as searas amadureceram prematuramente; os fructos mal se desenvolveram; as fontes seccaram; a calma e a séde faziam todos os dias succumbir os animaes e as plantas. O sôpro do vento suão devorava tudo por onde passava!

Tres ou quatro mezes depois da missa rezada em Santo André, foi o padre Manuel chamado uma noite para confessar uma velhinha que morava na casa do cerrado proximo á capella.

A doente, depois de confessada, sentiu-se melhor, e pediu ao cura que se demorasse até pela manhã, o que este fez sem custo por estar com muito somno. Pela volta das quatro horas, ergueu-se o padre do banco onde descançára e despediu-se da velha, cujos allivios progrediam, para ir dizer em Avelomar a missa do costume na capella de Nossa Senhora das Neves.

Ao passar pela ermida de Santo André, lembrou-se das roseiras e pensou:

— Devem estar bem mirradas as pobresinhas! Com o calor que tem feito...

Dizendo isto, olhou para o logar onde ellas tinham sido plantadas e ficou pasmado. As duas bastesinhas tinham crescido mais de um palmo, e estavam resplendentes de vida, com as folhas todas verdes, e os olhos viçosos e vigorosos, como se fosse em plena primavera!

— Vontade de Santo André! disse o padre aproximando-se. Não podia ser senão um milagre, á vista da secca enorme que...

Expirou-lhe a palavra nos labios, sorriu-se, e depois continuou, mexendo com a ponteira da bengala na terra humida onde vicejavam as plantas:

— É boa! Eu a fazer do santo jardineiro, e foi o outro que... Ah! Pedro, Pedro! S. Pedro te valha, rapaz! Vejam lá que tal é a vontade que tem de casar, hein?! Apanha todos os dias uma caminhada d'estas para vir regar as roseiras antes de ir para o mar... porque está claro que tem vindo regal-as todos os dias, se não, não estavam tão frescas e crescidas! O diacho é o moço! O que vale é que ellas já não dão rosas este anno, se não... Esperem, que elle ahi vem... oiço passos na estrada. Pois vou-me encobrir alli com o vallado para ver como o rapaz puxa pelas plantas.

O bom velho correu quanto lh'o permittia a edade, e foi esconder-se entre uns salgueiros que serviam de tapume ao cerrado visinho.

Ao mesmo tempo chegou ao pé das roseiras a pessoa, cujos passos elle tinha ouvido sem a ver, por causa de um cómoro que dividia o areial da estrada.

Era Maria Palmeiro.

O padre Manuel esteve para soltar uma exclamação e sair do escondrijo; mas conteve-se e ficou.

A moça trazia á cabeça uma infusa cheia de agua; olhou á roda de si, e depois começou a regar as plantas, fallando ao mesmo tempo em voz alta:

— Hoje não posso vir ver-vos de tarde, minhas roseirinhas. Já não temos herva para os bois n'estes sitios, e hei de leval-os para o Agro Velho. Disse em casa que tinha deixado hontem a foicinha na bouça, e por isso é que vim deitar-vos agua fresca a estas horas. D'aqui em diante não posso vir senão aos domingos... mas Santo André ha de tomar conta em vós.

Depois da rega catou cuidadosamente os arbustos, tirando-lhes alguns insectos que tinham dormido á sombra de suas folhas, e, aproximando-se da porta da ermida, ajoelhou e poz-se a rezar uma oração. Ainda não tinha acabado quando Pedro appareceu ao pé d'ella, vindo do areial com um cantarinho ás costas.

Ao conhecerem-se, a donzella sentiu arder a cara, como se a tivesse esfregado com mostarda; e o rapaz poz-se a tremer, em riscos de quebrar o cantaro, e fez-se amarello como se tivesse apanhado um susto d'estes de apoplexia.

— Estás ahi, cachopa? interrogou elle parvamente, sem se lembrar de que a estava vendo.

— Eu estou... e tu?... tu vinhas...

— Sim... é verdade... eu vinha...

Poisou o cantaro no chão, tirou o barrete, e principiou a calumniar a cabeça, coçando-a como se ella tivesse bichos.

Maria sentou-se na areia, olhou para o cantaro e disse comsigo:

— Por isso eu as achava todos os dias encharcadas!

Pedro tomou animo com o silencio da moça; pegou no vaso de agua e aproximou-se das plantas.

— Não lhes deites mais, gritou Maria; olha que lhes apodrece a raiz com tanta agua.

— Ah! exclamou por sua vez o rapaz, vendo os pés dos arbustos alagados e a infusa de Maria junto d'elles. Lá me parecia que, com o calor que tem feito, não podia a agua que eu deitava pela manhã conservar-se vinte e quatro horas sem seccar!

— Pois vinhas todos os dias, Pedro?

— De madrugada... antes de ir para o mar. E tu?

— Eu vinha de tarde... quando trazia os bois á bouça.

— E hoje?

— Hoje vou para o Agro Velho... e não podia vir á hora do costume.

— Oh! cachopa! agora é que eu sinto quanto me queres! E bem vês que não te quero menos!

Maria tornou a córar sem responder.

Regando as roseiras todos os dias ás escondidas, era apanhada em flagrante declaração de que tinha pressa de casar com Pedro. Que mais havia a dizer de parte a parte?

O rapaz comprehendeu isto bem, apesar da rudeza que o padre lhe attribuira outr'ora, e sentou-se ao pé da donzella, todo trémulo de ternura e de medo.

— Ó moça, mas olha que estão lindas! não achas?

— Estão, estão! Sempre tem um verde mais viçoso...

O mancebo pegou-lhe na mão, e começaram ambos a tremer como se estivessem para se assassinarem um ao outro, ou se tivessem apanhado uma carga de maleitas furiosas.

— Gostavas de as ver com rosas, Maria?

— Se tu gostavas... eu... tambem...

— Santo André ha de fazer o milagre ainda este anno, deixa estar.

— Como sabes isso?

— Tem-m'o dito o meu cantarinho... e a tua infusa tambem ha de ajudar!

Olharam-se com ternura e ficaram calados por muito tempo na mesma posição.

O padre, que tudo ouvia e via, estava contente com a sinceridade e pureza d'aquelle amor, que a solidão não conseguia desvairar.

— Eis a minha obra! dizia elle comsigo. Fui eu que lhes formei as almas innocentes. Ninguem tenha receio de que elles pensem sequer na possibilidade de um crime. Tem pressa de casar? Que mal ha n'isso? Só querem dever á egreja a sua felicidade. Oh! innocencia! Deus te abençoe!

E só Deus sabe onde pararia a expansão de contentamento do excellente velho se Pedro não tivesse passado um braço em torno do pescoço da sua noiva.

— É tempo de intervir... Quem sabe lá! Ás vezes é assim que o diabo as arma.

Tossiu fortemente, o que obrigou o rapaz a tirar immediatamente o braço de cima do hombro da moça, e saiu detraz dos sabugueiros.

— Bom dia, meus filhos. Então que é isto? Por aqui tão cedo!

Pedro ergueu-se de um pulo; Maria quiz fazer o mesmo, porém as pernas faltaram-lhe e ficou sentada. Ambos se fizeram vermelhos, sem acharem palavras para corresponder á saudação do padre.

— Com que então, Pedro, não foste hoje ao mar?

— Ainda vou, sr. padre.

— Ah! ainda vaes? E tu, Maria, vieste tão cedo para a bouça!

— Eu vim a... ia para... vim procurar uma foicinha que...

— Não mintas! Eu já sei ao que vieram. Ora pois! As roseiras estão bonitas; bem se vê que lhes tem sobejado cuidados e agua! Estão tão bem pegadas, que, ainda mesmo que se puxe por ellas, já se não arrancam.

Dizendo isto, fez menção de experimentar se os arbustos se poderiam arrancar. Os dois amantes correram para elle supplicantes.

— Está bom, está bom! Não tenham susto; uma vez que prometti, está promettido. Mas agora escusâmos de cá tornar, porque ellas já não morrem. A muita agua é que as póde matar. Não se cancem mais; este anno já ellas não deitarão flores; e d'aqui a pouco começam a perder a folha.

— E se seccarem? ousou perguntar o rapaz.

— Affirmo-te que não seccam. Prohibo-lhes que tornem cá sem minha licença; ouviste, cachopa?

— Sim, senhor.

— No dia em que fizer um anno que as roseiras se plantaram, estou prompto a casal-os se me obedecerem.

— Jurâmos!

— Muito bem. Agora vamos-nos embora, que ainda vou dizer a missa das seis.

Partiram todos tres. Ao chegar á estrada da aldeia, Pedro tomou o caminho que conduz por Finisterræ, ou Finisterra, e foi para a pesca dos congros.

O padre acompanhou a moça até á porta do amo, e ahi disse-lhe antes de se separar d'ella:

— Não tornes a Santo André, nem me estejas só com Pedro... por causa das más linguas. Olha que o melhor panno póde apanhar nodoas que ninguem é capaz de tirar.

(Continúa) F. Gomes de Amorim.

D. CATHARINA DE BRAGANÇA

(Vid. pag. 190)

Pelo extracto que fizemos das *Memorias* de lord Clarendon, vê-se que, em verdade, Luiz xiv contribuiu efficazmente para o casamento da nossa infanta com el-rei de Inglaterra, ou, antes, foi elle que o resolveu a manter a palavra dada a D. Francisco de Mello, circunstancia que nenhum dos nossos historiadores menciona.

Clarendon, que foi um dos negociadores mais leaes que tivemos para se realisar este enlace, refere tambem na obra já citada, que o rei, antes de assignar

o contrato, enviára o nosso embaixador aos lords do seu conselho privado, para que elle lhes désse conta das instrucções que trouxera de Portugal para se lavrar o tratado. Que ahi declarára o mesmo embaixador, que quanto ao dote, a rainha regente D. Luiza, tendo resolvido não tocar no dinheiro destinado para as despezas da guerra, vendêra as suas joias e parte da baixella; e, além d'isso, pedira emprestada muita prata das egrejas e conventos, e por este modo havia juntado o dote, que estava mettido em cofres sellados, em logar onde ninguem podesse dar-lhe outra applicação.

Quanto á entrega de Tanger, como o governador era um homem obstinado, e que tinha vivido muitos annos n'aquella cidade [1], a rainha o ia substituir por um fidalgo da sua confiança [2], e tanto que lhe havia declarado o fim para que o nomeava. Que a esquadra que fosse enviada para conduzir a rainha iria primeiro a Tanger tomar posse d'aquella cidade; e que, finalmente, a rainha não embarcaria sem que esta possessão estivesse no dominio de sua magestade britannica, e todo o dinheiro do dote a bordo da esquadra. Que para a entrega de Bombaim se tinha resolvido chamar á corte o vice-rei da India, e nomear outro com cuja obediencia o governo podesse contar [3].

Tal era o temor de resistencia, até das proprias auctoridades, á entrega d'estas possessões aos inglezes, que se tomaram simillhantes precauções. E, todavia, sem a alienação d'estas nossas colonias, não teriamos mantido a independencia nacional. Mas isto custou muito a entrar nas cabeças duras do povo, como deixa entrever o cauteloso auctor do *Portugal restaurado*.

Logo que o nosso embaixador ajustou as clausulas do tratado, Carlos II reuniu o parlamento para lhe dar parte do seu casamento com a infanta de Portugal nos seguintes termos:

«Estou resoluto a eleger por esposa a princeza de Portugal, podendo assegurar-vos ser aquella que em Europa mais convinha ao bem d'este reino, e que quando propuz este intento ao meu conselho privado, sem cujo parecer nunca resolvi nem resolverei coisa alguma de publica importancia, não achei um só voto que não approvasse com inexplicavel alegria a minha eleição, vaticinio que venerei como maravilha, entendendo que pelo ceo era approvado este intento, por cujo respeito resolvi tomar a ultima conclusão com o embaixador de Portugal, o qual parte para aquelle reino com o tratado assignado, que contém grandes vantagens nossas, e eu fico tratando com a brevidade possivel de fazer conduzir a este reino uma rainha que ha de trazer para mim e para vós grandes felicidades.»

Depois expoz o chanceller-mór, conde de Clarendon, em uma larguissima oração, as grandes vantagens de Inglaterra no casamento de Portugal.

O parlamento respondeu:

«O casamento do rei com a princeza de Portugal é tão grande honra nossa, que não somos capazes de a retribuir por modo equivalente.»

Com o tratado matrimonial já assignado, voltou o conde da Ponte a Lisboa em julho de 1661, sendo recebido pela rainha regente com o maior contentamento, e *differentes* affectos da nobreza e povo (diz o conde da Ericeira), porque a rainha a todo o custo lhe parecia barato conseguir o casamento da infanta em Inglaterra; e os povos sentiam vivamente a entrega de Tanger e Bombaim, por ficarem os moradores d'estas cidades expostos aos erros hereticos.

Logo que no conselho de estado se ratificou o tratado de Londres, o conde da Ponte, *com todo o segredo*, e conselhos da rainha regente, dispoz o modo da entrega de Tanger e Bombaim, de se juntar o dinheiro para satisfação do dote, e se fazerem os aprestos da casa da nova rainha.

Esta asserção, de auctor que fazia parte da corte, não confere com a narrativa do chanceller de Inglaterra, acima transcripta, na qual diz ter-lhe declarado o embaixador portuguez que o dote estava já contado e arrecadado.

Que isto não era tanto assim, prova-o a convocação das cortes para se lhes pedirem os dois milhões com que havia de ser dotada a infanta. Estas cortes, porém, convocadas em julho para o fim de novembro (1661), foram mandadas sustar por carta régia de 16 d'este ultimo mez. Mas João Pedro Ribeiro, nas suas investigações pelos cartorios do reino, não achou assento nem capitulo algum d'ellas, por isso as deu como duvidosas, dizendo: «Ignoro que chegassem a celebrar-se, ainda que em carta de 16 de novembro de 1663, ao concelho de Coimbra, pareça referir-se a estas o que ahi se affirma das ultimas cortes, em que os povos offereceram o dobro das sizas, por dois annos, para a satisfação do dote da sr.ª D. Catharina, rainha da Gran-Bretanha [1].»

O conde da Ericeira tambem não falla em taes cortes; e ultimamente o douto antiquario, o sr. J. C. Ayres de Campos, no indice que fez do archivo da camara de Coimbra, não achou alli sequer a communicação do casamento de D. Catharina, como era de uso nos matrimonios das pessoas da familia real.

De todo o referido se póde inferir que as cortes foram sustadas com receio de que se oppozessem á entrega de Tanger e Bombaim aos inglezes. Esta inferencia é ainda reforçada pelo facto de se estar ainda devendo, passados annos, parte do dote, o que motivou reclamações que muito vexaram a nossa princeza, já desavinda com o rei seu marido pelas escandalosas infidelidades com que elle a affrontava em publico, e nas proprias salas do paço, como adiante referiremos.

E por ultimo, o seguinte artigo do contrato matrimonial demonstra que o reino estava tão exhausto, que se não poderam juntar os oitocentos contos para satisfazer o dote! Diz assim, em resumo:

El-rei de Portugal promette e se obriga a dar em dote ao sr. rei da Gran-Bretanha, com a serenissima infanta sua irmã, dois milhões de cruzados portuguezes; metade dos quaes se metterá na armada antes da princeza se embarcar; o que for em dinheiro se entregará logo ás pessoas que o sr. rei da Gran-Bretanha deputar para o receber; e o que for em pedraria, assucar e outras mercadorias, não entrará na conta, mas virá a Londres entregar-se ás pessoas a quem o sr. rei de Portugal der auctoridade; e estas pessoas serão obrigadas dentro de dois mezes a pagar o seu inteiro valor em moeda ingleza. Pelo que toca á outra metade (montando a um milhão de cruzados portuguezes), o sr. rei de Portugal se obriga a pagal-a no praso de um anno, em dois pagamentos.

O apanagio que o rei de Inglaterra estabeleceu a sua mulher foi de trinta mil libras annuaes em quanto vivesse, e um palacio mobilado para sua habitação, quando enviuvasse.

Os outros artigos d'este contrato podem-se ver no tomo I da *Collecção dos tratados celebrados com a coroa de Portugal*, publicada pelo sr. J. F. Borges de Castro, ou na *Historia genealogica* do padre Sousa.

Com quanto os ajustes se fizessem em 23 de junho de 1661, por causa das perturbações que então havia em Inglaterra, se adiou a partida da nossa infanta para a primavera do anno seguinte.

Logo que chegou ao Tejo a esquadra ingleza para conduzir a rainha, que foi a 10 de março de 1662, começaram as festas do casamento, que em Lisboa se fizeram com esplendidas illuminações, toiros, mascaradas, procissão e *Te Deum*, de que ha uma extensa

[1] O conde da Ericeira, D. Fernando de Menezes, auctor da *Historia de Tanger*.
[2] D. Antonio de Almeida.
[3] Antonio de Mello e Castro.

[1] *Memorias de litteratura*, publicadas pela academia, tomo II.

relação escripta em hespanhol pelo dr. Antonio de Sousa de Macedo, posto saísse anonyma [1].

Acabadas as festas (que duraram muitos dias), embarcou a joven rainha de Inglaterra a 23 de abril, constando a armada que a acompanhou de quatorze naus, cinco sumacas com mil caixas de assucar (parte do dote), e uma barca de Cezimbra, que, por sua velocidade, quiz o almirante inglez levar para amostra ao rei da Gran-Bretanha.

O sequito da rainha compunha-se de umas trinta pessoas, em que entravam os veadores condes de Pontevel e de Penalva, Francisco Corrêa da Silva; as damas de honor condessas de Penalva e de Pontevel; Ricardo Russell, bispo de Portalegre, capellão e esmoler; açafatas, toucadeiras e musicos.

O marquez de Sande, embaixador de Portugal, era o conductor da rainha, levando por secretario Francisco de Sá de Menezes.

Por causa do tempo, não pôde a esquadra sair a barra senão no dia 25, conservando-se, porém, a rainha a bordo, e continuando as luminarias e os descantes todas as noites em volta dos navios por um enxame de barcos, que alli accorriam ao cair da tarde.

A armada gastou de Lisboa a Portsmouth vinte e quatro dias, trabalhada de tempestades e calmarias, padecendo a rainha tanto, que recebeu o rei seu marido estando de cama.

Tambem se publicou um diario d'esta viagem, onde se mencionam muitas particularidades curiosas, que por brevidade não extractâmos; limitando-nos a noticiar que ha um exemplar d'este rarissimo papel na bibliotheca nacional de Lisboa [2].

Na altura de Portsmouth veiu o duque de York, irmão de Carlos II, n'uma vistosa esquadra, encontrar-se com a da rainha e trazer-lhe uma carta do rei. D. Catharina recebeu o cunhado na sua camara, vestida á ingleza, de téla côr de canna, guarnecida de rendas de prata. Os fidalgos do sequito do duque beijaram a mão á rainha, não consentindo ella que o fizesse sua alteza. Depois d'esta ceremonia, em que serviu de interprete o bispo Russell, ficaram a rainha e o duque conversando familiarmente, elle em hespanhol e ella em portuguez.

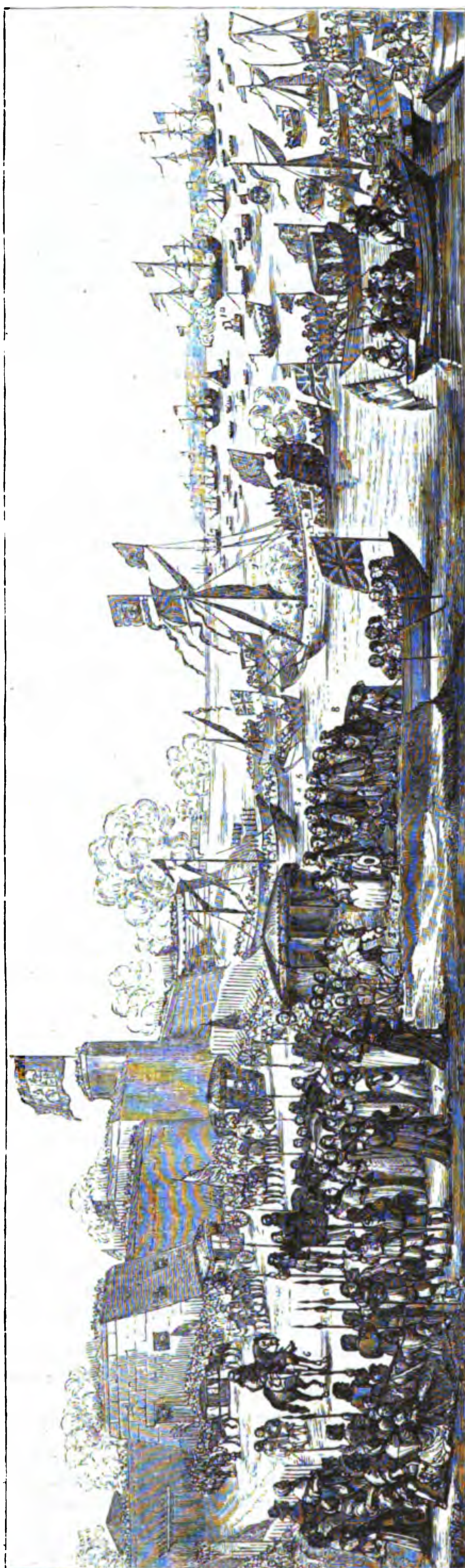
As esquadras seguiram ambas para a barra de Portsmouth, em cuja cidade se fez o desembarque, ao som festivo da artilheria da armada e das fortalezas de terra, esperando a sua magestade no caes os magistrados da cidade, vestidos de gala, os titulos e tribunaes, fazendo-lhe o corregedor da cidade uma *pratica de grandes parabens e offerecimentos.*

A ordem em que o prestito seguiu para os coches reaes está desenhada na estampa que hoje publicâmos, cópia de uma gravura do tempo, dedicada ao duque de Ormond, e que obsequiosamente nos foi confiada pelo nosso collega bibliothecario da bibliotheca publica de Evora, o sr. A. Filippe Simões.

Os numeros que na gravura se divisam indicam os seguintes personagens:

1. A rainha e seu cunhado, o duque de York.
2. O lord camareiro-mór, conde de Manchester.
3. O mordomo-mór, duque de Ormond.
4. O marquez de Sande, embaixador de Portugal.
5. O estribeiro-mór da rainha, lord Montague.
6. O lord marechal.
7. O corregedor da cidade.
8. Gondola de lord Montague.
9. Hiate de sua alteza o duque de York.
10. A esquadra ingleza.

(Contiuúa) A. DA SILVA TULLIO.


Desembarque da rainha D. Catharina de Bragança em Portsmouth

[1] *Relacion de las fiestas que se hizieron en Lisboa con la nueva del casamiento de la serenisima infanta de Portugal D. Catalina con el serenisimo rey de la Gran-Bretaña Carlos* II. Lisboa, 1662, in-4.° Obra rara, de que ha um exemplar na bibliotheca nacional de Lisboa.

[2] *Relação diaria da jornada que a senhora rainha da Gran-Bretanha D. Catharina fez de Lisboa a Londres,* etc. 1662, in-4.°

REIS D'ARMAS, ARAUTOS E PASSAVANTES

(Vid. pag. 202)

II

ARAUTOS

Havia em Roma, no tempo da republica e do imperio, um cargo denominado *fetialis*, cujas funcções consistiam em levar, a pessoa que o desempenhava, mensagens e recados ao campo inimigo, ou onde quer que a mandava o consul, ou imperador, ou general romano, e em publicar, por meio de pregão, a paz e a guerra que o estado declarava, e as allianças que contrahia. Quando o *fetialis* ia em mensagem ao arraial inimigo, levava na mão um ramo de certa planta, a que chamavam *sagmina*, como divisa que o désse a conhecer, e dispozesse os contrarios a recebere-n'o amigavelmente.

Tambem na Grecia se achava estabelecido este uso, e, provavelmente, foi de lá que se introduziu em Roma, pois que os gregos precederam os romanos nos progressos da civilisação, e este ultimo povo procurou implantar no seu paiz as instituições e usos da Grecia; que mais accommodados lhe pareceram ao desenvolvimento da sua grandeza, do seu esplendor e prosperidade. Sendo, porém, eguaes as funcções, os gregos davam aos que as exerciam o nome de *caduceator*, proveniente da divisa que os distinguia, e que era um *caduceo* [1].

Com a queda do imperio romano acabou o cargo de *fetialis*, pois que os povos septentrionaes que destruiram o throno dos Cesares, não obstante tomarem para si algumas praticas e usos dos vencidos, não admittiram aquelle cargo.

Porém, decorridos muitos annos, tendo Carlos Magno fundado o grande imperio, herdeiro da gloria das aguias romanas, este monarcha adoptou varias praticas da antiga Roma, entre as quaes fez reviver o cargo de *fetialis*, mas com differente nome.

Pretendem alguns historiadores que o nome que então se lhe deu foi o de *herold*, dizendo que na lingua allemã quer dizer homem d'armas, significando com essa denominação que tal homem se empregava em negocios de armas ou da guerra. Outros escriptores sustentam que o imperador Carlos Magno chamou áquelles officiaes *heráos*, derivando este nome do vocabulo latino *heros*, heroe, em razão de se contar entre as obrigações dos referidos officiaes a de tomar nota das façanhas que se praticavam na guerra, para depois as apregoar, proclamando heroes os seus auctores.

Quanto a nós, parece-nos que o vocabulo allemão *herold* foi derivado de *heraus*, que no mesmo idioma tem duas significações — *ás armas* e *sair;* pelo que quadra perfeitamente o nome de *herold* ao homem d'armas, cujo officio é andar por fóra em mensagens. Os inglezes, que receberam este officio dos allemães, e que depois o transmittiram a Portugal, juntamente com os dos outros officiaes da armaria, chamam-lhe *herald*. É, portanto, esta a etymologia do nome de arauto, que entre nós se lhe deu logo que taes officiaes foram admittidos por el-rei D. João I.

Como dissemos no artigo antecedente, o arauto é o segundo dos officiaes da armaria, entre o rei d'armas e o passavante.

Já os nossos leitores sabem que são tres os arautos, e que se denominam Lisboa, Sylves e Goa.

Além de acompanharem os soberanos em todos os actos solemnes da corte, juntamente com os reis d'armas e passavantes, exerciam variadissimas funcções, como embaixadores, junto dos exercitos, e na qualidade de officiaes de cavallaria.

Consistiam as primeiras em ir declarar a guerra ou proclamar a paz nas cortes estrangeiras, e levar mensagens, publicas ou secretas, de um para outro monarcha. Desempenhavam as segundas, annunciando aos capitães e cavalleiros o dia destinado pelo rei ou general para o combate; caminhando, nas marchas dos exercitos, junto do estandarte real; procurando subir a um logar elevado, logo que principiava a batalha, para observar os que mais se distinguiam por seu valor, a fim de referir a el-rei os seus nomes; depois da batalha, levantando e recolhendo as bandeiras que estivessem no campo; contando os mortos; diligenciando fazer troca dos prisioneiros; presidindo á distribuição dos despojos e das recompensas; indo intimar as praças fortes para se renderem; publicando pelas principaes terras do paiz as victorias obtidas, e levando taes noticias aos soberanos amigos. Como officiaes da cavallaria, eram encarregados de annunciar as justas, torneios e desafios; de convidar as pessoas que ahi deviam comparecer; assignalar o campo e as liças do combate; chamar o aggressor e o defensor, marcando-lhes o ponto de partida, dando-lhes o signal para o rompimento da lucta, e animando-os com o grito de guerra de cada um d'elles. Por este serviço recebiam uma gratificação, paga pelos contendores, que era maior se combatiam com lança, e menor se pelejavam com espada.

Era tambem el-rei quem dava aos arautos a investidura do cargo e o nome por que haviam de ser designados. Celebrava-se este acto com o mesmo ceremonial, salvo algumas pequenas differenças, que descrevemos tratando dos reis d'armas.

O novo arauto era introduzido na sala e levado junto do throno pelo principal rei d'armas, que é o Portugal, na falta d'este o Algarve, e em ultimo logar o rei d'armas India. O arauto vinha com o vestido de passavante, sem cota nem brazão. Ajoelhado aos pés del-rei, e com a mão direita sobre o missal, que lhe era offerecido pelo mesmo rei d'armas, proferia o seguinte juramento, que, apesar de ser extenso, vamos transcrever, porque mostra com exactidão e miudeza as variadas e importantes funcções que em o nosso paiz, e nos outros reinos d'onde nos veiu este cargo, eram commettidas aos arautos:

«Juro aos Santos Evangelhos, nas mãos do rei d'armas Fulano, que bem, e fiel, e lealmente servirei a el-rei nosso senhor toda a minha vida, e me não mudarei, nem passarei para nenhum outro rei, nem principe; nem mudarei o nome que pelo dito senhor me é posto, resalvando, se para elle o dito senhor me der licença.

«Juro assim mesmo, que em qualquer maneira, e em qualquer tempo, que sentir damno ou proveito do dito rei nosso senhor, que a meu officio toque e pertença, o revelarei e direi a sua propria pessoa, ou a quem por elle me for mandado, resalvando em guerra, se o dito rei nosso senhor com algum rei ou principe a tivesse, ou com outra qualquer pessoa a que por meu officio sou obrigado a guardar segredo, assim a meu senhor como á parte contraria.

«Juro assim mesmo, que em todas as mensagens, recados, embaixadas de que for encarregado, assim pelo dito rei nosso senhor, como pelos que seu logar e mandado para elle tiverem, como de qualquer outro rei ou principe; posto que esteja em inimizade com o dito rei nosso senhor, farei verdadeiras e fieis relações: inteiramente direi e fallarei o que me for dito e mandado; e não accrescentarei, nem minguarei d'isso coisa alguma por odio, dadivas, nem promettimento, nem por outro respeito algum, e em tudo farei verdade, servirei fielmente, etc.

«Juro assim mesmo, que quando me achar em al-

[1] O caduceo era a insignia de Mercurio, personagem da fabula. Consta de uma vara com duas serpentes entortilhadas, e na parte superior duas azas.

gumas justas ou torneios, ou em guerras, escaramuças, desafios, assaltos, ou em quaesquer outros actos de guerra de qualquer sorte e qualidade que sejam, sempre diga fiel e verdadeiramente tudo aquillo que vir por meus olhos á boa fé, e sem engano, nem malicia, e sem accrescentar nem diminuir alguma coisa em nenhum modo que seja; e de tudo farei verdadeiro e fiel testimunho, sem tirar, nem minguar, nem accrescentar a honra, e louvor, e fama de nenhuma pessoa, por nenhum respeito que seja.

«Juro assim mesmo, que serei verdadeiro e leal, fiel, secreto a todo o estado de nobreza, e tudo o que for dito em segredo, não sómente n'estes reinos e seus senhorios, mas em qualquer outro reino em que me achar ou senhorio.

«Juro assim mesmo, que não farei desafio, nem intervirei n'elle entre nenhumas pessoas, de qualquer qualidade e condição que sejam, sem mandado especial del-rei nosso senhor.

«Juro assim mesmo, que qualquer dadiva, bem ou honra, que receber de qualquer rei, principe ou senhor, a que por el-rei nosso senhor for enviado, ou por quem seu logar e mandado para elle tiver, o direi a el-rei nosso senhor: e assim a quaesquer outros reis e principes, se por elles por isso for perguntado; não direi mais nem menos do que receber, nem me for feito por tal, que verdadeira e fielmente notifiquei a nobreza de cada um.»

Em razão de tão importantes funcções, gozavam os arautos de grande immunidade na guerra, sendo recebidos e despedidos do arraial inimigo ou da corte estrangeira com toda a cortezia e solemnidade.

Ao juramento seguia-se o baptisado, pela mesma fórma por que descrevemos o do rei d'armas. A copa ou taça com agua, que o copeiro-mór apresentava a el-rei para o baptismo, era de prata doirada, mas sem tampa. Depois do monarcha lhe ter lançado agua pela cabeça, impondo-lhe o nome da capital do reino de que ia ser arauto, o rei d'armas vestia a cota ao novo arauto e punha-lhe o brazão no peito, do lado direito. O copeiro-mór entregava-lhe a taça, como brinde; os outros officiaes da armaria publicavam em alta voz, por trez vezes, o nome do mesmo arauto, terminando a ceremonia com o beija-mão.

Não se podia ser nomeado arauto sem ter exercido por sete annos o cargo de passavante.

Existem na actualidade os tres arautos, com os nomes indicados, mas as suas funcções estão limitadas a irem na frente dos prestitos reaes, junto aos reis d'armas e passavantes, a pé ou a cavallo, segundo o modo por que caminha o prestito nas grandes solemnidades. Na acclamação dos soberanos, que ao presente é feita no palacio das cortes, reunidas ambas as camaras em sessão real, e assistindo el-rei sentado no throno, e cercado de toda a sua corte, logo que o presidente acaba de levantar o brado, acclamando tres vezes o novo soberano, saem da sala os arautos, e correm á janella principal do palacio, acompanhados dos outros officiaes da armaria e do alferes-mór do reino, e d'alli bradam tres vezes, em voz alta: «Real, real, real, por D. Fulano, rei de Portugal.»

Por fallecimento do soberano, na ceremonia da quebra dos escudos, de que trataremos em outra occasião, tambem são encarregados os arautos de annunciar ao povo a morte do monarcha.

As cotas dos arautos são similhantes ás dos reis d'armas. Nas insignias distinguem-se d'estes em trazer o brazão preso no peito, em vez de ser pendurado de um collar lançado ao pescoço; e em consistir o brazão sómente no escudo d'armas do respectivo reino, sem coroa.

Hoje não se fazem as ceremonias da investidura ou baptisado.

(Continúa) I. de Vilhena Barbosa.

A ROUMANIA OU MOLDO-VALACHIA

(Conclusão. Vid. pag. 185)

A Roumania, estendendo-se como em amphitheatro desde o Danubio até ao cimo dos montes Karpathos, póde dividir-se em tres regiões: a região montanhosa, rica de jazigos mineraes e vastamente coberta de arvoredo; a região das collinas, em que, segundo o velho conselho de Virgilio, campeia a vinha em toda a sua belleza; e a região das extensas planicies, onde se cultivam com especialidade os cereaes.

O aspecto das montanhas da Roumania é grandioso, e recorda, segundo dizem os viajantes, as lindas paizagens dos montes da Suissa. A sublimidade do espectaculo que apresentam os cimos d'essas montanhas é ainda realçada pela solidão quasi completa que n'ellas domina. A natureza existe alli em todo o seu rude esplendor e magestade.

Ensombrada em grande parte por vasto arvoredo, a região montanhosa da Roumania poderia ser manancial fecundo de productivas riquezas, se a falta de communicações não tornasse impossivel o aproveitamento regular das extensas florestas que a povoam.

A admiração do viajante e do explorador não desce de ponto quando da contemplação das bellezas que lhe descobre o horisonte passa ao estudo das riquezas que encerra o solo da parte montanhosa do paiz. De feito, é alli tão grande e tão variada a quantidade de jazigos mineralogicos, de muitos dos quaes se encontram visiveis indicios á superficie do terreno, que bastariam elles para constituir uma riqueza valiosissima, se não estivessem, a maior parte, virgens ainda do alvião do mineiro.

As condições naturaes do solo e do clima são muito favoraveis tambem ao desenvolvimento da vinha; e se a Roumania não é ainda considerada como um paiz vinicola de primeira ordem, é isso devido a algumas praticas nocivas, á pouca solicitude no tratamento das cepas, e ao methodo seguido no fabrico e na conservação dos vinhos.

Não obstante ser a producção dos cereaes e das forragens o objecto principal da agricultura do paiz, não é menor, n'este respeito, o atrazo dos processos de cultura, muitos dos quaes não differem sensivelmente dos empregados ha muitos seculos.

Quando o progresso economico do paiz levar o agricultor á adopção de machinas e instrumentos aperfeiçoados, e a facilidade das communicações aproximar os mercados dos centros de producção, a agricultura ha de attingir na Roumania o consideravel desenvolvimento que lhe proporciona a extraordinaria fertilidade do terreno. N'um paiz em que o agricultor não precisa empregar adubos para augmentar a força productiva do solo que cultiva; e em que as terras pobres e ingratas, ou que só produzem regularmente quando são em extremo beneficiadas, quasi não existem, a prosperidade da agricultura não póde ser ponto de duvida.

Tambem para auxiliar este progresso muito hão de concorrer os habitos e tendencias da população, cujo amor á vida agricola é digno de mencionar-se. Para os habitantes do campo é regra invariavel que seus filhos devem continuar, como elles, a cultivar a terra, e parece-lhes coisa censuravel quando algum vae nas cidades aprender arte ou mister alheio á agricultura. Mas o que mais do que tudo ha de servir para dar impulso aos melhoramentos agricolas é o espirito de associação, por assim dizer, inherente á natureza do agricultor da Roumania. É tão larga a applicação que alli se faz d'este salutar principio, que até os grandes possuidores de rebanhos tem por associados os proprios pastores.

Além das condições naturaes que deixâmos apon-

tadas, outras muitas contribuem para tornar a Roumania um dos paizes mais largamente dotados de elementos de prosperidade e de progresso.

Cortado por um grande numero de rios, que vão quasi todos lançar-se no Danubio, e collocado em uma posição geographica que bastante favorece o seu commercio externo, este paiz ha de necessariamente occupar de futuro um logar importante entre as nações civilisadas.

O caracter e os costumes dos habitantes da Roumania revelam, logo á primeira vista, ao observador menos perspicaz, um povo que a sujeição estrangeira tornou por muito tempo alheio aos progressos da civilisação. A liberdade não desvaneceu de todo ainda o cunho de abatimento moral que lhe imprimiram seculos de escravidão.

Como é natural n'um povo que a oppressão trouxe por tanto tempo estranho á civilisação, as superstições abundam na Roumania, e influem não pouco nos habitos e na vida dos seus habitantes. Aquellas que herdou dos seus antepassados, algumas das quaes revelam claramente origem romana, tem-se juntado não poucas das que lhe hão transmittido os povos visinhos e os invasores, e bastantes das feiticeirias e extravagancias dos ciganos, ou bohemios, que formam uma parte não pequena da população.

Nada nos dá tão poetica idéa do abatimento moral dos moldavos e dos valachos como a singular construcção dos cemiterios de aldeia. Alli os ornatos e os enfeites das cruzes que indicam as sepulturas contrastam singularmente com o profundo esquecimento a que ellas parecem condemnadas. Póde a hera entrelaçar-se á vontade em volta dos funebres monumentos, póde o vendaval despedaçal-os irreverente, e o tempo minar-lhes lentamente a base, que ninguem irá reparar taes estragos, nem impedir similhante destruição.

É raro que uma lagrima vá orvalhar um d'esses tumulos esquecidos, ou que junto d'elles se oiça murmurar uma prece.

É que a escravidão tornou este povo triste, resignado, e pouco sensivel ao temor da morte, que era, até ha pouco, para elle o unico meio de escapar ás tyrannias, ao imposto e ás alcavalas de toda a sorte.

O trajo dos habitantes da Roumania, principalmente o das mulheres, recorda, por vezes, os tempos da Grecia e de Roma.

Posto que varie bastante segundo as regiões, póde-se dizer que o trajo dos homens é geralmente uma camisola de panno branco, que desce até aos joelhos, e assenta sobre uma calça tambem branca e curta. Uma cinta de lã, de côres vivas, enrola-se em duas ou tres voltas á roda da cintura, e pende ao lado terminando por uma larga franja. Muitos usam tambem uma especie de jaleco aberto, muito largo, com gola direita, de panno preto, guarnecido de botões e de cordão de seda entretecido de fios de oiro. Os chapeos ordinarios são de pelle de carneiro, pretos ou brancos.

O trajo das mulheres compõe-se, em geral, de uma grande camisa de panno ajustada ao pescoço, de mangas largas, sem punhos, cingida ao corpo por um cinto, ordinariamente escarlate. É accessorio obrigado um avental de lã, quasi sempre bordado com ricos ornatos, e de côres e desenhos variados. Este avental pende quasi até aos pés, tanto adiante como atraz.

As mulheres casadas cobrem a cabeça com uma especie de toalha, que, depois de lhes emmoldurar o rosto, cae graciosamente entre os hombros.

As raparigas trazem quasi sempre a cabeça descoberta, coroada de flores, que lhes pendem, como cachos, por detraz das orelhas.

Os habitantes da Roumania são sobrios e laboriosos. A gente do campo nutre-se principalmente de legumes e de lacticinios, e, em logar de pão, come uma especie de bolo feito de farinha de milho, a que chamam *mamaliga*. A carne só apparece nas mesas nos dias festivos mais notaveis.

Os utensilios domesticos accusam o atrazo em que está ainda a industria n'este povo. A madeira substitue quasi completamente, na fabricação d'estes utensilios, os metaes, a loiça e o vidro, usados nos paizes mais civilisados.

Temos já por mais de uma vez alludido a costumes e tradições que revelam, sem questão, origem romana; porém longa descripção fariamos se quizessemos dar idéa perfeita da grande parte que ainda tem na vida d'este povo o elemento latino.

Por toda a parte se encontram ainda hoje na Roumania os vestigios do dominio romano, e não é difficil achar a correspondencia de muitas villas e cidades modernas com aquellas que fundaram os soldados e colonos saídos da antiga Roma.

A memoria de Trajano conserva-se como que divinisada na Roumania; o seu nome applica-se a tudo o que tem uma superioridade notavel em a natureza. Um monte que se eleva acima de outros é a torre de Trajano; o trovão é a voz de Trajano; a via lactea é o caminho de Trajano.

Muito longe poderiamos levar as nossas investigações ácerca da Roumania [1]; mas difficilmente chegariamos a dar ajustada e completa idéa do seu estado actual, qualquer que fosse o aspecto por que o encarassemos. A rapida transformação por que este povo está passando, graças aos salutares beneficios da liberdade, viria talvez contradizer ámanhã o que escrevessemos hoje.

Por toda a parte a febre do progresso, permitta-se-nos expressar-nos assim, se denuncía hoje na Roumania. Assim quasi sempre acontece aos povos que jazeram por muito tempo adormecidos á sombra nefasta do dominio estranho. O despertar para a liberdade e para a civilisação é n'elles geralmente epocha de desenvolvimento desordenado.

A legislação refunde-se em todas as partes, e os novos principios, travando lucta gigante com os habitos e as tradições, vão infundindo pouco a pouco a vida e a actividade n'essas populações enervadas por seculos de despotismo.

As cidades transformam-se, e os bairros elegantes e regularmente construidos vão tomando o logar ás ruas tortuosas e ás habitações miseraveis e immundas.

Os habitantes dos campos, livres da oppressora sujeição em que viviam, e tornados proprietarios de servos da gleba que eram, vão-se despindo da indolencia, do desleixo, do afferro ás praticas rotineiras, e adoptando os processos mais aperfeiçoados e as machinas mais convenientes para o progresso da agricultura.

A regeneração moral e economica manifesta-se em todos os sentidos. A instrucção publica tem obtido nos ultimos annos notavel e rapido desenvolvimento; as vias de communicação ordinaria são construidas em larga escala; os caminhos de ferro vão dentro em pouco inaugurar-se; a industria manufactureira, até agora desprezada e sem organisação propria, começa a ser objecto da geral attenção; tudo, finalmente, quanto póde contribuir para a civilisação e prosperidade d'este paiz está sendo estudado, emprehendido, levado a cabo com a actividade, o afan, a impaciencia, proprios de um povo que ainda ha pouco atirou de si as algemas com que durante seculos lhe haviam roxeado os pulsos, anniquilando-lhe ao mesmo tempo as mais nobres aspirações.

T. DE C.

[1] Os que desejarem ter mais amplo conhecimento dos paizes que hoje constituem a Roumania consultarão, com proveito, as seguintes obras:—*Provinces roumaines*, de Ubicini.—*La Roumanie*, de Vaillant.—*Voyage de Paris à Bucharest*, tomos XIII e XVII do *Tour du monde*.—Na *Revue des cours litteraires*, tomo III, dois artigos de Philarete Chasles sobre os Principados Danubianos.—*Notice sur la Roumanie*, obra publicada no anno passado em Paris, por occasião da exposição universal, primeiro concurso internacional em que a Roumania se apresentou.



Insurreição de Sokol (Servia)

A SERVIA

Desde o principio d'este seculo, o imperio ottomano tem visto subtrahirem-se quasi completamente ao seu dominio vastas e importantes provincias. A Grecia, a Roumania e a Servia vieram aggregar-se á grande familia européa, a que a Turquia só parece pertencer pelas relações geographicas. Pouco a pouco tem, na Europa, o crescente cedido o logar á cruz, e o despotismo musulmano recuado, mau grado seu, ante o pendão da liberdade, arvorado pelos povos que um jugo de ferro acurvára durante seculos.

A Roumania e a Grecia tiveram a auxilial-as nos seus patrioticos esforços para conquistarem a liberdade a intervenção de algumas potencias européas; a Servia, porém, póde orgulhar-se de haver ella só por si conquistado a independencia.

Sujeita desde 1459 ao dominio turco, a Servia começou em 1800 essa lucta heroica de muitos annos, terminada por fim, graças ao patriotismo e ao valor de seus filhos, pela libertação do paiz. Foi principalmente á indefessa perseverança do famoso Jorge Petrovitch, cognominado *Czerni*, isto é, o *negro*, que ella deveu a sua liberdade.

Votando aos turcos, desde a infancia, um odio de morte, bem cedo formou elle o projecto de libertar a sua patria.

Collocando-se á frente da insurreição que levantára voz contra o pachá de Widin, Czerni conseguiu em pouco tempo ver repercutir-se em todo o paiz o grito de independencia. Seculos de oppressão não tinham sido capazes de extinguir n'este heroico povo o sentimento da liberdade.

Nem sob o jugo pesado do dominio turco haviam os filhos da Servia olvidado nunca as velhas canções populares que lhes recordavam os feitos memoraveis dos seus antepassados.

Czerni senhoreou-se de Belgrado em 1806, e bateu depois successivamente, em muitos encontros, os exercitos que a Turquia contra elle enviou.

Seguiram-se pequenas tregoas, durante o tempo em que a Turquia hesitou se devia ou não reconhecer a independencia do principado.

Depois de negociações com vario exito, rebentou de novo a guerra em 1813; e com tal impeto cairam sobre a pobre Servia os exercitos de Mahmoud, que todos os esforços foram impotentes para conservar a independencia conquistada.

Czerni soube, é verdade, fazer pagar caras aos musulmanos as victorias alcançadas; mas teve a final de ceder e de refugiar-se na Austria, deixando outra vez algemada a patria a que tanto queria.

A insurreição, porém, estava só apparentemente suffocada. Em 1815 Miloch levantou de novo o grito da revolução, e a Servia correu prompta ao seu chamamento. Os turcos foram obrigados a evacuar o paiz depois de derrotas successivas.

A paz externa trouxe, porém, as discordias civis. A Servia não parecia completamente satisfeita com o homem que se pozera á sua frente, e não era pequeno o numero dos que desadoravam o patriotismo d'aquelle que tinham visto n'outro tempo em trato amigavel com os dominadores. Informado do descontentamento geral que havia contra Miloch, Czerni voltou então do seu desterro; mas o alfange musulmano, ou antes talvez o punhal de algum emissario de Miloch, deu-se pressa em assassinar aquelle que só meditava projectos de independencia, e que não recuaria ante as mais arrojadas emprezas para dar perduravel liberdade ao seu paiz.

Para desenhar o caracter singular do heroe da independencia da Servia, um facto unico servirá melhor do que longas narrações. Czerni mandou matar seu proprio irmão, por ter este attentado contra a honra de uma donzella!

Livre do seu rival, Miloch achou-se mais á vontade para proseguir nos seus planos de ambição. Depois de ter suffocado differentes conspirações e revoltas, algumas das quaes tinham por fim assassinal-o, viu em fim coroados os seus desejos, sendo eleito pela assembléa nacional, reunida em Kragouïevatz em 1827, principe da Servia.

Pelo tratado de Adrianopolis, em 1829, a independencia do principado foi reconhecida, reservando-se a Turquia o direito de conservar guarnições em Belgrado e outras cidades.

Mas a independencia da Servia não estava completa. Muitas provincias que tinham ficado sob o dominio da Turquia suspiravam por gozar tambem da liberdade que fôra conquistada por seus irmãos. A insurreição continuou, pois, a lavrar, e os turcos foram obrigados a ceder em 1830 mais seis districtos, que foram encorporados á Servia.

A intolerancia musulmana, a differença de religião e patriotismo dos filhos da Servia, tinham de antemão disposto por tal fórma as coisas, que a Turquia não pôde evitar os successivos revezes que lhe arrebataram parte do territorio em que até então dominára.

A revolta de Sokol e a resistencia dos turcos á intimação para sairem da cidade foram um d'esses muitos episodios do segundo periodo da gloriosa guerra da independencia da Servia, em que o patriotismo soube sempre superar os maiores obstaculos e inutilisar os planos melhor combinados pelo despotismo musulmano.

Sokol era a capital de um dos districtos, ou *nahias*, em que se dividia a Servia durante o tempo em que esteve sujeita ao imperio ottomano. A sua fortaleza, assentando em um rochedo que topeta com as nuvens, era então considerada inexpugnavel.

Em consequencia dos successivos augmentos de territorio, a Servia comprehende actualmente uma extensão de 40:000 kilometros quadrados e cêrca de um milhão de habitantes, contando n'este numero os estrangeiros e os bohemios.

Desde 1830, este paiz tem notavelmente progredido, graças ao bom acolhimento prestado a todas as idéas civilisadoras, e a todos os inventos e melhoramentos da Europa culta.

O principe Miguel Obrenovitch, ha pouco assassinado, e que succedêra em 1860 a Miloch, seu pae, era muito popular na Servia, e todas as povoações slavas da Turquia tinham posto n'elle as esperanças da sua futura liberdade e regeneração.

Se a Servia está destinada a ser o centro de um novo imperio slavo, realisando assim as aspirações de independencia de algumas provincias ainda sujeitas ao dominio musulmano, não é coisa facil de prever; mas o que é certo é que a Europa não tem visto sem alguma inquietação o afan com que este pequeno estado, seguindo o exemplo das nações civilisadas, vae armando o seu exercito e fornecendo os seus arsenaes, como se se preparasse para alguma proxima lucta.

Registe-se, porém, para honra d'este paiz, que, se as armas lhe merecem attenção especial, as letras não andam descuradas, antes com desvelado amor são alli hoje cultivadas e favorecidas.

Quando os turcos foram expulsos do paiz, quasi ninguem na Servia sabia ler nem escrever. O principe Miloch nem sabia assignar o seu nome. Hoje ha alli trezentas setenta e sete escholas de instrucção primaria, quatro escholas technicas, seis gymnasios, um seminario, e uma academia que comprehende as faculdades de direito, de sciencias e de philosophia.

Um povo que em pouco mais de trinta annos tem feito tanto a favor do derramamento da instrucção, não é muito de suppor que empregue contra a liberdade as espingardas de Chassepot ou os canhões Armstrong, que parecem trazer inquietos ás vezes os politicos das grandes nações européas.

T. DE C.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 210)

XIII

AO CAIR DAS FOLHAS

A vida dos dois amantes corria febril e impaciente desde que deixaram de ir regar as roseiras á ermida de Santo André. Pedro amava apaixonadamente a moça; esta julgava corresponder-lhe com o mesmo ardor.

Quando á tarde o joven pescador voltava do mar alto, da pesca do safio ou da pescada, apenas a terra se avistava começava elle a acenar com o barrete para os lados onde suppunha que a donzella andaria a pastorear os gados. Os companheiros motejavam-n'o amigavelmente, dizendo-lhe que endoideceria com aquelles destemperos; que a moça não podia ver de tamanha

distancia nem sequer o barco, quanto mais o barrete.

Mas, como todos estimavam o rapaz pelas suas excellentes qualidades, não iam os gracejos até ao ponto de o offender, o que elle tambem não supportaria, porque era valente e bom jogador de pau.

Maria, que andava quasi sempre com as vaccas, apenas o sol começava a declinar procurava os pastos nas collinas e oiteiros mais visinhos das praias; e, mal via ao longe uma vela, punha de parte a roca que trazia na cintura e acenava com o seu lenço encarnado ao amador distante.

Os campos tornavam-se cada vez mais aridos; a terra ia sempre mudando de aspecto; as plantas começavam a desfallecer; as arvores largavam lentamente, e uma a uma, as folhas amarelladas; o vento léste tinha desapparecido, e o nordeste começava a esfriar a atmosphera. A natureza entrava n'uma das suas transformações — a mais dolorosa de todas — para receber o inverno.

Uma vaga tristeza assaltou o espirito de Maria Palmeiro diante d'esse quadro que se lhe deparava por toda a parte. Pela primeira vez na sua vida olhou com terror em torno de si e avaliou a sua situação. Das sepulturas de seus paes e padrinhos, fechadas havia seis mezes, ergueu-se uma como nuvem que lhe envolveu o coração e lhe arrasava a todos os momentos os olhos de agua: era a saudade. Viu-se só, e a sua esperança toda, que consistia em casar com Pedro, parecia-lhe por vezes bem pouca coisa para affrontar as tristezas da vida. Como atravessaria um longo e aborrecido inverno em casa de seus amos, que a estimavam, é certo, mas que não eram pae nem mãe, para a acarinharem e apertarem contra si quando ás noites o vento furioso sacudisse e abalasse as portas e as casas? Como supportaria o labor dos campos nas manhãs de neve, e as chuvas geladas nos dias de tempestade? Se ao menos tivesse Pedro ao pé de si para a animar... Mas Pedro andava ainda mais exposto nas aguas do mar, em risco de perecer a toda a hora, sem lhe poder ao menos dizer o adeus extremo!

Tristes reflexões lhe inspirava a presença do outono! Só aos domingos é que tinha uns longes da sua antiga alegria, quando ia á Povoa de Varzim aviar as compras semanaes para a familia a quem servia. Pedro acompanhava-a então na ida e na volta, a pretexto de que tambem tinha que ir mercar, e que preferia ouvir a missa na egreja de Nossa Senhora das Dores.

Então conversavam os dois á farta, e faziam mil projectos ácerca do futuro, que, todavia, ainda estava bem longe.

Um domingo, quando vinham a entrar na aldeia, disse o rapaz:

— Ó Maria, nunca mais tornaste a ir ver as roseiras?

— Eu não. E tu?

— Tambem não.

— Vamos lá esta tarde?

— O sr. padre Manuel prohibiu-nos...

— Vou pedir-lhe licença.

— Não t'a dá.

— Aposto que dá!

— Aposto que não!

— E se der, vaes commigo?

— Se der... mas é que não dá, que o sei eu.

— E se der?

— Vou.

— Está dito. Vae já pedir a teus amos, porque ás quatro horas passo por lá.

— Pois sim. Adeus, que é tarde.

Pedro foi direito a casa do padre, que estava jantando, e fez-lhe o seu pedido.

— Homem, eu tenho minhas dúvidas... Sósinho não te pego; vae quando quizeres.

— Por isso é que lhe vim pedir... porque não queremos faltar ao que promettemos.

— N'esse caso, e para lhes mostrar quanto approvo o seu procedimento, irei eu tambem.

Pedro fez uma careta.

— Não gostas, hein? Velhaco!... É assim que reconheces a minha amizade?

— Oh! sou muito seu amigo!... mas...

— Mas dispensas a minha companhia quando tens a de Maria Palmeiro? Bem sei. Não te chega o tempo dos passeios á Povoa para o que tens a dizer-lhe!

— É que...

— Sim, sim; não ponhas mais na carta. Pois dou licença, mas aconselho-te a que não tornes a pôr o braço á roda do pescoço da cachopa, nem tomes outras familiaridades.

— O sr. padre viu?! gaguejou o rapaz rubro de pejo.

— Vi; e se torno a ver quebro-te as costellas.

— Juro-lhe que nunca mais lhe bulo.

— Vão lá com Deus, e vê o que fazes.

— Sou um homem de bem.

— Bem sei; aliás mota-te com pauladas e não te dava aquella joia. Ouviste, meu pateta? aquillo é uma joia!

— Oh! se é!

Pedro saiu a correr, jantou e foi logo buscar a moça, que, não esperando que o padre consentisse no passeio, ficou admiradissima com a apparição do rapaz.

— Então?

— Vamos.

— Pois elle?...

— Consentiu.

— Ora essa! Estás certo do que dizes?

— Jurarei, se quizeres.

— Não é preciso. Como elle é que quer, vamos lá.

— Pois tu não querias?...

— Eu sei! elle tinha-me dito... em fim, vamos.

Partiram.

A tarde estava aspera e o ceo entre nuvens. A noite anterior tinha sido tempestuosa, e o mar andava cavado e batia com impeto furioso nos rochedos.

— Parece-me que tão cedo não se póde ir á pesca, disse o rapaz quando saíam de Avelomar pela estrada da terra. Se não estivesse o tempo assim, iamos pelo areial, que é mais bonito.

— Mas cança mais. Eu não posso andar na areia muito tempo. Se gostares, viremos á volta por lá; e quando eu cançar mettemo-nos outra vez na estrada.

— Pois sim. O vento está a querer saltar para o noroeste; se muda, ficam bem aviados os que vão n'aquelle navio.

— Por quê? Achas que haveria perigo para elles?

— E grande. Com o nordeste já vão andando afastados da terra e rompendo sempre para o norte, que é, ao que parece, o seu caminho; mas se o vento rondar para o noroeste ou para o oeste, é capaz de atirar com o navio sobre a costa sem lhe dar tempo para se safar.

— Deus se compadeça dos que lá vão, e de todos quantos andam sobre as aguas do mar!

— Amen!

— É verdade; hontem estiveste tu em perigo?

— Apanhou-nos o temporal muito ao largo; mas a Senhora das Neves ouviu-nos a tempo.

— Que susto que eu tive, Pedro!

— Por mim?

— Por ti... e por todos.

Quando chegaram á capella de Santo André, tornaram a ver o navio já muito perto dos rochedos, que defronte mesmo da capella de Santo André são enor-

mes, e entram no mar até grande distancia da praia. O vento tinha effectivamente dado um salto para oeste.

Pedro apercebeu-se logo do perigo em que estavam os navegantes, mas calou-se para não assustar a moça, e foi com ella ver as roseiras.

Os arbustosinhos haviam obedecido á lei commum: ambos se tinham despido, e pareciam adormecidos, encostados um ao outro. O que tinha sido dado pelo padre a Maria não tinha nenhuma folha. O de Pedro conservava um olhinho verde e viçoso, e cada vez que o vento os sacudia parecia este querer enroscar-se no outro. Dir-se-hia que era o amante que velava e pretendia amparar a sua amada contra os rigores da estação.

Pedro notou e fez notar á sua companheira esta circunstancia.

— A minha paixão até aqui se mostra, dizia o mancebo; a minha roseira está ainda viçosa, e a tua já não dá signal de vida; a minha quer abraçar-se na tua quando as sacode o vento, e a tua parece fugir-lhe ou recebe com indifferença os testimunhos do meu cuidado! Deus permitta que não sejam estas roseiras as imagens do nosso amor!

A paixão tornava-o eloquente, e inspirava-lhe palavras que lhe permittiam exprimir-se de um modo delicado.

Sem perguntar, porém, a si mesmo d'onde lhe vinham estes talentos inesperados, o rapaz tentava enleiar a sua roseira na de Maria de modo que o vento as não podesse separar.

A moça ria, contente por se saber objecto d'aquelles esforços; e parecia gostar da resistencia que offerecia o seu arbusto.

— Amarra-a, disse ella; verás que não torna a fugir-te.

— Só assim! exclamou o moço aproveitando-se da idéa. Só amarrada te poderei chamar minha!

— E, meio despeitado, meio orgulhoso, arrancou uma fita do collete e atou as roseiras uma á outra.

— Só assim, certamente! lhe tornou a moça. Pois que é o casamento senão uma prisão? O sr. padre Manuel não amarra a gente na egreja?

Pedro ergueu-se mais satisfeito com a comparação.

— Lá isso é assim! Lembras bem, cachopa! Ora faça Santo André com que nós nos amarremos depressa como estas roseiras ficam amarradas.

— O tempo vae-se tornando muito feio! Vamos-nos embora, Pedro, antes que nos apanhe por aqui alguma trovoada.

— Vamos.

— Pelo areial; tu gostas mais do que pelo caminho, onde faz hoje muita lama.

— Não; vamos pela estrada.

— Pois não me tinhas dito?...

— É que se chover... pela estrada é mais abrigado.

— É verdade; e o navio? Já o não vejo!

Para que a donzella não fosse testimunha do perigo que corriam os navegantes, quizera o rapaz evitar a volta pela praia; mas, com a pergunta que ella fez, olhou tambem para o mar e não viu a embarcação. Os rochedos eram muito altos, mas não tanto que podessem encobril-a. Pedro correu afflicto para o areial e Maria seguiu-o.

Apenas se afastaram da ermida e subiram aos primeiros penedos, um espectaculo terrivel lhes feriu cruelmente a vista. A escuna tinha batido n'uma pedra e partíra-se instantaneamente pelo meio. A parte da prôa desfez-se logo, caíndo os mastros do gurupez e traquete com todo o panno e apparelho. A pôpa conservava-se ainda inteira, com o mastro em cima, a vela grande atravessada ao vento, e uns poucos de homens agarrados aos destroços, que de momento a momento iam desapparecendo. O mar andava cheio de fragmentos de madeiras, vergas, caranguejas, taboas, moitões, cadernaes, pipas, caixas, e homens, que tentavam em vão luctar com as ondas e vencer a distancia que os separava da terra. Essa distancia não era difficil de ganhar para bons nadadores, mas, infelizmente, a costa estava inaccessivel pela braveza das vagas. N'aquelle ponto não ha senão penedias inexpugnaveis, e tudo quanto dellas se aproximava era fatalmente esmagado.

Uma rajada furiosa inclinou o resto do navio sobre a pedra onde estava encalhado, e ao mesmo tempo uma onda enorme cobriu-o todo, embrulhou-o no rolo e fel-o desapparecer.

Por espaço de alguns minutos não se viu mais nada senão a espuma que fervia em torno do rochedo; d'ahi a pouco surdiu um homem nadando na direcção do sitio onde estavam Pedro e Maria. Todos os outros haviam-se sumido para sempre.

Maria Palmeiro cobriu o rosto com as mãos e fugiu espavorida para longe do rochedo.

Pedro gritou ao nadador desconhecido, fazendo porta-voz com a mão:

— Para o sul! para o sul! Por traz d'esses penedos ha um abrigo e uma praia de agua morta!

O naufrago não ouviu, talvez por causa do ruido produzido pelos bramidos do mar e do vento; ou não tinha já forças para seguir o conselho do moço pescador. Continuou a nadar direito ás penedias em cujo vertice estava o rapaz. A morte era infallivel para elle, porque lhe sería impossivel escalar o granito; e, antes que tivesse achado um apoio a que segurar-se, sería esmagado como o tinham sido os seus companheiros.

— Volte para o sul! tornou a gritar-lhe Pedro. Olhe que a primeira onda mata-o contra as pedras!

Era já tão perto, que o nadador respondeu com voz que foi distinctamente ouvida:

— Já não posso; faltam-me as forças!

Maria, ouvindo esta declaração angustiada, subiu novamente, e ao mesmo tempo o seu noivo deixava-se escorregar pela rocha, que o mar e o tempo tinham polido como um espelho, e precipitava-se no abysmo.

A donzella soltou um grito ao vêl-o mergulhar, e ia perder os sentidos e cair, quando se sentiu amparar por traz. Abriu os olhos e reconheceu o padre Manuel.

— Animo, filha! Bravo, rapaz, bravo! Dou-te a minha palavra de que te caso dentro de um mez! Assim! Levanta-lhe mais a cabeça e nada para o sul! Olha uma onda muito grande, Pedro!... Não lhe escapa, e morrem ambos! Ah!... O diacho é o rapaz! Muito bem! Com a fortuna... Aposto que não ha peixe que nade melhor do que elle! Cachopa! Torna em ti; olha que já estão quasi em terra; anda; vamos acudir-lhes.

Desceram e foram correndo para a lingua de areia do lado do sul, onde começa a praia da Aradinha.

(Continúa) F. Gomes de Amorim.

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 121)

XII

Viram os nossos leitores, nos capitulos antecedentes, a relação das magnificas funcções feitas á custa do thesouro portuguez no reino e no estrangeiro durante o curso de vinte e dois annos, que tantos se contam desde janeiro de 1707, em que se fez a acclamação del-rei D. João v, até janeiro de 1729, em que se realisou o encontro e visita das duas familias

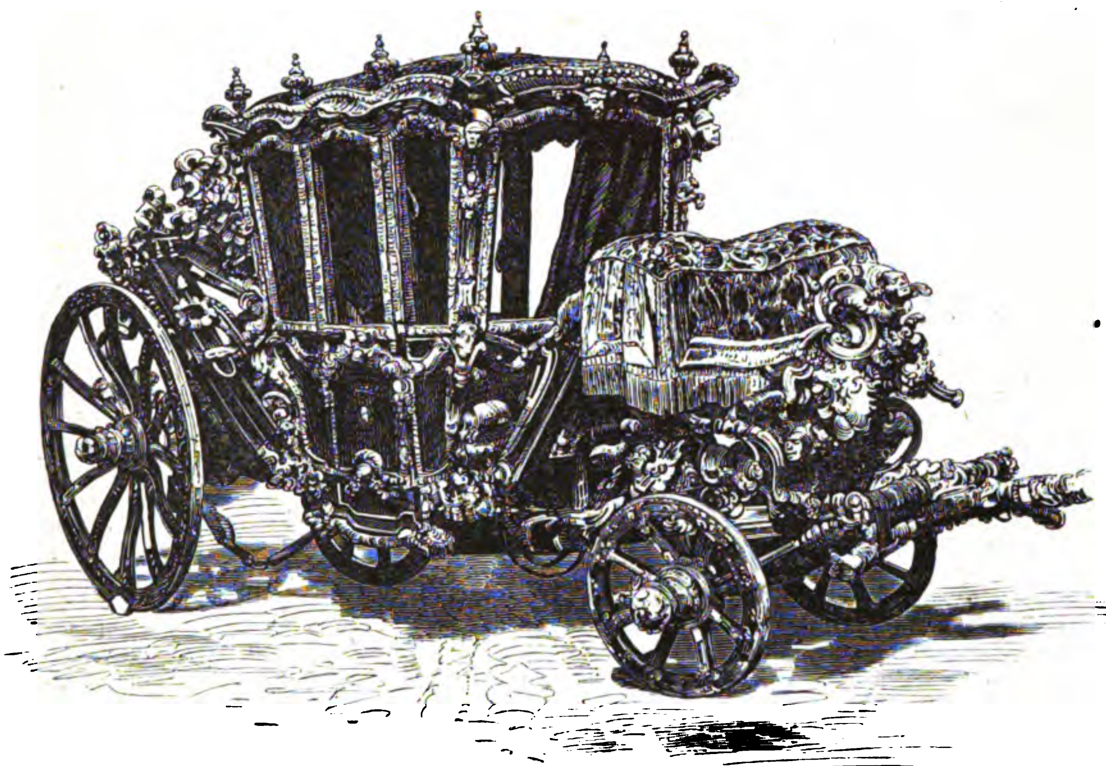
reaes da peninsula sobre o Caia, e se celebraram os consorcios dos principes do Brasil e das Asturias.

Foram essas funcções, não ha dúvida, as maiores e mais custosas solemnidades, propriamente da corte, ordenadas por el-rei D. João v em todo o seu reinado. Porém, para complemento do quadro que nos propozemos a traçar, embora ligeiramente, seria preciso que lhe accrescentassemos uma succinta descripção das sumptuosissimas festas com que o mesmo soberano fez solemnisar o lançamento da primeira pedra nos alicerces da real basilica de Mafra, em 1717, e a sagração d'este templo, em 1730. Sería mister que dessemos ao mesmo tempo uma idéa da organisação da antiga patriarchal, e das preeminencias que para ella obteve el-rei D. João v do summo pontifice, em virtude das quaes o patriarcha de Lisboa celebrava pontifical com tanta grandeza e apparato, que nenhum outro prelado da christandade via o seu solio cercado de tão grandes esplendores e exaltado a tão altas prerogativas, para cada uma das quaes se expediu uma bulla pontificia, paga a peso de oiro.

Era indispensavel tudo isto para que se podesse formar um juizo aproximado do luxo e magnificencia da corte del-rei D. João v.

Todavia, reservaremos para outra occasião descrever as duas pomposas festas de Mafra, e fazer uma abbreviada historia da capella real dos nossos soberanos, elevada por el-rei D. João v ás subidas honras de santa egreja patriarchal.

Agora é tempo de concluirmos este artigo, que já vae bastantemente longo, dizendo alguma coisa das gravuras que o tem acompanhado.



Coche de gala que pertenceu ao infante D. Francisco, irmão del-rei D. João v

XIII

Luiz XIV, rei de França, foi, como todos sabem, o soberano que nos tempos modernos adquiriu maior celebridade pelas pompas de que cercou o seu throno, e pela riqueza, brilho e apurado gosto das festas com que abrilhantava a miude a sua corte.

Esta vida de ostentações e prazeres, e os triumphos das armas da França, que a todo o instante faziam refulgir a coroa de Luiz XIV, tornaram este monarcha alvo da inveja de todos os principes da Europa seus contemporaneos.

Não invejaria, talvez, o engrandecimento da França o soberano que tinha debaixo do seu sceptro, além do pequeno reino de Portugal, tão vastas possessões na America, na Africa, na Asia e na Oceania. Não cubiçaria, certamente, as riquezas de nenhum potentado da terra quem tinha ao seu dispor as opulentas minas de oiro e de diamantes do Brasil. Pouco se importaria da gloria militar quem amava a paz como o maior beneficio que um monarcha póde conceder aos seus subditos. Mas o que D. João v invejava a Luiz XIV era o fausto de seu viver, o luzimento das ceremonias e das festividades régias, que tão longe faziam soar os primores e excellencias da corte franceza.

Seguindo-lhe as pisadas em todas as ostentações da vaidade, el-rei D. João v gastava prodigamente os dinheiros do estado para o egualar, pelo menos, quando não podesse excedel-o na sumptuosidade das construcções, no apparato das solemnidades e na riqueza das equipagens.

Porém debalde se exhauria o thesouro real, porque não havia no paiz, nem se podia comprar com oiro, a vivacidade, o genio folgazão, as graças do espirito, a elegancia dos ademanes, o bom gosto artistico, em fim, todas estas circumstancias e outras mais, que, sendo prendas habituaes da corte de Luiz XIV, davam infinito realce ás festas de Versalhes, de sorte que nenhumas outras se lhes podiam comparar em qualquer paiz da Europa.

Porém no que o soberano de Portugal logrou exceder o de França foi na opulencia do estado com que saía em publico nas grandes solemnidades, tanto em terra como no mar. N'este ponto nenhuma casa real podia competir com a portugueza.

Os coches, mais ou menos ricos, eram em tal quantidade, que, perdendo-se muitos do serviço diario por occasião do terremoto de 1755; levando o principe regente para o Brasil em 1807 quarenta e tantos coches; sendo enviados para o Rio de Janeiro mais alguns depois de 1834, a titulo de partilhas, pelo fallecimento de sua magestade imperial o sr. D. Pedro, duque de Bragança; tendo sido vendidos outros, por se acharem deteriorados, sob o governo da rainha a sr.ª D. Maria II; e achando-se muitos em total ruina nas cocheiras do Calvario, ainda existem trinta e nove nas cocheiras ha pouco reedificadas na calçada da Ajuda.

O estado real de mar correspondia ao de terra na riqueza e numero das galeotas, saveiras e escaleres, como em outro logar demonstrámos [1].

Apesar de haverem concorrido para tamanha destruição e desbarato causas tão poderosas como um terremoto, uma grande invasão estrangeira, e esse sabido desleixo, que é um dos defeitos mais pronunciados e fataes da indole portugueza; apesar de tudo isso, aquelles restos das passadas grandezas da nossa corte surprehendem e maravilham os estrangeiros que os contemplam, porque em nenhuma outra parte tem visto tantos e tão soberbos coches de gala.

O que é, todavia, muito para lamentar é que não se salvassem, juntamente com essas preciosidades, as noticias historicas respectivas a cada uma d'ellas.

Deviam existir escriptas, sem dúvida, na repartição das reaes cavallariças. Não admira, porém, que essas se perdessem, tendo sido destruidos pelo terremoto de 1755 os paços da Ribeira, onde se achava estabelecida aquella repartição. E foi tambem nas cocheiras d'estes paços, e nas do contiguo palacio da Corte Real, onde foram feitos pedaços e reduzidos a cinzas os coches que acima dissemos terem-se perdido por occasião d'aquelle cataclismo.

Mas o que não póde deixar de causar admiração é que, achando-se os coches de gala, n'aquelle infausto anno, nas cocheiras reaes do Calvario, mandadas edificar por el-rei D. João V, e tendo escapado de ruina esse edificio, e por conseguinte ficado incolumes os criados a quem estava confiada a guarda e conservação de todos aquelles objectos valiosissimos [2], se perdessem as memorias tradicionaes; pois que taes criados tinham servido a el-rei D. João V, fallecido em 1750, e alguns existiriam ainda do tempo em que se estreiaram os coches mais ricos d'aquelle soberano.

É certo que outras desgraças contribuiram para similhante perda, taes como a partida da familia real para o Brasil, com a qual foram alguns criados que não voltaram; as nossas revoluções politicas, que afastaram das diversas repartições da casa real muitos servidores antigos, de todas as cathegorias; e, finalmente, o estado de quasi abandono e meio desprezo em que os coches de que tratâmos jazeram nas referidas cocheiras, esquecidos ou ignorados dos proprios habitantes da capital. E, na verdade, não era no longo espaço de tempo, que assim estiveram, de perto de meio seculo, desde o anno de 1807, em que a familia real partiu para o Brasil, até ao de 1845, em que a rainha a sr.ª D. Maria II se lembrou de mandar restaurar alguns d'aquelles coches para servirem na solemnidade do baptisado da sr.ª infanta D. Antonia; não era em taes circunstancias, dizemos, que se podia esperar que se conservassem ou revivessem as memorias tradicionaes, cuja falta deplorâmos. N'estes casos só a concurrencia de visitantes, só o conhecimento e apreço do publico poderiam estimular a curiosidade e diligencia dos empregados da casa real que tinham sob a sua inspecção e guarda tão precioso deposito.

[1] Vid. pag. 65 do vol. X.

[2] No Calvario, em Alcantara e suas visinhanças, causou o terremoto pequenos estragos. O palacio e convento das Necessidades nada padeceram.

E tanta verdade ha no que acabâmos de expor, que, tendo-se facilitado ao publico a entrada nas cocheiras reaes, o augmento progressivo dos visitantes; o apreço e admiração que manifestam á vista de tanta riqueza e primores artisticos; e varios artigos publicados pela imprensa por occasião das festas em que serviram os ditos coches restaurados, excitaram, em fim, aquella curiosidade e diligencia, fazendo tambem com que se olhasse com olhos desvelados pela conservação e boa ordem d'essas magnificas antigualhas.

Reedificaram-se, ha pouco mais de um anno, as cocheiras reaes da calçada da Ajuda, ficando em boas condições de luz e de ventilação, o que inteiramente faltava nas do Calvario; e para alli foram removidos todos os coches que estavam n'este ultimo deposito, exceptuando alguns em completa ruina; e os dezeseis coches restaurados por occasião do mencionado baptisado, e do casamento del-rei o sr. D. Luiz I com a rainha a sr.ª D. Maria Pia de Saboya; os quaes se achavam nas cocheiras reaes de Belem, junto ao Tejo.

Foi um grande melhoramento; importante para a casa real, porque assim poz a bom recato, salvando de destruição certa, mais ou menos proxima, muitos objectos de infinito apreço e de subido valor; e muito importante para a cidade, porque, sendo pobre de bons monumentos de arte, tem alli para mostrar aos numerosos estrangeiros, que diariamente a visitam, uma collecção de coches riquissimos, como se não encontra em outra parte.

Collocando-se então os coches em certa ordem, pozeram em cada um, no panno da almofada do cocheiro, um pequeno letreiro designando o reinado a que pertence, e com a indicação da data do começo d'esse reinado. E a isto se póde dizer que estão reduzidas, geralmente fallando, quasi todas as noticias que ao certo se sabem, se, com effeito, ha certeza em todas aquellas datas.

Entre tantos coches, alguns ha que, por divisas, brazões d'armas ou outros signaes, se lhes conhece a origem; taes como os que trouxeram para este reino as princezas que vieram esposar os reis D. Pedro II, D. João V, D. José I, e o principe D. João, depois rei, 6.º do nome; e bem assim o que o papa Clemente XI enviou de presente a el-rei D. João V. Quanto aos mais que alli existem, desde o que se attribue a el-rei D. Filippe III de Castella até ao fim do reinado del-rei D. José I, é escura a sua historia, são escassas e pouco explicitas as noticias que a seu respeito constam tradicionalmente. Por em quanto, por mais que temos vasculhado, ainda não conseguimos descobrir luz bastantemente clara que nos possa guiar os passos com segurança em tão intrincado labyrintho.

Todas as grandes solemnidades da corte, religiosas e nacionaes, que se celebraram em Portugal no reinado de D. João V, tiveram numerosos chronistas que as descreveram, e a muitas d'ellas com minuciosa individuação. Porém, tratando dos coches reaes, nas funcções em que elles figuraram, limitam-se a enumeral-os, e a encarecer a riqueza dos principaes, em phrases genericas, sem particularisar circunstancias por onde se possam reconhecer.

Não succedeu o mesmo com os coches d'essas sumptuosas embaixadas que el-rei D. João V enviou a differentes soberanos, e de que fallámos a pag. 23 e seguintes.

A magnifica entrada publica e solemne do conde da Ribeira Grande em Paris, no anno de 1715, como embaixador de Portugal, teve nada menos de tres escriptores, dois portuguezes e um francez, que publicaram extensas narrações d'ella, com uma descripção muito miuda de cada um dos coches de que se compunha o prestito. Intitulam-se esses livros: *Relação da entrada publica que fez em Paris o conde da Ribeira*, por Alexandre de Gusmão; *Noticia da embai-*

xada do conde da Ribeira em Paris, por Ignacio Barbosa Machado (irmão do auctor da *Bibiliotheca lusitana*); e *La clef du cabinet des princes de l'Europe*, vol. XXIII.

A famosa embaixada de André de Mello e Castro á corte de Roma ainda ficou mais bem memorada, porque, além da descripção mui circunstanciada em um livro rico e nitidamente impresso em Paris, saíu adornada de gravuras, grandes e excellentes, de todos os coches do embaixador portuguez (*Relação da viagem do embaixador André de Mello e Castro á corte de Roma, por embaixador extraordinario del-rei D. João* V *á santidade de Clemente* XI).

Quem ler essas descripções e examinar com attenção as ditas gravuras, facilmente reconhecerá, visitando as cocheiras reaes da calçada da Ajuda, que nenhum d'aquelles coches se acha n'este deposito.

Tambem nada se encontra, que possa elucidar a questão, nos livros que historiam e descrevem as embaixadas que foram á Allemanha, enviadas pelos reis D. Pedro II e D. João V, para solicitarem para o primeiro d'estes soberanos a mão da princeza D. Maria Sophia de Neoburgo, e para o segundo a mão da archiduqueza D. Maria Anna d'Austria; e que depois as conduziram a Lisboa.

Na falta, portanto, de noticias authenticas, forçoso é recorrer a conjecturas, mais ou menos bem fundamentadas.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

O INSTITUTO DE FRANÇA

As principaes sociedades litterarias, scientificas e artisticas da França são cinco, e comprehendem, ha já bastantes annos, sob o nome collectivo de *instituto*, a academia franceza, a academia das sciencias, a academia das inscripções e bellas letras, a academia das sciencias moraes e politicas e a academia das bellas artes. A séde d'estas varias corporações é em Paris, e no palacio conhecido com o nome do celebre cardeal Mazarino. Daremos ácerca de cada uma resumida noticia.

A *academia franceza* [1] foi creada pelo cardeal Richelieu. Pensava este perspicaz ministro estabelecer em solidos fundamentos o credito e a preponderancia da França ao par de outras nações européas, não só pelas argucias da diplomacia e pelos feitos do exercito, mas tambem pela influencia da lingua e da litteratura; e sabendo que alguns escriptores, á similhança do que já se praticava no tempo de Ronsard, se reuniam regularmente em casa de um d'elles para discutirem assumptos litterarios, lembrou-se de dar existencia legal a esta especie de associação.

Desde o seculo XII que em França havia umas reuniões litterarias, em que se conferiam premios a certos poetas, principalmente aos que compunham poesias á Virgem, como para animar os trovadores. Mas foi só no terceiro quartel do seculo XVI que essas assembléas litterarias adquiriram maior importancia, porque, em 1570, o celebre poeta Pedro de Ronsard, desejando regenerar e enriquecer a lingua franceza, fundou em Paris uma sociedade de escriptores, a que deu a denominação de *academia para o estudo da lingua franceza*, e, segundo consta de memorias escriptas, ainda existia esta sociedade litteraria no anno 1585, em que o mesmo poeta Ronsard se partiu d'este mundo.

Como diziamos, o cardeal Richelieu, achando bom o pensamento, e para satisfação da sua vaidade, que n'este caso não deixou de ser muito util ás letras francezas, quiz, para assim o dizer, continuar a academia de Ronsard.

Com effeito, a 2 de janeiro 1635 a academia franceza recebeu a sua confirmação em carta régia assignada do punho de Luiz XIII.

O primeiro e especial encargo que quizeram dar á academia franceza foi o de depurar e fixar a lingua; mas a primeira edição do diccionario da academia só veiu á luz da publicidade passados trinta e nove annos depois da sua fundação, ou em 1694.

Durante o periodo da revolução, a academia, accusada por seus sentimentos exaggeradamente monarchicos, ou antes mal considerada por ser um centro de aristocracia intellectual, foi supprimida por decreto da Convenção de 1793, e em 1795 encorporada no instituto nacional com a denominação de *classe da lingua e litteratura francezas*. A restauração, porém, deu-lhe novamente a organisação que tinha desde o principio; e as revoluções de julho, de fevereiro e do segundo imperio nada mudaram n'essa organisação. Em 1835 appareceu a sexta edição do diccionario (a ultima até hoje), com uma introducção da penna de Villemain, que é realmente um dos trabalhos notaveis e valiosos de tão insigne e conspicuo litterato.

A academia franceza compõe-se de quarenta membros, a que chamam os *immortaes*. São nomeados por eleição, e os candidatos só vão occupar as cadeiras dos que fallecem depois de terem propriamente solicitado essa honra. Se a eleição os favorece, a confirmação de tal acto pertence ao monarcha. Logo que baixa sanccionada a eleição, é destinado o dia da entrada, o que se faz com solemnidade, e ao novo academico cumpre então ler o elogio do socio seu antecessor na mesma cadeira. Cada membro titular da academia tinha um honorario de 1:500 francos, ou, aproximadamente, 270$000 réis por anno.

Até o segundo quartel do seculo XVII, a academia mandava convidar os homens de letras cujas obras honravam a nação e os auctores, para lhes conferir o titulo de socio; ou recebia os socios quando o rei ou os ministros se lembravam de dar essa honra a algum afilhado ou favorito, que, felizmente para a academia, tinham quasi sempre altas qualidades scientificas ou litterarias, ou, na falta d'estas, muito elevada posição na corte.

Succedeu, porém, que em 1644 ou 1646, tendo apparecido as *Confissões de Santo Agostinho* traduzidas por Arnauld d'Andilly, que á sua capacidade litteraria juntava prendas moraes de subido quilate, os academicos quizeram ao seu lado tão esclarecido varão e offereceram-lhe uma cadeira; mas Arnauld d'Andilly recusou o offerecimento com certo desdem [1]; e isto, considerado acto de irreverencia para com tão alta associação, deu causa a que a academia reformasse o seu regulamento, para que não entrasse d'alli em diante nenhum litterato sem que elle propriamente solicitasse tamanha honra.

Como em geral os litteratos francezes entram para a academia quando estão muito adiantados em annos, e, por consequencia, quasi inhabeis para o trabalho, alguns tem chamado a esta corporação o *hospicio dos invalidos da litteratura*.

E tem razão. Eis a prova: suppondo que n'estes ultimos cinco annos não falleceu nenhum dos 40 aca-

[1] Em um artigo do *Magasin Pittoresque*, de 1833, lê-se, ácerca da fundação do instituto, o seguinte: «A instituição das academias em França data de Carlos Magno. As lições de Pedro de Pisa e a influencia do celebre inglez Alcuino fizeram d'aquelle grande monarcha um amigo das letras: estabeleceu no seu palacio uma academia, de que foi membro, e lançou os primeiros fundamentos da lingua franceza. Um seculo depois de Carlos Magno, a França tornou-se quasi barbara, e com ella todo o Occidente, e foi então que Alfredo, rei de Inglaterra, ao mesmo tempo poeta, musico, guerreiro, sabio e legislador, instituiu a famosa academia de Oxford. Sem fallar das brilhantes academias de Granada e Cordova no tempo dos moiros na Hespanha, nem das que se diffundiram na Italia pelo renascimento das letras, chegaremos á creação da academia franceza, que foi a primeira que se fundou entre as que compõem hoje o instituto.»

[1] Antes de traduzir as *Confissões*, Arnauld d'Andilly retirára-se para Port-Royal. Dizem que quando lhe foram offerecer a cadeira da academia franceza, respondeu com sorriso: «Não temos, porventura, uma academia em Port-Royal?

demicos, achâmos no principio d'este anno (1868) o seguinte quadro das edades dos immortaes:

De mais de 90 annos	....	1
» 80 »	....	6
» 70 »	....	12
» 60 »	....	15
» 50 »	....	4
» 40 »	....	2
		40

O mais velho dos academicos, isto é, o decano, era Viennet, que contava 91 annos; depois seguia-se-lhe o general Ségur com 88; Barante com 86; Dupin-ainé com 85; o duque de Broglie e Lebrun com 83; Guizot com 81; Villemain, Lamartine e Berryer com 78; etc. Os mais novos eram Augier, o neto do celebre Pigault-Lebrun, que contava 48 annos; e o principe de Broglie, primogenito do duque de Broglie, que contava 47 annos.

Antes de publicarmos os nomes dos illustres litteratos que occupavam as cadeiras da academia franceza em 1864, daremos noticia da origem d'estas cadeiras, celebres na historia litteraria da França.

Conta-se que adoecendo o cardeal d'Estrées, que era assiduo ás sessões da academia, conheceu elle que as cadeiras não offereciam o commodo que os seus achaques e a sua edade exigiam: pediu por isso licença para mandar de casa uma cadeira de braços, que, de certo, pouca differença tinha da que então só usava o director ou presidente da academia. Soube-o Luiz XIV, e vendo que tal distincção, posto só fosse nas cadeiras, podia alimentar invejas entre os academicos, ordenou que se fizessem quarenta cadeiras eguaes, muito commodas, e assim confirmou a egualdade na sala das sessões da academia.

(Continúa) BRITO ARANHA.

PORTUGAL

CURIOSIDADES NATURAES

(Vid. pag. 171)

V

CACHOEIRAS E PESQUEIRA DO TELHADO

No districto de Braga, concelho de Cabeceiras de Basto, ha uma freguezia denominada S. Martinho do Arco de Baulhe, ou Bagulhe. Compõe-se de 241 fogos e de 959 moradores, divididos por differentes aldeias. Estende-se esta freguezia pela raia das provincias do Minho e Traz-os-Montes, de modo que, na antiga demarcação, entrava nos limites de ambas.

Pelo lado do norte cérca as terras d'esta freguezia uma ribeira, que tem o seu nascimento dentro do mesmo concelho de Cabeceiras de Bastó. É pobre de aguas, e por sua pobreza nem nome tem. A pouca distancia da sua origem recebe o tributo de outra ribeira, tambem pequena e sem nome. Confluem no sitio chamado Vau. Correndo assim reunidas de norte a sul, e formando uma só ribeira, vae esta dividindo a freguezia do Arco de Baulhe da de Santa Marinha de Pedraça, até que, chegando ao logar do Arco, é atravessada por uma ponte de cantaria, antiga e de um só arco, do qual provém o nome á visinha aldeia.

A ponte dá passagem á estrada que por esta parte communica a provincia do Minho com a de Traz-os-Montes.

A ribeira, engrossando de espaço a espaço em seu caminho com as levadas e arroios que por ambas as margens n'ella se vão lançar, desagua no rio Tamega. Mas pouco antes da sua foz, levando já curso arrebatado e grosso volume de aguas, com que se formam varios açudes e moem muitas azenhas, faz a ribeira, em toda a largura do seu alveo, um salto em duas cachoeiras, precipitando-se a corrente de uma altura de dois metros e meio.

É de si mui formosa esta cascata, pelo effeito lindissimo que produzem aquelles dois lençoes de mui cristallinas aguas, desdobrando-se magestosamente de cima do seu leito de rocha, e caíndo franjados de alvissimas escumas. Mas ainda a fazem mais formosa os verdores de ambas as margens da ribeira; os viçosos prados do valle em que ella corre; a penedia que se ergue sobranceira á cascata; em fim, o pittoresco e risonho da paizagem que por todos os lados a cérca.

Não se despenha n'aquellas cachoeiras toda a agua da ribeira. Uma porção, antes de chegar ao precipicio, mas junto d'elle, escoa-se pelas fendas da rocha, e, correndo em occulto canal por baixo de grandes penedos, vae surgir além, como olho d'agua que alli rebenta. E como se estas perspectivas não bastassem para encanto dos olhos de quem as contempla, outro espectaculo natural alli se offerece, que, dando a todo o quadro singular animação, recreia e enleva sobremaneira as pessoas que o presenceiam. Consiste o espectaculo nos saltos que as trutas dão, vindo do Tamega, para passarem para além das cachoeiras.

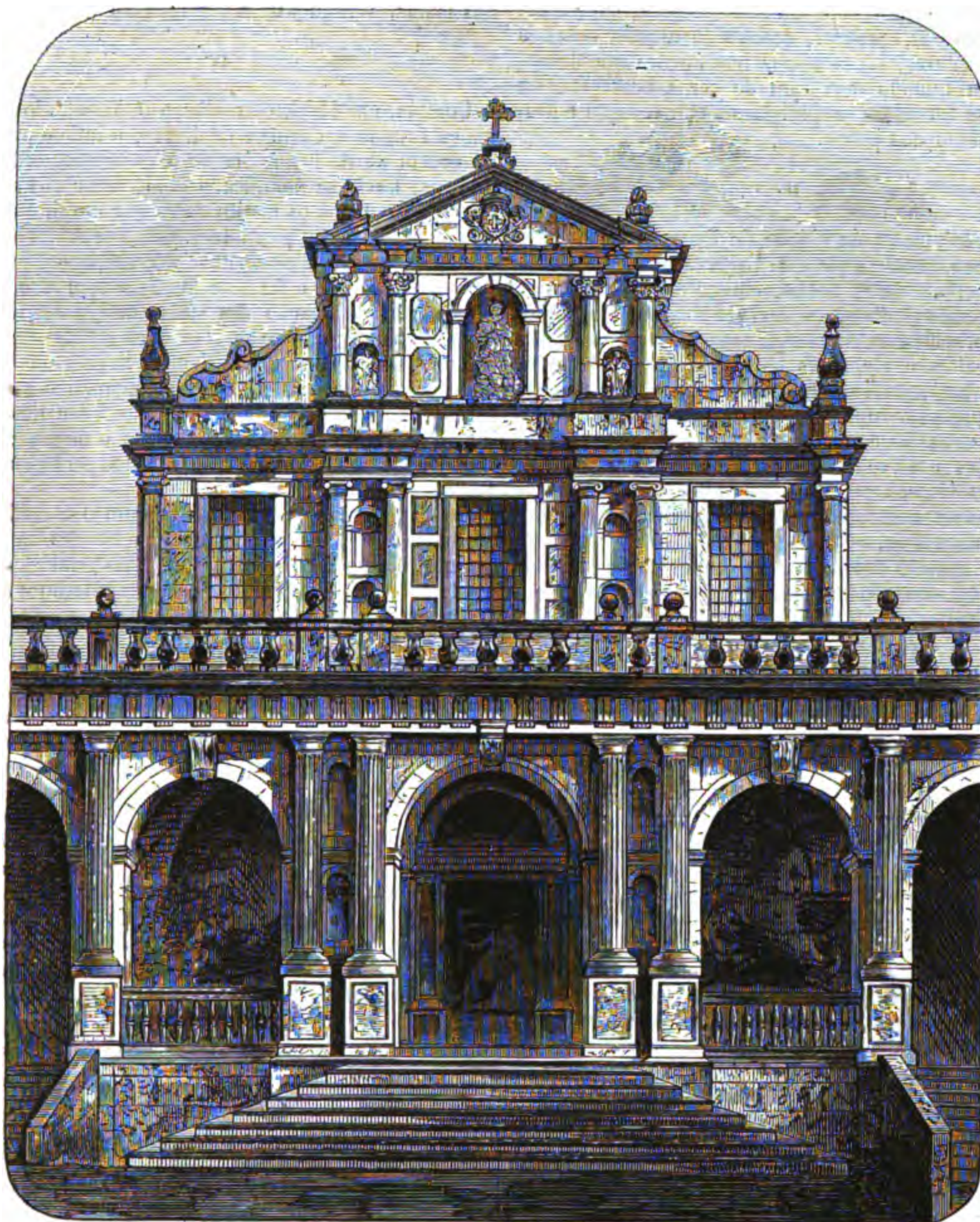
As trutas, como os nossos leitores sabem, frequentam de preferencia os rios onde ha cachoeiras, que ellas possam saltar, ora contra, ora a favor da corrente. E n'este sitio, tanto da sua predilecção, dão saltos admiraveis, arremessando-se a tão grande altura, e com tal esforço e precisão, que alcançam galgar a cascata, caíndo na parte superior do rio, e cortando logo por elle acima, a despeito da impetuosidade da corrente, que é sempre mui grande no sitio em que se despenha.

Do Tamega, onde se cria diversidade de peixes, sobem por aquella ribeira muitos barbos, bogas e trutas; d'estas ultimas em tanta quantidade, que, principalmente no estio, nos dias de maior calor, investem a cada instante as cachoeiras, saltando aos pares umas após outras.

Nas occasiões em que mais abundam, concorre gente das visinhanças para gozar d'esta vista curiosa, e tambem para as pescar. Os primeiros sobem a umas penhas, cortadas a prumo sobre as cachoeiras, e de uns nove metros de altura, d'onde se desfructa perfeitamente aquella maravilhosa gymnastica das trutas. Os segundos vão collocar as suas redes de arco em uma pesqueira visinha, que é um bocal formado pelas rochas sobranceiras ao logar onde as trutas saltam com mais frequencia, caíndo muitas facilmente na rede.

Chamam-se as cachoeiras e a pesqueira do Telhado em razão de pertencer a ultima ao senhor da casa denominada do Telhado. I. DE VILHENA BARBOSA.

Dos portuguezes effeminados dizia o bom padre Manuel Bernardes, na sua *Floresta*, o seguinte: «As espadas degeneraram em cotós, e os capacetes se trocaram em perucas: já o pente, em vez de se fincar na barba ensanguentada, se finca publicamente na cabelleira, alvejando com polvilhos. Cheiram os homens a mulheres: não a Marte, mas a Venus. Quem havia de imitar ao grande Albuquerque, prendendo a barba no cintó, se já não ha novas de cintos, nem de barbas? Quem havia de sair aos leões em Africa, se é mais gostoso estar no camarote em Lisboa gracejando com as farçantes, e atirando-lhes já com chistes, já com dobrões? ou como se haviam adestrar em ambas as sellas, andando pelas ruas bamboleando nas seges? Amolleceu-nos a infusão dos costumes estrangeiros, que venerámos, devendo aborrecel-os: e nós, que estâmos no fim da terra, ficâmos no meio do mar de suas depravações.



Fachada principal do convento da Cartuxa de Evora

CARTUXA DE EVORA

I

Ha trinta e quatro annos que foram supprimidas em Portugal as ordens religiosas.

Quando nos esquecemos dos males que fizeram, para sómente nos lembrarmos dos bens que produziram, entristece-nos a sorte das communidades, que por tantos seculos illustraram a patria com muitos varões insignes em letras e virtudes. Não é, porém, o mesmo lamental-as que desejar-lhes a restituição. Essa condemnâmol-a por incompativel com as condições actuaes das sociedades modernas.

Se as aspirações de todos os povos se traduzem hoje n'estas tres palavras —liberdade, trabalho, progresso—, quem ha de contrarial-as a ponto de as querer substituir pelas cadeias, contemplação e immobilidade da vida claustral? Se o augmento de população é uma das bases mais seguras da força e prosperidade das nações, quem ha de pugnar pelo celibato de muitos milhares de individuos, sequestrados do mundo pelas paredes sombrias dos conventos? Se, finalmente, ninguem duvida que os homens seriam felizes se praticassem á risca a maxima sublime do Evangelho —faze aos outros o que desejas que te façam—, quem poderá querer que muitos d'elles se apartem aos logares retirados e digam aos seus similhantes: «Trabalhae, caminhae, pensae por nós; cultivae a terra com o suor do vosso rosto para nos alimentardes; callejae as mãos nos processos da industria para nos fabricardes vestidos e objectos de que precisâmos; cançae o espirito, cobri-vos de cãs no estudo e solução dos problemas economicos e outros para nos assegurardes a paz e a tranquillidade; fazei tudo por nós, que a todo o vosso movimento, que nos sustenta e fortalece, correspon-

derá a nossa improductiva, constante e inabalavel inercia?»

O tempo dos frades passou. As congregações religiosas parecem-nos hoje tão anachronicas, tão impossiveis, como as cruzadas, como a cavallaria, como as ordens militares, como outras instituições que desappareceram quando deixaram de ser necessarias, ou quando se tornaram prejudiciaes á conservação e desenvolvimento dos povos.

II

A um kilometro da cidade de Evora, para a parte de noroeste, está a quinta da Cartuxa, antiga residencia de monges de S. Bruno, e hoje principio de uma eschola regional. Passa-lhe ao lado a estrada de Montemór, guarnecida de choupos e acacias. Á direita aprumam-se altos e elegantes os arcos do aqueducto. Á esquerda prolongam-se até grande distancia vastos ferregiaes planos e uniformes. Em frente empola-se o terreno, arqueia-se em numerosos oiteiros povoados de azinhos e oliveiras por entre as quintas e casas com seus viçosos pomares. Nos altos os moinhos de vento rodam com inalteravel monotonia as grandes velas triangulares.

É um passeio deleitoso pelo fim da tarde, quando os ultimos raios do sol doiram as eminencias, e enchem os valles, os arvoredos e as casas de mysteriosas sombras. Á essa hora, propria para a meditação e recolhimento, encaminhemo-nos á Cartuxa. Os portaes estão patentes, os muros derruidos, os pateos cheios de herva; tudo nos indica um grande edificio ha muitos annos deshabitado.

III

Entremos no convento. Eis aqui novas paredes derrocadas, abobadas abertas ou abatidas, claustros sombrios, cellas que, na crescente ruina, conservam ainda os vestigios da solidão e penitencias de seus antigos moradores.

Essas poucas reliquias, que o tempo não acabou de destruir, desapparecerão em breve, quando as necessidades da civilisação moderna fizerem consummar este novo sacrificio das memorias saudosas do passado. N'um dia mais ou menos proximo, o visitante não encontrará n'aquelles logares, outr'ora consagrados á oração e penitencia, senão as simples e modernas construcções dos estabelecimentos agricolas, que transformam já na actualidade uma parte do edificio.

Se então viver ainda, porventura, algum dos antigos monges de S. Bruno, e entrar na casa onde passou melancolicos os dias da mocidade, achará, em logar dos canticos entoados com voz grave e triste na egreja, o ruido das machinas; em vez de longas meditações e austeras disciplinas no silencio das cellas, os estudos e trabalhos dos cultivadores nas aulas e nos campos; em vez de longos noviciados de jejuns e penitencias, a aprendizagem dos alumnos, entregues desde manhã até á noite aos lavores da agricultura.

Que sensações não experimentará esse homem reconstituindo de memoria o passado e comparando-o ao presente! Quantas lagrimas lhe não hão de correr pelas rugas que a mão do tempo e a indifferença dos homens lhe cavaram nas faces! E em sua edade avançada, cheio dos desenganos da vida, acabrunhado de desgostos, emmagrecido talvez pelo soffrimento da fome, terá a corajosa abnegação de nos perdoar a nós, os homens do progresso, o havermos-lhe destruido o seu rude ninho de abrolhos, roubando-lhe os companheiros da juventude e fechando-lhe a campa onde afim iria repoisar? Poderá ver com sua vista cançada a importancia social da substituição, que nos não faz a nós esquecer, de todo, o sublime valor com que elle e outros homens do passado renunciavam aos commodos, aos gozos e prazeres da vida secular, para se cobrirem de borel e cingirem de cilicios, e se castigarem com jejuns e penitencias, e viverem na solidão das cellas, verdadeiros sepulchros de vivos?

IV

Quando, em 1598, o arcebispo D. Theotónio de Bragança fundou a Cartuxa de Evora, a indole primitiva da ordem de S. Bruno, como a das outras ordens religiosas, havia-se modificado pelo correr dos seculos. S. Bruno e todos os instituidores que durante a edade média adoptaram a regra de S. Bento seguiam o exemplo e os preceitos d'este patriarcha, empregando-se nos trabalhos ruraes, e fazendo tambem com que fossem a principal occupação das suas communidades. Aos grandes beneficios que prestaram os cartuxos e outros monges, na França e nas demais nações da Europa, aperfeiçoando a agricultura e arroteando o solo, não foram inferiores os que Portugal recebeu dos frades de Alcobaça, de Lorvão, de Tibães, e de outros mosteiros e conventos que existiam já nos primeiros seculos da monarchia.

Mas as riquezas adquiridas fizeram o trabalho desprezivel ás ordens religiosas, e a indolencia subsequente, dissimulada e justificada pelas praticas da vida contemplativa, foi o principio da degradação e a causa da quéda em que se precipitaram.

Assim, na epocha da fundação da Cartuxa, os frades, cedendo ao espirito dominante em todas as religiões, entregaram-se mais ao ascetismo da contemplação que ao trabalho util da agricultura. Isto foi no seculo XVI. A geração do seculo XIX pretende transformar as antigas cellas em aposentos de alumnos que aprendam os processos da agricultura, e se edifiquem moralmente, e se robusteçam physicamente com os trabalhos dos campos. A nova instituição — coisa notavel! — virá talvez a assimilhar-se mais á que S. Bruno fundou nas montanhas de Saboya pelos annos de 1082, que a degenerada imitação do arcebispo D. Theotonio. Salvar-nos-ha a geração do seculo XIX da decadencia a que nos arrastou a do seculo XVI? Tem força para tanto. Deus permitta que lhe não falte a vontade.

(Continúa) A. Filippe Simões.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 218)

XIV

UM RIVAL PESCADO NO MAR

Pedro tinha-se deitado ao mar, levado pelo generoso impulso de acudir ao desconhecido, prestes a succumbir por falta de forças.

O nadador avelomarense, cujo vigor para luctar com as ondas já conhecemos de muito, chegou no momento em que o naufrago se deixava afundar. Empolgou-o pela gola do collete, suspendeu-o acima d'agua, e, nadando, ora de lado com uma só mão, ora de costas, conseguiu dobrar o cabo formado pelos rochedos de Santo André e chegar felizmente á terra.

O padre Manuel metteu-se ao mar de sapatos e batina, e recebeu nos braços o desconhecido, que vinha sem sentidos. Depois de o pôr na areia enxuta, voltou-se para Pedro, abraçou-o com as lagrimas nos olhos, abraçou Maria, que tambem chorava de alegria, e, apresentando-a ao seu namorado, disse:

— Pedro, meu filho, dou-te licença que a abraces e que lhe dês um beijo.

O rapaz não esperou o fim do discurso. Atirou-se á moça como um lobo esfaimado e beijou-a muitas vezes. Ella córava... e deixava.

— Basta! Agora não lhe tornes a tocar antes de casar... que será breve. Corre a casa e traze algum do teu fato para vestir este pobre moço, que ha de andar pela tua edade; e traze tambem uma garrafita com aguardente. Vae depressa, completa a boa acção que começaste.

O rapaz partiu a correr, para voltar mais breve para junto da sua amada. O padre virou o naufrago com o rosto para o vento.

— É um bello moço! Ajuda aqui, cachopa; esfrega-lhe ahi esse pulso em quanto eu esfrego este. É lindo! E muito bem trajado! É talvez um fidalgo!

— Ai! como é bonito! exclamou Maria, que até então tinha estado a olhar para o caminho que Pedro seguira. É perfeito homem! Nunca vi nenhum assim! Parece uma cachopa disfarçada!... que eu nunca as vi tão lindas!

Tomou-lhe a mão para lhe esfregar o pulso, como lhe ordenára e estava fazendo o cura.

— Ih! Jesus! Que mãos tão finas! Não ha mercador na Povoa com ellas assim! Que unhas tão côr de rosa! Isto não são mãos de quem trabalha! Ai! Senhor! Que boca tão pequena e que rosto tão galante!

— Deixa de m'o namorar e esfrega-lhe o pulso, disse o padre sorrindo; senão, olha que faço queixa ao Pedro...

O naufrago abriu os olhos, que eram azues, grandes, bellos e rodeados de longas pestanas. Fitou-os na moça camponeza, depois no padre, e tornou a olhar para Maria, como se achasse prazer em contemplal-a. Esta fez-se muito vermelha e largou-lhe a mão, mas sem tirar os olhos d'elle.

— Acha-se melhorzinho? perguntou o padre Manuel.

— Muito melhor... acho-me bom, e bem...

Sentou-se na areia e olhou á roda de si.

— Quem me salvou? Pareceu-me ter visto um moço que me gritava do alto do rochedo...

— Já vem; foi buscar roupa para o senhor mudar e aguardente para o aquecer. É o noivo d'esta pequena.

— Ah!

Maria mudou novamente de côr e baixou os olhos.

— Quem sabe lá! disse ella comsigo.

O padre tornou a perguntar:

— Acha-se então melhor?

— Um pouco... Onde estava eu? Que terra é aquella que se vê lá em baixo?

— É Avelomar.

— Bonito nome! Avelomar? A quantas legoas fica o Porto?

— Cinco.

— Valha-me isso! Não escapou ninguem mais do navio em que eu vinha?

— Ninguem mais... infelizmente. São frequentes por aqui estes desastres quando faz tempo como o de hoje; e é raro escapar alguem. O senhor de certo teria a sorte dos outros se Deus não tivesse permittido que se achasse alli...

— O noivo d'esta menina, interrompeu o desconhecido. É a quem devo a vida.

— Deve-a tambem em parte ao sr. padre.

— A mim? Como?

— Porque se tivesse negado a licença que Pedro lhe pediu, não teriamos vindo a Santo André.

— Ah! sim!... é verdade.

E accrescentou mais baixo:

— Por causa das dúvidas, segui-os de longe. Não ha que fiar em rapazes... nem mesmo em raparigas.

O moço naufragado ergueu-se cambaleando.

— Sinto-me um tanto frio, disse elle; se o sr. padre tivesse a bondade de me dar o braço, iriamos andando para a povoação. Tenho pressa de me aquecer e de escrever para o Porto.

O padre Manuel amparou-o e pozeram-se todos tres a caminho para Avelomar.

— Seria bom mandar alguem vigiar estas praias, disse sorrindo o desconhecido; póde ser que as minhas malas se lembrem de apparecer por ahi á minha procura, e quem as achasse fazia-me um grande favor em trazer-m'as.

— Não o diga brincando, respondeu o velho cura; ás vezes chegam á praia os bahus fechados, tendo-se apenas molhado a roupa. Vou mandar recado ao regedor para que trate de guardar a costa, a fim de serem arrecadados todos os objectos que apparecerem; e eu mesmo voltarei dentro em pouco para tratar de enterrar os corpos que vierem á terra. As suas bagagens tem algum signal por onde possam ser differençadas das dos outros?

— Tem escripto com tinta o nome de Carlos Eugenio Ferreira, e por baixo Londres.

— Bem; se apparecerem, talvez não perca tudo.

— Carlos Eugenio? É o seu nome? perguntou timidamente a donzella.

— É. Sou filho de um negociante de Lisboa, e saí ha tres dias do Tejo, com destino para Inglaterra. A noite passada quizemos refugiar-nos do temporal, entrando no Porto; mas o mar era muito na barra, e não podémos tomal-a. Resolvemo-nos a ir para Vigo, e seguiamos soffrivelmente o nosso rumo, quando se notou que o navio tinha agua aberta. Quizemos virar para tentar novamente a barra do Porto, porém o vento tinha saltado para oeste e atirou-nos sobre um cachopo, no momento em que viravamos de bordo. O navio partiu-se em dois, espedaçando-se logo a parte da prôa, onde estava n'esse momento metade da tripulação; a outra metade ficou á ré, com o capitão, o piloto, outro passageiro e eu. O capitão dizia que se a pôpa se aguentasse até baixa-mar, sairiamos todos a pé enxuto. Infelizmente, apenas elle tinha pronunciado estas palavras, uma vaga muito grande esmigalhou os restos da escuna, como se fosse um cesto de vime; e eu fui arrastado, por entre mil destroços, com uma capoeira de gallinhas, a que me tinha agarrado. Vendo a terra perto, e confiando nas minhas forças e agilidade, larguei a boia que o acaso me tinha concedido e nadei com rapidez para a praia. Só muito perto, e quando já estava cançadissimo, foi que notei a impossibilidade de escalar os rochedos. Ia, pois, ser esmagado contra elles, quando o meu generoso salvador, com perigo da propria vida, se atirou ao mar para me acudir.

Pedro, que chegava a correr, ouviu estas ultimas palavras e respondeu com alegre franqueza:

— Eu estava fresco de forças e o senhor muito estafado. O que fiz fazia-o vossemecê no meu logar.

Carlos Eugenio abraçou-o cordialmente, replicando:

— Quem sabe? Os bons julgam que os outros tem como elles nobres sentimentos; mas convem não confiar demasiado nas pessoas que não conhecemos. Em todo o caso, devo-lhe a vida; o que fez por mim, as palavras que ha pouco disse, e a lealdade que se manifesta em todas as suas feições, fazem-me aspirar á sua amizade. Dê-me a sua mão.

Pedro estendeu a mão, sem comprehender bem metade do que dizia Carlos Eugenio. Este apertou-lh'a, dizendo com effusão do coração, que parecia sincera:

— De hoje em diante considere-me seu irmão. Chamo-me Carlos Eugenio Ferreira; sou filho unico, e meu pae é muito rico. Disponha de mim e de tudo quanto eu tiver, e cada vez que lhe for necessario um amigo verdadeiro encontral-o-ha n'aquelle que salvou da morte.

Pedro estava maravilhado do que ouvia; o padre Manuel enternecido; Maria enthusiasmada.

— O sr. Carlos diz coisas lindas; mas eu sou apenas um pobre pescador que mal sabe ler, e não fiz coisa que mereça esses agradecimentos. Qualquer da minha terra faria o mesmo que eu fiz.

— Pedro tem um nobre coração, senhor, disse o cura. É a todos os respeitos digno da sua amizade, porque merece a minha. E folgo de ver que o sr. Carlos Eugenio sabe apreciar-o, porque tem uma alma egual á d'elle.

Maria não se fartava de mirar o joven lisboeta e de repetir comsigo a cada instante:

— Meu Deus! Como é lindo moço!

— Pedro, disse Carlos bebendo um golo de aguardente que lhe apresentára o moço pescador, trata-me por tu e chama-me teu irmão, se quizeres que eu seja teu amigo e te agradeça o favor que me fizeste.

— Homem, pois eu hei de atrever-me?!...

— Que dúvida tens? Não te trato eu já assim?

— Lá isso é verdade... mas o senhor é outra coisa.

— Qual senhor?... Se não me fazes este pequenino sacrificio, julgo que me não queres para amigo porque te envergonhas da minha amizade.

— Não diga isso!... não digas isso! replicou calorosamente o rapaz. Honras-me muito até! Está dito, com os diabos! Vá feito como tu queres; trato-te como rapaz cá da terra, e já não ha mais vós, nem vossa senhoria, nem vossemecê!

— Assim é que eu quero. Agora previno-te de que não hei de morar senão em tua casa em quanto cá estiver, para te ter sempre ao pé de mim.

— Ó moço, isso agora é mais serio! A minha casa é pobrissima, eu vou todos os dias ao mar, e ficarias só... e aborrecido.

— Eu lhe farei companhia, disse o padre.

— Pois seja, tornou Pedro um pouco contrafeito; mas eu não o posso tratar conforme desejo...

— Tudo se ha de arranjar. Olhem como Deus é meu amigo! Ficou-me esta bolsa de prata na algibeira, e tem dentro umas dez ou doze libras. Já vês que não é preciso que faças sacrificios nem mesmo por um só dia. Toma lá; faze as despezas que entenderes; eu vou mandar vir mais dinheiro do Porto, e, em quanto elle não chega, gasta d'aqui.

Maria pasmava d'aquella grandeza. Pedro pegou machinalmente na bolsa, abriu-a e exclamou:

— Porém isto dá para comer um anno!

— Isso?! Isso gasto eu ás vezes em dois minutos, respondeu Carlos.

— Santo Deus! Então que comem vossés lá em Lisboa?

— Muitas coisas... Mais devagar te contarei. Agora estou com muito frio.

— Podia já ter mudado a roupa ahi dentro de qualquer d'esses barcos que estão na praia, observou Maria.

— É verdade, accrescentou o padre. Em vez de estarmos embasbacados a ouvil-o fallar, deviamos ter tratado de o pôr enxuto.

— É porque elle falla tão bem!... tornou a moça.

— Isso falla! Porém não é razão para o deixarmos constipar. Entre ahi n'esse barco.

— Não, respondeu Carlos; preferia ir para casa.

— Pois vamos depressa; tambem já não é longe, e o andar aquece.

Pedro, dizendo isto, deu o exemplo, encaminhando-se para a Aldeia Nova, onde era situada a sua casa. O padre seguiu-o, dando novamente o braço ao viajante; Maria caminhava ao lado d'este, sem tirar d'elle os olhos.

Desde que tornára a si, notou Carlos a insistencia do olhar da donzella, mas fingiu não dar por isso. Não lhe escapavam, todavia, os movimentos de admiração e interesse que inspirava á moça, e, caminhando, dava á sua physionomia uma expressão artistica de sentimento, que lhe devia alcançar ainda maior sympathia.

A sua entrada na terra foi quasi uma ovação. O povo corria de todos os lados para o ver, e as raparigas exclamavam sem ceremonia:

— Galante rapaz! Ai! Jesus! Como é bonito! Lindo moço! Olhem como é gentil! etc., etc., etc.

Maria, a principio, teve uma tal ou qual satisfação ouvindo aquelles comprimentos ao sujeito que seu noivo tinha livrado da morte. Pouco a pouco, porém, foram-lhe ferindo desagradavelmente os ouvidos, e por fim incommodavam-n'a devéras.

Quando chegaram á porta de Pedro ia a moça já furiosa com os elogios que as suas amigas teciam á formosura de Carlos Eugenio. Por quê? Isso não sabia ella, ou não ousava talvez interrogar-se a tal respeito.

Uma pessoa despreoccupada, que lhe podesse ler então no coração, diria, provavelmente, que ella ardia em ciumes.

(Continúa) F. Gomes de Amorim.

ILHA DE ISCHIA

Á entrada da bahia de Napoles, no Mediterraneo, a 12 kilometros S O. do cabo de Misene, está situada a ilha de Ischia, na latitude N. de 40° 43', e longitude E. 11° 34'. No canal que a separa do continente, surge do seio das aguas a pequena ilha Procida.

Na antiguidade teve diversos nomes a ilha de Ischia. Ao tempo da fundação de Roma chamava-se *Pithecusa*, e em tempos mais remotos *Inarima*. Os romanos denominaram-n'a *Ænaria insula*.

A sua historia fórma um capitulo da da Italia, pois que passou pelas mesmas vicissitudes da visinha peninsula, até que se constituiu o reino de Napoles, ao qual ficou pertencendo.

É a maior ilha da bahia de Napoles. Tem de circunferencia 35 kilometros, e conta umas 24:000 almas. É capital da ilha uma pequena cidade, tambem chamada Ischia, que está sentada na costa de oeste, a 28 kilometros O S O. da cidade de Napoles. Encerra uns 3:000 habitantes; é séde episcopal, e foi outr'ora praça de guerra, como attestam as ruinas de uma grande fortaleza, edificada no seculo xv por D. Affonso v, rei de Aragão, e 1.° do nome como rei de Napoles, ao qual a historia concedeu o epitheto de *magnanimo*.

Desfructa a ilha de Ischia ares mui saudaveis; e os terrenos, dotados de grande fertilidade, produzem, entre outros generos que os seus habitantes consomem, legumes, diversidade de boas frutas e excellentes vinhos, que alimentam o seu commercio de exportação. Possue ricas minas de ferro e de enxofre, cuja exploração occupa grande numero de braços e tem feito prosperar esta ilha. Tem banhos thermaes, de muita efficacia para certas enfermidades, pelo que são mui concorridos, não só dos moradores da ilha, mas tambem de gente do visinho continente.

A ilha de Ischia é de origem volcanica, e durante muitos seculos foi theatro, de tempos a tempos, de terriveis erupções, que a cobriam de cinzas e lavas ardentes. E é esta a causa da prodigiosa fecundidade do seu terreno.

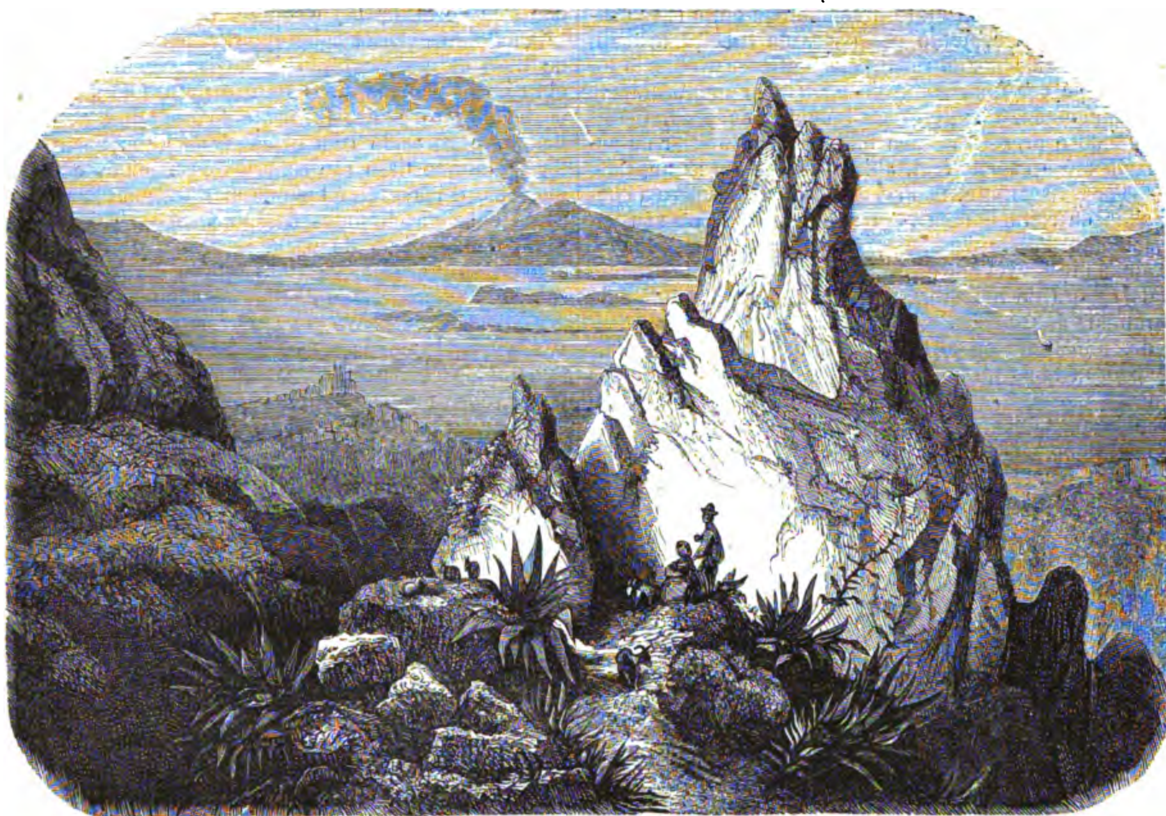
Levanta-se magestosamente no centro da ilha uma alta montanha, denominada *Epomeo*. É formada por doze pincaros volcanicos, dispostos em meio circulo, o mais elevado dos quaes sóbe a uma altura de 2:400 metros acima da superficie do mar.

Quem subir ao ponto mais alto d'esses agudissimos serros, que são accessiveis, e recompensam generosamente a fadiga da viagem pela formosura dos pano-

ramas que d'alli os olhos relanceiam, para qualquer lado que se voltem, não encontra vestigio algum de lavas, e, todavia, acha-se sobre um extincto volcão, não menos celebre em outras eras que o Vesuvio, que lhe fica fronteiro. As crateras por onde a montanha vomitava os fogos subterraneos abriam-se-lhe no dorso. Posto que muito alteradas pelas torrentes pluviaes durante o longo curso de mais de cinco seculos, ainda lá se mostram como profundos algares abertos nas encostas da serra. A ultima erupção succedeu no anno de 1303, e foi horrivel, pois que a precederam espantosos terremotos, e durante dois mezes, dia e noite, lançava o Epomeo por differentes crateras, ao som de medonhos ruidos subterraneos, densos turbilhões de fumo calliginoso e grossas torrentes de lavas inflammadas, que destruiam quanto encontravam na passagem, até se abysmarem nas aguas do Mediterraneo, enfurecidas com os successivos abalos da terra.

Morreram n'esta catastrophe alguns milhares de habitantes. A maior parte dos que escaparam, cheia de terror, e vendo destruidas as suas propriedades, fugiu para a terra firme, e assim ficou por muito tempo a ilha quasi abandonada.

Era a terceira vez que os seus filhos se expatriavam, açoitados pelo flagello dos terremotos e da lava assoladora. Da primeira vez foram victimas de tão horrorosos cataclismos os primeiros povoadores da ilha, vindos de Eubea, ilha da Grecia, no mar Egeo, defronte de Thessalia. Da segunda vez foi padecente uma colonia de syracusanos, que viera estabelecer-se na



A bahia de Napoles e o Vesuvio, vistos de cima de um dos serros do monte Epomeo, na ilha de Ischia

ilha de Ischia, e que, ao cabo de muitos annos de penosos trabalhos, quando tinha a terra bem povoada e agricultada, tudo viu confundido no pó das ruinas, sendo obrigada a procurar a salvação na fuga.

Estas foram as maiores erupções. Menores, mas causando sempre estragos, teve muitas o Epomeo. Porém, se o volcão já não ameaça os pacificos habitantes de Ischia, a temperatura elevadissima das suas nascentes sulphureas, algumas das quaes sobem a 70 graus de Reaumur; o calor que exhalam as areias em certos logares da costa; e, sobre tudo, os frequentes tremores de terra, provam de modo incontroverso que não está extincto o fogo nas entranhas d'aquella ilha.

Sobre o mais alto pinaculo da montanha campeia uma ermidinha de fabrica humilde, para a qual conduz uma escada toscamente affeiçoada na propria rocha. D'alli se avistam, em dilatadissimos horisontes, a formosa bahia de Napoles, semeada de ilhas, e com a cidade do seu nome reclinada em manto de perenne verdura, e banhada pelas ondas do Mediterraneo; o Vesuvio; os restos da antiga cidade de Cumes; as margens verdejantes dos rios Mondragone e Garigliano; o porto e cidade napolitana de Baia; o porto e cidade pontificia de Terracina; o porto e praça de guerra napolitana de Gaeta; os Abruzzos, celebres na ultima guerra civil do reino de Napoles; e, em fim, a cordilheira dos Apenninos.

Parte d'este maravilhoso panorama está representada em a nossa gravura, cujo desenho foi tirado do pé d'aquella ermidinha, e por essa razão mostra no primeiro plano um dos agudos serros do Epomeo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Conclusão. Vid. pag. 220)

XIII

No reinado de D. João V dava-se o nome de carroças triumphaes, ou coches de triumpho, a uns coches muito grandes e mui ricos, abertos em todos os quatro lados, com cortinas em vez de vidros, e ador-

nados na trazeira e no jogo dianteiro com diversidade de estatuas allegoricas, de obra de talha doirada.

D'estas carroças triumphaes existem tres nas cocheiras reaes da calçada da Ajuda, para onde foram removidas, ha um anno, do antigo deposito dos coches reaes no Calvario. A gravura a pag. 5 representa a dianteira de uma d'estas carroças, e a gravura a pag. 121 é cópia da trazeira de outra das ditas carroças.

Cremos que estes coches de gala foram feitos expressamente para as festas do casamento del-rei D. João v. N'esta supposição, que se baseia em diversas razões, de que não faremos estendal para não enfadar os nossos leitores, deveriam estreiar-se taes coches na entrada publica da rainha D. Maria Anna d'Austria na cidade de Lisboa, depois do seu consorcio. Esta soberana chegou ao Tejo no dia 26 de outubro de 1708, e no dia seguinte desembarcou em o caes chamado do Forte, junto aos paços da Ribeira, e d'alli foi conduzida por el-rei e pela corte, caminhando todos a pé por uma ponte de madeira, magnificamente ornamentada, que terminava dentro do paço. Continuando o prestito na sua marcha pelo interior do palacio até á capella real, alli se celebraram as nupcias.

Por conseguinte, não serviram os coches para a chegada da rainha, nem para a solemnidade do seu casamento. Porém n'esse tempo a etiqueta da nossa corte ainda prescrevia outra ceremonia solemne em obsequio da esposa do monarcha: era a da entrada publica da rainha, acompanhada de todo o apparato da magestade. Não tinha praso fixo esta funcção. Fazia-se, mais cedo ou mais tarde, logo que se achavam concluidos todos os preparativos para este acto festivo. Se era no inverno, tambem acontecia demorar-se á espera de bom tempo. Foi isto o que succedeu com a entrada publica da rainha D. Maria Anna d'Austria, a qual se realisou quasi dois mezes depois da sua chegada a Lisboa.

No dia 22 de dezembro do mesmo anno foram el-rei e a rainha em grande estado, precedidos dos reis d'armas, arautos, passavantes, porteiros da canna e da maça, auctoridades, justiças e nobreza, ao templo da sé, onde se cantou o *Te Deum*, fazendo-se as mais ceremonias do costume. O sol de um formoso dia de inverno fez realçar sobremaneira o luzimento d'esta pomposa solemnidade.

D. Antonio Caetano de Sousa, descrevendo esta funcção na *Historia genealogica da casa real portugueza*, diz que el-rei e a rainha iam em *o magnifico coche de triumpho*, accrescentando mais abaixo que *era o coche de uma nobre idéa*. Outros auctores chamam-lhe carroça triumphal.

Os tres coches ou carroças triumphaes, de que fallámos acima, differem dos outros coches antigos, tanto no feitio como no genero de ornamentação. Tem muito mais comprimento e largura que estes ultimos, sem que tão desmesuradas proporções lhes façam perder a elegancia. A obra de talha doirada, que nos segundos constitue a sua principal decoração, vendo-se distribuida por toda a caixa, tejadilho, jogo e rodas, está accumulada nos primeiros, e com muito mais profusão, no jogo principalmente, e depois nas rodas. A caixa e tejadilho são forrados externa e internamente de ricos estofos, com guarnições de obra de passamanaria de oiro ou prata.

O coche triumphal representado na gravura a pag. 5 tem o tejadilho e toda a caixa vestidos por fóra e por dentro de veludo carmesim, recamado de ornamentos de oiro em lindas cercaduras, e outras diversidades de desenhos. A parte superior do tejadilho é ornada nos angulos, em vez de maçanetas doiradas, com uns enfeites do mesmo veludo, a modo de plumagem. As cortinas, que, em logar de vidros, os vedam pelos quatro lados, são egualmente de veludo carmesim, com a mesma guarnição de oiro. Os assentos e almofadas, bem como o persevão [1], são forrados de veludo carmesim guarnecido de galões de oiro. Sobre o jogo, aos lados da almofada do cocheiro, erguem-se duas estatuas allegoricas doiradas. Na trazeira vêem-se lindos grupos allegoricos de figuras de vulto inteiro, tudo de obra de talha doirada, representando a Lusitania entre as estatuas da Fama, que a está coroando, e a Abundancia, que entorna seus dons liberalmente; e por baixo um dragão, e as figuras de um preto e de um musulmano, ambos nus e meio caídos por terra, a symbolisar, sem dúvida, os triumphos dos portuguezes na Africa e na Asia. O jogo é escarlate e doirado, e as rodas inteiramente doiradas, com variedade de lavores.

O outro coche ou carroça triumphal, cuja trazeira se vê em gravura a pag. 121, é mais rico, posto que não seja de fórma tão elegante. O tejadilho e toda a caixa, tanto exterior como interiormente, são forrados de tissú de oiro, guarnecido de lavores de prata, de obra de passamanaria. O tissú é um estofo mui lindo de fio de oiro, muito differente do que tem o nome de lhama, e parecido com o panno de linho no tecido. D'este mesmo tissú são cobertos os assentos e as almofadas. O persevão é todo de marfim, marchetado de metal em delicadissimos desenhos. Sobre o jogo, aos lados da almofada do cocheiro, estão duas estatuas allegoricas doiradas, de vulto inteiro e em pé. A trazeira é tambem ornada de figuras, compondo um quadro allegorico allusivo aos progressos dos portuguezes nas sciencias e nas artes. Avultam n'elle Marte; a Geographia com o globo, sustentada por Atlante; um tritão sobre um golphinho, empunhando a agulha de marear; varios genios, e um leão arremessando-se sobre um homem meio nu e caído por terra, talvez para symbolisar as nossas conquistas na Africa e na Asia, devidas á navegação e aos descobrimentos. Todas as figuras são doiradas e de excellente esculptura; e assim tambem as rodas, cujos raios representam peixes enlaçados com serpentes, que guarnecem os arcos das mesmas rodas. O jogo é escarlate e doirado.

O terceiro coche de triumpho é similhante aos dois, que acabámos de descrever, na riqueza do estofo que o veste, e dos bordados, estatuas e mais esculpturas que o adornam. A trazeira d'este, representando o Olympo com o congresso dos deuses, é de um bello effeito. Fallaremos d'elle com mais particularidade quando nos for possivel mostral-o em gravura aos nossos assignantes.

Acham-se estes tres coches, infelizmente, bastante deteriorados, não tanto na obra de talha doirada, que pela maior parte se conserva com pouco estrago, como nos estofos e ornamentação dos tejadilhos e caixas, onde a acção do tempo e o vandalismo dos homens tem exercido cruel devastação.

Estes coches serviram pela ultima vez nos dias 2 e 11 de novembro de 1795, por occasião do torneio real que se fez em Lisboa, na praça do Commercio, para solemnisar o nascimento do principe da Beira, D. Antonio, que morreu menino, e era filho do principe D. João, depois rei, 6.º do nome, e da princeza D. Carlota Joaquina.

Não temos certeza onde foram fabricados estes coches; mas inclinâmo-nos a crer que são obra portugueza. A passamanaria achava-se então florescente em o nosso paiz. Tinha chegado a bastante perfeição, e empregavam-se n'este officio numerosos artifices, principalmente em Lisboa. O mesmo diremos da esculptura em madeira e do officio de doirador, que tinham feito notaveis progressos em todo o reino, graças ao uso, introduzido havia quasi tres seculos, e que, ao tempo a que nos referimos, estava em grande voga, de ador-

[1] Dá-se este nome á parte interior do coche, onde assenta os pés quem vae dentro.

nar as capellas e altares dos templos com obra de talha doirada.

A estatuaria em pedra achava-se então entre nós em deploravel atrazo. O primeiro esculptor que se applicou com alguma distincção a esse difficil ramo da arte, esculpindo em pedra e em madeira, foi José de Almeida, que el-rei D. João v mandou estudar em Roma, mas que não podia trabalhar nos mencionados coches, por ser criança de tenros annos quando se fabricaram.

Entretanto, não seja isto motivo de dúvida para se negar as honras de nacionalidade aos ditos coches, attenta a perfeição que, em geral, se observa nas figuras que os adornam. A obra de talha doirada, feita nos seculos xvii e xviii, que se vê ahi por essas egrejas antigas de Lisboa, e que se encontra em maior abundancia n'outras terras do reino a que não chegou a terrivel influencia do terremoto de 1755; essa obra, dizemos, em que avultam muitas figuras de anjos e de animaes, de excellente desenho e primorosamente esculpidas, bem como varias imagens santas, que se veneram em differentes templos, provam sobejamente que ao tempo da acclamação del-rei D. João v já o nosso paiz possuia entalhadores capazes de executarem todas as obras de esculptura que vêmos nos ditos coches. Isto pelo que respeita propriamente á estatuaria; pois que, em relação á esculptura em madeira em baixo e em alto relevo, já por vezes temos alludido n'este semanario ao subido grau de perfeição que este ramo da arte attingiu entre nós nos seculos xv e xvi.

No começo do seculo xviii existia em Lisboa, na calçada de Santo André, um laboratorio de esculptura em madeira, onde trabalhavam os mais afamados entalhadores que havia na capital, Jeronymo da Costa e Manuel Dias, natural de Braga, e cognominado *pae dos Christos*, em razão dos numerosos crucifixos que fez para diversas egrejas de Lisboa e das provincias, alguns dos quaes ainda hoje são apreciados pelo seu primor artistico. Estes dois artistas tiveram alguns discipulos, que fizeram honra aos mestres. Além d'estes, tambem se lhes juntaram, trabalhando na mesma officina da calçada de Santo André, outros entalhadores de merecimento, em que entravam um filho de Faro e dois portuenses.

Por conseguinte, ha todo o fundamento para suppor que a obra de esculptura dos tres coches de triumpho fôra feita n'aquella officina. Os dois annos que mediaram entre a ascensão del-rei D. João v ao throno e a solemnidade em que julgâmos que se estreiaram aquelles coches, era espaço de tempo sufficiente para se executar o referido trabalho esculptural, não obstante a sua importancia.

XIV

A gravura a pag. 221 representa um coche mui bonito, rico e esbelto, que nos parece ter pertencido ao infante D. Francisco, irmão del-rei D. João v.

Se as nossas conjecturas não nós induzem em erro, este coche de gala foi mandado fazer em Paris por aquelle principe ao mesmo tempo que el-rei seu irmão encommendou os outros coches para as grandes festas e visitas reaes que se celebraram no rio Caia em janeiro de 1729. Sendo assim, estreiou-se aquelle coche no dia 19 do referido mez e anno, conduzindo o infante D. Francisco, duque de Beja, no prestito real que saiu da cidade de Elvas para o Caia, onde se encontraram os reis de Portugal com os de Hespanha, e se trocaram as princezas das Asturias e do Brasil.

O infante D. Francisco foi o segundo possuidor da casa do infantado, muito augmentada em seu favor por el-rei D. João v, o que lhe proporcionou os meios para ter um estado opulentissimo. Por sua morte dois infantes lhe disputaram a herança: o infante D. Antonio, seu irmão, e o infante D. Pedro, seu sobrinho, filho del-rei D. João v. Os tribunaes deram a sentença a favor do segundo, cingindo-se á letra da lei, pela qual el-rei D. João iv creou a casa do infantado para ser possuida pelo filho segundo do soberano; e n'este caso se achava então o infante D. Pedro, que era immediato ao principe do Brasil, D. José.

Entrando este infante na posse d'aquella grande casa, ficou-lhe pertencendo o dito coche, do qual se serviu nas occasiões solemnes, no estado de solteiro, e depois de casado com sua sobrinha, a princeza D. Maria, que ao diante subiu ao throno com o nome de D. Maria i, dando a seu esposo o titulo de rei, com o nome de D. Pedro iii.

O tejadilho do coche é guarnecido externamente com esculpturas doiradas, e oito maçanetas de metal doirado, quatro de cada lado. A metade superior da caixa é de obra de talha doirada, com bonitas figuras nos angulos, e com sete grandes vidros de Veneza, tres de cada lado e um na frente. A parte inferior da caixa tem paineis de boas pinturas, encaixilhados em ornamentação da mesma talha doirada. No meio dos paineis das portinholas estão os escudos das armas reaes de Portugal, mas com o banco de pinchar atravessando os tres castellos que ficam por cima das quinas.

Sendo o banco de pinchar distinctivo dos infantes, não se póde duvidar de que o coche pertenceu a um infante; e que este era D. Francisco, e não D. Pedro, attesta-o, além de outras razões, a fórma elegante e a ornamentação do mesmo coche, porque, quando o infante D. Pedro desposou sua sobrinha, já estava começada a decadencia do bom gosto na fabricação dos coches reaes; decadencia que foi progredindo até produzir as desengraçadissimas carruagens dos fins do seculo passado e principios do actual.

O interior do coche é todo forrado de magnifica seda bordada de oiro. Por todo o jogo brilha o oiro em variados relevos sobre fundo escarlate. A trazeira, de talha doirada, é uma das mais formosas que se admiram nos coches reaes. É muito engraçada no desenho geral, e a esculptura é primorosa.

Este coche acha-se no melhor estado de conservação. É um dos dezeseis modernamente restaurados, isto é, doirados de novo, porque tudo o mais existe em bom estado. Nos prestitos reaes em que tem saído, nos reinados da sr.ª D. Maria ii, do sr. D. Pedro v e do sr. D. Luiz i, tem conduzido alguns dos officiaes-móres da casa real.

I. de Vilhena Barbosa.

VILLA DA POVOA DE VARZIM

(Vid. pag. 196)

VIII

Um dos edificios que para logo captivam a attenção do viajante, ao entrar na villa, é, por sem dúvida, o dos paços do concelho. Está situado em uma bella praça, denominada *do Almada*, no centro da villa, e tem magestosa apparencia, como se póde ver na gravura que publicámos a pag. 65 d'este volume.

Foi fundado pelo honrado cidadão Francisco de Almada e Mendonça, no reinado da sr.ª D. Maria i, a qual mandou lavrar a necessaria provisão para esta obra aos 21 de fevereiro 1791, não só em attenção ao requerimento que lhe fizera o alludido Almada, senão tambem porque era notorio que, com o consideravel augmento da população, as diversas repartições municipaes e outras da villa não podiam já funccionar nos antigos paços, que eram em edificio pobre e acanhado, e de fundação do começo do seculo xvi.

O edificio dos paços do concelho, devido á iniciativa e ao patriotismo de Francisco de Almada, é de fórma quadrilonga, e de construcção mui custosa, se attendermos á epocha e ao local em que se foi levantando, pois que com elle se consumiram, aproximadamente, trinta contos de réis, mas tem muitas accommodações. Consta de um andar nobre, com muitas janellas bem rasgadas sobre outros tantos arcos de cantaria, que lhe servem como de peristyllo, e dão entrada para os diversos compartimentos terreos. Nas aguas-furtadas póde-se dizer que corre outro andar com bastante pé direito e numerosas divisões, que se podiam ainda aproveitar, e tem por vezes aproveitado em dependencias das officinas publicas.

Por cima da janella principal d'este edificio, e levantado na cimalha, está o brazão d'armas da villa. Não havendo na Povoa de Varzim o foral do sr. rei D. Diniz, nem tratando de tal brazão o do sr. rei D. Manuel, nem existindo outra memoria além do escudo, toscamente acabado, entre os que adornavam a fachada da egreja matriz de Villa do Conde, e representavam as armas d'esta villa, e as de Barcellos e Povoa, é claro que os que transplantassem o brazão da Villa do Conde para a Povoa podiam acaso tornal-o mais perfeito e completo, mas por fórma alguma alterar-lhe o padrão. Foi o que succedeu. O brazão d'armas que a camara municipal tem bordado no estandarte de que usa nas festividades publicas (e de que damos cópia na gravura junta), desde tempos remotos, só se parece com o que ainda deve existir na egreja matriz de Villa do Conde em ter uma ancora, um rosario, o sol e a lua, pouco mais ou menos em egual disposição. Com effeito, as armas da Povoa de Varzim, conforme a bordadura do estandarte municipal, tem por timbre, em campo azul, um rosario branco enfiado em cordão vermelho, com uma cruz de oiro, que serve de hastea a uma ancora de prata. No oval do escudo, e junto dos braços da cruz, vê-se do lado direito a figura do sol, e do esquerdo a da lua, sendo esta prateada e aquelle doirado [1]. O brazão é rematado por uma coroa ducal.



Brazão d'armas da Povoa de Varzim

Funccionam actualmente no edificio dos paços do concelho, de que tratâmos, as repartições da camara municipal, da administração do concelho e da fazenda; a recebedoria do concelho; as audiencias; e uma das aulas de ensino primario para o sexo masculino. A sala em que está a aula é mui vasta, e n'ella tem alguns curiosos povoenses, com a devida auctorisação, composto um theatrinho para as suas récitas, a que concorrem as principaes familias da villa. No mesmo edificio tambem está a cadeia do concelho.

Tem a villa uma fortaleza, que servia para defensa da enseada, e se construiu em logar de um fortim que no principio do seculo XVIII estava bem defendido por dois artilheiros e um tenente!

Esta obra, começada no reinado do sr. rei D. Pedro II, por instancias do governador das armas do districto do Porto, o mestre de campo Pedro de Vasconcellos e Sousa [2], só veiu a concluir-se quasi no fim do reinado do sr. rei D. João V, estando, todavia, as obras interrompidas por espaço de trinta e cinco annos (1703-1738). O que parece bem averiguado é que, tendo chegado ao conhecimento do sr. D. João V que o porto da Povoa de Varzim não tinha segurança, e que os trabalhos da indicada fortificação estavam havia muitos annos paralysados por falta absoluta de dinheiro, ordenou terminantemente (como então o fazia com relação a outras obras publicas de grandissima importancia, que serão de eterna gloria para o seu esplendido reinado) que se continuassem, o que se executou sob a direcção do governador das armas do districto do Porto, general D. Diogo de Sousa, o qual, para commemorar este facto, e por certo a sua solicitude no exacto cumprimento das reaes ordens, e os serviços patrioticos da sua familia, mandou que o brazão d'armas de que esta usava fosse levantado, como alli se vê, sobre a entrada principal da fortaleza.

No dia em que o sr. D. João V contava cincoenta e um annos, isto é, a 22 de outubro de 1740, verificou-se a ceremonia da inauguração da fortaleza, com as formalidades da ordenança, estando presentes o general das armas, outras auctoridades militares e civis, e o primeiro governador da fortaleza, n'aquella occasião nomeado interinamente, o sr. F. Felix Henriques da Veiga Leal [1], que só em 1752, não sabemos por quaes circunstancias ou razões, recebeu a sua confirmação em diploma assignado do punho do sr. rei D. José.

Consta a fortaleza de quatro baluartes com as necessarias cortinas: dois d'estes baluartes tem frente para o mar, e denominam-se *da Conceição* e *de S. Francisco de Borja*; e os outros dois dão para a terra, e receberam os nomes de *S. José*, e *S. Filippe e Diogo*. Dos flancos dos primeiros seguem dois lanços de muralha de 33 metros de comprimento, os quaes se juntam em angulo saliente para o mar, e assim formam uma bateria de 7 metros de largura e mais de 60 de extensão.

O estado d'esta fortaleza é hoje como o da maior parte das fortificações do reino, digamol-o com pezar. Quasi não tem artilheria, e consideram-n'a ha annos com tão limitada importancia, que já se construiram casas na esplanada.

Teve a fortaleza uma pequena capella, que pertenceu aos padres da companhia de Jesus, até que esta ordem foi extincta por um acto de singular energia do marquez de Pombal.

(Continúa) BRITO ARANHA.

Vereis a um homem triste, quando ainda se conta no numero dos vivos, descórado, pallido, macillento, myrrhado, as faces sumidas, os olhos encovados, as sobrancelhas caídas, a cabeça derrubada para a terra, e a estatura toda do corpo encurvada, acanhada, diminuida. E se elle se deixasse ver dentro da casa, ou sepultura, onde vive como encantado, vel-o-hieis fugindo da gente, e escondendo-se á luz, fechando as portas aos amigos e as janellas ao sol, com tedio e fastio universal a tudo o que visto, ouvido ou imaginado póde dar gosto. P. ANTONIO VIEIRA.

[1] Vid. *Memorias historicas* já cit., pag. 23.
[2] Idem, pag. 42.

[1] *Loc. cit.*, pag. 43.



Typos slovacos do Tatra

OS SLOVACOS

Posto que sejam apenas um dos ramos menos importantes d'essa grande familia slava, que representa por si só cêrca de um terço dos habitantes da Europa, os slovacos podem computar-se, ainda assim, em mais de sete milhões de individuos, os quaes, em grande parte, constituem a população da Moravia, da Silesia, da Bohemia e do norte da Hungria.

Os slovacos propriamente ditos, porém, são os que habitam n'esta ultima região, onde occupam um tracto de terreno de seiscentas legoas quadradas, com uma população de mais de dois milhões de habitantes.

O paiz selvatico e agreste que habitam parece ha-

ver-lhes communicado parte da sua fragosidade. Na verdade, poucas serão as regiões da Europa em que a natureza tenha caprichado tanto em apresentar um extenso panorama de quadros alpestres e magestosamente alcantilados.

A parte da Hungria habitada especialmente pelos slovacos é a cadeia occidental da grande cordilheira dos montes Karpathos, formada pelas montanhas do Tatra, tão singularmente agrupadas, que mais parecem obra de um capricho da natureza, do que resultado das evoluções successivas da crusta do globo.

Collocados a pequena distancia uns dos outros, eriçados de numerosos pincaros, varios na altura, escarpados, nus e escalvados, os cumes d'essas montanhas similham um extenso baluarte defendido por grande numero de torreões. A vista quasi se confunde ao contemplar tão singular panorama.

D'essas montanhas, algumas das quaes se elevam a 2:600 metros acima do nivel do mar, despenham-se numerosas torrentes, que vão cavando cada vez mais fundas, e tornando mais intransitaveis as escarpas horriveis que se abrem entre os rochedos gigantes. Os ventos frios do norte, vindo dos plainos immensos da Polonia e da Russia, luctam alli em perpetuo embate com os ventos quentes e sêccos do sul.

Por toda a parte, n'esta região, a natureza se mostra fragosa e selvatica.

Nos valles despovoados e quasi sem vegetação vêem-se a espaços varios lagos de aguas esverdeadas, a que os naturaes dão o nome de *olhos do mar*, e que por vezes dão causa a grandes inundações.

Com a aspereza externa condiz a pouca riqueza mineralogica d'estas montanhas. A flora não vae muito além dos pinheiros bravos e rasteiros; e o mundo zoologico tem alli representadas pouquissimas especies.

Vivendo no meio de uma região por esta fórma desprovida de todos os elementos de progresso, não admira que os slovacos da Hungria sejam, por muitos respeitos, alheios ainda ao mundo civilisado.

Obrigados a luctar com a esterilidade do solo, nem por isso desprezam elles, comtudo, o cultivo da terra, antes a este de preferencia se entregam, pondo grande desvelo no amanho dos terrenos que lhes é possivel aproveitar. A pobreza do solo e o grande atrazo dos processos agricolas explicam o facto de serem rarissimos n'esta região os proprietarios abastados. O gado que lhes serve na lavoira anda quasi sempre mal alimentado, por falta de pasto.

Se a natureza que os cérca imprimiu nos slovacos do Tatra uma certa rusticidade, não alienou d'elles, porém, a bondade do caracter. A geral pobreza em que vivem não os impede tambem de serem hospitaleiros, repartindo irmãmente com o viajante que lhes bate á porta as minguadas iguarias da sua mesa.

Posto que o Tatra seja quasi todo habitado pelos slovacos, principalmente no sul e no lado occidental, encontram-se n'estas montanhas povoações de nacionalidades variadissimas, muitas das quaes vivem quasi isoladas e sem entre si communicarem.

O maior numero dos habitantes do Tatra segue a religião catholica romana; uns 450:000, porém, são protestantes.

Levados pela necessidade de ganharem os meios de subsistencia, que não encontram nas montanhas do seu paiz, os slovacos vão procurar nas cidades do resto da Hungria occupação a que se dediquem. Não lhes faltam ellas alli, porque os habitos e o orgulho antigo de raça não consentem aos madgyares occuparem-se em varios officios e profissões, que os slovacos de boa vontade desempenham.

As mulheres slovacas seguem tambem o exemplo dos homens, e é vulgar verem-se ellas nas cidades hungaras, em bandos numerosos, exercendo os misteres de caiadoras e de ajudantes de pedreiro. Os viajantes param frequentemente para admirarem a agilidade e a afoiteza com que essas mulheres sobem e descem pelas escadas, caminham por sobre andaimes, correm pelos telhados das casas, sem mostrarem a menor hesitação, e quasi sempre rindo e cantando.

O trajo dos slovacos é simples. Compõe-se geralmente de calça branca; camisola curta, que não desce abaixo da cintura; botas de coiro presas á perna por meio de correias, e chapeo preto de abas largas. Quasi sempre addicionam a este vestuario um cinto de coiro, em que guardam o dinheiro.

O trajo das mulheres é grosseiro e sem elegancia.

Os slovacos vivem no mais completo atrazo moral e economico. Para isto contribuem, entre outras causas, a paixão que elles tem pelas bebidas espirituosas, que lhes embrutece o espirito e os torna inhabeis para se entregarem ao estudo.

A lingua slovaca pertence ao grande grupo das linguas slavas. Para os que defendem o panslavismo não é ella, porém, senão um dialecto da lingua slava. Esta embrulhada questão das linguas slavas ainda ha poucos mezes deu causa a algumas publicações eruditas e por mais de um titulo interessantes; sendo por isso pouco possivel aventurar com segurança opinião a respeito do ponto sujeito.

A lingua slovaca é principalmente conhecida no mundo litterario pelas obras de Kollar e Shafarik, ao ultimo dos quaes se devem apreciaveis escriptos sobre as antiguidades, litteratura e genealogia dos povos slavos.

T. DE C.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 223)

XV

FEBRE

Carlos chegou com febre. Quiz escrever logo uma carta para o Porto, mas Pedro possuia um tinteiro de chifre que tinha perdido a memoria da existencia da tinta; junto do tinteiro dormia uma penna de pato por aparar, e não havia em casa canivete nem papel. Correu-se toda a visinhança, mas, não sendo os visinhos mais ricos nem mais sabios do que o nosso pescador, resolveu o padre Manuel ir a sua casa, que era muito distante, buscar o necessario para escrever. Entretanto Pedro pediu a Maria que lhe fizesse a cama com lençoes lavados em quanto elle ia comprar pão mollete, ovos e toicinho para a ceia do seu hospede.

A febre crescia, e o doente não podia já ter-se nas pernas.

Aproximou-se da porta do quarto onde a donzella andava lidando nos arranjos do leito, e disse com voz tão doce que atravessou a alma da moça:

— O seu noivo tem um coração leal e generoso, que fôra indignidade tornár desconfiado e infamia atraiçoar. Ame-o sempre. Elle salvou-me a vida, talvez para meu tormento... porque, quando abri os olhos, a primeira coisa que vi foi o seu rosto, e os seus olhos, como duas estrellas funestas, fitados nos meus. Não sei o que se passa em mim, contra minha vontade; mas sei que me sinto ingrato para com o meu salvador. A febre que me abraza matar-me-ha talvez... Deus o queira!

Maria Palmeiro largou no chão o travesseiro que estava enfronhando e sentiu-se quasi desfallecer. O rapaz de Lisboa continuou:

— Se eu morrer, é provavel que a minha passagem por esta terra não seja assignalada por uma catastrophe; mas, quer eu morra, quer viva, a febre produz

delirios, nos quaes se revelam muitas vezes segredos que nunca deveriam saber-se. Peço-lhe, pois, Maria, que nunca desampare a minha cabeceira, e que afaste do pé de mim toda a gente nos momentos em que eu delirar. Póde ser que no meio do meu desvario eu profira palavras que façam suppor-me um infame ingrato, que não sou, nem desejo ser; e que, se fossem ouvidas pelo seu noivo, ou por quem fosse dizer-lh'as, o tornariam mau e desgraçado. Se eu fizer, pois, confissões perigosas, e se ellas offenderem os seus castos ouvidos, perdoe-as á loucura que produz a febre; e se eu não morrer, supponha que as não ouviu, porque eu, de certo, não terei depois a consciencia de as haver dito.

Maria tremia como as folhas das cannas que o vento açoitava no quintal. As phrases de Carlos Eugenio não eram completamente perceptiveis para ella; mas, com a intelligencia propria das mulheres para os negocios do coração, e com a perspicacia das camponezas do Minho, adivinhava o que não entendia claramente, e os vagos clarões de uma paixão nascente illuminavam-lhe os pontos que para outros seriam obscuros.

Pedro entrou.

— Está prompta a cama, cachopa?

— Quasi, respondeu Carlos vendo que Maria ficára ainda mais perturbada. E eu bem preciso d'ella, porque já me não posso ter de pé.

Fez-se a cama e o moço deitou-se. D'ahi a pouco chegou o padre com os arranjos para escrever. Carlos quiz dictar, mas as idéas confundiram-se-lhe, e não foi possivel expedir-se para o Porto e para Lisboa a noticia de que elle tinha escapado ao naufragio da escuna ingleza.

A febre augmentou muito ao anoitecer. O rosto do doente fez-se rubro; os labios gretaram-se-lhe como se estivessem expostos a um brazeiro; o olhar foi-se perdendo, e, de vago que era ao principio, tornou-se fixo; a pelle fez-se aspera e sêcca. Não havia agua que saciasse o doente.

Um medico da Povoa, que Pedro foi pessoalmente chamar no dia immediato, declarou que a cura era impossivel; que o doente tinha uma febre cerebral em virtude de um resfriamento subito, e que, se melhorasse, ficaria doido.

Estes espantosos diagnostico e prognostico aterraram o padre, Maria e Pedro. A moça tornou-se enfermeira assidua; desde que o doente se recolhêra á cama, ficou ella installada em casa de Pedro, onde o padre Manuel ia todos os dias duas e tres vezes.

O pescador foi gastando com medicos e medicina o dinheiro que recebêra de Carlos Eugenio. No fim de oito dias estavam consumidas as dez libras. O padre emprestou as suas economias, que tambem se gastaram; e por fim Pedro resolveu-se a ir ao mar.

N'esse dia, que era o decimo segundo da doença, houve uma crise favoravel, e o doente dormiu muitas horas.

O medico veiu, e disse que se havia operado uma revolução miraculosa; que a natureza se encarregára da cura; e que o moço estaria capaz de andar por seu pé no fim de quinze dias.

Todos se alegraram immensamente. Maria dormiu pela primeira vez depois que velava o enfermo.

A febre ia, com effeito, desapparecendo; o appetite voltava; e Carlos Ferreira pôde, em fim, dictar as suas cartas para o Porto e para Lisboa.

Maria Palmeiro, á medida que o doente recobrava forças, entristecia a olhos vista; e Pedro, que não dava por isso, ia todos os dias ao mar, deixando-a no seu posto de irmã de caridade.

Carlos affirmava que sentia vivissimo reconhecimento para com todos e não despregava os olhos dos de Maria. O medo da morte, ou a falta de consciencia do seu estado, impediram que durante a gravidade da febre elle tivesse os delirios que havia prophetisado. Mas, passado o perigo, voltou-lhe a vaidade e a velleidade de fazer uma conquista, que a sua experiencia lhe dizia desde o começo que era facil.

Uma tarde em que Pedro tinha ido á pesca e o padre para uma festa fóra da aldeia, o medico achou o doente mais agitado e receiou uma recaida.

Maria assustou-se muito, e, logo que o medico saiu, foi sentar-se á cabeceira do moço para lhe espreitar os menores movimentos. Carlos *delirou* então admiravelmente bem, proferindo muitas vezes o nome da sua enfermeira, e declarando que se mataria se não casasse com ella; dizia tambem que o seu amor era uma infame traição ao seu salvador, etc., etc.

A cachopa não cabia em si de contente! Findo o *delirio*, o artista mostrou-se muito cançado, e disse que a febre se despedíra em fórma de sezão. O facultativo, que voltava n'essa occasião, concordou inteiramente, e receitou quinino, que se não foi buscar.

Maria disse timidamente ao rapaz que elle tinha delirado; este perguntou o que tinha dito durante o delirio; a moça contou muito envergonhada tudo quanto ouvíra; e Carlos aproveitou a occasião para se declarar francamente indigno da vida, da hospitalidade e do tratamento que recebêra de Pedro.

A donzella disse tambem que não era bonito o que ambos faziam; mas que nem um nem outro tinham a culpa dos sentimentos que *Deus* lhes inspirava. O lisboeta, que não era tolo, achou melhor pôr os acontecimentos ás costas da fatalidade, e lançaram-se nos braços um do outro, chorando a desgraça que os obrigava a proceder deslealmente com um dos mais nobres e generosos individuos que tinham vindo á terra.

(Continúa) F. Gomes de Amorim.

BENTO DE SPINOSA

(Conclusão. Vid. pag. 198)

VI

Era Spinosa, como deixámos dito, de compleição naturalmente debil, e mais enfraquecido pela doença consumptiva, que d'elle se apoderára com mostras de incuravel. Mas ainda que mais robusto fôra, ser-lhe-hia impossivel evitar por longo tempo os estragos resultantes de uma applicação quasi continua, e dos immoderados estudos a que se entregava, não poupando cuidados e vigilias, e arroubado sempre em suas abstracções. Assim se lhe aproximava, sem que o percebesse, o termo da existencia, para vêl-a esvair-se de todo, quando apenas percorrido pouco mais de metade do curso que a natureza parece haver assignado á vida humana.

Acerca da sua morte correram encontradas versões. Até houve quem affirmasse que elle morrêra de susto, sendo avisado em França de que o governo decretára a sua reclusão na Bastilha; e tendo por isso de fugir a toda a pressa, disfarçado no habito de frade franciscano! A falsidade d'este conto é manifesta, sabendo-se que Spinosa nunca entrára em França durante a sua vida. Outros pretenderam fazer passar como certo, que, reconhecendo seus erros, mas soberbo em demasia para retratar-se em publico, quizera ostensivamente perseverar na cegueira; recommendando nos ultimos dias com efficacia a seus hospedes, que vedassem a entrada no quarto aos ministros da egreja lutherana, ou ainda a qualquer outra pessoa que viesse com intenção de provocar discussões sobre pontos religiosos. Finalmente, inventou-se que, cançado de padecer, elle proprio apressára o seu fim, mediante o emprego de uma bebida narcotica, que intencionalmente mandára preparar para esse effeito com anticipação de alguns dias.

Todas estas asseverações estão mui longe de conformar-se com a verdade dos factos, narrada por testimunhas presenciaes, e que nenhum interesse haviam em occultal-a. Posto que habitualmente enfermo e caído em languidez, Spinosa conservou-se sempre de pé até o derradeiro dia. Mandára chamar de Amsterdam o medico Luiz Meyer, seu amigo intimo, de cuja sciencia se promettia, se não cura radical, ao menos conforto e allivio na molestia que o definhava. Ainda na tarde do sabbado 22 de fevereiro de 1677 descêra do quarto para a sala a encontrar-se com o hospede Van-der-Spyck, e com elle entreteve algumas horas em folgada conversação, fumando tranquillamente pelo seu cachimbo, como ás vezes costumava. No domingo immediato (23) esteve de manhã com a familia da casa, comeu com bastante appetite, e recolheu-se com o medico ao seu aposento quando aquelles saíram para a egreja a cumprir suas devoções. Ao voltarem do sermão, Van-der-Spyck e sua mulher souberam com o maior espanto que Spinosa não era mais que um corpo inanimado. Acabava de expirar pelas tres horas, na presença do medico, que, havendo por finda a sua missão, deu-se pressa em regressar para Amsterdam n'essa mesma tarde!

Assim terminou seus dias o nosso philosopho, tendo apenas completado quarenta e quatro annos. Tudo nos leva a crer que elle morrêra em paz, como tinha vivido.

O seu funeral realisou-se com decoroso apparato no dia 25. Concorreram a acompanhar o prestito até á egreja nova de Spuy muitas pessoas illustres da cidade; os visinhos e amigos mais particulares receberam as competentes luvas; e á volta do cemiterio foram em casa do defuncto regalados com algumas garrafas de bom vinho, segundo o costume da terra. As despezas correram por conta d'aquelle amigo de Schiedam, em quem já fallámos; o qual, reconhecido ao favor de Spinosa, que tão desinteressadamente cedêra n'elle a herança de seu irmão, prevenira com tempo Van-der-Spyck de que não satisfaria só os gastos do enterro, mas todas e quaesquer dividas que estivessem em aberto á morte do philosopho.

Varios credores se apresentaram, trazendo os seus roes de dividas, em que não é para ser tida em silencio uma circunstancia notavel. A conta do barbeiro rezava assim: «O sr. Spinosa, *de bemaventurada memoria*, deve a Abraham Kervel, cirurgião, por havel-o barbeado durante os ultimos tres mezes, a quantia de um florim e oito soldos.» A mesma saudação se repetia em outras contas. Pobre gente! Mal pensavam elles que o homem *de bemaventurada memoria* padecia áquella hora nos tormentos do inferno o justo castigo de suas impiedades!...

Procedeu-se judicialmente ao inventario do espolio do finado; e não deixaremos de satisfazer a curiosidade dos leitores que a tiverem, lançando aqui a descripção dos objectos encontrados. O seu fato, roupa de uso e mobilia consistiam em uma capa de camelão e outra de lã escura; uns calções, sete camisas, cinco lenços de assoar e dezenove gravatas brancas; um leito com seu travesseiro e cortinas vermelhas; quatro lençoes, uma colcha e um cobertor. Os adereços reduziam-se a um par de fivelas de prata, que renderam á sua parte dois florins! Havia tambem poucos livros, algumas gravuras ou estampas, muitos pedaços de vidro por polir, e outros já trabalhados, com a ferramenta necessaria para esse mister. O producto de tudo isto, que foi vendido em leilão, subiu a quatrocentos florins e treze soldos (pouco mais ou menos cento e vinte mil réis, computados os florins a trezentos e vinte réis). De certo que algum inglez ricaço, amador de celebridades, compraria hoje de bom grado por maior quantia qualquer das peças ou alfaias que entravam n'aquelle modestissimo espolio!

Deduzidas as despezas do processo e arrecadação, o resto, que foi por Van-der-Spyck consignado no deposito publico, reduziu-se a tão exigua somma, que a irmã do fallecido, Rebecca de Spinosa, tendo-se a principio apresentado como herdeira, julgou mais conveniente desistir da herança.

Quanto á sua banca de estudo, com os manuscriptos e correspondencia particular que ella encerrava, foi tudo logo após o fallecimento de Spinosa, e de conformidade com o que elle havia préviamente disposto, enviado de Haya para Amsterdam ao livreiro-impressor João Rieuwertzen.

Dando aqui por terminada a narrativa (bem que succinta, mais longa do que a principio nos propunhamos) da vida intima do nosso philosopho [1], completal-a-hemos com uma brevissima resenha dos seus escriptos, cuja analyse e apreciação deixâmos a pennas mais exercitadas.

CATALOGO DAS OBRAS DE SPINOSA

I. *Renati Descartes principiorum philosophiæ pars* I *et* II, *more geometrico demonstratæ*. Amstelodami, apud Johannem Riewerts, 1663, in-8.°

É um bem trabalhado resumo da philosophia de Descartes, que Spinosa havia dictado em parte a um mancebo, cuja educação lhe fôra confiada. Com um prefacio de Luiz Meyer, no qual se previne o leitor de que Spinosa não dá n'esta obra os seus proprios pensamentos, mas sim os de outrem.

II. *Tractatus theologico-politicus*, etc. Hambourg, apud Henricum Kiinrat (aliás Amsterdam, por Christovão Conrad), 1670, in-4.° de 233 pag.

Proscripto apenas viu a luz publica, este livro, que deve considerar-se como a primeira obra original de Spinosa, só pôde correr clandestinamente e á sombra de titulos falsos, taes como: *Danielis Heinsii operum historicorum collectio prima*. Lugduni Batavorum, 1673, in-8.° de 334 pag. — *Fr. Henriquez de Villacorta M. Doct. Opera chirurgica omnia*, Amstelodami, 1673, in-8.° — *Franc. de la Boe Silvii Totius medicinæ idea nova*, ibid., 1673, in-8.° — Foi traduzido em francez, segundo uns, pelo medico Lucas, ou pelo capitão de Saint-Glaise, segundo outros, apparecendo primeiramente com o titulo: *La clef du sanctuaire, par un savant homme de notre siècle*, Leyde, 1678, in-12.° de 531 pag. Depois foi este titulo substituido pelos seguintes: *Traitté des cérémonies superstitieuses des juifs tant anciens que modernes:* Amsterdam, 1678. — *Reflexions curieuses d'un esprit des-interressé* (sic) *sur les matieres les plus importantes au salut, tant public que particulier:* Cologne, 1678. As tres não formam mais que uma só e unica edição da obra, em que apenas a primeira folha se imprimiu diversamente.

Saiu ha pouco do mesmo *Tratado* uma versão ingleza, que ouvimos classificar de *excellente*. Impressa em Londres, 1862, in-8.°

Não publicou Spinosa em vida mais coisa alguma. Os seus escriptos posthumos appareceram no proprio anno em que falleceu, impressos por diligencia do livreiro Rieuwertzen, e sob o cuidado e vigilancia de dois amigos do philosopho, o medico Luiz Meyer e Jarig Jellis, com o titulo seguinte:

III. *B. D. S. Opera posthuma, quorum series post præfationem exhibetur*. 1677, sem indicação de logar, in-4.° Comprehendem-se n'este volume: 1.° *Ethica more geometrico demonstrata*, que é de todas as obras a mais importante; 2.° *Tractatus politicus*, destinado a expor sob outra fórma as idéas do *Tractatus theologico-politicus;* 3.° *Tractatus de emendationem intellectus*, não chegado a completar, e onde se acham as

[1] Entre os que positivamente dão Bento de Spinosa como nascido em Portugal, lembrâmos tambem o nosso erudito poeta e escriptor polygrapho, Francisco de Pina e de Mello, no seu *Triumpho da religião*, impresso em Coimbra, 1756, a pag. 14.

idéas do philosopho ácerca do entendimento humano, e do methodo em geral; 4.º *Epistolas*, em numero de setenta e quatro, sendo umas de Spinosa, outras de seus amigos e discipulos; 5.º *Compendium grammatices linguæ hebreæ*, que offerece pouco interesse.

Spinosa compozera primeiramente a *Ethica* em hollandez. Este ensaio, que andava extraviado, foi ultimamente impresso em Amsterdam, 1859, in-8.º, com algumas cartas inéditas, e uma nova biographia feita por um contemporaneo. Mr. van Vioten publicou tambem na mesma lingua, em 1862, varias producções, até então inéditas, de Spinosa: o *Tratado de Deus e do homem*, o do *Arco celeste*, etc. A traducção hollandeza do *Pentateuco*, que este havia concluido, segundo se affirma, foi por elle proprio lançada ao fogo, poucos mezes antes da sua morte.

Conhecem-se das obras de Spinosa tres edições: a 1.ª do professor Paulus, Jena, 1802-1803, 2 vol. in-8.º gr.; 2.ª a de Gfroerer, Stuttgart, 1830, in-8.º; 3.ª a de Bruder, Leipzig, 1843-1846, 3 vol. in-16.º

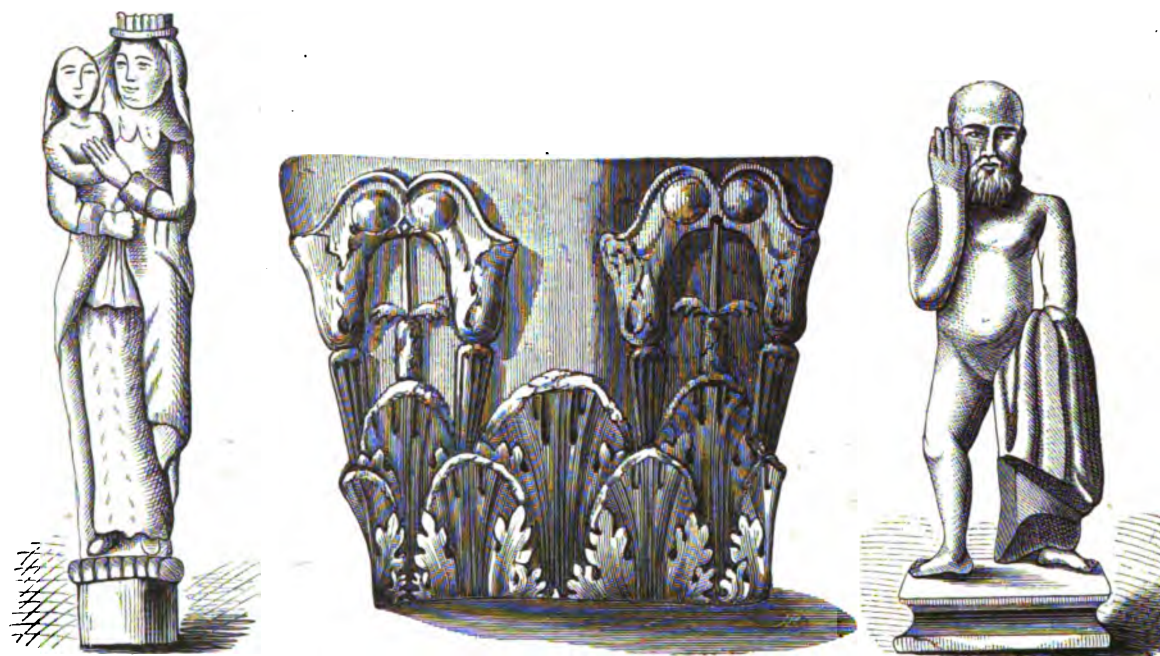
Quanto a traducções, existem, que nós saibamos, a de Auerbach em allemão, impressa em Stuttgart, 1841, 5 vol. in-16.º; e a de E. Saisset, Paris, 1842, 2 vol. in-18.º (edição Charpentier), e mais augmentada e correcta, ibid., 1861, 3 vol. in-8.º gr. Ha tambem uma versão em separado do *Tractatus politicus*, por Prat, Paris, 1860, in-18.º INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

O MUSEU DO BISPO DE BEJA

(Vid. pag. 168)

IV

D. Fr. Manuel do Cenaculo deixou inédita uma obra, conhecida dos bibliographos, que se conserva na bibliotheca publica de Evora. Intitula-se *Sisenando Martyr — Beja sua patria*. Á biographia que escreveu do santo accrescentou a historia da cidade, com muitas informações curiosas de suas antiguidades. As noticias que n'estes artigos damos dos objectos do museu são, pela maior parte, extrahidas d'aquelle manuscripto.



Objectos do museu do bispo de Beja

Com relação ao primeiro dos objectos representados na gravura, o qual se guarda na bibliotheca, diz o illustre prelado que é a Isis egypciaca, enfaixada, como as mumias, desde os pés até ao pescoço, e que foi encontrada na freguezia de Peroguarda, tres legoas distante de Beja.

A gravura representa esta antigualha de cobre no tamanho natural. É um homem e uma mulher abraçados, cujos corpos se distinguem melhor pela parte posterior. O primeiro tem uma especie de barrete na cabeça, e a segunda um objecto á maneira de leque apertado na mão.

O todo faz lembrar, com effeito, as figuras de Isis e Osiris, de que os antiquarios dão estampas muito diversas e numerosas, ora separados, ora abraçados.

Como o culto d'estas divindades se espalhou do Egypto por muitos povos da antiguidade, entre outros pelos phenicios, celtas, e até por alguns dos septentrionaes que invadiram o imperio romano, é de crer que um d'elles deixasse esta reliquia no territorio de Beja. Qual fosse não o sabemos nós dizer. Entretanto, convem advertir que na bibliotheca de Evora se conservam algumas espadas, cabras e outros objectos de cobre de mui tosco lavor, encontrados em varios sitios da diocese de Beja, e que pertenceram talvez, na mesma edade, ao mesmo povo.

O fragmento que se segue na gravura é de um capitel romano.

A decadencia da architectura e da esculptura em Portugal no primeiro quartel d'este seculo já fez logar a que alguem aventasse a supposição de que os capiteis corinthios do templo de Diana, em Evora, fossem trazidos de Athenas ou de Roma no tempo de Sertorio. Custava a confessar que a arte tivesse attingido alto grau de perfeição e opulencia onde dezoito seculos depois decaíra em miseravel pobreza. Fazia vergonha reconhecer que o estado de Portugal, n'este ponto, era de barbarie em relação ao da antiga Lusitania durante a dominação romana.

Tudo, porém, nos leva a crer que os capiteis do templo de Diana foram lavrados em Evora, e que a architectura e a esculptura em nenhuma outra epocha floresceram tanto como n'aquella, a não ser no reinado de D. Manuel.

De feito, na herdade da Coberta, pouco distante d'esta cidade, e n'outras partes, se tem encontrado marmores lavrados, mosaicos e outros vestigios da

excellencia e perfeição do trabalho dos artistas da Lusitania sob o imperio dos romanos. Ha pouco tempo que no Porto se vendeu por cincoenta libras um tumulo de boa esculptura, achado por um lavrador de Reguengos no districto de Evora.

Em Beja appareceram muitos capiteis e fragmentos de estatuas que se conservavam no museu Sisenando, e que egualmente provam o que dizemos. Affirma o benemerito collector na obra citada que os romanos tinham erigido a Tiberio um templo, cujas «columnas magnificas» vira soterradas na rua de Aljustrel. Do templo de Serapis achou tambem uma inscripção que fazia parte do museu.

Encontrou demais numerosos capiteis de diversas ordens de architectura, alguns de cinco palmos de diametro, outros menores. A estes ultimos pertence o que representa a gravura.

Na quinta da Sempre-noiva, junto de Arrayolos, vimos tambem um capitel de marmore de grandes dimensões, bem esculpido, que nos pareceu romano. Ignorâmos a sua proveniencia. É certo, porém, que ha n'aquelles sitios abundancia de reliquias romanas.

A terceira figura representa um Hercules, na opinião de D. Fr. Manuel do Cenaculo. O original, que está na bibliotheca de Evora, é de agatha, tem o mesmo tamanho que se vê no desenho, e foi achado em campos proximos de Beja. Pende-lhe do braço esquerdo um objecto, que parece antes roupagem que a pelle do leão.

«Outro Hercules, diz o auctor da obra mencionada, achado na freguezia de S. Theotonio, junto ao mar e cabo Sardão, n'este occidente litoral, visinho do promontorio Sacro, confirma seu culto n'este territorio. É de barro preto e duro, na figura de menino assentado sobre a enroscada pelle das serpentes que lhe arremessou Juno para o devorar no berço. Elle as matou, e em cima do destroço está zombando, pois de entre as perninhas saem as pontas da farpada pelle da cabeça despedaçada. O menino está rindo para ella com prazer, á maneira da complacencia com que Hesiodo ou quem é o escriptor do *Escudo de Hercules*, v. 115, descreve este heroe delicioso pelo convite de combater com o filho de Marte: *Arrisit autem fortis Hercules animo delectatus.*»

D'esta reliquia, que se perdeu, conserva-se o desenho na collecção respectiva á obra inédita a que alludimos.

A. FILIPPE SIMÕES.

REIS D'ARMAS, ARAUTOS E PASSAVANTES

(Conclusão. Vid. pag. 214)

III

PASSAVANTES

O ultimo dos tres officiaes da armaria é o passavante. Deu-se-lhe este nome porque, considerado como aprendiz no officio das armas, ao cabo de sete annos, que é obrigado a servil-o n'este cargo, passa a arauto logo que haja vagatura, e depois, por egual motivo, a rei d'armas.

É antiquissima tambem a origem d'este cargo. Parece que teve principio sob o governo do imperador Carlos Magno. Veiu para o nosso paiz da corte de Inglaterra, juntamente com os outros cargos de arauto e rei d'armas.

Consistiam as principaes obrigações dos passavantes em estudar tudo quanto pertencia aos officios de arauto e rei d'armas, a fim de se habilitarem a desempenhal-os quando para elles fossem nomeados. Não era tão pequeno trabalho similhante estudo como a muita gente se afigurará. A heraldica, ou sciencia dos brazões; o conhecimento das familias nobres de Portugal e suas possessões; e a formação das suas arvores genealogicas, que estavam incumbidas aos reis d'armas, eram estudos complicados e difficeis, e que demandavam séria applicação e arduas investigações.

Além d'estes deveres, tambem cumpria aos passavantes, em occasiões de guerra, seguir os exercitos, ao lado dos outros officiaes da armaria, e acompanhar os arautos nas missões a que el-rei ou o general em chefe os enviava; em tempos de paz, a assistir ao soberano nas solemnidades a que eram chamados os officiaes da armaria; e a andar por varias terras e reinos, segundo el-rei lhes determinava, em observação dos usos e costumes dos differentes povos, para, no seu regresso á corte, dar miuda informação de quanto viram.

Ha quem pretenda que d'este ultimo encargo é que lhes provém o nome de passavantes, isto é, andar de terra em terra, sempre com pouca demora, e a *passar ávante*. Porém a melhor opinião é a que deriva este nome de ser concedida a taes officiaes melhoria de posição, *passando ávante* de um cargo inferior para outro mais superior.

Já dissemos, fallando dos outros officiaes da armaria, que são tres os passavantes, e se denominam: Santarem o que pertence a Portugal; Lagos o do reino do Algarve; e Cochim o pertencente á India; pois que eram estas as tres principaes villas dos tres reinos ao tempo em que el-rei D. Manuel deu regimento e nova organisação aos officiaes da armaria.

Celebrava-se a ceremonia da investidura ou baptismo dos passavantes na mesma fórma, salvas pequenas differenças, usada com os arautos e reis d'armas. O principal d'estes ultimos introduzia o novo passavante na presença del-rei, que estava sentado no throno e cercado dos officiaes-móres da sua casa. O passavante não trazia insignia alguma do cargo que ia receber. Ajoelhando aos pés del-rei, e pondo a mão direita sobre o livro dos evangelhos, que lhe era apresentado pelo mesmo rei d'armas conductor, proferia o seguinte juramento:

«Fulano, passavante, juro a estes santos evangelhos nas mãos de Fulano, rei d'armas, que bem, e verdadeiramente, e com todo o cuidado e diligencia aprenda todo o que necessario for ao nobre officio das armas, para que dignamente possa passar, e ser accrescentado ao officio de arauto e de rei d'armas, quando el-rei nosso senhor d'isso houver por seu serviço de me prover.

«E assim juro em todo o que pelo dito senhor, e por aquelles que para elle seu logar tiverem, me for mandado, que de meu officio de passavante faça, e farei toda a fidelidade, cuidado e diligencia, assim como devo e sou obrigado fazer ao serviço de meu rei natural e senhor.»

A copa ou taça com agua, que o copeiro-mór entregava a el-rei para o baptismo, era de prata branca e sem tampa. Depois do soberano lhe ter deitado a agua pela cabeça, e imposto o nome da principal villa do reino de que ia ser passavante, o rei d'armas que o introduzira na sala vestia-lhe a cota, porém atravessada, e punha-lhe no peito o brazão d'armas do respectivo reino, sem coroa, e no lado esquerdo, para differença dos arautos, que o trazem no lado direito. Feito isto, seguia-se o beija-mão, acabado o qual o copeiro-mór ia offerecer ao novo passavante a taça de prata que servíra para o baptismo.

Existem ao presente os tres passavantes com os mesmos nomes de Santarem, Lagos e Cochim; porém as suas funcções estão limitadas a comparecer nas grandes solemnidades da corte, tomando o logar que lhes pertence junto aos arautos e reis d'armas. Nos prestitos reaes vão adiante os passavantes, depois os arautos, e em seguida os reis d'armas. A cota dos passavantes é egual á dos arautos, com a differença de a trazerem aquelles atravessada.

A ceremonia da investidura ou baptismo caíu em desuso ha longos annos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

VILLA DA POVOA DE VARZIM

(Vid. pag. 231)

IX

Das edificações ou obras chamadas publicas, que existem na villa da Povoa de Varzim, ainda nos resta fallar do hospital e do cemiterio; e não os juntâmos n'este capitulo por ligarmos, como epigramma pungente, á santa idéa de um a lugubre idéa do outro, senão porque, philosophicamente, andam bem ao par a miseria do hospital e a miseria do tumulo.

Deram origem ao hospital duas calamidades occorridas nos primeiros annos do presente seculo: a fome padecida pelos desgraçados pescadores em 1811, por effeito de continuada e horrorosa invernada, e a epidemia que se lhe seguiu.

Sendo impossivel acudir a tamanha desgraça e a tão crescido numero de enfermos com um facultativo de partido, que a municipalidade nomeára havia tres annos, e convindo separar os que iam caindo fulminados pela epidemia em logar apropriado para limitar o desenvolvimento da doença, a camara pediu e obteve licença para estabelecer um hospital provisorio, cedendo para isso, por não ter outra casa, uma parte do edificio em que funccionava. Effectivamente, o primeiro hospital da Povoa de Varzim foi o que se instituiu em uma sala dos paços do concelho, de que tratámos no capitulo anterior.

Em tal local, não podia, comtudo, subsistir um estabelecimento pio regularmente montado; por isso a camara municipal tratou para logo de representar ao sr. D. João VI ácerca da conveniencia de estabelecer definitivamente um hospital na villa, e de examinar terreno para esse fim. A representação foi bem acolhida, e em pouco tempo desceu ordem para se começarem as obras; mas, sendo esta lavrada em 1819, só passados sete annos é que se inauguraram os trabalhos, e isto mesmo foi devido ao zelo do benemerito povoense José Antonio Alves Anjo, que o auctor das *Memorias historicas* cita com particular consideração, porque, para se conseguir o acabamento do hospital, tambem dispendeu alguma coisa dos proprios bens.

Começado o hospital em 1826 no local em que hoje o vemos, a solemnidade da abertura verificou-se, a final, em 29 de junho 1835, passando n'esse dia para o novo edificio os enfermos que existiam no hospital provisorio da camara municipal.

A administração do hospital pertence á irmandade da Misericordia da Povoa de Varzim, e, em conformidade com a provisão de 1826, tem como adjuntos dois vereadores do mesmo concelho.

Além do referido Alves Anjo, muito contribuiram para a fundação do hospital os prestantes cidadãos João Francisco Nunes e Bernardo José da Silva, que alli empregaram esforços e cabedaes.

O edificio do hospital é de regular construcção. Tinha seis enfermarias espaçosas, bem ventiladas e bastante aceiadas; mas, ainda não ha muitos annos, estabeleceu-se mais outra, sob o titulo de S. João, e a expensas de um caridoso bemfeitor, o sr. João Antunes Guimarães, natural da freguezia de S. Salvador de Donim, do concelho de Guimarães. Este philanthropico cidadão mandou preparar convenientemente a dita enfermaria, e contigua a ella destinou uma pequena sala para se recolherem os enfermos particulares que, mediante o preço estabelecido no regulamento do hospital, por falta de familia ou por qualquer necessidade da doença, alli fossem procurar abrigo para se tratarem. Depois d'estes importantissimos melhoramentos, realisados, como dissemos, á sua custa, o mesmo sr. Guimarães presenteou o hospital com doze cadeiras de mogno, doze camas de ferro, doze biombos, doze mesas de cabeceira, uma pequena commoda de mogno, quatro globos de vidro para luzes, e um altar, ou oratorio, com crucifixo e quatro castiçaes grandes de madeira.

Está situado o cemiterio publico, ha pouco tempo concluido por conta da camara municipal, a léste do hospital, e separado d'este pio estabelecimento pela nova estrada que segue da Povoa de Varzim para Barcellos.

A escolha do terreno para o eterno repoiso dos que se vão finando parece que não foi mui acertada, pois ha quem supponha, por sem dúvida com bons fundamentos, que seria mais apropriado e conveniente que se tivesse procurado local mais distante do hospital e fóra da correnteza do vento norte, predominante na villa, como prevenção hygienica. Ao nascente da povoação, onde não faltam bons terrenos, de certo que a escolha seria mais conforme com os preceitos sanitarios; e o local em que está hoje o cemiterio devia antes ser destinado para um passeio publico, com o que, sobre tudo, se alegrariam os miseros habitadores do hospital, que, de outro modo, tem, para assim dizel-o, constantemente diante dos olhos o tristissimo espectaculo da morte.

O cemiterio fórma um quadrilongo com a superficie de 4:536 metros quadrados. Deixando por este melhoramento de ser enterrados os cadaveres nas egrejas da villa, as principaes e mais abastadas familias fizeram alli acquisição de terrenos para construirem jazigos, dos quaes se contam sete já acabados (sendo quatro de marmore e tres de granito) e quatorze em via de construcção.

Tem o cemiterio cinco marcos fontenarios, que recebem agua do chafariz que lhe fica proximo. E no largo, onde fica a entrada do cemiterio e o chafariz, a municipalidade resolveu que se formasse uma lameda, cujos trabalhos de terraplanamento começaram o anno passado.

O primeiro enterramento que se fez no cemiterio publico foi a 11 de setembro 1866, dando-se á terra o cadaver de José Antonio Fernandes Campos, proprietario, capitalista, cavalleiro da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo e antigo administrador do concelho da Povoa de Varzim. Segundo o nosso zeloso informador [1], o dito sr. Fernandes Campos declarára em sua vida «que queria, quando fallecesse, ser enterrado em cemiterio sagrado; e assim succedeu, desapparecendo com este exemplo o pernicioso costume dos enterramentos nos templos da villa.»

Desde o indicado dia até 11 de dezembro 1867, ou no lapso de quinze mezes completos, sepultaram-se 77 cadaveres de pessoas maiores e 218 de menores edades.

Visto que nos referimos ao chafariz que existe junto do cemiterio, no largo chamado das Dores, cuja capella ahi está situada, não concluiremos este capitulo sem dizer que a villa da Povoa conta já hoje, além d'aquelle, mais tres chafarizes, os quaes são: um na praça do Almada, outro no largo de S. Roque e outro na rua do Bandeira [2]. Attendendo, porém, ao extraordinario desenvolvimento da população, que fica antecedentemente notado, é natural que alguma camara municipal se lembre das necessidades dos seus municipes, mandando construir mais dois chafarizes, um ao sul, proximo da egreja da Lapa, e outro a oeste, junto da capella de S. José.

(Continúa) BRITO ARANHA.

[1] O sr. Manuel Luiz Monteiro Junior, já citado.

[2] Em 1852, o auctor das *Memorias historicas* citadas, mencionando a existencia de um só chafariz n'aquella epocha, lastimava não se ter aproveitado a agua que se podia ir buscar a alguns centos de metros de distancia, em logar onde ella corria abundante e de boa qualidade. Vê-se, porém, pelo que deixâmos escripto no texto, que as municipalidades, depois de 1852, não se esqueceram de tão urgente necessidade do povo, e acudiram-lhe como poderam.

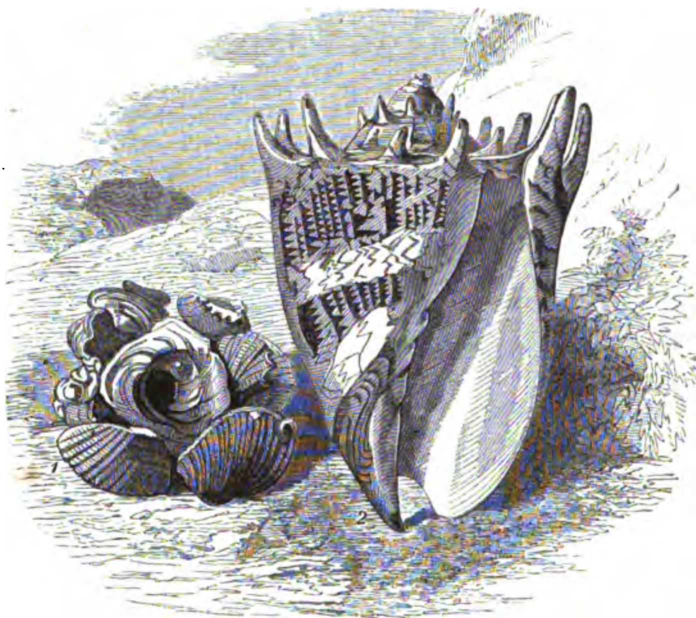
VOLUTA IMPERIAL E PINHOLA GLUTINOSA

Sob a denominação de *voluta* estabeleceu Linneo um genero de molluscos, de concha unialve, tendo por principal caracteristico a columnela cavada em pregas. Era assim copiosissimo em especies, porém alguns naturalistas mais modernos, e principalmente Lamarck, que mui zelosamente se entregou ao estudo dos molluscos, achando em varias d'aquellas especies caracteres muito differentes entre si, reconheceram a necessidade de reformar aquella classificação, separando d'ella diversas especies, com que reduziram o genero voluta.

Apesar d'esta reforma, ainda o genero voluta ficou rico de especies formosas, como, entre outras, a que se vê representada em a gravura junta.

Esta concha, que a sciencia denomina *voluta imperialis*, e que os amadores designam pelos nomes de *coroa chineza* ou *coroa imperial*, é mui linda, tanto pela sua fórma esbelta, como pelas côres vivas e engraçados desenhos que ostenta sobre uma superficie lisa e lustrosa como a mais fina porcelana. Adornam-lhe a parte superior uns circulos de bicos, largos na base e aguçados na ponta, que a cingem como diadema, e, diminuindo em tamanho, lhe vão guarnecendo a espira, que é baixa e obtusa. A côr geral da concha é de um alaranjado mui desvanecido, com umas faxas transversaes mais claras, fazendo aquella e estas fundo a uma infinidade de desenhos em ziguezagues de côr acastanhada clara. Quanto ao tamanho da concha, diremos que possuimos uma que tem o dobro da altura da que está figurada em a nossa gravura; e é este o maximo, ou quasi o maximo, do desenvolvimento que attinge.

O animal, constructor e habitante de tão formosa morada, tem a fórma oval, a cabeça grande e bem distincta, tentaculos mais ou menos triangulares, com os olhos situados um pouco atraz da sua base, e a boca provida de uma especie de tromba bastantemente



1 Pinhola viscosa — 2 Coroa imperial

espessa. Quando sae da concha trasborda d'ella por todos os lados, servindo-se de ponto de apoio, e de principal instrumento motrix, quer se arraste na praia, quer nade no mar, de uma cauda ou pé mui largo, e com varias pregas na parte dianteira.

Encontram-se volutas em diversos mares; mas a especie de que nos occupâmos habita no oceano Indico.

Dá-se entre nós o nome de *pinhola* ás differentes especies de um genero de molluscos, que os naturalistas denominam *trochus*, e que, em geral, tem a fórma mais ou menos parecida com uma pinha. Entretanto, a especie de que vamos fallar é, d'entre todas, talvez a que menos apresenta uma tal similhança.

As pinholas são conchas ou buzios orbiculares, de feição conica, com a ponta aguda em umas especies e obtusa n'outras, e com a base achatada, e a um lado a abertura por onde sae o mollusco.

Vivem estes animaes em quasi todos os mares, e em bastante proximidade da praia, procurando abrigar-se nas cavidades das rochas. D'alli os arrancam as ondas facilmente, deixando-os ficar em sêcco na praia, não só nas occasiões de temporal, mas até no proprio crescimento da maré.

Nas costas do nosso paiz habitam varias especies d'estes molluscos; todas de concha pequena, e algumas agradavelmente matizadas com pintas côr de pinhão e roxas, e tambem alvadias.

A especie representada em a nossa gravura com o n.º 1 é das menos bonitas, mas, em compensação, é das mais singulares, não diremos pelo feitio, em que bastante se differença das suas congeneres, mas sim pela propriedade de fazer adherir ao dorso pegajoso da sua concha muitos corpos pequeninos, que assim ficam tão solidamente unidos, quasi como se por sua natureza fizessem parte da concha. Esses corpos são diversas substancias, segundo os logares habitados pelo mollusco, taes como pequenas conchas, ou fragmentos de conchas, e de polypos, pedrinhas, etc. Em razão d'esta propriedade pegajosa, Linneo denominou-o *trochus agglutinans*. Porém o naturalista Montfort entendeu conveniente separal-o do genero *trochus*, o que realisou, constituindo-o typo de um genero novo.

Vivem estes molluscos no Mediterraneo, no oceano Indico e no mar das Antilhas. Apesar de não se recommendar a sua concha por elegancia de fórmas, nem por belleza de côres, e não obstante ser mais vulgar que rara, é procurada e muito apreciada pelos amadores de conchiologia.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31



Marcos Antonio Portugal

Oh noites de prazer, de encanto oh noites,
Que presentes vos tenho!... Inda na idéa
Cuido que escuto a tremular nos ares
De Catalani as rapidas volatas,
A voz angelical, dando alma e vida
A's notas immortaes do illustre Marcos!

Costa e Silva — *Poesias*, vol. III, epistola a F. M. Pamphili.

I

Na serie dos filhos illustres, de que Portugal póde com justiça gloriar-se nos seculos recentes, e cujos nomes inscreve honrosamente nos seus brazões litterarios e artisticos, de certo brilha com luzido fulgor e na primeira plana o insigne Marcos Portugal. Celebrado por naturaes e estranhos como um dos mais abalisados compositores do seu tempo, quer na musica profana, quer na sacra, generos que egualmente tratou com superior destreza e admiravel fecundidade, cabe-lhe por universal consenso um logar eminente entre os cultores da arte na eschola italiana, em que se iniciára, e na qual nos deixou provas irrefragaveis de um talento que soube transcender as raias da mediocridade.

Com a solicitude e zelo que de muito empregâmos para salvar do esquecimento (em que, por effeito de inqualificavel incuria de nossos passados, vão caíndo entre nós as memorias de tantos que, por talentos e acções condignas, procuraram bem-merecer da patria), esforçámo-nos por haver a maior cópia de noticias exactas, que nos habilitassem a dar miuda conta da vida e trabalhos artisticos do esclarecido *maestro*, ajudando com nosso pequeno brado o pregão da sua fama.

Não é, porém, esta a primeira vez que sentimos tolhido o passo ao impulso patriotico que nos move, saíndo com o desgosto de ver pouco menos que baldadas as nossas diligencias. Nossa pouquidade e insignificancia, reconheciveis e demonstradas *officialmente* ha muitos annos, privam-nos de consultar archivos publicos e collecções particulares, que a outros se patenteiam *de ordem superior*, ou se franqueiam de bom grado, e onde, provavelmente, se conservam documentos preciosos e especies ignoradas, que nos dariam a luz de que necessitavamos para desempenho cabal da tarefa emprehendida. É fado nosso, contra o qual por muito tempo luctámos, mas que não podémos vencer.

Sem comtudo renunciar ao nosso proposito, e para tornar a nossa obra menos imperfeita, trabalhámos para ver e combinar entre si o que até agora se acha, pela imprensa nacional e estrangeira, vulgarisado ácerca do individuo de quem nos propunhamos tratar.

Lêramos ha perto de cincoenta annos as escassas oito linhas em que, na *Mnemosyne lusitana* (tomo II, 1817, a pag. 181), appareceram commemorados a pessoa e trabalhos artisticos de Marcos Portugal, então vivo na corte do Rio de Janeiro. Depois d'ellas, de algumas ainda mais curtas citações, consignadas de passagem em poucos escriptos do tempo, e dos brevissimos artigos allusivos ao mesmo assumpto no *Essai statistique* de Balbi (tomo II, 1822, pag. CCVII), e na *Lista de alguns artistas portuguezes* do sabio patriarcha S. Luiz (impressa em 1839, a pag. 48), nada mais se nos depara ácerca do nosso portuguez, escripto por nacionaes. Foi mister que um erudito estrangeiro, F. J. Fétis, na sua importantissima *Biographie universelle des musiciens* (1.ª edição, 1835-1844; 2.ª dita, 1860-1864), viesse dar-nos a conhecer o que até então ignoravamos, consagrando n'essa historia monumental da arte um extenso e noticioso artigo á memoria do nosso compatriota, e pretendendo tirar á luz successos e particularidades de que ninguem até esse tempo se havia feito cargo.

Infelizmente, porém, as informações que lhe foram

presentes, e serviram de base á sua narrativa, eram tão inquinadas de erros, que o artigo ficou sendo, na sua maior parte, um tecido de inexactidões, em que a verdade desapparecêra para deixar logar á imaginação [1]. Factos pospostos ou antepostos, datas evidentemente erradas, circumstancias inconciliaveis, eis o que no artigo se nos offerece do principio ao fim. A biographia de Marcos ficou ainda por escrever.

Mas o que nos parece em verdade para lastimar, é que todos os que posteriormente pretenderam dizer alguma coisa de Marcos se limitassem a tomar por norte e guia aquelle artigo, copiando-o, ou resumindo-o sem mais investigação, reproduzindo os mesmos enganos, e jurando, como se diz, nas palavras do mestre. Assim se tem propalado os erros e inexactidões, ainda com o adminiculo de novos descuidos, provenientes de má intelligencia, por modo que parecêra incrivel, se o não palpassemos á vista da confrontação a que com escrupulo procedemos.

É o que successivamente fizeram o auctor do artigo inserto na *Nouvelle biographie générale* (tomo XL, 1862, col. 867); o de outro inserto na *Chronica dos theatros* (5.º anno, n.º 9, de 7 de junho de 1865); um illustre collaborador do *Archivo Pittoresco*, na *Memoria sobre a origem, progressos, etc., da musica* (no tomo IX d'este semanario, 1866); e quasi pelo mesmo tempo outro illustrado estrangeiro, o sr. Platão de Vakeel, nos seus *Apontamentos para a historia da musica em Portugal*, publicados na *Gazeta da Madeira* (vid. o n.º 19, de 21 de junho de 1866), estudo aliás instructivo e curioso, que o auctor, segundo nos consta, vae dar novamente á luz, mais correcto e grandemente ampliado.

Não foi sem grande mágoa nossa que, ao confrontar estes diversos escriptos, notámos em todos reproduzidas, sob a fé do biographo belga, affirmativas tão manifestamente inexactas, como são: que Marcos *nascêra em* 1763, e *fallecêra em Lisboa em* 1829; que aprendêra os rudimentos da arte *em um convento;* que partira para o Brasil *com a familia real em* 1807; que fizera ainda em 1815 *uma nova viagem á Italia;* que regressára a Lisboa *com D. João* VI *em* 1821: asserções todas convencidas de inexactidão flagrante, sem fallar agora de outras, que se nos afiguram, se não de todo falsas, ao menos duvidosas pelas incoherencias que lhes achâmos, como haverá para diante occasião de mostrar.

O mesmo não diremos de outra, ainda que succinta, mui compendiosa noticia, bebida em fontes mais genuinas, e que fórma um interessante capitulo da memoria *Os tumulos em um claustro*, lida pelo nosso digno consocio e diligente investigador de antiguidades, o sr. dr. Moreira de Azevedo, no instituto historico do Brasil, e publicada no tomo XXIX da respectiva *Revista*, correspondente ao anno de 1866 (vid. de pag. 290 a 292). Essa noticia, e o catalogo das composições musicaes de Marcos, escripto por elle proprio, e já publicado por outro nosso respeitavel consocio, o sr. M. de Araujo Porto-Alegre, na mencionada *Revista* (vol. XXII, 1859, de pag. 479 a 503), foram-nos de grande auxilio, não menos que os subsidios que da melhor vontade nos facilitou o sr. Joaquim José Marques, intelligente amador da musica, e um dos mais enthusiasticos admiradores das glorias de Marcos, pondo generosamente á nossa disposição, afóra outros livros, a collecção numerosissima que possue (e talvez a mais completa ora existente em Lisboa) dos *librettos* das operas representadas no nosso theatro lyrico desde a sua fundação até agora. A elle devemos tambem o retrato, que a empreza do *Archivo* mandou gravar esmeradamente para ser collocado á frente d'este artigo. Por tudo rendemos ao nosso amigo sinceros agradecimentos.

Cerrando por aqui o exordio, que, embora longo, nos pareceu indispensavel, passaremos á resenha da vida e feitos de Marcos, tão veridica e circumstanciada qual podémos coordenal-a; deixando ainda para outros mais felizes o cuidado de a completar com o muito que escapou a nossas indagações, bem como aos entendidos na esthetica musical o de pronunciarem juizo fundamentado sobre o merito de producções, para cuja analyse e apreciação nos confessâmos de todo incompetente.

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 234)

XVI

O AMOR VERDADEIRO

Não foram precisos muitos dias para que Pedro se apercebesse que entre o seu hospede e a sua futura havia demasiada familiaridade; mas, com a probidade que distinguia o seu caracter, nem sequer teve uma leve suspeita de que o atraiçoassem.

Como? Pois a mulher que desde o berço lhe estava destinada, que elle principiou a amar ao mesmo tempo que começou a amar sua mãe, que lhe jurára ser só d'elle, e que sabia quanto era adorada, havia de enganal-o?

E o homem que lhe devia a vida, que lhe pedíra que o tratasse como irmão, que elle recolhêra em sua casa, a quem cedêra a sua cama, e por amor do qual dormia no duro chão, e para quem trabalhava como negro a fim de que nada lhe faltasse n'uma terra pobre e sem recursos, esse homem havia de illudil-o e escarnecel-o?

Impossivel!

O doente levantou-se por uma bella manhã em que Pedro tinha ido, como de costume, para a pesca dos congros. E o joven pescador, voltando a casa inesperadamente, encontrou Carlos sentado á sombra da sua figueira, beijando as mãos... e o rosto de Maria, que se prestava a taes demonstrações com egual ternura!

Pedro, que trazia ás costas um bicheiro de ferro, porque resolvêra ir aos polvos em vez de ir ao mar alto, teve como um deslumbramento; esfregou os olhos com as costas da mão e encostou-se ao bicheiro para não cair. Depois, tomando uma resolução violenta, avançou para os dois.

Carlos levantou-se. Maria ficou sentada onde estava.

— O senhor escarneceu-me, disse Pedro gravemente e empunhando o terrivel ferro como se fôra um punhal; abusou da minha confiança indignamente, e eu devia matal-o como se faz aos cães damnados; mas ahi tem esse bicheiro de ferro; defenda a sua vida como podér, porque um de nós ha de ficar aqui por força.

Atirou-lhe com o varejão aos pés e correu a casa, d'onde logo saíu com um pau de marmeleiro ferrado de ambos os lados.

[1] Quando nos vemos forçado a apontar este ou similhantes defeitos, não queira alguem persuadir-se de que nossos humildes reparos tendem nem remotamente a rebaixar o merito de obras como a de Fétis. *Hanc veniam petimusque, damusque vicissim.* Ninguem melhor do que nós está em circumstancias de avaliar pela experiencia propria quanto custa ser sempre exacto em obras d'esta ordem e de tamanho folego, nas quaes o escriptor, impossibilitado de examinar tudo por si, tem necessariamente de soccorrer-se dos trabalhos de outros, tornando-se ás vezes responsavel dos descuidos alheios. Vem a ponto, e sirva de exemplo o que nos aconteceu, pouco ha, em caso analogo. No tomo VIII do nosso *Diccionario bibliographico*, inattentadamente transportámos da Bohemia para Portugal a patria de um afamado escriptor e compositor musico, Antonio José Reicha, e lhe abrimos praça como a portuguez e natural de Braga; baseando a nossa equivocação (á parte a propriedade ou similhança de nome e appellido) no erro de compositores ou revisores typographicos, que deixaram passar a letra B em logar de P! Erro de que só tarde fomos benevolamente advertido, mas que de certo evitariamos se tivessemos tido occasião de ver antes a obra de Fétis.

Carlos Eugenio ficára impassivel.

— Não me defendo, disse elle tranquillamente; não sei jogar o pau, e, ainda que soubesse, não estou em estado de me defender. Reconheço que procedi mal; a culpa foi do destino, e do senhor, que me arrancou ás ondas...

— Porque não sabia que qualidade de homem salvava, atalhou o pescador; senão, em vez de lhe acudir, tel-o-hia impedido de juntar mais esta feia acção ás outras que, provavelmente, ha de já ter praticado.

A linguagem digna e severa de Pedro, que lhe era inspirada, apesar da sua ignorancia, pela elevação do seu caracter, feriu Carlos Eugenio.

— Mate-me, mas não me insulte! disse elle. Tem direito para me bater, e não para me affrontar!

— Tenho direito para tratar como eu quizer a um ladrão da sua especie!

E, dizendo isto, Pedro ergueu o pau, e teria esmigalhado o craneo de Carlos se Maria se não lançasse entre elles gritando:

— Perdão!

Foi só então que o moço attentou n'ella e pensou que a vira, ao entrar, recebendo as caricias e afagos de outro que não era elle.

— Perdão?! Pois tu gostas d'este moço?!

— Adoro-o! Se lhe tocares, morrerei. Se eu não casar com elle, não serei mulher de nenhum outro!

Pedro arremessou o pau para muito longe e disse, voltando-se novamente para Carlos:

— Sáia em paz, senhor; por amor d'esta mulher, que eu amo mais que a vida, e que nunca deixarei de amar, perdôo-lhe o mal que me fez roubando-m'a para sempre.

Os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas. Voltou-se para que os dois lh'as não vissem, e partiu para casa do padre Manuel.

D'ahi a meia hora chegou uma carruagem do Porto, trazendo dentro dois sujeitos, dos quaes um era medico afamado da cidade invicta, e o outro negociante e correspondente de Carlos Eugenio.

Folgou o lisboeta por se poder livrar, mais depressa ainda do que tinha pensado, da situação em que caíra. Um elegante da sua qualidade não podia descer até ao ponto de casar com uma aldeã! Além d'isso, reconhecia que por pura leviandade tinha commettido um acto infame, e a consciencia maltratava-o. Carlos era o que convencionalmente se chama *um rapaz da moda*. Jogava, bebia, fumava, e fazia tudo quanto fazem os da sua edade, se se lhe offerecia para isso occasião; mas não procurava de proposito esses divertimentos ou extravagancias; não frequentava logares suspeitos; dava esmolas a quem lh'as pedia; não fazia nunca o mal só para ter a vangloria de ser mau; nem recuava diante de nenhum prazer que se lhe atravessasse no caminho.

Acceitava a existencia com tudo quanto ella tinha de feio ou de bonito, conforme se lhe apresentasse; e agradecia-lhe os gozos que d'ella recebia, com tanto que lh'os variasse constantemente. Finalmente, quando fazia alguma grossa patifaria, não gostava que lh'a lançassem em rosto, e tinha a coragem de se bater, porque, segundo os principios da sociedade a que pertencia, um duello limpa de qualquer infamia a todo o miseravel que tem valor para manejar uma espada ou uma pistola.

Gostava de Maria porque era bonita, porque lhe serviu para se distrahir artisticamente durante a doença, e porque ella gostava d'elle; mas nunca pensára em se demorar nem mais um dia por amor d'ella: e ficou devéras incommodado com as recriminações de Pedro, que reconhecia justas, mas não gostava de deixar atraz de si um homem com o direito de lhe chamar tratante sem elle o poder corrigir por esse atrevimento.

Aproveitou, pois, a visita do seu correspondente, dizendo á moça que aquelle vinha buscal-o por ordem de seu pae; que já estava no Porto outro navio esperando-o para o levar a Inglaterra, e que d'ahi a dois ou tres mezes voltaria para casarem.

Bem facilmente se crê o que muito se deseja.

Maria pediu-lhe que, quando passasse para o norte, mandasse bordejar o navio diante da praia do Esteiro, e lhe acenasse com uma bandeira para ella saber que era elle; e que á volta de Inglaterra, se chegasse de noite em frente de Avelomar, se pozesse tambem a bordejar até pela manhã, e lhe fizesse então com a bandeira os mesmos signaes, porque ella não deixaria passar embarcação alguma sem ir á praia reconhecel-a.

Tudo o amante lhe prometteu, e partiu, chorando umas lagrimas, que ella tomou por si, e que elle proprio não saberia bem explicar.

(Continúa) F. GOMES DE AMORIM.

SCIENCIA POPULAR

O BAMBÚ E SUA UTILIDADE

O bambú (*bambusa arundinacea* de Wild), planta natural da India, vegeta optimamente nos nossos jardins de recreio. Disposto em grupos pelas margens de rios e lagos, alternando com especies de outros generos, é sempre de um excellente effeito, como se observa em sitios do passeio publico da Estrella.

Na qualidade de chefe de serviço do horto do instituto agricola, tratei-a por mais de seis annos no logar que, pela ordem da classificação, alli lhe coube, onde se acha nas mesmas circumstancias, com os muito pequenos cuidados de que precisa, não obstante ser o peior sitio em que podia acertar.

Em todos os sitios, e bem differentes condições, em que nos jardins de Lisboa existe o bambú, encontra-se sempre em perfeitas circumstancias de vegetação. É, pois, claramente, a especie alludida um vegetal que podêmos, não só aqui, mas em regiões menos frias, cultivar com grande facilidade, tornando-se por esta e outras razões um dos que nos devem merecer attenção.

O bambú é uma planta que não só interessa pelo ornamento, mas tambem por varios respeitos, conforme a especie, a edade e os paizes onde se cria, assim como ganha mais ou menos altura e diametro, dureza, resistencia, leveza, espessura de lenho, capacidade ou vasio, etc.

Por isso apparece notado o *bambú terin*, já por seu pau mais resistente e leve, como exclusivo material de grande duração nas habitações e em outras obras de vulto em certas ilhas da Asia e nas costas occidentaes da America do sul, onde as construcções mais pesadas seriam extraordinariamente perigosas, abatendo de tempo a tempo por effeito dos tremores de terra; já pelo grande vasio que offerece, empregando-se para vasos, tubos, medidas de capacidade e outros utensilios, para os quaes não menos usado é o grande e magestoso *bambú sammat* [1], que é o de maiores dimensões e tambem o mais ôco, e egualmente o *illi*, posto que menos ôco e mais espesso. O *bambú tcho* emprega-se no fabrico de um papel da China, que os indigenas muito usam nos guarda-soes e para suas pinturas; o *ampel*, especie que exhibe um pau de muita força, emprega-se na feitura de escadas muito leves, assim como para certos supportes, e em outros instrumentos de differentes usos; as bellas e delgadas cannas do *bambú negro* e as do *branco* de pequeno talhe são de mui geral e conhecido uso para cabos de chapeos de chuva, e até para bengalas [2].

[1] Esta especie chega a attingir a altura de mais de 20 metros e o diametro de 6 decimetros proximamente.

[2] Mesmo do bambú branco, isto é, do que possuimos, mandámos fazer uma bengala, e podêmos assim mostrar a boa qualidade da canna.

Outros bambús ha de mui differente e utilissimo emprego, e de alguns apparecem obras de mimo e raridade, taes como galantes caixas ornadas de magnificos desenhos, lindos cestos, etc.

Contam-nos que cada um dos pretos carregadores de cobre das minas de S. José de Encoche transporta este producto por meio de certa canna bambú, que terá 7 centimetros de diametro, d'onde, sobre as costas, lhe pende um fardo de não menos de 4 arrobas! Sendo carregados os navios em Mossamedes, enormissima distancia onde é levado o minerio, voltam os pretos para S. José de Encoche e cercanias com fardos de lenços ou de outras fazendas de algodão, e enfiadas de missanga, com que alli pagam suas despezas e fazem outras permutações.

Por estas ou similhantes razões se vê a grande resistencia d'est'outra sorte de bambú produzida na Africa occidental.

Temos percorrido recentemente os jardins da capital, á excepção do sumptuoso jardim real das Necessidades, mas não nos consta que possuamos exemplares vivos do bambú negro ou da China (*bambusa nigra* de H. P.) Cremos que o não temos, existindo já ha mais de dez annos em França, onde logo á sua introducção foi tomado no devido apreço, empregando-se todo o cuidado para a sua multiplicação.

Era, consequentemente, uma das preciosas acquisições a fazer, sobre tudo porque se verificaria com extrema facilidade, e porque poderíamos cultivar com bem pouco custo, tão perfeitamente esta especie como a branca, que faz o objecto principal d'estes apontamentos.

Como quer que seja, porém, ou se entenda, o que poderemos seguramente dizer é que, sendo o bambú negro o mais estimado para as bengalas de chapeos de chuva, de umbellas, e para outros serviços, comtudo o bambú branco que possuimos póde tambem, por sua qualidade, logo que se torne bem propagado e conhecido, ter muita procura entre nós, por isso que o que vem do estrangeiro, quer de uma quer de outra côr, o não excede em muitos casos. É o que poderá concluir-se de algumas das seguintes indicações, do mesmo modo que da inspecção e experiencia de pessoa competente.

Por fins de outubro do anno proximo findo, obtivemos no instituto agricola uma canna bambú amadurecida, que, tendo sido em logar abrigado, como convinha, exposta ao ar, ao cabo de uns quinze dias começou a murchar. Por fins de novembro, tendo nós alcançado uma outra canna, egualmente madura, do jardim botanico da Ajuda, e havendo sido enxuta do mesmo modo, murchou tambem até certo ponto; mas em fins de dezembro e por meiado janeiro, tendo-se-nos enviado do mesmo jardim algumas cannas egualmente maduras, seccaram estas nas referidas circunstancias, sem que uma ou outra murchasse, não offerecendo, decorrido ainda o tempo da mais completa sécca, alteração alguma na uniformidade e no brilho da superficie, tornando-se, pelo contrario, mais bonita em alguns sitios proximo dos nós, onde a projecção dos ramos as tinham deixado mais verdejantes.

O córte dos bambús só deve fazer-se quando perfeitamente maduros, no caso preciso, pela epocha do córte das cannas ordinarias (*arundo donax* de Lin.)

Logo que colhemos a primeira canna de bambú mostrámol-a a um dos nossos esclarecidos artistas, tanto em obras de torno como no fabrico de chapeos de sol, o sr. Antonio Maria Teixeira, o qual nos aconselhou que não cortassemos cerce os ramos das cannas, mas sim a certa altura, a fim de se poder fingir o mais naturalmente possivel a continuação dos nós, como se vê nas cannas que nos vem de fóra.

Cortámos, por consequencia, á precisa altura os ramos das outras cannas, que não soffreram alteração alguma na superficie, ácerca das quaes o referido artista notou, a par d'esta excellente circunstancia, outras boas qualidades, taes como: não serem mais grossas do que convinha para bengalas de chapeos de sol; não serem esguias ou desproporcionadas; e não serem tão ôcas como muitas das que nos enviavam do estrangeiro, offerecendo ainda a precisa rigidez.

A estas circunstancias, porém, vimos terem faltado duas coisas: primeiramente, a de serem as cannas colhidas com certa porção de raiz; e em segundo logar, de serem contornadas por esta parte, acto continuo, ou com pouca demora, por meio do fogo. Depois d'isso, e de perfeitamente séccas, facil é simular-lhes os nós, quando para bengalas, em todos os sitios interrompidos pela grossura dos ramos; desbastar-lhes o extremo arqueado, quasi sempre mais ou menos estalado, e dar-lhes um simples verniz, para o que ligeiramente se raspam, ou lixam, ficando assim em tão boas circunstancias como as que nos vem de fóra.

Tendo-nos levado as expendidas razões ao presente artigo, indicaremos alguns caracteres do vegetal em questão, e notaremos os cuidados de sua facilima cultura e colheita.

É o bambú planta monocotyledonea, graminea-lenhosa e vivaz, de facil desenvolvimento, e de raiz, *sócca dos operarios*, traçante-articulada, d'onde rebentam outras cannas [1], que dos nós lançam delgados ramos com folhas envaginantes, longas e lanceoladas, offerecendo, em epochas mais ou menos remotas, flores em paniculas de espiguetas pouco destacadas.

As especies de bambú de maior desenvolvimento, taes como o *altivo sammat* e o *illi*, só se dão bem em terras profundas, pingues e de fresquidão; porém as mais humildes, ou *pequenos bambús* [2], dão-se tambem em terras menos frescas e menos ferteis, posto que produzam melhor em terrenos da primeira qualidade.

As terras barrentas não convem aos bambusaes, e affirma-se que as cannas n'ellas produzidas adquirem casca rugosa ou cannelada.

Durante o outono ou no começo da primavera é que se multiplica o bambú por pedaços de raiz, com rebentos, ou sem elles, ou pela canna dividida em partes, comprehendendo alguns nós, a cada um dos quaes se deixa um de seus delgados ramos, mettendo-os assim na terra.

As porções de raiz e seus rebentos devem assentar sobre algum estrume, á profundidade de 25 a 30 centimetros, para que, a seu tempo, se possam encontrar as cannas que for preciso colher com a necessaria extensão subterranea, a fim de poderem ser contornadas em arco, como convem. Esta profundidade, a que nós não temos encontrado os bambús que possuimos e temos examinado, porque os jardineiros os costumam metter muito superficialmente na terra, é preciso que se adopte como regra geral, e se haja tambem em vista, para a maior propagação, substituir as estacas pelos pedaços de canna collocados horisontalmente, o que experimentámos ha pouco no horto botanico do instituto agricola com muito bom resultado, porque, não obstante ter sido preciso por duas vezes mudal-os de sitio, deitaram muito bons rebentos junto á terra, continuando a desenvolver-se.

Costumam-se inutilisar os rebentos que nos dois primeiros annos de vegetação as bastes produzem, para que estas não sejam extenuadas. Deve entreter-se no bambusal a humidade indicada pela maior ou menor

1 Este facil meio de propagação compensa perfeitamente a raridade de suas flores e sementes, especialmente nas especies de mais rapido desenvolvimento, que são as mais pequenas.

2 Vimos algures indicadas as cannas que mais se podem desenvolver na especie arundinacea, com altura muito superior á que julgavamos. Em Lisboa, a maior canna que temos visto existe em perfeita exposição ao sul no pequeno jardim da alfandega; completou o maior desenvolvimento e madureza, e tem o comprimento de 6 metros.

O bambú negro, que tambem se podia dar em Portugal, produz sempre cannas de 1 a 2 metros de elevação, e delgadas, como é para desejar.

evaporação, que o tempo dos maiores calores ou da seccura possa produzir.

É ao que principalmente se reduzem os cuidados de que esta planta carece para se desenvolver.

Conhece-se que o bambú tem completado o seu maximo desenvolvimento e tocado a madureza quando adquire um colorido de amarello pouco esverdeado. N'estas circunstancias é que as hastes mais ou menos delgadas, segundo as applicações a que se destinam, se devem cortar, escolhendo-se as occasiões de tempo menos humido dos fins de dezembro, ou por todo o janeiro, maxime até principios de fevereiro.

Derribados os bambús, não devem deixar-se sobre a terra, porém devem levar-se para logar abrigado e melhor exposto ao ar, a fim de (depois do seu enxambramento, que se effectua em quinze até trinta dias, conforme o tempo mais ou menos enxuto correr, e não convindo continuar d'este modo a sécca) se concluir a sua deseccação por via de um calor apenas moderado, para que se não fendam ou empenem, o que de certo acontecerá expondo-os a um grau de temperatura mais elevado.

Resta-nos dizer, em presença da tão facil cultura d'esta planta, que, saíndo a duzia das cannas vindas do estrangeiro talvez pelo preço de 2$400 a 3$000 réis, nós poderiamos, em qualquer caso, offerecel-as produzidas no paiz, e em eguaes ou nas melhores circunstancias, por metade, pouco mais ou menos, do referido valor.

ANTONIO DA COSTA VIEGAS.

BRASIL

VILLA DE OBÍDOS

Á maneira que os missionarios, que se entranhavam pelos sertões do Brasil para derramar a luz do evangelho, catechisavam e baptisavam os gentios, cuidavam logo, com a maior diligencia e perseverança, de os fazer abandonar a vida nómada, estabelecendo-os em



Villa de Obidos, sobre o Amazonas

povoações regulares, onde se fossem policiando e civilisando por meio dos habitos do trabalho.

D'est'arte tiveram principio muitas povoações, que ao presente são villas e cidades florescentes do interior do imperio brasileiro; e tal foi a origem da villa de Obidos.

Na segunda metade do seculo XVII, conseguiram os missionarios jesuitas fundar uma povoação de gentios tapuyas no sitio chamado Paricatena, junto á margem direita do grande rio Amazonas, defronte da foz do rio das Trombetas, provincia do Pará.

Composta de miseraveis choupanas de madeira toscamente apparelhada, mas, ainda assim, dispostas em ruas, com certo ar de regularidade, e no meio d'ellas sua capella ou oratorio, egualmente singelo e pobre, onde os jesuitas diziam missa e administravam os sacramentos, quando por alli passavam em missão, perseverou esta aldeia por bastantes annos, habitada só pelos referidos gentios, sem mais governo que a vontade do seu chefe, e tendo por unicas leis as maximas e conselhos que recebiam dos missionarios.

Esta doce paz e santa harmonia em que alli viviam os tapuyas veiu a ser quebrada pelas incursões de outras tribus indigenas, e tambem por alguns accommettimentos de flibusteiros da America do norte, vindos de longes terras para roubar as povoações indefesas.

A fim de proteger a colonisação n'aquelles territorios despovoados, e ao mesmo tempo alentar o commercio fluvial, então apenas nascente, determinou o governador da provincia ao official de engenharia Manuel da Mota de Sequeira, que fosse escolher logar apropriado para a fundação de uma fortaleza, que impozesse respeito áquelles selvagens e salteadores, e defendesse os que vinham collocar-se sob a protecção da bandeira portugueza. Em cumprimento, pois, d'esta ordem, construiu o dito official um forte no sitio de Paricateua, junto á aldeia dos tapuyas acima mencionada. Corria então o anno de 1697.

Tanto a aldeia como o forte tomaram o nome do estreito de Pauxis, junto do qual estavam edificados. Dera nome ao estreito uma ilha que alli divide o Amazonas em dois braços. E a ilha recebêra-o de umas grandes e formosas aves que a frequentavam muito, e ás quaes os tapuyas chamavam pauxis.

Estas aves, maiores que as nossas gallinhas, inteiramente vestidas de plumagem negra, mui lustrosa, com lindos reflexos de furta-côres, tendo sobre a raiz do bico um como barrete de côr vermelha, especie de tuberculo liso e sem pennas, e logo atraz, sobre a cabeça, um toucado de pennas graciosamente encrespadas; estas aves, dizemos, são chamadas em linguagem scientifica *mitu brasiliensium*, segundo Marcg;

ou *ourax mitu*, conforme Temm. Em varias quintas dos arrabaldes de Lisboa e do Porto temos visto alguns casaes d'estas lindas aves, vivendo soltas em boa camaradagem com a mais criação. Entre nós são conhecidas com o nome de gallinhas do Amazonas ou do Maranhão [1].

Em 1758, sendo governador do Pará Francisco Xavier de Mendonça Furtado, foi a aldeia dos Pauxis elevada á cathegoria de villa, por decreto del-rei D. José I, recebendo então o nome de Obidos, em commemoração da historica terra de Portugal assim denominada.

Os jesuitas, na escolha do local para o estabelecimento da colonia dos seus neophytos, attenderam mais ás condições de fertilidade do solo que ás da salubridade do ar. Aquelle terreno, banhado de uma parte pelo Amazonas, e da outra parte opposta pelo lago das Campinas, é vasto e excellente para a agricultura, não só pela sua natural fecundidade, mas tambem por ser facil de laborar, o que era de muita importancia para colonos não habituados a similhantes lides, e que até desconheciam a necessidade do trabalho. Juntava-se a tudo isto a belleza do sitio, e o defensavel da posição, depois que se levantou o forte entre o rio e o lago.

Porém toda a medalha tem reverso, e o d'esta nada tinha de bello nem de favoravel. Era sujeito todo aquelle territorio ás inundações do Amazonas e do lago das Campinas, que por vezes destruiram a pobre povoação dos tapuyas e todo o fructo de suas fadigas. E ainda peior que isto era o desenvolvimento das febres intermittentes e perniciosas, que vinham após as inundações e que dizimavam a população.

Taes foram as razões que levaram o governador da provincia a propor ao principe regente D. João, nos fins do seculo passado, a mudança da villa de Obidos para um logar mais salubre, na margem esquerda do Amazonas.

Approvada esta proposta pelo governo da metropole, fez-se a mudança da villa para a margem opposta, em local que fica quasi defronte do antigo.

Mais bem situada pelo que respeita á hygiene, e com condições não menos vantajosas para a agricultura, cresceu e medrou a povoação, vindo estabelecer-se n'ella algumas familias portuguezas, com as quaes se começou a terra a policiar. As edificações foram apresentando melhor aspecto, cedendo as choupanas o logar a casas de pedra de cal. A agricultura assumiu maiores proporções, aperfeiçoando-se pouco a pouco; e o desenvolvimento do commercio pela via fluvial, tanto com a cidade de Nossa Senhora de Belem do Grã-Pará como com as diversas villas que guarnecem ambas as margens do Amazonas, e as dos rios seus confluentes, foi animando e enriquecendo aquella villa. Para sua defensa tambem se construiu um forte junto d'ella. Quanto ao antigo, da margem direita, a sua má construcção fez com que, ao cabo de poucos annos de abandono, caísse em completa ruina.

A actual villa de Obidos está sentada sobre uma collina de pequena elevação, banhada pelo Amazonas. Está proximo da foz do rio das Trombetas, e dista oitenta e tantos kilometros da villa de Alemquer, na mesma margem esquerda, e obra de sessenta da villa de Santarem, edificada na foz do rio Tapajoz, situada na margem direita do Amazonas.

A villa de Obidos tem uma boa egreja parochial, da invocação de Sant'Anna, que é o seu unico edificio notavel. No centro da povoação ha uma grande praça. As casas são baixas, mas bem construidas, e n'isto consistem os principaes melhoramentos da villa, que ainda hoje é pequena.

O estabelecimento de communicações regulares com a cidade do Pará e com as mais importantes povoações de ambas as margens do Amazonas, por barcos movidos a vapor, tem dado algum impulso ao commercio, fazendo desenvolver bastante a agricultura. Os principaes generos que exporta são cacau e algodão. O primeiro é muito estimado no Pará pela sua excellente qualidade; e a esta circunstancia reune-se a grande abundancia d'este producto. Além d'isso, é terra farta dos generos mais essenciaes á vida, uns que cultiva, outros que recebe de fóra.

O seu porto é formado por um reconcavo que alli faz o Amazonas; mas falta-lhe um caes. Desce-se para alli, da povoação, que está edificada no alto e na encosta da collina, por um caminho, meio obra da natureza, meio affeiçoado pelos homens.

O Amazonas é alli dividido em dois braços pela ilha dos Pauxis: o que passa junto de Obidos tem de largura 1:500 metros, e 30 de profundidade.

O rio das Trombetas, que desagua no Amazonas por duas barras, um pouco acima de Obidos, é muito caudaloso, tem grande largura e é navegavel. Outr'ora chamava-se *Orixímina*, nome tapuya.

Ambos estes rios são abundantes de peixes, de especies variadas, algumas d'ellas de sabor delicado. Os arredores da villa não são menos, se não são mais abundantes de todo o genero de caça, em que entra muita diversidade de formosissimas aves.

Em fim, a villa de Obidos desfructa uma posição linda, pelo magestoso panorama que lhe offerece o Amazonas, com suas ilhas e margens verdes e floridas em perpetua primavera; e magnifica pelas vantagens economicas que lhe proporciona, embora ainda não tenha tirado d'ellas os resultados que só colherá com os progressos da civilisação.

Quanto á belleza do paiz, bastará dizer, para se ajuizar d'ella, que os arrabaldes da villa, bem cultivados, tem por limites, aos lados, as margens deliciosas dos dois rios mencionados, e no fundo copadas e densas florestas.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O INSTITUTO DE FRANÇA

AO SR. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA, AUCTOR DO «DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO PORTUGUEZ»

(Vid. pag. 223)

Damos agora em seguida a relação dos *quarenta immortaes* que, em 1864, occupavam as celebres cadeiras da academia franceza. Os titulos das obras, de que acompanhâmos cada um dos nomes, em beneficio dos estudiosos, tem referencia a epochas anteriores á entrada na academia, e acaso indicarão o motivo d'essa honra. Se porventura quizessemos fazer relação exacta e circunstanciada de todos os trabalhos litterarios e scientificos, antes e depois da entrada, occupariamos o decuplo, ou mais do decuplo, das columnas que, ainda assim, comprehendem este resumo.

Todavia, para ficar noticia mais curiosa que a que poderiamos aqui registar, mencionaremos, conjuntamente com o de cada academico existente na data acima indicada, o nome do litterato a quem elle succedeu; e d'este modo abrangeremos um periodo de quasi um seculo.

Eis, pois, a citada relação:

I. Duque de Broglie, nascido em 1785, politico e diplomata, auctor dos *Ecrits et discours*, que em 1855 substituiu o conde de Sainte-Aulaire, auctor da *Histoire de la fronde*.

II. Mignet, n. em 1796, historiador, um dos fundadores do *National*, com Thiers e Armand Carrel, auctor do *Eloge de Charles* VII e de *L'état du gouver-*

[1] A *Chorographia brasileira* diz que a aldeia se começou a chamar *Pauxis*, do nome dos gentios que a povoaram. Porém parece-nos melhor opinião a que seguimos. Serve-nos tambem de algum fundamento a circunstancia de ter dado Linneo a uma variedade d'aquella especie de aves o nome de *ourax pauxi*. Os mexicanos ainda hoje denominam *pauxis* as ditas aves.

nement et de la legislation en France à l'époque de l'avénement de Saint Louis et des instituitions de ce prince, etc., que em 1836 substituiu F. J. M. Raynouard, poeta e philologo, auctor do *Socrate dans le temple d'Aglaure*, poema. As obras de Raynouard ácerca da lingua dos trovadores foram posteriores á sua entrada na academia.

III. Julio Sandeau, n. em 1811, romancista, auctor de *La maison de Penarvan*, *M.elle de la Seiglière*, *Les revenants*, etc., que em 1858 substituiu Brifaut, poeta e publicista, auctor do poema *Rosamonde*, da *Olympie*, tragedia lyrica, de *Dialogues*, etc.

IV. Octavio Feuillet, n. em 1812, dramaturgo e romancista, auctor do *Roman d'un jeune homme pauvre*, *Histoire de Sybille*, *Dalila*, etc., que em 1862 substituiu Scribe, dramaturgo celebre, auctor de innumeros dramas e comedias, e entre elles do *Charlatanisme*, *Diplomate*, *Les moralistes*, *Le mariage d'argent*, *Valérie*, *Bertrand et Raton ou l'art de conspirer*, etc.

V. Falloux, n. em 1811, politico, auctor da *Histoire de Louis* XVI e da *Histoire de saint Pie* V, etc., que em 1856 substituiu Molé, auctor dos *Essais de morale et de politique*. Este academico deixou varias memorias inéditas.

VI. E. Legouvé, n. em 1807, romancista e dramaturgo, auctor de *La découverte de l'imprimerie*, *Histoire morale des femmes*, dos dramas *Adrienne Lecouvreur*, *Bataille de dames*, *Contes de la reine de Navarre*, e da tragedia *Medée*, etc., que em 1854 substituiu Ancelot, poeta dramatico, auctor das tragedias *Fiesque* e *Maria Padilla*, do romance *Homme du monde*, e de diversas comedias.

VII. Guizot, n. em 1787, homem de estado e historiador, auctor do *Cours d'histoire moderne*, *Histoire générale de la civilisation en l'Europe*, *Histoire générale de la civilisation en France*, etc., que em 1836 substituiu Destutt de Tracy, auctor dos *Eléments d'idéologie*.

VIII. Ponsard, n. em 1814, poeta dramatico, auctor das tragedias *Lucrèce* e *Agnès de Méranie*, do drama *Charlotte Corday*, etc., que em 1855 substituiu Baour-Lormian, poeta, auctor das *Veillées morales et poétiques*, de *Omasis ou Joseph en Egypte*, tragedia, e traductor da *Jérusalem délivrée* e das *Poésies d'Ossian*.

IX. Victor Hugo [1], n. em 1802, celebre poeta, romancista e dramaturgo, auctor do *Han d'Islande*, *Bug-Jargal*, *Hernani*, *Orientales*, *Notre-Dame de Paris*, *Cromwell*, etc., que em 1841 substituiu N. Lemercier, poeta, auctor de diversas memorias e tragedias classicas, e do drama historico *Pinto ou la journée de la conspiration*, cujo assumpto é a revolução de Portugal de 1640, que deu o throno a D. João IV.

X. Sainte-Beuve, n. em 1804, poeta e critico, auctor do *Tableau historique et critique de la poésie française et du théatre français au* XVI *siècle*, etc., que em 1845 substituiu Casimiro Delavigne, poeta, auctor das elegias conhecidas sob o nome de *Messéniennes*, e da comedia *L'école des viellards*, em que representaram Talma e m.elle Mars, etc.

XI. Ampère, n. em 1800, professor e archeologo, auctor da *Littérature et voyages*, *Histoire romaine à Roma*, *Histoire littéraire de la France*, etc., que em 1847 substituiu Guiraud, poeta tragico e elegiaco, auctor dos *Poëmes et chants elegiaques*.

XII. Barante, n. em 1782, historiador e publicista, auctor das *Communes et de la aristocratie*, e de *L'histoire des ducs de Bourgogne de la maison de Valois*, etc., que em 1828 substituiu Desèze, advogado distincto, um dos defensores da rainha Maria Antonieta no celebre processo do collar, e de Luiz XVI perante a Convenção.

XIII. Pongerville, n. em 1792, litterato, auctor da *Histoire de l'invasion d'Edouard* III *en France*, e traductor de Lucrecio, Ovidio, Virgilio e Milton, etc., que em 1830 substituiu Lally-Tollendal, litterato, que defendeu Luiz XVI como Desèze, e publicou esta defesa e outras obras.

XIV. Principe Alberto de Broglie, n. em 1821, litterato, auctor de *L'église et l'empire romain au* IV *siècle*, de *Une reforme administrative en Algérie*, etc., que em 1863 substituiu o padre Lacordaire, afamado prégador dominicano, auctor da *Vie de Saint Dominique*, das *Considérations philosophiques sur le système de mr. de Lamennais*, etc. O padre Lacordaire foi com Lamennais collaborador de *L'Avenir*, folha que, em 1831, defendia com a liberdade religiosa todas as liberdades politicas e civis, e da qual foi tambem um dos fundadores o conde de Montalembert.

XV. P. de Ségur, n. em 1780, general e historiador, auctor da *Histoire de Napoléon et de la grande armée pendant l'année* 1812, da *Histoire de la Russie et de Pierre le Grand*, etc., que em 1830 substituiu o duque de Lévis, auctor das *Considérations morales sur les finances*.

XVI. Thiers, n. em 1797, homem de estado e historiador celebre, auctor da *Histoire de la révolution française depuis* 1789 *jusqu'au* 18 *brumaire* (15 edições), etc., que em 1833 substituiu Andrieux, poeta comico, auctor das comedias *Anaximandre*, *Les etourdis*, etc.

XVII. Mérimée, n. em 1803, litterato, auctor de *La peste de Tolède*, *Chronique du règne de Charles* IX, *Matteo-Falcone*, etc., que em 1844 substituiu Carlos Nodier, poeta e romancista, auctor de *Jean Sbogar* e de grande numero de obras em differentes generos.

XVIII. Nisard, n. em 1806, litterato, auctor de *Les poëtes latins de la décadence*, *Histoire de la littérature française*, etc., que em 1850 substituiu Féletz, auctor de *Melanges de philosophie, d'histoire et de littérature*.

XIX. E. Augier, n. em 1820, poeta dramatico, auctor de *Gabrielle*, *Gendre de mr. Poirier*, *La jeunesse*, etc., que em 1858 substituiu Salvandy, politico e jornalista, auctor da *Histoire de Pologne avant et sous le roi Jean Sobieski*, e de outras obras.

XX. P. A. Lebrun, n. em 1785, poeta, auctor da tragedia *Marie Stuart*, do poema *Voyage de Grèce*, etc., que em 1828 substituiu o conde Francisco de Neufchateau, poeta, auctor de obras de differentes generos, taes como odes, epistolas, poemas, fabulas, etc.

(Continúa) BRITO ARANHA.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM

CARTAS AO MEU AMIGO XAVIER DA CUNHA

(Vid. pag. 206)

IV

Actividade dos chinas — As mulheres — As louquis — As tancareiras — As tres sociedades de Macau — Habitos inglezes — Quatro portuguezes justiçados em Hong-Kong — A imprensa portugueza na China — O theatro portuguez de Macau.

Meu caro X. — É vulgar na Europa a opinião que attribue a todos os povos orientaes um caracter de indolencia, e habitos de molleza e ociosidade typicos. Se o que te disse dos indigenas de Timor está de accordo, pela sua parte, com este sentir, não é tal o juizo que se fórma do povo chinez quando se observam os costumes dos chinas de Macau. A incançavel actividade d'esta gente, o affan com que cada um se dedica ao exercicio da sua industria ou do seu trafego, denunciam-n'os capazes das mais perseverantes lidas e das mais arrojadas emprezas. Verdade é que sabem conciliar com o assiduo labor a pratica do vicio, e que entre elles tambem existem bastantes viciosos, verdadeiros parasitas, que consomem sem produzir. Taes são em geral os fumadores do opio, que, envenenados lentamente pelo narcotico, ostentam um

[1] Vid. o vol. VII do *Archivo Pittoresco*, n.º 1 e seguintes.

triste aspecto de anemia e esmorecimento vital, e constituem um terrivel exemplo para todos os que se sentirem tentados a delirar-se com o fumo nauseante do amphião.

As rùas de Macau offerecem um bonito aspecto de actividade industrial e mercantil. As lojas bem fornecidas e nunca vasias de compradores; as officinas cheias de obreiros occupados no fabrico dos objectos de marfim, de madreperola e de sandalo; os bordadores executando nas sedas magnificos lavores; os marceneiros, sapateiros e alfaiates; a fabrica de vidros; os carregadores *(culis)* correndo apressados pelas ruas da cidade, livram aquelle povo da pecha de indolente e inactivo.

Os chinas, bem longe de terem as physionomias repugnantes e grotescas, que estamos costumados a ver nas caricaturas com que na Europa pretendemos amesquinhal-os, são, pelo contrario, homens de bom aspecto, geralmente muito aceiados, de bom trato e genio sociavel. As mulheres, que tambem não são entre nós favorecidas com lisongeira fama de belleza, estão muito longe do typo de fealdade que geralmente se lhes attribue. Entre as de mais elevada gerarchia são menos frequentes as bellezas. De uma pelle extremamente alva e transparente, olhos negros, pestanas compridas e bem arqueadas, nariz e boca regularissimos, cabellos pretos, finos e bastos, mão pequena e bem feita, grande numero d'ellas seriam até de incontestavel e attrahente formosura, se o córte obliquo dos olhos e o aleijão dos pés (distinctivo, como sabes, das mulheres recolhidas) lhes não attenuasse bastante os attractivos. Além d'este, ha outro typo, o das mulheres de baixa esphera, empregadas como criadas nos misteres domesticos ou nos serviços maritimos. Para se conhecer os dois typos differentes, podem estudar-se como exemplares de um e de outro as *louquis* e as *tancareiras*.

As louquis caracterisam bem o typo das mais bellas, com as feições que acima te apontei. São aventureiras, pobres aves sem ninho, especie de *demi-monde* na China, e passam a vida a tocar, e a fazer as delicias dos chinas viciosos e devassos. Reunem-se em maior ou menor numero em saraus dados pelos chinas opulentos aos seus amigos que pretendem obsequiar. Ha para isso casas proprias, onde a noite é passada em cantares, com que ellas, acompanhando-se de instrumentos, celebram, quaes menestreis da devassidão, os seus infames amores. São accessorios indispensaveis d'estas funcções o chá, as pevides, que elles e ellas saboreiam como apreciada iguaria, e o opio, com que os homens se inebriam até cairem, cedendo á acção do narcotico, sobre os coxins, onde ficam n'um estado de prostração repugnante, e ás vezes profundamente adormecidos.

Ninguem sabe a procedencia d'estas pobres raparigas, em cujos labios fulgura um sorriso, que o physionomista mais perspicaz não poderá dizer se é sincero ou ficticio. Apparecem em Macau, ninguem lhes pergunta d'onde vem, e ninguem se preoccupa com o seu destino ou com o seu futuro. Entregando-se áquella prostituição folgazã, obedecem ás consequencias de uma educação viciosa, ou são arrojadas pelo sôpro da desventura do seio das familias para a torpe morada do vicio? Nem o sabem talvez os seus devassos adoradores, que as guardam cautelosamente dos christãos. Se em Macau admittem como visitantes os portuguezes nos saraus, sobre tudo os militares, e lhes offerecem chá e opio, ficando muito lisonjeados com a acceitação da offerta, limitam a isso a sua hospitalidade, e não lhes permittem liberdade alguma com as louquis, que lhes fazem respeitar como fructo defeso.

As tancareiras são mulheres que tripulam os pequenos barcos chamados *tancás*, os quaes correspondem aos botes das nossas praias. São mulheres da infima classe, de fórmas robustas e feições grosseiras. Andam descalças, e esmeram-se no penteado, da fórma geralmente usada na China, e que tens visto figurado nas estampas que representam costumes d'aquelle paiz. O tancá, embarcação menor que os nossos botes, serve-lhes de morada constante. Fundeados em grande numero junto dos caes, a toda a hora do dia e da noite estão á disposição de quem, a preço de uma pequena quantia, quizer transportar-se de um logar para outro do porto.

É admiravel o aceio em que estas mulheres conservam os seus pequenos barcos, onde tem cama, loiça e outros objectos de uso indispensavel. Não faltam nos tancás, como em todas as coisas, e até nas lojas chinas, as imagens das divindades, que são notaveis pela fealdade e pelo grotesco. Perante ellas arde constantemente a luz de uma lamparina.

As tancareiras, depois de uma vida amplamente desregrada, quando a perda do viço juvenil as torna menos apreciadas, casam-se e fazem-se boas mães de familias.

(Continúa) JOÃO DE LACERDA.

BAIXOS-RELEVOS EM BARRO COZIDO E COLORIDO DO SECULO XIV

Lucas della Robbia, esculptor florentino, que nasceu no anno de 1388, aprendeu os primeiros elementos da arte sob a direcção de Leonardo Giovanni, ourives; aperfeiçoou os seus estudos com Lourenço Ghiberti. Primeiro entregou-se á esculptura em fontes de bronze, e deixou n'este genero provas da sua habilidade. Não encontrando occasiões assás frequentes para se occupar d'estas especies, procurou Lucas della Robbia os meios de revestir as obras de barro cozido, ás quaes entregou uma coberta tirada em grande parte de mineraes fundidos ao fogo. Não se dando por satisfeito com a saída de seus primeiros ensaios, que lhe não tinha procurado senão uma coberta de uma só côr, então concebeu a esperança de substituir as pinturas que se alteram promptamente nos logares humidos por barro cozido e colorido, o que conseguiu á força de pesquizas.

Lucas della Robbia, ainda não contente, porque alguns barros cozidos e em relevo não convinham a todos os generos de ornatos, pintou figuras sobre superficies planas no barro, com côres que se tornavam inalteraveis pelo fogo. A sua industria não ficou sem recompensa, porque Cosme de Médicis o empregou. Fizeram-lhe perguntas numerosas da Italia, da França, da Hespanha e de toda a Europa. Para satisfazer a isso, associou-se com seus irmãos, Ottaviano e Agostinho, que se haviam dado, como elle, á esculptura.

O seu segredo ficou durante alguns annos n'um segredo de familia. Finalmente ficou conhecido, e esta arte, levada a Urbino e a Pesaro, alli produziu esses vasos e quadros em *majolica* (faiança), ainda procurados pelos curiosos, e onde se encontram composições de Raphael, de Julio Romano e de seus discipulos.

No mosteiro da invocação da Madre de Deus (fundado em 23 de junho de 1509 pela rainha a sr.ª D. Leonor, viuva do sr. D. João II), na parte exterior do edificio, ainda alli se observam collocados uns medalhões da faiança inventada no seculo XIV por Lucas della Robbia.

No seculo XVI foram executados pratos e outras peças esmaltadas, representando assumptos divinos e mythologicos, com desenhos de Raphael del Colle, na fabrica de Landim e Mailleur, em Limoges, em 1558. E no referido seculo tambem Bernardo de Palissy inventou objectos em barro esmaltado, muito apreciados.

Todos os referidos objectos ainda hoje ornam os museus e os gabinetes dos amadores e dos curiosos.

ABBADE DE CASTRO.



Egreja do convento de Santo Antonio dos Olivaes, junto a Coimbra

Existem tres monumentos, dois em o nosso paiz e um no estrangeiro, inteiramente ligados á memoria do mais venerado e mais popular de todos os santos que tiveram por berço esta boa terra de Portugal. Não seria preciso, certamente, pôr aqui o seu nome glorioso para que os nossos leitores soubessem que fallâmos de Santo Antonio, d'esse illustre filho de Lisboa, a quem os nossos escriptores e oradores sagrados cognominam Thaumaturgo, clarim do evangelho, portento de santidade e de prodigios, arca de testamento, grande dos menores, soberano dos humildes, eterna gloria de Portugal, esplendor honorifico de Italia, e outros muitos epithetos com que desafogam o seu enthusiasmo e veneração em honra e louvor do santo predilecto dos portuguezes.

Aquelles tres monumentos são: a egreja de Santo Antonio da Sé, em Lisboa, edificada no logar em que existíra a casa onde o santo nascêra, a 15 de agosto de 1195; o convento de Santo Antonio dos Olivaes, junto a Coimbra, onde o mesmo santo professou a regra de S. Francisco, tendo o convento n'esse tempo a invocação de Santo Antão; e, finalmente, a egreja de Santo Antonio, na cidade de Padua, onde jaz o corpo do Thaumaturgo.

Do primeiro d'estes monumentos tratou largamente o *Archivo Pittoresco* a pag. 17 do vol. VI, publicando ao mesmo tempo uma excellente gravura d'elle; do segundo vamos agora dar conhecimento aos nossos assignantes; e do terceiro em breve teremos occasião opportuna para descrever e mostrar em gravura a sua magnificencia.

Dos tres monumentos, é o convento de Santo Antonio dos Olivaes, reedificação do seculo XVI, e ao presente em ruinas, o mais modesto, e, além de modesto, de fabrica humilde. Em quanto que o primeiro e o terceiro, erigidos no seio de cidades opulentas, a expensas d'esses mesmos municipios, auxiliados com donativos de soberanos, representam, no custoso da fabrica e na devoção dos poderosos que os fundaram, as grandezas do mundo; o segundo, edificado pobremente em logar solitario, para agasalho de religiosos pobres e para casa de oração desacompanhada de pompas, symbolisa a devoção dos humildes, a simplicidade da religião, o desprezo, em fim, das vaidades e grandezas humanas.

Não ha aqui, agora que o convento está ermo, nem havia quando estava habitado, primores d'arte, nem alfaias preciosas, como encerram aquelles, em que os olhos se enlevam e as attenções se prendem. Mas hoje, como outr'ora, ressumbra d'aquellas toscas e velhas paredes um tal cheiro de santidade; fallam debaixo das suas abobadas tantas e tão venerandas recordações; cercam o conventinho por todos os lados, de envolta com variadas bellezas naturaes, tão poeticas tradições, que, apesar de abandonado e destruido por um incendio, que pouco mais poupou além da egreja, é muito visitado dos moradores da visinha cidade de Coimbra e dos hospedes que esta recebe.

A devoção ainda leva áquelle templo em romaria muita gente das terras em derredor. Tambem alli conduz muitos curiosos o desejo de ver os logares que o Thaumaturgo sanctificou com a sua presença, e a cella

onde habitava, na primeira fundação do convento, transformada, depois da reedificação, em casa do capitulo, e mais tarde em capella. Em fim, a amenidade do sitio, e a formosura dos panoramas que d'elle se desfructam, fazem das cercanias do convento um passeio agradavel, muito da predilecção dos habitantes de Coimbra, e concorrido de passeiantes nas tardes serenas de estio.

Quanto á historia e descripção do convento, transcrevel-a-hemos para aqui de um livro interessantissimo, modernamente publicado, em que o seu auctor e nosso collaborador as compendiou em um quadro bem delineado, cheio de verdade e breve. O livro é o *Guia historico do viajante em Coimbra e arredores;* o sr. Augusto Mendes Simões de Castro é o seu auctor, já muito conhecido dos nossos assignantes por differentes estudos historicos e archeologicos publicados n'este semanario.

Eis, portanto, o que ácerca d'aquelle convento nos diz este consciencioso escriptor, a pag. 136 da citada obra, depois de fallar do *penedo da Meditação*, sitio ameno e celebrado dos poetas, proximo do convento de religiosas de Cellas, e ambos visinhos de Coimbra:

«Proseguindo de Cellas para o nascente, encontra-se a pouca distancia a egreja e conventinho de Santo Antonio dos Olivaes, monumento que, entre os muitos de Coimbra e seus suburbios, occupa logar distincto.

«O primitivo convento, um dos primeiros que teve em Portugal a ordem dos menores, tinha a invocação de Santo Antão, e originou-se de uma ermida dedicada áquelle santo, que a rainha D. Urraca, mulher de D. Affonso II, doou, em 1217 ou 1218, aos religiosos franciscanos.

«Pouco depois de fundado o pobre hospicio, alli vieram poisar os cinco frades menores, fr. Otho e seus companheiros, quando se dirigiam a Marrocos; e quando, depois de terem colhido a palma do martyrio, foram conduzidos os seus restos gloriosos ao convento de Santa Cruz, inspiraram em Santo Antonio, que n'elle residia, um tal desejo de imitar o valor d'aquelles martyres pela fé de Christo, que o fez abandonar a real mansão dos conegos regrantes e acolher-se ao humilde conventinho dos Olivaes, onde esperava encontrar facilmente os meios de conseguir o seu pio intento. Foi, pois, d'alli que saíu o sabio profundo, o theologo eminente, o grande prégador, o Thaumaturgo do seu seculo. Eis por que o convento de Santo Antonio é tido como um monumento memoravel; eis por que, ao visitar-se, não póde deixar de fazer sentir essa veneração, esse respeitoso acatamento que inspiram os logares onde assistiram homens illustres.

«Não é, porém, já o primitivo edificio que hoje vemos. Os frades franciscanos deixaram aquelle local pelos annos de 1247, pouco mais ou menos, e foram habitar no convento que se fundou junto da ponte com a invocação de S. Francisco. Abandonada pelos filhos de Assis a morada dos Olivaes, nem por isso deixou de ficar alli mui viva a memoria de Antonio; e os fieis concorriam a celebral-a annualmente n'uma egreja que a cidade alli edificou, e n'uma cellinha terrea mui estreita, e tida em grande veneração, por ser o local, segundo a fama antiga, em que o santo habitára.

«No anno de 1539 se emprehendeu uma nova edificação. Ajudados por D. João III e por D. Alvaro da Costa, fundaram alli os frades da provincia da Piedade um novo convento, que depois pertenceu á da Soledade, que se separou d'aquella no anno de 1673. Por occasião d'esta nova fundação se reedificou a celebrada cellinha, transformando-se em casa do capitulo.

«No anno de 1851, em a noite de 10 para 11 de novembro, ateou-se no convento um espantoso incendio, que o devorou quasi todo, escapando apenas a egreja e sacristia, e pouco mais. Digamos, porém, alguma coisa do que ficou.

«É bastante agradavel a entrada do convento. Dá ingresso para elle uma larga escadaria, que tem no fundo tres arcos e um em cada ilharga. Guarnecem-n'a tambem em parte algumas capellinhas com os passos mais tocantes da paixão do Salvador. Ao cimo das escadas fica a casa da entrada, e em frente um portico de feição antiga, de volta ogival, e que se conjectura ter sido aproveitado de alguma das anteriores edificações. De um e outro lado do portico se lê um elegante elogio a Santo Antonio, que compoz e fez gravar o padre fr. Antonio de Serpa, bispo de Cochim. Este portico dá entrada para a egreja, que não ficou intacta das chammas. Como, porém, os estragos foram de pouca monta, reparou-se facilmente.

«É lindissima a pequena sacristia. Tem vistosas pinturas a fresco, e é guarnecida de quadros que representam varias passagens da vida e milagres de Santo Antonio. Ha alli tambem uma pintura, que se indica como o verdadeiro retrato do santo, tirado em Padua pouco antes da sua morte. N'um retabulo que está na parte principal com um vistoso altar, vê-se um quadro figurando o acto em que o santo tomou o habito. É de Paschoal Parente. Existem tambem na sacristia alguns relicarios e a cabeça de Santo Antão.

«Retrocedendo ao zagão, para onde se abre a porta da egreja, encontram-se alli mais duas: uma dá entrada para uma linda capella, onde se venera a imagem da Senhora das Dores; outra dá communicação para um extenso terrapleno arborisado e guarnecido de alegretes e assentos. Era alli onde, antes do incendio, se viam os claustros, officinas, e a memoravel casa do capitulo, edificada, segundo a tradição, no local da antiga cella de Santo Antonio, a qual foi tambem consumida pelas chammas. A piedade, porém, apressou-se a reparar este mal, e presentemente vê-se no mesmo sitio outra capella modestamente construida.

«Percorrendo o terrado, encontram-se mais duas capellas, que escaparam do incendio, n'uma das quaes se vê um curioso presepio. Ficam proximos dois pequenos cemiterios, ha pouco construidos.

«Do terrapleno goza-se um panorama muito extenso e variado, e domina-se toda a cêrca, onde se conservam ainda algumas ermidinhas, em que os moradores do convento se davam a exercicios espirituaes.

«O convento é muito visitado por occasião das romarias de Santo Antonio e da Senhora das Dores; é-o, porém, muito mais ainda por occasião da do Espirito Santo, que se faz a uma capella d'esta invocação, situada n'um valle proximo. É esta uma das mais notaveis e afamadas romarias dos arrabaldes de Coimbra. A humilde capella é então visitada por milhares de camponezes. Possuidos de grande contentamento e alegria, com os seus trajos mais ricos, com suas musicas e cantigas, ora agrupando-se em agitadas danças, ora espalhando-se pelas cercanias do convento, dão áquellas paragens uma tão alegre animação, que convida a affluir áquelles sitios não só os habitantes da cidade, mas os de povoações muito afastadas. A bella estrada que do jardim botanico conduz a Santo Antonio converte-se então n'um brilhante e animadissimo passeio.»

No excerpto que acima transcrevemos tem os nossos leitores uma pequena amostra de um livro, não só curioso pelas muitas e variadas noticias que encerra, mas tambem opulento de boa instrucção, porque a historia dos monumentos de Coimbra está estreitamente enlaçada com a da monarchia.

Não ha cidade em Portugal, e poucas haverá na Europa, tão ricas de memorias historicas como Coimbra. Alli cada monumento, póde dizer-se quasi cada pedra, falla de um feito heroico, ou de um nome il-

lustre, ou de uma tradição gloriosa, ou, em fim, de uma lenda de amores, cercada de infinda poesia.

Se da historia quizermos volver os olhos para as artes, encontrâmos na antiga corte do nosso primeiro rei monumentos artisticos de todas as eras, typos apreciaveis de diversos estilos de architectura.

Se, lassos, em fim, dos assumptos d'arte, nos quizermos recrear com as scenas da natureza, tambem nenhuma terra do nosso paiz as offerece em seus arrabaldes mais formosas e variadas que a cidade de Coimbra.

Assim tambem o livro do sr. Simões de Castro reune aos merecimentos já referidos a amenidade como leitura recreativa, e a utilidade como guia esclarecido do viajante em terra que Deus dotou com tantos encantos, e que os homens enriqueceram por tantos e tão differentes modos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 242)

XVII

ESPERANÇA E DESAMPARO

Maria Palmeiro foi bater á porta dos seus antigos amos logo que o moço lisboeta partiu para o Porto. Os amos responderam-lhe que já não precisavam dos seus serviços, e que fosse para onde tinha estado até então.

— Pois não sabem que estive a tratar de um doente?

— Sabemos, respondeu o tio Manuel Bento; sabemos até demais... e é por isso que nos não convens cá em casa.

— Foi com o consentimento do sr. padre Manuel...

— O sr. padre Manuel é um santo, mas sabe menos do que toda a gente a respeito de... em fim, não me convens para moça e procura outra casa.

— Ó tio Bento, olhe que eu não fiz nada que me esteja mal... Se gostei do moço de Lisboa, é porque elle o merece; e só Deus sabe o destino que dá a cada um...

— Pois sim, sim; mas tambem d'antes gostavas de Pedro, e estavas contratada para casar com elle! Que eu digo isto por dizer, nanja que me importe com a tua vida. Cada um é senhor das suas acções, e quem boa cama fizer n'ella se deitará.

Com este anexim fechou o tio Manuel Bento a porta, pondo a cachopa na rua.

— Deixem estar, gritou Maria enfurecida, que ha de vir ainda tempo em que vossês hão de ir á minha casa, e eu hei de tratal-os do mesmo modo!

— Ha de ser quando casares com o teu fidalgo? perguntou a tia Benta mettendo a cabeça por uma fresta.

— Ha de ser, sim; porque então serei eu rica; e vossês parecerão pobrissimos, comparados commigo.

— Olha lá, tornou ironicamente a velha; peço-te que para esse tempo me dês o teu linho a fiar.

Maria afastou-se jurando que os havia de ensinar, e foi ouvindo até grande distancia as gargalhadas da lavradora, que a ficára escarnecendo.

Tomou para a banda da fonte e foi bater á porta dos Serodes, familia abastada da aldeia: mas tambem lá a não quizeram, dizendo-lhe que quem estava para casar com um fidalgo não devia servir uns pobres lavradores.

Dirigiu-se depois ao tio Antonio do Oiteirinho, e foi egualmente despedida, com as mesmas ou similhantes razões.

Via-se claramente que toda a população estava já informada dos seus novos amores, e que os consideravam ignominiosos. Pedro, que fôra até áquelle dia o primeiro interessado na honra e reputação da moça, tinha sido o ultimo a saber o que já para ninguem era novidade!

Os maridos e os amantes são sempre os derradeiros a conhecerem a sua infelicidade.

A situação tornava-se difficil. Ninguem queria receber a amante de Carlos Eugenio, e a noite approximava-se. Mas por que a repelliam? A consciencia não a accusava; se tinha dado uma certa liberdade a Carlos, não era isso motivo para que a desprezassem, visto que, como ella firmemente acreditava, o rapaz viria d'ahi a tres mezes para casar com ella! Depois de breve hesitação, tomou o caminho que conduz a casa do padre Manuel. O velho cura tinha saído quando ella chegou; e a irmã d'elle, a sr.ª Rosa, não quiz, como as outras pessoas, recolher Maria Palmeiro.

— Pois quê! tambem esta porta se me fecha?! exclamou ella aterrada.

— Minha filha, lhe disse com bondade a sr.ª Rosa; o que fez foi muito mal feito! Enganar seu noivo, que é um moço brioso e trabalhador, para se prender a um sujeito que elle salvou da morte, é a vergonha das vergonhas! Desde que meu irmão é cura d'esta aldeia, ha talvez quarenta annos, nunca lhe succedeu um caso egual! É a primeira cachopa que se perde assim!...

— Que se perde, sr.ª Rosa?!

— E' voz do povo; e voz do povo, voz de Deus.

— Calumniam-me!... E o moço vem d'aqui a tres mezes para casarmos...

— Vem?! Deus o queira! porém eu duvido.

— É porque nunca o viu; aquillo é um rapaz como se quer, e só falla a verdade pura!

— Oxalá que seja assim! mas por ahi ninguem acredita que elle cá torne. E olhe: ainda ha poucas horas que o viram partir e já dizem isso.

— É por inveja.

— Inveja?

— Pois quê? Sabem que é muito rico; todas as cachopas o achavam bonito; e não póde ser senão por me quererem mal que dizem isso.

— Agora! Ai! mal peccado, filha! Meu irmão não te quer mal, porém disse o mesmo quando Pedro Martins lhe contou...

— O Pedro esteve cá?

— Saíram ambos.

— Então já o sr. padre sabe?...

— Caíu das nuvens quando tal ouviu, e chorou de pena.., por tua causa, cachopa, que vaes ficar por ahi desgraçada, sem ninguem fazer caso de ti.

— Oh! mas quando eu casar com Carlos Eugenio hei de vir aqui de carruagem e vestida de seda, e hei de mandar atirar lama pelos meus criados e pelos meus cavallos á cara d'essa gente que hoje me maltrata.

— Ai, moça! na lama caíste tu, pobresinha!

— Para esse tempo, continuou a Palmeiro com exaltação, hão de pedir-me dinheiro emprestado para poderem fazer as suas sementeiras; hão de offerecer-se para meus criados e para minhas criadas, e eu hei de mandar-lhes tambem dar com as portas do meu palacio na cara — que eu hei de fazer aqui um palacio —; e hei de dizer-lhes que não quero ser servida por elles, e que não empresto o meu dinheiro a gente vil e invejosa.

— Credo! bradou a sr.ª Rosa benzendo-se. O tal homem metteu o diabo no corpo á rapariga!

Tornou a benzer-se, e, fechando a porta muito depressa, deixou Maria Palmeiro do lado de fóra.

A amante de Carlos voltou silenciosamente a esquina da rua, e encaminhou-se por uma travéssa que vae ter á praia por sitios em que não ha casas.

Era noite já quando entrou no areial. O ceo estava

limpido, estrellado e sereno; o mar quasi dormente; apenas se ouvia o murmurio tranquillo da agua, que subia mansamente pela praia acima com a maré de enchente.

Apesar de ter começado o inverno, não fazia frio; os rochedos, ligeiramente humecidos pelo relento, destacavam das sombras as cabeças, que reluziam com a lùz dos astros. Não havia luar; mas a noite era tão clara, que o espelho do mar reflectia o firmamento, e viam-se de longe como que bailar as estrellas na superficie das aguas.

Os moinhos de vento que povoam o areial estavam todos immoveis, sem velas, com os braços nus estendidos para o norte, como a supplicar aos ventos que viessem insufflar-lhes a vida.

Entre o mar e os moinhos, e fóra do alcance das maiores marés, via-se uma longa fileira de barcos, todos com as prôas voltadas para o Oceano, em attitude de partir, similhantes a um regimento que só espera a voz de avançar para cair sobre o inimigo.

Além, uma multidão de jangadas de cortiça (corticeiros), destinadas á pesca ou apanha do sargaço e botilhão, estavam de pé, encostadas cada uma á sua vara, como sentinellas apoiadas nas armas.

Mais adiante, montes de sargaço, um já sêcco e prompto para ir fecundar os campos, outro ainda em fermentação, e muito estendido pelo vasto areial para o sol o despojar das propriedades venenosas, que tornariam a terra esteril em vez de a fazer productiva.

Ao longe brilhavam os fogos da povoação, onde cada familia tinha o seu lar, a sua ceia, e cada pessoa a sua cama para dormir.

Maria contemplou por muito tempo o espectaculo da natureza e os testimunhos da actividade humana, que de todos os lados a cercavam. A sua alma e o seu pensamento voavam conjuntamente do real para o phantastico, do possivel para o impossivel. Pensou que era bom trabalhar para viver, mas que era preferivel ter com que viver sem trabalhar; disse comsigo que o destino da mulher era casar, e que a sua obrigação era melhorar esse destino casando bem; que um homem educado era superior a um bruto, um homem bonito a outro que o não fosse, e um rico a um pobre; que era muito melhor saber do que ser ignorante, e muito melhor ter dinheiro para dar do que pedil-o aos outros.

De raciocinio em raciocinio, foi subindo em aspirações; mas, no fim das suas meditações, concluiu por notar que não tinha onde ir dormir n'aquella noite, nem nas que d'alli em diante se seguissem, e que não comia havia já muitas horas.

Lembrou-se então da sua vida, tão curta e tão cheia já de acontecimentos e catastrophes; veiu-lhe á memoria o seu primeiro amor e a sua deslealdade, que lhe parecia justificadissima, porque gostava mais de Carlos que de Pedro.

Comtudo, viu que no fundo da sua consciencia havia uma sombra que a incommodava.

Desejou então que Deus a convertesse em rochedo, em concha ou em estrella... ou que lhe trouxesse no mesmo instante o seu novo adorador.

Sentou-se sobre o bailéo de um barco que tinha ao pé de si, e, toda entregue a estes sonhos, foi pouco a pouco adormecendo.

Quando acordou já o sol tinha nascido, e ella viu com assombro que se achava debaixo de um toldo que não estava alli no momento em que adormecêra.

Quem se lembraria de a livrar assim do relento? Quem teria esse affectuoso cuidado n'uma terra em que na vespera se lhe fecharam todas as portas a que fôra pedir abrigo? Só podia ser o seu bem amado, que voltára durante a noite, como ella desejára. Mas onde estava? por que não apparecia para receber em abraços o premio de seus ternos desvelos?

— Carlos! clamou ella com voz commovida e erguendo-se.

Porém, em vez do amante por quem suspirava, só viu ao pé de si uma chave, que logo reconheceu, e um papel, em que se achavam escriptas as seguintes palavras, que, a fallar verdade, não davam ao auctor nenhum direito para, calligraphicamente fallando, ser preferido ao lisboeta:

«O homem que te enganou não torna a vir; posso jurar-t'o. Quem é capaz da traição infame que elle praticou commigo não póde ser leal a uma pobre moça que lhe serviu apenas para passar menos aborrecidamente o tempo da convalescença. Sei que não me acreditas; mas o tempo te dará o desengano. Em quanto esse não chega, é preciso que tenhas onde dormir sem ser nas praias, e onde comer sem ser de esmolas. Aqui fica a chave da minha casa. Estão lá vinte moedas, que o *outro* deixou *para pagar* as despezas a que me obrigou. Tudo está pago. Gasta o dinheiro comtigo, porque *vem d'elle*. Se não fosses tu, e a lembrança de que terias maiores necessidades, iria, ainda que fosse até ao Porto, para lhe entregar o dinheiro com que julgou pagar a minha desgraça e a tua vergonha.

«Eu por ahi ando; se alguma vez te desenganares, chama-me, porque casarei comtigo, e ninguem se atreverá mais a boquejar sem que eu lhe quebre as costellas. Se precisares de alguma coisa, ou de mim, manda a toda a hora, do dia ou da noite, a casa de meu tio Paranho. — *Pedro Martins Paranho.*»

Maria decifrou com incrivel trabalho esta carta, porque, assim como Pedro não era forte á escrever, a moça não o era a ler; porém, á medida que foi percebendo bem o sentido de tão nobres palavras, o seu coração, que não estava pervertido, abriu-se ás lagrimas da gratidão, como a terra arida e queimada pelos ardores do estio se abre ás primeiras chuvas do outono.

— Se o outro me não tivesse apparecido, exclamou, casaria comtigo, porque tu és o unico coração bom que ha n'esta aldeia! Mas Carlos ha de voltar; eu bem sei que elle me não enganou; os que tal dizem são os que se enganam. Agora já não posso casar com Pedro, porém juro e prometto a Deus de o amar e respeitar como meu verdadeiro irmão; só d'elle ouvirei conselhos, e só com elle viverei. Se... se o outro não tornasse, casaria... não; se elle não voltasse... morria eu. Esperarei, pois, e Deus ha de ouvir as minhas orações, porque eu nunca fiz mal a ninguem.

(Continúa) F. Gomes de Amorim.

D. CATHARINA DE BRAGANÇA

(Vid. pag. 211)

A rainha aposentou-se no palacio do governador militar de Portsmouth, onde esperou que chegasse o rei seu esposo. Ahi se lhe apresentaram os officiaes nomeados para a sua casa, tendo por camareira-mór a condessa de Solfolk, e por capellão catholico mylord de Aubing; duas aias francezas e duas toucadeiras inglezas.

El-rei Carlos não pôde sair de Londres senão a 29 de maio, por causa de negocios urgentes que estavam por decidir no parlamento, mas todos os dias escrevia á rainha sua mulher, em hespanhol. A 30 chegou a Portsmouth com o duque de York, seu irmão, o principe Roberto, seu primo, e os gentis-homens da camara. Como vinha muito empoado e descomposto do caminho (diz a relação já citada), não quiz apparecer á rainha d'aquelle modo; recolheu-se a uma camara, onde diante de todos fez a barba, vestindo-se de setim pardo todo bordado de seda, com fitas e plumas côr de fogo.

Depois foi ver a rainha, que estava ainda de cama

com febre, não consentindo o rei que entrassem com elle mais que seu irmão, o mordomo-mór, o camareiro-mór, o marquez de Sande e os dois veadores portuguezes. Sentou-se el-rei junto da cama da rainha, e assim estiveram largo espaço fallando em castelhano, sendo esta a primeira vez que a nossa infanta mudou de idioma, por haver promettido ser esta a primeira fineza que faria a seu marido.

El-rei estava mui alegre (falla ainda o auctor da relação, que inculca estar presente), mostrando-se mui pago da formosura da rainha; e tanto que, chegando-se o nosso embaixador a perguntar-lhe se o havia enganado nas informações, lhe respondeu sua magestade que sim; que elle e os pintores o haviam enganado, porque nem os informes nem os retratos eram tão formosos como a rainha.

Á noite ceiou el-rei em publico, na principal sala, sobre um tabernaculo debaixo de docel, tendo seu irmão á direita; e em quanto comeu estiveram soando doze violas e rabequinhas, mui accordes; a mesa esteve cercada de todos os fidalgos, em pé e descarapuçados, e muitas danças entre elles. Depois da ceia foi o soberano ver outra vez a rainha, e depois se recolheu ao seu aposento.

No dia seguinte, estando a rainha melhor da febre, com o parecer dos medicos, se vestiu para a celebração dos desposorios, a qual se fez pelas tres horas da tarde, saíndo suas magestades á sala principal, onde se achava a corte, e ahi, subindo ao throno e ficando de pé, o camareiro-mór pediu silencio e mandou ler o auto que continha o primeiro recebimento que se havia feito em Londres, cuja cópia se viu em Lisboa; e depois o secretario da embaixada, Francisco de Sá de Menezes, leu outro auto em portuguez, que continha o mesmo. Então o bispo de Londres, virando-se para os circumstantes, lhes notificou «estarem casados o rei e a rainha, segundo se via por aquelles autos, o que fazia saber a todos para que ninguem o duvidasse, e suas magestades se lograssem por muitos annos»; ao que todos responderam *amen*, com grandes vozes.

Acabado este acto, todos beijaram a mão á rainha, e dos muitos laços de fita azul que levava no vestido encarnado, á ingleza, lhe não ficou nenhum, porque cada qual tirava o seu e o punha no chapeo; e o mesmo fizeram as damas ao rei.

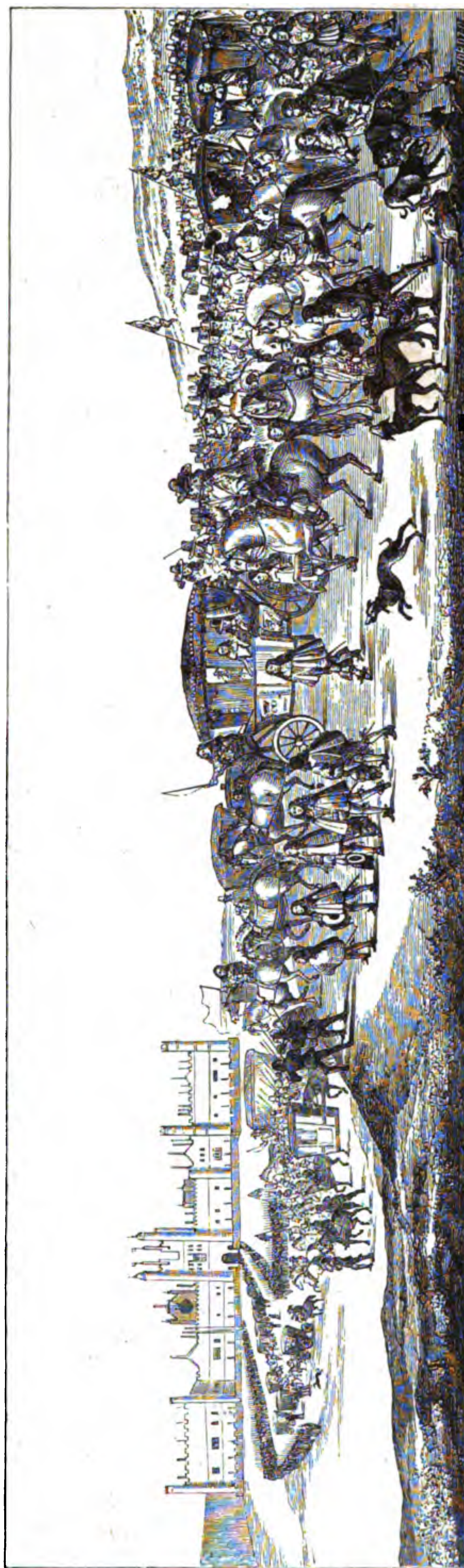
Como a rainha ainda estava mal convalescida, por conselho dos medicos voltou para a cama, e o rei fez o galanteio de ceiar com ella sobre o leito.

Por causa da doença de D. Catharina, demorou-se a corte uns oito dias em Portsmouth; e o rei, para entreter a sua augusta consorte, fazia que lhe cantassem o duque de Boyningan e mad. Lagard, toucadeira franceza; e a rainha, para lhe pagar este favor, mandava que os seus musicos lhe cantassem alguns tonos, de que el-rei gostava, dizendo que lhe contentava muito mais a nossa musica do que a castelhana, porque os hespanhoes gritavam, e nós cantavamos como os italianos.

No dia 6 de junho de 1662 saíram suas magestades de Portsmouth para o magnifico palacio de campo em Hampton-Court, a 25 milhas de Londres, onde iam passar o verão.

Foi sumptuario o estado que se preparou para conduzir os augustos noivos: riquissimos os coches, custosas as librés da famulagem, e numerosissimo o cortejo dos magnates e das tropas, o que por menor contam as gazetas do tempo, e mais ainda a relação que havemos citado.

Boa idéa nos dá d'este prestito a gravura que hoje publicâmos, tirada da estampa feita em 1662, pelo mesmo artista inglez que desenhou a que démos a pag. 213. O palacio que alli vemos no alto foi o primeiro que a nossa infanta habitou em Inglaterra.



Entrada dos reis da Gran-Bretanha Carlos II e D. Catharina de Bragança no palacio de Hampton-Court

Logo que se estabeleceu a corte em Hampton, começaram as reuniões, a que o rei Carlos era mui afeiçoado. Os dias passavam-se na caça e pesca, e as noites nos saraus e comedias, nas quaes representava el-rei, os principes, muitos nobres e damas.

D. Catharina não entrava nas peças por não saber inglez; mas dançava bem, e accommodou-se tão gentilmente ao trajo da corte de Inglaterra, que (diz o auctor da relação) com sua graça e garbo lhe deu alma, não deixando ás senhoras inglezas e francezas mais que o trabalho de haverem inventado a moda!

Até aqui chega o diario da viagem que temos extractado. Agora oiçamos outra vez o chanceller-mór de Inglaterra, sobre os desgostos que a rainha começou a padecer logo que se juntou com o rei seu marido. O testimunho é insuspeito.

No mez de junho (diz Clarendon) chegou a rainha a Hampton-Court. O conde de Sandwich, commandante da esquadra, e plenipotenciario do rei para receber a rainha e o dote, deu parte de que o governo de Portugal declarára não poder entregar-lhe senão metade do dote, e essa mesma em joias, assucar e outras mercadorias, porque os ultimos aprestos que a Hespanha havia feito para invadir o reino pelo Alemtejo obrigára a regencia a fazer consideraveis despezas. Pelo que o conde de Sandwich recebêra as mercadorias, trazendo a bordo um Diogo da Silva, judeu portuguez, muito rico e com grandes creditos em Amsterdão, encarregado de liquidar em Londres o primeiro milhão de cruzados, que se devia pagar de prompto.

Não obstante a alegria nacional que este casamento causou (continúa o chanceller), os cortezãos empregaram todos os ardis para o tornarem desagradavel ao rei. Carlos II, depois do seu regresso a Inglaterra, tinha vivido publicamente com uma joven e formosa dama [1], de quem pouco antes tivera um filho, que sua magestade reconheceu. Estes amores tinham prejudicado muito a reputação do rei entre o povo; e só o desculpava a sua mocidade vigorosa e gentil; porém suppunha-se que depois de casado cumprisse as promessas que havia feito ás pessoas de maior credito que estavam junto d'elle.

A rainha era dotada de belleza e espirito para lhe agradar; e realmente, á primeira vista, e algum tempo depois, o rei estava muito satisfeito, e resoluto a lhe sacrificar a sua antiga liberdade, sem comtudo levar a complacencia conjugal ao excesso de se presumir que era governado por sua mulher. Se porventura a rainha tivesse a arte, a habilidade de algumas das rainhas de Inglaterra, alcançaria o predominio que muitas desfructaram. Mas D. Catharina, apesar de ter já edade para adquirir a experiencia do mundo, e de possuir *tanto espirito quanto se podia desejar*, mostrando-se em certas occasiões de agradavel humor, tinha sido educada n'um convento, não conhecendo senão as mulheres que a serviam, e tratando só com as freiras, a cuja communidade talvez desejasse pertencer [2].

D'esta reclusão saíu para ser uma grande rainha, e viver n'uma corte que necessitava de ser reformada nos costumes, pela licenciosidade com que viviam homens e mulheres, não tendo o rei forças para os reprimir.

Além d'isto, a rainha veiu de Portugal acompanhada de gente incapaz de a instruir sobre a necessidade de se moldar aos habitos da sua nova condição, e tanto quanto bastasse para a sua felicidade em paiz estranho. As damas e aias eram todas velhas, feias e orgulhosas [3]; sem saberem sustentar conversação com pessoas de educação liberal; e tão insensatas, que aconselharam a rainha a que não devia aprender a lingua ingleza!

A rainha chegou a Hampton-Court com o firme proposito de não consentir que lhe apparecesse a dama de quem tanto se fallava (miss. Palmer); e, pelo contrario, o rei, julgando tel-a disposto para que a acolhesse civilmente, dois ou tres dias depois a conduziu aos aposentos da rainha, que a recebeu tão bem como ás outras damas. Mas, ou porque sua magestade desconfiasse logo que era ella, ou por qualquer indicio, empallideceu, começou a chorar, rebentou-lhe o sangue pelo nariz, e foi levada em braços para a sua camara, retirando-se todos consternados d'esta inopinada scena.

O rei encolerisou-se com este acontecimento em publico, e o tomou como um desafio sobre quem havia de governar no seu palacio, ponto em que sua magestade era muito cioso. A resposta que depois lhe deu a rainha, obstinada na sua resolução, ainda o exasperou mais. Começou a queixar-se de que as condições do contrato matrimonial não tinham sido cumpridas, arguindo o embaixador portuguez da falta do pagamento da metade do dote, e de não ter aconselhado á rainha que se abstivesse de contrariar as determinações do rei seu esposo. Por outro lado, a rainha arguia tambem o embaixador, marquez de Sande, da falsidade com que lhe havia fallado em Portugal das virtudes e bom caracter do rei seu noivo. O marquez, que era um homem de grande merito e respeito, caíu doente, esteve em perigo de vida, e succumbiria se não fossem os cuidados com que suas magestades procuraram reparar os aggravos que lhe tinham feito.

O rei, d'alli por diante, afastava-se da companhia da rainha, e procurava distrahir-se na sociedade de gente leviana, á qual dava repetidos saraus, e com quem se mostrava cada vez mais indulgente. Foi esta gente que o instigou a que mantivesse a sua auctoridade, e manifestasse ao mundo que não queria ser governado, recordando-lhe o exemplo de seu avô (Henrique VII), que nunca dissimulára as suas paixões, constrangendo a rainha a tratar com benevolencia as favoritas de seu marido, a quem elle ennobrecia com os maiores titulos, para que o mundo as respeitasse e a corte lhes rendesse homenagem. Que sua magestade, pelas seducções da sua gentileza, tinha captivado o coração de uma joven e formosa dama, de boa familia, cujo pae havia perdido a vida no serviço da coroa; que por ciumes de sua magestade a havia abandonado o marido, e que a indignação da rainha dera tanto que fallar, que a desditosa dama ficava sem refugio e exposta ao desprezo do mundo.

Estas matinações foram reforçadas por um livrinho que então se publicou em Paris, *Os amores de Henrique IV*, com todo o visco libidinoso dos costumes francezes. O rei leu-o com muito interesse, e tal impressão lhe fez, que o resolveu a elevar a sua dama á classe da nobreza, dando ao marido o titulo de conde de Castlemaine. Tendo-a assim habilitado para exercer qualquer cargo no paço, o rei determinou fazel-a dama da rainha, para mostrar que tinham acabado todas as suas relações illicitas. Empregou todas as caricias para que D. Catharina acceitasse esta nomeação, em que estava empenhada a auctoridade real, protestando-lhe que, depois da chegada de sua magestade a rainha, elle não tivera a menor familiaridade com a condessa, e jurava que d'alli por diante continuaria a ser fiel a sua augusta esposa. D. Catharina, que tinha o genio mais arrebatado do que denunciava a sua physionomia, não soube conter-se, e rompeu em impetos de colera, que aggravaram o mal já feito, porque o rei insistiu na resolução que havia tomado, e exaltou-se-lhe a aversão que mostrava á consorte.

Estas desordens domesticas, e as impressões que ellas faziam no espirito do rei, affligiam os homens gra-

1 Miss. Palmer, depois feita duqueza de Cleveland.
2 Não consta que isto seja verdade.
3 Monstros lhes chama Grammont nas *Memorias* da corte de Carlos II.

ves e serios; davam pasto ás murmurações do povo, sem que os magistrados podessem reprimil-as, com receio de propagar o escandalo. A gente de bem desesperava de achar meio de enfrear a devassidão da corte, que augmentava todos os dias, e cûjas consequencias pareciam ser ainda mais fataes para o chanceller, porque tinha contra si as sociedades nocturnas dos libertinos, que assoalhavam ter elle grande influencia no conselho privado do rei; a qual augmentaria se a rainha, que fazia muito bom conceito do chanceller, chegasse a alcançar algum poder no paço.

Em verdade, o rei não confiava as suas mágoas a ninguem, com tanta franqueza, como ao chanceller; a elle se queixava da obstinação e mau humor da rainha, e lhe contava o que entre os dois se passava, pedindo-lhe conselhos, porque bem sabia que era homem dedicado ao seu serviço, e que lhe dizia sem temor tudo que pensava. Por isso lhe deu sua magestade permissão de fallar á rainha sobre as suas repugnancias, embora fosse uma commissão melindrosa para quem estava costumado a não usar de cortezanias.

Comtudo, o chanceller não achou meio de recusar-se, nem desesperou de conseguir parte do que desejava. A rainha não conhecia então em Inglaterra outra pessoa mais que o chanceller, nem tinha conversação aturada senão com elle.

Esta circunstancia lhe daria occasião de poder informar el-rei do que ella lhe contasse, o que, sem esta liberdade, fôra impossivel conseguir-se.

(Continúa) A. DA SILVA TULLIO.

O INSTITUTO DE FRANÇA

(Vid. pag. 246)

XXI. Conde de Carné, nascido em 1804, publicista, auctor das *Vues sur l'histoire contemporaine*, *Études sur l'histoire du gouvernement répresentatif en France*, etc., que em 1863 substituiu J. B. Biot, physico, chimico e mathematico, auctor do *Traité de physique expérimentale*, e de innumeras obras e memorias scientificas.

XXII. Vitet, n. em 1802, litterato e politico, auctor de *Les barricades*, *Fragments et mélanges*, etc., que em 1845 substituiu Soumet, poeta, auctor de *Clytemnestre et Saul*, etc.

XXIII. Saint-Marc Girardin, n. em 1801, professor e jornalista, redactor do *Journal des Débats*, auctor do *Éloge de Bossuet*, do *Tableau de la littérature française au* XVI *siècle*, etc., que em 1844 substituiu Campenon, poeta e auctor dos poemetos *La maison des champs* e *L'enfant prodigue*.

XXIV. Flourens, n. em 1794, physiologista e litterato, auctor de *Recherches physiques sur l'irritabilité et la sensibilité*, *Examen de la phrénologie*, e de uma serie notavel de *Recherches*, *Observations*, *Expériences*, elogios historicos, etc., que em 1840 substituiu Michaud, auctor da *Histoire des croisades*, da *Bibliothèque des croisades*, etc.

XXV. Dufaure, n. em 1798, advogado, estadista e orador distincto, antigo ministro das obras publicas (pela creação d'este ministerio em 1839), e ministro do interior em 1848, que em 1863 substituiu Pasquier, magistrado e politico, auctor dos *Discours et opinions*. De Dufaure ha só impressos alguns dos relatorios mais importantes.

XXVI. Duque de Noailles, n. em 1802, historiador, auctor da *Histoire de la maison royale de Saint-Louis*, da *Histoire de m.me de Maintenon*, etc., que em 1849 substituiu Chateaubriand, historiador, auctor do *Génie du christianisme*, *Atala*, *René*, *Martyrs*, antigo redactor do *Mercure de France*, etc.

XXVII. Lamartine, n. em 1790, poeta celebre, auctor das *Méditations poétiques* (cujas primeiras edições appareceram depois de 1820, e das quaes se consumiram 45:000 exemplares em quatro annos), do *Chant du sacre*, das *Harmonies poétiques et religieuses*, etc., que em 1829 substituiu Daru, estadista e litterato, auctor da *Histoire de Venise*, traductor de Horacio em verso.

XXVIII. P. A. Berryer, n. em 1790, advogado distinctissimo, politico e antigo deputado, que em 1854 substituiu o conde Alexis de Saint-Priest, diplomata, neto do conde Guinard de Saint-Priest, ministro plenipotenciario em Lisboa no reinado do sr. D. José, e tambem ministro, como seu avô, n'esta corte no reinado da sr.ª D. Maria II, auctor da *Histoire de la conquête de Naples par Charles d'Anjou*, etc. De Berryer existem impressas algumas defesas e memorias; e affirmam os seus biographos que em 1861 (contando então o celebre advogado não menos de 71 annos), no conhecido processo de Patterson contra a successão do ex-rei Jeronymo Bonaparte, ainda orava com o vigor da mocidade.

XXIX. Victor Cousin, n. em 1792, philosopho e litterato, auctor de *Proclus*, *Descartes*, etc., traductor das *Œuvres completes de Platon*, etc., que em 1830 substituiu o barão Fourier, mathematico (que não deve confundir-se com Fourier ou Fourrier, afamado chefe do socialismo), auctor da *Theorie analytique de la chaleur* e de outras obras scientificas muito apreciadas.

XXX. O bispo Dupanloup, n. em 1802, antigo professor de eloquencia sagrada, n'outro tempo mui estimado por suas idéas a favor da liberdade do ensino, e depois auctor da *Lettre à un catholique*, *Lettre à mr. le vicomte de Guèronnière*, *Christianisme presenté aux hommes du monde*, e de varios escriptos, mais politicos que religiosos, a favor do poder da santa sé, etc., que em 1854 substituiu Tissot, professor e jornalista, auctor dos *Études sur Virgile* e outras obras.

XXXI. Villemain, n. em 1790, distincto professor, litterato e antigo ministro da instrucção publica, auctor do *Cours de littérature*, *Eloge de Montesquieu*, *Avantages et inconvenients de la critique*, *Histoire de Cromwell*, etc., que em 1821 substituiu seu mestre Fontanes, professor e poeta, traductor em verso do *Essais sur l'homme de Pope*, etc.

XXXII. S. de Sacy, n. em 1801, jornalista e advogado, editor das *Lettres spirituelles de Fénelon*, da *Imitation de Jesus-Christ*, por M. Marillac, redactor do *Journal des Débats*, etc., que em 1854 substituiu Jay, litterato, auctor do *Tableau littéraire du* XVIII *siècle*, director do *Journal de Paris*, fundador da gazeta denominada *Constitutionnel* com Etienne e outros, e da *Minerve* com Benjamin Constant, Tissot e outros, etc.

XXXIII. Conde Alfredo de Vigny, n. em 1799, poeta e romancista, auctor dos *Poëmes antiques et modernes*, do romance historico *Cinq-mars* (doze edições desde 1826), da *Servitude et grandeur militaires*, do *Stello ou les diables noirs*, etc., que em 1845 substituiu Etienne, dramaturgo e publicista, auctor da notavel comedia de caracter *Deux gendres*, etc.

XXXIV. Laprade, n. em 1812, poeta, auctor de *Les Parfumes de Madeleine*, *Odes et poëmes*, *Poëmes évangéliques*, etc., que em 1858 substituiu Alfredo de Musset, poeta, auctor dos *Contes d'Espagne et d'Italie*, de *Les nuits*, *Stances à m.me Malibran*, *La mi-carême*, etc.

XXXV. Patin, n. em 1793, professor e litterato, auctor dos *Études sur les tragiques grecs, ou examen critique d'Eschyle, de Sophocle et d'Euripede, précédé d'une histoire générale de la tragédie grecque*, redactor do *Globe* na restauração (1814-1830), etc., que em 1842 substituiu Roger, poeta comico, auctor da comedia *L'avocat*, *La revanche* e outras obras.

XXXVI. Conde de Montalembert, n. em 1810, po-

litico e escriptor religioso, antigo redactor do *Avenir* com Lamennais e Lacordaire, fundador com este ultimo da *Escola livre*, pela qual foi condemnado em policia correccional, e depois auctor da *Vie de sainte Elisabeth d'Hongrie*, *Du catholicisme et du vandalisme dans l'art*, *Du devoir des catholiques dans la question de la liberté d'enseignement*, etc., que em 1852 substituiu Droz, philosopho e historiador, auctor do *Essai sur l'art d'être heureux*, *Histoire du règne de Louis* XVI, *De la philosophie morale*, etc.

XXXVII. Empis, n. em 1795, dramaturgo, auctor das comedias *La mère et la fille*, *L'agiotage*, *La dame et la démoiselle*, etc., que em 1847 substituiu De Jouy, dramaturgo e jornalista, auctor de diversas composições dramaticas, operas comicas, etc.

XXXVIII. Viennet, n. em 1777, litterato e politico, antigo redactor do *Constitutionnel*, auctor de diversas *Epitres*, entre as quaes se conta a *Epitre aux chiffonniers sur les crimes de la presse* (1827) e a que tem por titulo *Aux mules de Don Miguel* (1829), dos *Essais de poésie et d'éloquence*, dos poemas *Siège de dames*, *La Philippide*, etc., que em 1830 substituiu o conde de Ségur, diplomata e historiador, auctor das *Mémoires*, *souvenirs et anecdotes*, e de outras obras.

XXXIX. Conde de Remusat, n. em 1797, politico, litterato e philosopho, auctor do *Essais de philosophie*, *Passé et présent*, *Bâcon, sa vie, son temps*, antigo redactor do *Globe*, etc., que em 1846 substituiu Royer-Collard, philosopho e professor, auctor de varios discursos academicos, fragmentos philosophicos e poeticos.

XL. Dupin-aîné, n. em 1783, afamado jurisconsulto e litterato, auctor de *Principia jura civilis cum romani, tum gallici*, etc., do *Dictionnaire des arrêts modernes*, e de innumeras obras relativas ao estudo do direito, que em 1832 substituiu o barão Cuvier, naturalista estimado, auctor do *Règne animal distribué d'après son organisation*, e de varias obras ácerca das sciencias naturaes.

(Continúa) BRITO ARANHA.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM

(Vid. pag. 247)

Ha em Macau tres sociedades distinctas: a chineza, de que te tenho fallado; a dos *nhons*, descendentes de antigos europeus que alli foram estabelecer-se; e a sociedade européa, constituida pelos funccionarios e alguns negociantes.

Os nhons apresentam as feições communs da nossa raça, notando-se apenas em alguns o córte obliquo dos olhos. São em geral bastante trigueiros. É a elles que em Portugal se dá o nome de macaistas. Ha nhonhas muitas brancas, e não são raras entre ellas as bellezas. Quando praticam entre si, fallam um dialecto exclusivamente seu, formado por um portuguez antigo modificado, e com mesclas de chinez. Vou dar-te uma amostra d'aquella extravagante linguagem do seguinte trecho de uma carta devida á espirituosa penna de um dos redactores do *Ta-SSi-Yang-Kuo*, jornal que se publicava em Macau, e de que adiante tornarei a fallar-te.

«Minha quirida Miquéla.—Tanto tempo eu já querê respondê vosso carta, mas sempre senti doente, por isso tanto tardá este resposta. Vós, minha Miquéla, nadi ficá reva cô eu; vós sabe que eu querê pra vós, e se nunca escrevê mas asinha sam prómodi ja tá mutu vélla. Otro dia aum ha mofina di ama abri janella, eu irgui cedo, saí fóra, apanhá vento, ficá constipada. Priméro tomá sincap, misinha de vento, raspá mordicim, mas nunca póde ficá bom, cada dia senti corpo más fraco, perna azedo. Dotôr falá sam doença d'idade, mas eu nunca senti assim, chamá mestre Ahoi, qui tudo gente falá sam capaz, elle já curá. Agora sinti um poco forte, mas mestre nom quéro que eu fazê mutu força e mandá tomá ninho di pastro.»

Os europeus residentes em Macau formam uma escolhida sociedade, que honra o nosso paiz perante os estrangeiros que visitam aquella nossa longinqua possessão. Por felicidade d'aquella terra, os funccionarios que para lá são enviados, e os particulares que alli vão estabelecer-se, são, por via de regra, individuos de illustração e fino trato. Resulta d'isso não reinar em Macau a intriga baixa e a opposição miseravel ás auctoridades, que estamos costumados a ver n'outros pontos do nosso ultramar.

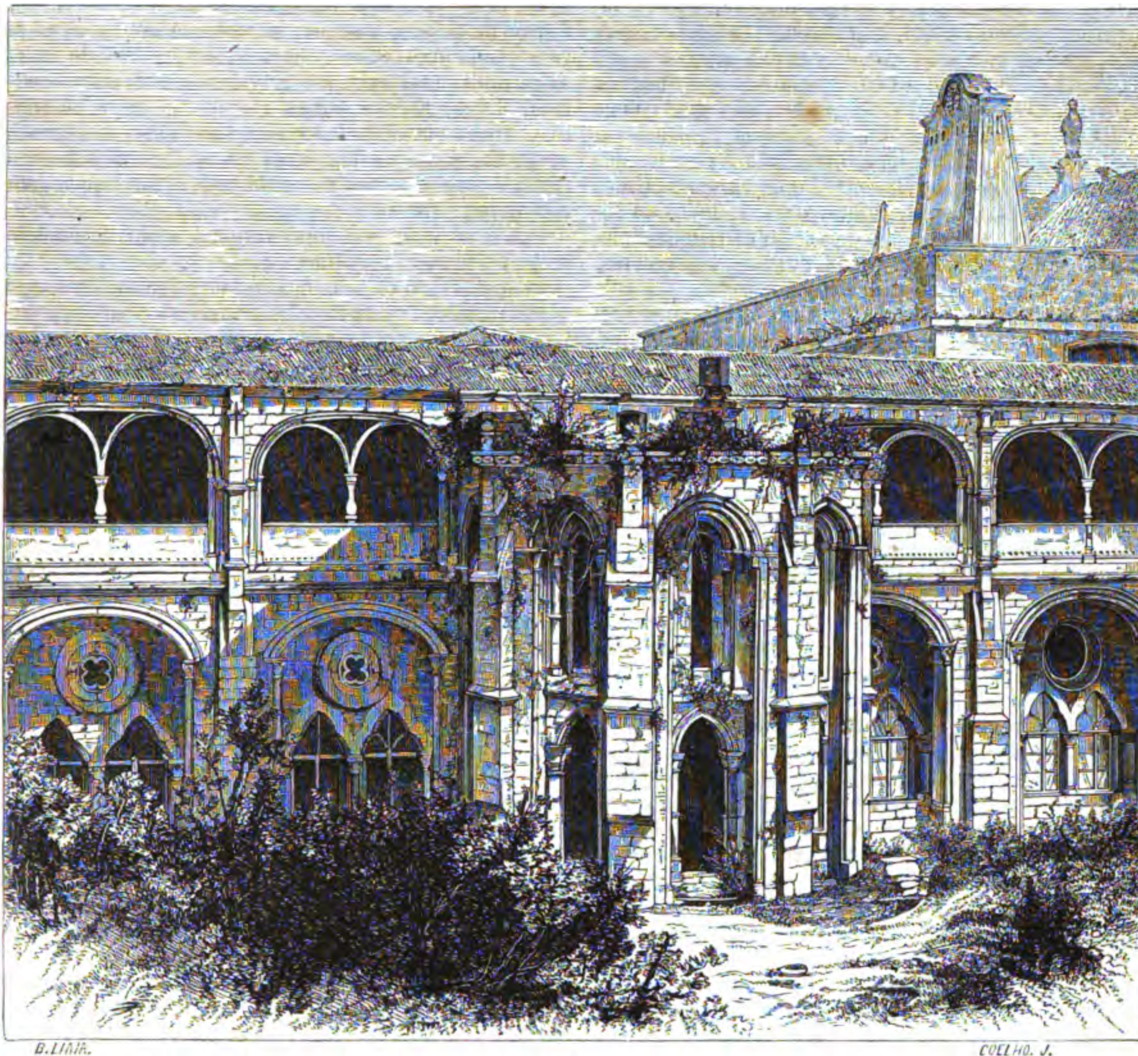
Costumam ser alli brilhantes e animados os bailes e as reuniões familiares, e esmerado o acolhimento feito aos compatriotas e aos estrangeiros que visitam a cidade. As praxes do bom tom são de uma observancia rigorosa, e o luxo é escrupulosamente obedecido em todas as suas exigencias e nos seus caprichos pela sociedade de Macau. O senão que se nota alli, e deixa impressão desagradavel no animo do visitante portuguez que for observador imparcial, é a imitação das praticas e dos usos inglezes, suscitada pela visinhança da prospera colonia britannica de Hong-Kong, e pela frequente convivencia com os subditos da Gran-Bretanha. Oxalá que isso não prejudique ainda sériamente o futuro da nossa possessão, corroborando as aspirações d'aquella potencia, que tem os olhos fitos n'ella, e não perde ensejo de a cercear na sua importancia, no intento reservado de nol-a fazer perder um dia.

E já que toquei n'este ponto, não quero deixar de consignar aqui um facto que se deu em Hong-Kong, em agosto de 1865, e cuja dolorosa impressão estava ainda bem viva em Macau em março do anno seguinte, quando alli cheguei. É um acto de grande parcialidade e injustiça para com os portuguezes, praticado pelas auctoridades de uma nação que se diz nossa amiga e alliada. Manifesta-se bem n'elle quanto os inglezes se empenham em aproveitar todas as occasiões de nos privarem do prestigio de que gozâmos perante os indigenas dos paizes em que dominâmos.

Andando a cruzar a canhoneira ingleza de vapor *Bustard* em frente da bahia de Pin-hai, avistou duas embarcações de cabotagem que d'alli saíam, e que, ao avistal-a, navegaram outra vez para dentro do porto, dando-lhes caça o cruzador. Como ellas se approximassem bastante da terra, a ponto de varios chinas que as tripulavam se arremessarem á agua e ganharem a nado a praia, o navio inglez, com fogo de artilheria, metteu a pique uma, e ia começar os tiros sobre a outra, quando n'ella foi içada a bandeira portugueza, pedindo soccorro. A canhoneira mandou-lhe então um escaler com gente armada, que encontrou a bordo d'ella quatro portuguezes, um dos quaes disse ser o capitão, um hespanhol e um china pratico da costa. Interrogados estes homens, declararam que tinham saído na sua lorcha de Amoy com destino a Macau, e que, tendo fundeado em Taitão por causa do vento contrario e do mau tempo, foram aprisionados pela outra embarcação, que era de piratas; que, tendo-lhes estes tirado de bordo duas peças, polvora e balas, que tinham para sua guarda e defesa, os obrigaram a seguir em comboyo com elles. Declararam mais que, depois de andarem seis dias com os piratas, os obrigaram estes a tomar parte no ataque a um junco chinez, que foi aprisionado e roubado, sendo morta a guarnição, mas não tomando parte nos assassinatos senão os piratas; e que, coactos, continuaram a navegar com elles até áquelle momento.

Foram estas as declarações constantes, coherentes e unanimes dos quatro europeus.

(Continúa) JOÃO DE LACERDA.



Claustros de D. Diniz e do cardeal infante D. Henrique, em Alcobaça

Nas edificações religiosas, logo depois do templo, era o claustro onde mais se esmeravam os edificadores.

Entre a egreja, destinada unicamente ao culto da Divindade, e o dormitorio, o refeitorio e as officinas, que serviam para a conservação do homem, ficava o claustro, logar de transição, recinto mysterioso e melancolico, posto, como a escada de Jacob, entre o ceo e a terra. As preces começadas na egreja continuavam ainda no claustro, sem obstarem á sequencia das praticas encetadas no convento. Sob as ogivas das arcadas, os monges pensavam em Deus e nos homens, no futuro e no passado, na bemaventurança e no mundo. No chão da vasta quadra, cobriam aqui de preces as sepulturas dos mortos, e regavam além as roseiras e as murtas que adornavam o jardim.

Os claustros, menos alterosos que os templos, e por tanto menos expostos ás injurias dos seculos; mais humildes e obscuros, e por isso mais desprezados, permaneceram, em geral, livres das grandes restaurações, mutilações e accrescentamentos que alteram quasi todas as egrejas antigas. Servem-nos, pois, de preciosos elementos para o estudo da arte, tanto pela abundancia de todos, como pela pureza em que se conserva o estilo de cada um.

Os que em Portugal subsistem de pé constituem uma serie interessante e numerosa de typos architectonicos. Differença-se dos outros pela simplicidade da estructura, pelo rasgo e elevação das ogivas, o de Santo Thyrso, que se attribue com razões provaveis ao seculo XII [1]. No de Alcobaça, como se vê na gravura, as ogivas são da parte de fóra compostas de tres curvas na fórma caracteristica do reinado de D. Diniz. Os da sé do Porto [2] e da sé de Evora, ambos construidos no ultimo quartel do seculo XIV, e muito similhantes, patenteiam já aquella regularidade de estilo e apurado lavor que haviam de chegar ao mais subido grau de perfeição, poucos annos depois, na Batalha e na egreja do Carmo de Lisboa [3]. O claustro real d'aquelle mosteiro [4], se substituirmos de imaginação os ornatos que lhe accrescentou el-rei D. Manuel pelos primitivos, virá a representar-nos o typo correspondente á epocha de D. João I. Em fim, o de Belem [5] e o de Santa Cruz de Coimbra [6] são dois exemplares admiraveis do gothico florido ou manuelino.

Em tempo de D. João III, a architectura claustral recebeu profundo golpe com a substituição do estilo

1 Vid. pag. 237 do vol. VI.
2 Vid. pag. 1 do vol. IV.
3 Vid. pag. 401 do vol. I.
4 Vid. pag. 273 do vol. VIII.
5 Vid. pag. 249 do vol. VI e 229 do vol. IX.
6 Vid. pag. 233 do vol. VIII.

gothico pelo classico. Os innovadores achavam nos templos dos pagãos os moldes dos que edificavam á christandade. Mas para os claustros, creação pura e exclusivamente christã, faltavam-lhes regras em Vitruvio, e modelos na Grecia e Roma. Não admira, portanto, que os claustros que depois dos ultimos a que alludimos se construiram em Portugal, e nos quaes se baniu de todo o estilo gothico, ficassem ainda mais acanhados e desairosos que as egrejas contemporaneas. Em abono d'esta idéa, citaremos o claustro dos Corvos no convento de Thomar [1], o da egreja da Graça em Evora, o da sé de Coimbra, e os de todos os innumeros conventos que nos deixaram os reinados piedosos de D. João III e de alguns dos seus successores.

Uma d'essas provas, e das mais convincentes pelo contraste, está nos dois claustros de Alcobaça que representa a gravura. As ogivas do inferior, os oculos, as columnas, as misulas, o artezoado das abobadas, apparecem-nos com as feições do estilo gothico, livre já em tempo de D. Diniz das influencias byzantinas e sarracenas que nos anteriores reinados o adulteraram. O superior, nas voltas redondas dos arcos, nos capiteis e bases das columnas, e nos demais ornatos, denuncia uma epocha, pelo menos, posterior a D. Manuel, em cujo tempo se divulgou pela Europa o genero classico, sem chegar a introduzir-se em Portugal.

A grande similhança da arcada da frontaria da universidade de Evora [2] com este claustro, e attestarem alguns escriptores que o cardeal D. Henrique mandára construir um no mosteiro de Alcobaça, auctorisam-nos a attribuir-lhe a obra que por tradição lhe conserva o nome. Com quanto muito mais leve e elegante que a maior parte dos edificios congeneres, contemporaneos de D. João III ou posteriores, tão desvantajosa lhe é a comparação com o alto e gracioso claustro de D. Diniz, que parece acaçapado e desprazivel á vista.

D'aquelle nada temos a accrescentar ao que escreveu n'este jornal o nosso amigo e collega, o sr. Vilhena Barbosa [3], senão que vimos parte de um lanço tapada e envidraçada para servir de eschola de instrucção primaria. A grande importancia da applicação não obsta a que digamos que, havendo tamanho espaço no mosteiro, seria preferivel escolher outro logar, e deixar a magestosa quadra livre e desembaraçada.

É já grande a ruina do claustro superior. N'algumas partes caíram telhados e abobadas. Fica assim inevitavel a communicação do estrago ao claustro inferior, cuja perda será muito sensivel aos que prezam os monumentos antigos da architectura nacional.

Um grande genio, como o do sabio ministro de D. José, acharia, de certo, meio de fundar no mosteiro de Alcobaça, e n'outros conventos que similhantemente se arruinam, vastos estabelecimentos industriaes que conservassem as reliquias do passado e melhorassem as condições do presente. Por infelicidade de nós todos, falta-nos quem saiba ou queira imitar os bons exemplos do inclito marquez.

No meio da fachada que representa a estampa vê-se um corpo saliente, cuja architectura não corresponde bem á do claustro de D. Diniz, e muito menos á do de D. Henrique. As ogivas são estreitas e elegantes como as de D. João I, em cujo reinado se apertaram á moda ingleza. Notaremos, porém, que ha nos portaes duas ordens de columnas como no claustro inferior, e com capiteis em tudo similhantes. Esta circunstancia contradiz até certo ponto a conclusão a que nos conduz a fórma das ogivas. Não ousâmos, pois, decidir-nos sobre o ponto importante da origem d'esta parte do claustro.

Quanto ao fim para que servia, mais facil nos parece dizel-o. Tinham alguns claustros antigos um corpo á similhança d'aquelle de que tratâmos, com uma fonte dentro, para os religiosos lavarem as mãos á saída do refeitorio. Na Batalha chamam ao do claustro real *lavabo*. O de Alcobaça fica junto da porta do refeitorio, e teve uma fonte com um tanque, de que se conservam ainda mutilados restos. O tanque era de marmore muito lavrado, com grande cópia de ramos, folhas, flores, aves e outros ornatos no gosto manuelino. Tinha em differentes partes as armas dos geraes de S. Bernardo, e por cima um M (Maria) sob uma coroa e uma estrella, e com uma fita entrelaçada com esta divisa: *Quem te tivera por guia*.

Estava o tanque antigamente no meio do edificio gothico; mas, por um acto de brutal vandalismo, foi desmanchado, e de seus quatro lados fizeram dois, que applicaram contra as paredes do recinto para augmentar a capacidade do reservatorio, a fim de receber maior quantidade de agua. A parte restante da fonte ficou, pois, a um canto do novo tanque.

Na parte anterior e superior do corpo gothico vê-se o pedestal de uma meridiana que jaz caída em cima da abobada. Os ornatos d'esta peça e a cimalha parecem do mesmo estilo do claustro superior.

A. Filippe Simões.

[1] Vid. pag. 237 do vol. x.
[2] Vid. pag. 161 do vol. v.
[3] Vid. pag. 33 do vol. ix.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 251)

XVIII

PEDRO

Maria Palmeiro julgava, como muita gente, que só por matar, roubar, calumniar, ou por outros que taes crimes, se póde entender o *fazer mal*. Atraiçoar um amante, que tinha posto n'ella a esperança de toda a vida e o sonho da sua felicidade, não era fazer mal a ninguem! Sábias ou ignorantes, são assim feitas as mulheres.

Pedro não pensava do mesmo modo, mas não se queixava senão do seu rival, porque tinha sido este, na sua opinião, quem desvairou a moça.

Ao entrar em casa do padre Manuel, depois da scena que tivera logar com Carlos Eugenio, Pedro ia ainda chorando amargamente pelo seu perdido amor. Atravessára com lagrimas nos olhos toda a povoação; e, como as senhoras visinhas tinham já de muito tempo feito circular, ainda como calumnia, a noticia de que Maria Palmeiro era a amante do moço lisbonense, facil foi a todos saber o motivo dos prantos do pobre rapaz.

O padre Manuel estava, por descargo de consciencia, a ler n'um breviario latino que não entendia: e isto seja dito sem offensa para o excellente homem; porque, se são raros os padres que sabem latim, são rarissimos os que sabem ser padres como era o meu velho cura de Avelomar. O latim nunca salvou ninguem; mas a falta de moralidade nos ecclesiasticos tem perdido muita gente.

O padre fechou o breviario e disse sorrindo ao rapaz:

— Grande novidade! Fazia-te a contas com os congros. Vieste muito cedo, ou não foste?

Pedro coçou na cabeça, o que era n'elle indicio de acontecimento grave e difficil de referir.

— Eu fui... mas como o mar estava assim a modos de quem não quer a coisa... virei logo na terra, e assentei que estava um bello dia para ir aos polvos.

— Ah! Então que tal? Correu bem? Eu o outro dia sempre vi um nas pedras de Chalo... de Chalo ou de Carreiro, tambem já não me lembro bem: que não cabia n'um poço. Forte bicho! Foi na Aradinha; agora é que me recordo que foi na Aradinha.

Pedro tornou a coçar a cabeça.

— Sim, elles por alli são bastos... ás vezes... E prouvera a Deus que só polvos eu tivesse pescado n'aquella maldita praia!

— Então por quê, homem? Vens mordido da tarantula? O que foi que pescaste mais na Aradinha?

— Pesquei lá o ladrão que me roubou a minha felicidade.

— Hum... Ciumes? É má doença!

— Não os tenho, sr. padre; já os não posso ter... porque a cachopa está virada; quer casar com o outro, e só Deus sabe até que ponto terão chegado as coisas entre os dois!

O velho levantou-se indignado.

— Não m'a calumnies, Pedro! Olha que te não perdôo!

— Calumnial-a, eu! Eu fui o ultimo que soube a minha desgraça! Disse-me a Palmeiro que, se não casasse com o tal que eu pesquei, não casaria com mais ninguem!

— Disse?!

E o padre, não achando phrase que exprimisse sufficientemente o seu espanto, abriu o breviario, leu um trecho de latim em voz alta e perguntou a Pedro:

— Entendes isto?

— Eu não, senhor, respondeu o rapaz com pasmo.

— Pois é o mesmo que me acontece com a tua historia.

Fechou o livro, deu umas poucas de voltas á roda da casa, gritou á irmã que lhe trouxesse uma infusa cheia de agua, e bebeu dois tragos, accenando a Pedro que o seguisse.

— Isto só pelo diabo! ia elle murmurando. Depois de quarenta annos que sou cura, acontecer-me uma d'estas! Estou acceiado! E então uma orphã que eu tinha maior obrigação de vigiar e guardar! Mas quem havia de dizer tal?! Façam lá beneficios a esta canalha das cidades, hein! Vejam como está o mundo arranjadinho! Pobre Pedro! E eu que o julgava a elle capaz de... e antes fosse elle... antes, com mil diabos, porque ao menos casava com ella! E o outro? O outro muda-se e não torna cá mais. Ora essa! Esperem por elle! Infame seductor! Pois ha de ouvir-me, que eu sou capaz de o casar já, agora mesmo, e á força, quer elle queira, quer não! Vou lá, e ainda que seja contra os canones, contra o direito e contra o torto... importa-me cá o rei nem o papa quando me fazem uma d'estas! Na minha aldeia... depois de quarenta annos! Anda d'ahi, rapaz; anda, corre, que vae tudo hoje com o diabo!

E galgava a passos agigantados o caminho que medeia da sua casa até á de Pedro.

O moço seguia-o com custo, espantado da sua agilidade, e perguntando a si mesmo o que teria o padre feito aos seus sessenta annos, que os levava tão leves como se fossem vinte.

Quando chegaram ao alto do caminho que vae da Salvada para a Cavalleira, viram ao longe uma carruagem correndo ao trote de dois cavallos pela estrada da Povoa.

— Lá vae elle a fugir! gritou o padre cura. Aposto que tinha tudo preparado para se mudar logo que fosse descoberta a sua deslealdade! Ah! tratante! que m'a pregaste na menina do olho!

— Eu parece-me que era capaz de os apanhar, ainda que os cavallos voassem, disse Pedro. Mas para quê, se não o posso castigar? Prometti deixal-o ir em paz.

— Tolo! Deixassel-o commigo! Agora havemos de pegar-lhe com trapos quentes!

Apressaram outra vez o passo, e chegaram á Aldeia Nova um quarto de hora depois da saída de Maria Palmeiro.

Encontrando em cima da cama um embrulho com dinheiro em oiro, Pedro teve a idéa de correr após Carlos Eugenio para o punir por esta nova insolencia: mas pensou em Maria e ficou com o oiro. Resolveu-se tambem a ceder-lhe a sua casa, porque previu logo, pelo conhecimento que tinha dos costumes austeros dos seus patricios, que ninguem quereria mais abrir a porta á moça infamada. Entregou a chave a uma visinha, com ordem de a dar a Maria, e saiu novamente para casa do padre.

A amante de Carlos Eugenio já alli tinha estado, e pela sr.ª Rosa soube o rapaz o que lhe havia acontecido com os lavradores a quem ella fôra offerecer-se. Escreveu então, com plena approvação do velho cura, a carta que atraz deixámos trasladada, e saiu em procura da cachopa.

Depois de correr inutilmente toda a povoação, passou casualmente junto ao seu barco e viu-a alli adormecida sobre o bailéo da prôa. Foi a casa buscar uma vela, e com as maiores precauções, para não a despertar, lhe fez um toldo, e, pondo-lhe ao lado a carta e a chave, retirou-se.

Maria pegou na chave e foi com a maior confiança installar-se em casa do seu ex-noivo. Esperava ella que a paixão de Pedro desapparecesse com a facilidade com que tinha supprimido a sua; e que dentro em pouco viveriam juntos como bons irmãos.

Decorreram, porém, quasi duas semanas e o mancebo não tornou! Ella ia todos os dias para a praia, á espera do navio que deveria levar Carlos Eugenio: mas tambem este não dava signal de si!

N'uma d'estas excursões encontrou-se cara a cara com o pescador, que não pôde evital-a.

— Pedro!

— Sou eu, é verdade! Como tu estás magra, cachopa! Falta-te alguma coisa?

— Falta-me a tua amizade... e a tua companhia.

— Que dizes?! Pois só isso te falta?

— Não; falta-me tambem... aquelle que... que me ha de vir buscar.

— Pois ainda acreditas?! Ainda esperas?!... Deus tenha dó de ti, moça; vaes-te entisicando a olhos vista!

— Elle ha de vir; diz-m'o o coração.

— Engana-te.

— Pois sim, não fallemos mais d'isso. Tu foges de mim? Ha quasi quinze dias que te não vejo!

— Para que me verias? Disse-te que, quando precisasses de mim, me chamasses; não me chamas, não vou. Adeus.

— Queres-me mal?

— Eu! Devia ser assim, mas não posso. Quero-te bem como d'antes, apesar de tudo.

— Serio, serio?

— Nunca brinquei com estas coisas, cachopa!

— Pois anda para tua casa; serei tua irmã, tratarei de ti, da tua roupa, de tudo que é teu. Não posso ser tua mulher, mas amar-te-hei como verdadeira amiga. Tu não sabes como eu vivo triste e aborrecida. Todos me aborrecem tambem; ninguem me dirige a palavra, nem mesmo as moças que antigamente eram minhas amigas! No domingo fui á missa, e, ao sair, toda a gente me virou as costas! Quando se acabar o dinheiro que lá me deixaste, não haverá quem me dê uma esmola!

— Cá estarei eu então para trabalhar para ti... se quizeres.

— Até as visinhas me négam o lume quando vou pedir-lh'o! Tem medo de tocar na minha mão! Parece que me julgam leprosa ou empestada; e isto não póde ser senão por inveja; por saberem que eu hei de casar com um moço tão rico!

— Triste engano é esse em que vives, Maria Palmeiro! Olha que já passaram quinze dias, e hão de passar quinze mezes, até quinze annos, sem que o vejas voltar. Mas não importa. Eu irei viver na tua com-

panhia, e farei com que te respeitem... ou me desprezem tambem.

Estas ultimas palavras foram pronunciadas em voz tão baixa, que Maria não as percebeu. Ella pulou de contente com a noticia, e, tomando das mãos do rapaz um bello ruivo que elle levava, gritou com alegria infantil:

— Vou fazer a ceia; irei buscar uma cabaça do vinho do tio Joaquim Silva e ceiaremos muito bem. Olha que será esta a primeira noite que os meus olhos não deitem lagrimas depois que nos separámos.

— Tambem eu não chorarei, disse Pedro escondendo uma lagrima que lhe caíra nas costas da mão.

Depois, vendo a moça partir a correr, accrescentou:

— Será possivel que ella não saiba o mal que me fez? É, de certo; pois se nem sequer sabe o damno que fez a si propria! Tanta innocencia, tanta bondade... e perdida!

— Ainda a amas? perguntou o padre Manuel vindo pelo lado de traz bater-lhe amigavelmente no hombro.

— Sempre! e cada vez mais!

— Isso é fraqueza.

— Isto é amor, sr. padre! É a estrella da minha vida, que eu sigo e seguirei até que ella se apague.

— Diacho! Está-me parecendo que te desnorteias com essas divagações de poesia! O caso é que fallas como quem não me fez suar o topete para te ensinar a ler! Lá talento tens tu; mas, se tivesses mais um poucochinho de juizo... seguias o meu conselho.

— Qual conselho?

— O de te casares com a Rosa Fernandes.

— Nunca!

— Patetice! Ella gosta de ti, e o pae diz que lhe dava um dote bem bom, porque tu és um rapaz trabalhador e arranjado; comtanto que nunca mais fallasses á Palmeiro.

— Vou morar com ella.

— O quê?

— Vou para minha casa, onde ella continuará a viver até que... que o outro venha ou que a desgraçada se desengane.

— Perdeste a cabeça?! E eu consinto similhante escandalo?

— Estou resolvido.

— Mesmo contra minha vontade?

— É a vontade d'ella.

— E obedeces-lhe, tendo-te ella desprezado, tendo-se perdido com outro?

— Tem precisão de mim; desprezam-n'a, e eu vou fazel-a respeitada, declarando que approvo o seu casamento com Carlos Eugenio, e tomando-a, como se fôra minha irmã, debaixo da minha protecção até que venha o seu noivo buscal-a.

— Dá cá um abraço, rapaz! Não me ha de esquecer a lição que me déste. Tu agora é que fizeste de padre Manuel; eu tenho feito de pedaço d'asno! Eu, que sou padre, era mais implacavel do que tu, amante trahido e desgraçado! Eu nunca mais a quiz ver, nem ouvir fallar d'ella, quando era minha obrigação amparal-a e chamal-a ao arrependimento da sua falta, se isso fosse possivel! Estou um forte padre, não tem dúvida! Isto são os sessenta e cinco que me vão virando o miolo. Dá cá outro abraço, meu filho; e segue sempre os impulsos do teu coração; vejo que elle é melhor do que o meu, e de hoje em diante principio a estudar com os teus exemplos.

— Ora, sr. padre... que está ahi a dizer?!

— Anda lá para diante; vamos vêl-a. Eu agora é que sei quanto tu vales. Digo-te que has de ser um grande homem; um homem ás direitas. Queres tu ser padre? Apromtpo-te em pouco tempo; e acredita que morria descançado se te visse no meu logar.

Pedro sorriu-se tristemente.

— Oh! se fosse possivel!... se eu podesse aprender latim, talvez me consagrasse a Deus, e... mas não; eu seria sempre um mau padre; pensaria mais n'ella do que em Deus. O meu destino, sr. padre Manuel, a minha vida ou a minha morte, dependem d'ella. Sei-o desde que me entendo; e seria grande loucura pretender mudar a sorte.

O padre tambem por sua vez se sorriu tristemente e seguiu-o sem responder. Que poderia elle dizer-lhe? O homem de Deus, a alma celeste e candida que viera á terra por missão divina, saberia acaso o que era a paixão de um homem como Pedro? Como comprehenderia um tal amor quem amava a todos egualmente?

(Continúa) F. GOMES DE AMORIM.

POÇOS INSTANTANEOS

Um dos maiores obstaculos que se oppõem em muitas regiões ao progresso e desenvolvimento da agricultura é, sem dúvida, a mingua de agua que os terrenos padecem. É sabido, porém, que, em quasi todos elles, o solo é, a maior ou menor profundidade, cortado por veios de agua, sufficientes, logo que sejam utilisados, para alimentar a camada superior, e converter em fertilidade a aridez, e em prados virentes despovoadas charnecas.

Mas o aproveitamento d'essas riquezas subterraneas era até agora difficultado, não só pela grande despeza da perfuração dos poços, mas principalmente pela impossibilidade de applicar a novas experiencias os apparelhos e materiaes empregados anteriormente sem resultado favoravel.

O que era, porém, ha pouco problema que a industria agricola encontrava como obstaculo no caminho dos seus progressos, é hoje, graças ao notavel engenho de um americano, o sr. Norton, systema simples e de facilima realisação.

Tem, de feito, muito pouco tempo de data o invento engenhoso dos poços instantaneos, cuja perfuração está claramente representada nas estampas que acompanham este artigo.

Attribue-se a idéa d'estes poços a alguns soldados americanos, que, durante a ultima guerra, imaginaram e conseguiram, enterrando no solo canos de espingarda, trazerem á superficie a agua em abundancia, que inutilmente haviam procurado obter por outra fórma do terreno ingrato que atravessavam. Seja como for, ao sr. Norton pertence, sem questão, o merito de haver aperfeiçoado e tornado de facil applicação tão util invento.

A utilidade dos poços tubulares ou instantaneos foi desde logo geralmente reconhecida; e em quasi todos os paizes da Europa a agricultura e a industria começam já a experimentar as suas incontestaveis vantagens.

Na Algeria, o systema do sr. Norton está sendo applicado á perfuração de poços artesianos. O marechal Mac-Mahon requisitou para alli trezentos poços tubulares, que, de certo, hão de contribuir não pouco para o melhoramento dos areiaes incultos d'aquelle vasto tracto de territorio.

A expedição da Abyssinia deveu em parte as suas victorias aos poços instantaneos que se abriram em differentes pontos do caminho que tinham de seguir as tropas.

Não foi Portugal dos ultimos em reconhecerem as vantagens de tão util invento.

Em julho de 1868 publicava o *Magasin Pittoresque* um artigo ácerca dos poços instantaneos. A leitura d'este artigo despertou ao intelligente industrial, o sr. Heitor Legros, empreiteiro da companhia de illu-

minação a gaz, a idéa de ensaiar no nosso paiz o invento do sr. Norton. Em setembro d'este anno apparecia nos jornaes de Lisboa o annuncio em que o sr. Legros se promptificava á perfuração dos poços instantaneos, obrigando-se a só receber o preço fixado por cada poço quando os resultados obtidos correspondessem ás promessas feitas.

Não tardou muito tempo que lhe chegassem varias requisições, a que desde logo o sr. Legros tratou de satisfazer, applicando-se elle proprio a dirigir a construcção dos tubos que haviam de servir para os poços instantaneos.

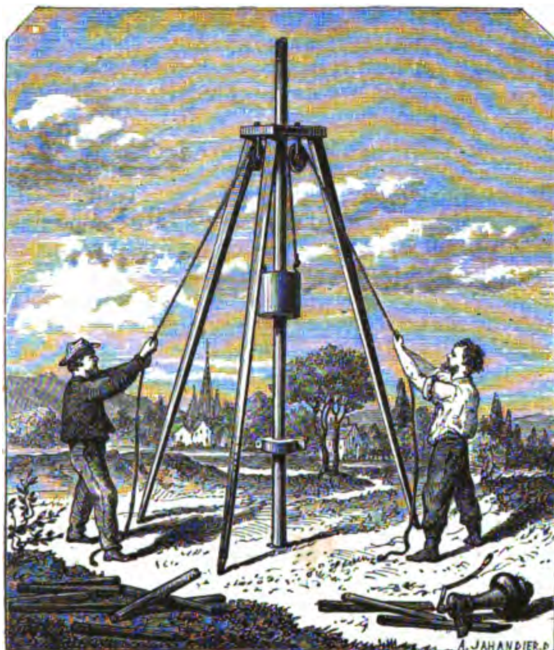
Foi no dia 1 do corrente mez de novembro que se procedeu ao assentamento do primeiro poço, no sitio dos Pégões, na provincia do Alemtejo. A abertura d'este poço foi feita por conta da companhia dos caminhos de ferro de sueste.

O resultado da primeira experiencia foi completo. Depois de um trabalho de poucas horas, a agua appareceu em grande quantidade, com o unico auxilio de uma bomba, que exhauria ou esgotava cêrca de 48:000 litros por dia.

As vantagens que para a nossa provincia do Alemtejo podem advir de tão util invento são incalculaveis. Algumas d'aquellas charnecas aridas e incultas não tardarão, de certo, a transformar-se em planicies verdejantes de cultura, se o exemplo já dado encontrar seguidores.

O sr. Legros assentou tambem já um poço instantaneo na fabrica do sr. Laforie, em Alemquer; e vae proceder ao assentamento de outros que lhe estão encommendados [1].

Poucas palavras bastarão para dar clara idéa do modo como se procede á abertura d'estes poços.



Perfuração de um poço tubular ou instantaneo

Para embeber no solo o tubo metallico emprega-se o apparelho representado na respectiva estampa, e que se aproxima muito do que é usado geralmente para cravar estacas. O tubo é dividido em secções, que se aparafusam á medida que elle se vae enterrando no solo.

Uma das maiores vantagens dos poços tubulares é poderem extrahir-se novamente, não se inutilisando por isso a despeza feita, nem quando o tubo encontra obstaculo que o impède de profundar mais, nem quando não apparece a agua que se buscava.

Em geral, uma ou duas horas de trabalho são bastantes para assentar um poço tubular.



Poço tubular ou instantaneo

A agua faz-se subir quasi sempre por meio de bomba, mas casos ha em que a propria força da ascensão do liquido é sufficiente para a trazer ao nivel do terreno.

T. DE C.

[1] O sr. Heitor Legros vende cada poço instantaneo por 54$000 réis, isto é, quasi o mesmo preço por que se vendem em França. O estabelecimento d'este senhor é na travéssa da Parreirinha, n.º 20.

EXEMPLOS DE ENERGIA GOVERNATIVA EM PORTUGAL

I

CONFLICTO DO CORPO DIPLOMATICO EM LISBOA COM O GOVERNO DEL-REI D. JOÃO V

I

Se fosse necessario demonstrar que a resolução e a energia, quando se apoiam na justiça e se escudam com a prudencia, supprem a força, e conseguem obrigar os poderosos a respeitar o direito dos mais fracos, não era necessario recorrer aos estranhos em busca de exemplos com que se comprovasse aquella asserção. Temol-os de casa, e que bastante avultam e bem alto fallam.

Nenhuma nação tão pequena como a nossa, e poucas maiores que nós, poderão apontar, como Portugal, para tantos exemplos na sua historia, em que a energia e firmeza do governo luctou e venceu a opposição das grandes potencias, constrangendo-as, a seu pesar, a acatarem a auctoridade e a dignidade da corôa portugueza.

Taes exemplos deveriam estar gravados em alto relevo dentro das nossas secretarias de estado, e em logar que désse bem na vista de todos que para alli entrassem com o fim de dirigir a governação do estado. E se a lição é util para todos os tempos, é utilissima para estes que vamos atravessando, em meio das convulsões que estão abalando a todo o instante a sociedade até aos fundamentos, derrocando monarchias, e, peior do que isso, subvertendo a autonomia de nações independentes, mau grado seu.

Já que, infelizmente, esses bons exemplos, que nos fizeram mais respeitados do que hoje somos, vão ficando esquecidos nos archivos da historia, iremos expondo aqui alguns, que reputâmos mais proprios para estimular os nossos brios, e despertar a energia nas regiões do poder, que muitas vezes parece adormecida.

II

Entre as immunidades que desfructavam outr'ora na corte de Lisboa os embaixadores e ministros dos soberanos estrangeiros, havia uma muito grande e importante, e que, pelo transtorno que causava á acção governativa, e especialmente á administração da justiça, era um triste documento do atrazo moral em que se achava a nação n'essa epocha. Consistia essa immunidade em não ser permittido aos officiaes de justiça entrar de vara alçada e com as insignias de seus cargos nos bairros dos embaixadores; isto é, não podiam passar, em commissão do seu officio, por diante da casa, nem pela rua onde morava o embaixador. Por conseguinte, os criminosos que alli se acoitavam, ou que, depois de presos, fugiam para dentro d'aquelles limites vedados, ficavam ao abrigo de toda e qualquer perseguição.

Póde-se julgar quaes seriam os resultados da impunidade que os malfeitores encontravam em similhante valhacoito, no centro de uma cidade tão grande quão mal policiada.

Resolveu-se o principe regente D. Pedro, pouco depois elevado ao throno com o nome de D. Pedro II, prover de remedio efficaz a tão grande mal. Em 1681 aboliu os bairros dos embaixadores, determinando que os ministros e officiaes de justiça podessem passar com as insignias dos seus cargos pelas ruas e por diante das casas dos enviados dos soberanos estrangeiros, e restringindo-se a immunidade a portas a dentro das casas dos ditos embaixadores.

Foi arrojada a medida, sobre tudo por não ter precedido accordo entre o governo e as diversas cortes estrangeiras.

Os diplomaticos sempre foram, e são, muito zelosos de seus privilegios e regalias, porém nos seculos XVII e XVIII a sua susceptibilidade n'este ponto era tão excessiva, que tocava as raias do ridiculo, como por vezes temos feito observar aos nossos leitores. Todavia, apenas mr. d'Oppet, embaixador de França, tentou oppor-se a esta resolução; porém, vendo que os representantes das outras potencias o não secundavam, desistiu dos seus planos de resistencia.

Assim acabou aquella pratica absurda, conformando-se com a nova ordem de coisas todos os ministros estrangeiros então residentes em Lisboa.

III

Eram passados mais de vinte e oito annos; aquella questão parecia negocio inteiramente concluido, quando reviveu de um modo que ameaçou quebrar as relações de amizade de Portugal com as principaes potencias da Europa.

Tinha chegado a Lisboa no começo de 1709 o bispo de Lubiana por embaixador do imperador de Allemanha José I, junto del-rei D. João V. Succedeu que, ainda antes de ser recebido na corte para a apresentação das suas credenciaes, passasse pela sua porta um alcaide do julgado de Odivellas conduzindo um preso. Oppoz-se á passagem o guarda-portão do embaixador, e, em quanto o alcaide altercava com elle, fugiu o preso para casa do ministro. Correu logo o alcaide até á porta do palacio, mas os criados obrigaram-n'o a retirar-se e levaram o preso para cima.

Aconteceu isto por meiados de junho, e pouco depois repetiu-se outro caso similhante.

Foi grande o escandalo e a murmuração que um tal procedimento causou em toda a cidade, e não menor a indignação que produziu no animo del-rei e dos seus ministros.

Apressou-se o bispo de Lubiana a escrever ao secretario de estado Diogo de Mendoça Corte-Real, não para dar justa satisfação do aggravo, mas unicamente para referir o succedido em defensa das antigas immunidades, que não queria considerar abolidas.

Foi prompta a resposta, e qual convinha á dignidade da corôa e da nação. Diogo de Mendoça Corte-Real, depois de expressar ao embaixador o sentimento que el-rei tivera por elle tentar arrogar a si um privilegio extincto, e que os outros embaixadores não pretenderam fazer reviver em tão longo espaço de tempo, antes, pelo contrario, quando succedia fugir algum preso para suas casas, prestavam-se a entregal-o á justiça assim que lh'o pediam; terminava dizendo que el-rei esperava que o enviado do imperador de Allemanha procedesse d'esta maneira, porque seria mui sensivel a el-rei ser-lhe preciso tomar as providencias que lhe parecessem mais convenientes para o fazer observar uma resolução ha tanto tempo em pratica.

Esta carta era datada de 26 de junho do dito anno de 1709; e como se passassem tres dias sem o bispo de Lubiana dar a satisfação que devia, dirigiu-lhe o mesmo secretario de estado outra carta em 29 do referido mez, intimando-o a que se abstivesse de ir ao paço, e communicando-lhe que el-rei dera ordem aos seus ministros para não o receberem, nem o ouvirem em negocio algum, e que os officiaes de justiça haviam de continuar a passar pela sua porta como até alli.

Vendo a firmeza do governo, o embaixador accommodou-se. Restabeleceram-se as boas relações entre elle e o secretario de estado, e a pendencia parecia terminada. Não succedeu, porém, assim. Apesar do seu caracter ecclesiastico, e da preeminencia da sua posição na egreja, que lhe impunham particulares deveres de gravidade e lealdade, o astuto prelado, com animo doble, não fez mais que fingir que cedia, simulando uma derrota para ganhar tempo em que se preparasse de novo, e em melhores condições, para mais serio e obstinado combate.

Começou logo a tratar secretamente, mas com assidua diligencia, de obter auxiliares que o ajudassem n'aquelle empenho. Dirigiu-se, pois, a casa do conde de Stampa, embaixador del-rei de Hespanha, com o fim de o convidar e persuadir a que juntasse os seus esforços aos d'elle, para se conseguir o restabelecimento dos extinctos bairros dos embaixadores com todas as suas immunidades.

Concertado entre os dois que se opporiam resolutamente a que passassem por diante de suas casas quaesquer ministros e officiaes de justiça, dispunha-se o bispo de Lubiana para proseguir na sua propaganda de mansidão evangelica junto dos outros embaixadores, quando os criados, que bem lhe conheciam as

idéas e intenções, querendo provar-lhe o zelo e dedicação com que o serviam, saíram á rua a impedir que continuasse o seu caminho o juiz do crime da Ribeira, que ia por alli passando montado em um cavallo e com a sua vara alçada.

Este excesso de zelo fez precipitar os acontecimentos, obrigando o bispo de Lubiana a empenhar-se na lucta antes de se achar bem preparado para ella. Não era, porém, homem que se acobardasse facilmente diante de quaesquer contrariedades ou revezes. A sorte, que é cega, fizera d'elle um prelado e embaixador; mas o seu caracter e vocação destinavam-n'o para general. Portanto, aquelle rompimento extemporaneo de hostilidades, em vez de o desconcertar, serviu apenas de lhe estimular a actividade, e de fornecer-lhe occasião para desenvolver e dar cabal testimunho do seu talento para as intrigas politicas, da sua perseverança na porfia de uma contenda, e da coragem com que lançava mão de todos os meios, embora violentos e arriscados, para fazer triumphar a sua causa.

Diremos no seguinte numero como se houve em uma tal conjuntura o embaixador de Allemanha, que proporções gigantescas conseguiu dar a esta questão, e de que modo lhe poz termo o governo del-rei D. João v.

(Continúa) I. de Vilhena Barbosa.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM

(Vid. pag. 256)

Presos os quatro europeus como suspeitos de pirataria, e conduzidos a Hong-Kong, foram submettidos aos tribunaes inglezes, para estes julgarem da sua criminalidade. Logo que o governador de Macau, que era então o sr. José Rodrigues Coelho do Amaral, teve, por participação das auctoridades inglezas, noticia do succedido, não vendo no caso motivo para reclamação alguma da nossa parte, respondeu pedindo o maior escrupulo no exame dos depoimentos das testimunhas accusatorias, e implorando para os reus, no caso de que os factos os denunciassem criminosos, a indulgencia que fosse compativel com a devida satisfação da justiça.

Foram interrogados como testimunhas de accusação o piloto china encontrado na lorcha dos portuguezes, um da outra que foi preso quando a nado demandava a praia, e um outro china preso em Pin-hai, e que disse pertencer á tripulação do junco tomado pelos piratas. É claro que sobre estes tres individuos recaíam as mesmas suspeitas que tinham levado aos tribunaes os europeus; e obvio é, por conseguinte, o valor de taes depoimentos.

Não depozeram, ainda assim, estes individuos muito desfavoravelmente aos portuguezes e ao hespanhol; e o juiz que presidia ao processo chegou a declarar a um empregado do nosso consulado que lhe parecia não serem os reus tão criminosos como se pretendia, e que ia até propor ao governador da colonia que elles fossem mandados para Macau, para serem julgados pelas auctoridades portuguezas.

Mudaram, porém, de face as coisas, crê-se que por direcção do governador de Hong-Kong. É certo que por ordem d'elle foram mandadas procurar em Amoy, porto d'onde a lorcha dos portuguezes era procedente, e onde fôra matriculada, testimunhas de accusação, que vieram depor no processo. Como se podiam acceitar por válidos os depoimentos d'estas testimunhas sobre factos passados no mar?

Chegou o dia do julgamento, e os nossos infelizes irmãos não tinham um advogado que os defendesse. Não tinham dinheiro com que lhe pagassem o serviço, e não lhes foi concedido um ex-officio, sob pretexto de que as leis inglezas o não dão a quem não lhe póde satisfazer o serviço. Será possivel tal barbaridade? Por honra e credito da Inglaterra, não o acredito.

Contra toda a espectativa, foi o crime dado como provado pelos jurados, e os cinco infelizes, quatro portuguezes e um hespanhol, foram condemnados á forca. É notavel que um dos jurados declarou posteriormente que, tendo dúvidas em adherir á opinião dos seus collegas, o fizera a final com a condição de que os reus fossem pelo jury recommendados á clemencia do conselho executivo; e que a sua boa fé fôra illudida, omittindo o presidente a clausula na leitura do *veredictum*.

Por parte do consulado portuguez em Hong-Kong e do governo de Macau fizeram-se as possiveis diligencias para salvar os nossos irmãos da morte ignominiosa que lhes estava preparada. O consulado ajustou um advogado que foi defendel-os perante o conselho executivo; o sr. Coelho do Amaral officiou ao governador de Hong-Kong, pedindo instantemente a commutação da pena de morte. Tudo foi baldado. As auctoridades britannicas precisavam de dar aos chinas da sua colonia o espectaculo de quatro portuguezes, condemnados como piratas, a agitarem-se nas contorsões de uma agonia affrontosa. A sentença foi confirmada, e os cinco desgraçados foram enforcados entre as gargalhadas da gentalha que assistiu, cheia de enthusiasmo, á execução.

Dois jornaes inglezes de Hong-Kong applaudiram alegres aquelle triste desfecho, chegando um d'elles, o *Overband China Mail* (fique consignado o seu titulo para a merecida execração), a querer, pela condemnação dos quatro portuguezes, arremessar para a nação que lhes era patria o labéo do crime que se lhes imputou.

Os dois periodicos portuguezes que então se publicavam na China, o *Ta-SSi-Yang-Kuo* em Macau e o *Echo do Povo* em Hong-Kong, protestaram energicamente, em bem elaborados artigos, contra as circunstancias odiosas d'aquelle processo, contra a má vontade que se notou nas auctoridades inglezas para com os nossos irmãos, e contra a intenção de desconsiderar-nos perante os chinas, que de tudo isto transpira.

Não quero deixar-te sob desagradavel impressão ao terminar esta carta, e vou por isso fallar-te dos jornaes portuguezes na China e do theatro portuguez de Macau.

O *Ta-SSi-Yang-Kuo*, a cuja morte assisti com pena, era um periodico illustradamente redigido por alguns cavalheiros de Macau, entre os quaes figuravam os srs. Gregorio José Ribeiro, distincto official da nossa marinha e secretario do governo d'aquella possessão, e o sr. Antonio Marques Pereira, o antigo folhetinista do *Rei e Ordem* e auctor do romance *A mulher do seculo*. Este cavalheiro acha-se hoje exercendo importantes funcções administrativas, que desempenha com uma proficiencia para que o habilitam os serios estudos da sciencia de administração a que se tem dedicado. O titulo chinez d'esta publicação quer dizer *Os grandes homens do mar do Occidente*, nome que os filhos do celeste imperio nos davam antigamente.

O *Echo do Povo* é sustentado pelos portuguezes que residem em Hong-Kong.

Havia entre estes dois jornaes profunda divergencia de sentir n'algumas questões, que discutiam ás vezes com lamentavel acrimonia. O ponto em que mais profundamente dissentiam era a emigração chineza, que o de Macau applaudia e o *Echo* condemnava energicamente.

Sem querer agora discutir tão importante assumpto, creio que nenhum dos dois tinha por si toda a razão. Não me parece a emigração chineza coisa tão feia como quer o jornal portuguez de Hong-Kong, nem tanto para applaudir como pretendia o *Ta-SSi-Yang-Kuo*.

Certo é que a sorte dos emigrados melhorou consideravelmente com as disposições regulamentares adoptadas pelo illustrado governador, o sr. Coelho do Amaral.

O theatro portuguez de Macau tem uma bonita sala de espectaculo, onde tem representado varias sociedades de curiosos. Ha além d'isso, no mesmo edificio e pertencendo á mesma associação, sala de leitura e de jogo de cartas, um excellente bilhar e botequim. É alli que todas as noites se reunem os principaes cavalheiros da cidade; e foi lá que tive occasião de conhecer o sr. D. Sinibaldo de Más, escriptor e diplomata hespanhol, e representante do seu paiz na China.

João de Lacerda.

VILLA DA POVOA DE VARZIM

(Vid. pag. 239)

X

Em um manuscripto inédito do seculo passado [1], e de que possuimos cópia por favor do sr. Monteiro Junior, depara-se-nos a seguinte curiosissima pagina com relação á enseada da Povoa de Varzim.

«Ha n'esta villa uma das melhores enseadas d'este reino; a natureza, por disposição do Auctor d'ella, a formou, e se a arte, por mandato do rei e senhor, a aperfeiçoasse, sería uma maravilha da Europa: forma-se esta enseada pela parte do norte ao noroeste por uma natural subsequente carreira de penedos, que tem varias denominações, chamando-se as que topam na areia *Pedra do Canto dos Barcos*, e seguem-se para o mar a *Curva Grande*, *Curva Pequena*, *Insua Grande*, *Insua Pequena;* e é a ultima que por esta parte fica descoberta ao pé da boca da entrada, a que os nacionaes chamam *barra:* pela parte do sul tem outra similhante carreira de salitrosos penedos, tambem variamente chamados: os primeiros, do pé da areia, *Pedras do Cabedello*, e d'elle para o mar *Movelha*, e um grande lagido chamado *Extramundes*, que fica alguma coisa para o sul da dita Movelha, da qual até a Insua Pequena sobredita é a boca chamada *barra*.

«Tem esta barra um baixo de pedras, chamadas *Leixão*, que nunca descobrem, e d'ellas para a dita Insua Pequena está um caneiro, ou barrete, porque algumas vezes, com o mar tranquillo, entram e saem os barcos ou lanchas d'este porto: do dito baixo de Leixão até a pedra de Movelha é a rigorosa e verdadeira barra da entrada, a qual tem de largo 48 braças da marinha [2], e cinco de alto, sem baixo ou banco algum: tem de alto a dita enseada até o meio as mesmas 5 braças [3], e ao terço da largura, contando da barra, faz $2^1/_2$ braças [4], e assim vem diminuindo até acabar na areia.

«Tem no meio da enseada, da areia até a barra, de léste a oeste, 260 braças da marinha [5]. As duas sobreditas correntes de penedos, a de noroeste mette no mar a ponta para o sul, e vem inclinada para o norte a topar em terra: a do sul, começando em terra, inclina até a ponta do mar para o noroeste, com cuja figura vem a fazer um bolso, que na areia faz quasi como meio circulo; e tem da pedra dos Barcos ás do Cabedello 370 braças da marinha [6] de comprido pela areia a borda da agua; e por esta ajustada sonda, que se diz, e se lhe tomou, se inferirá as embarcações de alto bordo que póde admittir; assim tivera formados sobre os naturaes alicerces uns artificiaes impeditivos de que quebrasse o mar no bolso da enseada, dentro da qual tem só ao pé da areia, ao meio da distancia sobredita de 370 braças [1], umas pedras a que chamam a *Caverneira*, e logo no pé para o sul outra chamada o *Seixo*.

«Ao pé da carreira de penedos que ficam da parte do norte se acham seguindo mais pela areia outros penedos, como: *Lagido*, *Lava Tripas*, *Furado pequeno*, *Furado Grande*, e as *Madres*, que são duas pedras, em uma das quaes, que é a da parte do sul, está uma marca para signal de que alli acaba o termo d'esta villa, e com elle a jurisdicção do governo das armas e corregedor da comarca do Porto: e na outra, que é a do norte, está a marca do termo de Barcellos, que alli principia, e com a sua comarca o governo do general do Minho.

«N'esta enseada se fez a nau da invocação de *Nossa Senhora de Guadalupe*, que foi a nau de guerra na recuperação de Pernambuco, como se expõe na resposta decima oitava [2]. Na mesma enseada entravam e saíam antigamente navios. Pelo anno de 1547 achâmos visitas feitas n'esta enseada em navios pelo guarda-mór Gonçalo Annes Cadilhe, especialmente em um vindo de Inglaterra. Consta de papeis, que vimos em poder de particulares d'esta villa, que a nau sobredita *Nossa Senhora de Guadalupe*, vindo de commerciar em Angola, aportára n'esta enseada.»

O que deixâmos posto é de umas memorias do principio da segunda metade do seculo XVIII. Indo quasi no fim este seculo, o prestante cidadão Francisco de Almada e Mendonça, de quem fallâmos a pag. 231, quando nos referimos ao edificio da camara municipal, e sem que estas obras lhe causassem estorvo, conseguiu tambem do governo da sr.ª D. Maria I que se fizesse um paredão que devia servir para a projectada doca, pois era muito natural que, em beneficio da população e em prol de seus interesses, se désse a tão importante obra a attenção que ella requeria.

Não sabemos, todavia, por quaes circunstancias, para não lançar isto á conta da incuria com que se tem tratado certas coisas da administração publica em o nosso paiz, as obras da doca projectada não foram além do paredão construido nos fins do seculo passado; e, apesar de repetidas instancias, nada mais se conseguiu até hoje.

No anno anterior, em uma visita que fez a diversas terras do reino, o então ministro das obras publicas, sr. João de Andrade Corvo, teve occasião de ver as condições da enseada da Povoa de Varzim, e conhecer que era ainda facil transformar aquelle porto em uma doca de abrigo, e far-lhe-hemos a justiça devida se dissermos que no seu animo calou a idéa de que era mister acudir com providencias acertadas ao mal que víra e apreciára.

Julgam os póveiros, talvez com bons fundamentos, que a construcção da doca attrahiria alli os navios que em occasiões de temporal demandam o porto de Vigo, e assim viria para o concelho a receita que n'essas occasiões entra no porto da Hespanha; além d'isso, os pescadores não seriam obrigados a conduzir ás costas os seus barcos, tanto da terra para o mar como do mar para a terra.

Sendo ministro da marinha o sr. José da Silva Mendes Leal, ordenou s. ex.ª que fosse para a Povoa de Varzim um barco salva-vidas, o qual já tem sido muito util, quando a furia das vagas põe em risco a vida dos navegantes ou dos pescadores.

(Continúa) Brito Aranha.

[1] Este manuscripto existe em poder do reverendo padre Sebastião de S. Luiz, da villa da Povoa de Varzim, e d'elle se serviu tambem o reverendo padre Giesteira para as suas *Memorias historicas*, segundo a noticia que ultimamente se me deu.

[2] Aproximadamente 105 metros,

[3] 11 metros.

[4] 5,5 metros.

[5] 572 metros.

[6] 814 metros.

[1] 814 metros.

[2] A resposta 18.ª, no manuscripto d'onde se extrahiu esta cópia, diz assim: «Floresceu n'esta villa o capitão Antonio Cardia, piloto-mór da real armada, que foi a restauração da Bahia, e saíu de Lisboa a 22 de novembro de 1624, sendo general D. Manuel de Menezes, e assim se vê escripto na pedra da sua sepultura, que está na misericordia d'esta villa, do tempo em que era matriz.»



Pereira ensinando os surdos-mudos

I

A conquista mais benefica, mais util, mais santa da humanidade, no seculo XIX, foi, incontestavelmente, a tolerancia religiosa; não só porque sanccionou e inscreveu nos codigos o altissimo principio philosophico da liberdade da consciencia, mas porque impediu que fossem proscriptos da sociedade os seus filhos mais prestantes.

Não ha incompatibilidade entre o sentimento religioso e a illustração; mas é certo que os homens pensadores, aquelles que se comprazem em arrojar a intelligencia ás espheras especulativas, supportam com má vontade o captiveiro dos dogmas, ou preferem, de todas as fórmulas religiosas, a mais ampla, a que deixa maior latitude ao livre exame e á iniciativa da consciencia individual.

As proscripções em massa, que tantas vezes lançam um negro véo sobre a historia dos paizes catholicos, privaram quasi sempre os governos, que se deixavam arrastar pelo fanatismo, dos cidadãos que mais uteis podiam ser ao desenvolvimento intellectual ou economico da sua patria.

As medidas tomadas pelo sombrio Filippe II contra os seus subditos dos Paizes Baixos, inundaram a Inglaterra com uma emigração industriosa, que transportou para as cidades do Reino Unido os teares, as fabricas, que, durante a edade média, tinham dado a Flandres tanto nome e tanta riqueza.

A revogação do édito de Nantes, assignada por Luiz XIV, a quem a historia, que não se cança de ser aduladora, ainda hoje chama o *Grande*, povoou tambem a Inglaterra e a Hollanda de emigrados protestantes, que formavam até ahi, em grande parte, a phalange industrial, pensadora e scientifica da França.

Lá foi, entre outros sabios illustres, Papin, o precursor de Watt, que, se não dotou a Inglaterra, nos fins do seculo XVII, com a machina de vapor, que só alli brotou nos fins do seculo XVIII, foi porque as academias, sempre inimigas do progresso, não quizeram comprehender que na singela marmita do physico pros-

cripto refervia uma nova era para a industria, e, mais ainda, a renovação do mundo.

Em França e em Flandres privaram-se os governos voluntariamente dos cidadãos em cujo espirito illustrado ardia, como em sacrario mystico, a chamma do progresso. Em Portugal e Hespanha exerceu a inquisição os seus rigores sobre uma raça que, por um privilegio singular, conservava, de envolta com a sua tradição religiosa, a tradição civilisadora do mundo antigo. Os judeus fugiam espavoridos das chammas dos autos de fé, que projectavam a sua luz vermelha no ceo entenebrecido pela desapparição successiva de todas as estrellas gloriosas que no seculo XVI resplandeciam no horisonte peninsular.

Entre as convulsões terriveis que assignalaram a passagem da civilisação antiga para a moderna civilisação, permaneceu a raça hebraica, desprezada e opprimida por todos, mas conservando, no meio da confusão dos povos, a sua potente individualidade. Já os altivos romanos do imperio tratavam com desdem esse povo errante e sem patria, e já elles reconheciam, comtudo, a sua indole trabalhadora, industriosa e especulativa. Na edade média, o isolamento dos judeus foi ainda mais manifesto; ao odio religioso ligou-se um supersticioso terror pela superioridade da illustração d'essa raça proscripta. No recinto defeso das *judiarias* ardia mysteriosamente a labareda da alchimia; instrumentos desconhecidos espreitavam, no silencio das noites, no ceo estrellado, o movimento das luminosas espheras; e nas lojas obscuras dos bairros especiaes rodava o oiro que os christãos cubiçavam. A necessidade vencia, comtudo, a repulsão fanatica, e os judeus, sempre ameaçados pelas leis, eram sempre, ainda assim, os dictadores da fazenda publica, os medicos, os astrologos dos monarchas christãos. Mas depois do seculo XVI tudo mudou; a grande reacção religiosa, produzida pela repercussão da Reforma no assustado catholicismo, descarregou, em fim, sobre a cabeça dos filhos de Israel a espada da intolerancia. Nos dois seculos seguintes, a inquisição não fez senão afugentar as familias hebraicas, tão pacientes e illustradas. Os paizes do norte receberam successivamente ondas e ondas de emigrados, que lhes levavam a riqueza e a civilisação. Entre essas colonias, que transportavam comsigo, como os gregos espancados de Byzancio pelo alfange dos turcos, a lampada da sciencia, distinguia-se a colonia portugueza; e é com dor profunda que vemos nomes de compatriotas nossos a engastarem, como perolas que do nosso manto sacudiamos phreneticamente, a purpura da civilisação dos paizes mais adiantados. Foi assim que a Hollanda (como os leitores do *Archivo* poderam ver no bello estudo do sr. Innocencio Francisco da Silva) nos roubou Spinosa, foi assim que a França nos roubou Jacob Rodrigues Pereira, o instructor dos surdos-mudos, e com elle os seus descendentes, que são hoje em França banqueiros, politicos e economistas distinctissimos!

II

A proposito do abbade de l'Épée, outro varão, como Jacob Rodrigues Pereira, zeloso pela educação dos surdos-mudos, escrevi eu já o seguinte:

«Em todo o tempo foram os surdos-mudos objecto ou de horror ou de compaixão, conforme era menos ou mais esclarecida a humanidade. Cadaveres que atravessam o mundo, sem poderem communicar aos seus irmãos os pensamentos que talvez lhes refervem no cerebro, sem terem do que os rodeia outras percepções que não sejam as que a vista lhes transmitte, os surdos-mudos inspiraram, como os cadaveres que dormem nos tumulos, compaixão ou terror supersticioso ás gerações que se tem succedido umas ás outras sobre o solo do planeta que habitâmos. Até o seculo XVI, nenhumas, comtudo, quizéram admittir que esses entes vivos, sãos, robustos, e intelligentes muitas vezes, a quem Deus estampára na fronte o estygma da morte, podessem gozar as regalias e os privilegios da humanidade. Mais ou menos respeitosos, mais ou menos compassivos, os legisladores repelliram sempre essas creaturas desherdadas da communhão social. A civilisação antiga, ainda que chegada a um grau de esplendor e de sciencia, a que em muitos pontos o nosso proprio seculo ainda não conseguiu attingir, não admittiu no seu banquete os infelizes sequestrados do mundo por uma enfermidade atroz. É esta uma das provas que mais vehementemente pugnam contra a illustração pagã; o que demonstra claramente que a luz das civilisações humanas é sempre falsa e impura, se no seu clarão deixar de conter uma parcella do esplendor divino. Em quanto o sol do Evangelho não brilhou sobre o mundo, em quanto a ardente caridade, prégada por Jesus do alto da sua cruz do Golgotha, não se inoculou, para assim dizermos, nas veias das gerações, todos os progressos do espirito humano foram apenas tactear de cegos nas trevas do erro. Que importava que a mão do cego empunhasse o facho, cujo esplendor doirava todos os objectos exteriores? O mundo material apresentava um panorama deslumbrante, mas o moral jazia em trevas; o sol do mundo interno não despontava ainda nos rubros horisontes da Palestina. E, comtudo, a philosophia grega e a philosophia romana, guiadas pelos maiores vultos de que a humanidade se glorifica, tinham entrado quanto possivel nos segredos da nossa natureza. Socrates, bebendo a taça da cicuta, glorificava Deus e a virtude, esse raio de luz celeste que anima o barro vil dos descendentes de Adão. O philosopho de Sunium prégava com as suas palavras de mel o culto da verdade e o culto do bello, que é da verdade o esplendor. Cicero, discipulo e admirador dos gregos, prestava á philosophia precursora do christianismo todo o fogo da sua eloquencia sem rival. Gregos e romanos, orgulhosos das suas infinitas escholas, dos seus infinitos systemas, derrubavam os deuses do Olympo e divinisavam a creatura. Julgavam ter dissipado completamente as sombras supersticiosas que entenebrecem a razão e a dignidade do homem. E a sua legislação, de que elles tanto se orgulhavam, a sua legislação, que os Ciceros e os Hortensios consideravam como a obra prima da intelligencia humana, excluia dos foros de cidadãos os surdos-mudos, inhibia-os de testar, de dispor dos seus bens, de contrahir quaesquer relações sociaes, punha-os, em fim, n'uma condição ainda inferior á dos escravos, á dos párias da India, á dos ilotas de Esparta, excluindo unicamente d'essas disposições os surdos de nascença, a quem a natureza concedêra falla: *Si enim vox articulata eis natura concessa est.*

«Na edade média, a condição dos surdos-mudos foi ainda mais afflictiva. A barbaria reinava em toda a Europa, e o christianismo, apesar da sua omnipotente influencia, não ousava combater as superstições profundamente arraigadas no espirito inculto dos invasores do imperio romano. A enfermidade dos surdos-mudos foi, como a lepra, considerada um castigo da Providencia. Os infelizes viam arredarem-se todos d'elles, e mesmo as portas do templo raras vezes se descerravam para lhes darem abrigo. Desamparados, morriam sem terem conhecido uma só das alegrias do mundo, sem terem quem tentasse explicar-lhes uma só das maravilhas que os rodeavam. Comparsas infelizes no drama da existencia, appareciam na scena do mundo, contemplavam com admiração as prodigiosas decorações, e desappareciam sem poderem perceber o que era esse espectaculo brilhante que diante d'elles se desenrolava. O leproso tinha ao menos a consolação de desprezar os que o desprezavam: in-

telligente e altivo, podia encerrar-se na consciencia do que valia, refugiar-se na cynica misanthropia dos Diogenes; humilde e religioso, podia elevar o espirito a Deus, e nas visões das suas noites solitarias appellar da sentença dos homens para a sentença do Evangelho, e repoisar a cabeça fatigada no meigo collo de Jesus! Mas o surdo-mudo? A lepra que o devorava esterilisava-lhe a intelligencia, cerrava-lhe não só as portas da sociedade, mas tambem as portas do mundo moral. A consciencia não lhe era abrigo, porque ninguem lhe proporcionára os meios de perceber essa voz intima e consoladora; na religião não encontrava consolações, porque não sabia que balsamo era esse; para Deus não appellava, porque nem esse mesmo raio de luz lhe sulcava as trevas. O surdo-mudo, o proscripto da humanidade, só muito por instincto poderia ter a vaga noção do Creador.»

O primeiro homem que tentou fazer entrar os surdos-mudos na communhão social foi um frade hespanhol, chamado Ponce de Leon, que vivia no seculo XVI. O seu systema era, comtudo, extremamente rudimentar e trabalhoso. O surdo-mudo lia os sons nos labios do interlocutor e respondia por escripto. Jacob Rodrigues Pereira fez mais, conseguiu que os surdos-mudos pronunciassem automaticamente as respostas que até ahi escreviam. Mas isso era um prodigio que tinha as suas côres de sortilegio, e que era impraticavel empregado em larga escala. O verdadeiro titulo de gloria de Jacob Rodrigues Pereira é, sem dúvida, a invenção do alphabeto manual, que, aperfeiçoado pelo abbade de l'Épée, constitue a base da moderna educação dos surdos-mudos.

III

Foi no dia 11 de abril de 1715 que nasceu em Peniche Jacob Rodrigues Pereira, filho de Abrahão Rodrigues Pereira e de Abigail-Ribea Rodrigues. Não se sabe em que epocha esta familia passou a França, mas é natural que fosse n'aquella recrudescencia de fanatismo que accendeu as fogueiras onde foi queimado o poeta comico Antonio José, porque já em 1734 encontrâmos Jacob em França, applicando-se ao estudo das questões relativas á instrucção dos surdos-mudos. Isto, comtudo, é mera conjectura; o longo reinado do sr. D. João V não foi senão uma longa perseguição da raça hebaica, e nos annos que medeiam entre 1715 e 1734 os autos de fé repetiram-se com frequencia.

A 22 de novembro de 1746, segundo diz o sr. Gama Castro em uns artigos publicados no jornal francez a *Opinião Publica* em 1852, ou no principio de 1745, como quer o anonymo que o biographa no *Magasin Pittoresque*, apresentou Jacob Rodrigues Pereira á academia de Caen o seu primeiro discipulo; em 1749, tendo por padrinho o celebre Buffon, compareceu o nosso compatriota com o seu alumno perante a academia das sciencias de Paris, que, maravilhada, lhe outhorgou os maiores elogios. Tambem Luiz XV desejou ver o prodigio em que todos fallavam, e concedeu ao sabio portuguez uma pensão de 800 libras a 22 de novembro de 1751; em 1765 foi Jacob Rodrigues Pereira nomeado interprete regio das linguas portugueza e hespanhola, e viveu, cercado de honras e de recompensas, até o dia 15 de setembro de 1780, em que falleceu, sendo enterrado no cemiterio de Villette.

O vasto engenho do nosso compatriota não se limitou a esta especialidade; em varios ramos das sciencias humanas se mostrou eminente. Concorreu com Euler e Bernouilli para resolver o problema de substituir nos grandes navios a acção do vento pela dos remos, e mereceu da academia das sciencias de Paris as honras do *accessit*, distincção eminente, se nos lembrarmos que os seus competidores, aquelles que ganharam o premio, eram dois vultos como só de seculos a seculos apparecem nas sciencias mathematicas. Escreveu, além d'isso, uma memoria sobre questões de fazenda e inventou uma machina de calcular.

São seus descendentes, como dissemos já, os dois celebres banqueiros parisienses Isaac e Emilio Pereira, que, afrancezando a terminação portugueza, são hoje conhecidos pelo nome de *irmãos Pereire*. Em quanto o nome e a gloria de Jacob Rodrigues Pereira eram completamente olvidados na patria, e ainda hoje só de quando em quando despertam entre nós um frouxo echo, no estrangeiro, então e agora, não se tem cessado de tributar homenagem ao genio do resuscitador intellectual dos surdos-mudos. Em quanto vivo, mereceu os elogios de J. J. Rousseau, Diderot, La Condamine, d'Alembert, e dos reis de França, da Polonia, da Dinamarca e da Suecia; depois de morto, ainda a França venera a sua memoria, e um notavel esculptor, mr. Chatrousse, apresentou na exposição universal de Paris, em 1867, o baixo relevo de que a nossa gravura é cópia. Que lição para nós, que deixâmos andar lá por fóra, ao capricho da popularidade estrangeira, as glorias que nos pertencem! E podêmos reclamal-as, comtudo, porque os genios menosprezados pela patria vingam-se d'ella illustrando-a no futuro, e, a Jacob Rodrigues Pereira, nós, os ingratos, podêmos dizer como dizia Lamartine a Filinto Elysio:

Ni l'exil, ni les fers de ces tyrans du Tage
N'enchaineront ta gloire aux bords ou tu mourras.
Lisbonne la réclame, et voilà l'héritage
Que tu lui laisseras!

. . . .

Aux rivages des morts avant que de descendre,
Ovide lève au ciel ses suppliantes mains:
Aux sarmates grossiers il a légué sa cendre,
Et sa gloire aux romains.

M. PINHEIRO CHAGAS.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Conclusão. Vid. pag. 258)

XIX

DESLUMBRAMENTO

O inverno tinha passado com todas as suas tristezas e melancolias: os prados revestiam-se outra vez de flores; os bosques toucavam-se de verduras; os passarinhos cantavam nas balsas, festejando a vinda da primavera; os rebanhos saltavam alegres sobre os novos pastos; e os pescadores percorriam os mares, já desassombrados das tempestades, que, todavia, vinham ainda de vez em quando dizer o ultimo adeus á estação que findára.

Pedro e Maria viviam juntos havia quatro ou cinco mezes. A moça definhava-se extraordinariamente; a esperança consumia-a inutilmente, mas não a vencia. Em torno dos olhos formaram-se-lhe dois circulos azulados; cavaram-se-lhe as faces; fugiu-lhe a côr mimosa e o aveludado do rosto, que n'outro tempo lhe merecêra o ser comparada a uma rosa; perdeu a vivacidade e esplendor da juventude, que seis mezes antes a tornavam a primeira entre as mais bellas da sua terra; deixou de ter appetite e de dormir bem, porque passava as noites a chorar.

Mas todos estes terriveis symptomas não provinham da dúvida. Ella cria firmemente, como no momento da partida de Carlos Eugenio, que este voltaria para a desposar. A demora é que a matava; a sua paixão era ardente, e a falta de alimento para ella devorava lentamente a saude á rapariga.

Todos os dias, ao romper da manhã, ia sentar-se no alto do areial do Esteiro, com os olhos fitos no immenso espaço de mar que d'ahi se avista, esperando o navio fatidico em que devia vir o seu promettido.

Demorava-se até á noite n'aquelle sitio; e muitas vezes era Pedro que, voltando da pesca, a trazia para casa quasi á força. A gente da terra, que se ria d'ella ao principio, acabou por julgar que a infeliz havia enlouquecido e deixou de prestar-lhe attenção.

Pedro amava-a sempre, e seguia-a muitas vezes de longe com o olhar humido e o coração oppresso.

O padre Manuel sentava-se horas inteiras ao pé d'ella, tentando convencel-a de que fôra illudida e que eram vãs as suas esperanças. Maria respondia sempre:

— Ha de vir!

E nada mais dizia.

Pedro, nos dias em que não podia ir ao mar por causa do tempo, acompanhava-a em sua pertinaz vigia, espreitando com ella os horisontes, e sentindo uma satisfação cruel por ver que todos os navios passavam muito ao largo; mas, como era bom e idolatrava cegamente a moça, findou tambem por desejar quasi que se realisasse a volta de Carlos Eugenio.

— Ser amado assim e não tornar! dizia elle comsigo. Um mundo que houvesse entre nós, não me impediria a mim! Que Deus o traga! Embora eu tenha de estalar ao vêl-a pertencer-lhe para sempre, mas antes isso do que tel-a aqui a penar sem remedio!

Uma tarde vieram os barcos mais cedo da pescaria, porque o mar estava levantado ao largo e o vento saltava ao sul, soprando com violencia.

Pedro ia com os apparelhos para casa, quando avistou Maria no cimo de uma rocha muito alta que ha na praia da Forcada. Entregou as linhas a um companheiro e dirigiu-se para a moça, que fitava os olhos no Oceano:

— Vens d'ahi, Maria?

Ella não respondeu, talvez por não ter ouvido, e Pedro chegou-se mais perto:

— Ó cachopa!

— Ah!... és tu? Anda cá.

O moço pescador galgou de um pulo a distancia, e, seguindo com a vista a direcção do olhar de Maria, viu um grande navio correndo no bordo da terra em rebeca e papafigos.

— É elle! disse a amante de Carlos.

— Pobre moça!

— Posso jurar-t'o; agora é o coração quem m'o diz.

— Ai, cachopa! Se o coração te fallasse verdade, já elle cá tinha chegado ha muito!

— Verás.

O navio aproximava-se rapidamente da costa.

— Olha! uma bandeira na ponta da carangueja! Vê lá se me illudo agora! Provavelmente, tinha passado para Inglaterra sem eu o ver!

E Maria saltou como uma corça de rocha em rocha, até chegar á praia; d'alli correu pela borda do mar e foi pôr-se no ponto onde ia direita a prôa do navio. O mar fazia grande resaca n'aquelle sitio, e a onda, quando se quebrava, vinha até quasi aos pés da moça.

A maré enchia e o vento soprava do sul, cada vez com maior violencia.

Pedro deixou-se ficar onde estava e começou tambem a crer que o navio trazia Carlos Eugenio. A não ser assim, só se quizesse encalhar é que seguiria similhante rumo. É verdade que tambem podia andar bordejando, por se lhe ter posto contrario o vento; mas, n'esse caso, não tinha necessidade de tomar o bordo tanto á terra.

A gente das companhas dos bateis, que por alli andava, foi-se chegando toda para a borda do mar, e começaram a dizer uns para os outros, vendo aproximar o navio:

— Querem vossês ver que é o tal sujeito da Palmeiro, e que a cachopa ainda casa rica?

— Quem sabe lá! O Pedro Paranhos é um grande pateta. Pois não esperava casar com ella se o outro não voltasse!

— Sim? Então parece-me que lhe póde dizer adeus! Que dianho viria cá fazer o navio tão perto, se não fosse para lhe fazer o signal que dizem que lhe promettêra?

Maria estava triumphante. O navio trazia necessariamente um piloto conheceder d'aquelles mares, porque singrava por entre os rochedos como um batel costeiro. Era um brigue portuguez todo pintadinho de novo, com a cinta branca e o panno sem um unico remendo.

Ao vêl-o já tão perto, a amante de Carlos Eugenio lançou um olhar victorioso sobre todos os individuos que estavam na praia, alguns dos quaes haviam mofado d'ella; e, volvendo a vista outra vez ao navio, foi entrando pelo mar dentro, como para ir ao seu encontro, sem ter bem a consciencia do que fazia. Repentinamente, o brigue, que andava effectivamente bordejando, virou de bordo e poz a prôa no rumo de oeste, sem fazer signal nenhum.

Maria teve um cruel desapontamento, que foi como uma punhalada atravessar-lhe o coração. Voltou-se para sair da agua, e viu o riso de escarneo nos labios de todos os que, momentos antes, fulminava com o seu olhar de triumpho; ao mesmo tempo uma onda enorme cobriu-a toda, envolveu-a na resaca e levou-a para o largo, sem lhe dar tempo de soltar um ai!

O riso gelou-se em todas as bocas, e muitos homens valorosos se precipitaram ao mesmo tempo para acudir á desgraçada. Mas as roupas, que tinham fluctuado por um momento á flor d'agua, desappareceram logo.

Pedro atirára comsigo ao mar de cima do rochedo distante em que se achava, e, nadando como um peixe para o logar do sinistro, poz-se a pairar ao largo, á espera que a moça reapparecesse, para a empolgar com a mão de ferro do marinheiro e com o coração do amante.

A vaga augmentava com o vento e a enchente, e Pedro nadava sempre sem descobrir coisa alguma.

— O rapaz afoga-se! gritou um dos seus rudes companheiros.

— Nada para terra, que a moça não torna a voltar! lhe bradou outro.

Elle mergulhou como se a fosse procurar ao fundo do mar, e tornou a boiar sem a ter encontrado.

— Bota um barco ao mar! um barco! depressa! Vamos agarral-o á força, senão elle é capaz de se deixar morrer!

O batel de soccorro voou pela areia abaixo, e seis homens robustos saltavam já para dentro, quando Pedro lhes gritou!

— Não! Vivo ou morto, pertenço-lhe; e, já que não pude viver com ella, morreremos juntos.

Acenou com a mão aos amigos assombrados, olhou para o ceo, poz as mãos e mergulhou na eternidade.

XX

AS ROSEIRAS DO AMÔR

Duas horas depois, o mar depositou na areia dois corpos abraçados: eram Pedro e Maria. O padre Manuel, que nunca na sua vida tivera dor egual á que lhe causou esta catastrophe, enterrou-os ao pé da capella de Santo André, junto ás roseiras destinadas, havia um anno, para marcarem o periodo da felicidade de ambos, quando dessem rosas.

O velho cura deitou lucto por estes pobres amantes, e tomou o piedoso encargo de regar, em quanto viveu, as duas roseiras.

No fim de dois mezes, a de Pedro começou, como

se fôra planta trepadeira, a enroscar-se na de Maria e a desfazer-se em rosas; a outra foi crescendo sempre direita, até que, chegando á altura d'onde se via o mar, principiou a inclinar-se para elle, sem que o mais rijo vento a dobrasse, nem sequer momentaneamente, para outro lado; e, em vez de dar flores, por todos os raminhos lhe nasciam olhos que borbulhavam lagrimas.

F. GOMES DE AMORIM.

CERAMICA ANTIGA

VASOS DE LOIÇA VIDRADA DA COLLECÇÃO POURTALÈS

NEGLIGENCIA DOS PORTUGUEZES NA CONSERVAÇÃO DOS OBJECTOS DE ANTIGUIDADE

Em o vol. IX d'este semanario, a pag. 85 e 103, tratámos da ceramica antiga, publicando por essa occasião tres gravuras de vasos em barro cozido, um guarnecido de figuras em relevo, e os dois adornados de pinturas. Estes vasos fazem parte do museu Campana.



Vaso antigo de loiça de Urbino, em fórma de urna



Vaso antigo de loiça de Urbino, da feição de cabaça

Os dois lindos vasos, cuja cópia agora damos em gravura, são de loiça de Urbino com figuras relevadas e pinturas mythologicas. Um, com a fórma de urna, sobreleva em elegancia; o outro, da feição de uma cabaça, sobreleva pela belleza da pintura, que representa a fabula de Daphne transformada em loireiro, para ser salva das perseguições de Apollo. Pertencem estes vasos á numerosa collecção denominada *Pourtalès*, que é o nome do distincto antiquario suisso que a colligiu.

Nos artigos a que acima nos referimos fizemos ver a importancia da arte ceramica grega e romana para o estudo da historia d'estes dois grandes povos, pois que nos seus vasos de barro ou de loiça, quer fossem ornados de esculpturas, quer de pinturas, não representavam sómente assumptos da mythologia, mas tambem factos e personagens historicos, scenas da vida intima, ceremonias civis e religiosas, e quadros de costumes populares.

É por esta razão que em todas a nações civilisadas se dá cada vez maior apreço a taes objectos. Os mais distinctos archeologos, e principalmente os governos, que dispõem de mais recursos, procuram diligentemente adquirir o maior numero possivel de productos da arte ceramica, não só grega e romana, mas de todos os povos antigos e modernos, e, dispondo-os e classificando-os systematicamente, offerecem n'essas collecções valiosissimos subsidios, tanto para o estudo da arte ceramica como para a historia geral da humanidade, especialmente das duas nações que mais brilharam na antiguidade pelos esplendores da sua civilisação.

A França, a Italia, a Inglaterra e a Allemanha possuem mui ricas collecções de objectos da arte ceramica egypcia, grega, romana e de outros povos. A Italia é o paiz onde se tem encontrado, em escavações casuaes ou feitas expressamente para esse fim, maior porção d'estas preciosidades archeologicas. Ninguem alli se atreve a destruir essas antigualhas. Por mais rude que seja o seu descobridor, conhece que achou um objecto de valor, e, em tal caso, ou o guarda, conservando-o cuidadosamente, ou o offerece, ou vae vendel-o a quem saiba estimal-o. Assim tem a Italia formado muitos e magnificos museus de antiguidades, enriquecendo ao mesmo tempo numerosos museus estrangeiros.

Portugal não se póde comparar com a Italia na abundancia nem na riqueza de similhantes achados. Mas é certo que em differentes seculos, por todo o reino, e mais particularmente nas provincias do Alemtejo e da Estremadura, tem sido desenterrados do solo muitos milhares de objectos romanos em oiro, prata, bronze, marfim, vidro, marmore e outras materias, taes como anneis e outros adereços de damas, medalhas, lampadas e candelabros, estatuas, vasos de variada fórma

e para diversos usos, baixos relevos, columnas, mosaicos, sarcophagos preciosamente esculpidos, cippos, inscripções, etc.

Mas onde param tantas reliquias d'essas remotas eras, em que o nosso paiz floresceu com o impulso da civilisação romana? Quasi todas foram destruidas por muitos modos diversos, mais ou menos vergonhosos para uma nação que se queira ter na conta de culta.

Os objectos do tempo da dominação romana achados nas visinhanças de Evora, de Beja, de Portalegre, de Elvas, de Arrayolos, de Terena e de outras terras do Alemtejo, podiam constituir, se estivessem hoje reunidos, um valioso museu de antiguidades romanas e arabes, mas sobre tudo das primeiras. Pois de tantas preciosidades, entre as quaes se viam algumas obras de arte primorosas, e até alguns vasos de barro com pinturas, dos denominados etruscos, que raramente se encontravam em o nosso paiz, apenas se conservam juntas em collecção as que foram colligidas pelo sabio bispo de Beja, e depois arcebispo de Evora, D. Fr. Manuel do Cenaculo, e que existem em Evora, formando o museu chamado *do bispo de Beja*. Porém esta collecção, da qual este jornal tem reproduzido em gravura alguns objectos, representa uma diminutissima parte das riquezas archeologicas achadas no Alemtejo. Com raras excepções, tudo o que era de oiro ou prata ia parar aos ourives, que se apressavam a lançal-o nos cadinhos; o que era bronze caía nas mãos dos fundidores de sinos; o marmore, quer fossem inscripções, quer fragmentos artisticos, lá se ia esconder nos alicerces ou paredes dos edificios, ou se affeiçoava de differentes modos para novas construcções.

Tudo mais era desprezado e feito pedaços, ou se dispersava, correndo de mão em mão, até que por fim de tempo se perdia.

Tiveram quasi a mesma sorte os objectos desenterrados d'entre as ruinas das cidades romanas de *Conimbrica* (que existiu onde hoje vemos Condeixa a Velha), de *Collipo* (Leiria), de *Cetobriga* (que se sentava no logar agora chamado Troia, defronte de Setubal), de *Olysipo* (Lisboa), e de outras muitas povoações da antiga Lusitania. Mas as localidades que deixâmos nomeadas é d'onde se extrahiu maior numero e mais valiosas antigualhas durante os seculos XVII e XVIII.

Das medalhas, vasos e esculpturas achadas em Condeixa a Velha, Leiria e outras terras na primeira metade do seculo XVIII, algumas vieram a mãos de pessoas intelligentes, como os condes da Ericeira e do Vimeiro, os marquezes de Abrantes e de Alegrete, e de outros mais, que formaram com ellas copiosos medalheiros e mui interessantes nucleos de museus archeologicos. Porém, infelizmente, o terremoto de 1755 tudo destruiu ou desbaratou.

A collecção numismatica do conde da Ericeira, que era uma das maiores e mais ricas que até hoje tem havido no paiz, perdeu-se inteiramente, ficando sepultada debaixo das ruinas do grande palacio d'aquelle fidalgo, que occupava o espaço comprehendido entre as ruas Oriental do Passeio Publico, dos Condes, das Portas de Santo Antão, e o largo da Annunciada.

Quando el-rei D. João V creou a academia real de historia portugueza, em 1720, providenciou sobre a conservação dos monumentos antigos e dos objectos archeologicos que se descobrissem, decretando que ninguem podesse demolir ou mutilar edificio algum antigo, embora fosse propriedade particular, sem que o participasse á auctoridade, para que esta officiasse á academia, a fim de mandar examinar o edificio por pessoa competente, para que lhe tirasse a planta e desenhos, ou propozesse a acquisição d'elle pelo estado, segundo o seu merecimento archeologico ou artistico. Determinava mais o mesmo decreto, que quem achasse quaesquer objectos de antiguidade os não podesse destruir nem vender sem primeiro os apresentar á auctoridade da localidade mais proxima, a fim de, por mediação d'esta, a academia resolver se os queria adquirir, tendo, em tal caso, preferencia na compra.

D'este modo colligiu a academia uma collecção muito interessante de medalhas e antiguidades, que, por desgraça, tambem se perdeu na ruina e incendio do edificio onde funccionava, que era o paço dos duques de Bragança, na rua do Thesouro Velho, em Lisboa, destruido por occasião do terremoto do 1.º de novembro de 1755.

Não foi necessario que passassem seculos para que aquelle decreto ficasse letra morta e sem effeito. Para isto foi bastante que decorressem trinta e cinco annos.

Os numerosos objectos de arte antiga, tirados d'entre as areias que cobrem a cidade de Cetobriga pelas ondas do Oceano, quando, aos impulsos do terremoto de 1755, se precipitaram de improviso e com tremenda furia sobre a extensa restinga onde jaz sepultada a cidade romana, levando para o Sado as areias que lhe servem de mortalha, e deixando-lhe descobertos, pela maior parte, os edificios; o que da mesma cidade se desenterrou durante as escavações que alli se fizeram no reinado de D. Maria I, achando-se a esse tempo os edificios novamente submergidos nas areias; tudo isso por tal fórma se espalhou e desencaminhou, que mui poucas coisas se aproveitaram em beneficio publico [1].

Do theatro romano descoberto em Lisboa, e do qual já temos fallado n'este semanario, foram tiradas muitas e variadas preciosidades. Coube-lhes, porém, egual sorte á d'aquellas. Apoderou-se d'ellas quem primeiro chegou ao logar do descobrimento, além dos trabalhadores, que, cavando, expozeram á luz aquelle thesouro; e o resto foi distribuido em presentes a pessoas de mais vulto social.

De tantas riquezas malbaratadas salvou-se alguma coisa, principalmente medalhas, que, pouco a pouco, se foram encorporando a varias collecções que ainda ao presente existem no paiz. Porém foi maior o numero das que passaram a mãos de estrangeiros, que os levaram para fóra do reino.

Se fizessemos uma relação de todos os objectos archeologicos achados em Portugal desde o começo do seculo XVI até ao presente, de que ha memorias escriptas, encheriamos muitas paginas d'este jornal.

Depois d'aquelle impulso, dado na segunda metade do seculo XVIII, e que tão bons resultados ia produzindo, só ha poucos annos, por vergonha nossa, se principiou a fazer caso, posto que frouxamente, d'essas riquezas, que nos paizes mais cultos que o nosso tão apreciadas são pelo que valem, pelas lições proveitosas que fornecem ás artes e pelos subsidios que prestam ás sciencias.

As primeiras escavações archeologicas, feitas modernamente com o intuito de aproveitar e reunir em collecção os objectos que se descobrissem, foram emprehendidas na soterrada cidade de Cetobriga pela sociedade archeologica de Setubal, de que foi presidente o duque de Palmella, D. Pedro de Sousa Holstein. Pertence-lhe essa honra, e a iniciativa de instituir um museu de antiguidades, que ainda se conserva na cidade de Setubal, embora limitado aos productos d'aquella primeira exploração.

Depois coube á associação dos architectos civis portuguezes, por impulso do seu fundador e primeiro presidente, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, a gloria da instituição de um museu de archeologia nacional, onde já se acham reunidos muitos padrões his-

1 O gabinete de numismatica da bibliotheca publica de Lisboa possue algumas medalhas e outras antiguidades descobertas n'aquella occasião. A bella columna corinthia, de marmore branco e cinzento, que servia de pelourinho á villa, hoje cidade, de Setubal, tambem foi tirada d'aquellas escavações.

toricos e artisticos de differentes eras, que jaziam espalhados por differentes terras do reino, e não poucos abandonados á acção corrosiva do tempo e á sanha, ainda mais destruidora, do vandalismo e barbaridade dos homens.

É facto comprovado pela experiencia que entre nós é nulla ou pouco efficaz, com raras excepções, a iniciativa particular, quando o fim a que se dirige é sómente de utilidade publica. Concorrem para isto causas poderosas e muito naturaes, que não nos cumpre agora averiguar. Porém, para o caso de que tratâmos, é fóra de dúvida que não basta aquella iniciativa. Para que este paiz possua um museu archeologico, não diremos magnifico, mas, em fim, com que possamos mostrar aos estrangeiros que não desprezâmos este meio de illustração, é mister que o governo se resolva um dia a dar protecção e impulso a quem se esforçar por dotar esta terra com um melhoramento exigido pelos progressos da civilisação.

Embora não abra os cofres do estado, como faz a França e outras nações, para adquirir collecções preciosas de obras de arte e de objectos archeologicos; basta que remova os estorvos e difficuldades que n'este reino se oppõem, geralmente, á realisação de todas as idéas uteis e generosas; e que providenceie para que as auctoridades tomem conhecimento dos objectos de antiguidade que se descobrirem no districto da sua jurisdicção, obstando a que se destruam ou desencaminhem; e procurando facilitar a acquisição de taes objectos á associação que tomar a si fundar um museu nacional de archeologia. I. DE VILHENA BARBOSA.

EXEMPLOS DE ENERGIA GOVERNATIVA EM PORTUGAL

I

CONFLICTO DO CORPO DIPLOMATICO EM LISBOA COM O GOVERNO DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 261)

IV

Logo que o embaixador de Allemanha soube do procedimento dos seus criados com o juiz do crime da Ribeira, saíu immediatamente, dirigindo-se a casa do ministro de Hespanha, conde de Stampa, a dar-lhe parte do succedido, e da resolução em que estava de luctar. Em seguida percorreu as casas de todos os ministros estrangeiros, com fortuna varia, como ao diante diremos, e n'essa noite, por convite seu, alguns d'estes vieram conferenciar a sua casa.

No dia seguinte, 10 de janeiro de 1710, recebeu o bispo de Lubiana uma carta do secretario de estado Diogo de Mendoça Corte-Real, no mesmo theor da segunda, estranhando-lhe em phrases severas o seu procedimento; interrompendo com elle todas as communicações officiaes; inhibindo-o de entrar no paço; assegurando-lhe que os ministros e officiaes de justiça haviam de continuar a passar por diante de sua casa quando d'isso houvessem mister; e accrescentando que el-rei ia representar ao imperador o seu justo sentimento pelo modo insolito com que o seu embaixador procedia n'esta corte, não só desacatando o principio da auctoridade e oppondo-se ás régias determinações, mas até reunindo em sua casa, para os persuadir a apoial-o na sua resistencia, a alguns ministros estrangeiros, que até alli tinham observado inalteravelmente a nova pratica estabelecida por el-rei D. Pedro II.

Como bem se póde presumir, esta carta não desconcertou as idéas do prelado embaixador. As comminações que ella continha, e que eram a reproducção das da segunda alludida carta, já elle as esperava. Agora, quanto á materia nova que encerrava, a ameaça de queixa ao imperador, essa precisava de ser contrabalançada, sem perda de tempo, em attenção aos laços de parentesco que uniam os dois soberanos. O bispo julgou, pois, que conseguiria este intento se alcançasse envolver na questão a joven rainha D. Maria Anna de Austria. Allemã, e ainda frouxamente ligada a Portugal, por quanto apenas era passado pouco mais de um anno depois que desposára el-rei D. João V, pensou o bispo de Lubiana que não lhe seria difficil fazer inclinar o animo d'esta princeza em favor dos pretendidos interesses da patria do seu nascimento e da dignidade da coroa de seu augusto irmão, o imperador José I.

Vendo-se, porém, impossibilitado de ir ao paço, escreveu á rainha uma extensa carta, datada de 14 de janeiro. N'esta carta empregou o embaixador todos os recursos da sua grande eloquencia e sagacidade. Affectando moderação e humildade com submetter-se ao juizo da soberana, expunha-lhe a questão de modo que parecia vivamente interessado n'ella o decoro do imperador de Allemanha.

Receiando, todavia, que alguem procurasse neutralisar junto da rainha o effeito d'esta carta, mandou chamar o padre Cienfuegos, e encarregou-o de ir ao paço para secundar com a palavra os esforços que elle, embaixador, empregára por escripto.

Cienfuegos era um padre castelhano que assistia, com caracter official, nos negocios e dependencias del-rei catholico. N'este tempo andava Portugal empenhado na guerra da successão de Hespanha em favor do archiduque d'Austria, que então se intitulava Carlos III, rei de Hespanha. Sendo este principe irmão da rainha, esposa del-rei D. João V, o padre Cienfuegos obtinha facilmente audiencia d'esta soberana. Dotado de talento e de muita perspicacia; possuindo aquelle fino tacto para as intrigas da corte, que um homem do seu engenho e na sua posição costuma adquirir nas longas praticas da diplomacia; introduzido pelo conde de Stampa na empreza e planos da opposição ao governo, até o obrigar ao restabelecimento dos antigos bairros dos embaixadores, Cienfuegos era um grande auxiliar em taes circunstancias.

O bispo de Lubiana tinha, portanto, justa razão para esperar que a rainha, rendendo-se ás argucias de tão habil negociador, prestar-se-hia a influir, com todo o poder de uma esposa joven e formosa, para que el-rei pozesse termo á questão, afastando dos seus conselhos a Diogo de Mendoça Corte-Real, e restituindo aos representantes dos soberanos estrangeiros as suas antigas immunidades. Quando o bispo viu partir de sua casa o padre Cienfuegos em direcção ao paço, depois d'este lhe prometter exhaurir no desempenho d'esta missão todos os recursos da sua intelligencia, ficou radiante de alegria, como quem contava com um triumpho certo.

Porém, em quanto o embaixador de Allemanha assim dispunha os fios secretos da sua conspiração, a sua pessoa, a sua casa e todos os individuos que n'ella entravam eram cuidadosa e disfarçadamente vigiados por ordem de Diogo de Mendoça Corte-Real. E tão bem informado de tudo estava o secretario de estado, e tão activo andava n'este negocio, que a rainha não deu resposta á carta do bispo de Lubiana, nem se dignou receber o padre Cienfuegos.

D'esta vez ficou um pouco abalada a presença de espirito do corajoso prelado, que de maneira alguma estava preparado para similhante derrota. Mas, qual general intrepido, que cobra novas forças á maneira que o perigo se aproxima e se engrandece, tratou logo de convocar a uma reunião em sua casa os ministros de Hespanha, conde de Stampa; da Gran-Bretanha, conde de Galloway; dos Estados Geraes da Hollanda, Francisco Schonemberg; e o padre Cienfuegos.

Não tendo a França ministro em Portugal, por se

achar em guerra comnosco, faltavam n'aquella reunião dois membros muito importantes do corpo diplomatico; um era o cardeal Miguel Angelo Conti, nuncio do papa (elevado ao pontificado em 1721 com o nome de Innocencio XIII); o outro era Carlos Isac de Berge, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario del-rei da Prussia.

Debalde tentára o bispo de Lubiana trazer ao seu partido estes dois personagens. Não poupou diligencias, directas e indirectas, mas todas foram infructuosas. O cardeal recusou terminantemente annuir ás suas instancias, logo que o bispo lh'as apresentou, e tanto a elle como a segundas pessoas que solicitaram a sua annuencia respondia «que se admirava muito de que persuadissem ao nuncio do papa a que entrasse em uma conferencia aonde concorriam os ministros de Inglaterra e Hollanda, de religião protestante;» e accrescentava «que, independentemente d'este motivo, não podia tomar parte em similhante questão depois de tantos annos de residencia n'esta corte, sem que em todo esse periodo se lembrasse de pugnar pelas immunidades extinctas.» E tanta era a benevolencia do nuncio para com o soberano que por suas liberalidades em breve adquiriu jus ao epitheto de *magnanimo*, que, apenas o bispo de Lubiana saiu de sua casa, metteu-se o cardeal Conti na sua carruagem e foi contar ao duque de Cadaval tudo que passára com o representante do imperador José I.

O ministro da Prussia era a pessoa de quem um embaixador do imperio de Allemanha menos devia esperar coadjuvação, sobre tudo em um negocio por este levado ao ponto de capricho pessoal. Posto que estivessem em paz estas duas nações, é certo que já então existia, profundamente arraigado no coração dos prussianos, aquelle entranhavel antagonismo que nos meiados d'este seculo accendeu tão encarniçada guerra entre el-rei Frederico II e o imperador José II, e que ha pouco produziu a memoravel batalha de Sadowa.

Por conseguinte, o ministro da Prussia deu resposta egual á segunda parte da que dera o nuncio de sua santidade; e esta sua resolução foi inabalavel.

Não obstante esta contrariedade, o bispo de Lubiana, vendo-se decididamente apoiado pelos ministros de Hespanha, de Inglaterra e de Hollanda, julgou-se bastantemente forte para entrar em campanha com boas esperanças de victoria.

Portanto, a conferencia d'estes ministros e do padre Cienfuegos em casa do embaixador de Allemanha correu animadissima. A paixão, que trazia incendida a alma do bispo de Lubiana, mais lhe inflammou os espiritos guerreiros, que facilmente se communicaram aos tres ministros acima nomeados, tanto por effeito da eloquencia do prelado, como em razão de serem aquelles militares, e dois d'elles, o conde de Stampa e o conde de Galloway, generaes distinctos.

Finalmente, depois de mutuos protestos de intima alliança, e de energica e leal cooperação, resolveram que não consentiriam que passassem por diante das suas portas ministros com vara alçada, oppondo força, e, se necessario fosse, mão armada.

Quiz o acaso, ou talvez o proposito do governo, porque este achava-se ao facto de quanto se passava a occultas suas, e estava preparado para todas as phases que a questão podesse tomar; quiz o acaso, ou o proposito do governo, repetimos, que logo no dia seguinte á noite em que se realisou aquella conferencia passassem pela porta do embaixador de Allemanha o corregedor da corte Manuel Henriques Saccoto dentro de uma sege; e, pela porta do embaixador hespanhol o corregedor do bairro Alto, juiz do crime da Mouraria, e o corregedor do civel Francisco Nunes Cardeal.

De ambas as casas saíram á rua os criados a embargarem o passo aos ministros de justiça. Estes, que não eram simples alcaides, mas sim homens que tinham a consciencia da auctoridade do seu cargo; que estavam resentidos, julgando-se aggravados pelo procedimento anterior do bispo de Lubiana para com os outros ministros e officiaes de justiça; e que se sentiam, finalmente, escudados pela firmeza do governo, resistiram á intimação e quizeram forçar a passagem.

Houve altercação, mas, acudindo mais criados, os corregedores foram obrigados a ceder e voltar para traz, a tempo em que o povo, que se tinha juntado para presenciar tão estranha scena, começava a murmurar e a mostrar indignação, proferindo algumas palavras desabridas contra os dois embaixadores, cujos criados praticavam similhante escandalo.

Estavam, pois, rotas as hostilidades. Os ministros de quatro grandes potencias atiraram a luva a Portugal, mas o governo d'este pequeno paiz apanhou-a e fez com que os provocadores se arrependessem da sua audacia.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

A CABALA

A *cabala* vem do hebreu *kabbalah*, que significa *tradição*. Applica-se este vocabulo a muitos objectos, de que daremos algumas significações.

A cabala quer dizer doutrina não escripta, transmittida de paes a filhos e de edade em edade. Era o que os judeus chamavam lei oral, por contraposição á lei escripta. Moysés, diziam elles, recebeu de Deus, no monte Sinai, com a lei a explicação da lei; regressando á sua tenda ou barraca, transmittiu primeiro esta explicação a seu irmão Aaron, grão-sacerdote, depois a Eleazar e a Ithamar, filhos de Aaron, depois aos setenta anciãos que compunham o synhedrio, e, a final, a qualquer judeu que desejasse entendel-a; por modo que não havia explicação que Aaron não tivesse ouvido quatro vezes, Eleazar e Ithamar tres, os setenta anciãos duas, e uma o vulgo dos judeus.

A cabala significava tambem a interpretação que os doutores judeus e os rabbinos davam, quer do texto da escriptura, quer das palavras e das letras de que se compunha o mesmo texto, e que elles submettiam a certos calculos e combinações.

A cabala pratica era a sciencia com que os judeus se faziam milagrosos, e a que attribuiam os milagres de Moysés, Josué, Elias e Jesus Christo. Segundo alguns doutores, a cabala era tão antiga como o mundo; estava fundada em um livro que Adão recebêra quando fôra expulso; ou era uma especie de encyclopedia onde se expunham todos os segredos da natureza, e, entre outros, a arte de conversar com o sol e a lua, de mandar os anjos bons e maus, de ler no futuro, de chamar ou afastar, conforme o proprio capricho, os mais espantosos flagellos.

Foi com o auxilio das receitas contidas n'este precioso livro que Salomão, que pôde obtel-o, achou o meio de construir o templo sem a cooperação de nenhum instrumento de ferro. Este livro, que o sabio Isaac-Ben-Abraham mandou imprimir ha quasi dois seculos, não deve estar inteiramente perdido, se os rabbinos que o condemnaram ao fogo não conseguiram inutilisar toda a edição.

A cabala philosophica é a metaphysica sublime que se refere especialmente a Deus, aos espiritos e ao mundo.

A cabala emprega-se egualmente no sentido de associação secreta, organisada com intuito malevolo e com fins illicitos, e tem como synonymos intriga, mexerico e enredo. N'esta accepção, comprehende a idéa do projecto e da execução, sempre contraria aos dictames da justiça. Em politica serve para transviar a opinião publica, assim a respeito das coisas como a respeito dos homens.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31



O carvalho de Torquato Tasso

Representa a nossa gravura o logar onde, segundo a tradição, Torquato Tasso, estando no convento de Santo Onofre abrigado contra uma febre que o accommettêra, quando o papa Clemente VIII o chamára para lhe conferir as honras do Capitolio, descançava por vezes á sombra de um carvalho, para d'alli se enlevar no templo da sua glorificação e em Roma inteira; e onde, na mesma epocha, fins do seculo XVI, Filippe Nery, o fundador dos oratorianos, aggregava as criancinhas, de cuja educação voluntariamente se encarregára, e attrahia os peregrinos, a quem, n'aquelles tempos, sabía agasalhar como nenhum outro.

Passou alli melancolicamente os ultimos dias da sua vida o poeta que o infortunio levára, annos antes, a um hospital de alienados.

Que esplendido panorama se desenrolava aos olhos do egregio cantor das cruzadas! que contraste singularissimo entre o quadro povoado de alegrias e encantos mundanos, e o silencio do claustro e a tristeza da enfermidade! que de recordações dolorosas dos festins, dos receios, das intrigas e iniquidades da corte de Ferrara! e, ao mesmo tempo, que saudosas lembranças de malaventurados amores!

Servir-lhe-hia de conforto e lenitivo a sombra do carvalho? Ninguem o sabe. A tradição não revelou jámais este sigillo; mas entremostrou que a arvore podia acaso ter sido regada com amargas e ardentes lagrimas do poeta. Será isto verdade? Não ha documento que o affirme, nem que o contradiga.

Junto do carvalho via-se, como dissemos, Roma inteira, desde a praça do Povo até o monte Celius; Roma com as suas casas rusticas; Roma com os seus esplendores que nada eguala, e que os seus zimborios e cupulas annunciam em soberbissima linguagem. Ao longe, os arvoredos do Pincio, os jardins de Sallustio, a quebrada verdejante que separa o Quirinal do Esquilino e domina Santa Maria Maior; mais perto, o Capitolio, o Palatino com os seus cyprestes e murtas, entrelaçando-se nas arcadas arruinadas dos palacios dos Cesares; mais longe, a planicie accidentada e inculta; em outro plano, a collina do Vaticano e S. Pedro; ao longe e ao perto, o Tibre; e por fim, e sobresaíndo a tudo, ao lado do Vaticano, o castello de Santo Angelo — mausoléo e cidadella, carcere e refugio dos pontifices.

Eis ahi o panorama grandioso, seductor e magnifico, que o poeta contemplava, e que mais vivas e acerbas lhe tornavam, sem dúvida, as recordações e as saudades.

Descia-se para o celebrado carvalho por differentes hemicyclos que saíam do pequeno, mas delicioso, jardim do convento de Santo Onofre, que Filippe Nery cuidadosamente tratava como as criancinhas e como os peregrinos.

Na egreja do convento, que é de aspecto sombrio e veneravel, estão os tumulos do poeta e do fundador dos oratorianos. Entre a egreja e o convento havia um claustro, onde em outros tempos se admiravam umas bellas pinturas a fresco, ao presente quasi destruidas.

Torquato Tasso podia estar bem ao lado de Filippe Nery.

BRITO ARANHA.

CARTUXA DE EVORA

(Vid. pag. 225)

V

Depois da fatal perda del-rei D. Sebastião em Alcacer-el-Kébir, subiram o cardeal D. Henrique ao throno, e ao solio archiepiscopal seu sobrinho, D. Theotonio de Bragança, que antecedentemente lhe servira de coadjutor no governo da egreja eborense. Foi um grande prelado, famoso e illustre, não pelas riquezas e ostentações, mas pela humilde pobreza em que de continuo andava por dispender as pingues rendas em institutos pios e em de toda a maneira soccorrer os desgraçados.

Fundou e dotou o recolhimento de S. Manços para donzellas nobres desamparadas; o da Piedade para homens e mulheres pobres sem domicilio; o de Santa Magdalena para penitentes convertidas: acabou e aperfeiçoou o convento de Santo Antonio da Piedade, que o cardeal D. Henrique tinha começado; comprou aposentos para habitarem os carmelitas descalços em quanto não edificaram convento; fez de novo e dotou o hospital e hospedaria dos pobres da invocação da Piedade; teve em sua propria casa outro hospital; edificou, finalmente, dos alicerces o convento da Cartuxa, a maior e mais notavel de todas as suas obras.

E para tão largas emprezas lhe bastou o estreito espaço de vinte e tres annos que cingiu a mitra eborense [1]!

VI

Antes de ser arcebispo, esteve D. Theotonio de Bragança na Italia, Inglaterra, França, e tambem em Castella, onde, segundo dizem, residiu na Cartuxa de Tarragona. Calaram-lhe no animo as virtudes dos religiosos, compungiram-n'o suas grandes penitencias, agradou-lhe, em fim, a regra austera de S. Bruno, que muito bem se conformava com aquella em que vivia de propria vontade e sem ter votos que a tanto o obrigassem. Trazendo sempre na lembrança os exemplos da perfeição dos monges, resolveu-se, alguns annos depois de empunhar o baculo, a fundar a Cartuxa de Evora. Avivou-lhe talvez o desejo não haver ainda a esse tempo nenhuma outra em Portugal.

No anno de 1587, o arcebispo alcançou do prior da Cartuxa de França, geral de toda a ordem, que lhe mandasse monges do convento de Tarragona. Veiu o proprio prior d'este convento, Luiz Telmo, com os padres Jeronymo Ardion e Francisco Monroy, e com o frade leigo João Vellis. No inventario citado na precedente nota apparece uma verba de 200$000 réis, que D. Theotonio deu em 13 de agosto de 1587 para os padres Cartuxos da provincia da Catalunha, outra de 32$000 para os padres da Cartuxa de Paular (para o caminho que fizeram a Evora), outra de 26$400 para os padres da Cartuxa da Catalunha (para o caminho e porte de livros).

Como estivesse apenas começada a obra do mosteiro quando os religiosos chegaram a Evora, impetrou o arcebispo licença de Filippe II para os aposentar nos paços reaes, onde entraram a 8 de setembro de 1587. Aqui viveram em communidade, recebendo já noviços pelo espaço de onze annos. Fez-se a trasladação para o novo mosteiro a 15 de dezembro de 1598.

Nicolau Agostinho affirma que D. Theotonio de Bragança dispendêra passante de 150:000 cruzados na fabrica do convento, nos bens com que o dotou e nos paramentos e mais peças do culto.

Vê-se no inventario citado que até ao anno de 1590 tinha dado em dinheiro e outras especies o valor de 56:808 ½ cruzados. Como, porém, o arcebispo só falleceu em 1602, deixando ainda a obra incompleta, é possivel que a somma total de suas dadivas não discrepasse muito da que foi calculada pelo seu biographo.

Do mesmo inventario parece deduzir-se que o fundador consignára ao convento a quantia de 32:000 cruzados, além da pensão annual de 2:000.

Tem o inventario quarenta e dois titulos. No da prata se vê que o arcebispo deu ao convento, até ao anno de 1590, objectos d'este metal no valor de 486$777 réis, e desde aquelle anno até ao de 1598 outros mais no valor de 197$885 réis.

Entre o titulo das peças de pedra e o das cavalgaduras vem o dos escravos, que por curiosidade transcreveremos:

«Hũ escrauo moço de hidade de 18 té 20 annos preto ladino, por nome Dinis aualiado em quarenta mil rs.

«Outro escrauo por nome Coresma em quarenta mil rs.

«Outro escrauo preto por nome Antonio da mesma idade em quarenta mil rs.

«Outro escrauo de nação fallo por nome Bento que sirue de vaqueiro aualiado em cinquenta mil rs.

«Mais outros dous escrauos sc. Luis Indio e Pero Dias alfaiate aualiados em oitenta mil rs. ambos.

«Mais hũ negro ferreiro que se cõprou do Juiz do Fisco de sua magestade por sesenta e hũ mil e quatrocentos sesenta rs.»

O espirito da epocha fazia compativel a escravatura com a virtude da caridade, que em tão subido grau possuia o arcebispo D. Theotonio de Bragança, e tambem com a moral austera dos monges de S. Bruno. Os escravos não eram pessoas, mas coisas, que se classificavam e descreviam entre os bens moveis e semoventes do mosteiro!

(Continúa) A. Filippe Simões.

[1] Com ser tamanho o catalogo das chronicas portuguezas das ordens religiosas, não temos uma só impressa da ordem de S. Bruno. As obras de que mais nos soccorremos para a parte historica d'este artigo foram as seguintes:

Nicolau Agostinho — *Relação summaria da vida do ill.mo e rev.mo sr. D. Theotonio de Bragança.*

Padre Manuel Fialho — *Evora illustrada.* — Mss. da bibliotheca de Evora.

Inventairo de tudo o que o Arcebpo tem dado aos padres Cartuxos do mosteiro de scala cœli desta cidade de Evora, assi dinheiro, pam, como mouel: e outras cousas ao diante declaradas. M. D. LXXXIIII *Annos.*

Este codice conserva-se na bibliotheca de Evora e pertenceu ao seu fundador.

MILTON E A EXPLICAÇÃO DO SEU GENIO

Milton nasceu em Londres aos 9 de dezembro de 1608. Desde tenra edade deu mostras de grande intelligencia, que depois cultivou por todos os meios proprios para a desenvolver, taes como o estudo regular, a leitura e as viagens.

Depois de haver cursado os estudos em Inglaterra, passou a viajar pela França, e pela Italia, adquirindo grandes cabedaes de instrucção, e um cabal conhecimento da lingua e litteratura italiana.

Em lhe constando que havia em Inglaterra um começo de perturbações politicas, deu-se pressa em voltar á patria, e sem hesitação se declarou pelo partido que defendia a liberdade e combatia as tendencias absolutistas da realeza.

Depois do supplicio de Carlos I, foi Milton escolhido pelos republicanos para justificar o sangrento drama, em que tão tragicamente figurára o infeliz monarcha. Milton propoz-se a demonstrar que um tyranno — no throno — é responsavel para com os seus subditos, e que estes o podem processar, julgar e condemnar á morte. Ao fallar determinadamente do desditoso Carlos I, dizia, com a mais acerba vehemencia do fanatismo politico: «Esse rei, perseguidor da religião, postergador das leis, foi vencido, depois de uma longa

tyrannia, com as armas na mão, pelo seu povo: foi depois conduzido á prisão; e por quanto, nem por factos, nem por palavras, inspirava esperança de melhor procedimento, foi condemnado pelo soberano conselho do reino á pena capital. Por fim caíu sobre sua cabeça o machado, na frente das portas do seu proprio palacio... Nunca soberano algum, assentado em mais alto throno, ostentou maior magestade do que o povo inglez, quando, ao sacudir a superstição antiga, se assenhoreou d'esse rei, ou antes d'esse inimigo, que reivindicava para si, por direito divino, a impunidade. O povo inglez o enlaçou nas suas proprias leis, o opprimiu com o julgamento, e, achando-o culpado, não receiou entregal-o ao supplicio, que elle tinha em reserva para todos.»

Por esse tempo, e em quanto durou a republica, não cessou Milton de inflammar os seus compatriotas com repetidos escriptos, tendentes todos a glorificar a revolução, a exaltar a liberdade, e a estygmatisar a intolerancia e a prepotencia do despotismo. Mais de uma vez a eloquencia brilhava nos periodos sabiamente tecidos da sua controversia apaixonada. Em um d'esses tão numerosos escriptos exalta elle a revolução, e o seu louvor, para me servir de uma expressão de M. Taine, parece o troar de trombeta que sae de um peito de bronze.

«Olhae agora (dizia elle) para esta vasta cidade, cidade de refugio, casa patrimonial da liberdade, cingida e circundada pela protecção de Deus... Parece-me ver uma nobre e poderosa nação erguer-se como um homem forte, á hora em que, acordando do somno, sacode as invenciveis madeixas. Parece-me vêl-a como uma aguia que se reveste de poderosa juventude, fita sem se deslumbrar os scintillantes raios do sol, arranca as escamas de suas palpebras, banha os olhos, por tanto tempo desvairados, na propria fonte do esplendor celeste, ao passo que o bando das medrosas e chiadoras aves, e ainda as que se comprazem no crepusculo, descrevem giros em torno d'ella; e, espantadas do que intenta fazer, e grasnando invejosas, predizem um anno de seitas e de scismas.»

As imagens, as comparações de que Milton se serve, mal podem ser traduzidas; é necessario lel-as no original para bem se perceber a energia que a imaginação do poeta ou do *vidente* soube dar-lhes. É, porém, justo ponderar que nem sempre o bom gosto e a naturalidade caracterisam as suas expressões.

Milton arremessa-se á arena da revolução. Preparado com a forte armadura de uma vasta erudição; dotado de uma phantasia poderosa, e vehementemente excitado pelo estimulo da polemica, não cessa de escrever sobre as coisas da politica e da religião, ou já como secretario de Cromwell e do parlamento, ou já como partidario e sectario.

O excesso do trabalho roubou-lhe a luz dos olhos, lastimoso infortunio que elle pranteou de um modo verdadeiramente poetico:

«Voltam as estações e os annos, mas não volta para mim a luz. Já não vem trazer-me consolações as risonhas côres da tarde e da manhã; já não vejo os botões da primavera, nem as rosas do verão; já os meus olhos não vêem a belleza do semblante do homem, onde o creador imprimiu os traços divinos da sua similhança. Ah! espessas nuvens me rodeiam; circunda-me uma noite sem fim!»

Quando veiu a restauração, refugiou-se Milton no retiro da sua morada, e, aproveitando as suas sábias reminiscencias, dictou a suas filhas e a raros amigos o poema encantado que o mundo admira sob o titulo de *Paraiso perdido*.

Graças aos breves traços que ahi ficam lançados, facil nos será comprehender a explicação do genio de Milton, tal como a apresenta um critico illustre:

«Por esta fórma se ia preparando o Homero das crenças christãs. Era assim que aquella alma tempestuosa e sublime, que se alimentára com o fogo das facções, e fôra provada por todos os fanatismos da religião, da liberdade e da poesia; era assim que a alma de Milton, á hora em que houvesse de perder o espectaculo do mundo, poderia estar preparada para encontrar nas suas reminiscencias o modelo das paixões do inferno, e para reproduzir — lá do fundo da sua phantasia, que a realidade não mais perturbava — duas creações, egualmente ideaes, igualmente inesperadas n'aquelle seculo rude e feroz, *a felicidade do ceo e a innocencia da terra* [1].»

Ao poema epico *O Paraiso perdido* allude o douto critico.

É verdadeiramente singular a historia da composição da sublime epopéa.

Tinha Milton chegado á edade de cincoenta e seis annos, quando se refugiou no remanso da vida intima da familia, dizendo adeus para sempre á agitação febril das lidas e controversias politicas e religiosas.

A cegueira, a doença, a perda das illusões que o haviam embalado... tudo accumulava em torno d'elle amargos pezares e uma tristeza profunda, que por certo roubariam o entendimento e opprimiriam a vontade do homem mais animoso.

Mas possuia Milton um genio elevado; e tanto bastou para que da mais angustiosa das situações brotasse uma producção litteraria, que a posteridade mais remota não deixará jámais de admirar e encarecer.

O espirito de Milton estava povoado das reminiscencias da poesia biblica e da poesia homerica; de sorte que a recitação das bellissimas paginas, na fonte original, avivava as imagens que já estavam gravadas na sua alma de fogo [2].

«Separado da terra pela perda da luz e pelo odio dos homens, pertencia Milton ao mundo mysterioso, do qual projectára cantar as maravilhas. — Ó musa! dizia elle; dá olhos á minha alma! E, com effeito, era *vidente* no campo das suas recordações e pensamentos.»

Vivamente impressionado pelos extraordinarios dramas politicos e religiosos, de que fôra testimunha ou actor, e preparado pela lição e pelo estudo, traçou d'antemão o poema que havia de immortalisar o seu nome. Quando já o espectaculo do mundo mais não podia perturbar as suas cogitações, concentrou toda a energia das suas faculdades no empenho de realisar a sua concepção, e sem esforço, mas com enthusiasmo, foi dictando os versos que meditára, compondo assim, pouco e pouco, o maravilhoso poema.

D'essa producção admiravel fallaremos em outro artigo.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

O IMPERADOR E A IMPERATRIZ DO BRASIL

I

O grande movimento insurreccional, que no principio d'este seculo agitou de norte a sul a America, separou o Brasil da coroa portugueza, como desprendeu do diadema das Hespanhas os ricos diamantes com que a enriquecêra a mão dadivosa de Colombo e dos seus seguidores. Mas, ao passo que a separação das republicas néo-hespanholas e da mãe patria foi violenta e completa, a separação de Portugal e do Brasil, posto que não deixasse de ser tempestuosa, não foi, comtudo, tão odienta, que, passados os primeiros resentimentos, não voltassem os dois paizes a considerar-se irmãos.

[1] M. Villemain — *Histoire de Cromwell*.

[2] Milton fizera com que suas filhas aprendessem a ler o grego e o hebraico; e eram ellas as suas leitoras da Biblia e de Homero no original.

O governo do imperio americano ficou a um dos ramos da casa de Bragança, e as relações dos dois paizes estreitaram-se talvez mais intimamente do que outr'ora, porque, tendo desapparecido a iniqua distincção de metropole e de colonia, veiu a egualdade substituil-a, e com a egualdade a lhaneza.

Estamos separados administrativamente; mas tão fortes são os laços que nos unem, que as dores ou jubilos sentidos por uma das nações repercutem-se na outra inevitavelmente.

Outr'ora, quando o despotismo regia a seu bel-prazer a sorte dos povos, o testamento de um homem fazia passar uma nação para o poder de uma familia estranha. Ardia a Europa em guerra para que a iniquidade se sanccionasse, e depois julgavam os despotas que bastára esse testamento, authenticado pelas batalhas, para que os povos se ligassem como se ligavam os reis, e que o facto de serem parentes dois monarchas implicava necessariamente o parentesco das duas nações.

Enganavam-se. A vontade popular nunca ratificava esses pactos de familia, e, ou os soberanos tinham de obedecer involuntariamente á opinião publica, ou a revolta os fazia arrepender da obstinação, e, quebrando violentamente a ficticia alliança, repellia de si o soberano estrangeiro implantado á força no solo nacional.

Foi o que succedeu em Hespanha por duas vezes. Suppoz Luiz XIV que bastava o testamento de Carlos II, ratificado em Almanza, para que deixasse de haver Pyrenéos; e, sentando no throno hespanhol seu neto, o duque d'Anjou, imaginou que enfeudava a Hespanha



D. Pedro II, imperador do Brasil

á França, e que a monarchia peninsular sería apenas uma ramificação da monarchia franceza, como a casa reinante era um ramo do throno bourbonico.

Illudia-se; os Pyrenéos continuaram a ser tão insuperaveis barreiras como d'antes, e Filippe V, se quiz ver passar a coroa hespanhola para os seus descendentes, teve de abdicar a sua origem franceza e consubstanciar-se com os interesses hespanhoes.

Ainda não passára muito tempo, e já rebentava a guerra entre Filippe V e Luiz XV.

Depois veiu Napoleão querendo imitar o exemplo de Luiz XIV e estabelecer na Hespanha um throno de familia. A vontade de ferro do conquistador não permittiria ao rei José fazer o que Filippe V fizera; a realeza de Madrid havia de ser vassalla do grande imperio; por isso a Hespanha se sublevou em massa e o throno napoleonico desabou desfeito em pó.

O parentesco das casas reinantes não basta, por conseguinte, para aparentar os povos; mas quando um paiz, separando-se de outro a que estava unido, conserva como chefe um membro da familia que o governou, é porque entre esses dois povos continúa a haver, apesar da divisão, uma fraternidade que não se pretende apagar, laços de amizade mil vezes mais perduraveis do que os grilhões da escravidão.

Em quanto as colonias hespanholas, rompendo violentamente com a metropole, rejeitaram até a antiga fórma de governo, e das ruinas da monarchia fizeram brotar anarchicas republicas, o Brasil, proclamando a sua autonomia, conserva á sua frente um membro da casa de Bragança, e adopta com sensatez o regimen temperado da monarchia constitucional.

A Hespanha e as republicas suas filhas conservam entre si os odios tão accesos como no tempo da grande lucta, e a cada instante esses odios se traduzem em actos inqualificaveis como o bombardeamento de Valparaiso.

Portugal e o Brasil, desde que a separação se effectuou, nunca viram as suas relações interrompidas, nem o sentimento fraternal que liga os dois povos, mau grado as barreiras do Atlantico, deixou de manifestar-se em todas as crises que as duas nações tem atravessado.

É porque o culto da liberdade sã e justa predispõe

necessariamente os povos para este sentimento de fraternidade entre as nações.

E a liberdade, felizmente, não cessou, desde que lançou raizes em Portugal e no Brasil, de abrigar á sombra da sua bandeira estes dois povos irmãos.

E, para sermos justos, devemos confessar que a illustração e a sisudez dos soberanos que nos tem regido concorreram principalmente para que o constitucionalismo não fosse uma vã palavra.

Em Portugal e no Brasil, os descendentes de D. Pedro IV acceitaram francamente o papel que a constituição lhes impunha, e nunca lançaram o sceptro nos pratos da balança do regimen representativo para o fazerem pender para o seu lado em prejuizo das liberdades populares.

Em quanto a anarchia dilacera incessantemente as republicas hespanholas, da mesma fórma que agita incessantemente a desgraçada Hespanha, Portugal e Brasil, depois das primeiras convulsões inseparaveis do estabelecimento de um novo regimen, entraram n'um periodo de tranquillidade interna, em que tem sabido casar a manutenção da ordem com o gozo amplo de todas as garantias liberaes.

A anarchia é filha e mãe do despotismo; parece que não se póde dizer qual d'esses dois monstros gera o outro; tão rapidamente se succedem as reacções, que fazem nascer successivamente da compressão demasiada a licença infrene, da demagogia ebria a ferrea tyrannia.

Nas republicas hespanholas não ha meio termo: ou a revolta agita nas campinas o seu facho destruidor, ou a voz insensata das multidões rebôa clamorosa nas



D. Theresa Christina, imperatriz do Brasil

praças publicas; ou a dictadura dos Rosas e dos Lopes faz reinar um silencio de morte, cortado pelos echos dos fusilamentos e pelos gemidos que se exhalam dos patibulos alastrados de sangue.

Ou a voz dos tribunos facciosos proclama as utopias mais desregradas, ou a tyrannia e o obscurantismo atrophiam o pensamento.

Succede o mesmo em Hespanha; quando não se ouve nos sinos das cathedraes vibrar, sinistro e lugubre, o rebate revolucionario, vê-se o throno, esquecido da constituição em cujo nome se levantou, renovar as mais deploraveis tradições do absolutismo fanatico [1].

Em Portugal e no Brasil nenhum dos contrahentes olvidou o pacto fundamental; o throno de D. Luiz e de D. Pedro II não recorre ás bayonetas para lhe garantirem a inviolabilidade, o povo não appella para a insurreição a fim de que lhe sejam reconhecidos os seus foros e isenções.

[1] A revolução de setembro d'este anno em Hespanha parecia ao principio desmentir-nos; infelizmente, os symptomas da anarchia habitual são já bem pronunciados.

Por isso Portugal e Brasil contemplam-se, através do Atlantico, sorrindo-se com orgulho, e reconhecem-se como irmãos, como filhos da mesma gloriosa raça.

A Hespanha e as suas antigas colonias americanas podem tambem reconhecer nas facções que as devoram o mesmo ar de familia; mas esse ar de familia é o que tambem deviam ter Etéoclo e Polynice, é o que devia caracterisar a tribu sanguinaria dos Atridas: não é o cunho de fraternidade, é o cunho dos fratricidas.

II

A situação do Brasil na America é uma situação difficil, e precisam os seus governantes de supremo tacto e de summa habilidade para manterem n'aquelle terreno agitado o edificio estavel da monarchia.

Como nos paizes sujeitos a terremotos tem as casas de ser de madeira, para que resistam cedendo ás oscillações do solo, que despedaçariam inevitavelmente a inflexibilidade da pedra, assim parece que na convulsa America a republica é a unica fórma de governo que póde resistir ás agitações constantes.

A republica tem o equilibrio instavel; hoje vem um pronunciamento que derruba *todo lo existente*, como dizia na ultima revolução de Hespanha a proclamação da junta de Sevilha; os que governavam são fusilados, os que escaparam aos fusilamentos anteriores sobem ao poder, mas, governe quem governar, a republica sempre é republica.

Não succede o mesmo ás monarchias; ou vencem, ou são vencidas. Se são vencidas, desabam, e a catastrophe é tremenda.

Foi o que succedeu ao imperio mexicano; desabou de vez, esmagando nas ruinas o pobre imperador.

N'um paiz assim, a situação de uma monarchia não póde deixar de ser precaria. Parece que está destinada a luctar contra a natureza das coisas.

E, comtudo, o Brasil subsiste, e subsiste tranquillo e preponderante no meio das republicas turbulentas que o rodeiam.

Pois tem que luctar com graves difficuldades, internas e externas.

A America, em primeiro logar, considera-o como inimigo natural, e os Estados Unidos olham para elle de soslaio, indignados de encontrarem no imperio um duplo obstaculo á sua preponderancia: obstaculo, pela sua constituição monarchica, á sua propaganda republicana, que se transforma facilmente em propaganda annexionista; obstaculo, pela sua força já respeitavel, á sua preponderancia de grande potencia.

Aquelle vasto imperio, que na America do Sul está servindo até certo ponto de contrapeso ao gigante da America do Norte, incommoda os ambiciosos filhos do desinteressado Washington.

Por outro lado, as republicas da America do Sul, que deviam abrigar-se á sombra do colosso brasileiro para opporem um dique á torrente dos inglezes do Novo Mundo, impellidas pelo antigo odio de raça e pela rivalidade dos systemas politicos, mostram tambem ao Brasil transparente má vontade.

A anarchia, que as dilacera sempre, tem impedido a realisação de um vasto plano, concebido por alguns homens eminentes das republicas americano-hespanholas, e que vem a ser uma confederação formada por todos os estados néo-hispanos da America Meridional. Mas como podem elles formar uma confederação gigante e unica, se as confederações parciaes que fórma cada um sobre si não conseguem nunca manter a unidade de pensamento?

O odio ao Brasil não opera, de certo, o milagre; mas, incontestavelmente, a animosidade secreta dos estados republicanos, até dos proprios que se declaram seus alliados, é um dos maiores obstaculos que o Brasil tem encontrado na guerra do Paraguay.

O Brasil vê-se, por conseguinte, isolado no continente de que faz parte. Eis as difficuldades externas com que lucta.

As difficuldades internas não são menos difficeis de superar.

N'estes estados juvenis, que se vão, para assim dizer, conquistando a si mesmos, onde os colonos, separados entre si por vastos desertos, por invias montanhas, formam grupos destacados, guardas avançadas do grande exercito da civilisação, um governo centralisado é um obstaculo ao desenvolvimento nacional.

O *self-government*, adoptado com tão profundo senso pelos americanos do norte, foi a alavanca principal do espantoso progresso dos Estados Unidos, e é a principal base da sua immensa prosperidade, da sua vitalidade poderosissima.

Ora o *self-government* parece incompativel com a monarchia; por muito liberal que esta seja, a sua tendencia para a unidade administrativa não se póde casar facilmente com a larga descentralisação, uma das primeiras necessidades dos povos americanos.

Por isso a fórma federal, adoptada pela America ingleza, foi a que tambem proclamaram quasi todas as republicas néo-hispanas; e no Brasil, por varias vezes, a idéa do federalismo tem acordado a voz bramidora das revoluções.

E, apesar de tudo isso, o imperio subsiste na sua magestosa unidade.

Subsiste, apesar dos odios e das inimizades que o rodeiam, e que formam em torno d'elle como que um cordão sanitario para impedir que a influencia monarchica lhe ultrapasse as fronteiras, ao passo que procuram introduzir por contrabando as idéas republicanas preponderantes na America.

Subsiste, apesar dos obstaculos que a sua fórma de governo parece dever oppor ao desenvolvimento do Brasil.

E por que subsiste o imperio?

Subsiste, porque teve a boa fortuna de encontrar para lhe dirigir os destinos um homem illustrado, francamente liberal, que, em vez de interpretar o constitucionalismo no sentido mais acanhado, o intrepreta no sentido mais amplo; que, em vez de fazer do regimen representativo uma ficção, desmentida por actos dictatorios, realisou no seu solio americano o programma de Luiz Filippe: «Um throno rodeado de instituições republicanas.»

De fórma que, nas visinhas republicas, as constituições mais largas são a cada instante audaciosamente burladas pelos proprios filhos da democracia, que transformam a modesta vara da presidencia na espada tyrannica da dictadura; no imperio do Brasil, a constituição monarchica é interpretada no sentido mais liberal, e o sceptro de D. Pedro II é apenas o symbolo respeitado da ordem e da unidade da patria, o fiel da balança que mantem n'um equilibrio são e justo os poderes a que o systema representativo confia a governança do imperio.

D'esta fórma, o Brasil, tranquillo, forte e unido, affronta sorrindo os odios externos, e, como um rochedo immovel no meio do Oceano, eleva a sua face lisa acima da superficie undosa, e vê impassivel as vagas revoltas assaltarem-n'o com os seus esquadrões de espuma, e, furiosas pela sua impotencia, atropellarem-se umas ás outras, revolverem-se, embaterem-se loucas e desgrenhadas na anarchia eterna da tempestade.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

EXEMPLOS DE ENERGIA GOVERNATIVA EM PORTUGAL

I

CONFLICTO DO CORPO DIPLOMATICO EM LISBOA COM O GOVERNO DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 271)

V

No outro dia Diogo de Mendoça Corte-Real expediu cartas aos embaixadores de Allemanha, de Hespanha e de Inglaterra, e ao ministro plenipotenciario dos Estados Geraes da Hollanda, intimando-lhes a ordem peremptoria del-rei, para que dentro do praso de quatro dias saissem de Lisboa para onde lhes parecesse, a fim de que os ministros e officiaes de justiça podessem andar livremente e sem embaraço por toda a cidade, como faziam d'antes; porque a qualquer que se lhes oppozesse poderiam seguir-se terriveis consequencias, que el-rei com aquelle meio queria evitar, em attenção ás suas pessoas e aos caracteres de que se achavam revestidos. Concluia o secretario de estado dizendo que el-rei participaria esta resolução aos seus respectivos governos, para que os advertissem de não insistirem mais em similhante questão. As cartas tinham a data de 20 de janeiro de 1710.

Apenas os ministros receberam estas cartas, trataram de se pôrem de accordo sobre a resposta que deviam dar, e ácerca do que lhes cumpria fazer no desempenho do seu compromisso, e na presença da posição firme e decidida que o governo portuguez parecia adoptar. Houve, portanto, conferencia n'essa noite em casa do embaixador de Allemanha, e n'ella resolveram que responderiam pedindo permissão para se conservarem na corte em quanto participavam aos seus governos estas occurrencias e d'elles recebessem as instrucções convenientes. E mais resolveram, por voto do bispo de Lubiana, que ao mesmo tempo armariam as suas casas, dispondo-se para resistencia a todo o transe. Foi cumprido escrupulosamente este accordo logo no dia seguinte, 21 de janeiro.

Portanto, ainda as respostas dos quatro ministros iam caminho da casa do secretario de estado, já começava a entrar armamento para os seus domicilios.

Parece, todavia, que este plano era combinado mais *ad terrorem*, que para obter o que se pretendia por meio da força. Os auctores d'elle imaginaram, e cremos que tiveram como certo, que o governo de uma nação tão pequena como Portugal não se atreveria a levar o conflicto até áquella estancia, d'onde podia romper uma guerra com tres poderosas nações, e com outra, embora limitada em territorio, forte pelas suas esquadras, e tão aguerrida no mar como em terra.

O que leva a presumir, com plausivel fundamento, que os quatro confederados o que pretendiam era intimidar o governo para o obrigarem a ceder, é que, em vez de se armarem occultamente, fizeram apparatosa ostentação dos apercebimentos de guerra. Os acontecimentos posteriores confirmam esta presumpção.

VI

Como a questão de fazer reviver os privilegios extinctos se tornára publica desde o principio, por causa dos conflictos com que se estreiára entre os criados do embaixador de Allemanha e os officiaes de justiça, o povo seguiu com attenção e vivo interesse todo este negocio desde a sua origem. Não se tinha intromettido até alli n'essa contenda. Presenciára mudo e quêdo as scenas escandalosas passadas diante das portas dos embaixadores de Allemanha e de Hespanha, embora depois murmurasse, passando ás vezes da murmuração á indignação, que tambem desabafava sómente de palavras. Porém, quando soube que estavam entrando armas para casa dos quatro ministros estrangeiros, o que se divulgou instantaneamente por toda a cidade, manifestou-se entre todas as classes vivissima agitação.

Não se mostravam preoccupados os espiritos com o temor das consequencias da lucta, em que viam um pygmeu empenhado contra gigantes. A consciencia da propria dignidade; o nobre orgulho, proveniente do amor da independencia e das tradições de um passado glorioso, tinham elevado os espiritos da população de Lisboa a essa altura d'onde não se distinguem perigos quando é mister desaffrontar a honra nacional. Portanto, a agitação crescente que se observava por toda a cidade envolvia em si terrivel ameaça contra as casas dos ministros de Hespanha, de Allemanha, de Inglaterra e de Hollanda.

O governo viu-se obrigado, pois, a tomar rapidamente providencias efficazes com que impozesse respeito aos embaixadores, e com que obstasse a quaesquer excessos populares.

VII

O que acabâmos de referir aconteceu durante todo o dia 21 de janeiro. N'esse mesmo dia, ao anoitecer, expediu Diogo de Mendoça Corte-Real as ordens necessarias para que no dia seguinte passassem os ministros e officiaes de justiça pelas portas dos embaixadores, e para que um regimento de cavallaria os seguisse de perto, encarregado de obstar a que lhes oppozessem impedimento, auxiliando-os contra qualquer aggressão. Ordenou mais o secretario de estado que o conde de Aveiras, coronel de um regimento de cavallaria, se postasse, logo pela manhã, com uma força de cavallaria e de infanteria, que lhe foi designada, em logar conveniente, d'onde podesse acudir promptamente em soccorro da casa de qualquer dos quatro ministros estrangeiros, no caso de ser accommettida pelo povo; ou dos officiaes de justiça, se porventura fosse mister maior auxilio do que o que lhes fôra especialmente destinado.

O bispo de Lubiana, que não descançava, quasi que não dormia, continuamente occupado com esta grave questão, e agora muito preoccupado com o desenlace d'ella, que estava propinquo, levantára-se de madrugada, a fim de estar prompto para qualquer occurrencia. Por conseguinte, foi o primeiro dos embaixadores a saber que se achava estacionada, a pouca distancia da sua casa, uma força de infanteria e de cavallaria, desde o romper da manhã.

Sobresaltou-o esta noticia, para a qual não estava preparado. Quer fosse porque a paixão o cegasse, quer porque estivesse habituado a ver o futuro côr de rosa, sempre da côr dos seus desejos, nunca lhe passou pela idéa que o governo portuguez levasse as coisas á ultima extremidade, como já observámos em outro logar.

Escreveu á pressa uma carta ao padre Cienfuegos, em que lhe pedia que viesse fallar-lhe o mais breve que fosse possivel. Correu solicito o padre ao chamamento, e depois de uma curta conferencia, em que o bispo de Lubiana expoz a necessidade que tinham de obter informações minuciosas e exactas das intenções do governo, e das ordens que este dera ao conde de Aveiras, commandante da força estacionada n'aquellas visinhanças, saiu para desempenhar a commissão de que o encarregava o prelado embaixador.

Tanto o bispo como Cienfuegos julgaram difficil e espinhosa esta missão, sobre tudo pela brevidade do tempo em que urgia alcançar aquellas informações. Porém nunca o bom do padre encontrára tanta facilidade para saber o que pretendia.

O governo tivera por conveniente não fazer mysterio das suas intenções e das ordens que dera; pois que, sem embargo da firmeza com que obrava, não queria desviar-se, nem levemente, do caminho da prudencia e da moderação, desejando mais prevenir que reprimir. Portanto, como na vespera não recommendára segredo, e as suas ordens, que bem manifestavam as suas intenções, tivessem sido transmittidas a muitas pessoas de differentes cathegorias, tinham-se já divulgado pela cidade quando o padre Cienfuegos saiu de casa do embaixador de Allemanha em busca de noticias.

Como homem experimentado que era nos negocios, não se contentou com as novas que ia colhendo no caminho. Foi inquirir o proprio conde de Aveiras, que lhe disse com franqueza verdadeiramente militar todo o rigor das instrucções que recebêra e das que tinham sido dadas ao coronel do regimento de cavallaria, que devia soccorrer, sendo preciso, os officiaes de justiça, para que ninguem lhes embaraçasse o transito.

Cienfuegos voltou então cabisbaixo a participar o resultado da sua commissão ao bispo de Lubiana. Seguiu-se uma activa correspondencia entre este prelado, o conde de Stampa, lord Galloway e Carlos Isac de Berge, durante a qual os ministros e officiaes de justiça passaram e repassaram tranquillamente por diante das portas dos quatro ministros estrangeiros, sem que pessoa alguma ousasse estorvar-lhes o passo.

Áquella correspondencia seguiram-se longas conferencias, até que, no dia 24 de janeiro, recebeu o secretario de estado Diogo de Mendoça Corte-Real uma carta assignada por aquelles tres embaixadores e pelo ministro plenipotenciario, na qual declaravam que se conformariam com as resoluções do governo portuguez, e não tomariam conhecimento algum do que passasse por diante de suas casas, em quanto davam conta do occorrido aos seus soberanos e d'elles esperavam a resposta.

VIII

Todas as quatro cortes desapprovaram o procedimento dos seus representantes, dando justa satisfação ao nosso governo. Ao cabo de alguns mezes, foram chamados pelos seus soberanos e substituidos na embaixada de Lisboa os condes de Stampa e de Galloway.

O bispo de Lubiana, que era de todos o mais culpado, esteve para ter a mesma sorte; mas conjurou-a, graças á flexibilidade do seu caracter, e á compaixão que soube inspirar á rainha D. Maria Anna d'Austria, em razão do desar que lhe provinha de ser mandado sair de uma corte antes de ter entregado as suas credenciaes. Todavia, apesar da protecção da soberana, e das complacencias com que procurava fazer esquecer o passado, custou-lhe tanto a vencer as repugnancias do governo portuguez, que só d'ahi a oito mezes é que fez a sua entrada publica e foi recebido por el-rei D. João V em audiencia solemne. Verificaram-se estas ceremonias no dia 26 de setembro do referido anno de 1710 [1].

IX

Este acto de energia governativa pertence a um reinado mais conhecido presentemente pelos seus defeitos que pelas suas virtudes. Os contemporaneos del-rei D. João V, quando fallavam do soberano ou do seu governo, só cuidavam de queimar incenso em volta do throno. Hoje apenas se pesam, para o julgamento d'aquelle reinado, as prodigalidades e desperdicios da corte; os vicios, até certo ponto filhos da epocha; e, em fim, os abusos, que tomaram maior vulto nos ultimos annos da vida do monarcha, por causas excepcionaes já por nós indicadas em outro logar.

Quando se apresentam opiniões tão oppostas, a verdade está ordinariamente no centro d'ellas, como acontece no caso de que tratâmos.

Ainda ha pouco traçâmos nas paginas d'este semanario alguns quadros das vaidades e das miserias do reinado de D. João V [2]. Traçâmol-o com o mesmo desassombro e imparcialidade com que applaudimos e exaltâmos agora aquelle acto de patriotica energia do seu governo.

Se nos tempos em que vivemos se désse um conflicto como o que o bispo de Lubiana suscitou na corte del-rei D. João V, não se repetiria, certamente, um acto egual de energia governativa, por mais incontestaveis que fossem a justiça e o direito que nos assistissem. Auctorisa este nosso juizo o que se tem passado modernamente, em questões bem graves, entre o governo portuguez e os de outras nações.

Pois Portugal não era então mais forte do que é actualmente. Se n'esse tempo possuia certas condições de força que hoje lhe faltam, em compensação dispõe agora de outras que então não tinha. Dobrou a população do reino; desenvolveram-se as industrias antigas, crearam-se outras novas, e a par d'ellas estabelecimentos apropriados a dar-lhes protecção e impulso; fez-se melhor repartição da propriedade, d'antes accumulada, por assim dizer, em duas classes da sociedade, que representavam, de envolta com o privilegio, a riqueza publica, deixando em pobreza as outras classes; em fim, multiplicaram-se as forças productivas da nação.

Mas, por nossa desgraça, parece que perdemos a condição mais essencial da força de um povo, que é a energia de caracter, essa nobre qualidade da alma que dá firmeza á vontade, auctoridade ás palavras, vigor ao braço, e fortuna nas emprezas, ainda nas mais arriscadas. Sim, perdemos esse dom, que levou nossos maiores a commetter tantos arrojos que assombraram o mundo; que os impellia a arrostar com o inimigo por toda a parte, no reino e fóra d'elle, sem lhes importar o seu numero, quando era mister defender a independencia do paiz, ou desaffrontar a sua honra, ou adquirir gloria para as suas armas!

Desapparece a energia das regiões do poder, se não sempre, na maior parte dos casos, porque primeiro se entibiou entre o povo. Mas em taes circunstancias cumpre aos governos que sabem comprehender a alteza da sua missão fazer um esforço sobre si proprios, para dar exemplo de energia e firmeza, com que se eleve novamente o espirito publico.

Quando o abatimento moral se apossa de uma nação, tornando-se verdadeira enfermidade, que a entorpece nos seus movimentos mais vitaes, é mister que o remedio venha de cima, de logar bem alto, porque só assim se infiltrará em todas as veias do corpo social.

A fraqueza do governo del-rei D. Fernando I quebrantou o animo dos portuguezes, a ponto de fazer com que parecessem fracos e cobardes, quando, incertes, deixaram entranhar-se no reino o exercito del-rei de Castella D. Henrique II, até vir pôr cêrco a Lisboa, incendiando-lhe e devastando-lhe os arrabaldes.

Passados poucos annos, a energia do governo del-rei D. João I conseguiu tirar da prostração, e elevar á maior altura que tem attingido, o animo dos portuguezes, e de envolta com o animo os seus brios e valor, o seu amor da patria e da liberdade, e, finalmente, o seu enthusiasmo pelas emprezas gloriosas.

O nosso abatimento moral não é o resultado da fraqueza de um soberano, mas sim a consequencia natural d'esta grande transformação por que temos passado, em meio de profundas divisões e de terriveis discordias.

Mas, apesar d'isso, n'estes nossos tempos, por vezes tem apparecido entre nós, em circunstancias graves, brilhantes exemplos de energia e devoção civicas, que bem mostram estarem adormecidas, mas não extinctas, essas nobres qualidades, que fizeram grandes os portuguezes, illustre e glorioso o seu nome, e respeitado o seu paiz.

Portanto, as lições do passado, taes como essa que ahi deixâmos rememorada, podem aproveitar. Levados d'esta convicção, iremos traçando mais alguns quadros historicos em que sobresáiam exemplos bem frisantes de energia governativa em Portugal.

I. DE VILHENA BARBOSA.

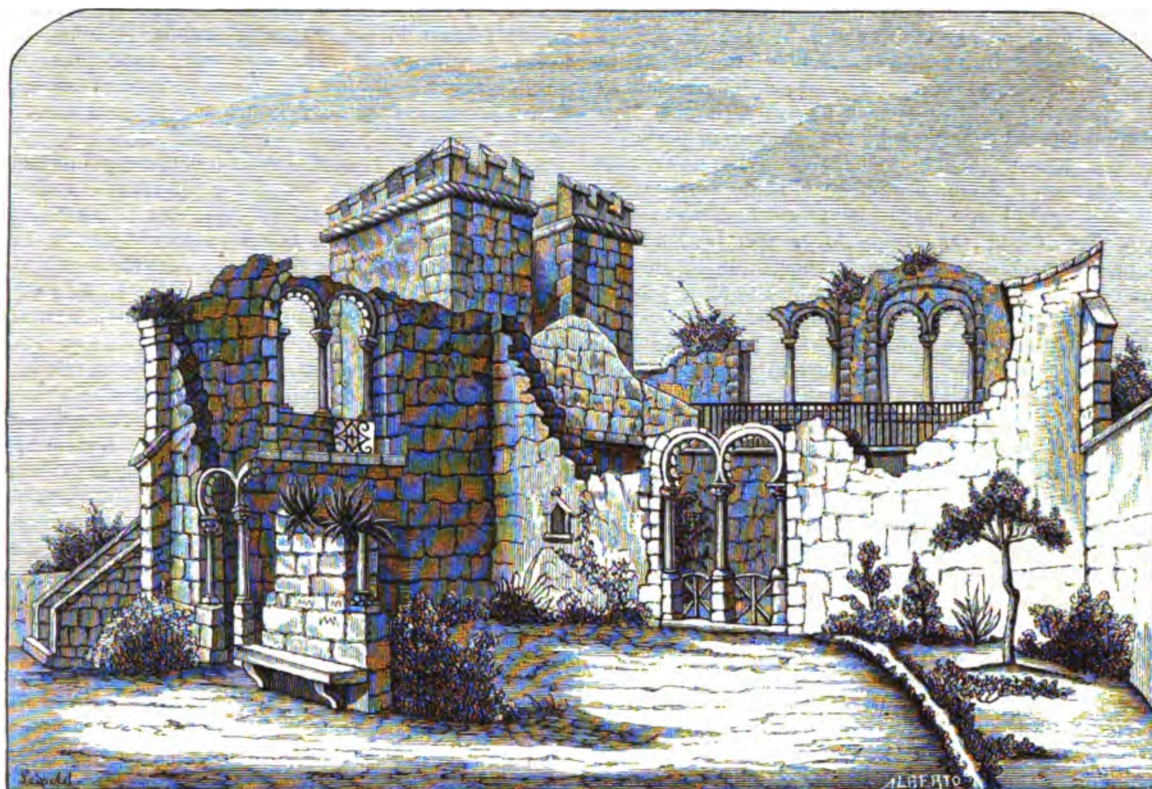
RECTIFICAÇÃO

A pag. 262, col. 2.ª lin. 3.ª, onde diz =Tinha chegado a Lisboa no começo de 1709 o bispo de Lubiana= deve ler-se =Tinha chegado a Lisboa no começo do verão de 1709 o bispo de Lubiana=.

---

[1] Todos os factos que referimos se acham miudamente narrados em umas memorias manuscriptas, contemporaneas e inéditas, copiadas do original que pertencia á preciosa livraria do conde de Vimeiro. Não tem nome do auctor, provavelmente por criticarem com severidade pessoas de alta cathegoria. Se a reminiscencia nos não engana, tambem aquelle conflicto se acha referido nas memorias do primeiro duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira de Mello, as quaes são manuscriptas e egualmente inéditas, e d'ellas já tivemos occasião de ver uma cópia, ha bastante tempo. Porém os nossos leitores que quizerem certificar-se de tão notaveis factos, encontral-os-hão historiados, nas suas circunstancias mais principaes, na *Historia genealogica da casa real portugueza*, vol. VIII, desde pag. 82 até 89.

[2] Vid. os artigos sob o titulo *Luxo e magnificencia da corte del-rei D. João V*, começados a pag. 4 d'este volume.



Ruinas fingidas no passeio publico de Evora

Ao forasteiro que entra ao descair da tarde no passeio publico de Evora, e, deixando a rua central, sóbe á direita, pela que, por meio de multiformes canteiros floridos e verdejantes, conduz á arcada da galeria [1], deparam-se-lhe de subito, em deleitosa perspectiva, as ruinas fielmente representadas na gravura [2]. As sombras do crepusculo avançam já dos recantos mais profundos pelas paredes interiores, esvaecendo as fórmas e as côres dos objectos; porém as ameias da torre, as curvas caprichosas dos muros desmantellados, as columnas e as voltas recortadas das janellas destacam ao vivo no horisonte, que tinge de purpura e rosas o sol recem-escondido por detraz dos monticulos de S. Bento. Passados alguns instantes, em que a admiração e o desejo de contemplar tão pittoresco espectaculo lhe embargaram os passos, aproximar-se-ha para examinar por menor as partes do todo cuja primeira e geral apparencia o maravilhou e surprehendeu.

Em vista das janellas e portaes, feitos de arcos de granito bem lavrado, assentes em columnas de marmore, julgará que tem diante de si os restos de uma das muitas casas apalaçadas que em tempo de D. Manuel se edificaram em Portugal, e particularmente em Evora. E se o viajante souber que a proxima galeria, sob cuja arcada passou, pertenceu aos paços reaes, convencer-se-ha, sem dúvida, de que de uma parte d'elles ficaram as ruinas que observa. Reconstituir-lhe-ha então a phantasia as antigas salas ricas, de tectos esculpidos, de marmores cinzelados, de alizares de azulejos, de pinturas a fresco ou de pannos de raz. Figurar-se-lhe-hão nas janellas, debaixo dos refolhos dos capiteis, as damas da corte del-rei D. Manuel, e da parte de fóra, em pequena distancia, algum gentil

1 Vid. a gravura a pag. 41.

2 O desenho reproduzido na gravura foi tirado, a pedido nosso, pelo sr. Joaquim Sebastião Limpo Esquivel, dedicado amador das bellas artes.

cavalleiro enamorado a ladear galhardamente no fogoso ginete, que não o deixa demorar tanto quanto deseja.

A lição da historia e da archeologia portugueza não serviu ao nosso forasteiro senão para imaginar uma novella, em quanto pensava restituir algumas paginas do passado sobre documentos de incontestavel authenticidade. Quantas se não escreverão assim!

As ruinas foram artificiosamente fabricadas ha pouco mais de um anno. Fingiu-as um engenhoso artista, não em a téla do painel ou nos bastidores do theatro, mas alli, no campo, em vulto e tão reaes como as arvores que as cercam, as trepadeiras que as vestem, ou o ceo em que se desenham elegantes e graciosas. Excepto a torre e algum pedaço de muro, tudo o mais alli foi posto sob a phantasiosa direcção do sr. José Cinatti. Parece que pretendeu e logrou tornar palpavel e não ficticia, para lhe redobrar o encanto, a mais esplendida e maravilhosa scena que para o theatro poderia compor com o seu pincel de magico e de poeta [1].

1 A fórma que démos a este artigo, e os limites em que o circunscrevemos, não permittiram que nos occupassemos, como muito desejavamos, da historia do passeio publico de Evora. Entretanto, por satisfação nossa e dos leitores, aqui a resumiremos em poucas palavras.

Com quanto seja de muito poucos annos a construcção do passeio de Evora, era antiga a idéa de a pôr por obra em parte dos terrenos onde hoje o vemos. Já em 1843 ou 1844 o sr. J. H. da Cunha Rivara, sendo vereador, mandára plantar de amoreiras o chão que para esse fim se destinára.

Em 1863, vindo a Evora o sr. José Cinatti dirigir a obra do palacio do sr. José Maria Ramalho, prestou-se, a instancias d'este cavalheiro, para dirigir tambem a construcção do passeio. Acceitou a camara tão valiosa offerta, e no mez de março d'aquelle mesmo anno se deu principio á obra.

No mez de setembro seguinte viu estes principios o sr. marquez de Sá da Bandeira, quando veiu assistir, na qualidade de ministro da guerra, á festa da inauguração do caminho de ferro. Mostrou-lhe o sr. Potes de Campos, que então presidia ao municipio, a conveniencia de se alargar o passeio pelos terrenos annexos ás ruinas dos paços reaes, em cuja posse total estava o ministerio da guerra. Empenhou-se o digno e popular ministro para obter ao pedido a desejada satisfação, vindo a ser cedidos ao municipio, por carta de lei de 25 de ju-

Entretanto, as janellas e portaes, que é, por assim dizer, o que ás ruinas imprime caracter architectonico, pertenceram, effectivamente, a uma das casas a que alludimos. Exornaram antigamente os paços dos condes de Vimioso, edificados pelo bispo D. Affonso de Portugal defronte da sé, nos fins do seculo XV ou nos principios do immediato, isto é, no reinado de D. Manuel. Da magnificencia d'estes paços dão claro testimunho não só as reliquias que fazem parte das ruinas, mas tambem as janellas que estão na varanda da casa da camara, e que, ha obra de vinte annos, alguma pessoa illustrada, talvez o sr. Rivara, para aqui fez transportar a fim de se não perderem; e ainda os poucos restos que se conservam no interior da casa em que modernamente transformaram a nobre e elegante residencia dos descendentes de D. João I e de D. Nuno Alvares Pereira. Não é, porém, impossivel que outros muitos se perdessem no longo espaço de tempo em que ella permaneceu deserta e arruinada.

Junto da estrada que liga Evora a Arrayolos, a um kilometro, pouco mais ou menos, d'esta villa, vêem-se as ruinas de outros paços, denominados da *Sempre-noiva*, que o mesmo bispo D. Affonso de Portugal, pae do primeiro conde de Vimioso, mandou construir pelos annos de 1510, pouco antes ou pouco depois, que não ha certeza na data. As janellas e portaes que restam d'este edificio são similhantes aos das ruinas, e provam que, em magnificencia, era egual ou pouco inferior ao outro de a par da sé.

Convem notar que todos estes elementos architectonicos são de estilo arabe mais puro que o que geralmente se usava no tempo de D. Manuel e lhe conserva o nome. As voltas em fórma de ferradura e recortadas, e os capiteis, são tão caracteristicos, que o sr. Alexandre Herculano, quando viu a primeira vez as ruinas do passeio, antes de saber a proveniencia dos portaes e janellas, admittiu a possibilidade de terem pertencido a algum monumento contemporaneo da dominação arabe. Já n'este jornal registámos, como facto interessante á historia da arte, a abundancia de reliquias do estilo arabe que do reinado de D. Manuel ficaram em Evora. Deixemos, porém, agora essa questão, que mais de espaço havemos de tratar, e subamos á torre das ruinas a contemplar o pittoresco e extenso quadro que aos olhos se offerece quando se abaixam sobre os terrenos proximos ou se alargam pelos dilatados horisontes.

Logo ao pé da torre, as ruinas fingidas, com os muros meio derruidos e os arcos troncados, e mais adiante as ruinas verdadeiras dos paços reaes destacam mui graciosamente por meio das mantas de verdura. As ruas tortuosas, deseguaes, irregulares, correm como que abertas ao natural á roda dos lagos, feitos de pedra brutesca; dividem os canteiros, povoados de arbustos e plantas herbaceas; contorneiam os estevaes e luzernaes, orlados de ailantos, cycomoros, amoreiras e platanos; e cercam as boscagens de cedros e pinheiros, pequenos ainda, mas esbeltos e viçosos.

No meio d'esta vegetação alegre e animada erguem-se, tristes e melancolicas, as ruinas, como reliquias venerandas do passado que mãos piedosas engrinaldassem de verdura e de flores.

lho de 1864, não só os restos dos paços reaes e terrenos annexos, mas tambem o convento e cêrca de S. Francisco. Para esta valiosa concessão, que foi discutida e votada em cortes, contribuiu com seus diligentes esforços o sr. Manuel Alves do Rio, que n'aquella epocha representava, como deputado, a cidade de Evora.

A obra do passeio, pelas excellentes condições que offerecia a uma phantasiosa imaginação de artista, para, combinando-as, produzir maravilhosos effeitos, tornou-se predilecta ao sr. Cinatti. Por muitas vezes veiu de proposito a Evora, demorando-se dias para dirigir e activar os trabalhos, além de remetter de Lisboa os desenhos necessarios, e muitas arvores e arbustos para se plantarem.

Querendo a vereação, presidida pelo sr. visconde da Esperança, dar ao sr. Cinatti um testimunho do apreço em que os eborenses tinham os seus trabalhos e desinteressado zelo, pois tudo obsequiosamente fizera, offereceu-lhe uma medalha de oiro com as armas de Evora de um lado, e do outro a seguinte legenda: *Ao artista José Cinatti a cidade de Evora reconhecida.*

Tudo isto contrasta admiravelmente com o amarello desmaiado ou pardacento dos campos circunvisinhos, quando as pastagens e searas estão amadurecidas pelos soes do estio, ou depois que a foice do cegador despiu a terra do seu manto de prados. De longe em longe apparecem então, como oasis vecejantes, as quintas cobertas de arvores, com as casas branqueadas, com os muros de defesa e ruas frescas e sombrias.

Avista-se a pequena distancia a elegante ermida de S. Braz, cujas ameias, paredes e torrinhas, tisnadas pelos seculos, lhe dão a apparencia das construcções feudaes. Mais adiante, a estação e a via-ferrea destacam singularmente entre extensas e despovoadas campinas. A serra de Portel, que o afastamento faz parecer azulada, remata ao longe com uma extensa curva esta parte do quadro.

Ao poente e para além da quinta do Bispo, que parece um ramilhete de folhas e flores, muda inteiramente o aspecto do terreno. Ás vastas planicies do sul seguem-se collinas e oiteiros, limitados, não muito longe, pela serra de Montemuro. Apparecem arvores mais frequentes, e por entre ellas, n'uma ou n'outra eminencia, os moinhos de vento interrompendo com o movimento uniforme das velas o repoiso geral dos campos.

Junto da torre fica para essa parte a cêrca de S. Francisco, em cuja fresca verdura se deleitam os olhos antes de se dilatarem pela parte occidental da cidade, que mais adiante fecha o quadro. D'entre innumeras casas brancas de neve alevanta-se a egreja de Santo Antão, e de outra parte as altas e denegridas torres da sé, que patenteiam na fórma e na côr a antiguidade da povoação. Mais perto vê-se a egreja de S. Francisco livre e desacompanhada, com a sua coroa de ameias e coruchéos espiraes.

Entre as oliveiras da cêrca e as acacias do largo de S. Francisco sobresae a parte extrema do aqueducto, a cujo ultimo arco serve de gracioso remate a caixa d'agua, ou pavilhão de estilo romano, notavel pela elegancia e boas proporções de sua fabrica.

A quem desce da torre depois de ter contemplado todas estas bellezas não se lhe desvanecem logo as impressões que recebeu. Continúa a ver os interessantes panoramas que admirou, e a nutrir o espirito das reflexões a que dão assumpto. A. Filippe Simões.

O TITULO DE DOM

Dominus é um vocabulo latino que significa senhor. O christianismo applicou-o, desde o seu principio, ao Ente Supremo. Assim, pois, *dominus* é por excellencia o Senhor e Creador do universo.

O successor de Jesus Christo no governo da sua egreja, imitando na humildade o Divino Mestre, não accrescentou titulo algum ao seu nome de Pedro, além do de vigario de Jesus Christo. Imitaram-n'o os primeiros pontifices que se sentaram na sua cadeira. Correram, porém, os tempos; modificaram-se as idéas e os habitos, e aquella humildade pouco a pouco se foi convertendo em ostentações de auctoridade, até que acabou de todo transformada nos attributos da soberania temporal.

Porém, muito antes de chegarem as coisas a este ponto, começou-se a dar aos papas, e estes a receberem, o titulo ou tratamento de *domnus*, palavra derivada de *dominus*, com que quizeram ennobrecer-se, significando ao mesmo tempo a inferioridade do titulo em relação ao Senhor de todos os senhores.

Por muitos annos só aos summos pontifices se dava este titulo; mas as mesmas causas que lh'o fizeram appetecer concorreram para que tambem o desejassem e usassem primeiramente os bispos, mais tarde os ab-

bades, e depois até os proprios monges de certas ordens.

Da hierarchia ecclesiastica passou para a secular. A primeira pessoa que fez uso do titulo de *domnus* foi o principe Pelayo, da estirpe dos reis godos, que, depois da invasão da Hespanha pelos arabes, e da destruição da monarchia del-rei Rodrigo, no começo do seculo VIII, foi acclamado rei das Asturias no valle de Covadonga. Seguiram o mesmo uso os reis das Asturias, de Oviedo, de Leão e de Castella, seus descendentes. Estendendo-se, porém, ás esposas e filhos dos soberanos, não ficou limitado ás familias reaes, pois que em breve o foram tomando para si os prelados, os ricos-homens e suas mulheres, e os mais cavalleiros que, por sua nobre linhagem, se consideravam com direito a usarem de similhante distincção.

Todos estes personagens, quando tinham de assignar os seus nomes nas escripturas e mais documentos, que eram sempre escriptos em mau latim, punham sempre *domnus fulanus*. Mas fóra d'isto, abbreviado o vocabulo em palavra castelhana, escreviam ou chamavam-se simplesmente *dom fulano*.

Constituido o condado, depois reino de Portugal, introduziu-se em o novo estado aquelle uso, juntamente com muitas outras praticas castelhanas.

Attentando os monarchas no apreço que se dava ao titulo de dom, resolveram fazer exclusivamente sua a prerogativa de o conferirem. E tal estimação desde logo fizeram d'elle, que sómente o concediam em remuneração de grandes serviços, não permittindo que usassem d'elle os seus proprios filhos illegitimos. El-rei D. Sancho I nomeia no seu testamento a quasi todos os seus filhos bastardos sem dom. El-rei D. Diniz, que deixou muitos filhos illegitimos, tambem os designa sem dom no seu testamento, e do mesmo modo sua filha bastarda, Maria Affonso, e suas noras, Tareja Martins e Froila Annes.

Em alguns livros portuguezes encontra-se precedido de dom o nome de Affonso Sanches, filho bastardo, muito dilecto, del-rei D. Diniz; e auctores ha que até o tratam por infante. Esses escriptores caíram, porém, em erro por menos sabedores das nossas praticas antigas, pois já em outro logar d'este semanario dissemos que nunca em o nosso paiz se concedeu o titulo de infante a filho algum bastardo de rei.

O primeiro filho illegitimo dos nossos reis a quem se concedeu o titulo de dom foi D. João, mestre de Aviz, filho bastardo del-rei D. Pedro I. Os nossos leitores sabem que o mestre de Aviz foi acclamado rei de Portugal com o nome de D. João I.

El-rei D. Affonso V, que entornava prodigamente o cofre das graças, vulgarisou o dom, fornecendo ensejo a alguns individuos para se apropriarem d'esse titulo de nobreza, independentemente de permissão régia. Este uso e abuso deu motivo a Garcia de Rezende escrever os seguintes versos, que fazem parte das suas *Miscellaneas*, as quaes andam juntas á *Chronica del-rei D. João II*, do mesmo auctor:

«Os Reys por acrecentar
As pessoas em valia,
Por lhes serviços pagar,
Vimos a huns o Dom dar,
E a outros fidalguia.
Já se os Reys não hão mister
Pois toma o Dom quem o quer,
E armas nobres tãobem
Toma, quem armas não tem;
E dá o Dom á molher.

Todavia, áquelle reinado dissipador succedeu o governo economico e reformador del-rei D. João II. Este monarcha foi avaro dos dons da munificencia régia, porque reservava as graças para galardoar os serviços prestados ao estado. Restituindo d'est'arte ás mercês que fazia o valor moral de que hão mister os premios para que possam servir de incentivo ás boas acções, recompensou os importantes serviços de Gonçalo Vaz de Castello-Branco, vedor da sua fazenda, e que foi pae de D. Martinho de Castello-Branco, primeiro conde de Villa Nova, concedendo o dom para elle e para seus filhos e descendentes.

Para que se ajuize de quanto subiu de valia similhante titulo n'este reinado e no seguinte, bastará dizer-se que o illustre Vasco da Gama se julgou generosamente recompensado pelo seu grande feito do descobrimento da India, recebendo del-rei D. Manuel a mercê de dom, com a tença annual de mil cruzados (400$000 réis).

Por vezes os nossos soberanos ampliaram ou limitaram este titulo com clausulas expressas nas ordenações do reino, como se vê no livro 5.º da *Ordenação do reino*, titulo 92, § 7.º

O segundo dos Filippes que reinaram em Portugal tambem providenciou a este respeito por lei de 3 de janeiro de 1611. Entre outras disposições ácerca das cathegorias e pessoas a quem era permittido o uso de dom, determinava que podessem usar d'elle os filhos bastardos dos titulares que tivessem dom.

El-rei D. José I, por conselho do seu illustrado ministro, o grande marquez de Pombal, depois de dar vigoroso impulso ao commercio por meio de muitas medidas adequadas, querendo tambem exaltal-o e nobilital-o, concedeu dom ás mulheres dos negociantes matriculados na praça de Lisboa.

As ordens religiosas que existiam em o nosso paiz ao tempo da sua extincção, cujos membros tinham dom, eram a dos conegos regrantes de Santo Agostinho, a dos monges de S. Bruno, ou cartuxos, e a dos clerigos regulares da Divina Providencia, chamados vulgarmente theatinos, e cujo convento era o de S. Caetano, onde ao presente se acha o conservatorio real de Lisboa, e inspecção geral dos theatros e espectaculos do reino.

I. DE VILHENA BARBOSA.

PISCICULTURA

(Conclusão. Vid. pag. 175)

V

Descreveremos, pois, o apparelho de mr. Coste.

Consiste na reunião de pequenos canaes parallelos, dispostos uns por cima dos outros, como os degraus de uma escada, de ambos os lados de um canal superior, que os domina e alimenta.

Deita-se agua no apparelho; colloca-se em cada um dos canaes, uma pollegada acima do nivel da agua, uma grade de vime; põe-se o apparelho debaixo de uma torneira, por meio da qual se faz cair um filete continuo de agua em uma das extremidades do canal superior. Dirige-se o liquido para a extremidade opposta, onde ha uma chanfradura lateral, que faz que a corrente se divida em duas, uma para a direita, outra para a esquerda, e que vá alimentar os canaes que ficam immediatamente por baixo. D'estes cae novamente a agua em dupla corrente para os canaes mais baixos, representando assim o apparelho um regato artificial.

Põem-se sobre as grades os ovos que se quer que dêem peixinhos, ovos que podem ser separados por especies. A corrente continua, que faz passar sobre elles uma camada de agua de uma pollegada de espessura, basta para evitar a formação das cryptogamicas, que os devastam, quando se não tem tomado esta cautela.

Quando se trata de fecundar artificialmente os peixes, e mesmo de os multiplicar, pondo em circunstan-

cias apropriadas os ovos, que se receberam já fecundados, é indispensavel attender muito a outro ponto, sem a resolução do qual se não póde conseguir a desejada multiplicação. Referimo-nos ao pasto ou comida, de que indispensavelmente necessitam os peixes logo que nascem, e quando, já crescidos, são postos em liberdade. Não nos permitte a estreiteza do espaço de que dispomos, nem a indole d'este semanario, indicar quanto se tem feito no empenho de prover de comida os peixes cuja multiplicação se procurou conseguir. Nas obras que temos citado se póde este assumpto ver mais por extenso. Por agora diremos que mr. Berthot sustenta os peixinhos recem-nascidos com carne crua e pisada de peixes brancos; e que tambem se reputa boa para aquelle fim a carne de vacca cozida e miudamente picada.

Em quanto á alimentação dos peixes crescidos, quer elles se conservem nos logares onde nasceram, quer habitem outras aguas, é absolutamente necessario multiplicar as especies herbivoras ao mesmo tempo que as mais preciosas, para que aquellas sejam devoradas por estas.

Do que fica exposto n'este e nos precedentes artigos, vê-se que o processo da incubação é, por assim dizermos, um processo intermedio, que se presta á remessa de grandes quantidades de peixes em germe, para, em logares e circunstancias convenientes, se desenvolverem.

Consiste a colonisação em mandar para as aguas, em que ou não existem, ou em que são mui poucos, peixes de estima, já criados e em estado de naturalmente se reproduzirem. É extremamente curioso o que se tem inventado para realisar com todas as vantagens e com a maxima economia o transporte de innumeraveis individuos ichtyologicos.

Dada esta noticia dos pontos principaes da piscicultura, de razão é que digamos o que representa a bella estampa que suscitou este nosso escripto, e que foi publicada a pag. 61 d'este volume.

Foram os escocezes os primeiros que se lembraram de construirem *escadas d'agua*, por meio das quaes podem os salmões, quando sobem os rios, atravessar as quédas d'agua sem serem esmagados. A Noruega seguiu o exemplo da Escocia, e alcançou povoar rios, cujas immensas cataractas tornavam as partes superiores inaccessiveis ás trutas, aos salmões e a outras especies. Em França, mr. Coste fez tambem construir *escadas d'agua* em correntes outr'ora muito ricas de peixes.

Variam muito as fórmas e dimensões de taes escadas. A natureza dos logares onde é mister construil-as é que faz que se adopte ora um, ora outro systema. Um d'elles representa-o a gravura com tal clareza, que nos dispensa de explical-o aqui.

Terminando estes artigos, fazemos votos para que a piscicultura se generalise e aperfeiçoe em Portugal.

SOUSA TELLES.

BRASIL

CIDADE DE SANTA MARIA DE BELEM DO GRÃ-PARÁ

Datam do tempo del-rei D. João III as primeiras tentativas, que se emprehenderam, de navegação no rio Amazonas, e de colonisação das terras, que ao diante constituiram a provincia do Pará. Porém o mau successo d'essas emprezas, em razão dos lamentaveis naufragios, que lhes pozeram termo logo á chegada das expedições á barra d'aquelle grande rio, fez com que, por largos annos, não se pensasse mais em tal assumpto.

O fim d'esse seculo viu feitos escravos os portuguezes, que tanto tinham assombrado o mundo como senhores de uma boa parte d'elle. E immediatamente, assim que nos julgaram maniatados, as potencias maritimas da Europa, cuja ambição fôra despertada pelas nossas conquistas, e contida até alli pelo nosso valor e resolução, lançaram-se sobre as possessões portuguezas de além-mar, como abutres que disputam os despojos do moribundo, que ainda lucta entre a vida e a morte.

Os francezes, os inglezes e os hollandezes infestaram de improviso todos os mares das nossas colonias. Affrontaram o estandarte das quinas em toda a parte onde tinha sido hasteado, ao cabo de longinquas e penosas navegações por mares ignotos, e após gloriosos combates. Audazes e fortes, em fim, pelo enfraquecimento a que nos condemnou o jugo de Castella, arrebataram-nos alguns dos mais brilhantes trophéos das nossas victorias, e se não lograram despojar-nos de todos, foi porque não nos abandonou a coragem no meio de tão grandes infortunios, e porque soubemos conservar por muito tempo, mau grado da oppressão castelhana, o amor da patria e os brios cavalleirosos, que nos tinham feito poderosos e respeitados.

Correndo, pois, o anno de 1594, aportaram á ilha do Maranhão tres caravelas com gente franceza, que, achando o paiz despovoado, se estabeleceu na ilha como senhora d'ella.

O governo do Brasil, que tinha então por séde a cidade de S. Salvador da Bahia, occupado com muitos negocios graves, descurou por algum tempo os interesses da coroa n'aquellas paragens, onde alguns aventureiros tinham arvorado a bandeira franceza. Assim se conservou aquella colonia na ilha do Maranhão, ignorada ou esquecida dos nossos, até que, recebendo de França um importante reforço no anno de 1612, despertou a attenção do governador Gaspar de Sousa, que tratou de expulsar os intrusos.

A primeira expedição que foi enviada contra a colonia franceza encontrou os inimigos tão bem apercebidos para a resistencia, que, depois de alguns combates com sorte varia, teve de fazer uma capitulação pouco vantajosa, porque não resolvia a questão. A segunda expedição, mais forte que a primeira, commandada por Alexandre de Moura, é que alcançou expulsar os francezes, obrigando-os a embarcarem para França. Realisou-se esta victoria no 1.° de novembro de 1615.

Foi este successo que deu origem á fundação das cidades de S. Luiz do Maranhão e de Nossa Senhora de Belem do Pará, bem como á povoação d'estas provincias.

O governador Gaspar de Sousa, querendo obstar a que viessem novos aventureiros levar por diante a empreza que aos primeiros saíra frustrada, determinou fundar povoações nos pontos mais adequados para a defensa d'aquelles importantes e fertilissimos territorios, que ainda se achavam completamente incultos e só povoados de gentios.

Em cumprimento, pois, d'estas ordens, Alexandre de Moura encarregou Jeronymo de Albuquerque de fundar uma povoação fortificada no logar em que estivera a colonia franceza, em quanto elle percorria a provincia para afugentar os gentios para o interior. Jeronymo de Albuquerque preferiu áquelle logar um sitio que lhe pareceu melhor, na parte occidental da mesma ilha do Maranhão, e ahi lançou os fundamentos á cidade de S. Luiz do Maranhão, que ao diante foi elevada ás honras de capital da provincia do seu proprio nome.

Ao mesmo tempo que estas coisas se passavam, largára d'aquella ilha uma expedição de tres caravelas com duzentos soldados, levando á sua frente Francisco Caldeira. Estava a findar o anno de 1615.

As instrucções que recebêra o commandante d'esta pequena frota ordenavam-lhe que procurasse um sitio apropriado para o estabelecimento de outra colonia mais visinha da foz do rio das Amazonas, de modo

que, por meio d'ella, se désse começo e facilitasse a navegação d'este famoso rio, e se conseguisse frustrar quaesquer tentativas, sobre aquelles territorios, da parte das nações que se mostravam invejosas e cubiçosas das possessões ultramarinas de Portugal.

Depois de examinar diversos logares, escolheu Caldeira um sitio nas margens do rio dos Tocantins, plano, desassombrado e com vasto porto. Ahi começou a fundação da colonia por um forte de madeira, junto do qual foi construindo casas para habitação dos colonos. Realisou-se este successo á entrada do anno de 1616.

A pequena colonia de Francisco Caldeira, apesar das vantagens da sua situação, não cresceu rapidamente, porque teve de sustentar porfiosa lucta com as tribus indigenas, que lhe disputaram com pertinacia a posse do terreno. E antes que alcançasse vencel-as, obrigando-as a procurar refugio no sertão, viu-se empenhada em duradoira guerra contra corsarios francezes e inglezes, que pretendiam explorar o rio Amazonas; e por fim com tropas regulares hollandezas, que intentavam assenhorear-se não só da navegação do rio, mas tambem do fertilissimo paiz que elle corta e banha.

Não é nosso intento n'esta occasião escrever a historia d'esta colonia, porque isso nos levaria muito além dos limites que queremos impor a este artigo. Portanto, bastará dizer que, depois de ter passado por muitas e terriveis vicissitudes, que lhe cercaram o berço de contrariedades e desastres, saíu alfim triumphante de todos os seus inimigos, graças ao valor e coragem dos seus defensores.

A colonia fundada por Francisco Caldeira recebeu o titulo de cidade e o nome de Santa Maria de Belem do Pará. E, crescendo e prosperando pouco a pouco, pelo benefico influxo do commercio e da agricultura, logo que se viu desaffrontada do apparato bellico, em breve foi constituida capital da provincia do Grã-Pará.

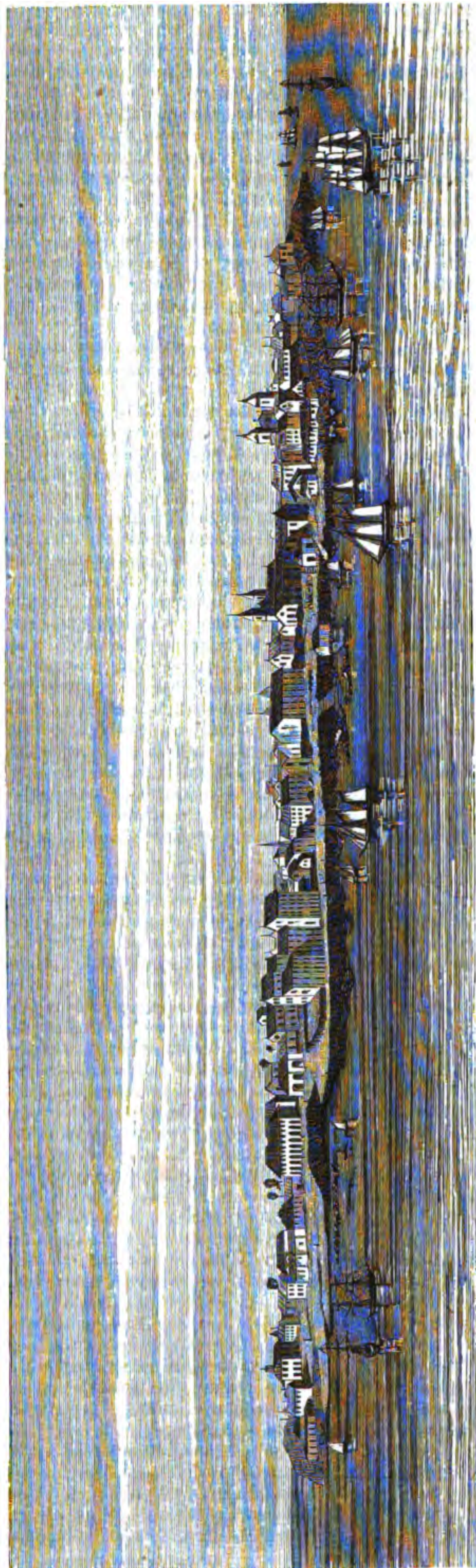
É deliciosa a situação d'esta cidade. Está edificada em terreno baixo e plano, sobre a bahia de Guajará, na margem direita do rio Tocantins, que communica com o Amazonas por um largo canal de agua salgada, erguendo-se entre as embocaduras de ambos a grande ilha de Marajó, que fórma, com as costas da terra firme, uma vasta bahia. Vem lançar-se n'esta bahia o rio Guamá, proximo da cidade. Em frente d'esta vêem-se a ilha das Onças e uma serie de ilhotas.

Dista do Oceano 120 kilometros, mas o accesso dos navios ao porto da cidade não é difficil, qualquer que seja o lote das embarcações. Para se ajuizar da amplidão do porto, é bastante saber-se que o Tocantins, entre a cidade e a ilha de Marajó, tem de largura perto de 15 kilometros.

Portanto, a cidade do Pará, edificada em um paiz rico pela variedade, abundancia e valor dos seus productos naturaes, em grande parte ainda não explorados; cercada de tantas e tão importantes vias fluviaes; favorecida por um bello clima, e por uma situação geographica que lhe faz os dias sempre eguaes ás noites, conservando-se em perpetua primavera, de modo que as arvores se cobrem de flores, tendo ainda pendentes dos seus ramos os fructos sazonados; espelhando-se em um amplo porto, que offerece á navegação ancoradoiro commodo, não obstante alguns baixos e recifes, esta capital possue condições mui vantajosas para o seu engrandecimento e prosperidade. A recente abertura do Amazonas á navegação de todas as nações ha de apressar, certamente, o desenvolvimento e riqueza da cidade do Pará.

Vista do porto, apresenta uma bonita perspectiva, como mostra a gravura junta, que abrange o panorama da cidade desde a praça do Mercado até ao forte de Santo Christo.

A praça do Mercado foi construida em 1858, a expensas do thesouro publico, passando depois a admi-



Cidade de Nossa Senhora de Belem do Grã-Pará

nistração d'elle para a camara municipal. O edificio está bem construido, mas é defeituoso como mercado, porque carece de boas condições hygienicas. Entretanto, a camara aufere avultado rendimento do aluguer das lojas que o circundam.

O forte de Santo Christo ergue-se sobre a ponta de terra em que termina o comprimento da cidade. Occupa o mesmo logar onde Francisco Caldeira fundou, no principio do anno de 1616, o forte de madeira a que acima nos referimos. É pequeno; todavia é geralmente denominado castello. Fica-lhe defronte, obra de 5 kilometros de distancia, o forte da Serra, edificado sobre um rochedo que se levanta do seio das aguas, sobranceiro ás barras. Servem os dois fortes de defensa ao porto, e o ultimo tambem de registo aos navios que demandam entrada.

Além d'estes fortes, defendem a povoação duas fortalezas, ambas construidas sobre rocha, mas em pequena elevação.

Quasi no centro da linha dos edificios, e proximo da praia, acha-se a alfandega. Por entre a casaria sobresaem as torres das egrejas das Mercês, de Sant'Anna, de Santo Antonio, pertencente ao convento dos frades capuchos, e da sé.

Posto que a cidade não tenha sido edificada sob um plano regular, vista interiormente apresenta mais regularidade do que inculca o seu aspecto exterior. Procede isto de certa uniformidade na construcção das casas, pela maior parte de dois andares. Esta circunstancia faz desafogadas as ruas, muitas das quaes são espaçosas, direitas e bem calçadas. Não tem praças magnificas, mas as duas em que se erguem o palacio do governo e a cathedral são de agradavel perspectiva. Estes dois edificios, de que já tratámos a pag. 189 e 209, são as mais bellas construcções da cidade. Os outros edificios publicos são: o paço episcopal e seminario, a misericordia, o hospital, a alfandega, a bolsa, o quartel militar, e o arsenal da marinha, que se acha fóra da povoação, a meio caminho da foz do rio Guamá. Conta diversos estabelecimentos pios e de instrucção publica.

Fóra da cidade, para o lado de léste, está o passeio publico, mandado plantar pelo governador conde dos Arcos em um vasto terreno, outr'ora pantanoso, e que para esse fim foi esgotado e completamente dessecado. Com esta obra, que foi de bastante custo, lucrou muito a salubridade publica.

Nos arrabaldes possuem as familias abastadas bonitas vivendas, onde passam uma parte do anno. As margens do Tocantins e do Guamá offerecem muitos sitios aprazíveis e pittorescos. São bem cultivados os arrabaldes, e onde acaba a cultura começam densas florestas, ricas de madeiras preciosas.

A cidade é abundantemente abastecida de todos os generos necessarios á vida, e tambem dos de regalo. O rio e o mar fornecem-lhe variedade de peixes. Numerosas canoas, descendo o Tocantins e o Guamá, trazem todas as manhãs para o seu mercado muita diversidade de frutas saborosissimas, e bem assim de hortaliças, aves e outras vitualhas. Em fim, abastece-a de carnes a visinha ilha de Marajó. Esta ilha, situada entre o Oceano, que lhe fica ao norte, o Amazonas e o Tocantins a léste e oeste, e o canal ou estreito de Tagypurú, que a separa pelo lado do sul da terra firme, tem 160 kilometros de comprimento, de léste a oeste, e 130 de largura, de norte a sul. É povoada e cultivada, sendo a criação de gados um dos principaes ramos da sua industria.

A cidade do Pará dista da capital do imperio 2:500 kilometros N N O. A sua população deverá hoje ascender, sem dúvida, a 36:000 almas. Os principaes generos que exporta são: cacau, caoutchouc, coiros, arroz, madeiras e gado. O seu commercio está florescente.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O IMPERADOR E A IMPERATRIZ DO BRASIL

(Conclusão. Vid. pag. 275)

III

Nascido a 2 de dezembro de 1825, D. Pedro II conta hoje quarenta e tres annos. Está em plena força da vida, e o Brasil póde esperar legitimamente que por largo tempo ainda continue a sua habil mão a segurar as redeas do governo, e a sua consummada prudencia a presidir ao portentoso desenvolvimento do imperio.

Ha uns poucos de annos que o imperador tem sido salteado por violentas provações. A guerra do Paraguay produz no Brasil um mal-estar indefinivel, e, por mais de uma vez, fatigado e desalentado, D. Pedro II pensou na abdicação.

O patriotismo, comtudo, que tem até agora dirigido todos os actos do filho do Libertador, ha de, por certo, impedil-o de dar um passo, que não faria senão accrescentar ás difficuldades com que lucta o Brasil uma difficuldade nova, e de certo a maior de todas.

Não é quando ruge a procella que o piloto deve desamparar o seu posto. Embora a marinhagem, desvairada pela imminencia do perigo, pelo rugido das ondas, erga confusa celeuma, desconhecendo os serviços do habil Palinuro, o dever d'este é conservar a mão no leme, e, surdo aos brados da ingratidão, conduzir o navio ao porto.

Desde que subiu ao throno imperial, D. Pedro II tem sido para os brasileiros o symbolo da paz interna e da liberdade justa.

Durante a sua menoridade, as discordias civis retalhavam o imperio; a regencia não podia superar as facções, e todos os alvitres, suggeridos pelas representações nacionaes, não faziam senão aggravar o perigo e irritar a procella.

A final foi proposta uma medida arrojada: proclamar-se a maioridade do imperador antes do praso consagrado pelas leis, e confiar ás mãos de um adolescente o leme que desamparavam pilotos encanecidos nas tempestades.

A proposta adoptou-se, e D. Pedro II tomou nas suas frageis mãos o governo do estado.

Os acontecimentos provaram que não fôra imprudente a idéa.

A criança imperial deu logo mostras de um tino superior aos seus annos, e, á medida que foi tomando o pulso ás difficuldades, que foi chegando á experiencia prematura, e que a varonil gravidade foi estampando a sua ruga profunda na fronte do adolescente, o Brasil foi sentindo os beneficios de um governo moderado, a ordem foi-se restabelecendo, e o imperio entrou com seguros passos no estadio da civilisação.

Não queremos attribuir simplesmente á prudencia e á capacidade do moço imperador um facto filho de causas tão complexas como foi a tranquillisação do Brasil. Mas é certo que ao seu vivo sentimento dos deveres de um soberano constitucional, á sua perfeita intelligencia, á sua indole recta e á sua profunda illustração, deveu o imperio, em grande parte, a solução das muitas difficuldades em que se debatia.

Bastava a sua abnegação para produzir esse effeito. Quando, nas republicas circunvisinhas, os presidentes se deixam tão facilmente desvairar pelo gozo de um poder ephemero, que não resistem ás tentações do despotismo, é digno de todo o respeito o filho de reis que acceita com lealdade e cordura a limitada soberania que lhe concede a constituição.

D. Pedro II é principalmente um homem do seu seculo. Se o acaso do nascimento o não houvesse collocado tão alto, saberia elevar-se aos cargos do estado pela sua cultivadissima intelligencia.

O nosso grande poeta Antonio Feliciano de Castilho, dedicando-lhe o seu Camões, dizia-lhe:

«Quem vê em ti o sabio esquece o imperador.»

E a verdade é essa. Os ocios do governo occupa-os e illustra-os D. Pedro II na sciencia, e até nos momentos de desenfado, nas horas em que o espirito procura uma distracção ligeira, não é a occupações frivolas que vae buscar o desfastio, é a poesia que lhe alegra e lhe illumina esses momentos de repoiso.

Popular entre o povo pela sua affabilidade, entre as classes illustradas pelo seu culto da sciencia, e em todo o imperio pela sua indole liberal, D. Pedro II ligou indissoluvelmente á casa bragantina a existencia do Brasil.

Ao seu lado, a imperatriz D. Theresa, virtuosa e boa, lembra aquella santa rainha, sua parenta pelo sangue, sua parenta pelas virtudes, que ha pouco falleceu no exilio, Maria Amelia, a esposa de Luiz Filippe.

A desgraça feriu a familia da imperatriz. A casa real napolitana, d'onde D. Theresa é oriunda, banida do throno pela revolução, teve de procurar em Roma, essa velha consoladora de todas as grandezas decaídas, essa patria dos exilados, o esquecimento da realeza perdida e a consolação de Napoles ausente.

Ainda que foi a idéa da liberdade que a derrubou do throno napolitano, a idéa da liberdade tão acatada no Brasil, não diremos que D. Theresa não pranteasse a subita catastrophe, que tirava um throno aos seus, e escondia na sombra do palacio Farnesio o rei proscripto, a cujo aceno obedeciam, momentos antes, as ridentes cidades que se miravam na bahia de Sorrento, e as que se desenrolavam, brancas e festivas, pelas ferteis encostas da ilha siciliana.

Mas a desgraça que feria os seus não azedou o espirito da meiga imperatriz, e ella não tomou contas á liberdade das lagrimas que lhe fazia derramar.

Nunca a imperatriz se serviu da sua influencia de esposa para desviar o imperador do caminho que sempre tem seguido.

Escondida na sombra do lar domestico, D. Theresa é o anjo da guarda dos infelizes. Só quando a sua voz se ergue para dirigir ao imperador um pedido é quando a caridade lh'o ordena, quando tem de implorar um perdão ou um beneficio em favor d'aquelles que erguem para ella as supplices mãos.

E o imperador nunca cerra os ouvidos áquella doce voz.

Quando o nosso grande poeta Antonio Feliciano de Castilho implorou de D. Pedro II o perdão de um portuguez condemnado, foi á imperatriz que dirigiu a sua admiravel epistola, foi a ella que tomou por intercessora, e, quando o perdão chegou, foi ainda a ella, na sua segunda e soberba epistola, que dirigiu as suas acções de graças.

Na republicana America, o monarchico Brasil ha de viver e prosperar em quanto estiverem no solio soberanos como o imperador D. Pedro e a imperatriz D. Theresa.

E o Brasil ha de prosperar, temos d'isso a firme convicção, e a firme esperança, diremos tambem, porque á prosperidade do Brasil está indissoluvelmente ligada a prosperidade de Portugal.

Somos como os gemeos siamezes, que tem vida propria, que casam cada um para seu lado, mas que, apenas um d'elles sente qualquer dor, logo um sobresalto doloroso indica ao outro que póde ter existencia separada, mas que ha um laço inquebrantavel que os prende e os torna solidarios.

O Brasil atravessa agora graves difficuldades, mas, superadas ellas, e o termo não vem longe, ha de entrar com renovado vigor no caminho do progresso, como depois de grande enfermidade parece que traz a convalescença ao corpo restaurado dupla força de vida.

Seria uma imprudencia a guerra do Paraguay? Talvez. É certo, porém, que, mais tarde ou mais cedo, tinha o Brasil de atravessar esta ou outra crise inevitavel.

A má vontade das republicas hespanholas havia de ter uma explosão, e, se o Brasil evitasse a lucta com o Paraguay, viria a tel-a, annos depois, ou com as republicas do Prata, ou com outro qualquer dos ciosos estados que o rodeiam.

Causa-nos espanto na Europa a longa resistencia do Paraguay é o grande mal que tem feito ao Brasil. É porque não pensâmos que o Paraguay possue as sympathias occultas de toda a America adversaria do imperio brasileiro, até dos mesmos povos que officialmente combatem ao lado das tropas do imperador.

Differentes artigos, publicados na *Revista dos dois mundos* por um escriptor muito ao facto dos negocios hispano e luso-americanos, mr. Elisée Reclus, bem claramente explanam esta verdade, ainda por cá bastante desconhecida.

A lucta era, por conseguinte, uma crise inevitavel; mas, saindo triumphante d'ella, o Brasil adquire definitivamente na America do sul a preponderancia legitima, que até agora lhe tem sido disputada, e, livre de embaraços exteriores, impondo a sua existencia de monarchia áquelles que procuram solapadamente destruil-a, ha de entrar de novo, ufano e tranquillo, guiado pelo respeitado sceptro de D. Pedro II, na senda do progresso civilisador.

E do lado de cá do Atlantico, Portugal, esquecendo as suas proprias desventuras, applaudirá o povo americano, de que é duas vezes irmão, pela raça, e pelos laços que ligam os membros das duas familias reinantes, D. Pedro II e D. Luiz, dois filhos da velha dynastia de Bragança, que ambos acceitaram francamente o pacto constitucional.

M. PINHEIRO CHAGAS.

O INSTITUTO DE FRANÇA

(Conclusão. Vid. pag. 255)

Dando um resumido quadro estatistico da edade dos quarenta immortaes da academia franceza em 1868, quizemos demonstrar que a cognominação de *invalidos da litteratura*, que se lhes dá em França, tinha tal ou qual fundamento; e agora completaremos aquelle quadro, acaso para estabelecermos em melhor esteio o dito popular, apresentando o seguinte resumo das edades dos membros da academia ao entrarem n'esta corporação litteraria, tambem com relação ao periodo indicado.

Temos, portanto, entrando na academia:

De mais de 30 annos	7
» 40 »	23
» 50 »	7
» 60 »	2
» 70 »	1
	40

É preciso advertir que alguns dos mais moços litteratos, que receberam a honra de se lhes abrirem as portas da academia, não foram para alli sem que a sua admissão se justificasse com trabalhos de subido valor, taes como a de Villemain, que entrou com 31 annos; de Thiers, que entrou com 36; Cousin, Pongerville e Augier, que entraram com 38; Victor Hugo e Lamartine, que entraram com 39. Isto é, para assim o dizermos, uma excepção, porque os algarismos acima nos estão indicando que a maioria das admissões

se fez na academia franceza contando os candidatos mais de 40 annos.

D'este modo, vemos que Ponsard, Mérimée e Sainte-Beuve tinham 41 annos quando entraram na academia; Montalembert 42; Saint-Marc Girardin 43; Barante, Flourens e Vigny 46; Sandeau, Ampère e Legouvé 47; Guizot 49; Ségur e Octavio Feuillet 50; Sacy e Viennet 53; o conde de Carné 59, etc. O insigne advogado Berryer (ha pouco fallecido) entrou para a academia franceza com 64 annos, Dufaure com 65, e o duque de Broglie com 70.

Depois da relação dos immortaes, que ficou a pag. 246 e 255 d'este volume, podémos tão sómente averiguar que falleceram Ampère e Vigny em 1864, Dupin-aîné em 1865, Flourens em 1867, Viennet, Empis e Berryer no ainda corrente 1868; e que entraram:

Prevost-Paradol, nascido em 1829, jornalista e litterato, auctor da *Revue de l'histoire universelle*, etc., em substituição de Ampère.

Julio Favre, n. em 1809, distincto advogado e politico, auctor da *Coalition des chefs d'atelier de Lyon*, e de outros opusculos e discursos, em substituição de Cousin.

Autran, n. em 1813, poeta, auctor do poema *Milianah*, da tragedia *La fille d'Eschyle* e de outras obras, em substituição de Ponsard.

Claudio Bernard, n. em 1813, physiologista, auctor das *Recherches sur les usages du pancréas* e de outras obras, em substituição de Flourens.

Padre Gratry, n. em 1805, professor e theologo, auctor de *La connaissance de Dieu*, *Logique*, de *La connaissance de l'âme* e de outras obras philosophicas e religiosas, em substituição, segundo nos parece (porque não foi possivel verifical-o) de Dupin-aîné.

A *academia das sciencias* foi fundada em 1666 por Colbert, porém só em 1669 é que Luiz XIV approvou esta fundação. Comprehendeu primeiramente as secções de geometria, astronomia, mecanica, anatomia, chimica e botanica. Quasi no fim do seculo XVIII, o progresso geral dos conhecimentos, e o consideravel desenvolvimento que tinham tomado certos ramos das sciencias, posto fossem pouco importantes, obrigaram, comtudo, á creação de novas secções para a mineralogia, historia natural, agricultura e physica.

No tempo da revolução franceza, a academia das sciencias veiu a ser a primeira classe do instituto. O governo da restauração instituiu de novo a academia das sciencias nas mesmas bases que tinha anteriormente. Consideram-n'a em França como um tribunal scientifico, perante o qual vão todas as pessoas que, estudando e tratando as sciencias com verdadeira dedicação, alli pretendem o beneplacito para as suas obras.

Esta academia publica regularmente memorias sobre todas as partes das sciencias naturaes, physicas e mathematicas. Compõe-se de sessenta e cinco membros titulares, divididos pelas onze seguintes secções: 1.ª geometria; 2.ª mecanica; 3.ª astronomia; 4.ª geographia e navegação; 5.ª physica geral; 6.ª chimica; 7.ª mineralogia; 8.ª botanica; 9.ª economia rural; 10.ª anatomia e zoologia; 11.ª medicina e cirurgia. Cada secção conta seis membros, com excepção da 4.ª, que tem só tres.

Tem, além d'isso, a academia das sciencias dois secretarios perpetuos, que tambem são membros titulares, posto não pertençam a nenhuma das secções; dez membros livres; oito associados estrangeiros; e, sem numero fixo, muitos socios correspondentes nacionaes e estrangeiros.

Napoleão I honrava-se com o titulo de socio da academia das sciencias, e dizem que muitas vezes trajava o uniforme d'esta corporação.

A *academia das inscripções e bellas letras* compunha-se, na sua fundação, em 1663, de quatro membros nomeados pelo ministro Colbert entre os socios da academia franceza. Reuniam-se em uma das salas do palacio do Louvre, e o seu encargo limitava-se a compor as inscripções dos monumentos que a França ia levantando para eterna gloria de Luiz XIV, ou das medalhas que se mandavam cunhar em homenagem ao mesmo rei; e d'ahi se lhe originou a primitiva denominação de *academia das inscripções e medalhas* e de *pequena academia*.

Em 1701 concedeu-se-lhe organisação regular com o titulo, que ainda tem, de *academia das inscripções e bellas letras*, e, doze annos depois, Luiz XIV mandou-lhe expedir carta régia approvando a sua organisação.

Como succedêra ás demais academias, a revolução tirou o nome á das inscripções, e transformou-a em terceira classe do instituto, ou classe de historia e litteratura antiga, e assim ficou até o governo da restauração, que a levou ao antigo estado e importancia.

A missão d'esta academia é o estudo e a analyse das obras historicas e archeologicas. Desde o começo do seculo XVIII, tem publicado muitas e mui valiosas memorias, avultando entre ellas a continuação dos curiosos e interessantes trabalhos historicos dos frades benedictinos.

A academia das inscripções e bellas letras tem quarenta membros titulares e mais dez chamados *livres*.

A *academia das sciencias moraes e politicas* foi creada pela revolução franceza em 1795, por occasião do estabelecimento do instituto nacional, de que formava a quarta classe. Supprimida pelo imperador Napoleão I em 1803, o governo do rei Luiz Filippe restabeleceu-a aos 27 de outubro de 1832, antecedendo o decreto de reorganisação um luminoso relatorio de Guizot, que era então ministro da instrucção publica.

Tem quarenta membros effectivos, que são eleitos por escrutinio secreto por cada uma das academias; cinco socios estrangeiros, e correspondentes em numero de quarenta. Este numero é determinado no regulamento da academia.

Está dividida em cinco secções, que são: 1.ª philosophia; 2.ª moral; 3.ª legislação, direito publico e jurisprudencia; 4.ª economia politica e estatistica; 5.ª historia geral e philosophia. Publica memorias e confere premios.

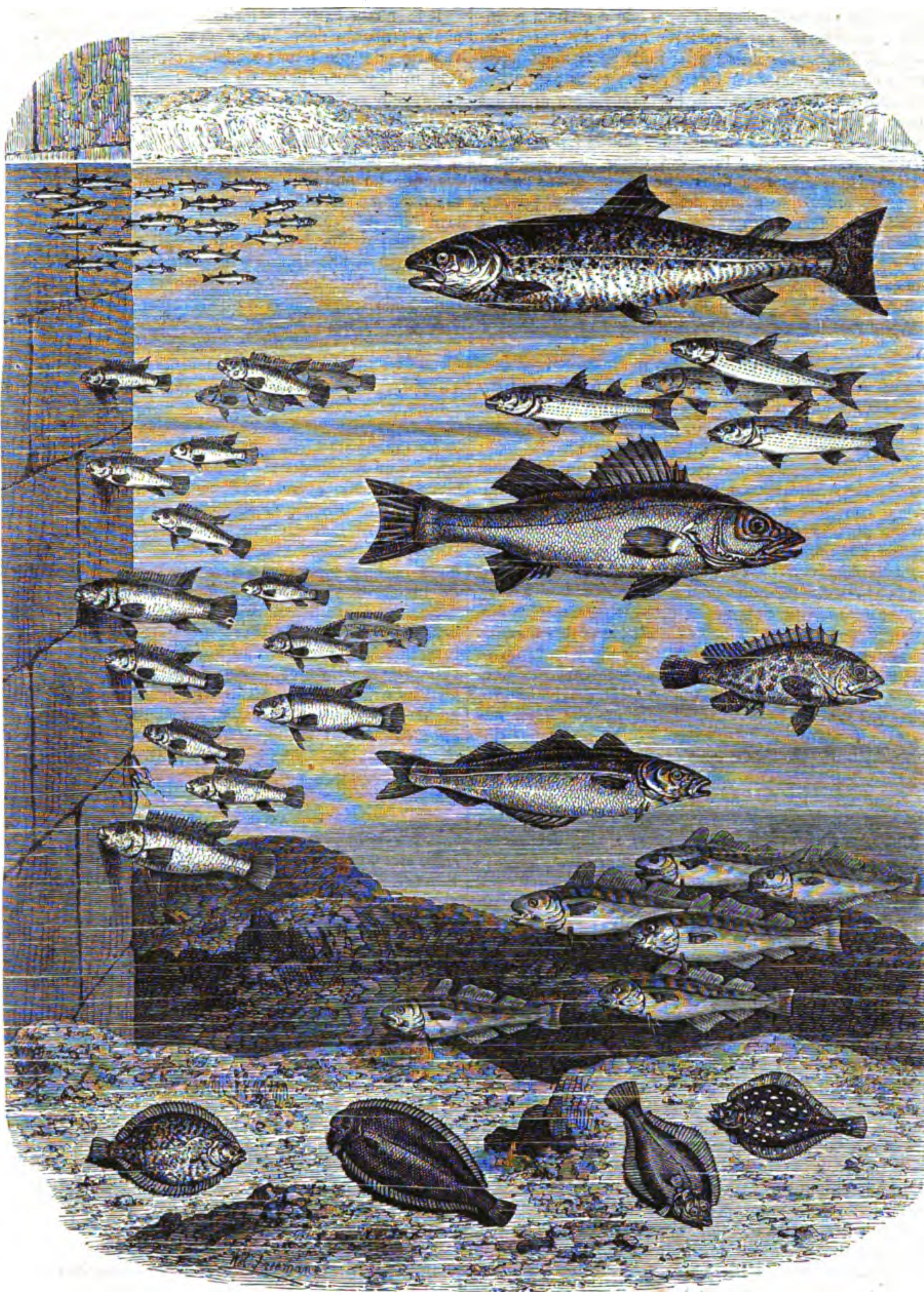
A *academia das bellas artes* é a mais antiga das corporações scientificas e artisticas da França, pois parece averiguado que já antes do seculo XV havia tal ou qual associação de pintores distinctos d'aquella epocha, em que a pintura a oleo estava na infancia. A sua fundação legalisada por diploma real, sob o nome de *academia de pintura e de esculptura*, data, porém, do fim da primeira metade do seculo XVII, e no terceiro quartel do mesmo seculo foi constituida definitivamente pelo cardeal Mazarino.

Em 1671, Colbert creou a *academia de architectura*, que funccionou ao lado da academia de pintura e esculptura até á revolução, em cuja epocha as duas instituições artisticas foram encorporadas na quarta classe do instituto. Em 1819 teve nova organisação, só com o nome de *academia de bellas artes*.

Compõe-se esta academia de quarenta membros, e divide-se em cinco secções: pintura, esculptura, architectura, gravura e musica, com os seguintes membros: 14 pintores, 8 esculptores, 8 architectos, 4 gravadores e 6 compositores de musica. Tem o encargo de dirigir os concursos, distribuir os chamados grandes premios de Roma, propor os candidatos para os logares vagos de professores nas diversas escholas de bellas artes, etc.

Tal é, em resumo, a historia das cinco principaes academias scientificas, litterarias e artisticas, que compõem o instituto de França.

BRITO ARANHA.



Estação dos peixes nos rios

Onde a natureza agglomerou aguas, ahi copiosamente disseminou peixes. Nos rios e nos mares se encontram estes animaes, que tanto prendem a attenção do homem, e que de tanto proveito lhe são. Quizeram alguns naturalistas, considerando-os sob o ponto de vista do seu *habitat*, dividil-os em *marinhos*, ou habitadores dos mares, e *fluviaes*, ou habitantes dos rios, como os botanicos tinham dividido as plantas, attendendo aos logares em que espontaneas appareciam, em plantas das planicies, dos valles, dos montes, das costas e dos mares.

A observação das particularidades organicas dos pei-

xes e dos vegetaes não habilitou, porém, os sabios que se occuparam d'este assumpto a differençarem os entes que povoam as aguas e os que esmaltam e embellecem a terra, por caracteres que indiquem a sua especial habitação. Mais claro; mais ao alcance de todas as intelligencias. A fórma exterior dos peixes; as escamas que os revestem; as barbatanas, por meio das quaes se viram facilmente; as guelras, que correspondem aos pulmões do homem e dos outros animaes que vivem no ar; a estructura dos olhos, a que faltam palpebras, estão-nos a dizer que só nas aguas podem vivar os entes que a Providencia quiz que as povoassem; mas, por mais que se examinem os peixes que de ordinario moram em rios, e que se comparem com os que andam pelos mares, não se lhes encontra differença sensivel; e conhecem-se especies, entre as quaes figuram os salmões e enguias, que, em certas epochas, passam das aguas salgadas para as aguas doces, e reciprocamente.

Se não tem sido possivel distinguir os peixes marinhos dos fluviaes, sabe-se, graças ao estudo de muitos observadores dedicados e infatigaveis, que nem todas as especies ichthyologicas se encontram em todas as aguas; que ha peixes que só vivem no alto mar; que os ha privativos dos rios; que a alguns aprazem os rochedos que formam o fundo das bacias dos mares e os leitos dos rios, d'onde lhes veiu a denominação de peixes *saxatiles*, que é o mesmo que dizer peixes dos rochedos ou das rochas; e que outros amam especialmente as proximidades das costas e as aguas mais chegadas á atmosphera.

A estampa que acompanha este artigo mostra a disposição que tomam os peixes n'alguns portos de mar.

Se em vez de querermos consignar o facto de se distribuirem os peixes em camadas sobrepostas, ou em andares, quizessemos ostentar erudição e avançar proposições sem o indispensavel fundamento, facil nos seria, attendendo ao peso especifico das aguas dos rios e dos mares; á pressão que exercem as camadas superiores sobre as que mais proximas ficam do fundo; á acção do sol e do ar; á agitação differente dos differentes stratos; á fórma e volume dos peixes, etc., expor uma theoria mais ou menos elegante e verdadeira para explicar o phenomeno.

Contentemo-nos com reconhecel-o e admiremos a sabedoria de Deus, que em todas as suas obras associou o bom com o bello.

Ingratos e muito ingratos tem sido os homens para com tão dadivoso Pae; ingratos fechando os olhos e não querendo admirar a sua sabedoria infinita, que em tudo se revela; ingratos, se não rematados loucos, negando ás vezes a existencia do Creador, e invocando como causa e origem de tudo o acaso, que é o nada, a ignorancia, as trevas, a negação do poder, da força, da intelligencia, do amor; ingratos utilisando os immensos e inexgotaveis dons que o bom Deus lhes faculta a plenas mãos, sem ao menos erguerem agradecidos o espirito ao ceo, propondo-se o empenho de bem-merecerem tantos favores; ingratos até na maneira verdadeiramente selvatica como, assoberbados ou pela cubiça, ou pela ignorancia, quando não é por uma e por outra, sacrificam, malbaratam, e parece pretenderem annullar as fontes de riqueza que para seu regalo e abastança creou a Divindade.

Haja vista as scenas de vandalismo que todos os dias se presenceiam por esse reino, e principalmente a poucos metros da capital, nas proprias aguas que a banham, e em que ella, donairosa e bella, se espelha; scenas vandalicas, de que são complices não só os que, a troco de alguns ceitis, vão sacrificando com as redes de arrastar, e com os *cercos*, ainda mais damnosos, riquezas incalculaveis, mas o governo, as auctoridades locaes, os homens bons das terras em que por esta fórma se exerce a industria da pesca, e até os escriptores, que pospõem este gravissimo ponto a outros muito somenos.

Pela nossa parte, cumprimos o dever que nos impõe a profissão de escriptor, protestando contra a selvageria, de que temos sido testimunha, de se matarem milhões e milhões de peixes pequenissimos, inuteis pelo seu pouco desenvolvimento, para, á custa de tamanha riqueza esbanjada com parvoa indifferença, se realisarem uns miseraveis tostões.

D'aqui pedimos aos poderes publicos; aos sacerdotes, que no pulpito e no confessionario muito podem dizer a este respeito; a todos, em summa, que poderem obviar este mal, que não poupem esforços para que, pelo menos, se respeite a legislação que regula as pescas, a fim de que a espantosa escassez de peixe, que já hoje nos affige, se não aggrave, antes seja remediada sem sacrificios que a nação não póde fazer.

SOUSA TELLES.

MARCOS ANTONIO PORTUGAL

(Vid. pag. 241)

II

Na cidade de Lisboa ou em suas circunvisinhanças, aos 24 de março de 1762, nasceu, e foi, como é de crer, baptisado pouco depois um menino, que, recebendo então o nome de Marcos, veiu a ser pelo tempo adiánte conhecido pelo de Marcos Antonio da Fonseca Portugal [1], até que elle proprio o encurtou em annos mais tardios, passando a assignar-se *Marcos Antonio Portugal*, ou simplesmente *Marcos Portugal*.

De principio alludimos n'este estudo ás contrariedades que já por via de regra nos impecem em nossas investigações. Se ellas não fossem, ser-nos-hia possivel, percorrendo os cartorios de todas as parochias de Lisboa, e n'elles os registos baptismaes da epocha alludida [2], encontrar no assento do baptismo do nosso *maestro* não só a indicação precisa do local do seu nascimento, mas, provavelmente, algumas noticias de seus progenitores, cujos nomes e condições são de todo ignorados.

Não podêmos dar credito á asserção de Fétis, repetida por todos os biographos que servilmente o copiaram, de que era *Simão* o cognome ou appellido de Marcos. Não nos consta que entre nós esse nome servisse jámais de appellido a familia alguma. Ao que parece, houve n'isto equivocação com o nome proprio do irmão de Marcos, que assim se chamava, e que, seguindo egualmente a profissão musical, passára tambem ao Brasil, onde falleceu [3].

Sabe-se que, além d'este irmão, tivera ainda Marcos uma irmã unica, a qual, chegada á edade nubil, se desposára com outro distincto compositor, Antonio Leal Moreira, tambem digno de honrosa memoria em nossos fastos musicaes.

Raramente os genios predestinados pela natureza para grandes coisas deixam de revelar desde logo as felizes disposições do talento. Felizes, quando a fortuna se não apraz de contrarial-as, como em mal acontece frequentes vezes, forçando a succumbir as vocações nascentes aos golpes da adversidade, ou desviando-as para errado e tortuoso caminho, onde sentem fugir-lhes a vida inutil e ingloriosa!

Diverso foi, porém, o destino do nosso Marcos, a

1 Assim o vemos denominado em algumas peças dramaticas com musica de sua composição, que possuimos impressas, e foram cantadas no theatro do Salitre em 1788 e 1789, as quaes teremos de mencionar em logar proprio.

2 A nosso rogo, e empenhado por servir-nos, commetteu o sr. Joaquim José Marques essa indagação a pessoa de confiança, e que a ella se prestou, sendo-lhe facil por suas circunstancias o que para nós se tornava pouco menos que impossivel. Houve, porém, o desgosto de ficar baldado o trabalho, pois que, examinados os cartorios de quasi todas as freguezias de Lisboa, em nenhum d'elles appareceu o assento procurado!

3 Vid. Balbi, no *Essai statistique*, tomo II, pag. CCVII. Affirma-se que Simão Portugal, sobre ser bom compositor para peças soltas, taes como arias e duetos, na qualidade de pianista sobreexcedia ao irmão.

quem, favorecido da sorte, não escassearam meios e recursos para attingir o grau condigno á especialidade do talento com que a natureza o dotára. Mal entrado na puericia, começou n'elle a desenvolver-se a inspiração musical, como que balbuciando ao mesmo tempo as notas e as palavras. A musica andava então mui valida na corte, e era cultivada nos seus differentes generos. El-rei D. José, a cujos ouvidos não chegavam as reflexões do bispo do Pará [1] e de outros taes descontentes, que o taxavam de perdulario por *esbanjar* (como hoje se diz) os dinheiros publicos em gastos superfluos e funcções apparatosas, attrahia com mão larga os mais insignes cantores e instrumentistas de Italia [2], sem que deixasse de remunerar, ainda que mais parcamente, os nacionaes que se distinguiam n'esta arte, que fazia as suas delicias. Os saraus dos paços da Ajuda e de Salvaterra, e as festas da patriarchal, brilhavam com esplendor, e davam brado por toda a Europa culta [3]. A profissão da arte era, pois, honrosa e lucrativa; e os paes de Marcos, provavelmente pouco abastados, entenderam que, aproveitando as felizes disposições do filho, lhe abriam de futuro uma carreira vantajosa.

N'este presupposto começou elle os seus estudos, entrando em 1770, aos oito annos de edade, no seminario patriarchal, para ahi aprender os rudimentos da arte a que se destinava [4]. A isto alludem os seus biographos, quando erradamente nos dizem «que elle recebêra as primeiras lições em um convento de Lisboa.»

Dirigia por aquelle tempo as aulas musicas do seminario João de Sousa de Carvalho, que, havendo regressado da Italia, onde, a expensas da liberalidade régia, fôra aperfeiçoar-se na sciencia juntamente com Jeronymo Francisco Lima, Braz Francisco Lima e outros, viera communicar aos seus patricios as luzes adquiridas. Foi elle, ao que se affirma, o primeiro que entre nós deu aos compositores regras fixas e seguras para adaptar a instrumentação á musica vocal [5].

Rapidos foram os progressos de Marcos sob o ensino de tão habil professor, começando logo a distinguir-se, concitando a estima do mestre e a admiração dos condiscipulos, e supprindo com as inspirações do genio a escassez dos annos. Entre esses condiscipulos, a quem servia de exemplo e emulação, se contava, cremos, o já mencionado Antonio Leal Moreira, que contrahíra com elle estreita amizade, e mais tarde parentesco, unindo-se a sua irmã pelos laços do consorcio [1].

Como os estudos musicos dos seminarios se encaminhavam principalmente a preparar cantores e instrumentistas para o serviço da egreja, foi na musica sacra que Marcos Portugal teve de manifestar as primicias do seu adiantamento. Diz Fétis, e o repetiram outros, ignorâmos sobre quaes fundamentos, *que algumas cançonetas italianas, e algumas arias com orchestra, que escrevêra para o theatro de Lisboa, foram os seus primeiros ensaios*. Declarâmos, comtudo, não haver até agora encontrado em parte alguma memoria ou vestigio de taes composições. O que sim sabemos, por ser o proprio Marcos que nol-o diz em um catalogo por elle escripto em Lisboa, comprehendendo todas as suas obras até 1809, e ao qual teremos mais vezes occasião de alludir, é que a primeira em data ahi mencionada vem a ser um *Miserere* a quatro vozes e canto de orgão, escripto sem destino particular no anno de 1776 (contava então quatorze de edade), seguindo-se a este uma *Ladaínha*, tambem a quatro vozes, com acompanhamento de cravo, feita para o seminario em 1779. Após esta, e pelos annos de 1780 a 1782, varios psalmos (inclusivè outro *Miserere* a cinco vozes) destinados para a patriarchal, com algumas antiphonas, responsorios, etc. Vem tambem pelo mesmo tempo duas missas com instrumental, outras para a capella real de Queluz, e nos annos de 1783 e 1784 outras duas a canto de orgão para a patriarchal, etc., etc.

1 Vid. as *Memorias* do referido bispo, dadas recentemente á luz pelo sr. Camillo Castello-Branco.

2 O castrado Gizzielli, ou Egypcielli, recebia em Lisboa, pelos annos de 1761, de ordenado annual a bagatela de 14:400$000 réis.

3 Vid. as *Memorias* citadas, pag. 185.

4 Enganado talvez por erronea intelligencia do que lêra em Balbi, (tomo II, pag. 74), alguem teve para si, que a eschola denominada *seminario musical* fôra fundada em Lisboa no reinado de D. Maria I. É manifesta a equivocação. O estabelecimento d'aquella eschola de musica data do certo del-rei D. João V, e conservou-se sem interrupção até o anno de 1834, em que passou a ser annexada á casa-pia de Lisboa, e pouco depois encorporada no conservatorio dramatico (hoje real) de Lisboa. Quando aquelle soberano, *senhor legitimo das honras, vidas e fazenda de seus vassallos*, dispendeu quantiosissimas sommas, afervorado no empenho de transportar para Lisboa as maravilhas da Roma papal, erigiu, como é sabido, a egreja patriarchal, em cuja organisação e serviço se patenteava o proposito de assimilhar a capella dos reis de Portugal ao Vaticano. Foi então que, para serviço da mesma egreja, fundou em Lisboa, dotando-o de abastados rendimentos, e fazendo-o confirmar por bulla de Benedicto XIV de 21 de julho de 1741, o seminario patriarchal, em cujas aulas os seminaristas aprenderiam latim, ritos e ceremonias ecclesiasticas, musica, e todo o mais necessario para os que se habilitassem ao serviço da patriarchal. Este instituto, estabelecido de principio no palacio dos antigos arcebispos de Lisboa, passou depois para outros logares, e padeceu diversas vicissitudes, não sendo a menor as consequencias do terremoto de 1755.

Quando a patriarchal foi definitivamente collocada na Ajuda, para ahi passou tambem o seminario, cujos estudos se restringiam por esse tempo aos do latim e musica, e foi n'elle que aprenderam e ensinaram os nossos mais distinctos mestres do passado e do presente seculo. Em 1780, a rainha D. Maria I fez reinstaurar o antigo seminario sob o titulo de collegio de Nossa Senhora da Conceição do patriarchado, dando-lhe casa em Santarem; porém o seminario de musica continuou a permanecer na Ajuda, até ser em 1834 annexado (como dissemos) á casa-pia, que então se transferiu do extincto mosteiro do Desterro para o dos Jeronymos, em Belem.

Era reitor um conego da patriarchal, e havia ordinariamente cinco mestres de musica, que ensinavam a solfa, canto, musica instrumental e contraponto. O primeiro professor percebia de ordenado annual 600$000 réis; os dois immediatos 400$000 réis cada um; e dos outros dois ignorâmos ainda os vencimentos. O numero de discipulos no começo d'este seculo orçava regularmente de quinze a vinte em cada anno.

5 João de Sousa de Carvalho foi natural do Alemtejo. O seu reconhecido merito lhe attrahiu o favor da corte, succedendo a David Perez no honroso cargo de mestre de musica das pessoas reaes. Deu como tal lições á princeza do Brasil D. Maria Benedicta, aos principes D. José e D. João, e infanta D. Marianna Victoria, filhos da rainha D. Maria I. Dedicando-se de preferencia ás composições theatraes, escreveu grande numero de peças lyricas, que foram cantadas com applauso nos palacios regios por occasião dos anniversarios da familia real. Não virá fóra de proposito dar aqui a lista chronologica das que encontrâmos impressas:

Amor industrioso: opera cantada no paço da Ajuda pelos musicos da real camara em 1763.

Eumene: idem, no mesmo paço em 1773.

O monumento immortal: drama allegorico em portuguez, cantado na sala da junta do commercio, em Lisboa, a 8 de junho de 1775, na solemnidade por occasião da inauguração da estatua del-rei D. José.

Angelica: opera cantada no paço de Queluz em 1778, para solemnisar o anniversario da princeza do Brasil, D. Maria Benedicta.

Testoride argonauta: idem, no mesmo paço em 1780.

Seleuco, re di Siria: idem, no mesmo paço, festejando os annos de D. Pedro III, em 1781.

Everardo II, *re di Lithuania:* idem, 1782.

Tomiri: idem, 1783.

Endimione: idem, 1783.

Adrasto, re de gli Argivi: opera cantada no paço da Ajuda para celebrar o anniversario de D. Pedro III.

Neptuno e Egle: fabula pastoril cantada no paço da Ajuda, na solemnidade do casamento dos infantes D. João e D. Carlota Joaquina, em 1785.

Alcinoe: opera cantada no mesmo paço em 1787.

Numa Pompili, re di romani: serenata cantada na Ajuda em 1789.

1 Peza-nos que, á falta dos elementos necessarios, não possamos tambem dar noticias circunstanciadas d'este nosso *maestro*, digno de mais detida commemoração, e cujo nome nem sequer chegou ao conhecimento de Fétis, pois o vemos totalmente omittido na *Biographie universelle*, figurando n'ella os de tantos que muito menos o mereciam. Antonio Leal Moreira, nascido, segundo se affirma, em Lisboa, e fallecido, ao que parece, haverá trinta ou poucos mais annos, foi notavel por seu talento musico, mestre do real seminario, e distincto compositor da camara real e do theatro de S. Carlos, onde com acceitação se representaram varias operas suas. D'ellas achámos impressas, em poder do sr. J. J. Marques, as seguintes:

Siface e Sofonisba: opera cantada no palacio de Queluz a 5 de julho de 1783, anniversario de D. Pedro III.

L'iminei di Delfo: drama allegorico cantado em 12 de abril de 1785 no paço da Ajuda, para festejar os casamentos dos infantes.

Esther: oratoria representada no paço da Ajuda em 1786.

Gli eroi spartani: opera representada em Queluz a 21 de agosto de 1788, anniversario do principe D. José.

Gli affetti del genio lusitano: drama allegorico cantado na casa-pia do Castello em 1789, para celebrar as melhoras do principe D. João.

Il natal augusto: drama allegorico cantado a 17 de maio de 1793 no palacio de Anselmo José da Cruz Sobral, para solemnisar o nascimento da princeza D. Maria Theresa.

A saloia namorada: drama ou burletta em portuguez, cantado no theatro de S. Carlos em 1793, no beneficio do celebre castrado Domingos Caporalini.

A vingança da cigana: burletta em portuguez, cantada no mesmo theatro em 1794, em beneficio do sobredito Caporalini.

L'eroina lusitana: opera representada em S. Carlos em 1795.

Continuando a guiar-nos pela narrativa de Fétis, á falta de documentos melhor averiguados, diremos que recebêra tambem lições de canto de um italiano chamado Borselli, cantor da opera em Lisboa (onde aliás não havia por aquelles tempos theatro italiano, desde que em 1774 se mallográra a empreza do da rua dos Condes com a expulsão da celebre Zamperini [1]), e que ouvíra as de contraponto de um Orão (nome desconhecido, e que, pelo menos, parece estropeado), segundo mestre de capella da cathedral. Mais se affirma que fôra este Borselli que, tendo deixado Portugal para ir a Madrid, levára comsigo Marcos, e ahi lhe obtivêra o logar de acompanhador ao cravo na opera italiana. Que durante a sua estada n'aquella capital, o embaixador portuguez, encantado pelo genio que n'elle divisava para a musica dramatica, lhe proporcionára os soccorros necessarios para transportar-se a Italia, onde, com effeito, chegára em 1787.

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

TAVIRA

HOSPITAL DO ESPIRITO SANTO

Se a remota origem de uma terra póde servir a esta de brazão de nobreza, com mais razão se deve julgar nobilitada pela antiguidade de um estabelecimento de caridade ou instrucção publica. Aquelle brazão é, certamente, um titulo honorifico, de vangloria para os habitantes, de muito apreço para os archeologos, mas de pouca valia para o philosopho. É uma vantagem casual, como no homem o privilegio inherente ao nascimento. Porém a fundação de um estabelecimento de caridade ou de instrucção publica é um documento irrecusavel de progresso, e, por essa razão, quanto mais antigo for, tanto maior lustre d'ahi resulta para a povoação que o possue. A ancianidade dos esforços de um povo para o seu desenvolvimento moral e aperfeiçoamentos sociaes é, inquestionavelmente, o mais nobre de todos os seus titulos; o mais apreciavel para os homens estudiosos e pensadores, qualquer que seja o ramo da sciencia que cultivem; e o mais aceito, devemos crel-o, do Omnipotente, porque, creando o homem á sua similhança, e illuminando-lhe a alma com a centelha divina da razão, deu-lhe o trabalho por missão na terra, o trabalho, que é o elemento de todos os aperfeiçoamentos humanos.

São muitas as povoações que se honram em o nosso paiz com a posse antiquissima de algum d'aquelles estabelecimentos. Os annaes da instrucção publica em Portugal começam no principio da monarchia, e tem por fundadores os mosteiros e as sés; mas os da caridade tem origem ainda mais antiga, e nas suas paginas estão inscriptas quasi todas as terras do reino. Quando o vencedor de Ourique cingiu a sua fronte gloriosa com a coroa real, já eram muito numerosos no paiz os estabelecimentos de beneficencia, que, com o nome de albergarias, recebiam e tratavam gratuitamente os enfermos pobres, ou agasalhavam pelo amor de Deus os peregrinos e viandantes fatigados ou desvalidos. N'este assumpto, como em outros não menos importantes, levaram os portuguezes, no caminho da civilisação, dianteira a nações que hoje se ufanam de mais cultas que Portugal.

Pelas considerações que deixâmos expendidas, bem se póde julgar quanto interessa a uma terra, que conta dentro dos seus muros uma d'essas instituições, averiguar e esclarecer a origem d'ella. Entretanto, são muitas as que, achando-se n'aquelle caso, ignoram a historia da fundação de taes estabelecimentos.

[1] Vid. o *Hyssope*, poema heroi-comico, de pag. 185 a 189, da edição de Paris, 1821.

Para algumas povoações essa ignorancia é desculpavel, porque procede de extravio de documentos, o que, infelizmente, é muito commum em um paiz como este nosso, que tem sido tão assolado por terremotos e por invasões estrangeiras. Para outras é o resultado de não ter havido pessoa intelligente, e zelosa da honra da terra, que faça as convenientes investigações nos archivos da localidade.

A cidade de Tavira, que floresceu sob o dominio dos romanos com o nome de *Talabriga*, cujos fastos, por conseguinte, se ennobrecem com tantas memorias de remotissima antiguidade, ainda não tinha bem averiguado, até ha pouco tempo, a historia da fundação do seu hospital do Espirito Santo.

O padre Antonio de Carvalho, que tanto se dedicou ás investigações archeologicas, tratando da cidade de Tavira na sua *Chorographia portugueza*, nada diz ácerca d'este estabelecimento de caridade. Tambem o auctor da *Chorographia do Algarve* não elucida satisfatoriamente a questão, apesar de tratar d'este reino com muito mais desenvolvimento e miudeza do que o padre Carvalho o trata na sua *Chorographia*.

Deve-se ao zelo e diligencias do sr. José Vaz Guerreiro de Aboim a descoberta dos documentos que esclarecem completamente o assumpto, pelo que diz respeito á fundação do hospital. D'estas suas investigações, e da descripção do hospital, fez o sr. Guerreiro de Aboim uma interessante e noticiosa memoria, com a qual brindou a empreza do *Archivo Pittoresco*, juntando-lhe uma photographia do edificio do dito estabelecimento, de que é cópia a gravura que adorna este numero.

O adiantamento em que vae este volume, e a necessidade que temos de reservar logar para a conclusão de diversos artigos, e para a publicação de outros, reclamados pela natureza e programma d'este semanario, impedem-nos de inserir aqui aquella memoria na sua integra, por ser extensa; mas copiaremos ou extractaremos d'ella o mais principal, como segue:

«Quando em setembro de 1858, quebrando o proposito que formára, no meu regresso do Rio de Janeiro, de não servir onde a lei me não chamasse, aceitei, a instancias de amigos, a eleição para o cargo de escrivão da mesa do hospital, fui alli encontrar uma antiga tradição, que refere que dois irmãos, de profissão almocreves, haviam estabelecido na rua de Santo Antão uma albergaria, em que recolhiam os pobres viandantes, e os tratavam se por acaso adoeciam.

«Em que anno, porém, começou este pequeno estabelecimento; se foi devido á iniciativa d'estes dois homens, ou de outros particulares, como eu me inclino a crer; ou á do estado, como alguns pretendem; por que maneira passou a cargo da confraria ou confrarias que depois se formaram, ou se foram estas que o instituiram, são coisas que não podémos affirmar, por nos faltarem documentos que nos sirvam de base.

«Entretanto, uns apontamentos que se acham escriptos em um dos tombos da casa chamada do Tello, que datam de 1698, referem-se a um livro pequeno, escripto em pergaminho, que estava no armario dos privilegios, pelo qual constava que a primitiva fundação já existia antes de 1430.

«O archivo, que fôra mui rico em documentos, que hoje seriam de maximo interesse, está reduzido a bastante penuria, pelo desleixo dos que d'elle tratavam, e até talvez porque muitos dos principaes documentos fossem juntos aos autos de diversas questões que o hospital sustentou, nos principios do seculo XVI, com o bispo de Silves, e muito posteriormente, por differentes vezes, com os provedores da comarca, todas ellas relativas á manutenção dos seus numerosos privilegios e immunidades, nas quaes sempre saiu victorioso.»

Passando a descrever o estado de desordem e con-

fusão em que encontrou o archivo, o que o obrigou á improba tarefa de o coordenar e classificar, apresenta o sr. Guerreiro de Aboim uns documentos que alli descobriu, com os quaes poz em toda a evidencia a epocha da fundação do hospital.

São cinco os documentos, escriptos em pergaminho, nos caracteres gothicos usados n'aquelle tempo. Apesar de se acharem estes documentos muito deteriorados, foram interpretados e postos em vulgar, a pedido do sr. Guerreiro de Aboim, pelo sr. José Francisco Marques Freire, da mesma cidade de Tavira, cavalheiro mui versado em paleographia. O mais antigo d'estes documentos é a seguinte carta ou alvará del-rei D. Affonso v:

«D. Affonso, por graça de Deos, rei de Portugal e dos Algarves e senhor de Ceita, a quantos esta carta virem fazemos saber, que os cavalleiros, escudeiros e homens bons do concelho de Tavilla nos enviarão dizer, que podo haver uns oito annos, que em a dita villa fizerão uma confraria em honra de Santa Maria, por um milagre que fez, por bem da qual confraria lhe dizem cada segunda feira uma missa offertada, tendo todos os confrades cirios nas mãos, afóra outros grandes que estão sempre accesos, em quanto se diz a dita missa, e que, por quanto dispendiam muita cera, compraram na serra um logar em que tem uma malhada de colmêas, de que ha cera para os ditos cirios. E porque não acham homem, que lhe tenha cargo das ditas colmêas; e isso mesmo outro que seja mordomo da dita confraria, que lhe é compridouro, salvo se lhe outorgamos para ello um privilegio, porque os escusemos de todolos nossos encargos, servidões, e do concelho, nos pediam por mercê que lhe outorgassemos o dito privilegio. E visto por nós seu requerimento, e querendo-lhes fazer graça e mercê, por esmola á honra de Santa Maria, temos por bem e queremos, que dous homens, convem a saber, um que seja mordomo da dita confraria, e outro que tenha cargo de correger as ditas colmêas, e em quanto tiverem os ditos cargos, sejam escusados de servir em todos os nossos encargos e servidões, nem do concelho da dita villa, e isso mesmo queremos que tãobem sejam escusados de pagarem nossos pedidos, peitas, fintas, talhas, aprestamos e serviços, que por nós ou por o concelho são ou forem lançados daqui em diante. Porem mandamos ao corregedor e contador do dito reino, e aos juizes da dita villa, e aos nossos sacadores e recebedores dos nossos pedidos, e a outros quaesquer officiaes e pessoas, a quem o conhecimento deste pertencer, que hajam os ditos dous homens daqui em diante por escusados dos ditos cargos, servidões e pedidos, como dito é, e os não constranjam pera cousa alguma d'elles, dos quaes homens escrevam os nomes no livro da vereação, pera se saber quaes são, e se por ventura morrer algum, ou fallecer por outra alguma maneira, queremos que os ditos confrades possam poer outro em lugar delle, em guiza que sejam sempre dous e mais não. E assim mandamos que lhes cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar esta nossa carta pela guiza que em ella é conteudo, sem outro embargo; e uns e outros al non façades; e esta carta lhes não guardareis se assellada não for. Dada em a cidade d'Evora aos 16 de Janeiro. Lopo Fernandes a fez, anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1450 annos.»



Hospital do Espirito Santo, em Tavira

Este documento declara a data da instituição da confraria, que foi no anno de 1442. A da fundação do hospital consta de outros documentos, dos quaes fallaremos no seguinte numero.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

O ESCUDEIRO DE NUNO ALVARES

I

UMA ALVORADA DE CASTELHANOS

Estava a terminar o primeiro canto d'essa gloriosa *Iliada* portugueza, que teve por Achilles Nuno Alvares Pereira, por Ulysses o doutor João das Regras, e em que o mestre de Aviz representou, de certo, um papel ainda mais glorioso do que o de Agamemnon. A nacionalidade portugueza manifestára-se já de um modo deslumbrante; o povo fizera a sua apparição na scena da historia; e o rei de Castella, suspenso diante da inexpugnavel Lisboa, começava a perceber o que é e o que vale o patriotismo.

Estava quasi a findar o mez de setembro de 1384. Durante o espaço de um anno, que tropel de grandes acontecimentos n'este canto occidental da Europa! Morrêra el-rei D. Fernando em outubro de 1383, deixan-

do, como ultima consequencia da sua desastrosa politica, a herança de Portugal a sua filha, rainha de Castella, a regencia do reino a sua esposa, a adultera e criminosa Leonor Telles. O povo começára protestando surdamente contra o testamento que o entregára aos castelhanos, a nobreza mostrára-se decidida a não acceitar a preponderancia do conde Andeiro, amante reconhecido da rainha viuva. O mestre de Aviz apparecêra, como instrumento providencial, para satisfazer os odios da fidalguia e as aspirações do povo. A punhalada que vibrára nos paços de S. Martinho livrára o reino do valido odiado; a fuga para Alemquer de D. Leonor, que ardia em desejos de vingança, deixára o campo livre ao mantenedor da nacionalidade portugueza. Debalde os fidalgos, reconsiderando, e vendo que ao valido da rainha que odiavam succedêra um valido do povo que temiam, fizeram causa commum com D. Leonor e com os castelhanos, que ella chamára em seu auxilio. O povo, quasi inerme, e *de ventres ao sol*, como diz Fernão Lopes, tomára os castellos defendidos pelos homens d'armas, e erguêra-se em massa para defender a independencia portugueza. Nuno Alvares Pereira estreára a campanha no Alemtejo, ganhando a batalha de Atoleiros; Lisboa, durante quatro mezes cercada, e commandada pelo mestre de Aviz em pessoa, repellíra todos os assaltos do rei de Castella, e soffria heroicamente as torturas da fome sem pensar em render-se. É verdade que ao mesmo tempo assolava a peste o arraial castelhano, e avisava o esposo de D. Beatriz de que não poderia prolongar o seu obstinado assedio.

Nos ultimos dias de setembro o aspecto de Lisboa era soturno. A fome chegára ao seu paroxismo; já tinham sido expulsos da cidade os judeus e as meretrizes, como as primeiras bocas inuteis que era licito sacrificar em taes apuros. Apesar d'isso, mulheres e crianças morriam á mingua, e apresentavam aos defensores da cidade um lamentoso espectaculo; grupos macilentos e desvairados esgaravatavam a terra nos sitios onde se vendiam cereaes quando cereaes havia, para encontrarem alguns pobres grãos de trigo que lhes enganassem a fome. Os soldados, resolutos, mas tristes, relanceavam um longo olhar para o Tejo, pedindo á Providencia o inesperado soccorro. Debalde! O rio estava atulhado de navios castelhanos, por entre os quaes nem um barco se podia escoar; a bandeira castelhana tremulava tambem em Almada. Todos os horisontes cerrados, e em nenhum d'elles fluctuavam, mesmo vagamente, as roupas aéreas d'essa divindade consoladora que se chama Esperança!

Se elles, comtudo, podessem estar, na madrugada em que se abre esta narrativa, nos arredores de Almada, presenciariam um espectaculo que de certo os rejubilaria. Nós, que temos, como romancista, o dom da ubiquidade, transportar-nos-hemos ao sul do Tejo e veremos o que por lá se passa.

Vinha rompendo o sol, e os seus raios alegres doiravam as cumiadas dos montes sobranceiros ao rio, e scintillavam nas limpidas aguas que beijavam amorosamente as quilhas das galés castelhanas. Indolentes como quem se julgava seguro, regalavam-se os castelhanos dormindo *la grasse matinée*, como os francezes, seus alliados, diziam, nas poisadas onde se alojavam em Almada, Cacilhas e nas aldeias circunvisinhas. Subito um grito os sobresalta: *Armas, armas, Castilla, Castilla!* brada-se pelas ruas já cheias de sol. Logo em seguida ouve-se o pesado tropear de cavallos acobertados de ferro; logo depois o tinir das espadas, o gemido dos moribundos, os gritos dos combatentes. Levantam-se á pressa, ainda sem saberem o que os desperta; aqui um castelhano, no trajo primitivo de Adão e Eva, mas de espada em punho, procura o inimigo; outros fogem em habitos menores; aqui apparece um sem gibão, outro vestiu dois á pressa. «Mas o que é?» perguntam todos. E um outro grito lhes responde: «Nuno Alvares, Nuno Alvares.» O nome do joven heroe transforma em terror panico o sobresalto; pela ingreme encosta que vae ter a Almada arroja-se a turba fugitiva, galga-a espavorida, atropella-se, uns fatigam-se e caem pisados aos pés pelos que os seguem; a onda sobe, sobe sempre como as aguas de uma inundação. Já sentem o resfolegar dos cavallos dos soldados de D. Nuno. Jesus! aquella massa confusa, que o sol nascente illumina com espanto justificado pela variedade dos trajos, que todos alli se encontram, desde a nudez primitiva até á ferrea vestimenta de um guerreiro da edade média, faz um ultimo esforço, galga gemendo o monte, precipita-se no castello, entra, cerram-se as portas, e os cavallos offegantes dos portuguezes, cobertos de suor e brancos de espuma, estacam de improviso diante do muro impenetravel da fortaleza.

— Corpo de Deus, senhores castelhanos, brada uma voz forte, ainda que entrecortada pelo cançaço, não tardará a desforra.

Era Nuno Alvares que assim fallava; Nuno Alvares, que galopára dia e noite, seguido por um punhado de homens d'armas, desde Evora até á margem do Tejo, para dar esta desagradavel alvorada aos soldados do rei de Castella.

A temeridade fôra grande; a pequena hoste que cercava o futuro condestavel, e que tal panico espalhára entre os castelhanos, formava um esquadrão de duzentos cavalleiros, quando muito.

— Já que tão alto subimos, continuou Nuno Alvares, mostremo-nos bem a amigos e a inimigos.

E, dando volta ao cavallo, encaminhou-se para a eminencia que domina o Tejo como um terraço natural.

Quando soffrearam os ginetes á beira do abysmo, todos soltaram involuntariamente um grito de admiração.

A modesta cidade de D. Fernando desdobrava-se nas collinas da margem fronteira, entre o sitio onde hoje se levanta o arsenal do exercito e o largo do Corpo-Santo. O sol banhava as pinhas de casas que se desdobravam pelas encostas dos montes n'este limitado espaço comprehendidos. As setenta e sete torres da cêrca desenhavam na pura atmosphera os seus bellicos perfis. Em volta da cidade, a certa distancia da muralha, e começando em Santos, desenrolava-se o arraial castelhano, alinhado e resplandecente como outra cidade improvisada. A oeste de Lisboa erguiam-se as collinas, hoje tambem cobertas de casaria, então vestidas apenas de verdura. Em baixo o rio deslisava magestoso e sereno. Cobria-o diante da cidade uma floresta de mastros, cerrada como um arvoredo virgem: era a esquadra castelhana. O sol doirava os differentes planos d'este quadro variegado, e envolvia no manto luminoso esse panorama, que alegrava os olhos de quem não sabia os horrores que occultava.

Depois de um instante de muda contemplação, Nuno Alvares, voltando-se para os seus, exclamou, procurando reprimir a commoção que lhe fazia tremer a falla:

— Senhores, saudemos a cidade heroica! Honra ao seu heroico chefe! Real, real, pelo mestre de Aviz!

— Real! real! bradaram os cavalleiros agitando as espadas.

E logo a pequena hoste se formou em linha de batalha; os cavallos, impacientes, alinharam-se, escarvando o chão, á beira do abysmo, sobre o qual de longe pareciam suspensos. O alferes, collocando-se no centro, desenrolou á brisa o seu pendão ovante; os raios do sol reflectiram-se, como em espelhos polidos, n'essa longa linha de ferro formada pelas cervilheiras e os elmos.

— Real, real, pelo mestre de Aviz! bradaram de novo os cavalleiros.

E as suas espadas accenderam no ar como que um longo rélampago. E as trombetas, erguendo a sua voz estridula, enviaram a Lisboa uma saudação festiva.

Respondeu-lhe ao longe um vago echo, como que um longo murmurio. Era o grito de jubilo soltado pelo povo de Lisboa, apinhado nos caes, e que n'esses lampejos indecisos, que fuzilavam aos raios do sol na margem fronteira, adivinhára as espadas robustas, as invulneraveis coiraças de Nuno Alvares.

— Oh! meu valente irmão d'armas! murmurava Nuno lançando para Lisboa os olhos arrasados d'agua. Dera dez annos da minha vida para poder agora combater ao teu lado.

— Oh! Alda! Alda! murmurava Affonso Eanes, um dos mais novos entre os escudeiros de Nuno. Dera a minha vida inteira para que este rio que nos separa me levasse a teus pés, e me permittisse poisar um beijo só nos teus labios.

E suspiraram ambos, o namorado escudeiro, e o heroico fronteiro de Entre Tejo e Odiana, cuja amante querida era a gloria.

Algum tempo se conservou a hoste n'aquella attitude soberba. Depois Nuno Alvares enterrou as esporas no cavallo, e, seguido pelos seus, galopou em direcção a Cacilhas.

N'essa mesma noite estava em Palmella.

II

AS ALMENARAS DE PALMELLA

Era uma noite sem lua; Lisboa dormia, se se póde chamar dormir á tregoa rapida que o soffrimento concede. Um plumbeo silencio pesava sobre as tortuosas ruas da cidade, silencio cortado aqui e além por alguns gemidos flebeis, que se exhalavam dos sitios onde penavam as victimas da fome, e pelos gritos de álerta dos atalayas que velavam nos muros, e cuja vigilancia era fiscalisada por numerosas roldas e sobreroldas.

O rio arrastava no seio das trevas a sua corrente negrejante matizada das perolas luminosas que o ceo estrellado sobre ella semeava. O murmurio queixoso da vaga quebrando nos caes, aquella triste melopéa que preside á eterna evolução da superficie movel das aguas, despertava nos espiritos abatidos uma pungente melancolia e um desalento profundo.

No eirado dos paços de S. Martinho, onde residia o mestre de Aviz, passeiava este acompanhado por alguns dos membros do seu conselho, entre os quaes devemos notar o chanceller-mór João das Regras. O bastardo de Pedro I está inquieto, agitado, febril. Muitas vezes pára, e relanceia os olhos com certo ardor para a margem meridional do Tejo, outras vezes, chegando-lhe aos ouvidos algum gemido que se exhala do seio da cidade angustiada e oppressa, volta a passeiar com uma agitação que se trahe em palavras sem nexo, em gestos de desespero.

— Perdido! murmura elle; perdido na vespera do triumpho! Esperar! Se eu podesse esperar dois dias! A peste devasta o arraial inimigo! Depois de ámanhã, ámanhã talvez, não ha nem um castelhano diante de Lisboa! Mas esperar... como? A fome tenho-a aqui. É o espectro que me vem arrancar sem piedade da mão os loiros e o diade... Ah! se eu fosse rei!...

— Silencio! murmurou João das Regras olhando receioso para os outros fidalgos que palestravam áparte.

Mas o mestre não o ouvia.

— Se Nuno Alvares ao menos alli estivesse defronte... Se não fosse, como foi de certo, um vão sonho a visão d'esta manhã... Impossivel! Como poderia estar em Almada quando os castelhanos o apertam em Evora? Se eu te podesse aqui ter, meu fiel amigo, leal como a tua espada e valente como ella...

João das Regras franziu o sobr'olho. Nunca o chanceller-mór se póde costumar a ouvir seu amo elogiar Nuno Alvares.

Subito os outros fidalgos soltaram um grito de espanto.

— Olhae, senhor, olhae, diziam elles apontando na direcção de Palmella.

No horisonte calliginoso, no meio das trevas profundas, accendêra-se de subito uma chamma vermelha, que fulgurava ao longe como estrella-pharol que Deus fizesse surgir para illuminar o caminho aos mysteriosos navegadores do oceano dos ares. O mestre cravou os olhos com anciedade n'esse ponto vermelho que reluzia ao longe, trémulo fanal de esperança. Todos fitavam a vista no horisonte, anciosos sem saberem por quê. No silencio profundo da noite podia-se ouvir o bater dos corações dos homens agrupados no eirado, e o rumorejar das ondasinhas do Tejo, entoando o seu estribilho incessante. Não esperaram muito tempo; n'outro ponto do horisonte, a pouca distancia do primeiro, accendeu-se nova chamma, depois terceira, e outra ainda, e outra. Aquelles fachos silenciosos fulguravam de subito no ceo, como olhos esbrazeados que o ceo abria para ver as miserias terrenas. Depois as cinco estrellas rubidas permaneceram immoveis e scintillantes, como as antigas almenaras moiriscas nos pincaros das montanhas.

— É elle! é elle! bradou o mestre com enthusiasmo; é Nuno Alvares que me dá signal da sua presença, que me envia de longe a saudação e o conforto! Meu fiel paladino! cavalleiro sem mancha! Annunciam-te essas letras de fogo que escreves no horisonte, como te annunciaram esta manhã os relampagos da tua espada! Depressa, depressa! venha um facho! enviemos-lhe por cima da cidade em lucto a nossa luminosa resposta.

Logo subiram pagens ao eirado, trazendo fachos, cuja chamma ondeante ao vento projectou um clarão trémulo sobre as figuras dos fidalgos reunidos no eirado, e fel-as ondear como esses vultos das velhas tapeçarias de Arrás que a luz oscillante da lampada illumina.

Reinava profundo silencio; os pagens immoveis, como candelabros vivos, espancavam em torno de si as trevas com a luz que os fachos espargiam; ao longe palpitavam as rubidas estrellas que Nuno Alvares accendêra no horisonte.

Ouvia-se lá em baixo o manso rumorejar das aguas do Tejo.

O mestre aproximou-se do parapeito, sentou-se, e, firmando a barba na mão, cravou nos pontos luminosos que fulguravam para os lados de Palmella um olhar melancolico. Depois começou em voz baixa, como se temesse perturbar o silencio augusto da noite:

— Fadou-nos irmãos d'armas o destino! Quando elle veiu á corte, de edade de treze annos, quiz Leonor Telles vestir-lhe as armas. Não encontraram coiraça que lhe servisse, por ser criança ainda. Eu tinha então quinze annos; emprestei-lhe a minha coiraça de adolescente, e Leonor Telles, com essa mão que, banhando-se em tanto sangue, não perdeu nunca a transparente alvura, enfiou-lh'a sorrindo. Era a nossa cruel inimiga, que assim atava os laços de uma fraternidade que nunca se desmentiu! Quem nos diria, crianças descuidosas, o que havia de succeder depois! Annos tranquillos, como fugis depressa! Praias floridas, com quanta brevidade vos perdemos de vista, mal pomos o pé n'este baixel aventureiro para sulcarmos o mar procelloso da existencia!

Todos escutavam com respeito; brilhavam sempre além as chammas longinquas, e o Tejo murmurava queixoso, revolvendo no seio das trevas as suas ondas negras.

O mestre continuou com a mesma voz melancolica e saudosa, que era apenas um murmurio:

— Que valente espada aquella! que enthusiastico espirito! que ingenuo coração! Intrepido no perigo, é uma criança no trato intimo! Bravo leão para os inimigos, é para os amigos como esse leão de Androcles, de que ainda n'outro dia João das Regras me contava a historia. É um heroe antigo! Ah! mas quanto eu te invejo agora, meu fiel companheiro! Pelejas livremente, fazes brilhar ao sol dos combates a tua invencivel espada, luctas, vences, temerario e sublime! E eu, eu, encerrado n'estes muros, combatendo com um espectro intangivel, espectro que me prostra, que eu não posso domar — a fome, hei de morrer, mas de que morte! Ingloria, obscura, e sem proveito nem para o meu nome, nem para a patria.

E o mestre deixou cair a cabeça entre as mãos. Mudos e aterrados, os seus fieis cavalleiros contemplavam com profunda tristeza o desespero sombrio do heroe. Largo tempo se conservaram assim; depois, levantando os olhos para o horisonte, viram apagar-se uma das chammas, e successivamente as outras. O mestre seguiu tambem esse expirar das estrellas ficticias, e murmurou com voz cava:

— Assim morre a esperança.

Fez um gesto com a mão, e pagens e fidalgos saíram. Elle ficou sósinho, immerso nos seus pensamentos, com os olhos cravados no horisonte sem luz, até que os primeiros clarões da aurora vieram purpurear o oriente.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

VILLA DA POVOA DE VARZIM

(Vid. pag. 264)

XI

Não tem a Povoa de Varzim propriamente sociedades de credito ou companhias de seguros, mas ahi estabeleceram suas delegações e agencias o *Banco União*, do Porto; a agencia geral de emprestimos hypothecarios sobre o banco da *Companhia geral do credito predial portuguez;* a companhia de seguros *Garantia*, do Porto; e a companhia de seguros hespanhola *El Fenix*. A agencia de emprestimos hypothecarios realisa as suas transacções sob a firma commercial de Pacheco & C.ª

Em 1863 foi approvada, por alvará de 10 de junho, a creação do *Monte-pio da associação dos pescadores, artistas e agricultores da Povoa de Varzim*, para cuja realisação tinham trabalhado com incançavel esforço e louvavel perseverança os cidadãos Francisco José da Nova, conhecido na villa pela alcunha de *Capitão da Nova*, José Soares Modesto (já fallecidos), João José da Nova e Manuel de Sousa Guerra. Em 1 de março 1864 verificou-se a installação definitiva e legal d'este monte-pio, sendo por então ou pouco depois eleitos presidente o sr. Francisco Fernandes de Castro, e thesoureiro o sr. Gaspar Fernandes do Nascimento; e taes e tão importantes foram os serviços prestados por estes benemeritos povoenses á associação e á sua terra, que o proprio governo se julgou obrigado a galardoar os do primeiro, concedendo-lhe a commenda da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo.

Compõe-se o monte-pio de socios nacionaes e estrangeiros, com residencia na villa da Povoa de Varzim ou nas freguezias annexas ao concelho, quer elles se dediquem á pescaria, quer se empreguem na agricultura, ou em qualquer industria, profissão, arte ou officio; e o seu fim unico é «soccorrer os socios no transe de suas vidas, procurar os melhoramentos das classes, e tratar do livramento de seus filhos quando sejam apurados para o recrutamento militar», em harmonia com as leis do paiz. Para este fim admitte por socios bemfeitores os proprietarios e as pessoas abastadas, que se prestem com actos de philanthropia e rasgos de dedicação humanitaria a auxiliar tão benefico instituto [1].

Com relação ás vantagens de que gozam os socios pescadores, dizem os estatutos:

«Quanto aos socios pescadores:»

«1.º O socio pescador que não podér continuar no uso de sua arte, quer seja por doença incuravel e avançada edade, quer por necessidade reconhecida, perceberá d'esta associação uma diaria de 100 réis, que lhe será entregue no fim de cada semana pelo fiscal.»

«2.º O socio pescador que em serviço da pescaria tenha a infelicidade de arribar a qualquer porto do nosso ou do reino visinho, receberá pelos fiscaes ou agentes d'esta associação uma diaria de 100 réis até ao seu regresso.»

«3.º O socio pescador que por naufragio ou sinistro soffrer prejuizo total no seu barco de pescaria receberá uma quarta parte proporcional em que for avaliado o prejuizo, como auxilio d'esta associação, e poderá requerer á direcção para lhe ser confiado o restante preciso para a compra do novo barco, ficando este hypothecado e pagando d'essa quantia o juro de 3 por cento [2].»

Além d'estas vantagens, trouxe esta associação ás classes laboriosas da villa da Povoa de Varzim uma que sobresaiu a todas pela sua importancia real, e foi livrar, sobre tudo os desventurados pescadores, das garras da usura.

Obtendo em outro tempo, e nas diversas crises que padecem os pescadores, dinheiro na rázão de 50 por cento ao anno, como é sabido, depois da fundação do monte-pio não só esta classe encontrou o capital prompto e disponivel para acudir ás urgencias da vida, que são tanto mais criticas quanto menos abundante é a pesca, mas tambem a melhor vontade dos funccionarios e bemfeitores da associação, e o modicissimo juro de 5 por cento ao anno.

Foi em uma d'essas crises espantosas, que atravessam as povoações do litoral, e contristam os corações mais frios e duros, para attenuar os effeitos das quaes carece-se por vezes dos esforços e da abnegação de muitos; foi em uma d'essas crises, repetimos, que o digno presidente do monte-pio, o sr. Francisco Fernandes de Castro, acudiu a este piedoso instituto, emprestando gratuitamente a importante quantia de réis 9:024$240, conforme as notas que temos presentes, sendo tambem parte d'esta somma applicada para a compra de um palacete, onde se vê hoje o monte-pio, na rua do Bandeira, com frente para a rua da Lapa. Para amortisar o valioso emprestimo do seu presidente, o cofre social pagou já diversas prestações, na importancia de 5:449$000 réis.

A nota dos penhores effeituados desde a fundação do monte-pio é a seguinte:

1864....1:188	penhores....	2:619$435	réis
1865....2:673	»	4:713$285	»
1866....1:863	»	2:841$385	»
1867....1:352	»	2:009$765	»

Os fundadores do monte-pio, para mostrarem o seu entranhado patriotismo e o respeitoso affecto que consagram á dynastia de Bragança, pozeram nos estatutos um artigo, que deixâmos aqui registado como sincera homenagem aos louvaveis sentimentos que o dictaram. É o seguinte:

«Esta associação mandará celebrar uma missa pelo eterno descanço de todas as pessoas reaes fallecidas, pertencentes á dynastia de Bragança, nos dias de seus anniversarios [3].»

(Continúa) Brito Aranha.

[1] *Estatutos do monte-pio*, art. 1.º, 2.º e 3.º
[2] Idem, art. 8.º
[3] Idem, art. 31.º



Castello do S. Filippe, em Setubal

SETUBAL

FORTIFICAÇÕES DA CIDADE E PORTO

CASTELLO DE S. FILIPPE

I

Era Setubal outr'ora uma das povoações d'este reino mais bem fortificadas, segundo o antigo systema da arte militar.

Cingiram-n'a el-rei D. Diniz e seu filho, D. Affonso IV, com uma grossa muralha ameiada, fortalecida por altas torres quadrangulares, com sua coroa de ameias.

Abriam-se n'esta cêrca cinco portas e nove postigos. Aquellas denominavam-se *porta Nova*, *de Evora*, *dos Padres da Companhia*, *de S. Sebastião* e *do Sol*. Aos postigos dava-se o nome *de Santa Catharina*, *do Sapal*, tambem chamado o *buraco d'Agua*, *de Santo Antonio*, *do Carvão*, *da Alfandega*, *da Pedra*, *de S. Christovão*, *da Ribeira* e *das Lobas*. Esta obra concluiu-se, segundo cremos, quasi meiado o seculo XIV.

Começando a desenvolver-se n'esse mesmo seculo o commercio maritimo de Setubal com as nações estrangeiras, graças á exploração das suas salinas, e ás leis protectoras da navegação, promulgadas por el-rei D. Fernando I, prosperou e cresceu rapidamente a povoação. Portanto, em breve trasbordou por cima do cinto de pedra que a apertava, estendendo por fóra d'elle dois longos braços, um na direcção de léste, a que deram o nome de *Palhaes*, e o outro para a parte de oeste, com a denominação de *Troino*.

Até aos fins do seculo XIV não se cuidava entre nós da defensa dos portos e rios, apesar das continuas depradações que n'elles faziam os corsarios das potencias barbarescas. Pertence a el-rei D. João I a gloria de ter attendido a essa urgente necessidade da defensão do reino, começando a fortificar os portos de Lisboa e de Setubal. Logo no principio do seu reinado fundou na margem do sul do Tejo, em frente do Rastello, hoje Belem, a torre de S. Sebastião de Caparica, mais tarde denominada *torre Velha*, e ultimamente transformada em lazareto; e ao mesmo tempo, ou pouco depois, lançou os fundamentos á torre do Outão, na encosta da serra da Arrabida, sobranceira ao Sado e visinha da foz d'este rio. Executou-se esta obra no fim do seculo XIV ou logo no principio do XV.

Os descobrimentos e conquistas dos portuguezes sob os governos dos reis D. Affonso V, D. João II e D. Manuel deram animação e incremento a todas as povoações maritimas de Portugal. Setubal, em razão do seu excellente porto, foi uma das que primeiro sentiram a benefica influencia d'aquelles grandes acontecimentos. Quando o reino, por effeito de uma serie de desditas, caiu em poder dos reis de Castella, Setubal já era uma importante praça commercial, e o movimento do seu porto augmentava de anno para anno.

Estas circunstancias, que reclamavam dos poderes publicos providencias para a segurança e guarda de uma tal povoação; e por outro lado a guerra em que andava a Hespanha com varias potencias maritimas, que não perdiam occasião de affrontarem a nossa bandeira e de assolarem o nosso territorio, do que tinhamos já tantos exemplos lamentaveis nas costas de Portugal, sobre tudo nas do Algarve, bem como nas ilhas e nas outras possessões ultramarinas; todas estas razões moveram a el-rei D. Filippe II de Castella, e 1.° dos que governaram em o nosso malfadado paiz, a mandar construir uma fortaleza para defensa da villa de Setubal e do seu porto. Foi encarregado d'esta obra Filippe Terzo, ou Tercio.

D. Luiz Caetano de Lima, na sua *Geographia historica*, diz que fôra este architecto quem edificára aquella fortaleza, mas por ordem del-rei D. Filippe III de Castella.

Filippe Terzo veiu de Italia, sua patria, para Portugal no reinado de D. Sebastião, que o fez architecto

ou mestre das obras dos paços reaes no anno de 1572. Tendo acompanhado este soberano na desgraçada expedição de Africa, na qualidade de engenheiro, ahi ficou captivo. Resgatado por ordem do cardeal-rei D. Henrique, voltou para Lisboa, e aqui lhe commetteu este monarcha alguns trabalhos de pintura, em que tambem era perito. Fallecendo o cardeal-rei, Filippe II de Castella, apenas se apossou de Portugal, empregou Filippe Terzo como architecto, encarregando-o de muitas obras importantes; e em 1590 concedeu-lhe ou confirmou-o na patente de mestre das obras dos paços reaes, architecto e engenheiro.

Não ha certeza do anno em que falleceu; mas, achando-se substituido n'aquelles empregos por Leonardo Furiano em 1598, e attendendo mais á circunstancia de que tanto estava no agrado de Filippe II, que este soberano lhe deu uma commenda na ordem de Christo, cremos com bom fundamento que já então não vivia. Sendo este anno de 1598 o da morte de D. Filippe II, e havendo certeza de que fôra Terzo o architecto que fez o risco para a fortaleza, e ao qual foi incumbida a sua execução, fica demonstrado plausivelmente que não pertencem a el-rei D. Filippe III de Castella as honras de similhante fundação. O que, porém, admittimos, e temos como coisa certa, é que, não estando concluida a fortaleza ao tempo do fallecimento do monarcha fundador e do architecto Filippe Terzo, foi mandada acabar por el-rei D. Filippe III de Castella.

Terzo erigiu em o nosso paiz varios monumentos, que o acreditam como bom architecto civil: taes são, entre outros, o torreão dos paços da Ribeira, que o terremoto de 1755 destruiu; a egreja e mosteiro de S. Vicente de Fóra, em Lisboa; e os aqueductos de Villa do Conde e de Coimbra. Porém, como architecto militar, commetteu muitos erros na construcção d'aquella fortaleza, que foi dedicada a S. Filippe, com o titulo de castello.

A nossa gravura, cópia de uma photographia, dá uma perfeita idéa da fórma exterior da fortaleza, edificada sobre a montanha do seu mesmo nome. Dentro tem boa casa para o governador, os necessarios aquartelamentos e armazens, e uma grande cisterna.

Das baterias do castello de S. Filippe desfructa-se um panorama variado e formosissimo. A seus pés estendem-se as praias do Sado, sempre animadas com a presença de variados barcos e de numerosos maritimos. Mais para a esquerda está a cidade de Setubal, sentada em uma planicie á borda do mesmo rio, e circundada de pomares, que vão subindo pela encosta do monte, como querendo fazer-lhe docel de verdura. Em frente dilata-se o rio com tanta magestade, que mais parece um golpho oceanico, pois conta alli de largura perto de 5 kilometros. Depois, fazendo uma curva, lá se descobre em uma grande extensão do seu curso, correndo contra o sul, em leito apertado, pelo meio de campinas vastissimas e bem cultivadas, famosas pela sua prodigiosa fecundidade. Para a direita perde-se a vista na immensidade do Oceano. E ao longe, muito ao longe, fazendo caixilho a este painel encantador pelo lado do sul e léste, erguem-se montanhas pouco elevadas.

II

Sacudido o jugo de Castella no memoravel dia 1.º de dezembro de 1640, foi mister aos portuguezes armarem-se á pressa, para defenderem contra um inimigo poderoso a independencia, que acabavam de proclamar no meio de alvoroços e regozijos. Cuidou-se, portanto, desde logo com a maior actividade de melhorar o estado defensivo do reino. Primeiramente acudiu-se ás praças de guerra da fronteira, preparando-as e abastecendo-as de tropa, munições e viveres. Depois começou-se a tratar com muita diligencia da fortificação de Lisboa e de Setubal, e dos respectivos portos.

Conhecendo o governo del-rei D. João IV que a sorte da nova dynastia e de Portugal dependia inteiramente, como ha de sempre depender, da segurança de Lisboa, em razão de ser cabeça muito grande de um corpo mui pequeno, e de se acharem concentrados n'ella os principaes recursos do paiz para a sua defensão, projectou defender a capital com uma duplicada linha de fortes e reductos. Esta obra, apesar do muito que se trabalhou e dispendeu n'ella, ficou incompleta, como dissemos em outro logar [1].

Sendo a fronteira do Alemtejo a mais ameaçada, e por onde se temia que o inimigo, sem embargo das praças fortes da raia, ousasse avançar sobre Lisboa, como chegou a tentar, a fortificação de Setubal foi considerada um complemento da da capital. Por este motivo se lhe ligou grande importancia, e se lhe deu o desenvolvimento que vamos referir, segundo o descreve o já citado auctor D. Luiz Caetano de Lima.

«Consta a nova fortificação de onze baluartes inteiros e dois meios baluartes, que são os que se seguem: O *baluarte do Caes*, da invocação de Nossa Senhora da Conceição, dentro do qual estão os quarteis do regimento da guarnição da praça, os armazens das munições de guerra e casa da vedoria. É terraplenado dos angulos das espaldas para o flanqueado, com uma bateria lageada, onde ha boa artilheria de bronze e de ferro, de varios calibres. Tem este baluarte em roda, pela parte exterior, uma larga berma, que dá serventia ao caes, com duas escadas de cantaria e lagedo, uma para a gente e fazendas, e outra para toda a sorte de animaes. Seguem-se o meio *baluarte das Fontainhas;* o meio *baluarte de S. Domingos;* o *baluarte de S. João*, quasi acabado, com duas praças baixas; o *baluarte de Nossa Senhora do Soccorro;* o *baluarte de Jesus;* o *baluarte de Nossa Senhora da Annunciada;* o *baluarte de Nossa Senhora da Saude;* o *baluarte de Santo Amaro;* o *baluarte de S. Francisco;* e o *baluarte de Nossa Senhora do Carmo.*

«Em quanto a obras exteriores, está desenhada uma obra corna, no sitio chamado *Pedra Furada;* um forte pentagonico por cima do convento de Brancannes, onde está já outro forte da mesma figura, com o nome de *S. Luiz Gonzaga;* mas por ser pequeno, se tem desenhado outro maior que o inclua dentro como cavalleiro; e outra obra corna, communicada com o dito forte, para descobrir e flanquear o quartel de Brancannes. Uma obra corna sobre o convento das religiosas de Jesus, e a fraqueza do baluarte de Nossa Senhora da Annunciada, que é defeituoso por muito obtuso. Finalmente, outra obra corna de terra, que flanqueia o quartel dos Olhos d'Agua.»

Da cêrca de muros de D. Affonso IV apenas restam vestigios. Das obras que se executaram sob o governo da restauração, conservam-se algumas em bom estado, e outras acham-se mais ou menos arruinadas. Das projectadas, umas foram começadas, mas não progrediram; outras não chegaram a ter principio. Porém, á vista da descripção acima transcripta, poder-se-ha ajuizar da importancia que se ligou á defensa de Setubal.

Em taes circunstancias, não podia esquecer-se o governo del-rei D. João IV de melhorar as fortificações da barra do Sado. Foi, portanto, augmentada a torre do Outão, e fundadas duas novas fortalezas, uma no sitio de Albarquel, que não chegou a concluir-se, e outra na praia das Vieiras, com uma bateria, quarteis e cisterna, tudo ao presente em bastante ruina.

Trabalhando-se na fundação dos alicerces para os novos baluartes com que foi accrescentada a torre do Outão, descobriram-se preciosas reliquias da antiguidade. Vem a proposito referil-as, não só por tratarmos da reedificação e augmentos da fortaleza, mas tambem porque ainda ha pouco fallámos (a pag. 270)

[1] Vid. sobre estas obras o vol. V, pag. 233 e seguintes.

na abundancia e riqueza dos objectos archeologicos que tem sido descobertos em o nosso paiz, e da ignorancia e barbaridade com que os tem destruido ou desencaminhado.

Acharam-se, pois, n'aquellas excavações parte de uma estatua de marmore, tendo na base alguns versos em louvor de Neptuno; as ruinas de um edificio, que mostrava ter sido templo, pelas muitas architraves, fustes e capiteis de columnas, e outras pedras bem lavradas; apparecendo no meio de tudo isto uma estatua de bronze de Neptuno. Eram os restos, certamente, de um templo consagrado ao deus dos mares, como o testificaram, além d'estas duas estatuas, varias lapidas com inscripções latinas, que davam áquella serra o nome de *promontorio de Neptuno*.

Progredindo as excavações para os alicerces de outro baluarte, encontraram-se algumas medalhas de cobre dos imperadores Vespasiano, Tito e Adriano. Os fragmentos da estatua de marmore, as inscripções e as medalhas foram dadas de presente pelo superintendente das obras, Manuel da Silva Mascarenhas, a D. Pedro de Alencastre, arcebispo eleito de Braga. Quanto á estatua de bronze de Neptuno, em attenção á sua grandeza, commetteu-se o inaudito vandalismo de a fazer fundir para artilheria da mesma fortaleza!

Um nosso escriptor do seculo passado, narrando este facto, exclama com justa indignação: «Barbaridade bastante para se dar a este promontorio, se já o não tivesse, o nome de *Barbario* [1].

Tendo-se em consideração, por um lado aquellas estatuas e inscripções, e por outro lado os auctores latinos que fallam da serra da Arrabida, deve-se entender que o nome de *promontorio Barbario* não se estendia a toda a serra, mas sim a uma parte d'ella, especialmente á que, entrando pelo Oceano, fórma o cabo do Espichel. Isto depois da fundação d'aquelle templo, do qual veiu a denominação de *promontorio de Neptuno* á parte da serrania em cujo dorso se levantava o mesmo templo. I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] *Diccionario geographico* de Cardoso, vol. I, pag. 585.

AS ORDENS RELIGIOSAS E A CIVILISAÇÃO DE GOA

I

Quaesquer que sejam as opiniões dos homens competentes sobre as ordens religiosas; sustentem uns que a sua conservação é impossivel; demonstrem outros que a sua extincção é um grave erro; fulmine-as o prosaismo, convicto de que o retiro é o ocio; glorifique-as a poesia, exaltando a contemplação e celebrando o ermo; ninguem haverá que conteste, a nosso ver, que ellas foram instituições admiraveis, que em diversos tempos prestaram assignalados serviços á fé e á civilisação, e que em todos os paizes onde penetraram, ahi deixaram profundos traços do seu grande poder e da sua invencivel influencia.

Percorrei o mundo, visitae todos os paizes cultos, estudae os seus habitos e costumes, indagae se os religiosos ahi entraram como apostolos e civilisadores, e vereis que o seu esforço fundou e dilatou a religião, e que a sua intelligencia, applicando-se á agricultura, ao ensino, á politica, á legislação, á historia, á medicina, á astronomia, deu o maior impulso a todas as artes e a todas as sciencias. Os conventos foram um estado perfeito no estado imperfeito, um mundo illuminado no mundo de trevas, uma sociedade culta na sociedade em cháos moral; e a sua dilatação pelo universo, levando o nome de Deus a terras ignotas e a gente barbara, foi como a expansão da luz, que no seu reflexo rompeu as sombras e fez da noite o dia para innumeros povos. Tudo ahi é grandioso: os seus instituidores, que são os luminares da humanidade; as suas regras, que respiram a abnegação das vaidades da terra; as suas prégações, que regeneram; as suas lições, que illustram; os seus exemplos, que edificam; o suor com que plantam a fé, e o sangue com que a regam.

Cada periodo do desenvolvimento do monacato tem uma gloriosa missão a cumprir. Quando nasce, abriga no seu gremio espiritos predestinados, que conhecem as falsas pompas do mundo, e que, meditando-o sobre as verdades eternas ao pé da cruz, fogem da Roma gangrenada para povoar as Thebaidas; quando cresce, conserva em deposito as letras e os conhecimentos humanos, que vem refugiar-se no seu recinto, escapando á barbarie que os assalta; quando se sente robusto, abre as suas portas, e solta esquadrões de religiosos, que levam a cruz para a Asia, Africa e America, em companhia dos conquistadores, que levam a espada; e em quanto estes subjugam os povos, aquelles os convertem e educam, de modo que, quantos mais novos mundos se descobrem e vastas terras se conquistam, mais as fronteiras da egreja se estendem e mais horisontes se rasgam á civilisação; quando a velhice o accommette e lhe começa a declinação, a sua missão se termina, porque onde se realisa a emancipação dos povos, ahi cessam os cuidados que lhes foram tão proficuos na infancia.

Goa, a metropole do grande imperio portuguez na Asia, é um dos paizes onde os religiosos lançaram profundos fundamentos da civilisação, e tornaram perduravel a sua recordação, inscrevendo-a nos habitos, nos costumes, nos estabelecimentos, nos monumentos, nos livros da pedra a par das paginas escriptas. Revolva-se a sua historia, e veremos os frades, auctores e reformadores, fundando com uma das mãos a civilisação christã, combatendo com a outra as doutrinas do gentilismo, e revelando nos seus projectos a tenacidade do genio e a vastidão dos designios, que não tinham nem podiam ter os simples sacerdotes, isolados uns dos outros, e sem os quaes nem o christianismo deitaria entre nós raizes tão fundas, nem as letras e as sciencias teriam conseguido a nossa regeneração intellectual.

A nossa intelligencia é tão limitada como o espaço de um artigo, para se escrever a historia do monacato na India com aquella mestria propria de um assumpto tão elevado. Não chegam até ahi os nossos intuitos. N'estas breves linhas, esboço do muito que ha para se tratar, não faremos senão enumerar as ordens religiosas que existiram em Goa, e mencionar os serviços que relativamente prestaram á religião, á instrucção, ás artes e á agricultura.

II

A ordem dos franciscanos observantes foi a primeira que se estabeleceu em Goa, porque os seus religiosos acompanhavam Affonso de Albuquerque, e na conquista da cidade haviam, ao lado do invicto capitão, combatido os infieis com a espada em uma mão e a cruz em outra. Quando já era ganha a victoria, os franciscanos guiaram os soldados até a mesquita do Idalkão, e ahi, levantado o altar sobre as ruinas do islam, se disse a missa ao exercito, que rendeu graças a Deus pelo bom successo do commettimento. Esta mesquita foi a séde da sua residencia, pela doação feita a fr. Paulo de Coimbra, seu superior, por Albuquerque, até o anno de 1521, em que sobre ella foi fundado o novo e magnifico convento. Em 1566 vieram os franciscanos reformados, enviados por D. João III, e se estabeleceram no convento da Madre de Deus, em Daugim, edificado a expensas do primeiro arcebispo de Goa, D. Gaspar de Leão, elevado a custodia da Madre de Deus em 1618, e á cathegoria de provincia do mesmo titulo em 1622.

Os jesuitas chegaram depois dos franciscanos observantes. Logo que se lançaram os cimentos da Companhia, Santo Ignacio de Loyola, instado pelo papa Paulo III para dar missionarios a D. João III, enviou Simão Rodrigues de Azevedo e S. Francisco Xavier. O primeiro ficou em Portugal, e o segundo navegou para a India, onde, tendo começado a evangelisar os povos, percorrendo longes e ingratas terras; e, necessitando de operarios para illuminar os desertos moraes das gentilidades embrutecidas, chamou os seus companheiros para comparticipar dos labores do ministerio. Data de 1543 a introducção na India d'essa milicia de Jesus, que dominou no Oriente pelo seu poder e riquezas, pelo sangue dos seus martyres e pela sciencia dos seus mestres; e que, apesar de ser fulminada pelo braço vigoroso do marquez de Pombal, ainda hoje continúa na obra principiada pelo mestre Francisco, o glorioso apostolo das Indias.

Os dominicanos vieram em 1548, e, tendo habitado ao principio em uma palhoça, passaram a fabricar o seu convento, tão vasto como magestoso, que, começado em 1550, se concluiu em 1564.

Os augustinianos chegaram em 1572, e no mesmo anno fundaram o seu convento, que em 1597 foi reedificado e alargado com aquellas gigantescas proporções, que ainda hoje avultam, apesar de jazerem em ruinas.

Os carmelitas descalços fundaram o seu convento em 1621: mas, proscriptos dos dominios de Portugal, já pela suspeita de que apoiavam os inglezes nas suas conquistas da Asia contra os portuguezes, já porque haviam recusado prestar ao soberano o juramento de fidelidade, a que os estrangeiros estabelecidos na India eram compellidos, foi o seu convento entregue aos oratorianos em 1707. Em 1750 alguns clerigos naturaes intentaram restaurar esta ordem, e conseguiram a licença para viver em communidade, sendo obrigados unicamente ao simples voto de observar a regra dos carmelitas e a vestir o seu habito, e conhecidos com o nome de chimbelistas, porque tinham o seu convento em Chimbel, proximo á cidade. Ainda hoje alguns dos seus membros permanecem no convento de Pilar, cumprindo a regra da sua ordem, sem que os prenda voto nenhum monastico.

Os theatinos, ou os religiosos da Divina Providencia, vieram em 1640, e, depois de superarem graves contrariedades, fabricaram uma espaçosa casa e uma bella egreja decorada com elegante cupula, pelo modelo da de S. Pedro em Roma. Até 1750 continuaram a vir religiosos de Italia, e depois d'elles foram admittidos os indigenas até o numero vinte.

Os leigos da ordem de S. João de Deus, que pelo seu instituto eram obrigados a servir os doentes nos hospitaes, vieram no seculo XVII, e construiram o seu convento em 1685.

Os padres da congregação do oratorio de S. Filippe Nery, todos indigenas, viveram ao principio no recolhimento de S. João do Deserto, em Batim, d'onde passaram, em 1684, a habitar as casas da egreja de Santa Cruz dos Milagres do monte de Boa-Vista. N'este recolhimento receberam, pelos esforços do veneravel padre Joseph Vaz, os estatutos da congregação de Lisboa, feitos pelo padre Quental, que foram confirmados pelo papa Clemente XI em 26 de novembro de 1706.

Para fallarmos de todas as religiões, não esqueceremos o convento das freiras, dedicado a Santa Monica, regido pelo instituto augustiniano, e fundado em 1606 pelo arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes. É unico mosteiro na India povoado por mulheres, venerando pelo nome do seu fundador e pela fama das virtudes das professas, que desde a epocha do florecimento até hoje, que está proxima a sua extincção com a morte de duas que restam, legaram sempre exemplos edificantes de quanto sabiam guardar com fidelidade os estatutos ordenados pelo santo prelado.

Cada uma d'estas ordens religiosas tinha missões separadas, onde plantavam a fé e a civilisação, padecendo trabalhos e provações, e oppondo a paciencia, a abnegação e a constancia ás ciladas do africano, á perfidia do malaio, á doblez do achem e ao fanatismo do japonez. A cidade de Goa, capital do Oriente portuguez, era o foco d'onde reverberavam esses mil raios de luz para todos os pontos, onde hoje tantos templos surgem magestosos, como padrões eternos dos que primeiro ahi promulgaram o Evangelho. Os franciscanos observantes missionavam em Cochim, Coulão, Ceylão, Jafanapatão, costa de Coromandel, S. Thomé e Japão. Os reformados prégavam a fé em Malaca, Diu, Damão, Taná, Chaul, Cochim, S. Thomé, Moçambique e Ceylão. Os jesuitas estavam espalhados por todo o Oriente, e a sua missão era dividida em quatro provincias: do Norte, Sul, Japão e China. Os dominicanos pastoreavam em toda a costa de Africa, em toda a Cuama, em Jafanapatão, Malaca, China, Timor e Solor. Os augustinianos evangelisavam na Persia, Gorgistem, Bassorá, Mascate, Ormuz, Africa, Chaul, Baçaim, Damão, Taná, Cochim, Coulão, Ceylão, costa de Coromandel, Bengala, Meliapor, Mombaça, Malaca, China e Japão. Os carmelitas espalhavam a religião em Canapur, Quitur e Tamaricopa. Os caetanos levavam a fé para os reinos de Idalkão, Golconda, Bisnaga, Borneo e Sumatra. Os frades de S. João de Deus serviam nos hospitaes de Damão, Diu e Moçambique. Os congregados restauravam o catholicismo em toda a ilha de Ceylão.

(Continúa) J. C. BARRETO MIRANDA.

BRASIL

O RIO MADEIRA — SUA CONFLUENCIA COM O AMAZONAS A ILHA DA MANTIQUEIRA

O rio Madeira tem a sua origem na Bolivia, procedendo da confluencia de tres rios: o Beni, o Guaporé e o Mamoré. Entra no Brasil já caudaloso. Engrossando no seu curso, através da provincia do Rio Negro, com muitos rios que n'elle vem desaguar por uma e outra margem, sendo os principaes o Guapey, o Sará, o Jamará, o Jeuparaná, o Araxiá, ou rio dos Marmellos, e o Capaná, lança-se no Amazonas depois de ter percorrido 1:780 kilometros.

N'este extenso trajecto, especialmente desde que se entranha no territorio brasileiro, precipitam-se as suas aguas em muitas e formosissimas cachoeiras, e surgem do seu leito numerosas ilhas.

Dar-se-ha uma idéa aproximada da grandeza do Madeira dizendo-se que, desde a cachoeira de Santo Antonio até á sua foz, conta mais de trinta ilhas de 5 até 15 kilometros de comprimento, pela maior parte povoadas de basto arvoredo, sendo as ilhas de menores dimensões em mais crescido numero. E cada um dos braços em que ellas dividem o Madeira é de per si um rio caudal.

São doze as cachoeiras em que o Madeira quebra a sua corrente, em um curso de 300 kilometros, desde a confluencia dos rios Beni, Guaporé e Mamoré, acima referidos, até á cachoeira de Santo Antonio. São designadas pelos nomes de cachoeira do Madeira, da Misericordia, do Ribeirão, da Figueira ou das Araras, das Pederneiras, do Paredão, dos Tres Irmãos, do Girau, do Caldeirão do Inferno, dos Morrinhos, salto do Theotonio, e de Santo Antonio. As mais notaveis são: a cachoeira do Ribeirão, formada por cinco saltos; a da Figueira, por quatro; a do Giráu, por cinco; a do Caldeirão do Inferno, singular pela sua extensão, e sobre tudo por um terrivel redomoinho das aguas, que

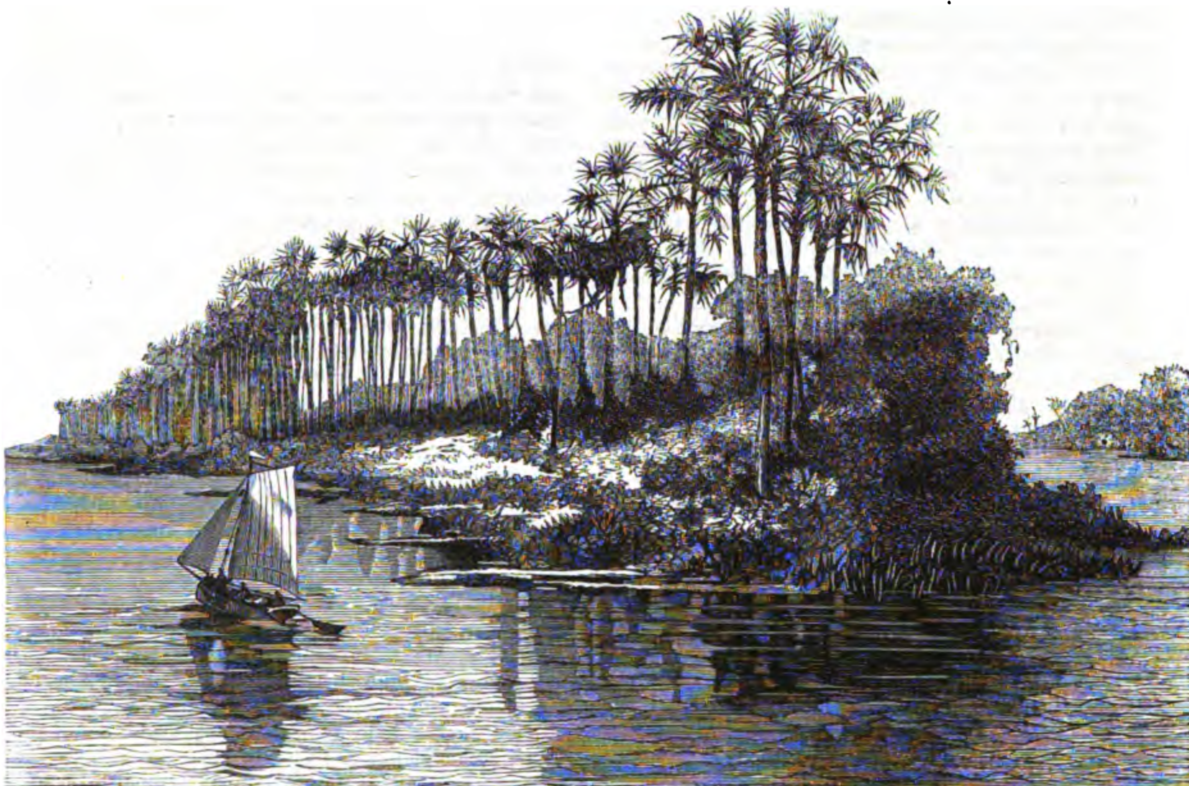
formam em certa paragem um sorvedoiro muito perigoso; a dos Morrinhos, pela belleza de tres morros, que lhe dão o nome, toucados de viçosa salsaparrilha, que em longos festões se mergulha na corrente agitada e espumosa; e a do salto do Theotonio, muito para se ver e admirar, porque ahi ha um açude natural, formado por uma rocha cortada a prumo, e de 6 metros de altura, que, atravessando todo o leito do Madeira, o obriga a dividir-se em quatro braços, para assim passar por quatro largas aberturas, provavelmente cavadas na mesma rocha pelo correr das aguas na diuturnidade dos seculos. Esta cachoeira apresenta uma perspectiva encantadora.

Apesar de tantos e tão grandes obstaculos, ha navegação n'este rio. Navega-se n'elle em canôas, que sobem com muito custo e trabalho, ora puxadas á sirga, ora arrastadas por terra até além dos pontos perigosos, sendo a carga que ellas levam, n'esses logares, transportada ás costas dos barqueiros, ás vezes por espaço de 2 e 3 kilometros.

É tão penosa e demorada a viagem rio acima, que se gasta ordinariamente, indo as canôas carregadas, trez mezes, desde a cachoeira de Santo Antonio até passar a do Madeira, que é a ultima das doze para quem sobe.

Ha pescaria n'este rio; porém a mais importante pesca que n'elle se faz é a das tartarugas.

Cayary era o nome que os gentios davam a este rio. Foram os portuguezes que o denominaram Madeira, em razão de atravessar densas mattas, e de trazer nas suas cheias muita quantidade de grandes troncos de arvores, entre os quaes ás vezes se vêem cedros de extraordinaria grossura.



Ilha da Mantiqueira, no Amazonas

Vae alargando o Madeira, cada vez mais, á maneira que se avisinha da sua foz, de modo que esta conta perto de 2 kilometros de largura, sem ilha alguma que a obstrua. Entra este rio no Amazonas defronte da povoação de S. José de Maturí, que está sentada na margem esquerda.

Cinco kilometros, que tem de largura n'este sitio o Amazonas, augmentam a magnificencia da barra do Madeira. E a toda esta grande massa de aguas, orlada de margens pittorescas, enriquecidas de variada e pomposa vegetação, dá muita graça e realce a ilha da Mantiqueira.

Situada no Amazonas, logo abaixo da foz do Madeira, mas proximo d'ella, esta ilha, representada em a nossa gravura, tem a fórma de uma comprida leira de terra, pouco elevada acima da superficie das aguas. O centro, em todo o comprimento da ilha, é povoado de palmeiras, que baloiçam em grande altura a sua copa gentil, formando uma longa abobada de verdura, em torno da qual volteiam sem cessar numerosos bandos de aves formosissimas, que movem inveja ás flores com o brilho e lindo matiz de suas côres. A terra, por baixo das palmeiras, está sempre coberta de uma alcatifa de relva mimosa, que serve de berço a mil variadas florinhas. Uma como faxa de alvissimas areias separa os verdores da terra da corrente fugitiva, em que se retrata o azul do ceo. I. DE VILHENA BARBOSA.

O ESCUDEIRO DE NUNO ALVARES

(Conclusão. Vid. pag. 293)

III

DRAMAS NOCTURNOS

N'essa mesma noite, quando a communicação mysteriosa se estabelecêra entre Nuno Alvares e o mestre, quem na praia deserta, onde hoje existe a praça do Commercio, fitasse a vista no Tejo e pozesse o ouvido á escuta, veria no seio das trevas branquearem, coroando-se de espuma, as ondas sulcadas pelo braço de um nadador audacioso, e ouviria, entre o murmu-

rio incessante do rio, o tenue rumor produzido pela effervescencia da agua.

O vulto chegou á praia, fez um ultimo esforço e saltou em terra, caíndo ao mesmo tempo quasi desfallecido; ergueu-se logo e dirigiu-se á cidade. Algumas palavras trocadas com os atalaias das torres fizeram com que uma das portas lhe fosse aberta; largo tempo se demorou, com visivel impaciencia, mas tendo que responder ás perguntas anciosas dos bésteiros, que, acolhendo-o com alvoroço e não se fartando de o interrogar, o aquentavam ao mesmo tempo, e lhe davam roupas e armas. A final conseguiu desprender-se, e logo deitou a correr na direcção da Rua Nova, enfiou por uma das labyrinthicas ruas que então se cruzavam no terreno hoje alinhado em quarteirões rectangulares, e impelliu, finalmente, a porta mal fechada de uma casa de soffrivel apparencia.

— Alda! bradou elle com voz alegre; minha querida Alda! sou eu! é o teu noivo!

Parou assombrado; á luz mortiça de uma candeia divisára um espectaculo terrivel.

No meio da casa uma mulher velha e bem vestida estorcia-se nas convulsões da agonia; a um canto uma rapariga sentada, com os joelhos á boca, bella, mas com o rosto livido e os cabellos desgrenhados, fitava um olhar desvairado no corpo quasi inerte, em que se iam apagando os ultimos lampejos da vida.

— Alda! exclamou o nadador correndo para ella. O que é isto? que desgraça foi esta?

— Esta é Lisboa mirada, prezada e deixada, respondeu a rapariga com uma voz monotona, repetindo machinalmente a injuria rimada que os lisbonenses no principio do cêrco vibravam aos castelhanos: se quereis carneiro qual deram a Andeiro, se quereis do cabrito qual deram ao arcebispo!

— Alda! bradou o moço. Não me conheces, infeliz? Sou eu, o teu noivo, Affonso Eanes.

— Tenho fome, respondeu Alda no mesmo tom monotono e doloroso.

— Fome, tu! Quando faltou o pão na casa de teus paes?!

— Tenho muita fome, repetiu Alda.

Affonso Eanes, n'um impeto de desespero, tomou-a nos braços, levou-a junto da luz, e, cravando os olhos arrasados de agua no rosto desfigurado da pobre rapariga:

— Alda! bradou; não me conheces, Alda?

A rapariga mirou-o espantado, depois fuzilou-lhe nos olhos um lampejo de razão, e, sacudindo a cabeça como para repellir as nuvens com que o delirio lhe turvava a mente, exclamou com jubilo:

— Affonso!

— Oh! Bemdito Deus! disse elle.

Uma torrente de lagrimas inundou as faces da pobre noiva.

— Tu vens salvar-me, não é assim? disse ella com a voz entrecortada, febricitante, agarrando-lhe nos braços com impeto. Vês? a minha pobre mãe morreu de fome, e eu vou seguil-a se me não acodes! Salva-me! leva-me comtigo! Como vieste? Lisboa é um inferno. Arranca-me d'ella. Oh! fujamos! fujamos! que me devora a fome!

— Deus do ceo! exclamou Affonso com desespero, ouvindo-lhe estas phrases incoherentes; pois assim estaes? E salvar-te como? Para te ver, atravessei o Tejo, deixei-me ficar em Cacilhas escondido quando Nuno Alvares partiu para Palmella, e á noite deitei-me ao rio; o amor deu-me forças [1]. Mas a ti! mas a ti como hei de salvar-te?

— Leva-me a nado.

— Impossivel, bem vês!

— N'um barco.

— Mas como, se as galés e as naus de Castella, presas umas ás outras, tomam o rio todo em frente da cidade?

— Mata-me então, que eu não posso soffrer mais tormentos, tornou Alda com modo sombrio e resoluto.

Affonso Eanes torceu os braços com desespero; depois, com os dentes cerrados, bradou:

— Morreremos juntos, ao menos.

Tomou-a nos braços, que ella, de fraca, não podia dar um passo, e atravessou correndo as ruas da cidade.

Chegando á porta por onde entrára, chamou de parte o anadel dos bésteiros que a guarneciam e fallou-lhe em voz baixa. A conversação foi rapida mas vehemente. Insistia o escudeiro, resistia o anadel. A final este cedeu, e, abrindo-lhe a porta, disse com voz commovida:

— Proteja-vos Deus!

Affonso Eanes saíu.

Correu ao longo da cêrca até chegar ao ponto onde as galés portuguezas, paralysadas pela força immensamente superior do inimigo, jaziam adormecidas. Soltou um bote vasio que estava amarrado á praia, e, deitando Alda no fundo, tomou os remos e vogou silenciosamente em direcção a Cacilhas.

A massa enorme da esquadra castelhana interpunha-se ao fragil bote e ao porto de salvação. As galés e as naus, presas umas ás outras por grossos calabres, que arrastavam na agua, baloiçavam-se indolentemente com as ondulações da vaga. As sentinellas, cedendo ao peso da somnolencia que a madrugada exhala, mal velavam na prôa e na pôpa dos navios.

O bote dirigiu-se ousadamente para um dos intervallos.

Largando os remos e deitando-se de costas, Affonso Eanes lançou a mão ao calabre, levantou-o a custo retezando os musculos, e o bote, impellido por esse mesmo esforço, deslisou rapido por baixo do calabre erguido, que ao mesmo tempo escapou das mãos de Affonso Eanes e caíu de chapuz na agua, que espadanou com estrondo.

— Um barco! bradaram as sentinellas acordando do meio somno em que se iam deixando adormentar.

— Estamos perdidos! murmurou Affonso Eanes.

E, lançando a mão aos remos, fez voar o barco sobre a liquida planura.

Os gritos de alerta despertavam a esquadra de navio a navio. Faziam-se os signaes combinados ás duas galés que cruzavam de dia e de noite no Tejo. Innumeros fachos avermelharam as aguas do rio, e mostraram o fragil bote deslisando, como um barco espectral, e deixando atraz de si uma esteira de espuma.

Descortinou-o uma das galés do cruzeiro, aproou para elle e deu-lhe caça.

— Morremos, Affonso? perguntou Alda lançando o braço ao redor do pescoço do seu noivo.

— Quem sabe? Reza, filha; a Providencia é mãe.

Era uma lucta insensata, mas o bote voava como setta despedida pelo arco. Ainda assim, a galé, impellida pelos seus cento e vinte remadores, crescia a cada instante sobre elle, sem esforço, como um cysne que resvala á superficie do lago.

A cidade fugia ao longe; começava a surgir vagamente do seio das trevas o panorama severo da margem fronteira; a espuma refervia em torno do bote; cada vez mais perto vinha a galé, precedida pelo circulo sanguineo que projectavam nas aguas dez ou doze fachos accesos na tolda.

O bote não tardou a entrar n'esse circulo luminoso; Affonso Eanes fez um esforço sobrehumano, salvou um espaço immenso, e, ainda assim, não conseguiu quebrar a barreira de luz que o mantinha implacavelmente quasi debaixo da quilha da galé inimiga.

1 A quem achar inverosimil esta façanha do meu heroe direi que, durante este mesmo cêrco, um homem resoluto atravessou duas vezes o Tejo n'uma noite para pôr o mestre de Aviz em communicação com os defensores de Almada. Veja-se Fernão Lopes — *Chronica del-rei D. João* I, p. I.

— Alda! exclamou elle deixando os remos; um ultimo beijo! O nosso noivado ha de fazer-se no ceo! Ó Virgem Santa, sê nossa madrinha!

— Affonso! Affonso! fui eu que te perdi! exclamou Alda lançando-se-lhe nos braços debulhada em lagrimas.

A galé chegava rapida como a pedra despedida da funda; não pôde suster a velocidade da carreira, quando os tripulantes viram da tolda o barco parado; a prôa apanhou-o; ouviu-se um grito dilacerante; a galé, impellida pelo movimento adquirido, andou ainda tres ou quatro braças. Quando os tripulantes correram á pôpa, viram só um referver de agua no sulco espumoso da quilha.

O barco desapparecêra.

IV

OS MARTYRES DA VICTORIA

Rompêra a manhã, formosa manhã de outono. Para o lado de Lisboa uma nebrina pouco densa envolvia a cidade como que em véo de gaze; o sol nascente brincava nas ondas buliçosas do Tejo.

Com o semblante carregado, Nuno Alvares, que se erguêra havia pouco, cingia a espada que um pagem lhe estendia, quando um escudeiro, correndo como louco, entrou no aposento do mestre de Santiago, no castello de Palmella, onde Nuno Alvares se aquartelára.

— O que é? perguntou Nuno franzindo o sobr'olho.

— Meu senhor, meu senhor, respondeu o escudeiro com voz entrecortada, arde Lisboa!

— Arde Lisboa?! exclamou Nuno soltando um grito em que a raiva, a dor e a colera se confundiam.

E, descendo as escadas, montando de um pulo no cavallo apparelhado, partiu a galope.

Os seus cavalleiros estavam agrupados á beira do rio, e cravavam um olhar aterrado no horisonte, onde momentos antes se desenhava Lisboa, e que effectivamente um grande clarão, rasgando a nebrina, enrubescia.

Tinham visto ao longe surgir um ponto vermelho, que pouco a pouco se alargára, como se o sol n'aquelle dia nascesse do occidente; depois a chamma transformára-se em incendio que esbrazeára o horisonte; como que se desenrolára além uma larga téla sanguinea, que ainda projectava no Tejo reflexos escarlates; uma ligeira nuvem afugentára a alvacenta nebrina; logo rolos espessos de fumo negro se tinham evolvido do seio das chammas, completando, com o seu crepe a recobrir a purpura das labaredas, o horror e a magnificencia do quadro.

Não havia dúvida, Lisboa ardia. Ou por traição ou por escalada, tinham os castelhanos ateado o incendio.

— Ó meu nobre irmão d'armas! exclamou Nuno; hei de eu em tal perigo ver-te sem te poder soccorrer! Covardes! não ousaram medir-se comtigo em campo aberto, tiveram medo dos relampagos da tua espada, e pediram á traição, á manha, o que nunca poderiam obter da força! Venceram os traidores, e accendem uma cidade inteira para queimarem o mais nobre, o mais valente cavalleiro das Hespanhas!

E Nuno Alvares, o heroe de Atoleiros, chorava como uma criança, e os seus, vendo-o derramar aquellas lagrimas, contemplavam-n'o respeitosos e tremiam ao mesmo tempo, porque sabiam qual seria a colera do leão quando o seu ferreo espirito reagisse contra a primeira commoção.

Assim estiveram largo espaço; o horisonte passou de rubido a negro, apenas avermelhado de quando em quando por alguns relampagos expirantes do fogo que consumíra o seu alimento; depois esses mesmos rolos de fumo, que se agglomeravam no ceo dispersou-os o vento, e o horisonte reappareceu limpido e radiante.

— Milagre! bradaram os que se agrupavam em torno de Nuno.

Como se emergisse altiva de um mar de fogo e de fumo, que a respeitára, Lisboa apparecia ao longe, bella, altiva, intacta. No firmamento, já cheio de sol, recortavam-se scintillando os perfis das suas casas, as torres das suas egrejas, agrupadas em luzente pinha. O incendio envolvêra-a toda como um cordão de fogo, mas nem uma chamma a lambêra, nem uma centelha fôra expirar nas suas ruas.

— Victoria! bradou Nuno Alvares adivinhando o que succedêra. Ardeu o arraial castelhano que cercava Lisboa! O rei de Castella levanta o assedio e queima o acampamento! Venceu a constancia dos nossos! Real! real! pelo mestre de Aviz!

— Real! real! pelo mestre de Aviz! repetiram todos.

— Deixae-me dizer mais, continuou Nuno Alvares, deixae-me soltar um viva ao rei nacional que livra definitivamente a nossa patria das garras do estrangeiro! Seja nosso soberano o filho dos reis, o heroe que o triumpho consagra, a quem a victoria cinge o diadema! Real! real! real! por D. João I, rei de Portugal!

Todos repetiram o grito com enthusiasmo.

— Queira o ceo, accrescentou Nuno, que seja este d'aqui a pouco o grito em todo o reino.

D'ahi a um quarto de hora, seguido por todos os seus, partiu a galope na direcção de Cacilhas.

Concebêra o audacioso projecto de ir sem mais tardança abraçar o mestre de Aviz.

Em Cacilhas ser-lhe-hia mais facil encontrar um bote que o levasse.

Acompanhado pelos seus escudeiros, e já impaciente, procurava Nuno Alvares descortinar algum barquinho que lhe servisse, quando um dos seus seguidores, que fitava os olhos, resguardando-os com a mão, nas vagas doiradas pelo sol, affirmou-se mais e soltou um grito.

— Dois cadaveres! disse elle.

Ao mesmo tempo dois corpos que boiavam á tona da agua, a capricho das ondulações do rio, foram no fluxo da maré arrojados á praia, onde o refluxo os abandonou.

Eram um homem e uma mulher abraçados tão estreitamente, que nem a morte os conseguíra desprender. A vaga rolava-os como um corpo só.

— Affonso Eanes! disse o escudeiro que primeiro o descortinára; e esta é a sua noiva, é Alda, é Alda Gomes, a sua noiva, que estava em Lisboa.

— Em Lisboa! exclamaram os outros.

— Quiz salval-a dos horrores do cêrco, disse Nuno Alvares aproximando-se com tristeza. Pobre amigo! foi por isso que em segredo nos largaste! Tres horas de paciencia, e estaveis salvos, tu e a tua noiva; assim morreste no instante da victoria, porque não tiveste confiança na fortuna do mestre de Aviz! E eras um bravo; a tua morte heroica e obscura cerra dignamente o cêrco de Lisboa, em que houve tanto heroismo, em que houve tanta constancia, e em que o proprio desalento se manifestava heroicamente, como o teu se manifestou.

Ajoelhando piedosamente, poisou um beijo na fronte livida do cadaver. Depois exclamou:

— Eis o signal da victoria! Lança-nos a vaga respeitosamente aos pés os corpos dos ultimos martyres.

N'esse mesmo dia, mettendo-se n'um bote quasi sósinho, atravessou a esquadra castelhana, estupefacta do arrojo, e que, ao recobrar-se do assombro para correr ao barco, já o via abicando ás praias da cidade. Saltando em terra, Nuno Alvares exclamou com supersticiosa tristeza:

— Pobre Affonso Eanes! A minha temeridade de

hoje foi a tua perda de hontem! E foste tu que me salvaste! O teu sacrificio aplacou e tornou-me propicia a fortuna!

D'ahi a um instante caía cheio de jubilo nos braços do mestre de Aviz, que o recebia com os olhos cheios de lagrimas alegres.

E d'ahi a seis mezes o mestre de Aviz chamava-se D. João I, e Nuno Alvares o condestavel de Portugal.

M. Pinheiro Chagas.

VILLA DA POVOA DE VARZIM

(Vid. pag. 296)

XII

Não é pequena a lista dos varões illustres nas letras e nas armas, que a Povoa de Varzim se ufana de contar entre os seus benemeritos filhos.

Ponhamos na primeira linha a D. Fr. Manuel da Resurreição, que foi bispo de S. Paulo [1], em cuja diocese deu repetidos testimunhos dos elevados dotes da sua intelligencia e do seu caracter. Era este prelado o ultimo descendente da familia dos Cortezes, de quem soube honrar a memoria.

O piloto-mór da armada que foi, no fim do primeiro quartel do seculo XVII, livrar a Bahia do cruel dominio dos hollandezes, o capitão Antonio Cardia, era natural da Povoa de Varzim; assim como seu irmão, Diogo Dias de S. Pedro, commandante da nau *Nossa Senhora de Guadalupe*, que, no começo do segundo quartel do mesmo seculo, tambem representou nas admiraveis epopéas brasileiras, entrando na esquadra saída de Lisboa para restaurar Pernambuco, que os hollandezes tinham occupado desde 1630, como a Bahia desde 1624, invadindo repetidas vezes e assolando as riquissimas possessões do Brasil pelo espaço de trinta annos [2].

Quando tratámos da enseada da Povoa de Varzim, vimos que alli se fizera a nau *Nossa Senhora de Guadalupe;* porém devemos n'esta occasião accrescentar que tal embarcação foi construida, segundo consta de memorias escriptas, pelos commerciantes da villa, que n'isso mostraram o acrisolado patriotismo que sempre nobilitou e engrandeceu os actos dos póveiros.

O capitão Diogo Dias, na indicada expedição, portou-se com inexcedivel bizarria, pois não só não quiz acceitar gratificações do governo, mas ainda pagou da sua bolsa aos tripulantes da nau, que o seguiram com fidelidade e presenciaram a sua dedicação e coragem. Dizem que estes actos de heroicidade e fidalguia se encontram registados em documentos que conservam os descendentes de Diogo Dias.

Além d'estes e de outros que mencionámos no decurso dos apontamentos que se tem lido ácerca da Povoa de Varzim, são ainda hoje de grata recordação aos naturaes d'este concelho os doutores João de Sousa Magalhães, Domingos Ribeiro Pontes, Antonio Dias Camelo, fr. Manuel de Jesus Maria, João Bernardino Leite, D. Lourenço da Purificação e Antonio Baptista de Almeida, dos quaes o auctor das *Memorias historicas* faz honrosa menção. D'este ultimo nos diz elle:

«Outro cidadão não menos prestante foi Antonio Baptista de Almeida [3], cujo nome será sempre caro aos habitantes d'esta villa, pelos serviços relevantes que lhes prestou nas diversas epochas em que os seus talentos e virtudes eram necessarios ao bem publico. Ainda ha poucos annos era um proverbio entre os velhos: — Morreu um Almeida, não apparecerá tão cedo outro [1].»

Ainda ultimamente se falla na Povoa, com o devido respeito á sua illustração e aos seus serviços, a que os compatricios se mostraram reconhecidos, elegendo-o por diversas vezes para representar o concelho, de Luiz Antonio Pereira da Silva, bacharel em mathematica e philosophia, e formado em medicina pela universidade de Coimbra, que foi provedor do concelho da Povoa de Varzim em 1834, medico do hospital da Trindade da cidade do Porto, secretario da sociedade agricola da mesma cidade, lente da 2.ª cadeira de physiologia na eschola medico-cirurgica da mesma cidade, commissario dos estudos do districto do Porto e reitor do lyceu, vogal do conselho do districto do Porto, e procurador á junta geral do mesmo districto pelos concelhos da Povoa de Varzim e Villa do Conde.

Este distincto funccionario morreu a 10 de fevereiro de 1862, com 54 annos.

Não devemos esquecer tambem que Francisco Gomes de Amorim, o auctor dos *Cantos matutinos* e dos *Ephemeros*, o discipulo e amigo de Almeida Garrett, teve alli o seu berço, e alli passou os primeiros annos da sua vida, antes de se partir para o Brasil, como o illustre poeta o diz no prologo dos *Cantos matutinos* [2].

XIII

Á pessoa que de futuro queira escrever uma historia desenvolvida da villa da Povoa de Varzim, utilisando-se porventura dos apontamentos que temos deixado registados n'estas paginas, indicaremos mais dois factos, como nol-os refere o nosso zeloso informador [3], para os fastos da sua terra natal:

Durante as luctas civis do principio do segundo quartel do presente seculo, o general Saldanha (hoje duque e marechal do exercito), tendo ido á Povoa de Varzim, ou passado n'esta povoação por necessidade de serviço, alli encontrou agasalho em casa de Manuel Luiz Monteiro, por alcunha *Manuel da Rita*, e dizem que tal foi a dedicação d'este bom homem pelo general, que até lhe poz ás ordens um de seus barcos de pesca, tripulado por pescadores de inteira confiança e provada coragem.

No dia 18 de abril de 1849, pela volta das quatro horas da tarde, chegou a esta villa o ex-rei da Sardenha, Carlos Alberto, depois de ter perdido a batalha de Novara e abdicado a coroa d'esse reino a favor do principe real, hoje rei da Italia, Victor Manuel. Foi hospedar-se, com os personagens que o acompanhavam, em numero de quatro, trajando singelamente, na hospedaria do padre Antonio José de Araujo, na rua da Amadinha, hoje rua de Carlos Alberto, e ahi lhe foram logo tributar homenagem da alta consideração que merecia a todos o preclaro principe as auctoridades e pessoas notaveis da villa; o que elle agradeceu com delicadeza e affabilidade.

Na manhã do dia seguinte, 19, depois do almoço, o rei Carlos Alberto marchou a cavallo, conforme tinha entrado, acompanhado dos mesmos personagens, para a cidade do Porto. Soube-se depois que um dos da comitiva de sua magestade brindára e gratificára generosamente os criados da estalagem, porque o dito padre Antonio não quizera acceitar a importancia das despezas feitas no seu estabelecimento.

(Continúa) Brito Aranha.

---

1 Tomou posse em 19 de março de 1774, e falleceu em 21 de outubro de 1789.

2 Como é sabido, o Brasil voltou ao dominio de Portugal, reinando o sr. rei D. João IV, pela capitulação assignada em 1654 entre portuguezes e hollandezes na cidade do Recife, representando o nosso governo o mestre de campo general Francisco Barreto e Menezes.

A heroica defensa n'esta epocha do forte de S. Jorge (no Recife), o animo do capitão-mór Mathias de Albuquerque, os esforços inauditos do capitão Antonio de Lima, a audacia de Fernandes Vieira e a traição de Calabar, serviram de assumpto para o bello romance *Calabar*, do sr. Mendes Leal.

3 *Almada* escreve o auctor das *Memorias*, mas deve ler-se *Almeida*.

1 Vid. *Memorias* cit., pag. 54.

2 Gomes de Amorim nasceu em Avelomar aos 13 de agosto de 1827. Avelomar, ou A-ver-o-mar, é uma aldeia na margem do Oceano, pouco distante da Povoa de Varzim e dependente d'este concelho.

3 O sr. Manuel Luiz Monteiro Junior, por vezes citado.



Egreja dos terceiros de S. Francisco, no Porto

As ordens terceiras em Portugal não se tem limitado aos exercicios do culto divino com mais ou menos esplendor. Figuram egualmente, e com muita distincção, na historia dos nossos estabelecimentos de caridade.

Os hospitaes mais grandiosos em edificios, mais largamente dotados e melhor servidos que ha no reino, depois dos de S. José, em Lisboa, e de Santo Antonio, no Porto, pertencem a confrarias de terceiros. E quanto a estas, são as cidades do Porto e de Guimarães que levam a palma ás mais terras do nosso paiz.

As duas ordens terceiras, de S. Francisco e de S. Domingos, de Guimarães, contam cada uma para cima de mil irmãos; e os seus hospitaes nada deixam a desejar, quanto á capacidade dos edificios, ao aceio, ordem e carinho com que os irmãos enfermos são tratados.

No Porto existem as ordens terceiras de S. Francisco, do Carmo, da Trindade, e do Terço e Caridade. Todas quatro possuem magnificos hospitaes, por tal modo organisados e servidos, que se poderia honrar qualquer grande cidade em ter algum d'elles por principal.

O padre Agostinho Rebello da Costa, fallando da ordem terceira de S. Francisco na sua *Descripção topographica e historica da cidade do Porto*, diz que «o numero dos seus irmãos é, pouco mais ou menos, de onze mil, e alguns tem havido que lhe deixaram por sua morte cincoenta mil cruzados, outros oitenta, e ainda maior quantia.»

O livro de que transcrevemos estas linhas foi impresso em 1789. Não sabemos qual é o numero dos irmãos presentemente, nem a quanto sobem os rendimentos da confraria. Mas tanto aquelle como estes devem ser avultados, se se attender, por um lado á grande despeza que a ordem faz annualmente no tratamento dos irmãos enfermos; por outro lado, e principalmente, ás importantes sommas dispendidas com a fundação de uma nova capella, a que bem quadra o titulo de egreja; com a reedificação e ampliação do edificio do hospital; e com a construcção do cemiterio da mesma confraria, obra magnifica e muito dispendiosa, por ser toda subterranea, formada de longas arcarias abobadadas. O começo d'estas obras data do anno de 1634.

A capella está situada ao lado do templo do extincto convento de S. Francisco, que pertenceu aos religiosos observantes, e que foi fundado por el-rei D. João I. Do adro, que é commum ás duas egrejas, desce-se por uma larga escadaria de pedra para a rua de S. Francisco, que faz continuação á dos Inglezes. A fachada da capella está voltada para o sul. A sua architectura, nobre e esbelta, afasta-se do uso geralmente seguido pelos nossos architectos em construcções d'este genero. A gravura que acompanha este artigo, cópia fiel de uma photographia, representa com

tanta exactidão e clareza a frontaria da capella, que julgâmos desnecessaria a descripção. Bastará, pois, dizer que é construida inteiramente do mais fino granito que se encontra na provincia do Minho.

O interior do templo está bem decorado. A capella-mór e os quatro altares do corpo da egreja, dois de cada lado, são guarnecidos com excellente obra de talha doirada. Possue este templo alguns bellos quadros de Vieira Portuense, e muitas alfaias e paramentos de bastante riqueza.

Tem Lausperenne esta capella todas as quartas-feiras. O serviço do culto é feito aqui com muita decencia, e celebram-se varias festividades com grande esplendor. A sua procissão de quarta-feira da Cinza tem nomeada em todo o reino pelo vistoso apparato do prestito em geral, e especialmente pela riqueza e formosura dos andores, que não tem rivaes em todo o nosso paiz. Custaram estes andores uma avultada somma de contos de réis, porque ao valor artistico das imagens accresce o dos vestidos das mesmas imagens, e das sanefas que guarnecem os andores, tudo magnificamente bordado a oiro finissimo, além de muitos adornos de prata, cinzelados com singular perfeição. São dignos de miudo exame os bordados, pois que apresentam um primor de trabalho inexcedivel. N'este genero de industria póde a cidade do Porto entrar desassombradamente em competencia com as terras de França, da Belgica e da Allemanha mais afamadas pela perfeição dos bordados a fio de oiro e prata.

Por baixo da egréja estão as catacumbas, que servem de jazigo aos irmãos terceiros, e das quaes fallámos acima.

O hospital é um dos maiores edificios da cidade. Fica a pouca distancia da capella. Tem duas fachadas de boa e nobre architectura; a principal, que é bastante alta e comprida, deita para a rua da Ferraria; a outra, egual na architectura, porém menos extensa, cae sobre a rua de D. Fernando II, aberta modernamente através do antigo convento de S. Francisco. Este convento, incendiado durante o cerco do Porto, em a noite de 24 de julho de 1832, acha-se ao presente transformado no edificio da bolsa, cuja frontaria do norte guarnece um dos lados da dita rua de D. Fernando II [1].

N'este hospital instituiu-a confraria aulas de instrucção primaria para os filhos dos irmãos.

A ordem terceira de S. Francisco, do Porto, é muito antiga. O padre doutor Manuel de Oliveira Ferreira diz no seu *Compendio da historia terciaria* que fôra instituida em vida do seu patriarcha, S. Francisco de Assis, e que n'esta confraria cingiram o cordão seraphico muitos reis e principes de Portugal.

I. DE VILHENA BARBOSA.

AS ORDENS RELIGIOSAS E A CIVILISAÇÃO DE GOA

(Vid. pag. 299)

III

Com quanto todas estas ordens tenham concorrido para arraigar nos corações dos povos de Goa as luzes da fé e da illustração, ha entre ellas tres a quem cabe a gloria de terem sido nossos prégadores e mestres, e são a dos franciscanos observantes, que missionavam em Bardez; a dos jesuitas, que missionavam em Salsete, e nas aldeias de S. Lourenço, S. Thiago, S. Braz, Daugim, Divar e Chorão, das ilhas de Goa; e a dos dominicanos, que missionavam nas aldeias de Faleigão, Santa Cruz, Curca, Siridão e outras das ilhas de Goa; todas tres ordens estas pelas quaes foram distribuidas as missões d'este paiz.

[1] Vid. pag. 308 do vol. IV.

Vejamos quaes foram os seus serviços.

A religião que dominava em Goa antes da sua conquista pelas armas portuguezas em 1510, era o theomorphismo oriental, ou a lei de Bramá, tão radicada com todo o cortejo de superstições no animo dos povos, que a propaganda dos musulmanos, que por tantos seculos os haviam assoberbado com tyrannias e oppressões, não tinha podido destruir, nem tão pouco abater um só dos seus monumentos religiosos. Os conquistadores portuguezes, subjugando a cidade, não demoraram para propagar o christianismo e extirpar a idolatria, e assim vêmol-os entre os perigos da guerra e os cuidados dos assaltos annunciar a cruzada religiosa por boca dos missionarios. Em 1530 o padre Miguel Vaz, discipulo do celebre João de Avila, e na opinião de S. Francisco Xavier o mais strenuo campeão da fé, espalha o terror entre os conquistados pelo seu acrisolado zelo, e ao seu primeiro aceno os pagodes que se levantavam na cidade caem derrubados, e todos os pagãos que se recusam vir ao seio do catholicismo são compellidos a abandonar a sua patria. O padre Diogo de Borba, outro varão preclaro, tão ardente como o padre Vaz, prega com tanto enthusiasmo sobre a conversão dos infieis, que funda a confraria da Santa Fé, composta de homens de grande prestigio e poder, e que tem por intuito perseguir a idolatria e favorecer os novos convertidos, e com ella o seminario do mesmo titulo e o collegio de S. Paulo, o primeiro estabelecimento litterario na India, depois do de Antonio Galvão, o apostolo das Molucas, destinado a educar os proselytos e habilital-os pára cathechistas, e que, cedido mais tarde á Companhia de Jesus, veiu a ser o seu principal collegio no Oriente. Muitos sacerdotes acompanhavam ambos estes missionarios na evangelisação, e aos seus heroicos esforços devemos attribuir a destruição de trezentos pagodes que existiam na ilha, e a primeira conversão dos povos, que, convictos ou violentados, receberam o baptismo.

Não chegavam mais longe as fôrças d'estes missionarios; eram poucos os operarios e vasta a messe, não só da ilha de Goa, mas ainda das duas provincias de Salsete e Bardez, que eram cedidas aos portuguezes em 1544. Entretanto as fadigas do apostolado e as perseguições dos infieis tinham terminado os dias dos primeiros cruzados. O padre Vaz morria victima de peçonha, preparada por um pagão em Baçaim; o padre Borba descia ao tumulo, consumido pelos trabalhos, no collegio que fundára, e os seus collegas, espalhando-se por diversos pontos da India, affrontavam a bruteza das raças indigenas com tormentos e martyrios. Para os substituir vieram os religiosos. S. Francisco Xavier, antes de converter os idolatras, tem de converter os portuguezes, que, enervados pelas delicias da Asia, se debatem em uma espantosa corrupção dos costumes, e dedica todo o tempo que demora na cidade, quando volta mais de uma vez das suas santas peregrinações por todo o Oriente, para derramar a fé n'essa nova Babylonia, onde todas as classes, castas e religiões vão ouvir de joelhos a prégação inspirada pelo ceo, que ensina o apostolo com tamanho proveito. O seu exemplo é imitado por todos os missionarios, e a luz que elle accende na capital é levada a todas as provincias e a todas as aldeias. Os jesuitas e os dominicanos percorrem triumphantes em 1548 a cidade e as ilhas circumvisinhas, e arvoram em toda a parte a cruz, que os gentios reconhecem com a face no chão como o symbolo da sua redempção; os franciscanos recolhem em Bardez ao redil do Senhor turbas de ovelhas perdidas, que na cegueira do gentilismo aguardavam a sua regeneração; os jesuitas passam a Salsete em 1560, e, desabadas as barreiras que impediam a propagação do evangelho, o christianismo é derramado com rapidez por todo o seu ambito. Plantada a arvore da cruz em todos os pon-

tos, as suas raizes crescem e se dilatam, e não ha aldeia onde ellas não cheguem.

Umas vezes a persuasão, outras vezes a violencia, e algumas vezes o martyrio, são as armas com que se realisam essas conquistas religiosas. Se o exemplo das virtudes e o fructo das prégações não allumiam os povos, está o ferro dos cruzados que derruba os pagodes; está o fogo dos inquisidores que devora os que são rebeldes contra a fé; estão as leis do fanatismo que arrancam os orphãos dos braços das suas mães para leval-os ao baptismo, que exterminam os que escapam ao zelo da evangelisação, que lhes sequestram todos os bens, que lhes tiram todos os direitos, e que proscrevem todas as suas solemnidades; e quando porventura o odio dos pagãos, excitado por tantas perseguições, respira a vingança, tão extrema como a desesperação, estão os martyres de Cuncolim, esses illustres e mimosos filhos de Santo Ignacio, que em 15 de julho de 1583 vertem entre as lanças e os cutelos dos barbaros o seu sangue, e com elle regam a arvore da salvação que plantavam. O fructo de tanto ardor não póde deixar de ser copioso. Não seguindo passo a passo os progressos do christianismo em cada seculo e em cada aldeia, e não nos detendo em descrever tantos baptismos geraes e solemnes, póde-se affirmar que no fim do anno de 1722 o numero do povo catholico, entre homens e mulheres, era 181:565, sendo 58:430 na ilha de Goa e Angediva, 71:017 em Salsete e 52:118 em Bardez; assim nos diz uma certidão do livro dos registos dos roes da camara ecclesiastica, passada pelo seu escrivão em 28 de dezembro de 1722, existente no codice $\frac{C-V}{2-6}$ dos mss. da bibliotheca de Evora, e citada pelo sr. Miguel Vicente de Abreu na traducção que fez do *Bosquejo historico de Goa* por Cottineau.

Dissipadas as trevas da idolatria, derrubados os pagodes, e sobre as suas ruinas levantados tantos sanctuarios, era preciso radicar no coração dos convertidos a nova religião, ensinando-lhes o culto interior pelas lições espirituaes, e convidando-os ao culto exterior por meio das festas e das instituições de piedade. A uma e outra coisa attenderam os religiosos, e tanto se empenharam, que o christianismo, ao passo que se propagava, brilhava já pelo fervor do espirito dos primeiros christãos, já pela pompa das festas e pelo apparato dos templos. Os livros da idolatria são queimados, e em seu logar divulgados os cathecismos no idioma concani. Os mais abalisados mestres se dão ao estudo da lingua vernacula, e em pouco tempo toda a doutrina christã, a explicação dos mysterios diurnos e a exposição da paixão do Redemptor estão postas ao alcance do povo, e ao mesmo passo se publicam grammaticas que ensinam a structura da lingua, diccionarios que explicam os termos, e os directorios da confissão, que guiam um confessor estrangeiro no tribunal da penitencia. Estes livros aproximam os mestres dos discipulos, os prégadores dos cathecumenos. Elles pregam e administram os sacramentos, estes já os percebem, já sabem os fundamentos da lei nova, e por isso correm a receber o pão do espirito, que os robora na crença e os enche de graças.

O culto exterior corre parelhas com o interior. O aceio dos templos, o esplendor das vestes sacerdotaes, a uncção que respiram as solemnidades, os sons que tiram do orgão, o canto que ecboam os grandes mestres, o incenso que em rolos sobe ao ceo, as procissões que percorrem caminhos juncados de flores, tanto apparato e tamanha poesia enleva aquelles corações ermos affeitos ao prosaismo dos pagodes, e não ha festa para a qual não concorram turbas de christãos. De envolta com as ceremonias prescriptas pela egreja, os religiosos introduzem muitas praticas theatraes quasi comicas, representando os passos da paixão, que, parecendo á primeira vista um escarneo ao christianismo, não são senão um poderoso remedio para radicar a fé nos convertidos, e para, fazendo descer a elevada simplicidade da religião ao nivel do alcance dos espiritos simplices por meio de representações externas, preparar os animos dos gentios para virem depor os seus erros ao pé da cruz.

(Continúa) J. C. BARRETO MIRANDA.

A PAZ E A GUERRA

O LAVRADOR E O SOLDADO

I

O ARTISTA

A eschola de Bolonha, illustrada pelos Carrache (1555-1681), por Guido (1575-1642), por Albano (1578-1660), por Guercino (1591-1666), e por Pesareso (1612-1648), conta dois mestres do appellido de Mitelli, ou Metelli, conforme o escreveram diversos biographos, e especialmente os compiladores florentinos que nos deixaram o *Abecedario pittoresco*.

O primeiro Metelli, Agostinho (1597-1660), applicou-se particularmente á architectura e á pintura decorativa. Chamado á côrte de Madrid pelo rei Filippe IV, para executar umas pinturas a fresco que o immortalisaram, Agostinho Metelli deu-se a este trabalho com tanto esforço e solicitude, que succumbiu de cançaço.

Seu filho José Maria (1634-1718), artista, para assim dizer, universal, é o inventor dos quadros chamados animados, compostos de figurinhas, cujos olhos, mãos e pés se movem por mecanismo occulto. Esta engenhosa phantasia, que foi vulgarisada pelas innumeras combinações da industria dos quincalheiros, não bastaria, de certo, para salvar do esquecimento o nome de José Maria Metelli; porém deve elle a fama de que justamente goza aos seus trabalhos como gravador. Além de dezesete estampas, cujo assumpto é a fundação de Roma, e a serie das scenas de Bolonha, segundo Annibal Carrache, a fecunda imaginação d'este notavel mestre, que viveu 84 annos, occupou tão laboriosamente o seu buril, que só o catalogo das composições originaes formariam um volume.

Nasceu José Maria quando acabavam as guerras da peninsula italica, mas sangravam ainda as profundas feridas da Italia central. O tratado de Chierasco terminára as terriveis luctas do Mantuano, e entregava á casa de Gonzaga-Nevers o que restava de Mantua saqueada e incendiada pelo exercito hispano-austriaco.

Muito tempo depois, os que a guerra poupára ou sómente mutilára, não tinham regressado ainda aos seus lares; muitos de certo não voltariam mais; alguns morreriam no caminho; outros, em fim, mais felizes, só chegariam ao seu destino, descançando aqui e alli, ao cabo de longos e penosos dias de jornada. José Maria era já um mocetão quando encontrou na estrada, segundo dizem, coxeando um pobre voluntario, carregado com a sua ferramenta de guerra, que regressava aos patrios lares para contar como, depois de ter auxiliado os genovezes a bater Carlos Manuel de Saboya, fôra obrigado a servir o proprio Carlos Manuel, em primeiro logar para se bater contra os allemães, e em segundo logar para fazer causa commum com elles, porque era sabido que o duque de Saboya, inconstante em objecto de allianças, tornava-se hoje auxiliar d'aquelles que na vespera eram seus implacaveis adversarios.

Mas, quer fosse por esta razão, quer fosse por outra causa, o certo é que o gravador Metelli teve a idéa de gravar o *Soldado* e o *Lavrador*, pondo em relevo, como exemplar e natural contraste, as miserias da guerra e os beneficios da paz, e nós temos, em vista d'isso, o pensamento de referir a seguinte interessante lenda.

II

DOIS RIOS DE SANGUE POR UMA LAGRIMA DE OIRO

Entre Rimini e a ponte de Augusto, no logar onde em outros tempos a via Emiliana entrava na via Flaminiana, a qual conduzia a Roma; n'esse logar, diziamos, havia uma pequena herdade, onde uma viuva vivia do producto de algumas geiras que lavrava com o auxilio de dois filhos gemeos, que tinham chegado á edade varonil.

A viuva tambem era mãe de uma rapariga, mas tão mocinha, que chegára apenas a conhecer o pae. Estava-lhe, comtudo, reservada nova provação, pois que dava os primeiros passos quando a morte da mãe completou a sua triste orphandade.

Nos dois primeiros dias do novo lucto, os dois irmãos prometteram continuar a auxiliar-se no trabalho do campo e em tudo o que na hora extrema sua mãe lhes recommendára; porém, assim como um amava a terra, que cultivava desde a infancia, o outro, entrevendo mais risonhos horisontes, sentia o desejo de procurar a prosperidade nos lances da guerra, de que um veterano seu visinho contava anecdotas e maravilhas á criança, que não se cançava de ouvil-o.

Os soldados que iam para a guerra passavam, de tempos a tempos, pelo paiz. Alegrava-o a chegada dos



A paz

militares e entristecia-o a sua partida, mas não se atrevia a seguil-os, porque não seria essa a vontade de seu pae.

Quando a mãe falleceu, o que promettêra ao irmão não se lhe figurava obstaculo poderoso contra a necessidade de ir ao encontro das aventuras bellicas com que sonhava; bastava que se lhe deparasse occasião, e elle para logo se decidiria a deixar ao lavrador a duplicada obrigação de cultivar a herança paterna e tratar da educação da pobre orphã.

Acerca d'estes dois pontos, o pobre soldado raciocinava assim:

— Ganharão todos com a minha ida para o exercito. Deixarei a minha irmã a parte que me cabe na herança paterna; e quando voltar á nossa casa repartirei fraternalmente, com os que vão aqui aguardar-me, as riquezas que não deixarei de encontrar por esses campos.

Appareceu a occasião propicia.

O duque de Saboya inquietava os genovezes. Um dos agentes que tratavam dos alistamentos para a republica de Genova parou um dia na aldeia em que viviam os dois gemeos; alli encontrou o curioso das batalhas; houve entre o agente e este curioso um momento de conversação sem a presença da familia, e a patria dos Doria contou mais um soldado.

Quando regressou por primeira vez, doze annos depois da sua partida, servíra nos extremos da Italia, e além d'esta peninsula, ora a favor de uns, ora a favor de outros; quando regressou, algum tanto cançado e já velho, encontrou seu irmão guiando os bois na lavoira, e sua irmã, já uma gentil menina, cuidando do curral e do arranjo domestico. Víra muitas terras e muitas coisas, matára muitas pessoas e saqueára muitas casas. Mas, por infelicidade, quasi todos os despojos colhidos no meio da violencia, a violencia os tinha rebavido; o resto evaporára-se no fumo das orgias. De todas as riquezas que lhe passaram pelas mãos, restára-lhe apenas um pedacinho de oiro fundido sob a fórma de uma pera ou de uma lagrima.

A irmã, examinando esta reliquia que o soldado lhe offerecêra, observou:

— Este pedacinho de oiro parece-se com uma das lagrimas da Magdalena de pedra que chora ao pé da cruz, na egreja da nossa aldeia.

A estas palavras, que eram uma recordação importuna, o soldado carregou o semblante e mordeu o bigode; mas, como a nuvem passou rapidamente, disse á irmã:

— Confessa, rapariguinha, que desejavas ter outro pedaço de oiro egual para fazer um bom par de brincos. Deviam tornar-te mais formosa.

A joven não respondeu negativamente.

Decorridos alguns dias, o soldado, vendo que não podia ainda habituar-se á vida campesina, disse, mostrando o fragmento de oiro á irmã e ao irmão, que queriam impedir-lhe a saída:

— Deixem-me. Um só não basta para o adereço de nossa boa irmã. Guardem, pois, este pedaço de oiro, porque eu não voltarei aqui sem que tenha ganho ou achado outro egual.

Decorreram mais quinze annos. Durante este longo periodo, o pobre soldado viu novas batalhas, participou de novos saques nas casas, nas aldeias e nos templos, sem que se lhe offerecesse occasião de adquirir outro pedacinho de oiro como o que deixára a



A guerra

sua irmã. Nem sempre se encontram imagens cujos olhos chorem lagrimas de oiro e incitem a cubiça dos dilapidadores da fazenda alheia!

No entretanto, um moço visinho do lavrador soubera captivar a amizade d'este e de sua irmã, por uma pequena troca de serviços; mas, porque a intimidade do mancebo foi creando raizes e a affeição da joven se tornou mais profunda, um dia ajustou-se o consorcio dos dois, e d'este modo o visinho devia tomar o logar do ausente.

Estava a ponto de realisar-se este enlace, quando as urgencias da guerra trouxeram á aldeia um capitão do exercito do principe, e o mancebo foi obrigado a entrar no alistamento forçado que o dito official ia fazendo das pessoas válidas de todas as povoações.

No momento da despedida dos noivos, a joven deu ao mancebo, como lembrança, o pedacinho de oiro e um annel, seguro em uma trança dos proprios cabellos, que lhe deitou ao collo; e no primeiro objecto de oiro gravou uma cruz.

Desde este momento, na casa do lavrador ficaram-se esperando dois ausentes.

Um só regressou. Vinha pallido, mutilado, andrajoso. Em vez de andar, arrastava-se pela estrada, meio morto de cançaço e fome. Em vez das riquezas que devia accumular e trazer para o lar paterno, eram-lhe fardo penoso a miseria que o seguira e as armas embotadas no sangue de muitas victimas.

O lavrador, tranquillo e vigoroso, semeava o trigo nas geiras. Conhecia-se-lhe a edade pelo embranquecimento dos cabellos e por algumas rugas na testa, mas não porque lhe faltasse a energia, a actividade e a intelligencia. O desenvolvimento e o acerto dos trabalhos agricolas alli o estavam attestando.

Quando os tres filhos da viuva se assentaram á mesa da familia, o soldado foi o primeiro a fallar d'este modo:

— Não consegui enriquecer-me, porém soube cumprir a promessa que fiz. Minha irmã, já tens o par de brincos. Encontrei um egual. Este saíu menos caro

que o primeiro, porque só custou a vida de um homem.

E o soldado mostrou o pedacinho de oiro sob a fórma de uma pera, que suppoz ser em tudo egual ao que deixára á irmã.

Junto do pedacinho de oiro vinha um annel, e entrelaçava estes objectos uma linda trança de cabellos.

O lavrador reconheceu o annel. A noiva do moço soldado reconheceu o signal que pozera na pera ou lagrima de oiro, e a trança dos seus cabellos. E ambos, aterrados com a idéa de que seu irmão fosse o assassino do seu bom amigo, exclamaram empallidecendo:

— É o mesmo!

Os que tem confiança no futuro suppõem que nascerá um dia em que possa dizer-se: «Succedeu isto no tempo em que os homens ateavam a guerra.»

Os que vêem mais longe, e acreditam sómente em que hão de apparecer no mundo raças melhores que a nossa, julgam que os crimes da guerra não se praticarão quando se disser: «Succedeu isto no tempo em que havia homens.»

TAVIRA

HOSPITAL DO ESPIRITO SANTO

(Vid. pag. 292)

«O segundo documento, diz o auctor da memoria, é o requerimento que em 19 de janeiro de 1454 fez Antão Marques, mordomo da confraria nova de Santa Maria e S. Braz, a Pero Lopes da Franca, escudeiro e sesmeiro, no qual pedia lhe désse de sesmaria =uns chãos que jazem em monturo, que são junto com o adro de S. Francisco, que partem com pardieiros da mulher e filhos de Fernão Martins de Carvalhal, e com o caminho que vae para a Atalaya, e com a horta do mestre Pedro=. E tendo o dito sesmeiro deferido ao requerimento, mandando apregoar pelas praças da villa, para ver se havia pessoa que a elles tivesse direito, apparece em seguida, a 11 de abril do dito anno, o alvará concedendo ao dito mordomo os chãos que requerêra =para se em elles fazer um Hospital para o serviço de Deos e da Senhora Virgem Santa Maria, sua Madre=.

«O terceiro documento, datado de 21 de agosto de 1454, é um instrumento, no qual Affonso Annes, tabellião, porta por fé que na praça da Ribeira, estando alli Lopo Affonso da Franca, escudeiro e juiz ordinario, perante elle juiz, e muitas testimunhas, appareceu Fernão Gonçalves, declarando que Luiz Peres, escrivão que fôra da camara, tivera fallecido com testamento, que apresentou cerrado, pedindo ao juiz o mandasse abrir, publicar e dar-lhe publica fórma, onde se viu que o dito fallecido instituíra sua mulher por herdeira usufructuaria de todos os seus bens, para por sua morte passarem logo á confraria nova de Santa Maria e S. Braz, e mais adiante diz: =que se sua mulher morrer, ou fizer de si o que não deve, os seus bens sejam logo partidos, e a roupa da cama seja logo entregue á Albergaria de Santa Maria e S. Braz, para refazimento das camas da dita Albergaria, e assim lhe entreguem todos os outros seus bens, dos quaes fazia herdeira a Virgem Santa Maria, para repairamento e governança das ditas Albergarias, e que as ditas confrarias lhe digam annualmente vinte e quatro missas=. Depois, a requerimento do mordomo Antão Marques, mandou o juiz passar um instrumento publico no livro da confraria.

«O quarto documento, datado de 8 de janeiro de 1455, é um instrumento, no qual Pedro Affonso porta por fé, que, estando preso, fôra ter com elle á prisão Alvaro Mendes Godinho, cavalleiro da casa del-rei, e corregedor no reino do Algarve, dizendo-lhe que Estevão Rodrigues de Malforo, tendo morrido com testamento, n'elle instituíra uma deixa *ás Albergarias da villa*, e portanto mandava que se désse ao *mordomo das ditas Confrarias* um instrumento com o titulo da verba que a ellas pertencia; que vinha a ser deixar sua mulher como usufructuaria dos bens remanescentes de outros legados que instituíra, para por sua morte passar o dito remanescente para *as ditas Albergarias*.

«O quinto documento é uma carta de doação, que Ouriana Pereira, viuva de Fernão Martins de Carvalhal, faz em favor da confraria nova de Santa Maria e S. Braz, =de uns pardieiros que são na rua de Santo Antão, e partem com a Albergaria da dita confraria, com a horta d'elrei e com os chãos da dita confraria e com a dita rua, com tanto que se faça nos ditos pardieiros Albergaria, segundo a mim foi dito que tem ordenado fazer=.

«É portanto certo, continúa o auctor da memoria, que a fundação do hospital propriamente dito, começando pela acquisição dos terrenos, teve principio em 1454, e que a confraria de Santa Maria fôra fundada em 1442. Mas o que parece muito provavel é que antes d'esta fundação já existia alguma outra com albergaria annexa, á qual se uniu a nova confraria de Santa Maria, por quanto merece muito credito a nota que está no Tombo do Tello, a que já me referi, escripta por um official da casa, que affirma ter visto o tal livro pequeno de pergaminho, por onde constava a primitiva fundação antes de 1430; por outro lado, os documentos que ficam transcriptos fallam das confrarias com a denominação de Santa Maria Nova e S. Braz. Ainda hoje existe junto ao corpo da egreja, e escapo aos dois terremotos, de 27 de dezembro de 1722 e 1.º de novembro de 1755, uma capella chamada de S. Braz, com a sua abobada artezoada, e de estilo architectonico do tempo del-rei D. João I, ainda que sem ostentação de ornatos, sendo certo que os antigos confrades faziam no dia de S. Braz uma festa com solemnidade; o que tudo me faz suppor que a primitiva fundação foi a de alguma capella com a invocação de S. Braz, e albergaria annexa, augmentada depois com as posteriores fundações.

«Não deixarei passar despercebido o equivoco em que laborou João Baptista da Silva Lopes, affirmando na sua *Chorographia* que o hospital fôra fundado em 1442 pela confraria de Santa Maria, quando da carta del-rei D. Affonso V se deduz que foi a propria confraria que se fundou n'esse anno.»

Depois passa o auctor da memoria a tratar do modo por que se fazia antigamente a eleição do pessoal administrativo das confrarias e do hospital; dos abusos que se introduziram nas eleições, e das providencias que o governo deu a este respeito. O hospital é administrado por um juiz ou provedor, mordomo e escrivão. Data esta pratica desde o anno de 1497.

Não ha certeza de quando teve principio a invocação de hospital do Espirito Santo. Mas, á vista de uns apontamentos do Tombo do Tello, acha provavel o sr. Guerreiro de Aboim que já a tivesse no anno de 1474.

Desde a sua instituição, começou o hospital do Espirito Santo a ser contemplado com legados, que pouco a pouco lhe foram augmentando os rendimentos, com que se habilitou para exercer com mais largueza a sua acção caritativa. Reinando ainda D. Affonso V, prestou este hospital importantes serviços, não só a Tavira, mas tambem a todo o paiz, recebendo e tratando muitos soldados que voltavam feridos das emprezas de Africa.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

MARCOS ANTONIO PORTUGAL

(Vid. pag. 290)

III

Havendo chegado a Italia em 1787 (é ainda Fétis quem falla), escreveu Marcos no anno seguinte em Turim *L'eroe cinese*, sua primeira opera, cujo successo esteve longe de corresponder aos seus desejos e ás esperanças dos seus amigos. Porém alguns mezes depois desforrou-se da sua má estreia, fazendo representar a burletta *La bacchetta portentosa*, que excitou a admiração dos genovezes pela novidade e bom concerto dos trechos que constituiam a maior parte da sua partitura. Egual acceitação logrou *L'astutto*, por elle posta em scena no theatro de Florença na primavera de 1789. Esta peça, e *Il molinaro*, cantado em Veneza no carnaval de 1790, acabaram de estabelecer a sua reputação.

Tudo assim poderá ser; e é de presumir que o illustrado biographo tivesse presentes documentos de sufficiente auctoridade, que lhe servissem de base para asserções tão positivas. Quanto a nós, seja licito dizel-o, achâmos difficuldade invencivel em concilial-as com a verdade averiguada de factos, cuja existencia nos parece comprovada de um modo incontestavel. O proprio Marcos declara no citado catalogo das suas peças musicaes «que fôra por duas vezes a Italia com licença expressa de sua alteza real [1]:» omittiu, porém, a indicação, que mui util nos seria, dos annos precisos em que se realisaram essas digressões: e o que sobre tudo nos maravilha é que n'esse catalogo se não ache designada nem uma só das quatro composições que se lhe attribuem, nem ainda qualquer outra, por elle dada para os theatros de Italia no periodo decorrido de 1787 a 1790, a que o biographo se refere! Como é crivel que lhe escapassem, ou que d'ellas se esquecesse no catalogo, aliás tão minucioso, e onde figuram tantas obras anteriores e posteriores áquella epocha?

O que temos por innegavel, em razão de possuirmos impressos os respectivos exemplares, é que por todo o decurso dos annos de 1785 até 1790 se representaram ou cantaram em Lisboa, no theatro do Salitre, aberto recentemente por esse tempo [2], varias burlettas, dramas allegoricos e elogios em portuguez, com musica da composição de Marcos (adiante daremos os seus titulos), e que já em 1788 o encontrâmos ahi qualificado de «mestre de musica do referido theatro e compositor organista da santa egreja patriarchal.» Tambem é certo que para essa egreja, e para a capella real de Queluz, escrevêra no mencionado intervallo algumas missas, psalmos e outros trechos de musica sagrada, segundo se vê do catalogo.

Não havendo, pois, meio de tomar pé n'este pélago de incertezas, diremos ainda com Fétis, que Marcos se recolhêra á patria em 1790, e fôra apresentado ao rei, que o nomeára seu mestre de capella [1].

A demora em Lisboa não foi longa, pois que logo no anno seguinte, ou talvez mais certo no de 1792, o vemos emprehender a segunda viagem a Italia (se não foi esta a primeira, como estamos propenso a crer). Então foi que, no decurso de sete ou oito annos successivos, enriqueceu os theatros d'aquella peninsula artistica com os primores do seu genio, sempre coberto de applausos, e merecendo ver o seu nome emparelhado ao dos mais distinctos compositores do tempo.

As peças que, no dizer de Fétis, lhe grangearam maior fama n'aquella terra classica da harmonia, foram: *La donna di genio volubile*, cantada no theatro de Parma; no de Roma *La vedova raggiratrice;* e em Veneza *Il principe di Spazzacamino*, «cujo brilhantissimo successo excitou (diz) o interesse de toda a Italia [2].» No genero serio tornaram-se pelo mesmo tempo mais notaveis o *Demofoonte*, por elle composto em Milão em 1794, e *Fernando in Messico*, escripto em Roma em 1797, e tido como a obra prima do *maestro* portuguez [3].

Ou porque saudades da patria o apertassem, ou porque obrigações do emprego lhe não consentissem prolongar a ausencia por mais tempo, Marcos regressou em fim a Lisboa, onde o sabemos já de certo nos primeiros dias de 1799.

A sazão era-lhe propicia para colher entre os naturaes novos loiros, com que entretecer os das coroas que soubera conquistar dos estrangeiros por esforços do talento. No theatro de S. Carlos, consagrado exclusivamente ao culto da opera italiana [4], e já então florecente sob os auspicios de uma direcção habil e zelosa, que não se forrava a despezas para agradar aos *dilettanti* [5], achava então francas as portas para proseguir no brilhante estadio que encetára, e pouco depois interpretes condignos, que dessem vida ás suas notas immortaes.

Não tardou, pois, que conseguisse fazer ouvir em S. Carlos algumas das peças que mais gostadas haviam sido em Italia, taes como *La donna*, *Rinaldo d'Aste* e *Il principe di Spazzacamino;* e o exito que

1 Não satisfeito d'estas duas idas, houve quem pretendesse multiplical-as em outra noticia biographica recentemente impressa, dizendo com emphatica exaggeração: «Vindo *frequentes vezes* a Portugal, o illustre compositor portuguez, *logo que podia, voltava a Italia*, que foi sempre a terra da sua paixão; e tinha razão, porque foi este paiz que lhe fez a sua grande reputação, muito antes da sua patria lh'a confirmar, etc.» Parece-nos que n'este periodo as *frequentes vezes*, e o *logo que podia* bem podiam omittir-se!

E a proposito dos estudos de Marcos na Italia, acode-nos aos bicos da penna um repáro sobre o que lemos ha poucos dias no mui curioso opusculo *Pintura de um outeiro nocturno, e um sarau musical no fim do seculo passado*, de que é auctor o nosso respeitavel e amabilissimo consocio, o sr. marquez de Rezende. Fallando ahi incidentemente de Marcos Portugal, a pag. 44, diz s. ex.ª «que elle estava então por conta do governo, e em companhia de Paer e Rossini aperfeiçoando-se no seminario de Napoles.» Tudo poderia ser, menos que Marcos convivesse ahi com Rossini; pois este, como é sabido, nasceu em Pezaro a 29 de fevereiro de 1792 (quando aquelle entrava já nos vinte e nove annos de edade), e só aos dez ou doze, isto é, por 1802 ou 1804, começou a sua educação musical, no tempo em que Marcos, depois de *aperfeiçoado*, havia já produzido algumas dezenas de partituras sacras e theatraes, achando-se então, para dizel-o assim, no apogeo da sua fama.

Este, e outros anachronismos que escaparam na *Pintura do outeiro*, requerem uma prudente reserva da parte dos leitores, para não serem induzidos em erro, levados da auctoridade de tão erudito escriptor.

2 No esboço biographico que annos ha publicámos no tomo I d'este semanario ácerca do morgado de Assentis, Francisco de Paula Cardoso, cremos ter dito alguma coisa com referencia á fundação e estabelecimento d'este theatro.

1 Até n'isto ha equivocação ou anachronismo. Em 1790 reinava em Portugal, estando ainda na posse plena de suas faculdades intellectuaes, D. Maria I, e não havia rei algum. O biographo que na *Chronica dos theatros*, n.º 9, de 7 de junho de 1865, traduziu ou extractou o artigo de Fétis ácerca de Marcos, propoz-se aclarar o caso, dizendo que em 1790 *elle fôra apresentado a D. Pedro*. Isto é ainda alguma coisa peior. Se entende referir-se a D. Pedro III, este era fallecido desde 1786; se ao principe que depois se chamou D. Pedro IV, este estava ainda no embryão dos possiveis, pois só veiu á luz em 12 de outubro de 1798.

2 Fétis e os que o seguem parece reportarem a execução de todas estas peças ao anno de 1791, em que Marcos, a nosso ver, estava ainda em Lisboa. O catalogo, porém, diz outra coisa, e, segundo este, *La donna* só subiu á scena em Veneza, no theatro de S. Moisé, em 1796; *La vedova* em Florença, no theatro della Pergola, em 1794; e *Il principe* em Veneza, no já dito theatro, em 1793, precedendo esta as outras duas na sua ordem chronologica.

3 Segundo o catalogo, o *Demofoonte* foi com effeito representado no theatro della Scala, mas em 1793. O *Fernando* só o foi no theatro de S. Benetto de Veneza em 1798. De outras operas e burlettas se faz menção no catalogo, como tendo sido cantadas nos diversos theatros da Italia pelos annos de 1793 a 1799. Deixâmos para o fim d'este estudo a resenha de todas.

4 Este theatro, ácerca de cuja edificação podem ler-se curiosas noticias na *Revista universal lisbonense*, tomo V, pag. 465 e seguintes, abriu-se pela primeira vez a 30 de junho de 1793, sendo emprezarios Antonio Lodi e André Lenzi. Escolheram para aquella abertura solemne *La ballerina amante* de Cimarosa, e foi a musica dirigida pelo mestre do real seminario Antonio Leal Moreira. Os cantores executantes eram: Domenico Caporallni, *prima buffa absoluta;* Michele Cavana, *prima dona seria;* Francesco Marchesi, *primo buffo absoluto;* Loreto Olivieri e Paolo Boscoli, *primi buffi caricati;* Pietro Guariglia, *primo mezzo carattere;* Natale Rossi, *seconda buffa;* Francesco Franchi, *mezzo carattere*. Será talvez ocioso lembrar que por aquella epocha estava ás mulheres interdicta a representação nos nossos theatros; prohibição que parece só veiu a levantar-se em 1800.

5 Affirma-nos o sr. J. J. Marques haver lido nas gazetas de Lisboa d'aquelle tempo mais de um annuncio, em que a empreza de S. Carlos se declarava prompta a acceitar e retribuir vantajosamente quaesquer operas que os compositores nacionaes apresentassem, dignas de acceitação. Por falta de opportunidade deixámos de verificar este facto.

obtiveram foi por tal modo lisonjeiro, que em breve se viu habilitado para noves e mais assignalados triumphos.

Foi no anno de 1801 que veiu para o nosso theatro lyrico (cuja empreza havia então assumido, segundo cremos, o grande artista Crescentini [1], depois de deliciar por alguns annos os lisbonenses com a magica flexibilidade da sua voz e o excellente methodo do seu canto) uma nova e escolhida companhia de cantores italianos [2]. Distinguia-se entre elles a celebre Catalani [3], que ainda em annos verdes, pois entrava nos dezenove, se fallam verdade alguns dos seus biographos, dera já em Italia provas nada equivocas do que viria a ser mais tarde. A esta companhia foi Marcos aggregado, e continuou a exercer n'esse anno, e nos seguintes até 1807, alternadamente com o italiano Fioraventi, o logar de mestre director, compondo ambos para o dito theatro operas, em que o portuguez levava sempre a primazia, sem que ás bellezas da arte prejudicasse a fecundidade admiravel com que chegava a aprompatar por anno tres e quatro peças novas.

A estas funcções accumulava as de director e mestre do real seminario de musica, logar em que fôra provido logo após o seu regresso de Italia, e ainda as de mestre da capella real, cujo serviço desempenhava como se manifesta dos notaveis specimens que n'esse genero nos deixou. Justamente apreciadas e sempre ouvidas com gosto, as suas composições sacras attestam ainda hoje a superioridade do seu talento, posto que a alguns entendidos se afigurem de menos merito, por acharem n'ellas pronunciado em demasia certo sabor theatral.

Ainda que não devamos affirmal-o por falta de documentos, parece-nos comtudo provavel que entre Marcos e Catalani haveria anteriores relações de conhecimento, contrahidas na Italia; e até que a joven cantora com a sua esplendida execução teria nos ultimos annos concorrido para realçar a fama do illustre compositor, tomando parte nas suas operas representadas em Milão e Veneza. Mas o que não padece dúvida, porque o abona o testimunho presencial de pessoas inda vivas, é que entre os dois se estabelecêra em Lisboa a mais intima e affectuosa convivencia, de sorte que o mestre, que assistia então proximo do theatro, passava em casa da cantora grande parte dos dias, manifestando por ella sentimentos de viva affeição, e uma ternura que parecia paternal. Com ella ensaiava as peças novas, e sobre tudo aquellas que todos os annos compunha expressamente para serem cantadas nos seus beneficios. Quiz dar-lhe lições de piano, ainda que com pouco fructo, porque, segundo se diz, havia em Catalani uma completa negação para qualquer instrumento.

Assim correu o tempo até a invasão de Portugal pelo exercito francez, em novembro de 1807. Fétis e outros biographos de Marcos escrevem como facto assentado que elle passára então para o Brasil, acompanhando o principe regente na sua retirada; entretanto, nada ha menos verdadeiro. Que razões ou motivos lhe obstassem para acompanhar desde logo seu augusto amo, não nos constam, nem ha meio de os saber; mas que ficou e permaneceu ainda por alguns annos em Lisboa é caso certissimo, e que não admitte dúvida.

N'esse periodo da dominação estrangeira teve de dirigir pessoalmente (por ordem superior, que não pouco pezaria aos seus sentimentos patrioticos) a execução da sua opera *Demofoonte*, levada á scena em S. Carlos a 15 de agosto de 1808, em uma récita extraordinaria que, para solemnisar o anniversario de Napoleão, mandou dar o general Junot, e a que assistiu com todo o seu estado maior.

Expulsos pouco depois os francezes pelas tropas anglo-lusas, e tratando-se de alentar os brios nacionaes, compoz Marcos expressamente dois hymnos com acompanhamento de banda militar, por elle dedicados ao principe e á nação. Um d'esses hymnos, notavel pela expressão e suavidade da musica, foi por muitos annos adoptado, e sel-o-hia talvez até hoje se, por effeito de nossas luctas civis, não ficasse de todo proscripto em 1834. De outras peças, escriptas ainda em Lisboa pelos annos de 1808 e 1809, encontrâmos commemoração no respectivo catalogo.

Entretanto, as circunstancias apertadas do paiz, assolado pela invasão e pela guerra que se lhe seguiu com suas inevitaveis consequencias, tornaram assás precaria a situação de Marcos, que, habituado a viver com largueza, via escassear successivamente os seus recursos pecuniarios. Em 1809 fechára-se o theatro de S. Carlos, e fechado se conservou até 1813, em que tomou d'elle conta a nova empreza de Manuel Baptista de Paula. Diz-se que n'este intervallo recebêra Marcos propostas de algumas cortes da Europa, que o chamavam a seu serviço com generosas offertas, porém que elle as regeitára; e tomando por melhor partido o de ir através do Oceano solicitar de seu proprio soberano a protecção a que tinha direito, e de que anteriormente gozára, resolveu transportar-se para o Rio de Janeiro. Assim o poz por obra, embarcando, ao que podêmos julgar, no anno de 1810, com alguns cantantes e instrumentistas, que, seguindo o seu exemplo, iam procurar fortuna em nova patria.

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

[1] Girolamo Crescentini, famoso soprano, nascido pelos annos de 1769 (outros dizem em 1766) nas visinhanças de Urbino, e fallecido em Napoles em 1846. Veiu escripturado para o theatro de S. Carlos em 1798, e aqui se demorou até 1803.

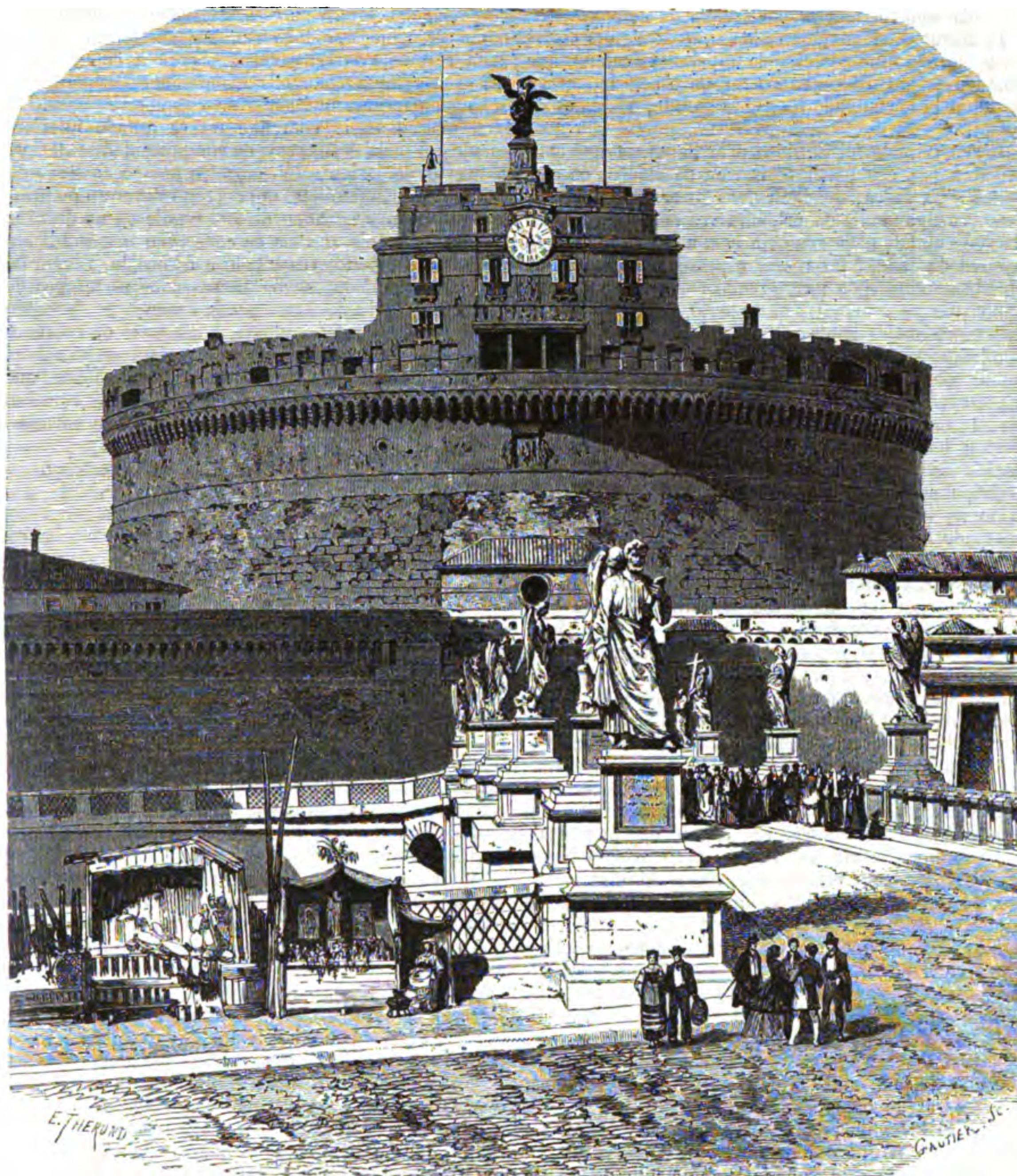
[2] Daremos aqui o elenco do pessoal d'esta companhia e dos seus vencimentos, para servir á curiosidade dos que n'isso a tiverem.

Angelica Catalani, primeira dama séria	6:400$000
Elisabetta Gafforini, primeira dama buffa	3:520$000
Dorothea Bussani, primeira dita	2:400$000
Carolina Grifani, dita	1:200$000
Pietro Mattucci, primeiro soprano	3:800$000
Domenico Mombelli, primeiro tenor	3:200$000
Antonio Naldi, primeiro buffo	3:200$000
Ludovico Breda, meio caracter	1:280$000
Ludovico Olivieri, primeiro baixo	1:040$000
Gaetano Nery, primeiro buffo	1:020$000
Francesco Gafforini, segundo tenor	480$000
Tres segundas damas	1:800$000
Pietro Angeleli, segundo buffo	960$000
Um terceiro buffo	600$000
Valentino Fioraventi, compositor	800$000
Marcos Antonio Portugal, dito	672$000
Corpo de baile	12:700$000
Coristas, serventes, etc	8:090$000
Despezas do transporte dos artistas de Italia para Lisboa	2:000$000
Somma total	55:162$000

[3] Angelica Catalani foi natural de Sinigaglia, pequena cidade dos estados da egreja, que se honra tambem de ser patria do actual pontifice Pio IX, e nasceu, conforme a opinião de Fétis (*Biog. des musiciens*, tomo II), seguida por Scudo (*Critique et litterature musicales*, tomo I da terceira edição, pag. 133), Dezobry & Bachelet (*Dictionn. général*, tomo I), e P. Larousse (*Dictionn. univ. du* XIX *siècle*, tomo III), em outubro de 1779. Na *Nouvelle biographie générale*, publicada por F. Didot, tomo IX, lê-se no artigo competente, que ella nascêra em 1782. Recordâmo-nos ainda de haver lido em parte que não podêmos agora verificar, que fôra natural de Veneza, e nascida em 1785! Havendo já percorrido diversos theatros de Italia, cantou no de S. Carlos desde 1801, como se prova de indubitaveis documentos, até o anno de 1806, em que deixou Lisboa. É para notar a estranha segurança com que Fétis, assignando-lhe a vinda para esta cidade em 1804, pretende corrigir mr. Schilling, que a dava chegada em 1801, accusando a este *de confundir todas as datas*, porque a de 1801 era aquella *em que a Catalani debutava em Milão!*... A imaginaria correcção de Fétis ao biographo hanoveriano emparelha, pouco mais ou menos, com a asserção dos que escreveram na *Nouvelle biographie générale*, que Angelica Catalani *debutára* em Roma, no theatro de Argentina, em 1802!!!—Esta artista, que saíra de Lisboa em 1806, já casada com Valabregue, e cuja reputação em França e Inglaterra subíra, dizem, muito além do que realmente merecia, veiu a morrer da cholera em Paris a 13 de junho de 1849, tendo-se retirado da scena vinte annos antes.

Os grandes do mundo são escravos da sua grandeza. Não se podem arrojar sem levar comsigo tantos grilhões e bragas, quantos pontos de honra e razões de estado. Se descaíssem do estado, ou o renunciassem, então ficariam forros. P. MANUEL BERNARDES.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31



Mausoléo de Adriano, actualmente castello de Santo Angelo

ROMA

O MAUSOLÉO DE ADRIANO E CASTELLO DE SANTO ANGELO

I

Ninguem ignora, certamente, que os imperadores romanos viviam com luxo e esplendor desmesurados. A descripção dos paços em que residiam, e das pompas que os cercavam, amesquinha e deixa em sombras o fausto e apparato dos soberanos que hoje reinam.

Pois se na vida não punham limite aos excessos da vaidade, a ostentação que faziam d'ella depois da morte não era menos pasmosa. Os tumulos, que para si proprios edificaram alguns imperadores, podiam mover inveja, pelas suas proporções colossaes e pela riqueza da ornamentação, aos mais esplendidos palacios dos potentados da terra, e até aos mais afamados templos do paganismo.

Os imperadores Augusto e Adriano foram os que mais sobresaíram pela grandeza e sumptuosidade dos mausoléos que mandaram construir para sua ultima morada. O do imperador Augusto, erigido no campo de Marte, em Roma, despojado das mil variadas esculpturas que o adornavam e enriqueciam; injuriado pela mão do tempo, e ainda mais pelo vandalismo dos homens, do que foi pouco mais mostra, ao presente, do que a vastidão do seu ambito, transformado agora, por escarneo e como para escarmento das vaidades humanas, em praça de toiros!

O mausoléo do imperador Adriano tem uma historia longa, cheia de episodios sinistros e horriveis, que a fazem não menos povoada de desenganos para os que em vida sonham nas vaidades além da campa.

P. Ælius Adrianus nasceu no anno 76 da era christã. Declarado filho adoptivo do imperador Trajano, que era seu primo, succedeu no throno a este monarcha no anno 117, contando, por conseguinte, 41 annos de edade.

O seu reinado foi glorioso para Roma, porque concedeu a paz aos parthos; venceu os alanos, os sarmatas e os daces; debellou duas insurreições dos judeus, castigando-os da primeira vez com a destruição da sua capital, e da segunda com a expulsão de todo o povo da Judéa; fez cessar a perseguição contra os christãos; empregou uma grande parte do seu tempo em visitar as provincias do imperio, para se informar das necessidades publicas, e da maneira por que era administrada a justiça; promulgou leis sábias, dotando o paiz com o codigo denominado *Édito perpetuo;* amou e protegeu as artes e as sciencias, cultivando a poesia, á qual consagrava os momentos de ocio. Em fim, deixou boa memoria de si em muitas obras uteis e acções louvaveis que praticou, embora alguns actos, principalmente da sua vida privada, deslustrassem um tanto as brilhantes qualidades que possuia. Morreu, contando 62 annos, na era de 138.

O imperador Adriano tinha, entre outros defeitos, um que fôra commum aos seus antecessores, e que legou aos que lhe succederam no throno. Era esse defeito o amor desenfreado do luxo e da ostentação, triste fructo das riquezas alcançadas pelas victorias e pelas conquistas; esse vicio fatal que ia lavrando rapidamente entre o povo romano, e que mais tarde, depois de lhe ter corrompido os costumes e enervado a energia, o entregou á mercê dos seus inimigos.

O imperador Adriano, pois, julgando que perpetuaria a grandeza do seu nome com a magnificencia de um sepulchro, resolveu mandar construir para si um mausoléo que excedesse, no colossal das proporções e na sumptuosidade da ornamentação, o do imperador Augusto, que era considerado com justa razão, por possuir aquelles dotes, uma das maravilhas de Roma.

Não obstante o fervor com que se deu principio á obra, correndo o anno de 135, e com que progrediram os trabalhos durante os tres ultimos annos do reinado de Adriano, quando este falleceu ainda o edificio estava distante da sua conclusão. Todavia, já se achava em estado de receber as cinzas de Ælius, filho adoptivo do fundador, que ahi foram depositadas, e depois as do imperador Adriano.

Não se levantou mão da obra nos dois reinados seguintes, até se lhe pôr o remate.

Compunha-se este soberbo monumento de quatro corpos, todos de fórma circular. O primeiro, servindo de envasamento ao edificio, consistia em uma bem construida muralha de cantaria, alta, e apenas decorada ligeiramente na parte superior. Não havia n'ella mais abertura que uma grande porta, que dava entrada para o edificio, e deitava para uma ponte magestosa, chamada *Pons Ælius*, fundada pelo mesmo imperador Adriano sobre o Tibre, para dar communicação da porta de Roma denominada *Aurelia* para o mausoléo.

O segundo corpo ficava mais recolhido. Era tambem muito alto, e todo guarnecido em volta de columnas, tendo nos intervallos estatuas colossaes, e sustentando um entablamento coroado de estatuas em correspondencia ás columnas, tudo de excellente marmore de Paros, primorosamente esculpido.

O terceiro corpo era egual ao segundo na fórma, nas proporções e na ornamentação. Estava, porém, um pouco mais recolhido, tanto quanto bastava para que ficassem desaffrontadas as estatuas que se erguiam sobre o entablamento do corpo inferior.

D'este mesmo modo se levantava o quarto e ultimo corpo, com a altura necessaria para que a cupula que o cobria começasse logo acima das estatuas que faziam coroa ao terceiro corpo. Sobre a cupula campeava a estatua colossal do imperador Adriano, cinzelada na mesma qualidade de marmore.

A magnificencia com que estava ornado interiormente em nada desmerecia da sumptuosidade exterior.

Serviu de jazigo este mausoléo aos successores de Adriano e suas familias, até Septimo Severo, que principiou a reinar no anno de 193 e falleceu no de 211.

Por mais dois seculos se conservou o monumento de Adriano intacto, respeitado e admirado. Porém no fim d'esse periodo, sendo já passados os tempos de gloria e poderio do imperio dos Cesares, e chegando a ousadia dos seus inimigos a affrontar os romanos junto das portas da sua propria capital, soou a hora do infortunio e opprobrio para o colosso do Tibre, que se ensoberbecia das cinzas imperiaes que lhe estavam confiadas, e dos primores de arte com que se adornava.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA

D. CATHARINA DE BRAGANÇA

(Vid. pag. 252)

Teve o chanceller opportunidade de fallar á rainha D. Catharina no assumpto de que el-rei o encarregára. Mas assim que elle começou, em som de preambulo, a manifestar a mágoa que lhe causava a discordia que havia entre suas magestades, interrompeu-o a rainha, protestando que não era a causadora, e proseguiu defendendo-se com tal vehemencia e tão copiosa torrente de lagrimas, que o chanceller teve de retirar-se, dizendo apenas, que esperaria occasião em que sua magestade estivesse em estado de ouvir os conselhos do seu fiel subdito [1].

No dia seguinte foi visital-a e achou-a mais tranquilla. E tanto que se desculpou da exaltação com que na vespera o interrompêra; assegurando-lhe que o tinha por um dos seus poucos amigos em Inglaterra; e que estava disposta a receber os seus conselhos. Que elle chanceller bem devia reconhecer que ella vivia lacerada de angustias por que nunca passára nenhuma mulher da sua jerarchia, e que a violencia da dor a propellia a desafogar o coração em queixumes e pranto.

O chanceller, mostrando-se condoído das lamentações da rainha, e protestando que a sua ventura dependia da concordia de suas magestades, observou á rainha que tambem se devia queixar da educação que lhe tinham dado, não a instruindo sobre as loucuras e iniquidades do genero humano, do que havia mais exemplos no paiz d'onde ella vinha, do que nas frias regiões da Gran-Bretanha. Que se a houvessem informado do que era o mundo, certamente sua magestade se não julgaria tão infeliz; que elle pela sua parte não podia comprehender em que sua magestade fundava tão amargas queixas. Então a rainha, córando e deixando cair algumas lagrimas, disse «que não suppunha viesse achar o rei seu marido affeiçoado a outra mulher.»

Como o choro não a deixasse continuar, o chanceller apressou-se a dizer que lhe trazia uma mensagem do rei; que se ella a recebesse, como esperava, viria a ser a rainha mais feliz da Europa. Referiu-lhe depois, que as relações illicitas do rei antes do casamento não se lhe deviam estranhar, por ter passado a sua mocidade nas cortes da Allemanha e da Hollanda; mas que elle chanceller estava auctorisado para

[1] Clarendon — *Mem.*, tomo II.

assegurar a sua magestade a rainha, que todas as affeições do rei estavam extinctas, e que elle respondia pela fidelidade que o soberano devia a sua mulher.

A rainha escutou o conde de Clarendon com visivel satisfação; e, agradecendo os seus bons officios, pediu-lhe que a ajudasse a obter do rei seu esposo o perdão dos dissabores que lhe tinha causado, e a certifical-o da submissão e obediencia que ella lhe prestaria d'alli por diante.

Animado com estas palavras da rainha, o chanceller começou a expor a segunda parte da sua mensagem, insinuando que, para recompensar o affecto que o rei promettia a sua magestade, ella não devia contrariar a nomeação da sua nova dama de honor.

Apenas o chanceller proferiu estas palavras, a rainha enfureceu-se com o mesmo arrebatamento que tivera no dia antecedente, porém com menos chôro, porque era fogo, e não lagrimas, o que lhe saía dos olhos; dizendo que se o rei insistia n'este despacho, era porque a aborrecia, e intentava expol-a ao desprezo do mundo, se ella supportasse similhante affronta; mas que, em vez de consentir em tal abjecção, embarcaria no primeiro navio que a podesse transportar a Lisboa. O chanceller respondeu-lhe com aspecto severo, que sua magestade não podia dispor da sua pessoa, nem deixar a casa que habitava, sem consentimento de seu marido; e pediu-lhe que não respondesse ao rei com tanto arrebatamento, porque se arriscaria a provocar-lhe a colera, e ser inevitavel o rompimento; que, se persistisse em recusar o seu assenso, o fizesse em termos que mais parecesse uma dilação que a negativa terminante.

O chanceller foi dar conta ao rei do que se tinha passado, aconselhando-o a que por alguns dias deixasse de fallar á rainha sobre este assumpto. Mas Carlos não pôde sopear o seu resentimento, e n'essa mesma noite exprobou á rainha a sua obstinação e desobediencia; e ella arguiu-o de tyrannia e desamor, protestando contra os maus tratamentos que se lhe davam, e que queria retirar-se para Portugal. O rei observou-lhe que primeiro devia mandar saber se sua mãe a receberia, para o que tinha boa occasião, porque elle ia despedir todos os criados portuguezes que ella trouxera, e dar ordem para embarcarem immediatamente para Portugal, porque eram elles os conselheiros da obstinação de sua ama.

Desde este dia a rainha não quiz mais sair do seu quarto. Triste, lacrimosa e só, maldizia a sorte que lhe dera a soberania por tão aviltado preço.

O rei distrahia-se na sociedade dos que lhe alimentavam as suas tendencias lascivas; ahi passava as noites, e só de madrugada entrava na camara da rainha, porque nunca dormia fóra de palacio.

O chanceller esteve tres dias sem ir ao paço, e quando alli foi absteve-se de fallar á rainha; mas, instado novamente pelo rei, prometteu-lhe que empregaria todas as argucias para a resolver. E assim o fez com tanta efficacia, que ella lhe prometteu, sempre com as lagrimas nos olhos, que pediria perdão a sua magestade, e a Deus que lhe désse paciencia para se resignar ao seu fatal destino.

Então o chanceller aproveitou estes protestos de resignação para dizer á rainha que, a respeito da nomeação da sua dama, tinha recebido ordem mui positiva do rei para conseguir a decisão d'esta pendencia. Que elle reconhecia que sua magestade não podia annuir sem repugnancia, mas perguntava respeitosamente se era ella quem tinha o direito de recusar, ou o rei a auctoridade de obrigar.

A isto replicou a rainha com dignidade, que sabia ter o direito de consentir ou de não consentir, mas que não desesperava da bondade do rei, para que elle desistisse de uma nomeação tão indecente para sua magestade como affrontosa para ella. Que não negava o poder do rei para a constranger, vendo que ella não tinha nenhum meio de subtrahir-se á sua vontade; mas que ninguem sabia melhor que elle chanceller, ter-se o rei obrigado a deixar-lhe a escolha dos seus criados, e que, se procedesse de outro modo, tinham-n'a enganado.

Respondeu-lhe o chanceller, que ella teria sempre o privilegio da escolha, mas que este caso era excepcional, por ser uma recommendação de seu marido; e pediu-lhe com as mais fervorosas instancias houvesse de submetter-se voluntariamente ao que não podia evitar; assegurando-lhe que, se o não fizesse a tempo, se havia de arrepender.

Ao que D. Catharina replicou tranquillamente, que não temia arrepender-se de haver negado o consentimento, porque a sua consciencia lh'o não permittia.

Vendo, porém, que estas palavras tinham resentido o chanceller, accrescentou, que não comprehendia como houvesse quem deixasse de perceber que o seu consentimento facilitaria occasião ao peccado.

O chanceller, como bom cortezão, replicou, que sua magestade não fazia o devido conceito dos seus encantos e do seu espirito, aliás não receiaria que outra mulher a privasse dos affectos a que ella tinha direito; excepto se chegasse a attribuir ao rei seu marido a mais execravel perfidia, o que não podia suspeitar com razão.

Esta longa conferencia terminou com estas palavras da rainha: «O rei póde fazer o que lhe aprouver, mas não com o meu consentimento.»

O chanceller deu conta ao seu soberano do que se havia passado, e pediu-lhe que o desonerasse de um encargo em que havia sido tão mal succedido.

Desde então o rei nunca mais procurou a rainha, e se acaso se encontravam não lhe fallava. Entregou-se a todos os desvarios, a todas as licenciosidades a que a sua corte, dissoluta e incredula, o provocava. Marcou dia para o embarque dos portuguezes que compunham a comitiva de D. Catharina, sem ao menos escrever ao rei ou á regente de Portugal, explicando-lhe a causa de tal procedimento!

A rainha attribulou-se cruelmente com este acto brutal, sobre tudo por não ter com que recompensar os que a haviam acompanhado, deixando o seu paiz, com promessa de exercerem os melhores logares da sua casa. Foi por isso violentada a pedir ao rei seu marido que ao menos lhe deixasse alguns dos seus nacionaes, para que não ficasse inteiramente rodeada de estranhos. Por intercessões que a rainha alcançou, o rei consentiu em que ficasse a condessa de Penalva, que tinha educado D. Catharina e era sua camareira-mór. Ficou tambem um capellão catholico, duas aias, os criados da cozinha e alguns musicos. Toda a mais comitiva foi transportada para Portugal.

Deu-se ordem para liquidar o dote; e Diogo da Silva, thesoureiro da rainha, foi preso por não ter ainda ultimado a venda dos generos que faziam parte do dote, como já dissemos. Esta prisão acabou de abater o animo de D. Catharina, porque a tomou como uma vingança affrontosa.

O nosso embaixador, marquez de Sande, que tinha perdido a confiança da rainha por querer bem servir o rei, atemorisado com este rompimento, caíu doente e esteve em perigo de vida. Assim que se pôde levantar, deixou Hampton-Court e foi para Londres.

Durante este tempo, Carlos fez a sua vontade. A condessa de Castlemaine foi alojada no paço e apparecia todos os dias á rainha. O rei, em publico, conversava aturadamente com a condessa, sem fazer caso da rainha; e se ella, indignada d'este escandalo, se levantava retirando-se para os seus aposentos, só uma ou duas pessoas a seguiam; as mais ficavam na sala murmurando em voz alta o que ninguem devia tolerar se lhe dissesse ao ouvido.

Todas as noites havia reunião no paço, a que assistia a favorita do rei, e se permittiam liberdades e ditos indecorosos. A rainha evitava quanto podia apparecer n'estas recepções, mas depois, tendo perdido as esperanças de voltar a Portugal, consentiu em fallar á condessa, admittiu-a na sua camara, e por fim parecia tratal-a com sincera amizade.

Esta subita mudança, quando o rei se mostrava cada vez mais apaixonado da condessa, causou mais reparos contra a rainha que a resistencia em que por tanto tempo persistira. Mas tanto ella era digna de compaixão, que se lhe louvou este acto de reprehensivel longanimidade.

Os amigos do rei o instaram para que tratasse a rainha com as attenções que lhe devia; notando que o seu procedimento para com ella lhe tinha perdido a affeição dos seus vassallos e provocado a colera de Deus; que se a rainha continuasse a viver tão cheia de attribulações, não era de esperar que tivesse filhos, o maior, se não o unico bem que faltava ao rei de Inglaterra. Mas tudo foi baldado!

(Continúa) A. DA SILVA TULLIO.

ASYLO DOS CEGOS DE CASTELLO DE VIDE

I

Sobre vistosa e amena collina, que se prolonga de norte a sul, assenta a antiga e notavel villa de Castello de Vide, rica de recordações historicas e fertil em todos os productos agricolas necessarios á vida; mirando-se pelo norte e oriente em vasta amplidão de vergeis, olivedos e vinhas, entre as quaes sobresae a justamente afamada quinta do Prado [1], onde ha pouco mais de trinta e cinco annos chiava o carro de Ceres, ou se ouvia, ao descair da tarde, o balar da timida ovelha, e hoje se admira o mais verde, variado e pittoresco oasis que em pouco tempo tem podido crear o genio e o estudo de um homem activo e trabalhador. Avistando pelo occidente a formosa cordilheira de alcantilados penhascos, que lhe fica parallela, e de que a separa a vicejante bacia, que; disputando os primores a Cintra, maravilha e diverte a curiosidade do espectador mais attento, esta villa, com o seu castello meio derrocado, parece contemplar desdenhosa as cristas mais elevadas que vem assombrar-lhe as muralhas.

Na parte mais meridional da villa avulta e ergue-se magestoso o edificio que outr'ora habitaram os frades recoletos, e hoje é asylo de Nossa Senhora da Esperança, venerando e respeitavel principalmente por ser a primeira instituição piedosa que n'este paiz se destina exclusivamente para aliviar o amargosissimo soffrimento dos infelizes de ambos os sexos a quem não é dado contemplar os rubores da aurora, nem os fulgores do meio-dia; os quaes, albergando-se n'aquella casa de caridade, quando o mundo quasi os repelle de si como inuteis, acham n'ella, com o perfume do christianismo, todas as commodidades a que póde aspirar na terra quem, costumado a *comer o pão com o suor do rosto*, sentiu murchar-se a esperança de recuperar a vista.

Pia e humanitaria como a de Miguel Contreiras [2], esta instituição excede aquella em ser parto da caridade de um só homem, que a expensas suas lhe lançou os fundamentos; que a dotou sem recorrer ao obulo dos cidadãos caridosos, nem á liberalidade régia. Grande foi, e ainda é, a instituição de Miguel Contreiras, mas careceu do régio amparo; a outra, porém, gerada no sublime coração do instituidor, precisou apenas de desenvolver-se ao abrigo da sua casa, bafejada pelo sôpro divino, e por isso a suppomos maior.

[1] É a propriedade do sr. Lecoq.

[2] Tambem fundador da Misericordia de Castello de Vide.

II

O asylo para cegos de ambos os sexos da villa de Castello de Vide foi instituido e dotado com perto de noventa contos de réis, em bens de raiz, pelo bacharel João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro.

De Diogo Affonso de Sequeira, que vivia pelos annos de 1474, descendia por linha varonil directa Manuel Dionizio Carrilho de Sequeira, que era seu setimo neto, e casou com D. Joanna Catharina Xavier da Costa Juzarte, de quem houve dezoito filhos, seis dos quaes lhe sobreviveram e foram sexagenarios. Morreu Manuel Dionizio com 75 annos, soffrendo apenas a myopia; e dos filhos o primogenito falleceu quasi cego, dois padeceram a operação da cataracta e ficaram com alguma vista; das duas senhoras uma está cega, e a outra falleceu sem vista, não querendo nunca, como sua irmã, sujeitar-se á operação que já padeceu a unica de suas cinco filhas, que ainda existe. E de tão numerosa descendencia de Manuel Dionizio só o filho mais moço, o sr. José Godinho Juzarte de Sequeira Sameiro, passando a edade critica dos 40 annos, edade em que a cataracta começava a apparecer n'esta familia, chegou aos 65 annos conservando felizmente a vista sem detrimento algum, sendo o actual administrador do asylo dos cegos.

Achava-se João Diogo na edade de 56 annos, solteiro, sem descendencia nem varão em que se perpetuasse a familia e a successão aos vinculos que administrava — a tão pouco se havia reduzido a familia, pela morte de uns e voto de castidade de outros de seus irmãos! Resolveu por isso ligar-se em matrimonio com sua sobrinha, D. Helena Isabel de Barros Castello Branco, que representava a familia na linha feminil. Poucos momentos viveu o primeiro filho d'este matrimonio, e dos outros dois murcharam-se as esperanças ainda mais cedo.

Desenganado de que não podia ter familia propria, e como quem não ignorava a lastimavel sorte dos que sentem falta de vista, na desgraça dos irmãos e na d'elle aprendeu a compadecer-se dos companheiros do infortunio, e, de harmonia com a esposa, concebeu o grandioso e caritativo projecto de instituir um asylo para cegos de ambos os sexos sob a invocação e protecção de Nossa Senhora da Esperança.

Em tão piedosa determinação era-lhe obstaculo a falta de edificio em que estabelecesse os cegos, pois não se prestava a isso, por mal situado, o convento do castello, que fôra destinado para freiras, e não chegou a concluir-se por serem embargadas as obras no segundo quartel do seculo passado; o de S. Francisco (onde hoje está o asylo), dividido em duas partes, ambas em ruinas, pertencia ao ministerio da guerra e ao da fazenda; e as fortificações da villa, que foi praça d'armas, circunscrevendo a povoação em área já acanhada, não lhe davam logar a nova edificação. Estas fortificações compunham-se d'aquellas que foram construidas em 1281, e onde el-rei D. Diniz, em guerra então com seu irmão, foi procurado pelos embaixadores de Aragão, que vieram ratificar o casamento da rainha Santa Isabel, fortificações que o mesmo rei veiu a continuar, e das que depois se vieram fazendo até ao anno de 1710, em que se edificaram umas e reconstruiram outras, que os hespanhoes haviam destruido quando entraram n'esta villa em 1704.

N'estas circunstancias havia uma providencia unica a aproveitar. Em 8 de dezembro de 1855 fôra mudado o hospital da Misericordia do proprio edificio para o convento de S. João de Deus, e aquelle achava-se abandonado: era pedir temporariamente aquella casa, e esperar que se vendessem as ruinas do con-

vento de S. Francisco, que eram accommodadas a uma edificação mais regular e mais conveniente aos infelizes cegos, visto como a sua reedificação, por menos dispendiosa, lhes conservava melhor patrimonio, que n'aquelle tempo apenas podia constituir nos bens não vinculados.

Em portaria de 18 de abril de 1856 dignou-se sua magestade auctorisar a mesa da Misericordia a ceder a tão benemerito cidadão a parte do edificio de que carecia para estabelecer o asylo, louvando procedimento tão bizarro quão piedoso.

III

Vendo-se o fundador já no ultimo quartel da vida, sem mulher e sem filhos, não quiz perder tempo; assim, procurou reparar o antigo hospital de fórma que commemorasse o primeiro anniversario da viuvez rodeado da sua nova familia. Com este intuito solicitou da mesa da Misericordia a entrega da parte do edificio, cujo emprestimo tinha já a sancção régia, e, cuidando logo em o adaptar ás commodidades dos cegos, veiu a inaugurar o asylo, como desejava, no dia 20



Os cegos de Castello de Vide

de julho de 1863, merecendo d'est'arte que Deus, coroando-lhe os esforços, lhe désse a elle, aos pobres cegos e aos seus patricios o mais faustoso dia que jámais tiveram.

No magestoso templo da Misericordia se celebrou com a maior alegria e jubilo a festa religiosa da inauguração com quatro cegas e dois cegos. Esplendida festa, porque soube despertar em muitos os verdadeiros sentimentos de caridade, que só o christianismo póde gerar, e fez extinguir em alguns a memoria de antigas offensas!

Seguiu-se o jantar e installação dos cegos nas respectivas enfermarias; e no seu regresso para casa acompanharam João Diogo, além de seu irmão, o ex.^{mo} José Godinho Juzarte de Sequeira Sameiro, e de outros parentes e amigos, muitas pessoas distinctas, que todas se encheram de commoção quando acharam decorados com damasco os edificios das ruas por onde devia passar o veneravel cidadão que acabava de nobilitar a terra da sua naturalidade e o seu paiz com mais um estabelecimento de caridade.

A camara municipal honrou esta festa com a sua presença, e á noite mandou repicar os sinos da torre do municipio.

A povoação illuminou-se espontaneamente. A alegria era verdadeira e geral.

Eram passados dois annos depois que os infelizes cegos sentiam menos pesada a sua cruz, e o seu bemfeitor, que via chegar o termo da existencia e dos padecimentos, esperava dias melhores para desencarregar-se da divida que contrahíra perante a sociedade, os cegos e a esposa; pelo que, apenas melhorado, cuidou de redigir, de accordo com o irmão, os estatutos, que datou de 25 de março de 1865, e que foram sanccionados por decreto de 25 de outubro de 1866.

Escriptos os estatutos, mandou lavrar o testamento e o mais que respeitava á instituição do asylo no começo de junho de 1865; e sessenta dias depois já não era d'este mundo! Consummada a obra, apagára-se-lhe a vida!

(Continúa)

PORTUGAL

CURIOSIDADES NATURAES

(Vid. pag. 294)

VI

O ROCHEDO PENA DO POYO — O OLHO DA MIRA
GRUTAS SUBTERRANEAS

A serra de Ayre é, a muitos respeitos, uma das mais importantes montanhas da provincia da Estremadura. Começa no concelho da villa de Ourem, no sitio chamado *Furadoiro*. D'aqui até ao logar de Minde, em uma distancia de vinte e tantos kilometros, é geralmente conhecida com o nome de serra de Ayre, embora haja quem a denomine serra de Minde. Continúa a correr a montanha por grande extensão de territorio até se unir á serra de Montejunto, proximo do logar do Cercal. N'esse trajecto vae tomando os nomes de serra do Patello, Val da Trave, Albardos, Mendiga, Porto de Moz, Alcanede, Arrimal, Val de Ventos, e Candeeiros.

É rica esta serra em mineralogia, pois contém pedreiras de excellente marmore; encontra-se n'ella spatho calcareo, azeviche e cristal, minas de ferro, e dizem que tambem de prata. Infelizmente, todas estas riquezas estão por explorar. A sua flora é copiosa e variadissima. Encerra mui ferteis valles, e das suas entranhas nascem quatro rios abundantes de agua: o Lena, que banha os muros de Leiria; o Liz, que se lança no Lena; o Almonda, que atravessa Torres Novas; e o Alviella, que passa junto de Pernes, e que a companhia das aguas projecta trazer a Lisboa.

Tambem é muito notavel esta serrania por varias curiosidades naturaes que n'ella se vêem, taes como a *Pia Carneira*, as *Lapas* e o *penedo do Padrão;* o *Algar do Cabeço das Pombas* e o *Olho da Mira*.

Vamos dar noticia d'esta ultima curiosidade natural com as proprias palavras com que a descreve o padre Luiz Cardoso no seu *Diccionario geographico:*

«Entre os logares de Minde e Mira medeia um dilatado campo, que tem perto de uma legoa de comprido e um quarto de largo. É quasi todo roto em algares, pela maior parte cercados de penedias, com que ficam defendidos os gados e a gente. Procede este grande numero de algares de estar a campina muito baixa entre as serras; e como a agua que chove não tem para onde se divirta, sumindo-se por canaes subterraneos, ferve para cima na campina pelos ditos boqueirões, até encher todo o campo, em mais ou menos altura, conforme a abundancia da agua que ha chovido, d'onde resulta ficar este campo uma celebre lagôa, em que já andou uma bateira. E ou seja movida esta agua do vento, ou com o impulso com que sae dos boqueirões e logares subterraneos, levanta este lago ondas em seu tanto como as do mar.

«Ainda que todos estes algares manam agua em todo o inverno para encher esta campina, comtudo de dois logares mais celebres lhe vae a agua em maior cópia, e nascendo em uma parte do campo formam dois como rios, os quaes atravessam a campina pelo meio, e se vão sumir da outra parte. Um dos sitios onde nascem as aguas em mais crescida quantidade é entre os logares da Mira e Minde, na raiz da serra, onde chamam a *Pena do Poyo*, que é um penhasco alto e concavo, á maneira de alpendre. Nascem n'este logar as aguas claras, fervendo entre cascalhos tão brandamente, que não chega a sentir-se o murmurinho; das quaes se aproveitam logo uns lagares de azeite e moinhos de pão, e com ellas trabalham.

«O outro sitio, onde nascem as aguas em mais grossa quantidade, é no *Olho da Mira*, em cujo logar se sente nascer a agua como aos soluços, impellida por dentro de uma grande lapa subterranea, formada pela natureza, á maneira de um oculo, por cuja causa se chama o *Olho da Mira*. Corre em grande abundancia, fazendo andar moinhos e lagares, além da agua que verte pelos açudes, que não é pouca, junto ao seu nascimento. Corre impetuoso ao nascer, e dura mais tempo que os outros.

«Por causa d'esta enchente ficam os habitantes d'estes dois povos, Mira e Minde, impedidos para fabricar o campo, e colher d'elle os fructos de toda a casta, de que é fertilissimo; porque, como este campo é direito, e não tem escoante, nem communicação para outra parte subterranea, se faz preciso que os mesmos sejam algares e fontes: fontes para a lançarem fóra, e algares para que outra vez a recolham em si, e para dentro da terra. O *Olho da Mira* tão impetuoso é em a vomitar, como voraz em a tornar outra vez a engulir; e aquelle que até agora parecia um mar de agua, dentro em pouco se acha um campo sêcco: e esta variedade, tão celebre e monstruosa, convida a muitos estranhos a ir ver e celebrar esta maravilha da natureza.

«Faz-se celebre este espaço de terra pelo seu dilatado comprimento e largura, e pela profundidade, nascimento e sumidoiro das aguas. Vêem-se dentro abobadas, tectos, pavimentos e paredes, tudo obra da natureza; mas tão primorosamente fabricados, como se foram obrados pelos mestres mais peritos, e delineados pelo architecto mais engenhoso. Estende-se esta profundidade pela terra dentro setecentas ou oitocentas varas, e abate-se de maneira que, se estivesse a prumo, teria um bom quarto de legoa de altura. Depois que para ella se entra, sempre se vae descendo até ao fim; e se pozesse a prumo a sua profundidade, juntamente com o *oiteiro das sete Villas*, que fica visinho no cume da costa fronteira da Mira, faria uma boa meia legoa de altura.

«O que mais admira n'esta gruta, é que, tendo todo este comprimento desde o principio até ao fim, é tudo de penhasco inteiriço, sem medear sequer um palmo de terra. As aguas d'este lago tem a particularidade de serem de inverno quentes e de verão frescas, e sempre de bom gosto e saborosas. Tem-se observado que, crescendo e mingoando todos os annos, nunca a enchente passou de uma certa medida.

«São celebres por sobremaneira gostosas as enguias e eirozes d'este lago, e as pescam em caneiros em grande abundancia.

«A architectura com que esta gruta está traçada não é egual, porque em partes é redondada e direita, e em outras quadrada e obliqua; já se levanta o tecto do pavimento, e já se abate; porém de tal maneira, que sempre póde ir uma pessoa em pé por ella adiante folgadamente; já corre larga, e já se estreita; mas sempre dá passo franco a quem entra por ella. Em partes é o tecto liso, e em outras crespo, em altos e baixos. Lançando-se uma pedra dentro, por pequena que seja, faz um grande estrondo, que se fica ouvindo por muito tempo. O murmurinho das aguas, quando se batem umas com outras, ou se quebram nos rochedos, formam um som muito agradavel ao ouvido, e do mesmo modo é agradavel a consonancia que faz a voz quando dentro d'ella se canta.»

Em outro qualquer paiz seria concorrido este sitio de viajantes em todo o anno; no inverno para observarem o phenomeno das aguas; no verão para admirarem aquella gruta subterranea, e para visitarem as outras curiosidades naturaes que existem nas visinhanças. Haveria alli uma hospedaria, quando não fosse magnifica, pelo menos commoda. Em fim, aquellas curiosidades, com que a natureza dotou a serra de Ayre, seriam para os povos que habitam em derredor um manancial de recursos, um poderoso elemento de industria, como taes coisas costumam ser nos paizes mais cultos.

Em Portugal jazem commumente ignoradas essas

curiosidades, que as nações mais adiantadas transformam em riquezas naturaes, pelos resultados economicos que d'ellas colhem, e em instrumentos de civilisação, pela concurrencia de viajantes que attrahem a logares outr'ora ermos e selvagens.

Os pastores ou viajantes transviados, e por acaso algum raro curioso, são os poucos que entre nós tem conhecimento d'essas obras singulares da natureza. Assim, pois, não será sem utilidade este nosso trabalho.

I. DE VILHENA BARBOSA.

AS ORDENS RELIGIOSAS E A CIVILISAÇÃO DE GOA

(Vid. pag. 306)

Para congregar os christãos ao serviço de Deus, e para lhes dar, por assim dizer, parte nas funcções religiosas depois dos ministros do altar, excitando o zelo pela religião, elles fundam as confrarias, e, dotando-as á custa de homens caridosos, alistam n'ellas os convertidos. Com o intento de dar ás mesmas associações a importancia social para serem mais respeitadas, modelam os seus estatutos segundo o preconceito das castas e côres, exigindo como um dos requisitos do ingresso em umas a pureza do sangue, em outras. o titulo de gancar (senhor da aldeia), destinando similhantes confrarias aos principaes, e não apurando condições tão difficeis em outras, como para n'ellas se inscreverem as castas baixas. N'aquelles tempos de crença viva, em que tambem para os cargos elevados do estado não tem accesso os povos, as confrarias conferem uma certa distincção para os seus membros, e todos se porfiam entrar n'ellas segundo a differença da casta, como o ultimo termo das suas aspirações. Elles administram o cofre d'essas corporações, commisturam-se com os clerigos nas funcções religiosas, e celebram as festas com tanto ardor e pompa, que dispendem n'ellas muito dinheiro, e reunem amigos e parentes, para n'essa occasião serem obsequiados com banquetes e folguedos. O espirito ganha grande fervor, e os actos da egreja maior apparato. Com o primeiro o christianismo se arraiga entre os fieis; com o segundo se dilata pelos pagãos.

Com estes e outros esforços a fé atravessa como o anjo de fogo todas as provincias, todas as aldeias, todas as povoações das velhas conquistas. Não ha nada mais a receiar. A idolatria esbroada não levanta a cabeça. Os estudos das sciencias preparam os filhos de Goa para o ministerio do altar; elles são sacerdotes, confessores e prégadores, e os religiosos tem n'elles novos campeões do christianismo para annunciarem a verdade aos infieis. Fundam o convento da congregação, restabelecem a ordem dos carmelitas, lançam fundamentos para missões, e, fazendo prodigios no caminho das virtudes evangelicas e das letras, coroam-se no ceo e na terra com a dupla aureola de bemaventurados e sabios. No concurso para a escolha de parochos disputam os logares, entram nos tribunaes ecclesiasticos, são bispos, inquisidores, protonotarios apostolicos, e, segundo escreve o marquez de Pombal nas instrucções que dirige ao governador e ao arcebispo de Goa em 1774 para restaurar a India, são mais de dez mil ecclesiasticos indigenas, muitos d'elles oppositores, letrados, prégadores, e consummados theologos com distincto procedimento, que estão promptos para occupar os mais espinhosos cargos da egreja.

A influencia salutar d'esses tempos chegou até nós atravez da distancia de seculos, e as lições ensinadas por S. Francisco Xavier e outros seus inclitos companheiros perpetuam-se como legado de geração em geração. Não ha povo mais religioso que o de Goa. O seu espirito ainda não conheceu a indifferença do seculo, e a sua fé esclarecida e pura zombou dos assaltos da impiedade. As heresias são impossiveis, apesar de nos circundar o imperio inglez e nos infundir a vida economica pelo commercio e pela industria; e a sua fidelidade á egreja é tão proverbial, que se encontram opiniões exaltadas sobre a soberania pontificia contra os direitos magestaticos dos soberanos temporaes. Superstições e bigotismo, ha-os onde a illustração não abriu os olhos para a verdade e a religião não se comprehendeu em toda a sua sublimidade, e d'ahi vem as crenças e preconceitos populares, doença moral de todos os povos. As festas são concorridas, e com grande uncção celebrados os actos religiosos.

IV

Os religiosos foram não só prégadores e missionarios, mas tambem mestres e educadores, que ao lado da fé derramaram as letras e as sciencias, e ao pé dos templos edificaram os seminarios. A religião traz a civilisação, e onde brilha a luz da fé, ahi se levantam da degradação moral os povos que jaziam condemnados á barbarie pela dominação mahometana, depois de haverem chegado ao grande desenvolvimento da intelligencia, de que dão testimunho a organisação peculiar das leis e a fundação das instituições sociaes, que ainda permanecem. Roçam-se as barreiras do paganismo, rompe-se o monopolio litterario de alguns sacerdotes do theomorphismo, que especulam com a credulidade dos povos no meio do geral obscurantismo, e todos são chamados a cultivar o espirito, a abrir os olhos á luz da civilisação. O seminario de Santa Fé é destinado a educação de todos os povos orientaes, e se divide em duas estancias: na primeira prepara-se para a vida clerical o animo dos meninos, os quaes, se mostram engenho para as letras e vocação para o sacerdocio, passam a segunda estancia, onde aprendem musica, grammatica, rhetorica, philosophia e theologia. Religiosos de grande auctoridade na India e de provada capacidade na Companhia de Jesus ensinam n'este seminario, chamado universidade de Goa, e, segundo nos diz o *Oriente conquistado*, data de 1556 a abertura dos seus estudos com tres classes de latinidade, um curso de philosophia e uma cadeira de moral.

Além d'este seminario, os jesuitas fundam outro em Rachol, na provincia de Salsete, e o quadro das disciplinas que ahi se ensinam é apropriado á vida clerical, conforme o caracter e tendencias d'aquelles seculos, que chamavam ao serviço do altar as intelligencias mais robustas e os animos mais esforçados. Tanto o seminario de Santa Fé como o de Rachol sustentavam o monopolio da educação dos povos, e dilatavam a influencia da Companhia por toda a India, porque então nenhum estabelecimento litterario competia, no modo de instruir e educar os discipulos, com os dos filhos de Santo Ignacio, e póde-se dizer que toda a instrucção, desde as humanidades até as sciencias, que se professavam, e toda a educação severa e exemplar, que se inoculava, era dirigida pelos mestres da Companhia, das sciencias e do espirito, e tão vantajosamente, que até hoje, que tantos annos hão decorrido, e tantas vicissitudes transformado os estudos, a influencia da educação e instrucção, rompendo as fronteiras dos seculos e das idéas, tem chegado irresistivel a dominar nas nossas escholas.

Depois d'estes dois seminarios, havia outros monasticos, que tambem concorriam para disseminar a instrucção na Asia, e eram o collegio de S. Boaventura, pertencente aos franciscanos observantes; o de Nossa Senhora de Pilar e o dos Reis Magos, aquelle dos franciscanos reformados, e este dos observantes; o de S. Thomaz, pertencente aos dominicos; e o de Nossa Senhora do Carmo, dos congregados oratorianos. Entre estes collegios, uns já derrocados, e outros que ainda

existem de pé, foi o mais notavel o de S. Thomaz, denominado collegio academico, onde eram admittidos alumnos estranhos á ordem, para o estudo sempre florecente de linguas, philosophia e theologia, e onde se formaram profundos theologos thomistas muitos clerigos indianos.

Não havia nos seculos XVI, XVII, e até o meiado do seculo XVIII, mais escholas em Goa além das que vão enumeradas, e mesmo a instrucção primaria, que se ensinava nas escholas das egrejas, as primeiras que foram abertas por D. João de Castro, por ordem delrei D. João III, era regulada pelos religiosos segundo as exigencias do tempo. Tocar a rebeca e o pandeiro, tirar os sons do orgão, repetir de cór as orações e o cathecismo, ajudar a missa e psalmodiar o psalterio, ler, escrever e contar, tal era o estudo, que até hoje se professa n'essas escholas, completo para um catechista e preparatorio para um sacerdote.

Em todo o tempo e em toda a parte são os religiosos que instruem e educam os povos. Até aqui vêmol-os mestres e directores; vamos a vêl-os escriptores e chronistas.

No seculo XV João Guttemberg inventa a imprensa, e quando muitas cidades da Europa desconhecem essa prodigiosa arte, a locomotiva do progresso, na expressão de Victor Hugo, e em Portugal poucas terras começam a saudal-a no principio do seculo XVI, os jesuitas transportam-n'a para Goa, e collocam-n'a no collegio de S. Paulo (de Santa Fé), e no de Santo Ignacio, em Rachol; e, graças aos seus esforços, a India se gloria de ser um dos primeiros paizes que viram o maior invento dos tempos modernos. Nos primeiros annos da evangelisação, os missionarios jesuitas e franciscanos estudam a lingua concani, pela qual devem prégar a palavra de Deus, e, escrevendo grammaticas, diccionarios, cathecismos e varios tratados da religião, imprimem os livros que são mais urgentes nas typographias da cidade e de Salsete. São tantas estas obras e tão numerosos os seus auctores, que sairiamos fóra dos limites d'este artigo se quizessemos ordenar a sua relação, a qual podem os curiosos ver na *Bibliotheca lusitana* de Diogo Barbosa Machado e no *Diccionario bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva.

Passados os annos da conquista, nos fins do seculo XVI e no seculo XVII, quando os povos entendiam a lingua portugueza e era dispensavel o concani para a propagação da verdade, os mesmos religiosos se dão ao trabalho de escrever em portuguez exposições da fé, refutações do gentilismo, praticas, sermões e meditações. Estas obras, umas são impressas em Lisboa e outras em Goa, e de todas fazem menção os citados dois bibliographos.

Deixemos as obras asceticas, investiguemos as historicas, e, entrando em todos os conventos, acharemos em cada um o seu chronista escrevendo os fastos da sua religião ou noticias sobre os seus varões memoraveis. Na Companhia de Jesus, o padre Sebastião Gonçalves escreve a chronica, que não chegou a ser impressa, e depois d'elle o padre mestre fr. Francisco de Sousa, natural da Bahia, e lente de theologia, prefeito e chancellario da universidade de Goa, tão erudito como classico, compõe em 1697 os annaes dos filhos de Santo Ignacio na Africa e na Asia, com o titulo de *Oriente conquistado a Jesus Christo*, que foi publicado em Lisboa, na officina de Valentim da Costa Deslandes, em 1710. No convento de Santo Agostinho, D. Fr. Antonio de Gouvêa, bispo titular de Cirene, prelado da sua religião, e duas vezes legado pontificio na Persia, publica um sermão, que prégou em Goa nas exequias do governador André Furtado de Mendonça, e varias relações das missões dos augustinianos na Persia e no Oriente; sendo a mais memoravel a *Jornada de D. Fr. Aleixo de Menezes á serra do Malabar*, impressa em Coimbra por Diogo Gomes Lourenço em 1606, vertida em hespanhol e francez, e tão apreciada por nacionaes e estrangeiros. No convento da Madre de Deus, fr. Jacinto de Deus, natural de Macau, provincial da sua ordem e deputado da inquisição de Goa, escreve varios livros curiosos, e entre elles o *Vergel de plantas e flores da provincia da Madre de Deus*, estimada chronica da sua religião, impressa em Lisboa por Miguel Deslandes em 1690. No convento de S. Francisco, no de S. Domingos, no de S. Caetano e outros, se escreveram sermões, relações e chronicas; umas vieram á luz da publicidade, e outras ficaram inéditas para sempre, tendo a mesma sorte da maior parte das melhores obras portuguezas, as quaes, como diz Ferdinand Dinis, mesmo no tempo da influencia jazeram desconhecidas aos sabios estrangeiros, e porventura mesmo aos nacionaes.

Publicando tantas e tão valiosas obras, os religiosos deixaram um bom exemplo e um grande incentivo aos seus discipulos, porque quasi que os convidaram a tentar a tarefa que haviam desempenhado, e, diga-se em honra da intelligencia dos filhos de Goa, os mestres encontraram dignos imitadores em todos os assumptos. Em 1694, Simão Alz, natural de Chorão, das ilhas de Goa, escreve a arte da grammatica bracmana, acompanhada do vocabulario de tres linguas, portugueza, concani e castelhana, composto por elle e por seu pae, Lourenço Alz, e em 1696, ambos elles, pae e filho, ordenam um dialogo entre o confessor e o penitente, na mesma lingua de Goa. O padre Antonio João de Frias, licenciado na theologia, parocho, notario apostolico e promotor do juizo ecclesiastico, escreve varios livros, dos quaes só chegou a ser impressa em 1702, em Lisboa, por Miguel Deslandes, a *Aureola dos indios e nobiliarchia bracmana*. O padre Leonardo Paes, formado em canones na universidade de Coimbra, parocho, e tão lido nas coisas da India, escreve um compendio das noticias da Asia, intitulado *Promptuario das defensões indicas*, impresso em Lisboa por Antonio Pedroso Galvão em 1713. O padre Paschoal Gomes de Faria, religioso, familiar com os melhores livros portuguezes do seu tempo, compõe additamentos em lingua concani á *Paixão de Christo*, escripta pelo padre Thomaz Estevão, e dá-os á luz da publicidade em 1722. O padre Jacome Gonçalves, tão grande litterato como missionario insigne, escreve tantas obras religiosas para a propagação da fé em Ceylão, em varias linguas e sobre variado assumpto, que formam uma grande bibliotheca, quasi toda divulgada em cópias manuscriptas, chegando poucas a ser impressas nos principios do seculo XVIII. O padre Sebastião do Rego, parocho, congregado, e depois theatino, orador e escriptor aprimorado, escreve a chronica da congregação, pronuncia varios sermões, dos quaes um viu o lume da imprensa, e compõe a *Vida do veneravel padre Joseph Vas*, impressa em Lisboa em 1745, e reimpressa em Margão em 1867 com additamentos e notas.

Estes e outros escriptores nunca chegariam a honrar a sua patria, se não tivessem a fortuna de aparar as suas pennas nas escholas dos religiosos; e tanto mais deve ser n'esta parte abençoada a influencia d'estes, quanto é certo que n'aquelles tempos a arte de escrever foi desconhecida aos filhos de Goa, entre os quaes era raro conservar papel e penna que servissem para escrever uma carta, e rarissimo o que por longa pratica estava habilitado a dictar uma epistola e a minutar um requerimento, e aos quaes seria espanto e pareceria impossivel, se se lhes revelasse, que no seculo XIX os seus descendentes não só haviam de escrever com facilidade e correcção, mas até fundar imprensas periodicas para a discussão dos negocios publicos e para a manutenção dos direitos politicos!

(Continúa) J. C. BARRETO MIRANDA.



Adão Smith

I

No principio do seculo XVIII a sociedade européa, olhada superficialmente, parece ainda muito distanciada da grande revolução que havia de firmar em solidos esteios a liberdade dos povos e assignalar uma nova epocha de progresso na historia da humanidade.

O despotismo sentava-se arrogante e desassombrado em quasi todos os thronos, e raros seriam os monarchas que não podessem exclamar com Luiz XIV: «O estado sou eu.»

A nobreza, depois das luctas com a realeza, jazia anniquilada; e, dissimulando o seu orgulho abatido, curvava-se reverente ante as galas e os esplendores das Fontanges e das Montespan; entretendo-se ao mesmo tempo em pleitear preferencias sobre o direito de prestar aos monarchas os mais vis e abjectos serviços.

O povo vivia na mais desgraçada miseria, vendo campear infrene o luxo nas cortes e nos palacios dos poderosos. Ao lado de sumptuosas vivendas dos nobres jaziam os campos incultos ou mal amanhados; e o camponez a custo livrava as magras colheitas das depredações dos soldados do fisco, quando não via saqueada a sua propriedade, para com o pão de seus filhos se comprarem os diamantes que iam ornar o collo de alguma nomeada corteză.

A sociedade parecia comprazer-se na propria dissolução.

E, comtudo, no meio d'este quasi geral esphacellamento, a vista experimentada poderia entrever já o primeiro arrebol d'essa aurora immensa que havia de allumiar o mundo, e inaugurar para os povos uma nova era de progresso e prosperidade. Como que se sentia o aproximar de uma d'essas transformações que são como marcos milliarios no caminho da humanidade; e se ouvia já o som produzido pelos mineiros

que desconjuntavam os mais fundos alicerces do velho edificio social, para em seu logar plantarem a arvore virente da liberdade.

De todas as partes se congregavam os elementos que haviam de produzir a grande revolução destinada a derrocar a sociedade antiga.

O despotismo, embora conservando ainda erguido o collo, começava de perder terreno.

Um novo elemento, vigoroso e independente, ia surgindo d'entre as antigas classes da sociedade, e aprestava-se para reclamar o logar a que tinha direito na organisação politica e social. Poderosa pela importancia que lhe provinha da industria e do commercio, a classe média acolhia de boamente as idéas de regeneração que iam calando nos animos, e preparava-se para avançar na frente quando se tratasse de dar batalha decisiva ás velhas instituições.

Tudo se conspirava para lavrar o epitaphio á antiga constituição das sociedades.

A primeira victoria da liberdade fôra alcançada já pela nação destinada desde essa epocha a ser, na Europa, o sustentaculo de todas as idéas grandiosas e o refugio seguro de todos os opprimidos.

Quem de relance examinasse o estado da Inglaterra na primeira metade do seculo XVIII, e o confrontasse com o das outras nações da Europa continental, talvez asseverasse que não levava vantagem em moralidade a corte de Kensington á de Versailles, por exemplo, e que o povo inglez não era nem mais morigerado, nem mais feliz do que o dos outros paizes do mundo civilisado. Profunda differença se encontraria, porém, se demoradamente se estudasse a historia d'essa grande nação, e se apreciassem as suas liberaes instituições, já então asseguradas pela revolução de 1688.

Em quanto na restante Europa a luz nova que devia afugentar as trevas do despotismo mal se entremostrava ainda no horisonte, na Inglaterra o sol da liberdade diffundia o seu calor benefico por todas as camadas sociaes. Começava a construir-se alli, sobre as ruinas do poder despotico, o solido edificio onde deviam ter culto todas as liberdades.

Na Inglaterra foram retemperar-se por essa epocha alguns dos mais eminentes engenhos, e das liberdades do povo inglez tiraram ensinamento para as doutrinas que depois propagaram, e que poderosamente contribuiram para a immensa revolução do seculo XVIII.

Voltaire, que as prepotencias de alguns compatricios tinham para alli desterrado, não ganhou pouco com viver por algum tempo em contacto com um povo onde a liberdade dominava já nas instituições e nas idéas. Nas suas *Lettres philosophiques*, publicadas em 1726, dizia elle:

«A nação ingleza é a unica que chegou a regular o poder dos reis, resistindo-lhes, e que, de esforço em esforço, conseguiu estabelecer um governo sabio, em que o principe, omnipotente para fazer o bem, tem as mãos presas para fazer o mal; em que os senhores são grandes, sem insolencia e sem vassallos; e em que o povo participa do governo sem confusão.»

O que valiam para o povo inglez a segurança e a liberdade, infere-se principalmente do desenvolvimento rapido que ganhavam então a industria e o commercio, e da poderosa actividade manifestada quando, mais tarde, foi necessario não poupar esforços para compensar a perda da mais importante colonia.

A agricultura, que nos outros paizes jazia extenuada por falta de protecção e de impulso, entrára na Inglaterra, desde 1688, em um periodo de actividade que a elevou em pouco tempo ao maior grau de esplendor.

Definitivamente ligada á Inglaterra, com a qual constituia desde 1707 o reino da Gran-Bretanha, a Escocia, não obstante acompanhar a passos apressados a nação rica e industriosa, á qual estava associada, e ver transformar-se o seu solo, até então desprovido de riquezas e singularmente atrazado na agricultura, sob o influxo dos capitaes e dos exemplos do paiz visinho, apresentava, no seu desenvolvimento moral e politico, uma feição particular, que lhe provinha principalmente do modo por que a revolução religiosa alli se operára.

A historia mostra-nos que na Inglaterra as luctas politicas e religiosas terminaram as mais das vezes pela conciliação entre os partidos oppostos; sendo estas victorias do bom senso que tem poupado aos inglezes as catastrophes que são o apanagio inevitavel da exaggeração dos principios.

Na Escocia as revoluções tiveram sempre caracter mais radical. O presbyterianismo, forte pela independencia e austeridade que o caracterisam, se viu triumphar os seus principios, e contribuiu para radicar ainda mais fundo no coração dos filhos da Escocia o amor da liberdade, não o conseguiu sem por vezes alimentar e fortalecer o fanatismo e a intolerancia, cujos vestigios não é difficil ainda reconhecer hoje quando se estudam os costumes do povo escocez.

Os excessos do presbyterianismo haviam de naturalmente dar logar aos excessos contrarios; e por isso aos desvarios do partido religioso seguiram-se por algum tempo as dúvidas e as exaggerações do scepticismo.

Na litteratura e na sciencia, ao revez da Inglaterra, onde dominava o caracter experimental e pratico, tiveram curso então principalmente os principios especulativos. É esta, no seculo XVIII, a physionomia original de quasi todos os escriptores escocezes.

Na verdade, se se compararem as obras dos homens mais eminentes da epocha, na Escocia e na Inglaterra, conhecer-se-ha immediatamente a differença indicada. Seja qual for o assumpto tratado, ha de encontrar-se, com rarissimas excepções, nos auctores inglezes a tendencia para não assentar raciocinios senão sobre factos, e poder-se-hão seguir passo a passo os progressos que vão realisando em Inglaterra, em todos os ramos da actividade humana, os principios e as theorias do immortal auctor do *Novum organum*. Ao contrario, nos auctores escocezes será facil reconhecer a ausencia das idéas praticas, e notar-se-ha que em quasi todas as suas obras o espirito procedeu não por analyse, mas por synthese.

A independencia e a energia moral, que por tanto tempo se haviam exercitado nas luctas da politica e da religião, dando sempre prova de quanto eram capazes as virtudes severas do povo escocez, volveram-se, no remanso da paz, para as pugnas incruentas da sciencia e da philosophia.

Foi n'essa epocha que a Escocia viu apparecerem alguns dos seus mais ousados pensadores; e póde inscrever nos seus annaes scientificos e litterarios, falhos havia muito tempo de nomes illustres, os de alguns dos homens mais notaveis do seculo XVIII, cuja sciencia lançou um brilho immenso no resto do mundo e ficou memorada por obras immorredoiras.

Extensa é a lista dos homens eminentes que floresceram por então na Escocia, alguns dos quaes, como Hume, Hutcheson, Robertson e Adão Smith, bastariam para illustrar um paiz, se elle não houvera conquistado por outros titulos honroso logar na historia do mundo civilisado.

Mas assim como o sol, surgindo no horisonte, offusca o brilho de todos os outros astros, assim o nome de Adão Smith parece o unico que de todo aquelle grande cortejo de homens illustres está destinado a passar á posteridade. Poderá o tempo apagar a memoria do eminente sceptico e historiador apreciado da Inglaterra, do fundador da philosophia escoceza, do illustrado biographo de Carlos V, que não será capaz de entregar ao esquecimento o nome justamente respeitado do fundador da economia politica.

(Continúa) T. DE C.

A PASSAGEM DO BOJADOR

I

EM SAGRES

O vento do mar soprava rijamente nas agruras do promontorio Sacro, onde se erguia a villa do Infante; a onda furiosa quebrava nas penedias escalvadas, que formam um parapeito natural e altissimo, d'onde o espectador contempla o Oceano profundo e irado a tentar debalde ultrapassar os limites que a mão da Providencia lhe impoz. Algumas arvores raras e enfezadas estorciam-se gementes ao sôpro agudo do noroeste. Era triste a paizagem, nebulosa a tarde, e os ultimos raios do sol, que se escondia no occaso, apenas tingiam com desmaiada côr a crista espumea das vagas.

Dois homens passeiavam entre os rochedos, indifferentes á impressão desagradavel que o vento cortante, que lhes sibilava aos ouvidos, produzia em quem se expunha ás inclemencias d'essa tarde do principio da primavera. Estava-se em março de 1434.

Um dos dois homens, alto e forte, de physionomia um tanto severa, mas que os olhos, cheios de viveza e de luz, abrandavam quando a indulgencia lhe scintillava nas pupillas, fallava com energia, em quanto o outro escutava com deferencia e respeito.

O primeiro era o infante D. Henrique, filho del-rei D. João I, e irmão do monarcha reinante, D. Duarte; chamava-se o seu interlocutor Gil Eanes, e era natural da proxima villa de Lagos.

— E não ousastes ainda, Gil Eanes? dizia o infante. Pois sois denodado e audacioso, que eu bem o sei! Mas que tem esse cabo Bojador, que tal susto vos infunde a todos, assim que o divisaes de longe? São outros mares aquelles? tem outro aspecto as ondas? as procellas, que tão socegadamente affrontaes aqui no mar do Algarve, ou na bahia de Biscaya, ou nos estreitos de Inglaterra, onde são peiores, apavoram-vos só porque erguem a voz rugidora junto de desconhecidas terras? Voto a Christo que tinha mais confiança na vossa bravura, Gil Eanes!

— Senhor, redarguiu Gil Eanes, dizem que para aquelles lados a terra é mais baixa que o mar, que o sol queima as praias escalvadas, e que as correntes impetuosas arrastam com irresistivel força os navios para terriveis paragens, onde a morte é certa.

— E quem vos diz isso? tornou o infante com intimativa. Quatro marinheiros que nunca saíram da carreira de Flandres, e que julgam que tudo o mais são africas impossiveis! Se a natureza para além do cabo Bojador tem mysterios, não vos sentis com animo de os devassar? Se a empreza fôra pequena, não vol-a confiára, Gil Eanes; qualquer maritimo me serviria. Os homens de altos espiritos são para as altas façanhas.

— Senhor, tornou ainda o marinheiro, a um tempo lisonjeado e envergonhado com o elogio; se os perigos fossem de natureza terrestre, não temeria eu lançar-me a elles, e com jubilo procuraria a morte, se para vosso serviço fosse necessario. Mas eu jogo a alma arriscando-me a esses mares onde o demonio impera!...

— Não cingis uma espada, Gil Eanes? perguntou o infante.

— De que serve a espada, senhor, contra inimigos infernaes?

— A espada de um christão tem lamina e tem cruz: lamina bem temperada para derribar os infieis, cruz bemdita para afugentar os espiritos maus.

Gil Eanes conservou-se algum tempo em silencio.

— Mas, senhor, redarguiu elle, os mareantes affirmam que no cabo Bojador levantou ignota mão estatuas mysteriosas, que guardam esses mares, e que prohibem aos homens a passagem. É de certo com o consentimento de Deus que taes estatuas lá campeiam, e o aviso que dão aos navegantes não póde deixar de ser um aviso da Providencia.

— E quem as viu? tornou D. Henrique meio impaciente. Ninguem. Credulos sonhos formados pela imaginação timorata dos que se acolhem ao porto apenas vêem acastellarem-se no horisonte as nuvens, e ennegrecerem as ondas ao primeiro sôpro da procella! Não julgaram os antigos que Hercules levantára no estreito de Gibraltar uns pilares com uma inscripção defendendo aos humanos a entrada no Atlantico, por ser elle o mar das trevas? Bastas vezes tendes atravessado o estreito, Gil Eanes! Vistes por acaso os pilares, lestes a inscripção? D'aqui d'onde estamos divisa-se até ao extremo horisonte a amplidão do Oceano. O que tem elle de tenebroso? A sombra que a noite, que principia, lhe espraia sobre as ondas. Quando resplende o sol, não brincam tão docemente os seus raios de oiro na espuma do seu dorso, como podem voltear sobre o lucido cristal das aguas do Mediterraneo? É mais severo este nosso velho leão, é mais alto o seu rugir, são mais tremendas as suas iras, do que as coleras femininas do mar interior! Talvez por isso mesmo eu lhe queira mais; parece-me ler n'elle melhor a grandeza do Omnipotente, do que a leio no Mediterraneo, assim como a percebo melhor nas viris apostrophes de Isaias do que na mystica doçura do *Cantico dos canticos*.

E o infante contemplou com amor o velho Oceano, que encurvava a juba e arremessava as suas ondas de encontro á penedia, onde quebravam com estampido, arrojando aos ares uma nuvem de scintillante espuma.

Gil Eanes abaixou a cabeça e não respondeu.

— Ah! pois eu não sou ingrato, continuou o infante com amargura. Que perigos ha no mundo tão grandes que não vos anime a affrontal-os a certeza de que obterieis recompensa superior a tudo quanto podesseis sonhar?

Gil Eanes interrompeu-o de subito.

— Não falleis assim, senhor, disse elle erguendo a cabeça. Não me falleis em recompensas; servir-vos é o que eu desejo, e, se um ignoto pavor se não houvesse apoderado de mim e dos meus quando o anno passado chegámos á vista do cabo, já o mysterio estaria desvendado, ou nós todos jazeriamos no fundo das aguas. Mas, senhor, não será tentar a Deus perseverar n'uma empreza diante da qual todos... todos tem recuado?...

— Não, meu amigo, tornou o infante com ardor, não, porque as nossas intenções são puras e santas. O que desejâmos nós? Alargar o dominio do christianismo, propagar a fé até aos confins do mundo, procurar esse mysterioso monarcha, nosso correligionario, que vive entre gentios, esse Prestes-João, de que houve remota noticia pela embaixada que enviou ha seculos ao santo padre de Roma. Com esses pios intentos, Gil Eanes, póde-se entrar illeso até no proprio inferno. Para visitar as regiões sombrias, aos mortaes defesas, colheu Enéas no bosque mysterioso o ramo de oiro protector. Mas onde ha ramo de oiro conhecido das sibyllas que seja melhor talisman do que a propria cruz de Christo? Empunhae a cruz, Gil Eanes, tende fé, e vereis dissiparem-se os vãos prestigios com que o demonio vos aterra. Ai! continuou elle exaltando-se, sonhei que aos portuguezes estava reservada a gloria de alargar os limites do mundo conhecido, de derramar a luz no Oceano! Acreditae-me! Deus não condemnou a sua propria obra, tornando inhabitavel uma tão grande porção do planeta onde collocou o homem; e quando o exilou do paraiso deu-lhe ao menos a terra inteira para morada. Aos pagãos da antiguidade, que o blasphemavam, que estavam

ainda debaixo do peso do peccado original, negou elle o conhecimento do mundo; mas se Christo veiu para nos redimir, por que não nos conduzirá elle tambem de novo ao paraiso terrestre? A columna de fogo não guiava os israelitas á terra promettida? Quem sabe se a doce estrella do Calvario não nos deve guiar tambem á radiosa habitação dos nossos primeiros paes? Confiados n'ella, vamos trilhando o caminho espumoso do pelago! A estrella dos reis magos conduziu-os ao berço do Redemptor, a estrella da religião talvez nos conduza ao berço da humanidade! E que gloria para Portugal se fossemos nós o povo escolhido! Encurralados entre o mar e Castella, parece que nos quiz Deus negar a faculdade de respirarmos livremente; quem sabe se nos deu isso antes como incitamento para desafogarmos pelo Oceano? A empreza é digna de nós, Gil Eanes, que somos filhos dos heroes de Aljubarrota. Vejo a cada instante partirem cavalleiros portuguezes para se illustrarem com feitos d'armas no estrangeiro. Lá andou por Borgonha, França e Italia Soeiro da Costa, o nosso valente alcaide de Lagos; lá andou por Inglaterra D. Alvaro Vaz de Almada; andou tambem por Allemanha o meu irmão D. Pedro. Praticaram generosas façanhas? Quem as não pratica na Europa? Valentes cavalleiros tem meu cunhado Filippe, o duque de Borgonha; valentes cavalleiros pelejam á sombra da bandeira de Carlos VII de França; briosos fidalgos tem na sua corte meu primo Henrique VI de Inglaterra. Todos aparam e distribuem cutiladas. Mas qual d'elles ousaria medir-se com os perigos do Oceano? Talvez nenhum. Pois essas emprezas, diante das quaes os outros recuam, eram as que nós deviamos tentar. Fomos embalados com o rugir da vaga, affrontemol-a peito a peito, e saibamos arrancar-lhe do seio as perolas que lá jazem occultas.

— Que grande sois, senhor! exclamou Gil Eanes como que aterrado.

— E entretanto, continuou o infante, os meus presentimentos não me enganam. Ilhas a que talvez já os nossos portuguezes abordaram quando meu bisavô Affonso IV enviava os seus marinheiros ás Canarias, e de certo mais longe ainda, appareciam vagamente designadas nos mappas; suppuz que essas ilhas não estavam alli por acaso, enviei cavalleiros meus a demandal-as, e Zarco arrancou-me das ondas aquella preciosa Madeira, e Gonçalo Velho lá me anda desentranhando do alto mar novas ilhas, que serão talvez um archipelago. Para além do Bojador, Gil Eanes, não traçam os mappas senão linhas confusas. Não poderei eu substituil-as pelos contornos reaes da costa africana? Essa gloria que eu sonhava não me estará reservada? Oh! de certo que hei de realisar o meu sonho. Lançar-me-hei eu sósinho com um piloto no primeiro batel que se me deparar, e verei se a fortuna de Cesar virá tambem poisar a mão no leme do meu barco.

— Oh! senhor! exclamou Gil Eanes.

— Talvez então me sigam os que hoje tremem, continuou o infante; quando diante de Ceuta houve soldados portuguezes que ousaram duvidar da bravura de um filho do mestre de Aviz, jurei que seria eu o primeiro ou o unico a saltar em terra, porque não me importava saber se me seguiriam ou não. Atropellaram-se todos nos bateis para me acompanharem; mas talvez hoje não succedesse o mesmo, porque os soldados de Ceuta, que não tremiam diante dos moiros, tremem diante de phantasmas que só deviam amedrontar crianças.

— Oh! não será assim, senhor, bradou Gil Eanes exaltado, não precisareis de tal. Aqui vos juro em presença do Oceano que demandarei o cabo Bojador, e que só voltarei a Portugal depois de o ter dobrado, ainda que todos os demonios do inferno estejam apostados a impedir-me a passagem.

O som rouco do mar, quebrando nas penedias, dava uma solemnidade terrivel a esse juramento, que o leão das aguas era obrigado a testimunhar.

O infante D. Henrique estendeu a mão a Gil Eanes.

— És um bravo, disse elle.

— Senhor, tornou o marinheiro beijando-lhe a mão, se a minha barca não tornar quando o Oceano soar assim tristemente batendo nos rochedos de Sagres, se vos parecer ouvir uns gemidos vagos entre o referver das ondas, rezae um Padre-Nosso por alma do vosso servidor.

O infante só respondeu estreitando-o nos braços.

Descêra a noite; mas o mar aplacára as suas furias, e no ceo estrellado parecia sorrir a esperança.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

MAÇA DE PRATA

QUE SE GUARDA NA SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA DESDE O SECULO XVI

Esta maça, ou clava, sempre acompanhava o provedor e a mesa da santa casa da Misericordia de Lisboa em todos os seus actos publicos. Foi mandada fazer no reinado del-rei o sr. D. Manuel, sendo provedor da santa casa D. Alvaro da Costa [1]. É tradição ser obra de Gil Vicente [2], celebre artista lavrante da rainha a sr.ª D. Leonor, viuva del-rei o sr. D. João II. Sobre o capitel da columna está uma urna, e n'ella esculpidos quatro baixos-relevos: em um se vê representada a Visitação da Senhora a Santa Isabel [3]; em outro a distribuição do comer aos presos no carcere (como se vê na gravura junta); em outro o acto do casamento; e em outro o acto da encommendação de um morto. No tôpo uma esphera armillar del-rei o sr. D. Manuel, que era a sua empreza; e ao longo da maça uma cadeia egualmente de prata. Na referida maça excede muito o valor da mão d'obra ao do metal de que é feita.

Quem levava antigamente a maça era um dos continuos da mesa, que eram sete, a quem chamavam *homens do azul*, porque trajavam capa azul e balona, ao que hoje chamam bacalhau ou volta singela.

A maça significa grandeza e poder. A mesa da santa casa da Misericordia de Lisboa jámais deve prescindir d'esta sua formalidade antiquissima da maça em todos os seus actos publicos; e, além d'isso, pela memoria del-rei o sr. D. Manuel, grande bemfeitor d'esta santa casa, que a mandou fazer e usar.

A estampa é copiada de uma photographia pelo habil lapis do sr. Leipold, e a gravura é do sr. Caetano Alberto X.

ROMA

O MAUSOLÉO DE ADRIANO E CASTELLO DE SANTO ANGELO

(Vid. pag. 313)

II

A orgulhosa Roma, que por tantos seculos dominára como senhora absoluta em quasi toda a Europa, e em grande parte da Asia e da Africa, viu-se em fim avassallada pelos inimigos que mais desprezára durante o periodo do seu poder e gloria. Esses povos septentrionaes, que ella designava desdenhosamente com o epitheto de *barbaros do Norte*, vieram sitial-a no anno de 410, capitaneados pelo seu rei, Alarico. A opulenta capital dos Cesares foi tomada e saqueada, e os ven-

1 E armeiro-mór del-rei o sr. D. Manuel.

2 Que foi o lavrante da classica custodia do ex-mosteiro de Nossa Senhora de Belem.

3 A Visitação de Nossa Senhora é o orago da santa casa da Misericordia.

cedores saciaram a sua vingança contra antigas affrontas, prostrando por terra muitos monumentos sumptuosos.

O mausoléo de Adriano foi despojado de todas as riquezas que o guarneciam interiormente, e que eram muitas e de grande valia, pois que os soberanos que succederam ao fundador, e que o destinaram tambem para sua ultima morada, empenharam-se em adornar com variados primores de arte, esculpidos em marmore e metaes preciosos, ás salas que deviam servir de jazigo a cada um d'elles e ás suas respectivas familias. Todavia, os soldados de Alarico, apesar da sua bruteza e selvageria, não levantaram mãos contra as magnificencias exteriores do monumento.

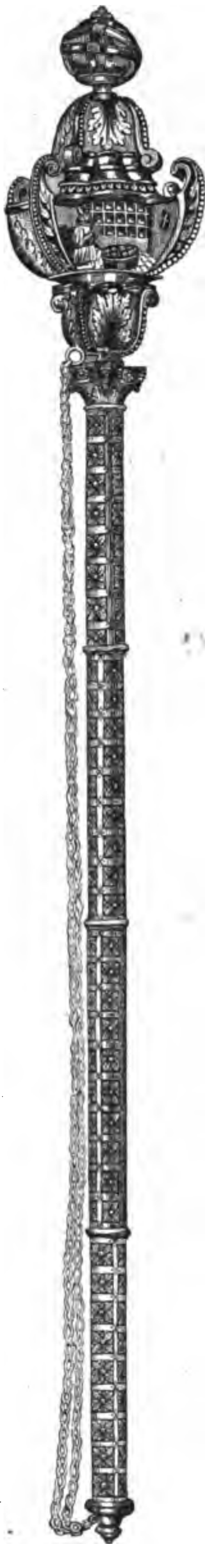
Apenas o inimigo evacuou a cidade, cuidou o imperador Honorio, então reinante, de melhorar a defensa d'ella. Levado d'este proposito, cercou o mausoléo de Adriano com uma muralha quadrangular, que o poz nas condições de uma cidadella. Com esta obra ganhou bastante a segurança de Roma, se não pela qualidade da fortaleza, ao menos pela importancia da sua posição. Porém d'este modo se preparou a ruina do famoso monumento de Adriano.

Desde aquelle momento ficou sendo alvo dos ataques de quantos invasores se apresentavam ás portas de Roma. E não foi sómente n'essas occasiões que o sepulchro dos imperadores romanos foi convertido em theatro de guerra. Durante as longas discordias civis que ensanguentaram o seio de Roma, cada partido disputava a seu turno a posse d'elle, violando com o estridor das armas a paz dos mortos. D'est'arte, no decurso de alguns seculos, foi o monumento tomado e retomado pelos godos, byzantinos, romanos, normandos e francezes. Porém os primeiros que n'elle exerceram crueis devastações, depois das espoliações feitas pelos soldados de Alarico, foram os proprios romanos. Em março do anno de 538, achando-se Roma novamente sitiada pelos godos, e vendo-se desprovidos de projectis os defensores da fortaleza-jazigo, ousaram estes despedaçar as formosas estatuas que decoravam o monumento, para arremessar contra o inimigo os fragmentos de tão primorosas esculpturas.

Começada assim a obra da destruição, o vandalismo não poz mais limites ao seu furor. As galerias de columnas que ornamentavam o segundo e terceiro corpo do edificio foram totalmente desfeitas, e as columnas serviram para decoração do atrio e da basilica de S. Paulo, fóra dos muros. Infelizmente, de tão grande quantidade de columnas não resta hoje uma só. Em vez de marmore, são de granito as oitenta columnas que ao presente dividem aquella basilica em cinco naves.

No anno de 608, o papa Bonifacio IV construiu na parte mais alta do edificio uma capella da invocação de Santo Angelo. O celebre tribuno Crescencio apoderou-se d'este edificio no principio do seculo X, e d'ahi dictou leis a Roma até ao anno de 928. N'esse periodo denominou-se o mausoléo *castello de Crescencio*.

Tendo rebentado uma sublevação popular na cidade no anno de 1091, as auctoridades acolheram-se ao mausoléo-fortaleza, e ahi resistiram por algum tempo aos accommettimentos da multidão. Porém o povo triumphou em fim, e, para se vingar da resistencia tenaz que lhe oppozeram, esforçou-se por destruir o monumento. Não conseguiu realisar o seu intento, porque a solidez da construcção fel-o esmorecer e desistir do empenho em meio dos seus trabalhos de assolação. Mas os que chegou a executar foram bastantes para desfigurar inteiramente a obra grandiosa do imperador Adriano.



Maça de prata

Em 1378, por morte do papa Gregorio XI, dois pontifices disputaram a successão da cadeira de S. Pedro. Em quanto Urbano VI era acclamado em Roma, Clemente VII fazia-se coroar em Avinhão. Este scisma, que por longos annos dividiu e affligiu a christandade, provocou em Roma graves conflictos, lançando a cidade nos horrores da anarchia. O povo, tomando partido por Urbano VI, perseguiu os prelados que se declararam por Clemente VII, e, como estes se refugiassem no jazigo-fortaleza, ahi os poz em apertado cêrco durante seis mezes. A fortaleza caíu alfim em poder dos populares, cujo furor se exerceu principalmente contra as muralhas, que por tanto tempo lhe embargaram o passo e embotaram as armas. O monumento foi então despojado das ultimas reliquias da sua magnificencia. Nem sequer lhe deixaram as grandes pedras de marmore que revestiam todo o primeiro corpo. Assim ficou reduzido a uma massa quasi informe de alvenaria o soberbo mausoléo, que por tantos seculos fôra a admiração das gentes, e que soube até respeital-o, como maravilha que era, a primeira nação barbara que entrou victoriosa em Roma.

Durante o assedio foram descobertos muitos subterraneos, que se cruzavam no edificio, desde o envasamento até ao mais alto d'elle, pelo interior de suas grossas paredes. Consistiam esses subterraneos em salas espaçosas, extensos corredores e rampas, com largura sufficiente para por elles caminharem a par dois cavalleiros ou cinco homens a pé. Toda esta construcção, pavimento, paredes e abobada, era feita de tijolos.

Pelos annos de 1390, os habitantes de Roma offereceram uma somma consideravel ao papa Bonifacio IX para este pontifice ir alli celebrar o jubileu. Porém Bonifacio IX aproveitou-se da maior parte d'esse dinheiro para fazer dos restos do mausoléo de Adriano uma fortaleza melhor que a antiga, destinada principalmente a impor a esta cidade respeito e obediencia á auctoridade pontificia.

Passado um seculo, houve no recinto do edificio a explosão de um pequeno paiol de polvora, que causou consideraveis estragos. Alexandre VI, que então cingia a tiara, apressou-se em reparar a fortaleza, accrescentando-lhe um largo e profundo fosso, e outras obras, com que a poz em melhores condições de defensa. O mesmo pontifice construiu a torre sobre a qual mandou collocar a estatua colossal, em marmore, do archanjo S. Miguel; e desde esse momento a fortaleza ficou-se chamando *castello de Santo Angelo*.

Alexandre VI, da celebre familia Borgia, que tantos odios excitou contra si, lembrou-se, por occasião d'aquellas obras, de abrir uma communicação do castello de Santo Angelo para o palacio do Vaticano, por meio de um viaducto construido em parte através das mu-

ralhas da cidade. Quando, em 1523, o exercito do imperador Carlos v, commandado pelo condestavel de Bourbon, sitiou a cidade de Roma, foi por este viaducto que o papa se refugiou no castello de Santo Angelo, ao tempo em que os sitiadores se assenhoreavam do palacio do Vaticano.

No pontificado de Paulo III, que principiou a governar em 1534, fizeram-se importantes obras no castello de Santo Angelo, sobre tudo de pintura e outras decorações na capella e nas salas, devidas a eximios artistas. Por ordem d'este pontifice alli esteve encarcerado por algum tempo Benevenuto Cellini, o mais insigne esculptor em metal que existiu no seculo XVI.

N'esse mesmo seculo, correndo o anno de 1561, foi justiçado o cardeal Caraffa em um quarto do castello de Santo Angelo, por mandado do papa Pio IV.

É longa a historia dos carceres d'esta fortaleza, não só pelo avultado numero dos infelizes que ahi tem gemido entre ferros, mas tambem pela qualidade de muitos dos presos, ou por circunstancias que os fizessem notaveis. D'esta extensa lista mencionaremos apenas um, que á celebridade que adquiriu no mundo por sua impostura e traficancias juntou um terrivel acto de tragedia, com que o seu nome ficou lugubremente commemorado nos annaes do castello de Santo Angelo. José Balsamo, siciliano, que figurou em França no reinado de Luiz XVI com o falso titulo de conde de Cagliostro, achando-se encarcerado n'esta fortaleza, em 1789, concebeu o plano de fugir da prisão por meio de um crime. Fingiu-se gravemente doente, e, mostrando apprehensões de que estava proximo o seu fim, pediu que lhe chamassem um frade capucho para se confessar. Veiu, com effeito, o frade. O supposto penitente começou a confissão com voz tão sumida, que foi mister que o frade, para o ouvir, aproximasse o mais possivel o ouvido dos labios do enfermo. Então José Balsamo lançou rapidamente as mãos ao pescoço do confessor, tentando matal-o para se apoderar dos seus habitos e com este disfarce sair do castello. Empenhou-se entre os dois uma lucta desesperada. Posto que o preso fosse homem possante, e além d'isso lhe désse forças o ardente desejo da liberdade, e lhe proporcionassem grande vantagem o improviso do accommettimento e a posição da victima, debruçada sobre a cama, era o frade capucho tão agil e robusto, que luctou e gritou até que lhe acudiu o carcereiro. Todavia, saiu muito maltratado das mãos d'aquelle embusteiro, que, estando preso por pedreiro livre á ordem do santo officio, alli morreu no anno de 1795.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

AS ORDENS RELIGIOSAS E A CIVILISAÇÃO DE GOA

(Conclusão. Vid. pag. 319)

Nos conventos havia legistas profundos, que eram consultados pelas partes nos seus negocios forenses, e escolhidos para formular os arrazoados mais importantes; havia canonistas e moralistas consummados, que resolviam os casos de consciencia dos povos, e intervinham na composição entre os litigantes; havia prégadores com reconhecido estro oratorio, que ostentavam as galas da sua erudição nas principaes festividades; havia, finalmente, bibliothecas dos mais selectos livros de todas as sciencias, de todas as artes, da litteratura antiga e moderna, nacional e estrangeira. Os frades andavam ao corrente de todas as invenções e publicações, e recebiam em todas as monções novos e abundantes livros; e calcule-se quanta luz elles espalhariam entre os povos, que não tinham conhecimento de outras obras que não fossem de devoção; que nunca tinham comprado livros, nem podiam compral-os nas livrarias que não existiam; e cuja maior parte de homens, que seguiam a vida clerical, ou a de advogados e medicos, se contentavam com os que tão sómente lhes eram indispensaveis para a sua profissão. Ter livros que servissem de honesto e proveitoso passatempo era o privilegio de poucos, e bastava tel-os um ou outro para muitos os lerem e estudarem. N'aquelles tempos os theologos e os legistas aprenderam assim. Não devemos admirar que houvesse tanta falta de livros nos seculos em que começavamos a sacudir o pó do obscurantismo, se compararmos os annos que foram com os que correm, em que, apesar do notavel progresso litterario, são raras as melhores obras portuguezas, e rarissimas as estrangeiras, comparativamente a muitos que podem lêl-as.

V

A influencia dos religiosos operou tambem uma profunda revolução nas artes. Elles substituem á architectura indiana a architectura européa, e os mesmos instrumentos que abatem os monumentos do gentilismo levantam outros da religião e piedade christã. Força é confessar que nenhum de tantos pagodes que foram arrasados, e dos subterraneos que foram entupidos, representava a magnificencia da architectura que ainda hoje se admira na India, e o esforço quasi sobrenatural dos troglodytas, que se estuda na pedra muda de Elefanta, tão magistral como exactamente copiada nas *Décadas* do nosso Diogo do Couto. Se Goa perdeu esses edificios modestos, teve em compensação tantos conventos e egrejas, cada um mostrando uma ordem de architectura, e uma epocha de esplendor ou de decadencia portugueza, o afortunado reinado del-rei D. Manuel, ou os tempos lastimosos de D. Affonso VI e de D. Pedro II, e tendo todos essas proporções gigantescas, que quasi que fendiam os ares, e que, collocados em grupo em uma pequena cidade, fizeram d'ella a magnifica metropole do maior imperio que viu a Asia. A amplidão e a claridade que tinham esses edificios symbolisavam a libertação do espirito, resgatado pela fé da escravidão do paganismo, assim como a escuridão e a monotonia dos pagodes, que suffocavam a alma, significavam a solidão do coração, e a prisão da intelligencia succumbida pela tyrannia da superstição. Os povos viviam tão comprimidos nos pagodes como nas suas habitações, tão acanhadas como as suas aspirações, tão fechadas á luz como a sua intelligencia. Com o christianismo surgiram espaçosas casas; rasgaram-se as suas janellas, em vez de raras fenestras; poz-se-lhes a cimalha; dividiram-se em tantas repartições quantas eram bastantes para receberem as visitas *(ossoró)*, para deixar o cadaver antes de ser levado ao cemiterio *(culi)*, para dormir *(oiri)*, para jantar *(vassiri)*; fabricaram-se as retretes; e fecharam-se as portas á chave. Mais tarde vieram as salas, as camaras e as casas de jantar.

Antes dos portuguezes existiam artifices condemnados á rotina, incapazes de fazer mais do que haviam feito seus paes. Os jesuitas, que tinham no seu gremio artistas de todas as nações, dirigem-n'os com o exemplo, e sob a sua direcção elles podem concluir obras as mais difficeis. Na construcção dos edificios religiosos e dos seus ornamentos apparecem artistas indigenas. O seu pincel, embotado em esculpir imagens toscas, imprime na pedra as inspirações christãs. O seu pincel já não delineia no vidro, por meio de tintas grossas, os emblemas do theomorphismo; mas, guiado pelos pintores italianos, abre traços admiraveis no panno e no papel. O marceneiro trabalha com mão delicada no pau santo. Já não ha arte que os frades não aperfeiçoem; elles vivificam todas as profissões mecanicas; e, em quanto não se extinguem as ordens religiosas, estas chegam ao adiantamento que com o tempo, por falta do incentivo e do trabalho, se perde em vez de progredir.

VI

Depois das corporações agricolas e do estado, que conservam amortisadas nas suas mãos as terras de Goa, os religiosos foram os maiores proprietarios, e sob o seu dominio estavam vastos terrenos, uns comprados á custa do dinheiro das missões, e outros doados pelos homens poderosos, que criam fazer acção meritoria em presença de Deus repartindo pelos conventos parte da sua fortuna, ou julgavam expiados os seus peccados e perdoadas as suas depredações commettidas em vida, legando na morte uma porção d'ellas ás casas de Deus.

Os jesuitas possuiam mais que todos os outros frades. Todos os bens que os povos no gentilismo haviam cedido aos pagodes, como dizimo devido a Deus, foram applicados na dominação portugueza ao serviço das egrejas, e doados á Companhia de Jesus; e a esses bens *(namoxins)* elles reuniram terras aforadas ás corporações agricolas, e aldeias offerecidas pelos particulares. Em toda a parte os palmares dos religiosos foram bem cultivados. Os jesuitas foram os primeiros que estudaram a sciencia agricola, e pela sua experiencia introduziram varios methodos. Se elles não aperfeiçoam o processo da cultura do arroz, se não inventam novos instrumentos, se não tentam novos meios de aproveitar as aguas, conhecem, comtudo, o melhor modo de cultivar a mais util e famosa das arvores — o coqueiro, e á luz da pratica escrevem a arte palmarica, hoje tão divulgada em todas as terras portuguezas [1], pela qual são vulgarisados processos acertados, tentativas bem succedidas, e regras exactas para a cultivação dos palmares da India, tão celebrados pelos poetas e prosadores, e a cuja sombra vivem e se sustentam os povos asiaticos. As suas experiencias ruraes chegam além. Elles apreciam a melhor fruta de Goa — a manga, e, introduzindo os enxertos nas mangueiras, criam uma variedade d'ella, tornando-a mais deliciosa no gosto e agradavel á vista. Cada especie d'essas mangas tem hoje uma denominação, tal como a manga *affonsa, costa, xavier, fernandina, collâça*, etc.; e, investigando a sua origem, conhece-se que cada qualidade da manga tomou o nome correspondente ao appellido do jesuita que a creou por meio do enxerto. Os frades conheceram todas as hervas medicinaes, todas as plantas dos jardins, e de todas tiveram hortas bem providas; e só aos seus desvelos podêmos attribuir este pequeno incremento na agricultura de Goa, que, devendo ser melhor explorada, participa, como o mais, da classica immobilidade indiana.

VII

Dos serviços que mencionámos, e de outros que restam para serem registados, e que os frades prestaram á fé e á civilisação em Goa, se vê que elles foram os mais empenhados civilisadores de que os conquistadores se serviram para implantar o progresso n'esta terra. Grandes em tudo, os religiosos da India tiveram dotes superiores, com que nos regeneraram, e defeitos condemnaveis, com que algumas vezes renegaram as lições do Divino Mestre e de S. Francisco Xavier, opprimindo os indigenas, negando-lhes as consolações espirituaes como indignos, guiando-se pelas maximas subversivas da sua politica na educação dos povos, e, finalmente, revelando o desregramento da vida e do instituto. As bullas dos papas feriram-n'os profundamente em diversos tempos, e as accusações que n'ellas lhes dirigiram não podem ser taxadas de exaggeradas, porque para as provar estão documentos insuspeitos na secretaria do governo de Goa. Nós, os herdeiros de tantos beneficios moraes e materiaes, devemos esquecer os erros que commetteram e o abatimento lastimoso em que caíram, para só lembrarmos e agradecermos os esforços incessantes que empregaram, e os sacrificios sem conta que fizeram para nos abrir as portas do ceo e as da civilisação. Nunca se risca a memoria dos primeiros mestres, e a saudade dos discipulos os acompanha até além do tumulo. Proscriptos os jesuitas em 1759, e extinctos os outros conventos em 1835, a recordação do muito que fizeram está indelevel no coração dos povos, e para a saudade ser profunda mais podem os serviços que deixaram inscriptos em tantos monumentos, do que as culpas e crimes que lavraram a sua condemnação.

Margão (Goa), 11 de agosto de 1868.

J. C. Barreto Miranda.

[1] Foi publicada em Lisboa pela primeira vez no *Boletim e annaes do conselho ultramarino*, e depois em separado com o titulo: *Arte de agricultura palmarica* — 8.º pequeno de VIII-49 pag.

ASYLO DOS CEGOS DE CASTELLO DE VIDE

(Vid. pag. 316)

IV

O sr. João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro dotou o asylo, como fica dito, com toda a sua riqueza, exceptuando pequenos legados, e deixou a seu benemerito irmão o muito especial e espinhoso encargo de administrar e consolidar o patrimonio dos cegos, que eram todos os seus affectos.

E tanta era a confiança que elle lhe merecia, ou tão convencido estava de que a Providencia, exceptuando o filho mais moço de Manuel Dionizio da enfermidade dos irmãos, o reservára para concluir a obra que o immortalisára mais que todas as que os seus ascendentes poderiam ter mandado gravar no marmore ou no bronze, e para a prosecução da qual não encontrára outra norma senão a propria consciencia.

Finou-se o sr. João Diogo aos 7 de agosto de 1865, e logo seu irmão entrou no cuidado da administração e consolidação do asylo, elevando a vinte e tres o numero dos asylados, e fazendo acquisição do convento de S. Francisco.

N'esta acquisição occorreu um incidente muito original e digno de menção.

Quando a parte do convento pertencente ao ministerio da fazenda foi posta em hasta publica, a pedido do sr. José Godinho, arrematou-a este sem nenhuma concurrencia; e, como esperava que o mesmo acontecesse com a parte restante, preparou os materiaes e planeou a obra em relação a todo o edificio.

Seis mezes depois da primeira arrematação, foi pelo ministerio da guerra posta em praça a outra porção do convento, e, indo arrematal-a o sr. Godinho, achou um oppositor, seu antigo amigo, que unicamente por acinte e por pretendidos aggravos, lançou no mesmo predio, e o ia elevando a preço não merecido. O sr. José Godinho, desorientado com tão inesperado facto, abandonou a licitação, e ficou arrematante o sr. Manuel Caetano de Barros, pessoa distincta, muito conhecida e relacionada em Portalegre.

Passadas as primeiras impressões, e reconhecendo-se o gravissimo transtorno que provinha á installação e economia do asylo ficar reduzido á metade do convento, tentou o sr. José Godinho comprar ao sr. Barros a parte que possuia, e que para nada lhe servia. O sr. Barros, porém, só para satisfazer ao seu capricho, desprezou todas as propostas, e os empenhos dos proprios amigos e parentes, que lhe levavam em mal tal procedimento.

Estava já o sr. Godinho resignado a limitar o asylo á parte do convento que lhe pertencia, alterando todo o plano e commodidades de tal estabelecimento, quando

por acaso passou em Castello de Vide o sr. Carlos José Caldeira. Sabendo d'estas circumstancias, e vendo quão desastrosas eram para o nascente asylo, passando d'alli a Portalegre, dirigiu-se ao sr. Barros, apesar de todos lhe dizerem que nada conseguiria, a propor-lhe e pedir-lhe a venda que desejava.

Era inteiramente desconhecido a este cavalheiro, nem para elle procurára recommendação alguma. Ia só animado pela idéa de lhe parecer impossivel que houvesse quem só por acinte resistisse a tal pedido, do qual dependia o bem-estar de muitos infelizes dignos da maior consideração.

O sr. Manuel Caetano, apenas o sr. Caldeira lhe expoz o fim para que o procurava, respondeu-lhe que jámais por dinheiro algum venderia o predio em questão; mas que o considerasse logo como seu, e d'elle dispozesse como entendesse.

Ficou maravilhado o sr. Caldeira, e quasi incredulo do que ouvia.

No dia seguinte, um dos de julho de 1866, o sr. Barros lhe fez doação legal, pura, incondicional e irrevogavel d'aquelle predio, e em seguida o sr. Caldeira o doou da sua mão ao asylo dos cegos, que d'este modo gratuitamente adquiriu o resto do edificio, de que tanto necessitava.

Foi de certo censuravel o capricho e teimosia do sr. Manuel Caetano de Barros, unicamente para contrariar o sr. José Godinho no seu laudavel desejo de dotar o asylo com um bello edificio. Porém ninguem podia remir mais nobremente um erro ou uma fascinação, d'aquelles a que levam as paixões e as fraquezas humanas. Particular louvor por isso merece, e tambem o sr. Carlos José Caldeira, que lhe occasionou esta bella acção.

Não pararam aqui, no entretanto, as difficuldades. Surgiram novas, e tambem poderosas, como para offuscar o brilho do monumento que se acabára de erguer; ou, antes, como para destruir a grande obra que a philanthropia creára, e que procurava engrandecer e enraizar.

Com effeito, o sr. José Godinho tem tido que sustentar uma demanda porfiada com os seus proprios parentes, que pretendem haver o patrimonio do asylo, sob o pretexto de certas clausulas do testamento do finado.

Ora o testamento dizia que, caducando o legado ao asylo, passaria aos seus herdeiros naturaes; isto é, dividir-se-hia em tres quinhões, dois dos quaes pertenceriam respectivamente ao sr. José Godinho e a sua irmã, virtuosa e respeitavel senhora, religiosa no mosteiro de S. Bernardo, em Portalegre. O terceiro quinhão seria repartido entre varios representantes de um fallecido terceiro irmão do testador, que são os que propozeram o pleito contra o asylo, e aos quaes com rara abnegação tenazmente se tem opposto o sr. José Godinho e sua dita irmã; sendo aliás os mais interessados na partilha do patrimonio avultado do asylo se lhe fosse desfavoravel o resultado d'este singular pleito.

Felizmente para os pobres cegos, o benemerito administrador do asylo já obteve sentença favoravel na primeira e segunda instancia judicial, mas ainda pende um recurso no supremo tribunal de justiça. Façamos votos para que a decisão final seja conforme aos desejos de todos os homens de boa alma e nobre coração.

Este pleito, e outras injustas opposições, que nunca faltam até ás melhores coisas d'este mundo, tem amargurado muito o sr. José Godinho; porém o seu grande animo não afrouxa nem esmorece perante nenhuma difficuldade para consolidar a obra e cumprir a missão que seu caridoso irmão lhe incumbiu, e que tão zelosamente desempenha.

O governo, em reconhecimento da sua dedicação e dos serviços á causa da caridade, o condecorou com a commenda da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, em 22 de outubro de 1867, por occasião da transferencia do asylo para a sua nova casa, de cuja festa adiante faremos uma resumida descripção.

V

O edificio do asylo fórma actualmente um quadrado com um claustro no centro, guarnecido de boas columnas de cantaria. No lado norte do quadrado fica-lhe contigua a antiga egreja do convento, que serve hoje de capella do cemiterio da villa, que bem impropria e inconvenientemente está junto ao asylo; mas trata-se de o remover para outro local.

No pavimento ao rez do chão tem varias officinas e um vasto deposito para agua. No superior ha duas enfermarias, dois grandes dormitorios para homens e tres para mulheres, duas salas para conversação com fogões no inverno, duas varandas ou terraços, dois refeitorios, larga cozinha, dispensas, etc.

As habitações e os refeitorios de ambos os sexos estão inteiramente separados. Todos os asylados apenas se reunem no côro da egreja ás orações diarias e á missa.

N'um pequeno segundo pavimento está a sala da administração, e um quarto para dormir o administrador, onde o actual tem um leito e roupas eguaes aos dos asylados.

Os leitos são de ferro, e a roupa branca toda de linho. O vestuario é uniforme. Nos homens calça e quinzena de saragoça, e collete de panno azul. Nas mulheres sáia e roupinhas de fazenda de lã, em xadrez branco e preto. Todos usam de uma medalha com a effigie de Nossa Senhora da Esperança, da invocação do estabelecimento.

Ha duas abundantes e nutrientes comidas diarias, ás 9 da manhã e ás 3 da tarde; e de carne quatro dias na semana.

Não ha restricção nas condições da admissão do asylo, nem no numero dos asylados cegos, senão a que determinarem os rendimentos da casa. Tem actualmente capacidade para 50 a 60, e póde de futuro tel-a maior, annexando-se-lhe a capella e as casas que no pavimento terreo occupa a ordem 3.ª, e que pertencem á fazenda nacional.

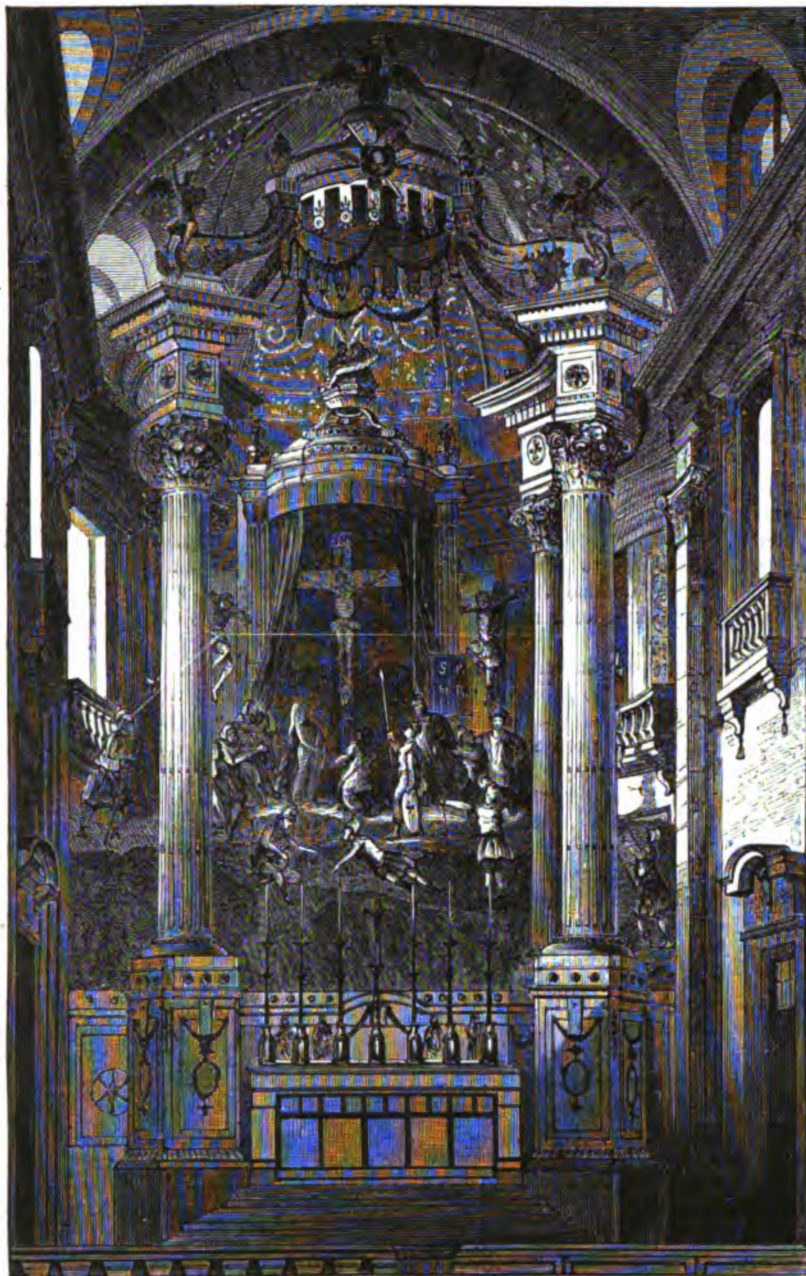
Nas renovações do edificio, obras varias e installação do asylo, calcula-se terem-se gasto cêrca de quinze contos. É certo que em poucos estabelecimentos d'esta ordem gozarão os asylados de tão bom tratamento e de tantas commodidades.

(Continúa)

Diz Miguel Chevalier, que o aperfeiçoamento dos utensilios domesticos tem muita relação com a liberdade real e pratica, porque contribue para a liberdade da casa, que tanto importa ao genero humano como a liberdade da rua. Por isso, um utensilio aperfeiçoado livrará o criado de algum trabalho incommodo ou perigoso á saude; e outro deixará que uma pessoa faça o trabalho de tres, o que poupará o serviço de duas.

Quando Deus formou a rosa, disse-lhe: «Floresce e derrama o teu perfume.» Quando ordenou ao sol que saísse do chãos, accrescentou: «Allumia e aquece a terra.» Quando deu vida ás avesinhas, incitou-as a que povoassem os ares com os seus gorgeios. Creou, em fim, o homem, e disse-lhe: «Ama!»

E vendo o sol raiar, aspirando os perfumes da rosa, e ouvindo os gorgeios das avesinhas, podia acaso o homem deixar de amar?



Capella-mór da egreja do Bom Jesus do Monte, em Braga

Em o vol. VII d'este jornal tratámos da historia e descripção do Bom Jesus do Monte, em uma serie de artigos acompanhados de gravuras, que mostram as partes mais notaveis d'este famoso e venerado sanctuario. Entre essas gravuras vê-se a da magestosa frontaria do templo, que senhorilmente campeia no alto da montanha selvosa. Agora damos em gravura, copiada de uma excellente photographia, o interior da capella-mór do mesmo templo.

É a capella-mór, como toda a egreja, ampla, de boas proporções, e de nobre e esbelta architectura. Porém a qualidade da pedra de que é construida, não obstante ser do mais fino granito que se encontra no districto de Braga, não permitte delicadezas de esculptura, nem tem o brilho e vivas côres do marmore. Por conseguinte, apesar dos esforços do architecto, e da liberalidade com que lhe abriu os seus cofres a confraria fundadora, não apresenta aquelle templo, sobre tudo interiormente, a magnificencia que se observa nas melhores egrejas das provincias do sul do reino.

Todavia, a capella-mór, embora não ostente riqueza de materiaes nem de primores de arte, não deixa de ser sumptuosa. Dão-lhe jus a esse titulo, principalmente, o elegante baldaquino que lhe cobre o altar, e a representação do Calvario com as figuras de tamanho natural, o que offerece uma bella perspectiva a quem se colloca no meio do corpo da egreja.

É de madeira a balaustrada que separa a capella-mór do cruzeiro. São guarnecidas as paredes da mesma capella de pilastras corinthias, entre as quaes se abrem largas tribunas com balaustres de pedra. De-

coram as ditas paredes dois quadros de soffrivel pintura, representando um Jesus Christo a dar vista ao cego, e o outro o mesmo Senhor perdoando á mulher adultera.

O baldaquino é de madeira mui bem trabalhada, e com os ornatos esculpturaes doirados. O altar é construido de uma pedra inteiriça de granito, ornamentada no frontal com diversos lavores. Sob a pedra d'ara foi depositado um cofre com reliquias santas no anno de 1857, por occasião de se reconstruir o dito altar e celebrar-se a sagração do templo. Está encerrado no mesmo cofre um pergaminho, contendo a relação das reliquias alli guardadas, escripta em latim. Vertido em vulgar, diz assim o manuscripto:

«Aos dez dias do mez de agosto de 1857, eu D. José Joaquim de Azevedo e Moura, arcebispo e senhor de Braga, primaz das Hespanhas, consagrei esta egreja e altar em honra de Nosso Senhor Jesus Christo Crucificado; e encerrei n'elle as reliquias do lenho da Santissima Cruz, da columna da flagellação do mesmo Senhor, do véo da Beatissima Virgem Maria, da capa de S. José, Esposo da mesma Beatissima Virgem, e dos ossos dos Santos Apostolos Pedro, Paulo, André, Thiago Maior, Thomé, Thiago Menor, Bartholomeu, Matheus, Simão, Thadeu, Mathias e Barnabé. E a cada um dos fieis christãos que visitarem a mesma egreja concedi hoje um anno, e no dia anniversario d'esta consagração quarenta dias de verdadeira indulgencia na fórma costumada da egreja.»

Por detraz do altar-mór ergue-se o Calvario, que occupa todo o fundo da capella-mór. No primeiro plano estão dois soldados meio deitados, jogando os dados sobre a tunica de Jesus Christo. Na parte superior do monte está Jesus Christo crucificado entre o bom e o mau ladrão. Em volta da cruz do Redemptor acham-se sua Mãe Santissima, S. João Evangelista, as tres Marias e Santa Maria Magdalena: esta ultima prostrada e abraçando a cruz. Em diversos logares da montanha vêem-se o centurião e mais cinco soldados, além dos que ficam mencionados, empunhando um d'elles o estandarte com as letras *S. P. Q. R.*, iniciaes de *Senatus Populus Que Romanus*, senado e povo romano.

A cruz com o Salvador está levantada dentro de um rico tabernaculo. A imagem de Jesus Christo é mui perfeita. Mandou-a vir de Italia, e offereceu-a á confraria no anno de 1776, o arcebispo de Braga D. Gaspar de Bragança, filho legitimado del-rei D. João v.

Todas as figuras são de madeira e trajadas ao natural. Não se póde dizer que a esculptura seja primorosa. Todavia, os seus rostos não são faltos de expressão, e as suas posições tem naturalidade.

I. de Vilhena Barbosa.

A PASSAGEM DO BOJADOR

(Conclusão. Vid. pag. 323)

II

O QUARTO DA MADRUGADA

Lá vae a fragil barca sulcando as ondas do mar africano; já lhe fica pela pôpa o cabo de Não, a balisa fatal das navegações da edade média. Já lá fica tambem longe a mesa do cabo de Não, alta montanha que se levanta no meio do longo areial d'essa costa, como unico ponto de reparo em que se póde demorar a vista dos navegantes.

Vae quasi a findar a noite, mas nem só a gente de serviço está desperta; ninguem dorme, e toda a tripulação, agrupada á prôa, conversa em voz baixa, olhando com terror para a costa, onde pallidos reflexos scintillam entre a névoa produzida pela resaca, alli fortissima, da onda.

É a lua que se vae a sumir, e que faz brilhar, antes de desapparecer no horisonte, as areias da praia.

Sentado á pôpa, envolto n'um amplo manto moirisco chamado *alquice*, divisa-se um vulto pensativo: é o vulto de Gil Eanes.

Nada ha, comtudo, que pareça infundir terror; sopra brandamente o vento de feição, a onda quebra preguiçosa no costado da barca, e no ceo azul e sereno scintillam o luar e as estrellas.

O Oceano parece embalar no dorso das suas vagas a barca aventureira; dir-se-hia que o luar dorme recostado no leito de espumas que branqueia.

Mas o terror transluz na physionomia e nas fallas dos marinheiros agrupados á prôa.

— Lá vae a costa parece que a desfazer-se, dizia em voz baixa um dos algarvios, relanceando a vista para a terra, que mal se distinguia entre a névoa da resaca; quando chega ao Bojador some-se de todo, e está-se no mar das Trevas.

Um calafrio correu pelas veias dos circunstantes.

— Já houve imprudentes que o demandaram, exclamou um velho marinheiro de voz auctorisada e grave; foram portuguezes tambem; as aguas eram negras como breu, as ondas referviam e erguiam-se como montanhas; os nossos patricios fizeram o signal da cruz e investiram para diante; nunca mais se soube d'elles; um barinel que não se atreveu a avançar voltou a Portugal, mas ninguem na nossa terra conhecia os maritimos; tinham ido na flor da mocidade, voltavam de cabellos brancos.

— Credo! bradou um moço de Lagos, passando involuntariamente a mão pelos cabellos negros, e lembrando-se da noiva gentil, que lhe dera ao embarcar, lavada em lagrimas, o beijo da despedida.

— Mas ó sr. Lourenço Dias, tornou o primeiro que fallára, como estivestes lá nos reinos do Norte, haveis de saber a historia de um santo, que dizem que andou por esses mares, e que chegou até ao paraiso de Deus.

— É verdade, tornou Lourenço Dias, o Nestor da assembléa; quando eu fui á Irlanda, a Galway, ou como demonio se chama a terra do tal loiraça que foi criado do sr. infante, os marinheiros irlandezes contaram-me a historia de S. Brandão.

Todos se acercaram com curiosidade.

— Chegou ao paraiso, isso é que não tem dúvida; mas o que passou antes de lá chegar? Este mar está semeado de ilhas que pertencem a Satanaz, e onde os que lhe entregaram as almas soffrem as penas do inferno. N'uma estava sósinho Judas o traidor; n'outra não se ouviam senão gemidos e prantos; sentiam-se n'outra as patadas de cavallos de fogo, que galopavam sempre, sempre, montados por infelizes que soltavam gritos horriveis. S. Brandão, como era santo, zombou do cão tinhoso, e chegou a uma ilha resplandecente, que era o paraiso, onde cantavam passaros de oiro, azas de prata, peito de purpura e de açafrão; quando voltou á Irlanda trazia ainda no fato um aroma suave, que bem se percebia não ser da terra.

Os marinheiros olharam uns para os outros enlevados.

— Quem me dera lá ir tambem! disse o enamorado moço de Lagos.

— Tu és santo? redarguiu Lourenço Dias. Se és santo, arrisca-te; mas olha que primeiro deves fazer voto de castidade.

O interpellado torceu o nariz e não replicou.

O vento refrescára com a aproximação da madrugada, e os seus gemidos funebres assimilhavam-se aos queixumes das almas penadas; muito ao longe ouvia-se um som rouco e mal distincto, como do mar quebrando com furia nos rochedos.

A companha caíra em silencio profundo; mas o terror pintava-se em todas as physionomias.

O vento gemia lugubremente nas enxarcias: o mar tingira-se de um vermelho escuro; parecia ter perdido a liquidez, e na superficie baça das vagas ficára por largo espaço traçada a esteira da barca aventurosa.

Os marinheiros contemplavam com terror esse phenomeno, cuja causa é conhecida hoje de todos os navegantes; para o sul do cabo de Não, a muita areia soprada pelo vento do deserto avermelha as aguas do Oceano e torna-as espessas; mas os marinheiros de Gil Eanes julgavam que era um prenuncio da aproximação do mar Tenebroso.

De repente levantaram-se todos, exclamando:

— Jesus!

O navio corria com uma velocidade pasmosa.

— É a corrente, é a corrente do Bojador! exclamou um dos marinheiros.

— Estamos perdidos, bradou o enamorado.

— Vira de bordo, vira de bordo, gritou Lourenço Dias com voz clara, mas trémula.

Os marinheiros já corriam á manobra.

Porém Gil Eanes desembuçára-se com presteza, e na sua mão luzia a espada.

— O primeiro que dá um passo morre, disse elle.

Os marinheiros estacaram.

— Não morre ninguem, acudiu Lourenço Dias recobrado do primeiro assombro: o navio já vae levado pela corrente para o mar das Trevas; não nos importaria perder as vidas, mas não queremos perder as almas.

— É verdade, é verdade, bradaram os marinheiros.

Gil Eanes abaixou a espada com melancolia.

— Ide pois, disse elle, já que tendes animo para apparecerdes diante do sr. infante sem terdes cumprido a vossa promessa; mas antes d'isso lançae-me um batel ao mar, e deixae-me ir sósinho demandar o Bojador.

— Sósinho! exclamaram os marinheiros.

— Sósinho, sim, o que prometti hei de cumpril-o; terei por mortalha as vagas, mas o infante D. Henrique não me dirá, ao menos, quando eu voltar: «Sois perjuro e sois covarde.»

— Covarde!

— Covarde, sim; porque tão covarde é quem recua diante do inferno quando se trata de servir a Christo, como quem recua diante dos inimigos quando se trata de servir el-rei.

Houve um momento de silencio.

— Deus tenha piedade das nossas almas! disse em fim Lourenço Dias. Investamos com o Bojador!

O navio continuava a correr, impellido pelo vento, com a mesma velocidade; o costado gemia, quando a barca se inclinava toda, obedecendo á pressão da vela.

— Animo, meus bravos companheiros! exclamou Gil Eanes. Deus é comnosco. Todos a postos.

Os marinheiros chegaram para a manobra. O ruido do mar, quebrando ao longe com furia, era cada vez mais distincto: o referver das ondas indicava a aproximação do promontorio; a barca jogava com violencia.

Ouvia-se o murmurio das orações que todos rezavam n'esse momento supremo; Gil Eanes, pallido mas firme, encostado ao mastro da barca, preparava-se para montar o cabo.

De subito divisa-se ao longe uma enorme lingua de terra que entra a grande distancia pelo mar dentro; as ondas referveni n'um vortice medonho, ouve-se o estampido do Oceano quebrando com furia nos rochedos, e vê-se uma nuvem de espuma que tolda ao longe a fronte pouco elevada das dunas de areia.

— O Bojador! o Bojador! exclamam todos pávidos caíndo de joelhos.

— Coragem, amigos! brada a voz sonora de Gil Eanes, dominando o rugir do Oceano e o sibilar do vento. Coragem! o nosso nome será grande no futuro, e nossos netos hão de se gloriar de terem por antepassados os companheiros de Gil Eanes!

E, excitado por uma verdadeira febre de enthusiasmo, o bravo marinheiro commanda a manobra. Muda de rumo para oeste e segue longo tempo essa direcção, coisa que sempre assustava os mareantes d'esse tempo. A sua voz, em que não se conhece a minima alteração, e que vibra cheia e sonora no meio dos rumores do Oceano, infunde animo em todos os marujos.

Está-se já proximo da extrema ponta occidental do cabo. Reina o silencio absoluto na embarcação. Á luz dubia da madrugada parece mais desmaiada ainda a pallidez de todas as physionomias.

Gil Eanes descobre-se vagarosamente.

— Senhor, diz elle com voz grave; é só para mais longe plantarmos a arvore da cruz que ousámos devassar os mysterios do Oceano. Se vos agrada a nossa tentativa, protegei-nos, Senhor; mas se involuntariamente vos offendemos, acolhei-nos na vossa misericordia, Deus Omnipotente!

— Misericordia, Senhor! bradou a companha caíndo de joelhos.

Um ultimo impulso do leme quebrára o velho encanto. Estava dobrado o cabo Bojador. Todos se ergueram soltando um grito de enthusiasmo.

O sol surgira a final no oriente, e o seu alegre resplandor mostrava aos espantados marinheiros a terra ondulada e arenosa que seguia para o sul do famoso promontorio; até onde a vista podia alcançar para o lado do Oceano viam-se espumar as ondas alegres e luminosas; na terra nem sombra de estatuas, no mar nem vestigio de negras vagas. O sol banhava-se com delicias no seio esverdeado das aguas, e os seus raios brincavam á flor da espuma como scintillantes golphinhos.

— Graças vos sejam dadas, Senhor! exclamou Gil Eanes em quanto a barca, aplacada a velocidade da corrente, seguia, embalando-se airosa, para ir fundear n'um ancoradoiro proximo.

E ajoelhou. Um rio de lagrimas corria-lhe pelas faces bronzeadas.

De tantos marinheiros rudes que o acompanhavam, não houve um só que não chorasse; mas eram prantos de alegria.

Estava montado o cabo Bojador; estava praticada a maior façanha da historia moderna, maior não pelo que ella em si valia, mas pelas consequencias que viria a ter. Diante da audacia de Gil Eanes caíra a terrivel porta que tinha cerrada para a civilisação metade do globo terrestre. Agora os outros que seguissem o caminho que elle traçára; estavam quebrados os encantos, desfeitas em pó as estatuas mysteriosas que a imaginação dos arabes alli erigíra como guardas de desconhecidos mundos.

III

AS ROSAS DE SANTA MARIA

Os marinheiros que passassem n'esse anno de 1434 á vista do cabo de S. Vicente podiam divisar todas as tardes, ou estivessem o mar e o ceo serenos, ou a onda quebrasse com furia nas penedias da costa, e o vento soprasse rijamente, açoitando as arvores enfezadas de Sagres, um vulto immovel n'este ultimo promontorio, mirando com olhos longos o extremo horisonte, onde se atropellavam as ondas como a espumante matilha do Scylla do paganismo.

Era o infante D. Henrique, duque de Vizeu, que vinha todos os dias espreitar a volta da barca de Gil Eanes.

E todos os dias voltava suspirando a palacio, porque nenhuma vela branca surgia no horisonte distante.

Uma tarde em que o sol se escondia nas aguas, es-

coltado por um cortejo magnifico de nuvens de purpura e oiro, mas em que o vento agudo, encrespando a face das ondas, arripiava as carnes, D. Henrique voltava, cançado de esperar, para palacio, deixando que o sol se atufasse nas aguas sem o ter a elle por espectador.

Quando se retirava, murmurou com um suspiro:

— Meu pobre Gil Eanes!

— Quem passar o cabo de Não ou voltará ou não, disse sentenciosamente um dos seus companheiros.

O infante fez um gesto de impaciencia, e voltou a fitar de novo os olhos no Oceano.

Subito soltou um grito.

— Que ponto branco é aquelle que eu diviso além? perguntou D. Henrique apontando para sudoeste.

— É uma vela, senhor, é uma vela! acudiu um dos pilotos de que elle sempre andava rodeado.

— É a barca de Gil Eanes! exclamou o infante com um grito de alegria.

O navio aproximou-se, e o sol poente, banhando-o com os seus ultimos raios, transformava-o n'uma d'essas galés doiradas com velas de purpura que deslisavam no archipelago ao longo das plagas resplandecentes da Grecia.

— É ella, é ella! bradaram todos com enthusiasmo.

— Meu bravo Gil Eanes! exclamou o infante.

Correram todos á praia.

Como se ha de descrever a scena de alegria, de enthusiasmo, que alli se passou, quando a barca lançou ferro?! N'um momento se viu rodeada de botes, e no convez não cabiam os visitantes que se atropellavam. A confusão era inacreditavel, mas póde-a conceber quem se lembrar de que a tumultuosa assembléa se compunha pela maior parte de algarvios.

Entretanto Gil Eanes desembarcava e era recebido nos braços do infante.

— Senhor, disse elle, a minha promessa está cumprida; foi montado o cabo Bojador. A terra para além do promontorio é arenosa, e n'ella não encontrei nem rastos de homens, nem de habitações. Para prova, comtudo, da minha estada lá, aqui vos trago estas rosas de Santa Maria, colhidas ao sul do Bojador. Dissestes-me que Enéas colhêra o ramo de oiro para penetrar nas regiões do inferno; estas rosas, que tem o nome da Virgem Santa, valem de certo mais do que o ramo de oiro da profana sibylla. Aqui vol-as entrego, senhor.

— Ah! meu valente Gil Eanes! exclamou o infante apertando-o nos braços; perante os teus feitos como desmaiam as acções do troyano Enéas! Se esta terra não for mais escassa de poetas do que de heroes, haverá um Virgilio para cantar tão gloriosas viagens; e se a posteridade não for ingrata, o teu vulto, lavrado em marmore, ha de lembrar sempre ao mundo a heroica façanha com que soubeste grangear a immortalidade.

E, encostando-se-lhe ao braço, dirigiu-se, conversando sempre, para o palacio da sua residencia.

Enganava-se o nobre infante. Não faltou um Virgilio aos navegadores portuguezes, pois que tiveram Camões; mas onde campeia a estatua de D. Henrique? do glorioso iniciador dos nossos descobrimentos? do homem a quem mais deveu a patria? de um d'aquelles a quem mais deveu o mundo? E, se foi olvidado o homem do pensamento, como o não seria tambem o homem da acção? Somos pobres, e não estranhâmos que, onde ha tantos heroes a reclamarem o pagamento de uma divida, faltasse uma estatua a Gil Eanes; mas o heroe que primeiro montou o pavoroso promontorio não merecia que ao menos a geração que se lhe seguiu indagasse onde lhe repoisavam as cinzas? Fomos grandes outr'ora, somos hoje pequenos, mas, pequenos ou grandes, uma coisa fomos sempre: ingratos!

M. Pinheiro Chagas.

ROMA

O MAUSOLÉO DE ADRIANO E CASTELLO DE SANTO ANGELO

(Conclusão. Vid. pag. 324)

Benedicto XIV, que subiu ao throno pontifical em 1740, mandou arriar a estatua de S. Miguel, em marmore, que coroava o castello de Santo Angelo, substituindo-a por outra do mesmo anjo, egualmente colossal, e cinzelada em bronze por Pedro Verschaffelt, esculptor allemão.

Procedendo-se a diversas obras na fortaleza em 1825, sob a direcção do major Bavari, descobriu-se a entrada primitiva do edificio, situada em face da ponte.

Ultimamente, depois dos acontecimentos de Mentana, tem sido muito melhorado, por ordem de Pio IX, o estado defensivo do castello de Santo Angelo, achando-se ao presente guarnecido de boa artilheria.

O magnifico fogo de artificio, com que se costuma festejar em Roma o dia de S. Pedro, era deitado outr'ora do alto do castello de Santo Angelo. Desde o anno de 1830, este espectaculo tem por theatro o monte Pincio.

Considerada como praça de guerra, esta fortaleza é commandada por um official superior, e tem uma guarnição numerosa de tropa escolhida. São os seus canhões que annunciam aos habitantes de Roma o raiar da aurora nos dias mais festivos da christandade; e são elles tambem que advertem os romanos quando o summo pontifice, nas grandes solemnidades da egreja, lança a benção papal *urbi et orbi*.

Do antigo monumento apenas resta de pé a grossa muralha circular, que formava o seu primeiro corpo, ou envasamento, agora despojado, como dissemos, do seu revestimento de grandes pedras de marmore de Paros. As canhoneiras que coroam a dita muralha, e o exterior do edificio que sobre ella se levanta, é tudo obra das diversas reconstrucções de que temos fallado, feitas com o fim de aproveitar para fortaleza os restos quasi informes do mausoléo.

O edificio superior é habitação do governador do castello. Interiormente conserva muitos vestigios do que outr'ora foi. Encerra uma capella dedicada a S. Miguel, como já referimos em outro logar, e varias salas e camaras, em tres pavimentos. A sala principal é muito espaçosa e tem excellentes pinturas. A rampa mencionada a pag. 325, que no monumento primitivo conduzia do portico da entrada até ao mais alto do edificio, termina presentemente em uma camara, situada em uma das extremidades do primeiro d'aquelles tres pavimentos.

O interior da fortaleza propriamente dita pouca mudança offerece na sua antiga estructura, que consiste em paredes e abobadas de muita espessura e de extraordinaria solidez, fazendo divisão a alguns, não muitos quartos, a compridos corredores e á rampa acima referida. Aqui são os carceres e os aquartelamentos da tropa da guarnição.

Das magnificencias do monumento do imperador Adriano restam, em differentes cidades, algumas obras de arte de primoroso lavor. Os museus de Munich e de Florença possuem duas bellas estatuas de marmore, as unicas, que se saiba, que existem inteiras d'entre tantas que ornavam o mausoléo de Adriano. A do museu de Florença representa um fauno dançando, e é obra admiravel. A do museu de Munich é tambem um fauno, mas tão formoso, que ainda goza de maior celebridade entre os entendedores como um verdadeiro primor artistico.

No museu do Vaticano existe a cabeça da estatua colossal do imperador Adriano, que, segundo a melhor opinião, campeava sobre o seu soberbo mausoléo. Alguns antiquarios pretendem que essa estatua

se achava collocada em um nicho, que, com effeito, existe na parede de uma sala quadrada e subterranea descoberta em 1825. Na opinião d'estes archeologos, a cupula do mausoléo de Adriano era rematada por uma grande pinha.

A antiga ponte Æliana, *pons Ælius*, que communica o castello de Santo Angelo com a margem esquerda do Tibre, tem sido mais respeitada dos barbaros e mais bem preservada do tempo que o famoso mausoléo de Adriano. Até aos fins do seculo XVII conservou-se intacta e em bom estado, salvas pequenas reparações. N'aquella epocha foi guarnecida de uma renda de pedra, servindo-lhe de guardas, com estatuas colossaes de marmore, representando anjos com os emblemas da paixão nas mãos. Esta obra é do celebre esculptor Bernini e de seus discipulos.

Não obstante pesarem sobre esta ponte mais de dezesete seculos, o seu estado de conservação e a solidez da sua construcção parecem ainda desafiar a acção corrosiva dos seculos futuros. I. DE VILHENA BARBOSA.

PADRÃO DEL-REI D. MANUEL, EM MELINDE

Um dos objectos mais conspicuos ao viajante que aporta á cidade de Melinde, no Zanguebar, é o padrão do Santo Espirito, levantado, na latitude de 3° 12′ 48″ S. e na longitude de 40° 6′ 10″ E. Gr., por Vasco da Gama em 1498, cuja estampa publicâmos para comprazer ao sr. marquez de Sá da Bandeira, a quem tivemos a honra de apresentar uma cópia da vista original, com que nos mimoseou na ilha da Madeira o almirante britannico A. T. E. Vidal, que a desenhou em 1825, sendo tenente da expedição hydrographica encarregada da exploração da Africa e Arabia sob as ordens do capitão Owen.

Este apreciavel monumento de nossas passadas glorias está assente a 4 metros de altura sobre o mar, n'uma ponta estreita e plana de rocha de madrépora, perfurada por dois arcos naturaes, em cuja base rugem de contínuo as vagas. Serve ainda hoje de balisa



Padrão del-rei D. Manuel, em Melinde

ao ancoradoiro, e de indicar o caes de uma pequena angra de pouco fundo e de grande tráfego de lanchas.

Occupa uma posição pittoresca, de aprazivel e risonho contorno, coberto de vegetação e de esbeltas palmeiras, e de arecaes, e sua posição recorda o sitio em que o descobridor da India recebeu o piloto moiro Guzarate Malemo Canaqua, que o conduziu a Calecut.

Este bello desenho, tão fiel e exacto que nos dispensa uma circunstanciada descripção, mostra que o padrão tem sido religiosa e perfeitamente conservado pelos arabes, ou seus invasores; e, segundo o testimunho do capitão Owen, as armas de Portugal ainda ornavam a cruz, e, se existíra alguma inscripção, estava totalmente obliterada. As *Lendas da India* dizemnos qual ella fôra, porque o capitel de marmore, segundo Gaspar Corrêa, «tinha em cima o escudo das quinas com sua coroa, e da outra banda outro escudo, em que estava a esphera, e ao pé letras doiradas que diziam *Rey Manuel.*»

Segundo o capitão Owen, foram nove os padrões levantados pelos portuguezes para recordar as datas da descoberta e soberania christã. Tres d'elles, com as invocações de S. Jorge, Santo Agostinho e Santa Cruz, foram levantados por Diogo Cam no rio Zaire, em cabo Negro, e Manga das Areias ou Porto de Pinda. Este ultimo demarca a partilha do paiz dos Cimbebas dos Hotentotes; e, segundo uma carta de W. Messen, publicada no *Nautical magazine* de 1855, citada por mr. Major na *Vida do infante D. Henrique*, estava ainda bem conservado, faltando-lhe apenas um dos braços da cruz. O antigo padrão da foz do Zaire vem desenhado e descripto no *Almanach de lembranças* de 1864 pelo sr. A. F. M. de Sory, e, segundo o *Boletim do governo geral de Angola* de 24 de setembro de 1859, foi renovado, pondo-se-lhe a seguinte inscripção embebida na pedra:

«Diogo Cam levantou n'este sitio um padrão de pedra no anno de 1494, quando descobriu o rio Zaire e as costas adjacentes, de que tomou posse em nome de D. João II de Portugal; havendo aquelle padrão sido arruinado pela acção do tempo, foi por este substituido em o anno de 1859, sexto do reinado de D. Pedro V.»

Pela parte opposta, e em relevo, estão as armas portuguezas e a legenda *In hoc signo vinces*.

Na obra inédita de Duarte Pacheco Pereira, intitulada *Esmeraldo, De situ orbis*, mss. existente na bibliotheca publica de Lisboa, cópia do de Evora, se descreve os padrões de Diogo Cam, e os de S. Thiago, S. Filippe, e Santa Cruz ou S. Gregorio, levantados por Bartholomeu Dias em Angra Pequena, cabo da Boa Esperança, e penedo das Fontes ou ilhéo da Cruz, di-

zendo que cada um tinha tres letreiros, um em lingua portugueza, outro em latim e outro em arabico, que fallava do rei que os mandára descobrir e em que tempo.

O padrão de S. Thiago situado na latitude de 26° 38′ 4″ S., e na longitude de 15° 2′ 5″ E., foi derrubado em 1785, segundo conjectura o capitão Owen, com o unico intuito de se obterem algumas moedas que estivessem depositadas no alicerce.

Além do padrão de Melinde, levantou Vasco da Gama na costa oriental da Africa mais dois com as denominações de S. Raphael e S. Jorge, no rio dos Bons Signaes (Zambezi), e em Moçambique, n'uma ilha onde na ida para a India se dissera missa, e na volta, em 2 de fevereiro de 1499, fôra tanta a chuva, que nunca se pôde accender fogo que derretesse o chumbo para pôr a cruz, ficando sem ella, segundo refere o roteiro da viagem de Vasco da Gama. N'este logar parece que existe hoje um pharol.

Os padrões levantados pelos portuguezes tinham todos o sacrosanto symbolo da Redempção, para indicar o principal fim dos seus descobrimentos, e habituar desde logo os idolatras e selvagens com a vista do emblema da christandade; e ou estes padrões representassem confederação, paz e amizade; ou soberania, direito, posse, data e prioridade de descobrimento, todos são indubitavelmente um brazão das nossas antigas glorias, e um monumento que recorda ainda hoje ao navegante que aporta áquellas longinquas plagas, os gloriosos feitos d'este pequeno povo, que pela ousadia das suas emprezas, e pelas descobertas que fez, se immortalisou na historia da humanidade, abrindo ao antigo mundo, como diz o nosso primeiro épico:

«D'Africa as terras, do Oriente os mares.»

A. P. de A.

MARCOS ANTONIO PORTUGAL

(Vid. pag. 311)

IV

Primeiro que prosigamos historiando o mais que da vida do nosso insigne artista podémos alcançar, com respeito á quadra derradeira da sua aliás não longa vida, cabe apresentar aqui a resenha geral e seguida de todos os seus trabalhos, tal como foi possivel coordenal-a á face de documentos. Occorre-nos que ella convem tanto mais n'este logar, quanto é certo que a maxima parte das composições enumeradas eram obras compostas, executadas e conhecidas antes da passagem de Marcos para o Brasil, em 1810 ou 1811, pois que dos seus trabalhos posteriores a essa epocha houvemos apenas vagas e escassissimas noticias. Se, pois, se attender a que tudo isto, e o mais de que não ha fazer menção especial, como arias, duetos e outras obras soltas, e grande variedade das chamadas *modinhas*, foi emprehendido, disposto e executado no intervallo de menos de trinta annos, e antes de completar os cincoenta de edade, ficarão bem patentes os esforços do genio, e a inexcedivel fecundidade do *maestro* portuguez.

OPERAS DE MARCOS PORTUGAL CANTADAS NO REAL THEATRO DE S. CARLOS DE LISBOA

1. *La donna di genio volubile:* drama jocoso representado a 23 de janeiro de 1799, e desempenhado por Crescentini, Caporalini, Schira, Praun, etc. Não podémos ver o libretto d'esta opera, que, como se disse, fôra cantada em Veneza em 1796.

2. *Rinaldo d'Asti:* drama jocoso representado a 25 de abril de 1799, anniversario da princeza do Brasil D. Carlota Joaquina. O poema foi de novo arranjado pelo poeta Caravita, e reduzido a dois actos, de um só, com que já fôra representado em Veneza em 1793, e no anno seguinte, traduzido para portuguez, e com diversa musica, no theatro da Rua dos Condes, em Lisboa. Foram executantes em S. Carlos os castrados Caporalini e Zamperini, Praun, Tavani, etc. Note-se que outra peça com egual titulo, musica de Sacchini, subíra á scena em Paris a 25 de fevereiro de 1783.

3. *Il barone di Spazzacamino:* drama jocoso em um acto, cantado a 27 de maio de 1799, em beneficio de Giuseppe Tavani. Executantes: Schira, Caporalini, Rostrelli, etc. É a mesma peça que havia sido cantada em Veneza em 1793, sob o titulo *Il principe di Spazzacamino*. Fôra tambem transportada em portuguez com musica apropriada, e o titulo mudado no de *Basculho da chaminé*, representada no theatro da Rua dos Condes em 1794.

4. *Adrasto:* drama serio cantado em S. Carlos no anno de 1800. Não se nos deparou até hoje o libretto d'esta opera, a qual vemos, comtudo, mencionada por Marcos no seu muitas vezes citado catalogo.

5. *L'isola piacevole:* opera cantada a 26 de janeiro de 1801, da qual só achámos noticia nas *Ephemerides musicaes* de T. Oom (*Revista dos espectaculos*, tomo II, pag. 156). Não vimos o libretto, nem appparece mencionada no catalogo de Marcos.

6. *La morte di Semiramide:* drama serio representado no inverno de 1801, e desempenhado por Catalani, Crescentini, Praun, Domenico Nery, etc. Parece que este assumpto ha sido objecto de predilecção para os compositores em todos os tempos. No real theatro de Salvaterra foi representada, em 25 de janeiro de 1771, a *Semiramis* de Jomelli. No de S. Carlos de Napoles, a 12 de janeiro de 1795, a de Fred. Henrique Hummel. No de S. Carlos de Lisboa, em 1798, outra de Borghi. Veiu, finalmente, a de Rossini (representada pela primeira vez n'este ultimo theatro em 1826), a qual ha feito esquecer as anteriores. Dizem-nos que em S. Carlos se conserva ainda completa a partitura da *Semiramis* de Marcos, unica que alli existe de todas as que para este theatro compozera o nosso *maestro* [1].

7. *La Sofonisba:* drama serio, poema de Metastasio, arranjado pelo abbatte del Mare Compagno. Foi cantado no carnaval de 1803, no beneficio de Catalani, sendo executantes, além d'esta, Crescentini, Praun, Boscoli, etc.

8. *Il trionfo di Clelia:* drama serio, poema de Sograsi, arranjado por Caravita. Subiu á scena em 1803, e foi desempenhado por Catalani, Crescentini, Angelleli, Panizza, etc.

9. *La donna cambiate:* drama jocoso em um acto, poema de Giuseppe Fota, representado na primavera de 1804, a beneficio de Antonio Palmini. Executantes: Gafforini, Antonio Naldi, Pedrozzi, Palmini, etc. Esta peça é a mesma que em 1797 fôra cantada em Veneza sob o titulo *Diavolo a quatro ossia la donna cambiate*.

10. *Argenide:* drama serio representado a 13 de maio de 1804, anniversario do principe regente. Executado pela Catalani, Mombelli, Mattucci, Olivieri, etc. Fôra esta opera pela primeira vez cantada em Florença, no theatro alla Palla-corda, em 1797 (outros querem que em Bolonha, 1795), porém com musica diversa em parte, e sob o titulo *Il ritorno di Serse*. Depois de reformada, e com o mesmo titulo, cantou-se tambem em Londres no anno de 1806.

11. *Zaira:* drama serio arranjado por Caravita, com grande baile da composição de Domenico Rossi,

[1] N'esta opera, com que a Catalani se estreiou em Londres em 1806, ha sobre tudo uma aria *Son regina*, que valeu á cantora extraordinarios applausos nas constantes repetições que d'ella deu nos theatros mais afamados da Europa.

representado no estio de 1804, e executado por Catalani, Mombelli, Gaetano Nery, Praun, etc. Posto que o libretto accuse a data 1804, parece que a opera estava composta pelo auctor desde 1801.

12. *Oro non compra amore:* burletta arranjada por Caravita. Subiu á scena no inverno de 1804, a beneficio da Gafforini. Executantes: a beneficiada, Praun, Francesco Gafforini, Giuseppe Naldi, etc.

13. *Merope:* drama serio cantado em 13 de maio de 1819, anniversario del-rei D. João VI. Foi executado n'esta representação por Luiza Franconi, Theresa Appiani, Luiz Mari, Francisca Barlesina, etc. Com quanto não se encontrasse libretto mais antigo d'esta opera, parece fóra de dúvida que ella subira pela primeira vez á scena no mesmo theatro, em beneficio da Catalani, por 1804 ou 1805.

14. *Fernando in Messico:* drama serio cantado no anno de 1805 por Catalani, Mattucci, Mombelli, Olivieri, etc. É tido entre os estrangeiros como a obra prima de Marcos. Havia sido anteriormente representado nos theatros de Roma, 1797, e Veneza, 1798; porém com musica algum tanto diversa.

15. *Ginevra di Scozia:* poema de Caravita, representado no inverno de 1805, a beneficio da Catalani. Foi desempenhado por esta, e por Mombelli, Gaetano Nery, Mattucci, Olivieri, etc. Era adornado de vistoso e riquissimo scenario, com vistas pintadas por Mazzoneschi.

16. *Il duca di Foix:* poema de Caravita, extrahido da tragedia de Voltaire. Foi cantada em 1805, em beneficio da Catalani, sendo executantes a beneficiada, Mattucci, Mombelli, Olivieri, etc. Drama de grande apparato, em que, na scena 6.ª do 2.º acto, havia vista de um acampamento militar, etc.

17. *Morte di Mitridate:* drama tragico arranjado por Caravita. Subiu á scena no carnaval de 1806, em beneficio do primeiro tenor Domenico Mombelli. Foram executantes: este, Catalani, Mattucci, Olivieri, Bonini, etc.

18. *Artaserse:* drama serio, poema de Metastasio, arranjado por Caravita, e representado no outono de 1806, em beneficio da *prima donna* Eufemia Eckart. Foi cantado pela beneficiada, por Mombelli, Marianna Sessi, Gianfardini e Filippo Senese. A Catalani saira n'este anno de Lisboa por Hespanha para Londres e Paris.

19. *Demofoonte:* drama serio representado pela primeira vez em Lisboa na recita extraordinaria mandada dar pelo general Junot a 15 de agosto de 1808. Foi desempenhado pela Eckart, Nery, Calderini, Bianchi, etc. Não encontrâmos libretto d'esta data, e só sim outro de 1819, que mostra que a opera voltára á scena n'esse anno, a 25 de abril, anniversario da rainha D. Carlota Joaquina. Foram executantes: Luigi Mari, Carolina Massei, Theresa Zappucci, Theresa Appiani, Justina Piaccntini, etc. Com o mesmo titulo, mas talvez com differente musica, a fizera Marcos representar anteriormente no theatro de Milão, em 1793. Note-se que ha com egual titulo uma opera de Jomelli, representada no paço da Ajuda em 1775, e outra do compositor Vogel, fallecido em 1788.

20. *Il trionfo di Gusmano:* drama serio cantado pela primeira vez em S. Carlos a 10 de janeiro de 1810 (se é exacto o que diz o sr. Benevides a pag. 149 do tomo IX do *Archivo*), ou, conforme o libretto, e que nos parece mais certo, a 10 de junho de 1816, no beneficio da *prima donna* Felice Vergé. Executantes: a beneficiada, Carlo Barlazina, Luigi Mari, Carolina Nery, etc. Temos que esta opera fôra pelo auctor escripta estando já na corte do Rio de Janeiro.

Cumpre notar que em mais de vinte operas, de Cimarosa, Mozart, Paeziello, Zingarelli, Fioraventi e outros diversos auctores, que sob a direcção de Marcos se representaram em S. Carlos no intervallo de 1800 a 1806 [1], introduziu elle em muitos trechos originaes de sua composição, coros, e scenas inteiras em algumas, ou para melhor accommodal-as ao gosto do publico, ou porque assim o requeressem as conveniencias theatraes.

Afóra as vinte que ficam enumeradas, dá-nos o catalogo noticia das seguintes, que foram representadas em diversos theatros da Italia, e que não consta se repetissem no de S. Carlos, a saber:

21. *Il Cina:* opera séria representada em Florença, no theatro della Porgela, 1793.

22. *Zulema:* idem no theatro alla Palla-corda, 1796.

23. *Idante, ossia i sacrifizi d'Ecate:* representada em Milão, no theatro della Scala, 1799.

24. *Alceste:* em Veneza, no theatro della Felice, 1799.

25. *Orazi i Curiazi:* em Ferrara, na abertura do theatro novo, 1799.

26. *I due gobbi:* burletta, em Florença, 1793.

27. *La vedova reggiratrice:* idem, 1794.

28. *L'engano poco dura:* em Napoles, no theatro del Fiorentini, 1796.

29. *L'ecquivoco in ecquivoco:* em Verona, no theatro grande, 1798.

30. *La nozze di Figaro:* em Veneza, no theatro S. Benetto, 1799.

31. *La maschera fortunata:* em um acto, no theatro de S. Moisé de Veneza, 1797.

32. *La madre amoroza:* idem, 1798.

33. *Il filosofo:* idem, 1798.

34. *L'avventurieri*: em Florença, n'um theatro particular, 1795.

Ajuntem ainda, se quizerem, as seguintes, que Fétis lhe attribue, mas de que não apparece vestigio algum no catalogo:

35. *L'eroe cinese:* representada em Turim, 1788.

36. *La bacchetta portentosa:* Genova, 1788.

37. *L'astutto:* Florença, 1789.

38. *Il molinaro:* Veneza, 1790.

39. *Non irritar la donna:* Placencia, 1799.

40. *Il muto per astuzia...*

41. *Omar, re di Temagene...*

42. *Adriano in Siria:* Milão, 1815.

DIVERSAS COMPOSIÇÕES COM A LETRA EM PORTUGUEZ EXECUTADAS EM OUTROS THEATROS DE LISBOA

43. *Pequeno drama*, para celebrar o anniversario da rainha D. Maria I, representado no theatro do Salitre em 17 de dezembro de 1787. Poesia de José Caetano de Figueiredo. Cantado pelos actores José Felix da Costa, Antonio Manuel Cardoso Nobre, Nicolau Ambrozini, Victorino José Leite e José dos Santos.

44. *Idyllio* aos annos da sr.ª infanta D. Carlota Joaquina, representado no theatro do Salitre em 25 de abril de 1788. Poesia de José Procopio Monteiro, actor do mesmo theatro. Cantado por Antonio Manuel Cardoso, Custodio José da Graça e Victorino José Leite, com coros.

45. *Gratidão:* pequeno drama representado no mesmo theatro, para celebrar o anniversario da mesma senhora, em 25 de abril de 1789. Poesia de João Antonio Neves Estrella. Cantado por José Procopio, Antonio Manuel Cardoso, Victor Procopio de Borja e Victorino José Leite (os dois ultimos faziam as partes de damas).

46. *A inveja abatida:* pequeno drama representado no mesmo theatro em 13 de maio de 1789, anniversario do principe do Brasil D. João. Poesia de José Procopio Monteiro. Cantado por José Porphyrio, Victorino José Leite, Antonio Manuel Cardoso, Victor Porphyrio, etc.

[1] Estão n'este caso, segundo verificámos pelos respectivos librettos, *Orfeo ed Euridice*, de Gluck, e *Artaserse*, de Cimarosa, ambas cantadas em 1801, e uma *Didone*, representada em 1803, etc.

47. *A noiva fingida:* drama ou burletta em verso, representada no Salitre em 1790. Traduzida de outra italiana, que se intitula *Le trame diluse*. Foi cantada pelos actores Diogo da Silva, Antonio Manuel Cardoso, José Arsenio, Antonio José da Serra, Victor Porphyrio e Victorino José Leite (os tres ultimos faziam partes de mulheres).

48. *Os viajantes ditosos:* drama ou burletta traduzida para portuguez de outra italiana, *I viaggiatori felice*. Foi cantada no Salitre, em 1790, pelos actores Victorino, Silva, Cardoso, Victor, Arsenio, Santos e Madeira.

49. *O mundo da lua:* burletta traduzida tambem do italiano, com os recitativos em prosa. Foi representada no Salitre, mas não sei que se imprimisse.

50. *A casa de campo:* traduzida de outra italiana intitulada *La villa*. Foi representada no theatro da Rua dos Condes em 1802; mas ignoro se se imprimiu, como tambem as seguintes:

51. *Quem busca lã fica tosquiado:* é tambem traducção de outra italiana, *L'ecquivoco*, e foi á scena na Rua dos Condes em 1802.

52. *O sapateiro:* representou-se no mesmo theatro e no mesmo anno.

53. *A mascara:* idem.

É tambem sua a musica de algumas farças ou entremezes representados em Lisboa pelos annos de 1785 a 1792, taes como *O amor artifice*, *A castanheira*, *A casa de café*, *Os bons amigos*, etc., e varias cantatas com coros e acompanhamento de instrumental, executadas em S. Carlos, etc.

Quanto a musicas theatraes compostas e executadas no Rio de Janeiro, só achámos memoria das seguintes:

54. *A saloia namorada:* farça em musica para ser cantada em 1812, na quinta da Boa-vista, pelos escravos de sua alteza real.

55. *O juramento dos numes:* drama allegorico cantado na abertura do theatro de S. Pedro de Alcantara, em 12 de outubro de 1813. Poesia de D. Gastão Fausto da Camara Coutinho.

56. *Augurio di felicita; il trionfo del amore:* serenata em duas partes, cantada no paço do Rio de Janeiro em 1817, para solemnisar os desposorios do principe real D. Pedro com a archiduqueza D. Maria Leopoldina. Foi desempenhada pelos cantores da real camara, e a poesia é do proprio Marcos, que aproveitou, quanto póde, versos de Metastasio, como se declara no libretto impresso d'esta composição.

Assás nos alargámos n'esta resenha, para que possamos continuar descrevendo com egual individuação as composições sacras, em que o genio de Marcos se não mostrou menos fecundo que nas theatraes. Bastará dizer que n'este genero deixou escriptas dezoito missas, das quaes oito com acompanhamento de grande instrumental; seis hymnos *Te Deum laudamus*, primando entre elles o que compozera de principio, a cinco orgãos obrigados, para a real basilica de Mafra, e que depois reduziu a grande instrumental para a capella real do Rio de Janeiro; muitos jogos completos de vesperas e matinas; e immensa quantidade de psalmos, canticos, ladainhas, lamentações de semana santa, motetos, antiphonas, kalendas, etc., etc.

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

COMO SE DESPERTA UMA BOA MÃE

(BALLADA DINAMARQUEZA)

Partiu-se Dyring para uma ilha mui longinqua, e ahi se casou com uma linda e córada rapariga.

Viveu este par sete annos em boa harmonia, e a mulher deu á luz sete filhos.

Então passou a morte por aquella ilha e levou a bella mulher de Dyring.

Pouco tempo depois, Dyring foi-se a outra ilha longinqua, desposou outra rapariga e trouxe-a para casa. Mas esta rapariga não era formosa do corpo nem da alma.

Quando entrou para casa de seu marido, as sete criancinhas choravam; choravam e parecia estarem sobresaltadas.

A madrasta repelliu-as com o pé, não lhes deu cerveja nem pão, e disse-lhes:

— Terão fome e sêde.

Tirou-lhes os coxins azues e disse-lhes:

— Dormirão na palha nua.

Apagou-lhes as luzes e accrescentou:

— Hão de viver na escuridão.

As criancinhas choraram toda a noite; e sua mãe, ouvindo-as debaixo da terra onde jazia, exclamou consternada:

— Por que não poderei ver agora os meus innocentes filhos!

Apresentou-se então perante o Altissimo e rogou-lhe que a deixasse ver os seus filhinhos. Supplicou tanto e com taes instancias, que Deus accedeu ao seu pedido, mas disse-lhe:

— Quando o gallo cantar voltarás logo ao teu jazigo.

A pobre mãe ergueu-se, pois, no tumulo e conseguiu transpor os umbraes do cemiterio.

Atravessa a aldeia, e os cães uivam por onde ella passa.

Chega á porta da sua antiga casa, e encontra ainda levantada a filha mais velha.

— Que fazes, minha filha? Como estão teus irmãos e tuas irmãs?

— Sois uma bella senhora, mas não vos pareceis com a minha querida mãe. Minha mãe tinha as faces alvas e rosadas, e vós tendes no rosto a pallidez da morte.

— E como posso estar alva e rosada, se ha tanto tempo descanço em um tumulo?

E entrou no quarto de seus filhinhos. Pelas faces de todos corriam amargas lagrimas.

Tomou um e beijou-o; tomou outro e acariciou-o; correu as mãos pelos cabellos do terceiro, e não se esqueceu de afagar o quarto; e o quinto, o mais novo, tomou-o nos braços e chegou-o ao seio.

Depois, chamando sua filha primogenita:

— Vae dizer a Dyring que estou aqui e desejo fallar-lhe.

E quando Dyring assomou á porta do quarto de seus filhos, a boa mãe dirige-se para elle em tom de severa reprehensão:

— Deixei-te cerveja e pão, e meus filhos tem fome e sêde; deixei-te coxins azues, e meus filhos dormem sobre a palha nua; deixei-te candelabros, e meus filhos vivem na escuridão. Se é mister que eu volte aqui todas as noites, virá commigo a desgraça. Pensa n'isto, Dyring... Canta o gallo vermelho; diz este signal que todos os mortos devem entrar na terra: canta o gallo negro; é porque se abrem as portas do ceo: canta o gallo branco; é porque me avisa de que não posso estar aqui mais tempo... Pensa no que te disse, Dyring.

Então a madrasta, que tinha ouvido tudo, exclamou:

— Serei de hoje em diante boa mãe para os teus filhos.

E depois d'este dia, quando o marido e a mulher ouviam os uivos do cão, davam de comer e beber ás pobres criancinhas; e quando o ouviam ladrar, refugiavam-se no interior da casa, com receio de que a morte lhes apparecesse e os castigasse.

Eis uma boa lição para as ruins madrastas.



Praça do Commercio, na villa da Figueira

VILLA DA FIGUEIRA

A villa da Figueira está situada junto da foz do Mondego, na sua margem direita, a 44 kilometros de Coimbra.

É a mais bem situada, extensa e populosa villa do districto, e póde-se até dizer melhor que algumas das nossas cidades. Todavia, o seu engrandecimento data do principio d'este seculo. No seculo passado era ainda uma povoação tão insignificante, que S. Julião da Figueira formava apenas uma das freguezias dependentes de Montemór-o-Velho, com 316 moradores, segundo Diniz, ou só 200, segundo Carvalho. Para se avaliar a pouca importancia que tinha n'esse tempo, notem-se estas palavras do padre Luiz Cardoso, tratando de Buarcos no seu *Diccionario geographico:* «No seu districto fica a alfandega no logar da Figueira da Foz, que se intitula alfandega de Buarcos, distante d'esta villa um quarto de legoa.»

A Figueira, segundo o *Censo de* 1864, publicado pelo sr. J. C. Brandão e Albuquerque, tinha n'este anno 1:021 fogos, e contava 4:432 habitantes, sendo 1:876 varões e 2:556 femeas.

Com quanto a importancia da Figueira seja de moderna data, nem por isso faltam a esta povoação foros de veneranda antiguidade, como se verá do documento do *livro preto* da sé de Coimbra, de que abaixo faremos menção.

O seu trafico maritimo devia ser consideravel já no tempo dos nossos primeiros reis, pois que, segundo se lê na *Monarchia lusitana* [1], «em quanto a corte esteve em Coimbra, pela foz do Mondego saíam as armadas de fustas e galés; depois que se ganhou Lisboa, n'esta cidade, pela maior commodidade, se fabricaram as frotas, e edificaram tercenas para materiaes d'ellas.»

1 Tomo v, liv. xvi, cap. xii.

O grande e extraordinario augmento d'esta povoação attribue-se principalmente á decadencia do porto de Aveiro. Desde então a Figueira, favorecida pelas suas boas circunstancias locaes, começou a progredir rapidamente. Em pouco tempo se viram abertas grandes ruas guarnecidas de boa casaria e magnificos armazens; e tudo isto em virtude do movimento do seu porto, que, sendo o unico das duas Beiras, começou a importar innumeras mercadorias para estas duas provincias, dando ao mesmo tempo saída ás producções superabundantes de tão vasto e fertil territorio.

A Figueira foi elevada á cathegoria de villa por decreto de 12 de março de 1771, e por este mesmo decreto lhe foi nomeado um juiz de fóra [1]. É porventura desde então que data a existencia do pelourinho, emblema de jurisdicção municipal, que se vê na praça do Commercio, representada na gravura junta.

A villa está edificada mesmo á beira do rio, estendendo a sua casaria por um terreno que se eleva gra-

1 O decreto que erigiu em villa o logar da Figueira é o seguinte: «Hei por bem Erigir em Villa o Lugar da Figueira da Foz do Mondego, e criar n'ella o Lugar de Juiz de Fóra, Crime, e Orfãos, que terá por districto os Coutos de Mayorca, das Alhadas, Quiaios, Tavarede, Lavos, e as Villas de Buarcos, e Redondos, os Conselhos, e Situações ao Sul do Rio chamado de Carnide, ou do Louriçal, desde onde principia o districto da Ouvidaria de Pombal, até o moinho do Almoxarife, que tudo hei por desmembrado do districto de Montemor o velho, a quem té agora pertencia: E outro sim Hei por bem Nomear para o dito Lugar de Juiz de Fóra o Bacharel Bento José da Silva, o qual fazendo a meu contento a dita Criação, se haverá o dito Lugar por cabeça de Comarca, depois de Me-servir tres annos, e os mais que decorrerem, em quanto lhe não Nomear successor. Palacio de N. S. da Ajuda em 12 de Março de 1771. Com a Rubrica de S. M. F.»

dualmente em suave declive. D'esta disposição lhe provém formosa perspectiva, que é realçada pelas lindas herdades e casas de campo que povoam a cada passo seus arrabaldes.

Corre ao longo do rio um grande e estendido caes, muito bem construido de pedra de cantaria, com suas escadas e linguetas. Desembocam n'este caes as duas praças da villa, a do Commercio e a praça Nova, ambas guarnecidas de bons predios, alguns de aprimorada construcção, bem calçadas, plantadas de renques de arvores e com commodos assentos. N'estas praças e nas ruas proximas se encontram os principaes estabelecimentos de commercio. As extremidades da villa quasi se compõem de bairros que só são habitados pelos banhistas, que na estação propria concorrem em grande numero á Figueira.

A sua praia de banhos tem a primazia em relação a todas as do nosso paiz, pois que para este mister não se encontra em toda a nossa costa maritima uma situação mais commoda que o pittoresco e formoso litoral que se estende desde o forte de Santa Catharina até Buarcos.

A affluencia de familias á Figueira na estação dos banhos tem augmentado de um modo consideravel n'estes ultimos tempos, principalmente depois da construcção do caminho de ferro do norte, que, passando á distancia de tres legoas d'esta villa, a veiu pôr em facil communicação com as terras mais importantes do nosso paiz.

Em virtude d'esta maior concurrencia de banhistas, conhecendo-se a conveniencia da construcção de novas casas na Figueira, formou-se em 1861, por iniciativa do sr. conselheiro Antonio Maria Pereira da Silva, uma sociedade com o intento de erigir um novo bairro junto do forte de Santa Catharina. Ultimamente, considerando os membros d'esta empreza que, em razão de serem sómente seis, e residirem quasi todos a grande distancia da Figueira, não poderiam realisar sós o seu projecto, resolveram formar uma sociedade para o fim indicado, com a denominação de *Companhia Edificadora Figueirense*. Esta empreza, que conta já bastantes accionistas, prosegue nos trabalhos para levar a effeito uma obra, que por certo deve contribuir muito para o engrandecimento e esplendor d'esta já tão importante e formosa terra.

Edificios publicos notaveis não os tem a Figueira. Apenas são dignos de mencionar-se os seguintes:

Egreja parochial de S. Julião. É um templo vasto, mas singelamente construido, e que nada encerra de recommendavel. Está situado em um dos pontos mais elevados e céntraes da villa, e parece-nos reconstrucção do seculo passado. Da primitiva egreja de S. Julião temos encontrado memorias que lhe attestam muita antiguidade. No *livro preto* da sé de Coimbra acha-se a doação d'esta egreja pelo abbade Pedro á sé d'esta cidade no governo do seu bispo D. Cresconio, que comprehendeu os annos de 1092 a 1098; e n'esta doação se diz que a egreja fôra destruida pelos sarracenos, e que elle doador, com o favor e ajuda de Deus, a tinha restaurado nos bens e edificios por ordem do consul D. Sisnando [1], que havia facultado aos clerigos e leigos o edificar as egrejas *more hæreditario, sicut a Rege Fernando acceperat potestatem, et postca ab ejusdem Filio Rege D. Adefonso* [2].

Convento de Santo Antonio. Pertenceu á ordem seraphica, e foi fundado em 1527 por fr. Antonio de Buarcos. El-rei D. João III tambem concorreu com esmolas para a sua fundação. «O sitio (que pertence ao couto de Tavarede, e na jurisdicção ao cabido da sé de Coimbra) é muito alegre e aprazivel, com a vista do mar e da terra, dos quaes elementos logram as attenções humanas d'este assento dilatadissimos espaços. Os ares são frescos e saudaveis; a fabrica do convento muito conforme com a pobreza do nosso estado; a cêrca ampla e fructifera; a devoção dos povos visinhos entranhavel e muito caritativa. Finalmente, é este santo domicilio em tudo proporcionado para n'elle servirem a Deus os religiosos com muita paz e quietação de espirito. Do interior e exterior do convento e da disposição de seus edificios temos dado relação sufficiente, dizendo que são humildes e muito conformes com o nosso estado; e não contém notabilidade alguma d'aquellas que suspendem as attenções humanas, se não for sua muita humildade [1].»

Egreja da Misericordia. Este templo, cuja porta principal communica com a egreja do convento de Santo Antonio, fórma com ella um angulo recto.

A irmandade da Misericordia administra um hospital, que tem sufficientes rendimentos, e a respectiva botica, situada no interior do convento.

Cemiterio. De parte da cêrca contigua ao convento de Santo Antonio se fez o cemiterio publico. É digno de se visitar pela sua boa disposição e pelos elegantes mausoléos que n'elle se vêem erigidos.

(Continúa) AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO.

1 Quem era este illustre personagem se diz no vol. VIII d'este semanario, pag. 330.

2 *Elucidario* de Viterbo, verbo *Egreja*.

No *Discurso a favor do cabido* vem citados nas *provas* os seguintes documentos relativos a esta egreja:

O treslado de um instrumento da posse, que tomou em nome do cabido o chantre D. André Annes, da egreja de S. Julião da Figueira (anno de 1335);

O instrumento, por que se contentou João Joannes, vigario da egreja de S. Julião da Foz do Mondego, com os redditos e proventos que tinha o seu antecessor, e lhe dava o cabido (anno de 1348);

A sentença proferida por João Rodrigues, vigario geral do bispo D. Vasco, em como a egreja da Figueira é do cabido (anno de 1371).

1 *Historia seraphica*, tomo IV.

ADÃO SMITH

(Vid. pag. 321)

II

A peninsula que se adianta para o mar em frente de Edimburgo, entre a foz do Forth e a do Tay, é uma das mais encantadoras regiões da baixa Escocia.

A fertilidade do solo, a riqueza de productos mineraes e a boa divisão da propriedade tem contribuido para tornar o condado de Fife, formado pelo trato de terreno comprehendido entre aquelles dois rios, um dos paizes mais povoados da Inglaterra.

A superioridade d'esta região, comparada com outras da Gran-Bretanha, é hoje, certamente, muito maior do que no principio do seculo XVIII; mas nem por isso deixava de ser já então um facto reconhecido. A união da Escocia á Inglaterra produziu alli, como nos outros condados, os seus salutares effeitos; a costa povoou-se, é verdade, de maior numero de aldeias; os campos loirejaram messes mais formosas; a atmosphera empallideceu ainda mais com o fumo das fabricas e das officinas; mas todos estes progressos realisaram-se em uma costa revestida já de grande numero de aldeias, em campos já aproveitados pela cultura, em paiz não estranho já ás transformações da industria.

Foi n'uma pequena aldeia do condado de Fife que viu a luz o homem que, a par de um nome respeitado na philosophia, devia legar á posteridade as bases de uma nova sciencia, destinada a ser para as nações bussola indispensavel que as guiasse no caminho do progresso. Adão Smith nasceu em Kirkaldy, povoação situada na foz do Forth, a pequena distancia de Edimburgo, no dia 5 de junho de 1723.

É tão importante, para fazer seguro juizo das obras de qualquer escriptor, conhecer as circunstancias da sua vida, como é indispensavel não ignorar as idéas que vogavam na sua epocha. Sobe de ponto, porém, nos parece, a importancia de tal estudo quando se querem apreciar obras que versam sobre assumptos philosophicos e sociaes.

Não póde justamente aquilatar-se o merito de qualquer obra litteraria ou scientifica quando se não attender á parte que na sua concepção tiveram os factos exteriores; pois que, se o poder creador e original do espirito humano é capaz de produzir os mais admiraveis monumentos, é certo que as idéas que transmitte á posteridade, assignaladas com o sêllo do genio, lhe são quasi sempre despertadas pelos phenomenos do mundo externo. Não se amesquinham com tal investigação as producções dos homens eminentes; pelo contrario, a admiração mais se justifica ao ver como pensamentos, muitas vezes mal definidos e confusos, se transformam, graças ao talento, em maximas que ninguem depois ousa contestar.

Dos primeiros annos da vida de Adão Smith poucos esclarecimentos chegaram até nós.

Vindo ao mundo poucos mezes depois da morte de seu pae, inspector da alfandega de Kirkaldy, achou-se, logo no berço, privado d'aquelle natural protector.

Um acontecimento singular por pouco que não transformou completamente a vida e o destino do futuro fundador da economia politica. Um dia brincava o pequeno Smith, então de tres annos apenas, á porta da casa de sua mãe. Aconteceu passar por junto d'elle um bando de caldeireiros ambulantes, especie de bohemios da Escocia, que o levaram comsigo para a floresta proxima, onde se acoitavam. Depressa se deu pelo desapparecimento de Smith, e constou quaes haviam sido os roubadores. Um tio d'elle e differentes visinhos juntaram-se e foram em perseguição dos caldeireiros, de cujo poder conseguiram libertal-o, não sem porfiada lucta.

Na eschola da sua terra recebeu Adão Smith, graças aos cuidados de um habil mestre, David Miller, os primeiros rudimentos da instrucção; e alli começou a dar provas da sua vasta intelligencia, realçada pelo grande amor ao trabalho, que o fizeram desde logo distincto entre os seus pequenos companheiros de estudo. A sua aturada applicação e extraordinaria memoria promptamente denunciaram que no pequeno estudante havia estofo para largas aspirações, se o não contrariassem as circumstancias.

A natureza, porém, dotando-o largamente nas faculdades do espirito, negára-lhe, como tantas vezes acontece, uma robusta constituição physica. Assim, a debilidade da sua organisação, e talvez não pouco tambem uma precoce sisudez e espirito reflexivo, conservavam-n'o afastado dos brinquedos dos seus companheiros, aos quaes nem por isso deixava de inspirar a mais terna sympathia, pela doçura e affabilidade do seu caracter. Pensativo, distrahido, e fallando por vezes em voz alta, passava, entregue á meditação, as horas que os seus condiscipulos davam ao recreio. Assim com cedo se acostumou elle ao estudo e á reflexão.

Aos quatorze annos deixou a eschola de Kirkaldy, e passou a frequentar a universidade de Glasgow, onde permaneceu até 1740. Regia então a cadeira de philosophia moral o celebre Hutcheson. As lições do fundador da philosophia escoceza attrahiam a Glasgow grande numero de estudantes, não só da Escocia, mas de todas as partes da Inglaterra. Os que não podiam frequentar o seu curso de philosophia moral não faltavam ás conferencias e ás lições, em que o sabio professor tratava, com a proficiencia a que o habilitava a sua muita e variada erudição, pontos quer analogos, quer alheios ás materias que constituiam o objecto da sua cadeira na universidade.

Como era natural, Adão Smith não foi dos menos assiduos a escutar as lições de Hutcheson. As tendencias do seu espirito, que o levavam principalmente para os estudos philosophicos, e ao mesmo tempo o amor do bello, da verdade e da humanidade, que transpareciam na doutrina do illustre professor de Glasgow, conspiraram-se para lançar o moço estudante de Kirkaldy na carreira de estudos que deviam assegurar-lhe um logar eminente entre os homens celebres do seculo XVIII. Se nenhum outro indicio tiveramos, bastar-nos-hia o profundo reconhecimento com que elle fallou e escreveu sempre ácerca do seu antigo mestre, e a elevada admiração que parecia professar pelas suas doutrinas, para nos convencermos da importante influencia que as lições de Hutcheson operaram no futuro de Adão Smith. Póde, pois, dizer-se, repetindo as palavras de Cousin, que foi á universidade de Glasgow e ao ensino de Hutcheson que Smith deveu o seu methodo, os seus principios mais geraes, o espirito liberal que sempre o animou, e a direcção dos seus estudos para as sciencias moraes e politicas.

Depois de tres annos de permanencia na universidade de Glasgow, sua familia, que o destinava ao ministerio ecclesiastico em Inglaterra, mandou-o concluir os estudos no collegio de Balliol, em Oxford [1]. Mal se lhe conformava o animo com tal determinação, porque a philosophia havia-lhe já alheiado o espirito para estudos que se não compadeciam muito com a austeridade da vida a que os seus parentes e amigos desejavam applical-o.

Foi por isso que, em vez de se occupar de assumptos theologicos, Smith se entregou ao estudo das mathematicas e das sciencias physicas, que não tardou em pôr de parte para unicamente concentrar toda a attenção nas sciencias moraes e politicas, que deviam ser desde essa epocha o objecto quasi unico dos seus trabalhos e meditações.

Posto que entregue especialmente aos estudos a que votava maior amor, não desprezava, comtudo, antes a miude manuseava, as obras litterarias, dando-se gostosamente á leitura dos poetas latinos e gregos, francezes e italianos.

Forçoso é confessar que estas leituras não conseguiram formar-lhe o estilo e o gosto; e que os seus escriptos mal revelam a convivencia em que elle parece ter vivido por bastante tempo com os poetas antigos e contemporaneos.

Não foram, porém, destituidas de influencia no espirito do joven Adão Smith as doutrinas philosophicas que então começavam a propagar-se. Mais de uma vez teve elle de ouvir as advertencias dos seus superiores, que não podiam tolerar que a dentro das paredes de uma universidade alguem ousasse pensar em contraposição com as regras e doutrinas officiaes.

Comtudo, as novas idéas, se lhe attrahiam a attenção e por vezes o enthusiasmavam, não lhe faziam esquecer as lições do fundador da philosophia escoceza, d'essa philosophia do senso commum, como lhe chamou Cousin, da qual elle devia ser um dos mais bellos ornamentos.

Em 1748, depois de uma permanencia de sete annos na universidade de Oxford, Adão Smith voltou para a Escocia. Então surgiu imperiosa a necessidade de adoptar uma carreira qualquer, não permittindo a escassez dos meios de que dispunha demorar por muito tempo similhante resolução.

Não se accommodando facilmente as doutrinas do joven philosopho com a vida ecclesiastica, a que os seus parentes desejariam que elle se dedicasse, e não sendo grandes tambem as suas ambições, por isso que limitava as esperanças a obter um logar no magisterio publico, resolveu estabelecer-se em Edimburgo, onde abriu um curso de rhetorica.

Eis-nos entrados no periodo verdadeiramente importante da vida do immortal fundador da economia politica.

(Continúa) T. DE C.

1 A universidade de Oxford comprehende varios collegios, cuja fundação se verificou em epochas differentes. O collegio de Balliol foi creado em 1268. O mais antigo, o collegio da universidade, data de 1172. A universidade conta hoje dezenove collegios, sendo o ultimo, que tomou a denominação de *New College*, fundado em 1840. Cada um d'estes collegios tem constituição propria.

CALIX DA SÉ DE EVORA

É uma formosa peça este calix; formosa na invenção e na delicadeza do lavor. Das tres ricas peças da sé eborense, o baculo, a custodia e o calix, cujas gravuras adornam as paginas d'este volume [1], é a ultima, sem dúvida, a que mais se avantaja em perfeição artistica. E ainda sobreleva ás outras em um dote que lhe dá muito realce, qual é o dos esmaltes.

É o calix de prata doirada. A metade superior do vaso é inteiramente lisa, e a metade inferior lavrada em relevos de excellente composição. Começam estes em um cordão, ao qual se segue uma cercadura, tendo, a espaços eguaes, seis cherubins, que servem como de coroa a seis medalhas ovaes, em que estão representados outros tantos passos da vida de Jesus Christo. Entre as medalhas avultam figuras de anjos, mostrando segural-as ou ampararal-as, tendo vestidas compridas roupagens.

A maçã do calix é sextavada, fazendo divisão a cada face uns ornatos, que resaltam da mesma maçã, e saem mais para fóra na parte inferior que na superior. N'aquellas seis faces figurou o artista outros seis passos da vida de Jesus Christo. Tanto as medalhas do vaso como os quadros da maçã apresentam um trabalho artistico de bastante primor.

Na base do calix, entre variados lavores, vêem-se as imagens de seis apostolos. Tudo o mais que medeia entre o vaso e a maçã, e entre esta e a base, está coberto de muita diversidade de relevos de gracioso desenho e de esculptura delicadissima.

Patena da sé de Evora

São egualmente mui perfeitos os esmaltes, e produzem lindo effeito pela variedade e boa combinação das côres.

No pé do calix está gravada a seguinte inscripção: *Doct. paulus Alphonsus Reg. Consiliarius in eccẽia Eboren. Archid. et Canonicus donavit. Anno Dñi* 1587. Em vulgar: «O doutor Paulo Affonso, do conselho delrei, arcediago e conego da sé de Evora, fez doação d'este calix, no anno do Senhor de 1587.» No centro d'esta data acha-se o brazão d'armas do conego, ficando de um lado os numeros 15 e do outro 87.

A patena d'este calix, cuja gravura tambem adorna este numero, é mui bonita, e de um trabalho egualmente delicado e de summa perfeição, sobre tudo na obra de esmalte. No centro da patena avulta, deitado sobre a mesa, o cordeiro, emblema do Salvador, e por cima d'elle, e aos lados da hastea da cruz, symbolo da fé, a primeira e ultima letras do alphabeto grego, *alpha* e *omega*, allusivas á victima immaculada, principio e fim de todas as coisas.

Não sabemos o nome do ourives que fez este bello calix, nem o da terra que lhe serviu de berço. Ha, porém, todo o fundamento para acreditar que era portuguez. Havendo no paiz, em todo o decurso d'aquelle seculo, artistas tão distinctos na esculptura em metal e nos trabalhos de esmalte, como por vezes temos demonstrado, tratando de varios objectos preciosos consagrados ao culto divino, e pertencentes á casa real e a diversas egrejas do reino, não se deve suppor que o conego Paulo Affonso mandasse fazer o calix a paiz estrangeiro.

Portugal tem sido visitado em todos os tempos por muitos artistas estrangeiros, mais ou menos eximios nos diversos ramos da arte; e muitos d'elles aqui fixaram a sua residencia, ou se demoraram o tempo bastante para nos deixarem documentos da sua habilidade. Entre esses artistas figuram, é certo, alguns gravadores em metal; todavia, não eram ourives, nem se empregaram nas obras que são proprias d'este officio. Além d'isso, os gravadores a que alludimos vieram para este reino em tempos muito posteriores á epocha em que foi feito aquelle calix. Não temos achado noticia de ourives algum estrangeiro domiciliado em o nosso paiz, ou que a elle viesse de passagem e n'elle exercesse o seu officio em eras anteriores ao seculo XVIII. Por conseguinte, de todas estas considerações julgâmos poder concluir, que o dito calix é obra nacional.

A transição da architectura gothica para a da renascença operou-se, ou antes completou-se, como por vezes temos dito, nos principios do reinado del-rei D. João III. Desde então foi proscripto o estilo gothico, e não só deixou de ser empregado em as novas edificações que se emprehenderam, mas até foi abandonado, com grave sacrificio da arte e escandalo do bom gosto, nos proprios monumentos em construcção segundo o dito estilo, como succedeu, infelizmente, na egreja de Nossa Senhora de Belem. Mas não aconteceu o mesmo com respeito á ourivasaria. Apesar do desprezo a que os architectos votaram o velho estilo, e da acceitação, e até enthusiasmo, com que o novo foi recebido e geralmente seguido, continuaram os ourives ainda por longos annos a empregar o estilo gothico na fabricação dos vasos sagrados. Conhecemos alguns feitos assim no ultimo quartel do seculo XVI e no principio do XVII. Porém o calix da sé de Evora foi fabricado conforme o estilo da renascença.

Nicolau Agostinho, capellão do arcebispo de Evora D. Theotonio de Bragança, no seu livro: *Relação summaria da vida do illustrissimo e reverendissimo senhor D. Theotonio de Bragança, arcebispo de Evora*, faz menção d'aquelle calix, e diz que custára 2:200 cruzados (880$000 réis), quantia avultada em relação ao tempo.

A sé de Evora era uma das egrejas mais ricas de Portugal em vasos sagrados e outros objectos de prata doirada e branca. Desgraçadamente, durante a occupação dos francezes, nos principios d'este seculo, foi despojada de quasi todas essas riquezas. Por ordem do governo intruso, foram levadas da cathedral eborense mais de setenta arrobas de prata, cujo inventario se conserva na bibliotheca publica da mesma cidade.

A custodia, o calix e o baculo, cujas gravuras temos publicado, foram salvas da rapina por mãos pie-

[1] Vid. pag. 53 e 161.

dosas e patrioticas, que conseguiram esconder estas preciosidades em logar bem occulto e seguro.

Os nossos assignantes não deixarão de notar a perfeição do desenho e da gravura, tanto do calix como da patena, mas principalmente do primeiro, trabalho que honra sobremaneira os srs. Leipold e Alberto.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A SATYRA MENIPPÉA

I

Nem todos os leitores possuem conhecimento cabal do que é a *Satyra Menippéa*, da qual por certo terão ouvido ou lido o nome.

Pareceu-me que faria algum serviço á curiosidade



Calix da sé de Evora

d'aquelles a quem falta um tal conhecimento, dando-lhes noticia de um escripto excellente, verdadeiro monumento litterario da França, e um modelo de engraçadissima ironia empregada contra uns poucos de ambiciosos e hypocritas.

Não faltará authenticidade á noticia que vou apresentar, porque tenho diante de mim a auctorisada edição da *Menippéa*, por mr. Charles Labitte, e a premiada *Historia da litteratura franceza*, de mr. Eugène Géruzez, afóra os escriptos de outros acreditados criticos.

Não tendo Henrique III de França herdeiro directo, franqueado estava ao rei de Navarra, chefe dos protestantes, o accesso ao throno. Para obstar a que esta eventualidade se realisasse, recorreu-se a todos os expedientes, e foram empregados todos os esforços da parte dos caudilhos da parcialidade catholica. O duque de Guise caminhou abertamente para a usurpação. A fim de preparar os animos para receberem novo rei, no caso de se extinguir a dynastia dos Valois, ou de ser derribada do throno, foi fabricada uma arvore genealogica, que fazia prender immediatamente os de Lorena com o imperador Carlos Magno.

A historia não refere nos seus annaes uma guerra de tão aturada e implacavel diffamação, como foi a da *Liga*, nos primeiros tempos contra Henrique III, e depois, quando este foi assassinado pelo fanatico e malvado dominicano Jacques Clément, contra o Bearnez, rei de Navarra, mais tarde Henrique IV.

Para não descer a longos desenvolvimentos, contentar-me-hei com a indicação de um exemplo do excesso a que os interesses sórdidos e as paixões vis levaram os actores d'aquelle deploravel drama. Da cadeira evangelica, do cimo do pulpito, disse uma vez um préga-

dor (Boucher se chamava o energumeno), querendo caracterisar e definir Henrique III: «Em uma palavra, é um turco pela cabeça, um allemão pelo corpo, uma harpía pelas mãos, um inglez pela jarreteira, um polaco pelos pés, e um verdadeiro diabo pela almá.»

Arrependo-me de ter promettido tamanha brevidade. Quero ainda apresentar outro traço, que bem pinta o fanatismo cruel e barbaro d'aquelle tempo.

O sanguinario monstro que assassinou Henrique III, Jacques Clément, foi proclamado em todos os pulpitos «o bemaventurado filho de S. Domingos, o martyr santo de Jesus Christo!» Accenderam cirios nas egrejas em volta da estatua do execrando assassino; e a mãe d'elle veiu a Paris solicitar a recompensa do attentado do filho, logrando a final voltar para a sua aldeia enriquecida de donativos e de dinheiro, acompanhada até á distancia de uma légoa fóra de Paris por quarenta religiosos!

A Providencia permittiu que aquelle e outros mil horrores tivessem um termo, e que ao cabo se assentasse no throno de França o rei, de tão boa nomeada, Henrique IV, tendo a seu lado o virtuoso Sully!

Mas antes d'isso, e como castigo da ambição e da hypocrisia, surgiu a *Satyra Menippéa* á voz de honrados talentos, que se associaram para desmascarar a impostura, e para empregar a temivel arma do ridiculo, ou a poderosa machina da eloquencia e da verdade, contra os representantes da nobreza e do clero que se tinham manchado com impurezas e maleficios.

É occasião de dizer qual o objecto da *Satyra Menippéa*, quaes os nomes dos collaboradores d'este escripto immortal, e, finalmente, qual o merecimento real d'esta obra, que, no conceito dos competentes, não foi menos util a Henrique IV, ao partido nacional e á paz da França, do que a batalha de Ivry.

A *Menippéa* tem por objecto a celebração dos estados (côrtes), que o duque de Mayene convocára em Paris no dia 10 de fevereiro de 1593, com o fim de procederem á nomeação de novo rei (Henrique III tinha sido assassinado em 1584), tomando conhecimento das allegações dos pretendentes á coroa. Este conciliabulo, filho da iniciativa facciosa, não tinha o caracter de representação nacional, e prestes se dissolveu, por effeito da violencia dos partidos e da divisão dos interesses, sem que se tomasse uma resolução definitiva e séria.

A idéa primordial da *Menippéa* é devida a Pedro Le Roy, conego de Ruão, a quem o virtuoso de Thou chama *vir bonus, et à factione summe alienus* — homem bom, e de todo o ponto afastado do espirito faccioso. Pedro Le Roy traçou o quadro, o plano da obra; alguns amigos seus escreveram os pedaços diversos que a compõem; e Pedro Pithou, revendo o todo da composição, deu-lhe o remate e o cunho de perfeição que tornou universalmente bem acceito e applaudido o interessante livro.

«Quaes foram, pergunta mr. Charles Labitte, esses amigos inspirados que tão bem souberam pôr-se de accordo, para d'este modo, em presença dos acontecimentos, guiados pela impressão leal do sentimento patriotico, e livremente inspirados pelo espirito francez, improvisarem uma bella acção e ao mesmo tempo um bom livro? Quaes foram esses homens, que, no meio da dispersão de todos os partidos, tiveram força para (segundo a viva e ajustada expressão do nosso engenhoso e sabio critico, mr. Philarète Chasles) fazer simultaneamente e de um só jacto um pamphleto, uma comedia e um *golpe de estado?* E, comtudo, não eram elles nem ministros, nem personagens da nobreza, nem chefes de partido, nem tribunos; nem ao menos eram (caso singular!) ambiciosos, pois que não recebiam pensões de Filippe II, nem a casa de Lorena lhes fizera promessas de favores; não esperavam coisa alguma do feudalismo huguenota, nem da turbulenta demagogia dos *Dezeseis*. A *Menippéa* é simplesmente a obra honrada, sincera, de alguns poucos burguezes, que n'um bello dia se lembraram de vir dizer a verdade ao seu paiz sobre os embustes politicos, e que, para exprimirem o que sentiam, lançaram mão do sarcasmo, da mofa, da eloquencia.»

Em casa de Gillot se reuniam todas as noites os individuos que collaboraram para a *Menippéa*, e são: Le Roy, Nicolau Rapin, Passerat, Pithou, Chrestien. É de saber que Gillot, collocado em boa posição na ordem do clero, e por fim conselheiro letrado do parlamento de Paris, era rico, prezava grandemente a cultura do espirito e a companhia dos homens de letras, aos quaes dava agasalho affectuoso e fazia bons serviços. Morava no caes dos Ourives, e alli recebia todas as noites os seus amigos, na casa, e precisamente no quarto, onde se diz que nasceu depois o celebre Boileau. Ora os amigos que já mencionámos, instruidos, versados na litteratura grega e latina, tinham conservado as verdadeiras tradições francezas, e a liberdade de espirito dos poetas que os haviam precedido. Gillot foi a alma d'essa brilhante reunião, que por fim produziu uma obra prima na litteratura franceza.

Eis aqui a distribuição dos papeis, digamol-o assim, que entre aquelles estimaveis homens se fez para a representação da *Menippéa:*

Idéa primaria e plano da obra pertencem a Le Roy.

O discurso do legado do papa é de Jacques Gillot.

O discurso do cardeal de Pelvé é de Florent Chrestien.

Os discursos de mr. de Lyon e do reitor Rose são de Nicolas Rapin.

O discurso de d'Aubray, o ultimo da collecção, é de Pedro Pithou.

Os versos foram, pela maior parte, compostos por Passerat.

Ás outras porções da *Menippéa* não tem sido possivel assignar auctor; nem será possivel encher uma tal lacuna, na distancia em que estamos dos acontecimentos e dos homens, como atiladamente pondera mr. Labitte. Foi mysteriosa a composição do livro; guardou-se o mais profundo segredo, e só pelo correr do seculo XVII se pôde saber com certeza quaes foram os auctores da singular composição.

Agora, que está desembaraçado o terreno, seguia-se o entrar no conhecimento do intrinseco da *Menippéa;* mas vae já longo este artigo, e força é reservar para o immediato essa noticia.

(Continúa) JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

TAVIRA

HOSPITAL DO ESPIRITO SANTO

(Vid. pag. 310)

A confraria da Misericordia, estabelecida em Tavira pouco depois de ter tido principio em Lisboa tão humanitaria instituição, teve por primeiro assento n'aquella cidade o convento de S. Francisco, e por segundo assento o hospital do Espirito Santo, d'onde ao diante foi mudada para as *casas da Audiencia*, junto da egreja maior.

Concederam os nossos reis e os summos pontifices muitos e mui grandes favores a este hospital. Refere-os o sr. Guerreiro de Aboim, na sua citada memoria, pelo modo seguinte:

«De não menor valia foi tambem a singular protecção com que os srs. reis d'estes reinos olharam para este estabelecimento, creando-lhe novos recursos, e dotando-o com regalias e immunidades, entre as quaes notaremos, como principaes, o privilegio para as suas rendas serem cobradas executivamente, go-

zando os cobradores das liberdades, privilegios e poderes que tinham os almoxarifes (provisão de 14 de janeiro de 1486); para o juiz provedor conhecer em primeira instancia de todas as causas pertencentes ao hospital (alvará de 22 de junho de 1520); a doação de 1 por cento do rendimento do almoxarifado, e alfandega de Tavira e portos séccos (prov. de 29 de março de 1528); a administração da confraria dos leigos de Santa Maria, e da de S. Thiago, que julgo ser a da Senhora Afranca, para que o sobejo d'ellas se dispendesse com os pobres (prov. de 28 de agosto de 1528); a regalia de terem os capellães do hospital o habito de Christo, pratica que durou até ao concilio de Trento (provisão de 11 de junho de 1524 e 13 de janeiro de 1578); de ser dotado o hospital com a terça parte das despezas que fizesse com os expostos, paga pelo cabeção das cizas, desde o 1.º de julho de 1715, primeiro anno em que encontrámos tal verba em receita extraordinaria; e, finalmente, a concessão de fazer-se a finta por tres annos, em todo o reino do Algarve, para as obras do hospital (prov. de 3 de setembro de 1746 e carta régia de 14 de julho de 1747). O sr. D. João VI confirmou todos os privilegios de que o hospital estava de posse (alv. de 5 de junho de 1820); e ultimamente o sr. D. Luiz I, por sua real benevolencia, houve por bem declarar-se protector d'este estabelecimento por alvará de 21 de setembro de 1865.

«Se as regalias civis são de grande valor, como temos visto, não o tem menos as ecclesiasticas, se attendermos aos costumes e idéas religiosas do tempo em que foram concedidas, como vamos ver. Em 1515 foi concedida pelo nuncio a graça para haver na egreja sacrario com Sacramento, e capellães para o administrarem aos enfermos e dar sepultura ecclesiastica aos que n'elle fallecerem, ainda mesmo em tempo interdicto. Por sentença apostolica de 1570, foi confirmada a graça concedida em 1537 pelo nuncio Jeronymo de Ricenas de Capite Ferreo, para os officiaes da casa poderem eleger curas e capellães, e removel-os a seu arbitrio, *ad nutum*. O papa Sixto IV concedeu que qualquer enfermo d'esta casa possa, dando uma esmola, eleger confessor que o absolva, em artigo de morte, de todos os peccados, até dos reservados á sé apostolica; como tambem que o capellão que for eleito por voto dos confrades possa confessar, commungar e celebrar em tempo interdicto. Houve tambem na casa a concessão para qualquer pessoa que désse ao hospital uma esmola, ainda que n'ella não residisse, podesse gozar da bulla do papa Sixto IV. Esta graça foi impetrada sendo juiz provedor Gaspar de Sequeira, cavalleiro fidalgo da casa de sua magestade, em 1555 (tombo do Tello, a fl. 20).»

Sendo antigamente muito repetidos os casos de lançar o papa ou qualquer prelado excommunhão a uma cidade, provincia ou reino; e ficando desde logo interdictos os ecclesiasticos de celebrarem missa e administrarem os sacramentos, em quanto a excommunhão não fosse levantada, o que ás vezes durava mezes, e até annos, póde-se julgar de quanta importancia e apreço seria o privilegio acima referido.

Expõe o auctor da memoria os embaraços e difficuldades que sobrevieram ao hospital, em razão de se achar muito sobrecarregado de legados pios onerosissimos, ao passo que as despezas sempre iam crescendo, e os rendimentos da casa diminuindo, em parte pela destruição das rendas de algumas capellas, por motivo de sua muita antiguidade, e em parte por effeito da lei de 27 de março de 1773. E em seguida relata como, por diligencia dos provedores do hospital, em 1780 e 1781, os doutores José Collaço da Silva e Alberto Antonio de Brito Guerreiro de Aboim, o papa Pio VI concedeu o breve de 28 de maio de 1783, pelo qual foi a confraria absolvida dos legados não cumpridos, ficando estes commutados em varios encargos de facil cumprimento.

Alliviada dos encargos mais gravosos, viu-se então a confraria em circumstancias de poder melhorar o tratamento dos enfermos, e de cuidar da conservação do hospital, que, por sua muita antiguidade, ameaçava ruina. Assim, pois, em todo o resto d'aquelle seculo se procedeu a successivas obras de reedificação, já na egreja, casas do despacho e archivo, já nas mais officinas do hospital. Porém estes resultados foram devidos ao muito zelo e assiduos esforços de varios provedores, que o auctor da memoria nomeia, indicando os serviços prestados por cada um.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

ASYLO DOS CEGOS DE CASTELLO DE VIDE

(Conclusão. Vid. pag. 327)

VI

Foi, com verdade, um dia de grande festa para Castello de Vide aquelle em que se verificou a trasladação dos ceguinhos para a sua nova casa, onde haviam de encontrar as commodidades e o conforto que estão hoje gozando.

Temos presente uma descripção mui minuciosa d'esta solemnidade [1], da qual transcrevemos o seguinte:

«Effectuou-se a trasladação aos 22 de setembro de 1867. O edificio da Misericordia trajava de gala; na egreja os lustres pendiam do tecto, as paredes vestiam damasco, vergavam os altares com o peso das flores, e a cruz e a hostia ostentavam-se brilhantes entre milhares de luzes.

«Pelas onze horas cantou-se um *Te Deum* a musica vocal e instrumental; assistiram a elle a camara e os empregados publicos, as grandes confrarias e as pequenas irmandades; ouviram-n'o os asylados em numero de 23, sendo 9 do sexo masculino e 14 do feminino, trajando uniformemente, e tendo suspensa no peito com fita verde uma medalha de metal, em que se via gravada a imagem de Nossa Senhora da Esperança, padroeira do asylo.

«O povo occupava inteiramente a egreja. Finda a ceremonia religiosa, as irmandades trouxeram em procissão a imagem de Nossa Senhora da Esperança, cercada de flores e trajando brocados. A Virgem, que é a estrella da madrugada, parecia indicar a aurora da felicidade aos que viviam na pobreza e nas trevas, e guiar os ceguinhos para o logar de descanço e commodidade. Um anjo lhe derramava flores sobre o andor; dois outros a seguiam junto dos thuriferarios, que envolviam a hostia nos perfumes do incenso.

«Ia atraz do pallio o pendão da municipalidade, em torno do qual a camara se agrupava; seguiam-n'a os asylados dispostos em duas alas; vinha no meio uma linha de cherubins, cada um dos quaes dava a mão a dois asylados, e os irmãos da Misericordia amparavam dos lados a ceguera de uns e os passos ainda incertos dos outros.

«A sr.ª D. Gertrudes da Conceição Caldeira, mulher do sr. Carlos José Caldeira, antigo director da alfandega municipal de Lisboa, levava pela mão uma das cegas, e o sr. Caldeira conduzia um cego.

«Era espectaculo que recreiava os olhos e a alma ver os innocentinhos, na fórma mais poetica das jerarchias celestes, graciosamente vestidos, servindo de guia e luz aos cegos, para os conduzir de uma egreja para a outra, e entregal-os á religião e á caridade.

«Edificava não menos ver uma dama e um cavalheiro, costumados ao luxo e á sumptuosidade da corte, passeiar as ruas de uma villa com uns pobresitos pela mão.

[1] Devemol-a á benevolencia do sr. José Frederico Laranjo.

«Seguia os asylados o administrador do asylo, o sr. José Godinho Juzarte.

«A philarmonica de Gaffete, que gratuita e espontaneamente viera assistir a esta festa, e a philarmonica de Castello de Vide, formando uma só banda, iam no coice da procissão tocando os dois hymnos do asylo: o do instituidor, intitulado *A columna de bronze*, e o da Padroeira.

«As janellas das ruas por onde passava a procissão estavam cheias de damas e ornadas de colchas. Parte do povo acompanhava o sequito, e outra parte derramava-se no transito, agrupando-se nas praças. Vieram muitas pessoas notaveis de Portalegre, e as villas e aldeias das circunvisinhanças mandaram a flor da sua população para dar maior realce a esta festa.

«A procissão deu, pois, entrada na egreja do convento entre as maiores galas e alegrias.

«Cantou-se em seguida missa solemne, e foi orador o reverendo padre Manuel José Alves.

«Depois da festa, o sr. Sequeira Sameiro offereceu ao sr. administrador do concelho as chaves do asylo, convidando-o a abrir-lhe as portas, e em seguida entraram os cegos para a sua nova e alegre morada, conduzidos pelos irmãos da Misericordia e mais pessoas que os haviam guiado até á egreja.

«Foram logo levados aos respectivos refeitorios de um e de outro sexo, onde saborearam um lauto jantar em mesas adornadas de flores e ao som da musica das philarmonicas. Serviram á mesa das mulheres a referida sr.ª D. Gertrudes Caldeira, e á dos homens os srs. Caldeira e Godinho Juzarte, conjuntamente com os irmãos da Misericordia.

«Á tarde e á noite, em o dia da festa, alternadamente estiveram tocando no largo do Rocio as duas mencionadas philarmonicas.»

A gravura que ficou estampada a pag. 317, bella cópia de uma photographia tirada em outubro de 1867 no claustro do asylo, que é um quadrado perfeito, ornado de columnas de bom granito e calçado como a praça de D. Pedro em Lisboa, representa o sr. José Godinho Juzarte de Sequeira Sameiro, administrador d'aquella casa de caridade, sentado no meio do grupo, dando as mãos a um asylado e a uma asylada (actualmente são 25 os asylados), e mostra eloquentemente a caridosa familiaridade com que s. ex.ª convive com aquelles infelizes, e como cuida de lhes adoçar e minorar a triste sorte.

PADRE JOÃO CHRYSOSTOMO RIBEIRO COELHO.

OS TRES FREIRES VERMELHOS

(BALLADA BRETÃ)

Tremo devéras, sinto o corpo hirto e inteiriçado, porque vejo as desgraças que povoam a terra... e porque me lembra principalmente o horrivel acontecimento que ha um anno se deu nas visinhanças de Quimper.

Katelik Moal caminhava rezando nas suas contas, quando tres freires, armados de ponto em branco, lhe appareceram na estrada.

Eram tres freires vermelhos, montados nos seus cavallos cobertos de ferro da cabeça até os pés; e disseram-lhe:

— Rapariga, vem comnosco para o convento; vem comnosco, bella rapariga; não te faltará oiro nem prata; não te faltará nada.

— Com a devida licença, senhores, não irei comvosco, porque tenho medo das compridas espadas que trazeis.

— Vem comnosco, formosa menina, vem, que não te succederá mal.

— Não irei, senhores, porque no vosso convento se dizem coisas feias.

— Coisas feias dizem os villões de nós! Malditas sejam as linguas dos villões! Não acredites no que dizem, e vem comnosco; não tenhas medo!

— Não irei; já disse que não! Preferia ser queimada!

— Vem comnosco... alli estarás muito bem.

— Não vou. Prefiro viver cá fóra. E depois, não sabem todos que as sete lindas raparigas da aldeia, que estavam para casar e foram levadas para o convento, ainda não saíram de lá?...

— Se estão lá sete, serás tu a oitava. Que tem isso?

E um dos freires vermelhos tomou a rapariga na garupa, amordaçando-a, e todos galoparam, galoparam, galoparam; e a joven Katelik Moal chegou mais morta que viva ao convento; e ao cabo de sete ou oito mezes, ou ainda mais, diziam os freires:

— Que faremos d'esta rapariga? — Mettamol-a em um subterraneo. — Emparedemol-a. — Vale mais enterral-a debaixo do altar-mór. — Assim seja. Enterrada debaixo do altar-mór, nenhuma pessoa da sua familia dará com ella.

Pelo anoitecer d'aquelle dia parece que o ceo se tolda com as nuvens mais negras e espessas. Sibila o vento, fuzila o relampago, rebomba o trovão, abre-se a terra, inundam-se as planicies!

N'essa occasião um pobre cavalleiro, com os vestidos molhados pela chuva torrencial e o rosto açoitado pela tempestade, passava na estrada. O pobre cavalleiro procurava um asylo, quando se lhe deparou a egreja do mosteiro. Olhou pela fechadura, e viu brilhar na egreja uma pequena luz; e os tres freires vermelhos, á esquerda, abriam uma cova junto do altar-mór; e á direita via-se, estendida no solo, uma joven com os pés amarrados; estava com vida, mas a sua pallidez era mortal.

A pobre menina fitava os olhos piedosos nos freires e pedia-lhes misericordia.

— Deixae-me a vida, senhores! pelo amor do Todo-Poderoso, deixae-me a vida! Discorrerei por toda a noite e occultar-me-hei durante o dia! Misericordia, senhores!

E a pequena luz apagava-se, e o pobre cavalleiro não podia despregar os olhos da fechadura, attonito do que presenciava; e ouviu a joven, do fundo do seu tumulo, queixar-se d'este modo:

— Quero para este innocente o baptismo, para mim a extrema uncção, e deixem-me assim morrer satisfeita e tranquilla.

E o cavalleiro ouviu isto e foi-se d'alli bater á porta do bispo, e disse-lhe:

— Levantae-vos, sr. bispo de Cornouailles, levantae-vos; estaes mui bem descançado em vossa fôfa e ornada cama, e lá no mosteiro, abysmada no fundo de um tumulo, geme uma bella e gentil rapariga, e pede o baptismo para um innocente e a extrema uncção para si.

....

Cavou-se junto do altar-mór por ordem do sr. bispo, e do fundo de um tumulo tirou-se uma bella e gentil rapariga, tendo um innocentinho adormecido no seio.

A joven tinha roido os braços, tinha rasgado o peito, tinha rasgado o peito até ás entranhas.

E viu isto o sr. bispo, e ajoelhou, chorando, sobre o tumulo que se abrira.

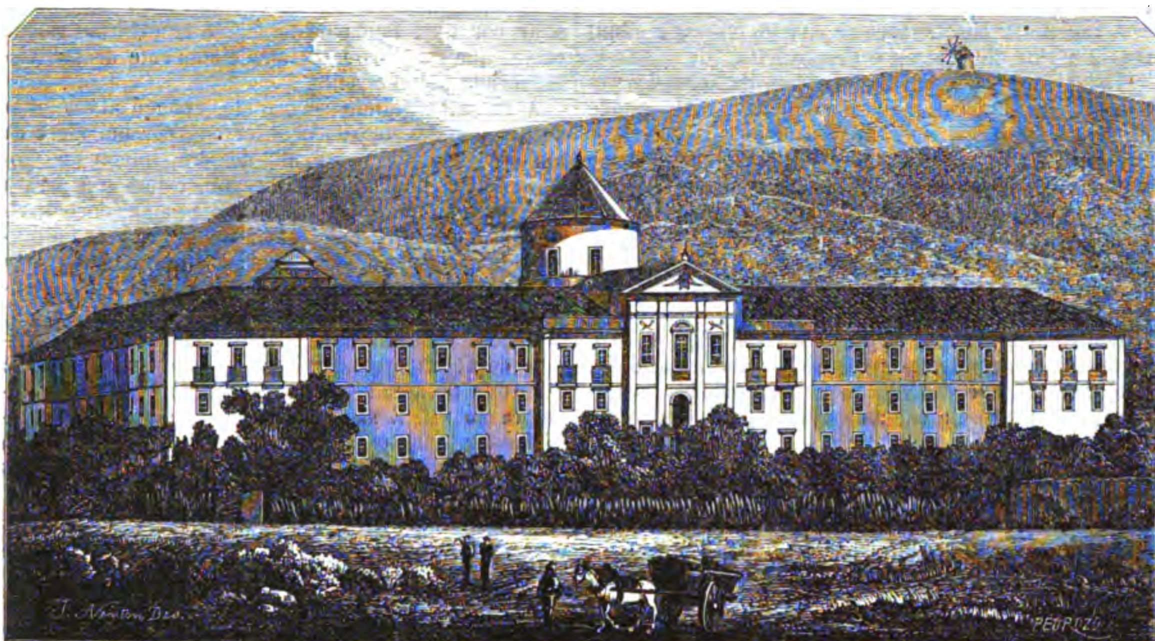
E chorou tres dias e tres noites, com os dois joelhos dobrados sobre a pedra fria, vestido de burel e conservando os pés nus.

E ao cabo da terceira noite estavam alli, em torno do sr. bispo de Cornouailles, todos os freires, e o innocentinho deu signal de vida. Abriu os olhos, e logo, logo os fitou nos tres freires vermelhos.

— Foram aquelles!

E os tres freires vermelhos, por determinação do sr. bispo, foram queimados vivos, e as suas cinzas lançadas ao vento, vindo assim a pagar com os corpos o nefando crime que tinham commettido.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31



Real asylo dos invalidos, em Runa

I

Todos os paizes civilisados que tem a peito remunerar condignamente os grandes serviços prestados á patria, as grandes abnegações e os grandes sacrificios, não esqueceram jámais os velhos militares, esses que derramaram o sangue e combateram pela defensão dos lares, esses que travaram rijas pelejas, soffreram privações, cançaram as forças, a energia e a vida em honra da bandeira nacional.

Nada mais respeitavel do que um veterano. Eu de mim, quando contemplo uma d'essas reliquias mutiladas e estroncadas da guerra peninsular, parece-me estar vendo uma estancia viva da epopéa portugueza. Rebôa-me nos ouvidos o grito de guerra; correm-me pela imaginação as mil scenas do formidavel drama dos combates; oiço o clangor das trombetas, a grita dos enthusiasmos e o gemido das dores; vejo o sangue que corre das feridas, e a gloria que se alevanta envolta em purpura; e, no meio de tudo, palpo um sentimento generoso, heroico, sublime — o amor profundo, inquebrantavel, incondicional, da patria.

Para os espiritos que sabem meditar, e buscam em todos os factos da vida uma causa determinante e absoluta, os veteranos que escapam mutilados dos combates, e depois, no remanso da paz, vivem longos annos, para contar aos vindouros as suas proezas e façanhas, são mais do que um accidente fortuito, ou do que um azar e um acaso.

Os veteranos n'estas condições são verdadeiros e eloquentes apostolos da religião nacional; são os martyres que quasi resuscitaram, e com a sua phrase rude e singela accendem nos animos novos brios e novas heroicidades, arraigam e aprofundam o amor da patria, tornam inabalavel a confiança, fundamento principal das nacionalidades vivazes, elevam a parte moral do homem, exercitam, em fim, uma propaganda effectiva e real, e uma influencia immensa e sagrada.

Nada, pois, mais infame e aviltante do que deixar na miseria e votar á fome os restos gloriosos do exercito nacional.

Nada mais execrando e criminoso do que abandonar na mingua e na penuria os veteranos que, á custa de sangue e innumeras privações, defenderam o lábaro da patria. Por isso, como dissemos já, todas as nações que se denominam civilisadas, e gozam, com justissimas razões, dos foros de guerreiras, dão caridosa acolhida, concedem affectos e carinhos, commodos e fruições, aos seus veteranos.

Em coisas de guerra convem citar sempre a França e a Prussia, que marcham na vanguarda das outras nações.

Filippe Augusto, o vencedor de Bouvines, o rei essencialmente politico, que começou a lucta contra a feudalidade, foi em França quem primeiro curou dos veteranos, dando-lhes asylos caridosos.

S. Luiz, quando regressou da Palestina, fundou a real casa dos *quinze vingts*, onde se recolheram trezentos fidalgos que o sol da Africa havia cegado. Este asylo ainda existe agora; mas, pela sua especial natureza, não podia servir para os mutilados da guerra, cujo calculo médio, entre os feridos e os que ficam invalidos, segundo as melhores estatisticas, é de 1 para 1:000.

No anno de 1600 creou Henrique IV, o primeiro rei da dynastia bourbonica, um estabelecimento onde os officiaes e soldados invalidos viviam em communidade.

Vieram, porém, as guerras civis da *Fronde*, paroxismo da feudalidade que se extinguia; Richelieu havia tambem esquecido a idéa do bearnez, e a final coube a Luiz XIV a gloria de emprehender e levar a cabo tão util entrepreza, erguendo um grande palacio, que hoje é um dos melhores brazões do genio militar da França, especie de pantheon onde os veteranos descançam á sombra dos loiros colhidos, e respiram repoisados as fragrancias do passado, sem cuidados no presente.

A Prussia é uma nação quasi sem tradições, porque, como a Minerva armada da mythologia hellenica, saíu do cerebro e da espada do grande Frederico. Foi este rei, uma das melhores cabeças onde assentou a coroa

real, quem fundou os dois asylos dos invalidos, em Berlin e Postdam.

A Russia tem o asylo do Newa, palacio sumptuoso elevado em honra da gloria militar.

A Inglaterra ensoberbece-se com os vastos e admiraveis asylos de Chelson e Greenwich.

Todas as nações, em fim, cuidam da sorte dos veteranos, dão-lhe gasalhado e mantença, e, honrando os velhos soldados, honram-se a si mesmas.

Portugal não foi dos ultimos a comprehender e a traduzir em factos esta consoladora e santa verdade. O asylo de Runa é um monumento poetico de uma piedosa princeza, é um altar votivo onde se congraçaram em intimo e estreito abraço religião e patria.

Sacratissimos são os perfumes que se respiram sob aquelle tecto abençoado.

Contenta-se a alma, alegra-se a vista, abre-se o coração ao contemplar o que póde e sabe a caridade, que tanto alli se desentranhou em cuidados maternaes, em doçuras e em amenidades para com os alquebrados defensores da nação.

Diremos, pois, algumas palavras ácerca do asylo de Runa, cuja estampa acompanha este artigo [1].

(Continúa) A. Osorio de Vasconcellos.

O GENRO DO REI [2]

I

Era uma vez um rei tão avaro, que, em logar de passar a vida occupado em tornar felizes os seus subditos, passava-a discorrendo pelo reino em procura de minas de oiro e prata, e deixava que naufragasse a nau do estado.

Passando por uma aldeia, notou que em uma casa miseravel havia muita alegria; nas janellas lançavam-se foguetes de muitas respostas, e atirava-se ao rapazio dinheiro em cobre e frutas. Perguntou o rei por que era tal alegria, e responderam-lhe que era porque aos que alli moravam nascêra um filho, e, como uma bruxa ou adivinhadora das visinhanças assegurára que o menino, se chegasse a ver a luz do mundo, aos quinze annos se casaria com a filha de um rei, todos chamavam já ao pequeno o genro do rei.

O rei, que era tão supersticioso como avarento e mau, disse para si:

— Olhem que felicidade se a filha do rei com quem se ha de casar esse rapaz fosse a minha filha, pois, além de ficar para sempre envergonhado de ser sogro de um tal papalvo, ver-me-hia privado das riquezas que me trará um genro da minha jerarchia! Deixem estar o caso por minha conta...

E, apresentando-se aos paes do recem-nascido, disse-lhes que lhes dessem o menino, porque elle se encarregava de mandal-o criar e educar como principe, e casal-o depois com a filha de um dos seus ministros.

Os paes do rapaz negaram-se a principio a acceder á proposta do rei, porém este lembrou-se de offerecer-lhes dinheiro, e em fim deixaram-se ir com o engodo, no presupposto de que, tendo o rapaz vindo ao mundo com boa sina, não era possivel acontecer-lhe mal na companhia do rei.

A idéa do rei era lançar o pequeno no rio que corria perto da aldeia; mas, quando ia a executar esta negregada idéa, notou que era parecido com sua filha, e faltou-lhe o animo para tão feia acção. O que, porém, fez foi collocal-o n'uma caixa em que só entrava o ar por uma fenda da tampa, e lançal-o ao rio na caixa, que desappareceu immediatamente da sua vista, levada pela corrente.

A caixa, seguindo a corrente, chegou até a presa de um moinho, e, sendo observada por um moço do moleiro, que por acaso alli descêra, julgou que poderia haver n'ella algum thesouro e puxou-a para a margem com um gancho. Abrindo a caixa, encontrou-se com o recem-nascido, que alli chegára ainda a dormir, e que, ouvindo as pancadas que o moço dava com uma pedra para abrir a caixa, acordou, sorrindo-se, muito córado e formoso.

Fallecêra no dia antecedente á moleira um pequenote de dois mezes; por isso o criado pensou que não lhe seria desagradavel a presença do que se lhe deparára no rio. E não se enganou. Sentiu-se a moleira, assim que poz ao peito o menino, tão consolada como se tivesse recuperado o d'ella; e em poucos dias já lhe queria como se fosse a propria mãe.

II

Passados quatorze ou quinze annos depois d'isto, andava o rei, como sempre, procurando minas que o tornassem ainda mais rico do que era, porque a ambição do oiro e da prata augmentava n'elle com a edade. De subito começou a chover abundantemente, e o rei correu a resguardar-se da chuva em um moinho proximo, onde lhe chamou a attenção, por sua formosura, pelo affecto com que o tratavam os moleiros, e principalmente porque se parecia com sua filha, um rapaz que teria, quando muito, quatorze ou quinze annos.

— É seu filho este rapaz tão gentil? perguntou aos moleiros.

— Não, senhor, responderam-lhe. Tivemos apenas um filho, e morreu-nos de dois mezes. Esse mocinho encontrou-o nosso criado, haverá uns quatorze annos, mettido em uma caixa que descia pelo rio e veiu ter á presa do moinho.

— E estimam-n'o muito?

— Como se fôra nosso filho. Não lhe havemos de querer muito, se é o melhor rapaz que podia vir ao mundo!

O rei não teve dúvida alguma de que aquelle mancebo era o mesmo que lançára ao rio, fechado em uma caixa; e, receiando mais que nunca que se verificasse a predicção da bruxa da aldeia, isto é, de vir elle a casar-se com sua filha, disse aos moleiros:

— Haveria inconveniente em que esse rapaz fosse levar, da minha parte, uma carta á rainha?

— Nenhum, senhor, responderam os moleiros. Determine vossa magestade como quizer, assim do rapaz como de nós, que o nosso dever e o nosso gosto é servir vossa magestade.

O rei escreveu á rainha uma carta, dizendo-lhe que, assim que a recebesse, mandasse cortar a cabeça e enterrar o portador, e entregou-a ao rapaz com duas moedas de prata de gratificação.

Partiu o rapaz, e no caminho encontrou-se com um pobre sem camisa e extenuado de fome, que lhe pediu esmola, e o rapaz deu-lhe uma das moedas que lhe dera o rei, dizendo para si:

— Basta-me parte d'este dinheiro para o resto da viagem, e a outra parte servirá para este infeliz comprar uma camisa e ceiar esta noite uma assorda.

O mendigo levantou os olhos para o ceo, chorando de agradecimento e satisfação, e pediu a Deus que

---

[1] Sobre este ponto, além de umas compendiosas noticias que me foram facultadas pelo sr. Vilhena Barbosa, consultei um artigo inserto no *Panorama*, e o relatorio apresentado ao ministro da guerra pelo fallecido general barão da Batalha, e que foi quasi todo elaborado pelo sr. Cunha Vianna, tenente coronel do exercito, official muito instruido, estudioso e sabedor das coisas portuguezas.

No mez de julho de 1863 foi de feito nomeada uma commissão para inspeccionar o asylo de Runa, e o substancioso relatorio a que alludi vem cheio de excellentes lembranças, que conviria tornar effectivas, das quaes darei rapido transumpto.

[2] Da collecção dos contos populares de Trueba.

protegesse o seu bemfeitor, e o rapaz continuou o seu caminho.

Pouco depois o rapaz encontrou uma mulher, tambem andrajosa e morta de fome, que lhe pediu esmola pelo amor de Deus, e logo deu o dinheiro que lhe restava, dizendo para si:

— Ora eu sou moço e robusto, e posso ir muito bem até a cidade sem comer; e essa infeliz, com o dinheiro que lhe dou, comprará uma sáia, e comerá esta noite, quando menos, uma assorda.

Dizendo-o e fazendo-o, o rapaz continuou o seu caminho em quanto a pobresinha rogava a Deus e a todos os santos e santas da corte do ceo que lhe dessem auxilio.

Como ia anoitecendo, e chovia e nevava que não era para graças, o rapaz extraviou-se em um espesso e solitario monte, pelo qual andou vagando até proximo da meia noite sem poder achar o caminho direito. Fazia um frio de inteiriçar, e os lobos esfaimados uivavam na espessura.

— Estou perdido, disse o rapaz, se Deus não me acudir. Algum lobo dos que estão uivando ceiará o meu corpo esta noite, ou, quando menos, morrerei de frio n'esta solidão! Deus se compadeça de mim!

Dizendo isto, descobriu ao longe, através das arvores, uma pequena luz, para a qual se dirigiu um pouco apressado, com a esperança de encontrar casa onde se recolhesse.

Não foi baldada a sua esperança, pois em fim se lhe deparou a porta de uma pequena casa occulta no mais espesso e retirado do monte. Empurrou a porta, porque viu luz dentro, e encontrou-se com uma velhinha que se aquecia junto do fogo.

— Que o traz a esta casa? perguntou-lhe a velha, admirada de ver o rapaz.

— Que me traz! respondeu. Muito frio, muito somno e muito cançaço; e peço-lhe que me deixe passar aqui a noite.

— Não póde ser, respondeu a velha indicando-lhe a porta. D'aqui a pouco virão os salteadores a quem sirvo, e matar-te-hão se te encontrarem n'esta casa.

— Se vierem, interceda por mim.

— Intercederei se desejas ficar, porque pareces tão bom moço, que ninguem póde ver-te sem sympathisar comtigo; porém o meu conselho é que não deves ficar.

— Tenho que pernoitar aqui, ainda que a vida me corra algum risco; porque, ao contrario, a morte é certa. Os salteadores hão de compadecer-se de mim, porque são homens; porém os lobos não podem ter dó de mim, porque são feras.

— Pois se queres ficar, fica, que eu farei a diligencia para te salvar.

A velha, que quanto mais o tratava mais sympathisava com o mancebo, deu-lhe de ceiar, e pouco depois o mancebo adormeceu tranquillamente sobre um banco proximo da lareira.

Chegando os salteadores e vendo que estava alli um estranho, tiraram os punhaes com o intento de assassinal-o, reprehendendo ao mesmo tempo a velha porque deixára devassar a casa; porém a velha, com súpplicas e explicações, conseguiu serenar os salteadores, e estes accederam por fim em deixar com vida o rapaz, se porventura não acordasse antes do amanhecer, em que elles saíam para as correrias das estradas, azinhagas e charnecas.

Se os salteadores, todavia, se decidiram a deixar com vida o mancebo, não renunciaram a despojal-o do dinheiro que trouxesse nas algibeiras; e para este fim o examinaram minuciosamente; porém só lhe acharam a carta do rei.

Vendo que a carta tinha o sêllo real, abriram bem os olhos, porque os salteadores não gostavam do rei, que os perseguia e ameaçava enforcal-os por falsificadores das notas do banco, pois era geralmente sabido que um d'elles falsificava com perfeição os papeis de credito.

Mas quando os salteadores abriram e leram a carta, tiveram gaudio, porque viram chegada a occasião de amofinar o rei. Então o salteador mais habil em falsificar papeis escreveu uma carta imitando perfeitamente a letra e o sêllo do rei, na qual carta dizia á rainha que, assim que lh'a entregassem, casasse o portador com a infanta, porque estava certo de que se amariam e seriam muito felizes, e em seguida a metteu na algibeira do rapaz em logar da verdadeira do rei.

Quando o mancebo acordou pela manhã, os salteadores já tinham saído; e, depois de comer ovos com presunto, que lhe deu a velha, continuou alegremente o seu caminho.

Assim que a rainha leu a carta, que não duvidou fosse de seu marido, determinou que o portador e sua filha se casassem, e celebraram-se as bôdas com grandes festejos, tanto mais quanto se sabia que a infanta e o seu noivo se enamoraram perdidamente desde o momento em que se viram.

O mancebo acertára bem com a infanta, porque a infanta era muito formosa e gentil, e tinha uns olhos com um não sei quê bastante para fazer peccar um santo.

(Continúa)

OS CASTORES

Dotou o Creador a varias especies de quadrupedes com tão fino e maravilhoso instincto, que chega algumas vezes a ter similhanças com a razão, com essa centelha do espirito divino, que faz o homem rei da creação. D'entre aquelles quadrupedes privilegiados é o castor um dos que maior admiração excitam pelo poder do seu instincto, e cujos costumes mais dignos são de serem estudados pelos philosophos.

O castor constitue um genero pertencente á familia dos roedores, e que, segundo alguns naturalistas, apenas consta de uma especie, o castor commum, ao qual poz Linneo o nome de *castor fiber*. Outros auctores, porém, dividem o genero em varias especies, como abaixo diremos.

Tem este animal um metro de comprimento, pouco mais ou menos, desde o focinho até á extremidade da cauda, entrando esta n'essa conta por quasi um terço. Regula a sua altura por uns trinta centimetros. Tem a cabeça oval, orelhas pequenas, e cinco dedos em cada pé. Os dianteiros são mais curtos e dotados de extrema agilidade; servem-lhe de habilidosas mãos. A cauda é achatada em sentido horisontal, arredondada na extremidade, e toda coberta de escamas. É de muito prestimo para o animal, como demonstraremos ao diante. Seus vinte dentes são por tal modo fortes, que não ha madeira que lhes resista. Com esse instrumento, na apparencia fragil, corta e derruba o castor grossos troncos de arvores de mui rija madeira. Vestem-lhe o corpo duas camadas de pellos, uma interior curta e muito macia, a outra comprida, e formando um como estojo, que resguarda aquella da agua e do lodo. A côr, em fim, é differente, segundo as regiões que habita, sendo em uns individuos parda ou acastanhada, em outros branca ou quasi preta. Por este motivo alguns naturalistas, tomando esta differença de côr como distinctivo de variedade de especies, designam cada uma por seu nome diverso, como, por exemplo, ao castor branco — *castor albus*.

São originarios os castores de quasi todas as regiões frias e temperadas do nosso hemispherio. Vivem na America Septentrional, no Canadá, nos Estados Unidos, na Terra de Labrador, nos bancos da Terra Nova,

na Asia, e em toda a parte do norte da Europa até ao Rhodano.

Como animal amphibio, que é, habita nas margens dos lagos ou rios, aprazendo-se tanto nos seus passeios em terra como nos seus exercicios aquaticos. E não ha, certamente, animal que o exceda na agilidade com que nada e mergulha. E tambem a todos se avantaja, e muito, na destreza, no esmero e na arte com que edifica as suas moradas.

Todavia, não ostenta o castor do mesmo modo estas qualidades em todas as regiões que habita. Na America do norte e na Terra Nova é onde este animal desenvolve todos os recursos da sua admiravel industria.

Os castores vivem em perfeito estado de associação, não só formando uma como aldeia, composta de numerosas habitações, mas, além d'isso, coadjuvando-se uns aos outros na construcção das suas moradas, e em certos trabalhos que interessam á segurança de toda a colonia. N'este ultimo ponto referimo-nos aos diques.

Constroem estes animaes as suas habitações nos lagos ou nos rios, junto das margens, mas saindo do seio das aguas. Com o instincto, que parece tocar nas raias da previdencia humana, se o rio ou lago offerece o perigo das grandes inundações, começam os trabalhos de fundação das suas colonias por construir um dique, ao abrigo do qual possam estar em segurança durante a estação invernosa.

N'esta obra de interesse commum empregam-se com o mesmo ardor todos os membros de que se compõe a tribu.

Os viajantes que tem visitado aquellas paragens da America, e que tiveram occasião de observar attentamente estes singulares animaes, dizem que é um espectaculo mui curioso, e que enleva o espirito, ver aquelles animaesinhos, desengraçados na fórma, e na apparencia pesados e pouco activos, occupados, como infatigaveis operarios, em uma obra hydraulica de muita solidez, e cuja execução se afigurará a toda a gente como absolutamente superior á industria e ao esforço de um ente irracional.

Dão principio os castores a estes trabalhos indo ás arvores mais proximas fazer fornecimento de estacaria. Com os seus dentes incisivos fazem as vezes de serra. Vencendo com paciencia e perseverança as difficuldades da operação, conseguem alastrar o solo de infinita quantidade de troncos de diversos tamanhos e grossura, e de grande cópia de folhagem. Feito isto, tratam de conduzir estes materiaes para junto da margem, ora puxando por elles, ora empurrando-os, ora rolando-os. Depois passam a ir escavar no leito do rio ou lago profundas covas, enfileiradas e chegadas umas ás outras.

Os mais grossos e compridos troncos, que jazem cortados na visinha margem, são em seguida lançados á agua e mettidos nas ditas covas; e em quanto alguns d'aquelles industriosos animaes se encarregam de amparar os troncos, para que não tombem, outros diligentes obreiros vão enchendo de pedras as covas em que estão enterrados os mesmos troncos, até que estes fiquem bem firmes e seguros. Depois entrelaçam esta estacaria com muitos ramos flexiveis, tão unidos, tão bem dispostos e apertados, que assim fica formada uma parede compacta de madeira, muito mais elevada que a superficie das aguas. A par d'ella edificam, pela mesma maneira, mais duas ou tres paredes, porém muito mais baixas que a primeira. Enchem-lhes os vãos de pedras e de pedaços de troncos, tudo misturado com barro ou terra argamassada.

N'esta obra trabalham, como dissemos, todos os membros da tribu; mas, acabada que seja, cada familia vae cuidar, separadamente, da construcção da sua morada. Levantam as habitações ao abrigo do dique, e pelo mesmo processo com que fabricam este.

A nossa gravura mostra o feitio d'estas habitações, construidas sobre estacaria, com as paredes formadas de troncos e arbustos entretecidos, e rebocadas de barro, que endurece a ponto de dar ao edificio muita solidez e duração.

Quadra bem a taes moradas o nome de edificios, pois que o são na verdade, apresentando certas condições de uma construcção regular. Até são divididos interiormente em dois pavimentos, o inferior destinado para habitação, e o superior para dispensa ou armazem de provisões. A porta, ás vezes situada á flor d'agua, mas quasi sempre debaixo d'ella, abre-se para o lado interior do rio ou lago, a fim de evitar ou tornar difficil o accommettimento do inimigo, e facilitar a fuga dos moradores.

Empregam-se os castores nas suas construcções durante os mezes de junho, julho e agosto. Mal presentem a aproximação do inverno, tratam logo de reparar as suas moradas, o que executam com tanto desvelo e proficiencia, como o não faria melhor o mais perito official de pedreiro. Este cuidado, junto ao endurecimento que as geadas e gelos dão ao barro ou terra amassada com folhagem, com que os castores rebocam a parte exterior das habitações, fazem com que estas durem muitos annos, se não vem destruil-as algum accidente fortuito.

Mr. Godman, tratando largamente d'este interessante animal na sua *Historia natural da America*, depois de descrever o modo por que os castores edificam as suas habitações e os diques que as protegem, exalta nos seguintes termos o singularissimo instincto d'estes quadrupedes:

«Eis aqui, certamente, provas irrecusaveis da habilidade e precaução d'estes animaes admiraveis, e um exemplo notavel do espirito de associação. Mas quem revela aos castores certas operações, que só as sciencias tem ensinado aos engenheiros? Como habeis hydraulicos, traçam, para a construcção dos diques, uma linha recta, se porventura a corrente do rio é fraca e a obra de mediana extensão; mas se é grande o volume de aguas e rapida a sua corrente, ou se o dique tem de ser muito extenso, então formam-n'o em linha curva, cuja convexidade fica opposta ao impulso da corrente.

«Para que esta industria maravilhosa produza tudo o que é capaz de emprehender e executar, é mister que estes industriaes disfructem inteira segurança. Assim que os castores se vêem inquietados, abandonam immediatamente os seus diques e habitações, e não tornam a construir outras. N'esta penosa situação o animal é ainda mais digno da attenção do observador do que quando se acha no meio dos seus trabalhos de carpinteiro e pedreiro. Resolve-se então a fazer covis subterraneos nas margens de alguma ribeira, multiplicando-os de maneira que estes asylos não possam ser descobertos todos ao mesmo tempo, e lhe dêem occasião de passar de uns para outros sem ser visto, mergulhando e atravessando por baixo d'agua.

«Faz as suas excursões por alta noite, e leva a sua precaução a ponto de extinguir os vestigios de suas pégadas; não se podendo, por conseguinte, reconhecer os logares que habitam senão pelos córtes das arvores que tem praticado. Ás vezes, antes de renunciar os commodos e mais vantagens que lhe proporcionam os seus diques e habitações, toda a povoação da aldeia se occupa em cavar refugios subterraneos na proximidade da represa, para lhe servirem de asylo no caso de ser accommettida repentinamente. Os caçadores americanos denominam *washes* estes logares de asylo, onde o castor se introduz mergulhando, e que elle fórma com a capacidade precisa para ahi poder respirar e viver á vontade sem ser descoberto.»

Habitam em cada morada de oito a doze individuos, paes e filhos, o que constitue uma verdadeira e per-



Os castores

feita familia, não só pelos laços de sangue, mas tambem pelo amor que os une e pela boa harmonia que entre todos reina.

Providentes como as formigas, os castores fazem provimento durante o estio, para o inverno, de todos os generos que constituem a sua alimentação, como a cortiça de certas arvores, os rebentos de outras, raizes de golphão e de alguma outra planta aquatica. Estas provisões vão sendo depositadas no pavimento de suas moradas, que lhes serve como de despensa. E, chegada a estação invernosa, eil-os se recolhem ao seu albergue, para repoisarem no seio da familia, como as formigas, dos duros trabalhos do verão. Em quanto duram os rigores do inverno, raras vezes, ou só por caso extraordinario e grave, deixam o agasalho da habitação.

Apesar da segurança que lhes offerecem as suas moradas, em razão do systema de construcção, e sobre tudo pelas vantagens da sua situação, dois inimigos ahi vão de vez em quando perturbar o repoiso d'estes pacificos animaes. Um d'esses inimigos é o homem, o outro é a lontra. O primeiro move-lhes crua guerra por causa das pelles, que são objecto de importante commercio. A taes inimigos de pouco ou nada valem a astucia dos castores e os meios naturaes de defensa de que se rodeiam. O segundo procura-os para os devorar. Contra este tambem é inutil a fortaleza da habitação, e não lhe serve de obstaculo o volume das

aguas nem o impeto da corrente. Como animal amphibio que é, a lontra nada com ligeireza, mergulha com rapidez, e lá vae perseguir os pobres castores no interior das suas moradas, ou no fundo do rio ou lago.

É o castor tão inoffensivo e timido, que, embora o aggressor seja um só e muitos os aggredidos, a fuga é a sua unica taboa de salvação. Vale-lhe muito em taes casos a facilidade e ligeireza com que nadam e mergulham. N'este exercicio serve-lhes a cauda de grande auxilio, porque, empregando-a como remo ou pá, acceleram muito os seus movimentos. É esta a principal utilidade que o castor tira da sua cauda, posto que tambem a empregue como ponto de apoio quando se quer firmar sobre as patas trazeiras. Pretendem varios escriptores que tambem aquelles animaes se servem da cauda, como de trolha, para conduzir a argamassa, introduzirem-n'a entre o tecido dos troncos e ramos, e, em fim, para a baterem e alisarem. Porém alguns viajantes, que observaram, sem serem vistos nem presentidos, os costumes dos castores, affirmam que não é exacta aquella asserção.

Dizemos sem serem vistos nem presentidos, porque é tal a timidez dos castores, que, embora nunca tenham sido perseguidos, ao menor bulicio, qualquer que seja o trabalho em que se occupem, fogem e se escondem no seio das aguas, ou no iuterior de suas moradas, d'onde não saem em quanto não se certificam de que nenhum perigo os ameaça.

É suave e meiga a voz do castor quando elle experimenta alguma sensação agradavel, ou quando o excita qualquer desejo. Mas, se o opprime o susto e o ameaça um perigo, a sua voz, começando por um som abafado e triste, vae-se erguendo pouco a pouco, e vibrante, até se assimilhar ao lugubre uivar do cão.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

MARCOS ANTONIO PORTUGAL

(Conclusão. Vid. pag. 334)

V

Por uma evasão prompta e inesperadamente resolvida, lográra o principe regente illudir os traiçoeiros projectos de Napoleão I, e subtrahir-se ao captiveiro que se lhe apparelhava. Velejando a refugiar-se nos estados do Brasil, deixára o velho Portugal nas mãos dos invasores, e entregue á mercê de futuras e incertas eventualidades. Aproando, depois de trabalhosa viagem, ao Rio de Janeiro, onde determinára assentar a séde da monarchia, começou de intender nas coisas do governo. Foram promulgadas leis, taes como as circumstancias as reclamavam, e creadas todas as instituições, que, supposto se tornassem indispensaveis pela transferencia da corte, como que importavam outros tantos incentivos para apressar a formal separação dos dois povos, constituindo logo aquelles estados em inteira e absoluta independencia da metropole.

Herdára o principe de seus avós a predilecção pela musica, mórmente pela sagrada, e era zeloso amador das ceremonias e exercicios do culto. Mal poderia, pois, deixar de recordar-se com saudade das sumptuosas festas que em Portugal fazia celebrar nas basilicas de Mafra e Ajuda, e no paço real de Queluz; festas em que o nosso Marcos ostentára tantas vezes os primores do estro na brilhante execução das suas composições musicaes!

Assim, um dos primeiros cuidados do regente foi o de dar ordem e regra á egreja cathedral do Rio, transformando-a em capella real por decreto de 25 de junho de 1808; e tomando para serviço da orchestra, em falta de outros melhores, os cantores e instrumentistas que por então lhe offerecia a nova capital. Para inspector de musica da mesma capella foi, por decreto de 4 de novembro seguinte, nomeado o padre José Mauricio Nunes Garcia, homem dotado de extraordinario talento e propensão para a arte, e que havia dez annos exercitava na sé as funcções de compositor e organista. Era acertada a escolha, e o nomeado não poupava diligencias e esforços para desempenhar-se e corresponder dignamente á confiança do soberano; porém havia mingoa de artistas habeis que podessem coadjuval-o, fazendo sobresair na execução as suas lidadas partituras.

Entretanto chegava ao Rio Marcos Portugal, que de Lisboa partíra, como dito fica, trazendo comsigo um bom numero de vozes e instrumentos. Apresentou-se ao regente, por quem foi acolhido com a mais graciosa e benevola affabilidade, lembrado, sem duvida, das horas agradaveis que tantas vezes lhe proporcionára em Mafra e em Lisboa.

Para logo mudaram as coisas de face na capella real. Marcos reassumíra o seu logar de mestre de capella, equiparado, portanto, a José Mauricio, e sendo ao mesmo tempo nomeado mestre da real camara. Tratou elle não só de sustentar os antigos creditos, mas de tirar do engenho recursos, com que patenteasse, em novos e melodiosos sons, que annos e trabalhos não tinham conseguido afrouxar aquella imaginação creadora.

Compoz pelo natal de 1811 para a capella do rei as matinas solemnes; e uma missa de grande instrumental, que foi celebrada n'essa festividade por modo que nada tinha que invejar ás solemnidades mais pomposas da patriarchal lisbonense, perfeita similhança das de S. Pedro de Roma, e a que para inteiro complemento apenas faltava que o proprio papa n'ellas pontificasse, rodeado do sacro collegio!

Pouco depois, inaugurando-se no Rio de Janeiro em 12 de outubro de 1813 o theatro de S. João, edificado a expensas de uma sociedade dos principaes negociantes d'aquella praça, foi Marcos escolhido para regente da orchestra, e ahi fez, segundo cremos, representar não só algumas de suas antigas operas, mas diversas peças que expressamente compoz para esse fim.

Foi tambem encarregado, conjuntamente com seu irmão Simão Portugal, da direcção do pequeno conservatorio de Santa Cruz, antiga fundação dos jesuitas, e destinado ultimamente pelo regente para a educação musical dos seus escravos negros. Graças aos cuidados dos mestres e ás boas disposições dos discipulos, saíram alguns d'estes capazes de occupar logares de musicos na orchestra da capella e theatro real, e até de executar uma ou mais operas que Marcos escrevêra de proposito para serem por elles desempenhadas [1].

Todos estes serviços eram tidos na devida conta pelo principe regente, depois rei D. João VI, o qual não deixava escapar occasião de mostrar-lhe a sua estima, e a consideração em que o tinha. Nomeou-o mestre de musica de seus augustos filhos, dando como tal lições ao principe herdeiro D. Pedro, e bem assim á esposa d'este, a archiduqueza D. Maria Leopoldina; á princeza da Beira D. Maria Theresa; e á infanta D. Maria Isabel, que morreu rainha de Hespanha. Diz-se que as dera egualmente á outra infanta, ainda hoje viva, a sr.ª D. Isabel Maria [2].

Por um novo testimunho da real munificencia, foi ainda condecorado pelo monarcha com a commenda da ordem de Christo; graça tanto mais de apreciar, quanto era n'aquelle tempo escasso o numero dos que a recebiam, recaíndo então, com raras excepções, sobre o merito real e bem provado. Outra distincção lhe

[1] Vid. Balbi, no *Essai statistique*, tomo II, pag. CCXIII e CCXIV.

[2] Vid. *Resumo dos privilegios e nobreza dos professores*, por Martins Bastos, a pag. 219 e seguintes.

veiu por essa epocha, e que devêra ser para elle da maior estimação. Foi a nomeação de membro correspondente do instituto nacional de França, cujo secretario, em officio de 30 de dezembro de 1815, acompanhava o annuncio da sua eleição com os mais lisonjeiros encomios, significando-lhe que os compositores francezes o reputavam como um dos homens que mais valiosos serviços haviam prestado ás artes.

Não é, pois, para estranhar que Marcos, justo avaliador do proprio merito, chegasse a julgar-se um artista consummado. Tinha, ao que se diz, seu tanto de vaidoso; e quando regia a orchestra comprazia-se em fazer sobresair a sua figura auctorisada, enthusiasmando-se a ponto de representar na egreja como se fôra em pleno theatro.

Outra fraqueza lhe notavam, que anda não poucas vezes annexa aos grandes genios. Era naturalmente ciumento de todos que davam mostras de extraordinario talento musical, e sobre tudo não podia perdoar aos compositores seus collegas. Olhava, pois, com desdem, ou antes com verdadeira emulação, para José Mauricio, em quem se persuadia ver um rival da sua gloria, e que, além d'isso, tinha a desgraça de ser homem de côr. Fazia-lhe soffrer desgostos e humilhações, que o honrado brasileiro supportava com paciente resignação; até que, conhecedor de suas virtudes, veiu Marcos a congraçar-se com elle ao cabo de alguns annos, tornando-se amigos sinceros até á morte, que arrebatou um e outro apenas com intervallo de dois mezes escassos [1].

Passou Marcos no Rio de Janeiro os ultimos vinte annos de sua vida, sem que jámais cogitasse de voltar a Portugal, sendo inteiramente falso o que em contrario se tem escripto ácerca da sua supposta vinda com el-rei D. João VI em 1821. Tambem o é, quanto podêmos crer, fundando-nos no veridico testimunho de pessoas que o conheceram no Brasil, o que se diz da pretendida viagem á Italia em 1815, para alli fazer representar uma opera que lhe attribuem, *Adriano in Siria*, composição, quanto a nós, mais que muito duvidosa.

Proclamada a independencia em 1822, Marcos, que tomára o Brasil por sua patria adoptiva, continuou no serviço do imperador, de quem se honrava de haver sido mestre. Porém este, apesar da affeição que lhe mostrava, entre outras reducções, a que deram causa os apertos financeiros do paiz, teve de cercear-lhe uma parte consideravel dos seus vencimentos; de sorte que o grande compositor, já entrado em annos, e com a saude deteriorada por excessivos trabalhos, teria de soffrer privações nos derradeiros dias, se lhe faltasse a hospitalidade que de muitos annos, e já em vida do marido, lhe franqueava a marqueza viuva de Aguiar. Em casa d'esta senhora veiu colhel-o a morte, fallecendo de apoplexia aos 17 de fevereiro de 1830, com 68 annos incompletos de edade. Sobreviveu-lhe a sua viuva; porém, se deixou ou não filhos, ponto é que não sabemos decidir, tendo ouvido affirmar egualmente o pró e o contra [2].

No dia seguinte foi o seu cadaver conduzido para o convento de Santo Antonio, de franciscanos da provincia do Rio de Janeiro. Ahi permaneceram seus restos esquecidos e ignorados por muitos annos, até serem casualmente descobertos pelo já por vezes citado sr. M. de Araujo Porto-Alegre, na occasião em que no referido convento dirigia inuteis pesquizas para achar os ossos, tambem n'elle depositados, de outro finado não menos illustre, o notavel orador e poeta brasileiro, padre Antonio Pereira de Sousa Caldas. Em ordem a prevenir novos e irreparaveis descuidos, o mesmo sr. Porto-Alegre fez encerrar a ossada em um caixão ou urna de madeira, que mandou fabricar para esse fim. N'ella se conservam ainda agora aquelles despojos inanimados, até que algum dos dois povos irmãos tome a cargo solver a divida de gratidão em que se acha para com Marcos Portugal, fazendo erigir monumento mais condigno á sua memoria.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

1 Morreu Marcos a 17 de fevereiro, e José Mauricio a 18 de abril do mesmo anno de 1830. Para a biographia d'este insigne compositor brasileiro, veja-se o seu elogio historico, que o nosso amigo e consocio, o sr. M. de Araujo Porto-Alegre, fez inserir na *Revista do instituto do Brasil*, tomo XIX, a pag. 354 e seguintes; e tambem o que a respeito d'elle escreve o sr. dr. Moreira de Azevedo no *Pequeno panorama do Rio de Janeiro*, vol. I, a pag. 264 e seguintes. Além de suas numerosas composições de musica sacra, em que mais primou, conta-se que escrevêra para o theatro de S. João *Le due gemelle*, e outra opera, que parece se perderam.

2 Consta que os seus papeis e composições foram pouco depois vendidos a peso aos fogueteiros e taberneiros do Rio de Janeiro! Das que existiam em Lisboa crê-se tambem extraviada a maior parte, sendo, comtudo, certo que algumas se venderam ha poucos annos para Inglaterra, onde foram mui bem pagas.

ILHA DO FAYAL — HORTA

ILHA DO PICO

(Conclusão. Vid. pag. 145)

Para complemento do que tinhamos a dizer relativamente á ilha do Pico, falta-nos fallar da famosa montanha que á ilha deu nome. Desejámos colher noticias minuciosas e exactas d'aquella formação volcanica, e n'esse intuito consultámos diversas obras, e interrogámos pessoas que nos pareceu poderiam esclarecernos e habilitar-nos para melhor nos desempenharmos da nossa tarefa. Infelizmente, nada conseguimos; e por isso limitar-nos-hemos a transcrever o que o auctor da *Historia insulana* nos diz, accrescentando ás palavras do bom padre Cordeiro as reflexões que a sua narrativa nos suggeriu.

«Levanta-se este Pico (falla o auctor citado) na ponta que a sua ilha faz para o poente, deixando quasi 15 legoas de terra de comprimento para o nascente, que a respeito do tal Pico se póde chamar terra plana, chã e corrente, posto que ainda tenha varias serras e montes ordinarios. O circulo do pé d'este Pico terá 3 legoas em roda, e fica mais perto do sul do que do norte, e tão perto do porto da Magdalena, que, contando a quasi legoa de mar, que da Magdalena vae até ao Fayal, ainda esta ilha do Fayal fica menos de duas legoas do pé do Pico; e a villa das Lages lhe fica atraz tres legoas pela banda do sul para o nascente; e todas estas tres legoas são de matos e arvoredos; e assim como para o poente fica bem ao pé do Pico o sobredito logar da Magdalena, assim para a parte do sul lhe fica, ao pé tambem, a freguezia e logar chamado de S. Mattheus, que está em os matos, e é de muita romagem, até de outras ilhas; e comtudo tem muitas colmêas, muito mel e muita cera este tracto.

«Sóbe, pois, este estupendo Pico, na mesma circunferencia de tres legoas, e uma de diametro, quasi legoa e meia ao ceo direitamente, e na mesma direitura, mas já com menos circulo, se levanta em segundo monte, outra legoa e meia em demanda direita ainda do ceo; e assim consta de dois montes, ambos uniformemente subindo um sobre o outro, e ainda o debaixo é tão alto, que excede os grandes montes de outras terras. Em o primeiro monte, que fica debaixo, ha ainda muito arvoredo, e pastos, e muitas fontes pequenas, e por isso os muitos gados o sobem todo, e em todo o anno, e os pastores com elles; e no verão se atrevem a subir parte do segundo monte, mas nunca chegam ao mais alto do segundo e ultimo monte, porque, posto que ainda n'elle lhes não falte agua e pasto, é já tudo tão delgado e subtil, que lhes não serve á nutrição natural, e menos o ar, já mais subtil para a natural respiração; e por isso, em entrando o inverno, todo o gado por si volta ao monte de baixo,

e n'elle se fica o inverno todo, com menos frios e mais aptos mantimentos.

«O segundo monte fica já tão excessivamente levantado, que até em grande parte do verão está tão alvo de saraiva, ou pedra do ceo miuda e de tal frio, que não só o mais sujeito logar da Magdalena, mas ainda a ilha do Fayal e a principal villa das Lages, com estar tres legoas distante, padecem grandes rigores de correspondencia tão aspera; porém a mais miuda e formada neve, não só em as ditas ilhas, mas nem em tal Pico, nunca jámais se viu, nem se sabe n'estas ilhas, que coisa seja neve; mas do tal segundo monte e do cume ultimo d'elle se vêem todas as nove ilhas terceiras, e não só até S. Miguel e Santa Maria, mas até ás ilhas das Flores e do Corvo, que do Pico distam quarenta legoas; e quem da coroa de tão alto Pico olha para baixo, vê andarem as nuvens lá em baixo sobre o primeiro monte inferior, e chover lá por baixo, sem cair agua então sobre o segundo monte, antes sentindo n'elle serenissimo tempo, ar delgadissimo, e delgadissimas aguas em diversas fontes, e ainda em a vital e melhor respiração difficuldade sensivel.

«Do tal Pico, em fim, diz Fructuoso (falla o padre Cordeiro) que é tão alto, que os mareantes e as outras ilhas o tem por sua melhor agulha de marear, que em seus presentes aspectos lhes mostra os imminentes tempos; porque quando está coberto de nevoas denota ventos mareiros, como sueste, sul e sudoeste; e quando todo descoberto indica oeste, noroeste e norte; quando tem uma barra branca de nevoa pelo meio, e tudo o mais de cima e de baixo descoberto, adivinha tempos léstes e nordestes; e se se vê todo limpo, e logo põe na cabeça algum capello de nevoa, prophetisa que o tempo se muda em breve a mareiro: e das ilhas mais distantes muitas vezes se vê predominando os ares com a cabeça posta sobre as nuvens, e estas em baixo adorando-o sobre a terra; e tão alto parece aos que estão perto d'elle, como aos que estão longe; e aos que ao mais alto d'elle chegam, então lhes parece ainda mais alto, sem poderem ainda bem comprehender sua altura.

«Não ha memoria ou signal de que em tal Pico houvesse alguma hora fogo algum, e só causam admiração as fontes que em todo elle, até no mais alto, nascem, e de agua excellente; e a razão natural já a apontámos na nossa *Philosophia*. Ha comtudo signaes, e ainda noticias, que muito fóra do tal Pico, quasi quatro legoas d'elle, e uma legoa do mar do norte, e haverá cento e cincoenta annos, no de 1572, a 21 de setembro, tremeu a terra no baixo da ilha por espaço de um terço de hora, e com taes estrondos, que pareciam grandes peças de artilheria disparadas; e logo em um lago e por cinco bocas arrebentou tal fogo, que d'elle e do polme ardente correu uma ribeira por espaço de uma legoa, até se metter no mar do norte, e no mesmo mar formou, com entrada n'elle de um tiro de arcabuz, aquelle grande caes de pedraria abrazada, do qual se serve a villa de S. Roque, que dista d'elle uma legoa; e affirma o douto Fructuoso que foi tão grande o fogo, que todas as mais ilhas terceiras se allumiaram com elle, e até na de S. Miguel fez da noite claro dia; e comtudo nem um minimo abalo se sentiu em o dito fatal Pico, contra cuja immensa machina nem o fogo se atreveu; e não ha memoria de outro tremor de terra, ou incendio, que em a tal ilha do Pico succedesse.»

É notavel a altura que Antonio Cordeiro assigna ao Pico. Tres legoas em *direitura ao ceo* é altura excessiva. Balbi dá-lhe 7:500 pés, mas indica por meio de um signal convencional ser este um dos pontos ácerca de cuja altura discordam muito os geographos e os viajantes. No *Diccionario* de Perestrello da Camara diz-se que a altura do Pico é de 1:096 braças; Maranhão dá-lhe 7:560 pés; e o *Annuaire du bureau des longitudes, pour* 1864, estima-a em 2:412 metros.

Convem não esquecer que uma das faltas dos antigos geographos, ora voluntaria e filha de injustificavel orgulho, ora involuntaria e procedente do atrazo das sciencias e da carencia de instrumentos, consistia em exaggerarem as dimensões das partes do globo que descreviam.

Esta circunstancia nota Balbi, e lamenta que viajantes pouco instruidos nas sciencias naturaes, e auctores enthusiastas dos antigos, prejudiquem ainda hoje a geographia, exaggerando as alturas das montanhas.

«Nicholls (diz Balbi) deu ao Pico de Teneriffe 15 legoas de altura, e Ricciols 10 milhas italianas, ou 50:000 pés, aproximadamente.

«Posto que (continúa o mesmo auctor) as avaluações modernas da altura d'esta montanha variem de 1:700 a 2:600 toezas, as de Borda, de Lamanon e de Cordier, feitas com bons barometros, e calculadas segundo a fórmula de La Place, variam apenas de 1:976 a 1:920 toezas.»

É, pois, para nós coisa indubitavel ter sido o padre Cordeiro mal informado ácerca da altura do Pico.

Tambem devemos notar a circunstancia de não vir citado na *Historia insulana* o volcão do Pico, e a insistencia do auctor em asseverar que nunca alli se vira fogo. Além do que a tal respeito atraz fica transcripto, citaremos ainda o titulo do capitulo de que aquellas passagens foram trasladadas, o qual reza assim: «Do altissimo Pico, e do tremor e fogo, *que não n'elle*, mas na ilha houve.»

É, pois, quasi certo que até 1717, anno em que a *Historia insulana* foi publicada, se não tinha mostrado o volcão que actualmente existe no cume da montanha de que nos occupâmos.

Paulo Perestrello da Camara, e Maranhão, que, ao que parece, copiou o primeiro, dizem que em 1720 houve no volcão do Pico uma tão forte erupção, que a inundação do fogo cobriu uma legoa em quadrado; e cinzas e pedras foram cair na ilha de S. Jorge, distante tres legoas.

Rebentaria o volcão do Pico em 1720? Não ousâmos affirmal-o; mas inclinâmo-nos a crer que sim.

O aspecto da montanha, que a gravura já publicada perfeitamente representa [1], excede em magestade e belleza quanto a lingua possa dizer. Erguendo-se arrogante a topetar com as nuvens; com o cimo ora toucado de nevoeiros, ora alvejando coberto de neve, ora vomitando fumo em espessas columnas, ora como que exhalando tenues vapores, e sempre com os flancos revestidos de corpulentos vegetaes, produz em quem a contempla impressões indefiniveis. SOUSA TELLES.

RIVALIDADES DAS CORPORAÇÕES EM FRANÇA NO SECULO XVIII

Em 1760, um chapeleiro, por nome Leprévost, pensou em fabricar chapeos com a seda. O bom exito da tentativa chamou os consumidores, e os consumidores grangearam a riqueza; porém á corporação dos chapeleiros não agradou o negocio, e multou Leprévost. Este quiz oppor-se a tão injusta decisão nos tribunaes, mas não foi attendido, e pagou a multa e as custas.

Para anniquilar o odio dos seus collegas, lembrou-se um dia de alcançar o cargo de chapeleiro da casa real. A corporação aproveitou novamente a opportunidade para o guerrear. Pouco tempo depois entravam nos depositos de Leprévost os privilegiados da classe, e destruiam alli mais de tres mil chapeos. Seguiu-se nova querela: no fim de quatro annos de processo, o inventor obteve licença para explorar o seu invento, mas quando já estava arruinado.

[1] Vid. pag. 145.



Cidade de Lamego

Nas faldas do monte de Penude, que é continuação da serra da Estrella, está edificada a antiquissima cidade de Lamego, em logar baixo, mas um tanto accidentado. Banham-lhe os muros as duas ribeiras de Balsemão e de Fafel. Dista do rio Douro 5 kilometros, 45 da cidade de Vizeu, 60 da cidade do Porto, 80 da cidade da Guarda, 110 de Coimbra e 280 de Lisboa.

Pela antiga divisão do reino, fica Lamego na provincia da Beira Alta. Segundo a divisão decretada pelo sr. D. Pedro, duque de Bragança, regente do reino, a qual principiou a vigorar em 1833, passou a fazer parte da nova provincia do Douro, creada pelo mesmo decreto. Na actual divisão do reino em dezesete districtos, pertence a cidade de Lamego ao districto administrativo de Vizeu.

Não se sabe como foi o principio, nem quaes os fundadores da cidade de Lamego. Pretendem alguns escriptores nacionaes, auctorisando-se com palavras de Strabão, que a cidade de Lamego deve a sua fundação aos gregos. Á falta de provas que lhe sirvam de fundamento, esta opinião é, certamente, inacceitavel. Porém, ainda que similhante origem seja fabulosa, basta, para seu lustre e para documento de muita ancienidade, saber-se que já existia no tempo dos romanos com o nome de *Lameca*.

Das poucas noticias que se encontram ácerca d'esta povoação, durante o dominio romano, ha quem conclua que era então terra pequena e insignificante. Todavia, forçosamente havia de ter alguma importancia, pois que ousou rebellar-se contra o jugo de Roma no reinado do imperador Trajano, que bem caro lhe fez pagar tamanha temeridade.

Destruido o imperio romano, e invadidas e conquistadas todas as suas provincias pelos povos septentrionaes, a quem os vencidos chamavam barbaros, a cidade de Lamego foi senhoreada pelos suevos. Desde então é que principiam a apparecer na historia da Lusitania noticias mais positivas d'esta terra.

Estando sujeita aos monarchas suevos, que tinham a sua corte na cidade de Braga, foi erigida em séde episcopal no concilio Lucence, celebrado no anno de 510 da era de Jesus Christo [1]. Não é preciso, certamente, melhor prova para demonstrar que n'essa epocha já era a cidade de Lamego uma povoação importante, pois que, se o não fôra, não seria elevada a tão grande honra.

No correr dos dois seculos que se seguiram até á invasão dos arabes, foi governado este bispado, sem interrupção, por oito bispos.

Lamego não offereceu resistencia aos sarracenos, como succedeu a quasi todas as terras da Lusitania, porque baldados seriam quaesquer esforços para embargar o passo triumphante aos invasores, depois de anniquilada a monarchia dos godos nos campos de Guadalete. Portanto, apenas constou que o inimigo se aproximava da cidade, fugiram quasi todos os seus moradores para as montanhas das Asturias, onde se foram reunir aos denodados companheiros do principe D. Pelaio, reliquias do exercito de D. Rodrigo, ultimo rei godo, e que não tardaram a ser os fundadores da monarchia leoneza.

Acompanhou os fugitivos o bispo de Lamego, e lá continuou, n'aquellas inhospitas serranias, a velar pelo seu rebanho como bom pastor. Consta de documentos authenticos que cinco prelados succederam a este, vivendo n'aquelle paiz com o titulo de bispos lamecenses.

1 Querem varios auctores que fôra creada aquella diocese muito anteriormente.

Deve suppor-se que os edificios da cidade pouco ou nada padeceriam com a entrada dos moiros, não só pela razão de terem fugido os habitantes, sem tentarem sequer defender a povoação, mas tambem porque os conquistadores logo a escolheram para assento da corte de um pequeno reino musulmano.

Começava a florescer, passado algum tempo, por meio d'esta preeminencia, sob o governo de um régulo, quando a tomaram á força de armas os descendentes de D. Pelaio e dos illustres foragidos das montanhas das Asturias, agora capitaneados por D. Affonso III, rei de Leão. Esta conquista, porém, foi ephemera. O régulo expulso em breve voltou com grandes forças sobre a cidade, reconquistando-a aos leonezes.

No seculo XI foi Lamego novamente resgatada para a fé christã. Os heroes d'esta empreza, valorosamente disputada pelos sarracenos, foram D. Fernando Magno, primeiro do nome, rei de Castella, e o intrepido Ruy Dias de Bivar, celebrado na historia da peninsula com o epitheto glorioso de *Cid Campeador*. Variam os chronistas no anno em que põem esta victoria. Diz a *Chronica dos godos* que se realisou no dia 29 de novembro de 1047. O historiador hespanhol Flores affirma que fôra em 1057. O que parece fóra de dúvida é que a cidade de Lamego era então governada por um régulo chamado Zadan Aben, e que el-rei D. Fernando Magno, reconhecendo a impossibilidade de assegurar aquella conquista, encravada em territorios musulmanos, concedeu paz e liberdade ao régulo vencido, deixando-o na posse dos seus estados mediante um tributo annual pago á corôa de Castella.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

ADÃO SMITH

(Vid. pag. 338)

III

Foi depois do seu regresso para a Escocia que Adão Smith travou amizade com David Hume.

Ainda que as idéas do sceptico illustre não conseguiram fazer-lhe esquecer as lições do sabio fundador da philosophia escoceza; ainda que Hutcheson continuou a ser o guia quasi constante que dirigiu Smith nas tortuosas veredas da philosophia, é certo que o trato intimo em que viveu com Hume exerceu nos seus estudos uma importante influencia. Como se a mesma divergencia de doutrinas philosophicas lhes tornasse necessaria a convivencia e robustecesse a affeição, estreitou-os promptamente sincera amizade, sem que por isso as convicções profundas e o amor da humanidade, que ennobreciam um, se entibiassem ante o scepticismo desabrido e reflectido, de que o outro se orgulhava.

Havia, porém, alguma força que os approximava, mais poderosa, de certo, do que essa desegualdade de pensar, incapaz por si só de alimentar duradoiras e solidas affeições. No caracter d'esses dois homens existiam realmente pontos de contacto, não obstante a profunda divergencia que apparentavam. A frieza do scepticismo de Hume não lhe era estorvo a que possuisse uma alma boa, generosa, sincera, despida de vaidades e de invejas, que perfeitamente se moldava ao caracter candido, nobre e enthusiasta de Adão Smith.

Em grande parte á amizade de Hume deveu Smith a predilecção pelo estudo dos assumptos economicos. Se nas lições de Hutcheson tinha encontrado já os primeiros lineamentos do maravilhoso quadro da sciencia economica que legou á posteridade, no conhecimento e nos escriptos de Hume fortaleceu-se-lhe o desejo de investigar as sendas ainda mal trilhadas, que o seu talento havia de tornar um dia em caminhos planos e a todos accessiveis. N'este respeito, pois, a par do unico capitulo consagrado pelo auctor do *Manual de philosophia moral* á economia politica, tem jus de figurar os nove discursos em que Hume, nos seus *Ensaios*, já em 1752 combatia as theorias erroneas do systema mercantil, o systema protector, e fixava os verdadeiros principios ácerca de differentes outros pontos da sciencia economica.

Durante tres annos viveu Adão Smith em Edimburgo, regendo o curso, que abrira, de rhetorica e de bellas letras. Os discipulos e os ouvintes affluiam de todos os pontos da Escocia — tanto a fama do joven professor de 25 annos rapidamente se propagava.

D'estas suas lições nada nos resta além das referencias que se encontram no *Curso de Rhetorica* do dr. Blair. Smith confiára-lhe um tratado manuscripto que sobre simillhante objecto tinha composto.

São amiudadas as citações que o Quintiliano escocez faz das lições de Smith, a fóra os muitos logares que parece averiguado elle transcreveu ou extractou sem o confessar. Se, pois, o livro de Blair teve fama européa, póde sem favor attribuir-se a Adão Smith parte do merecimento de uma obra que, a par da eloquencia como orador sagrado, grangeou ao seu auctor um nome respeitado na litteratura.

Em 1751 foi Adão Smith chamado a reger a cadeira de logica na universidade de Glasgow; e um anno depois, vagando, pela morte de Thomaz Craigie, a cadeira de philosophia moral, foi n'ella provido.

Grande satisfação devia ser para o discipulo de Hutcheson occupar o logar que durante dezoito annos illustrára com a sua palavra auctorisada o professor eminente a quem elle devêra, mais do que o ensino, a inspiração das sãs doutrinas que haviam de servir-lhe de norma durante a vida.

A sua principal ambição estava preenchida. Os treze annos que passou em Glasgow regendo a cadeira de philosophia moral foram, como elle proprio o confessou, os annos mais felizes da sua vida.

A fama do seu curso passou depressa além da Escocia, e de muitos pontos de Inglaterra concorreu a ouvil-o grande numero de estudantes.

As vantagens que lhe dava uma instrucção variada, muito superior á que geralmente podia alcançar-se então na Escocia, e o conhecimento das obras dos philosophos contemporaneos, habilitavam-n'o a continuar as gloriosas tradições que legára á universidade o fundador da philosophia escoceza. Como é natural, as suas opiniões tinham logo prompta voga, e eram objecto da discussão de todas as sociedades litterarias da Escocia. A admiração pelo illustrado professor chegava a ponto que até as mais insignificantes particularidades de pronuncia se tornavam objecto de moda e de quasi geral imitação.

Não se julgue que era pela dicção eloquente e elegante que o eximio successor de Hutcheson por tal fórma conciliava ouvintes e adeptos. A palavra não lhe occorria graciosa e fluente, e mal conseguiria elle levantar o auditorio em um d'esses momentos de enthusiasmo que sabem excitar os grandes oradores.

Era, porém, tal a clareza, destituida de affectação, com que expunha as suas lições; o interesse que tomava pelo objecto sobre que discursava era tamanho; tão sincero o empenho que punha em tornar accessivel aos mais humildes de intelligencia os principios que desenvolvia; n'uma palavra, a abundancia e a lucidez das suas demonstrações eram tão admiraveis, que todos os que o ouviam pendiam dos seus labios, seguindo attentos o encadeamento de raciocinios, que a todos faziam evidentes as verdades que elle assentava.

«Cada um dos seus discursos (diz-nos Dugald Ste-

ward; fundando-se no testimunho de um discipulo de Adão Smith) consistia geralmente em diversas proposições distinctas, que elle se propunha provar e esclarecer successivamente. Estas proposições, enunciadas em termos genericos, afiguravam-se á primeira vista, pela extensão do assumpto que abrangiam, por vezes como paradoxaes. Frequentemente, esforçando-se em desenvolvel-as, parecia a principio vacillante, como se estivera embaraçado e pouco senhor do assumpto. Mas, á medida que proseguia na exposição e que a materia se accumulava diante d'elle, a sua palavra animava-se, e a dicção tornava-se-lhe facil e abundante. Nos pontos delicados e controvertiveis percebia-se claramente que lhe occorria á mente o pensamento de uma opposição ás suas opiniões, e que se julgava por isso obrigado a sustental-as com mais energia e violencia. A abundancia e a variedade das suas explicações e dos seus exemplos augmentavam a importancia do objecto á medida que elle discursava; pelo que, sem repetir as idéas, dava ao assumpto extensão e magnitude taes, que prendiam a attenção do auditorio. A instrucção alliava-se, portanto, o prazer de o ouvir desenvolver a mesma materia sob uma grande variedade de aspectos, retomando, por ultimo, sem se afastar nunca do caminho traçado, a proposição primitiva, ou a verdade geral de que partira, e de que soubera tirar tão interessantes corollarios.»

O curso de Adão Smith na universidade de Glasgow era dividido em quatro partes: a theologia natural, a ethica, o direito civil e politico, e a economia politica. Das materias comprehendidas sob os titulos de ethica e de economia politica dão-nos segura informação as duas obras que conquistaram a Adão Smith um nome immortal como philosopho, e especialmente como economista. É bastante, por certo, o que nos legou o illustre professor de Glasgow para lhe assegurar a admiração da posteridade; mas nem por isso póde deixar de lamentar-se que se perdessem para a sciencia e para a philosophia os manuscriptos preciosos em que estavam reunidas as lições sobre theologia natural e direito civil e politico.

Foi durante os doze annos em que regeu a cadeira de philosophia moral na universidade de Glasgow que Smith reuniu os elementos das suas duas notaveis obras: *Theoria dos sentimentos moraes (The theory of moral sentiments)*, e *Investigações sobre a natureza e as causas da riqueza das nações (An inquiry on the nature and causes of the wealth of nations)*. A primeira foi publicada ainda durante aquelle periodo, por isso que appareceu á luz em 1759.

A publicação da *Theoria dos sentimentos moraes* levou depressa a toda a Inglaterra, e até mesmo ao resto da Europa, o nome do philosopho que, continuando Hutcheson, acabava de dar novo lustre a essa philosophia do bom senso, que pouco depois encontrava em Reid o seu mais notavel campeão.

Parece que foi depois da publicação d'esta obra que Adão Smith começou a dar maior desenvolvimento á parte do curso que se referia á economia politica. Incitou-o talvez a isso, além do amor que tinha já a esta ordem de estudos, o desejo de ser util á classe commercial de Glasgow, cidade já então importante, e notavel principalmente pelo seu commercio externo. Smith havia-se relacionado com alguns dos principaes commerciantes, sendo provavel tambem que n'esta convivencia colhesse valiosos esclarecimentos sobre o commercio, e achasse meios de verificar praticamente algumas das suas theorias economicas.

Em 1763, Carlos Townsend, rico inglez casado com a duqueza de Buccleug, viajando na Escocia, visitou de proposito Glasgow, desejoso de travar conhecimento com o homem cujo nome ouvia repetir por toda a parte com o maior elogio. Havia muito que elle proprio consagrava ao illustrado professor a mais elevada admiração. Desde que Adão Smith publicára a *Theoria dos sentimentos moraes*, manifestára Carlos Townsend desde logo o desejo de lhe confiar a educação de seu filho, o duque de Buccleug.

A guerra que durante tanto tempo ensanguentára a Europa havia terminado pela paz assignada em Paris em fevereiro d'aquelle anno. Carlos Townsend, desejando que seu filho aproveitasse a occasião favoravel que se offerecia de visitar o continente, e reconhecendo que não podia dar-lhe melhor guia do que o eximio professor, fez a Smith generosos offerecimentos para que elle acompanhasse o joven duque em uma excursão pela Europa. Cedeu Smith ás propostas que lhe foram feitas, e renunciou a cadeira de philosophia moral. No ultimo dia de lição, conta-se que mandou fazer a chamada de todos os estudantes, e a cada um d'elles entregou as sommas que havia recebido, dando como razão do seu procedimento não ser justo acceitar-lhes qualquer paga, visto ficar incompleto o curso.

A universidade de Glasgow consignou nos seus annaes o sentimento que lhe causava a falta do illustre professor. Depois de fazer justiça ás suas virtudes e ao seu caracter, registava ella do seguinte modo o apreço que fazia da sua intelligencia e do seu merito como professor:

«O notavel talento que possuia de derramar luz sobre as questões mais abstractas, a sua assiduidade em diffundir os conhecimentos uteis, e o escrupuloso cumprimento dos deveres do seu cargo, proporcionavam, a par do deleite, uma instrucção solida aos mancebos entregues á sua direcção.»

No mez de março de 1764 embarcaram Adão Smith e o joven duque de Buccleug em direcção ao continente.

Se foi importante, como veremos, a influencia que teve esta viagem na vida e nos estudos de Adão Smith, não devemos esquecer-nos de que o merito das suas obras provém, em grande parte, de se ter elle por tanto tempo exercitado no ensino das doutrinas que haviam de constituir os seus livros justamente afamados.

É á mesma circunstancia favoravel, que se deu com todos os homens notaveis da eschola escoceza, que esta deveu o bom senso que predomina nas suas doutrinas.

Confirma isto mais uma vez a opinião de que é notavelmente salutar a influição do ensino, principalmente para os que intentam propagar idéas novas. Quantos livros deixariam talvez hoje de nos aborrecer, se os seus auctores houvessem sido obrigados, antes de os escrever, a professar as theorias que legaram á posteridade, vaga e obscuramente formuladas!

(Continúa) T. DE C.

SÉ DE EVORA

A CAPELLA-MÓR

(Vid. pag. 97)

II

Corre em tradição que, tendo-se arruinado a capella-mór primitiva, edificada com o restante do templo pelo bispo D. Payo nos fins do seculo XII, a renovára o bispo D. Durando, antecedentemente ao anno de 1285, em que falleceu. A essa noticia deve ter servido de fundamento a inscripção gothica da lapida que estava n'uma das paredes da capella-mór, d'onde, no seculo passado, foi trasladada para a capella do Sacramento, na qual ao presente se conserva. Deparando-se-nos erros graves na cópia e na traducção que d'aquelle latim barbaro deram os padres Fialho e Fonseca, e não nos parecendo, demais, admissivel que em menos de um seculo se arruinasse a capella-mór,

tendo sido a egreja construida com a solidez que lhe vemos, pedimos a um nosso amigo, muito perito na leitura de letras antigas, para nos decifrar a inscripção. E de tal modo o fez, que nos confirmou as dúvidas que se nos haviam suscitado, auctorisando-nos para rejeitar a tradição, destruido o seu fundamento provavel [1].

O conego D. João da Annunciada, que não podia ignorar a existencia da tradição e da lapida, que, segundo parece, lhe deu origem, cortou o nó gordiano, guardando absoluto silencio a este respeito na *Descripção da egreja cathedral de Evora*, que publicou em 1844. N'esse folheto, em que se encontram algumas noticias curiosas juntamente com muita frivolidade, começou o auctor a historia da capella-mór no anno de 1570, quando o arcebispo D. João de Mello mandou recuar o altar-mór, que, ao uso antigo, estava no meio da capella.

Era esta assás pequena em proporção do corpo da egreja, sem ao menos ter o espaço bastante para se celebrarem condignamente as solemnidades religiosas. A reedificação, porém, demandava tamanha despeza, que nenhum dos prelados que cingiram a mitra eborense se animou a emprehendel-a até ao anno de 1703, em que morreu o arcebispo D. Luiz da Silva, deixando em testamento 17:000 cruzados para a obra. Guardou-se o dinheiro em deposito por espaço de doze annos, e, fallecendo ao cabo d'elles, em 1715, o arcebispo D. Simão da Gama, ficou a sé vaga até ao anno de 1741, a fim de se ajuntarem os rendimentos da mitra áquelle legado, quantia muito inferior á que era indispensavel para a reedificação.

Em outubro de 1716 veiu el-rei D. João v a Evora e visitou a sé, onde o cabido lhe propoz este negocio, como o que mais interessava n'esse tempo á egreja metropolitana. Viu o monarcha diversos planos e orçamentos que lhe apresentaram, sem que de nenhum se contentasse. O que talvez parecia já excessivamente grandioso ao cabido era acanhado e pouco para a magnificencia do fundador de Mafra.

Ao architecto d'este sumptuoso edificio, João Frederico Ludovici, incumbiu D. João v de traçar o plano da nova capella-mór da sé de Evora. Desempenhou-se o artista de modo que deu mais uma prova do seu grande talento, e do muito que se elevava acima dos architectos italianos contemporaneos, em cujas obras se vê o principio da decadencia da arte. Sem adoptar um estilo differente do de Bernini, Borromini e Pozzo, corrigiu-lhes os maiores defeitos, aproximando-se assim mais dos grandes modelos do seculo xvi.

A capella-mór da sé de Evora é a obra prima de Ludovici, e principal monumento da sua gloria. Se não tem comparação nas dimensões com o palacio e convento de Mafra, leva-lhe grande vantagem na fineza da pedraria e na elegancia da architectura. É tal a belleza e a combinação das côres dos marmores, lustrosos como espelhos, tão bem proporcionadas as partes, tão harmonico o todo, que os olhos se deleitam a contemplar aquella graciosa perspectiva, sem encontrarem uma só peça que melhor parecesse de outro modo imaginada. O espirito vê alli evidente e manifesta a perfeição da arte.

O vão da capella-mór é como uma das quatro partes que resultariam da divisão de um ellipsoide por dois planos que, passando pelos dois eixos, se cortassem perpendicularmente. Pavimento, paredes, abobada, ornatos, tudo é coberto de marmores finos bem lavrados e polidos. Em cima de um socco geral, liso, tão preto como azeviche, que guarnece todas as paredes interiores, rez do chão, assentam os pedestaes, que, com seus dados de marmore bardilho, e golas e filetes brancos, formam o primeiro corpo, ou inferior, bem distincto do segundo, ou médio, a que serve de base. N'este segundo corpo sobresaem muitas pilastras e columnas, cujos plintos são amarellos com toros e filetes brancos, os fustes de marmore bardilho, e os capiteis, de ordem composta, de marmore branco primorosamente lavrado.

A côr escura das pilastras e das columnas destaca em fundos de marmore rosicler, onde preenchem os espaços maiores molduras de marmores preto, branco, verde, amarello e côr de rosa. Os ornatos são todos brancos, e representam em alto relevo anjos, folhas e flores. Sobresaem na parte média de cada parede grandes misulas de marmore branco, em que se estriba de cada lado um coreto com seus antepeitos e ornatos de talha doirada.

No fundo quatro columnas enormes, monolithas, de marmore bardilho reticulado, molduram magestosamente o altar-mór. As duas da parte de dentro são as mais bellas de todas pela fineza e lustre da pedra.

Ao segundo corpo serve de coroa e remate um grande e formoso entablamento com a architrave e cornija brancas, e o friso côr de rosa. D'aqui se levantam a convergirem para o alto e para o centro as pilastras e os arcos que sustentam e dividem a abobada, fazendo logar a quatro janellas de cada lado. Além d'estas oito janellas, ha outras duas no corpo médio junto do altar-mór.

Por cima de cada coreto encurva-se o entablamento formando um arco. No do lado do Evangelho estão assentadas as estatuas da Fé e da Caridade; no outro as da Esperança e da Religião; no fundo, sobre o altar-mór, dois anjos ajoelham-se reverentes á imagem de Jesus Christo pregada n'uma cruz colossal. Todas estas figuras são de marmore branco, excepto a cruz, que é de madeira de cedro pintada da mesma côr. Os bustos de S. Pedro e de S. Paulo, tambem de marmore branco, estão por cima das portas de marmore preto que ficam de um e de outro lado do altar-mór, por baixo das janellas correspondentes.

O pavimento é de mosaico de marmores não polidos, cujas côres, branca, preta, rosea e amarella, foram combinadas com graça e symetria, como n'um tapete de variegado matiz.

Em cima do altar-mór, e por detraz do crucifixo de que fallámos, vê-se um espaço grande, escuro, sem brilho, e que facilmente se conhece não ser de marmore. Convem advertir que em todo o interior da capella-mór não ha outra parte, senão esta, que não seja d'aquella materia. Era uma janella maior que as outras que Ludovici deixára n'aquelle sitio para fazer destacar no azul do ceo o symbolo da redempção. Foi uma idéa sublime e arrojada, que, de per si só, patenteia o genio do artista. Não a comprehenderam, porém, no seculo passado os conegos da sé, que, incommodados com a copiosa luz que lhe entrava pela capella-mór, mandaram tapar a janella com alvenaria e pintar o reboco de pós de sapato, para imitar o marmore bardilho!

Fazemos justiça ao actual cabido suppondo que é sua intenção reparar aquella grave offensa ao bom gosto, e que reconhece que não ha obra mais necessaria no templo que a restauração da janella da capella-mór, bem como a das ogivas do zimborio, que foram egualmente tapadas de pedra e cal. Pareceria mais

1 Eis aqui a interpretação e traducção do sr. Manuel da Cruz Pereira Coutinho, distincto paleographo conimbricense:

Quam: locufletavit: præcibus: ædificavit:
hanc: præsul: sedem: Durandus: quem: tenet:
hunc: sublimatum: salvator: et incipiavit:
lutus: absque: mora: placiti: sic: posteriora:
cernentes: lapidem: dicant: Deus: hinc: miserere:
noscentes: vere: quid: venient: ad: idem:
annis: millenis: ter: centum: bis: que denis:
uno: decessit: aprilis: luce: secunda:

«Aos 2 de abril do anno de 1321, chamou o Salvador para a gloria o prelado Durando, que edificou e enriqueceu por meio de esmolas esta sé. Todos voluntariamente se vestiram de lucto. Assim, todos os que de futuro virem esta lapida, e os que d'ella tiverem conhecimento, digam: O' Deus, tende misericordia d'elle.»

lamentavel a falta de outro tempo, se hoje a emenda não fôra tão facil, por se destinar annualmente uma somma grande para a conservação da cathedral eborense.

(Continúa) A. Filippe Simões.

CASAMENTO DEL-REI D. AFFONSO III

EM SEGUNDAS NUPCIAS E EM VIDA DE SUA PRIMEIRA MULHER, COM D. BEATRIZ DE CASTELLA

I

O caso que vamos referir constitue um dos successos mais extraordinarios do reinado del-rei D. Affonso III. E se bem se pesarem todas as circunstancias que o acompanharam e o resultado que teve, póde-se dizer, seguramente, que foi um dos acontecimentos mais importantes, e unico no seu genero, que a Europa presenciou em todo o curso do seculo XIII.

Para que os nossos leitores apreciem devidamente toda a importancia do successo, é mister que lhes exponhamos, embora em abbreviado quadro, as razões e a maneira pelas quaes o conde de Bolonha foi elevado ao throno de Portugal.

II

Baixando ao tumulo el-rei D. Affonso II, deixou, entre outros filhos, os infantes D. Sancho e D. Affonso. Aquelle succedeu na coroa a seu pae, com o nome de D. Sancho II; este passou a França, onde casou com a condessa de Bolonha, cujos estados governou durante annos conjuntamente com sua mulher.

A lucta travada entre o poder real e o theocratico



D. Beatriz de Castella, rainha de Portugal

no reinado anterior rebentou com mais força sob o sceptro de D. Sancho II. As determinações régias, coarctando certas immunidades ecclesiasticas, e restringindo o seu excessivo poder, excitaram de novo as paixões, apenas adormecidas pelo fallecimento de D. Affonso II, e provocaram resistencias, que desde logo assumiram o caracter de graves discordias.

Uma paixão amorosa, uma louca imprudencia do moço rei, forneceu ao clero irritado o pretexto para levantar a bandeira da revolta, que attrahiu em torno d'ella quasi toda a nobreza do reino.

Os amores e consorcio [1] de D. Sancho II com D. Mecia Lopes de Haro, a formosa filha de D. Lopo Dias de Haro, conde e 11.º senhor de Biscaya, ferindo o orgulho da fidalguia portugueza, e accendendo-lhe no peito a inveja e o ciume, pozeram a nobreza á disposição do clero na sua campanha contra o throno.

[1] Este consorcio é contestado por varios escriptores.

A balança dos destinos estava, pois, pendida em desfavor da realeza. N'aquella epocha, em que o principio popular tinha tão pouca valia no regimen do estado, o peso de uma coroa, por mais refulgente que fosse e por mais poderosa que se ostentasse, não podia contrabalançar a preponderancia dos dois principios, theocratico e aristocratico. Quando estes se uniam contra o poder real, qualquer que fosse o campo da batalha, certa era a victoria dos alliados.

Recorreram, pois, os nobres e o clero ao summo pontifice, que então era Innocencio IV. Este de bom grado deferiu á supplica, accrescentando ás censuras que fulminára Urbano III contra o rei, e ao interdicto que lançára no reino, a absolvição do juramento de fidelidade que os portuguezes tinham prestado a el-rei D. Sancho II, a deposição d'este infeliz monarcha, e o chamamento de seu irmão, o infante D. Affonso, conde de Bolonha, para governador e regente do reino.

O infante não se fez esperar muito tempo. Abandonando apressadamente a esposa e os seus estados, veiu collocar-se á frente dos portuguezes rebellados contra o seu soberano.

A sorte das armas foi contraria a el-rei D. Sancho II. Repellido de terra em terra, quasi só, lá foi refugiar-se em Castella, fallecendo pouco depois na cidade de Toledo, em triste desamparo, sem mais consolação na desgraça que a lembrança dos dois nobres exemplos de lealdade e de corajosa dedicação, praticados a prol dos seus direitos por D. Martim de Freitas e D. Fernando Rodrigues Pacheco na gloriosa defensa dos castellos de Coimbra e de Celorico.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

A SATYRA MENIPPÉA

(Conclusão. Vid. pag. 341)

II

No artigo antecedente indicámos as circunstancias historicas que deram origem á *Satyra Menippéa*, e o que de mais averiguado consta ácerca dos seus auctores.

Vamos agora dar uma muito resumida noticia da obra, em si mesma.

A *Menippéa*, verdadeira comedia de costumes, é precedida de um prologo, no qual estão em scena dois charlatães, apregoando uma droga de maravilhosa virtude, recentemente fabricada por inspiração jesuitica, e muito superior á pedra philosophal. Este electuario, denominado *Catholicon*, mas de maior valia que o de Roma, tem um sem numero de virtudes, que o conego Le Roy inventariou. D'essas virtudes podémos formar juizo pela seguinte:

«Não tenhaes religião; zombae quanto quizerdes dos padres e dos sacramentos da egreja, e de todo o direito divino e humano; comei carne na quaresma, a despeito dos preceitos da egreja; pois que, para terdes absolvição, não necessitaes de outro condimento mais do que meia drachma de *Catholicon*.»

N'este tom de ironia apresenta a *Menippéa* o espirito geral da *Liga*, facção miseravel, que dissimulou os vicios e os crimes com a capa da religião, e os metamorphoseou em gloria e honra.

N'este tom de ironia arranca a *Menippéa* as mascaras aos hypocritas, dissipando as apparencias fallazes, e conduzindo os leitores a uma apreciação justa das coisas e dos homens.

Mas não bastava stigmatisar o espirito geral da *Liga*, era indispensavel pintar cada um dos ambiciosos e hypocritas que n'aquella facção figuraram. D'est'arte, e só assim, poderia conhecer-se os pensamentos, e os interesses que inspiravam e moviam individualmente aquelles perturbadores da paz, verdadeiros incendiarios de todo o reino.

A *Menippéa* introduz na sala dos estados os principaes caudilhos da *Liga*, e na boca de cada um d'elles vae pondo a expressão da verdade, do modo mais comico que imaginar-se póde.

Assim, por exemplo, o duque de Mayenne, chefe nominal da *Liga*, logar-tenente do reino e da coroa de França, rompe n'estes termos o seu discurso:

«Senhores! Testimunhas sereis todos de que, desde o momento em que peguei em armas pela santa *Liga*, tive sempre a minha conservação em tamanho preço e cuidado, que de todo o coração preferi sempre o meu interesse á causa de Deus, o qual bem póde guardar-se a si mesmo, sem o meu auxilio, e vingar-se dos seus inimigos.»

Este exordio revela desde logo o que será o discurso. O duque vae contando os desaguisados que lhe hão succedido, os intentos interesseiros que a elle e aos da facção moveram sempre, o desprezo real da religião dissimulado com apparencias hypocritas, etc. «Pela nossa diligencia conseguimos que este reino, outr'ora um voluptuoso jardim de prazer e de abundancia, se convertesse n'um grande e amplo cemiterio universal, cheio de innumeras e bellas cruzes pintadas, de tumbas, de forcas.»

Ha n'aquelle discurso engraçadissimos rasgos, que ainda hoje, e até a estrangeiros, agradam muito. O duque de Mayenne diz com emphase:

«Alevantei esse poderoso e glorioso exercito de velhos soldados bellicosos, e o conduzi com grande ordem e disciplina direitamente a Tours, onde cuidei que poderia vir a dizer, como um Cesar christão: *Vim, vi, e venci!* Mas aquelle fautor de hereticos (Henrique III) mandou vir pela posta o Bearnez (depois Henrique IV), pelo qual eu não quiz esperar muito de perto, nem vêl-o de frente, com temor de ser excommungado.»

Os da *Liga* desejavam que a paz se não restabelecesse, e que o rei de Navarra se não convertesse ao catholicismo. A este proposito é muito engraçado o que a *Menippéa* põe na boca do duque de Mayenne:

«Preveis muito bem, senhores, os perigos e os inconvenientes da paz, pois que põe ella tudo na ordem, e dá a cada um o que de direito lhe pertence; e é por isso que mais convem impedil-a do que pensar n'ella. No que me toca, juro-vos, pela cabeça do meu filho primogenito, que não me inclino para a paz, antes estou d'ella tão arredado como a terra o está do ceo. Ainda que fingi desejar a conversão do rei de Navarra, peço-vos me acrediteis, nada me é menos agradavel do que isso; e mais quereria ver mortos minha mulher, meu sobrinho, todos os meus primos e parentes, do que ver o Bearnez na missa.»

Quando o duque de Mayenne acabou de fallar, alevantou-se o deão de Sorbonna, datario do legado do papa, e disse em alta voz:

«Humiliate vos ad benedictionem, et postea habebitis haranguam.»

Então monsenhor o legado, lançando tres profundas e copiosas bençãos, começou a fallar em italiano d'este modo:

«In nomine patris, etc. Io mi rallegro, e son quasi fuora di me stesso (ò signori, e populi, piu catholici che i medesimi Romani) divedervi qui collegati per un soggetto tanto grande, e catholico: ma d'altra parte mi truovo molto sbigottito di sentir tante opinione balorde fra voi altri Ligouri catholici, e mi pare che quella antica fattione di neri e bianchi rinasce: percio che l'uni domandano bianco, e gli altri il nero. Ma una sola cosa mi pare necessaria à la salute delle anime vostre: cio è, di non parlar mai di pace, e manco procurarla, che prima tutti gli Francezi non siano morti, à guiza di Macabei, e uccisi valorosamente come fù Samsone, fracassati e sotterrati trà le ruine di questo cattivo paradiso terrestre di Francia, per gorder piu presto la quiete immortale del paradiso celeste. Guerra dunque, guerra, ò valenti e magnifici Francesi, perche mi pare quando si ragiona della pace e si parla di trega con questi porfanti heretici manigoldi, che mi sia dato un servitial d'inchiostro: considerando che molto meglio è per la quiete d'Italia, e la securità della santa sede apostolica, che i Francesi e Spagnuoli guerreggiano tra loro in Francia, ò veramente in Fiandra per la religione, ò la corona, che in Italia per Napoli ò Milano: perche per vi dir il vero, non se ne cura il santissimo padre di tutti patri vostri; se non à tanto che li tocca di non esser spogliato d'annate e commende, e altri espeditioni che si fanno in Roma con oro e argento vostro. Date quanto volete le anime vostre al demonio inferno: poco gli è; proveduto che gli sia che le provende di Bretagna, e la reverentia antica, debita a sua santità, non gli mancano, etc.»

Como se dissesse:

«Em nome do Padre, etc. Regozijo-me e quasi que me sinto fóra de mim (ó senhores e burguezes, mais catholicos do que os proprios romanos) ao ver-vos aqui reunidos para um fim tão grandioso e tão catholico. Mas, por outro lado, estou por extremo aturdido de ouvir tantas opiniões-estultas, quaes as que se alevantam d'entre vós, homens da *Liga*. Afigura-se-me ver renascer a antiga facção dos *negros* e dos *brancos;* pois que uns de vós pedem *branco*, e outros *negro*. Uma só coisa, porém, me parece necessaria para a salvação das vossas almas, e vem a ser que jámais falleis de paz, e muito menos que n'ella penseis, em quanto todos os francezes não tiverem morrido, á similhança dos Macabeus, e não se fizerem matar como Samsão, esmagados e enterrados nas ruinas d'este ruim paraiso terrestre de França, para mais depressa gozarem o repoiso eterno do paraiso celestial. Guerra, pois, guerra, valorosos e magnificos francezes! Ouvir fallar de paz ou de trégoas com aquelles scelerados hereges, parece-me o mesmo que um clyster de tinta; e maiormente porque aproveita mais á tranquillidade da Italia e á segurança da santa sé apostolica, que os francezes e hespanhoes se guerreiem na França ou em Flandres, pela religião ou pela coroa, do que na Italia a favor de Napoles e de Milão. Para vos fallar verdade, ao santo padre não dão muito cuidado as vossas desavenças, comtanto que o não despojeis das annatas e das commendas, e de outros despachos que se pagam em Roma com o vosso oiro e com a vossa prata. Dae as vossas almas a todos os demonios do inferno, se assim vos aprouver; pouco se lhe dá, comtanto que as *provendas* de Bretanha e a reverencia devida a Roma não lhe faltem, etc.»

Diversos outros discursos são proferidos na assembléa, todos notaveis pelo tom faceto, pelo artificio engenhoso com que cada um dos heroes da *Liga* patenteia as hypocrisias e maleficios da facção ambiciosa. As allusões mais pungentes, de que abundam os discursos, referem-se a pessoas e a factos reaes, que as notas da edição que tenho presente nomeiam e explicam. A final encontra-se o discurso de d'Aubray, orador do estado dos povos, obra do intelligente e honrado Pedro Pithou. A respeito d'este discurso diz mr. Eugène Géruzez:

«Esta oração é não só uma obra de alta eloquencia, senão tambem um documento historico de primeira ordem, que tanto importa como um protesto do bom senso, indignado contra as sanguinolentas loucuras e impudentes hypocrisias da facção dos *Dezeseis*, dos pretendentes á coroa, e dos emissarios intrigantes da Italia e da Hespanha. Todos os falsos pretextos de bem publico e de interesse religioso são pulverisados, podendo ver-se, na sua nudez, as molas reaes que moviam os actores do drama, quaes eram a ambição, a avidez e a vingança.»

Todos os bons criticos francezes tem elogiado, como que á porfia, a *Satyra Menippéa*.

Apontarei o juizo que Saint-Marc Girardin exprimia:

«N'este livro (diz elle) cada um dos actores tem uma parte de verdade contemporanea, que marca a sua data e o seu nome, e uma parte de verdade abstracta e philosophica, que lhe communica um tanto de eterno. É por este titulo que a *Menippéa* vem a ser mais que um pamphleto, pois que os pamphletos só pintam os trajos e as exterioridades. A *Menippéa*, verdadeira comedia, penetra no intimo do homem, e, apresentando os ridiculos da epocha, mostra e faz sobresair as paixões eternas da nossa natureza.»

Com razão diz mr. Charles Labitte que o logar da *Menippéa* está para sempre marcado, na lingua franceza, entre Rabelais e Pascal; é a continuação do primeiro, e presagía o segundo; é a transição entre *Gargantua* e as *Provinciaes*.

Logo no primeiro artigo apontei as fontes do meu estudo; e agora, para maior facilidade dos leitores, vou mais desenvolvidamente indicar-lhes as duas obras que principalmente podem consultar:

Histoire de la littérature française depuis ses origines jusqu'à la révolution, por Eugène Géruzez.— N'este livro, premiado pela academia franceza, encontra-se uma succinta, mas muito bem traçada analyse da *Menippéa*.

Satyre Ménippée de la vertu du Catholicon d'Espagne et de la tenue des États de Paris; nouvelle edition acompagnée de commentaires, et précedée d'une notice sur les auteurs; por mr. Charles Labitte. Paris, 184.

Foi esta a edição que tivemos sempre diante dos olhos, e é um excellente guia. Mr. Labitte apresenta uma noticia muito interessante ácerca dos auctores da *Menippéa;* ao passo que a edição contém commentarios que esclarecem tudo o que necessita de explicação, em quanto ás pessoas e acontecimentos da *Liga*.

José Silvestre Ribeiro.

OS CASTORES

(Conclusão. Vid. pag. 347)

É maio o mez dos amores para o castor; e em julho a femea augmenta a familia com dois filhinhos, algumas vezes, poucas, com tres, e tambem com quatro, mas raras vezes. Tendo dois ou quatro, saem sempre acasalados, macho e femea. Até á edade de dois ou tres annos vivem juntos com os paes; mas logo que, a seu turno, se dispõem a ser chefes de nova familia, tratam de construir habitação independente, que vão estreiar, quasi sempre, ao mesmo tempo que a natureza os investe das honras da paternidade. A Providencia, como para os acostumar pouco a pouco aos cuidados da prole e aos mais encargos da familia, não permitte que a femea, nos primeiros tempos, tenha mais que um filho de cada vez.

Os costumes dos castores variam bastante, segundo a região que habitam. A descripção que temos feito refere-se aos castores que vivem nos rios e lagos dos Estados Unidos, e nos bancos da Terra Nova. Ahi é que se póde ir observar e admirar o poder da sua industria, e o assombroso quadro de vida patriarchal, que estes animaes offerecem ao viajante attonito.

Os castores que existem em França e em outros paizes da Europa central não costumam construir moradas nem diques; contentam-se em ter covis por habitação. Pouco mais industriosos são os da Laponia e da Russia, pois se limitam a fazer duas covas, uma na margem, e acima da superficie do rio ou lago, e outra debaixo d'agua, reunindo-as por meio de um como corredor ou galeria. Na Luiziania e nas outras mais partes da America, exceptuando as que acima mencionámos, os castores vivem tambem em familia, mas não constroem moradas nem diques, como os dos Estados Unidos e Terra Nova. Habitam em covas nos sertões ainda não devassados pelo homem, pois que, desde o momento em que o presentem, buscam em novas solidões mais seguro escondrijo.

Estas particularidades são mui dignas de attenção e estudo, e servem de prova aos que sustentam a opinião de que o instincto se póde aperfeiçoar até chegar á meta da intelligencia. Entretanto, sejam quaes forem as conclusões que se tirem dos raciocinios que similhante questão suscita, é certo que tão grande differença de instincto entre animaes da mesma especie, e apenas separados pela distancia das regiões que habitam, é assumpto para sérias meditações do philosopho.

Ainda se dá outra singularidade nos costumes cu-

riosissimos d'estes animaes, que merece menção. Nos Estados Unidos e nos bancos da Terra Nova, n'esses proprios logares onde os castores vivem não só em familia, mas tambem em povoação regular, como se fôra uma aldeia, encontram-se ás vezes alguns individuos vivendo vida solitaria. Não se pense, todavia, que estes *eremitas*, como lhes chamam os caçadores, fogem da sociedade por não se quererem sujeitar aos habitos do trabalho. Não é este o motivo que lhes faz appetecer a solidão, por quanto no seu proprio retiro edificam morada para si com a maior diligencia e perfeição. E não é pouco notavel esta circunstancia, attendendo a ser feita tão trabalhosa construcção por um unico individuo.

Cartwright, distincto escriptor que publicou muito interessantes observações ácerca d'estes animaes, é de opinião que os eremitas são castores viuvos que vão esperar na solidão que a sorte lhes proporcione a companhia de outro individuo de sexo differente, mas tambem viuvo, com o qual se una pelos laços da familia.

A caça dos castores é feita durante o inverno, tanto por ser mais facil apanhal-os, em razão de viverem recolhidos em suas moradas n'essa quadra rigorosa, como porque as suas pelles tem então mais valor, por estarem fartas de pello e perfeitas.

Faz-se a caçada de dois modos: ou accommettendo-os de improviso dentro de suas moradas ou escondrijos, ou armando-lhes laços. Em qualquer dos casos é condição de bom resultado que os caçadores tenham cabal conhecimento dos costumes e habitos d'estes animaes, a fim de que possam descobrir, pelos leves indicios que elles facultam, o logar onde se acoitam, e tambem para que logrem colhel-os de sobresalto ou attrahil-os aos laços armados.

Tem o castor um faro tão fino e subtil, que reconhece, ainda de distancia e ao cabo de mezes, não só os logares, mas tambem os proprios objectos que o homem tocou com os pés ou com as mãos; e isto basta para que evite aproximar-se. Porém os caçadores, vencendo em astucia a estes pobres animaes, acharam meio de illudir-lhes o faro. Untando os laços e armadilhas com a gordura extrahida dos castores machos, conseguem fazer desapparecer qualquer cheiro que possa denunciar a presença do homem n'aquelles logares.

Nas margens dos rios dos Estados Unidos, principalmente nas do Missouri, os caçadores servem-se exclusivamente das armadilhas para a caçada dos castores. Na bahia de Hudson empregam a força aberta. É immensa a quantidade de povo de ambos os sexos que alli acode no inverno para unir os seus esforços em perseguição d'aquelles animaes. São commummente as mulheres que entram na agua e vão atacar as habitações, para espantar os castores e obrigal-os a fugir para as margens, onde os homens os esperam e matam com facilidade.

Para se poder ajuizar do infinito numero de castores que habitam em torno d'aquella bahia, e da importancia que outr'ora tinha esta caça, bastará dizer que, no anno de 1820, sómente a companhia commercial da bahia de Hudson vendeu sessenta mil pelles de castor.

Já se vê que, por este modo, a caça tomava as proporções de guerra de exterminio. E tanto se empenhou n'ella a imprudente ambição dos caçadores e dos commerciantes, que os incitavam, que pouco a pouco foram esgotando a fonte de um commercio mui productivo. Assim se vão tornando raros os castores na bahia de Hudson e em outros logares dos Estados Unidos, onde antigamente abundavam. Por este mesmo systema se deu cabo, quasi inteiramente, dos castores europeus e asiaticos. Presentemente é na parte superior dos rios Mississipi, Missouri e Hudson, em sitios perfeitamente ermos, que ainda se encontram castores em numero avultado e vivendo em associação, como os representa a gravura a pag. 349.

O commercio divide as pelles dos castores em tres qualidades: a primeira e mais apreciada é a que provém dos castores mortos no inverno, e que se emprega na fabricação de regalos, e nos forros ou guarnições do vestuario de inverno, tanto de senhoras como de homens; a segunda é a das pelles já usadas pelos selvagens, habitantes do sertão; a terceira é proveniente dos castores mortos no verão, durante a muda, e por isso menos estimadas. As duas ultimas qualidades são empregadas geralmente no fabrico de chapeos, industria que está hoje em muita decadencia, por causa da applicação da seda e do feltro á fabricação dos chapeos, com o que se embarateceu muito este producto.

Em algumas collecções zoologicas de animaes vivos encontra-se o castor. Tal é a bondade da sua indole e a doçura dos seus costumes, que, apesar d'aquella timidez que, no estado selvagem, os leva a pôrem em pratica tantas e tão singulares precauções para evitarem ser vistos dos homens, deixam-se facilmente domesticar. N'este estado consegue-se, sem muito custo, acostumal-os a alimentarem-se de substancias animaes. Os sabios naturalistas, mr. Geoffroy, nos *Ann. mus.*, vol. XII, e mr. Cuvier, no *Dictionn. de sciences nat.* e na *Hist. des mammifères*, referem interessantes particularidades de alguns castores que viveram em perfeita domesticidade.

Mr. Fischer, de Moscow, deu o nome scientifico de *castor trogontherium* a uma especie que só existe em estado fossil, e da qual apenas se conhecem algumas caveiras, que foram descobertas junto das praias do mar de Azoff. Esta especie fossil apresenta muita analogia com os castores existentes, salva a differença nas dimensões, pois que eram n'aquella muito maiores.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O TUMULO NO BUSENTO

BALLADA GAULEZA

É noite. Debaixo das ondas do rio Busento, proximo de Cosenza, ouvem-se canticos funebres; as aguas parece responderem a estes canticos, e os derradeiros echos perdem-se nos redomoinhos.

E, ora subindo, ora descendo, discorrem pelo rio as sombras dos valorosos godos, que choram o primeiro Alarico, o mais justamente lastimado de seus mortos.

Mui prematuramente, e mui longe da patria, tiveram que sepultal-o alli, quando ainda a mocidade lhe rosava as faces, e quando ainda os seus loiros cabellos lhe caíam annelados pelas espadoas.

Os valentes soldados godos dispozeram-se nas margens do Busento para desviar o curso do rio, e lhe prepararam novo leito.

No fundo livre das ondas cavaram a terra, e ahi sepultaram o cadaver em cima do seu cavallo de guerra e armado com todas as armas.

Depois cobriram-n'o com a terra, assim como os seus copiosos thesouros, para que no futuro podessem crescer e medrar as hervas do rio sobre o tumulo do heroe.

Desviado segunda vez, o rio segue o seu curso natural; mas, por um abalo vigoroso, as ondas do Busento alastram de novo o antigo leito.

E um côro de homens entôa:

— Descança em paz na tua gloria! Nenhum romano virá com sua vilissima ambição perturbar o socego do teu tumulo! Descança em paz, Alarico!

Cantavam assim os godos. E este hymno de louvor repercutia-se em todo o exercito.

Leva este hymno, onda do Busento, leva este hymno de rio em rio, de mar em mar, para que todos o oiçam!



Baixo-relevo do seculo XIV

É notavel geralmente na Europa, e mais em particular em Portugal, a imperfeição da esculptura durante a edade média.

Os esculptores, da mesma sorte que os pintores, esmeravam-se na delicadeza e na minuciosidade dos ornatos; abriam com mão larga no marmore maravilhas de paciencia, e apuravam-se por extremo em todos os lavores accessorios que cinzelavam na dureza da pedra, como se entalhassem madeira ou modelassem argilla. Não sobresaíam, porém, senão n'estes primores, que eram só para se verem de perto, e cada um de per si; ficava-lhes acanhado e sem perspectiva o desenho geral dos grupos; não sabiam animar as figuras, e nem ao menos dar-lhes boas proporções e attitudes naturaes. Ora, nas bellas artes, por maior que seja a excellencia do trabalho parcial, não chega a compensar nunca a falta da graça e da elegancia do todo, que realçam e distinguem as obras da natureza.

O espirito da epocha obstava, por mais de um motivo, ao desenvolvimento da estatuaria, que a antiguidade elevára a subido grau de perfeição.

A architectura dominava com indisputavel soberania. Favorecida, opulentada, e, por assim dizer, identificada com o feudalismo, parecia tomar-lhe até a feição caracteristica, escravisando a esculptura, tão sua irmã, á luz da arte, como os servos da gleba o eram dos senhores feudaes, conforme a letra do Evangelho. Em quanto a primeira erguia á christandade templos grandiosos, que disputavam primazias aos da Grecia e Roma, a segunda servia-lhe de humilde auxiliar, sem existencia independente, e reduzida a ornar porticos, tumulos e altares.

Por outra parte, o espiritualismo christão prestava-se muito menos a aperfeiçoar os esculptores que o polytheismo greco-romano. A idéa da divindade, desprendida das fórmas materiaes em que os antigos a encadeiavam, não carecia, a fim de parecer grande, de ser representada pela belleza corporea. Aos gregos bastava que os deuses fossem similhantes aos homens physicamente mais perfeitos. Aos artistas da edade média pouco importavam os attributos materiaes, e, enlevados pelo genio do christianismo em mysticas contemplações, abstrahiam-se do estudo das fórmas humanas, sem o qual os esculptores da antiguidade não teriam produzido as suas obras primas.

Em Portugal, além d'estas causas geraes, concorreram outras para a imperfeição da estatuaria. As guerras continuas que por alguns seculos se seguiram á fundação da monarchia; depois as emprezas maritimas, muito maiores do que promettiam as forças da nação, obstaram a que se desenvolvesse o gosto artistico, e a que se formassem eschólas de architectos e de esculptores, como na Italia e na Allemanha. Os reis, os prelados e as ordens religiosas soccorriam-se aos artistas estrangeiros, e muitas vezes aos moiros da Andaluzia, onde as artes floresciam com grande superioridade em relação aos demais estados da peninsula. Todavia, na estatuaria nenhum auxilio podiam estes prestar aos portuguezes, por ser, segundo a lei de Mafoma, peccado abominavel a representação de figuras de homens ou de animaes.

Não admira, pois, que appareçam defeitos e disformidades na maior parte dos nossos antigos monumentos de esculptura, a qual ficou sempre muito áquem da architectura, ainda nos reinados de D. João I e de D. Manuel, em que esta arte mais se aperfeiçoou e desenvolveu. Facilmente se convencerá o leitor do que dizemos, examinando não só a gravura que illustra este artigo, mas outras muitas publicadas em varios volumes do *Archivo*. Citaremos em particular as que

representam o tumulo de Egas Moniz [1], o de D. Vetaça Lascaris [2], o de D. João I e D. Filippa [3], o de João das Regras [4], e, finalmente, o baixo-relevo da Misericordia de Lisboa, obra del-rei D. Manuel [5].

Alludimos já n'este jornal ao monumento de que mais circumstanciadamente tratâmos agora [6]. Descobriu-se ha alguns annos entaipado n'uma parede do claustro do convento de S. Francisco, onde serviu de memoria sepulchral. É todo inteiriço, de marmore branco, e tem 1m,23 de largura, 0m,94 de altura e 0m,23 de espessura. Representa em mais de meio relevo a Annunciação de Nossa Senhora. As figuras são toscas. Outras ha em Evora contemporaneas muito menos imperfeitas. Taes são o apostolado do portal da sé e os quatro evangelistas, em tudo similhantes, que estão nos angulos do claustro. São obra do mesmo seculo XIV, a qual mandou fazer o bispo D. Pedro IV. Apparece diversidade similhante nas esculpturas do tempo de D. Manuel, o que tudo prova que foram varios artistas, talvez de nações differentes, os que em cada epocha trabalharam em Portugal.

Na parte inferior do baixo-relevo lê-se em caracteres gothicos: *Aqui jaz Ruy Pires Alfageme, frade da terceira ordem. Era* 420. A fita que o anjo segura nas mãos contém o seguinte nos mesmos caracteres maiusculos: *Ave Maria gratiæ...* No livro aberto entre as duas figuras lê-se em gothico minusculo: *Ecce ancilla domini fiat mihi...* Junto do livro está um vaso com a açucena, que mal se distingue no fundo do baixo-relevo, e por isso não apparece na gravura.

O claustro de S. Francisco foi edificado no anno de 1376 por Fernando Affonso de Moraes, commendador de Montemór. O baixo-relevo foi esculpido seis annos depois em 1382, que corresponde á era de Cesar de 1420.

Sendo bibliothecario da bibliotheca publica de Evora o sr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara no tempo em que se descobriu este interessante monumento, fez com que se transportasse para aquelle edificio, a fim de que se não viesse a perder nas ruinas do claustro. Em dezembro do anno passado foi removido, com as demais lapidas que se conservavam na bibliotheca, para o templo de Diana, onde se guardavam já algumas outras. Juntaram-se-lhes treze pedras que vieram de Beja, as unicas que restavam do museu de que nos temos occupado e continuaremos a occupar n'este jornal.

Com auctorisação do governo de sua magestade, e de accordo com a camara municipal de Evora, démos assim principio a uma collecção archeologica, que já hoje contém uns cincoenta exemplares, e que é susceptivel de grande augmento, se não achar sómente indifferença da parte das pessoas a quem, por todos os titulos, merece consideração.

A. FILIPPE SIMÕES.

VILLA DA POVOA DE VARZIM

(Conclusão. Vid. pag. 304)

XIV

Suppoz-se por muito tempo no Minho, e appareceu algures impresso, que os pescadores da Povoa de Varzim eram tão supersticiosos, que as mulheres nas occasiões de temporal, querendo implorar o auxilio do santo ou dos santos de suas devoções, para livrar os barcos dos maridos da voragem do Oceano, dirigiam imprecações absurdas e extravagantes, como um povo selvagem poderia fazel-o ante os mais ridiculos idolos.

[1] Vid. pag. 273 do vol. II.
[2] Vid. pag. 325 do vol. IX.
[3] Vid. pag. 224 do vol. VIII.
[4] Vid. pag. 120 do vol. VI.
[5] Vid. pag. 225 do vol. IV.
[6] Vid. pag. 19.

Por esta razão se contava que as mulheres do povo, em taes apuros, se encaminhavam para a capella de S. José, e ahi, apedrejando ao mesmo tempo este santo, de tanta devoção para ellas, diziam: «Acorda, S. José, acorda! Santo de... Dá-me conta do meu homem, ou do meu filho, S. José!» E outras coisas.

Não é assim, todavia. O que é certo é que não só as mulheres do bairro de S. José, mas tambem as do bairro da Lapa (cuja capella está na entrada da barra, como se vê na gravura a pag. 173), nos momentos de suprema angustia, quando as vagas iradas e espumantes parece atirarem á praia em cada rôlo um cadaver; n'esses momentos, dizemos, as pobres mulheres revelam a afflicção que as atormenta povoando as areias e o Oceano com tristes exclamações e dolorosas preces.

E isto é natural.

Ai das mães, das esposas, das filhas ou das amantes, que não estremeçam, e ás quaes não assomem lagrimas aos olhos, quando entrevejam os filhos, os maridos, os paes ou os amantes, n'um perigo imminente em lucta com a procella!

A este respeito transcreveremos o periodo de uma carta do sr. Monteiro Junior, em que elle nos refere o seguinte:

«Acerca das imprecações das mulheres do povo, por occasião de temporal, em que se tem fallado e não é exacto, direi que a verdade é que em similhantes occasiões as mulheres dos pescadores invocam os santos da sua devoção. As do bairro de S. José vão para a porta da capella d'este santo, dizendo: «S. José, governae-os! S. José, ponde-vos ao leme! S. José, conduzi-os para terra a salvamento!» As do bairro da Lapa, defronte da entrada da barra, onde então o perigo é mais imminente, dizem: «Senhora da Lapa de Fóra (cuja imagem está em frente do mar no exterior do templo da Lapa ou Assumpção), trazei-os em boa hora! Senhora da Lapa de Dentro (imagem que está de um dos lados do altar-mór), trazei-os a salvamento! Mãe de Deus, soccorrei-os! Mãe de Deus, valei-lhes! Chagas abertas, coração ferido, sangue de meu Senhor Jesus Christo, ponde-vos entre elles e o perigo [1]!»

XV

As festas a Santo Antonio, a S. João e a S. Pedro são, como em outra parte dissemos, geraes e populares em todo o reino. Quem vive aqui em Lisboa e nunca visitou essas provincias portuguezas, mal sabe o que vae por ellas, e não está no caso de bem conhecer e apreciar o grau de enthusiasmo com que o povo celebra os ditos santos, ou, antes, mal póde avaliar a singularidade com que em algumas terras de Portugal se exercitam em certas praticas, porque é bem certo que cada terra tem o seu uso...

Fallâmos como testimunha de vista. O que se presenceia nas Beiras e no Minho, em certos dias festivos, em que o povo ri, dansa e canta á vontade, em que as familias se reunem e congraçam, e em que os rapazes e as raparigas se abraçam e osculam, não ha téla em que se pinte, nem papel em que se descreva.

Dar idéa dos usos ou costumes populares não será difficilimo, e muitos o tem feito plausivelmente; patentear, todavia, com as mais vivas côres esses usos, dal-os com o necessario realce, mostral-os com a ingenita poesia que os caracterisa, é coisa, em o nosso humilde entender, que se não póde fazer com os mais habeis pinceis, nem com a mais bem aparada penna.

Vê-se e sente-se a poesia do povo, mas com difficuldade se representa.

N'este presupposto, não podêmos descrever, como

[1] No *Almanach de lembranças* para o anno de 1859, encontram-se nas pag. 332 e 333, tres documentos concernentes ao facto que referimos no texto.

desejáramos, os folguedos populares na Povoa de Varzim, quando a folhinha reza dos queridos santos Antonio, João e Pedro; porém, como fieis chronistas, daremos singelamente uma noticia d'esses festejos, e os que possam ou queiram venham depois dar-lhe, porventura, lustre e relevo com estilo elevado, que não temos, ou com guindada escriptura, que não nos apraz imitar.

Apesar de ser Santo Antonio o que primeiro vem no mez de junho, e apesar de ser o desejado pelos rapazes e raparigas, que o tomam por desvelado protector de casamentos, succede que o mais enthusiascamente celebrado em todo o reino — e não sabemos por que motivo — é o S. João.

Na Povoa de Varzim, não obstante ser terra de pescadores, que deviam dar a primazia a S. Pedro, acontece outro tanto. Os tres santos populares alli tem, com effeito, fervorosos devotos, e abundancia de alegrias e folgares, mas o preferido é o S. João.

N'esse dia todas as classes se divertem. Nas lojas arma-se um throno com a imagem do santo, e na vespera á noite accendem-se fogueiras em frente das portas.

Vão, todavia, mais adiante os pescadores. Defronte das suas casas levantam um pinheiro verde, cujos ramos, presos ás janellas visinhas, são vistosamente embandeirados com bandeiras e lenços de côres. A este uso se refere a seguinte quadra que alli se canta:

Sentemo-nos, raparigas,
Á sombra d'este pinheiro;
Ha um anno já que esp'ramos
O S. João verdadeiro.

A pequena distancia do pinheiro accende-se uma fogueira, e em volta se compõe uma dansa, que não sabemos que exista em outra terra do Minho. Chama-se a esta dansa *dos solteiros*, porque n'ella só entram rapazes e raparigas, em numero de trinta ou quarenta, formando quinze ou vinte pares. Os que tem de entrar na dansa vem uniformisados, assim de um como de outro sexo, e os trajos são originaes. As raparigas trazem collete encarnado e camisa branca, sem jaqueta nem roupinhas, e sáia branca; na cabeça e nos hombros lenço branco; e ou vem descalças, ou resguardam os pés em pequenas chinellas de cabedal preto. Os rapazes trajam tambem collete encarnado sobre camisa branca, calça branca, faxa encarnada a tiracollo da direita para a esquerda, cinta encarnada (e isto é para os mais garridos), chapeo de palha ou barrete vermelho posto a direito (como ás vezes se vê nos campinos do Ribatejo), e tendo enrolado um lenço branco em fórma de fita; e chinellas de cabedal amarello, quando não trazem os pés nus como as suas interessantes companheiras.

Figurae agora estes trinta ou quarenta pares em duas linhas separadas, os do sexo feminino defronte dos do masculino, avançando, pulando ora n'um, ora n'outro pé, recuando, e entoando quadras em que mostram desejos de que se encapelle o mar para que não afaste d'aquelles folguedos os rapazes da villa:

Ó meu S. João Baptista,
Dae sardinha em demasia,
Mas ao vir a vossa vespera,
Mandae ao mar maresia;

ou em que procuram exaltar o santo do dia:

Alegrae-vos, raparigas,
E mais toda a nossa gente,
Que S. João está no ceo
Gozando gloria eminente.
Raparigas, cantae a victoria,
Pois S. João está na gloria;

ou outros versos allegoricos, cujos estribilhos são repetidos em côro quando as linhas dos dansantes avançam ou recuam; e tereis feito idéa d'este singular uso dos póveiros.

O acompanhamento para taes dansas e descantes compõe-se de violas, rebecas e pandeiros; e, diga-se com verdade, pelo que respeita a harmonia, nem sempre se presta culto á deusa Euterpe.

Nas vesperas de Santo Antonio e S. Pedro as festas são mais limitadas; nem d'ellas participam todas as classes, nem se fórma a dansa dos solteiros, nem se levanta e embandeira o pinheiro verde, nem se accende numero tão abundante de fogueiras.

A alegria, no entretanto, reina desafogadamente; os rapazes e as raparigas dansam e cantam ao som rouco de uma coisa a que chamam tamboril (instrumento feito de pelle de peixe esticada na boca de algum cantaro quebrado!), para testimunharem que tanto lhes valia pularem nas areias da Povoa de Varzim como nas margens de Biscaya, e que seria indifferente exaltar as virtudes de Santo Antonio na lingua dos lusos ou no idioma vasconso.

Quereis cantar, raparigas,
Uni-vos ao regimento;
P'ra festejar Santo Antonio
Não falta divertimento.
Festejemos com alegria
Santo Antonio n'este dia.

Ó meu padre Santo Antonio
Com Deus Menino ao peito,
Pedi ao vosso Menino
Que nos livre do mal feito.
Festejemos com alegria
Santo Antonio n'este dia.

Isto é ao santo casamenteiro. Na vespera e no dia de S. Pedro ha mais enthusiasmo, sobre tudo entre os pescadores, mas ainda não é esta a festa religiosa d'elles. A sua piedade e devoção reserva-se mais particularmente para Aquella, cuja protecção imploram no momento do perigo todos os mareantes, e que a egreja celebra no dia 15 de agosto.

Posto que se não reproduzam, como dissemos, os folguedos e divertimentos da vespera de S. João, devemos notar a circunstancia de que as quadras que se cantam na vespera de S. Pedro são, para nós, mais engraçadas. Quasi todas alludem aos labores da pesca, como as seguintes que damos para amostra:

Nas praias da Galiléa
Andava o nosso S. Pedro
A lançar a rede ao mar,
Sem ter confusão nem medo.
Vêde, raparigas, vêde
Como o santo lança a rede.

Andava o nosso S. Pedro
E os mais da companhia,
Já meio descoroçoados
Pela pouca pescaria.
O peixe que a rede dava
Nem só p'ra elles chegava.

Appareceu o Senhor
Áquella sociedade,
Mandou-lhes lançar a rede
Á direita de Deus Padre.
Á mão direita a lançaram
E muito peixe caçaram.

Foram-se a alar as redes,
E tanto peixe malhou,
Que só metade da rede
O barquinho carregou.
Torce rede, eia safar,
E a terra descarregar.

S. Pedro desde pequeno
Foi marinheiro do mar,
E agora já tem as chaves
Do paraiso real.

A quem daremos as chaves
Da nossa embarcação?
Dal-as-hemos a S. Pedro,
Que nol-as traga na mão.
Festejemos com alegria
A S. Pedro n'este dia.

Estamos a 15 de agosto. N'este dia celebra-se com pompa a festividade de Nossa Senhora da Assumpção, sob cuja invocação os pescadores compozeram a sua irmandade, conforme dissemos a pag. 197 d'este semanario, quando tratámos da capella da Lapa.

A irmandade dos pescadores, além da solemnidade da manhã, sae á tarde em procissão de triumpho com diversos andores muito vistosos e bem adornados, sendo o ultimo aquelle em que se apresenta a bella imagem da indicada Senhora da Assumpção.

Os pescadores moços, pela maior parte solteiros, que tem que ir na procissão, trazem n'esse dia ao peito, como elles dizem, «em signal de luxo e consideração», um raminho de odorifera alfavaca, symbolo, conforme alguns, de tristeza e misanthropia.

Ora a procissão, no seu regresso, vae pela beiramar; e, quando tem de descançar os que levam os andores, voltam estes com a frente para o Oceano, como se quizessem supplicar aos santos, cujas imagens alli conduzem em triumpho, que intercedessem por elles para que as aguas fossem menos perigosas e mais copiosas em peixes.

Segundo o nosso informador, já citado, no transito d'esta procissão pela praia vêem-se os barcos na maior parte enfeitados com bandeiras e lenços de variadas côres; e, quando passa a imagem de Nossa Senhora, os pescadores lançam de dentro d'elles foguetes de muitas respostas, e em alguns tambem ardem rodas de fogo, que parece formarem na atmosphera um circulo de estrellinhas.

Ha annos em que é tal a quantidade dos foguetes por occasião da festa de 15 de agosto, que o continuado estallido das bombas de artificio se nos figura uma prolongada batalha; porém isto se presenceia com o mais notavel enthusiasmo nas epochas em que a pescaria foi abundantissima. Os pobres pescadores julgam assim patentear á Senhora a sua gratidão pelos beneficios recebidos.

Se, pelo contrario, a pescaria escasseou, o numero de foguetes tambem diminuiu consideravelmente; o que prova então o desgosto dos pescadores porque o Oceano não os favoreceu, ou porque o mau tempo afastou o peixe d'aquella costa.

BRITO ARANHA.

ALBERTO DURER

O nome do inventor da gravura a *claro escuro* e a *agua forte* adquiriu tão merecida celebridade, que mal póde julgar-se ignorado ainda dos que apenas possuem noções rudimentares da historia das artes. Como, porém, entre as diversas classes de leitores a quem se destina este semanario acaso haverá alguns menos familiarisados com taes noticias, releve-se-nos que em graça d'estes, e para aguçar-lhes a curiosidade, compendiemos aqui, em mais que abbreviada narrativa, uma pequena parte do muito que corre impresso ácerca da vida e feitos do famoso artista, que reune áquella qualidade a de primeiro fundador da eschola de pintura, propria ou impropriamente denominada *allemã*. Distingue-se esta por seus caracteres especiaes da flamenga, á qual dão por primeiro mestre João Van-Eyck, ou João de Bruges, nascido no seculo XIII [1].

É Nuremberg uma das antigas cidades livres da Allemanha, de cujas prerogativas já gozava em 1112, e actualmente encorporada no reino da Baviera pela paz de Presburgo em 1805: notavel por seus edificios e antiguidades, e pelas recordações historicas que a ennobrecem e illustram sob todos os aspectos. Emporio commercial da Europa durante os seculos XIV e XV, tornou-se não menos celebre por sua industria, pela invenção das cartas de jogar, dos relogios e da gravura em madeira. Patria de varios homens insignes, e servindo por vezes de corte aos imperadores germanicos, foi ella a primeira que perfilhára a reforma de Luthero, e n'ella se assignou em 1532, sob os auspicios de Carlos V, o tratado definitivo de paz e reciproca tolerancia entre catholicos e protestantes.

Foi n'esta cidade que Alberto Durer viu a luz, aos 20 de maio de 1471. Filho de um ourives hungaro, e destinado a exercer a mesma profissão, mostrou por seus progressos nas artes do desenho e gravura, que a indole do seu talento e propensão natural o chamavam a campo diverso. Applicou-se á pintura, e conseguiu em breve sobreexceder a seu mestre, Miguel Vohlgenuet, tido n'aquelle tempo pelo melhor pintor de Nuremberg. Percorreu depois durante dois annos (1492-1494) uma parte da Allemanha, com o fim de ampliar os seus conhecimentos, e á volta desposou-se, por aprazer a seu pae, com a filha de um habil machinista, de quem recebeu, juntamente com o dote de duzentos florins, o desassocego e tormento, que lhe angustiaram a vida. Sua mulher, de genio impertinente, rispido e caprichoso, não lhe consentia um só instante de repoiso; forçava-o a desviar-se de todo o trato e convivencia social, e a manejar de dia e noite a palheta e o buril, pretextando que não queria ficar por sua morte reduzida á miseria!

Supportava o paciente artista com resignação estes desconcertos, procurando no estudo e no trabalho os meios de poupar-se a maiores contrariedades. Tendo já produzido varias obras dignas de estima, obteve em 1505 de um seu patricio, Willibald Pirckeimer, recursos sufficientes para emprehender uma viagem a Veneza. Ahi executou alguns quadros, que mereceram geral applauso, e lhe firmaram a reputação de grande pintor. Transferiu-se depois a Bolonha, com intento de aperfeiçoar-se na perspectiva, e regressou á patria em 1507.

Conhecido e avaliado pelo que era, a despeito das perseguições dos invejosos, que nunca faltam ao verdadeiro merito, proseguiu Alberto Durer na sua carreira artistica, patenteando cada dia novos primores, e estabelecendo a sua gloria sobre bases immorredoiras. A posse dos seus quadros e gravuras era disputada com ardor, e as maiores personagens do tempo corriam á porfia a fazer-se retratar pelo grande pintor, que parecia ter, sobre todos, para este genero propensão especial. O imperador Maximiliano, enthusiastico admirador do seu talento, condecorou-o com o titulo de primeiro pintor da corte imperial; e Carlos V não só lhe confirmou esta mercê, mas elevou-o á nobreza, concedendo-lhe brazão d'armas adequado á sua profissão.

[1] Duas são as accepções em que na technologia pictorica usa tomar-se o termo *eschola*. Ora se emprega para designar collectivamente todos os alumnos que, recebendo lições e seguindo nos seus quadros a maneira de um mesmo mestre, chegaram elles proprios a distinguir-se na arte, ora serve para reunir sob uma mesma denominação todos os artistas oriundos de um determinado paiz. Tomada n'este segundo ponto de vista, a chamada *eschola allemã*, cuja fundação se attribue a Alberto Durer e João Holbeim, conta na serie dos seus alumnos mais ou menos distinctos Christovão Swartz, João Van-Achen, João Rottenhamer, Adão Delzheimer, Joaquim Sandrart, João Guilherme Bauer, João Van-Rockhorst, Govaert Flinck, João Spilberg, João Lingerac, João Henrique Roos, Abrahão Mignon, Gaspar Netscher, Godofredo Kneller, Gregorio Bradmullor, Jorge Filippe Rugendas, João Rodolpho Hubert, João Grimoux, Balthasar Denner, Francisco Paulo Ferg, Antonio Raphael Mengs, etc., etc.

Porém todas estas compensações não bastavam para adoçar-lhe os desgostos domesticos causados pela mulher, que o mortificava e affligia de continuo com suas desarrazoadas exigencias.

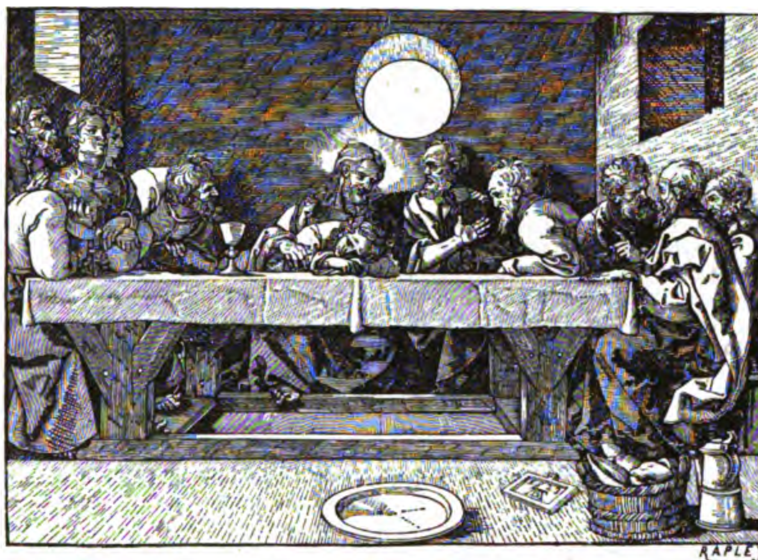
Além de distinguir-se como pintor e gravador, Alberto Durer era tambem mathematico e engenheiro, grammatico e architecto. Elle foi que ensinou aos seus compatriotas as regras da perspectiva e das proporções nas artes, de que publicou varios tratados, e bem assim outro que versa sobre a fortificação das praças de guerra.

No meio dos seus trabalhos veiu colhel-o a morte, aos 6 de abril de 1528, contando então de edade 57 annos. O seu cadaver foi sepultado com grandes honras funebres no cemiterio de S. João, e ahi se lê ainda o seguinte epitaphio: *Quicquid Albert Dureri mortale fuit sub hoc conditur tumulo.*

A casa onde viveu conserva-se de pé em Nuremberg; e na praça a que deram o seu nome os seus compatriotas lhe levantaram modernamente uma estatua em bronze, executada pelo esculptor Burgschmidt, concluindo-se este monumento em 1840.

O numero das producções de Alberto Durer é immenso, e, por pouco que tentassemos descrever, ao menos as principaes em cada especie, teriamos de exceder em muito os estreitos limites que nos são impostos. Os que pretenderem haver miudas noticias d'este grande artista, e estudar a fundo o caracter das suas composições, poderão consultar com fructo: *Das Leben und die Werke Albr. Durers*, por J. Heller; *Le Peintre-graveur*, por Bartsch; *Allg. encyclopædia*, por Ersch & Gruber; *Études sur l'Allemagne*, por Michielis; *Nouvelle biographie générale*, publicada por Firmin-Didot-frères; e quanto á parte bibliographica offerece amplos esclarecimentos o *Manuel du libraire*, por Brunet, tomo II, col. 909 a 915 da quinta edição (1861).

Tambem no *Panorama*, vol. III da 5.ª serie (1868), saíu ha pouco reproduzido um retrato de Alberto Durer, acompanhado de alguns traços caracteristicos para a sua biographia.



A ceia — Cópia de uma gravura de Alberto Durer

Da estampa que nos serviu de thema obrigado para o presente artigo, apenas sabemos ser cópia fiel de uma excellente gravura do insigne artista, por elle executada em 1523, como se vê do seu proprio monogramma, existente na parte inferior d'ella. Consta que o sr. Leipold, actualmente mestre da officina de gravura na imprensa nacional de Lisboa, na sua ultima excursão á Allemanha, em 1868, encontrára ahi um exemplar, que fez reproduzir em madeira por meio da photographia. E é essa cópia que em Lisboa foi agora aberta pelo sr. Rapley, aproveitado discipulo do sobredito, com pericia tanto mais de admirar, quanto é certo ser este o primeiro ensaio que executa n'esta especie de trabalho. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

O GENRO DO REI

(Vid. pag. 346)

III

Decorrido algum tempo, o rei voltou á corte mais queimado que um cigano, porque andára de uma parte para a outra, e não encontrára mina alguma de oiro nem de prata; e quando soube que, longe de estar enterrado, o rapaz estava casado com sua filha, tornou-se como uma bicha, e declarou que havia de mandar matar a rainha porque não fizera o que elle ordenára; porém a rainha desculpou-se mostrando-lhe a carta que o rapaz lhe entregára.

Convenceu-se o rei de que a rainha não era culpada, porque a carta fôra falsificada com tal habilidade, que elle proprio custava a convencer-se de que aquella letra não era sua; mas, chamando o genro, perguntou-lhe quem tinha falsificado a carta.

— Senhor, respondeu o mancebo, não sei dizer-lh'o com certeza, mas devem ter sido uns salteadores, em cuja habitação passei a noite quando vinha para a corte.

Ouvindo isto, o rei suspeitou, com razão, que andava no caso o bandido a quem perseguia por falsificador de notas do banco, e só pensou em desfazer-se do genro de um modo indirecto.

— Eu, disse o rei ao mancebo, podia mandar-te enforcar, porque não sou d'aquelles reis que reinam e não governam. Faria até enforcar o imperador da China se se me mettesse isso em cabeça; mas, para que não entrem agora a murmurar de mim, perdôo-te a vida, e só te exijo uma coisa para approvar o teu casamento côm a minha filha e nomear-te meu successor. O que exijo de ti é que me apresentes tres cabellos do diabo; e olha não me tragas cabellos de qualquer tunante, porque hei de conhecel-os pelo cheiro de enxofre e pela côr *rubicundus Judas*.

O principe (pois que d'aqui por diante ha que cha-

mar principe ao pequeno moleiro) estava que se podia enforcar com um cabello com a exigencia de trazer tres do diabo, e aconselhou-se com o primeiro ministro de seu sogro, que era um velho a quem alcunhavam o *Sabe-tudo*, porque tudo sabia, e que se lhe mostrára muito dedicado e lisonjeiro, contando que o mancebo cingiria a coroa. *Sabe-tudo* disse-lhe pois:

— O assumpto é gravissimo; porém não se enfade com isso vossa alteza, que tudo se comporá se a roda não desandar. Diga vossa alteza em todas as partes que tudo sabe, e isto bastará para que vossa alteza consiga tudo como eu tenho conseguido. Fiquei orphão de pae e mãe aos doze annos, e resolvi andar pelo mundo á procura de uma posição. Uma velha, que fôra governante de um homem que chegára a ser director de instrucção publica só por dizer que sabia tudo, disse-me quando parti: «Meu filho, tu não sabes nada, mas vou-te descobrir um segredo, com o qual conseguirás tudo: é dizeres sempre que sabes tudo.» Na primeira povoação onde cheguei havia um cavalleiro que necessitava de um criado, e logo me apresentei a elle para lhe pedir que me deixasse entrar no seu serviço. «Que sabes tu?» me perguntou o dito sujeito; e eu respondi-lhe sem demora que sabia tudo. Com a confiança que meu amo tinha de que eu sabia tudo, e com o que fui aprendendo, obrigado pela necessidade, consegui agradar a meu amo, que por fim me recommendou para que me dessem um logar de amanuense nas repartições do estado, onde, dizendo que sabia tudo, cheguei a director geral. Ouvindo o rei dizer que eu sabia tudo, chamou-me um dia á sua presença e perguntou-me se era certo o que se dizia de mim. «Sim, senhor, eu sei tudo.» E immediatamente me confiou uma pasta de ministro, que é um penoso encargo. Não esqueça, portanto, vossa alteza a lição, e verá que consegue tudo quanto lhe vier á cabeça.

O principe poz-se a caminho para o inferno, resolvido a fazer a viagem no menor tempo possivel, porque a constituição prohibia ao rei permanecer fóra do reino mais que um anno, e aos principes mais que dois, sob pena de perderem, o rei a coroa, e os principes todos os seus direitos a herdal-a.

D'este modo, quando o principe foi despedir-se da infanta sua mulher, não se esqueceram de dizer-lhe: «Cuidado, não cáias em alguma rede que te arme alguma feiticeira» e o mais que é do uso em casos taes.

IV

Caminhando, caminhando, caminhando, o principe encontrou-se com uma quadrilha de salteadores que assassinariam o proprio Christo se lhes apparecesse, e que, assim que o viram, se dispozeram a fazer-lhe outro tanto.

— Aonde vae? perguntou-lhe o capitão da quadrilha, em quanto preparava a espingarda para lhe espedaçar o craneo.

— Para o inferno, respondeu o principe, que era incapaz de mentir a pessoa alguma.

O capitão, ouvindo esta resposta, descançou a espingarda e abraçou o mancebo, exclamando:

— Salvou-o essa atrevida resposta, porque nos agradam os homens valentes que, como vossê, fallam alto ainda que tenham a morte á vista.

O principe continuou o seu caminho, e andando, andando, chegou a uma cidade onde só ouviu prantos e preces. Não perguntou a ninguem o que se passava, pois, se o perguntasse, teria confessado que não sabia tudo; mas inteirou-se de tudo pelas conversações do povo. Havia na cidade uma fonte prodigiosa que servia para curar todas as enfermidades dos que lhe bebessem as aguas; e por esta razão a cidade estava cheia de forasteiros que iam bebel-as, e em troca da saude que recuperavam deixavam alli bons reaes; mas havia oito dias que a fonte deixára de correr, e, embora se offerecesse um burro carregado de oiro ao que conseguisse alimental-a, ninguem o conseguíra, nem restavam esperanças de que o conseguisse. Naturalmente, a qualquer viajante que chegava á cidade se lhe perguntava o que é que sabia, para ver se entre elles algum saberia da sciencia. Fez-se tambem ao principe tal pergunta, e elle respondeu que sabia tudo; mas, quando lhe perguntaram por que a fonte seccára, respondeu que ia com muita pressa, e ao regressar alli daria a desejada resposta e receberia o burro carregado de oiro.

Os habitantes da cidade ficaram muito consolados com a esperança que lhes deu o principe, e este seguiu o seu caminho.

Andando, andando, chegou a outra cidade, onde tambem eram tudo prantos e preces, porque havia n'aquella cidade uma gigantesca macieira, cujas maçãs eram tão prodigiosamente ricas de odor, côr e sabor, que iam de todos os reinos estrangeiros compral-as e pagal-as a peso de oiro para a mesa dos reis; e a macieira, cujo fructo enriquecia a cidade, ia-se seccando sem que lhe encontrassem remedio, por mais que a cidade offerecesse um burro carregado de oiro ao que acertasse em remediar aquella calamidade publica.

Alli, como na primeira cidade, perguntava-se aos viajantes que era o que sabiam, para ver se se dava com algum que soubesse de arboricultura, e egualmente se dirigiram ao principe. Respondeu este que sabia tudo, mas, como ia com muita pressa, adiava para a volta curar a macieira e guardar o burro carregado de oiro que se lhe promettia.

Continuou o principe o seu caminho, deixando tambem cheios de esperança e consolação os habitantes da segunda cidade; e andando, andando, chegou a uma estalagem que estava antes de passar um rio, e ahi pernoitou. Quando já se tinha deitado, chegaram á estalagem dois lavradores que traziam um burro carregado de pedaços de oiro, e ahi tambem pernoitaram. Aquelles lavradores estavam muito satisfeitos e alegres, porque tinham descoberto uma mina de oiro tão rica, que, empregando na sua exploração o pouco que sabiam de mineração, tinham tirado o oiro sufficiente para carregar o burrinho.

Naturalmente, elles guardaram-se bem de dizer a pessoa alguma o que tinham descoberto; mas, ouvindo ao estalajadeiro que estava na estalagem um viajante que era um poço de sabedoria, e vendo limitado o seu prazer, pela difficuldade de encontrar quem dirigisse a exploração da mina, occorreu-lhes que talvez achassem n'aquelle sabio o de que elles careciam, e determinaram apalpal-o de manhã, para ver se o sabio entendia de minas.

De manhã, com effeito, chamaram de parte o principe e perguntaram-lhe o que sabia.

— Sei tudo, respondeu-lhes o principe.

Julgaram os pobres lavradores que com isto queria dizer-lhes que sabia já o descobrimento que elles tinham feito, e olharam-se como se quizessem dizer um para o outro: — Que tal, amigo! Este ganhou-nos o jogo, e por isso é inutil andar com arcas encoiradas. Fallemos-lhe com franqueza, para ver se se quer encarregar de dirigir a exploração da mina; e, se não quizer, tapemos-lhe a boca, por assim dizer, com todo o oiro que trazemos no burrico, que não nos faltará oiro em quanto conservarmos o segredo da mina.

— Visto que o senhor sabe tudo, disseram ao principe, fallemos com franqueza. Quer encarregar se de dirigir a exploração da mina que descobrimos?

— Não posso, respondeu o principe, porque vou com muita pressa.

— Aonde vae pois?

— Para o inferno.

Ouvindo isto, os lavradores acreditaram que aquelle sabio tinha maus figados, e só lhes occorreu taparem a boca ao endemoninhado para que não lhes divulgasse o segredo. Offereceram-lhe, portanto, o burro carregado de oiro se jurasse não dizer nada ácerca do descobrimento da mina. O principe jurou-o, e pouco depois continuou o seu caminho, deixando na estalagem o burro para o levar quando tornasse a passar por alli, e dizendo para com os botões:

— Onde estará a tal mina que estes pobres homens descobriram? Se eu podesse adivinhal-o, levaria uma grande novidade ao senhor meu sogro.

Andando, andando, chegou á margem do rio, que se passava em uma barca. Dava-se no barqueiro uma circunstancia muito singular. Contava já sessenta annos, e desde a edade de doze exercia alli a sua profissão sem encontrar quem o substituisse, o que cada vez mais desejava. Quando era muito moço, sua mãe, que era uma santa mulher, via com pezar que elle passava a maior parte dos dias nas tavernas, e receiava que n'ellas perdesse o corpo e a alma. Para que se desviasse de tão mau caminho, pediu a Deus uma graça, e dizem que Deus lh'a concedeu em attenção á santidade do viver d'aquella boa mulher, e foi que seu filho não podesse saír da barca em quanto não entrasse n'ella alguem que tivesse dirigido uma embarcação peior do que elle dirigia a sua. O barqueiro, assim que entrava um homem na barca, davalhe um remo para saír d'ella; mas havia mais de quarenta annos que fazia com todos esta experiencia, e baldadamente. Tão inhabil seria o barqueiro!

Estimulava-o a curiosidade de saber se estava destinado a acabar alli a vida, ou se encontraria a final quem o substituisse; e perguntou ao principe, como a todos, se sabia tiral-o d'aquella dúvida.

— Sei tudo, respondeu o principe, porém fallaremos quando voltar; porque vou agora com pressa.

— Então aonde vae tão apressado?

— Para o inferno.

O barqueiro não se atreveu a fazer outras perguntas ao que tão desabridamente lhe respondia, e o principe continuou o seu caminho.

(Continúa)

CIDADE DE LAMEGO

(Vid. pag. 353)

Entrado D. Henrique de Borgonha na posse do condado de Portugal, pelo seu casamento com D. Theresa, filha de D. Affonso VI, rei de Castella, tratou sem descanço de accrescentar novos territorios ao pequeno estado que constituia o dote de sua esposa. N'esse empenho de alargar as fronteiras do seu condado e de combater os inimigos irreconciliaveis da fé christã, foi sobre a cidade de Lamego, correndo o anno de 1102. Defenderam-se os moiros valorosamente, mas, não obstante o seu esforço, a cidade foi tomada pelos portuguezes.

Por esta occasião deu o conde D. Henrique um notavel exemplo de generosidade e abnegação. Tendo o régulo moiro, por nome Eicha, solicitado e recebido a graça do baptismo, o vencedor deixou-o na posse pacifica dos seus dominios, contentando-se em o fazer seu tributario..

Passados annos, D. Affonso Henriques, mais ambicioso que seu pae, ou porque o régulo de Lamego se negasse ao cumprimento das condições com que lhe foram concedidas, depois da victoria das armas christãs, a liberdade, a paz e a coroa, conquistou a cidade de Lamego e mais territorios que formavam os estados de Eicha Martim.

Aquella cidade ficou pertencendo desde então a Portugal, mas o facho da guerra ainda continuou, em diversos tempos, a devastar os campos em derredor e a passar sobre seus muros. Assim foi por vezes destruida e despovoada, e outras tantas de novo reedificada e povoada.

Depois de resgatado completamente do poder dos sarracenos o reino de Portugal, Lamego começou a florecer por impulso da industria, sem embargo de não desfructar uma posição vantajosa para o commercio. Algumas fabricas de diversos tecidos, e uma grande feira annual, á qual concorriam muitos moiros de Granada com fazendas e especiarias do Oriente, de que se abastecia a maior parte do reino, faziam de Lamego uma cidade prospera e importante no decurso dos seculos XIV e XV.

Dois grandes successos para Hespanha e Portugal, occorridos no fim do seculo XV, fizeram desapparecer rapidamente toda aquella prosperidade, como fumo levado do vento. A conquista de Granada e expulsão dos moiros de Hespanha pelos reis catholicos Isabel e Fernando, e a descoberta da carreira da India por Vasco da Gama, acabaram com aquella grande feira, que fizera de Lamego um pequeno emporio commercial. A extincção do seu commercio operou a decadencia da sua industria fabril. A introducção de fazendas francezas e inglezas no reino, que principiou a avultar na segunda metade do seculo XVI, apressou a ruina das fabricas de Lamego.

Sobrevindo a tão grandes revezes os sessenta annos do jugo de Castella, e quasi vinte e oito da guerra da restauração da nossa independencia, aquella cidade conservou-se abatida e decadente em todo este longo espaço de tempo. Mal começava a gozar os beneficios da paz, que, apesar de quaesquer causas de decadencia, sempre fazem sentir, ao cabo de uma lucta porfiosa, a sua benefica influencia, rebentou a guerra da successão ao throno de Hespanha, chamada dos sete annos, em que Portugal se envolveu, e da qual foi por vezes theatro a provincia da Beira. Esta guerra, que promettia a este reino grandes vantagens, segundo os tratados celebrados, entre outras a annexação da Galliza, se porventura saísse d'ella victorioso, juntamente com os seus alliados, foi muito desastrosa para o nosso paiz em geral, e particularmente para as terras que, mais ou menos directamente, foram incommodadas com as invasões do inimigo ou com a passagem das tropas alliadas.

As riquezas que o Brasil entornou sobre Portugal em oiro e diamantes, durante o reinado del-rei D. João V, não foram todas transformadas, como muita gente crê, nos paços de Mafra, em fundações religiosas e em bullas pontificias. Uma parte d'ellas, e muito importante, foi empregada utilmente na construcção de estradas, na abertura de canaes, na dissecação de pantanos, na fundação de fabricas e em outras obras de utilidade publica, como temos dito em outros logares, e com as quaes teve incremento o commercio em todo o paiz, animando-se ao mesmo tempo os outros ramos da industria.

N'este periodo a cidade de Lamego ergueu-se um pouco da prostração em que jazia. Mas no reinado seguinte ainda o seu estado melhorou muito, por effeito de disposições legislativas que promoveram directamente os seus interesses. Referimo-nos á protecção dada por el-rei D. José I, aconselhado pelo seu illustrado ministro, á agricultura e commercio dos vinhos do Alto Douro. A prosperidade d'estas industrias reflectiu-se na cidade de Lamego, pois que muitas das principaes familias são grandes proprietarias de vinhas no Alto Douro; e muitas ha na cidade e suas visinhanças que tem essas propriedades por seu unico ou quasi unico patrimonio.

Infelizmente, não foi de longa duração este estado de florescencia. As invasões estrangeiras que assolaram o paiz no principio d'este seculo, e as deploraveis consequencias d'essa tremenda guerra; os trinta

annos de luctas civis, que tanto nos custou o triumpho e consolidação da liberdade; e, finalmente, a decadencia d'aquelle importante ramo da nossa industria agricola, devida a diversas causas, sendo a ultima e mais destruidora a molestia das vinhas; toda esta serie de desastres actuou maleficamente sobre Lamego. Todavia, os effeitos d'estas calamidades foram de algum modo neutralisados pela libertação da terra, e por outras medidas e melhoramentos, que pozeram a industria em geral do paiz em melhores condições de existencia.

El-rei D. João I deu foral a Lamego com muitos privilegios e isenções.

No antigo regimen gozava esta cidade da prerogativa de se fazer representar em cortes por procuradores, que tomavam assento no segundo banco.

Tem por brazão d'armas um escudo coroado, e no centro d'elle, em campo azul, um castello de prata com tres torres sobre campo negro. Ao lado do castello vê-se uma arvore com fructos, a qual dizem chamar-se *lamegueiro*, e por cima do castello e da arvore estão o sol, de oiro, e a lua, de prata.

É assim composto o brazão que existe pintado em um livro das armas das cidades e villas do reino, que se guarda na Torre do Tombo. Todavia, alguns auctores descrevem-n'o pondo uma estrella onde n'aquelle se vê a lua, e collocando o escudo das quinas reaes por cima da fortaleza.

A cidade de Lamego divide-se em tres bairros, denominados *da Praça, do Couto da Sé* e *do Castello*. O primeiro é o principal e mais plano. Comprehende uma praça e uma rua, extensa e larga, com suas travêssas. O segundo, tambem com a sua praça, e adornado com os dois bons edificios da sé e do paço episcopal, está situado entre as duas ribeiras, Balsemão e Fafel, de modo que fica uma como peninsula. O terceiro bairro estende-se entre os dois acima referidos. Compõe-se de diversas ruas estreitas e tortuosas, correndo por um terreno um pouco elevado, na parte mais alta do qual avulta o antigo castello de Lamego.

A sé e a collegiada de Santa Maria de Almacave são as duas unicas parochias da cidade.

É a cathedral um monumento gothico muito apreciavel pela sua antiguidade. A fachada, toda de cantaria, é composta de tres corpos, sendo o do centro mais elevado, e correspondendo cada um a uma das tres naves em que se divide o interior da egreja. N'aquelles corpos abrem-se tres portaes, o do corpo central mais largo, e todos formados por varios arcos de ponto subido, ou ogivaes, que vão diminuindo na grossura da parede. Sobre o portal do meio está um oculo singelamente decorado, mas de feitio singular. Por cima das portas dos dois corpos lateraes vê-se uma janella de cada lado, com sua columna no meio. A parte superior do edificio é coroada por seis pyramides, duas em cada um dos tres corpos da frontaria. A par d'esta ergue-se a maior altura que o templo a torre dos sinos, tambem de cantaria, sem ornato algum.

No interior da egreja reina a mesma simplicidade que se observa no exterior. É dedicada, como todas as cathedraes do reino, a Nossa Senhora da Assumpção.

Acham-se n'esta egreja varias sepulturas de bastante antiguidade, encerrando as cinzas de pessoas notaveis. Na capella do Santissimo Sacramento da lado da epistola, está mettido na parede o sepulchro de D. Guiomar de Berredo, neta del-rei D. Affonso III. O epitaphio diz ser neta de D. Affonso IV; mas é erro comprovado por documentos que se guardam no archivo da mesma sé. Junto áquella capella está outra que tem o escudo d'armas da familia Balsemão. Foi fundada para jazigo dos fidalgos d'esta familia por Alvaro Pinto da Fonseca, morgado de Balsemão, que n'ella jaz em rico mausoléo.

A sacristia encerrava outr'ora um rico thesouro de reliquias santas, de pratas e paramentos. Tudo, porém, foi destruido por um incendio, vae para dois seculos, o qual reduziu a cinzas aquella casa.

Diz-se geralmente que foi o conde D. Heenrique o fundador d'este templo, no começo do seculo XII. Quem meditar no procedimento d'este principe, após a victoria que entregou a cidade de Lamego em seu poder, duvidará crer que alli fundasse nova cathedral, tendo mandado purificar e converter ao culto catholico a mesquita principal, com a invocação de Santa Maria de Almacave, e depois deixado ao régulo Eicha a posse pacifica da cidade e dos seus estados. Além d'isso, oppõe-se outra razão mais forte a que se lhe attribua similhante fundação. O uso da ogiva, ou arcos de ponto subido, introduziu-se em Portugal nos fins do governo da rainha D. Theresa, viuva do conde D. Henrique, ou nos primeiros annos em que seu filho, D. Affonso Henriques, entrou a governar. Os edificios que ainda existem no paiz do tempo do conde D. Henrique, isto é, aquelles que se sabe com certeza terem sido por elle edificados, tem as portas e janellas de volta redonda.

Por estas razões inclinâmo-nos mais a crer que foi D. Affonso Henriques o fundador da actual sé de Lamego. Porém da fabrica do nosso primeiro rei pouco resta, porque o bispo D. Manuel de Noronha, que principiou a governar em 1540 e falleceu em 1569, procedeu a uma reconstrucção quasi completa d'esta cathedral. Se a fachada é toda obra sua, como achâmos referido em um auctor antigo, tiveram o prelado e o architecto o bom juizo de conservar ao monumento affonsino as suas feições primitivas, ou de lhe dar as que mais quadravam ao estado da architectura e á simplicidade de costumes d'aquelle tempo.

É, portanto, este templo um monumento muito apreciavel para o estudo da architectura, porque, se a parte principal d'elle não é obra do nosso primeiro rei, mas sim do bispo reedificador, é certo que, pelo discernimento com que foram dirigidos os trabalhos de reedificação, o edificio, salvas pequenas considerações, póde passar como um specimen architectonico do principio da monarchia.

A diocese de Lamego foi instituida no anno de 203. N'essa epocha foi suffraganea da diocese de Merida. Passou a sel-o da de Braga, depois da de Compostella, e ultimamente da de Lisboa. Conta em a numerosa serie dos seus preladas muitos bispos, celebrados por suas virtudes e letras. Entre elles, porém, houve um, chamado D. João Madureira Camelo da Silva, que, tendo deslustrado o seu caracter com muitos excessos e escandalos, acabou a vida arrependido e penitente, por effeito de umas palavras de censura, que o tocaram e converteram.

Conta-se assim o caso. Achando-se el-rei D. João II muito mal na villa de Alvor, sem esperanças de vida, mandou chamar o bispo D. João da Silva. Chegado o prelado á cabeceira do monarcha, disse-lhe este que um arrependimento pesava sobre a sua consciencia n'aquelle transe derradeiro, e era tel-o nomeado para uma dignidade que elle deshonrava com o seu procedimento. Produziram tão forte impressão no animo do bispo estas poucas palavras, proferidas com accento grave e triste pelo rei moribundo, que D. João da Silva, apertando com enternecimento a mão do soberano, prometteu-lhe emendar-se, e cumpriu a promessa. D'ahi por diante procedeu D. João da Silva como prelado virtuoso, e, para memoria do caso a que devia a sua conversão, dizem que mandára tirar o escudo de suas armas, que se achava sobre o retabulo da capella-mór da sé, que era de talha doirada, e obra sua, ordenando que se pozesse em seu logar uma cruz com as insignias episcopaes, e por baixo duas mãos travadas uma da outra.

(Continúa) I. de Vilhena Barbosa.



Capella da Natividade, em Bethleem

Berço do christianismo, testimunha dos factos que constituem o fundamento de todas as suas crenças, e tumulo tambem dos mais insignes varões do povo hebreu, a Palestina desenrola á vista do viajante, ainda o menos religioso, vasto theatro para investigações profundas, largo assumpto para séria meditação.

Por muito que o espirito do viajeiro vá alheiado pelas dúvidas do scepticismo, impossivel será que não seja tocado de respeito ao contemplar esses logares, onde se passaram as scenas mais augustas da religião que veiu inaugurar no mundo o reinado do amor e da caridade.

Depois de Jerusalem, é de certo, historicamente considerada, Bethleem a cidade mais importante da Palestina.

Como se lhe não bastára para celebridade ter visto nascer o Messias, a antiga Ephrata apresenta logo ao visitante que se aproxima o tumulo de Rachel, ainda, segundo a tradição, o mesmo que Jacob erigiu; aviva-lhe, com as espigas loirejantes dos seus campos, a lembrança poetica de Ruth; recorda-lhe a sagração de David como rei de Israel; e, patenteando-lhe os testimunhos de homenagem que no seu pequeno recinto tem, durante dezenove seculos, accumulado os reis e os povos, obriga-o a curvar-se ante o simples presepio onde nasceu o fundador do christianismo.

De todos os monumentos de Bethleem, ou Beït Lehm, como lhe chamam os arabes, o mais digno de visitar-se é, por certo, a egreja da Natividade, ou de Santa Maria, situada na extremidade oriental da cidade.

Esta egreja, edificada, segundo a geral tradição, no mesmo logar em que nasceu Jesus, foi começada a construir por ordem de Santa Helena, e acabada por seu filho, o imperador Constantino.

O edificio é em fórma de cruz, sendo as tres secções superiores separadas, por uma parede, do pé ou secção inferior, que é hoje uma especie de vestibulo, onde se reunem, para conversar e fumar, os sectarios das differentes religiões que habitam em Bethleem, e principalmente os turcos e os arabes.

A egreja é possuida pelos gregos, latinos e armenios, que vivem no convento circumjacente, occupando os primeiros toda a parte superior e a nave direita do cruzeiro, e os ultimos a nave esquerda. Os latinos não tem altar no pavimento superior da egreja, mas estão de posse da celebre gruta ou capella da Natividade. A entrada d'esta capella, para a qual se desce por duas escadas de quinze degraus cada uma, é indicada por uma estrella, outr'ora de prata massiça, e hoje de marmore, a qual, segundo a tradição, corresponde exactamente ao logar do ceo onde parou o astro pelo qual foram guiados os magos até ao logar onde nascêra o Messias.

A capella da Natividade é de fórma irregular, medindo 12 metros de cumprimento, 5 de largura e 3 de altura. O pavimento e as paredes são revestidos de preciosos marmores. Ricas lampadas de prata allumiam a toda a hora o sanctuario venerando.

No logar onde nasceu Jesus estão escriptas estas palavras: *Hic de Virgine Maria Jesus Christus natus est.*

A devoção dos crentes, nem sempre allumiada pela verdade historica, tem escolhido este recinto e os que o rodeiam para commemorar differentes factos, mais ou menos ligados com o nascimento e a vida de Christo, como se o logar d'onde saíu a annunciar-se ao mundo a *boa nova* não bastasse por si só para attrahir o respeito profundo de toda a christandade.

O presepio, o logar em que o Messias foi deitado na palha, o altar dos magos, constituem as partes principaes da capella, proximo da qual se mostram tambem o logar onde S. José se conservou durante o nascimento de Jesus; a cella em que S. Jeronymo viveu a maior parte da vida, occupado na versão do Antigo Testamento; o tumulo d'este santo, e os de Santa Paula, Santa Eustachia, sua filha, e de Santo Eusebio de Cremona.

T. de C.

D. CATHARINA DE BRAGANÇA

(Conclusão. Vid. pag. 314)

Clarendon conclue a sua longa narrativa das discordias de Carlos II com D. Catharina de Bragança, dizendo que se chegou a acreditar que o rei fizesse cessar o escandalo da sua corte, retirando do paço a favorita, e não consentindo que ella ahi fosse, sem comtudo abandonar uma amizade de tantos annos [1]; mas que tal se não conseguíra, porque o rei, á vista da reconciliação repentina da rainha com a condessa, persuadiu-se que a antipathia que lhe mostrára a prin-

[1] Deu lhe pôr fim o titulo de duqueza de Cleveland; e aos tres filhos que d'ella houve os de duques de Southampton, de Grafton e de Northumberland.

cipio fôra fingida, ou nascida da indole artificiosa, pertinaz e inconstante de D. Catharina.

E foi tal este convencimento, que, tendo considerado sempre a rainha por mui discreta, sisuda e perspicaz, mudou de parecer, e comprazia-se em notar que ella perdêra grande parte da reputação que havia gozado.

Estes ultimos periodos do chanceller-mór de Carlos II, a respeito da nossa princeza, necessitam de commentario.

Temos visto que D. Catharina luctou quanto pôde contra a prepotencia com que o rei seu marido a quiz obrigar a receber a sua amasia para dama do paço; e agora vemos que ella cedeu, e repentinamente, como diz o chanceller de Inglaterra.

Esta inopinada resolução deveu ter uma causa poderosa, que assim compellisse uma princeza de tão castos sentimentos a submetter-se á escandalosa exigencia do rei seu marido. Achal-a-hemos compulsando a historia d'aquelle tempo.

Tinha D. Catharina declarado que antes queria voltar a Portugal que acceitar por sua dama de honor a condessa de Castlemaine, favorita do rei seu marido. E n'este proposito insistiu por muito tempo. É natural que sobre esta determinação escrevesse á rainha sua mãe, e lhe pedisse licença. E esta não faltaria a representar-lhe o estado deploravel em que se achava o reino, e o perigo em que elle ficaria se a alliança com a Inglaterra se rompesse. Tão pouco deixaria de pedir-lhe que se conformasse com a fatalidade dos tempos, sacrificando-se pela independencia da patria, como ella fizera quando se vira obrigada a casal-a com um rei protestante, attendendo aos valiosos soccorros que pelo seu casamento se alcançavam.

É certo que o reino se achava então a poucos passos da sua total ruina. D. Affonso VI, inhabil para reinar, trazia a corte em conflicto pelos seus desatinos; e, desobedecendo á rainha regente, sua mãe, a compellira a entregar-lhe as redeas do governo, saindo ella do paço para um convento. O infante D. Pedro, successor da corôa, tambem insultado pelo rei seu irmão, saira de Lisboa. A nobreza, dividida em duas parcialidades, faltava para os negocios do estado e para a campanha; muitos fidalgos haviam sido deportados, e outros tinham-se afastado da corte, para não serem colhidos nos enredos e tumultos originados da devassidão e incapacidade do rei [1].

Além d'isto, a Hespanha tinha invadido Portugal com tres exercitos commandados por D. João d'Austria. O conde de Schomberg estava em dissidencia com os generaes portuguezes, e estes discordes entre si.

Tal era a perigosa situação do reino quando D. Catharina tentava divorciar-se de seu marido! Se n'esta conjunctura nos faltasse o apoio e os soccorros da Gran-Bretanha, unica potencia que nos auxiliou durante a guerra da independencia, a Hespanha ter-se-hia prevalecido d'esta ruptura.

Taes nos parecem ser as causas que determinaram a nossa princeza a reconciliar-se com seu marido.

Depois d'isto, durante os vinte e tres annos que foi casada, Carlos II respeitou sempre a rainha, sem, todavia, deixar a vida dissoluta que lhe abbreviou a existencia. Incapaz de amar, se não era por sensualidade, n'alguns lances deu, comtudo, provas de que reconhecia o amor de sua mulher.

Apontaremos alguns exemplos.

N'uma doença que D. Catharina teve, pouco depois dos successos que havemos relatado, os medicos desesperaram de a salvar; e, communicando esta noticia ao rei, elle manifestou a sua mulher o mais vivo pezar. A rainha, julgando que lhe fallava pela ultima vez, disse — que a sensibilidade que elle mostrava pela sua morte era o unico motivo por que desejaria viver; mas que, não tendo encantos para merecer a ternura de seu marido, tinha ao menos a consolação de deixar o thalamo a outra esposa que fosse digna d'elle, e á qual o ceo concedesse a benção que lhe tinha negado a ella. E perdendo a falla, a rainha, tomando as mãos do rei, lh'as banhou com as lagrimas que derramava. Carlos II, não menos sensibilisado, conjurou-a a que vivesse por amor d'elle. Estas palavras causaram á infeliz rainha tão vivo transporte de alegria, que, estando moribunda, a salvou. Tão vivificas são as reconciliações conjugaes!

Assim o refere um dos frequentadores do paço de Whitehall, o conde de Grammont [1]. E o doutor Lingard [2] accrescenta que D. Catharina, julgando-se em artigo de morte, pedira a seu marido que a mandasse sepultar no jazigo de seus paes, em Portugal, e que protegesse a sua patria contra a invasão de Hespanha; que o rei, ajoelhado junto do leito, lh'o promettêra, e com muitas lagrimas beijára a mão á rainha.

Quando os cortezãos, socios das devassidões de Carlos II, se lhe offereceram para propor ao parlamento o seu divorcio com a rainha, por esterilidade, elle recusou o seu consentimento, dizendo que seria barbaro corresponder assim á docilidade e virtude da infanta de Portugal.

O bispo de Salisbury conta [3] que o duque de Buckingan, ministro de estado, se offerecêra ao rei para raptar a rainha quando estivesse n'algum dos bailes de mascaras a que a corte ia frequentemente, enviando-a depois para qualquer colonia; que se divulgaria que ella tinha fugido do paço, e com este pretexto se alcançaria um *bill* de divorcio. Mas que sua magestade rejeitára esta proposição com horror, dizendo que nunca seria tão cruel que assentisse em desgraçar uma honesta princeza para toda a vida, só porque ella era sua mulher e tinha a infelicidade de não lhe dar filhos.

Mas de todas as angustias por que passou a desventurada rainha, nenhuma lhe deveu ser mais pungente que a de ser accusada no parlamento de haver entrado na chamada *conspiração dos papistas*, que se dizia feita para assassinar Carlos II, e passar o sceptro a seu irmão, o duque de York, que havia abjurado a religião protestante, e o alcunhavam vassallo do papa.

Um padre chamado Tito Oates, que havia sido expulso do collegio dos jesuitas inglezes, de maus costumes, e repellido de toda a gente de bem, conseguiu ser admittido á barra da camara dos communs, e accusar de conspiradores contra a vida do rei muitos innocentes, e principalmente o medico da rainha, jurando que ella o peitára para envenenar seu marido.

Esta denuncia, posto que feita por um homem tão desprezivel, mereceu ser attendida pela camara dos communs, que dirigiu ao soberano uma mensagem para que a rainha e todos os seus criados fossem expulsos do paço. Carlos II não só desattendeu esta injuriosa mensagem, mas nunca deu credito ás denuncias de Oates; e uma testimunha insuspeita [4] refere que o rei lhe enumerára todos os artigos da denuncia contra a rainha, e por fim lhe dissera que ella tinha defeitos, mas que era incapaz de tão negra perfidia. E accrescentou: «Além do que me podem arguir a respeito d'ella, seria a ultima crueldade entregal-a aos que a querem diffamar. Sei que tenho vivido mal, mas hei de emendar-me, e nem por todos os bens d'este mundo commetterei uma covardia.»

E manteve a sua palavra, porque muitos dos que Oates denunciára foram justiçados; porém o medico da rainha saiu absolvido, e ella não padeceu mais que as amarguras de tão execranda imputação.

[1] Vid. as bem conhecidas obras: *Catastrophe e anti-catastrophe de Portugal*; as cartas de Southwel, embaixador de Carlos II em Lisboa; *Reinado de D. Affonso* VI, memoria publicada no vol. V d'este semanario.

[1] *Mem.*, pag. 125.
[2] *Hist. d'Ang.*, tomo. IV.
[3] *Hist. do meu tempo*, tomo II.
[4] O dr. Burnet, bispo de Salisbury.

Por ultimo, Carlos II, antes de expirar, deu o mais solemne testimunho que a rainha podéra ambicionar para sua justificação. Não tendo ella animo para assistir aos ultimos momentos de seu marido [1], mandou-lhe pelo seu confessor pedir perdão dos desgostos que lhe houvesse causado. Ao que elle exclamou: «Pobre mulher! pede-me perdão, e sou eu que lh'o devo implorar de todo o coração. Dizei-lhe isto [2].»

Em 1685, em que falleceu Carlos II, terminou o supplicio de vinte e tres annos, que padeceu em quanto foi casada a desditosa filha del-rei D. João IV.

Para que se avalie quão tormentosa foi a sua existencia em Londres, além dos martyrios domesticos já referidos, oiçamos o que de Carlos II e do seu reinado dizem os principaes historiadores de Inglaterra.

Macaulay, descrevendo a corrupção e immoralidade d'este reinado com a mestria que todos os contemporaneos lhe reconhecem, conclue que o rei Carlos fazia tão pouco caso da opinião, que a gloria ou a infamia era para elle tão indifferente como a luz ou as trevas para um cego.

Lingard affirma que; do principio ao fim do seu reinado, Carlos II foi um escravo das mulheres. E que se houve periodos da historia de Inglaterra, em que a immoralidade prevalecesse, em nenhum com tanta ostentação, e paga com tanto descaramento.

Hume diz que este Stuart expoz continuamente a Inglaterra á ignominia de uma conquista estrangeira e aos horrores da guerra civil.

E. de Bonnechose entende que na Inglaterra tem havido reinados mais sanguinarios, porém nenhum mais vergonhoso que este.

Burnet, que frequentava o paço de Carlos II, achando que a indole e vicios d'este rei tinham similhança com os de Tiberio, faz, na *Historia do seu tempo*, o parallelo d'estes dois soberanos.

Não multiplicaremos as citações, pois são já bastantes para se medir a grandeza do sacrificio que a nossa infanta fez para que vingasse a restauração de 1640.

Já viuva, D. Catharina viveu ainda em Inglaterra sete annos, auxiliando o restabelecimento da religião catholica n'aquelle reino. Mas expulso por este motivo Jacob II, seu cunhado, regressou a Portugal em 1693, sendo recebida com honras magestaticas e grandes festejos populares.

Edificou para sua residencia o palacio da Bemposta, onde falleceu a 31 de dezembro de 1705.

Foi duas vezes regente do reino. A primeira em 1704, quando el-rei D. Pedro II, seu irmão, foi commandar o exercito contra Filippe V de Hespanha; e a segunda no anno seguinte, por doença do mesmo D. Pedro II.

Foi esta princeza que estabeleceu a carreira dos paquetes inglezes para Lisboa, a fim de receber regularmente as mezadas do seu dote, que de Londres lhe enviaram até á sua morte.

Fez testamento, em que herdou grande riqueza ao rei seu irmão, e fez muitos legados a portuguezes e inglezes da sua casa.

Quanto ao seu jazigo, dispoz:

«Quando Deus Nosso Senhor for servido levar-me para si, ordeno que meu corpo seja sepultado no convento de Belem, junto ao principe D. Theodosio, meu irmão, que Deus tem. E no caso que seus ossos sejam trasladados para o convento de S. Vicente de Fóra, d'esta cidade, como deixou disposto em seu testamento el-rei D. João IV, meu senhor e pae, é minha vontade que os meus da mesma sorte se trasladem, e se lhes dê sepultura na capella-mór do dito convento; e a fórma de meu enterro e funeraes se regulará pela vontade e disposição do meu testamenteiro.»

[1] Alguns historiadores dizem que o motivo fôra estarem as tres amasias do rei em volta do seu leito. Vid., entre outros, o sabio Macaulay, *Hist. de Ingl.*, tomo I.

[2] Lingard — *Ubi suprà*.

Em cumprimento d'esta manda, foi o corpo da rainha depositado junto ao do principe D. Theodosio, seu irmão, na capella-mór da egreja de Belem.

Depois do terremoto de 1775, quando se fizeram as obras para reparar os estragos que padeceu esta egreja, foi o caixão em que estavam os ossos da rainha trasladado á capella do cruzeiro, do lado da epistola, e deposto n'um altar junto do mausoléo del-rei D. Sebastião, onde até hoje se tem conservado.

Logo que para o novo jazigo real, que em 1855 se fez na egreja de S. Vicente, se trasladarem os ossos do principe D. Theodosio, devem ir tambem os de sua irmã, a rainha da Gran-Bretanha, conforme a sua ultima vontade.

Posto que já publicassemos o retrato de D. Catharina [1], tirado do que em Londres foi pintado para a galeria do rei; e referissemos o que da physionomia d'esta princeza disseram os escriptores estrangeiros, reproduziremos agora as palavras de um auctor nacional e coetaneo [2]: «Foi a rainha D. Catharina baixa de corpo, grossa, de agradavel presença; bem entendida, alguma coisa severa; fallava pouco, mas com boas palavras.»

O padre Antonio Vieira foi mui affecto a esta princeza. Fez-lhe um epithalamio em latim; dedicou-lhe o tomo XI dos seus *Sermões;* e no volume das *Cartas* d'este famoso auctor andam algumas que elle do Brasil escreveu a D. Catharina para Londres e Lisboa.

Por ultimo, diremos que Portugal se deve gloriar de ter dado á Gran-Bretanha uma rainha exemplar, louvada não só nos annaes da Inglaterra, mas na historia universal.

A. DA SILVA TULLIO.

CIDADE DE LAMEGO

(Conclusão. Vid. pag. 367)

A egreja de Nossa Senhora de Almacave é, inquestionavelmente, muito mais antiga que a sé. Dizem que fôra fundada pelos suevos, e que servíra de cathedral na primeira instituição da diocese lamecense, e em quanto duraram as monarchias sueva e goda. Comtudo, esta asserção não se apoia em documentos irrecusaveis; apenas tem por si noticias tradicionaes, e as escriptas procedentes d'aquellas. O que parece não admittir dúvida é ter servido o edificio da egreja de mesquita sob o dominio arabe, e ter sido purificada e consagrada ao culto catholico por ordem do conde D. Henrique, quando este principe se assenhoreou da cidade e fez baptisar ao régulo Eicha. Revela o edificio na sua architectura, não só modesta, mas tambem humilde, e até mesquinha, muita ancienidade. Todavia, não condiz a fachada da egreja com o estilo arabe, nem o portico ogival com a architectura usada em tempo do conde D. Henrique, como em outro logar observámos. Deve-se suppor, por conseguinte, que o edificio primitivo passou por alguma reedificação, ou alteração parcial, sob o governo de D. Affonso Henriques.

Tambem a tradição refere que na egreja de Nossa Senhora de Almacave se reuniram em 1143 as cortes que pozeram a coroa de rei sobre a fronte do vencedor de Ourique, e que constituiram Portugal em monarchia hereditaria, independente e livre. Porém a tradição, embora passada de paes a filhos no decurso de alguns seculos, é hoje, á falta de documentos authenticos que a auctorisem, mui plausivelmente contestada.

Contém mais a cidade os seguintes edificios religiosos e estabelecimentos pios: a egreja e hospital da Misericordia, fundados nos principios do seculo XVI; o convento das Chagas, de freiras claristas, edificado em 1588; e outro de recolhidas. Teve tres conventos

[1] A pag. 25 d'este volume.

[2] D. Antonio C. de Sousa, na *Hist. gen.*

de religiosos, extinctos em 1834, mas cujos templos se conservam, e eram os que seguem: Santa Cruz de Val de Rei, da congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista, fundação do anno de 1596; S. Francisco, de frades capuchos da provincia da Conceição, reconstruido em 1568, e que fôra primitivamente casa de templarios; e Nossa Senhora da Piedade, de eremitas calçados de Santo Agostinho, fundado em 1630. Ha na cidade varias ermidas, d'entre as quaes mencionaremos a de Nossa Senhora da Paz, contigua ao castello, e cuja fundação primitiva é de tanta antiguidade, que pretendem alguns antiquarios que esta, e não a egreja de Nossa Senhora de Almacave, fôra a primeira cathedral ou matriz de Lamego, assim que foi resgatada do poder dos moiros.

O paço episcopal é um bom edificio, mas sem bellezas de architectura, nem mais merecimento que a sua grandeza. Tem cêrca com seu jardim.

O castello, posto que bastante arruinado, é um soberbo monumento das eras guerreiras de Portugal. Nas suas muralhas torreadas abrem-se duas portas. A sua torre de menagem ainda campeia alterosa, dominando toda a cidade, como se vê na gravura a pag. 353. Presume-se que foram os sarracenos os seus primeiros fundadores, sendo depois reconstruido e augmentado pelos nossos reis em diversas epochas, desde o seculo XII até ao XIV. A sua historia é importante e curiosa; mas o espaço de que podêmos dispor não permitte que a tracemos aqui. D'ella apenas referiremos uma anecdota, que mostra o juizo e bom gosto do monarcha a quem a posteridade conferiu o epitheto de *principe perfeito*.

Mandára D. Francisco Coutinho, conde de Marialva e marechal do reino, abrir uma grande e formosa janella na elevada torre de menagem d'este castello. Indo a Lamego el-rei D. João II, logo depois de se concluir esta obra, perguntou-lhe o conde, muito ufano da lembrança que tivera, o que lhe parecia aquella janella. O soberano, vendo quão mal quadrava o remendo de architectura moderna e mais garrida na fronte austera e singela do monumento, respondeu-lhe «que mais sabia quem a abrira, que quem a mandou abrir.» N'estas poucas palavras fez el-rei o elogio do artista que executou a janella, e lançou a justa censura contra o innovador, que, sem sciencia nem consciencia, se atreveu a pôr feições postiças na face de um monumento venerando pela antiguidade e por tradições de gloria nacional.

Os edificios que deixâmos mencionados são os principaes da cidade. O dos paços do concelho é de pequena consideração.

Como todas as cidades antigas, que pouco se estenderam além dos limites que lhe serviram de berço, Lamego não apresenta um aspecto interior agradavel e alegre, se exceptuarmos as duas praças, principalmente o espaçoso terreiro chamado *campo do Tablado*, não obstante contar muitas casas de apparencia regular e boa. Possue um theatro e um club muito bem organisado.

Tambem não disfructa Lamego bonitos panoramas em dilatados horisontes, porque lhe obsta a sua posição baixa e entre montes. O viajante que a demanda descobre-a, apenas, quando já está mui perto d'ella.

Em compensação, é terra farta de boas aguas e de todos os generos necessarios á vida, bem como de muitos de regalo. Os rios Douro e Balsemão fornecem-lhe algum peixe. As hortas e pomares dos arrabaldes abastecem-lhe o seu mercado de muita diversidade de excellentes frutas, hortaliças e criação. Os montes em derredor abundam em caça rasteira e do ar; e em todo o concelho se criam differentes especies de gado.

Os principaes productos agricolas do concelho de Lamego são, além dos que acima referimos, os seus vinhos especiaes, algum azeite, cereaes, legumes e linho.

Fazem-se na cidade duas feiras annuaes, a que concorrem muitos generos e fazendas de industria nacional, e muita gente de todo o districto e de fóra d'elle. Começa uma das feiras no primeiro dia de março, e a outra a 3 de maio.

Encerra Lamego 1:011 fogos e 4:992 habitantes, segundo o censo de 1864. Entre os seus moradores contam-se muitas familias nobres. É esta cidade cabeça de comarca de primeira classe. É séde de um juiz de direito, e das demais auctoridades administrativas e de fazenda, que lhe competem como cabeça de concelho. Aqui tem o seu quartel o regimento de infanteria n.º 9.

Os arrabaldes da cidade são formosos e pittorescos. As visinhanças do rio Douro, que corre, como dissemos, a distancia de 5 kilometros; as margens verdejantes das ribeiras Balsemão e Fafel; valles mui bem cultivados; collinas e montes vestidos de basto e copado arvoredo; por toda a parte, e sempre, as galas da vegetação, entretidas pela abundancia das aguas e pelos amiudados nevoeiros que se levantam do rio e das ribeiras; todas estas circumstancias são proprias para darem áquelles logares frescura, amenidade e belleza.

Além d'isto, ha um sitio n'estes arrabaldes que reune aos encantos e contrastes da paizagem os respeitos da devoção. Alludimos a um sanctuario muito concorrido e venerado dos fieis. É a capella de Nossa Senhora dos Remedios, edificada no alto de um monte coberto de frondoso arvoredo, e a curta distancia da cidade. Foi fundada em tempos muito antigos, e consagrada ao martyr Santo Estevão. Pelos annos de 1550, pouco mais ou menos, reedificou-a desde os alicerces, e com muita grandeza, o bispo de Lamego D. Manuel de Noronha. Concluidas as obras, collocou este prelado no altar da dita capella uma imagem da Virgem, de um metro de altura, esculpida em marmore com bastante primor, e á qual deu a invocação de Nossa Senhora dos Remedios. Começando desde logo a devoção do povo com a santa imagem, d'ahi por diante ficou a ermida intitulada de Nossa Senhora dos Remedios.

Não ha certeza onde foi feita a imagem; presume-se, porém, que o fôra em Roma, em razão de saber-se que o mesmo bispo mandára vir d'essa cidade a imagem de Nossa Senhora do Rosario, tambem de pedra, e que se venera na sé.

Este sanctuario é o Bom Jesus do Monte da provincia da Beira. Posto que não seja tão grandioso como este, assimilha-se, todavia, na situação, em certas disposições da construcção, na densa floresta que o cérca e assombra, e na grande multidão de povo e de romagens que alli acode nos dias da festa da Senhora, que se celebra duas vezes no anno, a primeira em o dia dos Prazeres, depois da paschoa, e a segunda a 5 de agosto.

Ha nos arrabaldes de Lamego mais duas ermidas que merecem menção especial, e são a de Nossa Senhora do Amparo, ou dos Meninos, e a de Nossa Senhora do Desterro. Aquella, situada na margem da ribeira Balsemão, junto á cidade, e no districto parochial da sé, é notavel por estar edificada sobre umas penedias que se despenham até grande profundidade, por meio das quaes passa uma levada que vae fazer andar uns moinhos. O fundo do abysmo é todo eriçado de agudissimas fragas. A outra, de Nossa Senhora do Desterro, levanta-se perto da ponte do rio Balsemão, que dá entrada á cidade, ficando, por conseguinte, no principio da rua da Corredoura.

É a ermida de boa architectura, e foi fundada pelo balio de Lessa, D. Fr. Luiz Alvares de Tavora, da casa dos condes de S. João, ao diante marquezes de Tavora, e ao presente extincta. Quando os bispos de Lamego vão tomar posse da sua diocese, é n'esta ermida que se vestem de pontifical, e d'alli fazem a sua entrada publica e solemne na cidade. I. DE VILHENA BARBOSA.



D. Fr. Bartholomeu dos Martyres

I

Na galeria dos homens illustres é bom que se pendurem os retratos d'estes varões piedosos. Ao lado do descobridor aventuroso, do capitão audaz, do pensador austero, do poeta florido, do sabio profundo, ha logar para os apostolos da boa nova, que atravessam o mundo mais por sobre cardos pungentes do que por entre murtas e loireiros. A critica severa tem conseguido por vezes despovoar estas cabeças melancolicas da sua aureola de luz; mas o povo, abraçado ás lendas da meninice, continúa a adorar no sanctuario da sua alma os que tiveram lagrimas para todas as miserias e caridade para todos os infortunios.

Deixemos que além e áquem do Rheno se façam as terriveis exhumações de cadaveres sagrados; deixemos que a tinta dos philosophos pollua o sangue dos martyres; deixemos que em todas as cruzes se pregue um rotulo affrontoso; que ha de haver sempre joelhos que se verguem diante d'esses sacerdotes do bem, d'esses propugnadores augustos do amor do genero humano.

O varão, cujo retrato damos hoje, pertence ao numero dos mais assignalados na virtude. Se a egreja o não encorporou ainda na lista dos seus santos, a devoção geral consagra-lhe um altar desde muito. A historia, implacavel e severa, já quiz achar capitulo para censura, porque é seu officio descobrir o limo terreno nas creaturas mais purificadas pela chamma divina; mas se porventura o achou, nem por isso é menos alvo, no todo, o alabastro de que se fez esta estatua.

D. Fr. Bartholomeu dos Martyres domina, com a sua figura magestosa, no grupo dos homens de consciencia serena e de animo sem refolhos. Elevado ao fastigio do poder, conserva a ingenua simplicidade dos mansos de coração. Ha n'elle um traço de brandura que revela sempre o pastor d'almas, o discipulo do evangelho. Quer a disciplina no clero e o bem por todo o mundo. A espaços vemos-lhe cair dos labios palavras de desconsolação amarga. É quando os escarcéos mundanos ameaçam a barca de que elle é piloto; é quando afrouxa o laço de piedade com que desejára enleiar o seu rebanho muito querido.

Rude para comsigo e cheio de lenidade para com os demais, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres tem linhas, no tocante á disciplina, que dão a lembrar as das feições energicas de Savonarola, temperadas suavemente por um colorido celestial. Veremos no rapido bosquejo que se segue como elle, dando de mão a complacencias, manteve sempre os dogmas que presidem a um caracter recto e a um coração desassombrado.

Antes, porém, de compendiar as partes que constituem a vida intima d'este nosso insigne compatriota, digamos de sua biographia as palavras indispensaveis. Tarefa espinhosa é esta, dés que a mais elegante penna que tem escripto em lingua portugueza traçou com letras de oiro um livro que ha de viver em quanto nos durar o gosto e a admiração pelas boas obras. Sem querer, todavia, rastrear bellezas n'este ou n'aquelle formoso alegrete, diremos de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres o que, em resumo, dá a medida das suas qualidades, tendencias e dotes preclaros. Será isto um perfil contornado sem esmero, mas, ao menos, com a fidelidade de quem respeita o original.

Nasceu o nosso prelado na cidade de Lisboa, correndo o anno de 1514, a poucos dias do mez de maio. Foram seus paes Domingos Fernandes e Maria Corrêa, ambos naturaes do logar da Verdelha, termo de Lisboa. Eram estes abastados de bens da terra, e não menos acreditados por sua christandade. Pondo a seu filho o nome de Bartholomeu, additaram-lhe o appellido de Martyres, por ser na freguezia de Nossa Senhora dos Martyres que o menino recebeu o baptismo.

Se é certo que as inclinações futuras se principiam

a denunciar em annos ainda verdes, parece que desde as mantilhas já o embryão do arcebispo de Braga deitava de si cheiros de virtude. O haver nascido trazendo sobre as costas da mão direita uma cruz impressa, floreteada nos quatro remates, não é para nós o prognostico ou indicio do que ao diante se havia de desabrochar em actos piedosos. O que os chronistas asseveram é que elle, desde os mais tenros dias, dava mostras de uma bondade de alma, que era para encher de pasmo a quantos observavam extremos tão prematuros.

Como a peste ardia por esse tempo em Lisboa, haviam os paes de Bartholomeu partido para Terrugem, limite de Oeiras. Era sobre tarde, como se expressa o nosso amenissimo classico, e a mãe, á porta do casal, tinha o menino nos braços. N'isto chega-se um peregrino a pedir esmola, e logo o menino, com um alvoroço de contentamento, deita-se ao pescoço da mãe, e a sorrir para o mendicante, como quem se alegrava de ter ensejo para sarar feridas de desconforto. Não queiramos agora anatomisar friamente este quadro, que nos leva os olhos. Elle é de si tão aprazivel e tão risonho, que faz gosto conserval-o assim, frouxamente illuminado por um raio do sol que transmonta, e por um sorriso de mãe que se alegra.

Os primeiros annos de Bartholomeu correram como os de todas as crianças boas, sobre cujas cabeças loiras caem as benções dos paes e a de Deus. Antes de cumprir quatorze annos vemol-o no estudo das letras, e aos quinze valente grammatico e latino de mão cheia. Brindára-o a Providencia com entendimento agudo e uma memoria felicissima; isto, junto á applicação que lhe era propria, fazia com que o menino fosse medrando a olhos visto. A religião era todo o seu enlevo e cuidado; uma pobre roupeta de frade attrahia-o que nem roupagens de princezas. Andava n'aquelles amores com a egreja, amores que ao cabo se haviam de sanctificar, porque a egreja viria a ser sua esposa. A 11 de novembro de 1528, em dia de S. Martinho, recebeu o habito no convento de S. Domingos, e, passados os rigores do noviciado, fez sua profissão em 20 de novembro do anno seguinte.

Estava, finalmente, entrado n'esse caminho, para o qual tantas ancias o impelliam; via cumpridos os sonhos que o enleiavam sempre, e regalava-se comsigo mesmo por causa dos trabalhos e privações, que eram o mimo d'essa vida. Cada vez mais dado ao estudo, chegou a defender conclusões de logica por occasião de capitulo em Guimarães, no anno de 1532, e outras de theologia em Lisboa, em 1540. Aos vinte e oito annos recebeu o grau de presentado, e em 1551 o de mestre da ordem, seguindo-se a esta eleição a de definidor no capitulo de Lisboa.

Estas dignidades, que para outro qualquer seriam motivo de satisfação e de gaudio, não faziam senão padecer a modestia e encolhimento do nosso dominicano. Accresceu ao mais o requerel-o o infante D. Luiz para mestre de seu filho, que seria depois prior do Crato. Não se podendo negar nada a tal principe, metteu-se a caminho para Evora, d'onde veiu quando os religiosos do convento de Bemfica o elegeram para seu prior.

Succedeu por este tempo o vagar a egreja de Braga em D. Fr. Balthazar Limpo, e o querer a rainha D. Catharina prover a dignidade em quem fosse azado para ella. Veiu-lhe aos olhos fr. Luiz de Granada, seu confessor, mas logo este declinou de si o encargo, apontando o prior de Bemfica como a pessoa em quem justamente poderia recair a mercê. Foi elle chamado do seu retiro á presença real, e apertado com taes instancias, que mal se esquivava a ellas. Luctou contra o favor imprevisto; até que, constrangido do preceito da obediencia, acceitou como verdadeiro humilde, passando para o convento de Azeitão, em quanto tardava a bulla de Paulo IV, que foi passada em 27 de janeiro de 1559, e chegou a Lisboa no mez de agosto seguinte. A 3 de setembro do mesmo anno foi sagrado no convento de S. Domingos, e ahi mesmo recebeu o pallio, a 8, da mão do arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcellos de Menezes.

Eis elevado a arcebispo e senhor de Braga, primaz das Hespanhas, o frade pára quem as delicias da vida estavam na reclusão da cella, na contemplação das verdades eternas, na prece fervorosa, e na abstenção de todas as pompas e grandezas. O baculo, que havia de ser nas suas mãos cajado de bom pastor, pesava-lhe como cruz alentada. Armou-se, porém, de resignação, esforçou-se com a confiança divina, e subiu com timido passo para a cadeira episcopal, onde de certo se cravavam tantos e tantos olhos invejosos. O modo por que a sua mão se fez sentir, assim nos negocios materiaes como espirituaes, attesta o zelo com que vigiava por todas as coisas. Os pobres tinham n'elle um pae, e o clero um mestre. Solicito e incançavel, occorria a todas as necessidades, e com tamanha diligencia, que, na phrase do mellifluo Sousa, nenhuma havia tão encoberta que andasse fóra de seus memoriaes.

Contava anno e meio em seu governo, quando a corte romana, accordando em convocar-se concilio, despachou suas letras apostolicas aos 29 de novembro de 1560, as quaes, no anno seguinte, foram intimadas aos prelados d'este reino. Resolveu-se o arcebispo a partir, o que fez, chegando a Trento a 18 de maio. Por mais que se quizesse furtar ás honras proprias da sua hierarchia, não lhe dava Deus tão completo gosto. Os mais eminentes homens o visitavam e reverenciavam; chegára lá a fama de seu nome, e a todos aprazia ver um prelado de tanta auctoridade e respeito sob uma capa de humildade tão sincera.

Aberto o concilio, foi elle encarregado da revisão dos livros que se deviam prohibir; fel-o, e é seu o indice. Nas sessões que se celebraram houve-se com um desprendimento e alteza de espiritos, que era para maravilhar os mais abalisados. Sabia elle da gangrena que mais ou menos inficionava o clero, e queria extirpar o mal com mão firme e vista segura. Não podendo applaudir aquella onda de liberdade que engrossava ao norte da Europa, e que promettia alagar tudo, vexava-se com as demasias e licenças que iam corroendo os que tinham cargo de medicos. Por onde, tratando-se da reformação do estado ecclesiastico, elle dizia, com a chaneza que lhe era habitual, aquellas palavras, que ficaram perpetuas: «Os illustrissimos e reverendissimos cardeaes hão mister uma illustrissima e reverendissima reforma.»

Isto dizia elle, o bom do arcebispo, sem se lembrar que era exactamente esta verdade que fazia ondular a bandeira da rebellião, e que desprendia as linguas de fogo d'esses reformadores necessarios. A 8 de dezembro de 1563 retirou-se para Portugal, deixando de si tão avantajada fama, que a voz publica lh'o testimunhava, applicando-lhe com termo laconico: *Multa paucis*, dando com estas palavras a significar a admiravel clareza com que elle, em breve discurso, resumia os mais profundos conceitos e as sentenças mais luminosas.

(Continúa) E. A. VIDAL.

CASAMENTO DEL-REI D. AFFONSO III

(Conclusão. Vid. pag. 357)

III

Assim que constou o fallecimento del-rei D. Sancho II, foi acclamado solemnemente rei de Portugal o conde de Bolonha com o nome de D. Affonso III.

O novo soberano, apenas se viu pacifico senhor do

reino, esquecendo-se dos meios por que subíra ao throno e da sorte de seu desditoso irmão, ousou incorrer nas censuras da egreja, affrontando com singular persistencia e energia as iras do clero e os anathemas de Roma.

D. Affonso III, não obstante ser casado, resolveu-se a contrahir segundas nupcias, sem tentar, sequer, recurso á corte pontificia, nem processo algum de divorcio ou annullação de casamento com a condessa Mathilde de Bolonha, que, á partida do esposo para Portugal, ficára em seus estados, e lá se conservára a seu pezar.

Não cabe nos limites d'este artigo apreciar as razões que poderiam levar o monarcha a tão insolito e arrojado acto, nem tomar conhecimento da questão levantada por alguns dos nossos escriptores, sobre ter sido fecundo ou não aquelle matrimonio.

Resolvido el-rei a dar similhante passo, embora se julgasse com força e coragem para luctar com o poder theocratico, tinha a superar uma grande difficuldade, qual era a de achar um rei e uma princeza, ambos catholicos, que annuissem, aquelle a dar a mão de sua filha, e esta a receber por esposo um homem que se achava unido a outra mulher por laços sagrados e indissoluveis.

Logrou, porém, D. Affonso III o seu intento, encontrando na corte de Castella tudo quanto podia desejar: um soberano que se prestou de bom grado a conceder-lhe a mão de uma filha, e uma princeza formosa e cheia de virtudes que não se recusou a participar do seu thalamo nupcial.

El-rei de Castella D. Affonso X foi casado com a rainha D. Violante de Aragão; mas houve varios filhos de D. Maria Guilhen de Gusmão, a quem amava loucamente. O fructo d'essa paixão amorosa, ao qual D. Affonso dedicava mais entranhado affecto, era uma filha chamada Beatriz, que tinha no rosto a formosura da mãe e na alma a candura dos anjos.

Foi n'esta princeza que o rei de Portugal poz os olhos; e o soberano de Castella, todo enlevado no pensamento de ver a fronte da filha predilecta cingida com a coroa de rainha, não attendeu a consideração de especie alguma que contrariasse tão brilhante destino.

D. Affonso III, pela sua parte, fechou tambem os ouvidos a todos os conselhos e admoestações; e do mesmo modo desattendeu as súpplicas e justas queixas que lhe dirigiu a condessa de Bolonha, sua esposa, já em sentidas cartas, já por meio de embaixadores, que enviou a Portugal, encarregados de advogar a justiça da sua causa.

Duarte Nunes de Leão, na *Chronica del-rei D. Affonso* III, refere da seguinte maneira os queixumes e súpplicas que se continham nas cartas da condessa: Dizia ella que «mais sentia a ingratidão del-rei, e a mudança de tamanho amor, como entre elles havia, que a perda de deixar de ser rainha de Portugal... que lhe requeria a não deixasse, e que fosse seu marido na fortuna prospera, em que se via, como fôra na mediocre e na adversa. Lembrava-lhe que as injurias e deshonras que os homens faziam a suas legitimas mulheres não eram como as que se faziam ás amigas, porque todas ficavam carregando sobre elles mesmos. E que assim elle, entre todos os homens e reis do mundo, ficaria infamado. Rogava-lhe que lhe lembrasse que, sendo elle um infante sem terras, que não tinha mais que o valor de sua pessoa e o real sangue de que nascêra, ella o fizera senhor de suas terras e estado, e de seus thesouros, e muito mais de sua vontade. E como elle, sendo desherdado, se honrava do titulo de conde de Bolonha, que ainda não deixava sendo rei, era fraqueza e ingratidão não querer, quando veiu a seu reino, que se chamasse ella rainha de Portugal, como por direito o era. E que em quanto o mundo durasse lhe seria mui estranhado, e seria havido por um perpetuo e notavel exemplo de ingratidão e pouca fé; porque em a deixar nem fazia justiça como rei, nem guardára sua fé como cavalleiro, nem sentia dos sacramentos como christão, nem cumpria com as leis de bom companheiro, que era as perdas e ganhos serem communs, nem ainda com as de alguns animaes feros, que reconhecem as pessoas de quem recebem beneficios, como elle recebêra d'ella.»

Em vão appellou a condessa para a justiça do soberano, para a honra do cavalleiro, para a fé do christão, para a lealdade do consorte e companheiro, e, em fim, para os sentimentos generosos do homem. Tudo foi baldado. D. Affonso III recebeu-se á face da egreja com D. Beatriz de Castella (1253).

Assim que chegou a Bolonha a noticia do casamento del-rei, a condessa recorrêu ao papa Alexandre IV, supplicando-lhe que obrigasse D. Affonso III a apartar-se de D. Beatriz de Castella, e a chamar para junto de si sua primeira e legitima mulher.

Annuiu o pontifice a estas súpplicas, e, indignado contra similhante escandalo, tal calor tomou na questão, que se empenhou entre elle e o monarcha portuguez uma lucta encarniçadissima, uma verdadeira lucta de gigantes.

Começou Alexandre IV por expedir a el-rei um breve, estranhando em phrases severas o seu procedimento, e mandando que se apartasse immediatamente de D. Beatriz, e recolhesse sua legitima mulher, e com ella vivesse como marido. Depois, vendo que el-rei não obedecia ás prescripções pontificias, ordenou ao arcebispo de Santiago que viesse a Portugal requerer e admoestar de novo el-rei, e, se este recusasse obedecer, o citasse e emprazasse para dentro de quatro mezes comparecer pessoalmente na corte de Roma, para ser ouvido com a condessa. E como el-rei não fizesse mais caso do arcebispo de Santiago do que fizera do breve do papa, instaurou-se processo na curia romana, e lavrou-se sentença contra el-rei D. Affonso e a rainha D. Beatriz, condemnando esta a separar-se del-rei, e aquelle a juntar-se com sua legitima esposa, sob pena de incorrerem ambos em excommunhão maior. Finalmente, continuando o monarcha a resistir, bem como a rainha, a todas as intimações e ameaças, foram ambos fulminados com as censuras da egreja, e foi lançado interdicto no reino.

Não obstante passarem-se estes successos no meiado do seculo XIII, em que a theocracia se achava no auge da sua influencia e poderio; em que os papas dispunham a seu bel prazer das coroas dos mais poderosos soberanos, D. Affonso III de tudo zombou. Persistindo na sua resolução com a maior contumacia, luctando com incrivel energia e coragem, venceu por fim. Ao cabo de mais de oito annos, passados n'esta contenda, e sob o peso dos anathemas de Roma, falleceram a condessa Mathilde e o papa Alexandre IV; e o seu successor, Urbano IV, cedendo, não sem grande difficuldade, ás instancias que lhe dirigiram o arcebispo de Braga e mais bispos do reino, levantou as censuras e interdicto, e legitimou o infante D. Diniz, que nascêra ainda em vida da condessa de Bolonha, habilitando-o para succeder no throno a seu pae, como veiu a succeder. Esta legitimação custou a el-rei D. Affonso uma somma de dinheiro exhorbitante.

Mas como saíu vencedor el-rei D. Affonso III em uma lucta travada em tal epocha e com taes adversarios? perguntará muita gente, com razão, porque é caso de pasmar. Venceu então o poder real porque o clero no reino não secundou o papa com todo o seu esforço, e porque o soberano achou apoio na nobreza e no povo, os dois principios sociaes que, estando unidos, sempre venceram e hão de vencer, quaesquer que sejam os tempos e as idéas.

I. DE VILHENA BARBOSA.

VILLA DA FIGUEIRA

(Vid. pag. 337)

Forte de Santa Catharina. Este castello fica exactamente no vertice de angulo formado pela margem direita do Mondego e pelo mar. Em virtude d'esta posição, domina-se do forte um panorama extremamente agradavel. A villa e suas cercanias; a barra e grande extensão do rio; a ilhota da Murraceira com as suas salinas e armazens de sal em tão grande numero, que similham uma vasta cidade; serras longinquas; a do cabo Mondego com seu bem construido pharol; a villa de Buarcos; os palheiros e barcos dos pescadores; a immensa extensão do mar; as embarcações que o vão sulcando em diversos rumos; as ondas buliçosas a coroarem-se de espuma, e a desenrolarem-se successiva e interminantemente por sôbre as areias resplandecentes das praias; tudo isto d'alli se disfructa em vasto, animado e formoso quadro.

Cresce de ponto a belleza d'este sitio quando as aguas se tornam furiosas e crespas, e as ondas se arremessam com sanha desmedida contra os enormes penedos sobre que o castello assenta. É, na verdade, bello ver então este embate das vagas contra os rochedos: ellas, loucas, a accommettel-os furiosas, a batel-os com vehemencia; elles, sempre firmes e impassiveis, a desfazerem a furia das aguas e a convertel-as em branco leite, que ora mana por sobre o verde-negro dos mariscos que os revestem, ora se eleva vistosamente aos ares parecendo perolas esparzidas.

É d'esta fortaleza que se fazem os signaes para a entrada das embarcações no porto.

Em 1808, estando este castello occupado pelos francezes, foi-lhes tomado em virtude de uma brilhante facção por parte da academia conimbricense. Permitta-se-nos que narremos circunstanciadamente este feito, que de tanta gloria foi para os estudantes da universidade.

Tendo-se revolucionado a cidade de Coimbra para sacudir o jugo estranho e restaurar o legitimo governo, o corpo academico da universidade tomou logo uma attitude guerreira, alistando-se em duas secções: a dos estudantes debaixo do commando de Tristão Alvares da Costa, lente de calculo e major de engenheria; e a dos lentes debaixo do commando de Fernando Saraiva Fragoso de Vasconcellos, primeiro lente da faculdade de canones. O vice-reitor, Manuel Paes de Aragão Trigoso, tinha sido acclamado governador da cidade.

Uma das primeiras operações que a revolução entendeu conveniente levar a effeito foi tomar o forte da Figueira, e aprisionar os francezes que n'elle estavam de guarnição, tanto para lhes tirar as armas e munições de guerra, de que havia grande falta, como para se estabelecer communicação com a esquadra ingleza. O estudante Bernardo Antonio Zagalo, sargento de artilheria, foi o encarregado pelo governador Trigoso de dirigir a expedição para atacar o forte.

Partiu de Coimbra o nosso guerreiro na tarde de 25 de junho; a sua força consistia apenas em 40 voluntarios, quasi todos estudantes como elle; mas o governador lhe deu ordens para que os ministros dos territorios por onde tinha de passar lhe prestassem todo o auxilio e gente que lhes pedisse.

Zagalo, tendo delegado o commando do destacamento em Antonio Ignacio Caiolla, sargento de Peniche, ordenou-lhe se fosse adiantando até Montemór pela margem esquerda do Mondego, em quanto elle com quatro cavalleiros ia seguindo pela direita. Por todas as terras por onde passaram foram fazendo acclamação, dando repetidos e enthusiasticos vivas, ao som de festivos repiques de sinos, e descobrindo as armas do reino.

Reunidos em Montemór, continuaram a marchar de noite, e ás sete horas da manhã chegaram á Figueira, contando já na sua hoste mais de 3:000 paizanos, armados de piques, lanças e foices. A villa foi atacada por duas divisões; foram logo presos onze francezes que andavam fóra do castello, e á porta do governador se postaram sentinellas.

Dirigiram-se depois para o forte, que esperavam obrigar a render-se por fome, porque lhes constava que os francezes estavam desprevenidos e faltos de mantimentos. O povo, possuido de grande enthusiasmo, e impaciente por se ver ás mãos com o inimigo, corria indiscretamente a atacar o castello; mas o nosso commandante, attendendo no perigo a que se expunha a multidão adiantando-se de mais, ordenou se retirasse. Fazendo n'essa occasião os francezes algum fogo de mosqueteria, os nossos, observando os movimentos, se deitaram em terra muito a proposito e não receberam damno.

Como o cêrco estava formalmente lançado, intimou Zagalo aos francezes que se rendessem, sob pena de serem passados á espada. Respondeu o commandante, que era um tenente engenheiro portuguez, que não podia render-se, porque, se tal fizesse, ficaria em grande perigo a sua familia, que tinha em Peniche em poder dos francezes. Continuou, portanto, o sitio, e, quando se estavam a render á discrição de hora para hora, no dia 27 o sargento Zagalo, por motivos que não referimos por serem alheios ao nosso proposito, recebeu ordem apertada do governador de Coimbra para se recolher immediatamente a esta cidade; mas, não podendo soffrer o ausentar-se deixando frustrada uma expedição de tanto empenho, e que se achava tão felizmente encaminhada, propoz ao commandante uma capitulação, cujas condições consistiam em entregarem os francezes o forte e poderem ausentar-se para Peniche, levando espingardas e mochilas, porém sem polvora nem bala. A proposta foi acceita; e, estando os francezes para embarcar, a fim de passarem á outra banda, caminho de Peniche, quiz o povo fiscalisar se elles cumpriam as condições; e, posto que lhes achassem as cartuxeiras vasias, encontraram-lhes alguns cartuxos que levavam escondidos entre ellas e as patronas. Como infractores da capitulação, ficaram os francezes prisioneiros, e juntamente um tenente de artilheria, e outro de engenheria, que era o commandante.

Em seguida se arvorou no forte a bandeira portugueza e se deram salvas de artilheria, ficando por governador o major Soares.

A expedição, trazendo os prisioneiros, as suas armas e cinco peças de artilheria, regressou a Coimbra, onde entrou mais ufana com a sua preza do que em outro tempo em Roma os vencedores do mundo carregados com os despojos da Asia [1].

Ha na Figueira um club recreativo estabelecido em um bom palacete, que outr'ora pertenceu aos condes de Tavarede, e que hoje é propriedade do sr. Manuel dos Santos Junior, commerciante da praça de Coimbra. Este club é muito frequentado pela boa sociedade, principalmente no tempo dos banhos. A casa tem no mesmo pavimento seis magnificas salas, que todas communicam entre si, offerecendo grande commodidade para as esplendidas e animadas reuniões que ordinariamente ahi se fazem.

Ha n'esta villa uma associação de artistas, que tem por fim não só promover o desenvolvimento e aperfeiçoamento das artes, mas tambem dar protecção e auxilio aos socios que d'elle precisam, por meio de soccorros mutuos.

Tem tambem a Figueira associação commercial, que foi creada para proteger os interesses do commercio.

(Continúa) AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO.

1 *Minerva lusitana*, n.º 5, de 16 de julho de 1808.—*Historia da invasão dos francezes em Portugal*, por José Accursio das Neves, tomo III, cap. XVI.—*Apontamentos para a historia contemporanea*, pelo sr. Joaquim Martins de Carvalho.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31



Dolmin de Adrenunes, na serra de Cintra

OS MONUMENTOS PREHISTORICOS

DOLMIN OU ANTA DE ADRENUNES, NA SERRA DE CINTRA

Um dos estudos archeologicos de que mais se occupam presentemente os que se dedicam a este importante ramo da sciencia, é o que diz respeito ás edades primitivas do homem. Dá-se a esses tempos o nome de *prehistoricos*, porque d'elles não chegou até nós memoria alguma escripta, nem gravada, nem tradicional, que nos instrua, ou dê qualquer explicação sobre o viver do homem n'essas epochas remotissimas.

Da existencia de muitos monumentos, espalhados por quasi todo o globo, e tão informes e toscos, que bem mostram que a mão do artifice não fez n'elles mais que dispor e amontoar grandes penedos, taes quaes a natureza os creára; do descobrimento de ossadas fosseis, e de varios utensilios de pedra grosseiramente affeiçoados, tem tirado os archeologos, á força de estudo e meditação, alguns conhecimentos, que são como frouxa luz a tentar romper as trevas de um passado mysterioso.

Essas pesquizas e lucubrações já nos deram o resultado satisfatorio de se poder distinguir nas primeiras epochas da existencia do homem as edades da pedra e do bronze. Entende-se por edades da pedra aquellas em que a humanidade, desconhecendo os metaes, servia-se de machados e outros utensilios de pedra. A edade do bronze refere-se ao tempo em que o homem, já conhecedor dos metaes, começava a applicar o cobre, só ou ligado, á fabricação, embora muito grosseira, das armas e utensilios de que carecia.

Enumeram os archeologos tres edades da pedra, e alguns accrescentam uma quarta. A primeira reconhece-se pelos instrumentos de pedra simplesmente lascados. Distingue-se a segunda por se apresentarem esses mesmos objectos (armas e utensilios) polidos por meio da fricção, o que já revela algum aperfeiçoamento. A terceira é designada pelas habitações lacustres, pelos oiteiros de conchas e pelas construcções de turfa. A esta edade correspondem os mesmos instrumentos de pedra polida, com exclusão absoluta de metaes.

Tendo o homem descoberto o cobre e outros metaes, começou a applicar aquelle, só ou ligado, á fabricação

dos seus utensilios e armas, deixando inteiramente o emprego da pedra para taes instrumentos. Dá-se a esta epocha o nome de edade do bronze. A que se lhe seguiu é chamada edade do ferro, porque então principiou a industria a utilisar-se d'este metal. Esta ultima edade abriu a porta aos tempos historicos.

Por conseguinte, nos tempos primitivos, prehistoricos, sendo a Europa habitada em partes por diversos grupos de populações que ainda não conheciam a arte de lavrar os metaes, temos hoje muitos motivos plausiveis para crer, tantas e tão fortes razões, que se poderá dizer que constituem mais que probabilidades, quasi o grau da certeza, que os monumentos de pedra denominados *dolmin*, *pedras em fórma de mesa* ou *mesas de pedra*, *camas* ou *tumulos dos Hünen*, *camas de gigantes*, *tumulos pagãos*, *galerias cobertas*, *cromlechs*, etc., como lhes chamam os povos dos diversos paizes onde taes monumentos existem, foram levantados por homens anteriores ás epochas de que temos conhecimentos historicos. Segundo a opinião dos mais doutos archeologos, pertencem esses monumentos, ou pelo menos a maior parte dos que se conhecem, á terceira edade da pedra e á edade do bronze.

Encontram-se dolmins na Asia (na Syria, na Arabia e no Deccan), na Africa septentrional e na Europa.

Alexandre Bertrand publicou em Paris um mappa mui curioso, que indica a distribuição geographica dos dolmins. Não-nos permitte o espaço de que podêmos dispor, espaço acanhadissimo para tão grande assumpto, dar uma idéa da distribuição dos dolmins na Europa, desde a Curlandia até Portugal, conforme a descreve aquelle archeologo. Apesar da grande quantidade d'estes monumentos, que tem sido destruidos, no correr dos seculos, em differentes paizes, os que restam, sómente na Europa, contam-se por centenares.

Portugal continha avultado numero d'estes monumentos, que, pela maior parte, foram destruidos pelas convulsões do solo, e tambem, certamente, pelos povos visinhos, quando a situação dos dolmins os convidasse a preferil-os a qualquer pedreira para extracção da pedra de que necessitassem para as suas construcções.

Foi a provincia do Minho, em razão de ser mais populosa, onde aquella destruição foi maior e mais completa. Auctorisam esta opinião duas circunstancias: a primeira, existirem presentemente dois unicos dolmins n'aquella provincia, ou, pelo menos, não se saber que exista mais algum; a segunda haver na mesma provincia varias povoações e muitos logares ermos com a denominação de *Anta* ou *Antas*. Os nossos antepassados davam este nome aos dolmins, na persuasão de que tinham servido de aras gentilicas, sobre as quaes faziam seus sacrificios os povos que as construiram, immolando victimas ás divindades a que rendiam culto. Portanto, é fóra de dúvida que em todas as povoações e logares, tanto do Minho como de outras provincias, designados com o nome de *Anta* ou *Antas*, houve outr'ora dolmins.

Aquelles de que ha noticia existirem em o nosso paiz são os seguintes: na provincia do Minho, no monte da Polvoreira, proximo das Caldas de Vizella; e no monte da Pedreira, a pouca distancia de Pombeiro: na provincia de Traz-os-Montes, em Fantel, em Carrazedo [1], em Monte Fidalgo, e perto de Villa Velha do Rodão: na provincia da Beira, a legoa e meia da cidade da Guarda; em Antas de Penalva; perto de Celorico, nos concelhos de Vizeu e de Sabugal: na provincia do Alemtejo existem muitos dolmins nas circunvisinhanças de Castello de Vide, que, por brevidade, deixâmos de mencionar; e além d'estes, nas cercanias da villa do Crato, entre a villa de Aguiar e Evora, e entre esta cidade e Vendas do Duque, entre os Pégões e Vendas Novas, nos arredores das villas de Nisa, de Arrayolos, de Barbacena, e ainda outros no concelho de Evora: na provincia da Estremadura apenas sabemos do de *Adrenunes*, na serra de Cintra: no Algarve não tem sido descoberto, que nos conste, monumento algum d'este genero. Entretanto, parece que algum existia sobre o cabo de S. Vicente no tempo dos romanos, pois que Strabão, tratando da peninsula iberica, diz, com referencia áquelle cabo, então chamado *Promontorium Sacrum*: «*Lapides multis in locis ternos aut quaternos impositos.*»

Encontram-se em varias localidades do nosso paiz, mas principalmente nas provincias do Minho e Traz-os-Montes, uns restos de construcções, sobre oiteiros mais ou menos elevados, que o povo julga serem ruinas de castellos antigos, e que designa com o nome de *castro* ou *crasto*, vocabulo derivado do latino *castrum*, castello ou campo entrincheirado. A disposição circular das pedras, que se observa em alguns d'elles, e outras circunstancias mais, relativas á construcção militar dos romanos, e que alli faltam absolutamente, levam-nos a crer que taes restos de construcções são monumentos prehistoricos, e não romanos, como parece indicar o seu nome popular. Todavia, não é questão para ser tratada em meia duzia de linhas, ao correr da penna, e sem prévias investigações nos proprios logares.

Duas importantes questões se tem agitado ácerca dos dolmins. Versa a primeira sobre quaes foram os constructores d'estes monumentos. A segunda diz respeito ao fim para que foram erigidos.

Os escriptores antigos, particularmente os portuguezes, que pouco estudaram esta materia, e ainda os estrangeiros que sobre ella escreveram até aos principios do segundo quartel d'este seculo, attribuiram aos celtas a construcção dos dolmins; e, acceitando a tradição popular, deram o nome de aras a esses grandes penedos dispostos em fórma de mesa. Aquelles nossos escriptores foram: Manuel de Faria Severim, na relação de uma viagem que fez á Beira; e Martinho de Mendonça de Pina, em uma memoria sobre os ditos monumentos, que apresentou e leu á academia real de historia portugueza, da qual era membro, em sessão de 30 de julho de 1733.

Os estudos que os archeologos modernos tem emprehendido, auxiliados por importantes descobertas que tem sido feitas em diversos paizes, por meio de excavações praticadas junto e em torno dos dolmins, tem lançado alguma luz em varios pontos da questão, e em outros apenas tem servido de dar novo rumo ás idéas.

Originou-se de tudo isto grande variedade de opiniões, mais ou menos plausivelmente fundamentadas, ácerca dos povos constructores dos dolmins. Todavia, forçoso é confessar que, apesar de todas as investigações até agora feitas, e de tanto lidar da intelligencia de mui distinctos sabios, ainda não foi levantado o véo que encobre este mysterio. Apenas o que parece exhuberantemente demonstrado, é que os povos que construiram taes monumentos viveram nas epochas prehistoricas.

Das excavações a que acima alludimos tem resultado o descobrimento de cadaveres e ossadas dispersas, bem como de diversos instrumentos de pedra, nos terrenos por baixo e em volta dos dolmins. De similhante descoberta tirou-se racionalmente por conclusão que os dolmins são monumentos funerarios. Porém seriam ao mesmo tempo monumentos religiosos? Seriam simultaneamente, como pretendem alguns archeologos, padrões commemorativos e altares erigidos para sanctificar esses logares de repoiso eterno? Afigura-se-nos que este ponto ainda não está satisfatoriamente resolvido.

Nas excavações feitas junto aos dolmins, já se sabe,

[1] Em Carrazedo não é dolmin, mas sim um dos monumentos da mesma epocha, chamados entre nós *mamunhas*, *mamuas* ou *mamôas*.

nos paizes estrangeiros, pois que em o nosso não se cuida d'essas coisas, tem sido achados tambem instrumentos de metal, e vasos ou urnas de barro com cinzas. D'isto concluem os archeologos, com bastante plausibilidade, que, durante as edades da pedra, eram enterrados os cadaveres; e nas edades do bronze e do ferro eram queimados, e as cinzas recolhidas em vasos de barro, e depois enterradas.

O monumento prehistorico representado em a nossa gravura está situado sobre um dos mais elevados pinaculos da serra de Cintra. Saíndo da villa de Collares, caminho do logar do Penedo, em direcção á ermida de Nossa Senhora da Peninha, edificada tambem sobre um agudo pincaro, junto ao cabo da Roca, encontra-se, antes de chegar á dita ermida, tres altos serros, dispostos em um quasi alinhamento, e a distancias uns dos outros quasi eguaes. O que fica no centro é denominado *serro* ou *cabeço dos Picotos;* o da parte de léste *Monge;* e o de oeste, que se levanta a pouca distancia da pequena aldeia da Atalaya, tem o nome de *Adrenunes*. Na parte superior d'este avulta o monumento prehistorico.

O pincaro é composto de rochas graniticas, que permittem, com alguma difficuldade, a ascensão do viajante ao ponto mais elevado. O dolmin tem a fórma de galeria coberta, e serve actualmente de base a uma das pyramides da triangulação do reino.

Estimariamos poder accrescentar a este resumido quadro mais alguns esclarecimentos sobre tão interessante assumpto; mas o proximo termo d'este volume obriga-nos a acabar aqui este artigo. Porém não o concluiremos sem indicar aos nossos assignantes que desejarem mais amplas noticias, relativas aos monumentos prehistoricos, uma boa fonte a que podem recorrer.

O sr. F. A. Pereira da Costa publicou o anno passado uma excellente memoria intitulada: *Monumentos prehistoricos: descripção de alguns dolmins ou antas de Portugal*, adornada de estampas. É um bello trabalho, consciencioso, cheio de erudição, e dirigido com tal methodo e clareza, que, ao mesmo tempo que utilisa aos sabios, e enriquece a sciencia com um importante peculio de noticias e observações relativas aos monumentos prehistoricos de Portugal, facilita e põe ao alcance de todos o conhecimento d'esta materia. Esta memoria, pois, attendendo á insufficiencia da que escreveu no seculo passado Martinho de Mendonça de Pina, preencheu na litteratura portugueza uma lacuna que nos envergonhava.

Varios archeologos, vindo ao nosso paiz, visitaram e descreveram alguns dolmins. Mr. Hautefort escreveu ácerca dos monumentos prehistoricos denominados *cromlechs*, que viu na provincia do Alemtejo, entre os Pégões e Vendas Novas. R. Kinsey tratou especialmente dos que se acham no concelho da villa de Arrayollos.

Tanto em França como na Inglaterra e na Allemanha, mas sobre tudo n'esta ultima, tem sido publicados modernamente muitos e importantes estudos ácerca dos monumentos prehistoricos. No *Globus*, excellente jornal litterario allemão, publicou o distincto archeologo Carlos Andree, em 1867, uns artigos muito interessantes, cujo argumento é: «Distribuição geographica dos dolmins nas tres partes do mundo; a população prehistorica da Europa e os monumentos da edade da pedra; a edade da pedra e edade do bronze; opinião dos archeologos do norte da Europa; cadaveres descobertos nos dolmins; transição de uma edade para outra; descoberta de uma camada que revela a existencia de uma povoação ainda mais antiga; os dolmins na Arabia central; observações de Gifford Palgrave; os monumentos da edade da pedra na Argelia; a hypothese dos Tambu; phantasias sobre emigrações; hypotheses celticas; os povos aborigenes mais antigos da Africa septentrional.»

Este escriptor, referindo-se a Portugal, apenas faz menção dos dolmins da Beira e Alemtejo.

Em fim, tão reconhecida tem sido entre as nações mais cultas a importancia do estudo e das investigações sobre os tempos primitivos do genero humano, que em agosto de 1867 foi convocado e celebrado em Paris um congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistoricas.

A nossa gravura é cópia de uma photographia tirada pelos srs. Guimarães e Rocchini, a qual foi enviada pelo nosso governo, juntamente com outras de monumentos nacionaes, á exposição universal de Paris de 1867.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O GENRO DO REI

(Conclusão. Vid. pag. 365)

V

Ouvíra o principe que o inferno era terra quente, e com este signal esperava encontrar a terra que procurava. Andando, andando, começou a sentir um calor tão intenso, que não teve outro remedio senão ir tirando toda a roupa. Quando só lhe restava a camisa, e já estava com vontade de a tirar, descobriu uma caverna, que não duvidou fosse a entrada do inferno, a ajuizar pela multidão que a invadia.

Invadiu-a tambem, e andando, andando, chegou á habitação do diabo, que casualmente não estava então em casa, porque andava, segundo lhe disseram, muito occupado na formação de não sei quaes partidos politicos.

O sequito do demonio era numeroso e vistoso. Um dos criados particulares foi dizer á senhora do diabo que estava alli mais um visitante de alta cathegoria, e a senhora ordenou que o principe entrasse na sua camara, onde o principe a encontrou sentada em um sophá, com um penteado de tal espavento, que lembraria o celebrado por Nicolau Tolentino, e embutida em um merinaque que tomava metade da camara.

— Não está em casa o sr. demonio? perguntou-lhe o principe um tanto envergonhado do seu desalinho.

— Não, senhor, lhe respondeu a senhora com um lisongeiro sorriso, recolhendo um pouco o merinaque para que o mancebo podesse sentar-se-lhe ao lado. E dê graças a Deus de que não esteja, porque tem elle um genio tão endiabrado, que, se estivesse, não sairia d'aqui vossa alteza com vida.

— Por quê?

— Porque é zeloso como um demonio.

— Agradam-lhe as mulheres, hein?

— Pois haviamos de desagradar-lhe?!...

— Não me lembrava de que as mulheres lhe servem para muito.

— Servimos-lhe em tudo e para tudo.

— Antes que venha, direi á senhora o negocio que me trouxe aqui, e, por certo, é muito grave.

Animado o principe com os significativos e carinhosos olhares e tentadores sorrisos que lhe dirigia a senhora do demonio, pediu a esta auxilio para conseguir, em primeiro logar, tres cabellos da cabeça do reprobo, e, em segundo, a resolução dos tres problemas que deixára pendentes no caminho, a saber: o da fonte, o da macieira e o do barqueiro.

A senhora, que estava cada vez mais amavel e condescendente com o principe, e que estudava com o demonio para resolver as mais difficeis questões, dava tratos aos miolos para encontrar os meios de satisfazer o principe, quando bateu á porta o diabo em pessoa; e, para salvar o principe de suas garras, não teve outro remedio senão occultal-o nas dobras do merinaque.

— Cheira aqui a christão! disse o diabo assim que entrou, contrahindo as ventas como quem sorve taba-

co. Cheira-me a christão, e levem-me todos os demonios se por aqui não ha algum!

— Ahi andas, meu demonio, com as apprehensões do costume! disse-lhe a senhora com a maior naturalidade do mundo. Quando has de deixar de alvoroçar a casa com os teus negregados zelos?

— Repito que cheira aqui a christão...

— A demonio cheirará, Deus me perdoe!

O diabo tranquillisou-se por fim, porque as mulheres são capazes de tranquillisar o proprio diabo; e, como estava prostrado com o que lhe davam que fazer os homens politicos, sentou-se em uma cadeira baixa e reclinou a cabeça nos joelhos da senhora, para que esta lhe compozesse o cabello, que se lhe eriçára de espanto ao figurar-se-lhe que a camara cheirava a christão.

Apenas reclinou a cabeça, adormeceu e principiou a roncar, com alegria do principe, a quem até aquelle momento não lhe havia chegado a camisa ao corpo. Então a senhora tomou um cabello entre o indicador e o pollegar, e... zás! arrancou-o de um puxão e deu-o ao principe com toda a cautela.

O demonio acordou com a dor, exclamando:

— Diacho, que me fizeste mal!

— Socega, homem, disse a senhora do diabo, socega, porque tinha adormecido e estava sonhando quando tirei o cabello; e sonhava uma coisa bem extravagante...

— E que era o que sonhavas? perguntou o diabo, que não pôde deixar de mostrar a sua extrema curiosidade.

— Que em uma cidade é tudo lagrimas e preces porque deixou de correr uma fonte.

— E não tornará a correr em quanto não matarem um sapo que se atravessou no cano, respondeu o diabo e novamente adormeceu.

Assim que o diabo tornou a roncar, a senhora tomou outro cabello, e... zás! arrancou-o de um puxão e deu-o do mesmo modo ao principe.

— Demonio, que me fizeste ver as estrellas! gritou o diabo tornando a acordar.

— Socega, homem, disse a senhora, socega, que tambem foi sonhando, porque tornei outra vez a adormecer; e sonhava um sonho tão singular...

— E que sonho era?

— Sonhava que em outra cidade era tudo lagrimas e preces porque seccára a mais formosa macieira.

— E continuará a seccar se não matarem um bicho que lhe roe a raiz, respondeu o diabo tornando a adormecer.

Quando a senhora o ouviu roncar tomou-lhe outro cabello, e... zás! arrancou-o e deu-o ao principe, que se conservava escondido nas sáias da sua protectora.

— Com mil demonios! exclamou o diabo furioso, acordando novamente com a dor.

— Socega, homem, disse a senhora, socega, porque tirei agora outro cabello tambem sonhando. Adormeci, e logo comecei a sonhar de um modo tão estranho...

— E que sonhavas?

— Que um barqueiro muito inhabil tem desejo de saber se encontrará alguem mais pêco que elle para o substituir.

— Substituil-o-ha nada menos que um rei, disse o diabo e tornou a ficar inteiramente adormecido.

Então o principe saíu cuidadosamente do merinaque protector, onde o calor não o suffocára, graças ao desalinho do seu vestuario e aos calafrios que alli sentíra; e se não pôde levar após si, ao partir-se, a alma da senhora, era porque a alma da senhora pertencia ao diabo.

VI

O principe emprehendeu o regresso á sua terra, tornando a enroupar-se á medida que se afastava do inferno, que é terra quente; e, ao passar pela referida barca, encheu de alegria o barqueiro, annunciando-lhe que ia ser substituido, e nada menos que por um rei. Como testimunho de gratidão, o barqueiro disse ao principe que, na vespera do dia em que elle passára por alli, tinham passado dois lavradores com um burro carregado de oiro, o que provava que do outro lado do rio devia haver alguma mina riquissima.

— Boa noticia levo ao senhor meu sogro, disse para si o principe.

O principe foi buscar á estalagem o burro carregado de oiro, e andando, andando com o burro diante de si, chegou á cidade da macieira, procurou o bicho que roia a raiz d'aquella singular e preciosa arvore, matou-o, e logo no dia seguinte começou novamente a florescer a macieira, em vista do que a cidade, cheia de regozijo e reconhecimento, lhe deu o promettido burro carregado de oiro.

Andando, andando com os seus dois burros carregados de oiro adiante de si, o principe chegou á cidade da fonte, procurou o sapo atravessado no cano, matou-o, e a fonte continuou a correr como d'antes, pelo que a cidade, summamente grata, lhe deu outro burro carregado de oiro.

O principe, andando, andando com os seus tres burros carregados de oiro, chegou á corte, abraçou a infanta sua mulher, sem dizer-lhe, já se sabe, que se tinha encontrado envolvido no merinaque da senhora do diabo, e brindou o rei seu sogro com os tres cabellos do demonio, que o rei teve como legitimos.

Quando o rei viu os tres burros carregados de oiro, abriu muito os olhos e perguntou ao seu genro onde estava a mina que produzia aquelle oiro; e como seu genro lhe dissesse que devia estar do outro lado do rio já indicado, o rei poz-se immediatamente a caminho para ir procurar e explorar a mina.

O principe no entretanto disse para com os botões:

— Que falta poderão fazer-me esses tres burros carregados de oiro, se me bastam para a minha limitada ambição o amor de minha mulher e as rendas do principado? Vou-me com elles ao moinho onde me criei, enriquecer os que me criaram com tanto carinho; e, se na passagem encontrar os dois mendigos com os quaes reparti o dinheiro com que meu sogro me brindou, não se irão com as mãos vasias, que tenho para mim que a minha boa sorte é devida ás benção que me lançaram.

Andando, andando com os seus tres burros carregados de oiro, o principe passou por uma aldeia, e á porta de uma casa miseravel viu um velho e uma velha tomando o sol, e, ao reparar-lhes bem no rosto, reconheceu n'elles os mendigos a quem soccorrêra quando ia com a carta do rei, e deu-lhes immediatamente um dos burros carregados de oiro, e continuou o seu caminho, em quanto os anciãos diziam, abençoando e chorando de alegria:

— Já temos com que fazer a viagem á corte e averiguar o que foi feito do querido filho que o rei nos levou.

— De que filho fallarão estes bons velhos? disse para si o principe ao ouvil-os. Tratar-se-ha, porventura, de alguma armadilha do senhor meu sogro, que é uma joia?...

E andando, andando rio abaixo com os seus dois burros carregados de oiro, chegou ao moinho onde se havia criado, e, depois de ter passado alguns dias na melhor convivencia com os que lhe tinham servido de paes, deixou-lhes os dois burros carregados de oiro e voltou-se á corte, onde o esperava a infanta sua mulher, cada vez mais enamorada d'elle.

Ia expirando o anno depois da partida do rei, e o rei não voltava, o que era coisa muito séria, porque, segundo o disposto na constituição, perdia a corôa se não regressasse antes de completar o anno da sua saída

do reino. Completou-se o anno sem que o rei voltasse, e passou a cingir a coroa seu genro, que se dedicou em corpo e alma a fazer a felicidade dos seus vassallos, que necessitavam muito d'isso, porque o anterior monarcha descurava tudo pelo seu ridiculo desejo de procurar minas de oiro e prata.

Mas que era feito do rei?

O rei havia substituido o barqueiro, porque dirigíra a embarcação do estado muito peior que o barqueiro a sua; e no resto da sua vida não pôde sair da barca, porque desde então entrou n'ella outro homem mais inhabil que elle. Mau anno foi, pois, aquelle para taes reis!

BRASIL

ALDEIA DE S. JOSÉ DE MATURI

Na margem esquerda do grande rio Amazonas, defronte da espaçosa foz do rio Madeira, vê-se uma pequena aldeia, composta de poucas e pobres casas abarracadas e dispersas. O terreno saibrento e arido em que está edificada faz singular contraste com os bosques frondosos, que se levantam, a curta distancia, nas costas d'ella, como contrasta a humilde povoação com a magestade do rio em que se espelha, e com as esplendidas galas naturaes que por todos os lados a cercam.



Aldeia de S. José de Maturi

Chama-se este humilde povoádo *S. José de Maturi*. Deu-lhe principio um missionario portuguez, fundando-o para habitação dos gentios, que, com suas palavras evangelicas, ia catechisando e attrahindo para a vida civilisada. Todavia, não conseguiu o missionario vencer a indolencia dos gentios e fazer-lhes adquirir habitos de trabalho. Assim ficou estacionaria a nascente aldeia, e como os descendentes dos seus primeiros moradores não se tenham mostrado mais diligentes e activos, apesar da fertilidade dos terrenos circunvisinhos e das vantagens da sua situação, debalde tem corrido o tempo para o seu engrandecimento.

Umas oito casas, comprehendida uma capella dedicada a S. José, de tão mesquinha architectura que se confunde com as outras construcções, é tudo quanto constitue aquella aldeia. Para se poder fazer um juizo aproximado das bellezas da sua situação, veja-se, a pag. 301, a descripção da foz do rio Madeira, e a gravura da pittoresca ilha da Mantiqueira.

Í. DE VILHENA BARBOSA.

ADÃO SMITH

(Vid. pag. 354)

IV

Demorando-se, quasi de passagem, alguns dias em Paris, dirigiu-se Adão Smith e o seu joven discipulo directamente a Tolosa, onde pouco antes fôra executado o desgraçado Calas, uma das ultimas victimas da intolerancia religiosa que ficou registada no immenso martyrologio do protestantismo em França. Smith, referindo, nas seguintes edições da sua *Theoria dos sentimentos moraes*, o horroroso supplicio d'este infeliz, acompanha a narração de acertadas considerações sobre a grande desegualdade que ha no castigo, avaliado quanto á diversa impressão moral que produz n'aquelles que o supportam.

Cêrca de um anno se demoraram em Tolosa os dois viajantes. Por que escolheram para residencia esta cidade, não está averiguado.

O sr. Leonce de Lavergne parece julgar provavel que a fama que tinha n'essa epocha em toda a Europa a administração dos estados do Languedoc, e a lucta acalorada que alli se empenhava entre o parlamento e o governador a proposito das liberdades da provincia, convidassem Adão Smith e o joven duque de Buccleug a demorarem-se tanto tempo em Tolosa. Fosse, porém, esta causa, ou unicamente a natureza do clima, que para alli attrahisse os dois viajantes, é certo que Adão Smith aproveitou o tempo da sua residencia n'esta cidade, principalmente para estudar a lingua franceza, a qual, não obstante isso, se acreditarmos o testimunho de um seu contemporaneo, o abbade Morellet, se lhe não tornou nunca muito familiar.

De Tolosa, onde viveram sempre na sociedade dos homens mais notaveis do parlamento, seguiram os dois viajantes pelo sul da França, visitando as mais importantes provincias, e foram passar dois mezes em Genebra.

Em dezembro de 1765 voltaram a Paris, onde se demoraram até outubro do anno seguinte.

Não era já alli desconhecido o nome de Adão Smith. A sua obra tinha-lhe, como dissemos, alcançado celebridade na Europa; e em França, logo depois da sua publicação, um jornal dera um extracto d'ella. Já então Voltaire não duvidava dizer do illustre philosopho escocez, em uma das suas cartas: «É homem notavel este Smith. Não ha alli nada que não seja aproveitavel. Lastimo que assim seja, por amor dos meus caros compatricios.»

O seu nome, pois, as recommendações do seu verdadeiro amigo David Hume, e não pouco, de certo, a riqueza do seu companheiro de viagem, obtiveram-lhe o mais favoravel acolhimento por parte dos homens notaveis da França.

Em casa da duqueza de Anville, cujo filho, o duque de la Rochefoucauld, foi depois victima d'essa revolução, á qual immolou talento e bens, reuniam-se por aquella epocha os economistas mais notaveis d'essa pleiade que havia de constituir mais tarde a celebre eschola dos physiocratas. Foi alli que Smith travou amizade com Quesnay e Turgot; que conheceu Dupont de Nemours, Morellet e outros economistas, já então em grande voga em França pela doutrina que começavam a propagar, e de que o *Quadro economico*, publicado em 1758, havia assentado as bases mais importantes.

Não eram, porém, sómente os economistas, cujo trato prezava Adão Smith. A philosophia devia-lhe affecto, pelo menos, egual. Foi por isso que procurou tambem ter entrada com os homens que trabalhavam então na grandiosa empreza da *Encyclopedia*, e entabolou conhecimento com d'Alembert, Helvetius, Marmontel e outros dos celebrados collaboradores d'esse vasto repositorio dos conhecimentos do seculo, e ao mesmo tempo guarda avançada da futura revolução social.

Quasi nada nos consta a respeito das relações que Adão Smith teve com Quesnay e Turgot; mas é certo que a amizade que os ligou não foi d'aquellas que facilmente faz esquecer o tempo ou a distancia. Sabemos que Adão Smith tencionava dedicar ao illustre chefe da eschola dos physiocratas a sua obra immortal ácerca da sciencia economica, e parece egualmente averiguado que manteve por muito tempo seguida correspondencia com o ousado ministro de Luiz XVI.

Tem sido ponto largamente contestado se ás conversações de Turgot e de Quesnay deveu Adão Smith as idéas fundamentaes da obra que lhe assegurou o logar de honra entre os economistas.

Dupont de Nemours, um dos mais fervorosos evangelisadores da doutrina dos physiocratas, assim o pretende; parecendo ignorar que, muitos annos antes da sua ida a Paris, isto é, desde 1752, já Smith, como dissemos, professava na universidade de Glasgow os principios da sciencia de que devia ser o fundador.

É certo que o economista escócez aproveitou o tempo da sua estada em Paris discutindo largamente com os economistas francezes os assumptos economicos. Mas o proprio abbade Morellet, dizendo-nos que se encontrava com elle em casa de Helvetius, accrescenta que fallavam sobre theoria commercial, bancos, credito publico e varios outros pontos *da grande obra que elle projectava*.

Convem ainda advertir que já no ultimo paragrapho da primeira edição da *Theoria dos sentimentos moraes*, que veiu á luz, como sabemos, em 1759, Adão Smith promettia publicar uma obra ácerca das leis que regem a riqueza das nações.

Mas não são estes os unicos argumentos que deitam por terra a opinião que apontámos. Se nos lembrarmos de que a economia politica era uma parte do curso de philosophia moral da universidade de Glasgow, e que Adão Smith não fez mais do que seguir o programma e o systema de Hutcheson; se attendermos a que o economista francez combateu victoriosamente na sua obra alguns dos erros mais importantes da eschola de Quesnay; se lançarmos mão, finalmente, de um manuscripto datado de 1755, que nos fornece Dugald Steward, e pelo qual se prova que Adão Smith já n'aquella epocha tinha assentado nos principios fundamentaes que deviam ser base da sciencia economica, havemos de convencer-nos de que não foi das conversações de Quesnay e Turgot que saiu a *Riqueza das nações*, embora seja provavel que o seu auctor modificasse, ou reformasse mesmo, algumas das suas anteriores idéas, ao contacto das doutrinas da eschola physiocrata.

Sem tirar, pois, aos economistas francezes do seculo XVIII o incontestavel merecimento de haverem contribuido notavelmente para o progresso dos estudos economicos, não póde tambem, sem grave injustiça, roubar-se a Adão Smith a honra de ter constituido a sciencia em solidas bases, e de ser com verdade chamado o fundador da economia politica.

No mez de outubro de 1776 voltaram os dois viajantes para Inglaterra. Adão Smith retirou-se para Kirkaldy, e alli, completamente afastado do bulicio da sociedade, na companhia de sua mãe, se entregou durante dez annos á compilação da obra que havia de tornar immorredoira a sua memoria.

Em vão os seus amigos procuravam fazel-o desistir d'aquelle voluntario afastamento da sociedade, lamentando que vivesse quasi ignorado n'uma pobre aldeia da Escocia o homem cujo talento o mundo admirava; em vão o mais querido de todos, David Hume, insistia com elle para que deixasse o retiro onde se escondia, suppondo este *filho da indolencia e do amor da solidão;* Smith não cedia a nenhumas instancias, e continuava, sem descanço, carreando os materiaes para o monumento que, sem o suspeitar talvez, a si proprio estava levantando.

Em 1771 começou Adão Smith a redigir a sua obra, *Riqueza das nações*, que principiou a imprimir-se no fim do anno de 1775, e appareceu á luz em 1776.

Alguns dos homens mais illustrados da Inglaterra saudaram logo com sincero enthusiasmo a apparição do livro; e o celebre Fox não duvidou mesmo cital-o por vezes no parlamento, e recommendal-o como obra indispensavel aos homens do governo.

Hume, o amigo fiel e dedicado de Smith, escrevia-lhe, logo depois da apparição da *Riqueza das nações*, uma carta em que se liam as phrases seguintes: «A vossa obra causou-me a maior satisfação, e veiu afugentar do meu espirito uma penosa anciedade. Receiava, na verdade, vêl-a surgir á luz, tal era a impaciencia em que a esperança da sua apparição conservava não só o seu auctor, mas tambem os nossos amigos e o publico. Em fim, estou descançado. Não significa isto que não receie que o favor do publico se demore ainda em pronunciar-se, ponderando a muita attenção que exige a sua leitura, e a pouca que elle soe dispensar. Mas como ha n'ella profundeza, solido estudo, acertadas e engenhosas apreciações, tarde ou cedo, com taes predicados, far-lhe-hão inteira justiça.»

N'esta mesma carta Hume pedia a Smith que não reservasse para muito tarde a occasião de estarem juntos, porque desejava contestar-lhe algumas proposições do seu livro, e previa que o seu estado de saude lhe não daria logar para grandes demoras. Não o enganava o presentimento, porque, mezes depois, o illustre philosopho havia deixado de existir.

Devia ser profunda a impressão que causou a Smith a morte do seu amigo; e d'isso temos segura prova n'uma carta escripta por essa occasião, na qual bem claramente patenteava elle quanto simlhante perda lhe fôra penosa.

A publicação da sua obra, cuja primeira edição se fez em Londres, levou-o a esta cidade, onde se de-

morou dois annos, frequentando a sociedade dos homens mais distinctos nas letras, e tratando especialmente com Gibbon, Burke e Pulteney.

Foi por então que as recommendações do duque de Buccleug lhe obtiveram o logar de commissario de alfandegas na Escocia, occupação bem pouco accommodada, certamente, para o homem que acabava de dar á luz a *Riqueza das nações*, e que se preparava para, em outra obra, estudar a historia e a theoria do direito, desde os seus principios mais obscuros, nos povos e na alma humana, até ao seu mais completo desenvolvimento.

Esta obra, que devia intitular-se *Theoria da jurisprudencia*, tinha sido promettida ao publico na primeira edição da *Theoria dos sentimentos moraes*. Na ultima edição previa já Smith a impossibilidade de satisfazer a promessa feita. «Ainda que a minha edade (66 annos), dizia elle, me não deixa senão fraca esperança de levar a cabo esta obra importante, tal como eu a concebo, comtudo, como ainda não desisti do meu proposito (desejando para esse fim empenhar todas as minhas forças), conservei o paragrapho, em que a annunciava ha trinta annos, tal como estava redigido quando eu contava poder desempenhar-me de todas as promessas que contrahia perante o publico.»

Se, porém, os deveres do seu cargo, a sua edade e os desgostos que nos ultimos annos da sua vida pertinazmente o atormentaram, lhe não consentiram a publicação de tão importante obra, nem por isso os doze annos que viveu em Edimburgo foram completamente estereis para a sciencia.

As edições das suas obras, a que procedeu durante este periodo, ganharam successivamente em correcções e addicionamentos valiosos. Tanto na *Theoria dos sentimentos moraes* como na *Riqueza das nações*, se encontram nas ultimas edições, feitas sob sua direcção, capitulos inteiramente novos, sendo alguns sobre pontos importantes.

Em 1784 a morte roubou-lhe sua mãe, e pouco depois uma parenta a quem consagrava profunda affeição. Foram duas feridas moraes que nunca se cicatrizaram, e que bastante concorreram para se aggravarem os padecimentos physicos, que começavam já de quebrantar-lhe as forças.

A falta d'aquelles que mais caros lhe tinham sido no mundo abbreviou evidentemente os seus dias. Entrou-lhe na alma o desalento. No trecho acima citado, escripto um anno antes da sua morte, descobre-se facilmente esse desanimo, contra que a sua vontade tentava ainda, mas debalde, reagir.

Em 1787, tres annos apenas antes da sua morte, a universidade de Glasgow concedeu-lhe o honroso titulo de reitor. Foi esta para Adão Smith uma das distincções que mais satisfação lhe causaram, principalmente porque lhe avivava a memoria dos treze annos que passára na universidade, e que foram, segundo elle proprio o confessa, os mais felizes da sua vida.

Em julho de 1790 augmentaram-se sobremodo os seus padecimentos, e sobreveiu-lhe uma obstrucção intestinal que poz termo aos seus dias.

Conhecendo que se lhe avisinhava o fim da vida, declarou terminantemente aos poucos amigos que se acercavam do seu leito, que era vontade sua que fossem queimados os seus manuscriptos. «Tencionava, lhes disse elle com a voz já enfraquecida, aproveitar muitos dos materiaes que se encontram entre os meus papeis; mas vejo que é tarde para isso.»

D'esta condemnação foram só exceptuados os manuscriptos que comprehendiam uma historia da astronomia, da physica e da metaphysica dos antigos, e uma extensa dissertação sobre a natureza da imitação nas artes chamadas imitativas; manuscriptos estes que foram publicados depois da morte do auctor sob o titulo de *Ensaios philosophicos (Essay on philosophical subjects)*.

A destruição dos papeis do illustre economista tem servido de argumento aos que attribuem as idéas fundamentaes da *Riqueza das nações* ao trato intimo em que Adão Smith viveu em Paris com Turgot e Quesnay. Conjecturam elles que o motivo d'esta destruição fôra a discordancia que havia entre as lições sobre economia politica feitas em Glasgow, que estavam entre os seus manuscriptos, e a nova doutrina economica ensinada na sua obra.

Este argumento não tem maior força que os demais. Se os motivos que imperavam no animo de Adão Smith ao ordenar que se queimassem os seus manuscriptos houvessem sido taes quaes se apontam, não se poderia explicar por que foram tambem envolvidos na ordem de destruição a maior parte dos manuscriptos que continham as suas lições de rhetorica e de bellas letras, de theologia natural, e de direito civil e politico, o anniquilamento de alguns dos quaes se póde reputar uma verdadeira calamidade scientifica e litteraria.

É mais razoavel acreditar que o illustre auctor da *Theoria dos sentimentos moraes* e da *Riqueza das nações* não considerava dignos de apparecerem ao publico, ao lado das suas obras já publicadas, os manuscriptos que mandava queimar.

Quem sabe se desgraçadamente elle se enganou? A posteridade nem sempre ratifica as opiniões dos auctores sobre o merito relativo das suas obras; e o proprio Adão Smith não suppoz nunca que a *Riqueza das nações* havia de fazer esquecer quasi completamente a *Theoria dos sentimentos moraes*.

(Continúa) T. DE C.

SÉ DE EVORA

A CAPELLA-MÓR

(Conclusão. Vid. pag. 355)

III

Da parte de fóra, a capella-mór da sé de Evora é toda de marmore branco, que, por effeito das causas atmosphericas, se tem tornado n'uns logares pardacento, n'outros denegrido. Aos tres corpos interiores, de que fallámos, correspondem os do exterior, sendo tambem o do meio apainelado, porém com menos ornatos, e o de cima muito mais alto, porque vem a comprehender, mais que o de dentro, a espessura da abobada, o vão ou *pombal* que a separa do terraço, e ainda a balaustrada que remata toda a obra, e d'onde se erguem de espaço a espaço altas pyras flammejantes.

N'uma inscripção latina que está n'um dos paineis exteriores lê-se que em 1721 João Frederico Ludovici, architecto del-rei, dirigiu a construcção do modelo da obra, feito de madeira e reduzido na proporção da quarta parte [1]. Este modelo, de talha pintada e doirada, muito bem acabado, foi, não sabemos como, da sé para o convento da Graça em tempo dos frades. Depois da suppressão das ordens religiosas, transformado o convento em quartel, lá ficou exposto ás inclemencias do tempo e aos insultos da soldadesca, e de todo se perderia se, ha alguns annos, o não trasladassem para a capella dos ossos da egreja de S. Francisco, por louvavel diligencia do digno prior de S. Pedro, o sr. Telles Jordão, a fim de servir de altar á devota imagem do Senhor dos Passos [2].

Como, porém, o modelo não coubesse no logar para

[1] *Joannes Fredericus Ludovisius, regius architectus*
Futuri operis specimen absolutissimum
Ad quartam undequaque partem contractum
Ex ligno erigi curavit. MDCCXXI

[2] Vid. pag. 81 d'este volume.

onde o destinaram, foi barbaramente mutilado, tirando-se-lhe alguns palmos em altura, sem respeito nenhum ao nome de Ludovici e ás regras architectonicas. Temos por certo que quem tal fez ignorava que punha mãos vandalicas na obra de um dos primeiros architectos que trabalharam em Portugal, e bem assim que todas as peças do modelo tinham medidas certas que não era licito alterar. O que, porém, não ousâmos dizer é se a ignorancia deve servir de circunstancia attenuante ou aggravante ao vandalismo.

Na citada *Descripção* do conego D. João da Annunciada se diz que o modelo custou 2:256$000 réis. Entretanto, n'uns apontamentos muito incompletos da despeza da obra, que se conservam entre os manuscriptos da bibliotheca publica de Evora, achâmos differentes verbas applicadas para aquelle fim, as quaes, todas, sommam 7:934$547 réis, quantia que não parecerá exaggerada se comprehende a remuneração de Ludovici.

Segundo os mesmos apontamentos, o painel do modelo, que se conserva muito deteriorado na egreja de S. Francisco, e é em tudo similhante ao do altar-mór da sé, e reduzido na mesma proporção, foi pintado por Julio Cesar Femini, e custou 88$000 réis. O auctor da mencionada *Descripção* diz que cada um dos quatro paineis que estão nos lados da capella-mór custou 270$000 réis, e o maior, que é o do altar-mór, 700$000 réis; e que todos vieram de Roma, onde foram pintados. Todavia, parecem-nos estes quadros, se não todos, pelo menos o do altar-mór, do mesmo pincel que o do modelo. O quadro maior, como já dissemos, representa a Assumpção; os outros a Natividade, a Conceição, a Coroação e o Natal. Nos apontamentos a que alludimos attribue-se a execução do modelo a mestre João Vicente ou Manuel Vicente de Lisboa.

Os marmores vieram de differentes partes. As pedras maiores foram arrancadas das pedreiras de Estremoz, Borba, Villa Viçosa e Montes Claros, e conduzidas para Evora por bois. Houve tal que dezenove juntas puxaram.

O padre Antonio Franco, da congregação do Oratorio, dirigiu em Estremoz a exploração de todas aquellas pedreiras, correndo as despezas por sua mão. As pedras amarellas, pretas, côr de rosa, e a pedra de burnir, vieram de Cintra. A pedra verde de Roma.

O grande crucifixo de madeira de cedro, que está por cima do altar-mór, foi esculpido por Manuel Dias, o qual, em attenção aos muitos que fez, chamaram *pae dos Christos*. Custou 240$000 réis.

O auctor das estatuas de marmore branco que se vêem por cima do entablamento foi João Antonio de Padua, que ganhava em principio 960 réis por dia. Em 1734 elevaram-lhe o salario a 1$200 réis. Cada uma das estatuas custou de 200$000 a 300$000 réis.

A capella-mór foi exornada com dois candieiros de prata, que tinham de peso 753 marcos, 7 onças e 7 oitavas. Toda a despeza que se fez com elles importou em 16:830$950 réis. Só o debuxo custou 102$940 réis, e deu-se de premio ao ourives Thomaz (?) Corrêa 48$000 réis. Estes candieiros foram levados para França no principio do nosso seculo com as demais pratas da sé de Evora, cujo peso excedeu a 70 arrobas.

A obra durou desde 1718 até 1746. N'este anno, a 22 de maio, sagrou a nova capella-mór o arcebispo D. Miguel de Tavora. Diz-se geralmente que importára em 400:000 cruzados. Todavia, ao conego D. João da Annunciada, que examinou os livros das contas da receita e despeza, pareceu-lhe exaggerada esta somma, entendendo que se deveria reduzir a 120:000$000 réis.

A grandeza da construcção e o espaço de tempo que durou deram origem ao seguinte proverbio, que n'algumas partes do districto de Evora applicam ainda hoje a edificações demoradas: «É como a obra da capella-mór.»

As calçadas da cidade estragaram-se de tal modo pela conducção dos materiaes, que teve o cabido de dar á camara a quantia de 48$000 réis em outubro de 1721, sendo provavel que, pela continuação do estrago, houvesse novas compensações [1].

A. Filippe Simões.

VILLA DA POVOA DE VARZIM

RECTIFICAÇÕES

Nos apontamentos que ficam n'estas paginas ácerca da villa da Povoa de Varzim é preciso fazer algumas rectificações essenciaes, para que não incorram em erro as pessoas que porventura venham aqui consultal-os.

Na pag. 65, lin. 7.ª, onde se lê =freguezia de *Argivaes*= deve ler-se =de *Argivae*=.

Na pag. 156, lin. 7.ª, dissemos =D. João Affonso, a quem chamavam o *Ataude*=, quando deviamos mais acertadamente escrever =a quem chamavam o do *Ataude*=, quando a verdade é que esta alcunha foi posta a D. João Affonso porque elle costumava, em occasião de guerra, trazer um ataude atraz de si.

Na mesma pag., lin. 36.ª e 37.ª, escrevemos que a doação do castello de Villa do Conde ás religiosas franciscanas de Santa Clara era datada do anno 1318, pouco mais ou menos o do fallecimento de Affonso Sanches. Houve n'isto equivoco. Pelo que consta das *Provas da historia genealogica da casa real portugueza*, a morte d'aquelle filho bastardo del-rei D. Diniz occorreu uns onze annos depois, porque é provavel que fosse por 1329.

Na pag. 232 pozemos que sobre a janella principal do edificio dos paços do concelho se levantava o brazão d'armas da villa. Não é. As armas que alli se vêem são as reaes.

Os brazões que se vêem no frontispicio da egreja matriz de Villa do Conde são de Villa do Conde, Povoa de Varzim e *Azurara*, em vez de *Barcellos*.

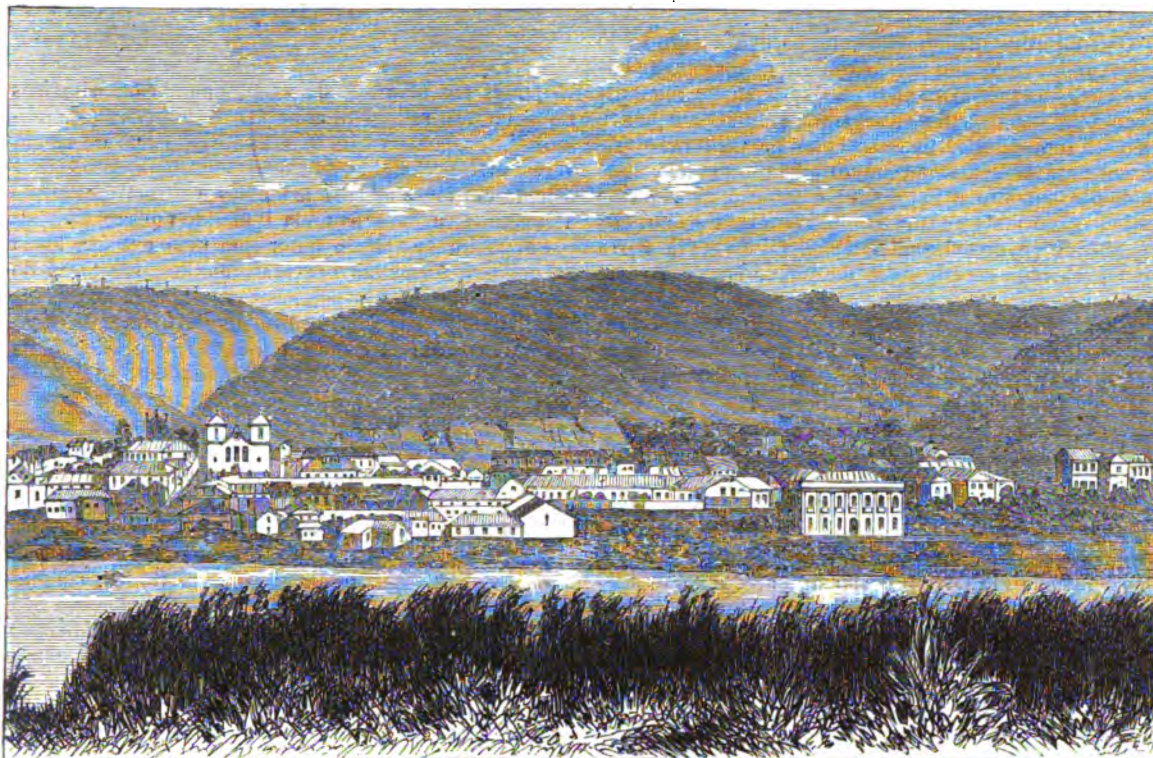
A capella da fortaleza (de que se falla na pág. citada, col. 2.ª) ainda existe. Foi construida á custa do erario, e presentemente não tem artilheria.

A pag. 239, quando tratâmos do hospital, póde accrescentar-se o seguinte: O primeiro hospital da villa occupou não só uma das salas dos paços do concelho, mas tambem o segundo andar ou aguas-furtadas. Os dois vereadores, que pela provisão de 1826 eram adjuntos na administração do hospital, a cargo da irmandade da Misericordia, já não fazem parte d'essa administração, porque é expresso em os novos estatutos da Misericordia, organisados em julho de 1867, e approvados por decreto de agosto e carta régia de outubro do mesmo anno, que a gerencia d'aquelle estabelecimento pio pertença exclusivamente á indicada irmandade.

Brito Aranha.

[1] Na primeira parte d'este artigo admittimos, como possivel, que a sé de Evora tivesse sido construida no reinado de D. Sancho I pelo mesmo architecto que em tempo de D. Affonso Henriques edificou a sé velha de Coimbra. A similhança que se nos deparou nas plantas das fachadas principaes, nas ameias e nos triforios, foi causa de que aventassemos tal idéa. Tendo, porém, visitado depois a sé de Coimbra, conhecemos que nos illudiram aquellas apparencias. Na sé de Evora predomina a ogiva, na de Coimbra o arco de volta redonda. N'esta a fórma e os ornatos dos arcos e os capiteis são muito caracteristicos do estilo byzantino-romano; n'aquella em tudo se manifesta o estilo gothico, que, depois do outro, se introduziu em Portugal nos primeiros tempos da monarchia. Ora a differença de estilos prova a diversidade de architectos.

Achámos tambem na cidade de Coimbra outros vestigios do estilo byzantino-romano similhante ao da sé velha. São os dois portaes da egreja de S. Thiago e o da egreja do Salvador. Por essa occasião nos affirmou pessoa competente que era do mesmo estilo o da egreja de S. Christovão, demolido ha alguns annos. Passando depois em Lisboa, examinámos o portal da sé, que encontrámos ainda similhante aos outros a que alludimos. Os decantados capiteis, que tanto tem dado que fazer aos antiquarios, são parecidos com os que vimos em Coimbra, e da mesma sorte os ornatos do arco. Convencemo-nos, pois, de que todos os mencionados monumentos são do estilo byzantino-romano, e de que denotam uma epocha de actividade artistica, respondente aos annos que immediatamente precederam e se seguiram á fundação da monarchia. Como Lisboa fosse dos moiros até que D. Affonso Henriques lh'a tomou, temos por mais provavel que nos principios do seu reinado se edificasse a sé d'esta cidade, no mesmo tempo em que foi construida a de Coimbra.



Cidade de Barra Mansa, no Brasil

O rio Parahyba tem por origem uma pequena lagôa na vertente meridional da serra da Bocaina, que faz continuação á dos Orgãos. Acha-se esta lagôa na provincia do Rio de Janeiro, a uns 25 kilometros ao norte da villa de Paraty, que el-rei D. João VI, sendo ainda principe regente, erigiu em condado em favor de D. Miguel Antonio de Noronha, irmão do ultimo marquez de Torres Novas e pae do actual conde do mesmo titulo.

Sae aquelle rio da mencionada lagôa com o nome de Piratinga; corre ao longo da serra que se prolonga com o Oceano; entra na provincia de S. Paulo, recebe a ribeira de Jacuhy e o rio Parahybuna, e na sua confluencia com este ultimo toma o nome de Parahyba, que conserva até se lançar no Oceano.

Depois de descrever um vasto rodeio na provincia de S. Paulo, onde banha varias povoações, torna a entrar na provincia do Rio de Janeiro, aproximando-se da lagôa que lhe serve de fonte. No resto do seu curso até desaguar no Oceano, recebe o tributo de diversos rios e ribeiras. Junto á foz de um d'estes affluentes, denominado ribeirão de Barra Mansa, está situada a cidade d'este mesmo nome, que dista da capital do imperio quasi 110 kilometros.

No sitio em que ora se vê a cidade de Barra Mansa não existia habitação alguma no principio d'este seculo. Era então um logar inteiramente ermo. Não tardou, porém, a ser frequentado pelos viandantes que, dirigindo-se da cidade do Rio de Janeiro para a provincia de S. Paulo, viram-se obrigados a fugir das estradas do interior, por esse tempo infestadas de salteadores, que se occultavam nas visinhas mattas, d'onde accommettiam de improviso os passageiros.

Não obstante esta precaução, reuniam-se os viajantes em ranchos mais ou menos numerosos, para assim melhor se livrarem d'aquelle ou de outro qualquer perigo, atravez de um paiz ainda em grande parte inculto e povoado de animaes ferozes ou nocivos.

Quando o sol desapparecia do horisonte procuravam estas caravanas logar em que podessem pernoitar com alguma segurança. A confluencia de dois rios offerecia-lhes, por assim dizer, um campo meio entrincheirado, pois que só um lado d'elle ficava aberto ao inimigo, o que facilitava a vigilancia e a defensa em caso de ataque.

Por esta razão, todas as caravanas, que iam de uma para outra das provincias acima nomeadas, acampavam e pernoitavam no territorio junto á confluencia do ribeirão de Barra Mansa com o Parahyba.

O desenvolvimento que teve o commercio interno, posteriormente á independencia do Brasil; e com especialidade a importancia que ia assumindo a feira de Sorocaba, na provincia de S. Paulo, fizeram crescer a tal ponto aquella concurrencia, que o arraial de Barra Mansa apresentava em certas occasiões o aspecto de uma grande povoação.

É certo que, commumente, esta accumulação de povo durava apenas algumas horas, pois que o sol nascente encontrava já levantado o arraial e toda a gente a caminho. Porém algumas vezes casos de força maior, como eram as inundações dos rios, faziam com que o arraial se mantivesse até cessar aquelle impedimento.

Apressou-se o commercio em aproveitar-se d'esta circunstancia, propondo-se a fornecer dos generos mais necessarios á vida este centro de consumo, embora temporario. Estabeleceram-se alli primeiramente algumas lojas de comestiveis, e depois algumas estalagens. No principio serviram de casas de venda mesquinhas barracas; ao diante, como a affluencia de povo fosse augmentando e o negocio tivesse successivo incremento, começaram a construir casas com mais solidez. Pouco a pouco alli vieram estabelecer-se officiaes de officios mecanicos, depois artistas, e finalmente familias abastadas, que, attrahidas pelas vantagens da situação e barateza dos terrenos, foram edificando casas para sua morada, e adquirindo terras para arrotear e lavrar.

Assim nasceu e medrou a aldeia denominada de S. Sebastião. Passado pouco tempo, em 1828, foi esta

povoação erigida em parochia com o nome de Barra Mansa, e annexada ao concelho da villa de Rezende. Em 1833 foi creada villa.

O rapido desenvolvimento que se deu á cultura do café em breve tornou prospera a villa. Abriram-se então novas ruas; adoptou-se um systema de regularidade para as construcções; edificaram-se templos e cadeia; fundaram-se duas escholas de instrucção primaria para os sexos masculino e feminino; lançou-se uma ponte sobre o Parahyba; e abriram-se diversas estradas, de mais ou menos importancia. Em fim, por decreto de 15 de outubro de 1857, foi a villa de Barra Mansa elevada á cathegoria de cidade com a mesma denominação.

A existencia d'esta terra é, pelo que deixâmos referido, modernissima; e a sua historia toda se resume nas lides e progressos da industria.

Desde 1857 tem tido extraordinario engrandecimento, graças ao vigoroso impulso dado ás communicações, e ao successivo desenvolvimento da agricultura e do commercio.

A situação da cidade, além de vantajosa, é de muita belleza, pelo realce que lhe dá o Parahyba com sua placida corrente e verdejantes margens. Posto que esteja edificada em terreno levemente accidentado, offerece bonita perspectiva a quem a contempla do rio.

Divide-se a povoação por quatro parochias, da invocação de S. Joaquim, Nossa Senhora do Amparo, Espirito Santo e Nossa Senhora do Rosario. A matriz é um bom templo, de solida construcção, e de architectura elegante e simples. Ainda não está inteiramente concluida. Proximo d'ella acha-se o cemiterio publico.

A casa da camara é o principal edificio civil da cidade. Está situado junto ao Parahyba, e mostra-o a nossa gravura. Tem nobre aspecto, e excellentes accommodações para a municipalidade e para o tribunal de justiça. Haverá um anno ainda não estava acabado interiormente no pavimento terreo. Tambem ainda faltava nivelar e regularisar o espaçoso largo que se estende em frente da fachada principal dos paços do concelho até á margem do Parahyba.

As ruas da cidade, em geral, são largas; as casas, pela maior parte, de boa apparencia, e todas resplandecendo de alvura, o que produz um bello effeito entre os verdores que por todos os lados as cercam.

Conta a cidade seis estabelecimentos particulares de educação, além dos dois subsidiados pelo governo, um dos quaes, do sexo masculino, é de instrucção primaria e secundaria. Possue uma philarmonica bem organisada, e encerra varias hospedarias, a melhor das quaes se intitula *club Barra Mansense*.

Os arrabaldes da cidade são alegres, pittorescos e bem cultivados. Ha n'elles algumas chacaras com bonitas casas de campo. As margens do Parahyba e do ribeirão de Barra Mansa apresentam sitios de muita belleza e amenidade; e as montanhas que se levantam por detraz, e a curta distancia da cidade, aformoseiam aquellas paizagens com o seu vulto magestoso envolto em um manto de perenne verdura. Do alto d'estas montanhas relanceiam os olhos do observador, para qualquer parte que se volvam, admiraveis panoramas.

O principal ramo da agricultura é o café, que dá emprego a numerosos braços, e á cidade um grande movimento commercial, havendo sempre alli importantes depositos d'este precioso genero.

O Parahyba é navegavel para embarcações pequenas, e são muitas as que se occupam em serviço de Barra Mansa, tanto no transporte de passageiros como no de mercadorias. Este rio é abundante de diversidade de peixes saborosos. Além d'isto, a cidade é farta dos generos mais necessarios á vida, e tambem é mimosa de muitos propriamente de regalo, entrando n'este numero as frutas mais especiaes do Brasil.

I. DE VILHENA BARBOSA.

REAL ASYLO DOS INVALIDOS, EM RUNA

(Vid. pag. 345)

II

Quem, por alvorada de maio, quando os primeiros raios do sol retingem e beijam as cristas das montanhas, chegar ao alto das Lombas, perto de Runa, verá um espectaculo admiravel, em que a natureza se ostenta em todas as suas louçanias e attractivos, quaes a imaginativa mais fecunda difficilmente crearia.

Supponha de feito o leitor que uma extensa bacia se encurva formando um vasto ambito, em torno do qual se levantam em pendores graciosas collinas, que circundam a paizagem e formam um magestoso amphitheatro, cuja cupula é um firmamento azul, limpido e transparente, allumiado pelos resplandores do sol.

Extensos vinhedos luxuriantes de seiva e vida bracejam os pampanos, e atapetam e enramam os recostos e as tapadas. Á grata sombra dos salgueiros e dos choupaes corre o murmuroso Cisandro. O trigo ondeia bafejado pela brisa e reveste as campinas feraces.

Além, á beira da estrada, em cujo leito branco se reflectem os raios solares, divisam-se umas casas ainda mais brancas, com as suas gelosias verdes, com as suas trepadeiras enfloradas.

Ao longe a serrania alpestre com os moinhos que agitam os desmesurados braços e parece que estão a porfiar com o ar subtil.

Mais ao valle, para as bandas de Torres Vedras, dois morros de calcareo tão abruptos e empinados, tão conchegados e visinhos, que andou alli mão de homem a apertar o que a natureza tinha unido, pois, segundo reza a tradição, a bacia de Runa foi em tempos mui remotos um grande paul, por falta de escoante ás aguas do Cisandro.

A meio monte, em fim, á direita da estrada, vê-se o bello e regular edificio onde os invalidos das batalhas descançam na contemplação beatifica de uma natureza luxuriante e opulenta.

E, com effeito, jámais, como alli, sorriu a natureza

«Mais loira que manhã desentrançada»,

como diz o poeta descriptivo do seu patrio Minho.

Eu cheguei a Runa nas circunstancias que ahi ficam descriptas sem atavios nem requebros.

Mal cheguei ás Lombas, com quanto viesse maravilhado das successivas paizagens, cada qual mais formosa e convidativa, em que de enlevados se me iam ficando os olhos, parei estupefacto e admirado, julgando que varinha de condão de alguma bemfazeja magica me havia descerrado os esplendores das estancias divinas.

Não me fartava de admirar, e ainda hoje a mim mesmo estou perguntando, qual a razão por que tanta gente vae peregrinar no estrangeiro para admirar bellezas do Rheno, Suissa, Italia e Escocia, quando ao pé de casa tem onde espraiar a vista, alegrar a alma e refestellar o corpo.

É proverbial o menospreço em que nós temos as nossas coisas, que todo o louvor é pouco para o que é de estranhos.

Pois, no seu genero, difficilmente se encontrará paizagem que exceda a de Runa, que reune e congraça variados predicados. [1]

III

Tinha uma alma poetica e um grande coração a serenissima princeza a sr.ª D. Maria Benedicta, irmã da rainha a sr.ª D. Maria I.

Quem lhe contemplar o retrato, que é religiosamente guardado nos aposentos que foram d'ella, e onde se

[1] A'cerca das bellezas e curiosidades naturaes de Runa leia-se no *Panorama* um substancioso artigo do sr. Vilhena Barbosa.

comprazia de viver, verá infinita bondade e doçura a ressumbrar das feições de peregrina belleza.

Não é sem uma certa commoção e um estremecimento da mais entranhada sympathia e gratidão que o viajante analysa o rosto lindo da princeza, quando ella estava no florir pleno da primavera, quando tudo lhe sorria, fagueiro se lhe descerrava o futuro, e nos braços de um esposo gentil, esperança da nação, encontrava a felicidade.

Mas não sei que vaga e indefinivel tristeza e profundissima melancolia nos confrange o coração ao dar de rosto com o retrato da princeza quando ella chegára á edade provecta. As rugas da edade haviam-lhe cavado e deformado as feições. Já o sorriso prazenteiro e alegre não lhe volteia nos labios. Os olhos estão encovados, saliente a mandibula inferior, e a caducidade cravára a garra potente n'aquella que sempre fôra um anjo de bondade.

Em vez do carmim a purpurear-lhe as faces, reina a pallidez sombria, que é a côr da morte.

Que contraste!

A sr.ª infanta D. Maria Benedicta, filha del-rei D. José, havia desposado um principe de raras qualidades e extremadas virtudes, e que cedo baixou ao sepulchro, por desgraça d'estes reinos.

O principe D. José, filho da sr.ª D. Maria I, era um d'esses caracteres de rija e fina tempera, aquilatados pela craveira dos homens superiores.

Educado com esmeros que merecia quem havia de reinar n'uma nação que ainda então era opulenta e rica, todos fiavam d'elle, todos lhe consagravam respeito e amor.

No reverdejar dos annos arrebatou-o a morte, e a princeza viuva, se recebeu com resignação christã o golpe que a lancinava e lhe cortava cerce todas as esperanças e felicidades, jámais pôde esquecel-o.

Era o principe muito amante das coisas militares, como quem n'ellas e para ellas se criára. A sr.ª D. Maria Benedicta, por um requinte de amor posthumo, que sobreviveu á mesma morte, decidiu fundar um asylo onde agasalhasse e amparasse os velhos defensores da patria.

Entre o germinar da idéa e o traduzil-a em facto quasi não medeiou um instante. Offereceu-lhe a rainha D. Maria I o edificio da Luz, onde ora está o collegio militar, mas, por motivos que desconhecemos, os quaes proviriam talvez dos instinctos poeticos que albergava n'alma, escolheu para a edificação a quinta denominada de Alcobaça, junto ao logarejo de Runa, no termo de Torres Vedras, e deu principio ás obras no dia 18 de junho de 1792.

Era grandiosa a traça, porque a princeza queria alevantar obra de vulto á memoria de seu esposo.

Proseguiu a faina e a lida com grande intensidade. Para mais de trezentos obreiros foram arrollados. De tal arte e com tanta actividade crescia a fabrica, que, passados quinze mezes, estava concluida uma grande parte do edificio.

Desgraçadamente, porém, não corriam propicios os tempos para as obras de paz.

Napoleão mandou invadir Portugal, e em 1807 partiu para o Brasil a princeza, em companhia da real familia, que assim abandonava o reino indefeso e á mercê do conquistador.

Mas ainda nas remotas paragens das terras de Santa Cruz não se esquecêra a real fundadora do seu dilecto asylo de Runa.

Lá mesmo lhe relembrava a formosa paizagem da sua terra natal, e o sentimento que presidira á erecção do monumento cada vez era mais redivivo.

Quantiosas sommas enviou para a prosecução das obras, como se infere de um livrinho escripto pelo seu proprio punho, e que está desveladamente guardado no archivo do asylo.

Em 1821 voltou ao reino a real familia, e foi primeiro cuidado da excellente e virtuosa princeza o examinar as obras do seu edificio, o qual achou muito adiantado.

Por esse tempo, como regressasse das Caldas el-rei D. João VI, visitou o asylo de Runa, e tão encantado ficou de tudo, que instou com a princeza por que fizesse a solemne abertura, para a qual era vontade sua concorrer efficazmente.

No dia 21 de julho de 1827 abriu-se, de feito, o edificio, recolhendo 16 militares invalidos. Contava então a princeza 81 annos de edade!

Ha quem se lembre d'ella, e com alguem que a viu n'esse dia tive a felicidade de conversar.

Tinha o aspecto seraphico de uma santa. Na fronte, os cabellos prateados pela edade como que lhe formavam uma aureola de bemaventurança.

Sorria com a meiguice e o amor de quem entrevê o ceo.

Tão affanosa andava, tanto e tão intenso era o contentamento, que quasi se ia finando.

Aquella alma angelica, que nascêra para o bem, para a virtude, para os gozos intimos da mais recatada castidade, toda se sorria, toda se expandia em gratissimos effluvios de amor do proximo.

Deu-lhe Deus a energia para resistir, e assim foi que presidiu á festa da abertura.

Por sua mão, e com evangelicos e esmerados cuidados, andou a servir os invalidos no refeitorio, distribuindo-lhes iguarias e sorrindo para elles, mãe carinhosa que era!

(Continúa) A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

CARTUXA DE EVORA

(Conclusão. Vid. pag. 274)

VII

O arcebispo D. Theotonio de Bragança doou aos monges cartuxos o convento e os outros bens de raiz, por escriptura que fez em Evora, a 15 de junho de 1598, o tabellião Balthazar de Andrade. Impoz, porém, uma condição, e foi que, no caso em que os frades faltassem a certas obrigações ou viesse a acabar a communidade, revertesse tudo para o collegio de donzellas nobres desamparadas, recolhimento instituido, como já dissemos, pelo caridoso prelado.

Da historia do convento, posterior á fundação, mui escassas noticias nos restam. A 25 de janeiro de 1610 recolheu-se dentro de seus muros D. Basilio de Faria, chamado no seculo Balthazar de Faria Severim, que foi chantre da sé de Evora, e tio do celebre antiquario Manuel Severim de Faria. Esteve tres annos na Cartuxa de Evora, d'onde saiu para a de Laveiras a exercer o cargo de prior. D'este e de outros monges constava no principio do seculo passado que se conservavam no convento de Laveiras memorias manuscriptas para a historia da ordem. Em Evora não podémos descobrir senão o que temos referido, e mais a seguinte noticia que dá o padre Fialho na sua obra, nada fidedigna: A egreja nova, cujo frontispicio a gravura representa [1], deu principio o prior D. Bernardo de S. José, com 8:000 cruzados que el-rei D. Pedro II lhe mandou dar em satisfação das perdas que o convento recebeu dos hespanhoes que, ás ordens de D. João d'Austria, sitiaram a cidade em 1663. Gastada aquella somma e estando as obras muito atrazadas, mandou o mesmo rei, nos fins do seculo XVII, dar mais 18:000 cruzados para se concluirem.

Com quanto seja extremamente simples a architectura interior da egreja, fizeram-lhe a fachada toda de marmores, cuja conducção e lavor de certo foram dispendiosos.

[1] Vid. pag. 225.

VIII

Em 1834, supprimidas as ordens religiosas, consideraram-se propriedades nacionaes tanto o convento e quinta da Cartuxa, como a casa arruinada e a quinta de Val-bom, que, por serem contiguas á primeira, os frades haviam comprado depois da expulsão dos jesuitas, a quem pertenceram. Tomou o estado posse de tudo, que mandou arrendar em hasta publica, esperando que as cortes auctorisassem a venda d'estes e dos outros bens da mesma natureza. Sendo, porém, eleito deputado, logo nas primeiras eleições, o ex.mo sr. Joaquim Filippe de Soure, requereu este benemerito cavalheiro que se tirasse a Cartuxa e suas dependencias da lista dos bens nacionaes que se haviam de vender, a fim de se destinar para uma eschola agricola. Deferiram as cortes, como era justo, mas, decorrendo algum tempo sem que se organisasse a eschola, e conhecendo a casa-pia da cidade de Evora o direito que tinha áquellas propriedades, por se lhe ter annexado o collegio de S. Manços, para o qual, segundo determinára o arcebispo doador, deveriam reverter, intentou a vindicação, que a final, passados alguns annos, veiu a conseguir.

Depois de ter administrado e explorado por sua conta a quinta da Cartuxa, arrendou-a em 1857 a casa-pia, por espaço de oito annos, a uma sociedade de lavradores e proprietarios, que se formou com o intuito de ensaiar na cultura d'aquelles terrenos algumas machinas modernas e novos processos agricolas. Era presidente da sociedade e director dos trabalhos o sr. Antonio Joaquim Potes de Campos, doutor em medicina pela universidade de Paris, e muito conhecedor da agricultura theorica e pratica.

Como, porém, o decreto de 16 de dezembro de 1852 determinasse a creação de uma eschola agricola em Evora, e se ignorasse quando o governo quereria n'esta parte dar-lhe execução, estipulou a sociedade no contrato do arrendamento que cessaria este logo que pretendesse aquelle organisar tão util instituição. Verificou-se esta hypothese em 1863, pelo que se dissolveu a associação agricola eborense, depois de ter explorado a Cartuxa durante seis annos, experimentando as machinas de ceifar e de debulhar, e outros instrumentos modernos, ensaiando novos estrumes e correctivos, introduzindo varias forragens não cultivadas ainda no districto de Evora, modificando mais ou menos radicalmente as rotações e systemas de cultura, e adoptando, em fim, um bom methodo de contabilidade agricola.

No mesmo anno de 1863 comprou o governo á casa-pia a quinta da Cartuxa, tomou conta da alfaia rustica e mais valores constantes do inventario, e escolheu acertadamente para director da eschola o sr. Potes de Campos, a quem se deviam todas as vantagens obtidas durante a gerencia da sociedade agricola. Nomeando, porém, este e outros empregados, não fez mais que mandar construir alguns estabulos, e não deu um só passo para a organisação do ensino agricola. Ha seis annos, pois, que o estado dispende com a Cartuxa uma somma avultada sem servir para o fim a que a destinou! Paradoxos da administração publica em Portugal!

Não queremos com isto dizer que o estabelecimento seja inteiramente improficuo tal como está. Todos no districto de Evora conhecem a utilidade do deposito hippico, e ainda nas corridas do anno passado se patentearam claramente os effeitos da influencia do sangue arabe no cruzamento das raças cavallares. Cremos tambem que outras raças locaes se aperfeiçoarão pelo cruzamento com aquellas de que ha exemplares na Cartuxa. Todavia, a quinta deve servir para muito mais. As cellas dos monges caem em ruinas antes de serem occupadas pelos alumnos que hão de substituil-os, e a provincia do Alemtejo espera debalde pelos feitores e operarios que tem de sair da eschola, cuja conclusão os nossos governos vão protrahindo, com geral prejuizo dos povos transtaganos.

A. Filippe Simões.

PADRE ANTONIO VIEIRA

A vida d'este homem eminente, que na longa carreira de quasi um seculo [1] deu á patria no velho e novo mundo provas irrecusaveis de vastissimo talento, não menos que de applicação estudiosa, e de subtil penetração nos negocios mais arduos da monarchia; que, admirado no retiro do seu cubiculo, applaudido nos pulpitos, ouvido e consultado nos gabinetes dos soberanos em tempos de maior perigo, legou por fim á posteridade, apesar de émulos e detractores, um nome imperecivel; mal poderia apoucar-se nos apertados limites de um artigo, em que as linhas nos são taxadas.

Dois abalisados engenhos tomaram a si em nossos dias a tarefa de refazer á luz da critica sisuda, e mediante novas investigações e documentos, o que da vida e feitos do celebre jesuita nos transmittira o seu confrade e historiador, ou antes panegyrista, André de Barros, no alentado volume de folio que escrevêra e dera á luz em 1746; trabalhos que hoje lográmos impressos, e que muito honram a seus auctores [2]. Pelo que nos pertence, já nos tomos I e VIII do nosso *Diccionario bibliographico portuguez* tivemos occasião de consagrar á memoria de Vieira dois artigos proporcionalmente extensos, nos quaes, de mistura com especies compendiadas dos biographos que nos precederam, se encontram ainda algumas particularidades a estes desconhecidas [3].

Aqui aproveitâmos o circumscripto espaço, que se nos concede, unicamente para attenuar ou desfazer, se é possivel, o conceito, a nosso ver menos exacto, em que ha sido tomada uma obra de Vieira, que não mereceria talvez as censuras que se lhe fazem, se se attendesse á epocha em que foi escripta, e ás circumstancias que determinaram a sua composição. Fallâmos da intitulada *Historia do futuro*, que appareceu pela primeira vez impressa em 1718, isto é, decorridos vinte annos depois da morte do auctor.

O bispo de Vizeu, critico aliás tão illustrado e judicioso, estranhando sem mais exame o titulo da obra, diz no tomo II, pag. 345: «Que não comprehende como se possa chamar *historia* uma *adivinhação*, uma *extravagancia*, um *monstro* que não passa de um vaticinio argumentado das victorias e conquistas dos portuguezes, que Vieira se promettia a si e aos outros no decantado *Quinto imperio do mundo.*»

Se o sabio escriptor se tivesse dado ao trabalho de ler o processo feito ao padre na inquisição de Coimbra, e que felizmente se conserva no archivo nacional, acharia n'elle a explicação d'essa singularidade que tamanha estranheza lhe causou. Em uma das petições que Vieira dirigiu ao tribunal, appensa ao mesmo processo, e que, tendo corrido muitos annos manuscripta, já hoje existe impressa [4], expõe elle em

1 Nasceu o padre Antonio Vieira em Lisboa a 6 de fevereiro de 1608, e foi baptisado na freguezia da sé a 15 do dito mez. Morreu na cidade da Bahia, então capital da America portugueza, a 18 de julho de 1697.

2 O bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo, na *Memoria historica e critica ácerca do padre Vieira*, inserta no tomo II das suas *Obras*, de pag. 173 a 356; e o distincto escriptor maranhense João Francisco Lisboa, na *Vida do mesmo padre*, que no tomo IV das suas *Obras*, recem-publicadas posthumas no Maranhão, preenche as pag. 9 a 488.

3 Vid. o tomo I, pag. 287 a 293; e tomo II, pag. 316 a 319.

4 Na edição das *Obras do padre Vieira*, emprehendida pelos srs. Antunes & Seabra, Lisboa, nos annos 1854 e seguintes, 27 vol. de 8.º gr.—A ella se reportam as citações que fazemos para diante em todo o resto do artigo.

Bom fôra que os futuros editores de taes obras tivessem á vista, para seguil-as, as considerações brevissimamente apresentadas no tomo VIII do *Diccionario bibliographico*, a pag. 318, a fim de evitar os defeitos e inconvenientes a que alludimos. Só assim se obteria uma edição completa, methodica e correcta, qualidades que faltam ás duas que até agora possuimos.

um dos *provarás:* «Que para abbreviar as materias, reconhecendo a immensidade d'ellas, buscou traça, modo e disposição com que as mettesse todas em um só discurso que intitula *Historia do futuro*, a qual vem a ser um como compendio de todas as proposições que se devem provar, sem a confusão, nem as repetições que seriam necessarias, se não fossem assim claras e digestas. E tambem tomou o disfarce do dito titulo para se poder ajudar de alguma pessoa que escrevesse, sem entender o intento da escriptura, nem revelar o segredo que lhe foi imposto...» (*Obras inéditas*, tomo I, pag. 70 e 71).

Temos, pois, explicada a *extravagancia* do titulo. Era um *disfarce*, e este procurava-se para que fosse guardado o segredo. Se o segredo era simplesmente o da inquisição, imposto pelo tribunal a todos os que communicavam com elle, ou se o padre é que desejava a obra occulta até o momento da sua publicação, fica em dúvida; e, posto que a primeira hypothese nos pareça á primeira vista sufficiente, não deixâmos de reflectir que é pouco provavel que a *Historia do futuro* se destinasse a ser encorporada no processo como peça juridica de defesa, pois de certo o não comportavam as enormes proporções da obra, se o auctor chegasse a completal-a segundo o plano por elle delineado. A parte impressa que conhecemos vae só até



Padre Antonio Vieira

o cap. XII do livro ante-primeiro, que é uma especie de introducção; e só este livro devia conter (diz elle) sessenta capitulos, abrangendo a obra toda sete partes ou livros!

Quanto ao mais, a carta ao bispo do Japão, que se intitula *Esperanças de Portugal, quinto imperio do mundo*, a mesma *Historia do futuro*, a *Clavis prophetarum* e a *Palavra do prégador empenhada e defendida*, não passam de ser outras tantas interpretações de um mesmo pensamento, mais ou menos desenvolvido, e applicado segundo as circunstancias, com este ou aquelle titulo. Em prova do que dizemos, bastará attender aos seguintes logares:

Na *Historia do futuro*, pag. 14, dá elle a este mesmo escripto o titulo *Esperanças de Portugal*. Na defesa apresentada á inquisição sobre o livro do *Quinto imperio* (*Obras inéditas*, tomo I, pag. 2) diz: «que o argumento ou assumpto d'este livro era o imperio consummado de Christo debaixo do referido titulo; mas que do intento o tinham divertido havia mais de onze annos o retiro, e as missões do Maranhão; assim que não era verdadeiramente um livro, senão o pensamento d'elle, o que tinha existido; de modo que se agora tornava ao assumpto, e o explicava e desenvolvia, a isso era obrigado pelos carregos que lhe formava a inquisição.» (Ibi, pag. 5 e 6).

Ainda na mesma *Historia do futuro* se nos deparam duas passagens, que indicam bem claramente a epocha em que foi escripta. Na primeira (pag. 12) faz o auctor uma allusão, referida sem dúvida ao processo que contra elle corria. Na segunda (pag. 27), fallando da restauração de Portugal em 1640, diz que ella se realisára havia vinte e quatro annos. Isto concorda egualmente com o que diz em varios logares das suas numerosas cartas a D. Rodrigo de Menezes, escriptas em 1665, tratando ahi repetidas vezes da obra que trazia entre mãos, e cuja primeira parte dava por quasi prompta, e em termos de se impetrar a licença para o prelo. E é d'essa mesma *Historia*, quando começada em parte, e em parte apenas esboçada, ou antes imaginada e em perspectiva, que em um dos seus accessos de vaidade, a que nos parece nimiamente propenso, mas que devemos desculpar-lhe, elle chegou a dizer: «Que era tal a grandeza e importancia d'ella, que merecia bem ser examinada por um concilio; e, em vez de perseguil-o, o santo officio devia animal-o a ir com ella por diante.» (*Obras inéditas*, tomo I, pag. 74).

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

VILLA DA FIGUEIRA

(Vid. pag. 376)

A Figueira tem passado por uma longa serie de infortunios e calamidades.

Invadida no anno 10.. pelos sarracenos, foi por elles arrasada completamente. Nenhuns pormenores podémos averiguar ácerca d'este lamentoso successo; apenas nos consta que nem a egreja de S. Julião escapára á sanha destruidora dos barbaros, como já dissemos quando fallámos d'este templo.

No anno de 1580 soffreu o convento de Santo Antonio uma grande affronta, que é provavel se estenderia tambem á povoação. Fazendo crer que buscavam a D. Antonio, prior do Crato, entraram n'elle armados muitos soldados castelhanos, dos que Filippe II tinha de presidio em Portugal. Mas fosse aquelle ou outro o fim do seu ingresso, fizeram padecer muitos aggravos e vexames aos religiosos, os quaes os fizeram patentes ao mesmo rei. Filippe II deu-lhes satisfação por uma carta, mostrando n'ella o muito que sentia o excesso do seu alferes Gregorio de Gancheagui; e egual demonstração fez por um alvará que passou no anno seguinte, prohibindo com graves penas similhantes insultos (*Historia seraphica*, tomo IV).

Passados vinte e dois annos, novas calamidades vieram affligir esta malfadada terra. Poucos dias antes do Espirito Santo de 1602 chegaram á vista de Buarcos sete naus inglezas, e, desembarcando a gente necessaria, com muita facilidade entrou na povoação. Deixando para quando tratarmos de Buarcos a narrativa do que os inglezes praticaram n'esta villa, só diremos agora da invasão que fizeram na Figueira, apresentando a curiosa noticia que dá d'este successo o chronista dos regrantes D. Nicolau de Santa Maria:

«Chegando esta nova a Coimbra, logo se juntaram na camara o corregedor, juiz e vereadores da mesma cidade, a tratar de acudir a Buarcos, e elegeram por mestre de campo a João da Fonseca, commendador de Malta, e por sargento-mór a João de Andrade, cavalleiro do habito de Christo, e a Heitor de Sá por capitão da gente de cavallo, e por capitães da infanteria e gente de pé a Christovão de Sá, e a Bento Arraes de Mendonça, que com tanta diligencia cumpriram com seus officios, e abalaram com toda a gente que poderam ajuntar, indo no mesmo dia dormir a Pereira, e d'ahi ao outro dia dormir a Maiorca, e d'ahi a Tavarede, e alli fizeram alto com a mais gente que acharam em Montemór-o-Velho e mais logares visinhos; porque os inglezes, depois de roubar Buarcos, vieram tambem saquear a Figueira, e o mosteiro dos religiosos de S. Francisco, d'onde se fizeram fortes com certos reparos que fizeram com suas estancias, d'onde com grossos mosquetes varejavam todos os caminhos, e matavam a seu salvo os que os queriam accommetter. D'este forte e do de Santa Catharina, que tambem tomaram, se foram uma noite com muito segredo embarcar outra vez na sua armada, sem mais perda que de 15 ou 20 homens, que, por se desordenarem, lhes mataram os nossos, e dois moços que lhes tomaram vivos.

«Era n'este tempo reitor da universidade D. Affonso Furtado de Mendonça, que determinou com os do conselho de ir em pessoa a soccorrer Buarcos com todos os estudantes e privilegiados da mesma universidade, e nomeou por capitães a Antonio da Cunha, lente de prima de leis, e ao lente de prima de medicina, e por mestre de campo a um illustre italiano que estudava na mesma universidade, e tinha sido soldado, por nome Scipião Garrafa, o mais bem-disposto e valente homem, e mais alto de corpo de quantos andavam na universidade; nomeou mais por capitães dos fidalgos aventureiros a um irmão do conde da Feira, e a um filho do commendador-mór de Christo; os quaes ajuntaram a si mais de 300 fidalgos e nobres, todos com escopetas, couras, e bandas de diversas côres, que com duzentos que iam nas outras duas bandeiras, faziam numero de 500 e tantos homens. Com este luzido exercito abalou o reitor logo ao outro dia após o exercito de Coimbra, e se foi ajuntar em Tavarede.

«Estava n'esta occasião o bispo conde D. Affonso de Castello Branco em Lavãos, aonde ajuntou muito boa gente de Soure, de Pombal, de Condeixa, da Ega e da Arredinha, e estando apparelhada toda esta gente, e com grande animo para atravessar o rio á Figueira, veiu recado ao bispo que os inglezes eram embarcados e idos. Porém ainda que esta gente, e a mais que estava já em Tavarede, não chegou a pelejar com o inimigo, foi de proveito para soccorrer aos pobres de Buarcos e da Figueira, que ficaram roubados, aos quaes fizeram muitas esmolas, e deram tudo que levavam para seus gastos, assim de mantimentos como de dinheiro; e a tres barcas que mandou o padre prior geral de Santa Cruz carregadas de pipas de vinho, pão cozido, com muitos carneiros mortos e muita carne de vacca, se repartiram tambem pelos roubados, e deram duas das pipas de vinho ao mosteiro dos capuchos da Figueira, e grandes esmolas para repararem as perdas do seu mosteiro, e se vestirem os clerigos e alguns pobres, no que gastaram com grande liberalidade todos o que levavam, e principalmente o bispo conde.»

Outra calamidade memoravel succedida na Figueira foi a mortandade de mais de 5:000 pessoas, não só d'esta povoação, mas de outras terras, que, abandonando seus lares, se refugiaram n'esta villa durante a terrivel invasão de Massena, e que foram victimas da fome e do furioso contagio que então alli se ateou.

Falle por nós d'esta terrivel desgraça a seguinte inscripção commemorativa, tão elegante como expressiva e sentimental, dictada pelo genio da religião e do patriotismo, e que se acha esculpida no pedestal de um cruzeiro erigido no anno de 1812 em frente do campo que serviu de cemiterio:

anno MDCCCX.
magna parte lusitaniæ
præpotenti ac formidando
gallorum exercitu
occupata,
cunctisque gentibus
non modo ex vicina, sed etiam
e longinquo,
ut maximas belli calamitates
fugiendo vitarent,
hoc in oppido tumultuose
festinantibus,
nullumque, aut certe exiguum vitæ subsidium
secum afferentibus,
dira in advenas dominata est fames.
inde vero exorta contagione,
supra quinque millia mensibus januario,
februario martioque
anni insequentis,
extincta sunt.
quorum plerique, jubente regio magistratu,
qui, alliis quoque opitulantibus,
alimenta, quandiu potuit,
quam plurimis præbuit,
hic tandem, aut non longe
sunt sepulti.

incertos casus, adversosque treme
qui leges:
immo vero domini judicia
super filios hominum,
recta illa quidem,
sæpe terribilia,
mortalibus nunquam scrutanda
reveretor.

(Continúa) AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO.

A «CARTA DE GUIA DE CASADOS» E OS «APOLOGOS DIALOGAES»

DE D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO

Tivemos já occasião de encarecer o merecimento das *Cartas familiares* de D. Francisco Manuel de Mello; e pretendemos hoje recommendar aos leitores as outras duas obras do mesmo escriptor, indicadas na inscripção d'este artigo.

O que eu admiro n'essas duas obras, do mesmo modo que nas *Cartas familiares*, é a pureza da linguagem, a propriedade e a energia de expressão, o conceituoso dos pensamentos moraes e politicos, o tom humoristico do dizer do escriptor, e os ditos agudos e anecdotas que elle adduz muito a proposito.

De tudo apresentarei breves exemplos, que por certo hão de incitar os estudiosos á leitura das producções de um dos grandes escriptores do seculo XVII em Portugal.

Reparae no expressivo laconismo d'esta sentença moral:

«Quem gasta menos do que tem é prudente; quem gasta o que tem é christão; quem gasta mais do que tem é ladrão.»

Quer D. Francisco Manuel de Mello fazer sentir o quanto devemos estar de sobreaviso a respeito dos habitos ruins, pois que ao principio quasi não enxergâmos o vicio, e quando mal nos precatâmos já elle tem tomado largas proporções, e difficilmente póde ser debellado. Vêde agora o modo engenhoso por que exprime o seu pensamento:

«Nenhum vicio entra tamanho como é. Aquelle bicho que no Brasil se padece por achaque, sem falta que com providencia nol-o deu a natureza a todo o mundo por exemplo; entra invisivel, começa entretenimento, passa a ser molestia, chega a ser doença, e acontece que póde ser perigo.»

D. Francisco Manuel de Mello viajou por diversos paizes, teve trato com pessoas instruidas, frequentou a melhor sociedade, sem todavia desdenhar relações com as classes menos elevadas. Naturalmente reflexivo, recolheu observações curiosas e uteis, e tomou nota de mil ditos agudos, que muito a proposito reproduz nos seus escriptos, dando assim grande relevo aos conceitos e tornando desenfastiado o discurso.

A anecdota que elle refere na *Carta de guia de casados*, quando falla da fidelidade a que são obrigadas as mulheres para com seus maridos, é mil vezes mais expressiva e concludente, do que o seria um longo arrazoado com todo o cortejo de demonstrações e desenvolvimentos:

«Lembra-me que, estando em Madrid, tinha uma visinha muito braba, que pelejando um dia, como sempre fazia, não cessava de dizer ao marido, e com verdade: *Hermano, soy muy honrada;* e elle respondia-lhe: *Pues anda a Dios que te lo pague, que a mi cuenta no está el pagarlo, quando lo seas, sino el castigarlo quando no lo seas.*»

Um dito jocoso tem quasi sempre força para pintar defeitos ou stigmatisar aberrações ridiculas. A mulher que, apesar dos annos e dos estragos que elles fazem no que foi belleza, é ainda presumida e emprega artificios para dissimular a perda dos encantos — essa mulher, digo, será sempre o alvo da critica e dos motejos maliciosos. Tenho, porém, para mim que ainda nada se disse tão engraçado como o que D. Francisco Manuel de Mello refere na seguinte anecdota:

«O cardeal Çapata, visitando uma senhora romana velha, que estragava o rosto, pintando-o; e perguntando-lhe a velha tonta que novas havia em Italia, respondeu-lhe: *Illustrisima señora, mui malas nuevas tenemos; por que segun las cosas corren, yo estoy viendo Soliman apoderado de Civita Vieja.*»

É de mestre o modo por que o auctor da *Carta de guia*, empregando uma similhança imaginosa, recommenda os cuidados continuos e a perseverança que a educação demanda no interesse do melhoramento da especie humana:

«Bem se vê que não basta prantar a murta no jardim, por de melhor casta que ella seja, para que o adorne, faça figuras e lavores agradaveis; é necessario torcer-lhe ás vezes os raminhos, e outras cortar-lhe as vergonteas; e comtudo nada aproveita, se perpetuamente o jardineiro a não toza e cultiva, porque viceja muito.»

As boas letras não são, não devem ser um entretenimento esteril, um mero passatempo do espirito. Por mais brilhante ou engenhoso que seja o tecido da phrase, ou a cadencia e harmonia do verso, será tudo inutil, se não contiver a expressão de verdades ponderosas, de pensamentos graves, de lições prestaveis. Poderia ser muito bem imaginada a ficção dos *Relogios fallantes;* poderia ser muito portugueza a linguagem empregada pelo escriptor; mas tudo seria baldado, se D. Francisco Manuel de Mello não seguisse o sempre bemvindo preceito do velho Horacio — *qui miscuit utile dulci.* Felizmente, porém, é essa ficção destinada a satyrisar o vicio, a melhorar os costumes, a apregoar verdades interessantes, a suscitar cogitações graves e solemnes. Assim, diz um dos relogios fallantes:

«Para beatas do meu bayrro era um cutello de dous gumes; nunca lhes dey huma hora a proposito de seus propositos, por que vim a entender por experiencia, que na mayor desta gente, e sem costumes, mora a superstição e hypocrezia.»

Na *Visita das Fontes* encontrareis a cada passo allusões sentenciosas, e verdades exprimidas do modo mais engenhoso:

«Andão os touros nas praças, fazendo tourarias; depois que (fossem Africanos ou Godos) se inventou aquella solemne parvoice de fazer jogo e festa do perigo da gente.»

«Abusos e povo são unha com carne.»

«Os antigos disserão que a necessidade era a mestra das cousas; eu antes creyo, que o apetite; agora vestido de ambição, agora de zelo, agora de interesse; por que os mais dos affectos humanos mudão de traje cada dia.»

Remontando a personagens e assumptos elevados, deixa D. Francisco Manuel de Mello cair de vez em quando algumas observações criticas, muito chistosamente expostas:

«O cortezão... que disse ao filho, vindo do Paço: Filho, vamo-nos de Portugal, porque ElRei sabe, sei eu mais que elle.»

«Ora pezêmos este fidalgo, antes que no-lo leve o vento, que elle leva.»

«...e os milhões se assentáram tão perguiçosos, que nunca mais se erguêrão daquelle assento.» (Modo imaginoso de exprimir a convicção dos povos, de que os impostos, uma vez decretados, raramente são supprimidos ou dispensados).

Não está esgotado o assumpto. Havemos de apresentar outros exemplos, de util curiosidade, de diversas passagens dos differentes escriptos de D. Francisco Manuel de Mello; e mais e mais nos convenceremos de que merece ser lido attentamente o eximio escriptor de que nos temos occupado.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

RECTIFICAÇÃO

A pag. 340, onde se lê *eccēia*, deve ler-se *eccl͠ia*, que é o abbreviativo de *ecclesia* (egreja).

TAVIRA

HOSPITAL DO ESPIRITO SANTO

(Conclusão. Vid. pag. 342)

Está situado o edificio do hospital na rua de Santo Antão e largo de S. Francisco, para onde deita a fachada, ao lado da qual se ergue a egreja. A gravura que publicámos a pag. 293, e que é cópia de uma photographia, dispensa-nos de fazer a descripção da portaria do edificio, que, além da regularidade da architectura e da solidez de construcção, não sobresae por elegancia ou belleza.

Sobre o portal está uma lapida com uma inscripção, e por cima o escudo das armas reaes. Diz a inscripção: «N. R. Hospital do Espirito Santo. Fundado em 1454 pelos esforços de alguns homens bons á sombra da protecção régia: tem sido successivamentè augmentado pela piedosa dedicação dos amigos da humanidade desvalida: 1863.»

«Esta data (diz o auctor da memoria d'onde extrahimos estas noticias), refere-se ao anno em que foi reconstruida e aformoseada a fachada, fazendo-se-lhe telhados novos, ficando substituidas as antigas janellas de peito pelas de saccada que se vêem na estampa, e passando aquellas para baixo, onde apenas havia duas frestas; além de outras obras que se fizeram no mesmo anno, em que foi provedor o sr. José Antonio da Fonseca Monteiro, e mordomo o sr. Francisco Antonio do Rego.»

Dá entrada o portal para o pavimento terreo, e para um pateo arborisado e ajardinado, guarnecido de arcadas com galerias superiores, como claustros. No centro do pateo ha um poço de excellente agua.

No pavimento terreo ficam as casas da botica, sacristia e mais officinas pertencentes á egreja, cozinha e diversas casas de arrecadação, algumas das quaes serviram antigamente de enfermarias.

No andar nobre acham-se as salas da secretaria e archivo, os aposentos do enfermeiro, e as enfermarias de S. Francisco e S. Quintino. A primeira d'estas é destinada para mulheres. Tem 20m,40 de comprimento e 6m,40 de largura. A segunda, para tratamento de homens, conta 24m de comprimento e pouco mais de 6m de largura. Ambas estas enfermarias são muito claras e arejadas, e conservam-se com bastante limpeza, achando-se, além d'isso, em uma situação saudavel, pois que das janellas do edificio se descobrem, em dilatado horisonte, lindas vistas da cidade de Tavira, dos seus verdejantes e formosos arrabaldes, do rio em que se espelha e do mar que lhe fica visinho. Os enfermos são alli tratados com o maior desvelo e carinho.

«A egreja, como o hospital (lê-se na citada memoria), tem passado por um sem numero de transformações, de que apenas alguns livros antigos de contas nos dão mui escassa luz, fazendo aqui e alli muito ligeira menção de capellas e altares, cuja existencia a ninguem hoje lembra. Parece que a primitiva egreja tinha mais de uma nave, pois que a carta del-rei D. Manuel aos officiaes da casa, escripta em 13 de dezembro de 1498, tratando da fundação de um mosteiro de freiras no hospital, recommenda-lhes que cedam para esse fim uma nave da egreja.

«Antes e depois do terremoto de 1722 fizeram-se na egreja obras de alguma importancia, e mais designadamente no anno de 1727, sendo provedor Sebastião da Fonseca Pimentel. Não passaram, porém, de reparos ou reconstrucções parciaes; porquanto na petição que os officiaes da casa dirigiram a el-rei D. João V em 1746 lhe representaram — que, em razão de ser muito antiga a creação do dito hospital, se achava ao presente o material d'elle ameaçando ruina, tanto na egreja como nas mais officinas e enfermarias, o que certificavam com attestação do vigario prior do mesmo hospital, e com a declaração dos officiaes peritos que tinham examinado o lastimoso estado do mesmo templo e officinas, para cujo reparo se necessitava um mui consideravel dispendio, como se via do arbitramento de que se fazia menção na certidão que juntavam, ao qual não podiam supprir as vendas do hospital.

«El-rei, attendendo estas razões, determinou ao provedor da comarca do reino do Algarve, por portaria de 3 de setembro do mesmo anno — que lance a finta para a obra do hospital, fazendo-se a derrama por tres annos por todo o Algarve; segurando-se aos mestres de obras, que logo a devem acabar, o seu pagamento pelo decurso de tres annos.

«É, pois, innegavel que d'estes annos e seguintes data a reedificação do templo, segundo o risco que hoje vemos, bem como uma arcada do pateo e claustro, casas do enfermeiro, e a fachada do hospital como era antes de 1863...»

Porém todos estes trabalhos e sacrificios ficaram inutilisados por causa do terremoto de 1755, que lançou por terra a abobada da egreja e toda a frente do edificio.

Para esta reedificação foi preciso recorrer-se a emprestimos, caminhando as obras mui lentamente, e por tal modo que, passado um seculo, achava-se o edificio necessitado de uma nova e completa reconstrucção, á qual se procedeu como já referimos.

A egreja é pequena e de uma só nave. Além da capella-mór, tem quatro altares. Nada encerra notavel aos olhos da arte. A obra de talha doirada que adorna alguns dos seus altares não se recommenda pela delicadeza nem pelo bom gosto da esculptura.

No pavimento do templo existem varias sepulturas antigas de pessoas illustres, entre as quaes se vê a de Alvaro da Cunha, fronteiro-mór do Algarve.

O sr. Guerreiro de Aboim, na referida memoria, faz uma resenha dos principaes bemfeitores do hospital do Espirito Santo, bem como dos legados mais avultados, com os seus respectivos encargos. Tratando da receita geral, diz:

«O rendimento annual da casa com todos os legados, exceptuando o de João de Mendonça Corte Real, que o doador mandou tombar e escripturar em separado, é o seguinte: em juros, 98$220 em papel e 986$046 em metal; em foros, 104$429 em papel e 1:085$046 em metal; 227 1/64 peças de figos, que se cobram em dinheiro pelo termo médio dos preços do mercado; 3 1/2 alqueires de azeite; 342 1/2 alqueires de trigo, gasto em pão; 21 alqueires de cevada, que se vende; e 8 gallinhas...

«O rendimento do legado de João de Mendonça é: de juros, 30$615 em papel e 22$503 em metal; e em foros 296$180 em metal.»

Contém a mesma memoria muitos outros dados sobre a receita realisada em determinados annos, e ácerca da sua applicação. Com referencia ao movimento do hospital diz:

«Existiam em 31 de dezembro de 1865 12 homens e 11 mulheres. Entraram em 1866, homens 185 e mulheres 115. Saíram no mesmo anno 159 homens e 100 mulheres. Falleceram 20 homens e 14 mulheres. Ficaram existindo em 31 de dezembro do dito anno 18 homens e 12 mulheres.»

«O pessoal interno da casa compõe-se da mesa administrativa, eleita annualmente, de um capellão e cura agonisante, dois facultativos, um enfermeiro, tres servos, uma serva e um cozinheiro. O externo consta de syndico, procurador, cobrador, pharmaceutico, e quatro deputados do legado de João de Mendonça. Todos os empregados são eleitos pela mesa.»

I. de Vilhena Barbosa.



Dr. Luiz Paulo de Araujo Basto, visconde dos Fiaes

Á galeria de retratos dos homens notaveis do imperio do Brasil que n'este semanario se tem colligido, juntâmos hoje o de um insigne magistrado, cuja vida publica e privada foi um compendio de virtudes civicas e domesticas, que lhe grangearam a honrada memoria que legou á sua patria e a seus descendentes.

Para muitas paginas fôra a sua biographia, se não tiveramos de nos cingir á estreiteza d'estas columnas.

Luiz Paulo de Araujo Basto, filho do negociante portuguez Manuel Rodrigues de Araujo e Silva, e de sua mulher D. Maria Luiza de Albuquerque Barros e Basto, brasileira, nasceu na cidade do Rio de Janeiro aos 30 de janeiro de 1797.

Sendo eleito bispo de Pernambuco seu tio D. Fr. Antonio de S. José Basto, o levou em sua companhia para aquella cidade, onde estudou humanidades, tendo ao mesmo tempo a administração economica do paço episcopal, em cujo exercicio se houve com tanto acerto

e fidelidade, que o bispo, reconhecendo n'elle predicados para mais altas funcções, e porque o via sempre applicado ao estudo, o mandou frequentar a universidade de Coimbra, para se doutorar em direito canonico, no intento de que viesse a coadjuval-o no governo da diocese, se porventura manifestasse vocação para o estado ecclesiastico.

Matriculou-se em 1814, e com successivas approvações plenas, e proposto sempre para premio, formou-se Luiz Paulo de Araujo Basto em canones no anno de 1819.

N'esta mesma era, estando em Lisboa passando as férias, recebeu a infausta noticia da morte repentina de seu tio e carinhoso protector. Prostrado pela mágoa e saudade que esta sensivel perda lhe causou, partiu logo para o Rio de Janeiro, onde o veneravel prelado havia fallecido. Alli o recebeu el-rei D. João *VI*, com a benevolencia devida ao descendente do egregio bispo D. Fr. Antonio Basto, e lhe prometteu a sua real protecção.

Feita a costumada leitura no desembargo do paço, com unanime approvação, e em seguida habilitado para os logares de letras, foi por el-rei preferido a muitos concorrentes para o de juiz do crime da cidade da Bahia, com o predicamento de correição ordinaria, em attenção aos serviços do bispo seu tio, por um honroso decreto datado de 4 de agosto de 1820.

Partiu logo para a Bahia, tomando posse do seu cargo, que exerceu com tanta rectidão e com madureza tão superior á sua edade, que, passados poucos mezes, foi investido das mais graves funcções durante a revolução que rebentou na Bahia a 10 de fevereiro de 1821, a favor do regimen constitucional proclamado em Portugal no anno antecedente.

É sabido que, chegada ao Brasil a noticia de se haver constituido em Lisboa um governo provisorio para convocar cortes constituintes, em quasi todas as provincias d'aquelle estado se installaram juntas de governos provisorios para adherirem á revolução da metropole, e proclamarem a constituição que as cortes houvessem de promulgar.

Pacificamente, sem opposição, se elegeram muitas d'estas juntas, mas na Bahia houve lamentaveis conflictos entre a tropa e o povo, e correu o sangue de muitas victimas.

O conde de Palma, capitão general da Bahia, oppoz-se á auctoridade da junta, mas, depois de ser mal succedido n'um ataque contra os regimentos que a defendiam, annuiu a proclamar com as suas tropas a futura constituição; mas recusou a presidencia da junta, que lhe foi offerecida, e retirou-se para o Rio de Janeiro a bordo de uma fragata ingleza.

Foi nomeado pelo rei, para substituir o conde no governo das armas da Bahia, o brigadeiro Luiz Ignacio Madeira.

Quando chegou esta nomeação, estava o dr. Araujó Basto servindo de presidente do senado da Camara, no impedimento do juiz de fóra, tendo já sido nomeado intendente geral do oiro, e presidente da mesa de inspecção, pela nova junta do governo, eleita em conformidade do decreto das cortes de Lisboa datado de 29 de setembro de 1821, da qual era presidente o dr. Francisco Vicente Vianna, primeiro barão do Rio das Contas.

Convocou Araujo Basto a camara para a posse do novo governador, mas, não se julgando legal o diploma, se lhe não deu a investidura. Por esta recusa, as tropas portuguezas romperam fogo contra as brasileiras, durando a peleja tres dias, até que, vencidas estas, se retiraram com os opposicionistas para o forte de S. Pedro, e depois para o Reconcavo, ficando o brigadeiro Madeira senhor da cidade, onde por algumas semanas reinou a mais completa anarchia.

Em tão arduas circunstancias, rodeado de tantos perigos, ameaçado pela furia dos partidos, Araujo Basto não desamparou o seu posto, e tanto como presidente do senado da camara, como na alçada de juiz, manteve a sua auctoridade e atalhou muitas calamidades.

O general Madeira, apesar de saber que elle votára contra a sua posse, o tratou com respeito, e chegou a pedir-lhe conselho sobre a gravidade da situação da cidade; do que se absteve o dr. Araujo Basto, ponderando-lhe que a sua nacionalidade e cargo o inhibiam de ser conselheiro da auctoridade militar; e por muito instado, só lhe respondeu que désse conta do succedido ás cortes de Lisboa, e não procedesse contra os officiaes brasileiros que tinha preso sem esperar a resolução. Assim o fez o general, mas nunca a obteve.

Madeira fortificou a cidade, que em breve foi sitiada pelas tropas brasileiras, que se levantaram no Reconcavo e na Cachoeira, e com as quaes teve differentes combates renhidos, auxiliado dos soccorros que de Portugal lhe vieram.

Esta fatal guerra civil durou vinte e oito mezes, crescendo a emigração da cidade para os revoltosos, que se haviam declarado pela independencia do Brasil, a ponto de que nos ultimos mezes subia a mais de dez mil pessoas.

Madeira tentou o ultimo esforço. Não havendo já viveres para o exercito e esquadra de Portugal, obrigou a sairem da cidade todos os que não eram combatentes; e expediu uma portaria ao juiz Araujo Basto, para que em oito dias inventariasse as pratas e joias das egrejas. A esta ordem oppoz o intrepido magistrado tão sagazes objecções, que a final conseguiu salvar o thesouro dos templos da Bahia.

A esquadra que o imperador D. Pedro mandou ás ordens do almirante lord Cockrane, para bloquear a Bahia, obrigou por fim o general Madeira a abandonar a cidade, embarcando com suas tropas para Portugal na esquadra que tinha ás ordens.

Com a entrada do exercito brasileiro na cidade, não foi menos arduo o desempenho dos cargos que então exercia Araujo Basto: de auditor de guerra; juiz do crime, do civel e dos orphãos; presidente da camara e da mesa da inspecção da junta do governo; ouvidor da alfandega; corregedor da comarca; superintendente das decimas; e provedor das capellas, dos defunctos e ausentes. As exigencias dos vencedores, as vindictas politicas e o odio contra os portuguezes, acharam n'esta corajosa e indomavel auctoridade a resistencia e força que possue a vara da justiça quando está em mãos austeras e incorruptiveis.

A historia d'este calamitoso periodo da independencia do Brasil julgará com imparcialidade os actos dos que motivaram as calamidades que padeceu a Bahia, mas deixará immaculado o nome do visconde dos Fiaes.

Em remuneração de tão relevantes serviços, recebeu do imperador a condecoração de official da ordem do Cruzeiro, a primeira do Brasil, creada em dezembro de 1822.

Por decreto de 4 de abril de 1824, em attenção ao cabal desempenho de tantos cargos que havia exercido nas mais difficeis conjuncturas, foi promovido a desembargador ordinario da relação da Bahia, tendo apenas vinte e sete annos quando subio a esta dignidade senatoria!

Eleito deputado á primeira assembléa constituinte do imperio, pela provincia da Bahia, foi tomar assento na camara.

Dissolvidas as cortes em 12 de novembro de 1823, voltou o dr. Basto ao exercicio dos seus cargos na Bahia, até 1826, em que foi despachado desembargador da casa da supplicação na corte do Rio de Janeiro.

Foi segunda vez eleito deputado á assembléa legislativa de 1827; e n'este mesmo anno sua magestade o imperador o nomeou adjunto ao supremo conselho

militar, para julgar as prezas feitas pela esquadra brasileira no Rio da Prata, pelo conhecimento que tinha da sua consummada jurisprudencia.

Em 1828 foi nomeado intendente geral da policia da corte e imperio, logar que lhe grangeou summa reputação, e onde fez á cidade do Rio de Janeiro serviços não menos relevantes que os do desembargador Diogo Ignacio de Pina Manique á de Lisboa.

Não havia no Rio segurança pessoal; os roubos eram frequentes; quadrilhas de salteadores infestavam os suburbios; e a distancia de duas legoas da cidade havia *quilombos* de negros, com seu rei, *saburandá*, que viviam de pilhagem. Os ciganos faziam continuas depredações em toda a provincia do Rio. O novo intendente conseguiu em pouco tempo livrar o seu districto de tantos malfeitores, prendendo mais de duzentos; fugindo então a cohorte dos ciganos para Buenos Ayres.

Padecia a cidade grande falta de agua; e foi elle quem a abasteceu, descobrindo abundantes nascentes na cordilheira dos Montes, e construindo um novo aqueducto para as trazer ao da Carioca, empregando n'estes trabalhos os escravos fugidos e os presos pela policia.

Com obras de calçadas, e outras de limpeza e salubridade, deu novo aspecto á cidade do Rio de Janeiro.

Por occasião do casamento do imperador com a princeza D. Amelia de Leuchtemberg, o intendente, sem dispender um real da fazenda publica, fez com que a cidade recebesse a nova imperatriz com pompa e geraes demonstrações de alegria, pelo que mereceu ser mui festejado dos augustos consortes.

N'esse dia foi agraciado com o fôro de fidalgo cavalleiro, e promovido a desembargador aggravista da casa da supplicação, continuando no exercicio de intendente geral da policia.

Por carta imperial de 29 de janeiro de 1830, foi nomeado presidente da provincia da Bahia; e, posto que os principaes habitantes do Rio de Janeiro assignassem uma petição ao imperador, pedindo-lhe que não privasse a capital de um intendente tão zeloso e benemerito, Araujo Basto não conveiu, mórmente quando soube que tinham assassinado o visconde de Camamú, que governava aquella provincia, prevendo que ainda podia ser util á Bahia.

Para aquella cidade partiu, e tomou posse do governo em 13 de abril. A recordação indelevel dos serviços que elle lhes havia feito em 1822 e 23 lhe mereceu a mais festiva e cordial recepção dos habitantes da Bahia.

N'este governo mostrou o dr. Basto os seus eminentes dotes de administrador. As providencias que adoptou para a arrecadação da fazenda publica fizeram em pouco tempo quadruplicar os rendimentos da provincia. Fez entrar nos cofres do estado mais de novecentos contos de dividas antigas, sem recorrer ao emprego das execuções fiscaes. E quando se demittiu da presidencia deixou no thesouro da provincia proximo de mil contos.

Nunca a receita publica da Bahia ascendeu a tal somma. Tanto póde a consciencia, o zelo e a energia dos que governam!

Nova phase se nos depara agora na vida do visconde dos Fiaes. Tinha já dado á patria o melhor dos seus dias, em tantos e tão onerosos serviços; a familia reclamava-lhe tambem os affectos e os cuidados. Contrahiu matrimonio com a filha do seu antigo collega na junta da Bahia, o barão do Rio das Contas, D. Maria Clara Vianna. Resolveu então retirar-se da vida publica e ir estabelecer-se na Bahia, d'onde sua esposa era nativa.

Porém o abalo que em todo o Brasil causou a abdicação do imperador D. Pedro I, as revoltas que houve em varias provincias, e sobre tudo na Bahia, detiveram Araujo Basto no governo, devendo-se á sua poderosa influencia, e ao respeito que lhe guardavam, não se accender alli de novo a guerra civil.

Restabelecida a paz, a regencia concedeu ao presidente da Bahia a exoneração pedida, o que se effectuou em julho de 1831, obtendo depois a sua aposentação de desembargador.

Em 1832 foi nomeado socio effectivo da sociedade de agricultura, commercio e industria da provincia da Bahia. Eleito provedor da santa casa da Misericordia da mesma cidade, na administração d'este estabelecimento empregou a sua innata actividade, accrescentando o patrimonio da casa, e construindo o novo hospital denominado da Nazareth.

Em 1833 foi eleito por terceira vez deputado á assembléa geral, e pela primeira deputado á assembléa provincial, vereador da camara municipal, e membro do conselho do governo. Por suas molestias, só acceitou a deputação da assembléa provincial.

Quando em 1834 se fundou na Bahia a caixa economica, foi o dr. Basto nomeado director; e pela sua gerencia conseguiu ser este um dos estabelecimentos de mais credito n'aquella cidade.

Na sessão da assembléa provincial de 1835 foi o unico que obteve maioria para servir de vice-presidente da provincia, eleição immediatamente approvada pelo governo.

No dia da coroação do actual imperador do Brasil, a 16 de julho de 1841, agraciou sua magestade o conselheiro Araujo Basto com o titulo de barão dos Fiaes, pelos seus eminentes serviços e elevado caracter; e em 1848 lhe foram concedidas as honras de grandeza.

Creado o tribunal do commercio na Bahia em 1848, foi o barão dos Fiaes nomeado seu presidente, cargo que exerceu com a costumada rectidão e pericia até 1852, em que pediu a sua exoneração.

Em 1854 lhe foi conferido o titulo de visconde, novo testimunho de reconhecimento e galardão dos seus serviços.

Quando em 1856 se extinguiu o banco commercial da Bahia, sendo substituido pela caixa filial do banco do Brasil, foi o visconde dos Fiaes nomeado presidente da directoria, logar que exerceu até ao seu fallecimento.

Por occasião da visita do imperador á cidade da Bahia, creou-se um instituto de agricultura, para o qual o visconde foi eleito director. N'esta qualidade propoz varios planos para acudir ás necessidades da lavoira, que foram publicados com louvor pela imprensa.

Não houve empreza, ou sequer tentativa, para o engrandecimento da sua patria, para allivio da pobreza ou para o culto religioso, a que o visconde dos Fiaes não associasse o seu nome, e não prestasse a sua cooperação efficaz e perseverante.

Mas uma vida tão laboriosa mal podia ser longa e isenta de enfermidades. A que elle padecia desde a mocidade, uma affecção pulmonar, se lhe foi aggravando successivamente, até que em 1863, depois de um anno de lucta com as principaes capacidades da medicina, a morte o derrubou pelas oito horas da noite de 27 de julho.

Tinha-se prevenido para a eterna viagem com os sacramentos da egreja, com as preces dos ministros do Evangelho, e com o perdão dos que podéra ter offendido. A sua christandade nunca fôra desmentida por nenhum acto da sua vida. A resignação com que supportou os ultimos transes foi edificante. Os reverendos conegos Manuel dos Santos Pereira e João de Nepomuceno da Rocha lhe assistiram desde o dia 20, em que foi desenganado. Os prelados de varias religiões vieram encommendal-o á Divina Misericordia, e sua extremosa filha D. Clara, a unica que estava em sua companhia, lhe recebeu o ultimo suspiro.

A noticia d'este obito enlutou a cidade da Bahia; e no sequito numeroso que acompanhou o funeral do

visconde, bem patentearam todos os seus habitantes a veneração que lhe tinham.

Para honra e brazão da magistratura brasileira, devêra o ceo prolongar a existencia d'este preclaro varão. Mas, se a medirmos pelo itinerario que acabâmos de esboçar, bem extensa e aventurada foi a sua viagem terrestre, porque, como diz o grande Vieira—não está a felicidade em viver muito, mas em viver bem.

A. da Silva Tullio.

A CARLOTA DE GŒTHE

Na arte, como na politica, os revolucionarios são os grandes homens. Quando digo revolucionarios não alludo a esses maus fermentos de perturbação e de discordia, espiritos irrequietos que seduzem os incautos, e que, levados pela cubiça, desmoronam e arrazam todos os templos, para depois forragearem a seu talante por entre os montes das ruinas; quando digo revolucionarios lembro-me dos que partem com mão de ferro o jugo das convenções ou dos despotismos, e que implantam no meio d'esses destroços o novo vexillo, o estandarte que ondeia ao sôpro da viva inspiração ou da estreme liberdade.

As revoluções são raras. O que é frequente é o motim sedicioso, a agitação tumultuaria, o grito anarchico, o marulho d'esses fervedoiros insipientes e malevolos, que pensam em subir de nivel, mas que apenas descobrem a olhos perscrutadores a vasa que lhes anda a collear no fundo. Isto é mais na politica do que na arte; esta, porém, não deixa de ter os seus cabecilhas perigosos.

Em todos os seculos e em todos os paizes não deixa de apparecer nunca um d'estes Brutos em tosco, d'estes Aristogitons de fundo falso. No mundo civil alcunham-se de salvadores; no litterario de originaes. Quando se rarefazem as ultimas fumaradas da escaramuça é que elles apresentam o muito que querem e o nada que valem.

Em contraposição sublime, ostentam-se os verdadeiros revolucionarios.

O homem que inspirou a Kaulbach o assumpto do presente quadro pertence ao numero dos que sublevam as ondas para que ellas arrojem perolas. Não ha muito que, n'este mesmo logar, um talento que tem dado de si fructos opimos esboçou felizmente a physionomia admiravel de Gœthe; não nos será, comtudo, defeso prestar, do fundo da nossa humildade, o tributo que é devido aos deuses.

Henri Heine disse de Gooethe, que elle tinha feito um 18 brumario na litteratura allemã. De feito, o titão da poesia germanica, soltando a voz moduláda pelas grandes harmonias da natureza, cobriu o rumor plangente dos lyricos sentimentaes e franzinos, que andavam, como as rôlas em pinheiral intrincado, gemendo e solfeando queixumes.

Gœthe é a natureza. As suas paginas são como os rochedos alvissimos que se levantam aqui e além por todo esse mundo de maravilhas. Estes rochedos são frios. Transpira d'elles, é verdade, o effluvio d'essa grande alma do universo; o espirito absorve-se na contemplação d'essa magestade solemne; mas o coração não experimenta os subitos abalos que produzem as scenas patheticas. A taes rochedos o poeta amarrou mais de uma Andromaca sublime; porém os membros da divindade sentem-se resfriados pelo bater das ondas.

O pantheismo de Gœete gerou-lhe naturalmente o indifferentismo. A humanidade para elle não era um mobil de enthusiasmos creadores. A commoção de Schiller não lhe sacudia as fibras. Grandioso e altivo, conservava o que quer que fosse da immobilidade olympica. Por isso o auctor do *Alta Troll*, quando o visitou em Weimar, julgava estar-lhe vendo ao lado a aguia terrivel, tendo no bico um raio.

A historia de Gœthe, como a de todos os homens eminentes, tem os seus capitulos amargos, escriptos pela inveja soez ou pela censura atrabiliaria.

Wilhelm Meister abriu em 1821 o raro cortejo de obras primas, acima das quaes realça esse evangelho do pantheismo, segundo a expressão feliz de H. Blaze, que se intitula *Fausto*.

N'este renque de composições esplendidas, *Werther* occupa um dos primeiros logares.

Werther é a fatalidade do coração levando o homem até o suicidio. Quem não conhece este livro de tanta melancolia, este alvorecer de dois corações para quem tão depressa vem o crepusculo? Não faremos agora o commentario do principio ou do thema que n'elle se discute. *Werther* foi escripto, de certo, n'uma tarde de inverno, quando as folhas caem amarellecidas e quando os nevoeiros engrossam.

Ha n'elle a tristeza de um pôr do sol de dezembro. A pomba do amor, que adeja por cima d'aquellas duas cabeças, tem as azas humedecidas, não direi se pela chuva, se pelas lagrimas. Por isso os cantos de Ossian, glaciaes e phantasticos, servem de laço mysterioso no consorcio d'aquellas duas almas.

O quadro cuja gravura vemos hoje é uma das mais singelas paginas d'esse livro. Não nos levarão, certamente, a mal que transplantemos para a nossa prosa descórada o estilo soberbo e natural do poeta de *Goetz de Berlichingen* e de tantos prodigios incomparaveis:

«Apeára-me da carruagem. Uma criada que chegou á porta pediu-me para esperar um momento; Carlota não podia tardar. Atravessei o pateo e encaminhei-me para a casa, por me parecer edificada com elegancia. Subi a escadaria, abri a porta da entrada, e foi então que dei com o mais delicioso espectaculo que jámais gozei na minha vida. Na sala, seis crianças, de dois até onze annos, apertavam-se e saltavam em volta de uma gentil rapariga, de talhe natural mas formoso. Trajava ella um singelo vestido branco, guarnecido de fitas côr de rosa, assim nas mangas como no corpete. Tinha na mão um pão de rala, do qual cortava fatias para cada uma das crianças, conforme a edade e o appetite. E com que sorriso ella os servia!... e como elles, sofregos, com as mãos estendidas, agradeciam depois o quinhão que ella graciosamente lhes dava!... Depois de feita a partilha todos elles se retiraram — uns pulando jovialmente, outros com andar mais pausado; e foram até á porta para ver os desconhecidos e a carruagem que lhes devia levar a sua boa Carlota.»

É esta a scena que nos descreve Gœthe com a correcta naturalidade do seu desenho.

Kaulbach, um dos maiores pintores da Allemanha, e um dos homens que, pelo seu famoso quadro cyclico, a *Torre de Babel*, increveu o nome entre o de Cornelius e Schnorr, Kaulbach, digo, encarregou-se de tornar patentes as figuras da suave composição de Gœthe.

Sem conhecer o quadro, não nos parece, pela observação do transumpto, que o pintor conseguisse reproduzir a singeleza poetica que se admira na narrativa. Este defeito, se porventura existe, procede rigorosamente da individualidade do pintor. Kaulbach é hoje em dia um dos maiores idealistas germanicos. O seu espirito tende para a concepção dos grandes periodos da humanidade; o seu pincel recreia-se com o imaginoso, e gosta de espraiar-se nos trabalhos muraes e nas télas amplissimas. Por isso no debuxo de uma scena tão trivial, mas cujo encanto reside na finura dos toques, o pintor viu-se constrangido e apertado, e não soube dar ao grupo das criancinhas a simplicidade pueril, como não exprimiu na figura principal o ar de carinho e de desaffectada bondade que



A Carlota de Gœthe

o poeta revelou no seu eito. Não digamos isto em desabono de quem, para ser illustre, tem tantas e tantas obras notaveis; fizemos reparo n'este desaccordo entre a folha e a téla, entre a palavra e o desenho, porque, havendo fallado de Gœthe e da sua feição litteraria, era justo definir o logar onde o interprete o exaggera.

Gœthe é o poeta da natureza. No proprio *Werther*, depois de ter contado a impressão que lhe fez o ter visto um dia um rapazinho de quatro annos sentado no chão, e embalando no collo a um irmão de dois mezes, quando muito, o admiravel pantheista exclama: «Cada vez persistirei mais em seguir a natureza. É só n'ella que existem as minas inexgotaveis; é só ella que faz os grandes artistas. Póde escrever-se muito em favor das regras, como póde tecer-se o elogio das leis da sociedade. O que se liga aos preceitos, verdade é que nada produzirá de pessimo ou de ridiculo, como o que observa as convenções sociaes não chegará a tornar-se um malfeitor insigne; mas, diga-se o que se disser, as regras abafam o sentimento natural, e

desfeiam ou estragam o que deve ser candido e singelo.»

Mais nos estava pedindo o animo para dizer a respeito de um homem tal como Gœthe; o curto espaço de que dispomos impede-nos, comtudo, de mais largas considerações. Não terminaremos, em todo o caso, sem apontar com insistencia para a opinião d'esse poeta sublime. Hoje, que a litteratura parece querer transviar-se para os matagaes enredados, é bom que apostolemos os gentios com a sã doutrina do mestre. A natureza é a procreadora infatigavel. O homem trivial corre o olhar por todos os quadros, do campo ou da villa, das estações floridas ou agrestes, e não encontra o germen de nenhuma idéa sublime. O artista sente-o. A inspiração fecunda a terra; o que é sombrio doira-se, o que é escalvado alinda-se. A arte é a filha d'estes esponsaes divinos. Os que procuram o bello entre as nuvens desvairam-se, aturdem-se, tenteiam as sombras, e acabam, como Semele, abrazados pelo fogo que adoram; os que o procuram na terra, os que se abraçam á mãe commum —*alma parens!*— esses reelevam-se, como Antêo, cheios de vigor e alento.

E. A. Vidal.

REAL ASYLO DOS INVALIDOS, EM RUNA

(Vid. pag. 386)

IV

A serenissima sr.ª D. Maria Francisca Benedicta não era tão sómente uma alma cheia da mais perfumada poesia; era tambem, o que muito vale, um espirito sadio, robusto, serio e grave, e um coração generoso, aberto a tudo o que tivesse o cunho da grandiosidade e da elevação.

Quem visitar detidamente o asylo de Runa concluirá de certo o que fica dito, sem a menor lisonja, a qual ha muito abafou e sumiu a sua voz perante o tumulo que encerra o corpo da princeza desde o anno de 1829.

Alma artistica de elevados dotes, está-se delatando aos olhos menos observadores na traça geral do edificio e em cada uma das suas partes, nas bellas pinturas e formosos desenhos que saíram do seu lapis e do seu pincel, e que ainda hoje se podem ver nos aposentos, que foram d'ella.

No archivo do asylo vê o viajante algumas curiosidades artisticas, dignas de subido apreço, que á princeza são devidas.

Entre ellas não é possivel calar a magnifica e formosa custodia, cujo desenho é obra da real fundadora.

Na custodia allia-se amoravelmente a arte e um dogma da religião ao pensamento mystico e profundo da transubstanciação, porque estão representadas as tres especies que entram na composição da hostia e do calix.

As espigas de trigo tem os grãos feitos de bello topazio, e symbolisam o pão.

O vinho está representado por cachos de uvas, cujos bagos são admiraveis amethistas.

Figura a agua uma formosa e grande agua-marinha de tamanho pouco commum, de pureza incontestavel, de uma côr uniforme e immaculada, sem a menor sombra ou quebra de limpidez.

Outros objectos de arte, posto que de somenos importancia, e devidos todos á princeza, deveriam ser enunciados, se maior folga nos fosse permittida. É, comtudo, impossivel não descrever, posto que em largos traços, o edificio no seu todo.

Occupa elle um vasto ambito em fórma de parallelogramo rectangulo, com quatro fachadas regulares e symetricas.

É a entrada de bastante magnificencia e de nobre aspecto, e bem lançada a escadaria principal, aberta ao centro do edificio, cuja distribuição interior conventual não é porventura das mais adequadas ao fim, posto que estivesse nas idéas do tempo.

Longos e compridos corredores, bem arejados e allumiados, dão serventia commoda aos cubiculos e cellas adjacentes dos dois pavimentos.

Na fachada principal estão dispostas as moradias dos empregados, as salas de recepção, a secretaria, o archivo e mais dependencias necessarias a uma instituição d'esta ordem.

Os aposentos da princeza estão na opposta fachada, independentes e modestamente situados, como que procurando o recato e a solidão.

N'estes apartamentos ha de notavel, como se disse, as obras que legou, e que foram feitas pela sua propria mão.

Os asylados vivem em dormitorios escassos de luz, algum tanto humidos e bastante acanhados.

Egual pecha se póde pôr nos refeitorios.

A egreja é uma fabrica maravilhosa, onde o viajante encontra grande pasto para a sua analyse e admiração.

Tem o altar ao centro, e é quadruplo, como mandam as praxes do estilo romano.

Não é a capella um templo grandioso, mas sim perfeitamente proporcionada, e tem umas linhas severas e harmonicas, quaes exige a boa architectura religiosa. Não ha alli garridice, nem tão pouco laçarias, rendilhados e aéreas volutas, senão boa selecção, e sobre tudo uma seriedade modesta, que se casa perfeitamente com o destino do edificio.

Bellos marmores se ostentam, que tem aliás o merito de serem extrahidos de umas pedreiras sitas no monte sobranceiro ao asylo.

Ha no templo quatro estatuas de formoso marmore de Carrara, que estão mettidas em outros tantos nichos. Estas estatuas foram cinzeladas em Roma.

Infelizmente, não póde a princeza completar a cupula ou zimborio do templo, que ficou desengraçado e mesquinho, e desdiz da grandiosidade do edificio.

A despeza total da obra montou, segundo um computo que póde reputar-se rigoroso, a mais de seiscentos contos.

Avultada despeza foi, que mal permittiu recolher o desejado numero de invalidos, porque ficaram cerceados os rendimentos. Ainda assim, e segundo os regulamentos e mais disposições, firmados pelo punho da augusta princeza, e só a ella devidos, podiam ser sustentados 120 invalidos.

Por morte d'aquella benemerita e excelsa senhora subiram os rendimentos da casa a perto de 9:000$000 réis.

Constituiam a dotação do real asylo: 1.° a commenda de S. Thiago de Beduido; 2.° uma apolice com vencimento de 5 por cento do capital de 26:800$000 réis; 3.° um titulo de divida publica sem vencimento no valor de 11:999$960 réis; 4.° duas acções da companhia dos vinhos do Douro de 800$000 réis; 5.° as quintas de Runa, Enchara do Bispo e da Amora, com suas annexas.

A especial natureza da dotação ficou sujeita a grandes reducções, quando se implantou o governo constitucional, que acabou com as commendas.

Ha tempos a esta parte que o governo parece cuidar do asylo, e tem convertido em fundos publicos os bens legados pela real fundadora. Parece que só resta a quinta de Alcobaça, que circunda o asylo, e o pinhal denominado de Monte Redondo, situado a coisa de uma legoa para noroeste.

Deve conservar-se a quinta de Alcobaça, que é optimo terreno, continuando a arrendal-a, e obrigando o rendeiro que a fabrica e amanha a plantar novo vinhedo.

N'esta quinta está o cemiterio dos asylados, e bem assim o encanamento e as minas de agua.

O pinhal tambem não deve ser alienado, porque fornece excellente combustivel e optimas madeiras de construcção. É elle de vasta extensão, pois mede passante de 250:000 metros quadrados, e está completamente povoado. O asylo apenas cultiva uma pequena parte, que corre do edificio á estrada pelo lado occidental; e o actual director, o sr. marechal Baracho, trata de plantar um pomar de laranjeiras em terreno adjacente, que até agora estivera inculto.

Em frente do edificio corre um atrio ou pateo ajardinado com algumas laranjeiras.

Perpendicularmente ao pateo abre-se o caminho que vae dar á estrada, por meio de um portão de cantaria.

Tal é a descripção succinta e breve do edificio, o qual, fundado por uma virtuosa senhora, é ainda hoje protegido por outra princeza de não menores qualidades, sua magestade imperial a sr.ª duqueza de Bragança.

(Continúa) A. Osorio de Vasconcellos.

D. FR. BARTHOLOMEU DOS MARTYRES

(Conclusão. Vid. pag. 373)

II

Deixámos o nosso arcebispo em Trento, e n'esta segunda parte il-o-hemos encontrar novamente em Braga, já que é forçoso encurtar a mão na resenha de particularidades. Fez elle sua entrada no meiado de março, quasi em vespera da dominga de Paixão, após tres annos de ausencia. Receberam-n'o os povos com aquelle alvoroço de contentamento com que se recebe um pae muito amado; e elle começou desde logo a corresponder ao affecto que lhe testimunhavam, dando-se todo ao cuidado de pastorear santamente, e de fazer seu officio de bispo, que aos olhos de D. Fr. Bartholomeu não era outra coisa senão officio de apostolo.

Vem aqui muito de molde o recordar um successo que deixámos de apontar no primeiro capitulo d'esta noticia. Compendia elle em si maravilhosamente quantas dissertações poderiamos fazer sobre a diligencia, vigilancia e abrazado amor com que o arcebispo attentava em suas ovelhas, acudindo a tudo, soccorrendo todos a miude, com detrimento de sua pessoa, que era o que menos o embaraçava.

Servir-me-hei das palavras do amenissimo classico seu biographo; que será, de certo, aprazivel aos que me lêem dar com oiro de tão finos quilates em meio d'estas areias sem formosura. Conta o historiador que, andando o arcebispo em suas visitações, ao passar um dia de um logar para outro o salteou uma chuva fria e importuna, que o não largou na maior parte da jornada. Elle, que de tudo tirava materia para sentenças e para louvar a Deus, era o unico da comitiva para quem os jorros de agua não se tornavam congeladores nem molestos. Offereceu-se-lhe então á vista, diz o purissimo escriptor, não longe do caminho, posto sobre um penedo alto e descoberto ao vento e á chuva, um menino pobre e mal reparado de roupa, que vigiava umas ovelhinhas que ao longo andavam pastando: notou o arcebispo a estancia, o tempo, a edade, o vestido, a paciencia do pobresinho; e viu juntamente que ao pé do penedo se abria uma lapa, que podia ser bastante abrigo para o tempo: movido de piedade, parou, e chamou-o, e disse-lhe que se descesse abaixo para a lapa e fugisse da chuva, pois não tinha roupa bastante para a esperar: — Isso não, respondeu o pastorinho, que em deixando de estar álerta e com o olho aberto, vem logo o lobo e leva-me a ovelha, ou vem a raposa e mata-me o cordeiro. — E que vae n'isso? disse o arcebispo. — A mim me vae muito, lhe tornou elle, que tenho pae em casa, que pelejará commigo, e tão bom dia se não forem mais que brados: eu vigio o gado, elle me vigia a mim: mais vale soffrer a chuva. — Não quiz o arcebispo dar mais passo, esperou que chegassem os de sua companhia, contou-lhes o que passára com o menino, e accrescentou: — E este esfarrapadinho innocente ensina a fr. Bartholomeu a ser arcebispo.

Nunca jámais se pintou quadro tão bello e com tintas de uma suavidade tamanha. Andava elle ao certo reflectido de constante no animo do arcebispo, que, á similhança do pastorinho, teve sempre muito a peito as contas que lhe tomaria o pae celestial, se elle porventura desamparasse o seu rebanho para se recolher a boa sombra.

Desde a volta de Trento até o dia de sua morte, podem contar-se os dias do arcebispo pelos trabalhos e praticas edificantes, a que se dava sem repoiso. Apenas chegado a Braga, e em observancia dos decretos do concilio, deu começo ao primeiro seminario que houve n'este reino, e depois ás longas visitações pela diocese, sem que lhe fossem embargo nem as furias do tempo, nem outras peiores que lhe vinham dos homens.

Levantavam-se-lhe a cada passo poeiras de contradicções e contendas; pleiteavam muitas egrejas sobre suas immunidades e jurisdicção, engrossavam os inimigos como ondas, e parecia quererem-n'o accommetter e derrubar. Nada, porém, perturbava a mansuetissima tranquillidade do arcebispo; seguia o caminho que a consciencia lhe mostrava recto, e, com os espiritos, levantados até Deus, não sentia as marulhadas de inimigos. Não diremos com isto que a brandura da sua alma não cedesse logar á irritabilidade, quando os escandalos e desaforos lhe entravam pelos olhos. Então, como Christo azorragára os vendilhões do templo, assim elle vibrava o látego ás mãos juntas sobre os vendilhões da justiça, e sobre quantos semeavam a corrupção, escudados por sua grandeza e valimento.

Tal devem ser todos os curas d'almas; promptos a despirem-se para agasalhar suas ovelhas, ai dos que vierem assaltar o aprisco, porque então o guardador tem de sair a campo e afugental-os com aspereza.

Em setembro de 1566 convocou elle concilio provincial, o qual celebrou com os bispos seus suffraganeos, D. Fr. João Soares, de Coimbra, D. Rodrigo Pinheiro, do Porto, D. Antonio Pinheiro, de Miranda, e ahi se fizeram muitas constituições a bem da sua egreja.

Alterára-se o reino com a morte de D. Henrique (facto este occorrido no ultimo dia de janeiro de 1580), e de um e de outro ponto iam já transpirando as dissenções e litigios. Escrevia-se o prologo d'esse martyrologio, cujas folhas só seriam rasgadas, sessenta annos depois, ás mãos do heroismo e da lealdade. Santarem deu principio ao pleito, acclamando rei a D. Antonio, prior do Crato. Seguiram-se-lhe muitos logares principaes, lavrou a faisca pelo reino, e Braga incendiada por ella, foi desprendendo do seu seio as labaredas da discordia.

Governavam o reino o arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, D. Francisco de Sá e Menezes, D. João de Mascarenhas, Diogo Lopes de Sousa e João Telles de Menezes. Cumpria decidir de prompto qual o caminho a seguir em conjuncção tão grave. Reuniram-se cortes em Almeirim; mas el-rei de Castella, temendo uma opinião contraria, mandou que o duque d'Alba caísse sobre Lisboa, onde, a esse tempo, já D. Antonio se havia enthronisado. Em 26 de agosto, ás portas de Alcantara, empenhou-se essa peleja, da qual redundou o desbarato de um troço de portuguezes e o reconhecimento de Filippe II como senhor de Portugal. Os governadores haviam então partido de Almeirim para Setubal, e d'ahi para S. Lucar, onde declararam rei a Filippe, por alvará datado de Badajoz aos 7 de agosto de 1580.

É n'este ponto que a historia parece ver uma sombra a empanar o brilho na physionomia do arcebispo. A sua tibieza ou escrupulo faz com que em Braga se eleja o rei de Castella, e, quando os que tinham por obrigação manter a independencia da patria desertam acobardados ou venaes, elle deixa tambem a sua amada egreja, e vae para Tuy, como um fugitivo acossado, quando talvez mais salutar fosse a sua palavra em meio de animos tão contristados.

Suspendamos, comtudo, as reflexões sobre o assumpto, e prosigamos como nos cumpre. Filippe II estava rei, e os expatriados, voluntariamente, podiam sem medo regressar. Véiu com elles o arcebispo, e recolheu-se á sua cidade de Braga, na qual achou uns extremos de affecto superiores a quanto fôra licito antever.

No anno de 1581, D. Filippe convocou as cortes em Thomar, e a ellas assistiu fr. Bartholomeu, merecendo do proprio rei as mais assignaladas demonstrações de benignidade. Estas mostras de apreço animaram o arcebispo a requerer a absolvição do arcebispado. Era isto como que um carrego de que elle muito se doía, porque, na sua humildade, julgava não ter espadoas para lenho de tanto peso. Acceitou Filippe a renunciação pedida, e, com quanto Gregorio XIII a quizesse impugnar, como antes o haviam feito Pio IV e Pio V, foi ella intimada em 20 de fevereiro de 1582.

Não podem descrever-se os excessos de contentamento que os avisos de Roma trouxeram ao arcebispo. Via-se reconduzido á sua cella de frade, pela qual suspirava desde tanto tempo, e podendo entregar-se todo aos extases da sua alma. Partiu logo para o convento de Santa Cruz de Vianna, da sua ordem, que havia edificado, e ahi viveu oito annos e alguns mezes, com a austeridade mais perfeita com que poderia viver um frade raso, a quem se não concedem mimos nem se prodigalisam dispensações. Uma segunda-feira, aos 16 de junho de 1590, rendeu o espirito ao Creador, em edade de setenta e seis annos e dois mezes, e com os mais evidentes cheiros de predestinação.

Foi enterrado na capella-mór do convento, no presbyterio da parte da epistola, e d'ahi, passados dezenove annos, foi trasladado para um magnifico tumulo de jaspe, levantado no mesmo presbyterio, da parte do evangelho. As pompas solemnes que acompanharam a trasladação vem miudamente descriptas no formoso livro de fr. Luiz. Nunca triumphador algum poderia receber em vida os hymnos e as manifestações de reverencia que aquelle pobre velho, já carcomido entre quatro taboas, recebia de uma população numerosissima. É que elle era, no animo de todos, o verdadeiro triumphador, que, combatendo no mundo as iniquidades e torpezas, conseguíra empunhar a viridente palma com que os limpos de coração hão de entrar ao cabo no paraiso.

Fr. Bartholomeu dos Martyres escreveu muitas obras de grande saber e de evangelica doutrina, entre as quaes deve singularmente notar-se o seu *Stimulus pastorum*, que o arcebispo de Milão, S. Carlos, fez imprimir em Roma, por seu mandado, e que é um como que roteiro para o bom governo das prelacias.

O sr. Antonio José Viale, no seu apreciavel *Bosquejo metrico da historia de Portugal*, consagra ao venerando pastor a seguinte estancia, que mui bem nol-o desenha e apresenta:

«Tu, bracharense Martyres, se tanto
Não te revelas orador facundo,
Reformador austero, humilde e santo,
Brilhas não menos por saber profundo.
Depois, largando o bago e o rico manto,
Vestido de celicio, ignoto ao mundo,
Findas da vida o terreal caminho,
Em pobre claustro no teu caro Minho.»

Tal foi, em succinto epitome, um dos mais illustres varões portuguezes e insigne filho da religião dominicana. Aspero para comsigo, implacavel contra abusões e desmandamentos que podessem ferir a santidade da egreja, inaccessivel a todas as transigencias mundanas, tinha, comtudo, um fundo de piedade e de amor, que transluzia em todos os seus actos e palavras. Era humilde, cômtanto que d'essa humildade não resurtisse descaímento para o cargo. Mantinha illesos os seus foros de prelado, e queria-os legar com todas as suas preeminencias e regalias.

A caridade nunca teve exemplificador mais estrenuo. Tocára o requinte d'esta virtude, despojando-se de tudo para valer aos necessitados. Tinha como que o prurido do bem; era incançavel n'este desprender de si fructos que servissem de alimento ás suas ovelhas famintas. Quando se privava, até do indispensavel, para soccorrer os que lhe batiam á porta, sentia o allivio consolador de um homem a quem arrancassem um pesado fardo.

Era uma arvore cujos ramos, vergando cheios de pomos e ramagens, se inclinavam tristemente para o solo, gemendo como de oppressão e fadiga; bastava que um sôpro de inverno lhe despisse todas essas louçanias e verduras, para ella se aprumar e parecer enlevar-se no ceo, contente com a sua pobreza.

Se na historia politica d'esta nação o nome de fr. Bartholomeu dos Martyres apparece escripto com uma dubia tinta de patriotismo, a luz intensa que as suas virtudes irradiam é de mais para illuminar a fronte calva d'este homem, a quem, se Roma não concedeu ainda a aureola da beatificação, tres seculos tem já votado as palmas florentes, que apenas se enfeixam em trophéo glorioso sobre o tumulo dos que deixaram de si um nome que é pharol para os navegadores d'este oceano da vida.

E. A. VIDAL.

A CRIANÇA NO CAMPO

Vi algumas vezes no campo a criança junto do trabalhador que lavrava a terra — a criança era a flor ao lado da espiga do trigo; a criança seguia cambeteante o sulco que a enxada ou o arado abriam; parava, colhia uma flor e arremessava-a, lançando ao mesmo tempo ao ar um grito, uma nota com dulcissima voz, um cantico á innocencia — alegria do coração infantil — e depois seguia o caminho encetado, caíndo aqui, erguendo-se mais adiante.

O trabalhador e pae, curvado á charrua, e mostrando na côr da tez e no suor do rosto o cançaço do corpo, volta-se de vez em quando para se certificar de que o filhinho ainda alli está vivo e escorreito; e chama-o, e encara-o com ternura, e sorri-se, porque o filhinho apressou o passo á sua voz.

Para que são taes brinquedos? perguntar-se-ha. A criança é alli estorvo ou distracção para o trabalhador?

Não é estorvo, não. A criança é a força intima, o animo, a esperança, ó contínuo refocillamento; no fundo do solo que vae sulcando, o trabalhador vê a criança antes que o grão prestes a germinar; porque a criança é o trigo vivo, é a abundante e risonha messe. Que de encantos e mysterios entre esses dois entes! Se a fronte se banha de suor, a criança a enxuga; se os braços vergam ao cançaço, a criança os ampara; se a alma se anuvia, a criança dissipa as nuvens, consola-a, enche-a de pérfumes e de amor; em quanto o homem d'este modo sulca a terra, a criança sulca para elle o ceo. A compensação do trabalho do homem está no trabalho da criança.

Ha infinitas perspectivas e a eternidade na criança. Mensageiro divino, recem-chegado, revela-nos, para assim o dizer, o futuro e a vida; ao seu lado, o coração está constantemente remoçando.



O Calvario — Esboço de Sequeira

A crença religiosa parece amortecida um pouco. Quando digo isto, não lamento a quéda dos velhos preconceitos nem das exterioridades hypocritas; volvo apenas o olhar com saudade para essas manhãs da vida, em que o espirito, voando para o azul do ceo, não se sentia fustigado pelas lufadas da desconfiança. Hoje sentâmo-nos quasi todos, á similhança dos peregrinos extenuados, e alongâmos o olhar pelos horisontes fóra, em busca de uma estrella que nos allumie. D'onde viemos? para onde caminhâmos? Em frente da cruz levantou o seculo uma interrogação medonha. A sciencia, fria e implacavel, derruba os altares sobre que a humanidade depunha as suas offrendas, e escava o sobpé de todos os templos. Os animos congelados estremecem. A dúvida é um frio de morte. Que é das orações aprendidas no berço? para onde fugiu o anjo da guarda? As mães escondem no seio o pallido crucifixo, temendo que os filhos tenham para elle um riso de escarneo. E, comtudo, perguntae a essa cruz de marfim, amarellecida pelo tempo, de quantas lagrimas não tem ella sido confidente, para quantas desesperanças não tem servido de alento, a quantas feridas não tem acudido como balsamo. À proporção que o sentimento religioso se desvanece, caem com elle as mais doces, as mais generosas aspirações. O amor sublime, que ahi tinha o seu foco perpetuo, materialisa-se e rebaixa-se; a caridade larga o seu manto alvissimo de virtude, e farda-se e arregimenta-se em qualquer livro economico; a poesia dependura a cythara, como os hebreus captivos, e, debruçada para as aguas que vão por esta Babylonia moderna, lembra-se com tristeza dos seus dias de extase e de grato arróbamento.

Não o dissimulemos: a indifferença que começou matando-nos o sentimento religioso, lavra-nos rapidamente na alma. De um desapêgo nasce outro desapêgo. Quando prostrâmos um credo, erguemos logo o machado sobre outro.

Ha bem pouco ainda que um dos maiores homens de agora exclamava: «Para quem havemos de estender as mãos? Para Deus? — A razão pergunta: — E onde está Deus? No ceo? — E a sciencia responde: — Ceo não existe! — Bemaventurados os que poderam gozar ainda os dias cheios de crença; mas pobres dos que, vendo um amigo envolto no sudario, só lhe podem dizer com o coração lacerado: — Adeus!»

E estas palavras, saídas de uma boca facunda, resoavam junto á sepultura do poeta mais crente, mais ethereo, mais casto, mais nobre, que as gerações modernas tem podido admirar. Que diria elle, se aos ouvidos do corpo lhe chegassem essas phrases de desconsolação profunda? Quando a sua alma, immortal como o seu nome, se reunia á mãe creadora, á alma infinita, ao Ser que povôa toda a natureza, desde o grão de areia até a immensidade dos astros, atiravam sobre essa terra humida, onde jámais crescerá relva de esquecimento, um protesto blasphemo, que a multidão veria ao cabo germinar no peito como semente venenosa.

Interrompamos, porém, estas considerações, que nos foram suggeridas pelo assumpto de que nos cumpre tratar, e digamos algumas palavras a respeito do presente esboço e do seu egregio compositor.

No n.º 12, tomo II, setembro 1858, e no n.º 3, tomo XI, 1868, d'este mesmo *Archivo*, já se disse o muito que valia Domingos Antonio de Sequeira, ap-

pellidado pelos mestres italianos *o Rembrandt do claro,* e pintor de tão altos espiritos, que não sabemos qual lhe leve a palma no grandioso e arrojado das composições. O esboço que hoje damos em gravura é o germen d'onde brotou um dos seus principaes quadros — o Calvario.

A idéa foi colhida n'aquella parte do evangelho em que se diz:

«E tomando Joseph o corpo, embrulhou-o em um lençol fino.

«E pôl-o em um sepulchro novo, que tinha lavrado em uma penha, e revolveu uma grande pedra á porta do sepulchro.

«E Maria Magdalena e a outra Maria olharam aonde o punham.»

D'esta succinta descripção tirou Sequeira motivo para o seu portentoso quadro. Como o seu genio tendia naturalmente para o immenso, engrandeceu o thema, ou, para melhor dizer, ampliou-o, congregando n'aquelle monte augusto uma multidão numerosa. O talento inventivo de Sequeira resalta d'estes bosquejos inimitaveis. Os grupos dispõem-se sem esforço, e cada um d'elles exprime um sentimento diverso. Ha a unidade na variedade. De todos estes membros constitue-se o gigante. A primeira figura que o espectador vê, com certeza, é a do Christo, sobre cujo lençol bate um feixe intenso de luz; quando levanta os olhos vê Maria, ao fundo, extatica, immovel, petrificada, Niobe santa, cujo filho alli está morto porque teve a loucura da cruz, na phrase do apostolo, e porque quiz e sabia que onde chegasse o seu espirito chegaria tambem a liberdade.

É depois da contemplação d'estas figuras que podêmos circunfluir a turba de rabbinos, de soldados e de mulheres do povo, que se grupam em circunstancias distinctas. N'uns desenha-se o terror, n'outros um assomo de commiseração; n'estes a indifferença, n'aquelles o primeiro gesto de piedade, que ha de, em fim, terminar pelo dobrar dos joelhos e pelo ferir a terra com o peito, no cumulo do arrependimento.

Sobre esta scena magestosa pairam como que as sombras da tristeza. Vendo-a, occorrem-nos estes versos de um poeta sinceramente catholico:

Point de bruit alentour;—mais le désert sans borne,
Le désert vacillait semblable au vieux Sina.
Point de bruit alentour;—le silence était morne
Quand la neuvième heure sonna...

É este o Calvario, a montanha sobre que se consummou o maior facto de que os homens tem dado testimunho. Do cimo d'aquella cruz, erguida como patibulo, é que sairam as tres palavras de vida que os povos bordaram no seu labaro de progresso. As ondas do mundo velho escumaram debalde, represadas por aquelle dique formidavel; e para áquem d'elle foram deslisando as aguas, que seriam aguas de baptismo para todos os homens, e enchente onde elles iriam buscar o amor da familia, a emancipação dos escravos, a sublimação da mulher, a egualdade das raças, o espiritualismo da arte, o desanuviar das trevas.

Quanto aos meritos do homem que tão elevadamente traduziu na téla este acontecimento solemne, remettemos os leitores para os numeros do *Archivo* já citados, onde, tanto na biographia como na apreciação das obras, se encontra em resumo a alta significação das suas qualidades.

Tratando de outro esboço — a Ascensão, disse eu n'este mesmo logar: «Sequeira valia bem o ser conhecido. É preciso que o povo saiba uma vez por todas, que acima d'esses heroes da espada, com cujos nomes elle tanto se ufana, ha tambem na sua historia outros heroes, que em vez de sangue derramam luz, e que em vez de destruir edificam.»

Estes desejos, felizmente, vejo-os satisfeitos em parte. O *Archivo Pittoresco*, apresentando estes transumptos venerandos, diffunde o conhecimento de um grande homem.

O povo, que não póde observar a téla, comprehende-a pela gravura. D'esta vulgarisação resulta uma consequencia benefica. Quanto mais sabemos que ha glorias da patria, tanto mais nos affeiçoâmos a esta. O amor á mãe cresce com a admiração pelos filhos. Nós, que tanto blasonâmos dos conquistadores, não devemos esquecer os artistas. Quando, com a mão no peito, dizemos — Camões — como a Italia diz — Ariosto — devemos accrescentar — Sequeira — como ella diz — Buonarotti! —

E. A. Vidal.

A HOSPITALIDADE

Que é a hospitalidade, de que tanto se falla e que tão pouco se exercita?

É um direito e um dever. Um direito, porque um homem, ainda que não seja conhecido, pede a outro homem, que não conhece, um logar na sua casa, junto do seu lar ou á sua mesa; um dever, porque não só taes vantagens, que são devidas aos filhos-familias, não se recusam ao estranho que as pede, mas tambem em observancia d'este preceito é que lhe são offerecidas.

A hospitalidade é a mais santa das praticas.

Não será extraordinario que tenha a sua origem nas primeiras edades do mundo, que a encontremos em vigor entre os povos primitivos, entre as gentes barbaras, em que fórma alliança com a rapina, e entre os selvagens, cuja ferocidade modera? Não será tambem singular que o exercicio das virtudes hospitaleiras, em vez de fortalecer com a civilisação, pareça antes caminhar em ordem inversa, e que um povo seja tanto menos hospitaleiro quanto mais culto?

Expliquemos isto facilmente. O exercicio da hospitalidade baseia-se em reciprocas necessidades. Nas epochas e nas regiões em que as distancias entre os centros populosos eram grandes, e em que as habitações estavam dispersas nos campos, cada qual tinha interesse em dar ao viageiro asylo e soccorros de que na primeira occasião podia carecer.

Quando a população foi augmentando, e quando os campos arroteados se foram enchendo de habitações, a necessidade de pedir e conceder asylo foi-se tornando menos sensivel. Logo que os povoados se avisinharam, o viajante reconheceu que era mais conveniente regressar ao proprio lar que pedir abrigo á casa do estranho. A frequencia das viagens deu, pois, origem ás hospedarias. O cultivador, que podia exportar o superfluo do seu consumo, tornou-se economico, e, reservando o superfluo para o transformar em materia de commercio, juntou-lhe tambem a parte outr'ora reservada para a hospitalidade.

É certo que modernamente se observam menos os preceitos da hospitalidade do que nos tempos antigos; e é hoje mais facil encontrar asylo em casa do arabe ou do laponio, do que no lar de um povo civilisado.

Se fordes invocar os direitos da hospitalidade á porta de um monseor de tal ou de um lord, vereis que os criados vol-a fecham no rosto com zombaria; mas se ainda hoje fordes á entrada da barraca do arabe ou da choupana do laponio, nem uma nem outra encontrareis fechada para o estranho.

A hospitalidade reinava entre os povos pastores.

Os hospedes, nos tempos antigos, gozavam não só os direitos dos filhos-familias, mas ainda eram mais sagrados que elles, de certo, pela confiança que se devia reciprocamente inspirar e manter.

A hospitalidade, que dá ao estranho os direitos de membro da familia, impõe áquelle com quem se exerce os deveres de membro da familia. Se a um não é licito faltar aos deveres, ao outro cumpre respeitar sempre os direitos. Vae n'isso o respeito da familia e da sociedade.

A SEMANA SANTA EM CASTELLO DE VIDE

E NOTICIA D'ESTA VILLA

Desde antigos tempos é afamada em Castello de Vide a procissão de domingo de Ramos, que attrahe grande concurrencia das visinhas povoações, e até de Hespanha. No anno de 1868, a que nos referimos, apesar das más circunstancias geraes, pela escassez das colheitas, ainda concorreram cêrca de dois mil forasteiros.

A procissão, na verdade, é digna de ser vista, ainda que já decaída do seu antigo esplendor. Ás 4 horas da tarde do dia 5 de abril saíu do vasto templo da matriz, composta de todas as irmandades e de todo o clero da povoação.

Conduziam os emblemas do martyrio do Senhor umas trinta crianças, a que chamam penitentes, e que levam o corpo e a cabeça envolvidos em brancas toalhas arrendadas, de um modo gracioso e original.

Atraz do pallio ia o andor da Mãe de Deus e de S. João Evangelista. Seguiam as cegas e os cegos do asylo que ha n'esta villa, com seu vestuario uniforme e suas medalhas, guiados á direita e á esquerda respectivamente pelo sr. José Godinho Juzarte de Sequeira Sameiro, administrador do mesmo asylo, e por quem estas linhas escreve.

Commovia observar a solicitude do povo em dar passagem e tomar pela mão os ceguinhos, para que não tropeçassem nas escabrosas ruas por onde caminhavam.

A bella philarmonica castello-vidense fechava o prestito, que percorreu as sete estações ou paços, cujos altares estavam ornados de luzes e flores abundantes. Os paços estão espalhados pela villa, e por algumas ruas das mais tortuosas e difficeis de transitar.

Quando a procissão entrou na parte baixa e plana da povoação, nas chamadas carreiras de cima e de baixo, desenvolveu-se magestosamente, alargando as longas alas de irmãos, que seriam cêrca de quatrocentos, com suas capas e tochas, caminhando ao centro enfileirados os jovens e candidos penitentes.

Era ao cair da tarde, formosa e serena como as mais encantadoras da primavera. Á direita, o sol ia quasi a esconder-se atraz dos altos e recortados rochedos que jazem ao occidente da povoação; á esquerda, a lua plena assomava das eminencias de uma collina chamada o Calvario, por haver n'ella uma capella d'esta denominação. Os dois astros, lá na abobada celeste, pareciam deleitar-se contemplando as homenagens que os christãos tributavam na terra ao Salvador.

A procissão caminhando mui lenta e pausadamente; os levitas entoando a espaços, com voz sumida, os melancolicos e sagrados canticos; a musica com seus plangentes sons; a reverencia e a uncção de todos os confrades; o respeito religioso e sincero do povo, agglomerado e ajoelhado por todo o transito; tudo, tudo dava a esta scena um caracter sublime de gravidade, de veneração e de indescriptivel poesia!

Ao anoitecer subia o prestito a ingreme encosta que conduz á capella do Calvario, situada n'uma elevação pittoresca, sobranceira ao edificio do asylo dos cegos. Alli o prégador subiu ao pulpito, erigido em pleno ar, ao lado de um grande altar com a santa imagem de Jesus Christo crucificado. Foi orador o reverendo parocho da sé de Portalegre, Manuel José Alves. Commoveu profundamente o immenso auditorio que o escutava, occupando a encosta da collina. A este tempo já a meiga claridade da lua dominava completamente, e dava ao religioso espectaculo a melancolia suave e terna, tão propria do preexcelso facto que se memorava.

Terminado o sermão, regressou a procissão ao templo d'onde saíra. A serenidade da noite permittiu que todas as luzes se conservassem accesas; e era bello ver os dois extensos renques que ellas formavam, ondulando compassadamente, realçando ainda mais a scena já descripta.

As outras solemnidades d'esta semana, celebrando os altos mysterios do christianismo, fizeram-se com muita decencia na egreja matriz e na do Espirito Santo. Todo o clero de Castello de Vide concorreu a ellas gratuitamente, como é de antigo costume, o que muito honra a classe ecclesiastica d'esta nobre villa, que ainda se compõe de uns vinte sacerdotes.

Na quarta-feira de manhã, alguns irmãos da ordem terceira de S. Francisco reuniram-se na sua capella, levando comida feita, e alli receberam outras porções enviadas por varios habitantes. Saíram ás 11 horas, precedidos de uma cruz, e acompanhados pelo reverendo padre commissario da ordem, levando dois a dois em alcofas os grandes alguidares e panellas com a comida, que em certos sitios foram distribuindo ás pessoas que a pediam.

Forneceram este jantar as esmolas solicitadas dias antes, e dadas na maior parte em generos, que foram distribuidos por casas particulares, para os adubarem e cozinharem. Algumas familias deram na mesma occasião, e de todo á sua custa, jantares já promptos. É um velho e exemplar costume entre o bom povo de Castello de Vide.

Distribuidos os jantares ás pessoas necessitadas e aos presos, o resto foi repartido, á porta do asylo dos cegos, por muitas crianças e pobres avulsos.

Na quinta-feira santa houve exposição do Santissimo Sacramento nas tres freguezias, e nas egrejas do Espirito Santo e Misericordia. No hospital d'esta, ao meio-dia, distribuiu-se aos doentes um mimoso jantar, servido pelos irmãos da Misericordia.

Na sexta-feira á noite houve procissão do enterro do Senhor, que saíu da egreja da Misericordia, visitou os paços, a egreja do Espirito Santo, e regressou já tarde á da matriz. Tambem ia muito bem ordenada e respeitavel.

Na capella do Coração de Jesus esteve o Sacramento exposto desde a manhã da sexta-feira até á do sabbado. É um singular uso e privilegio pontificio concedido á confraria d'esta capella. Chamam-lhe a exposição do Morto.

No sabbado e domingo houve as respectivas festas na egreja matriz, d'onde saíu a procissão do triumpho, que deu volta pelas duas Carreiras.

Todas as procissões foram acompanhadas pela excellente banda militar da sociedade philarmonica. Além d'esta, ha na villa uma *sociedade dos amigos do estudo*, que tambem dá algumas representações no theatro, que, situado n'um casarão do antigo recinto do castello, é mau e bem improprio da importancia da povoação, que conta 3 freguezias e 5:280 habitantes, segundo o recenseamento do 1.º de janeiro de 1864.

É Castello de Vide patria do celebrado reformador José Xavier Mousinho da Silveira, que alli nasceu em 12 de julho de 1780, e ainda hoje lá residem duas respeitaveis senhoras irmãs d'aquelle singular estadista.

O povo d'esta antiga villa conserva ainda em grande parte seus antigos e singelos costumes. É obediente, respeitador do que o deve ser, religioso e caritativo. As sáias e mantilhas pretas nas mulheres, e nos homens os capotes de burel e chapeos de grandes abas, são ainda os trajos predominantes.

A população é quasi exclusivamente agricola e muito laboriosa. Tudo está cultivado e aproveitado nas terras d'aquelle concelho, que é rico, e todo mui pittoresco e arborisado de bellos castanheiros, vastos soutos ou castinçaes para varedo, oliveiras, carvalhos, sobreiras, e de toda a qualidade de arvores de fruta, tendo algumas magnificas e collossaes. Nas immediações da proxima villa de Marvão, e perto da egreja do Salvador, ha uma videira que tem 1m,45 de circunferencia. As aguas são abundantes e excellentes.

Rebentam das rochas de granito, e das serras e collinas que em quasi todo o districto de Portalegre tanto embellezam as lindas paizagens que apresenta, e que rivalisam ou excedem as da celebrada Cintra ou decantado Minho. A vasta propriedade do sr. Lecoq, junto a Castello de Vide, e denominada o Prado, é já bem conhecida pela sua belleza, apurada cultura e muitas arvores exoticas que contém.

As communicações para Castello de Vide são hoje rapidas e commodas. Uma boa estrada macadamisada, de 40 kilometros, a liga com a estação do caminho de ferro de Portalegre, atravessando a meia distancia esta cidade, tambem importante e mui pittoresca.

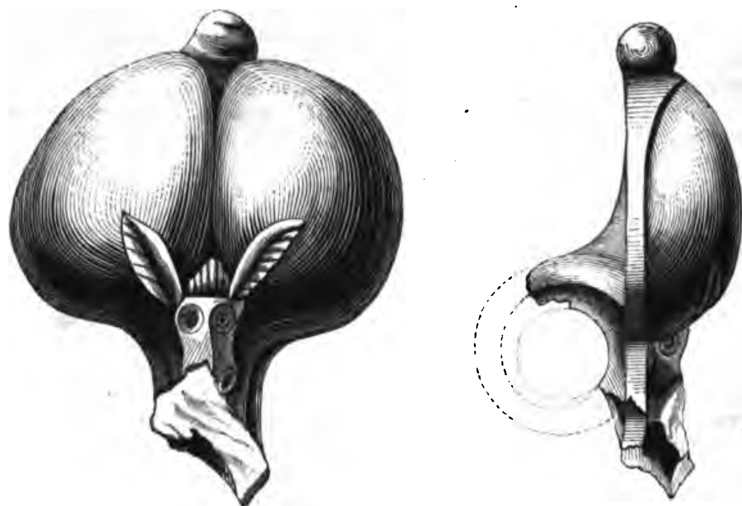
Esta villa tambem possue importantes estabelecimentos de beneficencia. O principal é hoje o asylo de Nossa Senhora da Esperança, ou dos cegos, expressamente destinado para recolher esta classe de infelizes. A paginas 317, 327 e 343 d'este volume póde ler-se a circunstanciada noticia e historia d'esta excellente instituição. O hospital da Misericordia possue o capital de 60:000$000 réis, e tem, bem como varias confrarias e irmandades, encargos de dotes para casamentos, e de outros actos de beneficencia que muito auxiliam as classes desvalidas. Ha tambem um pequeno recolhimento para velhas decrepitas e pobres.

Projecta-se estabelecer um banco agricola e industrial, á similhança do de Vizeu, com todos os bens dos estabelecimentos pios dos dois concelhos limitrophes de Castello de Vide e Marvão, que tem de ser desamortisados. Tomou n'isto a iniciativa o sr. Sequeira Sameiro, de quem acima fallámos. Estão já de accordo as direcções e mesas das differentes corporações interessadas, e, pelos dados que forneceram, sobem a cérca de 300:000$000 réis os capitaes que possuem, com que se póde estabelecer o dito banco, que tão util seria para os ditos concelhos e para todo o districto de Portalegre.

O chorado rei o sr. D. Pedro V visitou Castello de Vide na ultima digressão que fez no Alemtejo. Agradou-lhe tanto esta villa, pela sua pittoresca situação, magnificos arredores, patriotismo dos seus moradores, e pelo affecto, quasi adoração, que lhe manifestaram, que prometteu lá voltar na seguinte viagem pelas provincias, que já trazia em mente. Deus, porém, nos seus insondaveis designios, mudou-lhe em breve a intentada viagem em mais curta jornada para a mansão dos justos!

Castello de Vide, grato ao mallogrado rei, lá tem já a sua estatua de marmore, feita por subscripção publica, e trata-se de construir o pedestal onde deve ser erigida. Aos monumentos de caridade, que honram a villa, se juntará mais um nobre padrão á memoria do monarcha que tanto prezou e exerceu aquella virtude christã.

C. J. Caldeira.



Antiguidade do museu do bispo de Beja

O MUSEU DO BISPO DE BEJA

(Vid. pag. 237)

V

O objecto que representa a gravura, visto de frente e de lado, appareceu em Beja, debaixo do alicerce da muralha romana, no qual se encontrou o baixo-relevo de que damos noticia a pag. 108 d'este semanario. Eis o que a respeito d'elle escreveu D. Fr. Manuel do Cenaculo na obra a que temos alludido, e que exta inédita na bibliotheca publica de Evora:

«De outra nação aqui (a Beja) vinda e existente para prova da sua summa antiguidade, quando a ella presidia com o nome de *Ges*, dá testimunho um achado nas casas do sargento-mór Francisco Manuel de Mello, que generosamente me fez d'elle mimo para este museu. Consiste em uma pequena memoria dedicada a Diana Mamméa grega-egypciaca, e contém entre duas têtas a cabeça mitrada de um cervo desarmado e só com as orelhas levantadas, como um d'aquelles que se vêem no cinto de Cybele de Kircher — *Œdipus*, tom. 1.°, pag. 190; com a differença de estarem os cervos d'esta estatua abaixo dos peitos da deusa, e a cabeça que aqui se achou, por estar destacada da estatua, contém em si mesma as têtas para signal da sua dedicação a esta mammosa Ceres. É de barro fino. Com elle se achou um pequeno pucaro levissimo de vidro refendido em barro tão subtil que apenas terá tres linhas de grosso. Não é transparente. Na verdade, parece compor-se de vidro pelo brilhante fixo e geral com variedade de colorido... Junto ao referido vaso appareceram alguns pedaços de talco espatoso, delicadissimo, que exposto á luz mostra diversas côres fugidias e prismaticas, e finalmente poderá entender-se haver sido phenicia a sua composição, da qual falla Plinio no fim do livro XXXVI da H. N. Quem observa estas pequenas laminas vidradas facilmente recordará as folhas cristallisadas de que escreve Winckelmann na carta quarta fallando das de Portici. O sitio d'este achado mostra sua antiguidade por ser debaixo do alicerce da muralha romana d'esta cidade, assentado em terra solta antes das regras de Vitruvio, que no livro 3.° manda fundar em massiço, assim como as torres que elle determina sejam redondas, e aqui são quadradas.»

Conservam-se ainda hoje na bibliotheca de Evora tanto o fragmento de barro como o vaso de vidro, que não é, com effeito, transparente, mas translucido e irisado.

A. Filippe Simões.



Margens do rio Vizella [1]

Triste condição é a d'aquelles que desprezam os bens que possuem e appetecem os que Deus concede aos outros. Infelizmente, são muitos os casos em que nós, os portuguezes, nos achâmos n'essa tristissima condição.

Pois não é digno de reparo, e até de lastima, que, desconhecendo ou desprezando as bellezas naturaes com que o Creador dotou esta nossa terra, vamos a paizes estranhos enlevarmo-nos, extasiarmo-nos diante de paizagens, bellas sem dúvida, mas que, não raras vezes, são vencidas em amenidade e formosura pelas que temos entre nós?

Não se presuma que pretendemos censurar o amor das viagens. Pelo contrario, achâmos louvavel o desejo de procurar instruir o espirito nos variados costumes e progressos dos povos que nos levam dianteira no caminho da civilisação, e recrear os olhos nos quadros variadissimos que a natureza creou nos diversos paizes, e que ornou com mais esmero e magnificencia.

Mas ir ver e admirar o que ha lá por fóra do reino, em quanto se desconhece ou se despreza o que temos em a nossa patria digno de ser visto e admirado, é caso, certamente, pelo menos, para algum reparo, embora Portugal não offereça ainda aos que se propõem a viajar n'elle as commodidades e regalos que os viajantes encontram nos outros paizes.

Porém o que ainda é peior, e bastante censuravel, é que haja quem engrandeça e exalte o que viu em terra estranha, negando ao mesmo tempo, ou deprimindo o bem que possuimos, e que aos proprios estrangeiros causa enlevo.

Pois um paiz que encerra um jardim tão vasto e encantador, como é a provincia do Minho, e um paraiso terreal, como é a serrania de Cintra, tem alguma coisa a invejar aos outros paizes em assumptos de bellezas naturaes?

Falta-nos a arte, dirão, com que as nações mais cultas encaminham e auxiliam os esforços da natureza, variando tambem e abrilhantando as suas obras.

Mas quem poderá sentir a falta de arte onde a natureza se ostenta tão generosa e potente? Que mais podia fazer o genio do homem para aformosear os rios do Minho, especialmente o Vizella, que nos suggere estas considerações, se o Creador lhes cobriu as margens com uma alcatifa perennemente viçosa e florida; se as adornou com variadas especies de arvores, ora subindo em densos bosques por suaves encostas; ora elevando-se, engrinaldadas de heras, em pittorescos grupos nos logares mais baixos; aqui debruçando-se sobre fragas musgosas até beijar a corrente fugitiva; alli erguendo-se altivas e solitarias d'entre um massiço de plantas de pomposa vegetação, ou saindo com porte esbelto do proprio seio do rio; se aguas que fez rolar sobre alvissimas areias e seixos multicôres são tão puras e cristallinas, que deixam ver distinctamente os peixes que as tem por morada; se ordenou, em fim, que n'esse limpido espelho se mirasse tanta variedade de aves gentis que povoam aquelles arvoredos, e se reflectissem com tanta formosura e esplendor o benigno ceo que nos cobre, e o sol radiante que faz florir em nossa terra tanta diversidade de plantas, oriundas das mais longinquas e oppostas regiões do globo?

Que importa que não se vejam vestigios da industria humana n'esses logares que a natureza fez tão deliciosos e encantadores; a natureza, que é a industria por excellencia, a sábia mestra de todas as artes, a propria arte exercida pela mão de Deus?

Attentae na gravura que orna o rosto d'este numero, e que é cópia fiel de uma photographia primorosa;

[1] Veja-se, ácerca do rio e aldeia de Vizella, o que dissemos a pag. 113 do vol. V.

attentae bem n'ella, e dizei se a arte dos homens poderia accrescentar formosura e graça n'aquelle painel, saído tão bello e gracioso das mãos da natureza? Vêde como as arvores e os arbustos, com tão pittoresca e artistica distribuição, fazem caixilho ao rio! Reparae como a hera trepa, se enrosca, guarnece e enfeita com sua lustrosa folhagem os troncos annosos que a caducidade despojou da rama! Olhae para aquella floresta que lá no fundo do quadro se aperta e condensa, como se fôra alli posta para formar um throno de verdura á casaria do logar de Vizella, que alveja e campeia por cima de suas copas frondosas, emmoldurada ainda por novos verdores!

Em fim, dae ás aguas a côr azul do ceo; ás arvores e plantas das margens os variados matizes com que a primavera opulenta e alegra os campos; animae toda esta paizagem com os gorgeios melodiosos dos rouxinoes e toutinegras, e com o incessante esvoaçar dos gaios e pica-peixes, dos melros e petos, das pôpas e pêgas, e de mil outras aves de plumagem garrida ou de fórmas esbeltas; e confessae que os olhos não podem ver scena alguma de mais belleza e amenidade, nem o supremo esforço da arte humana conseguiria produzir tão bella obra.

E não se pense que o rio Vizella ostenta n'este sitio as suas unicas pompas. Logo adiante varía a perspectiva, sem deixar de ser graciosissima; e quem for seguindo o curso do rio encontrará a cada passo novas paizagens, differentes entre si, e não menos ricas das galas e contrastes que mais realce dão aos quadros da natureza.

I. DE VILHENA BARBOSA.

REAL ASYLO DOS INVALIDOS, EM RUNA

(Conclusão. Vid. pag. 398)

V

Foi em 1849 que os regulamentos feitos pela augusta princeza, e seguidos constantemente com o maximo rigor, soffreram bastantes alterações, bem que no fundo ficassem os mesmos.

O espirito religioso da augusta fundadora levou-a a transformar os asylados em uma congregação de frades, que tinham quasi de esquecer e abjurar o passado cheio de gloriosas recordações, para se entregarem ao ascetismo. Ainda hoje são sumptuosos e dignos todos os exercicios e actos religiosos, aos quaes parece presidir ainda o espirito evangelico da princeza. Os veteranos condecorados e feridos nos campos de batalha tartamudeiam como podem, e com voz trémula e roufenha, as litanias e orações que aprenderam na infancia, nas arredadas aldeias em que nasceram.

É um espectaculo admiravel e cheio de uncção!

Aquelles rostos queimados pela polvora, aquellas cabeças povoadas de raras cãs, por sobre as quaes perpassou e esvoaçou o genio das batalhas, sem que ellas se curvassem, pendem agora sobre o peito, quando o sacerdote entôa a reza da noite.

Bastas vezes cada dia se congregam os veteranos para fazerem as orações.

As refeições são abundantes, e o regimen interno é exemplar.

Não faltam zelo e caridade para com os velhos asylados, que tem dois cirurgiões e um medico para os tratarem, e dois confessores, para lhes encommendarem a alma e ajudal-os a bem morrer, segundo as expressas prescripções da fundadora.

Bem que os vinculos da disciplina sejam algum tanto relaxados, como não podiam deixar de sel-o, ha comtudo o caracteristico militar e o aspecto marcial em tudo. A feição fradesca nunca póde conquistar a proeminencia.

Não se compadece a indole d'este jornal com a analyse miuda do viver intimo, natureza e fins do asylo. Aquelles que quizerem colher amplas e bem coordenadas noticias sobre este assumpto, podem recorrer com proveito ao compendioso relatorio do general barão da Batalha, que já atraz foi citado.

Convem, todavia, lembrar mais uma vez que, assim como a França guarda os trophéos gloriosos das suas campanhas no *Hotel des invalides*, o mesmo deviamos fazer.

As bandeiras tomadas em campo de batalha, que estão no arsenal do exercito e em alguns templos, é mister que sejam confiadas á guarda dos que as arrancaram ás mãos dos inimigos. Crear uma galeria de quadros nas salas que foram habitação da augusta princeza, nos quaes se commemorassem os grandes feitos militares da historia patria, e bem assim se retratassem os heroes portuguezes, é lembrança assisada e patriotica. Na tribuna principal do templo ha uma bella sala onde as bandeiras podem ser dependuradas, e no interior do edificio existem casas de bastante ambito para comportarem petrechos de guerra pertencentes ao museu militar.

Por occasião da morte do chorado monarcha o sr. D. Pedro V abriu-se no exercito uma subscripção a fim de dotar o asylo.

Ninguem sabe onde pára essa subscripção, e bom seria que tivesse a applicação devida.

Hoje conta o asylo coisa de 80 asylados. Deve este numero ser augmentado, e póde sel-o, sem gravame para o thesouro, tanto que as idéas expendidas no referido relatorio sejam devidamente traduzidas em factos.

O edificio, com pequeno augmento, tem capacidade para 600 veteranos.

Se este numero fosse preenchído com os veteranos que estão no espirito e letra da lei, seria melhor cumprida a vontade da virtuosa princeza, ganhariam o estado e os asylados, e tornar-se-hia prospera e bemaventurada uma instituição que até hoje ainda não produziu os fructos que deve e póde produzir.

Oxalá não tarde o dia em que estas reflexões sejam tidas em conta, porque, mais uma vez convem que se diga, nada ha tão digno de encomios e louvores como o espirito de caridade evangelica em prol d'aquelles que derramaram o sangue pela patria, e luctaram com heroica e indefessa coragem pelo torrão natal.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

A ESCHOLA ALDEÃ

............Vos hæc facietis maxima Gallo;
Gallo, cujus amor tantum mihi crescit in horas,
Quantum vere novo viridis se subjicit alnus.
Virg.— Buc — Ecl. X.

Lá no fim do logar aquella casinhola
musgosa, negra e triste, olha, amigo, é a eschola;
é a eschola, inda não serena e restaurada.

O viandante que passa á beira d'essa estrada
ouve zumbir lá dentro a infancia, alegre abril
da nossa vida; e vê todo o rancho infantil
curvado no trabalho, o improbo trabalho
do primeiro aprender, estrada sem atalho,
soalheira, tortuosa, onde se exhaure e cança,
sem arvores, sem fonte, a impróvida criança.
Tarde lá chegarás, redempção.

Quando eu ia
passando alli por perto, a ingenua vozeria
da turba juvenil sempre attrahiu meus passos.
Hontem, vinha de longe; a calma, os membros lassos
trouxeram-me até alli. Dava a hora da entrada.

Sentei-me, para os ver, sob a verde latada
que sombreia os humbraes do pequenino templo,
que deve á infancia pobre o pão, o ensino, o exemplo.

Vinham vindo á formiga. Aquelles, demorados,
furtando ao muro velho a amora dos silvados;
os outros, co'o boné correndo os passaritos,
e atirando ao besoiro o sacco dos livritos;
est'outro, a assobiar. Aquelles dois ou tres
demonicos do ceo, nada escapa; o maltez,
atraz da cortininha, á vidraça da eschola,
saboreava o sol, namorando a gaiola,
que no torcido prego ao pé da trepadeira
pendurava ao ar livre a moça da trapeira.
Pois ao proprio maltez travêssa mão rechaça,
tocando-lhe, ao passar, tamboril na vidraça.

Iam entrando, entrei. Ao limiar, compõe
cada qual seu aspecto; entra solemne; põe
no cabide o barrete, e vae, submisso e mudo,
já sem nada de infancia, acantoar-se ao estudo:
saudado, já se sabe, o mestre, que suave
doira em vago sorriso a fronte oppressa e grave.

O mestre é um banido; um triste; um operario
da seara de Deus; um martyr sem sudario;
uma victima incauta apesinhada; um homem,
que a humildade e pobreza aviltam e consomem.

Vêde-me aquella fronte; a calva prematura
deu-lh'a o pensar, que não os annos; a estatura
verga a um peso ignoto; o olhar amortecido
bem mostra que lá dentro ha só tenue brazido,
onde era labareda; a vida solitaria
fez-lhe um modo acre e frio. O coração do pária
foi bom; hoje é egoista, e não crê. Não foi pae.
Já não ama; vegeta. Ignora onde assim vae
acossado do mundo: e, das cidades longe,
cumpre, amarrado ao poste, agra missão de monge.
É o monge sem a cruz.

O baloiçoso açoite
do torvo mar da vida arrojou-o uma noite
para esta praia muda, ilha feroz, deserta.
E alli vive sósinho; e a alma se lhe aperta
quando contempla o mar. Não commenta os destinos;
come pão negro, e ensina os pobres e os meninos.
Não os repulsa, não; tambem, não os attrae.
Não é velho, e tem cãs; tem filhos, sem ser pae.
Falla pouco, e lê muito um livro, que o prior
diz que é do impio sublime, o archanjo do pavor:
Voltaire. Mas se o segue, ao menos não o ensina,
e assimila em silencio a ironica doutrina.

Tal é o mestre. E a eschola?

A eschola é uma choça;
menos choça que as mais, porque é triste. É palhoça
o telhado. Galgou-lhe acima a trepadeira
mais util do quintal, a cheirosa hervilheira,
como a dizer, do throno a que subiu: — O futil
não adorne a choupana onde se alberga o util.—

Por dentro a eschola é sempre eschola: glacial.
Nua a parede; ao fundo um Christo sepulchral;
ardosia, bancos, mesa austera, tecto escuro.
Que ninho a bafejar os germens do futuro!

E a criançada?

Oh! essa alegre e toda vida,
lá fóra; aqui oppressa, inutil, abhorrida!
Lá fóra, oiço-os chilrar; aqui, zumbir. Lá fóra,
na luz de toda a crença inda os inunda a aurora;
e nem sonham, em quanto a face afogueada
lhes escorre o suor da festival jornada
té á porta da eschola, e a brisa lhes besoira
na harpa eolia subtil da farta grenha loira,
nem sonham que armadilha e visco traiçoeiro
lhes prepara o porvir, cruel passarinheiro!
Aqui, vejo-os sem luz, curvados a uma leira
onde não ha rabisco em paga da canceira!
Não sabem o que faz um mestre, quasi um argus,
em lhes dar o saber em sorvos tão amargos!
Não entendem por que ha de a mão que dá o ensino
arvorar sceptro assim, tão cru e tão ferino!
nem que o homem imponha a sciencia a ignorantinhos,
quando Deus tudo ensina ao sol, e entre carinhos!
nem porque ha de o silvedo estar-se a rir, e as hortas
co'as noras a cantar; e a cá d'aquellas portas
ha de aquella atmosphera ingrata asphyxiar
pulmões feitos por Deus para beber bom ar.

Lá fóra, Deus sorri; aqui, este homem torvo
grunhe. A carteira, a hora, o livro, é tudo estorvo.
O mestre opprime o alumno; esgota-lhe a memoria;
calca-lhe a intelligencia, e brande a palmatoria.

O banco é rude; a mesa é crua; é bruto o ensino!
oh! que ninho tão fero aos membros de um menino!
o livro é triste; o Christo é surdo; o ensino é duro!
oh! que barbaro ninho ás pombas do futuro!

N'aquelles corações, pela manhã cantava
um anjo, em quanto a mãe os vestia, os lavava,
lhes dava leite e pão, e os enviava ao mestre.
Agora, que elle os vê, co'o seu olhar alpestre,
que a lição machinal começou, que os perigos
crescem, como em tormenta, e os barbaros castigos
troam, ri no seu antro algum demonio algoz.

....

É tempo de acabar a eschola assim. Quem poz
a carranca minaz na piscina das aguas?
quem misturou com o riso o soluçar das máguas?
quem foi sentar o algoz na cathedra do ensino?

....

Quando saí d'alli, foi triste. Ao longe o sino
badalava solemne o santo meio-dia,
hora do descançar; co'a alegre vozeria
saem elles tambem. Vi-os longe. A gaiola
torce em fim os varões, e as victimas da eschola
lá vão beber cantando a liberdade e o ar
no campo, e á sombra farta onde os espera o lar.

Passava então por mim o alumno pobre, o neto
da viuva da ponte; o seu fatinho preto
dil-o orphão; vem a passo, a ladear o combro,
co'um quarto de pão negro, e uma sacola ao hombro.

E eu murmurei, ao ver sumir-se o alumno triste:
—«Fatal obcecação! a alegre eschola existe;
é nossa; é portugueza. Ahi se educam almas;
criam-se homens ahi. Bate a alegria palmas,
canta o jubilo, aprende a tenra intelligencia,
exulta o coração, amando a Providencia.
E porque é portugueza a punem co'o martyrio!
vilissimo não ver! tristissimo delirio!
E ha de sempre uma idéa, assim como a semente,
que á terra se dispõe, por que a terra a avivente,
germinar só na terra! e a triste da utopia,
para um dia viçar e frutear um dia,
precisa... (oh! Providencia! oh! lugubre mysterio!)
o silencio da campa! a sombra! o cemiterio!!...»—

Agosto de 1868.

JULIO DE CASTILHO.

ADÃO SMITH

(Conclusão. Vid. pag. 381)

V

Vamos concluir este esboço biographico, a cuja imperfeição accresceu a impossibilidade de lhe dar o desenvolvimento que sería necessario para mostrar, ainda que em resumida analyse, a immensa valia das obras que grangearam ao seu auctor um nome merecidamente respeitado na philosophia e na sciencia economica [1].

No que fica dito não será difficil ter encontrado os traços mais frisantes do caracter do illustre economista escocez. A vida de Adão Smith, sem lances extraordinarios, passada entre a familia e os livros, deslisando entre as affeições suaves do lar domestico e o prazer incorrupto que dá o estudo, quando se desentranha em beneficios para a humanidade e para a sciencia, é o espelho fiel da candidez e da pureza d'aquella alma, onde parece não haverem tido entrada senão os bons pensamentos.

Se á familia e ao estudo juntarmos a amizade, esse numen sympathico a que elle prestou sempre o mais sincero culto, teremos completo o estreito quadro em que se comprazia em desenvolver a sua actividade. Não importava isto o desprezo dos homens e do mundo, porque o seu coração abria-se facilmente a todos os sentimentos generosos, e enthusiasmavam-n'o as grandes idéas, que são o facho brilhante com que o progresso allumia o caminhar da humanidade. Era-lhe, porém, summamente agradavel o isolamento em que vivia, porque lhe permittia recolher-se a miude só com o seu pensamento; e este habito, que, como vimos, lhe vinha de criança, não foi, por certo, destituido de importancia na contextura das suas obras. Mas o afastamento da sociedade, se não lhe consentiu muitas vezes apreciar com exacção as paixões e o caracter dos homens, não foi obstaculo a que adquirisse o profundo conhecimento philosophico do coração humano, que nos revela a *Theoria dos sentimentos moraes*.

A modestia, essa qualidade só desapreciada pelos sofregos de louvor e de gloria, era a coroa sublime que realçava o seu peregrino talento.

Prodigo de elogios para com os outros, como que desconhecia o seu verdadeiro merecimento, e mal adivinhava o grande nome que haviam de conquistar-lhe as suas obras.

N'uma palavra, a vida de Adão Smith deixa-nos na alma a convicção intima da integridade do caracter do homem que legou á posteridade as solidas bases de uma das sciencias que mais tem contribuido e ha de contribuir para o progresso da civilisação.

Já alguem notou que, em geral, os que se dão a um estudo profundo e consciencioso da economia politica são cidadãos irreprehensiveis, amigos devotados e sinceros da liberdade. Não invalidam, antes confirmam os factos, similhante asserção. E se é certo que a sciencia economica tem memorado nos seus annaes, em tão pouco tempo, os nomes de muitos homens illustres, cuja vida se não encontra polluida por nenhuma d'essas acções que emmurchessem as mais virentes coroas conquistadas pelo talento, grande gloria pertence áquelle que assentou os fundamentos de uma sciencia que tão bem se allia com a moralidade e com a virtude.

E é d'este intimo laço entre a economia politica e a moral que tem provindo, em que peze aos seus poucos adversarios, as grandes conquistas e o rapido derramamento dos seus salutares principios.

Depois de se haver estudado a vida de Adão Smith, e admirado quasi tanto a sua intelligencia como a pureza do seu caracter, se passâmos pela memoria os nomes respeitaveis de homens como João Baptista Say, a quem a economia politica mais deve talvez depois do seu fundador, Bastiat, Turgot, Quesnay, Sismondi, Rossi e muitos outros, comprehendemos, em verdade, que está reservado grande futuro para a sciencia que tem encontrado, para nobilital-a e propagal-a, tantos e tão dignos adeptos.

E se nos lembrarmos de que a fonte perenne de todos os beneficios que a economia politica ha feito e continuará a fazer á humanidade foi o livro do economista escocez de que esboçámos a biographia, poderemos, como um allemão no tempo do primeiro imperio, affirmar que Adão Smith foi mais poderoso do que Napoleão. Teve este quasi o imperio do mundo, mas a sua gloria foi desfallecer entre os rochedos do Oceano, e o seu nome passou á posteridade maculado com o sangue de milhares de victimas; o modesto professor de Glasgow não possuiu talvez mais de que alguns palmos de terra na sua aldeia natal, mas o seu nome é ha mais de um seculo invocado por todos os homens que põem em mira a felicidade dos povos e o bom governo das nações. O nome de Napoleão abrilhantará durante muito tempo ainda as paginas da historia; mas o nome de Adão Smith guiará e inspirará sempre todos os que de coração se empenham na solução dos importantes problemas sociaes que se prendem com a economia politica. TITO DE CARVALHO.

[1] Era proposito nosso completar a biographia de Adão Smith com um estudo ácerca da *Theoria dos sentimentos moraes* e da *Riqueza das nações*. Não o permitte, porém (sem notavel prejuizo dos leitores, por certo), a falta de espaço, consequencia de estar chegado o termo do actual volume. Os que porventura desejarem mais cabal informação ácerca da vida e das obras do grande economista escocez, consultarão com proveito, entre outras, as seguintes biographias: a que precéde a edição de Londres dos *Ensaios philosophicos*, por Dugald Steward; a de Blanqui, na edição da *Riqueza das nações* que faz parte da *Collecção dos principaes economistas;* a *Philosophia escoceza* de Victor Cousin; um estudo do sr. Gustave du Puynode, no *Jornal dos economistas*, t. XLV, XLVI e XLVII, e outro do sr. Leonce de Lavergne, na *Revista dos dois mundos*, 1859, t. XXIV.

RETRATO SUPPOSTO DE JOÃO DAS REGRAS

O retrato que representa a gravura foi extrahido de uma photographia de outro, pertencente á bibliotheca publica de Evora, onde erradamente se tem attribuido a João das Regras. N'uma relação de quadros contemporanea da fundação d'este estabelecimento, e n'outra posterior, assim o designaram.

O retrato é pintado a oleo em téla, e tem $1^m,75$ de alto e $1^m,09$ de largo. Figura em corpo inteiro, e no tamanho natural, um cavalleiro da ordem de Christo, cuja cruz lhe pende de uma fita preta ao peito. Está todo vestido de preto. Chega-lhe até quasi aos pés uma beca, por cujas aberturas lateraes passam os braços cobertos com as mangas do pellote ou veste interior, franzidas em cima junto dos hombros. Do lado esquerdo apparece, por fóra da abertura correspondente da beca, a ponta de uma cruz vermelha de Christo, posta sobre o peito, conforme usavam os cavalleiros da ordem. Os sapatos, meias e calções são tambem negros. Só o collar de folhos e as voltas ou punhos das mangas são brancos.

Na fronte espaçosa, e em todas as feições, o rosto denota intelligencia e energia. Os cabellos curtos, as sobrancelhas, o bigode e a pera grisalhos, parecem indicar a edade de cincoenta a sessenta annos.

A mão esquerda está sobre o peito com a cruz que pende da fita entre os dedos; a direita apoia-se n'uma mesa coberta de damasco vermelho com franjas e alamares doirados, em cima da qual se vê um livro com fechos amarellos, encadernado em taboa.

D'esta descripção e da propria gravura se deduz claramente a impossibilidade de representar o retrato o dr. João das Regras, a quem é provavel que fosse attribuido pela pessoa que o vendeu ou offereceu a D.

Fr. Manuel do Cenaculo, a fim de que o estimasse em mais alto preço. O cabello, a barba, o trajo, e mais em particular a volta ou collar de folhos, indicam epocha muito posterior á de D. João I. Todos esses signaes caracterisam melhor um cavalleiro dos fins do seculo XVI ou dos principios do seculo XVII, em que julgâmos ter vivido o original incognito do retrato.

É certo que alguns dos nossos pintores commetteram graves anachronismos, pintando muitas vezes com os trajos que elles proprios usavam, ou viam usar, personagens de remotas eras. Todavia, não parece crivel que o anachronismo fosse tal que chegasse a comprehender as barbas e os cabellos. Por outra parte, não vemos razão plausivel para que, sendo conhecidas as armas de João das Regras, que no seu tumulo estão esculpidas [1], o pintor as desprezasse, e distinguisse o retrato com uma simples cruz de Christo. Sabe-se que o chanceller foi cavalleiro; ignora-se, porém, de que ordem. Se as suas armas não foram herdadas, deve ter pertencido á cavallaria de Aviz, por se encontrar no escudo a cruz floreteada.

A estatua do tumulo differe muito do retrato, pois tem roupas largas, como toga, barrete doutoral na cabeça, e ao lado o estoque, insignia de cavalleiro.

Na bibliotheca de Evora não ha noticia nenhuma d'este retrato, além das designações a que alludimos. Assim, será difficil, se não impossivel, descobrir-lhe o verdadeiro original.

A. FILIPPE SIMÕES.



Retrato supposto de João das Regras

VILLA DA FIGUEIRA

(Conclusão. Vid. pag. 390)

O ultimo dos infortunios que temos a referir, e que n'estes ultimos tempos affligiu esta povoação, foi o estrago do seu porto, que a accumulação das areias tornou perigoso e de difficil accesso. Presentemente, porém, graças aos trabalhos que desde 1854 a 1859 se levaram a effeito, sob a intelligente direcção do sr. Francisco Maria Pereira da Silva, tenente da armada e engenheiro hydrographico, a barra da Figueira achase notavelmente melhorada, podendo já as embarcações entral-a com mais facilidade e segurança.

Para que os nossos leitores possam formar idéa da importancia dos trabalhos effectuados para o melhoramento da barra, transcreveremos o que, com referencia a este objecto, se lê nas *Cartas da beira-mar*, interessantissimo livro ha pouco publicado pelo sr. Augusto Filippe Simões, distincto collaborador d'este semanario:

«Na barra da Figueira, onde as aguas do Mondego se ajuntam com as do Oceano, vê-se como a influencia modificadora do homem altera e transforma n'alguns sitios a superficie da terra.

«Em comparação da abertura dos grandes canaes que mudam completamente a face de todo um paiz; ou da construcção dos diques extensos que roubam ao mar legoas e legoas de terra, que fôra destinada pela natureza a servir de leito ás aguas; ou das emprezas titanicas para aterrar valles e arrasar montes — remover a corrente caudalosa da foz de um rio para alguns centenares de metros de distancia parece pouco; todavia é muito, muitissimo em relação a Portugal, onde não ha, como n'outras nações, essas grandes obras de arte em que o homem, arcando braço a braço com as forças naturaes, as subjuga e vence.

«A villa da Figueira jaz na margem direita do Mondego, banhada em grande parte pelas aguas do rio. Para o lado do mar vão-se as casas desviando da margem, onde é a praia da Fonte e era d'antes a do Forte, a qual começava junto da primeira e acabava á entrada da barra, no sitio em que está o forte de Santa Catharina. Esta praia desappareceu quasi completa-

[1] Vid. pag. 90 e 120 do vol. VI.

mente sob as estradas, aterros e construcções diversas que alli se fizeram depois do anno de 1857. Era um longo areial, onde se levantavam por diversas partes, e especialmente á borda do mar, e proximo do forte, asperos e enormes rochedos. Defronte saía á flor da agua, mais ou menos extenso, conforme as marés, o grande banco de areia denominado Cabedello. Mas com o andar dos tempos vieram a juntar-se as areias para o lado do forte, de tal modo que as rochas, que antecedentemente serviam de orla á praia, ficaram mui distantes da margem; e a barra, que passava ao longo d'ellas, desviou-se para o sul, invadindo pouco e pouco o sitio do antigo Cabedello, onde chegou a estar meia legoa distante do leito primitivo. Em razão d'esta nova direcção, que fazia com que, quebrada a força da corrente fluvial, se augmentasse cada vez mais o deposito das areias, tornou-se difficil, e muitas vezes impossivel, a entrada e saída dos navios no porto da Figueira, o que, dando golpe mortal no commercio da villa, causava immenso prejuizo á provincia da Beira.

«Por grande felicidade, succedeu o que raro succede em o nosso paiz. Houve um governo que, attendendo a tão grave mal, mandou fazer as obras de arte necessarias para melhorar a barra. Depois de alguns annos de longos trabalhos, de consideraveis despezas, conseguiu-se, vencidas immensas difficuldades, tapar a barra de novo formada ao sul, e obrigar as aguas a seguir ao norte seu antigo curso. Mas, para se conseguir tão importante fim, alevantou-se do lado do sul um paredão de 1:200 metros de comprimento, assentado em funda estacaria; destruiram-se muitas das rochas da praia do Forte, para as converter em cal ou transformar em muralha; cobriu-se esta praia de elevados aterros, defendidos do mar por grossos muros; e abriu-se accessoriamente uma bella estrada, que, partindo do centro da villa pela orla externa da praia da Fonte, segue por onde era d'antes a praia do Forte e vae terminar na dos banhos.

«Destinava-se para a abertura da nova barra o dia 25 de outubro de 1859, em que, por serem maiores as marés, havia mais probabilidade de bom exito. Preparava-se tudo para essa grande tentativa, e os operarios convergiam para o sul a tapar a unica saída que tinham as aguas do rio para o Oceano, trabalho indispensavel a fim de as obrigar a buscar ao norte o antigo caminho. No dia 22, porém, tres dias antes d'aquelle em que havia de ter logar a abertura, uma grande cheia do Mondego destruiu tudo o que na parte do sul se fizera com o fim indicado. A corrente impetuosa arrastou a pedra com que se pretendeu tapar a abertura do paredão, a qual tinha 20 metros de largura, e escavou de tal modo o leito, que mais difficultava ainda qualquer nova tentativa de reclusão. Como progredisse a escavação do fundo, atalhou-se-lhe por meio de saccos cheios de areia, que tinham o peso de 100 kilogrammas cada um. Por cima d'estes saccos lançaram-se caixões enormes com a capacidade de 6 a 8 metros cubicos, cheios de pedra e argamassa hydraulica. Por este meio, tão simples como engenhoso, tapou-se a quebrada que accidentalmente se formára no paredão, e no dia aprasado as aguas correram na barra nova com a velocidade de 5 a 6 milhas por hora. Os habitantes da Figueira, e os de muitas povoações proximas, festejaram, cheios de jubilo, o acontecimento que lhes assegurava a futura prosperidade, e prevenia ao mesmo tempo os grandes males de que pareciam ameaçados com o desvio progressivo da barra para o sul, d'onde inevitavelmente resultaria a destruição de algumas povoações e de muitas marinhas importantes.»

Nas praias do concelho da Figueira desembarcaram desde 2 a 5 de agosto de 1808 as tropas inglezas, em numero de 13:000 homens, que, sob o commando de sir Arthur Wellesley, depois duque de Wellington, vieram auxiliar a insurreição de Portugal para expulsar os francezes. As consequencias proximas d'estes factos foram as victorias da Roliça e do Vimeiro, e, finalmente, a capitulação de Cintra [1].

Logo que constou em Coimbra a chegada dos inglezes, resolveram os principaes commerciantes d'esta cidade enviar um refresco ás tropas alliadas, o qual foi acompanhado da seguinte carta:

«Exmo sr. general em chefe das tropas de S. M. B.

«Senhor: Apesar do esgotamento universal, a que nos reduziram as rapinas dos nossos *barbaros hospedes*, ainda nos resta o sentimento da gratidão: as nações *ingleza* e *portugueza*, no meio de todas as diversas crises politicas, foram sempre leaes e sempre amigas; porém na presente occasião, em que luctavamos com grande valor, mas mal armados, contra um inimigo feroz, nem os nossos desejos podiam voar tanto como os soccorros que o vosso grande monarcha e a vossa illustre nação nos enviam.

«Em testimunho da nossa sincera amizade, do nosso summo prazer, e do vivo interesse que tomâmos pelas prosperidades da *Grã-Bretanha*, nos afoitâmos a remetter-vos esse pequeno refresco, correspondente ao nosso actual estado, mas não aos nossos desejos. Confiâmos que v. ex.^{a} desculpe o arrojo que tomam os negociantes da praça de Coimbra abaixo assignados.

«Coimbra, 3 de agosto de 1808.

«De v. ex.^{a} muito respectuosos e obedientes criados — *Costa, Almeida, Freitas e Companhia* = *André Alves Leite* = *Marcos José Gonçalves e Companhia* = *Joaquim Freire de Macedo e Irmão* = *João Fernandes Guimarães e Companhia* = *Antonio José de Barros* = *Manuel José Rodrigues e Irmão* = *Francisco Antonio de Macedo* = *João Ferreira Maia* = *José Rodrigues de Macedo e Filhos* = *João Lopes de Sousa e Companhia* = *Francisco Pereira* = *José Antonio Ferreira de Castro* = *José Maria da Encarnação* = *Francisco José Ferreira Guimarães* = *Manuel Fernandes Guimarães e Companhia* = *José Dias de Miranda e Companhia*.»

Sir Arthur Wellesley respondeu aos negociantes de Coimbra por esta fórma:

«Lavos, 6 de agosto de 1808.

«Meus senhores: Tive a honra de receber a vossa carta, participando-me a offerta de um presente de varios refrescos para uso da tropa que está debaixo do meu commando.

«Não posso deixar de aproveitar esta occasião de significar a profunda sensação que me causaram os sentimentos de lealdade para com o vosso soberano, e de amor da vossa patria, os quaes vos tem feito adoptar este meio de testimunhar a vossa satisfação, leaes negociantes da cidade de *Coimbra*, pela chegada do exercito *inglez*.

«Estou certo de que este, pelo seu procedimento, merecerá sempre a vossa estima, e que com o seu soccorro a *nação portugueza* cedo poderá restabelecer o governo do seu antigo e respeitavel soberano.

«Tenho a honra de ser, meus senhores, vosso muito obediente, fiel e humilde criado—*Arthur Wellesley* [2].»

A Figueira conta entre seus filhos distinctos ao desembargador Manuel Fernandes Thomaz, um dos fundadores do synedrio, ou associação politica, que preparou, dirigiu e consummou a revolução de 24 de agosto de 1820; membro da junta provisoria do supremo governo do reino; e deputado ás cortes constituintes congregadas em 1821, em cujos trabalhos teve parte muito activa e conspicua [3].

AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO.

1 Vid. *Memoria historico-chorographica*, pelo sr. conselheiro Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco.

2 Vid. *Minerva lusitana*, e *Apontamentos para a historia contemporanea*, pelo sr. Joaquim Martins de Carvalho.

3 Vid. *Diccionario bibliographico*.

LUCIUS ANDRÊAS RESENDIUS

A pag. 64 do tomo VIII do *Diccionario bibliographico portuguez*, trata o seu illustre auctor novamente a questão, já aventada no tomo I da mesma obra, pag. 65 — se o nosso distincto antiquario André de Rezende usava do prenome *Lucio*, ou se aquelle *L* anteposto ao seu nome nas obras que escreveu em latim deve interpretar-se, não *Lucius*, mas *Licenceatus*.

A este proposito offerece-se-me dizer o seguinte:

Ha pouco tempo comprei por 6$000 réis na loja de livros da Viuva Moré, no Porto, a obra de mestre Rezende *De Antiquitatibus Lusitaniæ*, da edição de 1593. O seu frontispicio é como se segue: *Libri quatuor de antiquitatibus Lusitaniæ a Lucio* (sic) *Andrea Resendio olim inchoati et a Jacobo Menœtio Vasconcello recogniti, atque absoluti etc. Excudebat Martinus Burgensis academiæ typographus. Eboræ anno* 1593.

Na folha 15.ª lê-se uma poesia latina, cujo titulo é: *Carmina Jacobi Menœtii Vasconcelli in laudem Lucii* (sic) *Andreæ Resendii*, etc.

Á vista d'isto creio que a questão fica decidida, muito principalmente não sendo o testamento attribuido ao nosso antiquario (e em que elle mandava gravar na sua sepultura um *L* com a significação de *Licenceatus*) um documento de authenticidade indisputavel.

D. Miguel Sotto Mayor.

O ENSINO GRATUITO E OBRIGATORIO

Em setembro de 1862 reuniu-se em Bruxellas a associação internacional para o progresso das sciencias sociaes, figurando nas suas assembléas muitos homens conspicuos de França, Inglaterra, Italia, Allemanha, Hespanha, Portugal, etc. A associação dividiu-se em secções, e a cada uma coube o encargo de discutir as theses em conformidade do programma então publicado nas folhas européas. Victor Hugo foi convidado para a secção que devia tratar da instrucção publica, mas não pôde comparecer. O illustre desterrado de Jersey, desculpando-se em uma carta endereçada aos seus collegas da associação internacional, quiz dar voto onde podia ser chamado a dal-o, porque lh'o exigiam as suas convicções, os seus sentimentos, o seu amor da humanidade, do progresso e da luz — o ensino gratuito e obrigatorio. Queremos ainda deixar n'estas paginas dois paragraphos da notavel carta de Victor Hugo, por ser um brado auctorisado em prol do desenvolvimento das escholas e da instrucção. O grande mestre dizia, pois:

«Sente-se o presente, mas o presente é ephemero. Voltemos os olhos para o dia seguinte, que pertence á civilisação; preparemol-a. A criança é a questão suprema. A criança tem no berço a paz ou a guerra do futuro. No berço é que é mister dissipar as trevas. Façamos raiar a aurora na alma da criança. Vinte e cinco annos de ensino gratuito e obrigatorio mudariam a face do mundo.

«A criança é o futuro. Este sulco é generoso: dá mais que a espiga para o grão de trigo. Lançae-lhe a faisca, e tereis uma pavêa incendiada.

«Para fazer um cidadão, principiemos por educar um homem. Abramos escholas por todas as partes. Não é homem o que não tem a luz intima que a instrucção dá; é uma cabeça do grande rebanho, sem acção, que o dono guia, ora para a pastagem, ora para o matadoiro. O que resiste á escravidão na creatura humana não é a materia, é a intelligencia. Começa a liberdade onde acaba a ignorancia.

«...Os concilios da intelligencia, convocados de vez em quando, são efficazes... Chegou o momento de nos prepararmos para os receber, e de soltar o grito de álerta dos antigos romanos: *Ad portas!*»

Brito Aranha.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Concluindo hoje o vol. XI do Archivo Pittoresco, a empreza dá tambem por finda a publicação d'este semanario.

A causa unica que determinou similhante resolução foi o grande debito em que a Sociedade Madrépora do Rio de Janeiro está para com esta empreza. Este alcance teve origem nas assignaturas e volumes do Archivo Pittoresco, e outras obras que a Sociedade Madrépora constantemente requisitou e mandou distribuir, augmentado depois com despezas que a empreza do Archivo não duvidou pagar por conta e credito da mesma Sociedade.

Dispostos a luctar com a serie de obstaculos que em Portugal difficultam sempre este genero de publicações, não terminaria, de certo, no fim de onze annos, o unico jornal illustrado que ainda se imprimia, se não fôra a injustiça e pouca lealdade com que alguns dos portuguezes que constituem a Sociedade Madrépora se portaram para com esta empreza.

Sobe a mais de sete contos de réis fortes o que a Sociedade Madrépora deve á empreza do Archivo Pittoresco, proveniente de grande numero de volumes do Archivo que por sua ordem foram annualmente distribuidos pelas escholas do reino, e de outros donativos e despezas que, por via da mesma empreza, a Sociedade Madrépora mandou fazer em Portugal, para o monumento a Camões, e Sociedade Promotora das Bellas Artes; dos retratos, em pintura a oleo, del-rei o sr. D. Pedro V para a eschola de Mafra, e do sr. Alexandre Herculano para o Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro; da impressão de dois mil volumes das obras da sr.ª D. Maria Peregrina de Sousa, dos quaes a Sociedade recebeu mil exemplares, e mandou entregar á mesma senhora os restantes mil, etc., etc.; o que tudo consta da exposição impressa com as contas correntes que a empreza enviou em 1866 particularmente a cada um dos socios da Sociedade Madrépora.

Esperando de anno para anno ver resolvida tão desgraçada pendencia, e porque do coração nos doia pôr termo ao Archivo Pittoresco, adiámos successivamente até hoje a resolução definitiva que ora tomâmos. D'este adiamento só colhemos maior numero de encargos e sacrificios inuteis, e o augmento da divida em quanto deixámos a agencia do Archivo no Rio de Janeiro a cargo da Sociedade Madrépora.

Esta serie de circunstancias impossibilita-nos, com bem pezar nosso, de continuar com o Archivo Pittoresco, mantendo-o na altura em que seriamos obrigados a sustental-o, para que elle podesse acompanhar todos os melhoramentos indispensaveis a publicações d'esta ordem, collocando-o ao par dos bons semanarios estrangeiros de natureza identica.

A empreza agradece a todas as pessoas que se interessaram pela publicação do Archivo Pittoresco, e especialmente aos srs. assignantes, aos seus redactores e collaboradores, e á imprensa periodica, os testimunhos de estima e benevolencia com que sempre a honraram.

Os Editores.

